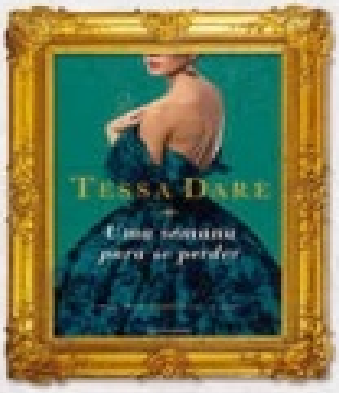




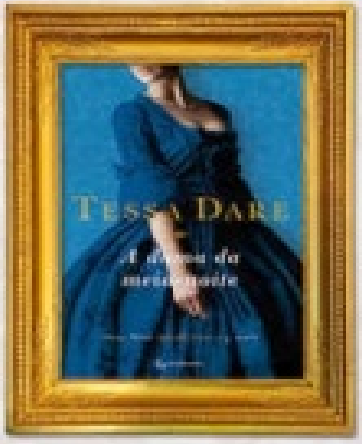








TESSA DARE





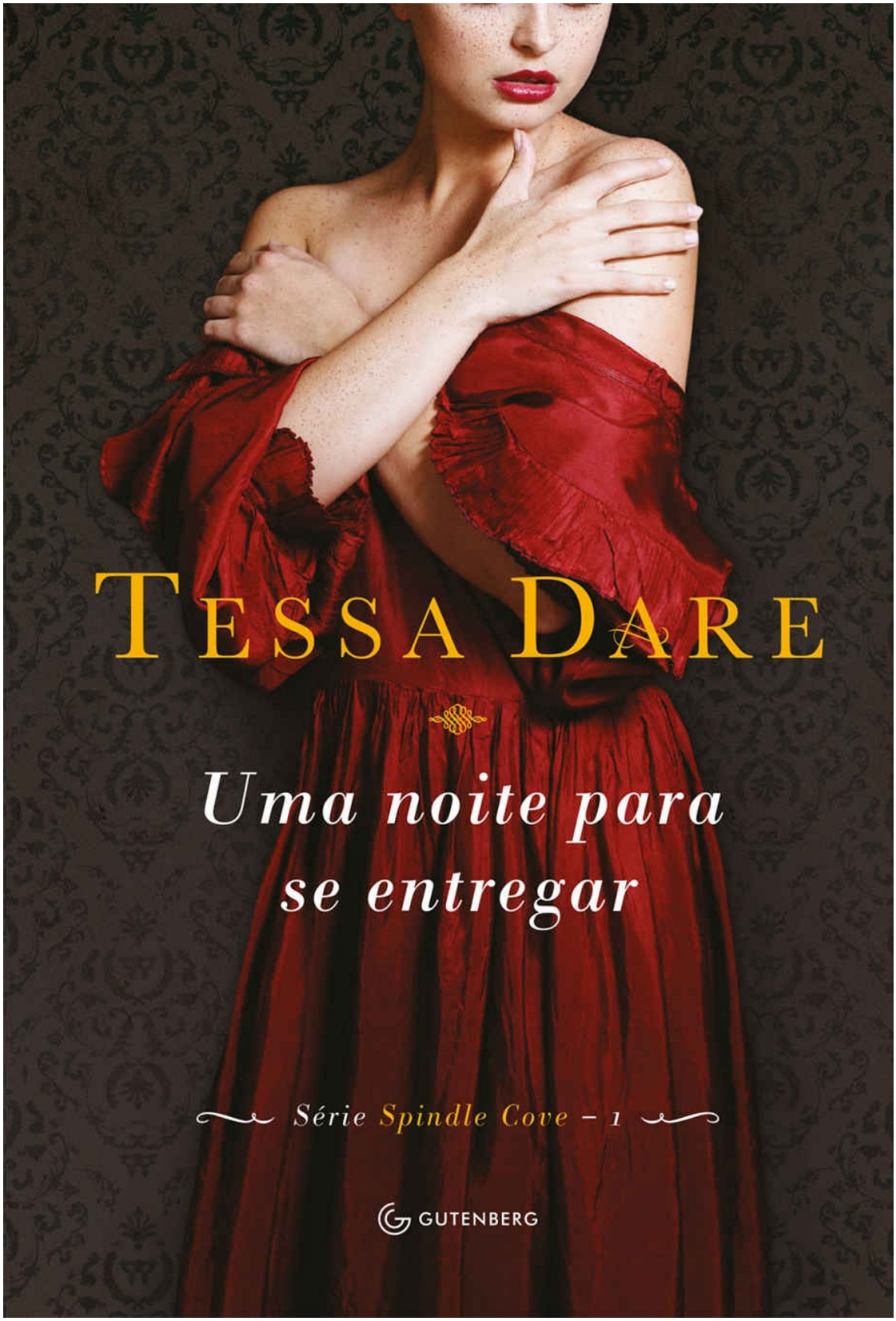


Série Spindle Cove



GUTENBERG




TESSA DARE
Uma noite para se entregar
Série Spindle Cove – 1
GUTENBERG

Série Spindle Cove • *Livro 1*

TESSA DARE



Uma noite para se entregar

TRADUÇÃO: A. C. Reis

GUTENBERG

Capítulo Um

Sussex, Inglaterra
Verão de 1813

Bram encarou um par de olhos escuros e arregalados. Olhos que refletiam uma surpreendente centelha de inteligência. Aquela poderia ser a fêmea rara com quem um homem conseguia argumentar.

“Agora, atenção”, disse ele. “Nós podemos fazer isto da forma mais fácil ou podemos dificultar tudo.”

Bufando suavemente, ela virou a cabeça. Era como se ele tivesse deixado de existir.

Bram apoiou seu peso na perna boa, sentindo o golpe em seu orgulho. Ele era um tenente-coronel do Exército Britânico e, com mais de um metro e oitenta de altura, diziam que compunha uma figura impressionante. Normalmente, bastava um olhar enviesado de sua parte, para suprimir qualquer tentativa de desobediência. Não estava acostumado a ser ignorado.

“Escute bem o que vou dizer.” Ele deu um puxão forte na orelha dela e engrossou a voz para que ficasse mais ameaçador. “Se sabe o que é melhor para você, vai fazer o que estou dizendo.”

Embora ela não pronunciasse nenhuma palavra, sua resposta era clara: *que tal você admirar meu grande traseiro lanoso?*

Maldita ovelha.

“Ah, o interior da Inglaterra. Tão encantador. Tão… perfumado.” Colin aproximou-se, despido de seu refinado casaco londrino, afundado até a cintura em um rio de lã. Enxugando com um lenço o brilho da transpiração de sua têmpora, perguntou: “Imagino que isso signifique que não possamos simplesmente voltar?”.

À frente deles, um garoto que empurrava um carrinho derrubou sua carga, espalhando milho por toda a estrada. Era um almoço grátis em que todos os carneiros e ovelhas de Sussex estavam presentes. Um tropel imenso de ovelhas agitava-se e balia ao redor do infeliz garoto, deliciando-se com os grãos derramados e obstruindo completamente o caminho das carroças de Bram.

"Será que conseguimos fazer os animais recuarem?", perguntou Colin. "Talvez possamos dar a volta, encontrar outro caminho."

Bram gesticulou, mostrando o cenário à volta deles.

"Não *existe* outro caminho."

Estavam parados no meio da estradinha de terra que passava por um tipo de vale estreito e tortuoso. De um lado, elevava-se um barranco repleto de arbustos e, do outro, dezenas de metros de brejo separavam a estrada de imensas falésias. Abaixo delas – *bem* abaixo – estava o brilhante mar turquesa. Se o ar estivesse razoavelmente seco e claro, e se Bram apertasse os olhos na direção da fina linha azul no horizonte, poderia ver a costa norte da França.

Tão perto. Ele chegaria lá. Não naquele dia, mas em breve. Tinha uma tarefa a cumprir naquela região e, quanto antes a concluísse, tanto antes poderia voltar ao seu regimento. Nada poderia detê-lo.

A não ser ovelhas. Maldição. Parecia que as ovelhas eram capazes de detê-lo.

"Eu cuido delas", disse uma voz grossa.

O cabo Thorne juntou-se a eles. Bram olhou para o lado e viu o gigantesco suboficial levantando o rifle.

"Não podemos simplesmente atirar nelas, Thorne."

Obediente como sempre, Thorne baixou a arma.

"Eu tenho meu sabre. Afiei a lâmina ontem à noite."

"Também não podemos fatiá-las."

Thorne deu de ombros.

"Estou com fome."

Sim, esse era Thorne: direto, prático e impiedoso.

"Estamos todos com fome." O estômago de Bram roncou em apoio àquela declaração. "Mas abrir caminho é nosso objetivo no momento, e é mais difícil mover ovelhas mortas que vivas. Temos que empurrá-las para o lado."

Thorne baixou o cão de seu rifle, desarmando-o, e então, com um movimento ágil, virou a arma e bateu a coronha contra um flanco lanoso.

"Mexa-se, ovelha maldita."

O animal arrastou-se alguns passos barranco acima, empurrando seus companheiros na mesma direção. Mais atrás, os condutores das carroças fizeram

seus animais avançarem e logo acionaram novamente os freios, para aproveitar aqueles poucos centímetros que haviam conquistado.

As duas carroças transportavam suprimentos para reequipar o regimento de Bram: mosquetes, balas, granadas, lã e branqueador para os uniformes. Ele não poupava despesas e *faria* com que subissem aquela colina. Mesmo que levasse o dia todo e que cada passo provocasse dores excruciantes da coxa à canela. Seus superiores achavam que ele não estava recuperado o bastante para reassumir o comando de campo. Bram provaria que estavam errados. Um passo de cada vez.

"Isto é absurdo", resmungou Colin. "Neste ritmo vamos chegar na próxima terça-feira."

"Pare de falar e comece a agir." Bram empurrou uma ovelha com o pé, franzindo o rosto ao fazê-lo. Com a perna já acabando com ele, a última coisa de que necessitava era um incômodo, mas era exatamente isso que havia herdado, junto com as contas e posses de seu pai: a responsabilidade pelo primo vagabundo, Colin Sandhurst, Lorde Payne.

Bateu no flanco de outra ovelha, o que lhe valeu um balido indignado e mais alguns centímetros.

"Tive uma ideia", disse Colin.

Bram grunhiu; aquilo não era uma surpresa. Adultos, ele e Colin eram pouco mais que estranhos; mas, durante os poucos anos em que conviveram em Eton, seu primo mais novo sempre estava cheio de ideias. Ideias que o deixaram afundado até as canelas em excremento. Literalmente, em pelo menos uma ocasião.

Colin olhou de Bram para Thorne e de novo para o primo, com os olhos aguçados.

"Eu lhes pergunto, cavalheiros, nós temos ou não uma grande quantidade de pólvora preta?"



"Tranquilidade é a alma da nossa comunidade."

A menos de quinhentos metros de distância, Susanna Finch estava sentada na sala decorada com cortinas de renda da Queen's Ruby, uma pensão para moças de fino trato. Com ela, conversavam as possíveis novas moradoras do local, a Sra. Highwood e suas três filhas solteiras.

"Aqui em Spindle Cove as moças desfrutam de uma atmosfera salutar, de aperfeiçoamento." Susanna apontou para um grupo de jovens que, reunidas junto

à lareira, bordavam empenhadas. “Está vendo? O retrato da boa saúde e do refinamento.”

Em sincronia, as moças ergueram os olhos do trabalho e sorriram contida e placidamente.

Excelente. Ela fez um meneio aprovando com a cabeça.

Normalmente, as moças de Spindle Cove nunca desperdiçariam uma tarde tão linda bordando dentro de casa. Estariam passeando pelo campo, tomando banho de mar na enseada ou escalando as falésias. Mas em dias como aquele, quando novas visitantes chegavam à vila, todas compreendiam que certo nível de decoro era necessário. Susanna se permitia uma mentirinha inocente quando se tratava de salvar a vida de uma jovem.

“A senhora aceita mais chá?”, perguntou ela, ao receber um bule cheio da Sra. Nichols, a idosa proprietária da pensão. Se a Sra. Highwood observasse as moças atentamente, talvez reparasse nas moderadas obscenidades gaélicas que Kate Taylor bordava ou que na agulha de Violet Winterbottom nem mesmo tinha linha.

A Sra. Highwood fungou. Embora o dia estivesse agradável, ela se abanava com vigor.

“Bem, Srta. Finch, talvez este lugar possa fazer bem à minha Diana.” Ela olhou para a filha mais velha. “Já consultei os melhores médicos, tentei muitos tratamentos. Até a levei para Bath, em busca de cura.”

Susanna aquiesceu, compreensiva. Pelo que havia entendido, Diana Highwood sofria de ataques de asma desde pequena. Com cabelo louro e um sorriso que formava uma linha rosada, a mais velha das irmãs era belíssima. Sua saúde frágil havia atrasado o que teria sido um debute deslumbrante. Contudo, Susanna suspeitava fortemente de que eram todos aqueles médicos e tratamentos que mantinham a jovem doente.

Ela abriu um sorriso acolhedor para Diana.

“Estou certa de que uma temporada em Spindle Cove será muito benéfica para a saúde da Srta. Highwood. Aliás, muito benéfica para todas vocês.”

Nos últimos anos, Spindle Cove tonou-se o destino preferido de certo tipo de moça bem-nascida: o tipo com que ninguém sabia como lidar, que incluía as doentes, as escandalosas e as terrivelmente tímidas; esposas jovens desencantadas com o matrimônio e garotas encantadas *demais* pelo homem errado… Todas elas eram levadas até ali por seus guardiães, para quem representavam um problema, na esperança de que o ar marítimo pudesse curá-las de suas aflições.

Única filha do único cavalheiro do local, Susanna era, por definição, a anfitriã da vila. Susanna sabia o que fazer com aquelas jovens inconvenientes com quem ninguém sabia como lidar. Ou melhor, sabia o que *não* fazer. Nenhuma "cura" era necessária. Não precisavam de médicos enfiando agulhas em suas veias, nem de professoras velhas criticando sua dicção. Precisavam apenas de um lugar para si mesmas.

Spindle Cove era esse lugar.

A Sra. Highwood agitou seu leque.

"Sou uma viúva sem filhos homens, Srta. Finch. Uma das minhas filhas precisa de um bom casamento, e logo. Eu tinha muita esperança na Diana, linda como ela é, mas se não ficar mais forte até a próxima temporada…" Ela acenou desdenhosamente na direção de sua filha do meio, um contraste moreno, de óculos, em meio às irmãs louras. "Não vou ter escolha senão tentar com a Minerva."

"Mas Minerva não liga para os homens", disse a jovem Charlotte. "Ela prefere terra e rochas."

"Isso é chamado de Geologia", disse Minerva. "É uma ciência."

"E a garantia de ficar solteirona, isso sim! Garota anormal. Sente-se ereta na cadeira, ao menos." A Sra. Highwood suspirou e se abanou com mais força. Olhou para Susanna, e disse: "Não tenho esperança nela, na verdade. É por isso que Diana precisa ficar boa, a senhorita compreende. Consegue imaginar Minerva na sociedade?".

Susanna apertou o lábio para segurar o riso ao imaginar, com facilidade, a cena. Provavelmente seria semelhante ao seu próprio debute. Assim como Minerva, ela esteve absorvida em atividades não adequadas a uma dama, e naquilo que dizia respeito ao universo feminino ela era um desastre. Nos bailes, era ela a amazona sardenta no canto, que ficaria satisfeita em permanecer invisível, caso a cor de seu cabelo permitisse.

Quanto aos cavalheiros que tinha conhecido… nenhum deles conseguiu arrebatá-la. Para dizer a verdade, nenhum deles havia se esforçado muito para tanto.

Ela afastou do pensamento aquelas lembranças incômodas. Aquela época havia ficado para trás.

O olhar da Sra. Highwood recaiu sobre um livro no canto da mesa.

"Fico satisfeita por perceber que a senhorita mantém o livro da Sra. Worthington à mão."

"Ah, sim", respondeu Susanna, alcançando o volume azul encadernado em

couro. “A senhora vai encontrar cópias de *A Sabedoria da Sra. Worthington* espalhadas por toda a vila. Nós o consideramos um livro muito útil.”

“Ouviu isso, Minerva? Seria muito bom que você o decorasse.” Quando Minerva revirou os olhos, a Sra. Highwood disse: “Charlotte, abra-o agora. Leia o início do Capítulo Doze”.

Charlotte pegou o livro e o abriu, então limpou a garganta e leu em voz alta e dramática:

“‘Capítulo Doze. Os perigos do excesso de estudo. O intelecto de uma moça deve ser, em todos os aspectos, igual a sua roupa de baixo: atual, imaculada e imperceptível para o observador.’”

A Sra. Highwood pigarreou.

“Sim. Isso mesmo. Ouça e acredite, Minerva. Ouça e acredite em cada palavra. Como a Srta. Finch disse, você vai ver que esse livro é muito útil.”

Susanna bebericou seu chá, engolindo um bolo amargo de indignação. Ela não era uma pessoa colérica ou ressentida normalmente, mas quando provocada, suas paixões exigiam um esforço admirável para serem contidas.

Aquele livro a provocava enormemente.

A Sabedoria da Sra. Worthington para Moças era a perdição das garotas sensatas em todo o mundo, abarrotado de conselhos insípidos e danosos em todas as páginas. Susanna se deliciaria em esmagar suas folhas com almofariz e pilão, e colocar o pó resultante em um frasco com rótulo de caveira, que guardaria na prateleira mais alta de seu armário de ervas, ao lado de folhas secas venenosas e tóxicas.

Em vez disso, assumiu a missão de retirar de circulação o maior número possível de cópias. Um tipo de quarentena. Antigas residentes da Queen’s Ruby enviavam exemplares daquela obra a partir de todos os cantos da Inglaterra. Não se podia entrar em um aposento de Spindle Cove sem encontrar uma cópia, ou três, de *A Sabedoria da Sra. Worthington*. E exatamente como Susanna disse à Sra. Highwood, elas achavam mesmo o livro muito útil. Seu tamanho era perfeito para manter uma janela aberta. Também era um excelente peso de porta ou de papel. Susanna usava as cópias que tinha para amassar ervas ou, às vezes, para tiro ao alvo.

Ela esticou o braço para Charlotte.

“Posso?”, pegando o livro da mão da garota, ela o ergueu bem alto. Então, com um movimento rápido, usou-o para esmagar um mosquito incômodo. Com um sorriso calmo, colocou o livro sobre a mesa de canto. “Realmente, é muito útil.”



“Elas não vão saber o que as acertou.” Com o salto da bota, Colin apertou um torrão sobre a primeira carga de pólvora.

“Nada irá atingi-las”, disse Bram. “Não estamos usando projéteis.”

A última coisa de que precisavam eram estilhaços voando por todos os lados. As cargas preparadas eram inofensivas; pólvora preta embrulhada em papel, para fazer um pouco de barulho e uma pitada de terra.

“Tem certeza de que os cavalos não irão disparar?”, perguntou Colin, enquanto desenrolava um pedaço de pavio de queima lenta.

“Estes animais são de cavalaria. Insensíveis a explosões. As ovelhas, por outro lado…”

“Irão se espalhar como moscas.” Colin soltou um sorriso despreocupado.

“Imagino que sim.”

Bram sabia que bombardear as ovelhas era imprudente, impulsivo e completamente estúpido, assim como todas as ideias de infância do seu primo. Claro que deviam existir soluções melhores e mais eficientes, que não envolviam pólvora preta, para uma barricada de ovelhas.

Mas o tempo passava, e Bram estava impaciente, por vários motivos, para retomar a viagem. Havia oito meses, uma bala de chumbo atravessou seu joelho direito, despedaçando sua vida. Ele passou meses em uma cama de hospital, depois várias semanas rangendo e gemendo pelos corredores como um fantasma que arrastava correntes. Certos dias, durante sua convalescência, Bram tinha certeza de que *ele* iria explodir.

E agora ele estava muito perto – pouco menos de dois quilômetros – de Summerfield e de Sir Lewis Finch. Menos de dois quilômetros de reconquistar seu comando. Ele se recusava a ser impedido por um rebanho de ovelhas comilonas, cujas barrigas provavelmente explodiriam, se não fossem espantadas para longe daquele milho.

Uma explosão bela era tudo que precisavam naquele momento.

“Assim está bom”, anunciou Thorne, ao inserir a última carga no topo da colina. Conforme voltava abrindo caminho em meio às ovelhas, acrescentou: “Está tudo liberado mais adiante. Pude ver à distância”.

“Existe uma vila aqui perto, não é?”, perguntou Colin. “Deus, diga-me que existe uma vila.”

“Sim, existe”, respondeu Bram, guardando a pólvora não usada. “Eu vi no mapa. Spin-qualquer-coisa Bay, ou Sei-lá Harbor… Não lembro bem.”

“Pouco me importa o nome”, disse Colin. “Desde que tenha uma taverna e um pouco de civilização. Deus, eu odeio o campo!”

“Deu pra ver a vila”, disse Thorne. “Logo depois da colina.”

“Não é encantadora, é?” Colin ergueu a sobrancelha enquanto pegava o isqueiro. “Eu odiaria se fosse encantadora. Prefiro uma vila sombria, duvidosa, cheia de maus costumes. Vida saudável me causa arrepios.”

O cabo olhou, imperturbável, para ele.

“Não sei dizer se é encantadora, milorde.”

“Certo. Dá para perceber”, murmurou Colin, que em seguida triscou o fogo e acendeu um pavio. “Tudo pronto!”



“Srta. Finch, que vila encantadora.” Diana Highwood juntou as mãos.

“É o que achamos.” Sorrindo com modéstia, Susanna conduziu as visitantes até a praça da vila. “Aqui nós temos a igreja de Santa Úrsula, um valioso exemplo de arquitetura medieval. É claro que a praça em si é linda.” Ela evitou mostrar o campo gramado que usavam para jogar críquete e boliche de grama, e rapidamente afastou a Sra. Highwood, para que ela não visse o par de pernas com meias pendurado em uma das árvores. “Veja aquilo.” Ela apontou um amontoado de torres e arcos de pedra sobre a falésia rochosa. “São as ruínas do Castelo Rycliff. É uma paisagem excelente para desenhar e pintar.”

“Oh, como é romântico”, suspirou Charlotte.

“Parece decadente”, disse a Sra. Highwood.

“Mas não é. Dentro de um mês, o castelo abrigará nosso Festival de Verão. Famílias de dez paróquias virão, algumas muito distantes, como Eastbourne. Nós, mulheres, vestimos roupas medievais, e meu pai fará uma exibição para as crianças da região. Ele coleciona armaduras antigas, sabe. Entre outras coisas.”

“Que ideia maravilhosa”, disse Diana.

“É o ponto alto do nosso verão.”

Minerva olhava fixamente para as falésias.

“Qual a composição dessas rochas, arenito ou calcário?”

“Hum… arenito, eu acho.” Susanna desviou a atenção delas para uma fachada com venezianas vermelhas do outro lado da rua. Floreiras de janela transbordavam flores, enquanto um cartaz com letras douradas balançava silenciosamente ao vento. “E essa é a Casa de Chá. O Sr. Fosbury, o proprietário, faz bolos e doces que fariam bonito em qualquer doceria de Londres.”

“Bolos?” A Sra. Highwood apertou a boca de modo desagradável. “Espero que vocês não se permitam um excesso de doces.”

“Oh, não”, mentiu Susanna. “Raramente.”

“Diana foi rigorosamente proibida de cometer exageros. E receio que aquela ali tenha propensão à corpulência.”, e apontou para Minerva.

Com a afronta da mãe, Minerva baixou os olhos, como se estivesse estudando atentamente as pedras debaixo de seus pés. Ou como se implorasse ao chão que a engolisse por inteiro.

“*Minerva!*”, ralhou a mãe. “Postura!”

Susanna passou o braço pela cintura da moça, mostrando seu apoio.

“Nós temos o clima mais ensolarado de toda a Inglaterra, será que eu mencionei isso? O correio passa por aqui duas vezes por semana. Vocês estariam interessadas em conhecer as lojas?”

“Lojas? Só vejo uma.”

“Bem, é verdade. Só temos uma, mas ela é o suficiente, como a senhora verá. A loja *Tem de Tudo* da Sra. Bright realmente tem tudo que uma jovem pode querer comprar.”

A Sra. Highwood passou os olhos pela rua.

“Onde fica o médico? Diana precisa de um médico por perto o tempo todo, para fazer sangria quando ela tem seus ataques.”

Susanna franziu o rosto. Não era de admirar que Diana nunca conseguisse recuperar integralmente sua saúde. Que prática inútil, horrível, a sangria. Um “tratamento” com maior possibilidade de tirar a vida do que preservá-la. Tratamento que a própria Susanna mal sobreviveu. Por força de hábito, ela passou as mãos por suas luvas compridas, que iam até os cotovelos. As costuras irritavam as feridas cicatrizadas que as luvas escondiam.

“Temos um cirurgião na cidade ao lado”, disse ela. Um cirurgião que ela não deixaria se aproximar do gado, muito menos de uma moça. “E, em nossa vila, temos uma farmacêutica muito competente.” Desejou que a mulher não fizesse perguntas muito detalhadas a respeito.

“E quanto aos homens?”, perguntou a Sra. Highwood.

“Homens?”, ecoou Susanna. “O que há com eles?”

“Com tantas jovens de berço e solteiras residindo aqui, vocês não são atacadas por caçadores de fortuna? Eles eram numerosos em Bath, todos atrás do dote da minha Diana. Como se ela fosse se casar com algum terceiro filho de fala melosa.”

“Definitivamente não, Sra. Highwood.” Desta vez, Susanna não precisava

inventar. “Não existem devassos endividados nem oficiais ambiciosos por aqui. De fato, há poucos homens em Spindle Cove. Além do meu pai, apenas comerciantes e criados.”

“Eu não sei...”, suspirou a Sra. Highwood, ao observar a vila mais uma vez. “É tudo tão comum... não é mesmo? Minha prima, Lady Agatha, falou-me de um novo balneário em Kent. Banhos minerais, tratamentos purgativos. Ela acredita muito na cura pelo mercúrio.”

Susanna sentiu o estômago apertar. Se Diana Highwood fosse para um lugar como aquele, poderia ser realmente seu fim.

“Por favor, Sra. Highwood. Não podemos subestimar os benefícios para a saúde do ar marítimo e do sol.”

Charlotte desviou seu olhar do castelo em ruínas rapidamente e pediu:

“Vamos ficar, mamãe. Eu quero participar do Festival de Verão.”

“Eu acredito que já estou me sentindo melhor”, disse Diana, inspirando profundamente.

Susanna saiu de perto de Minerva e se aproximou da matriarca ansiosa. A Sra. Highwood podia ser aquele tipo de mãe desorientada, exagerada, mas obviamente amava suas filhas e queria, de coração, fazer o que fosse melhor para elas.

Bem, Susanna poderia confortá-la com sinceridade. As três irmãs Highwood precisavam daquele lugar. Diana necessitava de uma folga dos tratamentos de médicos charlatães, Minerva precisava de uma chance de ir atrás de seus interesses sem ser repreendida, e a jovem Charlotte precisava, apenas, de um lugar para ser uma garota, para esticar suas pernas e soltar sua imaginação.

E Susanna precisava das Highwood, por razões que não conseguia explicar. Ela não tinha como voltar no tempo e desfazer as desgraças de sua própria juventude, mas podia ajudar a poupar outras jovens do mesmo tormento, e isso era o melhor a fazer por si mesma.

“Confie em mim, Sra. Highwood”, disse ela, pegando a mão da mulher. “Spindle Cove é o lugar perfeito para as férias de verão das suas filhas. Prometo-lhe que aqui elas ficarão saudáveis, felizes e perfeitamente seguras.”

*Bu*m!!! Uma explosão distante trovejou no ar. As costelas de Susanna tremeram com a força do baque.

A Sra. Highwood segurou o chapéu com a mão enluvada.

“Minha nossa. Isso foi uma explosão?”

Raios, raios, raios! Tudo estava indo tão bem.

“Srta. Finch, a senhorita acabou de dizer que este lugar é seguro.”

“Ah, mas é...” Susanna exibiu-lhes seu sorriso mais reconfortante. “É sim. Sem dúvida trata-se apenas de um navio no Canal, soando seu canhão sinalizador.”

Ela sabia muito bem que não havia nenhum navio. Aquela explosão só podia ser coisa do seu pai. Quando jovem, Sir Lewis Finch havia sido um celebrado inventor de armas de fogo e artilharia. Suas contribuições ao exército britânico conquistaram-lhe admiração, influência e uma fortuna considerável. Mas após os incidentes com o canhão experimental, ele havia prometido a Susanna que desistiria de conduzir testes de campo.

Ele prometeu!

Conforme elas avançavam pela rua, um estrondo baixo, sinistro, enchia o ar.

“O que é esse barulho?”, perguntou Diana.

Susanna fingiu inocência.

“Que barulho?

“*Esse* barulho”, disse a Sra. Highwood.

O estrondo ganhava força a cada segundo. As pedras do pavimento vibravam sob suas sandálias de salto. A Sra. Highwood fechou os olhos com força e soltou um gemido lamurioso.

“Ah, *esse* barulho”, disse Susanna despreocupadamente, conduzindo as Highwood pela rua. Se conseguisse levá-las para dentro de casa… “Esse barulho não é nada com que devamos nos preocupar. Ouvimos isso por aqui o tempo todo. Acasos do clima.”

“Isso não pode ser um trovão”, disse Minerva.

“Não. Não, não se trata de trovão. É um… fenômeno atmosférico causado por rajadas intermitentes de…”

“Ovelhas!”, exclamou Charlotte, apontando para o outro lado da rua.

Um rebanho de animais lanosos enlouquecidos irrompia pelo antigo arco de pedra e entrava na vila, afunilando-se pela rua estreita e aproximando-se delas.

“Ah, sim”, murmurou Susanna. “Precisamente isso. Rajadas intermitentes de ovelhas.”

Ela fez suas hóspedes atravessarem a rua e todas se abrigaram no pórtico da loja *Tem de Tudo*, enquanto as ovelhas em pânico passavam. O coro de balidos agitados castigava seus tímpanos.

Caso seu pai tivesse só se machucado, ela iria matá-lo.

“Não há motivo para alarme”, disse Susanna por cima do barulho. “A vida no campo tem seus encantos peculiares. Srta. Highwood, sua respiração está bem?”

“Estou ótima, obrigada”, respondeu Diana.

Sem esperar por uma resposta, Susanna ergueu a barra da saia e atravessou intrepidamente a rua, ziguezagueando em meio às últimas ovelhas, enquanto saía da vila. Não demorou mais do que alguns segundos. Afinal, aquela era uma vila muito pequena.

Em vez de pegar a estradinha mais longa, que rodeava a colina, ela a escalou. Ao se aproximar do topo, a brisa lhe trouxe nuvens de fumaça e tufos de lã. Apesar dos sinais ameaçadores, ela encontrou no alto da colina uma cena que não lembrava um dos testes de artilharia do pai. Lá embaixo, na outra ponta da rua, duas carroças estavam paradas. Quando aguçou o olhar, conseguiu distinguir pessoas em volta dos transportes parados. Figuras masculinas altas, mas nenhum cavalheiro corpulento e careca entre eles.

Nenhum deles podia ser seu pai.

Aliviada, ela inspirou profundamente o ar acre, impregnado de pólvora. Com o fardo do receio removido, sua curiosidade veio à tona. Intrigada, ela desceu o barranco florido até chegar ao caminho estreito e esburacado. À distância, os homens pararam de se mover. Eles a haviam notado.

Protegendo os olhos com a mão, ela olhou fixamente para os homens, tentando identificá-los. Um deles vestia um casaco de oficial, outro não usava casaco algum. Quando ela se aproximou, o homem sem casaco começou a acenar com vigor. Gritos foram conduzidos pela brisa até ela. Franzindo o cenho, Susanna se aproximou, na esperança de ouvir melhor as palavras.

“Espere! Senhorita, não…!”

Blam!

Uma força invisível arrancou-a do chão e a jogou de lado, arremessando-a completamente para fora da estrada. Ela enfiou o ombro na grama alta, derrubada por algum tipo de animal descontrolado.

Um animal vestindo casaco vermelho.

Juntos, eles rolaram para longe da estrada, joelhos e cotovelos absorvendo os golpes. Os dentes de Susanna rangeram em seu crânio, e ela mordeu a língua com força. A saia rasgou e ar frio subiu mais alto por sua coxa do que uma brisa bem-comportada se atreveria.

Quando pararam de rolar, ela se viu imobilizada por um peso tremendo, que arfava. E um penetrante olhar verde a fitava.

“O que…?” Ela não teve fôlego para terminar a pergunta.

Bum, respondeu o mundo.

Susanna baixou a cabeça, abrigando-a sob a proteção do que ela reconheceu

ser um casaco de oficial. Um botão de metal apertou sua face. A figura do homem formava um escudo protetor, enquanto uma chuva de torrões caía sobre os dois. Ele cheirava a uísque e pólvora.

Depois que a poeira baixou, ela afastou o cabelo da testa dele, buscando em seu olhar sinais de desorientação ou dor. Contudo, seus olhos estavam alertas e vivos, mas aquele assustador tom de verde… forte e ricamente matizado como jade.

“Você está bem?”, perguntou ela.

“Estou.” A voz dele era rouca e grave. “E você?”

Ela concordou, esperando que ele a liberasse após sua confirmação. Quando ele não mostrou intenção de se mover, ela ficou intrigada. Ou ele estava gravemente ferido, ou era muito impertinente.

“Senhor, ahn, o senhor é muito pesado.” Com certeza ele entenderia *aquela* sugestão.

“Você é macia”, respondeu ele.

Bom Deus. Quem era aquele homem? De onde vinha? E por que continuava *em cima* dela?

“Você está com um pequeno ferimento.” Com dedos trêmulos, ela tocou um ponto vermelho na têmpora dele, perto do cabelo. “Aqui.” Apertou a mão contra a garganta dele, para sentir seu pulso. Ela logo o encontrou, batendo forte e regularmente contra as pontas enluvadas de seus dedos.

“Ah... Isso é gostoso.”

O rosto dela ficou quente.

“Você está com visão dupla?”

“Talvez... Vejo dois lábios, dois olhos, duas bochechas coradas… milhares de sardas.”

Ela o encarou.

“Não se preocupe, senhorita. Não é nada.” O olhar dele ficou sombrio devido a alguma intenção misteriosa. “Nada que um beijinho não cure.”

E antes mesmo que ela pudesse recuperar o fôlego, ele pressionou seus lábios contra os dela.

Um beijo. Sua boca tocando a dela... Era quente e firme, e então… acabou.

Seu primeiro beijo de verdade em todos os seus 25 anos, e terminou num piscar de olhos. Apenas uma lembrança, agora, a não ser pela leve sugestão de uísque em seus lábios. E pelo calor. Ela ainda sentia o calor dele, masculino e intenso. Atrasada, ela fechou os olhos.

“Agora sim”, murmurou ele. “Estou melhor.”

Melhor? Pior? A escuridão por trás de suas pálpebras não tinha respostas, então ela as abriu novamente.

Diferente. Aquele homem forte e estranho, a tinha em seu abraço protetor, e ela se perdia em seu intrigante olhar verde, e seu beijo reverberava nos ossos dela com mais força do que uma explosão de pólvora. E agora ela se sentia diferente...

O calor e o peso dele… eram como uma resposta. A resposta a uma pergunta que Susanna nem mesmo percebeu que seu corpo vinha fazendo. Então era assim, ficar deitada debaixo de um homem. Sentir-se moldada por ele, sua carne cedendo em alguns lugares e resistindo em outros. O calor crescendo entre dois corpos; batidas de coração duelando dos dois lados do mesmo tambor.

Talvez… apenas talvez… aquilo fosse o que ela estava esperando sentir por toda sua vida. Não erguida do chão, mas jogada do outro lado da estrada, rolando de cabeça para baixo, enquanto o mundo explodia a sua volta.

Ele rolou para o lado, dando-lhe espaço para respirar.

“De onde você surgiu?”

“Acho que eu é que deveria lhe perguntar isso.” Ela se ergueu com o cotovelo. “Quem é você? O que está fazendo aqui?”

“Isso não é óbvio?” O tom dele era grave. “Estamos bombardeando as ovelhas.”

“Ah. Ah, Deus. É claro que sim.” Dentro dela, a compaixão se misturou ao desespero. Claro que ele não batia bem da cabeça. Um daqueles pobres soldados arruinados pela guerra. Ela deveria ter adivinhado. Nenhum homem *são* jamais havia olhado para ela daquela forma.

Susanna pôs de lado a decepção. Pelo menos ele tinha vindo ao lugar certo. E pousado sobre a mulher certa. Susanna tinha muito mais experiência em tratar ferimentos na cabeça do que investidas de cavalheiros. O segredo estava em parar de pensar nele como um homem grande e viril, e simplesmente encará-lo como uma pessoa que precisava de sua ajuda. Uma espécie de eunuco pouco atraente e enfermo.

Esticando o braço em sua direção, ela passou um dedo por sua sobrancelha.

“Não fique assustado”, disse ela, em tom calmo e equilibrado. “Está tudo bem. Você vai ficar ótimo.” Ela pôs a mão no rosto dele e o encarou diretamente nos olhos. “As ovelhas não podem fazer mal a você aqui.”

Capítulo Dois

"Você vai ficar bem", repetiu Susanna.

Bram acreditou nela. Com todo o coração. De fato, naquele momento ele se sentia muito bem. A estrada estava livre das ovelhas, sua perna funcionava, e uma jovem atraente tocava sua sobrancelha. Do que ele podia reclamar?

Claro que aquela jovem atraente pensava que ele fosse um idiota boca-mole. Mas aquilo era o de menos. Falando a verdade, ele *ainda* estava se recompondo.

Nos momentos que se seguiram à explosão, sua primeira, e reconhecidamente egoísta, preocupação foi o joelho. Ele estava quase certo de que havia rompido novamente a articulação, com aquela desajeitada tentativa de salvar a jovem. Antes de ser ferido na guerra, ele teria conseguido tirar a garota da estrada mais graciosamente. Ela teve sorte por ele estar perto dela, e não mais adiante, junto dos outros, porque do contrário, não teria conseguido alcançá-la a tempo.

Depois que uma breve avaliação e algumas flexões de pernas mostraram-lhe que o joelho permanecia intacto, seus pensamentos voltaram-se para a jovem. As íris dos olhos dela eram azuis como… bem, íris. Ela era perfumada como um jardim… um jardim inteiro. Não apenas a flores e ervas, mas ao sumo das folhas e à essência rica e fértil da terra. Ela era o lugar perfeito para ele aterrissar, quente e macia. E fazia um tempo absurdamente longo desde a última vez em que ele tivera uma mulher debaixo de si, e Bram não conseguia lembrar de uma que o tivesse acariciado tão docemente como aquela.

Deus, ele a havia mesmo beijado?

Sim. E ela tinha sorte por ele não ter feito mais. Por um instante, ele se sentiu verdadeiramente atordoado. Bram acreditava que era culpa da explosão, ou talvez a culpa fosse dela.

Ela se ergueu um pouco mais. Mechas soltas de cabelo caíam por seu rosto.

Seu cabelo era um tom admirável de dourado com toques de vermelho. Bram pensou em bronze derretido.

"Você sabe que dia é hoje?", perguntou, olhando para ele.

"*Você* não sabe?", respondeu ele.

"Aqui em Spindle Cove nós, mulheres, temos uma programação. Às segundas-feiras passeamos no campo. Às terças, banho de mar. Às quartas você irá nos encontrar no jardim." Ela encostou as costas de sua mão na testa dele. "O que fazemos às segundas-feiras?"

"Nós não chegamos às quintas-feiras."

"As quintas são irrelevantes. Estou testando sua habilidade de reter informação. Você lembra das segundas?"

Ele abafou uma risada. Deus, como o toque dela era gostoso. Se ela continuasse a tocá-lo e acariciá-lo daquela forma, ele acabaria enlouquecendo.

"Diga-me seu nome, então", disse ele. "Prometo que me lembrarei." Um pouco ousado, talvez, mas qualquer chance de apresentação formal tinha sido derrubada pela carga de pólvora.

Falando da carga de pólvora, lá vinha a mente brilhante por trás do ataque às ovelhas. Maldito seja.

"A senhorita está bem?", perguntou Colin.

"Estou bem", respondeu ela. "Receio não poder dizer o mesmo de seu amigo."

"Bram?" Colin o cutucou com a bota. "Você parece estar inteiro."

Não graças a você.

"Ele está completamente arruinado, pobrezinho." A garota tocou sua bochecha. "Foi a guerra? Há quanto tempo ele está assim?"

"Assim?" Colin sorriu com ironia para Bram. "Ah, a vida toda."

"Toda a vida?"

"Ele é meu primo. Eu sei bem como ele é."

Um rubor subiu às faces de Susanna, cobrindo suas sardas.

"Se ele é seu primo, você deveria cuidar melhor dele. O que você estava pensando, ao deixá-lo vagar pelo campo, travando guerra contra rebanhos de ovelhas?"

Ah, aquilo era encantador. A garota se importava com ele. Ela gostaria de vê-lo acomodado em um asilo bem confortável. Talvez quinta-feira fosse o dia em que ela o visitaria para colocar compressas frias em sua testa.

"Eu sei, eu sei", respondeu Colin, com seriedade. "Ele é um bobo de verdade. Completamente instável. Às vezes esse pobre vagabundo chega a babar.

Mas o diabo é que ele controla meu dinheiro. Até o último centavo. Não posso lhe dizer o que fazer.”

“Agora chega”, disse Bram. Era hora de acabar com aquela bobagem. Uma coisa era desfrutar de um momento de descanso e do toque de uma mulher, e outra era deixar que lhe tirassem a dignidade.

Ele se pôs em pé sem muita dificuldade e também ajudou Susanna a se levantar. Fez uma pequena reverência.

“Tenente-coronel Victor Bramwell. Garanto-lhe que possuo saúde perfeita, mente sã e um primo que não vale nada.”

“Eu não compreendo”, disse ela. “Aquelas explosões…”

“Apenas cargas de pólvora. Nós as enterramos na estrada para afugentar as ovelhas.”

“Você preparou cargas de pólvora para afugentar um rebanho de ovelhas...” Soltando-se dele, ela estudou as crateras na estrada. “Senhor, continuo não convencida quanto à sua sanidade. Mas não há dúvida de que seja homem.”

Ele ergueu uma sobrancelha.

“Isso nunca foi dúvida.”

A única resposta dela foi um rubor ainda maior.

“Garanto-lhe que toda loucura é do meu primo. Lorde Payne estava apenas me provocando, divertindo-se às minhas custas.”

“Entendo. E você estava se divertindo às minhas custas, fingindo que estava machucado.”

“Ora, vamos lá.” Ele se inclinou na direção dela e murmurou: “Você vai fingir que não estava gostando?”.

Susanna ergueu as duas sobrancelhas, e continuou erguendo, até que formassem um arco perfeito, pronto para disparar flechas envenenadas.

“Vou fingir que não ouvi isso.”

Ela ajeitou a luva, e ele engoliu em seco. Alguns momentos antes, ela havia pressionado aquela mão contra a garganta daquele homem, que havia beijado os lábios dela. Fingimentos à parte, eles dividiram um momento de atração. Sensual. Poderoso. Real… Talvez ela preferisse negá-lo, mas não conseguiria apagar a lembrança que ele tinha de sua boca doce e exuberante.

E ela não podia esconder aquele cabelo. Deus, aquele cabelo! Agora que estava em pé, envolta pela luz do dia, ela resplandecia de beleza. Chamas vermelhas e raios solares dourados competiam para ver o que brilhava mais.

“Você não chegou a me dizer seu nome”, disse ele. “Senhorita…?”

Antes que ela pudesse responder, uma carruagem fechada precipitou-se

colina abaixo, na direção deles. O condutor não se preocupou em diminuir a velocidade, ao contrário, chicoteou os animais para que se apressassem, e a carruagem investiu contra eles. Todos tiveram que pular para o lado, para que não fossem esmagados pelas rodas.

Em um gesto protetor, Bram se colocou entre a moça e a estrada. Conforme a carruagem se afastava, ele notou um brasão pintado em sua lateral.

“Ah, não”, murmurou Susanna. “Não as Highwood.” Ela gritou para a carruagem, que sacudia à distância: “Sra. Highwood, espere! Volte. Eu posso explicar tudo. Não vá embora!”.

“Parece que elas já foram.”

Ela se voltou para Bram, fuzilando-o com o brilho azul de seus olhos. E forçou as mãos contra seu peito. Não foi suficiente para movê-lo, mas foi o bastante para causar uma impressão.

“Espero que esteja feliz. Se atormentar ovelhas e abrir buracos na nossa estrada não foi estrago suficiente por hoje para você, saiba que arruinou o futuro de uma moça.”

“Arruinei?” Bram não tinha o hábito de arruinar moças. Essa era a especialidade de seu primo. Mas se um dia ele resolvesse adotar a prática, empregaria uma técnica diferente. Ele se aproximou, baixando a voz. “Sério, foi apenas um beijo. Ou está falando da sua roupa?”

Ele baixou o olhar. A roupa dela havia levado a pior no incidente. Grama e terra acumulavam-se na musselina rosa. Um babado rasgado esparramava-se pelo chão, inerte como um lenço esquecido. Seu decote também havia sofrido. Ele imaginou se a jovem sabia que seu seio esquerdo estava a uma exclamação de escapar completamente do corpete. Bram também imaginou se devia parar de encarar o seio.

Não, ele decidiu. Ele faria um favor a ela encarando-o, chamando sua atenção para algo que precisava ser consertado. Na verdade, olhar fixamente para aquele seio meio exposto, corado de emoção, era seu dever solene para com ela, e Bram nunca foi de fugir às suas responsabilidades.

Ela pigarreou e cruzou os braços sobre o peito, interrompendo abruptamente a missão de Bram.

“Não se trata de mim”, disse ela, “nem do meu vestido. A moça naquela carruagem está vulnerável e precisava de ajuda, e…” Ela perdeu o fôlego e tirou mechas de cabelo do rosto. “E agora ela se foi. Todas se foram.” Susanna mediu-o de alto a baixo. “Então, de que você precisa? Um carpinteiro para lhe fazer rodas novas? Suprimentos? Orientações para chegar à estrada principal? Diga-

me o que precisa para ir embora, que eu irei lhe fornecer alegremente.”

“Não queremos lhe dar nenhum trabalho. Desde que esta seja a estrada para Summerfield, nós iremos…”

“Summerfield? Você não falou Summerfield.”

Vagamente, ele compreendeu que ela estava aborrecida com ele, o que provavelmente havia feito por merecer, mas ela não conseguiria fazer com que Bram se sentisse arrependido. A agitação dela era agressivamente atraente. A forma como suas sardas se juntavam quando ela franzia o rosto. O alongamento de seu pescoço, pálido e esguio, enquanto ela se empertigava para enfrentá-lo.

Ela era alta para uma mulher e ele gostava de mulheres altas.

“Eu realmente disse Summerfield”, respondeu Bram. “É a residência de Sir Lewis Finch, não é?”

Susanna franziu a testa.

“Que assunto o senhor tem com Sir Lewis Finch?”

“Assunto de homem, querida. Os detalhes não lhe dizem respeito.”

“Summerfield é minha casa”, disse ela. “E Sir Lewis Finch é meu pai. Então, tenente-coronel Victor Bramwell”, ela disparou cada palavra como um tiro, “o senhor me diz respeito!”



“Victor Bramwell. É *mesmo* você.”

Sir Lewis Finch levantou de sua escrivaninha e atravessou o escritório com passos ansiosos. Quando Bram quis fazer uma reverência, o veterano o impediu com um gesto. Então ele pegou a mão de Bram entre as suas e a sacudiu calorosamente.

“Com os diabos, é bom ver você. Na última vez que nos encontramos você era um jovem capitão, saído havia pouco de Cambridge.”

“Faz bastante tempo, não é?”

“Fiquei triste quando soube do falecimento de seu pai.”

“Obrigado.” Bram pigarreou, sem jeito. “Eu também.”

Bram examinou o grisalho excêntrico em busca de sinais de desagrado. Sir Lewis Finch não era apenas um inventor brilhante, mas também havia se tornado conselheiro real. Diziam que o Príncipe Regente sempre escutava quando Sir Lewis falava. Uma palavra daquele homem poderia colocar Bram de volta em seu regimento já na semana seguinte.

E como era idiota, Bram anunciou sua chegada à vila derrubando a filha

daquele homem na estrada, rasgando seu vestido e a beijando sem permissão. No que concernia a uma campanha estratégica, aquela não seria digna de medalha. Felizmente, Sir Lewis parecia não ter notado o estado esfarrapado de sua filha quando chegaram. Mas Bram precisava terminar aquela conversa antes que a Srta. Finch voltasse e tivesse a oportunidade de relatar o ocorrido.

Ele não podia ser responsabilizado por não estabelecer a relação entre os dois. A não ser pelos olhos azuis que os dois tinham, ela não poderia ser mais diferente do pai. A Srta. Finch era esguia e notavelmente alta. Em contraposição, Sir Lewis era baixo e possuía um ventre protuberante. Os poucos fios de cabelo grisalho remanescentes não seriam suficientes para escovar a dragona de Bram.

“Sente-se”, convidou Sir Lewis.

Bram tentou não demonstrar demais seu alívio, ao se sentar na surrada cadeira de couro. Quando Sir Lewis lhe entregou o copo, Bram racionou o uísque em goles pequenos e controlados.

Enquanto bebia, Bram estudava o ambiente. A biblioteca era diferente de qualquer biblioteca particular vista por ele. Naturalmente, havia uma escrivaninha. Algumas cadeiras. Livros, claro. Paredes cheias deles, que preenchiam prateleiras de mogno do chão ao teto. As prateleiras em si eram separadas por colunas de argamassa com desenhos egípcios. Algumas lembravam talos de papiros, outras estavam esculpidas na forma de faraós e rainhas. E de um lado da sala, ocupando a maior parte do espaço vazio, jazia um enorme caixão de pedra sólida, de cor creme. Sua superfície estava inscrita, por dentro e por fora, com fileiras e mais fileiras de símbolos minúsculos.

“Isso é mármore?”, perguntou ele.

“Alabastro. É um sarcófago, da tumba do rei…” Sir Lewis coçou a cabeça. “Esqueci o nome agora. Tenho anotado em algum lugar.”

“E as inscrições?”

“Do lado de fora, feitiços. Dentro são orientações para chegar ao mundo inferior.” O idoso arqueou as sobrancelhas. “Você pode se deitar aí dentro, se quiser. Faz bem para a coluna.” .

“Não, obrigado.” Bram estremeceu.

Sir Lewis bateu as palmas.

“Bem, imagino que você não trouxe duas carroças por oito estradas só para discutir antiguidades enquanto bebemos um bom uísque.”

“O senhor sabe que não. Conversa fiada nunca é meu propósito. Mas obrigado pelo uísque.”

“E espero que possa jantar conosco mais tarde. Susanna já deve ter

informado à cozinheira.”

Susanna... Então o nome dela é Susanna.

O nome lhe pareceu adequado. Simples, bonito.

Susanna... Susanna Finch.

Parecia o refrão de uma música. Uma música alegre, que não saía da cabeça. O tipo de harmonia que persistia, cavava uma trincheira na cabeça da pessoa e continuava tocando ali alegremente, durante horas, dias… mesmo que essa pessoa preferisse se livrar dela. Mesmo que essa pessoa preferisse cortar o dedão do próprio pé só para desviar sua atenção para outra coisa, *qualquer* coisa.

Susanna... Susanna Finch. Bela Susanna com cabelo de bronze.

Ele voltou sua atenção para a janela, que dava para um jardim imaculadamente bem cuidado. Cada erva ou arbusto que ele via, associava a outro elemento do perfume intrigante, jardineiro, de Susanna. Ele viu alfazema, sálvia, jacinto, rosa… uma dúzia de outras plantas cujo nome ele não sabia. Mas através da janela aberta, a brisa carregava o aroma delas até ele. E erguia seu cabelo com dedos delicados, assim como ela havia feito.

Ele sacudiu o corpo. Ela era filha de Sir Lewis. Bram não podia pensar nela daquela forma. Ou de nenhuma forma.

“Então”, disse ele, dirigindo-se a Sir Lewis, “o senhor recebeu minha carta?”

Sir Lewis sentou do outro lado da escrivaninha.

“Recebi.”

“Então sabe por que estou aqui.”

“Você quer seu comando de volta.”

Bram assentiu.

“E já que estou aqui, gostaria de saber se o senhor está interessado em um aprendiz. Meu primo tem aptidão para a destruição, e não muito mais do que isso.”

“Você está se referindo a Payne?”

“Estou.”

“Bom Deus. Quer que eu pegue um *visconde* como aprendiz?” Sir Lewis riu dentro de seu copo.

“Ele pode ser um visconde, mas pelos próximos meses continuará sendo minha responsabilidade. A menos que alguém lhe dê uma ocupação em que ele possa ser útil, Colin Payne terá acabado com nós dois até o fim do ano.”

“Por que *você* não lhe dá uma ocupação em que ele possa ser útil?”

“Eu não vou estar aqui”, disse Bram, inclinando-se para frente e olhando Sir Lewis diretamente nos olhos. “Vou?”

Sir Lewis tirou os óculos e os colocou de lado, massageando as têmporas com o polegar e o indicador. Bram não estava gostando daquilo. Massagem de têmpora não era sinal de que a decisão seria a seu favor.

“Escute, Bramwell…”

“Bram.”

“Bram, eu admirava muito seu pai.”

“Assim como eu. E toda a nação.” O pai de Bram havia se destacado na Índia, alcançando a patente de general e conquistando muitas honrarias e medalhas. “Meu pai admirava o senhor e seu trabalho.”

“Eu sei, eu sei”, disse Sir Lewis. “E fiquei muito triste, de verdade, quando recebi a notícia da morte dele. Mas nossa amizade é exatamente o motivo de eu não poder ajudá-lo. Não da forma como está me pedindo.”

Bram sentiu a barriga endurecer.

“O que o senhor quer dizer?”

O idoso passou a mão pelos fios remanescentes de cabelo grisalho.

“Bram, você foi atingido no joelho.”

“Isso já faz meses.”

“E você sabe muito bem que um ferimento dessa natureza pode demorar um ano ou mais para sarar. Se é que irá sarar completamente.” Sir Lewis balançou a cabeça. “Eu não posso, em sã consciência, recomendar você para um comando de campo. Você é um oficial de infantaria. Como pretende liderar a pé um batalhão de soldados, quando mal pode caminhar?”

A pergunta o atingiu como um soco no estômago.

“Eu posso caminhar.”

“Não tenho dúvida de que possa atravessar esta sala. Talvez possa ir até o fim do pasto e voltar, mas você conseguiria cobrir quinze, dezoito, vinte quilômetros em ritmo puxado, dia após dia?”

“Sim!”, disse com firmeza. “Eu posso marchar. Eu posso cavalgar. Eu posso liderar meus homens.”

“Sinto muito, Bram. Se eu o enviasse de volta à frente da batalha, nessas condições, estaria assinando sua sentença de morte, e talvez de quem estiver sob seu comando. Seu pai era um amigo bom demais para isso. Simplesmente não posso.”

As palmas de Bram ficaram úmidas. A ruína estava próxima.

“Então o que devo fazer?”

“Aposente-se. Vá para casa.”

“Não tenho uma casa.” Dinheiro não era problema, claro, mas seu pai era um

segundo filho. Bram não havia herdado nenhuma propriedade e nunca teve tempo para comprar uma para si.

“Então compre uma casa. Encontre uma garota bonita para casar. Estabeleça-se e constitua família.”

Bram sacudiu a cabeça. Sugestões impossíveis, todas elas. Ele não renunciaria ao seu posto aos 29 anos, enquanto a Inglaterra continuava em guerra. E com certeza não se casaria. Como seu próprio pai, ele pretendia servir até que arrancassem a pistola de suas mãos frias e sem vida. E embora fosse permitido às mulheres de oficiais que os acompanhassem, Bram acreditava firmemente que o lugar de mulheres bem criadas não era em campanha. Sua própria mãe era prova disso. Ela havia sucumbido aos acontecimentos sangrentos na Índia, pouco tempo antes do jovem Bram ser enviado para uma escola na Inglaterra.

Ele se sentou na ponta da cadeira.

“Sir Lewis, o senhor não entende. Meus dentes nasceram mastigando biscoito de ração. Eu aprendi a marchar antes de falar. Não sou homem para me estabelecer. Enquanto a Inglaterra continuar em guerra, não posso e não irei renunciar ao meu posto. É mais do que meu dever, senhor. É minha vida. Eu…” Ele balançou a cabeça. “Não sei fazer mais nada.”

“Se você não quer se aposentar, há outras formas de ajudar no esforço de guerra.”

“Com os demônios, já passei por tudo isso com meus superiores. Não vou aceitar uma suposta promoção que signifique ficar carimbando papéis no Ministério da Guerra.” Ele fez um gesto na direção do sarcófago de alabastro. “É melhor me enfiar nesse caixão e lacrar a tampa. Sou um soldado, não um burocrata.”

Os olhos azuis de Sir Lewis suavizaram-se.

“Você é um homem, Victor. Você é humano.”

“Sou o filho do meu pai”, respondeu ele, batendo na escrivaninha com o punho. “O senhor não pode me pôr para baixo.”

Ele estava indo longe demais, mas que se danassem os limites. Sir Lewis Finch era a única e última opção de Bram. O velho não podia simplesmente recusar.

Sir Lewis ficou olhando para as mãos entrelaçadas durante um longo e tenso momento. Então, com calma inabalável, recolocou os óculos.

“Não tenho nenhuma intenção de pô-lo para baixo. Muito ao contrário.”

“O que o senhor quer dizer?” Bram ficou desconfiado.

“Eu quero dizer exatamente o que disse. Eu fiz o oposto de rebaixá-lo.” Ele levou a mão a uma pilha de papéis. “Bramwell, prepare-se para ser promovido.”

Capítulo Três

Susanna, controle-se.

Após pedir licença para arrumar apressadamente o cabelo desgrenhado e trocar seu vestido rasgado e sujo por um limpo de musselina azul com luvas combinando – e durante o processo falando mais bruscamente com Gertrude do que a pobre empregada merecia –, ela se juntou aos acompanhantes do tenente-coronel Bramwell no Salão Vermelho.

Ao entrar, deu uma rápida olhada no espelho do hall. Sua aparência estava refeita, dentro do possível. Sua compostura, por outro lado, permanecia estilhaçada em mil pedaços cortantes, todos arranhando e queimando dentro dela. Alguns atingiam seu amor-próprio, outros reviravam o conhecido poço de medo que sempre era agitado quando seu pai e pólvora preta se misturavam. O restante fazia com que ela formigasse toda de constrangimento. A sensação não era agradável.

E tudo aquilo era culpa *dele.* Aquele bombardeador de ovelhas animalesco, provocador, bem-apessoado. Quem era aquele homem e o que queria com seu pai? Ela esperava que fosse apenas uma visita social, embora tivesse de admitir que Bramwell não parecia ser o tipo de homem que fazia visitas sociais.

A empregada trouxe a bandeja e Susanna a orientou a colocá-la em uma mesa de jacarandá com pernas esculpidas no formato de peixes dourados com longos bigodes.

“Chá, cavalheiros?”, perguntou ela, esticando as luvas ao pegar a chaleira. Servir chá era exatamente o que Susanna precisava naquele momento. Que força civilizatória tinha o chá... Ela pegaria os cubos de açúcar com pequenas pinças de prata e mexeria o leite com uma colherinha. Colherinhas eram incompatíveis com um estado de agitação sensual.

A ideia a reconfortava. Isso! Ela serviria chá aos homens e talvez um belo

jantar. Então eles iriam embora, e o mundo voltaria a seu equilíbrio. Pelo menos o cantinho dela.

O cavalheiro que antes estava apenas meio vestido – Lorde Payne, que agora ela conhecia – havia encontrado seu casaco e sua gravata e tinha ajeitado o cabelo. Ele constituía um ornamento aristocrático adequado na casa, em meio aos armários laqueados e aos vasos verdes vitrificados.

Quanto ao militar – um cabo, o que ela deduzia a partir de seus remendos –, ficou perto da janela e era o retrato vivo do constrangimento. Ele olhava desconfiado para o tapete com desenho de um dragão, como se a besta bordada pudesse atacá-lo. Se aquilo acontecesse, Susanna não tinha dúvida de que o cabo a mataria habilmente.

"Aceita chá, cabo?"

"Não."

Ocorreu-lhe que aquela devia ser a primeira – e única – palavra que ela ouvia de seus lábios. Era o tipo de homem que se percebia, só de olhar para ele, que tinha uma história interessante para contar. Ela também sentia, com a mesma certeza, que ele nunca a contaria. Nem sob ameaça de uma faca, quanto mais tomando chá.

Ela entregou a Lorde Payne uma xícara fumegante, e ele deu um gole rápido e imprudente. Um sorriso malicioso foi endereçado a Susanna.

"Chá pólvora? Muito bem, Srta. Finch. Aprecio uma moça com senso de humor."

Agora, aquele… era um devasso. Estava escrito nele; em sua roupa refinada e nos modos sedutores. Ele podia mandar bordar a palavra em seu colete, em meio aos arabescos dourados. Ela conhecia tudo a respeito de homens daquele tipo. Metade das moças em Spindle Cove estavam ou fugindo deles ou ansiando por eles.

Susanna deu uma espiada na porta fechada da biblioteca de seu pai e imaginou o que o estaria prendendo por tanto tempo. Quanto antes os dois saíssem dali, mais fácil ela respiraria.

Payne se reclinou em sua poltrona e ergueu a cabeça para observar o lustre de bronze.

"Esta é uma bela sala." Ele apontou uma vitrine montada na parede. "E aqueles são…" Ele inclinou a cabeça. "O que são aquelas coisas?"

"Foguetes da dinastia Ming. Meu pai é um ávido colecionador de antiguidades. Ele tem um interesse especial em história dos armamentos." Servindo seu próprio chá, ela explicou: "Summerfield é uma casa eclética. Esta

sala é em estilo chinês. Nós temos uma sala de café da manhã austríaca, uma sala de visitas otomana e um pátio italiano. O escritório do meu pai é inspirado no Egito e na grande biblioteca de Alexandria. As coleções medievais dele ficam no salão. Ah, e temos uma maluquice grega no jardim".

"Sir Lewis deve ser um grande viajante."

Ela balançou a cabeça enquanto misturava o açúcar ao chá.

"Não, na verdade não é. Nós sempre falamos de fazer o Grand Tour, mas as situações nunca foram favoráveis. Então, meu pai trouxe o mundo até Summerfield."

E como ela o amava por isso... Sir Lewis Finch talvez nunca figurasse entre os pais mais atentos ou dedicados, mas quando ela mais precisou dele, seu pai não lhe faltou. Ele havia levado todas as suas posses e seu laboratório inteiro para Summerfield, recusado convites e oportunidades incontáveis para viajar durante anos… tudo pela saúde e felicidade de Susanna.

"Ótimo, vocês estão reunidos." Seu pai emergiu da biblioteca, amarrotado como sempre. Susanna sorriu brevemente, enquanto lutava para segurar o impulso de ir alisar o cabelo do pai e endireitar sua gravata.

O tenente-coronel Bramwell o seguia como uma nuvem de tempestade, sombrio e agitado. Mas *nele,* Susanna não sentiu nenhum impulso de tocar. Pelo menos nenhum impulso que ela admitiria. Enquanto Bramwell caminhava pela sala, Susanna notou que ele puxava a perna direita. Talvez Bramwell tivesse se machucado quando a jogou ao chão.

"Eu tenho um anúncio a fazer", disse seu pai, erguendo um maço de papéis com aspecto oficial. "Como Bramwell não conseguiu demonstrar o entusiasmo que era de se esperar, pensei em eu mesmo dar a boa notícia a vocês, que são amigos dele." Sir Lewis ajeitou os óculos. "Em honra à sua bravura e às suas contribuições na libertação de Portugal, Bramwell foi nomeado conde. Tenho as cartas-patentes do próprio Príncipe Regente. Ele será conhecido, daqui em diante, como Lorde Rycliff."

Susanna engasgou com o chá.

"Como? Lorde Rycliff? Mas esse título está extinto. Não existe um Conde de Rycliff desde…"

"Desde 1354. Exatamente. Esse título está dormente há quase cinco séculos. Quando escrevi para o Príncipe Regente, destacando as contribuições de Bramwell, ele gostou da minha sugestão de reativá-lo."

Uma explosão no Salão Vermelho não teria atordoado mais Susanna. Seu olhar se fixou no oficial em questão. Para um homem elevado a nobre, ele não

parecia muito feliz.

“Bom Deus!”, exclamou Payne. “Um conde? Isso é insuportável. Como se não fosse ruim o bastante ele controlar minha fortuna, meu primo agora é superior a mim. O que esse título inclui?”

“Não muita coisa além da honraria. Nenhuma terra, exceto pelo…”

“Castelo”, concluiu Susanna, com a voz distante.

O castelo dela!

Claro, o castelo Rycliff não pertencia a ela, mas Susanna sempre se sentiu dona dele. Afinal, ninguém mais parecia querer aquela pilha de ruínas. E logo que chegou àquela propriedade com o pai, ela estava tão enfraquecida pela febre, que Sir Lewis lhe disse que o castelo era seu. *Você precisa melhorar, Susanna Jane*, foi o que ele lhe havia dito. *Você tem um castelo para explorar.*

“Susanna, mostre a maquete para eles.” O pai apontou para uma prateleira alta na parede sul da sala.

“Papai, acredito que o tenente-coronel não esteja interessado em…”

“Agora ele é Lorde Rycliff, e é claro que está interessado. O castelo é dele!”

O castelo é *dele!* Ela não conseguia acreditar. Por que seu pai não tinha lhe contado nada a respeito?

“A maquete, querida”, pediu o pai. “Eu mesmo a pegaria, mas sabe que só você é alta o bastante para alcançar aquela prateleira.”

Com um suspiro mudo, Susanna obedeceu o pai, levantou de sua poltrona e cruzou a sala para pegar a maquete de argila que ela tinha feito do castelo Rycliff havia mais de uma década. Às vezes a vida conseguia ser surpreendentemente eficaz na distribuição de constrangimentos. Em menos de um minuto ela seria exposta diante de três visitantes homens como uma aberração de tão alta e uma escultora horrível. O que aconteceria em seguida? Talvez seu pai convidasse os homens para contar as sardas dela, uma por uma. Eles ficariam ali até o nascer da lua.

De repente, Bramwell estava do seu lado.

“Isto?”, perguntou ele, tocando com o dedo a borda da maquete.

Ela se encolheu, desejando poder negar.

“É, obrigada.” Enquanto Bram pegava a maquete na prateleira, ela o observava com o canto do olho. Susanna tinha que admitir que o título Rycliff lhe caía bem. Se dessem àquele homem uma cota de malha e uma clava, ela poderia confundi-lo com um guerreiro medieval que tivesse atravessado os séculos por alguma fenda temporal e chegado aos tempos atuais. Ele todo era grande e sólido, sua mandíbula era quadrada e tinha uma sombra de barba de um

dia ou mais. Ele se movia com mais força do que elegância e mantinha comprido o cabelo escuro, amarrado na nuca com uma tira de couro. E a forma como ele olhou para ela antes de beijá-la – como se fosse devorá-la, algo que ela gostaria – vinha diretamente da Idade das Trevas.

Quando ele apresentou aqueles destroços de argila seca ao sol e musgo colado por cima, Susanna conteve a vontade de passar um espanador de pó por aquela coisa. Era evidente que as empregadas também não conseguiam alcançar aquela prateleira.

"Ela não é ótima?" Seu pai tirou o modelo das mãos de Bramwell e o ergueu. "Susanna fez isto aqui quando tinha 15 anos."

"Tinha 14", ela o corrigiu, xingando-se mentalmente em seguida. Por que *catorze* melhoraria aquilo de alguma forma?

Com um floreio, seu pai colocou a maquete sobre a mesa no centro da sala. Os homens, relutantes, aproximaram-se para observar. Bramwell olhava com raiva para o modelo cinzento.

"Pode não parecer muita coisa", disse seu pai, "mas a história do castelo Rycliff é lendária. Foi construído pelo próprio Guilherme, o Conquistador, e depois ampliado por Henrique VIII. Está situado numa falésia, bem na beira do mar. Abaixo fica a enseada, estão vendo?" Ele apontou. "E a água na verdade tem uma cor linda, não este cinza sombrio."

Susanna tocou a orelha.

"Isso foi pintado de azul, mas a tinta desbotou..."

"A enseada foi um movimentado porto medieval", continuou Sir Lewis. "Mas no século 13 houve um desmoronamento terrível, resultado de tempestades e erosão. Ninguém sabe ao certo. Metade do castelo original caiu no mar, e o que restou está em ruínas. Mas, ora essa, Bramwell." Sir Lewis cutucou o oficial. "Demonstre um pouco de alegria. Vai me dizer que você não queria um castelo?"

Ao lado dele, Susanna observou a enorme mão de Bram se fechar. Ela ouviu as juntas estalar.

"Sir Lewis, estou honrado e agradeço sua recomendação, mas isto" – ele apontou para a maquete – "não era o que eu tinha em mente. Não tenho interesse de brincar de cavaleiros e dragões."

Ignorando-o, Sir Lewis apertou o dedo indicador na superfície laqueada da mesa, onde teria sido o lado ocidental do castelo.

"A vila fica bem aqui, no vale. Lugarzinho encantador." Então ele se virou e apertou os olhos na direção do outro lado da sala. "E ali, onde aquele emblema de jade está" – ele apontou – "ficaria Cherbourg, na costa norte da França."

Bramwell olhou para o emblema, depois voltou-se para Sir Lewis novamente. E ergueu a sobrancelha em uma pergunta silenciosa.

Sir Lewis bateu com a mão no ombro do oficial.

“Você queria um comando, Bramwell. Bem, você acaba de receber um castelo na costa sul da Inglaterra, não a oitenta quilômetros do inimigo. Como novo lorde, deverá formar uma milícia para defendê-lo.”

“O quê?”, Susanna deixou escapar. “Uma milícia, aqui?”

Ela devia ter ouvido ou entendido mal. Aqueles homens deviam tomar chá – talvez jantar – e então ir embora. Para nunca mais serem vistos. Ela não poderia se tornar vizinha do agressor de ovelhas. E céus… uma milícia? O que seria das moças e da pensão da Sra. Nichols? Não havia homens assim em Spindle Cove! A ausência de aproveitadores e militares era a principal atração da vila.

“Papai, pare de brincar”, disse ela, alegremente. “Não queremos gastar o tempo destes cavalheiros. Você sabe muito bem que uma milícia seria inútil aqui.”

“Inútil?” Bramwell olhou torto para ela. “Milícias não são inúteis. Pelo contrário, são essenciais. Caso não esteja ciente, Srta. Finch, a Inglaterra está em guerra.”

“É claro que tenho ciência disso, mas todo mundo sabe que a ameaça de uma invasão francesa já passou. Eles não têm uma marinha de verdade desde Trafalgar, e as forças de Bonaparte estão tão esgotadas após a surra que tomaram na Rússia, que ele não tem condições de invadir nenhum lugar. De fato, tudo que ele pode fazer é tentar manter a Espanha, mas com as forças de Wellington em marcha, até isso será difícil.”

A sala ficou em silêncio, e Bramwell franziu o rosto para ela. Mais um dos princípios de *A Sabedoria da Sra. Worthington* mostrou que não funcionava. Se o intelecto de uma mulher era, de alguma forma, análogo à sua roupa de baixo, os homens deveriam ficar empolgados quando fosse revelado. O estranho era que Susanna nunca tinha visto aquilo acontecer.

“A senhorita está bem a par dos eventos atuais”, disse ele.

“Sou uma inglesa interessada no resultado da guerra. Eu me dou ao trabalho de me manter informada.”

“Se está tão bem informada, deve saber que não estamos em guerra apenas com a França, mas também com a América. Para não falar que nossa costa está apinhada de corsários e contrabandistas de todos os tipos.” Com a ponta de um dedo, ele puxou a maquete para si. “Estou estarrecido que este castelo Rycliff tenha ficado desprotegido por tanto tempo.”

“Não há nada de estarrecedor nisso.” Esticando a mão, ela puxou o modelo de volta. “Ninguém tentaria desembarcar aqui. Como disse meu pai, a linha costeira mudou desde que os normandos invadiram. O desmoronamento formou um tipo de recife. Somente os menores barcos pesqueiros conseguem navegar por ali, ainda assim na maré alta. Muitos barcos atolaram ou naufragaram nessa enseada. Nem mesmo os contrabandistas se arriscam.” Ela olhou para ele, desafiadora. “A natureza nos concede proteção suficiente. Não precisamos de homens de uniforme. Não aqui.”

Seus olhares se cruzaram e se mantiveram firmes. Algo defensivo chamejou naqueles olhos verdes, e ela imaginou que pensamentos passavam pela cabeça dele. Certamente não lhe ocorria beijá-la, ela poderia apostar.

“Eu receio”, disse Sir Lewis, rindo, “que este seja o tipo de discussão mais irritante.”

Susanna sorriu.

“O tipo em que a mulher tem toda razão?”

“Não, minha querida. O tipo em que os dois lados têm o mesmo mérito.”

“Como assim?”

Seu pai apontou para as cadeiras, convidando todos a se sentar.

“Susanna, você tem razão”, disse ele, quando todos se sentaram. “As chances de qualquer inimigo invadir Spindle Cove são pequenas, infinitesimais. Contudo…”

De repente, Lorde Payne engasgou e tossiu, colocando a xícara sobre o pires, com um estalo.

“Qual é o seu problema?”, perguntou Bramwell.

“Nada, nada.” Payne passou a mão pelo colete respingado. “Sir Lewis, o senhor disse Spindle Cove?”

“Disse.”

“Este lugar, aqui.... É Spindle Cove?”, insistiu Payne.

“É”, ecoou lentamente Susanna. “Por quê?”

“Ah, nenhum motivo.” Payne esfregou a boca com uma das mãos, como se afastasse um sorriso. “Por favor, continue.”

“Como eu dizia”, continuou Sir Lewis, “as chances de invasão são realmente reduzidas. Contudo, o próprio Bramwell pode lhe dizer que uma defesa sólida é baseada na aparência de prontidão, não na probabilidade de ataque. Lugares semelhantes ao longo da costa foram fortificados com torres Martello defendidas por milícias locais. Spindle Cove não pode ficar com a aparência de elo fraco nessa corrente.”

“Não há nada de fraco em nossa vila, pai. Os visitantes sabem que é perfeitamente segura. Se essa milícia se concretizar, nossa reputação só vai pi…”

“Susanna, querida”, seu pai suspirou alto, “agora chega.”

Não estava nem perto de chegar. *Papai, o senhor sabe que tipo de homem é esse?*, ela desejava argumentar. *Ele bombardeia ovelhas indefesas, é inimigo de vestidos de musselina com babados e beija mulheres desavisadas! Uma besta completa. Não podemos tê-lo por aqui!* Não podemos*!*

Apenas o profundo respeito pelo pai a manteve quieta.

“Para ser completamente honesto”, continuou Sir Lewis, “existe outra razão. Eu sou o único cavalheiro da região, você sabe. Esse dever seria meu. O Duque de Tunbridge é responsável pela milícia de Sussex, e ele vem me pressionando há mais de um ano para que forneçamos uma demonstração de nossa prontidão.” Ele baixou os olhos para o tapete. “E eu prometi lhe fazer uma durante o Festival de Verão deste ano.”

“O Festival de Verão? Ah, mas não falta nem um mês”, disse Susanna, desanimada. “E sempre fizemos do festival um evento para as crianças. Armaduras, balestras, alguns melões arremessados ao mar com o velho trabuco...”

“Eu sei, querida, mas este ano teremos que demonstrar aos nossos vizinhos, e ao Duque, certa capacidade militar.” Ele se inclinou para frente e apoiou os braços nos joelhos. “Se Bramwell concordar, é claro. Mas se ele não adotar o título de Rycliff e assumir esta milícia como seu dever… a tarefa caberá a mim.”

“Papai, o senhor não pode.” Apenas pensar naquela ideia fez Susanna perder a força. Seu pai não poderia ser o responsável por estabelecer uma companhia de milícia. Ele era idoso e tinha o coração fraco. E era tudo que restava de família para ela. Susanna lhe devia a vida, em mais de uma maneira. A perspectiva de receber aquele horrível Bramwell e seus amigos em sua comunidade calma e segura a apavorou. Mas se a única alternativa ameaçasse a saúde de seu pai, como ela poderia ficar contra aquele plano de milícia?

A resposta era simples. Ela não podia.

“Bramwell”, Sir Lewis dirigiu-se ao oficial, “você liderou regimentos inteiros em batalhas. Estou lhe pedindo que treine uma companhia de vinte e quatro homens. Creia-me, eu sei muito bem que isso é como pedir a um leão africano que cumpra as tarefas de um rato de celeiro. Mas essa é uma posição de comando, uma que posso lhe oferecer. E é só por um mês. Se você se sair bem… após o verão pode conseguir algo mais.”

Os homens trocaram olhares significativos e Bramwell – agora Lorde

Rycliff, pelo que parecia – ficou em silêncio por um bom tempo. Ela segurou a respiração. Meia hora antes tudo o que desejaria era ver aquele homem e seus companheiros pelas costas. Mas agora ela se via forçada a assumir uma posição muito desagradável. A de esperar que ele aceitasse.

Afinal, Bramwell se levantou e puxou a frente de seu casaco.

“Muito bem, então.”

“Excelente!” Pondo-se em pé, Sir Lewis bateu as mãos e as esfregou com energia. “Vou escrever para o duque. Susanna, você gosta de caminhar e temos bastante tempo antes do jantar. Por que não mostra o castelo a seu dono?”



“É por aqui”, disse Susanna, ao conduzir os homens para fora da trilha de terra, até uma antiga estrada coberta de grama.

O caminho era conhecido. Ao longo dos anos em que ela residia em Spindle Cove, Susanna devia ter andado por ali milhares de vezes. Conhecia cada curva do terreno, cada depressão na estrada. Mais de uma vez, ela percorreu aquele caminho no escuro da noite sem errar um passo.

Naquele dia, contudo, ela tropeçou.

Ele estava lá, segurando seu cotovelo com a mão forte e firme. Ela não percebeu que ele a seguia tão de perto. Quando Susanna pensou ter recuperado o equilíbrio, o calor e a presença dele a fizeram balançar novamente.

“Você está bem?”

“Estou. Acho que sim.” Em um esforço para afastar o constrangimento, ela brincou: “Segundas-feiras são para caminhar no campo; terças para banhos de mar…”

Ele não riu. Nem mesmo sorriu. Ele a largou sem fazer comentário, adiantando-se para assumir a liderança. Seus passos eram largos, mas ela reparou que ele continuava puxando a perna direita.

Ela fez o que uma pessoa que se preocupava com o bem-estar dos outros nunca deveria fazer. Ela desejou que estivesse doendo.

Talvez o salto que ele tinha dado sobre ela, na estrada, tivesse evitado que ela perdesse alguns dedos, mas se não fosse por ele, não haveria perigo. Se não fosse por ele, naquele momento Susanna estaria cuidando para que as jovens Highwood se instalassem na pensão. Pobre Diana. E pobre Minerva! Pelo menos Charlotte era jovem e resiliente.

Eles caminharam o resto do percurso em silêncio. Quando chegaram ao

cume de arenito, Susanna parou.

“Bem”, disse ela, entre duas tomadas de fôlego, “aí está, milorde. O castelo Rycliff.”

As ruínas do castelo estavam encarapitadas sobre uma formação rochosa e uma saliência de mato que se projetava sobre o mar. Quatro torres de pedra, alguns arcos remanescentes… aqui e ali, trechos de muro. Aquilo era tudo que restava. Ao fundo, abria-se o Canal da Mancha, que assumia, naquele momento em que o sol da tarde ia descendo, um lindo tom de violeta.

O silêncio reinou por um longo minuto enquanto os homens apreciavam a cena. Susanna também ficou quieta, pois tentava enxergar a antiga fortaleza com novos olhos. Quando garota, sentia-se arrebatada pelo romantismo do lugar. Quando alguém enxergava o castelo como uma ruína pitoresca, os muros e céus ausentes eram suas melhores características. As partes faltantes eram o convite para um sonho; inspiravam a imaginação. Mas encarando a ruína como uma possível residência, Susanna acreditava que as partes faltantes inspirariam desconfiança. Ou talvez urticária.

“E a vila?” perguntou ele.

“Vocês podem ver daqui.” Ela os levou através do que restava de um corredor em arco, por um gramado que foi, certa vez, o pátio do castelo, até a falésia, de onde se podia observar a enseada em forma de lua crescente e o vale que protegia aquela comunidade amada por Susanna. Dali, a vila parecia pequena e insignificante. Com um pouco de sorte, ela não chamaria a atenção dos visitantes.

“Vou precisar observá-la de perto, amanhã”, disse ele.

“Não tem nada de mais”, Susanna quis disfarçar. “Apenas uma vila inglesa comum. Não vale a pena desperdiçar seu tempo com ela. Casinhas, igreja, algumas lojas...”

“Certamente deve haver uma pousada”, disse Lorde Payne.

“Há uma pensão”, disse Susanna, afastando-os da borda da falésia. “A Queen’s Ruby, mas receio que esteja completamente ocupada nesta época do ano. Visitantes de verão, vocês entendem, que vêm para aproveitar o mar.” *E fugir de homens como vocês.*

“Não será necessária uma pousada.” Lorde Rycliff caminhava lentamente pelas ruínas. Ele encostou uma mão na parede próxima e a forçou, como se testando sua solidez. “Nós vamos ficar aqui.”

Aquela afirmação foi recebida com incredulidade universal. Até as pedras pareceram duvidar dele, rejeitando suas palavras como falsas.

“Aqui?”, disse o cabo.

“Isso mesmo”, disse Lorde Rycliff. “Aqui! Precisamos começar logo, se quisermos armar o acampamento antes de anoitecer. Vá buscar as carroças, Thorne.”

Thorne assentiu e foi-se imediatamente, descendo pelo caminho por onde tinham vindo.

“Você não pode querer ficar *aqui*”, disse Lorde Payne. “Você já viu isso *aqui*?”

“Eu vi”, respondeu Rycliff. “Estou olhando para isso aqui. E aqui é onde nós vamos acampar. É o que milicianos fazem.”

“Eu não sou miliciano”, disse Payne. “E eu não acampo.”

Susanna imaginou que ele não acampasse. Pelo menos não com aqueles sapatos finos.

“Bem, agora você acampa”, disse Rycliff. “E agora você também é um miliciano.”

“Ah, não. Pense direito, Bram. Você não vai me arrastar para sua brigada de soldadinhos de chumbo.”

“Não estou lhe dando alternativa. Você precisa adquirir um pouco de disciplina, e esta é a oportunidade perfeita.” Ele deu uma olhada ao redor. “Já que você gosta tanto de fazer fogo, pode começar uma fogueira aqui.”

Susanna pôs a mão no braço de Rycliff, na esperança de atrair sua atenção.

E conseguiu. Atenção total e constante. O olhar intenso dele perscrutou o rosto da moça, vasculhando cada traço e defeito.

“Perdoe a interrupção”, disse ela, liberando o braço dele. “Mas isso não é absolutamente necessário. Meu pai pode não ter feito o convite formal, ainda, mas tenho certeza de que ele pretende hospedar vocês em Summerfield.”

“Então agradeça ao seu pai, mas eu declinarei respeitosamente.”

“Por quê?”

“Eu devo defender o litoral. É difícil fazer isso a dois quilômetros da costa.”

“Mas, milorde, o senhor compreende que esse negócio de milícia é só pelas aparências? Meu pai não está realmente preocupado com uma invasão.”

“Talvez ele devesse se preocupar.” Ele olhou para o primo, que, naquele momento, quebrava galhos secos de uma parede coberta por hera. Inclinando a cabeça, Rycliff a puxou de lado. “Srta. Finch, não é aconselhável que soldados se hospedem na mesma casa de damas solteiras. Preocupe-se com sua reputação, caso seu pai não o faça.”

“Preocupar-me com minha reputação?” Ela teve que rir. Então, Susanna

baixou a voz. “Isso vindo do homem que me jogou no chão e me beijou sem permissão?”

“Exatamente.” Os olhos dele ficaram sombrios.

O significado das palavras dele a invadiu em uma onda quente e sensual. Com certeza ele não estava sugerindo que…

Não. Ele não estava sugerindo nada. Aqueles olhos duros de jade passavam uma mensagem muito clara, que ele enfatizou com uma leve contração dos braços maciços: *Sou tão perigoso quanto você supõe. Ou mais...*

“Pegue seu convite gentil e volte para casa com ele. Quando soldados e donzelas vivem sob o mesmo teto, coisas acontecem. E se acontecer da senhorita ficar debaixo de mim novamente…” – o olhar faminto dele percorreu o corpo de Susanna – “não vai me escapar tão facilmente.”

Ela ficou sem ar.

“Você é um animal.”

“Apenas um homem, Srta. Finch. Apenas um homem.”

Capítulo Quatro

Bram disse para si mesmo que estava cuidando da segurança da Srta. Finch enquanto a observava descer o barranco rochoso. Estava contando uma mentira para si mesmo. Na verdade, Bram estava completamente encantado pela imagem dela se retirando, pela forma como suas curvas ondulavam, provocantes, a cada passo que Susanna dava.

Ele iria sonhar com aqueles seios à noite, com a lembrança de tê-los presos debaixo de si, tão macios e quentes.

Maldição. Aquele dia não havia saído como planejado. Àquela hora ele deveria estar a caminho do Quartel de Brighton, preparando-se para zarpar para Portugal e retomar a guerra. Em vez disso, ele havia se tornado… conde, inesperadamente. Preso naquele castelo em ruínas, comprometido com o equivalente militar de uma pré-escola. E para tornar tudo pior, era atormentado pelo desejo por uma mulher que não poderia ter, nem mesmo tocar, se quisesse reconquistar seu comando.

Como se percebesse a situação difícil em que Bram se encontrava, Colin começou a rir.

"O que é tão engraçado?", perguntou Bram.

"É que você não percebe que está sendo um bobo. Não ouviu o que falaram mais cedo? Estamos em Spindle Cove, Bram. *Spindle. Cove.*"

"Você fala como se eu conhecesse esse nome. Não conheço."

"Você realmente precisa frequentar mais as casas noturnas. Deixe-me esclarecer. Spindle Cove, ou Enseada das Solteironas, como a chamamos, é uma vila turística à beira-mar. Famílias boas mandam suas filhas frágeis para se recuperar aqui com o ar marítimo, ou quando não sabem o que fazer com elas. Meu amigo Carstairs mandou a irmã para cá no verão passado, quando ela se apaixonou pelo cavalariço."

“E daí…?”

“Daí que seu plano para uma milícia está condenado antes de começar. As famílias mandam suas filhas para cá porque é seguro. E é seguro porque não tem homens. É por isso que chamam o lugar de Enseada das Solteironas.”

“Tem que haver homens. Não existem vilas sem homens.”

“Bem, podem haver alguns criados e comerciantes, uma ou duas almas com um graveto seco e um par de uvas-passas entre as pernas, mas não há homens *de verdade.* Carstairs nos contou tudo a respeito daqui. Ele não conseguiu acreditar no que encontrou quando veio buscar a irmã. As mulheres daqui são devoradoras de homens.”

Bram mal prestava atenção no primo. Seu olhar estava determinado a registrar os últimos momentos da Srta. Finch, enquanto ela desaparecia à distância. Susanna era como um pôr-do-sol em si mesma, seu cabelo de bronze derretido brilhando enquanto mergulhava na linha do horizonte. Fogosa... Brilhante... Quando ela desapareceu, ele se sentiu instantaneamente mais frio.

E então, somente então, Bram se voltou para o primo tagarela.

“O que você estava dizendo?”

“Nós temos que sair daqui, Bram. Antes que elas peguem nossas bolas para usar como almofada de alfinetes.”

Bram andou até a parede mais próxima, onde apoiou o ombro para descansar o joelho. Droga, a subida era puxada.

“Deixe-me tentar entender”, disse ele, enquanto massageava discretamente a coxa dolorida, fingindo que estava tirando poeira. “Você sugere que nós nos retiremos porque a vila está cheia de solteironas? Desde quando *você* reclama de excesso de mulheres?”

“Essas não são solteironas normais. São… são incontroláveis. E excessivamente instruídas.”

“Oh! Assustador, de fato. Eu mantenho minha posição ao enfrentar um ataque da cavalaria francesa, mas uma solteirona instruída é algo completamente diferente.”

“Você está debochando de mim agora, mas espere para ver. Essas mulheres são uma raça à parte.”

“Essas mulheres não me dizem respeito.”

A não ser uma delas, que não morava na vila. Ela vivia em Summerfield, era filha de Sir Lewis Finch e absolutamente proibida – não importava o quanto ele suspeitasse que a Srta. Finch poderia virar um furacão na cama.

Colin podia falar os absurdos que quisesse sobre mulheres instruídas. Bram

sabia que as mulheres inteligentes eram sempre as melhores amantes. Ele também admirava uma mulher que soubesse algo do mundo além de moda e teatro. Para ele, escutar a Srta. Finch explicar como o exército de Napoleão estava enfraquecido era igual a ouvir uma cortesã lendo versos eróticos. Excitante além da medida. E então ele cometeu aquele erro idiota, embora inevitável, de imaginá-la nua. Aquele cabelo luminoso e a pele leitosa esparramados sobre lençóis brancos…

Para interromper aquele fluxo de pensamento erótico, Bram apertou com força o músculo contraído de sua coxa. A dor abriu espaço por entre a persistente nuvem de desejo.

Ele pegou a garrafa no bolso do casaco e tomou um gole estimulante de uísque.

“As mulheres não me dizem respeito”, repetiu ele. “Estou aqui para treinar os homens locais. E há homens aqui, em algum lugar. Pescadores, agricultores, comerciantes, criados... Se é verdade o que você diz, e eles estão em menor número do que as mulheres… Bem, então eles estarão ansiosos por uma chance para exercitar os músculos, provar seu valor.” Assim como ele estava.

Bram caminhou até a entrada e ficou aliviado ao ver as carroças se aproximando. Ele não conseguiria continuar perdido em pensamentos sensuais com trabalho para ser feito. Armar tendas, dar água e comida aos cavalos, fazer uma fogueira.

Após um último gole, ele fechou a garrafa e a enfiou no bolso.

“Vamos examinar melhor este lugar antes que escureça.”

Eles começaram pelo centro e foram abrindo o perímetro. Claro que o centro atual não era o verdadeiro centro, pois metade do castelo havia caído no mar.

Virando para o norte, Bram percebeu que o arco por onde entraram era a portada original. Paredes saíam pelos dois lados daquela estrutura. Mesmo nos lugares em que as paredes desmoronaram, era possível encontrar facilmente os lugares onde elas existiram. Ali, saindo do muro externo do castelo, saliências cobertas de musgo marcavam as paredes internas. Ao sul, do lado do mar, torres redondas ligadas por corredores de pedra, sem janelas, formavam uma espécie de trevo de quatro folhas no alto da falésia.

“Aqui devia ser a casa da guarda”, refletiu ele, enquanto passava pela entrada em arco, para se colocar no centro das quatro torres.

Colin entrou em uma das torres vazias e escuras.

“As escadas estão intactas, pois são de pedra, mas é claro que o piso de madeira se foi há muito tempo.” Ele inclinou a cabeça e espiou para os cantos

escuros acima. “Impressionante coleção de teias de aranha. Esse barulho são andorinhas chilreando?”

“Esse barulho?” Bram prestou atenção. “São morcegos.”

“Claro. Morcegos. Então essa porcaria sobre a qual estou seria… Maravilha.” Ele voltou ao pátio, onde tentou limpar as solas dos sapatos no musgo. “Lugarzinho encantador que você tem aqui, primo.”

E *era* encantador. Depois que o céu escureceu, um manto de estrelas apareceu acima das ruínas do castelo. Bram sabia que havia tomado a decisão certa ao recusar o convite para ficar em Summerfield. Todas as preocupações com dever e autocontrole à parte, ele nunca se sentiu à vontade dentro daquelas mansões formais inglesas. As vergas das portas eram muito baixas para ele, e as camas, muito pequenas. Aquelas casas não eram para ele, e ponto final.

O campo aberto era onde ele se sentia bem. Bram não precisava de um lugar como Summerfield. Contudo, seu estômago vazio começava a argumentar que ele deveria, pelo menos, ter aceitado uma refeição à mesa de Sir Lewis.

Um balido fraco chamou sua atenção para baixo. Um cordeiro estava a seu pé, fuçando a borla de sua bota.

“Oh, veja”, disse alegremente Colin. “O jantar.”

“De onde veio este bicho?”

Thorne se aproximou.

“Ele veio com a gente. Os condutores dizem que está fuçando as carroças desde as explosões.”

Bram examinou a criatura. Devia ter se separado da mãe. Àquela altura do verão, ele já devia ter passado da idade de desmame. Também já tinha passado da idade de parecer bonitinho. O cordeiro olhou para ele e soltou outro balido queixoso.

“Será que nós temos geleia de menta?”, perguntou Colin.

“Não podemos comer este cordeiro”, disse Bram. “Este animal pertence a alguém da região, e essa pessoa vai sentir sua falta.”

“Essa pessoa nunca irá saber.” Um sorriso carnívoro se espalhou pelo rosto do primo enquanto ele passava a mão pelo flanco lanoso do cordeiro. “Nós vamos destruir as provas.”

Bram balançou a cabeça.

“Não vai acontecer nada disso. Desista de suas fantasias de costeleta de cordeiro. A casa dele não pode estar longe. Vamos encontrá-la amanhã.”

“Bem, nós temos que comer algo esta noite, e não estou vendo alternativa.”

Thorne apareceu caminhando em direção à fogueira, com uma braçada de

lebres já abertas e desentranhadas.

“Aqui está sua alternativa.”

“Onde você encontrou isso?”, perguntou Colin.

“No brejo.” Agachando-se, Thorne pegou uma faca em sua bota e começou a tirar a pele dos animais com eficiência implacável. O cheiro forte de sangue logo se misturou com o de fumaça e cinzas.

Colin encarou o soldado.

“Thorne, você me assusta. E não tenho vergonha de dizer isso.”

“Você vai aprender a admirá-lo”, disse Bram. “Thorne sempre consegue uma refeição. O nosso regimento era o mais bem abastecido da península.”

“Bem, pelo menos isso satisfaz um tipo de fome”, disse Colin. “Agora, quanto à outra... Tenho uma necessidade insaciável de companhia feminina que precisa ser resolvida. Eu não durmo sozinho.” Ele olhou para Bram e Thorne. “O que foi? Vocês acabaram de voltar de anos na península. Era de se imaginar que vocês estivessem salivando.”

Thorne bufou.

“Existem mulheres na Espanha e em Portugal.” Ele pôs de lado uma carcaça esfolada e pegou outra lebre. “E eu já encontrei uma por aqui.”

“Quê?”, Colin balbuciou. “Quem? Quando?”

“A viúva que nos vendeu ovos na estrada. Ela vai ficar comigo.”

Colin olhou para Bram como se dissesse: *Eu devo acreditar nisso?*

Bram deu de ombros. Thorne era um homem habilidoso. Em todos os lugares em que haviam acampado, ele sempre arrumava caça e conseguia uma mulher local. Ele nunca pareceu se apegar a nenhuma delas. Ou talvez fossem as mulheres que não se apegassem a Thorne.

Apego era um problema para Bram. Ele era um oficial, um cavalheiro de bens e, descontando-se as exceções, ele gostava de conversar com uma mulher antes de copular com ela. Juntas, essas atividades pareciam encorajar as mulheres a se apegarem, e envolvimento romântico era um luxo ao qual ele não podia se dar.

Colin endireitou-se, visivelmente incomodado.

“Espere só um minuto. Eu aceito ser superado quando se trata de caçar animais, mas não serei superado em se tratando de… caçar fêmeas. Você não tem como saber, Thorne, mas minha reputação é lendária. Lendária! Dê-me um dia na vila. Não me importa que elas *sejam* macacas solteironas. Vou estar debaixo das saias delas muito antes de você, e com mais frequência.”

“Mantenham as calças no lugar, vocês dois.” Bram deu um empurrão mal-

humorado no cordeiro que tinha adormecido sobre seu joelho. “A única forma de cumprirmos nossa missão, para podermos ir embora deste lugar, é conseguindo a cooperação dos homens daqui. E eles não estarão dispostos a cooperar, se estivermos ocupados seduzindo suas irmãs e filhas.”

“O que é que você está falando, Bram?”

“Estou falando ‘nada de mulheres’. Não enquanto estivermos acampados aqui.” Ele olhou para Thorne. “É uma ordem.”

O cabo não respondeu. Apenas atravessou as duas lebres esfoladas com um espeto feito de um galho afiado.

“Desde quando eu recebo ordens de você?”, perguntou Colin.

Bram olhou-o de frente.

“Desde que meu pai morreu e eu voltei da península para encontrar você afundado em dívidas. Não aprecio esse dever, mas sou o responsável por sua fortuna pelos próximos meses. Enquanto eu estiver pagando suas contas, você fará o que eu digo. A menos que você se case, o que nos pouparia de muitos dissabores pelo resto do ano.”

“Ah, sim. Porque o casamento é uma ótima forma para um homem evitar dissabores.” Colin levantou-se de um pulo e afastou-se na direção das sombras.

“Aonde você pensa que está indo?”, chamou Bram. Colin podia ficar emburrado como um adolescente, mas devia ter cuidado. Eles não tinham verificado a segurança de todo o castelo, e a falésia estava perto…

“Eu vou urinar, caro primo. Ou você quer que eu mantenha as calças no lugar para isso também?”

Bram não estava mais alegre do que Colin quanto àquela missão. Parecia ridículo que um homem de 26 anos, um visconde desde pequeno, precisasse de um tutor. Mas os termos de sua herança – com o intuito de encorajar a produção de um herdeiro legítimo – estipulavam claramente que a fortuna de Payne fosse mantida sob tutela até que ele se casasse ou completasse 27 anos.

Enquanto Colin fosse sua responsabilidade, Bram não imaginava forma melhor de lidar com a situação do que transformar seu primo em soldado. Ele já tinha conseguido incutir noções de disciplina e responsabilidade em sujeitos muito menos promissores. Desertores, devedores, criminosos inveterados… o homem sentado do outro lado do fogo, por exemplo. Se Samuel Thorne tinha se saído bem, então havia esperança para qualquer homem.

“Amanhã vamos começar a recrutar voluntários”, disse Bram a seu cabo.

Thorne anuiu e virou as lebres no fogo.

“A vila parece um bom lugar para começar.”

Outro movimento de cabeça quase imperceptível.

“Cães pastores”, Thorne falou, algum tempo depois. “Talvez eu consiga alguns. Seriam úteis. Por outro lado, galgos são melhores para caçar.”

“Nada de cães”, disse Bram. Ele não gostava de animais de estimação. “Ficaremos aqui por apenas um mês.”

Um farfalhar nas sombras fez com que os dois virassem a cabeça. Um morcego, talvez. Ou uma cobra. Mas, então, ele supôs que provavelmente fosse apenas um rato.

“O que nós precisamos neste lugar”, disse Thorne, “é de um gato.”

Bram fez uma carranca.

“Pelo amor de Deus, não vou adquirir um gato.”

Thorne olhou para o animal lanoso sobre o joelho do coronel e ergueu a sobrancelha.

“O senhor parece ter adquirido um cordeiro, milorde.”

“O cordeiro vai embora amanhã.”

“E se não for?”

“Vai virar nosso jantar.”

Capítulo Cinco

Em uma vila de mulheres, os segredos tinham expectativa de vida menor que mosquitos. No instante em que abriu a porta da loja *Tem de Tudo,* da Sra. Bright, na manhã seguinte, Susanna foi inundada com perguntas. Ela deveria estar à espera daquele ataque. Moças se amontoaram ao redor dela, como galinhas atrás do milho, ciscando pedaços de informação.

"É verdade o que ouvimos? O que estão dizendo é verdade?", perguntou Sally, 19 anos, a segunda filha da Sra. Bright, debruçando-se sobre o balcão.

"Isso depende." Susanna levantou as mãos para desamarrar o laço de seu chapéu. Enquanto ela soltava os nós, a expectativa dentro da loja cresceu num nível palpável.

"Depende de quê?"

"De quem são essas pessoas que estão falando e exatamente o que elas falaram", Susanna falou com calma. Alguém tinha que ter calma.

"Dizem que fomos invadidas!", disse Violet Winterbottom. "Por *homens*."

"O que mais poderia nos invadir? Lobos?"

Susanna passou os olhos pela loja, enquanto fazia uma pausa para organizar os pensamentos e apreciar aquela beleza familiar. Aquela visão nunca deixava de encantá-la. Na primeira vez em que entrou na loja *Tem de Tudo,* ela sentiu como se tivesse encontrado a caverna do tesouro de Ali Babá.

A frente da loja, cuja face dava para o sul, era composta por janelas em formato de losangos que permitiam a entrada abundante do sol dourado. Cada uma das outras três paredes estava coberta, do chão até o teto alto, por prateleiras lotadas de produtos pitorescos de todos os tipos: rolos de seda e renda, penas para escrever e frascos de tinta, botões e adornos, carvão e pigmentos, confeitos e limões em conserva, pós para os dentes, pó de arroz e mais, muito mais – tudo aquilo brilhando ao sol do meio-dia.

“A auxiliar de cozinha da pensão soube pelo irmão”, disse Sally, as faces rosadas de empolgação. “Que grupo de soldados acampou no alto da falésia.”

“É verdade que tem um lorde entre eles?”, perguntou Violet.

Susanna tirou o chapéu e o colocou de lado.

“Verdade, alguns soldados estão temporariamente acampados nas ruínas do castelo. E não, não tem um lorde no grupo.” Ela fez uma pausa. “Tem dois.”

O grito de empolgação provocado por aquela declaração chegou a lhe doer nos ouvidos. Ela olhou para Sally.

“Você pode me mostrar de novo aqueles dois carretéis de renda? Aqueles que eu vi na quinta-feira passada? Não consegui me decidir entre…”

“Deixe a renda para lá”, disse Sally. “Fale mais desses cavalheiros. Não seja cruel, você sabe que estamos morrendo de curiosidade.”

“Srta. Finch!” Uma mulher inesperada abriu caminho até ela. “Srta. Finch, o que é isso a respeito de lordes?”

“Sra. Highwood?” Susanna piscou, descrente, ao ver a viúva coberta de rendas. “O que a senhora ainda está fazendo por aqui?”

“Estamos todas aqui”, disse Minerva, em pé atrás da mãe, braços dados com Charlotte. Do balcão, Diana fez um aceno tímido.

De algum modo, Susanna não percebeu a presença delas durante o tumulto inicial.

“Mas… Mas eu vi sua carruagem indo embora ontem.”

“Mamãe a enviou para buscar nossas coisas”, disse Charlotte, ficando na ponta dos pés. “Vamos ficar em Spindle Cove durante o verão! Não é maravilhoso?”

“É.” Susanna riu, aliviada. “É sim. Estou feliz.”

Até a Sra. Highwood sorriu.

“Eu apenas senti que era a decisão correta. Minhas amigas sempre dizem que minha intuição é imbatível. Ora, e não é que esta manhã dois lordes aparecem na região? Enquanto estamos aqui Diana pode se recuperar *e* casar.”

Hum. Susanna não tinha tanta certeza *disso*.

“Agora conte-nos tudo sobre eles”, insistiu Sally.

“Na verdade, não há muito o que contar. Três cavalheiros chegaram na tarde de ontem. Eles são o tenente-coronel Bramwell, o cabo Thorne e o primo de Bramwell, Lorde Payne. Por seus serviços à Coroa, Bramwell recebeu o título de Conde de Rycliff. O castelo é dele.” Ela se voltou para Sally. “Posso ver a renda agora?”

“O castelo é dele?”, perguntou Violet. “Como pode? O homem apenas entra

marchando numa cidade e, de repente, um castelo com séculos de idade torna-se dele?”

A Sra. Lange bufou.

“Assim são os homens. Sempre tomando, nunca pedindo.”

“Aparentemente, ele recebeu o título em reconhecimento à sua bravura”, disse Susanna. “Ele recebeu a tarefa de estabelecer uma milícia local e fazer uma inspeção. O Festival de Verão dará lugar a demonstrações militares.”

“O quê?”, exclamou Charlotte. “Não vai haver Festival de Verão? Mas eu estava contando com isso.”

“Eu sei, querida. Todas nós contávamos com isso, mas vamos encontrar outras formas de nos divertir durante o verão, não tenha dúvida.”

“Tenho certeza de que sim.” Sally olhou para ela com malícia. “Ora essa. Dois lordes e um soldado... Não é de admirar que você esteja atrás de renda esta manhã, Srta. Finch. Com os cavalheiros por perto, todas vocês vão querer cuidar da aparência.”

Diversas moças se aproximaram dela para investigar os produtos com interesse renovado.

A Srta. Kate Taylor não se juntou a elas. Em vez disso, cruzou a loja para se aproximar de Susanna. Professora de música de Spindle Cove, Kate era uma das poucas residentes da pensão que ficava lá o ano inteiro.

“Você parece preocupada”, disse Kate, em voz baixa.

“Não estou”, mentiu ela. “Nós trabalhamos tanto para erguer esta comunidade, e nossa causa é importante demais. Não vamos deixar que alguns homens nos dividam.”

Kate olhou para as outras mulheres.

“Parece que isso já começou.”

O grupo de moças havia se dividido em dois: as que absorviam avidamente os conselhos de beleza de Sally Bright se reuniram à esquerda. À direita, as remanescentes formavam um bolo defensivo, que olhava com preocupação para seus sapatos e suas luvas.

Susanna temia exatamente aquela reação. Um punhado de moças de Spindle Cove podia se tornar vítima da febre escarlate e sair em perseguição aos casacos-vermelhos, enquanto a maioria tímida e desajeitada retornaria para suas conchas protetoras, como os caranguejos eremitas.

“Diana precisa de uma fita nova”, decidiu a Sra. Highwood. “Rosa-coral. Ela sempre fica bem de rosa-coral. E verde-escuro para Charlotte.”

“E para a Srta. Minerva?”, perguntou Sally.

A Sra. Highwood fez um gesto de pouco caso.

“Nada de fita para Minerva. Ela embaraça as fitas tirando e pondo esses óculos.”

Susanna esticou o pescoço para observar a garota de óculos em questão, preocupada com seus sentimentos. Felizmente, Minerva havia se afastado para os fundos da loja, onde parecia interessada em alguns frascos de tinta. A filha do meio da Sra. Highwood não possuía o que se pode chamar de beleza convencional; mas, por trás daqueles óculos, vivia uma inteligência aguçada, que não precisava ser enfeitada por uma fita.”

“Como são esses homens?”, Charlotte perguntou para Susanna. “São incrivelmente lindos?”

“O que isso tem a ver?”

A Sra. Highwood anuiu com ar sábio.

“Charlotte”, disse ela, “a Srta. Finch tem toda razão. Não faz diferença se esses lordes são bem apessoados. Desde que possuam uma boa fortuna. A aparência murcha, o ouro não.”

“Sra. Highwood, as jovens não precisam se preocupar com aparência ou fortuna desses homens, nem com a cor favorita de suas fitas. Eu acredito que eles não irão conviver socialmente conosco.”

“O quê? Eles têm que conviver conosco. Eles não podem ficar só lá, naquele castelo úmido.”

“Por mim, quanto mais longe ficarem, melhor”, murmurou Susanna, mas ninguém ouviu aquela observação estranhamente ácida, porque, naquele momento, Finn e Rufus Bright apareceram na porta da loja.

“Eles estão chegando!”, gritou Finn. “Nós os vimos…”

Seu irmão gêmeo concluiu a frase:

“Mais adiante na rua. Nós vamos cuidar dos cavalos deles.” Os dois desapareceram com a mesma rapidez com que surgiram.

Oportunidades para aprender existiam em todos os lugares, acreditava Susanna. Ela aprendia uma coisa nova todos os dias. Naquela manhã ela aprendeu como era estar no meio de uma debandada de antílopes.

Cada mulher que estava na loja passou apressadamente por ela, empurrando e tentando chegar às janelas em losango para observar os homens que se aproximavam. Ela se espremeu contra a porta e segurou a respiração até a poeira baixar.

“Oh!”, disse Sally, “eles são lindos.”

“Oh!”, fez a Sra. Highwood, aparentemente agitada demais para encontrar

uma palavra. “Oh!”

“Não consigo ver nada”, resmungou Charlotte, batendo os pés. “Minerva, seu cotovelo está na minha orelha.”

Susanna ficou na ponta dos pés e esticou o pescoço para enxergar. Ela não precisava se esticar tanto. Havia momentos em que sua altura absurda era útil.

Lá estavam eles. Todos os três, desmontando de seus cavalos, na praça do vilarejo. Os garotos Bright pegaram, ansiosos, as rédeas.

Espremendo-a por todos os lados, as moças se derreteram pelas feições atraentes de Lorde Payne e por sua atitude cortês. Susanna não conseguiu olhar para ele. Sua atenção foi atraída imediata e diretamente pelo horrível Lorde Rycliff, que parecia mais sombrio e medieval do que nunca, com seu rosto não barbeado e aquele desavergonhado cabelo comprido, amarrado em um rabo de cavalo grosso à nuca. Ela não conseguia deixar de olhar para ele. E ela não conseguia olhar para ele sem… *senti-lo.* Seu calor sólido contra o peito dela. Sua mão forte segurando seu delicado cotovelo. Seus lábios quentes tocando os dela...

“Meu Deus”, Kate suspirou em seu ouvido. “Eles são tão… másculos, não são?”

Sim, pensou Susanna. Que Deus a ajudasse, pois *ele* era.

“E aquele moreno é assustadoramente grande.”

“Você precisa senti-lo de perto.”

Kate arregalou os olhos e uma risada admirada irrompeu de seus lábios.

“O que você disse?”

“Ahn… eu disse que você precisa vê-lo de perto.”

“Não. Não foi isso. Você disse que eu preciso *senti-lo* de perto.” Os olhos castanhos de Kate faiscaram com malícia.

Sentindo as orelhas quentes de constrangimento, Susanna agitou a mão, fazendo pouco caso.

“Sou uma curadora. Faço avaliações com as mãos.”

“Se você pensa assim...” Kate voltou-se para a janela.

“Imagino que isso quer dizer que teremos de cancelar nossa reunião desta tarde?”, Violet suspirou alto.

“Claro que não”, respondeu Susanna. “Não temos que alterar nossos planos. O mais provável é que esses homens não nos incomodem. Mas se o novo Lorde Rycliff e seus acompanhantes querem tomar chá… Precisaremos recebê-los da melhor forma.”

Essa afirmação foi recebida com um surto de entusiasmo e um ciclone de

preocupação. Objeções se levantaram ao redor dela.

“Srta. Finch, eles não vão entender. Vão debochar de nós, como os cavalheiros da cidade.”

“Ora, como vou me apresentar para um conde? Não tenho nenhuma roupa fina para vestir.”

“Vou morrer de vergonha. Vou *morrer* de verdade.”

“*Moças*”, Susanna ergueu a voz. “Não há motivo para preocupações. Vamos fazer o que sempre fizemos. Dentro de um mês, esse negócio de milícia estará encerrado e esses homens terão ido embora. Nada vai mudar em Spindle Cove por causa da visita deles.”

Pelo bem de suas amigas, Susanna precisava manter a fachada de coragem frente àquela invasão. Mas ela sabia, enquanto espiava pela pequena vigia da porta, que suas palavras eram falsas. Era tarde demais... As coisas já estavam mudando em Spindle Cove.

Algo havia mudado *nela*.

Após desmontar de seu cavalo, Bram ajeitou o casaco e observou o lugar.

“Uma vila bem decente”, refletiu. “Bastante encantadora.”

“Eu sabia”, disse Colin e acrescentou uma maldição petulante.

A praça era grande, pontuada pelas sombras das árvores. Do outro lado da rua, havia uma fileira de edificações bem arrumadas. Ele imaginou que a maior devia ser a pousada. Ruelas estreitas de terra com casinhas saíam do centro da vila, acompanhando os contornos do vale. O lado da vila que dava para a enseada tinha um grupo de casas humildes. Bram imaginou que fossem as residências dos pescadores. No centro da praça elevava-se a igreja – uma catedral alta, notavelmente grandiosa para uma vila daquele tamanho. Ele imaginou que fosse remanescente da cidade portuária medieval que Sir Lewis havia mencionado.

“Este lugar é limpo”, disse Colin, com cuidado. “Limpo demais. E sossegado demais. Não é natural. Isso me dá arrepios.”

Bram tinha de admitir que a cidade era estranhamente imaculada e assustadoramente vazia. Cada pedra do calçamento brilhava. As ruelas de terra não tinham detritos. Todas as fachadas de lojas e casas ostentavam floreiras de janela transbordando gerânios vermelhos.

Um par de garotos veio correndo na direção deles.

“Podemos ajudar com os cavalos, Lorde Rycliff?”

Lorde Rycliff? Então já o conheciam. As notícias corriam em vilas pequenas, imaginou ele.

Bram entregou as rédeas a um dos jovens ansiosos de cabelos muito claros.

“Como se chamam, garotos?”

“Rufus Bright”, disse o que estava à esquerda. “E este é Finn.”

“Somos gêmeos”, explicou Finn.

“Não diga.”

Bright era um nome adequado aos garotos com aquela cabeleira incandescente, tão loira que parecia branca.

“Está vendo?”, ele se dirigiu a Colin. “Eu falei que este lugar tinha homens.”

“Eles não são homens”, retrucou Colin. “São garotos.”

“Eles não brotaram do solo. Se existem crianças, devem existir homens. E mais, homens cujo pau não murchou e virou um graveto.” Ele se voltou para um dos meninos. “O pai de vocês está por perto?”

A cabeleira clara agitou-se negativamente.

“Ele… ahn, não está aqui.”

“Quando vocês imaginam que ele volta?”

Os gêmeos se entreolharam com expressão de cautela.

Finalmente, Rufus falou.

“Não sei dizer, milorde. Errol, nosso irmão mais velho, viaja para lá e para cá, trazendo produtos para vender na loja. Nós somos os donos da *Tem de Tudo*, do outro lado da rua. Quanto ao nosso pai… faz tempo que ele não aparece.”

“A última vez foi há quase dois anos”, disse Finn. “Ele ficou tempo suficiente apenas para fazer outro bebê na nossa mãe e distribuir sopapos no resto de nós. Ele gosta mais de bebida do que dos filhos.”

Rufus cutucou o gêmeo com o cotovelo.

“Agora chega de espalhar os assuntos da família. O que você vai revelar agora? Os remendos nos seus fundilhos?”

“Ele perguntou do nosso pai. Eu contei a verdade.”

A verdade era uma vergonha danada. Não apenas porque aqueles garotos tinham um bêbado ausente como pai, mas porque Bram poderia ter usado um Sr. Bright sóbrio na milícia. Ele examinou os garotos diante dele. Tinham 14, talvez 15 anos. Um pouco jovens demais para terem alguma utilidade.

“Você pode nos mostrar onde fica o ferreiro?”, pediu Bram.

“Seu cavalo perdeu uma ferradura, milorde?”

“Não. Mas tenho outro serviço para ele.” Bram precisava encontrar os homens mais fortes e capazes da vila. O ferreiro seria um bom começo.

Conforme a manhã foi passando, Bram começou a entender por que o Sr. Bright se voltou para a bebida.

Aquela deveria ser uma tarefa simples. Como tenente-coronel ele havia sido responsável por mil soldados de infantaria. Ali, ele precisava de apenas vinte e quatro homens para formar uma força de voluntários. Após uma hora vasculhando a vila, ele conseguiu menos indivíduos aptos do que os dedos de uma das mãos. Talvez menos do que poderia contar em um polegar.

Descobrir a ausência do Sr. Bright foi apenas a primeira decepção, seguida de perto por sua visita ao ferreiro. Este, Aaron Dawes, era um sujeito robusto e maciço, como geralmente eram os ferreiros. Apenas pelas aparências, Bram teria considerado aquele um candidato excelente. O que o fez hesitar, contudo, ao entrar na forja, foi encontrar o homem não ferrando um cavalo ou martelando a lâmina de um machado, mas moldando meticulosamente a dobradiça de um broche gracioso.

Depois foi o vigário. Bram julgou prudente parar na igreja para se apresentar. Ele esperava conseguir explicar sua missão militar e obter o apoio do clérigo no recrutamento dos homens da região. O vigário, um certo Sr. Keane, era jovem e parecia bastante inteligente, mas aquele sujeito agitado só conseguia falar de um tal Corpo Auxiliar de Senhoras e das novas almofadas bordadas para os bancos.

“Não diga que eu não lhe avisei”, disse Colin, quando saíram da desanimadora reunião com Keane.

“Que tipo de vigário usa um colete cor-de-rosa?”

“Um vigário de Spindle Cove. O que foi que eu lhe disse, Bram? Gravetos secos. Uvas-passas.”

“Deve haver outros homens. Homens de verdade. Em algum lugar.”

Tinha que haver outros. Os pescadores estavam todos no mar, era óbvio, de modo que suas casas na enseada não teriam homens durante o dia. Com certeza haveria agricultores na zona rural, mas provavelmente teriam viajado até o mercado mais próximo, pois era sábado.

Naquele momento, Bram imaginou que só haveria um lugar com a probabilidade de encontrarem homens. O local preferido, havia muito tempo, de recrutadores do exército e da marinha.

“Vamos até a taverna”, disse ele. “Preciso de uma bebida.”

“Eu preciso de um bife”, disse Thorne.

“E eu preciso de uma prostituta”, falou Colin. “Eles têm isso em vilas litorâneas? Prostitutas de taverna?”

“Deve ser ali.” Ele atravessou a praça, na direção de um estabelecimento de

aparência alegre, com a placa tradicional de taverna pendurada sobre a entrada. Graças a Deus! Aquilo era quase tão bom quanto voltar para casa. Os verdadeiros pubs ingleses, pelo menos, com seus cantos frios e escuros, e piso grudento, eram o real domínio dos homens.

Bram diminuiu o passo quando eles se aproximaram da entrada. Olhando mais de perto, aquilo não se parecia com nenhuma taverna em que ele tinha estado. Havia cortinas de renda na janela. Acordes delicados de piano chegavam flutuando até ele. E a placa pendurada sobre a porta dizia…

"Por favor, diga que não está escrito o que eu estou lendo."

"O Amor-Perfeito", seu primo leu em voz alta, em tom horrorizado. "Casa de chá e doces."

Bram praguejou. A coisa ia ser feia.

Corrigindo: quando abriu a porta vermelha do estabelecimento, ele percebeu que a coisa não ia ser feia, de modo algum. Tudo seria muito *bonito*, além de todos os limites da tolerância masculina.

Capítulo Seis

“Desculpe, primo.” Colin bateu a mão no ombro de Bram quando eles entraram no estabelecimento. “Eu sei que você odeia quando eu estou certo.”

Bram observou a cena. Nada de chão grudento, sem cantos escuros e úmidos, sem homens.

O que ele viu foram diversas mesas com toalhas adamascadas brancas. Em cima de cada uma, um vaso de cerâmica com flores silvestres frescas, e, ao redor delas, sentava-se um grupo de moças. No total, deviam ser umas vinte. Bem-vestidas, com laços e, em alguns casos, óculos. E pareciam surpresas pelo surgimento dos homens.

A música do piano morreu súbita e rapidamente. Então, como se orquestradas, as garotas voltaram-se ao mesmo tempo para o centro do salão, obviamente procurando orientação de sua líder: Srta. Susanna Finch.

Bom Deus. A Srta. Finch era a abelha-rainha da colmeia das solteironas? Seu cabelo de bronze derretido era um lampejo de beleza indômita em meio à beleza comum do resto do ambiente. E suas sardas desalinhadas não combinavam com aquela serenidade organizada. Apesar de ter toda a intenção de permanecer indiferente, Bram sentiu seu sangue esquentar até chegar a uma fervura incontrolável.

“Ora, Lorde Rycliff. Lorde Payne. Cabo Thorne. Que surpresa.” Ela se levantou da cadeira e fez uma reverência. “Não querem se juntar a nós?”

“Vamos! Pelo menos vamos comer...”, murmurou Colin. “Onde duas ou mais mulheres se reúnem deve haver comida. Tenho certeza de que isso está na Bíblia.”

“Sentem-se.” A Srta. Finch apontou para eles uma mesa com cadeiras vazias, junto à parede.

“Você é nosso homem de infantaria.” Colin empurrou o primo para frente.

“Você primeiro.”

Bram relaxou e caminhou até uma cadeira vazia, abaixando-se para evitar as vigas do teto, sentindo-se o proverbial elefante na loja de louça. À volta dele, mulheres frágeis seguravam xícaras quebradiças em suas mãos delicadas. Elas acompanhavam os movimentos deles com olhos arregalados em seus rostos de porcelana. Bram desconfiou que, se fizesse um movimento repentino, poderia destruir toda aquela cena.

“Vou pegar bebidas para vocês”, disse Susanna.

Ah, não. Ela não iria deixá-lo sozinho no meio de toda aquela delicadeza. Bram puxou a cadeira e a segurou para ela.

“Meu primo pode fazer isso. Sente-se, Srta. Finch.”

Um brilho de surpresa faiscou em seu rosto, enquanto ela sentava. Bram pegou a cadeira ao lado para si. Após suas observações matutinas e os avisos sinistros de Colin, ele percebeu que algo de muito estranho estava acontecendo naquela vila... E o que quer que fosse, a Srta. Finch iria se sentar e explicar para ele.

Claro, assim que ela sentou ao seu lado, Bram percebeu que sua capacidade de concentração diminuiu imediatamente. O tamanho exíguo da mesa os obrigava a ficar muito próximos, com o ombro dela roçando seu braço. A partir disso era fácil demais imaginar outras formas agradáveis de fricção. Lembrar da sensação do corpo dela sob o seu.

A música recomeçou. Uma xícara de chá apareceu sobre a mesa.

Ela se aproximou, banhando-o com seu aroma de estufa.

“Leite ou açúcar?”, perguntou Susanna, com um murmúrio abafado.

Diabos! Ela estava lhe oferecendo chá. Mas o corpo dele reagiu como se ela estivesse nua à sua frente, equilibrando a leiteira em uma das mãos e o açucareiro na outra, e perguntando qual substância ele gostaria de lamber em sua pele nua.

Os dois. Os dois, por favor.

“Nada.” Controlando-se frente à tentação, Bram pegou a garrafa no bolso do casaco e acrescentou uma dose generosa de uísque à sua xícara fumegante. “O que está acontecendo aqui?”

“Esta é nossa reunião semanal. Como lhe contei ontem, as mulheres de Spindle Cove têm uma programação. Às segundas, caminhadas pelo campo. Às terças, banho de mar. Nós passamos as quartas-feiras no jardim e…”

“Sei, sei”, disse ele, coçando o rosto não barbeado. “Eu lembro da programação. Às quintas espero que você abrigue cordeiros órfãos.”

Ela continuou, serena.

“Além de nossas atividades em grupo, cada mulher segue seus próprios interesses. Arte, música, ciências, poesia. Aos sábados, nós comemoramos nossas realizações pessoais. Estas reuniões ajudam as moças a desenvolver autoconfiança antes que voltem à sociedade.”

Bram não conseguia imaginar como a moça que tocava piano naquele momento podia ter pouca autoconfiança na sociedade. Ele próprio tinha pouca habilidade musical, mas sabia reconhecer o verdadeiro talento quando o ouvia. Aquela jovem extraía sons do instrumento, que ele não sabia que um piano poderia produzir; cascatas de risos e sinceros suspiros lamuriosos. E a garota era bonita, além de tudo. Observando-a de perfil, ele notou o volumoso cabelo castanho e as feições delicadas. Ela não era o tipo preferido de Bram, mas possuía certa beleza que nenhum homem poderia negar.

E enquanto a garota tocava, Bram quase conseguiu controlar seu desejo por Susanna Finch. Apenas um gênio musical seria capaz disso.

“Aquela é a Srta. Taylor”, sussurrou Susanna. “Ela é nossa professora de música.”

Colin chegou, colocando uma travessa no centro da mesa e ajudando a diminuir o constrangimento.

“Aí está”, disse ele. “Comida.”

“Tem certeza?”, perguntou Bram, após observar o conteúdo da travessa, que estava repleta de doces pequeninos e de bolos minúsculos, cada um com uma cobertura de um tom pastel diferente. Rosetas e pérolas de açúcar enfeitavam aqueles bocados refinados.

“Isto não é *comida*.” Bram pegou um bolo com cobertura lavanda, segurando-o entre polegar e indicador e o observou. “Isto é… enfeite comestível.”

“É comestível, e isso é tudo que me importa.” Colin enfiou na boca um pedaço de bolo de sementes.

“Ah, esses cor de lavanda são a especialidade do Sr. Fosbury.” Ela apontou o bolo na mão de Bram e pegou um igual para si. “São recheados com geleia de groselha que ele mesmo faz. Divino!”

“Um *senhor* Fosbury fez isto?” Bram ergueu o bolo lavanda.

“Claro! Faz uma geração que ele é o dono deste lugar. Antes era uma taverna.”

Então aquele lugar *tinha sido* uma taverna com canecos de cerveja de verdade, era de se imaginar. E torta de rins, e bifes tão malpassados que podia-se

ouvir o boi mugindo. O estômago de Bram soltou um ronco desesperado.

"O que faz o dono de uma taverna começar a preparar bolos?" Ele passou os olhos pelo lugar, tão refinado e alegremente decorado. Na janela, cortinas de renda esvoaçavam, joviais, debochando dele *e* de seu docinho com cobertura lavanda.

"As coisas mudam", disse Susanna. "Depois que a pensão virou um refúgio de moças, a alteração na estratégia de negócio dele foi o mais lógico."

"Entendo. Então este lugar não é mais uma taverna. É uma casa de chá. Em vez de comida nutritiva, de verdade, encontramos aqui essa variedade absurda de doces. Vocês reduziram um homem decente, trabalhador, a alguém que faz rosinhas com glacê para sobreviver."

"Bobagem. Nós não reduzimos o Sr. Fosbury a nada."

"O diabo que não reduziram. Vocês… o fizeram murchar, virar uma uva-passa." Bram jogou o bolo na travessa, enojado, e procurou onde limpar a cobertura lavanda de seus dedos. No fim, ele deixou manchas violeta na toalha de mesa adamascada e se divertiu com o olhar atônito da Srta. Finch.

"Essa é uma visão medieval", disse ela, obviamente ofendida. "Aqui em Spindle Cove nós vivemos na modernidade. Por que um homem não pode fazer geleia de groselha ou belas coberturas, se isso o agrada? Por que uma moça não pode estudar geologia ou medicina, se esse é o interesse dela?"

"As mulheres não são da minha conta." Bram passou os olhos pelo lugar. "Então onde todos esses homens 'modernos' se congregam à noite, já que estão privados de uma taverna?"

"Acho que eles vão para casa." Susanna deu de ombros. "Os poucos que restam."

"Então eles estão fugindo desta vila? Não é difícil de imaginar por quê."

"Alguns se alistaram no exército ou na marinha. Outros foram procurar trabalho nas cidades maiores. Simplesmente não há muitos homens em Spindle Cove." Seu olhar azul encontrou o dele. "Entendo que isso dificulta sua missão, mas para ser completamente franca… não consideramos isso uma privação."

Ela tomou um gole de chá. Ele ficou surpreso que Susanna conseguisse falar aquilo com um sorriso recatado no rosto. Enquanto baixava a xícara, ela arqueou as sobrancelhas.

"Eu sei o que você quer, Lorde Rycliff."

"Oh, eu duvido muito disso." A imaginação dela não podia ser tão fértil.

Susanna pegou outro pedaço de bolo, equilibrando-o entre o polegar e o indicador.

“Você gostaria que nós lhe oferecêssemos uma fatia grande e sangrenta de carne, algo em que você possa espetar o garfo, cortar com sua faca, *conquistar*, do modo mais bruto. Um homem encara sua comida como uma conquista, mas para a mulher comer é uma libertação. Somos todas mulheres aqui, e Spindle Cove é nosso lugar, onde saboreamos a liberdade em pedaços pequenos e doces.”

Ela ergueu o confeito até os lábios e deu-lhe uma mordida provocante e impenitente. Sua língua saiu da boca para resgatar um bocado perdido de geleia. Ela soltou um suspirou de prazer, e Bram quase gemeu alto.

Bram procurou desviar a atenção, buscando refúgio na talentosa performance da Srta. Taylor, que encantou de tal modo a pequena plateia, que houve uma pausa entre os últimos acordes de música e os primeiros aplausos entusiasmados. Bram acompanhou as mulheres nas palmas. A única alma na taverna que não aplaudiu foi Thorne. Mas será que ele contava como alma? O cabo permanecia impassível junto à porta, com os braços cruzados à frente do peito. Bram supôs que, para Thorne, aplaudir se aproximava demais de uma demonstração de emoção, assim como dançar, rir ou qualquer expressão com o rosto que fosse mais comunicativa do que um piscar de olhos. O homem era uma rocha. Não, não apenas uma rocha. Uma rocha envolta em ferro. E, só para completar, coberta com gelo.

Assim, Bram percebeu que algo verdadeiramente chocante havia acontecido quando viu seu cabo estremecer. Ninguém mais naquela sala notaria – foi uma tensão sutil dos ombros, um breve engolir em seco. Mas para Thorne, aquela reação equivalia a um grito de gelar o sangue.

Bram virou-se para ver o que assustava tanto seu amigo. A Srta. Taylor havia levantado do banco ao piano, sorrindo e fazendo uma graciosa reverência antes de voltar para sua mesa. Foi então que ele conseguiu ver o que não havia percebido ao admirar apenas o perfil da pianista. O outro lado do rosto belo e delicado da Srta. Taylor era desfigurado por uma marca de nascença bordô. A mancha vermelho-escuro em forma de coração obscurecia boa parte de sua têmpora direita e entrava por baixo do cabelo.

Que pena, aquilo. Uma moça tão bonita...

Como se lesse seus pensamentos, a Srta. Finch olhou enviesado para ele.

“A Srta. Taylor é uma das minhas amigas mais queridas”, disse Susanna. “Não sei se conheço pessoa mais gentil ou bonita.”

A voz dela estava cortante como uma espada, que ela manejava com precisão cirúrgica.

Não magoe minha amiga, foi o recado.

Ah... Aquilo explicava tudo: o estranho estado das coisas naquela vila e a resistência de Susanna contra a milícia. A Srta. Finch se julgava protetora daquele pequeno grupo de esquisitices femininas e a seus olhos, Bram – e qualquer homem de sangue quente – era considerado inimigo.

Interessante... Bram respeitava a intenção dela, até mesmo admirava. Sem dúvida ela se considerava uma solucionadora de problemas, mas as contas dela precisavam de uma correção fundamental. Não se podia simplesmente retirar os homens da equação. Proteger aquele lugar era dever de um homem – de Bram, especificamente. E Susanna complicava as coisas com sua ninhada de patinhos feios.

E para falar de esquisitices, uma jovem de óculos substituiu a Srta. Taylor como centro das atenções. A garota não se sentou ao piano, nem portava outro instrumento musical. Ela carregava uma caixa de curiosidades que começou a circular entre as outras mulheres, cuja falta de interesse era visível. Bram inclinou a cabeça. Pelo que podia ver, aqueles tesouros pareciam ser… pedaços de terra. Isso explicava a perplexidade geral.

“O que diabos essa garota está fazendo?”, murmurou Colin, enquanto mastigava seu terceiro pedaço de bolo de sementes. “Parece que ela está dando uma palestra sobre terra.”

“Essa é Minerva Highwood”, disse Susanna, com o mesmo tom afiado. “Ela é uma geóloga.”

Colin achou graça.

“Isso explica os quinze centímetros de lama na bainha do vestido dela.”

“Ela veio passar o verão com a mãe e as duas irmãs, Srtas. Diana e Charlotte.” Susanna indicou um grupo de mulheres com cabelos claros em uma mesa próxima.

“Ora, ora”, murmurou Colin. “*Essas* são interessantes.”

Outra jovem se levantou para ir até o piano. Colin se afastou da mesa e se sentou no lugar que acabava de ficar vago, que por acaso era ao lado de Diana Highwood.

“O que ele está fazendo?”, perguntou Susanna. “A Srta. Highwood está em convalescência. Espero que seu primo não pretenda…” Ela começou a se erguer da cadeira.

Lá ia Susanna novamente, toda protetora... Ele a segurou com a mão.

“Não ligue para ele. Deixe que eu cuido do meu primo. Agora nós estamos conversando. Você e eu.”

Enquanto ela se sentava, Bram chutou a perna da cadeira, virando-a para que Susanna tivesse que olhar para ele. Ela olhou para a mão com que ele tocava seu punho enluvado. Apenas para constranger os dois, Bram manteve a mão ali. O cetim esquentou sob seus dedos. A fileira de botões era tentadora.

Droga, tudo nela era tentador.

Bram fez um esforço para soltá-la.

“Deixe-me ver se a estou entendendo, Srta. Finch. Você reuniu uma colônia de mulheres solteiras, depois afastou ou castrou todos os homens de Spindle Cove. Mas ainda assim, não sente falta de nada.”

“De nada. Na verdade, creio que nossa situação é a ideal.”

“Você percebe como isso parece…”

Ela inclinou a cabeça, compassiva.

“Ameaçador?”, disse Susanna. “Eu percebo, sim, que um homem possa enxergar a situação dessa forma.”

“Eu ia dizer ‘sáfico’.”

Aqueles lábios suculentos, manchados de groselha, abriram-se com a surpresa.

Bom... Ele estava começando a se perguntar o que seria necessário para conseguir provocá-la. E buscando vários tipos de provocações, Bram começou a pensar nas reações dela. Como reagiria sua pele macia e quente com aquelas sardas deliciosas que pareciam um tempero...

“Choquei você, Srta. Finch?”

“Chocou, tenho que admitir. Não com suas insinuações de amor romântico entre mulheres, mas eu nunca teria imaginado que você fosse tão versado em poesia grega antiga. Isso é um choque, de fato.”

“Só para você saber”, disse Bram, “frequentei Cambridge durante três semestres.”

“Verdade?” Ela o encarou com falsa admiração. “Três semestres inteiros? Nossa, como isso é impressionante.” A voz dela estava grave, sedutoramente lenta, e fez cada pelo do braço dele ficar em pé.

Em algum momento daquela conversa, Susanna parou de discutir com ele e começou a flertar. Bram duvidava que ela havia percebido – do mesmo modo que não notou o perigo, no dia anterior, quando seu vestido rasgado esteve a um suspiro de expor seu seio pálido e macio. Faltava experiência à Susanna para que ela entendesse a diferença sutil entre antagonismo e atração.

Então Bram ficou absolutamente imóvel e sustentou o olhar dela. Ele a encarou diretamente, penetrando no fundo de seus olhos até que ela também

tomasse consciência da atração ardente que ia e vinha entre eles dois.

O ar ficou quente com o esforço que Susanna fazia para não respirar, e seu olhar baixou – ainda que brevemente – para a boca de Bram. O fantasma fugaz de um beijo...

Ah, sim, disse-lhe Bram, com um movimento sutil da sobrancelha. É isso que estamos fazendo aqui.

Ela engoliu em seco, mas não desviou o olhar.

Droga, eles podiam se dar tão bem. Bram percebia aquilo só de fitar os olhos dela. Aquelas íris azuladas continham inteligência, paixão e… profundezas. Profundezas intrigantes que ele desejava muito explorar. Um homem podia passar a noite toda conversando com uma mulher daquelas. Nos intervalos, é claro. Seriam necessários, também, longos momentos de gemidos e de respiração ofegante.

Ela é filha de Sir Lewis Finch, sua consciência gritou em sua orelha. O problema era que o resto do corpo não ligava para isso.

Susanna pigarreou, quebrando abruptamente o feitiço jogado em Bram.

“Sra. Lange”, disse ela, “não gostaria de ler um poema para nós?”

Bram se recostou na cadeira. Uma jovem morena e esguia subiu no palco, segurando um papel. Ela parecia dócil e tímida.

Até que... abriu a boca.

“Oh, traidor vil! Oh, profanador de votos!”

Bem, ela conseguiu a atenção do público.

“Escute minha raiva, como um trovão distante. Meu coração, que a besta rasgou em pedaços. Minha enseada, que o bruto miserável saqueou, embora não completamente.” Ela olhou por sobre o papel. “Não é de admirar.”

Susanna se inclinou para a frente e sussurrou:

“A Sra. Lange está brigada com o marido.”

“Não diga...”, respondeu ele, também murmurando. Bram ergueu as mãos, preparando-se para aplaudir por educação.

Mas o poema não parava ali. Ah, não. Ele continuou...

Por vários minutos....

Pelo jeito havia muitos, muitos versos de infâmia épica para serem lidos. E quanto mais a mulher recitava, mais sua voz ficava estridente. Suas mãos começaram até a tremer.

“Toda minha confiança ele traiu, quando outra ele procurou. Esse feito cruel foi por mim retribuído. Com a ajuda de uma bandeja de latão batido. E o sangue dele teve a audácia… de deixar nas cortinas suas hemácias.” Ela fechou os olhos

com força. “Eu me lembro bem, daquela mancha seca. É minha promessa. Nunca… nunca… *nunca* mais...”

O salão todo segurou a respiração.

“…outra vez.”

Silêncio.

“Bravo!” Colin se pôs em pé, aplaudindo com energia. “Muito bem, mesmo. Mais um!”

Com o canto do olho, Bram viu os lábios suculentos e macios da Srta. Finch se retorcendo. Ela lutava, com toda força, para não rir. E Bram se esforçava, enormemente, para não cobrir aquela boca com a sua e saborear a doçura de seu riso, a aspereza de sua inteligência... Tomá-la, da forma que ela precisava ser tomada; por inteiro, medieval e selvagemente.

Sua única alternativa de ação ficou clara.

Ele se afastou da mesa, arrastando os pés da cadeira nas tábuas do piso. Quando todas as mulheres do lugar se voltaram para ele, mudas de horror, Bram se pôs em pé e resmungou:

“Boa tarde.”

E então, ele saiu pela porta.

Capítulo Sete

Susanna foi atrás dele.

Antes mesmo de perceber o que fazia, ela se levantou e passou pela porta, seguindo aquele homem impossível até a rua. Era claro que ela preferia que ele fosse embora, mas não podia permitir que ele saísse *daquela forma.*

"Isso foi indelicado." Erguendo a saia, ela correu atrás dele, que andava na direção do cavalo. "Aquelas moças estavam nervosas, mas se esforçaram ao máximo para receber vocês bem. Você poderia, ao menos, sair com educação."

Quanto a isso, ele poderia ter aceitado um bolo com cobertura lavanda, ou jantar na noite anterior em Summerfield. Ele poderia ter evitado provocá-la até fazer com que corasse e remexesse infantilmente no cabelo, na frente de todas as suas protegidas. Ele poderia até ter se dado o trabalho de fazer *a barba*.

O que havia de errado com aquele homem, que não conseguia se comportar com educação em sociedade? Seu primo era um visconde! Com certeza ele também tinha sido criado como um cavalheiro.

Ela o alcançou na praça, só um pouco ofegante.

"Spindle Cove é uma estância turística, Lorde Rycliff. As visitantes viajam por grandes distâncias para desfrutar do clima agradável, ensolarado, e da atmosfera restauradora. Se você respirar fundo e der uma boa olhada em redor, talvez perceba que o lugar pode *lhe* fazer bem. Porque, perdoe-me por dizer isso, mas a presença de um lorde azedo, mal-humorado, não combina com a imagem que vendemos daqui."

"Posso imaginar que não combine." Rycliff pegou as rédeas das mãos de Rufus Bright. Ele inclinou a cabeça na direção de *O Amor-Perfeito*. "Eu não me encaixo naquele lugar. Eu sei bem disso. A pergunta que fica, Srta. Finch, é o que *você* está fazendo nesta vila?"

"É o que eu venho tentando lhe explicar. Nós temos uma comunidade de

mulheres, aqui em Spindle Cove, e apoiamos umas às outras com amizade, estímulo intelectual e um estilo de vida saudável."

"Não, não. Eu consigo ver que isso pode parecer atraente para uma pirralha tímida e desajeitada, sem perspectiva de algo melhor. Mas o que *você* está fazendo aqui?"

Perplexa, Susanna virou as palmas enluvadas para o céu.

"Vivendo alegremente."

"Mesmo?", disse ele, olhando com ceticismo para ela. Até o cavalo resfolegou em aparente descrença. "Uma mulher como você."

Ela se arrepiou. Que tipo de mulher Bram pensava que ela era?

"Se você acredita estar contente sem nenhum homem na sua vida, Srta. Finch, isso só prova uma coisa." Em um movimento rápido, ele subiu na sela. As palavras seguintes foram ditas de cima para baixo e a fizeram se sentir pequena e inferiorizada. "Você só tem encontrado os homens errados."

Ele cutucou sua montaria e se afastou trotando, deixando-a ultrajada e espumando. Ela girou sobre os calcanhares, mas deu de cara com a dragona do cabo Thorne.

Susanna engoliu em seco. A presença de Thorne, quando estava do outro lado da sala, era intimidadora. De perto, ele era aterrorizador! Mas a raiva e a curiosidade de Susanna também estavam muito aguçadas. Juntas, sobrepuseram-se a qualquer noção de etiqueta ou cautela.

"O que há de errado com aquele homem?", perguntou ela ao cabo.

Os olhos dele ficaram frios.

"Aquele homem." Ela apontou para a rua. "Rycliff. Bramwell. Seu superior."

A mandíbula de Thorne ficou tensa.

"Você deve conhecê-lo bem. Provavelmente trabalha ao lado dele há anos e é seu confidente mais próximo. Conte-me, então? Começou na infância? Ele foi negligenciado pelos pais, maltratado por uma governanta? Trancado em um sótão?"

O rosto inteiro do homem transformou-se em pedra. Uma pedra marcada com linhas nada amigáveis e uma fenda implacável onde deveria existir uma boca.

"Ou foi a guerra? Talvez ele seja assombrado por lembranças de batalhas. O regimento dele foi emboscado, com grande perda de vidas? Ele foi capturado e mantido prisioneiro atrás das linhas inimigas? Eu espero que ele tenha *alguma* desculpa."

Ela esperou e observou. O rosto do cabo não forneceu nenhuma pista.

“Ele tem um medo paralisante de chá...”, soltou Susanna. “Ou de espaços fechados... Aranhas, é meu palpite. Pisque uma vez para sim, duas para não.”

Ele não piscou nenhuma vez.

“Deixe para lá”, disse ela, exasperada. “Eu mesma vou ter de arrancar isso dele.”

Cerca de trinta, ofegantes, minutos depois, Susanna chegou ao alto da falésia, no perímetro do castelo Rycliff. Naturalmente, Lorde Rycliff havia chegado muito antes dela. Susanna encontrou o cavalo já sem sela e pastando junto às ruínas do muro.

“Lorde Rycliff?”, ela chamou. Seu grito ecoou nas pedras.

Nada de resposta.

Ela tentou novamente, com as mãos em volta da boca.

“Lorde Rycliff, posso ter uma palavra com o senhor?”

“Somente uma, Srta. Finch?” A resposta abafada veio da direção da torre. “Eu não tenho tanta sorte assim...”

Ela avançou na direção das torres de pedra, aguçando os ouvidos para ouvir a voz dele.

“Onde você está?”

“Na sala de armas.”

Sala de armas?

Seguindo o som da resposta, ela se dirigiu até a entrada em arco. Uma vez lá dentro, Susanna virou à esquerda e entrou na torre de pedra no canto nordeste que, pelo que parecia agora, era a sala de armas. Ela imaginou que aquele fosse um lugar adequado ao armazenamento de armas e pólvora: frio, escuro e fechado por pedra. O ranger das pedras secas sob seus pés indicava que o telhado da torre estava suficientemente intacto para impedir a chuva de entrar.

Ela parou à porta, esperando que seus olhos se adaptassem à escuridão. Lentamente, a cena foi entrando em foco, e quando enxergou, Susanna ficou desolada.

Ela esperava – com todo coração – que ele não levasse muito a sério aquela coisa de milícia, limitando seus esforços ao mínimo necessário. A ocasião exigia apenas um espetáculo, raciocinava Susanna. Rycliff não poderia querer, honestamente, montar uma verdadeira força combatente em Spindle Cove.

Mas olhando para aquela cena, ela não podia ignorar a verdade. O homem estava levando a milícia a sério. Havia muitas armas ali.

De um lado da torre, havia uma fileira de mosquetes Brown Bess. Na outra parede, balas de canhão de vários tamanhos. Prateleiras feitas recentemente

sustentavam barris de pólvora, e ao lado deles, de costas para ela, estava Lorde Rycliff.

Ele tinha se despido ao chegar e, naquele momento, vestia apenas uma camisa para fora da calça e botas – nada de casaco ou gravata. O tecido claro brilhava no ambiente escuro, delineando os contornos dos músculos das costas e dos braços. Susanna não era médica, mas conhecia bem a anatomia humana. Bem o bastante para reconhecer que belo espécime ele era. Sem o casaco impedindo a visão, por exemplo, ela podia perceber que seu traseiro era especialmente bem formado. Rígido, musculoso e…

E completamente inadequado como objeto de sua atenção! O que estava acontecendo com ela? Susanna olhou para cima, dando-se um instante para se recompor, antes de chamar sua atenção. O cabelo de Bram era comprido, escuro e ele o prendia com uma tira de couro. As pontas chegavam até entre as escápulas, onde faziam uma curva para cima como um anzol, pronto para fisgá-la.

"Lorde Rycliff?", arriscou ela. Ele não se virou. Susanna inspirou fundo e tentou mais uma vez, colocando mais energia na voz. "*Lorde*…"

"Eu sei que está aí, Srta. Finch." A voz dele parecia calma e controlada, e ele permaneceu de costas para ela, debruçado sobre algo que Susanna não conseguia ver. "Tenha um pouco de paciência. Estou medindo pólvora."

Susanna deu um passo para dentro.

"Agora sim", murmurou ele, a voz grave e sedutora. "Isso... É assim..."

Céus! A voz abafada e grossa possuía uma força persuasiva. Aquele som a desequilibrava, fazendo-a balançar entre os dedos do pé e os calcanhares. Ela deu um passo para trás e suas costas encontraram a parede de pedra antiga. A borda fria acalmou a pele entre as escápulas.

"Bem, Srta. Finch, o que você quer?", perguntou ele, sem se virar.

Que pergunta perigosa...

Ela percebeu que continuava encostada na parede. O orgulho fez com que desse dois passos à frente. Ao avançar, alguma coisa baliu para ela, como se a repreendesse pela invasão. Susanna parou e olhou para baixo.

"Você sabia que tem um cordeiro aqui?"

"Não tem importância. É só o jantar."

Susanna sorriu para a ovelha e a acariciou.

"Olá, Jantar. Quem é a coisa mais fofa?"

"Jantar não é o nome dele, é a… função que vai desempenhar." Com uma promessa impaciente, ele se virou, limpando as mãos com um pano. Suas palmas

estavam cobertas por um pó cor de carvão, e seus olhos, tão dilatados na escuridão fria, tinham um brilho preto como azeviche. “Se você precisa me dizer algo, diga. Caso contrário, pode ir.”

Ela rosnou para si mesma. Ele era tão… tão *homem*. Falando docemente com suas armas, depois vociferando com ela. Sendo filha de quem era, Susanna compreendia que um homem podia parecer casado com seu trabalho, mas aquilo era ridículo.

“Lorde Rycliff”, Susanna endireitou os ombros ao falar, “meu interesse é manter a harmonia na vila, e receio que não tenhamos começado bem.”

“Mesmo assim” – ele cruzou os braços diante do peito – “aqui está você.”

“Aqui estou eu... Porque não aceito ser tratada dessa forma, entende? E também não vou permitir que aterrorize minhas amigas. Apesar do constrangimento de nosso primeiro encontro, tenho tentado ser amigável. Você, por outro lado, tem se portado como um animal. A forma como falou comigo ontem à noite... O modo como se comportou na casa de chá... Agora mesmo, neste momento… Dá para dizer por seu tom de voz e por sua postura, que você quer parecer ameaçador, mas veja...” Ela apontou para a ovelha. “Nem mesmo Jantar está com medo. Eu também não estou.”

“Então vocês são dois tolos. Eu poderia fazer uma refeição com os dois.”

Ela balançou a cabeça e se aproximou dele.

“Acho que não. Eu sei que você não esperava ter de morar aqui, mas as pessoas sempre vêm a Spindle Cove para melhorar. Se me permite dizer, Lorde Rycliff, acho que você está sofrendo. Você parece um grande leão com um espeto na pata. Depois que for tirado, seu bom humor irá voltar.”

Fez-se uma longa pausa na conversa.

Uma sobrancelha morena arqueou-se.

“Você pretende tirar meu espeto?”

Corando de constrangimento, ela mordeu o lábio.

“Não exatamente.”

Com uma risada seca, Bram recuou, passando a mão pelo cabelo.

“Você precisa ir embora. Nós não podemos ter essa conversa.”

“É tão doloroso assim?”, perguntou ela, com a voz calma. “Alguma tragédia o persegue? A devastação da guerra o deixou amargurado?”

“*Não*.” Bram limpou a medida de pólvora e a jogou em uma prateleira. “Não, e não. A única coisa que me causa dor neste momento” – ele se virou – “é você.”

“Eu?” Ela perdeu o fôlego. “Isso é ridículo. Não sou um espeto.”

“Ah, não! Você é algo muito, muito pior!”

“Uma farpa?”, sugeriu ela. “Uma agulha? As rosas têm espinhos, mas não tenho a beleza necessária para essa comparação.” Quando ele não riu, Susanna disse: “Lorde Rycliff, não consigo ver como posso lhe causar qualquer problema”.

“Então deixe-me explicar para você...”, ele falou baixa e pausadamente. “Eu deveria estar a caminho da Espanha, neste momento, onde eu reencontraria meu regimento. Em vez disso, ganhei um título que não pedi, um castelo que não quero, e um primo decidido a me enlouquecer, falir ou as duas coisas. Mas seu pai me ofereceu a chance de seguir em frente, de deixar tudo para trás. A única coisa que eu preciso fazer é reunir doze homens da região, equipá-los, armá-los e treiná-los para estabelecer uma milícia respeitável. Tarefa muito fácil para se fazer em um mês. É quase insultuosa em sua simplicidade.” Ele ergueu um dedo. “Mas aí tem um porém, não é? Pois *não* existem homens neste lugar. Não homens de verdade, pelo menos. Apenas solteironas, bolos para o chá e poesia.”

“Claro que existem homens aqui. Se você precisar de ajuda para encontrá-los, só tem que pedir.”

“Ah, tenho certeza disso.” Ele pigarreou. “‘Pergunte à Srta. Finch.’ Sabe quantas vezes ouvi essas palavras esta manhã?”

Ela balançou negativamente a cabeça.

“Mais do que consegui contar.” Ele começou a andar em volta dela com passos lentos e pesados. “Quando perguntei aos gêmeos Bright se havia costureiras na vila, para fazer uniformes, eles disseram: ‘Pergunte à Srta. Finch’. Quando questionei o ferreiro a respeito de bons pedreiros para fazerem reparos no castelo… ‘Bem, a Srta. Finch também deve saber informar. Pergunte a ela.’” Bram continuou a circundá-la. “Onde eu encontro o registro da paróquia, para uma lista de todas as famílias da região? ‘Bem, disse seu vigário afetado, ‘a Srta. Finch está fazendo um estudo dos registros de nascimento daqui, e terei que perguntar a ela’. Perguntar... À Srta.... Finch... Não há como fugir de você! É como se você obrigasse a vila toda a dizer: ‘Dá licença, mamãe?’.”

Susanna endireitou os ombros quando ele completou a volta ao seu redor e parou diante dela – um pouco perto demais. A intensidade no olhar de Bram revelou que ele queria se aproximar ainda mais.

Não, não lhe dou permissão, disse ela em silêncio. *Você não pode dar dois passos para frente.*

Ele deu assim mesmo.

“Eu tento ser útil”, disse ela. “Não há nada de errado com isso. E é natural que os moradores mostrem certa deferência por mim, em respeito ao meu pai.

Ele é o cavalheiro de maior patente na região."

"Seu pai é o cavalheiro de maior patente?" Bram empertigou-se. "Ora, ora. Acontece que eu sou o lorde local."

"Oh", disse ela, sorrindo aliviada. "*Agora* eu entendo. Seu orgulho está ferido. Esse é seu problema. Sim, eu posso entender que seja decepcionante receber o título e ter tão pouca influência sobre os moradores da região; mas, com o tempo, eu tenho certeza de que eles…"

"Não estou com o orgulho ferido, pelo amor de Deus." Ele balançou negativamente a cabeça. "E não, não estou decepcionado. Nem assombrado, amargurado ou ameaçado. Pare de tentar grudar todas essas *emoções* em mim, como se fossem faixas cor-de-rosa, cheias de babados. Não sou uma de suas solteironas delicadas, Srta. Finch. Isto aqui não se trata dos meus sentimentos mais profundos. Tenho metas a realizar, e você", ele encostou um dedo no ombro dela, "está me atrapalhando."

"Lorde Rycliff", ela disse com cuidado, "o senhor está me tocando."

"Estou, sim. E não perguntei se podia. Veja, não vou perguntar nada à Srta. Finch. Eu vou lhe *dizer* para ficar longe." A pressão do dedo em seu ombro aumentou. "*Você* é meu problema, Srta. Finch. Não, você *não* é um espeto, nem uma farpa ou um tipo delicado de flor. Você é um maldito barril de pólvora, e sempre que me aproximo de você nós começamos a soltar faíscas."

"Eu… eu não sei o que você quer dizer com isso."

"Ah... sabe sim!" Ele pôs o dedo na borda rendada de sua manga e deslizou-o, acariciando seu braço.

Ela foi incapaz de reprimir um estremecimento de prazer.

Bram soltou um gemido que veio do fundo do peito.

"Está vendo? Você está fervendo de paixão. Talvez ache que a mantém controlada e abrigada. Escondida de todos, até mesmo de você. Talvez as almas patéticas dessa vila que fingem ser homens estejam intimidadas demais por seus ideais modernos para notar. Mas eu só preciso olhar para você para enxergar tudo. Esse ponto obscuro e potencialmente explosivo, mantido sob controle apenas por um pedaço de fita e renda." A voz dele foi ficando rouca enquanto seu olhar passeava pelo corpo de Susanna. "Sou um maldito idiota por tocar em você, mas não consigo evitar."

Seu toque acompanhou a borda da luva com o dedo, passeando ao longo do delicado limite entre o cetim e a pele. A sensação correu pelo corpo todo de Susanna, eriçando os pelos de sua nuca. Ela pensou nas dobras da palma da mão dele, ainda preenchidas por pólvora. Tão perigoso... O carinho dele fez com que

se sentisse abalada, diferente.

Só um pouco suja...

“Você entende agora?”, disse ele, continuando a carícia ousada. “Isto é perigoso. Você vai embora agora mesmo, se sabe o que é melhor para si.”

Ir embora? Ela não conseguia se mover! Seu corpo estava tão ocupado respondendo ao dele, que não tinha um instante para obedecer aos comandos da própria Susanna. A respiração dela acelerou. Uma dor estranha cresceu em seus seios. Seu coração batia furiosamente, e uma pulsação semelhante batia no encontro de suas coxas.

“Eu sei o que você está fazendo.” Susanna ergueu o queixo. “Só está tentando mudar de assunto. Eu disse que você estava sofrendo e feri seu orgulho. Por que admitir que tem sentimentos, quando é muito mais másculo ser rude e grosseiro? Se isso é uma tentativa de me afastar, saiba que não vai funcionar.”

“Não vai?” Ele colocou um dedo sob o queixo de Susanna. “Isto aqui funcionou antes.”

Ele baixou a cabeça, e seus lábios tocaram os dela.

Faíscas. Ela podia jurar que as viu, pululando em tons brilhantes de laranja. Agulhas quentes ferroavam sua pele.

“E isto?”, perguntou ele. Outro beijo. “Ou isto, talvez...”

Sua boca movia-se sobre a de Susanna, provocando-a com uma série de beijos breves mas tórridos. Havia uma intenção por trás daqueles beijos, autoritária e firme. Eles eram como pequenas palavras em… em alemão, ou holandês. Uma dessas línguas que ela deveria saber, mas que nunca se preocupou em aprender. E agora ela estava frustrada, sem saber como responder. Eram acusações? Avisos? Pedidos desesperados por algo mais?

Qualquer que fosse a discussão que estivessem tendo, Susanna só sabia uma coisa: ela não poderia deixá-lo vencer.

Susanna endireitou-se e pressionou na boca agressiva de Bram beijinhos de sua própria vontade. Com as duas mãos ela agarrou a camisa dele, como se para chacoalhar aquele homem impossível e incutir nele um pouco de bom senso. Ou talvez apenas para evitar cair, pois sensações atordoantes corriam por todo seu corpo. Uma alegria difusa apertou seu estômago deixando o coração flutuar solto em seu peito.

Quando os beijos terminaram, ela o encarou, orgulhosa de si mesma por não ter se dissolvido ali mesmo. Apesar da completa convulsão de seus sentidos, ela tentou parecer calma e composta. Como se aquele tipo de coisa acontecesse normalmente com ela, no curso de interações diárias. Como se ela,

frequentemente, ficasse cara a cara com homens enormes, viris, não barbeados, em uma sala cheia de explosivos, sentindo aquelas faíscas letais de atração voando entre eles e ao redor. Como se seus seios estivessem *sempre* roçando uma parede dura de músculos peitorais, seus bicos endurecendo e crescendo com aquele hábito mundano. Excitação absolutamente esperada e agendada.

“Bem?”, fez ele. “Fui claro? Você vai embora agora?”

“Sinto desapontá-lo”, disse ela, ofegante. “Mas é necessário muito mais do que isso para me assustar.”

Com uma rápida flexão dos braços de Bram, seus corpos colidiram, e ele sussurrou, pouco antes de sua boca cobrir a dela:

“Deus... Eu estava esperando que você dissesse isso.

Capítulo Oito

Aquele beijo podia ser o fim de tudo, Bram sabia. Tinha sido completamente tolo ao beijar a Srta. Susanna Finch, colando o seu corpo esguio ao dele, enquanto se deliciava com o tênue sabor de groselha em seus lábios, e aquilo poderia ser o fim de tudo. O fim de todos os seus planos, de sua carreira militar... Talvez o fim *dele*, e ponto final.

E se esse fosse o caso, se ele tivesse apostado impulsivamente todo seu futuro em um beijo proibido…

Ele bem que podia ir mais devagar e fazer a coisa direito.

Ele deixou sua boca pairar sobre a dela. Susanna não tinha sido muito beijada. Pelo menos não da forma certa. Dava para ver pela maneira como ela tinha dificuldade para reagir. Ela não possuía aquela formação, mas demonstrava grande aptidão natural.

Bram segurou o pescoço de Susanna com uma mão.

"Suavemente, amor... Deixe eu mostrar pra você."

Com seus lábios ele provocou os dela, roçando-os de baixo para cima. E outra vez... E então mais uma, persuadindo sua boca a se abrir. Ela se retraiu ao primeiro toque da língua dele, mas Bram a segurou firme até o susto passar. E então a provou... O suave, doce deslizar de sua língua contra a dela fez Bram gemer de satisfação.

Sim, ele lhe disse sem palavras. *Sim... De novo...*

Desde que se encontraram pela primeira vez Bram suspeitou de que aquela mulher era uma sedutora disfarçada, e agora Susanna mostrava que ele tinha razão, com cada toque de sua língua contra a dele. Sua falta de experiência apenas melhorava tudo. O modo como ela agarrava sua camisa, perseguia sua língua, deslizava o dedo enluvado pelo contorno de seu rosto não barbeado… Ela estava inventando cada uma daquelas pequenas intimidades e agia guiada

por um desejo puro, instintivo. Aqueles não eram movimentos que ela praticava em outros homens.

Eram apenas dele...

Ele aprofundou o beijo, mantendo o ritmo firme e constante. Cada vez tomando-a mais um pouco, indo apenas uma fração além. Da mesma forma que ele faria amor com ela.

Assim que o pensamento emergiu em sua cabeça, Bram o tomou para si. Ele *tinha* que fazer amor com ela. Algum dia... Não naquela noite. Ela apenas aprenderia a beijar naquela noite. Susanna não estava pronta.

Bram, por outro lado, sentia-se absolutamente pronto. Pronto, desejoso e capaz. Em um movimento irracional, instintivo, ele a apertou contra sua virilha dolorida. Se ela conseguiu sentir a evidência abundante da excitação de Bram, não se intimidou. Seus seios transmitiam maciez e calor ao peito dele, enquanto ela se entregava ao beijo.

Baixando a cabeça, Bram beijou seu pescoço, sua orelha, perdendo-se em seu perfume. A pele de Susanna cheirava a ervas, e seu sabor… era uma lembrança. A lembrança de um dia distante de verão. Sol quente... Água fresca e cristalina... Grama alta e brisa delicada. Tudo de bom, real e novo. Até o nome dela era uma música especial.

“Susanna”, sussurrou ele, junto à orelha dela.

Ela suspirou em seus braços, como se amasse o som de seu nome nos lábios dele.

Então ele repetiu e murmurou aquela melodia leve, obstinada.

“Susanna. Linda Susanna.” Ele passou o nariz por sua orelha, depois a prendeu entre os lábios, beijando o lóbulo delicado. Seu breve arfar atiçou o desejo dele.

Ela o fazia querer mais... Demais. Droga, ela fazia Bram *ansiar.*

Ele a beijou novamente, demorando para saborear seus lábios carnudos, suculentos, antes de enfiar a língua entre eles. Dessa vez, ele mergulhou mais fundo, exigiu mais. Susanna produziu um miado no fundo de sua garganta, que foi mais uma exigência erótica do que um gemido. Seu beijo agora tinha urgência e uma doce frustração. Ele podia saborear o quanto ela desejava seu toque, e saber disso o enlouquecia.

Tudo aquilo a partir de simples beijos, com os dois totalmente vestidos. Bom Deus! Ele desceu uma das mãos pelo braço de Susanna e segurou a extremidade de sua luva. Aquelas luvas de cetim o deixavam louco de desejo, com suas intermináveis fileiras de botões e costuras. Do jeito que estava, ela mal

conseguia conter sua paixão. O que aconteceria se as luvas fossem retiradas?

Ele soltou o primeiro botão com um toque de seu polegar.

“Lorde Rycliff”, disse ela, rouca.

“Bram”, ele a corrigiu, soltando outro botão. “Depois de um beijo desses, você deve me chamar de Bram.”

“Bram, por favor…”

“Com prazer.” Ele beijou novamente seus lábios, deslizando os dedos por baixo do cetim desabotoado.

As mãos dela deslizaram para o peito dele, que Susanna empurrou com força.

“Lorde Rycliff. *Por favor*.”

O tom desesperado na voz dela o surpreendeu. Ele baixou os olhos e a encontrou com a expressão aflita e o lábio inferior tremendo. Seus olhos estavam abatidos.

Bram imediatamente sentiu falta deles. Se ele passava tanto tempo pensando nos olhos de Susanna, era porque em cada interação que tiveram, ela o encarava diretamente nos olhos. Destemida e orgulhosa. Até naquele momento.

Droga, e lá estava ele, certo de que Susanna estava gostando. Ele não era do tipo que forçava uma mulher a fazer o que não queria.

“Susanna?” Ele esticou a mão e segurou o queixo dela, levantando seu rosto. Os olhos dela estavam arregalados e suplicantes, e o coração dele deu um pulo estranho. Desejo e honra duelavam. Ele a queria, sim, mas Bram também queria protegê-la. Imaginou brevemente se aquilo significava que ele era um hipócrita.

Não, ele decidiu. Significava apenas que ele era um homem.

“Eu…” Susanna abriu os lábios, como se fosse falar. Aquilo queria dizer que ele precisava escutar. Bram lutou para aquietar o desejo que corria por suas veias, para que pudesse entender as palavras dela por sobre as batidas furiosas de seu coração.

“Meu pai...”, suspirou ela.

O pai dela.

Ele sentiu o estômago apertar e a soltou imediatamente. Aquela era a cura instantânea para seu desejo. De alguma forma, por um minuto inteiro e desastroso, ele tinha conseguido se esquecer completamente de Sir Lewis Finch. O bom amigo de seu falecido pai. Um herói nacional. O homem que tinha o destino de Bram em suas mãos. Como ele poderia ter esquecido?

A resposta era simples: depois de Bram tomar a decisão de beijar Susanna e de beijá-la *de verdade*… Não sobrava espaço em seu cérebro, seus braços ou

coração para qualquer outra coisa que não ela.

Aquele beijo o consumiu por inteiro. E não podia... não iria acontecer de novo.

“Ah, meu Deus”, murmurou ela, ajeitando o cabelo desalinhado. “Como isso aconteceu?”

“Não sei. Mas não vai acontecer novamente.”

Susanna olhou de forma enviesada para ele.

“É claro que não. Não *pode* acontecer.”

“Você precisa ficar longe de mim”, disse Bram. “Mantenha distância.”

“Nossa, claro!” As palavras dela saíram apressadamente. “Vou manter muita distância. Vou ficar longe de você. E você mantenha seus homens longe das minhas garotas, certo?”

“Perfeitamente. Estamos combinados, então.”

“Ótimo.” Os dedos trêmulos de Susanna tiveram trabalho para abotoar novamente as luvas.

“Quer ajuda com isso?”

“Não”, respondeu ela, incisiva.

“Você…” Ele pigarreou. “Pretende contar sobre isso ao seu pai?”

“Sobre *isso*?” Ela olhou para ele, horrorizada. “Céus, claro que não. Está louco? Ele nunca poderá saber disso.”

Uma onda de emoção passou por ele, e se foi antes que Bram pudesse identificá-la. Alívio profundo, ele supôs.

“É só que… você falou nele. Antes...”

“Falei?” Ela franziu a testa. “Falei. Não fale com meu pai, era o que eu queria dizer. Não fale a respeito de hoje, nem de nada. Quando ele propôs essa coisa da milícia eu pensei que fosse apenas uma exibição, mas depois de ver tudo isso…” Ela voltou os olhos para o armamento. “Por favor, não o inclua nisto. Ele pode querer se envolver, mas você não deve permitir. Ele está ficando velho e sua saúde já não é a mesma. Não tenho nenhum direito de pedir qualquer coisa a você, mas isso eu preciso pedir.”

Ele não saberia como recusar.

“Muito bem. Você tem minha palavra.”

“Então você tem meu muito obrigada.”

E aquilo foi tudo o que Bram conseguiu dela. Pois com aquelas poucas palavras, ela se virou e foi embora.

Naquela noite, como acontecia na maioria das noites, Susanna jantou sozinha.

Após o jantar, ela se vestiu para dormir. Sabendo que não conseguiria, ela escolheu um livro; um texto médico pesado, soporífero. Ela tentou ler, mas fracassou terrivelmente. Após ficar encarando a mesma página por mais de uma hora, ela se levantou da cama e desceu até o térreo da casa.

“Papai? Ainda está trabalhando?”

Ela desceu os braços até a altura dos quadris e puxou o penhoar, apertando-o, e olhou para o relógio do vestíbulo, com ajuda da vela que carregava. Passava de meia-noite.

“Papai?” Ela pairou sobre a entrada da oficina de seu pai, situada no térreo de Summerfield. Até poucos anos atrás, Sir Lewis usava uma casa anexa como lugar para suas experiências, mas ela o convenceu a transferir suas atividades para a casa principal na mesma época em que o convenceu a desistir das experiências de campo. Ela gostava de tê-lo por perto. Quando estava trabalhando, seu pai frequentemente ficava recluso por horas, até mesmo dias. Pelo menos dentro de casa ela conseguia ver se ele estava se alimentando.

E ele não estava... Pelo menos não naquela noite. A bandeja com o jantar permanecia, intocada, sobre a mesa junto à porta.

“Papai. O senhor sabe que precisa comer algo. O gênio não consegue se alimentar de ar.”

“É você, Susanna?” Ele ergueu a cabeça grisalha, mas não olhou para ela. A sala estava repleta de mesas de trabalho de diferentes tipos. Uma bancada de marceneiro, com plainas e um torno; uma estação de solda... Naquela noite, ele estava sentado à bancada de projetos, em meio a rolos de papel e restos de carvão de desenho.

“Sou eu.”

Ele não a convidou a entrar, e ela sabia que não devia entrar sem um convite explícito. Sempre foi assim, desde que ela era uma garotinha. Quando o pai estava concentrado, não podia ser interrompido; mas, se ele estivesse trabalhando em algo trivial, ou frustrado a ponto de lançar as mãos para cima, ele a convidava a entrar e a colocava sentada no joelho. Ela ficava ali com ele, então, maravilhada com os desenhos e cálculos confusos. Aquilo tudo era grego para ela. Na verdade, era mais complicado, pois em uma tarde chuvosa ela havia aprendido sozinha o alfabeto grego. Ainda assim, ela adorava ficar sentada com ele, debruçada sobre os projetos, sentindo-se parte de segredos misteriosos e da história militar enquanto esta era escrita.

“Você precisa de algo?”, perguntou ele, e Susanna reconheceu o tom ausente de sua voz. Se ela precisasse conversar sobre algo importante, ele não a dispensaria, mas Sir Lewis não queria interromper seu trabalho por banalidades.

“Não quero interrompê-lo, mas hoje vi Lorde Rycliff. Na vila... Nós conversamos.” *E então eu o segui até o castelo, onde nossos lábios colidiram. Várias vezes...*

Deus. Ela não conseguia parar de pensar naquilo. O rosto barbado, os lábios fortes, as mãos firmes em seu corpo. O sabor dele... Susanna aprendia uma coisa nova todos os dias, mas aquela era a primeira vez que experimentava o *gosto* de uma pessoa. Aquele segredo a devorava por dentro, e ela não tinha para quem contá-lo. Nenhuma alma. Não tinha mãe nem irmã. A vila estava cheia de mulheres, cujas confissões ardentes Susanna ouvia inúmeras vezes; mas, se ela confiasse na pessoa errada e seu momento de fraqueza se tornasse de conhecimento público, todas aquelas moças seriam chamadas de volta a suas casas. Ela corria o risco de perder cada amiga que tinha.

Ela bateu a cabeça de leve no batente da porta. Idiota, idiota!

“Parece que os planos de Rycliff para a milícia já estão tomando forma. Achei que o senhor gostaria de saber.”

“Ah.” Ele rasgou uma folha de papel no meio e puxou outra de uma pilha. “É bom saber disso.”

“Como você o conheceu, papai?”

“Quem, Bramwell?”

Bram. Depois de um beijo desses você deve me chamar de Bram.

Um arrepio percorreu seu corpo.

“Isso.”

“O pai dele foi meu colega de escola. Depois tornou-se general, muito condecorado. Viveu na Índia durante a maior parte de seu tempo no exército e morreu lá há não muito tempo.”

Uma pontada de compaixão atingiu o coração de Suzanna. Será que Bram ainda estava de luto pelo pai?

“Quando foi isso?”

O pai ergueu a cabeça, apertando os olhos para enxergar uma distância imaginária.

“Já deve fazer mais de um ano.”

Não era tão recente, então. Mas a tristeza podia durar mais de um ano... Susanna detestou pensar durante quanto tempo choraria por seu pai, caso ele morresse inesperadamente.

“O senhor conheceu a Sra. Bramwell?”

Com um estilete, ele apontou o toco de lápis e recomeçou a escrever.

“Encontrei-a algumas vezes, sendo que na última Victor ainda era criança. Então eles foram para a Índia, e isso foi o fim dela. Disenteria, eu acho.”

“Céus. Que trágico.”

“Essas coisas acontecem.”

Susanna mordeu o lábio, sabendo que ele se referia à mãe dela. Embora tivesse morrido junto com o filho natimorto havia mais de uma década, Anna Rose Finch continuava viva na memória de Susanna: linda, infalivelmente paciente e bondosa. Mas seu pai tinha dificuldades para falar dela.

Para mudar de assunto, ela disse:

“Devo pedir à Gertrude que lhe traga um bule de chá novo? Café ou chocolate, talvez?”

“Isso, isso...”, murmurou ele, inclinando a cabeça. “O que você achar melhor.”

Outra folha de papel foi parar no chão, amassada em uma bola. A culpa beliscou a nuca de Susanna. Ela o estava distraindo de seu trabalho.

Susanna sabia que deveria ir embora, mas algo não a deixava sair. Ela se encostou no batente da porta e ficou observando seu pai trabalhar. Quando garota, se divertia com a forma como ele contorcia o rosto enquanto trabalhava. Se uma testa enrugada podia extrair ideias de um papel em branco, ele deveria receber um raio divino de brilhantismo…

Agora!

“Arrá!” Ele puxou uma nova folha de papel. Sua mão deslizava para frente e para trás, rabiscando linhas de texto e cálculos. A genialidade tinha um ritmo, Susanna havia observado, e seu pai, naquele momento, assumia essa cadência. Os ombros curvados, sustentando o mundo. Nada que ela dissesse poderia chamar sua atenção, a não ser, talvez, se gritasse “Fogo!” ou “Elefantes!”.

“Sabe, pai”, ela disse, como quem não queria nada, “ele me beijou hoje. Lorde Rycliff.” Ela fez uma pausa e então, para testar o nome em seus lábios, acrescentou: “Bram”.

“Hum-hum.”

Pronto. Ela havia contado para alguém. Não importava que a informação tivesse passado por cima da cabeça de seu pai como um tiro de mosquete. Pelo menos ela havia falado em voz alta.

“Pai?”

A única resposta foi o som do lápis no papel.

“Eu não fui totalmente sincera. Na verdade, Bram primeiro me beijou ontem.” Ela mordeu o lábio. “Hoje… hoje foi algo muito maior.”

“Ótimo”, murmurou ele, distraído, passando a mão pelo que restava de seu cabelo. “Ótimo, ótimo.”

“Não sei o que pensar dele. Ele é rude e mal-educado e quando não está me mandando embora, está me tocando em lugares onde não deveria. Não tenho medo dele, mas quando está perto de mim, eu… eu tenho um pouco de medo de mim mesma. Sinto como se eu fosse explodir.”

Ela deixou passar alguns segundos. O som do lápis continuou.

“Ah, papai.” Ela virou o corpo, apoiando a testa no batente. Susanna enrolou na mão a faixa do penhoar. “Não quero que o senhor fique preocupado. Não vai acontecer de novo. Não sou uma dessas garotas bobocas, volúveis, que ficam com febre quando os soldados passam. Não vou deixar que ele me beije de novo, e sou inteligente o bastante para saber que não posso deixar um homem desses chegar perto do meu coração.”

“Exato”, murmurou o pai, sem parar de escrever. “Isso mesmo.”

Exato. Isso mesmo.

Não importava o quanto Lorde Rycliff a intrigava, atraía… *beijava*… ela devia mantê-lo à distância. Sua paz interior e sua reputação dependiam daquilo, e as mulheres de Spindle Cove dependiam dela.

Susanna inspirou profundamente, sentindo-se aliviada e decidida.

“Estou feliz por ter conversado sobre isso com o senhor, pai.”

Então ela pegou a faca e o garfo na bandeja e cortou a carne assada em fatias finas. Em seguida, Susanna abriu um pãozinho e colocou a carne dentro.

Quebrando o acordo tácito, ela entrou na área de trabalho e circulou a mesa dele na ponta dos pés. Ajeitou o sanduíche perto do tinteiro, na esperança de que seu pai acabasse por reparar nele.

“Boa noite.” Em um movimento impulsivo, ela se debruçou sobre a escrivaninha e beijou o alto da cabeça dele. “Por favor, lembre-se de comer.”

Ela já tinha chegado à porta quando o pai respondeu. E as palavras vieram na mesma voz distante, como se ele estivesse falando com ela do fundo de um poço abismal.

“Boa noite, minha querida. Boa noite.”

Capítulo Nove

Quando voltou à sua cama, Susanna disse a si mesma que não precisava se preocupar com Lorde Rycliff. Eles haviam concordado em manter separados os homens das mulheres. Com um pouco de sorte, os dois estariam tão ocupados que mal se veriam até o Festival de Verão.

Mas ela não tinha pensado na igreja...

Logo na manhã seguinte, lá estava ele. Sentado do outro lado do corredor, a uma distância de um metro, talvez um metro e meio dela.

E ele havia se barbeado.

Aquele foi o primeiro detalhe em que ela reparou. Mas, de modo geral, ele estava esplêndido, resplandecente em seu uniforme de gala, banhado por uma luz dourada que entrava pelo lanternim no alto da nave. O galão e os botões de seu casaco brilhavam com tal esplendor, que olhar para eles quase doía.

Os olhos de Bram encontraram os seus, do outro lado do corredor.

Engolindo em seco, Susanna enterrou o nariz no missal e resolveu purificar seus pensamentos. Não funcionou... Durante toda a missa ela esteve atrasada para levantar ou sentar. Qualquer que fosse o tópico da homilia do Sr. Keane, ela não fazia a menor ideia do que se tratava.

Ela não conseguia deixar de espiar na direção de Bram sempre que uma desculpa se apresentava – ainda que a desculpa fosse uma mosca imaginária passando diante dela, ou a necessidade repentina, irresistível, de esticar o pescoço. Claro que ela não era a única. Todas as outras paroquianas também o espiavam, mas Susanna tinha certeza de que ela era a única que ligava aqueles olhares breves e proibidos a memórias escandalosas.

Aquelas mãos grandes, fortes, segurando o missal? Ontem elas passeavam por seu corpo com intenções ousadas, irreverentes.

A mandíbula barbeada, tão bem definida e masculina? Ontem Susanna havia

passado sua mão enluvada por ela.

Aqueles lábios grandes e sensuais, que naquele momento murmuravam ao acompanhar a litania? Ontem a beijaram... Apaixonadamente... E soltaram seu nome em um suspiro quente e desejoso. *Susanna. Linda Susanna.*

Quando chegou o momento da oração, ela fechou os olhos bem apertados.

Que Deus me proteja. Livrai-me desta terrível aflição.

Sem dúvida, ela havia contraído uma cepa virulenta de paixão.

Por que ele, dentre todos os homens? Por que ela não podia desenvolver um carinho especial pelo vigário, como muitas das moças inocentes faziam? O Sr. Keane era jovem, falava bem e, além disso, era muito elegante. Se força bruta e calor eram o que a atraía, por que nunca ficou rodeando a forja do ferreiro?

Susanna sabia a resposta, lá dentro dela. Esses outros homens nunca a desafiaram. Ainda que não tivessem mais nada em comum, ela e Bram possuíam temperamentos fortes, conflitantes. Filha de um armeiro, Susanna sabia que era necessária uma batida dura e firme da pederneira contra o metal para produzir tantas fagulhas daquele jeito.

Quando a missa acabou, ela recolheu suas coisas e preparou-se para fugir para casa. Seu pai raramente aparecia na vila para ir à igreja, mas às vezes a acompanhava na refeição de domingo. Principalmente se tivessem convidados.

“Sr. Keane”, chamou ela, andando em direção oposta ao fluxo de pessoas, enquanto se dirigia ao púlpito. A multidão abriu caminho e Susanna viu as costas do vigário. “Meu pai e eu ficaríamos encantados se o senhor jantasse conosco hoje.”

O vigário se virou, revelando com quem conversava: Lorde Rycliff.

Droga. Tarde demais para fugir dali. O vigário fez uma reverência e Susanna retribuiu a mesura.

“Podemos contar com o senhor para o jantar, Sr. Keane?” Desviando o olhar para a esquerda, ela disse friamente: “Lorde Rycliff, o senhor também é bem-vindo”.

O Sr. Keane sorriu.

“Agradeço pelo convite gentil, Srta. Finch, mas com essa chamada de voluntários hoje…”

“Hoje?” Susanna surpreendeu-se. “Não imaginava que Lorde Rycliff fosse fazer isso hoje.”

Keane pigarreou.

“Hum… eu anunciei isso do púlpito, agora mesmo.”

“Anunciou?” Pelo canto do olho, ela viu a expressão divertida de Lorde

Rycliff. “Oh. Oh, *aquilo*. Sim, é claro, Sr. Keane. Eu o ouvi dizer aquilo.”

“Está vendo, Srta. Finch”, disse Rycliff, “o bom vigário não pode aceitar sua gentileza. Ele vai se oferecer como voluntário.”

“Eu vou?” Aquilo parecia ser novidade para o Sr. Keane. Ele ficou vermelho. “Bem, eu… eu estou disposto e sou capaz, é claro. Mas não sei se é adequado a um clérigo ingressar em uma milícia. Eu tenho que refletir um pouco a esse respeito.” Ele franziu a testa e ficou estudando suas mãos unidas. Então seu rosto se iluminou. “Já sei. Vamos perguntar à Srta. Finch.”

O aborrecimento de Rycliff ao ouvir aquelas palavras não poderia ter sido mais evidente. Ou mais satisfatório.

Susanna sorriu.

“Eu creio que Lorde Rycliff tem razão”, ela falou para o vigário, com sinceridade. “Ao ser voluntário, o senhor dará ótimo exemplo e, indiretamente, pode fazer um favor ao meu pai. Eu ficaria muito grata.”

“Então serei voluntário”, disse Keane, “se acha que é o melhor, Srta. Finch.”

“Eu acho.” Ela se virou para Rycliff. “Não está satisfeito por ouvir isso, milorde?”

Ele apertou os olhos.

“Maravilhado.”

Quando saíram da igreja, Susanna ficou perplexa. Ela não via tanta gente reunida na praça desde o Festival de Santa Úrsula do ano anterior. Enquanto o sino da igreja repicava, mais e mais moradores saíam dela, e mais fazendeiros e pastores chegavam do campo. Ela não sabia se todos vinham para ingressar na milícia ou só para ver o espetáculo. Ela imaginava que muitos dos moradores ainda não soubessem dos assuntos militares.

Susanna virou-se para ir embora, mas enquanto atravessava a praça, Sally Bright puxou freneticamente sua manga.

“Srta. Finch, por favor. Preciso de sua ajuda. Minha mãe está nervosa.”

“O que houve? A pequena Daisy ficou doente?”

“Não, não. São Rufus e Finn, os malandros. Eles estão decididos a ser voluntários na milícia de Lorde Rycliff.”

“Mas são jovens demais”, disse Susanna. “Eles não têm nem 15 anos.”

“*Eu sei* disso. *Você* sabe disso. Mas eles estão planejando mentir e dizer que atendem aos pré-requisitos. Quem conseguirá detê-los?” Ela balançou a cabeça, desanimada, e seus cachos loiríssimos dançaram. “Imagine Rufus e Finn manuseando mosquetes. Isso é prenúncio de uma desgraça. Mamãe não sabe o que fazer.”

“Não se preocupe, Sally. Vou falar com Lorde Rycliff.”

Ela o procurou na multidão. Grande como era e vestido de vermelho, não seria difícil encontrá-lo. Lá estava ele – ocupado, comandando dois homens que arrumavam mesas. Ela os reconheceu como os condutores das carroças do outro dia. Deixando Sally na extremidade da praça, Susanna se aproximou.

“Lorde Rycliff?”

Pegando um maço de papéis, ele a puxou de lado.

“Srta. Finch, você não tem que estar em outro lugar? Não tem uma programação a seguir?”

“É domingo. Não temos programação no domingo. Mas ficarei feliz em deixá-lo em paz, assim que lhe der uma palavrinha.”

Ele olhou para ela incisivamente.

“Pensei que tínhamos um acordo. Eu mantenho meus homens longe das suas moças, e você fica longe de mim. Não está cumprindo sua parte.”

“É só uma interrupção momentânea. Só desta vez.”

“Só desta vez?” Ele emitiu um som de pouco caso, enquanto procurava algo nos papéis. “E agora há pouco na igreja?”

“Muito bem, são duas vezes.”

“Pense bem.” Ele empilhou os papéis e olhou para ela, devorando-a com seu intenso olhar esverdeado. “Você invadiu meus sonhos pelo menos dez vezes noite passada. Quando estou acordado, você entra gingando nos meus pensamentos. Às vezes, quase não está vestida. Que desculpa você tem para isso?”

Ela gaguejou, tentando formular uma resposta, a língua tropeçando nos dentes.

“Eu… eu nunca gingo.”

Resposta imbecil.

“Hum.” Ele inclinou a cabeça de lado e a encarou, pensativo. “Você rebola?”

Susanna soltou uma exclamação indignada. Lá vinha ele outra vez, tentando diminuí-la com insinuações grosseiras. O bom senso dizia-lhe para ir embora, mas sua consciência não a deixava recuar. As mulheres Bright dependiam dela.

“Preciso falar com você sobre os gêmeos Bright”, disse ela. “Rufus e Finn. A irmã deles me disse que os dois querem ser voluntários, mas você não pode permitir.”

Uma sobrancelha morena foi arqueada.

“Ah, eu não posso?”

“Eles são jovens demais. Se eles lhe disserem que não, estarão mentindo.”

“Por que devo aceitar sua palavra em vez da deles? Se vou formar uma companhia razoável, preciso de todos os voluntários dispostos com que puder contar.” Ele se virou para ela. “Srta. Finch, minha milícia é exatamente isso. *Minha* milícia. Eu lhe dei minha palavra com relação a seu pai, mas além disso irei tomar minhas próprias decisões, sem contar com seus palpites. Contente-se em coordenar as mulheres desta vila, enquanto eu cuido dos homens.”

“Rufus e Finn são *meninos*.”

“Se ingressarem na milícia, eu farei deles homens.” Lorde Rycliff olhou para a multidão. “Srta. Finch, vou fazer um chamado por voluntários. A menos que você também queira ingressar na milícia, sugiro que deixe a praça e sente-se com as mulheres. Onde é seu lugar.”

Fervendo de raiva, mas sem ter como protestar naquele momento, ela fez uma reverência e se retirou.

“Como queira, milorde.”

“E então?”, perguntou Sally, quando Susanna veio ao seu encontro. “Ele foi razoável? Ele concordou?”

“Não sei se algum homem, algum dia, será razoável.” Ela ajustou as luvas com puxões irritados. “Mas não se preocupe, Sally. Vou fazê-lo concordar. Só preciso pegar algumas coisas emprestadas na loja.”



Conforme Bram tornava-se o centro das atenções, ele resolveu tirar as mulheres – *todas* elas – de sua cabeça. Passou os olhos lentamente pela multidão à procura de homens. Viu alguns que eram jovens demais, como os gêmeos. E outros poucos que eram velhos demais, grisalhos e desdentados. Ali e acolá, ele enxergou alguns homens que ficavam no meio termo. Um punhado de pescadores e agricultores, o ferreiro-joalheiro estava perto do vigário afetado, enquanto Fosbury emergiu da cozinha da casa de chá, vestindo um avental e coberto de um pó açucarado.

Bram apertou o maxilar. Com aquele grupo duvidoso de homens ele teria que formar uma força de combate de elite, impecavelmente treinada. A outra alternativa seria o fim definitivo de sua carreira militar. Ele permaneceria na Inglaterra como um miserável dominado, manco e inútil, derrotado de todas as formas.

Fracassar simplesmente não era uma opção.

“Bom dia”, anunciou ele, erguendo a voz para que todos ouvissem. “A

maioria de vocês já deve ter ouvido que sou Rycliff. O título antigo foi restaurado e dado a mim, e agora estou aqui para fortalecer e defender o castelo. Para esse fim, estou pedindo que os homens peguem em armas. Preciso de homens capazes, com idades entre 15 e 45 anos."

Bram conseguiu a atenção deles. O chamado estava feito. Agora seria o momento ideal de formular algumas palavras motivadoras, ele imaginou.

"Que fique bem claro, a Inglaterra está em guerra. Quero soldados capazes e dispostos. Homens corajosos, preparados para lutar e defender. Se há, entre vocês, homens que desejam ser desafiados, tornar-se parte de algo maior do que si mesmos… então venham. Se há homens que desejam usar sua força dada por Deus a serviço de uma causa nobre… então venham. Se há homens em Spindle Cove que desejam ser homens *de verdade* outra vez… atendam a este chamado às armas."

Ele fez uma pausa, esperando ouvir em resposta algum tipo de grito entusiasmado.

Porém, só obteve silêncio. Um silêncio atento, interessado, mas ainda assim, silêncio.

Bem, ainda que discursos inspiradores não fosse seu forte, Bram possuía um argumento incontestável a seu favor. Ele endireitou o casaco e disse o restante:

"Treinamento e exercícios durarão um mês. Uniformes, armas e outros suprimentos serão fornecidos, assim como salários. Oito xelins por dia."

Aquilo chamou a atenção da multidão. Oito xelins era mais do que o pagamento de toda uma semana da maioria dos trabalhadores, e mais do que suficiente para vencer qualquer relutância. Murmúrios entusiasmados vieram do público, e diversos homens começaram a se apresentar.

"Façam uma fila", Bram disse. "Falem com Lorde Payne para alistamento, depois com o cabo Thorne para obter o equipamento."

Houve certo tumulto, conforme os homens se dirigiram à mesa de alistamento, mas Finn e Rufus tomaram a frente da fila. Bram aproximou-se de Colin atrás da mesa.

"Nomes?", pediu Colin.

"Rufus Ronald Bright."

"Phineas Philip Bright."

Colin escreveu os nomes.

"Data de nascimento?"

"Oito de agosto", disse Finn, olhando para o irmão, "de mil setecentos e noventa e oi…"

“Sete”, emendou Rufus. “Temos mais de 15 anos.”

Bram interrompeu-os, olhando severamente para os garotos.

“Têm certeza?”

“Sim, milorde.” Finn empertigou-se e bateu a mão no peito. “Tenho mais de 15. Que o diabo me leve se eu estiver lhe contando alguma mentira, Lorde Rycliff.”

Bram suspirou para si mesmo. Sem dúvida eles enfiaram mais de quinze pedaços de papel em seus sapatos. Era o truque mais velho que os recrutadores do exército enfrentavam. Com aqueles papéis sob os calcanhares, os garotos podiam dizer, com toda honestidade, que tinham mais de quinze.

Susanna tinha razão, era óbvio que os garotos mentiam. E eles ainda *eram* meninos, não homens. Bram observou seus rostos iguais, que ainda não veriam uma lâmina de barbear por anos. Mas se o aniversário deles era em agosto, aquilo colocava seu verdadeiro aniversário de quinze anos a apenas alguns meses. Ele analisou a fila de homens atrás dos gêmeos enquanto fazia um rápido cálculo mental. No total, somavam menos de vinte. Aquilo não era bom... Para formar uma milícia que parecesse minimamente impressionante em treinamento, ele precisaria de pelo menos, vinte e quatro.

“Bram?”, perguntou Colin, olhando para Bram.

“Você ouviu os rapazes. Eles têm mais de quinze.”

Os garotos sorriram enquanto terminavam de responder às perguntas de Colin e prosseguiram para a mesa de Thorne, onde foram medidos e receberam armas. Bram não sentiu nem mesmo uma ponta de culpa por colocar mosquetes nas mãos dos meninos. Se eles ainda não soubessem manusear uma arma e atirar, estava na hora de aprender.

Um a um, os outros homens passaram pela fila, informando a Colin nome, idade e outras informações vitais antes de irem até Thorne para serem medidos para receberem os casacos e as armas. Conforme a manhã passava, o joelho de Bram começou a doer. Depois, passou a latejar. Não demorou muito para que a maldita articulação começasse a gritar de dor – tão alto que ele ficou surpreso que ninguém mais ouvisse.

Quando Colin terminou com um recruta, Bram chamou o primo de lado.

“Você está muito lento. Vá ajudar Thorne.”

Sentando no banquinho em que antes estava Colin, Bram contraiu o rosto. Ele disfarçou uma flexão de sua perna sob a mesa, tentando diminuir a dor, enquanto se concentrava na lista de recrutas diante de si. Então ele mergulhou a pena no tinteiro.

“Vamos prosseguir. Nome?”
“Finch.”

Capítulo Dez

Bram congelou, a pena pairando sobre o papel, e torceu para que seus ouvidos o estivessem enganando.

"É F-I-N-C-H", soletrou ela, prestativa. "Finch, como o pássaro."

Ele olhou para cima.

"Susanna, que diabos está fazendo?"

"Não sei quem é Susanna. Mas eu, *Stuart* James Finch, vou me alistar na sua milícia."

Ela não usava mais o vestido de musselina verde-folha que ele havia admirado na igreja. Em seu lugar, ela vestia um par de calças que lhe caíam surpreendentemente bem, uma camisa de algodão, fechada nos punhos, e um casaco azul-cobalto que, por mais estranho que parecesse, combinava lindamente com seus olhos.

E luvas, claro. Luvas de homem. Que Deus não permitisse que a Srta. Finch aparecesse em público sem suas luvas. E ela continuou:

"Minha data de nascimento é 5 de novembro de 1788. E essa é a verdade perante Deus, milorde."

O cabelo dela estava preso em um rabo de cavalo, e ela vestia roupas de homem, mas não havia nada nela que não fosse feminino. A voz, a postura… Céus, até seu perfume. Ela não conseguiria enganar um cego.

Mas era claro que ela não pretendia *enganar* Bram. Aquela raposinha queria apenas marcar um ponto. E queria fazer isso na frente de dezenas de pessoas. A vila toda se reuniu ao redor deles, homens e mulheres, ansiosos para ver como aquela situação se resolveria. Todos se perguntavam: quem seria o vencedor?

Ele venceria. Se ele deixasse que ela o vencesse, nunca conseguiria o respeito dos homens. E mais: não o mereceria.

"Escreva meu nome", pediu ela.

“Você sabe que não vou escrever. Só homens podem se alistar.”

“Bem, eu sou um homem”, disse Susanna.

Ele a encarou.

“O que foi?” A voz dela transbordava inocência fingida. “Você aceitou a palavra de Rufus e Finn. Por que não pode aceitar a minha?”

Ele abaixou a voz e se inclinou para frente por sobre a mesa.

“Porque neste caso tenho conhecimento em primeira mão que contradiz sua palavra. Você gostaria que eu contasse a toda essa gente exatamente *como* eu sei que você é uma mulher?”

“Fique à vontade”, ela sussurrou por entre um sorriso forçado, “se preferir planejar um casamento em vez de uma milícia.” Ela olhou para os dois lados. “Em uma vila tão pequena como esta, cheia de mulheres, um anúncio desses com certeza incitaria um pânico matrimonial.”

Eles ficaram se encarando por um longo instante.

“Se você aceitar Finn e Rufus”, disse ela, “terá que me aceitar.”

“Muito bem”, disse ele, molhando novamente a pena. Ele queria ver o quão longe ela iria com aquilo. “Stuart James Finch, nascido em 5 de novembro de 1788.” Ele virou a folha e empurrou na direção dela. “Assine aqui.”

Ela pegou a pena com a mão enluvada e fez uma assinatura caprichada, finalizada com floreios.

“Próximo”, disse ele, erguendo-se e apontando na direção de Thorne. “Vamos precisar medir você para o uniforme.”

“Mas é claro.”

Bram a acompanhou até a outra mesa e arrancou a fita métrica da mão de Thorne.

“Eu mesmo vou medir este recruta.” Ele ergueu a fita para que Susanna a visse. “Tem alguma objeção, Finch?”

“Nenhuma.” Ela ergueu o queixo.

“Tire o casaco, então.”

Ela obedeceu sem discutir.

Bom Jesus!

Bram não era apreciador da moda que as mulheres usavam naquela época, vestidos de cintura império e saias coluna drapeadas. Embora ele aprovasse a forma como aquele estilo apresentava o busto para a apreciação dos homens – que homem não apreciava uma bela visão de seios carnudos? –, Bram não gostava da forma como aquela moda obscurecia o restante do corpo da mulher. Ele gostava de pernas torneadas, dos tornozelos bem-feitos, quadris generosos...

Ele tinha uma predileção particular por um traseiro redondo, com bom encaixe para as mãos.

Quem imaginaria que uma roupa masculina realçaria perfeitamente cada curva feminina de Susanna Finch? Seu colete emprestado não abotoava em cima, devido ao bom tamanho de seus seios. Mas ele se encaixava perfeitamente no meio, destacando a cintura fina e o doce alargamento dos quadris. Sua calça terminava no joelho. Abaixo dela, meias brancas agarravam-se a todos os contornos de seus tornozelos e de suas panturrilhas longas e bem definidas.

“Vire-se”, mandou ele.

Ela obedeceu e, ao se virar, puxou para frente seu comprido rabo de cavalo, oferecendo-lhe uma visão sem obstáculos de suas costas e de seu… traseiro. Aquela calça comprimia uma bela e redonda bunda. Deus, ela era perfeita para suas mãos! E teimosa, cabeça dura que era, tinha lhe dado a desculpa perfeita para tocá-la.

Ele começou pelos ombros, colocando a fita métrica de um lado e alongando-a por toda a extensão dos ombros. Ele se demorou, permitindo que seu toque percorresse os altos e baixos das escápulas dela, como se não a estivesse tocando para tirar medidas, mas para o prazer de ambos.

Os ombros dela tremeram sob seu toque. O coração de Bram acelerou.

“Quarenta e dois centímetros”, ele falou alto.

Em seguida, Bram mediu o braço de Susanna, começando no topo do ombro e descendo a fita por toda a extensão, até o punho, antes de falar a medida.

“Fique ereto, Finch.”

Conforme ela endireitou as costas, Bram encostou uma extremidade da fita em sua nuca, no alto do colarinho. Então ele desceu com a fita por toda a extensão de sua coluna, tocando cada vértebra, e continuou para baixo, chegando até o meio daquela bunda deliciosa. Ele ouviu a súbita perda de fôlego dela, e isso ecoou em sua virilha.

“Sessenta e cinco centímetros de comprimento de casaco.” Quando se ergueu, ele puxou seu próprio casaco para a frente, na esperança de que ninguém percebesse os vários centímetros ganhos em suas próprias medidas. Aquela cena o estava excitando tanto, que ele havia se esquecido completamente da dor no joelho.

“De frente para mim, Finch.”

Ela fez uma volta lenta e sensual, quase como se estivesse dançando...

“Erga os braços”, ordenou ele. “Vou medir o peito agora.” Seu sangue esquentou só de pensar em deslizar as mãos pela circunferência daquele peito

exuberante.

Os olhos de Susanna brilharam. Então, ela cruzou os braços, impedindo-o.

“Acontece que eu sei essa medida. São oitenta e cinco centímetros.”

Ele suspirou, contrariado.

“Perfeito.” Droga, como ele queria sentir novamente aquele corpo sob o seu... Ele *ansiava* por isso.

“Terminamos?”, perguntou ela, recolocando seu casaco.

“Agora, as armas...”, disse ele, lutando para recuperar a compostura. “Vou ter que lhe fornecer um mosquete, Sr. Finch.”

Ela não tinha desistido quando teve que ser medida em público, mas talvez obrigá-la a segurar uma arma a fizesse pensar duas vezes. Embora o pai dela inventasse armas, a maioria das moças bem-educadas não gostava de tocar em armas de fogo, isso quando não tinham pavor delas.

Ele escolheu um mosquete e entregou para Susanna.

“Este é um fuzil”, disse ele, separando as palavras em sílabas lentas, como se falasse com um idiota. “A bala sai deste cano, está vendo? Este é o gatilho, aqui no meio. E a outra extremidade você apoia no ombro, assim.”

“É mesmo?”, disse ela, com assombro fingido. Segurando a arma, Susanna perguntou: “Posso tentar?”

“Devagar.” Ele se colocou atrás dela. “Vou lhe mostrar como empunhá-la.”

“Não será necessário”, ela sorriu. “Suas instruções foram claras e precisas.”

Então, enquanto ele, Thorne, Colin e toda a população de Spindle Cove observavam, Susanna Finch pegou um cartucho na mesa, rasgou-o com os dentes bonitos e alinhados, e cuspiu o pedaço de papel e a bala no chão. Engatilhando a arma, ela despejou um pouco de pólvora na abertura, fechando-a em seguida. Então enfiou o restante da pólvora no cano e a socou com a vareta.

Bram tinha visto mulheres de soldados limparem e montarem as armas do marido, mas ele nunca havia testemunhado nada como aquilo. Susanna não apenas sabia a sequência correta de ações, como *compreendia* o processo. Aquelas mãos enluvadas moviam-se com segurança, manuseando a arma com elegância implacável e instigante. O desejo e o corpo de Bram, já haviam sido provocados pela medição. Agora sua excitação atingia proporções semelhantes à do cano do mosquete.

Ela apoiou a arma no ombro, engatilhou o cão e disparou a carga vazia. O mosquete deu um tranco violento em seu ombro, mas Susanna não recuou.

“Você acha que eu aprendi como fazer?”, perguntou ela, com modéstia e baixando o mosquete.

Extraordinário! Bram lutou contra o impulso de aplaudi-la. Ele não marcou o tempo, mas acreditava que ela havia gasto menos de vinte segundos. Talvez tivesse chegado a quinze. Havia atiradores de elite que não conseguiam carregar e disparar em quinze segundos.

“Onde você aprendeu a atirar assim?”

“Com meu pai, é claro.” Ela levantou um ombro, com ar de pouco caso. “A maioria dos homens não aprende esse tipo de coisa com o pai?”

Sim. A maioria dos *homens* aprendia. O próprio Bram aprendeu tudo a respeito de tiro com seu pai. Ele começou a implorar por sua primeira arma de caça no momento em que aprendeu a formar palavras. Não porque amasse tanto assim as armas, mas porque adorava o pai. Bram sempre procurou qualquer desculpa para passar mais tempo com ele. Aquelas aulas solenes e pacientes sobre segurança, limpeza e tiro de precisão, eram algumas das lembranças mais queridas de Bram. Ele se perguntava se não seria a mesma coisa com ela. Se ela não teria passado por aulas semelhantes com Sir Lewis e, assim, dominado a arma, aprendido seu funcionamento por dentro e por fora, treinado e praticado até poder atirar por instinto – tudo isso como forma de se sentir mais próxima ao pai.

E agora Bram se sentia mais próximo *dela*, de uma forma que nunca havia se sentido: estranho. E muito inconveniente... Ele contraiu os ombros, na tentativa de afastar aquele sentimento.

“Agora quer me ver calar a baioneta?”, perguntou ela.

“Isso não será necessário.”

Ele a admirou – alta, mosquete apoiado no ombro, em posição perfeita. Bram havia se achado muito inteligente ao deixá-la prosseguir com aquela farsa de “eu sou homem”. O feitiço, porém, se voltou contra ele. Homem ou não, Susanna era seu recruta mais promissor. Ele ficou tentado a puni-la ao deixar que se alistasse.

Porém, ela seria uma distração grande demais. Para todos os homens, mas principalmente para Bram. Passar o dia inteiro com Susanna, enquanto ela vestia aquela calça tão justa no corpo? Ele não conseguiria dirigir os exercícios com a tropa, empregando toda sua atenção.

E, o mais importante, ele não poderia permitir que ela levasse a melhor sobre ele na frente de toda a vila. Ele teria que afastá-la do serviço de algum modo e sem perder os garotos Bright com isso.

Ele baixou os olhos para a mesa. A resposta reluziu diante dele, afiada e brilhante.

“Mais uma coisa, Srta… *Sr*. Finch. Mais uma exigência que fazemos aos

voluntários.”

“Mesmo? O que é?”

Bram voltou-se para o grupo de mulheres que estavam sentadas nos limites da praça.

“Senhoras, é necessário que eu peça sua ajuda. Preciso que cada uma de vocês consiga-me uma tesoura e a traga aqui, tão breve quanto possível.”

As mulheres se entreolharam. Então começou o alvoroço e elas correram para a Queen’s Ruby, onde saquearam suas cômodas e caixas de costura. Algo semelhante aconteceu na *Tem de Tudo*, que foi revirada como um bolso de calça.

Quando todas as tesouras disponíveis foram, aparentemente, desenterradas, e todas as senhoras estavam armadas e reunidas na praça, Sally Bright adiantou-se.

“O que o senhor quer que façamos com elas, Lorde Rycliff?”

“Usem-nas”, respondeu ele. “Na minha milícia todos os voluntários devem usar cabelo curto. Acima do colarinho, na nuca; acima da orelha, nos lados.”

Ele olhou para Susanna. Ela ficou pálida e suas sardas pareceram dançar em seu rosto.

Virando-se para os recrutas, ele fez um gesto largo com o braço.

“As mulheres escolheram suas armas. Homens, escolham qual delas vai cortar seu cabelo.”

As mulheres trocaram olhares surpresos. Igualmente aturdidos, os homens recuaram. Alguns pares eram óbvios, claro. Uma mulher que ele supôs ser a Sra. Fosbury já pegava o marido pelo colarinho e o fazia se sentar em um toco de árvore para submetê-lo à vontade da tesoura. Mas os homens e mulheres solteiros de Spindle Cove ficaram olhando uns para os outros em silêncio. Como Quakers em um encontro, à espera de um sinal dos céus. Bom Deus, ele precisava ensinar um pouco de iniciativa para aqueles homens.

Bram virou-se para o primo.

“Não é você que sempre começa o baile? Faça as honras.”

Colin olhou enviesado para ele.

“Não sou voluntário.”

“Não, você não é; mas está endividado e obrigado. Você não tem nenhuma escolha.”

Colin levantou-se lentamente, puxando a frente de seu colete.

“Muito bem. Como você disse, eu gosto mesmo de ser o primeiro a escolher as mulheres.” Ele deu um passo largo à frente, tirou o chapéu com uma mesura exagerada, teatral e se ajoelhou diante dos pés da Srta. Diana Highwood.

“Srta. Highwood, faria a bondade?”

A moça de cabelo claro ficou corada.

“Ahn, claro. Com certeza, Lorde Payne. Ficarei honrada.”

As outras moças trocaram risinhos, certamente interpretando aquilo como um favorecimento da parte de Colin. Susanna tinha razão quanto ao fervor matrimonial. Antes do meio-dia haveria boatos de um noivado. Se pelo menos houvesse um pingo de verdade naquilo, Colin bem que poderia ficar noivo, pois assim deixaria de ser um problema para Bram.

Mas o *problema* atual de Bram inclinou a linda cabeça sardenta.

“O acordo era para você manter seus homens *longe* das minhas moças.”

“Preciso lembrar-lhe de quem foi que quebrou o acordo primeiro?” Ele pegou uma tesoura na mesa, a que Thorne tinha usado para cortar as fitas métricas. “Bem?”, ele perguntou em voz alta. “Como vai ser, Finch?”

Ela arregalou os olhos para a tesoura.

“Acima do colarinho, você disse?”

“Oh, sim...”

“Todo voluntário da milícia?”

“Sem exceções.”

Susanna implorou com os olhos a Bram. Ela baixou a voz para um sussurro.

“Eles são meninos. Refiro-me a Finn e Rufus. A mãe está ansiosa por causa deles. Procure compreender.”

“Ah, mas eu compreendo.” Ele compreendia que ela procurava, ostensivamente, proteger aqueles garotos do perigo, mas também compreendia o outro objetivo de Susanna: manter sua posição de poder naquela vila. Nessa questão, ele não poderia deixá-la vencer. “Talvez nem você nem eu queiramos isso, mas eu sou o lorde agora. *Minha* milícia. *Minha* vila. *Minhas* regras.” Ele levantou a tesoura. “Tosquie ou seja tosquiada.”

Depois de um longo instante, ela tirou o chapéu emprestado e o colocou de lado. Levando as duas mãos até a nuca, desfez o longo rabo de cavalo, e então balançou os cachos com um movimento sensual da cabeça. O cabelo recém-libertado derramou-se pelos ombros em ondas de bronze que brilhavam à luz do sol, ofuscando Bram e deixando-o pasmo.

Naquele instante, percebeu que havia cometido um grave erro tático.

Com um suspiro resignado, ela o encarou.

“Muito bem. É só cabelo.”

É só cabelo.

Bom Deus. Aquela aura de bronze derretido que emoldurava seu rosto não era, absolutamente, “só cabelo”. Era beleza, viva e fluida. Era uma coroa

gloriosa. Era… como o justo hálito de anjos furiosos. Era um tipo de experiência religiosa, e ele provavelmente estaria amaldiçoado só de olhar para aquele cabelo.

Um ruído fraco, melancólico, arranhou sua garganta. Ele o disfarçou com uma tosse forçada.

Deixe-a cortar, ele pensou consigo mesmo. *Você não tem escolha. Se ela vencer esta batalha, está tudo perdido. Você já era.*

"Dê a tesoura para mim", disse ela. "Eu mesma posso cortar." Ela esticou a mão para pegar o instrumento, mas Bram o segurou com força.

"Não."



"Não?", repetiu Susanna, tentando não mostrar seu pânico. Era importante mostrar coragem naquele momento.

Na verdade, ela não queria cortar o cabelo, "aquele *cabelo*", como suas primas haviam se referido a ele, nada afetuosamente. Ainda que fosse rebelde e fora de moda, caía-lhe bem e era uma das coisas herdadas da mãe. Mas Susanna faria o sacrifício, se aquilo pudesse manter Finn e Rufus a salvo.

Se aquilo significasse vencer *Bram.*

Cresceria novamente, ela disse para si mesma. Já tinha crescido antes, depois daquele verão terrível em Norfolk. Só que desta vez ela mesma queria cortar, rapidamente, pensando o mínimo naquilo. Não conseguia imaginar permanecer parada enquanto outra pessoa manuseava a tesoura.

"Entregue-a para mim." Chegando próxima do desespero, ela agarrou o cabo da tesoura. "Eu mesma corto."

Mas ele não soltou.

"Finn e Rufus", ele falou baixo, somente para ela. "Eles ficarão com o tambor e o pífaro. Vão estar na milícia, participar dos treinamentos e receber o pagamento, mas não receberão armas. Isso é suficiente?"

Ela ficou pasma. Ele a tinha onde queria, à beira da humilhação pública, e agora propunha um acordo?

"Eu… eu acho que sim. É sim."

"Muito bem, então. Isso significa que você voltou a ser mulher?"

"Vou me trocar agora mesmo."

"Não tão depressa", disse ele, ainda segurando firmemente o cabo da tesoura. Ele a olhou com atrevimento. "Antes de ir, você fará algo por mim. O mesmo

que as outras mulheres estão fazendo.”

De fato, à volta deles, os homens e mulheres de Spindle Cove formavam pares. Enquanto Diana se ocupava de Lorde Payne, o ferreiro caminhou até a viúva Watson e sua tesoura. Finn e Rufus pareciam discutir a respeito de qual deles ficaria com Sally.

“Você quer que eu corte o *seu* cabelo?” Sua imaginação foi para aquele rabo de cavalo comprido, sempre pendurado entre as escápulas dele, provocando-a.

“Como eu disse, sem exceções.” Ele colocou a tesoura na mão dela. “Continue, então. Sou todo seu.”

Susanna pigarreou.

“Acredito que você precise se ajoelhar.”

“Ajoelhar?” Ele bufou. “Sem chance, Srta. Finch. Só existe uma razão pela qual eu ajoelharia diante de uma mulher, e esta não é uma delas.”

“Espero que seja para propor casamento.”

Um brilho demoníaco acendeu os olhos dele.

“Não...”

O corpo todo de Susanna foi desperto. Ela olhou em volta. Por toda a praça, o trabalho de cortar cabelo ocupava suas amigas e vizinhos. Aquela tinha se tornado uma conversa particular. E isso também era bom, considerando o que aconteceu em seguida.

“Se você não pretende ajoelhar”, disse ela, ficando na ponta dos pés, “não sei como pode esperar que eu corte seu cabelo. Todas as cadeiras estão em uso. Eu posso ser alta, mas não tenho como alcançar… oh!”

Ele agarrou-a pela cintura com as duas mãos e a ergueu. A força bruta do movimento a excitou. Era a segunda vez, em três dias, que ele a levava às alturas. Três, se ela contasse o beijo do dia anterior.

Por que ela estava contando? Susanna não deveria contabilizar aquilo.

Ele a colocou sobre a mesa, o que a deixou a mais alta dentre os dois.

“Está bem assim?”

Ela aquiesceu em silêncio, e Bram deslizou as mãos de sua cintura. Então ela ficou perdida nas lembranças do abraço do dia anterior, na pressão do corpo dele contra o seu… Seus olhares se encontraram. As conhecidas fagulhas voaram e Susanna engoliu em seco.

“Vire-se, por favor.”

Graças a Deus, pela primeira vez, ele obedeceu.

Ela pegou em sua mão, aquela madeixa morena na nuca de Bram, presa com um cordão de couro. O cabelo dele era viçoso e macio. Provavelmente a coisa

mais macia naquele homem, ela divagou. Uma vez que o cortasse, ficaria espigado, rebelde e duro.

“Por que a demora?”, provocou ele. “Está com medo?”

“Não.” Com a mão firme, ela ergueu a tesoura. Agarrando o feixe de cabelo firmemente com a outra mão, ela mirou… e cortou. “Oh, céus.” Susanna exibiu a madeixa cortada diante do rosto de Bram, e depois a deixou cair no chão sem cerimônia. “Pena.”

Ele apenas riu, mas Susanna acreditou ter percebido um pouco de orgulho ferido na risada.

“Estou vendo que você gostou da oportunidade de brincar de Dalila.”

“Você deveria torcer para que eu não decida brincar de Judite. Estou segurando a tesoura neste momento e aconselho que você fique parado. Preciso me concentrar.” Deixando a tesoura de lado por um instante, ela puxou seu próprio cabelo para trás e o prendeu com um laço simples. Então ela começou a aparar o cabelo dele e os dois ficaram quietos.

Enquanto ela trabalhava, o silêncio tomou conta. Aquela tarefa era tão íntima. Para dar bom acabamento ao corte, ela teve que passar os dedos por entre os fios grossos, erguendo-os e medindo-os antes de cortar. Ela tocou a orelha de Bram, sua têmpora, sua mandíbula.

“Não seria mais fácil se você tirasse as luvas?”, perguntou ele.

“Não.” Naquele instante, as luvas de couro fino eram a única coisa que a mantinha sã.

Uma tensão sensual palpável tornou espesso o ar que os rodeava. A respiração dele era audível, um suspirar rouco para dentro e para fora. Os dedos dela escorregaram por um momento, e ela arranhou a orelha de Bram com uma das lâminas da tesoura. Ela ficou horrorizada, mas ele pareceu não perceber. Apenas uma gota de sangue minúscula brotou no local, mas ela precisou empregar toda sua força de vontade para não levar seus lábios ao ferimento.

Depois de mais algumas tesouradas, ela deixou o instrumento de lado. Para verificar se o corte estava simétrico, Susanna levou suas duas mãos ao cabelo de Bram e passou seus dedos enluvados por entre os fios, alisando-os da testa à nuca.

Conforme seus dedos percorriam aquele caminho longo e suave, Bram produziu um ruído. Um gemido involuntário. Ou talvez um lamento que se originou não na garganta, mas no fundo de seu peito, em algum lugar na região de seu coração.

Aquele som era mais do que um suspiro. Era uma confissão, uma súplica...

Apenas roçando a ponta de seus dedos, ela evocou nele uma reação de um anseio profundo e oculto. Todo o corpo de Susanna doeu como uma resposta instintiva.

Oh, Deus. Oh, Bram.

"Vire-se", sussurrou ela.

Quando ele obedeceu, seus olhos estavam fechados.

Os dela permaneciam abertos. Abertos para um homem totalmente novo. O soldado grande, bruto, nomeado lorde medieval, aparecia diante dela tosquiado como um cordeiro, parecendo vulnerável e perdido, necessitando de carinho. Do carinho *dela.*

Todas as emoções que Bram se empenhava em negar ecoaram nos ouvidos de Suzanna. Será que ele sabia como as havia traído por completo? Ela pensou naqueles beijos apaixonados do dia anterior. Céus, a forma como ele tomou suas medidas… Como ele usava cada desculpa para tocá-la, em cada interação. Uma sensação desceu por sua coluna, como se ela ainda pudesse sentir o passeio deliberado do polegar de Bram. Susanna pensou, então, que ele queria apenas desestabilizá-la.

Mas agora ela via claramente os motivos dele. Lá estava seu segredo. Nada de trauma de infância, nem efeitos da guerra. Apenas um desejo profundo, inconfesso, de intimidade. Ah, ele preferiria morrer a admitir o fato, daquela forma, mas aquele som ansioso, baixo, revelou tudo.

Aquele era o som que um animal grande e peludo fazia quando o espinho de sua pata era retirado.

Lá estava um homem que precisava ser tocado, necessitava de carinho – e ele tinha *fome* daquelas duas coisas. Mas quanto ele permitiria Susanna lhe dar? Ela passou os dedos pela franja cortada junto à testa de Bram. O pomo de adão dele pulou em sua garganta. Ela passou um único dedo por sua face.

"Assim está bom." Ele abriu os olhos, frios e desafiadores.

Magoada pelo tom incisivo, ela parou de tocá-lo.

"Muito bem, Srta. Finch." Recuando, ele passou a mão pelo cabelo escuro, agora curto. "Diga-me, como estão os homens?"

Susanna passou os olhos pela praça. Para todos os lugares que olhava, ela via escalpos recém-revelados, brancos de cegar.

"Como um rebanho de ovelhas recém-tosquiadas."

"Errado", disse ele. "Eles não parecem ovelhas. Parecem soldados. Homens com um objetivo comum. Um time! Logo farei com que também ajam assim."

Pegando-a pela cintura, ele a ergueu da mesa e a recolocou no chão firme. O estranho era que continuava parecendo que o mundo oscilava para Susanna.

“Olhe bem para eles. Dentro de um mês terei uma milícia. Eles se tornarão homens de ação, responsáveis. Vou mostrar a todas as suas solteironas afetadas e protegidas o que homens *de verdade* podem fazer.” Ele retorceu o canto da boca. “Spindle Cove será um lugar muito diferente. E você, Srta. Finch, irá me agradecer.”

Ela balançou a cabeça. Ele acabava de revelar muita coisa. Aquela atitude de macho bruto já não podia intimidá-la, e ela não deixaria um desafio daqueles passar sem uma resposta firme e confiante.

Ela removeu calmamente fios de cabelo cortados da lapela de Bram.

“Dentro de um mês esta comunidade que eu amo e esta atmosfera que trabalhamos tanto para cultivar, continuarão as mesmas. Tudo que eu vejo aqui, hoje, continuará inalterado, a não ser por uma coisa. Spindle Cove irá mudar *você*, Lorde Rycliff. E se você ameaçar a saúde e a felicidade das minhas moças”, ela tocou docemente a face dele, “deixarei você de joelhos.”

Capítulo Onze

"Às segundas-feiras sempre fazemos caminhadas pelo campo."

Susanna acompanhava as irmãs Highwood na trilha íngreme. Juntas, seguiam um grupo mais numeroso. As moças constituíam um arco-íris de musselina que ocupava todo o caminho.

"As falésias são lindas nesta época do ano. Quando chegarmos ao cume, vocês verão que podem enxergar a quilômetros de distância. A sensação é de estarmos no topo do mundo."

Era graças aos céus que tinham atividades programadas. Depois da agitação do dia anterior na praça e de mais uma noite inquieta, Susanna sentia-se grata por algo que a distraísse. Ela caminhava decidida e firme, inspirando profundamente o ar com cheiro de plantas.

"As flores silvestres são lindas." Charlotte colheu um talo de lavanda da encosta e a girou entre os dedos.

Minerva arrastava-se ao lado de Susanna.

"Srta. Finch, você não sabe como odeio parecer com a minha mãe, mas você tem certeza de que todo este exercício fará bem para a saúde de Diana?"

"Total! Exercício é o único meio pelo qual ela vai ficar forte. Vamos começar devagar, e não iremos além do que é confortável." Ela tocou o braço de Diana. "Srta. Highwood, por favor diga-me se sentir a menor dificuldade em sua respiração. Se for o caso, nós paramos para descansar imediatamente."

Seu chapéu de palha mexeu-se em concordância.

"E", Susanna enfiou a mão no bolso, de onde retirou um frasco pequeno, "eu tenho uma tintura especial para você. Mantenha-a em sua bolsa o tempo todo, mas entenda que ela é muito forte para ser tomada todos os dias. Somente quando você sentir que realmente precisa dela. A tampa é a medida de uma dose. Aaron Dawes a fabricou especialmente em sua forja. Ele é muito habilidoso com

essas coisas pequenas.”

A Srta. Highwood pegou o frasco.

“O que tem aqui?”

“Extrato de uma planta chamada éfedra. O nome é estranho, mas sua capacidade de abrir os pulmões é única. A planta normalmente cresce em lugares mais quentes, mas o clima em nosso litoral é ameno o bastante para que eu possa cultivá-la aqui.”

“*Você* fez isto?”

“Fiz”, respondeu Susanna. “Eu me arrisco em farmácia.”

Minerva olhou com receio para o frasco. Enquanto elas continuavam sua escalada lenta e firme, ela puxou Susanna de lado.

“Perdoe-me, Srta. Finch, mas minha irmã já sofreu bastante. Não gosto da ideia de confiar a saúde dela a alguém que se ‘arrisca’.”

Susanna segurou o braço da menina.

“Eu sabia que gostaria de você, Minerva. Tem toda razão de proteger sua irmã, e eu não devia ter descrito meu trabalho dessa forma. Assim como você não deve dizer que se ‘arrisca’ em Geologia. Por que nós, mulheres, menosprezamos nossas realizações com tanta frequência?”

“Não sei... Os homens estão sempre se vangloriando do que fazem.”

“É verdade... Vamos nos vangloriar umas para as outras, também. Eu estudei, cuidadosamente, farmácia científica durante vários anos. Faço remédios para muitos visitantes e moradores e tenho razões seguras, científicas, para acreditar que, em uma crise de respiração, o conteúdo do frasco pode fazer bem à sua irmã.”

“Nesse caso, eu confio na sua capacidade”, sorriu Minerva. “Agora é a vez de *eu* me vangloriar.” Olhando para as outras mulheres, ela diminuiu o passo. Elas ficaram bem para trás do grupo principal. “Promete guardar um segredo? Eu sou a primeira, e única, mulher membro da Sociedade Geológica Real.”

Encantada, Susanna soltou uma exclamação de espanto.

“Como você conseguiu isso?”

“Negligenciando a informação de que sou mulher. Aos olhos deles, sou apenas M. R. Highwood, e todas as minhas contribuições são feitas por correspondência. Fósseis são minha área de especialidade.”

“Oh, então você está exatamente no lugar certo. Estas colinas de calcário estão cheias de pepitas estranhas, e a enseada… espere até você vê-la amanhã.”

Elas ficaram quietas por um tempo quando o caminho ficou mais íngreme e estreito, de modo que se viram obrigadas a caminhar em fila única.

“Lá está o castelo.” No alto da trilha, Charlotte ficou na ponta dos pés e acenou com seu ramalhete cada vez maior de flores silvestres na direção das ruínas. “É tão romântico, não é mesmo? Com o mar ao fundo.”

“Acho que sim”, disse Susanna, mantendo os olhos no chão. Ela sabia muito bem que vista pitoresca era aquela, mas estava tentando manter castelos e romance em duas caixas absolutamente separadas, muito bem tampadas, em sua estante mental.

“Sua vez, Srta. Finch”, sussurrou Minerva, seguindo-a de perto. “Você não tem nenhum segredo para revelar?”

Susanna suspirou. Tinha, sim, um segredo – um que era escandaloso, explosivo e que envolvia Lorde Rycliff, beijos na sala de armas e uma grande quantidade de emoções com que ela não conseguia lidar. Bem que gostaria de poder confiar em Minerva, mas homens e fósseis eram coisas diferentes.

Elas fizeram uma volta, acompanhando a trilha, e quase colidiram com as outras moças. Todas haviam parado à beira de um mirante e admiravam, maravilhadas, o vale abaixo.

“Nossa”, disse Violet Winterbottom. “É uma vista e tanto.”

“Olhe só para eles”, suspirou Kate Taylor.

“Pelo amor de Deus, o que foi?”, perguntou Susanna, abrindo caminho até a frente. “As vacas do Sr. Yarborough fugiram de novo?”

“Não, não. Aqueles animais são de um tipo diferente.” Kate sorriu para ela.

Sons chegaram flutuando até os ouvidos de Susanna. Batidas de tambor hesitantes e irregulares, o grasnido estridente de um pífaro, o relinchar impaciente de um cavalo...

Finalmente, ela pôde ver.

Os homens. Lá estavam eles, na campina plana ao norte do castelo. Daquela distância era difícil distinguir quem era quem dentre aquelas figuras masculinas. Ela não saberia dizer qual deles era o Sr. Fosbury ou o ferreiro, mas Bram, como de costume, destacava-se da multidão. Dessa vez não era porque ele era o mais alto e seu casaco, o mais vivo, mas porque estava a cavalo, o que lhe dava um ponto de vista privilegiado para avaliar a precisão da formação de sua tropa. Enquanto os voluntários marchavam, ele conduzia sua montaria de modo a circundar o grupo, a quem dava instruções de todos os lados.

Ele parecia ser muito capaz, forte e ativo. O que era uma infelicidade, porque todas aquelas qualidades eram o que ela considerava atraentes em um homem. Ela nunca se queixava de sua desastrosa temporada em Londres porque aqueles cavalheiros haviam sido uma grande decepção. Preguiçosos e inúteis. Ela achava

muito mais fácil respeitar quem *fazia* alguma coisa.

Violet fez sombra nos olhos com a mão.

“A coisa não parece que está indo muito bem, parece?”

“Eles ficam fazendo a mesma coisa. Em fila única, marchando para frente e para trás, sem parar. De um lado da campina ao outro. Então eles param, viram e começam de novo.” Ela olhou para Violet. “Quantas vezes já foram?”

“Eu parei de contar em oito.”

“Nós não deveríamos ficar assistindo.”

“Por que não?” Kate olhou para ela. “Eles não estão preparando uma exibição de campo? Uma demonstração pública?”

“Ainda assim, vamos continuar nossa caminhada.”

“Na verdade, Srta. Finch”, disse Diana, “estou me sentindo um pouco sem fôlego. Talvez um descanso me faça bem.”

“Oh. É claro.” Incapaz de discutir, Susanna abriu o xale e sentou no barranco. Todas as outras mulheres fizeram o mesmo, e nenhuma delas sequer teve a preocupação de fingir que a atividade do momento era colher flores silvestres ou observar pássaros. Todas ficaram olhando fixamente para a campina e para o novo exercício hesitante e constrangedor da milícia.

Susanna ficou preocupada. Ela havia concordado em manter as moças longe dos homens de Bram. A distância física que os separava naquele momento não acalmava suas preocupações. Estar assim longe só fazia as mulheres se sentirem à vontade para olhar e fofocar.

“Reconheço aquele casaco verde-vivo. Deve ser o Sr. Keane.”

“Era de se pensar que ele tivesse uma noção de ritmo melhor, com toda aquela cantoria na igreja.”

Um cotovelo acertou o flanco de Susanna.

“Olhe, Lorde Rycliff está desmontando.”

Susanna preferiu *não* olhar.

“Ele está tomando o mosquete de um deles. Talvez queira, ele mesmo, mostrar para os homens como se faz.”

Susanna renovou sua resolução de não olhar. As folhas de grama sob seus dedos eram bem mais interessantes. E, nossa, aquela era uma formiga *fascinante.*

Um suspiro feminino.

“O que é aquela coisa pequena e fofa correndo atrás dele? Algum tipo de cachorro?”

Droga, agora ela tinha que olhar. Um sorriso amplo abriu-se em seu rosto.

“Não. Aquele é o cordeiro de estimação do nosso lorde. Aquela coisinha fofa

o segue por aí. Lorde Rycliff o chama de Jantar."

Todas as moças riram, e Susanna riu com elas, sabendo que Bram não gostava de deboche. Era estranho – e um pouco desconcertante – como ela se sentia confiante ao prever as reações dele. Enquanto isso, ela ficava pensando nele como "Bram".

"Oh!" Com um gesto que lembrava fortemente sua mãe, Charlotte colocou a mão no peito. "Eles estão tirando os casacos."

"Não só os casacos."

Enquanto as moças ficaram sentadas, boquiabertas, em silêncio, os homens pararam o exercício e tiraram primeiro o casaco, depois o colete e a gravata.

"Por que estão fazendo isso?", perguntou Charlotte.

"O treino deles é puxado", respondeu Diana. "Talvez esteja quente lá embaixo."

Kate riu.

"Aqui também está ficando quente."

"Não é o calor", disse Susanna, mais uma vez surpresa com a facilidade com que entendia o jeito de Bram pensar. "Os casacos são todos de cores diferentes. Lorde Rycliff quer que eles tenham a mesma aparência, para que ajam em sincronia."

Charlotte pegou os óculos da mão de Minerva e colocou-os à frente dos olhos.

"Droga, não consigo ver nada."

"Pateta", disse Minerva, dando um empurrão carinhoso na irmã menor. "Eu tenho hipermetropia. Os óculos só ajudam com objetos que estão perto. E não sei por que você está fazendo tanto barulho por causa de uns homens em mangas de camisa. Desta distância eles são apenas uns borrões claros."

A não ser Bram. Não havia nada de indefinido no corpo *dele*. Mesmo àquela distância, Susanna conseguia distinguir claramente os músculos de seus ombros e braços, ainda que cobertos pela camisa. Ela lembrou do calor marcante que sentiu quando o tocou.

"Nós deveríamos voltar para a vila." Ela se pôs em pé, bateu a grama da saia e dobrou o xale indiano em um retângulo bem feito.

Violet discordou.

"Mas, Srta. Finch, nós ainda nem chegamos…"

"A Srta. Highwood está com falta de ar", cortou ela, em um tom que não admitia discussão. "Até aqui, basta por hoje."

As moças levantaram em silêncio e reataram os laços de seus chapéus,

preparando-se para a caminhada de volta para casa.

“O que acha, Srta. Finch?” Kate sorriu quando o som fraco do tambor voltou. “Quantas vezes Lorde Rycliff vai fazê-los marchar aquele mesmo percurso?”

Susanna não sabia dizer um número preciso para Kate, mas, mesmo assim, ela sabia a resposta.

“Até eles acertarem.”



“Eles nunca vão conseguir”, resmungou Thorne. “Malditos inúteis, todos eles.”

Bram praguejou entre dentes. Pelo amor de Deus, ele havia passado todo o dia anterior apenas tentando ensinar aqueles homens a marcharem em linha reta. Quando se reuniram na manhã de terça-feira, Bram decidiu tornar a tarefa ainda mais simples. Nada de formação, apenas marchar no ritmo através do campo aberto. Esquerda, direita, esquerda...

Mas marchar no ritmo seria mais fácil com um tocador de tambor que conseguisse tocar no ritmo; porém, Finn Bright parecia ter nascido sem noção do que era aquilo. Para não falar dos grasnidos de furar o tímpano que Rufus produzia no pífaro.

Apesar de tudo isso, de algum modo, eles conseguiram percorrer a distância entre o Castelo Rycliff e as falésias do outro lado da enseada.

“Deixe-os em posição de descanso”, Bram instruiu Thorne. “Vamos ver se eles conseguem simplesmente… ficar em pé um pouco, sem que caiam de bunda.”

Bram preferiria cair em seu próprio sabre antes de admitir que era ele quem precisava de um descanso. Ele olhou para a outra ponta da enseada. Pendurado no braço de terra em frente estava o castelo. Tão perto, se medido pelo voo das gaivotas, mas uma boa marcha de volta. Maldição, ele deveria ter levado o cavalo.

“Então, aquele é o fuso, que deu origem ao nome do lugar – Spindle, imagino?” Colin olhava para uma coluna de pedras que pontuava a entrada da enseada. A formação era alta e arredondada, com um topo protuberante de arenito.

“Acredito que sim.”

Colin bufou.

“Essa é a prova de que esse lugar foi batizado por alguma solteirona

ressecada. Nenhum homem… diabo, nenhuma mulher com alguma experiência… teria olhado para aquilo e o chamado de *fuso*.”

Bram soltou lentamente a respiração. Ele não estava com paciência para o humor adolescente do primo. O sol esquentava suas costas. O mar e o céu disputavam para ver quem era mais azul. Tufos brancos pontuavam os dois, com a espuma do mar espelhando as nuvens. Observando as gaivotas voando alto, ele sentiu o coração flutuando no peito. A água parecia fresca e convidativa, leve.

E seu joelho parecia uma coleção de cacos de vidro envoltos em carne. Nos oito meses desde seu ferimento ele ainda não havia andado tanto sem o suporte. Não deveria *precisar* mais do suporte, maldição. O que eram dois ou três quilômetros através de um campo, afinal?

Diga isso a seus ligamentos. A perna toda de Bram latejava com dores ardentes, e ele não tinha certeza de que conseguiria voltar para o castelo. Mas voltaria... Ele conduziria a todos de volta para casa e não demonstraria sua dor.

A dor é boa, Bram disse para si mesmo. A dor o tornaria mais forte. Da próxima vez ele se esforçaria um pouco mais, e doeria um pouco menos.

Um alvoroço colorido mais abaixo, na enseada, chamou sua atenção.

“O que é aquilo?”

“Bem, estou perdendo perigosamente a prática”, respondeu Colin. “Mas, para mim, parecem ser mulheres.”

Seu primo estava certo. As mulheres, e Bram tinha certeza de que reconhecia a figura alta e esguia de Susanna Finch entre elas, caminhando ao longo da praia. O grupo parou, elas tiraram os chapéus e lenços e os prenderam nos galhos de uma árvore ressequida. Quando tiraram a proteção da cabeça, Bram pôde ver uma chama cor de bronze e o desejo se acendeu dentro dele. Ele reconheceria aquele cabelo em qualquer lugar. Aquela cabeleira havia desempenhado um papel importante em seus sonhos na noite anterior.

Ao chegarem às pedras, as mulheres sumiram de vista. A curva da enseada as escondia.

“O que você acha que elas estão fazendo?”, perguntou Colin.

“É terça-feira”, disse Bram. “Dia de banho de mar.”

Segundas são para passeios no campo. Terças, banho de mar. Quartas, ficamos no jardim… A expectativa de jardinagem deu-lhe esperança. Deus, talvez no dia seguinte ele conseguisse, finalmente, fugir de Susanna Finch e de suas distrações sensuais enlouquecedoras. Como se não fosse ruim o bastante observá-la subindo a colina no dia anterior, agora ele tinha de sofrer por saber que, em algum lugar não muito distante lá embaixo, ela logo estaria

completamente molhada.

Os gêmeos Bright deixaram tambor e pífaro de lado e se juntaram a eles na beirada da falésia.

“Não adianta vocês ficarem esticando o pescoço daqui”, disse Rufus. “Elas ficam bem escondidas quando colocam os trajes de banho.”

“Trajes de banho?”, Bram fez pouco caso. “Deixe com as mulheres inglesas para civilizarem o oceano.”

“Se vocês querem uma vista melhor, o lugar certo para espiar, basta descer um pouco o cume”, disse Finn e gesticulou na direção de um ponto da colina. Quando Bram ergueu a sobrancelha, as faces do garoto ficaram vermelhas. “Pelo menos é o que eu soube... Pelo Rufus.”

Seu irmão deu-lhe uma cotovelada no flanco.

Àquela altura, o resto dos homens havia se aproximado e se reunia perto da beira da falésia.

“Fale-me dessa trilha”, disse Bram.

“Bem ali”, Finn apontou. “Degraus cortados na pedra pelos piratas na época dos nossos avós. Houve um tempo em que, na maré baixa, dava para subir do mar até a falésia. A trilha sofreu com a erosão e está interrompida no meio do caminho. Mas, descendo um pouco, tem-se a melhor vista da enseada.”

Bram franziu a testa.

“Você tem certeza de que ninguém conseguiria subir por ali? Se espiões ou contrabandistas soubessem disso, essa trilha poderia representar um risco verdadeiro.” Ele se voltou para os voluntários pescadores. “Seus barcos estão prontos? Eu gostaria de dar uma olhada nas falésias a partir do mar.”

O vigário correu para perto dele.

“Oh, mas, milorde…”

“Mas o quê, Sr. Keane? Está um belo dia. Maré alta.”

“As moças estão tomando seu banho de mar, milorde.” Keane passou a manga da camisa pelo rosto avermelhado. “A Srta. Finch não gostaria da intromissão.”

Bram soltou um suspiro impaciente.

“Sr. Keane. O propósito desta milícia é proteger a Srta. Finch e todos os cidadãos de Spindle Cove de intrusos indesejáveis. E se uma fragata francesa aparecesse neste momento, em curso para esta enseada? Ou um navio pirata americano? Você acha que eles interromperiam a invasão simplesmente porque é terça-feira? Vai adiar a luta contra eles simplesmente porque está na hora do banho de mar das moças?”

O ferreiro coçou a nuca.

“Se algum navio for idiota o bastante para entrar nesta enseada, nós podemos simplesmente sentar e assistir as pedras acabarem com ele.”

“Não há tantas pedras ali.” Bram olhou por sobre a borda. No trecho de água azul diretamente abaixo deles, poucas rochas chegavam à superfície. Um barco a remo de bom tamanho conseguiria chegar até a falésia.

“De qualquer modo”, disse Fosbury, “hoje não há nenhuma fragata francesa no horizonte. Nem piratas americanos. Vamos deixar as moças com sua privacidade.”

“Privacidade?”, ecoou Bram. “Que privacidade? Você todos estão aqui babando por elas enquanto as moças nadam e boiam como sereias.”

E claro que ele não era melhor do que os outros. Todos ficaram em silêncio por um longo minuto, enquanto, uma a uma, as moças foram entrando na água, rapidamente submergindo, ficando com o mar até o queixo. Ele as contou... Uma, duas, três solteirinhas… até somarem onze. A Srta. Finch, com sua cabeleira inconfundível, foi a décima-segunda.

Por Deus, como Bram gostaria de nadar naquele momento. Ele podia até sentir a água ao seu redor, fria e excitante. Ele conseguia visualizar Susanna em sua mente, nadando a seu lado. Vestindo um traje molhado, translúcido, coberta por aquele glorioso cabelo solto, ela ficava no raso, desenhando círculos impossíveis com os braços enquanto a espuma das ondas batia em seus seios.

Concentre-se, Bramwell.

Seios brancos como o leite, no tamanho perfeito para suas mãos, coroados por bicos rosados e atrevidos.

Concentre-se em outra *coisa, seu confuso imbecil.*

Descansando seu peso em uma rocha próxima, ele começou a soltar as botas. Depois que tirou as duas, enrolou as mangas até os cotovelos. Vestindo apenas calções e camisa, Bram andou até a extremidade da parede calcária que se debruçava sobre o mar, agarrando-se à superfície com seus dedos dos pés.

“Espere”, disse Colin. “O que você está fazendo? Eu sei que esta milícia não está saindo como você planejou, e que a única coisa que este conjunto de almas patéticas tem de comum é um par de bolas ressecadas e minguadas. Mas com certeza não é para tanto.”

Bram fez uma careta para o primo.

“Só estou dando, eu mesmo, uma olhada nessa trilha, já que a ideia de uma pesquisa a bordo de um barco deixou todo mundo agitado.”

“Eu não estou agitado”, disse Colin. “Mas não sou idiota o bastante para me

aproximar tanto da borda da falésia.”

“Ótimo. Acredito que será bom ficar algum tempo longe de você.” Bram foi o mais longe que pôde e observou. Como Finn e Rufus disseram-lhe, os degraus escavados na pedra desciam um trecho pela falésia até se transformarem em nada. Ninguém conseguiria subir por ali sem a ajuda de cordas e polias. Ou asas.

Tendo satisfeito sua curiosidade, ele se virou sobre a pedra e encarou os homens. Ele não estava usando sua insígnia de oficial, mas utilizou com autoridade sua voz e atitude.

“Escutem bem, todos vocês. Quando eu der uma ordem, ela será seguida. Hoje será a última vez em que irei tolerar qualquer hesitação, ainda que mínima, por parte de qualquer homem. Pigarros, muxoxos, indecisões, agitação e, principalmente a necessidade de ‘perguntar à Srta. Finch’, serão motivo para dispensa imediata, sem pagamento. Fui claro?”

Um murmúrio geral de concordância se fez ouvir.

Ele bateu no próprio peito com o polegar.

“Eu sou seu lorde e comandante, agora. Quando eu disser marchar, vocês marcham. Quando eu disser disparar, vocês disparam. Sem importar o que a Srta. Finch pensaria do assunto… Se eu lhes mandar pular desta falésia, vocês vão pular sorrindo.”

Antes de descer da rocha, ele se permitiu uma última olhada para a enseada. Todas as moças balançavam e flutuavam naquele mar refrescante, atraente, azul-cristal. Uma, duas, três solteirinhas…

Ele parou. Franziu a testa. Concentrou-se e olhou novamente. E então seu coração saiu de seu peito e caiu da borda do penhasco.

Ele contou apenas onze.

Capítulo Doze

“O que Lorde Rycliff está fazendo lá em cima?”, perguntou Charlotte, apontando para a falésia. “Espiando-nos? Onde estão as roupas dele?”

“Eu não sei.” Aguçando a vista, de onde se encontrava, na borda da água, Susanna viu Bram, descalço, aproximar-se da beira da falésia.

“Ele parece tão triste e sério.”

“Ele está sempre assim.”

Lá de baixo, ela ouviu Lorde Payne gritar:

“Não faça isso, Bram! Você ainda tem muito pelo que viver!”

As moças gritaram quando Rycliff, aparentemente ignorando seu primo, flexionou as pernas… e pulou.

“Oh, meu Deus!” Horrorizada, Susanna assistiu ao longo e perigoso mergulho no mar. “Pulou! Ele percebeu que aqueles homens não têm jeito e isso o levou ao suicídio.”

Um enorme borrifo de água anunciou seu impacto no mar. Ela só pôde rezar para que aquele não fosse o prelúdio de um impacto com algo mais. Aquele local era rochoso. Toda a enseada era rochosa. Era provável que ele batesse a cabeça em uma pedra e nunca mais emergisse.

“Vá buscar ajuda”, disse ela à Charlotte e levantou as saias de seu traje de banho. “Chame os homens lá em cima e diga-lhes que sigam a trilha até a praia.”

“Mas… eu não estou vestida. O que minha mãe vai dizer?”

“Charlotte, está não é hora de melindres. É questão de vida ou morte. Faça o que eu digo.”

Susanna se jogou no mar e nadou até o lugar em que ele parecia ter mergulhado. Ela cortou as ondas com braçadas rápidas e confiantes, mas seu progresso foi dificultado pelo traje de banho cheio de saias, que elas usavam pelo bem do pudor. O tecido arrastava-se ao redor de seus tornozelos, pesado e

enrolado.

“Lorde Rycliff!”, chamou Susanna, aproximando-se do local de onde ele havia pulado. Ela aprumou-se e começou a bater as pernas, olhando para um lado e para outro, mas em vão. Ela viu muitas pedras, mas nenhuma delas parecia-se com uma cabeça. “Lorde Rycliff, você está bem?”

Nenhuma resposta. Sua saia prendeu em um obstáculo, e o puxão repentino a levou para baixo. Susanna engoliu água do mar. Quando emergiu, ela cuspiu e tossiu.

“Bram!”, gritou ela, começando a ficar desesperada. “Bram, onde está você? Está ferido?”

Ele irrompeu a superfície da água a cerca de meio metro dela encharcado, com o olhar sombrio e perigoso.

Ele estava vivo. A explosão de alívio foi tão visceral, tão repentina, que quase a dominou.

“Bram, o que é que você estava pens…”

Ele a ignorou por completo enquanto virava a cabeça para todos os lados, esquadrinhando a enseada.

“Onde está ela?”

“Quem?”

“A número doze.” Enchendo os pulmões de ar, ele desapareceu novamente sob a superfície, e Susanna ficou batendo as pernas para não afundar, totalmente desnorteada.

Número doze? Aquilo não fazia sentido. Céus, aquilo parecia com o ridículo bombardeio de ovelhas.

Ele reapareceu na superfície e passou a mão pelo rosto para afastar a água.

“Preciso encontrá-la. A garota de cabelo escuro.”

Minerva! Agora fazia sentido. Ele estava procurando por Minerva Highwood. Ele mergulhou do penhasco para salvá-la. Aquele bravo, heroico, temerário e desorientado idiota.

“Vou procurar ali.” Ele saiu nadando e circulou um grupo de rochas.

“Espere”, Susanna gritou, nadando atrás dele. “Bram, eu posso explicar. Ela não se afogou, eu juro.”

“Ela estava aqui e não está mais.”

“Eu sei que parece isso, mas se você…”

Ele encheu novamente os pulmões de ar e mergulhou. Uma eternidade pareceu passar antes que ele reaparecesse. O homem tinha a capacidade pulmonar de uma baleia.

Quando finalmente voltou para respirar, Susanna se jogou sobre ele para impedi-lo de afundar novamente.

“Espere!”

Ela o pegou por trás, como uma criança brincando de cavalinho, passando os braços pelos ombros de Bram, e as pernas – tanto quanto permitia o traje de banho –, por sua cintura.

“Ela está bem!”, gritou Susanna em sua orelha, balançando-o para trás e para frente. “Escute-me. A número doze. Minerva Highwood. Ela está viva e bem.”

“Onde?”, perguntou ele, sem fôlego. Ele se chacoalhou, e água do mar espirrou no olho dela.

“Tem uma caverna”, ela pegou a cabeça dele entre suas mãos e fez com que ele a virasse. “Ali. A entrada fica submersa quando a maré está alta, mas eu mostrei para ela como nadar até lá. Minerva está viva, bem e à procura de rochas. Geologia, lembra?”

“Geologia.”

Eles ficaram em silêncio durante algum tempo. Ela subia e descia enquanto ele respirava com dificuldade, tentando recuperar o fôlego.

“Você foi bondoso”, disse ela, pressionando seu rosto contra a nuca dele. “Você foi bondoso ao tentar salvá-la.”

“Mas ela está bem.”

“Está.” *E você também, graças a Deus*.

Algumas inspirações profundas depois, ele disse:

“Acredito que você pode me soltar em segurança. Aqui já dá pé.”

Foi então que ela percebeu que Bram não tinha se movido, apesar de toda a agitação dela. Susanna espiou por cima do ombro dele. A água estava na altura do peito de Bram, colando a camisa aberta a seu corpo. O colarinho aberto revelava gotículas de água agarradas aos pelos escuros de seu peito, que brilhavam sob a luz do sol. Ondas pequenas lambiam seus escuros mamilos masculinos, perfeitamente delineados pelo tecido molhado.

E Susanna estava colada nas costas dele, com seus membros esparramados, como um polvo maluco.

“Oh.” Mortificada, ela escorregou das costas dele. Susanna esticou as pernas e alcançou o solo firme. “Ora, isso é muito constrangedor.”

Quando ela finalmente arrastou seu olhar para o rosto dele, percebeu que Bram estava olhando para os mamilos *dela*. Que previsível. Típico de homem. Ela se preocupou que ele pudesse ter morrido, e Bram tinha a ousadia de estar vivo. Ultrajante, decididamente viril, forte e vivo. Como ele ousava? Como ele

ousava?

Com toda a agitação daquele resgate aquático, culminando diversos dias de tensão não manifesta, um corte de cabelo revelador e, não menos importante, aquele beijo explosivo… Havia emoção demais crescendo dentro dela, o que só poderia ter dois motivos: raiva irracional ou…

Ela nem iria considerar o "ou". Seria raiva irracional, então.

"Seu imbecil descuidado!", exclamou ela. "Seu cérebro de molusco podre. O que estava pensando, mergulhando daquele jeito? Você não viu as rochas? Podia ter se matado!"

O queixo dele estremeceu.

"Eu também poderia perguntar o que *você* estava fazendo, nadando nesse traje medonho. Você podia ter sido arrastada para baixo da água, como Ofélia, e morrido afogada."

"Eu nadei até aqui para salvar você, seu animal. Sou uma nadadora muito boa."

"Eu também sou bom nadador. Não preciso de resgate."

Ela virou a cabeça e cuspiu mais um tanto de água marinha.

"Vai precisar quando eu acabar com você."

Abaixo da superfície da água, algo tocou sua cintura. Um peixe? Uma enguia? Ela bateu no ser, rodopiando.

"Calma. Sou eu." O braço dele envolveu sua cintura e a puxou para perto. Os dois afundaram na água até o pescoço. Nadando com apenas um braço, ele a puxou para entre duas rochas.

"O que você pensa que está fazendo?"

Ele olhou para o alto da falésia.

"Conseguindo um pouco de privacidade para nós. Precisamos conversar."

"Aqui? Agora? Não poderíamos conversar em lugar e momento mais apropriado?"

"Esse é o problema." Ele passou a mão por seu cabelo escuro e molhado. "Não consigo parar de pensar em você. O tempo todo. Em todos os lugares. Eu tenho um trabalho a fazer aqui. Homens para treinar. Uma vigília para organizar. Um castelo para defender. Mas não consigo nem mesmo me concentrar, por que fico pensando em você."

Ela olhou para ele. Como? Era *essa* a conversa que ele queria ter. Bem, Susanna entendia por que ele não podia ir visitá-la em casa e puxar o assunto durante o chá.

"Diga-me o que é isso, Susanna, mas lembre-se de que está falando com um

homem que pode marchar duzentos quilômetros a mais só para evitar um envolvimento romântico.”

“Envolvimento?”, Ela forçou uma risada casual, uma fileira de ha ha has nada convincentes. “Um barril de piche quente não bastaria para me envolver com você.”

Ele balançou a cabeça, parecendo perplexo.

“Eu gosto até mesmo quando você me ataca.”

“Você me viu com a arma. Se eu realmente atacasse você, prometo que iria doer. E você não gostaria nem um pouco.” Tinha de escapar daquela situação e também dos grandes e musculosos braços de Bram. Ela se debateu, mas ele apenas a segurou mais apertado.

“Você não vai escapar. Ainda não.” A voz grave dele enviou vibrações através da água. “Nós vamos resolver isto agora, você e eu. Bem aqui... Agora... Vou lhe contar cada pensamento maluco, erótico, depravado que você me inspirou, e então você vai voltar para casa correndo, assustada. Vai trancar a porta do quarto e ficar lá por um mês, para que eu possa me concentrar e fazer meu maldito trabalho.”

“Esse parece um plano muito mal pensado.”

“Ultimamente pensar não tem sido meu ponto forte.”

A percepção daquele clima sensual… oh, era perigoso. Ela podia aprender a gostar daquela situação. Para ser honesta, já estava gostando, mas podia aprender a *desejá-la*, o que tornaria difícil seu futuro solitário. Ela sabia que Bram precisava de um pouco de contato físico, o que devia ter lhe faltado durante muito tempo, talvez devido à guerra. Mas no máximo ele tinha em mente um enlace frenético de corpos, não uma fusão de corações e almas.

“Eu quero você”, disse ele, simples, clara e descontroladamente.

Está vendo?, ela disse para si mesma. *Ele não pode ser mais claro do que isso.*

“Eu quero você... Eu sonho com você... Fico desesperado para estar perto de você”, disse Bram, provocando um novo arrepio que escorreu pela coluna de Susanna. “Para tocar você inteira...” As mãos dele passearam por suas costas e seus braços. “O que é essa coisa horrível que você está vestindo?”

“É um traje de banho.”

“Parece uma mortalha. E é opaco demais.”

“Claro, ora. Esse é o objetivo. Opacidade.” A respiração dela ficou rápida; as palavras, tolas.

Uma das mãos de Bram deslizou para capturar seus dedos. Ele os ergueu

acima da superfície da água, chacoalhando-os como se fossem um tipo de evidência contundente.

“Quem usa luvas no oceano.”

“Eu uso.” Ela engoliu em seco.

“Essas suas luvas, elas me deixam louco. Eu quero arrancá-las de suas mãos. Beijar esses punhos esguios, chupar cada um desses dedos delicados e longos. E esse seria só o início. Eu também quero ver o resto de você. Seu corpo foi feito para dar prazer a um homem. É um crime contra a natureza escondê-lo.”

Aquilo não podia estar acontecendo. Não com *ela.* Susanna fechou os olhos com força, depois os reabriu.

“Lorde Rycliff, está se esquecendo de sua posição.”

“Não, não estou.” Seus olhos verdes a aprisionaram. “Eu sei exatamente quem sou. Tenente-coronel Victor St. George Bramwell, Conde de Rycliff há alguns dias. Você é Susanna Jane Finch e eu quero vê-la nua. Nua, branca e encharcada até a raiz dos cabelos, com gotas de água do mar brilhando ao luar. Eu vou lamber o sal do seu corpo.”

Ele passou a língua pelo rosto dela. Susanna se sentiu sem ar. Os bicos dos seios endureceram, projetando-se contra o tecido grosso e molhado.

“Você é louco”, ofegou ela.

Os lábios de Bram roçaram sua orelha.

“Estou perfeitamente lúcido. Quer testar minha memória? Às segundas-feiras vocês caminham pelo campo. Às terças-feiras tomam banho de mar. Amanhã talvez eu encontre você no jardim e a arraste para trás de algum arbusto.”

A sugestão a enfraqueceu. Ela imaginou o corpo dele sobre o seu. O calor dele, contrastando com o solo frio e úmido. A imaginação de Susanna invocou os aromas da grama e da terra.

“E às quintas…” Ele se afastou e olhou estranho para ela. “Isso é interessante. Nós nunca chegamos à quinta-feira. Por favor, diga-me que às quintas vocês passam óleo no corpo e lutam ao estilo grego.”

Ela bufou.

“Você é horrível.”

“E você adora... Essa é a pior parte. Você me quer com a mesma urgência que eu sinto, porque sou exatamente o que você precisa. Não existe outro homem nessa vila que seja forte o bastante para tomá-la. Você precisa de um homem de verdade, que lhe mostre o que fazer com toda essa paixão que borbulha abaixo da sua superfície. Você precisa ser desafiada, dominada.”

Dominada?

“E você precisa ser enjaulado, seu animal.”

“Um animal é exatamente o que você quer. Um bruto medieval, grande e sombrio, que jogue você no chão, arranque as roupas do seu corpo e faça o que quiser com você. Eu sei que tenho razão. Não me esqueci de como você ficou *excitada* depois daquela explosão.”

A ousadia dele!

Como ele poderia saber?

Susanna ergueu o queixo.

“Bem, eu não me esqueci do som que você fez na primeira vez em que toquei sua testa. Não foi nem mesmo um gemido, foi mais um… choramingo.”

Ele fez um som de pouco caso.

“Ah, foi sim”, continuou Susanna. “Um choramingo carente, solitário. Porque você quer um anjo. Uma virgem doce, terna, que o abrace, faça carinho, sussurre promessas no seu ouvido e faça você se sentir humano novamente.”

“Isso é absurdo”, zombou Bram. “Você está simplesmente implorando para receber uma lição nua e crua sobre o que significa dar prazer a um homem.”

“O que você quer mesmo é deitar a cabeça no meu colo e sentir meus dedos em seu cabelo.”

Ele a encostou na rocha.

“Você precisa ser violada.”

“Você”, ela ofegou, “precisa de um abraço.”

Eles ficaram se encarando durante um longo e tenso momento. Primeiro, nos olhos. Depois cada um olhou para os lábios do outro.

“Sabe o que eu acho?”, perguntou ele, aproximando-se. Chegando tão perto, que Susanna podia sentir o hálito dele aquecendo sua face. “Acho que estamos tendo, de novo, uma daquelas discussões exasperantes.”

“Do tipo em que os dois lados têm razão?”

“Ah, sim.”

Dessa vez, quando se beijaram, os dois produziram aquele som. Aquele profundo gemido e ansioso som.

Aquele som que dizia *sim.*

E *finalmente...*

Você é exatamente o que eu preciso...

Ela conseguia sentir a tensão e a urgência represadas nos músculos de Bram. Mas seu beijo era a expressão da paciência. Sua boca tocou a dela, abrindo-lhe os lábios. O pulso de Suzanna martelou quando Bram fez a primeira investida com a língua.

Oh, céus. Oh, céus. Oh, céus.

Havia paixão estocada dentro dela. Ele tinha dito que Susanna era um barril de pólvora, mas aquilo era um eufemismo. Ela entendia, agora, e podia enxergar dentro de si. Grandes armazéns, paióis inteiros. Havia caixas de beijos nunca dados. Tonéis de doces carícias, mantidos selados para não tomarem chuva. Fileiras e fileiras de gemidos e suspiros, todos cuidadosamente engarrafados e arrolhados.

Ele destampava uma daquelas garrafas agora, com um toque habilidoso de sua língua. Ele pressionou o polegar na articulação do queixo de Susanna, liberando ainda mais desejo. Ele a beijava profunda e lentamente, dando-se tempo para explorá-la.

“Bram”, ela se ouviu sussurrar. Susanna passou as mãos pelo cabelo curto e macio dele. “Oh, Bram.”

Quanto mais ele avançava, mais perto chegava dos outros aposentos. Aqueles quartos sem uso e empoeirados do coração de Susanna. Ele ousaria se aventurar por ali? Ela duvidava... Pular de um penhasco era um tipo de coragem vistosa, mas um homem precisava de força e bravura verdadeiras para pôr abaixo aquelas portas trancadas. Havia lugares escuros e desconhecidos dentro dela, que foram construídos para abrigar amor, mas até Susanna tinha receio de explorá-los. Ela ficou aterrorizada ao perceber como aqueles lugares eram imensos e dolorosamente vazios.

E seu coração não era o único lugar vazio e dolorido. Entre suas pernas ela sentia o mesmo. Enquanto se beijavam, Bram levou as mãos até suas costas e a ergueu, trazendo sua pelve de encontro à dele. A excitação de Bram, quente e saliente, foi apertada contra seu sexo. Ela gemeu dentro do beijo, um pedido sem palavras por algo mais. Claro que ele saberia como responder.

E ele o fez.

Bram mordeu seu lábio. Forte.

“Ah!” Bram retraiu-se, rompendo completamente o abraço.

Susanna abriu os olhos e viu Bram com a mão na cabeça e uma careta de dor.

“Que diabos…?”, exclamou ele.

“Tome isso, seu bruto.” Minerva Highwood colocou-se entre os dois, absolutamente encharcada e segurando um saco pesado.

“Minerva?” Recuperando-se da interrupção abrupta, Susanna levou o dedo ao seu lábio, para ver se estava sangrando.

“Não se preocupe, Srta. Finch. Estou aqui, agora.”

Ela devia ter saído da caverna e… *visto* os dois! Oh, Deus!

“Estou bem... de verdade.” Susanna olhou para o saco que Minerva empunhava. Parecia feito de lona. “O que tem aí?”

“Pedras. O que mais?”

Pedras! Bom Deus. Susanna olhou preocupada para Bram. O homem acabava de levar uma cacetada na cabeça. Era de espantar que não tivesse caído inconsciente. Ela se aproximou dele, mas Minerva deu um gritinho e jogou seu corpo na frente do de Susanna.

“Segurem-se. Lá vem ele novamente, o… o Zeus vingador.”

Bram continuava nitidamente atordoado, esfregando a cabeça com a mão. Com um grunhido de dor e um movimento repentino, ele se pôs em pé – tirando da água a cabeça, os ombros e o tronco magnificamente esculpido. Gotículas de água foram borrifadas para todo lado, capturando os raios de sol e brilhando como pequenas fagulhas.

Zeus vingador, de fato. Ele parecia um deus grego envolto em sua túnica, transbordando potência masculina e um ar divino de domínio. Aquela visão tirou o ar de Susanna, que, por um instante, pensou que *ela* havia sido a pessoa atingida na cabeça por um saco de pedras. Ele era lindo! Deslumbrante em sua perfeição masculina.

“Não se preocupe.” Minerva subiu em uma rocha próxima, preparando seu saco de pedras. “Vou salvá-la, Srta. Finch.”

Susanna tentou segurá-la.

“Minerva, não! Não precisa. Ele não estava…”

Tchibum.

Capítulo Treze

Bram foi recobrando os sentidos lentamente, recuperando a consciência em uma onda suave, calmante. O mundo estava escuro, mas ele sentia-se todo aquecido. Uma sensação deliciosa envolvia sua perna ferida, afastando toda sua dor com um toque rítmico e leve.

Conforme ele abriu os olhos, perguntas pipocaram no limiar de sua consciência. Onde ele estava? Quem o tocava? E como ele faria para que nunca, jamais parasse?

"Oh, Bram." A voz de Susanna. "Meu Deus. Olhe só para isto."

Ele lutou para se erguer em um cotovelo e estremeceu com a pontada aguda de dor. Ele viu um redemoinho de lençóis brancos. Viu suas próprias pernas morenas e peludas. Ele viu mãos na sua pele.

Mãos nuas, sem luvas.

Bram deixou-se cair no colchão, querendo dormir de novo. Obviamente, ele estava alucinando. Ou morto. O toque dela era celestial.

"Isto explica tanta coisa", disse ela, estalando a língua de forma maternal. "Você está querendo compensar este apêndice atrofiado."

Apêndice atrofiado? De que diabos ela estava falando? Bram balançou a cabeça, tentando recuperar a clareza. As previsões sombrias de Colin, sobre galhos murchos e uvas-passas agitaram seu cérebro.

Totalmente desperto, ele lutou com os lençóis para se sentar.

"Escute aqui. Não sei que tipo de liberdade você tomou enquanto eu estava inconsciente, ou o que sua imaginação de solteira a preparou para ver, mas precisa saber que a água estava muito fria."

Ela piscou, confusa.

"Estou falando da sua perna."

"Oh." A perna. *Aquele* apêndice atrofiado.

Quanto tempo ele esteve inconsciente? Uma hora? Mais? Ela estava usando um vestido listrado de musselina, mas seu cabelo continuava molhado, penteado para trás, formando ondas de âmbar escuro.

As mãos dela continuavam a tocá-lo. Ele viu que os dedos de Susanna brilhavam, revestidos por algum tipo de óleo. O aroma de ervas da substância ocupava sua cabeça. O desejo fazia seu sangue correr por todo o corpo. Devia ser um sintoma de seu prolongado celibato, que as mãos de Susanna, sem luvas, o excitassem mais do que uma mulher inteiramente nua no passado.

Ou talvez aquilo fosse um sinal de que ele queria aquela mulher com mais intensidade do que jamais quis qualquer outra.

“Onde estamos?”, perguntou ele, examinando o aposento. Um quarto iluminado, arejado, decorado com tecidos coloridos e madeira. O colchão embaixo dele parecia vergado e esticado como uma rede, devido ao seu peso.

“Summerfield.”

“Como chegamos até aqui?”

“Foi muito difícil. Você pesa tanto quanto um touro, mas você vai gostar de saber que seus homens encararam o desafio.”

Droga. Maldição. Que o diabo o pegasse e o jogasse de um penhasco. Seu segundo dia no comando de novos recrutas e ele o coroava ao cair inconsciente, derrubado por uma intelectual e sua bolsa. Eles haviam carregado seu peso morto até ali, provavelmente passando pela vila no caminho e atraindo uma multidão de curiosos. Até as ovelhas deviam ter visto a procissão, balindo de satisfação. Ele era seu lorde e comandante, e agora todos o tinham visto em seu momento mais frágil.

“Deve ter sido divertido para você, ver uma garotinha me bater e deixar inconsciente.”

“Não mesmo”, disse ela. “Fiquei apavorada.”

Ela não estava aterrorizada no momento. Bastava olhar para ela, debruçando-se sobre ele, oferecendo-lhe rápidas visões de seu busto pálido e sardento. Massageando sua perna nua com dedos talentosos, destemidos. Antes ela o havia chamado de animal. Agora tratava-o como um passarinho de asa quebrada.

Ele rosnou para a perna ferida. Apêndice atrofiado, de fato.

“Aqui.” Ela colocou um copo em sua mão. “Beba isto.”

“O que é?”, ele observou o líquido com ceticismo.

“Alívio para a dor, em líquido. Minha própria fórmula.”

“Você é uma curadora?” Ele franziu o rosto, e doeu. “Devia ter imaginado que você era uma dessas mulheres que andam com sua cestinha de ervas.”

“Ervas são boas. Têm seus usos. Para um ferimento como esse, você precisa de remédios.”

Ele experimentou.

“Argh. Isto é repulsivo.”

“É muito forte para você? Se quiser, posso acrescentar um pouco de mel. É o que faço para as crianças da vila.”

Ele engoliu o resto da poção sem falar nada. Na verdade, ele *não podia* falar, com aquele gosto amargo queimando sua garganta.

Após colocar o copo vazio de lado, Susanna voltou sua atenção para a perna dele.

“O que aconteceu com você?”

“Uma bala aconteceu comigo.”

“É um milagre que não tenha perdido a perna.”

“Não foi milagre, mas pura força de vontade. Acredite em mim, aqueles cirurgiões de campo sanguinários queriam amputá-la.”

“Ah, eu acredito. Já conheci minha cota de cirurgiões sanguinários. Minha adolescência foi repleta deles.”

“Você foi uma criança doente?”

“Não.” Ela balançou a cabeça.

Susanna mergulhou os dedos no pote de óleo e concentrou-se na perna de Bram, nos músculos doloridos de sua coxa. É claro que ao aliviar a dor nesses músculos ela criava novas aflições no púbis dele. Ela não sabia como podia ser perigoso provocar um homem daquela forma?

Ele tinha que falar para ela parar. Não conseguia.

O toque dela era… Deus, era tudo que ele estava precisando. Ela realmente era talentosa.

“E como você fez para se defender deles?”, perguntou ela. “Dos cirurgiões de campo.”

“Thorne”, disse ele. “Ficou sentado ao meu lado com a pistola engatilhada, pronto para atirar assim que visse o brilho de uma serra de ossos.”

“Imagino que Thorne conseguisse espantá-los apenas com o olhar.” Ela passou o dedo por uma cicatriz ao lado do joelho, uma linha fina que se destacava em meio às deformações. “Mas alguém operou seu joelho. Alguém habilidoso.”

Ele aquiesceu.

“Demorou três dias, mas encontramos um cirurgião que prometesse não amputar.”

Ela passou a mão por uma linha horizontal na coxa de Bram, acima do ferimento de bala. Não havia cicatriz ali, mas uma tira de couro deixara sem pelos uma faixa de pele, que estava lisa como pele de bebê. Outra faixa igual, sem pelos, circulava sua panturrilha. Susanna também a tocou. Bram estremeceu, não por dor, mas pelo contato. Ele esperava que ela não compreendesse o significado daquelas faixas.

"Você estava usando suportes", disse ela.

Bram não respondeu.

"Por que você tirou? Bram, não pode simplesmente ignorar um ferimento desta magnitude."

Ele tinha que ignorar. Seu propósito não era somente treinar homens, mas liderá-los, inspirá-los. Como ele conseguiria realizar tudo aquilo portando uma fraqueza tão óbvia?

"Estou curado", disse ele. "Quase não dói mais."

Ela bufou de incredulidade.

"Mentiroso. Você tem sentido muita dor. E mais hoje do que normalmente, aposto, com todos aqueles exercícios de marcha no campo. A água deve ter produzido uma sensação boa."

"Produziu, mas não tanto quanto você." Ele estendeu a mão para Susanna, ansioso por tomar a iniciativa. Ele estava deitado passivamente havia tempo demais.

Ela deu um tapinha em sua mão.

"Você deveria continuar com o suporte. Olhe só este inchaço." Ela passou o dedo pelo joelho vermelho e deformado. "Você não está pronto para marchar sem apoio."

Aquele tom de pena, as palavras de repreensão… Algo estourou dentro dele.

Bram agarrou o pulso dela com tanta força, que Susanna gemeu.

"Não venha me dizer o que eu posso fazer." Ele a apertou ainda mais forte. "Está me ouvindo? Nunca me diga o que eu não posso fazer. Aqueles cirurgiões disseram que eu nunca mais poderia andar. Provei que estavam errados. Meus superiores acham que não posso comandar tropas. Vou mostrar que eles também estão errados. Se você quer me tratar como um inválido, um homem que você pode cuidar, tocar e acariciar sem correr qualquer perigo…" Ele a puxou pelo braço, trazendo-a para cima de si, e cingiu a cintura de Susanna com o outro braço. "Vou ter que provar que você também está errada."

Os olhos dela chisparam.

"Solte-me."

“Sem chance.”

Ela lutou para se soltar, mas sua respiração curta e ofegante ofereceu a Bram uma visão deliciosa de seus seios.

“Não vai conseguir, querida. Minha perna pode estar machucada, mas sou forte como um touro em todas as minhas outras partes.”

“Até touros têm suas fraquezas.” Ele sentiu que ela se contorcia e insinuava uma de suas pernas delgadas entre as dele. O atrito quente de seus corpos, separados pela fina camada de tecidos do vestido dela e do lençol, deixaram-no ardendo. Ela atacou rapidamente, tentando acertar o joelho na virilha de Bram. Ah, ela sabia bem como machucar um homem. Mas ele estava um passo à frente dela. Bram passou sua perna boa sobre as dela, prendendo-as. Então ele fez um giro rápido e se colocou sobre Susanna.

“Pronto. Você é minha”, disse ele, colocando uma das mãos sobre a cabeça dela. “O que você vai fazer agora?”

“Vou gritar. Há dois criados do lado de fora deste quarto. E meu pai está dormindo no fim do corredor.”

“Vá em frente, grite. Chame os criados e seu pai. Vamos ser encontrados em uma posição muito comprometedora. Minha carreira estará acabada; sua reputação, arruinada, e ficaremos presos um ao outro pelo resto da vida. Não podemos deixar isso acontecer, podemos?”

“Deus, não.”

Bram a encarou. Estranho. Ele havia passado toda sua vida adulta evitando envolvimentos românticos, mas lá estava ele, completamente envolvido com aquela mulher, e a ideia de ser obrigado a se casar com ela não o horrorizava do modo que deveria. Na verdade, se Bram se permitisse, ele imaginaria uma vida de noites passadas em um quarto graciosamente decorado, sobre um colchão limpo e macio, com o doce aroma de ervas de Susanna no ar e o corpo pálido dela se contorcendo debaixo do seu…

Aquele era o cenário mais estranho e improvável para ele; mas, curiosamente, aquela imagem não o repelia.

Ela tentou se mexer.

“Bruto. Animal.”

Rindo, ele a beijou na testa.

“Assim é melhor.” Ele preferia o escárnio à piedade dela. Piedade fazia Bram se sentir impotente. Provocar a raiva dela fazia com que se sentisse vivo. E ela era maravilhosamente fácil de provocar.

“Deus, ter você debaixo de mim, em uma cama…” Ele a beijou, somente no

canto da boca. “Você me deixa louco de desejo, Susanna. Nós somos muito bons juntos.”

Bram aliviou a pressão no pulso dela, mas o manteve preso apenas com o peso de seu braço. Ele deslizou o polegar pela mandíbula dela, parando sobre a artéria acelerada. Então baixou o dedo, acariciando o declive suave de sua garganta. A pele dela era tão macia… Será que ela havia tomado banho, perguntou-se Bram? Ou continuava com o sabor do mar?

“Muito bem”, disse ela. “Você provou o que queria. É um homem grande e forte, e eu sou uma mulher indefesa. Agora me solte.”

“Vou soltar você, se é o que realmente deseja, mas não acho que seja.”

Virando a mão, ele deslizou as costas de seus dedos pelo peito dela, até alcançar os seios. Ele tocou os limites do decote de Susanna. O tecido translúcido, rendado, subia e descia no ritmo da respiração dela, como a espuma no cume de uma onda.

Se ela quisesse que ele parasse, seria fácil. Os braços de Susanna estavam praticamente soltos. Bram apoiou seu peso em um cotovelo. Um movimento rápido para a direita e ela se soltaria.

Susanna olhou para aquela direção, obviamente pensando o mesmo.

Mas ela não se moveu. Ela também queria aquilo.

De forma lenta mas decidida, Bram envolveu o seio dela com a palma de sua mão. Ela engoliu uma exclamação.

Bram também se esforçou para conter seu próprio gemido de prazer. Aquela elevação macia, redonda, encaixava-se perfeitamente em sua mão, aquecendo-se ao seu toque. Enquanto a segurava, o mamilo dela endureceu até virar uma ponta que pressionava o centro de sua palma. Apenas uma ponta pequena, dura, mas indescritivelmente excitante. O corpo dela respondia ao seu, *chamando-o*. O membro dele respondeu, endurecendo até ficar dolorido.

Ele baixou a cabeça e pressionou seus lábios no pescoço nu de Susanna, acariciando a elevação do seio dela enquanto desenhava uma trilha descendente com seus beijos. Susanna não tinha gosto de mar, mas de doce feminilidade. Ele a lambeu, deslizando a língua por um caminho tortuoso e preguiçoso ao longo de sua clavícula. Então, descendo, acompanhou a linha do decote. Ali, o corpete justo o frustrou. Ele inseriu um dedo apenas entre o tecido e a pele, fazendo o decote descer, só um pouco. Bram precisava tocá-la ali, sentir a ponta firme do mamilo de Susanna na ponta de seu dedo.

Trabalhando em pequenos arcos, ele foi descendo o dedo, explorando o cetim quente que era a pele dela, descobrindo a geografia incomparável daquele

globo carnudo e delicioso. Bram finalmente alcançou com seu polegar a borda da aréola de Susanna e sentiu um surto triunfante. Ele se sentia um conquistador descobrindo um novo território. Uma ilha redonda de promessas, rodeada por dunas ondulantes e encimada por um pico que se elevava. Ele o escalou aos poucos, com respiração difícil. Deus, só mais um pouco…

Ali.

Ela soltou uma exclamação assustada, ofegante, e seu corpo todo arqueou para encontrar o dele. A reação apaixonada quase acabou com ele. Os pensamentos de Bram ficaram caóticos, deixando-o com uma ideia fixa.

Mais...

Isso era tudo que ele conseguia pensar, tudo que ele podia compreender. *Mais*. Precisava mais de Susanna. Como poderia tocar mais, acariciar mais, beijar mais? Ele continuava com um dos braços dela preso acima da cabeça. Se ele o baixasse para o lado do corpo, Bram raciocinou, o decote dela ficaria mais folgado. Ele o abriria à sua vontade, para que pudesse tomar em sua boca aquele pico elevado. Mas quando ele se ergueu um pouco, com a intenção de trazer o braço dela para baixo…

"Jesus."

Ele congelou, olhando fixamente. Lutando para entender o que estava vendo. Do punho ao cotovelo, a pele delicada de Susanna era um emaranhado de cicatrizes.

Com grande esforço mental, ele dominou a excitação que agitava seu corpo. Então ali estava o motivo de ela sempre usar aquelas luvas sedutoras. Susanna também tinha algo a esconder.

Algo muito mais sério do que um espinho em sua pata.

"Linda Susanna", disse ele, passando o dedo pela pele marcada. "O que aconteceu aqui?"



Susanna retraiu-se com o toque dele. Por dentro, ela estava em pedaços. Ela devia saber que não poderia escondê-las para sempre. Que nunca poderia ficar tão íntima de um homem, daquela forma, sem que as malditas cicatrizes arruinassem tudo, de um jeito ou de outro.

"Há quanto tempo você as tem?", perguntou ele, traçando em seu braço uma linha fina com a ponta do dedo.

"Bastante tempo", disse ela, fingindo pouco caso. "Não são nada de mais.

Consequência da jardinagem.”

“Jardinagem? Você duelou até a morte com uma roseira?”

“Não.” Ela arqueou as costas, roçando os seios contra o peito dele. O toque de Bram era tão gostoso. Parecia ser a coisa certa. “Não podemos simplesmente voltar ao ponto em que paramos?”

Aparentemente, não.

Como Susanna se contorcia debaixo dele, Bram usou seu peso e sua força para mantê-la no lugar. Não por desejo, mas preocupação.

“O que aconteceu? Conte-me a verdade.”

“Eu…” Ela hesitou. Então inspirou profundamente e decidiu ser sincera. Ele que decidisse o que fazer com a verdade. “As cicatrizes são resultado de sangrias.”

“Tantas?” Ele praguejou em voz baixa, passando a ponta dos dedos pelo xadrez de cicatrizes. “Pensei que você não tivesse sido uma criança doente.”

“Eu não era doente. Isso não impediu os médicos de tentarem me curar.”

“Conte o que aconteceu”, disse Bram.

Susanna desviou o olhar para o canto. Uma batida violenta pulsava em suas orelhas, como um aviso.

“Você viu as *minhas* cicatrizes”, lembrou ele, movendo-se para o lado e assim lhe dar espaço. “Eu lhe contei tudo.”

“Foi no ano após a morte da minha mãe.” A voz de Susanna soou sem emoção, distante, para ela própria. “Papai achou que eu precisava de um exemplo feminino, alguém que supervisionasse minha formação, para eu me tornar uma dama. Então ele me enviou para Norfolk, para eu ficar com parentes.”

“E você ficou doente lá?”

“Só tive saudade de casa, mas minhas primas não sabiam o que fazer comigo. Elas encararam como seu dever me deixar pronta para a sociedade, mas diziam que eu nunca me encaixaria. Eu era alta e sardenta, e meu cabelo causava-lhes arrepios. Para não falar do meu comportamento, que deixava muito a desejar. Eu era… difícil.”

“Claro que era.”

Ela sentiu uma pontada de mágoa com o comentário, que devia ter ficado muito evidente, pois ele rapidamente procurou se explicar.

“Eu só quis dizer”, falou Bram, “que isso era perfeitamente natural. Você foi morar com pessoas que eram praticamente estranhas, e sua mãe havia acabado de morrer.”

Ela anuiu.

“Elas pensavam assim, no começo; mas, conforme as semanas passavam e meu comportamento não melhorava… elas pensaram que algo devia estar errado. Foi quando elas chamaram os médicos.”

“Que fizeram sangrias em você.”

“Para começar... Eles prescreveram uma variedade de tratamentos ao longo do tempo. Eu não reagi como eles esperavam. Eu sou um pouco obstinada.”

“Acho que percebi isso.” Ele sorriu timidamente. O calor nos olhos dele deu a Susanna força para continuar.

“Os médicos fizeram mais sangrias, encheram-me de eméticos e purgantes. Depois disso eu comecei a rejeitar comida e a me esconder em armários. Elas chamaram os médicos de novo e de novo. Quando os enfrentei, concluíram que eu sofria de histeria e intensificaram os tratamentos. Dois criados me seguravam enquanto o médico tirava mais sangue e me dava mais veneno. Eles me enrolavam em cobertores até eu ficar encharcada de suor, e depois me obrigavam a mergulhar em água gelada.”

As lembranças dolorosas jorravam dela, mas não estava sendo tão difícil falar a respeito como imaginou que seria. Depois de tanto tempo, as palavras simplesmente saíam dela, como se…

Oh, e agora vinha um pensamento irônico.

Como se ela tivesse aberto uma veia.

“Eles…” Susanna engoliu em seco. “Eles rasparam meu cabelo e aplicaram sanguessugas no meu escalpo.”

“Oh, Deus.” O sentimento de culpa retorceu o rosto dele. “No outro dia, na praça, quando eu ameacei cortar seu cabelo…”

“Não. Bram, por favor, não se sinta assim. Você não sabia. Como poderia saber?”

Ele suspirou.

“Conte-me tudo agora.”

“Na verdade, já contei a pior parte. Foram tratamentos repulsivos, inúteis, um após o outro. No fim, fiquei tão enfraquecida por tudo isso que adoeci de verdade.”

Com o rosto franzido, Bram alisou o cabelo dela. Seus olhos assumiram o tom de verde colérico dos mares tempestuosos.

“Você parece estar revoltado.”

“E estou.”

Ela sentiu uma pontada no coração. Sério? Por que ele ligaria para as

atribulações médicas de uma solteirona, que aconteceram tantos anos antes? Certamente ele tinha visto coisas muito piores na guerra, que haviam causado efeitos piores nele. Ainda assim, algo naquela expressão séria e belicosa dizia que ele se importava. Que se houvesse um meio humanamente possível, ele voltaria no tempo e empalaria aqueles médicos com seus próprios bisturis.

Ela poderia amá-lo. Que Deus a ajudasse, pois ela poderia amá-lo só por isso.

"Está tudo bem agora. Eu sobrevivi." Ela lhe deu um sorriso bem humorado, para evitar que a história ficasse sentimental demais. Ou talvez para evitar que se derramasse em lágrimas de gratidão.

"Graças à sua obstinação, imagino. Sem dúvida você simplesmente se recusou a morrer."

"Algo assim. Por sorte, não lembro muito da doença. Fiquei tão fraca que enviaram uma carta expressa para o meu pai, pois acharam que meu tempo estava acabando. Ele chegou, olhou para mim, embrulhou-me em seu casaco e tirou-me daquela casa em menos de uma hora. Ele ficou furioso."

"Dá para entender. *Eu* estou furioso agora."

Piscando para tirar a umidade dos olhos, ela passou o olhar pelo quarto.

"Foi quando viemos morar aqui em Summerfield. Ele comprou esta propriedade para que eu pudesse convalescer perto do mar. Aos poucos, fui me recuperando. Eu não precisava de médicos e cirurgiões, mas apenas de comida nutritiva e de ar fresco. E, depois que estava bem, de exercício."

"Então", disse ele, pensativo, passando o polegar pelas cicatrizes, "elas são o motivo pelo qual…"

"São. Elas são o motivo."

Bram não pediu mais explicações, mas ela as deu mesmo assim.

"Sabe, meu pai acabou me levando para Londres para me apresentar à Corte. E, como minhas primas previram, eu não me ajustei. Mas enquanto eu ficava às margens daqueles salões de baile elegantes, percebi que havia outras como eu. Garotas que, por um motivo ou outro, não atendiam às expectativas. Que corriam perigo de serem enviadas para algum balneário tenebroso, para receberem uma "cura" de que não precisavam. Comecei convidando-as para que passassem o verão aqui. A princípio, apenas algumas amigas, mas o número tem crescido a cada ano. A Sra. Nichols ficou contente com o fluxo constante de visitantes na pousada."

"E você direcionou seus talentos para a cura."

"Acho que puxei meu pai. Ele é um inventor. As experiências fracassadas de

todos aqueles médicos deixaram-me curiosa e com vontade de encontrar métodos melhores.”

Mais uma vez, ele passou a ponta dos dedos pelo xadrez formado pelas cicatrizes. Havia tantas, desde finas como o fio de uma navalha, até grossas, evidência atroz de um terrível flame - um instrumento de madeira tão grosso quanto o pulso dela. Susanna ainda estremecia ao lembrar dele.

“Malditos açougueiros”, murmurou Bram. “Já vi veterinários sangrarem artérias de cavalos provocando menos danos.”

“As marcas seriam mais tênues se eu tivesse lutado menos. Elas…” Susanna resistiu ao impulso de desviar o olhar. “Elas causam-lhe repugnância?”

Como resposta ele beijou o pulso marcado de Susanna. Uma vez. E então outra. Emoções inundaram seu peito.

“Você me acha mais fraca por causa delas?” perguntou Susanna.

Ele negou com veemência.

“Elas não têm nada a ver com fraqueza, Susanna. Elas são prova de sua força.”

“Bem, também não considero você fraco por causa de suas cicatrizes.” Ela olhou fundo nos olhos de Bram, querendo que ele absorvesse o sentido de suas palavras. “Ninguém consideraria.”

“Não é a mesma coisa”, argumentou ele, balançando a cabeça. “Não é a mesma coisa. Suas feridas podem ser escondidas. Elas não fazem com que você manque, caia ou fique atrás daqueles que deveria liderar.”

Talvez não, mas ela estava apenas começando a compreender como suas cicatrizes a fizeram recuar de diferentes formas. Ela teve tanto medo, por tanto tempo, de ficar assim íntima de um homem. De tirar as luvas e aceitar a possibilidade de ser magoada novamente.

“Há diferenças, claro”, sussurrou ela, puxando-o para si. “Mas eu sei como é uma recuperação longa e lenta. Sentir-se confinada em seu próprio corpo, frustrada com suas limitações. E eu sei como é ansiar por intimidade, Bram. Você não precisa me atacar sempre que quiser ser tocado. Ou abraçado.”

Ela passou os braços ao redor dele. Bram ficou em silêncio sobre ela, e Susanna soube reconhecer o momento de medo. Ela queria dar o mesmo consolo que ele havia lhe dado, mas Susanna receava fazer tudo errado. Com os dedos trêmulos, ela passou a mão levemente pela coluna dele.

“Isso.” Ele expirou no pescoço dela. “Isso, toque-me. Assim mesmo.”

Ela o acariciou, então, com as duas mãos, passando-as pelas costas dele com movimentos suaves e tranquilos.

“Susanna?”, disse ele, depois de alguns minutos.

“Sim?”

“Estou me sentindo estranho. Não consigo erguer a cabeça.”

“São os remédios. Estão começando a fazer efeito.”

“Su-san-na”, Bram meio que sussurrou, meio que cantou, com uma voz arrastada de bêbado. “Linda Susanna com o cabelo atrevido.” Quando ela riu, ele pressionou a testa contra a artéria que pulsava. “Essa é a palavra perfeita para você, atrevida. Sabe por quê? Porque seu cabelo é provocante, com essas cascatas de bronze derretido. Todo vermelho, dourado e brilhante. E você também é destemida, provocante e atrevida.”

“Eu tenho tantos medos.” O coração dela pulava como uma lebre.

“Você não tem medo de mim. No primeiro dia, quando nos conhecemos. Naqueles poucos segundos após a explosão… você estava debaixo de mim, deste mesmo jeito. Macia. Quente. O lugar perfeito para eu aterrissar. E você confiou em mim. Pude ver nos seus olhos. Você confiou que eu protegeria você.”

“Você me *beijou*.”

“Não pude evitar. Tão linda...”

“Silêncio.” Ela virou a cabeça para calá-lo com um beijo. O coração dela não aguentava mais. O sabor leve e narcotizante do láudano continuava nos lábios de Bram. “Descanse.”

“Eu teria garroteado aqueles médicos”, murmurou ele. “E a seus parentes também. Nunca teria deixado que machucassem você.”

Ela não conseguiu evitar de rir diante daquelas doces promessas de violência, oferecidas como um ramalhete de flores carnívoras.

“Acho que eles queriam mesmo ajudar”, disse ela. “Meus parentes, eu quero dizer. Eles só não sabiam o que fazer. Olhando para trás, sei que representei um desafio. Eu era muito estranha e obstinada. Eu não tinha nada de uma dama. Eles costumavam me fazer copiar páginas de um livro horrível, insípido, *A Sabedoria da Sra. Worthington para Moças*. Oh, Bram, você riria tanto disso.”

Ele ficou quieto por um longo momento. Então seu peito tremeu – não com uma risada, mas com um ronco alto e ressonante.

Ela riu de si mesma e, ao mesmo tempo, derramou lágrimas quentes de seus olhos. Em seu sono, Bram passou um braço protetor ao redor dela. O abraço dele parecia ser a coisa mais segura do mundo.

Talvez ela pudesse confiar que ele tomaria conta dela. Ele era forte, tinha princípios, e ela não duvidava de que ele arriscaria a própria vida para mantê-la a salvo, pelo menos seu corpo. Mas ele não poderia fazer promessas de proteger

seu coração.

E, em seu coração, Susanna temia e sentia que já estava caindo... Mergulhando de cabeça em um mundo de dores.

Capítulo Catorze

"*Ai.*"

Susanna soltou o botão de rosa e fitou a gotícula de sangue que cresceu em seu dedo. Ato reflexo, ela enfiou o dedo na boca para amenizar a ferida.

"Kate", ela chamou, do outro lado do jardim, "você termina com as rosas para mim? Esqueci as luvas esta manhã."

Incrível. Ela *nunca* esquecia as luvas.

Ela deixou as rosas e foi para o canteiro de ervas, onde apanhou grandes punhados de lavanda sem espinhos, que cortou com a tesoura de jardinagem. Rapidamente, sua cesta estava transbordando de plantas aromáticas. Ainda assim, ela continuou a colher mais.

Suas mãos começavam a tremer sempre que Susanna tentava firmá-las. Talvez porque ainda estivessem pesadas com a sensação da pele e do cabelo dele.

Naquele exato momento, Bram continuava dormindo no andar de cima de Summerfield. Enquanto isso, no jardim, Susanna era forçada a manter a programação das quartas-feiras e receber as moças de Spindle Cove. Jardinagem primeiro, chá depois. Normalmente ela gostava da companhia e da ajuda delas; mas, naquele dia, ela preferiria estar sozinha com seus pensamentos.

Porque ela só estava pensando nele... Isso a fez corar. Seus pensamentos a faziam se sentir exposta, sem espartilho. E a faziam suspirar – *alto*, pelo amor de Deus. As moças trabalhavam à sua volta, tirando ervas daninhas, cortando flores, desenhando abelhas e botões. Mas quando Susanna ajoelhou ao lado da camomila e permitiu que seu olhar perdesse o foco, seus pensamentos subiram a escada.

Ela o viu. Moreno, braços vigorosos cobertos de pelos escuros, todo enrolado nos lençóis brancos. Seu corpo pesado sobre o dela era uma bênção, nunca um

fardo ou uma ameaça.

Linda Susanna, disse ele. *Você foi o lugar perfeito para eu aterrissar*.

“Srta. Finch. Srta. Finch!”

Ela se sacudiu, voltando ao presente.

“Sim, Sra. Lange?” Quanto tempo a mulher estaria tentando chamar sua atenção?

“Quer que eu separe estes lírios hoje? Ou devemos deixá-los para outra semana?”

“Oh! O que você achar melhor.”

Por baixo de seu chapéu de palha, a outra mulher olhou com impaciência para Susanna.

“É o seu jardim, Srta. Finch. E você sempre tem uma opinião.”

“Está tudo bem, querida?”, perguntou a Sra. Highwood. “Não é do seu feitio estar tão distraída.”

“Eu sei. Não é mesmo. Desculpem-me.”

“Está um lindo dia”, disse Kate. “Não consigo imaginar o que a está afetando.”

“Não é um ‘o quê’”, disse Minerva, tirando os olhos de seu caderno de desenhos. “É um ‘quem’.”

Susanna olhou preocupada para ela.

“Minerva, tenho certeza de que você não precisa…”

“Ah, mas eu tenho certeza de que preciso. E você não precisa ter vergonha de falar sobre isso, Srta. Finch. Não precisa sofrer em silêncio, e as outras precisam saber. Elas podem precisar se proteger.” Minerva fechou o caderno e se voltou para as mulheres reunidas. “É Lorde Rycliff, aquele vilão. Ele não bateu a cabeça ao mergulhar, ontem. Ele sobreviveu à queda sem se machucar, e então atacou a Srta. Finch na enseada.”

“Minerva.” Susanna levou a mão à testa. “Ele não me atacou.”

“Atacou sim!” Ela se virou para as outras. “Quando me aproximei deles, estavam encharcados, os dois. A pobre Srta. Finch tremia como uma folha, e ele estava com as mãos… Bem, vamos apenas dizer que ele estava com as mãos em lugares onde não deveriam estar. Ela tentou afastá-lo, mas ele não permitiu.”

Eu gosto quando você me ataca. Uma palpitação percorreu-a com a lembrança.

“Felizmente eu apareci na hora certa”, disse Minerva. “Felizmente, também, eu havia encontrado amostras boas e pesadas naquela manhã.”

Felizmente? Talvez sim. Somente Deus sabia que liberdades Susanna teria

permitido que Bram tomasse sem a interrupção de Minerva. E se aqueles remédios não o tivessem feito dormir na noite anterior…

Ela ficou uma hora em seus braços, incapaz de ir embora. Acariciando suas costas e seus ombros fortes, ouvindo seu ronco suave e constante. Quando ela sentiu que também iria adormecer, saiu da cama e voltou para seu próprio quarto. Cuidar de um homem ferido enquanto este dormia… era o dever de uma curadora. Dormir *com* ele… isso era privilégio de uma esposa.

E Susanna não era esposa dele, ela procurou se lembrar. Não tinha que dividir uma cama – ou enseada, ou sala de armas – com aquele homem. Não importava o quanto ele havia se mostrado apaixonado, nem como tinham sido excitantes para ela os carinhos dele, ou como havia beijado docemente seus punhos machucados. Caso ela se entregasse a um prazer passageiro com ele, perderia tudo pelo que trabalhava tão duro para construir.

Ela poderia perder tudo *naquele momento*, se o "prestativo" relatório de Minerva não fosse contido.

"Minerva, você está enganada", disse ela, firmemente. "Você não estava com seus óculos e não sabe o que viu." Para as outras ela declarou: "Eu nadei até lá para verificar se Lorde Rycliff estava bem. Estávamos conversando a respeito, quando Minerva apareceu".

"Aquilo não era conversa, mas agarração", disse Minerva. "E eu não sou cega. Eu sei muito bem o que vi. Ele beijou você!"

A Sra. Lange soltou um guincho indignado.

"Eu sabia. Homens são uns abusados nojentos. Eu vou escrever um poema."

"Ele beijou você?" Kate arregalou os olhos. "Lorde Rycliff beijou você? Ontem?"

"Sim, ele beijou", Minerva respondeu por ela. "E não foi a primeira vez, pelo jeito da coisa. Ficou claro que ele a está molestando desde que chegou à região."

Susanna sentou-se no banco mais próximo. Ela sentiu que sua vida estava se desfazendo.

"Oh, isso é maravilhoso", disse a Sra. Highwood, aproximando-se para sentar ao lado de Susanna. "Eu percebi que você chamou a atenção dele, querida. E Lorde Payne mostrou grande preferência pela minha Diana. Pense só, vocês duas podem virar primas através do casamento!"

"Eu não vou me casar com Lorde Rycliff", afirmou Susanna. "Não sei o que poderia fazer a senhora dizer tal coisa." E ela gostaria que a mulher parasse de falar aquilo em voz alta. Bram continuava em Summerfield, e não havia como saber quando ele acordaria. Ele podia estar acordado naquele momento.

Talvez Bram estivesse se alongando, ou flexionando aqueles membros poderosos além dos limites do colchão e bocejando como um leão entediado.

“Lorde Payne não demonstrou nenhum interesse especial em mim”, disse Diana. “Sinceramente, gostaria mesmo que não o fizesse.”

“Bobagem. O homem pediu para você cortar o cabelo dele! Ele tem título, é lindo como o diabo e rico, além de tudo. Bonita como você é, sem dúvida ele logo irá pedir sua mão. Veja se você também não consegue ficar presa em algum canto com ele. Um beijo fecharia o negócio, posso garantir.”

“Mamãe!”, falaram Diana e Minerva em uníssono.

“O que há de errado com todas vocês?”, perguntou a Sra. Highwood, olhando de uma para outra. “Esses homens são lordes. São poderosos, ricos. Vocês devem encorajá-los.”

“Creia em mim, encorajamento é a coisa menos necessária.” Ao falar as palavras, Susanna ficou instantaneamente preocupada. Será que Bram tomaria o encontro deles, na noite anterior, como encorajamento? Ela queria que ele pensasse assim? Eles se entendiam agora, em um nível muito mais profundo. Desde que ele conseguisse se lembrar de, pelo menos, parte da conversa, quando acordasse.

“Lorde Rycliff não está procurando uma esposa”, disse ela, com firmeza. “Tampouco seu primo. Se fôssemos tolas o bastante para ‘encorajá-los’, estaríamos arriscando não apenas nossa reputação, mas também a de Spindle Cove.” Ela encarou cada mulher do grupo. “Vocês estão todas me entendendo? Nada está acontecendo aqui. *Nada*.”

“Mas, Srta. Finch…” Minerva quis contrapor.

“*Minerva*.” Susanna virou-se para ela, esperando que sua nova amiga, algum dia, compreendesse e desculpasse a dureza de suas palavras seguintes. “Sinto dizer, mas você está enganada quanto ao que viu, e sua insistência está se tornando aborrecida. Lorde Rycliff não me atacou ontem, nem em qualquer outro dia. Nada impróprio transpirou entre nós. Na verdade, ele só saltou do penhasco ontem porque pensou que você tivesse se *afogado* e quis salvar sua vida. Atacar o caráter dele após tal atitude corajosa, embora equivocada, parece-me por demais indelicado. Minha parte nesta conversa está concluída.”

Minerva piscou os olhos, visivelmente magoada. Susanna sentiu-se horrível, mas o futuro de sua comunidade estava em jogo. Onde Minerva iria para caçar seus fósseis se chegassem a Londres notícias de solteironas enlouquecidas, e a Queen’s Ruby fosse forçada a fechar suas portas?

“Logo seremos chamadas para o chá.” Ela pegou sua cesta e se dirigiu para

casa. “Até lá estarei na despensa espremendo as ervas. Meu unguento está acabando.”

Kate a seguiu.

“Vou ajudar você.” Conforme se aproximavam da casa, ela sussurrou: “Como foi? O beijo”.

Susanna reprimiu uma exclamação de frustração.

“Você pode me contar”, disse Kate, abrindo a porta da despensa. Depois que as duas entraram, ela rapidamente a fechou e trancou. “Srta. Finch, você sabe que não vou contar para ninguém. Não tenho outro lugar para morar que não aqui. O destino de Spindle Cove também é meu destino.”

Susanna encostou-se na porta e fechou os olhos.

“Foi maravilhoso?”

Maravilhoso não era a palavra. Não havia palavras para descrever a torrente de sensações loucas, de tirar o fôlego, que sentiu.

E também não havia como ela pudesse manter aquilo em segredo por mais tempo. Susanna anuiu com a cabeça.

“Foi”, sussurrou.

“Eu sabia.” Kate agarrou seu braço. “Você tem que me contar tudo.”

“Oh, Kate, não posso. Eu nem devia ter admitido.” Ela começou a descer garrafas das prateleiras e cortou a fita que prendia um maço de erva-de-são-joão. “E nunca mais vai acontecer de novo.”

“Você não acha que ele quer casar com você?”

“De jeito nenhum. E eu não tenho intenção de casar com ele.”

“Não quero me intrometer”, disse Kate. “Sério, não quero mesmo. Essa é minha única oportunidade de saber. Quero dizer… nunca vai acontecer comigo, ser beijada por um lorde em um canto escondido.”

Susanna deixou o pilão cair no almofariz.

“Por que nunca vai acontecer com você? Você é linda e muito talentosa.”

“Sou uma órfã de família desconhecida. Uma ninguém. E mais, uma ninguém com isto.” Ela tocou a marca de nascença em sua têmpora.

Susanna pôs seu trabalho totalmente de lado e colocou as duas mãos nos ombros da amiga, olhando-a no fundo dos olhos.

“Kate, se essa marquinha é sua maior imperfeição, então você com certeza é a mulher mais linda e encantadora que eu conheço.”

“Parece que os homens não concordam.”

“Talvez você tenha conhecido os homens errados.”

A lembrança das palavras de Bram fez Susanna reprimir um sorriso pesaroso.

Não importava o que acontecesse, a vida seria sempre diferente a partir de então. Porque, afinal, Susanna sabia como era se sentir *desejada*, com seus defeitos e tudo. Ela sentiu o calor inesperado que isso produzia dentro dela e queria que Kate também tivesse essa experiência.

"Seu admirador vai aparecer um dia. Tenho certeza. Mas enquanto isso…" Ela pegou um dos cachos castanhos da amiga. "Aqui é Spindle Cove, Kate. Baseamos nossa autoestima em nossas qualidades e realizações, não na opinião dos cavalheiros."

"É, eu sei, eu sei." Uma expressão constrangida tomou os olhos de Kate. "Mas de qualquer modo, é impossível parar de pensar neles."

Sim, concordou Susanna em silêncio. Era mesmo. E com o líder deles indisposto no andar de cima, ela repentinamente se preocupou com os problemas que o resto dos homens estava tendo naquele dia.



À sombra do castelo Rycliff, Colin Sandhurst observou suas tropas.

Eram as tropas *dele* naquele dia, ele imaginou, já que seu primo tonto continuava inconsciente. Colin o advertiu para não dar aquele mergulho ridículo do penhasco, mas alguma vez Bram o escutava? Ah, não. Claro que não.

Ele, de certa forma, esperava que toda aquela história de milícia acabasse depois daquela exibição absurda. Mas, aparentemente, o brilho de oito xelins e a promessa de muita diversão trouxeram os recrutas de volta para outro dia.

Ele bateu as palmas das mãos.

"Muito bem, pessoal. Reúnam-se, rapazes. Aqui."

Nada aconteceu.

Thorne olhou para ele com sarcasmo.

"Companhia, em formação!", gritou ele.

Os homens entraram em formação.

"Obrigado, cabo Thorne." Colin pigarreou e se dirigiu aos homens: "Como vocês todos sabem, nosso bravo comandante está momentaneamente de cama, cuidando de um ferimento na cabeça. Um ferimento, devo acrescentar, infligido por uma garotinha insignificante. Então hoje, como seu primeiro tenente, eu estou no comando. E vamos fazer um treinamento um pouco diferente".

Keane, o vigário, ergueu a mão.

"Nós vamos aprender uma nova formação?"

"Não", respondeu Colin. "Vamos encenar uma invasão. Aquelas mocinhas lá

em Spindle Cove ocuparam o que deveria ser nossa vila. *Nossa* vila. Nós vamos olhar para o outro lado e aceitar isso?"

Os homens se entreolharam.

"Não!", respondeu Colin, exasperado. "Não, nós não vamos mais aceitar isso, nem mais um dia."

Bram teve a ideia certa, afinal. Aqueles homens realmente precisavam de ajuda para recuperar suas bolas e reafirmar seu domínio naquela vila. Mas seu primo havia empregado a tática errada ao apelar para uma noção vaga de honra e dever. Havia uma fonte muito melhor de motivação – aquele impulso primitivo, inegável, que empurrava todos os homens.

Sexo.

"Esta noite", anunciou ele, "é a noite em que iremos retomar aquela vila. E não vamos fazer isso marchando em fila ou cometendo atos de idiotice valente. Nós vamos fazer isso sendo homens. Homens másculos. O tipo de homem que uma mulher quer que assuma o controle."

Testas foram franzidas, confusas.

"Mas…" O ferreiro olhou para os outros. "Nós *somos* homens. Pelo menos, da última vez que eu verifiquei."

"Não é apenas questão de se ter o equipamento correto, mas sim de usar o equipamento corretamente." Subindo em uma caixa, Colin abriu os braços. "Olhem para mim. Agora olhem para si mesmos. Agora olhem novamente para mim. Eu sou o homem que vocês querem ser."

Dawes cruzou os braços.

"E por que, exatamente?"

"Vocês sabem quantas mulheres eu já levei para a cama?" Quando Rufus e Finn mostraram interesse, ele acenou para os dois. "Adivinhem, garotos."

"Dezessete", arriscou Finn.

"Mais."

"Dezoito."

"Mais que isso."

"Ahn… dezenove."

"Ah, pelo amor de Deus", murmurou ele. "Vamos ficar aqui o dia inteiro. Vamos dizer apenas que o número é 'maior do que vocês podem imaginar'. Porque, evidentemente, esse é o caso." Bufando, ele acrescentou: "Talvez maior do que vocês saibam contar". Ele ergueu um braço acima da cabeça. "Esta noite nós marcharemos até aquela vila e vamos nos divertir na taverna."

"Você está falando da casa de chá?", perguntou Fosbury. "Mas esta é a noite

de carteado das moças.”

“‘Mas esta é a noite de carteado das moças’”, Colin imitou o outro com uma voz esganiçada. “Aí está o problema. Vocês todos se deixaram subjugar. Castrados por essas intelectualoides. Esta noite as moças não vão jogar cartas. Elas vão dançar.”

Fosbury coçou a nuca.

“Bem, isso é o que elas às vezes fazem às sextas-feiras. Dançar. Mas apenas umas com as outras. Elas nunca nos pedem para participar.”

Suspirando alto, Colin massageou o nariz.

“Nós não vamos esperar que elas nos peçam, Fosbury.” Ele baixou a mão e gesticulou para Dawes. “Você aí. Sabe como tirar uma mulher para dançar?”

“Eu não.” O ferreiro deu de ombros. “Eu não sei dançar.”

Finn levantou a mão.

“Eu sei! Ouvi Sally dizendo para o espelho: ‘Pode me dar o prazer desta dança?’.” Ele fez um floreio afetado e uma reverência.

“Errado”, disse Colin. “Tudo errado”, ele ergueu a voz. “Todos vocês, repitam depois de mim: ‘Eu acredito que esta dança é minha’.”

Os homens murmuraram as palavras depois dele.

Patético.

Colin sacou sua pistola de cano duplo, engatilhou-a com cuidado, levantou-a à altura de seu ombro e a disparou para o ar. O estalo estrondoso chamou a atenção do grupo.

“Digam com convicção: ‘Acredito que esta dança é minha’.”

Os homens pigarrearam, remexeram-se e repetiram:

“Acredito que esta dança é minha.”

“Melhor assim. Tentem isto: ‘Seu cabelo é um rio de seda’.” Quando tudo que ele conseguiu foram olhares confusos, Colin explicou: “A primeira frase a coloca em seus braços. Para convencer uma mulher a ir para sua cama, você precisa de mais algumas palavras bonitas. Agora repitam comigo, droga: ‘Seu cabelo é um rio de seda’.”

“Seu cabelo é um rio de seda”, eles ecoaram.

“Agora estamos chegando a algum lugar.” Ele fez uma pausa, refletindo. “Agora esta: ‘Seus olhos brilham como diamantes’.”

Eles repetiram, dessa vez com mais entusiasmo.

“Seus seios são esferas de alabastro.”

“O quê?”, contestou Rufus. “Isso é bobagem. Não vou dizer isso.”

“Você quer sugerir algo melhor?”

“Por que eu não posso simplesmente dizer que ela tem belas tetas?”

Colin olhou para Keane.

“Vigário, cubra as orelhas.”

E o homem cobriu mesmo.

Colin gemeu. Pulando da caixa, ele se aproximou de Rufus.

“Escute aqui, garoto. Você não pode ficar falando em tetas. É rude. As damas não gostam. A não ser que vocês já estejam no calor das coisas. Então, dependendo da mulher, ela pode gostar. Mas quando seu objetivo é a sedução, esferas de alabastro não têm erro.”

“Está tudo errado, isso sim.” Thorne cruzou os braços. “Alabastro é frio e duro. Não sei que tipo de tetas você tem chupado, mas eu gosto de mulheres de carne e osso. Você não tem nada melhor do que isso?”

“É claro que tenho, mas não vou gastar minhas cantadas com vocês.” Ele ergueu a pistola e disparou o segundo tiro no ar. “Cabeça para cima, peito para frente, e digam em alto e bom som: ‘Seus seios são esferas de alabastro’.”

Foram necessárias mais meia dúzia de tentativas, mas Colin finalmente conseguiu ouvir a frase com o entusiasmo que ele queria.

“Muito bem”, disse, andando de um lado para o outro diante deles. “Agora, a recompensa. Cerveja!” Ele bateu com a mão em um barril. Com o pé, empurrou uma caixa. “Vinho!” Fazendo uma pausa para efeito dramático, ele ergueu um tonel que havia pegado no estoque pessoal de Bram. “Uísque!”

“O que nós vamos fazer com tudo isso?”, perguntou Rufus.

“Vamos engraxar os sapatos”, respondeu Colin, com sarcasmo. “Nós vamos *beber*, é claro. Esta noite vamos comer, beber, festejar e fazer amor com nossas mulheres, com entusiasmo. Mas esperem. Tem mais.”

Ele havia deixado a placa por último. Tinha passado a noite toda trabalhando naquilo, à luz de tochas. Não porque se divertisse com carpintaria, mas porque a alternativa era outra noite insone naquele estrado frio e desconfortável. Após quase uma semana fora de Londres, ele estava faminto por um corpo quente e uma boa noite de sono.

Mais do que princípios estavam em jogo naquela noite. Ele precisava encontrar uma mulher, e logo.

“E com isto, homens”, ele desvelou a placa puxando rapidamente o tecido que a cobria, “eu lhes devolvo sua taverna.”

Capítulo Quinze

Bram acordou com uma luz lancinante que o machucava através das pálpebras. Alguém colocou um copo frio em sua mão. Ele não suportava nem mesmo a ideia de abrir os olhos para verificar quem era e qual era o conteúdo do copo. Após cheirar o líquido, cauteloso, ele o engoliu. Água. Límpida e refrescante. A coisa mais deliciosa que ele já provou. Ele teria murmurado um agradecimento, mas sua língua estava pesada demais. Ele não conseguiu fazê-la se mexer.

Uma mão bondosa fechou a cortina. A escuridão o envolveu, arrastando-o de volta ao travesseiro, fazendo com que dormisse novamente.

Quando acordou de novo, a luz forte tinha sumido. Afastando a roupa de cama, ele se ergueu sobre um cotovelo. Bram estava sozinho no quarto. Uma única vela em um castiçal fornecia toda a luz do ambiente.

Esfregando os olhos para afastar o sono, ele se sentou e colocou os pés no chão. Quanto tempo teria perdido? Ele consultou o relógio sobre a mesa de cabeceira. Sete e meia. Mas nesse caso o sol já deveria ter nascido. A menos que…

A menos que fosse noite novamente. Noite de quarta-feira. Ele massageou as têmporas doloridas. Droga. Havia perdido um dia inteiro.

Seu casaco de oficial estava pendurado em um gancho perto da porta. Dobrados sobre uma cadeira próxima estavam camisa, calça e colete. Bram os reconheceu como seus, mas não eram aquelas peças que estava usando na terça-feira. Thorne devia ter aparecido com roupas limpas, para substituir as que estavam encharcadas de água do mar.

Empoleirado na borda do colchão, ele testou seu joelho, dobrando e esticando a articulação. Incrivelmente, a perna não estava pior após o longo dia de marcha. Na verdade, estava sensivelmente melhor. Bram não sabia dizer se

aquilo se devia ao linimento de Susanna, à sua poção nojenta, ao seu toque sedativo, ou simplesmente a um dia inteiro de sono. De qualquer modo, ele tinha que agradecer a ela.

Com força repentina e visceral, uma lembrança fez com que voltasse cerca de vinte horas no tempo. Ele estava naquela mesma cama, com Susanna debaixo de seu corpo. Ele tinha segurado um seio firme e carnudo em sua mão, enquanto os dedos dela acariciavam suas costas, levando-o a dormir.

Ele havia sido afogado pela emoção, arrastado para debaixo da água por correntes perigosas. Excitado pelo toque de Susanna, confortado por suas palavras sussurradas, tocado pelos segredos que ela confessou. Ele simplesmente se sentiu *próximo* dela, em todos os sentidos possíveis.

Por força do hábito, ele passou as duas mãos pelo cabelo, como se fosse prendê-lo em um rabo de cavalo; mas, claro, seus dedos somente roçaram o curativo que envolvia sua cabeça e alguns fios de cabelo que escaparam à tesoura de Susanna no outro dia.

Aquela mulher o estava mudando.

Após esvaziar um copo de água, ele fez bom uso do lavatório e do sabão. Secou-se com uma toalha e então vestiu as roupas limpas. Após dois dias de cama, ele precisava se barbear, mas isso teria que esperar. Bram conferiu rapidamente o nó de sua gravata no espelhinho do quarto e em seguida saiu.

Summerfield estava bem decorada, mas não era uma casa grande. Localizou facilmente a escada de trás, que ele desceu com agilidade, confiante de que encontraria a cozinha por perto. Etiqueta e educação exigiam que ele procurasse Susanna e lhe agradecesse pelos cuidados e pela hospitalidade, mas ele teria mais força para demonstrar sua gratidão após encontrar algo para comer. Seu estômago roncou de fome, e sua cabeça parecia leve. Seria péssimo ir até o castelo para desmaiar na frente de seus homens de novo.

“Olá. É o Rycliff?”

A pergunta fez com que parasse no corredor.

“Sir Lewis?”

O homem baixo e corpulento surgiu através de um batente de porta, vestindo um avental de couro e limpando as mãos em um trapo. Os últimos e obstinados fios de cabelo grisalho que ainda se seguravam em sua cabeça lançavam-se em todas as direções.

“Perdoe-me”, disse ele, apontando para seu estado desgrenhado. “Estava trabalhando em meu laboratório.”

Bram anuiu. Aquele pequeno movimento doeu.

Sir Lewis enfiou o trapo com manchas de graxa no bolso do avental.

“Susanna mencionou ter deixado você repousando aqui em casa.” Os olhos azuis do homem mais velho buscaram a cabeça enfaixada de Bram. “Está melhor?”

“Estou.” Ele inclinou a cabeça e olhou além de Sir Lewis, para um espaço grande e bem iluminado. “Sua oficina?”

“Sim, sim.” Os olhos de Sir Lewis brilharam quando ele indicou com a cabeça seu lugar de trabalho. “Venha dar uma olhada, se quiser.”

“Não quero incomodá-lo.”

“De modo algum, de modo algum.”

Bram seguiu-o pela porta, abaixando-se para evitar bater a cabeça na verga. Aquele quarto devia ter sido, em algum momento, uma copa ou lavanderia. O chão era de ardósia gasta, e não de tacos de madeira como o corredor. As paredes eram de tijolo aparente. Uma grande janela alta ocupava grande parte do lado sul, e deixava passar um brilho púrpura da noite que caía.

Nas paredes, armas de todos os tipos penduradas em ganchos. Não apenas rifles e pistolas de duelo, mas bacamartes, bestas… Acima da porta havia uma clava antiga com espetos.

“Se você quiser”, disse Sir Lewis, “mais tarde posso lhe mostrar o salão medieval. Escudos, cotas de malha, coisas assim. Não costumamos receber homens jovens em Summerfield, mas aqueles que vêm sempre mostram interesse por essas coisas.”

“Sem dúvida.” Bram começava a entender porque Susanna Finch continuava solteira. Aquela casa assustaria todos os pretendentes menos intrépidos.

Pensar em Susanna fez Bram estremecer. Ele olhou para uma placa de mogno sobre a lareira. Nela estava montado um par de pistolas polidas e brilhantes. Pistolas exatamente iguais à que Bram, assim como todo oficial comissionado do Exército Britânico, carregava como arma pessoal.

Pistolas Finch. O padrão do Exército havia décadas.

O diminuto e excêntrico Sir Lewis Finch era, à sua maneira, um dos maiores heróis de guerra da Inglaterra. Bram não estaria exagerando se dissesse que devia sua vida àquele homem. Ele também devia a Sir Lewis seu título recém-adquirido, a oportunidade de organizar a milícia e a tênue chance de recuperar seu comando. E ele havia passado o dia anterior agarrando a única filha do homem. Assediando-a na enseada. Prendendo-a na cama com seus membros nus e apalpando-a.

Maldição. Susanna merecia mais consideração. Sir Lewis merecia mais

consideração. E Bram provavelmente merecia estar olhando para o cano de uma pistola Finch naquele momento. De algum modo, ele teria que dominar seu desejo e concentrar-se em sua missão. Se os adornos ameaçadores daquela oficina não o ajudassem nesse embate, nada mais ajudaria.

Esfregando o rosto com uma das mãos, ele voltou seu olhar das armas que enfeitavam as paredes para os móveis do aposento. Sob a janela havia uma comprida bancada de trabalho, coberta com ferramentas de solda, aparelhos de medição, limas e muito mais. Em uma escrivaninha menor, ele encontrou um mecanismo de disparo desmontado. Era muito parecido com o padrão usado na maioria dos rifles, mas o percussor da arma tinha um formato incomum.

“Posso?”, perguntou, estendendo a mão para pegá-lo.

“Mas é claro.”

Bram segurou o mecanismo e o virou nas mãos, inspecionando o maquinário intrincado.

“É para ser um mecanismo de disparo aprimorado”, disse Sir Lewis. “Está quase perfeito, acredito. Mas deixei-o de lado por um instante, para trabalhar novamente no maldito canhão. Estou agonizando nisso há anos.”

“Um canhão?” Ele notou o modelo de madeira, em escala, sobre a bancada. “Conte-me sobre isso.”

Sir Lewis passou a mão pelo cabelo e soltou uma exclamação de frustração.

“Estou brigando com essa ideia há décadas. É um canhão estriado.”

Bram assobiou, impressionado. Todos os canhões possuíam canos lisos. Eram o equivalente, na artilharia, aos mosquetes; alcance e força decentes, mas precisão apenas razoável. Porém, se um canhão pudesse ser estriado, como o cano de um rifle, seus projéteis não apenas iriam mais longe e com mais velocidade, como sua precisão também seria muito maior. Um canhão estriado daria ao Exército Britânico uma boa vantagem em qualquer situação de ataque. Poderia ser o que Wellington precisava para chutar Napoleão para fora da Espanha.

“Devo ter tentado umas doze variações no projeto”, disse Sir Lewis, gesticulando na direção da miniatura de canhão sobre a mesa. “E centenas de conceitos nunca saíram do desenho, mas estou com um bom pressentimento quanto a este.” Ele deu batidinhas no modelo. “Este é o bom. Posso sentir nos meus ossos velhos e cansados.”

O velho sorriu para Bram.

“Eu entendo você, Rycliff. Melhor do que pode imaginar. À nossa própria maneira, nós dois somos homens com objetivos, homens de ação. Nenhum de

nós está pronto para abandonar o campo. Eu sei que é difícil ficar preso nesta vila minúscula e exótica, enquanto guerras são travadas. Deve ser uma tortura para você.”

“Tortura descreve bem a situação.” Tortura doce, sardenta, do tipo mais puro.

“Minha Susanna está lhe causando problemas?”

Bram engasgou com a própria língua. Ele sentiu o rosto esquentar enquanto tossia com a boca coberta pelo braço.

“Não se preocupe, você pode ser sincero comigo.” Sir Lewis deu-lhe tapinhas nas costas. “A garota tem boa intenção, mas eu sei que ela tem uma tendência a exagerar. Inteligente como é, a vila toda depende de seus conselhos. Ela gosta de ajudar.”

Exatamente, pensou Bram. Ele estava começando a compreender que Susanna Finch tinha o impulso de cuidar daqueles à sua volta. Fosse oferecendo comida, encorajamento, pomada curativa… ou o mais doce e generoso abraço que um homem pudesse esperar receber.

Você não precisa me atacar sempre que quiser ser tocado. Ou abraçado.

Ele engoliu em seco, tentando apagar o gosto dela de sua boca.

Sir Lewis continuou:

“Mas minha filha nem sempre compreende a necessidade que um homem tem de se sentir útil. De continuar lutando, trabalhando por seus objetivos.” Ele abriu os braços, indicando a oficina. “Susanna preferiria que eu parasse totalmente com isto, mas não posso, não antes do dia em que irei parar de respirar. Eu sei que você me entende.”

“Entendo”, anuiu Bram.

Bram compreendia Sir Lewis perfeitamente. E era um grande alívio para ele finalmente se sentir *compreendido.* Nos meses que se seguiram ao seu ferimento, nenhum de seus pares – nem seus superiores, a propósito – compreenderam sua determinação resoluta de voltar ao comando. Todos pareciam acreditar que Bram deveria ficar contente, se não ao menos agradecido, por se aposentar e continuar com sua vida. Eles não conseguiam compreender que aquela *era* a vida dele.

“Para homens como nós, não é suficiente simplesmente viver. Nós temos que deixar um legado.” Sir Lewis encostou a ponta de um dedo no canhão em escala. “Este canhão será o meu. Posso estar velho e careca, mas minha maior invenção ainda está por ser revelada.”

Seus olhos azuis encontraram os de Bram.

“E você pode estar ferido, mas eu sei que suas melhores batalhas ainda estão por serem combatidas. Eu quero lhe dar todas as oportunidades que puder.

Escrevi aos Generais Hardwick e Cummings convidando-os a assistir à demonstração da milícia. Tenho certeza de que eles enxergarão o mesmo que eu. Que você saiu ao seu pai. Um homem que não vai continuar mancando. Sem dúvida eles concordarão que a Inglaterra precisa que você volte à ação."

A emoção apertou a garganta de Bram.

"Sir Lewis… eu não sei o que dizer. Não sei como agradecer-lhe."

Isso era mentira. Bram sabia exatamente como agradecer ao homem – mantendo a cabeça no lugar, cumprindo seu dever, treinando a milícia até a perfeição e ficando longe de Susanna Finch.

Um relógio na parede tocou oito horas.

"Posso convidá-lo para jantar, Rycliff?"

O estômago de Bram respondeu por ele, e alto.

"Agradeço o convite, mas… não estou vestido adequadamente."

"Nem eu." Sir Lewis riu e mostrou suas roupas desgrenhadas.

"Não fazemos cerimônia nesta casa, Rycliff."

"Se esse é o caso, preferia que me chamasse apenas de Bram."

"Então Bram será." O velho desamarrou o avental e o colocou de lado. Então bateu no ombro de Bram. "Vamos encontrar algo para comer, filho."

Sir Lewis o conduziu para fora da oficina, pelo corredor e meio lance de escada acima.

Enquanto andavam pela casa, belos painéis de madeira escura recebiam Bram de aposento em aposento, e o calor coletivo de dezenas de velas pareceram adentrar seus ossos. Desde a infância Bram não morava em uma casa como aquela. Durante anos ele tinha acomodado seus ossos cansados das lutas em tendas, quartéis e alojamentos de oficiais. Depois, leitos de hospital até que, finalmente, em Londres, em quartos simples de solteiros. Ele sempre evitava residências familiares como Summerfield, propositalmente. Porque elas eram mais que casas. Eram *lares*, e isso não era para ele. Lares faziam-no sentir-se deslocado, estranhamente irritadiço por dentro.

"Susanna vai gostar de nos ver, não importa o que estejamos vestindo", disse Sir Lewis. "A maioria das noites eu não apareço na sala de jantar. Ela está sempre atrás de mim para me fazer comer, cuidar de mim."

Bram inspirou profundamente e exalou devagar, tentando purgar todos os pensamentos impróprios a respeito de Susanna de sua mente, seu coração e sua alma. O jantar seria perfeito. Uma oportunidade civilizada, supervisionada, para vê-la, conversar com ela e aprender a agir como um ser humano normal em sua presença, em vez de um animal descontrolado. Seu comportamento nos últimos

dias vinha sendo repreensível. Por baixo de seu casaco de soldado havia um homem nascido cavalheiro. De algum modo ele havia perdido aquilo de vista em meio a todas aquelas sardas, mas a menos que quisesse jogar fora aquela chance de redenção e a boa vontade de Sir Lewis, era hora de começar a agir como cavalheiro.

"Aqui estamos." Sir Lewis conduziu Bram por uma curva do corredor e através de portas de madeira duplas, anunciando em voz alta: "Temos um convidado esta noite, Susanna. Por favor, peça para colocarem mais um lugar à mesa".

Então seria assim, pensou Bram. Ele jantaria. Usaria os talheres certos. Conversaria com Susanna a respeito de tópicos que não envolvessem as palavras "pele", "lamber" ou "barril de pólvora". Ele lhe agradeceria pela hospitalidade e pelos bons cuidados. Então beijaria sua mão e iria embora…

E nunca mais encostaria nem sequer um dedo em Susanna Finch. Quanto a isso ele estava absoluta e irrevogavelmente decidido.

Até entrar na sala de jantar...

Bram parou de andar. Perdeu a visão periférica. Ele teve certeza de que desmaiaria, mas sua tontura não tinha nada que ver com o recente ferimento na cabeça ou com seu estado faminto. Tinha tudo a ver com ela.

Tirando o horrível traje de banho e a calça masculina, ele ainda não a tinha visto usando nada que não fosse um de seus vestidos simples de musselina. Mas essa noite ela estava vestida para o jantar; um traje de seda violeta com brocado e pérolas. As taças de cristal sobre a mesa, para o vinho, absorviam a luz das velas e a transformavam em setas luminosas, disparando brilho em todas as direções, refletindo em cada pérola costurada no vestido, cada fita que segurava seu cabelo reluzente. Quando ela se curvou para alisar uma dobra na toalha de mesa, cachos cuidadosamente arrumados emolduraram seu rosto e acariciaram o declive pálido de seu pescoço.

"Lorde Rycliff." Endireitando-se, ela sorriu timidamente.

Ele não conseguia falar. Ela estava…

Linda, ele achou que deveria dizer, mas "linda" não era uma palavra forte o bastante. Tampouco serviam deslumbrante, impressionante ou irresistível – embora esta última chegasse mais próximo da realidade do que as outras.

A aparência exterior de Susanna era apenas parte do encanto. O que mais atraia a Bram era o convite implícito em sua postura, em sua voz, em seus lindos olhos azuis. Parecia que ela esperava por ele. Não naquela noite, apenas, mas em todas as noites.

Ela parecia ser seu lar.

“Fico feliz em vê-lo acordado.”

“Fica?”

“Você trouxe meu pai para a mesa de jantar, passados apenas cinco minutos das oito. Nesta casa esse é um pequeno milagre.”

Sir Lewis riu.

“E agora que estou aqui, preciso pedir-lhes licença por um instante.” Ele ergueu as mãos marcadas pelo trabalho. “Vou me lavar para o jantar.”

O pai de Susanna saiu da sala, e os dois ficaram ali, entreolhando-se.

Ela pigarreou.

“Está se sentindo bem?”

“Não sei”, respondeu Bram. Era verdade. Ele não tinha certeza de nada naquele momento, a não ser pelo fato de que eram seus sapatos que o levavam adiante. Apesar de todas as suas resoluções castas e do respeito por Sir Lewis, Bram simplesmente não conseguia fazer outra coisa. O que quer que havia entre os dois, exigia sua lealdade de forma enérgica, visceral. Negar isso seria uma desonra.

Ele a viu corar profundamente conforme se aproximou. Era um pouco reconfortante perceber que ele também a afetava. Bram levou sua mão até a dela, que descansava sobre a toalha adamascada.

“Sem luvas esta noite?”, perguntou ele, deslizando seu polegar sobre a pele macia, tocando cada um dos dedos e o dorso delicado.

Ela balançou a cabeça.

“Fiquei o dia todo sem elas. Eu queria usar, mas acabava me esquecendo.”

Ele tropeçou em seu olhar e passou um longo tempo perdido ali.

“Eu…”, começou Bram.

“Você…”, começou Susanna.

Ao inferno com as palavras, pensou ele e passou a mão pela cintura dela. Se os dois tinham apenas alguns momentos juntos, ele não os desperdiçaria. A seda fria provocou sua palma quando ele a puxou para perto. A respiração de Bram estava entrecortada e seus sentidos explodiram com o perfume incomparável, essencial, dela.

“Bram”, sussurrou ela. “Nós não podemos.”

“Eu sei.” E então ele baixou a cabeça, buscando seu beijo. A boca de Susanna ficou mais macia sob a dele, exuberante e acolhedora. Seu beijo era suave, doce e, naquele momento fugaz, silencioso, valia qualquer risco.

Passos leves tamborilaram o chão do corredor, afastando-os com um susto.

Uma jovem irrompeu na sala, seguida por um criado que se desculpava.

“Srta. Finch! Srta. Finch, precisa vir imediatamente.” Quando a moça parou para respirar, Bram a reconheceu como uma das jovens da Queen’s Ruby. Uma das mais sossegadas, cujo nome ele ainda não sabia.

“Há uma confusão na vila”, disse ela.

Susanna cruzou a sala com um ágil farfalhar de seda.

“O que foi, Violet?”

“Oh, Srta. Finch, você não vai acreditar. Nós fomos *invadidas*.”



Elas foram invadidas.

Minerva tocou seus óculos com a ponta do dedo. Ela sabia que eles deviam estar ali, pois nunca ia a lugar nenhum sem seus óculos. Mas naquele momento, nada do que enxergava estava claro. As linhas da realidade estavam borradas, e o mundo simplesmente não fazia sentido.

Cerca de quinze minutos antes, apenas, as mulheres estavam sentadas jogando cartas no O Amor-Perfeito. Sentada à mesa da janela com suas irmãs e mãe, Minerva embaralhava o maço de cartas.

E então – antes que a primeira rodada pudesse ser jogada – os homens irromperam sem aviso, trazendo com eles o que pareciam ser numerosas garrafas de bebida e o prelúdio do caos absoluto.

Foram arrancadas as cortinas de renda e a placa de letras douradas do O Amor-Perfeito. E foram colocados uma galhada de cervo e um sabre antigo acima da lareira. E do lado de fora, sobre a porta, uma nova placa foi pendurada.

“O que está escrito?”, perguntou a mãe, espiando pela janela.

Minerva olhou por cima dos óculos.

“O Touro Ereto.”

“Oh, céus”, murmurou Diana.

As mulheres congelaram em suas cadeiras, sem saber como reagir. Qual era a etiqueta adequada, quando a civilização desmoronava ao redor de uma garota? Nem mesmo *A Sabedoria da Sra. Worthington* abrangia algo assim.

Subindo no pequeno púlpito, Lorde Payne assumiu o centro das atenções. O que não era uma surpresa. Onde quer que houvesse mulheres reunidas, aquele homem *sempre* era o centro das atenções. Minerva detestava-o. Se Diana quisesse casar, ela merecia algo muito melhor do que um depravado cínico e afetado. Infelizmente, a mãe delas parecia já tê-lo aceitado como futuro genro.

“Belas mulheres de Spindle Cove”, anunciou Payne. “Sinto informá-las que a casa de chá O Amor-Perfeito está fechada esta noite.”

Um murmúrio de confusão e desânimo veio de todas elas.

“Contudo”, continuou Payne, “é com grande prazer que anuncio que O Touro Ereto está em pleno funcionamento.”

Um alto viva foi dado pelos homens.

“Haverá bebida. Haverá dança. Jogos de dados e diversão de todo tipo. Senhoras, vocês foram avisadas. Vão embora ou serão obrigadas a se divertir.”

Um homem que ela não reconheceu – um dos agricultores ou pescadores, imaginou – pegou um violino velho. Ele encostou o arco nas cordas e começou a movimentá-lo, produzindo uma agitada música do campo.

Os outros homens não perderam tempo em levar mesas e cadeiras para os cantos do salão. Em alguns casos, com as mulheres apavoradas ainda sentadas nelas. O ferreiro aproximou-se de uma mesa. Com um breve movimento de cabeça e um olhar intenso, o homenzarrão colocou a mão por baixo dela e a ergueu pelo pedestal, carregando-a para o canto.

“Minha nossa”, disse Diana, quando alguém colocou uma jarra transbordando em sua mão. Ela cheirou o líquido e então passou a bebida para Minerva. “Isso é cerveja, Min?”

A irmã experimentou-a.

“Sim.”

A Srta. Kate Taylor foi colocada no piano. Algumas das meninas mais novas deram-se as mãos e fugiram, prometendo buscar a Srta. Finch.

“É melhor nós irmos embora”, disse Diana.

“Não entendo”, disse Charlotte, elevando a voz acima da música. “O que está acontecendo?”

“Oportunidade, minhas queridas.” O rosto da mãe iluminou-se como uma fogueira. “*Isso* é o que está acontecendo. Nem pensem em ir embora. Vamos ficar bem aqui. Sorria, Diana. Lá vem ele.”

Lorde Payne abriu caminho em meio à confusão, indo diretamente na direção delas.

“Sra. Highwood.” Ele fez uma grande reverência, oferecendo às irmãs de cabelos claros um sorriso resplandecente. “Srta. Highwood. Srta. Charlotte. Como estão lindas esta noite.” Por fim, ele se voltou para Minerva e deu-lhe um sorriso frio. “Ora, se não é nossa matadora de gigantes, Srta. Miranda.”

Ela franziu a testa para ele.

“Meu nome é Minerva.”

“Certo. Você veio armada esta noite? Com algo além desses olhares mortíferos, eu quero dizer.”

“Infelizmente não.”

“Nesse caso”, ele estendeu a mão para Diana, “Srta. Highwood, acredito que esta dança é minha.”

Como Diana demorou para aceitar, sua mãe interveio.

“O que você está esperando, Diana? Permissão? É claro que você pode dançar com Lorde Payne.”

Quando o par foi para o centro da pista de dança, Minerva cutucou a mãe.

“A senhora não pode deixá-la dançar. Não desse jeito. E a asma dela?”

“Bá. Faz muito tempo que ela não tem um ataque. E a Srta. Finch está sempre dizendo que exercícios fazem bem a ela. Dançar faz bem a ela.”

“Não sei quanto a dançar, mas Lorde Payne não fará bem a ela. De modo algum. Não confio nesse homem.”

Um dos gêmeos Bright entrou em sua linha de visão, chamando sua atenção. Ele fez uma reverência nervosa para Charlotte.

“Srta. Charlotte, seu cabelo é um rio de diamantes, e seus olhos são esferas de alabastro.”

Minerva não conseguiu segurar o riso.

“Charlotte, você tem catarata?”

O pobre rapaz ficou roxo de vergonha e estendeu a mão.

“Gostaria de dançar?”

Dando uma olhada rápida para a mãe, em busca de consentimento, Charlotte se levantou.

“Ficarei honrada, Sr… ahn, qual dos dois é você?”

“Sou o Finn, moça. A menos que eu pise acidentalmente nos seus pés, porque nesse caso eu serei o Rufus.” Ele sorriu e ofereceu-lhe a mão. Os dois se juntaram aos outros que dançavam.

Minerva olhou para a mãe.

“E agora a senhora vai deixar Charlotte dançar? Ela mal tem 14 anos!”

“É só por diversão. E é só uma dança no campo, não um baile em Londres.” Sua mãe estalou a língua. “Cuidado, Minerva, sua inveja está transparecendo.”

Minerva bufou. Ela *não* sentia inveja. Embora, conforme mais e mais casais se formavam ao seu redor, ela começasse a se sentir evidentemente sozinha. Não era uma sensação desconhecida.

“Eu sempre lhe digo, Minerva. Se apenas você desse um beliscão nas bochechas e tirasse os óculos, você ficaria…”

“Cega como um morcego, mãe.”

“Mas um morcego *atraente*. São apenas óculos, você sabe. Você pode escolher se vai usá-los ou não.”

Minerva suspirou. Talvez algum dia ela gostasse de atrair a atenção de um cavalheiro, mas não um cuja opinião sobre ela pudesse ser modificada por uma pequena alteração em sua aparência. Para casar, ela queria um homem com cérebro na cabeça e um pouco de substância no caráter. Nada de aristocratas vazios para ela, não importava o quanto hábeis fossem suas palavras, ou lindos, seus sorrisos.

Só era irritante sempre se sentir rejeitada por homens como Lorde Payne, sem nunca ter a chance de rejeitá-los primeiro.

Ela ergueu a jarra de cerveja e tomou um grande gole. Então se levantou, decidida a não ficar sentada fingindo que era invisível.

“Aonde vai, Minerva?”

“Como a senhora disse, mãe, decidi aceitar esta interrupção não planejada como uma oportunidade.”

Abrindo caminho em meio à multidão estridente de dançarinos e beberrões, Minerva chegou à saída. Naquela tarde ela tinha ido para ir à casa de chá, deixando pela metade uma carta importante que estava redigindo, e achou melhor aproveitar aquele tempo para terminá-la. Os membros da Sociedade Geológica Real precisavam ajustar seu modo de pensar.

Eles eram, afinal, homens.

Capítulo Dezesseis

Susanna saiu correndo de casa, levantando a saia do vestido e disparando pela rua.

“Podemos pegar uma carruagem”, disse Bram, alcançando-a na primeira curva. “Ou um cavalo.”

“Não há tempo”, disse ela, inspirando o ar refrescante da noite. “Assim é mais rápido.”

Verdade fosse dita, ela ficava contente com a oportunidade de fugir. Havia questões demais entre eles, emoções demais para as quais ela se sentia despreparada. Ela olhou para Bram, imaginando se o joelho o incomodava. Ela sabia que não adiantava perguntar. Ele nunca admitiria, mesmo se incomodasse.

Mas ela diminuiu o ritmo, só um pouco.

Quando se aproximaram do centro da vila, um estrondo abafado chegou aos seus ouvidos. Não havia dúvida quanto à origem do barulho. Juntos eles correram a distância final, passando pela igreja e cruzando a praça.

“Não acredito.” Ele parou ao lado dela, ofegante.

Ela levou a mão ao baço e olhou para a placa sobre a porta da casa de chá.

“O Touro Ereto? O que significa isso?”

“Eu sei o que significa. Os homens recuperaram sua taverna.”

“*Nossa* casa de chá, você quer dizer.”

“Não esta noite.” Ele sorriu, balançando a cabeça. “Isso aqui só pode ser coisa do Colin. Mas é bom ver que eles tomaram alguma iniciativa.”

“Não é engraçado.” Ela pôs as mãos na cintura. “Você sabia que eles planejavam fazer isso?”

Sentindo o tom acusador de Susanna, Bram assumiu uma postura defensiva.

“Não, eu não sabia que eles planejavam fazer isso. Eu passei as últimas trinta horas inconsciente. *Alguém* me deu láudano suficiente para derrubar um cavalo.”

“Não, Bram. *Alguém* lhe deu a dose indicada, e seu corpo moído aproveitou a oportunidade para descansar. Eu estava cuidando do seu bem-estar. E agora estou preocupada com o bem-estar das minhas amigas.” Ela apontou para a casa de chá. “Temos que pôr um fim a essa cena. As garotas não estão acostumadas a esse tipo de jogo. Elas vão fazer mais do que deveriam.”

“Você é que está aumentando as coisas. É só um pouco de dança e bebida.”

“Exatamente. Para um homem como você, trata-se apenas de uma festa inofensiva, mas elas são moças delicadas, protegidas. Com o coração e as esperanças vulneráveis *demais*. Para não falar da reputação delas. Precisamos intervir.”

Juntos, eles olharam para a casa de chá transformada em taverna. Música alta e risadas vinham de lá, transportadas pela brisa, acompanhadas do som de copos brindando.

“Não.” Ele balançou a cabeça. “Não vou interromper a festa, e você também não. O que está acontecendo aí dentro é importante.”

“Bebedeira pública é importante?”

“Sim, às vezes. Mais do que isso, comunhão. União de um grupo de soldados, e o dever que esses homens têm. É muito importante. Chama-se orgulho, Susanna, e esses homens estão experimentando isso pela primeira vez depois de muito tempo.”

“O que você quer dizer com experimentando pela primeira vez? São todos homens decentes, honrados. Ou, pelo menos, *eram*.”

“Vamos lá. Antes de eu chegar a esta vila, você e suas seguidoras vestidas de musselina haviam reduzido esses homens a consertar medalhões e a fazer cobertura de bolos. Você não entende. Os homens precisam de um objetivo, Susanna. Um objetivo respeitável. Um que sintamos em nosso coração e em nossas vísceras, não que possamos só compreender com a cabeça.”

“*Homens* precisam de um objetivo?” Ela suspirou, exasperada. “Você não consegue entender que as mulheres também? Nós necessitamos de nossos próprios objetivos, de nossas realizações e de nossa própria irmandade, também. E há poucos lugares onde podemos encontrar isso, em um mundo dominado pelo sexo oposto. Em toda parte, somos governadas pelas regras dos homens, vivemos à mercê dos caprichos masculinos. Mas aqui, em nosso cantinho do mundo, somos livres para mostrar o que temos de melhor e mais verdadeiro. Spindle Cove é *nossa*, Bram. Vou lutar até meu último suspiro para evitar que você a destrua. As necessidades das mulheres também são importantes.”

Bram pegou-a com as duas mãos e a afastou dos prédios, puxando-a para a

praça. Logo, ele a tinha debaixo da copa de um antigo salgueiro-chorão. Susanna sempre amou aquela árvore e a forma como seus galhos protetores e baixos pareciam constituir um a espécie de mundo à parte. Um abrigo verde, refrescante, que roçava gentilmente na pele e permitia a entrada da quantia exata de luz do sol, mas ainda assim protegia da chuva, a não ser das mais intensas. Ela sempre se sentiu à vontade e segura sob seus galhos.

Até aquele momento... O brilho faminto nos olhos dele era a representação do perigo. Quando ele falou, sua voz ficou sombria. A noite toda ficou sombria.

“Vou lhe dizer o que é mais importante que tudo. É isto.” Bram flexionou aqueles bíceps poderosos, puxando assim o corpo dela contra uma parede sólida de músculos e calor. “Não mulheres, nem homens, mas o que há entre duas pessoas que precisam uma da outra mais do que precisam respirar. Você pode discutir comigo tudo o que quiser, mas não pode negar isso. Eu sei que você sente.”

Ah, sim. E como ela sentia. Uma sensação quente, elétrica, zunia por seu corpo todo, da planta dos pés às raízes do cabelo. Entre as coxas, ela se sentia derretendo.

“*Isto* é importante”, disse ele. “É a força mais vital, incontestável da Criação. Você não pode negá-la a toda vila só porque tem medo de perder o controle.”

A risada irrompeu da garganta dela.

“*Eu* tenho medo de perder o controle? Oh, Bram, por favor.”

Aquilo, vindo do homem que estava desesperado para dar ordens – para qualquer um –, que estava pagando soldos exorbitantes a pastores e pescadores só para que marchassem sob seu comando. E, não poderíamos esquecer, ele havia bombardeado um rebanho de ovelhas.

Era *ele* que tinha medo de perder o controle. Aterrorizado até o último fio de cabelo. E Susanna iria alegremente lembrá-lo de tudo aquilo, talvez até admitir que ela achava estranhamente cativante, se ele lhe permitisse usar os lábios e a língua.

Mas não. Aquele homem impossível queria conquistar até isso dela.

Ele a tomou com um beijo tão apaixonado e impiedoso que Susanna não teve escolha a não ser se entregar.

Sua boca amoleceu, e a língua de Bram passeou entre seus lábios e foi mais fundo. Ela aceitou o desafio, defendendo-se das arremetidas dele com sua própria língua, apreciando o modo como os dois lutavam em igualdade. Ele gemeu de satisfação, e ela sorriu com os lábios presos aos dele. Ela parecia ser boa nisso. Susanna adorou que ele fizesse surgir novas habilidades nela; talentos

que ela não sabia possuir.

Bram cobriu seu pescoço com beijos, roçando seus quadris contra os dela de maneira bruta, deliciosa.

“Deus, chega a doer o tanto que eu quero você. Faz ideia do tipo de sonho que o láudano provoca em um homem?”

“Você sonha comigo?”

“Frequentemente.” *Beijo*. “Vividamente.” *Beijo*. “Acrobaticamente.”

Rindo baixinho, ela se afastou para olhá-lo.

“Oh, Bram. Eu também tive sonhos com você. Todos eles envolviam penhascos muito altos e pedras muito pontudas.” Susanna tocou o rosto dele com a mão. “E monstros marinhos.”

“Pequenina mentirosa.” Ele sorriu.

Talvez ela devesse se ofender, mas Susanna estava ocupada demais ficando incrivelmente emocionada. Nunca alguém a havia chamado de “pequenina”.

“Olhe só para você”, disse ele, dando um passo atrás e passando suas mãos possessivas pela cintura e pelos quadris dela. “Nem tenho palavras para expressar como você está linda. Colocou esse vestido para mim, não foi?”

“Arrogância previsível. Sempre me arrumo para jantar.”

“Ah, mas você pensou em mim enquanto se vestia. Eu sei que pensou.”

Ela havia pensado. Claro que havia pensado. E embora ela sempre se arrumasse para o jantar, raramente vestia algo tão fino. Naquela noite, Susanna havia escolhido seu melhor vestido. Não porque ela planejava que Bram a visse, mas por uma razão muito mais simples e egoísta. O traje a fazia se sentir linda por dentro, e parecia necessário que sua aparência exterior combinasse com a interior.

“E esses seus cachos, ondulando… também são para mim.” Bram pegou um cacho desgarrado e o enrolou nos dedos. “Você não sabe como eu estava morrendo de vontade de tocar seu cabelo. É mais macio do que sonhei.” O toque dele alcançou o decote de Susanna, onde ele afastou a seda violeta para revelar uma dobra pálida de sua roupa de baixo branca. “Veja isto”, disse Bram, passando o dedo pela borda bem-feita. “Branca, engomada e nova. É o que você tem de melhor, não é? Você vestiu o que tem de melhor para mim.”

Ela anuiu, tão enfeitiçada pelo sussurro sensual de Bram, que não tinha qualquer capacidade de negar.

“Eu quero ver”, disse ele. “Mostre para mim.”

“*O quê?*” Ele não poderia estar sugerindo que ela tirasse o vestido ali, no meio da praça.

As mãos de Bram deslizaram até suas costas, procurando os fechos do vestido.

“Você vestiu para mim, então deixe-me ver. Só a roupa de baixo, amor. Só a de baixo. Você sabe quanto tempo faz que eu não vejo uma garota em roupa de baixo branca?”

Susanna não gostaria de pensar na resposta para aquela pergunta. Ela só sabia que odiava todas as garotas que vieram antes dela.

Os lábios de Bram roçaram sua face, seu pescoço. A barba por fazer, arranhando sua pele, incendiou seus sentidos.

“Deixe-me ver você. Eu só quero olhar.”

“Só olhar?”

“Talvez tocar, só um pouco. Mas somente por cima da sua roupa íntima. Eu juro, nada além disso. Eu vou continuar vestido. Se você me disser para parar, eu paro.” Ele tocou seu queixo. “Pode confiar em mim.”

Ela podia? Susanna sentiu que concordava.

As mãos dele deslizaram até as costas de Susanna e alcançaram os fechos do vestido.

“Esses botões são falsos?”

Sem esperar resposta, ele soltou o primeiro de cima. Depois outro. E mais outro. O corpete começou a ficar folgado na frente. O ar frio noturno lambeu a pele dela, fazendo seus mamilos crescer e endurecer.

“Bram. Não podemos fazer isso. Não aqui.”

“Vamos para outro lugar, então?” Ele soltou outro fecho nas costas do vestido. A manga esquerda de Susanna escorregou de seu ombro em uma onda violeta, revelando mais de sua túnica íntima. Suas costelas pressionavam o espartilho enquanto ela lutava para respirar.

O olhar dela buscou O Amor-Perfeito.

“Ninguém vai nos ver”, murmurou ele, puxando-a para si. Seus lábios roçaram o lado do pescoço dela. “Estão ocupados na taverna. Não pense em ninguém mais. Somos só nós dois agora.”

Outro fecho rendeu-se, e ela sentiu o vestido ceder. Ele puxou a manga direita de seu ombro, dando vários beijinhos em seu pescoço. Como se por instinto, ela inclinou a cabeça para lhe facilitar o acesso. A língua de Bram deslizou preguiçosamente pela jugular dela, incendiando seus sentidos.

“Bram…”

“Está tudo certo”, disse ele. “É certo querer isto.”

As palavras dele acalmaram seus nervos. Ainda assim, os dedos de Susanna

tremiam quando ela tirou os braços das mangas. Assim que os soltou, o corpete de seda violeta caiu ao redor de seus quadris. Da cintura para cima ela estava apenas de espartilho e túnica.

As mãos de Bram procuraram novamente as costas dela, o lugar onde o cordão do espartilho estava preso em um nó apertado. Ele atrapalhou-se um pouco enquanto soltava as pontas, como se suas mãos também tremessem. Aquela sutil sugestão de insegurança era reconfortante.

O cordão deslizou livre pelos buracos, e o espartilho também caiu. Ar invadiu os pulmões de Susanna, estonteante e frio. Bram deixou a peça cair suavemente na grama, e com ela, toda confiança de Susanna se foi. Poderia estar totalmente nua, considerando como se sentia vulnerável e exposta.

"O que eu devo fazer?" A voz dela tremia.

A respiração de Bram acariciou sua orelha.

"Só respire." Ele beijou seu queixo. "Só esteja comigo. Seja só você."

Calor brotou no coração dela, e inundou o corpo todo.

Seja só você, ele disse. Bram não queria que ela fosse diferente. Ele não queria que ela fosse outra pessoa. Ele só queria que Susanna fosse ela mesma.

Ela pegou o rosto dele em suas mãos e o beijou nos lábios. Porque aquelas palavras preciosas mereciam um beijo, mas, principalmente, porque Susanna estava sendo ela mesma, e beijá-lo era o que mais queria fazer.

Eles mergulharam um no outro, aprofundando o beijo, lenta e sensualmente. A língua dele provocava e persuadia, e ela respondia de acordo. Os dois se beijavam sem pressa, quase que brincando. Por um minuto. E então as coisas ficaram muito sérias.

"Eu preciso ver você." As mãos de Bram puxaram seu vestido, fazendo-o passar pelos quadris. "Você toda. Agora."

Ela o ajudou, remexendo-se até o tecido ceder e escorregar para o chão, onde formou um pedestal cintilante. Ele pegou as duas mãos de Susanna e a ajudou a se livrar, finalmente, do vestido. Então Bram recuou um passo, e a colocou sob a melhor luz. Seu olhar percorreu o corpo de Susanna. Cada centímetro dele. Sob a musselina fina, os mamilos dela exigiam seu toque. Quanto mais o silêncio se prolongava, mais impaciente ela ficava. E mais insegura... Sua roupa de baixo era fina, mas estava tão escuro. O que ele conseguia enxergar? Ele estava gostando do que via? Como era ela em comparação às outras garotas que tinha visto de túnica, tanto tempo antes?

"Linda." Um suspiro irregular pulou do peito dele. "Tão linda. Obrigado."

Ele passou apenas um dedo pelo lado de dentro do braço dela. Quando o

toque de Bram passou por suas cicatrizes, ela prendeu a respiração, mas suas feridas não o detiveram nem por um instante.

“Eu não sei o que é”, disse ele, tocando seus ombros e mergulhando os dedos no decote de sua roupa de baixo. O toque incendiou uma trilha ardente no topo de seus seios livres, “mas não existia nada no mundo mais sedutor do que uma túnica assim. Doce e pura, e ainda reveladora. Renda, faixas, seda, pele… nada se compara.”

A mão dele desceu, envolvendo seu seio. Ela engoliu em seco, ansiosa, mas Bram permaneceu calmo, apalpando o monte macio com uma pressão convidativa, volteando o mamilo ereto com seu polegar.

Inclinando a cabeça, pensativo, ele voltou sua atenção para o outro seio. Agora ele segurava os dois em suas mãos, apalpando o esquerdo, depois o direito… como se os estivesse testando e comparando um com o outro. Os homens são tão estranhos. Ele beliscou os dois mamilos ao mesmo tempo, e ela arfou de espanto e prazer.

Ela disfarçou o ruído com uma risada nervosa.

“Você não podia ao menos me beijar enquanto faz isso?”

“Com prazer.”

Bram pressionou seus lábios contra o côncavo da garganta de Susanna. Uma vez, depois outra. Beijos leves, suaves, que despedaçaram sua resistência, retalharam qualquer determinação sua. As mãos dele passeavam por suas curvas.

“Bram…”

“São só beijos”, murmurou ele, os lábios cobrindo sua jugular pulsante. “Apenas beijos. Eu juro, não vou tentar mais que isso. Vou parar no momento em que você pedir. Só deixe que eu a beije, Susanna.” Ele passou a língua pelo pescoço dela.

E ela soltou um suspiro de aprovação, inclinando a cabeça para ajudá-lo. Só beijos... Que mal havia em alguns beijos? Não era mais do que eles já tinham feito. Na cabeça de Susanna, entorpecida pelo desejo, Bram tinha toda razão.

Ele baixou a cabeça, e sua língua passou, certeira e deliberadamente, pelo mamilo de Susanna. Então Bram tomou o bico coberto pelo tecido em sua boca.

Ela gritou, chocada pela súbita explosão de prazer.

“Calma...”, murmurou ele contra seu seio. “Só beijos... Isso é tudo. Só beijos.”

Só beijos... Ah. Oh, com certeza eram só beijos. E as Grandes Pirâmides do Egito eram simplesmente umas pilhas de pedra.

A sensação correu seu corpo todo. Ela nunca havia conhecido algo tão

insuportável e incomparavelmente doce. Ele lambeu, provocou e puxou seu mamilo, rodopiando-o com a língua em círculos cada vez maiores, até que o tecido ficou molhado e aderiu ao seio dela, revelando o rubor róseo de sua pele.

Ele deu ao outro seio a mesma atenção, abocanhando cada curva. Colando o tecido à carne excitada.

“Isso...”, suspirou ele, afastando-se para olhar para Susanna. Com as mãos, Bram enquadrou o busto, puxando o tecido justo e molhado até que os botões escuros dos mamilos fossem lançados à liberdade. “Minha nossa. Como botões de rosa surgindo em meio à neve. E isto…”, ele foi beijando a barriga dela, descendo cada vez mais, “isto, Susanna, é o que coloca um homem de joelhos.” Ele apertou a testa no umbigo dela. Sua boca ficou na união das coxas, quente e perigosa.

“Bram...”, sussurrou ela, agitada. “Bram, por favor levante. Isso não pode ser bom para sua perna machucada.”

Ele fez um som de pouco caso.

Bem, agora ela iria estragar tudo. O tolo obstinado preferia saltar de um penhasco a admitir um pouco de dor. Com certeza não seria agora que ele iria se pôr em pé.

Ele gemeu um pouco ao passar o rosto pela coxa dela. Sua mão agarrou o traseiro dela.

“Você queria isso, lembra? Você disse que iria me deixar de joelhos.”

Claro que ela o queria de joelhos. Implorando, suplicando. Reconhecendo o poder que ela detinha sobre ele. E Susanna havia conseguido exatamente isso, mas alguma coisa tinha dado muito errado. Era ela que estava sendo conquistada.

“Só beijos...”, disse Bram, segurando a cintura dela em suas mãos e puxando o tecido de sua roupa de baixo. “Só beijos, eu prometo. Deixe-me mostrar para você como pode ser gostoso. Eu sei exatamente o que você precisa.”

Ele pressionou a boca aberta sobre o algodão que cobria o encontro das coxas dela. Bram esticou a língua, tocando-a por sobre o tecido, circulando aquele lugar pequeno, secreto, que podia dar tanto prazer a ela. O êxtase ameaçou-a, e seus joelhos dobraram.

A respiração de Susanna ficou pesada, e ela agarrou com força os ombros dele.

“Bram, eu não posso…”

Ele apertou as mãos em sua cintura. Fazendo uma breve pausa, Bram murmurou:

“Estou segurando você. Está segura comigo. Não vou deixar você cair.”

“Mas…”

“Quer que eu pare?”

Ela não conseguiu articular uma resposta.

A risada rouca dele a provocou de modos insuportáveis.

“Eu achei que não.”

Ele se lançou com um objetivo, então, golpeando-a mais firmemente com sua língua. Ondas de prazer passavam por Susanna, que se entregou a elas e se abandonou à força dele. Com o ombro, Bram gentilmente empurrou o joelho dela para o lado, abrindo-a para seu beijo. Sensações incomparáveis cresciam mais e mais. A umidade quente da boca de Bram misturou-se ao orvalho de sua excitação. A umidade cresceu entre as pernas de Susanna.

Ele centrou suas atenções naquele botão inchado e sensível no cume do sexo dela. Ele lambeu, massageou e mordiscou até Susanna ficar perdida de prazer. Os músculos de suas coxas começaram a tremer. Um ganido escapou de sua garganta.

E o mundo começou a diminuir. Os sons distantes de música e risadas foram sumindo. O vento parou de soprar. Tudo foi esquecido... Nada existia além dos dois: sua boca talentosa e cruel, e a alegria intensa e crescente dela. Ele a empurrou cada vez mais alto, até que ela tropeçou na beira do precipício e caiu em um clímax capaz de fazer tremer a alma.

Susanna gritou, embalada por ondas de prazer.

Enquanto voltava a si, ele a segurou firme, apertando a cabeça em seu umbigo e sussurrando palavras reconfortantes. Seus polegares desenhavam círculos tranquilizantes nas costas de Susanna.

Ela caiu de joelhos, e Bram a deixou no chão. Assim eles ficaram, sob o salgueiro-chorão, seus membros enrolados como raízes de árvore. A respiração dos dois produzia uma pequena nuvem de vapor, como se eles tivessem seu próprio céu, pairando sobre eles, naquele mundo à parte.

Ele flexionou os braços poderosos, puxando-a para si, até tê-la moldada contra seu peito, rodeada por seu calor. Susanna percebeu que tremia.

“Não tenha medo”, murmurou ele, dando beijos em sua fronte.

Ela não estava com medo, só estava… devastada. O que isso significava para ele? O que significava para ela? Só beijos, ela se lembrou. Para ele, eram só beijos. Bram não queria envolvimentos românticos.

Não fique tendo ideias, disse ela, severamente, a seu coração.

“Não fique assustada”, disse-lhe ele. “Você é tão passional. Tão linda. Há

tanto mais que eu poderia lhe mostrar. Tanto prazer que poderíamos compartilhar.”

“Conte-me”, ela se ouviu dizer.

Susanna não sabia o que a fez bancar a inocente. Ela com certeza conhecia o conceito de relação sexual, ainda que não por experiência pessoal. Ela sabia o que os livros diziam a respeito de coito e reprodução humana, e ela já havia trabalhado com parteiras e ouvido como as empregadas de casa riam e fofocavam entre elas. Mas Susanna queria saber o que aquilo significava para ele. O que ele pensava que aquilo significaria para *eles.*

Bram pegou a mão dela e trouxe para seu corpo, colocando a palma sobre o volume que esticava sua calça.

“Sente isto?”

Ela anuiu. Como poderia não sentir? O tamanho não era exatamente desprezível.

Ele manteve a mão de Susanna pressionando-o, e fez com que ela deslizasse a palma por toda sua extensão. Seu órgão latejou sob o toque dela.

“É para você, Susanna. Para seu prazer.”

“Céus. Todo ele?”

Ele riu baixo e beijou o pescoço dela.

“Sim, ele todo. Ele foi feito para se encaixar dentro de você.”

Deixando sua virilidade na mão de Susanna, Bram colocou sua mão por baixo da túnica dela, subindo com os dedos pelo vão sensível entre os joelhos. Então sua mão mergulhou entre as pernas dela, afastando suas coxas. Os dedos dele encontraram sua intimidade, quente e úmida. Enquanto ele traçava o contorno do sexo dela, delicadamente explorando-a e provocando-a, um gemido baixo escapou do peito de Susanna.

“O lugar disto”, ele forçou sua ereção contra a mão dela, “é aqui.” Seu dedo escorregou para dentro dela, dando-lhe uma sensação única de plenitude e alegria. “É simples assim.”

Simples assim.

Assim era a cópula, no entendimento dele. Um ato natural e descomplicado. Uma satisfação mútua de necessidades e desejos. Eles haviam sido feitos para aquilo. O lugar do corpo dele era *dentro* do dela.

Ele movimentou o dedo em um vai e vem lento, penetrando um pouco mais fundo a cada vez. Embora tivesse acabado de experimentar um clímax dilacerante havia poucos minutos, a excitação de Susanna crescia num ritmo espantoso. Logo ela estava arqueando os quadris de encontro a seus dedos

hábeis, massageando sua ereção contra a mão dela em sincronia com seu dedo. Bram a beijou intensamente, forçando a abertura da boca de Susanna e mergulhando fundo com sua língua. Ela lutou para retribuir, saboreando-o e provocando-o com voracidade. Ele gemeu contra os lábios dela, aprovando sua iniciativa.

Bram tirou o dedo da fenda de Susanna e esta choramingou pela perda repentina. Contudo, sua reclamação foi prontamente atendida, quando ele se colocou sobre ela, ajeitando-se entre suas coxas. Ela teve que abrir as pernas para acomodar o quadril de Bram, um ato que colocou seu monte feminino em contato com a excitação dele. Ele se esfregou nela bem no lugar certo, e prazer puro, ardente, cintilou pelas veias dela.

Ele segurou o rosto de Susanna com suas mãos grandes. Seu olhar era sombrio e faminto como o de um lobo.

"Você me quer, Susanna?"

Ela não conseguiu disfarçar. Seu corpo respondeu por conta própria, erguendo e arqueando os quadris, esfregando-se sinuosamente contra a excitação dele.

"Sim."

Ele não se mexeu.

"Sim?"

Outro homem a teria tomado com sua primeira resposta, se tivesse se dado o trabalho de perguntar, mas ele queria estar absolutamente certo de que ela também queria aquilo. Porém, se ela ainda tinha alguma dúvida, foi dissolvida pela preocupação que ele demonstrou.

Sim, ela queria fazer aquilo. Não só *aquilo*. Ela queria Bram. Talvez ela nunca se casasse. Talvez nunca conhecesse amor verdadeiro e duradouro com um homem, mas ela queria explorar paixão e prazer, e queria que fosse com Bram. Em todos os seus 25 anos, nenhum homem a tinha feito se sentir daquela forma. Talvez fossem necessários outros vinte e cinco anos para sentir aquele desejo ardente outra vez.

"Sim", disse ela novamente.

Ainda assim, ele hesitou.

"Não devemos. Não esta noite. Sua primeira vez deveria ser em uma cama. E mais, essa cama deveria ser um leito matrimonial, para uma garota como você."

"Eu nunca planejei me casar. Quanto à cama…" Ela olhou para os galhos do salgueiro, que os abrigavam, e para as estrelas espalhadas que brilhavam entre eles. Não poderia existir cenário mais romântico. "Todo mundo tem camas. Eu

fico com esta. Desde que…” Ela limpou a garganta. “Você vai ter cuidado, não vai? No final. Não quero ter um bebê.”

“Eu vou tomar cuidado, mas você sabe, sempre há um risco.”

“Eu sei. Estou disposta a correr esse risco, se você estiver.”

“Para ficar com você?” Ele beijou seus lábios. “Eu enfrentaria um pelotão de fuzilamento.”

O coração de Susanna revirou em seu peito.

“Então, sim. Para tudo isso.”

Dessa vez, ele atendeu ao que Susanna dizia. Com a mão impaciente, ele ergueu a roupa de baixo dela, expondo seu abdome e o seio esquerdo. Ele parou por um instante, apenas a admirando.

“Tão linda.”

Aquelas palavras correram por sua pele em um hálito quente, áspero, fazendo seu mamilo ficar ainda mais duro e pontudo. Bram baixou a cabeça e o chupou, puxando o bico excitado para o fundo de sua boca, enquanto circulava a ponta sensível com a língua. Enquanto Bram chupava e lambia, sua barba por fazer arranhava a pele delicada de Susanna. Cada nervo dela foi estimulado, ficando tenso e tênue com o prazer crescente.

“Toque-me”, pediu ele, entre passadas de língua. “Quero sentir suas mãos em mim.”

Susanna nunca se sentiu mais feliz por obedecer a uma ordem. Ela desceu as mãos, puxou a camisa dele para fora da faixa da cintura e deslizou as duas palmas por baixo do tecido, explorando os músculos fortes e lisos de suas costas. Então ela enfiou uma das mãos entre os corpos dos dois, à procura dos fechos da calça dele. Ele a ajudou elevando, ansioso, os quadris. Susanna abriu os botões de um lado da abertura e colocou os dedos para trabalhar lá dentro.

Minha. Nossa.

Os sentidos dela estavam sobrecarregados. O calor e o peso dele encheram sua mão. O gemido de Bram zuniu ao redor de seu mamilo.

Ela o acariciava delicadamente, tanto quanto as circunstâncias permitiam, deslizando a mão por toda a extensão e deliciando-se com a textura. Como veludo cotelê sobre ferro quente. Tão macio e tão poderoso.

O lugar *disto* é *dentro de mim*. Os músculos íntimos dela se contraíram com o pensamento.

“Não posso esperar”, disse ele, abandonando o seio dela. “Não posso mais esperar.”

Ela o largou quando Bram puxou sua túnica mais para cima, amontoando-a

sob seus braços. A ereção dele era uma alavanca quente e ávida entre seus corpos. Ele investiu contra o sexo nu de Susanna, estimulando sua abertura com movimentos para cima e para baixo. O prazer intenso a deixou sem ar, inconsciente.

"Última chance", disse ele, entre os dentes cerrados, mudando seu ângulo e levantando os quadris dela. "Se você não quer isto, Susanna…"

O rosnado selvagem que ele soltou entre os lábios fez o coração dela pular uma batida. Ele estava certo, aquela era a força mais vital, incontestável da natureza. Todo o corpo dela ansiava por posse e alívio. A força daquele momento era quase demasiada.

"Eu quero isso", ela conseguiu dizer. "Eu quero você."

Capítulo Dezessete

"Então, sou seu", sussurrou Bram, empurrando a intimidade dela, só um pouquinho. O êxtase era prometido pela superfície de sua pele. "Receba-me. Receba-me dentro de você."

Ele a penetrou devagar, em estocadas firmes, cada vez mais fundas, apoiando a maior parte de seu peso no joelho bom e obrigando-se a ser paciente enquanto o corpo de Susanna aprendia a acomodar o seu. Ela olhava para ele com olhos arregalados e transparentes; ele podia ler cada emoção dela. Ele viu ansiedade, receio. O que era compreensível, sendo aquela a primeira vez dela, mas também havia confiança, que dominava seu medo.

Que dominava *Bram.*

Com cada avanço intenso, ele oferecia palavras de encorajamento e elogio.

"Isso, amor… você é tão boa… tão boa… assim mesmo… só um pouquinho mais…"

Quando ele a penetrou totalmente com uma última e decisiva estocada, ela arfou de dor. Bram sentiu um aperto no coração. Ele não queria machucá-la.

"A dor é muito forte?"

Corajosa, ela mordeu o lábio e balançou negativamente a cabeça.

"Você…" O corpo dela se agarrou ao seu, e Bram soltou um gemido involuntário de prazer. "Você aguenta se eu me mexer?"

"Isso é necessário?"

Ele se esforçou muito para não rir.

"Acho que sim, amor. Eu… Eu tenho que me mexer, ou vou ficar louco."

Ele deslizou para fora só um pouco, para depois mergulhar novamente, ainda mais fundo que antes. Ela era tão quente e macia, e tão deliciosamente apertada. O prazer tinha um toque agudo e doce. Equilibrando seu peso nos cotovelos para não esmagá-la, Bram movimentava os quadris para trás e para frente,

delicadamente. Durante o que lhe pareceram séculos, ele se restringiu aos movimentos mais fáceis, menos exigentes, mas o tempo todo, a necessidade por um vai e vem mais rápido, furioso, clamava em suas veias. Ele a dominou com pura força de vontade. Susanna merecia mais do que sexo animal. Aquele era um presente valioso que ela entregava a Bram, e ele não queria que Susanna se arrependesse. Não naquela noite. Nem dali a quarenta anos.

"Está melhor?", perguntou ele.

"Um pouco."

Um pouco. Um pouco não era o bastante. Praguejando em silêncio, ele baixou seu corpo para cobrir o dela.

"Eu quero que isto seja gostoso para você."

"Está gostoso", sussurrou ela. Suas mãos deslizaram pelas costas de Bram, e seus seios, macios e quentes, acomodaram-se sob o peito dele. "Eu gosto... Gosto de ter você tão perto de mim."

"Eu também."

Quando ele deslizou para dentro dela em seguida, os quadris de Susanna foram de encontro aos dele. Ela soltou um gemido encorajador. Então ele fez de novo. E outra vez...

"Está…" Ela arqueou as costas, cavalgando suas estocadas com ritmo. "Oh, Bram. Está tão gostoso agora."

Bom Deus, estava *mesmo*. Estava tão gostoso. O ângulo, o ritmo, o modo como o corpo dela se encaixava e movia com o dele. Eles haviam conquistado verdadeira sincronia de corpos e efeito, algo que ele nunca sentiu antes. Ele nunca pôde se abandonar tão completamente em uma mulher e, ao mesmo tempo, sentir que estava em casa.

Havia um mundo lá fora, em algum lugar além daqueles galhos de salgueiro. Oceanos, montanhas, geleiras, dunas. Em algum lugar, guerras eram travadas. Bram não poderia se importar menos com aquilo tudo. Ele não queria estar em lugar nenhum que não fosse dentro daquela mulher, o mais fundo que conseguisse chegar. Ele não tinha outro objetivo, outro propósito em sua vida que não preenchê-la, dar-lhe prazer e fazê-la arfar, gemer e gritar.

Ela era o lugar dele.

Ele ergueu a perna dela para fazê-la envolver seu quadril, e o corpo todo de Susanna o puxou mais para dentro. Eles se beijavam apaixonadamente. Bram se demorou explorando a boca generosa e suculenta, maravilhado ao constatar como era bom possuí-la de duas formas de uma vez. Como ele era alto, com outras mulheres não conseguia beijar e penetrar ao mesmo tempo, mas Susanna

combinava perfeitamente com ele.

O que os beijos do casal perdiam em delicadeza, ganhavam em urgência sensual. As unhas dela beliscavam os ombros de Bram, e o efeito era o de uma abelha picando um touro. Aquilo o fez surtar. Os quadris de Bram davam pinotes enquanto ele entrava nela repetidas vezes, abandonando toda a gentileza, em busca do clímax de Susanna.

Ela *tinha* que gozar. Ela tinha que gozar *primeiro*.

O que queria dizer que ela tinha que gozar *logo.*

Por favor, Susanna. Por favor.

Ela bateu as pálpebras e fechou os olhos, rolando a cabeça para trás. Seu pescoço pálido de cisne esticou-se, formando uma curva elegante, erótica, que brilhou como mercúrio no escuro. Tão linda que fez o coração dele doer.

“Deus, você é tão linda. Tão linda.”

O corpo dela apertou-se ao redor dele, e ela gritou. Ele cavalgou as contrações extraordinárias do clímax dela pelo máximo de tempo que ousou. E quando Bram percebeu que não aguentaria segurar seu prazer por mais uma estocada, retirou-se do abraço apertado e envolvente de Susanna e tomou a si mesmo em sua mão. Ele derramou sua semente por todo o ventre macio e doce dela; não em uma dobra de sua camisa ou da túnica dela, como teria sido o modo mais cavalheiresco. De certa forma primitiva, ele sentiu-se satisfeito por marcá-la.

Agora você é minha.

Bram deitou-se ao lado dela, curvando seu corpo ao redor do de Susanna e abrigando-a com seus braços e pernas. Os impulsos protetores que se multiplicavam dentro de Bram eram quase maiores do que ele conseguia suportar, e sufocaram sua fala por um instante.

“Você está bem?”, perguntou ele, quando conseguiu encontrar as palavras.

“Estou.” Susanna aninhou-se no peito dele. Bram passou um braço ao seu redor, puxando-a para si. “Oh, Bram. Nunca nem sequer sonhei que pudesse ser assim.”

Nem eu, ele sentiu vontade de dizer. *Nem eu.*

Ele havia ficado com outras mulheres e apreciado grandemente cada encontro, mas nenhum produziu as mesmas sensações do que aquele com Susanna. Parecia impossível que os dois fossem ficar tão íntimos tão depressa. Mas lá estavam eles, e Bram não desejava estar em nenhum outro lugar. Ele beijou o cabelo dela e inalou seu aroma doce e estimulante.

“Não devíamos ter feito isso”, disse ele, sem no entanto conseguir

demonstrar qualquer arrependimento.

“Eu sei.” Ela suspirou, também soando impenitente. “Mas estou feliz que tenhamos feito. Foi uma delícia.”

“Foi mais do que uma delícia. Foi…”, Ele tentou encontrar outra palavra, mas não conseguiu.

“Indescritível.” Ele ouviu o sorriso na voz dela. “Foi mesmo”.

Um ruído repentino fez Bram gelar. Gritos furiosos, vindos de algum lugar distante… mas ainda assim, próximo demais.

“Você ouviu isso?”, perguntou ela, apertando-o.

Então o ruído de vidro quebrando fez com que se soltassem.

Bram colocou-se rapidamente em pé, então estendeu a mão para ajudá-la a fazer o mesmo. Eles começaram a recompor seus trajes sem mais uma palavra. Ignorar a confusão não era opção. Qualquer confusão que estivesse ocorrendo requereria, sem dúvida, um deles, ou os dois, para ser resolvida. O momento de amor havia terminado. O dever chamava.

Bram abotoou a calça em questão de segundos. Ele virou-se, então, para ajudar Susanna com seu vestido.

“Eu consigo”, disse ela, virando a cabeça na direção da origem desconhecida do tumulto: “Pode ir.”

Ele aceitou o que Susanna disse e partiu correndo de sob a copa do salgueiro para atravessar a praça da cidade.

Adiante, na rua entre a loja Tem de Tudo e O Touro Perfeito, ou O Amor Ereto, ou qualquer que fosse o nome do estabelecimento naquela noite, uma pequena multidão havia se formado. Pela maneira como os homens formavam um círculo, Bram suspeitou que uma briga havia irrompido.

Ele abriu caminho até o centro, ávido por interromper a luta antes que mais danos fossem provocados às propriedades, corpos ou ao moral da tropa. Por mais que ele tivesse esperanças de imbuir seus homens de um pouco de espírito combativo másculo, este não deveria ser direcionado aos companheiros.

Contudo, ele não encontrou nenhum de seus homens no centro do círculo.

Ele encontrou os garotos, Rufus e Finn, rolando no chão. A briga era boa, com troca de socos, e envolvia também dentes e joelhos. Pela aparência do cenário, eles haviam passado diretamente pela janela da frente da casa de chá. Cacos de vidro quebrado e pedaços da esquadria da janela estavam espalhados pelo chão.

“Bastardo espertalhão”, xingou um dos gêmeos. Um fio de sangue escorria por sua têmpora e dificultava distinguir um do outro.

“Você tem cocô na cabeça”, respondeu o outro, invertendo as posições e desferindo um soco no estômago do irmão. “Nós somos gêmeos. Se eu sou bastardo, você também é.”

“Você é o único verme mentiroso.”

Conforme eles rolavam, seus corpos esmagavam vidro. Era hora de pôr um fim naquilo, decidiu Bram. Ele esticou o braço e agarrou o irmão Bright que estava por cima – ele ainda não sabia quem era quem –, afastando-o do outro.

“Agora chega, vocês dois. O que está acontecendo aqui?”

“Foi o Rufus que começou”, disse um deles, apontando para o irmão.

“Certo, mas é culpa do Finn”, o outro respondeu, enquanto limpava o sangue da têmpora.

Bem, pelo menos Bram descobriu suas identidades. Ele se voltou para Rufus.

“O que aconteceu?”

Rufus encarou o irmão.

“Ele mentiu para a Srta. Charlotte, foi o que ele fez. Dançou com ela duas vezes. Primeiro, como ele mesmo. Depois, dizendo que era eu.”

Finn coçou a orelha e sorriu.

“Você só está bravo porque não pensou nisso antes de mim.”

“Vou acabar com você, seu…” Rufus projetou-se para frente, mas Bram o conteve.

“Parem com isso”, disse Bram. “Os dois.” Depois que segurou os garotos pelo colarinho, ele olhou para Charlotte Highwood, que parecia tão animada quanto qualquer garota de 14 anos por cuja atenção dois garotos decidiram brigar. Certamente ela não ajudaria a acalmá-los. A multidão de espectadores parecia se divertir mais que qualquer outra coisa.

Bram sabia que precisava deixar claro para os garotos que, irmãos ou não, brigas assim não seriam toleradas.

“Agora escutem”, disse ele, com firmeza, chacoalhando-os. “Esse comportamento não é adequado a dois…”

“Socorro! Oh, socorro!”

Todos se voltaram para aquela voz feminina desesperada.

As mulheres amontoaram-se junto à entrada da casa de chá transformada em taverna. A Srta. Diana Highwood estava sentada na soleira da porta, esforçando-se para respirar. Seu rosto estava pálido e úmido, e seus dedos estavam retorcidos em punhos deformados.

“É a asma dela de novo”, disse a Sra. Highwood agitando as mãos. “Oh, céus. Oh, céus. Isso não deveria acontecer aqui. A Srta. Finch prometeu que

Spindle Cove seria a cura de Diana.”

Susanna já havia chegado e procurava acalmar a jovem asmática com a mão em seu ombro.

“A tintura dela”, disse Susanna calmamente. “Onde está a tintura? Ela a guarda na bolsa.”

“Eu… eu não sei. Pode estar lá dentro, ou na pensão, ou…” Charlotte empalideceu. “Eu não sei.”

“Procure lá dentro”, Susanna disse a Fosbury. “Nas mesas, no chão, no piano.” Para outras moças ela disse: “Vão procurar nos quartos das Highwood na pensão”.

Depois que as moças saíram correndo, Susanna olhou para Rufus.

“Eu tenho mais na minha despensa. Uma garrafa azul, na prateleira de cima, à direita. Você e Finn corram o mais rápido que puderem até Summerfield e tragam-na para mim.”

Os gêmeos anuíram e saíram em disparada pela rua.

“Deixe que eu vou”, disse Bram.

Ela negou com a cabeça.

“Eles precisam se distrair.” Ela baixou os olhos para o joelho de Bram. “E eles são mais rápidos.”

Certo. E Bram era apenas um aleijado inútil e manco.

“Devo chamar um médico?”

“Não”, respondeu ela com firmeza. “Diana já foi maltratada demais por médicos. De qualquer modo, não há médicos de verdade em um raio de quilômetros.”

Ele aquiesceu e recuou. Maldição. Ele nunca recuaria de uma batalha. Aceitaria qualquer risco à sua vida, se isso significasse salvar outra pessoa. Mas não havia nada que ele pudesse fazer para ajudar Susanna naquele momento, e o sentimento o devorou por dentro. Se tinha aprendido alguma coisa em seus oito meses de convalescença, era que não sabia lidar com o sentimento de impotência.

Mas Susanna tinha toda a situação sob controle. Voltando-se para Diana, ela falou calmamente, passando a mão nas costas da moça, em círculos lentos e tranquilizantes.

“Apenas relaxe, querida. Permaneça calma e você ficará bem.”

“Está aqui. A tintura. Está aqui.” O ferreiro saiu da casa de chá, seu rosto sério e pálido. Ele colocou um frasco na mão de Susanna e recuou imediatamente.

“Obrigada.” Com dedos habilidosos, Susanna destampou o frasco e mediu uma tampa do líquido escuro. Ela olhou para Bram. “Você pode segurá-la? Se ela tremer, o remédio pode derramar.”

“Claro.” Finalmente, algo que ele podia fazer. Bram ajoelhou-se ao lado da moça ofegante e envolveu o corpo esguio em seus braços. Os tremores dela balançavam-no.

“Não tenha receio de segurá-la com firmeza”, disse Susanna. “Mantenha-a imóvel.” Ela inclinou a cabeça de Diana para trás, encostando-a no ombro de Bram, e então despejou a medida da tintura entre seus lábios trêmulos e azulados. “Engula, querida. Eu sei que é difícil, mas você consegue.”

A Srta. Highwood anuiu levemente e conseguiu engolir, quase engasgando. Então voltou a ofegar.

“E agora?”, perguntou Bram, olhando para Susanna.

“Agora nós esperamos.”

Eles esperaram, num silêncio tenso, doloroso, ouvindo os sons que Diana Highwood produzia ao lutar para respirar. Depois de alguns minutos, a respiração dela começou a ficar mais suave, e um leve tom de rosa voltou às suas faces. Ele poderia mudar de ideia mais tarde, mas naquele momento Bram decidiu que rosa era sua nova cor favorita.

Conforme a dificuldade de Diana respirar diminuía, todos os que a observavam soltaram um suspiro de alívio e de agradecimento.

“Isso”, murmurou Susanna para sua amiga. “Assim mesmo. Inspire lenta e profundamente. O pior já passou.”

Bram soltou a jovem e a deixou aos cuidados de Susanna.

“Está tudo bem, querida”, murmurou ela, tocando a fronte úmida de Diana. “Já acabou. Está tudo bem.” Então Susanna olhou para cima e seu rosto empalideceu de desânimo. “Céus. Olhem este lugar.”

Bram observou enquanto ela avaliava a cena. Seu olhar foi do campo de batalha em que havia se transformado a casa de chá, para o vidro quebrado na rua, depois para a moça que tremia em seus braços. A Srta. Highwood podia ter sobrevivido àquele episódio, mas a atmosfera tranquila de Spindle Cove, não.

Minerva Highwood veio correndo da Queen’s Ruby. Ela foi direto para a irmã e pegou sua mão.

“Diana. Meu Deus, o que aconteceu?”

“Ela teve uma crise de respiração”, respondeu Susanna. “Mas está melhor agora.”

Minerva beijou a testa pálida da irmã.

“Oh, Diana. Sinto muito. Eu não podia ter deixado você nesse lugar. Eu sabia que essa dança era má ideia.”

“Isso não foi culpa sua, Minerva.”

Minerva ergueu a cabeça.

“Ah, eu sei muito bem de quem é a culpa.” Ela fixou o olhar em um alvo distante. “Isso é tudo responsabilidade sua.”

Todas as cabeças naquela multidão viraram para encarar Colin, mas Bram sentiu a culpa cair sobre ele. Claro que seu primo era o responsável por aquela bagunça. Mas Bram era responsável pelo primo.

Susanna sabia disso. Enquanto todo mundo olhava acusadoramente para Colin, os olhos dela encontraram os de Bram. E seu olhar dizia claramente: *Eu avisei que isso iria acontecer.*

“Nós nunca deveríamos ter ficado neste lugar miserável”, lamentou-se a Sra. Highwood, levando um lenço à boca. “Lordes ou não lordes. Eu *sabia* que aquele balneário em Kent teria sido uma escolha melhor.”

“Mamãe, por favor. Vamos discutir isso lá dentro.” Minerva pegou a mãe pelo braço.

Lentamente, Susanna ajudou Diana Highwood a ficar em pé.

“Vamos, moças. Vamos levá-la para a pensão, onde ela vai poder descansar.”

“Podemos ajudar você a levá-la?”, perguntou Bram, enquanto colocava uma das mãos sob o cotovelo de Diana para ajudar.

“Não, obrigada, milorde.” Susanna deu-lhe um meio sorriso triste. “Você e seus amigos já fizeram o bastante esta noite.”

“Vou esperar por você”, murmurou ele. “Vou acompanhá-la até Summerfield.”

Ela balançou a cabeça.

“Por favor, não espere.”

“Eu quero ajudar. Dê-me algo para fazer.”

“Apenas me deixe”, sussurrou ela. Seus olhos fugiram para o lado, e Bram percebeu que ela estava incomodada com a forma como todos olhavam para os dois. “*Por favor.*”

Deixá-la, quando ela estava tão evidentemente preocupada e vulnerável, ia contra todos os impulsos protetores de seu corpo. Mas ele havia perguntado o que poderia fazer, e ela respondeu. A honra o obrigava a obedecer. Por enquanto.

Anuindo com relutância, ele deu um passo para trás. As moças amontoaram-se ao redor dela, e todas foram para a Queen’s Ruby.

Ele a havia decepcionado. Ela pediu-lhe que pusesse fim àquela loucura, e

Bram recusou-se. Agora Diana Highwood estava doente, a casa de chá, em ruínas, e Bram tinha colocado em risco tanto a reputação de Susanna quanto a de sua querida comunidade. Após todas as confissões que os dois fizeram na noite anterior, ele compreendia o que aquele lugar significava para ela, quanto esforço e cuidado ela dedicava a seu sucesso.

Susanna havia lhe entregado sua virgindade sob o salgueiro-chorão. E ele a decepcionou. Maldição.

Amanhã ele teria que fazer algo por ela.

Mas naquela noite seu primo iria lhe pagar.

"Vão para casa, todos vocês", disse ele para os homens que continuavam na rua. "Vão dormir para curar essa bebedeira e voltem aqui ao nascer do sol. Não haverá treinamento amanhã até arrumarmos este lugar."

Um por um, os homens foram embora, deixando ele e Colin a sós.

Colin balançou a cabeça enquanto observava a cena.

"Bem, com certeza eu deixei minha marca neste lugar. Não há uma taverna, um salão de baile ou uma mulher na Inglaterra que eu não deixe em ruínas e querendo mais."

Bram encarou-o, furioso.

"Você acha que isso é engraçado? O estabelecimento de Fosbury está em ruínas, e uma jovem quase morreu aqui, esta noite. Nos meus braços."

"Eu sei, eu sei." Parecendo preocupado, Colin passou as mãos pelo cabelo. "Não tem graça nenhuma, mas como eu ia saber que ela iria sofrer aquele ataque? Eu nunca quis causar mal algum, você deve saber. Nós só queríamos um pouco de diversão."

"*Diversão*." Bram devolveu-lhe a palavra, indignado. "Você parou para pensar que talvez as mulheres tivessem uma razão para manter esta vila um lugar sossegado? Ou que, talvez, a missão que estamos aqui para realizar seja mais importante do que uma noite de devassidão?" Quando Colin demorou para responder, ele disse: "Não. É claro que você não pensou nisso. Você nunca pensa em ninguém, a não ser naqueles que estão atrapalhando sua *diversão*."

"Por favor. Você também nunca pensa nos sentimentos dos outros. Nós todos somos apenas obstáculos à sua glória militar." Colin jogou as mãos para cima. "Eu nem mesmo quero estar neste lugar miserável, repulsivamente encantador."

"Então vá embora. Vá encontrar um de seus muitos amigos devassos e aproveite-se dele pelos próximos meses."

"Você realmente acha que essa ideia não me ocorreu, praticamente o tempo todo desde que chegamos? Bom Deus, como se eu não pudesse arrumar

acomodação melhor do que aquele castelo pavoroso.”

“Então por que você ainda está aqui?”

“Porque você é meu primo, Bram!”

Ainda que isso fosse óbvio e do conhecimento dos dois, a revelação de Colin surpreendeu a ambos. Colin fechou a mão.

“Você é meu parente mais próximo desde que meus pais… Desde que eu era um menino. E desde que seu pai morreu, eu também sou tudo que você tem. Nós mal nos falamos durante mais de uma década. Eu pensei que seria bom tentar essa coisa de “família” de que o mundo tanto gosta. Um pensamento idiota, é óbvio.”

“Óbvio.”

Bram andava lentamente em círculos, balançando os braços de frustração. Que maravilha! Era exatamente o que ele precisava ouvir naquele momento, que além de trair a confiança de Sir Lewis, deflorar Susanna e contribuir para a destruição da vila naquela noite, ele também, de algum modo, estava decepcionando Colin. Era por *isso* que ele precisava voltar para seu regimento. No exército ele tinha uma disciplina, um manual, tinha ordens. Lá ele sempre sabia o que fazer. Se nunca reassumisse seu comando, pelo que parecia, a vida dele seria aquilo, uma série de decepções e fracassos.

A futilidade daquilo tudo provocou em Bram uma fúria irracional.

Colin coçou a orelha.

“E eu que pensei, durante todos aqueles anos crescendo sozinho, que estava perdendo alguma coisa.”

“Parece que você não aprendeu nada.”

“O que é que nós dois sabemos sobre família, afinal?”

“Eu sei uma coisa”, respondeu Bram. “Eu sei que estamos fazendo alguma coisa errada. Eu não respeito você. Você não me respeita. Nós estamos o tempo todo querendo matar um ao outro.”

“Você é um tolo arrogante e cheio de princípios. Se você me respeitasse, eu chamaria um médico para testar sua sanidade. E no que diz respeito a afeto familiar…” Colin gesticulou raivosamente na direção do lugar em que os gêmeos Bright lutaram. “Parece que um querer matar o outro é o procedimento padrão.”

“Bem, nesse caso…” Com a mão esquerda, Bram agarrou a camisa de Colin. E lançou o punho direito contra o queixo do primo. Bram procurou conter a força do golpe, mas este ainda acertou Colin com força suficiente para fazer sua cabeça girar para o lado. “Isso é pela Srta. Highwood.” Ele soltou mais um soco

contido, sem entusiasmo, na barriga do primo. “E este é por… *diversão*.”

Bram esperou, ofegante, segurando o primo pelo colarinho e preparando-se para o revide. Desejando-o, na verdade. Bram sabia que merecia levar uns socos – por Susanna, por Sir Lewis, por tudo. O impacto seria um alívio.

Mas seu primo não lhe faria nem esse favor. Colin simplesmente tocou o lábio machucado com a língua e disse:

“Vou partir pela manhã, Bram. Eu o deixaria livre de mim antes, mas não gosto de viajar à noite.”

“Ah, não vai não.” Bram sacudiu-o.

Maldição, o que ele iria fazer com aquele homem? Se fosse embora, nada de bom resultaria disso. Dele. Um jovem nobre, descompromissado, que logo ficaria rico, Colin não tinha limites em seu comportamento. Desde uma idade tragicamente jovem, faltava-lhe tanto o exemplo de um pai como a compreensão de uma mãe.

Susanna, Bram pensou sentindo uma pontada agridoce, provavelmente diria que Colin precisava de um abraço.

Bem, Bram não sabia como oferecer exemplo nem compreensão ao primo – ele não tinha jeito para isso, mas sabia como ser um oficial, e a experiência ensinava-lhe que dever e disciplina podiam remendar muitos buracos na vida de um homem.

Talvez ele fosse a única pessoa no mundo que pudesse oferecer isto a Colin: a chance de superar expectativas, em vez de atender a elas e se afundar.

“Você não vai embora”, disse ele. “Nem agora, nem amanhã.” Ele soltou o primo, então gesticulou para a cena de destruição e caos. “Você quebrou e agora vai consertar tudo.”



Spindle Cove estava desmoronando.

Após deixar Diana em segurança, descansando em sua cama, Susanna desceu as escadas até a sala de estar da Queen’s Ruby. Ali ela encontrou seu mundo se desfazendo. Reclamações e confissões pipocavam em todos os cantos da sala.

“Oh, Deus. Oh, Deus.” Uma voz esganiçada elevava-se acima do ruído do leque. As asas de uma gaivota não fariam mais vento do que aquele leque. “Eu sinto um ataque de nervos chegando.”

“Não consigo acreditar que bebi *uísque*”, lamentou-se outra. “E dancei com um *pescador*. Se meu tio souber disso, vai mandar me buscar e voltarei para casa

em desgraça.”

“Talvez eu deva ir lá para cima e começar a fazer as malas agora mesmo.”

Então veio o comentário que gelou o sangue de Susanna.

“Srta. Finch, o que aconteceu com seu vestido? Os botões estão todos tortos. E veja seu cabelo.”

“Eu…” Susanna procurou manter a calma. “Acho que me vesti rápido demais.”

“Mas você não estava assim em Summerfield”, disse Violet Winterbottom. “E eu achava que você chegaria à vila muito antes de mim, pois eu tive que descansar muito tempo antes de voltar, mas você não. Aconteceu algum acidente no caminho?”

“Algo assim.” Enquanto se desmanchava em uma cadeira próxima, a consciência de Susanna a perturbava. Então ela percebeu o olhar curioso e penetrante de Kate Taylor. Depois o de Minerva.

Todas voltaram-se para ela, todas as mulheres da sala. Encarando-a. Reparando nela. Para *fazer conjecturas* em seguida.

Ela havia sido tão tola. O que fez com Bram foi… indescritível, e Susanna não conseguiria se arrepender daquilo. Mas fazer na praça da vila, onde havia uma boa chance de ser descoberta? Enquanto um verdadeiro pandemônio irrompia ali perto, colocando a vida de uma mulher em perigo.

E Diana Highwood não foi a única a correr perigo. Mulheres como Kate e Minerva… Se Spindle Cove deixasse de ser um lugar respeitável, que chance elas teriam de ir atrás de seus talentos e de desfrutar da liberdade do pensamento independente?

“Srta. Finch?”, chamou Kate em voz baixa, sentando-se a seu lado e pegando sua mão. “Você gostaria de nos contar alguma coisa? Qualquer coisa?”

Susanna apertou a mão da amiga e passou os olhos pela sala. Ela não era uma pessoa rancorosa, claro que não. Mas naquele breve momento ela odiou o mundo. Odiou que todas aquelas mulheres inteligentes e não convencionais estivessem ali porque haviam sido levadas a pensar que havia algo de errado com elas. Que elas tiveram que fugir da sociedade para poderem ser elas mesmas. Susanna odiou que a menor revelação a respeito de seu comportamento naquela noite pudesse colocar em risco aquele porto seguro de todas elas. Supondo-se, claro, que aquele fiasco na taverna já não tivesse arruinado tudo.

E, mais do que tudo, ela odiava não poder, estando ali sentada com suas amigas, confessar para elas que acabava de entregar sua virgindade ao homem mais forte, sensual e maravilhosamente carinhoso que existia. E que, por baixo

de sua roupa amassada, ela continuava corada, molhada e… deliciosamente melecada devido aos carinhos de Bram. Que ela havia mudado por dentro e ainda estava se recuperando do prazer e da profundidade de tudo aquilo. Pequenos ecos de seu êxtase ainda beliscavam seu abdome, e seu coração transbordava de emoção. Será que elas *sabiam* as coisas malucas que um homem podia fazer com a língua?

Era muito errado que o mundo a forçasse a ficar quieta, mas Susanna, havia tempos, resignou-se, pois sabia que não poderia mudar o mundo sozinha. No máximo, ela poderia proteger seu cantinho de mundo.

Mas, naquela noite, ela falhou até nisso.

“Eu tropecei e caí quando vinha correndo para a vila”, disse Susanna, “e meu vestido levou a pior. Foi só isso.” Susanna levantou-se, preparando-se para ir embora. “Eu vou para casa, descansar. Sugiro que todas façam o mesmo. Eu sei que esta foi uma noite incomum, mas espero ver todas vocês pela manhã. É quinta-feira, e temos nossa programação.”

Capítulo Dezoito

Segunda-feira, caminhar no campo. Terça-feira, banho de mar. Quarta-feira, fazemos jardinagem.

"E quinta-feira…", disse Bram em voz alta, "elas atiram."

Era claro que sim.

Ele estava com Colin no limite de uma campina verde, plana, perto de Summerfield. Os dois observavam a reunião das frágeis moças de Spindle Cove que, usando luvas de pele de corça, alinhavam-se de frente para uma fileira de alvos distantes. Atrás das mulheres, havia uma comprida mesa de madeira, sobre a qual jaziam arcos, flechas, pistolas, rifles. Um verdadeiro bufê de armamentos.

À frente de todas, Susanna anunciou o primeiro prato:

"Peguem os arcos, meninas." Ela própria colocou uma flecha em seu arco e a puxou para trás. "No três. Um… Dois…"

Tuac.

Em sincronia, as moças soltaram as flechas, que voaram para seus alvos.

Bram esticou o pescoço para ver como a flecha de Susanna tinha aterrissado. Na mosca, claro. Ele não ficou surpreso. Àquela altura, poucas coisas poderiam surpreendê-lo, no que dizia respeito à Susanna Finch. Se ela lhe contasse que comandava uma agência de espionagem da copa de sua casa, Bram acreditaria.

As mulheres andaram agilmente pela campina para pegar as flechas. Os olhos de Bram ficaram fixos em Susanna, enquanto ela cruzava a distância em passadas decididas e elegantes. Ela se movia pela grama alta como uma gazela africana, com suas pernas compridas e força graciosa.

"Pistolas, por favor", disse ela, depois que todas voltaram. Ela trocou arco e flecha por uma arma de um cano.

Cada mulher pegou um armamento similar e apontou-o, braço esticado, para o alvo diante de si. Quando Susanna engatilhou sua pistola, as outras fizeram o

mesmo. O coro de cliques formigou na coluna de Bram.

“Acho essa cena terrivelmente excitante”, murmurou Colin, ecoando os pensamentos de Bram. “Isso é errado?”

“Se for, garanto que você terá companhia no inferno.”

Seu primo soltou uma exclamação divertida.

“E você pensou que não tínhamos nada em comum.”

Susanna ajeitou a pistola e fez mira.

“Um… Dois…”

Crac.

Pequenos buracos fumegantes apareceram em cada um dos alvos. Em sincronia, as moças baixaram as pistolas e as colocaram sobre a mesa. Bram assobiou baixinho, admirando a precisão de tiro daquelas mulheres.

“Agora, rifles”, anunciou Susanna, levando sua arma ao ombro. “Um… Dois…”

Bangue.

Mais uma vez, todas acertaram no alvo. Um dos alvos explodiu, fazendo voar um pouco de papel, em vez do mais usual enchimento de palha. A brisa carregou um pedaço do papel até os pés de Bram.

“O que é isto?”, perguntou Colin, abaixando-se para pegá-lo. “Uma página de algum livro. De uma Sra. Worthington?”

O nome era vagamente familiar para Bram, mas ele não se lembrava de onde.

Colin balançou a cabeça.

“Não entendo por que chamam este lugar de Enseada das Solteironas. Deveria ser Barra das Amazonas. Ou Baía das Valquírias.”

“Sem dúvida.” Lá estava Bram, lutando e suando para reunir os homens da região e treiná-los de modo a formar uma tropa de combate. Enquanto isso, Susanna já havia organizado seu próprio exército. Um exército de mulheres.

Ela era, simplesmente, a mulher mais extraordinária que ele jamais havia conhecido. Pena que naquela manhã, enquanto mirava com suas armas, ela provavelmente estava imaginando o rosto de Bram no alvo – ou até mesmo seus países baixos.

Preparando os nervos, ele começou a caminhar na direção delas. Enquanto passava pela fila de mulheres atiradoras, Bram teve a sensação de ser um alvo móvel. Quando o viu, Susanna interrompeu o exercício.

Ao se aproximar dela, Bram ergueu as mãos em um gesto de paz.

“Eu lhe disse que enfrentaria um pelotão de fuzilamento.”

Ela não achou graça.

“O que você está fazendo aqui?”

“Observando. Admirando.” Ele olhou rapidamente para as mulheres. “Você treinou muito bem suas moças. Estou impressionado. Impressionado, mas não surpreso.”

Indignação subiu pela garganta dela.

“Sempre acreditei que uma mulher deveria saber como se proteger.” Ela pegou o polvorinho e uma pistola polida, cintilante, com a qual compartilhava o nome.

“Os homens estão trabalhando desde a alvorada para consertar os estragos na casa de chá”, disse ele. Bram gesticulou na direção do primo. “E eu trouxe Payne para pedir desculpas. Se ele não caprichar no pedido, vocês podem usá-lo como alvo para praticar seus tiros.”

Ela não sorriu.

“Infelizmente, a casa de chá foi o menor dano que vocês causaram. E não sou eu que merece as desculpas dele.”

Preocupado, Bram passou os olhos pela fileira de atiradoras.

“A Srta. Highwood ainda está se sentindo mal?”

Susanna despejou uma medida de pólvora na pistola, seguida pela bala e bucha.

“Eu passei lá esta manhã. Ela está descansando por precaução, mas acredito que o incidente não terá efeitos duradouros.”

“Fico feliz em saber.”

“Contudo”, ela engatilhou a arma, “a mãe dela está decidida a tirar as filhas de Spindle Cove. Há um novo balneário em Kent, sabe. Ela ouviu falar que lá fazem maravilhas com sanguessugas e mercúrio.”

Susanna se virou, apontou a pistola para o alvo distante e disparou. Um fio de fumaça emanou do cano da arma. Bram podia jurar que também viu fumaça saindo das orelhas dela. Murmurou um juramento.

“Vou mandar meu primo visitá-las também. Pelo que sei, ele pode ser bastante encantador e persuasivo com as mulheres.”

“Com toda honestidade, milorde, não sei o que tem maior potencial tóxico, o charme do seu primo ou o mercúrio.” Ela baixou a arma e a voz. “A Sra. Highwood está decidida a fazer as malas. A Srta. Winterbottom e a Sra. Lange também falam sobre ir embora. Se *elas* forem, outras as acompanharão, sem dúvida. Se essa preocupação chegar à Sociedade como um todo, nossa reputação de porto seguro será destruída. Todas as famílias chamarão suas filhas e

protegidas de volta para casa. Tudo por aqui vai acabar. E por quê? Essa milícia absurda está condenada a fracassar. Os homens são inúteis."

Não importavam as armas ou a dúzia de mulheres que os observavam. Bram queria mesmo era pegá-la nos braços, segurá-la tão próximo e apertado, como fez debaixo do salgueiro.

"Susanna, olhe para mim."

Ele esperou até que aqueles olhos azuis e claros encontrassem os seus.

"Eu vou consertar isso", disse ele. "Eu sei que a desapontei na noite passada, mas não vai acontecer de novo. Meu primo e eu *vamos* convencer as mulheres de que é seguro ficar aqui. Até o Festival de Verão, eu *vou* manter os homens sob rédeas curtas, longe de vocês. E de algum modo, de alguma forma, ao longo dos próximos quinze dias, eu *irei* transformá-los em uma milícia de elite para impressionar os convidados do seu pai."

Ela soltou uma exclamação de descrença.

"Eu vou fazer tudo isso", repetiu ele. "Porque esse é o dever de um oficial. Transformar homens improváveis em soldados e garantir que estejam treinados e preparados para quando e onde forem necessários. Isso é o que eu faço, e sou bom nisso."

Ela suspirou.

"Eu sei. Tenho certeza de que você é um comandante absolutamente capaz, quando não tem de enfrentar bolos, chá, poesia e intelectuais armadas de porretes."

"Eu me distraí. Mas isso é culpa sua, Srta. Finch."

Os lábios dela curvaram-se um pouquinho. A sombra de um sorriso que imediatamente fisgou o coração de Bram.

Mas então a promessa de sorriso desapareceu e ela se afastou dele, olhando para longe, na direção da vila. Sua coluna estava ereta, os ombros alinhados, mas o medo continuava lá, no tremor quase imperceptível de seu lábio inferior e no arrepio que percorreu a curva graciosa de suas costas. Ela se sentia responsável pelo local, e estava com medo.

Bram não podia deixá-la se sentir daquele jeito. Não quando ele tinha a oportunidade perfeita e todos os motivos honrados para tornar seus os problemas que eram dela. Para tornar *Susanna* sua. Ali mesmo, naquela manhã. Ele havia pensado naquela possibilidade a noite toda, mas a decisão acabava de se formar dentro dele. Nítida e clara como o som de uma pistola sendo engatilhada.

"Não se preocupe. Com nada." Ele recuou um passo, dirigindo-se à casa. "Vou deixar meu primo aqui para se humilhar diante de suas moças. Deixe-o de

joelhos, se quiser. Eu vou conversar com seu pai."

"Espere", disse ela, virando-se para ele. "Você prometeu não envolver meu pai. Você me deu sua palavra."

"Ah, não se preocupe." Bram se afastou. "Não vou falar com ele da milícia. Isso diz respeito apenas a nós dois."



Susanna observou Bram caminhar na direção da casa, perguntando-se se o tinha compreendido corretamente. Ele acabava de dizer que iria falar com seu pai? A respeito dos dois?

Se ele pretendia fazer o que ela entendeu…

"Oh, droga." Ela segurou a saia e correu atrás dele.

Susanna o alcançou quando ele chegava à entrada lateral da casa.

"O que você quer dizer", perguntou ela, ofegante, "com falar com meu pai? Sobre *nós*? Com certeza não está querendo dizer o que parece estar dizendo?"

"Certamente que estou."

Um criado abriu a porta para ele, e Bram entrou, deixando Susanna junto à soleira sem mais explicações. Homem provocante, enigmático.

"Espere só um minuto", chamou ela, perseguindo-o pelo corredor. "Você está falando de…", ela baixou a voz para um sussurro escandalizado, "*casamento*? E se for esse o caso, não deveria conversar comigo primeiro?"

"O que nós fizemos noite passada torna tal conversa irrelevante, concorda?"

"Não. Não concordo." Pânico inundou seu peito. Ela colocou a mão no braço dele, segurando-o. "Você vai contar para o meu *pai*... Da noite passada?"

"Não com todos os detalhes, mas quando eu pedir sua mão, de modo tão abrupto, aposto que ele vai imaginar o motivo."

"Exatamente. E se meu pai imaginar o motivo, *todo mundo* fará o mesmo. Todas as moças. Toda a vila. Bram, você não pode fazer isso."

"Susanna, eu tenho que fazer." Seu olhar verde-jade capturou o dela. "É a única coisa decente a fazer."

Ela jogou as mãos para cima.

"Desde quando você se importa com comportamento decente?"

Ele não respondeu, apenas se virou e continuou andando. Dessa vez, nada o deteve até ele alcançar o corredor dos fundos e parar diante da porta da oficina do pai de Susanna.

"Sir Lewis?" Ele tamborilou no batente da porta.

“Agora não, por favor”, o pai dela respondeu, a voz distante.

“Ele está trabalhando”, sussurrou Susanna. “Ninguém o perturba quando ele está trabalhando.”

Bram ergueu a voz.

“Sir Lewis, é Bramwell. Preciso falar-lhe a respeito de um assunto, com certa urgência.”

Bom Deus. Susanna precisava *urgentemente* enfiar um pouco de bom senso naquele homem.

“Está bem, então.” Sir Lewis suspirou. “Vá para a biblioteca. Irei encontrá-lo lá em um instante.”

“Obrigado, senhor.”

Bram virou-se, sem mais comentários, e colocou-se a caminho da biblioteca. Susanna ficou um momento parada, estupefata, imaginando se seria melhor argumentar com Bram ou distrair seu pai. Talvez ela devesse simplesmente correr escada acima, arrumar uma mala e fugir para algum território desconhecido. Ela ouviu dizer que as Ilhas Sandwich eram lindas naquela época do ano.

A ideia era tentadora, mas ela resolveu arriscar na biblioteca. Bram estava em pé, sombrio e inabalável, no centro da sala de tema egípcio, parecendo alguém que esperava seu próprio funeral.

“Por que você está fazendo isso?”, perguntou ela, fechando a porta. Obviamente, não porque ele queria.

“Porque é a coisa honrada a fazer. A única coisa que posso fazer.” Ele soltou um suspiro breve. “Eu não deveria ter feito o que fiz noite passada, se não estivesse preparado para fazer isto hoje.”

“Mas eu não entro nessa equação? Você não tem a menor consideração pelo que eu sinto a respeito disso?”

“Tenho toda consideração por você e por seus sentimentos. É esse o ponto. Você é uma dama, e noite passada eu tirei a sua virtude.”

“Você não a *tirou*. Eu a *dei*. Espontaneamente, sem expectativas.”

“Escute, eu sei que você tem esse monte de ideias modernas”, disse Bram, após balançar a cabeça. “Mas *minha* visão do casamento é mais tradicional. Ou medieval, como você gosta tanto de dizer. Se um homem deflora uma virgem bem nascida, em praça pública, deve se casar com ela. Fim da história.”

Fim da história. Esse era o problema, não? Talvez ela não entrasse em pânico com a ideia de casar com Bram – na verdade, a possibilidade poderia deixá-la estonteantemente feliz –, se ele enxergasse o casamento como o *começo*

de uma história. Uma história que incluísse amor, um lar e uma família, e que terminasse com as palavras “e viveram felizes para sempre”.

Mas não era o caso, como as palavras seguintes de Bram deixaram claro.

“Vai ser vantajoso para você, pode acreditar. Se nos casarmos antes de eu voltar para a guerra, você ficará livre para fazer o que quiser. Você será Lady Rycliff e poderá continuar seu trabalho como condessa. Isso só ajudará a reputação da vila.” Como vantagem adicional, ele disse, olhando para o mata-borrão sobre a escrivaninha: “Eu tenho dinheiro. Bastante. Você será bem cuidada”.

“Que prático”, murmurou ela. Fazia muitos anos desde que Susanna sonhava acordada com pedidos de casamento, mas ela lembrava bem que nenhuma das propostas que tinha imaginado soava como *aquela*.

Susanna andou até ficar diante dele, em frente à escrivaninha do pai. Ela colocou as duas mãos na borda de madeira trabalhada e se ergueu, de modo a ficar sentada na escrivaninha, com as pernas balançando.

“Não tenho falta de dinheiro. E também não me falta influência social. Contudo, se continuar com seu plano tonto esta manhã, *você* pode acabar sem pulsação.” Ela ergueu suas mãos à altura dos ombros. “Em cada aposento desta casa há armamentos mortais. Você deve saber que há uma grande chance de meu pai matar você.”

Se ele não tiver um surto de apoplexia primeiro.

Bram deu de ombros.

“Se eu fosse ele, também iria querer me matar.”

“E mesmo que não o faça”, continuou ela, “ele poderia arruinar você. Privá-lo de todas as suas honras e insígnias. Fazer com que seja rebaixado a soldado raso.”

Ele não respondeu de imediato. Rá. Então aquele argumento causava alguma preocupação.

“Pense no seu comando, Bram. E, *por favor*, pare de ser tão malditamente cavalheiresco, ou eu…” Ela gesticulou furiosamente na direção do sarcófago de alabastro. “Ou eu vou enfiar você naquele caixão e fechar a tampa.”

“Quando você fala desse jeito”, ele enrugou a testa, “sabia que só consegue me fazer querer você ainda mais?”

Ele deu um passo adiante, aproximando-se. Perto demais...

“Não se trata apenas de uma atitude cavalheiresca.” A voz dele era um sussurro, excitante. A mão dele roçou a perna dela, e o desejo percorreu-a como um relâmpago. “Você deve saber disso. O que fizemos ontem à noite? Quero

fazer de novo. E de novo. E de novo. Selvagemente. Docemente. E de todas as formas entre esses extremos.”

Um suspiro comprido e lânguido escapou dos lábios de Susanna. Aquelas palavras, apenas, bastaram para deixá-la toda quente e rosada. Como tinha sido idiota de pensar que um gostinho de paixão a satisfaria por toda a vida. Ela teria fome daquele homem enquanto vivesse.

Bram se inclinou para beijá-la, mas ela colocou a mão em seu peito, preservando a distância entre os dois, mas também mantendo contato. Apreciando a sensação forte, máscula, da pele dele sob seu toque.

“Bram”, disse ela, engolindo em seco, “desejo não é um bom motivo para se casar.”

Ele parou para refletir.

“Acho que essa é a razão pela qual a maioria das pessoas casa.”

“Não somos a maioria das pessoas.” Ela franziu a testa enquanto pensava em uma forma de fazê-lo entender. “Isso pode parecer bobo de dizer, depois de tudo o que aconteceu entre nós, mas eu… eu gosto de você.”

O queixo dele caiu de surpresa.

“Você… gosta de mim.”

“Gosto. Mesmo. Aprendi a gostar de você. E bastante, sabe. Eu respeito sua profunda dedicação ao trabalho, porque também sou assim. Eu não gostaria de destruir sua carreira e sua reputação. E espero que você não queira ver a minha destruída, mas isso é o que pode acontecer, com nós dois, se você insistir em falar com meu pai hoje.”

Ele se empertigou e coçou a nuca.

“Eu tenho que pedir sua mão. Eu tenho que pedi-la em casamento, ou não conseguirei viver dentro de mim mesmo.”

“Você *pediu*.” Inclinando a cabeça, ela gesticulou de um lado para o outro. “De uma forma que não envolve declaração de sentimentos nem questionamentos, você pediu para se casar com afobação, pediu para se deitar comigo com entusiasmo, e depois para me deixar sozinha para lidar com especulações e escândalo. Tudo isso para que pudesse ir se atirar na frente de outra bala com a consciência tranquila. Por favor, aceite minha educada recusa. Milorde.”

“É o engano, Susanna”, disse ele, após balançar a cabeça. “Não aguento mentiras. Seu pai fez muito por mim. O mínimo que ele merece é minha honestidade.”

“Olá. O que está acontecendo aqui?”

Sir Lewis estava parado à porta, ainda vestindo seu avental de trabalho.

Susanna sorriu, sentada sobre a mesa, e falou com pouco caso:

“Ah, nada. Lorde Rycliff e eu estamos tendo um caso clandestino e escandaloso.”

O pai dela gelou.

Susanna manteve aquele sorriso colado no rosto.

E, finalmente, com o mesmo alívio palpável que acompanhava o fim de uma tempestade, Sir Lewis irrompeu em uma gargalhada seca.

“*Pronto*”, sussurrou ela ao passar por um Bram perplexo, após desmontar da escrivaninha. “Não há mais engano nenhum.”

Susanna tocou o próprio queixo. Entendendo a mensagem, Bram fechou a boca, que estava muito aberta. Ele disparou um olhar verde feroz para ela, que continha partes iguais de admiração e de contrariedade.

Limpando as mãos no avental, o pai de Susanna disse, ainda rindo:

“Eu realmente me perguntei por que jantei sozinho ontem à noite. Rycliff tem sorte por eu ter sabido da confusão na vila, noite passada. Caso contrário, esta manhã eu estaria testando nele o rifle com novo mecanismo de disparo.” Sir Lewis caminhou até o bar e destampou uma garrafa de uísque. “Então, Bram? Diga logo. Vamos logo com isso.”

“Certamente”, disse Bram. “Sir Lewis, eu vim discutir um assunto importante com o senhor. Envolve a Srta. Finch. E uma proposta.”

O coração dela foi parar na boca. Sério? Ele ainda pretendia continuar com aquilo? Oh, ele era tão desgraçadamente honrado e bom.

“Que tipo de proposta?”, perguntou o pai.

Bram pigarreou.

“O tipo comum. Veja, Sir Lewis… Noite passada, a Srta. Finch e eu…”

“Estávamos conversando”, interrompeu Susanna. “A respeito da demonstração da milícia.”

“Oh, mesmo?” Seu pai se virou e entregou um copo de uísque a Bram.

Bram ergueu o copo, deu um gole, pareceu pensar melhor sobre a situação e resolveu verter o restante com um gole só.

“Como sabe, ontem fomos chamados na hora do jantar para que lidássemos com uma confusão na vila; mas, quando chegamos lá, uma coisa levou à outra e…” Ele pigarreou novamente. “Sir Lewis, nós começamos…”

“A debater intensamente”, concluiu Susanna. “Nós discutimos. Até que bem…”, ela olhou rapidamente para Bram, “apaixonadamente.”

“Sobre o quê?” Sir Lewis franziu a testa ao levantar seu copo.

“Sexo.”

Bram, maldito seja, simplesmente *enfiou* aquela palavra na conversa. Uma palavra ousada, crua e, infelizmente para ela, impossível de ser emendada. No silêncio tenso que se seguiu, Bram olhou para ela como quem dizia *O que você vai dizer agora?*

Susanna ergueu o queixo.

“Isso mesmo. Os sexos. Masculino e feminino. Na nossa vila. Sabe, papai, o desenvolvimento dessa milícia está perturbando a atmosfera fortificante da nossa vila. Parece que as necessidades de homens e mulheres nesta vila estão em conflito, e Lorde Rycliff e eu discutimos acaloradamente.”

“Ah, é mesmo”, disse Bram secamente. “Receio ter exagerado com minha língua.”

Susanna teve um violento acesso de tosse.

“Contudo”, continuou Bram, “quando terminamos essa discussão, chegamos à praça da vila. E foi lá que *nós* juntamos…”

“Forças”, continuou Susanna, quase gritando a palavra. O eco voltou para ela do sarcófago antigo.

O pai piscou para ela.

“Forças.”

“Isso.” Ela passou as palmas úmidas na saia. “Nós decidimos deixar de lado nossas diferenças e trabalhar juntos pelo bem comum.”

Ela olhou para Bram. Ele apoiou a mão na coluna em formato de papiro e fez um gesto magnânimo com o copo vazio.

“Ah, continue. Você pode contar tudo. Eu espero para dar minha opinião no final.”

Eles trocaram um olhar desafiador e divertido. Aquilo não estava certo, pensou ela, nada certo, pois a conversa era iminentemente perigosa, mas eles estavam se divertindo muito.

“Eu entendo”, disse ela, tentando um tom mais sério, “que essa exibição da milícia é importante. Para o senhor, papai.” Ela se virou para o pai. “E importante para Lorde Rycliff também. Mas se eu posso falar francamente… eu sei que é difícil para Lorde Rycliff admitir… as experiências iniciais não foram nada animadoras. Falando francamente, esses recrutas são uns inúteis. A demonstração pode vir a ser um desastre, que constrangerá a todos nós.”

“Espere um pouco”, disse Bram, afastando-se da coluna. “Isso é prematuro. Só tivemos alguns dias. Vou treinar esses homens e transformá…”

Susanna ergueu a mão aberta.

“Você disse que eu poderia contar tudo.” Virando-se para o pai, ela continuou: “Ao mesmo tempo, papai, as mulheres da Queen’s Ruby estão ficando preocupadas. Os exercícios da milícia atrapalharam nossa programação, e elas perderam o ponto alto do verão, o planejamento da feira. Algumas estão falando de simplesmente ir embora de Spindle Cove, o que seria desastroso por si só, embora de uma forma diferente”.

Ela inspirou profundamente.

“Então Lorde Rycliff e eu decidimos juntar forças e trabalhar juntos, para proteger o que é mais valioso para cada um de nós. Os exercícios e preparativos da milícia serão um projeto conjunto de todos os residentes da vila. Homens e mulheres, juntos. Há muito para ser feito, e Lorde Rycliff admitiu que não conseguirá fazer sem minha ajuda.” Ela lançou um olhar cauteloso para Bram. “Mas juntos poderemos preparar uma exibição que deixará o senhor orgulhoso. O que acha, papai?”

“Parece algo absolutamente lógico. E totalmente indigno da urgência que levou à interrupção do meu trabalho.”

“Há algo mais”, disse Bram. “Uma questão que requer sua resposta.”

Susanna engoliu em seco.

“Podemos fazer um baile?”, perguntou ela.

“Um baile?”, Bram e seu pai falaram em uníssono.

“Isso, um baile.” Ela soltou a ideia apressadamente, sem refletir, mas pensando bem, Susanna viu que era perfeita. “Essa é a proposta. Gostaríamos de fazer um baile aqui, em Summerfield. Um baile de oficiais, logo após a demonstração da milícia. Eu sei que o senhor terá convidados de honra para a ocasião, papai. Um baile é a maneira perfeita de homenageá-los e entretê-los. Também servirá como recompensa para os voluntários da milícia, após todo o trabalho duro que terão enfrentado. E isso dará às jovens um objetivo de médio prazo. Uma razão para ficarem. A ideia é perfeita.”

“Muito bem, Susanna. Você pode dar um baile.” O pai jogou os óculos na mesa.

E então sua atitude mudou, de certa forma. Seu olhar ficou ausente, como se ele não lembrasse do que estava falando. E Susanna sentiu-se cair, sem aviso, em um daqueles momentos horríveis, assustadores. Aqueles momentos em que o filtro do afeto filial desaparecia e que, de repente, ela não estava mais olhando para seu querido pai, o herói carismático e excêntrico de sua infância, mas simplesmente para um estranho chamado Lewis Finch. E aquele estranho parecia muito velho e muito cansado.

Ele esfregou os olhos.

“Eu sei que esse negócio de milícia parece uma tolice, frente às outras coisas. Mas há muita coisa em jogo aqui, para todos nós, de uma forma ou de outra. Fico satisfeito por ver vocês dois trabalhando juntos para garantir que seja um sucesso. Obrigado. Agora, se me permitem.”

E ele se foi, saindo pela porta lateral.

Bram virou-se para ela. Sua expressão era de contrariedade.

“Não consigo acreditar que você fez isso.”

“Você não consegue acreditar que eu fiz o quê? Salvei sua vida e sua carreira? Não que você pareça diferenciar uma coisa da outra.”

“Susanna”, disse ele, olhando pela janela, “você acabou de dar a seu pai motivo para duvidar de mim. Ele me deu uma missão, e você lhe disse que eu não consigo cumpri-la.”

Ela franziu a testa. Como é que os homens podiam ter um corpo tão grande e forte, e ainda assim terem uma autoestima tão frágil?

“Eu disse para ele que você não conseguirá *sozinho*. Não há vergonha nisso.” Ela se colocou ao lado dele. Susanna estendeu a mão para tocá-lo, mas pensou melhor e cruzou os braços. “Como meu pai acabou de falar, muita coisa está em jogo. Eu sei o que isto significa para você, de verdade. Você tem que mostrar que continua capaz após ser ferido, e esta é sua chance.”

Um brilho de negação cruzou o rosto de Bram, como se fosse um reflexo. Mas então ele anuiu.

“É verdade.”

Ela queria tanto abraçá-lo. Quem sabe, quando a milícia fosse um sucesso e ele *tivesse* provado do que era capaz, Bram pudesse dedicar sua atenção para todas aquelas carências que tinha dificuldade de admitir. Como sua necessidade palpável de intimidade e afeto. Ou seu desejo óbvio, indizível, por um lar de verdade. Talvez ele mudasse de ideia e decidisse ficar. Mas ela sabia que ele não consideraria nada daquilo até se sentir forte e inteiro novamente, no comando de si mesmo e dos outros.

“Então deixe-me ajudar”, disse ela, com sinceridade. “Eu quero que você tenha sucesso, pelo seu bem e pelo do meu pai. Mas vamos encarar os fatos. Você tem pouco mais de quinze dias para uniformizar, exercitar e treinar à perfeição aqueles homens. Para não falar dos preparativos para o grande dia. Há muito trabalho a ser feito. Eu conheço essa vila por dentro e por fora. Você não vai conseguir sem mim.”

Ele passou a mão pelo cabelo.

“Agora que adicionamos um baile de oficiais à lista, acho que não consigo mesmo.”

“Foi uma ideia que me ocorreu na hora”, admitiu ela. “Mas é boa. Se existe algo que pode convencer a Sra. Highwood e as outras a ficar, é a possibilidade de planejar uma festa. Vamos precisar de todo mundo trabalhando junto, homens e mulheres. Se queremos evitar que nossos sonhos desintegrem, temos que fazer desse dia um grande sucesso.”

“Algo me diz que a Srta. Finch tem um plano.”

“Não um plano”, disse ela, sorrindo um pouco. “Uma programação. Como você sabe, segundas-feiras são para caminhadas no campo. Terças, banho de mar. Quartas, jardinagem. E às quintas atiramos. Às sextas-feiras nós subimos até o castelo. Para fazermos piquenique, desenhar, encenar trechos de peças teatrais. Ou, às vezes, vamos até lá só para planejar e conspirar.”

“Bem”, disse ele, “não podemos atrapalhar a programação das mulheres, podemos? Leve-as até lá, então. Será uma boa maneira de os homens consertarem as coisas, depois da confusão da noite de ontem.”

“Vamos planejar e conspirar juntos, Bram. Você vai ver, tudo vai dar certo.”

Ela olhou para ele, tão lindo e forte. Junto com todas as primeiras coisas que ele havia lhe dado, também tinha feito sua primeira proposta de casamento. Uma proposta forçada e nada romântica, mas ainda assim a primeira. Ela dava valor àquele sentimento, e sentia vontade de retribuir, de algum modo.

Seguindo um impulso, ela se inclinou e o beijou na face.

“Obrigada. Por tudo.”

Ele a segurou pelo cotovelo, impedindo-a de se afastar.

“E quanto a nós?” As palavras dele esquentaram suas orelhas. “Como ficam as coisas entre nós?”

“Ora, eu… eu ainda gosto de você.” Os nervos formigaram no peito de Susanna, mas ela manteve o tom leve. “E você, gosta de mim?”

Alguns instantes se passaram em silêncio. Ela os teria contado em batidas do coração, mas seu coração boboca havia se tornado um relógio nada confiável. Ele bateu três vezes com pressa, depois parou.

Quando ela começava a ficar desesperada, ele virou a cabeça, pegando-a em um beijo apaixonado, de boca aberta. Bram colocou os dois braços ao redor dela, enterrando os dedos no tecido do vestido, erguendo-a de encontro a seu peito. O corpo de Susanna lembrou de cada centímetro do dele, de cada segundo do amor abençoado que fizeram. Aquela dor, agora familiar, voltou; aquela pontada doce e profunda de desejo que ficava mais forte enquanto a língua dele passeava em

volta da dela. Em questão de segundos, ele a deixou sem ar. Carente. Molhada.

Então ele a devolveu a seus próprios pés, encostou sua testa na dela e soltou um suspirou profundo e ressonante. E um momento antes de sair, falou uma única palavra:

“Não”, disse ele.

Capítulo Dezenove

Ele não “gostava” de Susanna Finch. Disso Bram tinha certeza.

“Gostar” era… ele gostava de manjar-branco. Agradável, meio doce, sempre disponível. Não era algo que um homem recusasse, mas também não era coisa para se repetir. A palavra “gostar” não comunicava uma conexão silenciosa de mentes iguais, ou uma obsessão por sardas. Com certeza não englobava o tipo de desejo selvagem, inconsequente, que o levou a deflorar uma virgem na praça da vila.

Não, ele não “gostava” dela. Além disso, Bram não era capaz de descrever seu estado emocional. Colocar rótulos em sentimentos era o hobby de Susanna, não o dele.

E naquele momento ela estava ocupada.

“A Sra. Lange possui uma caligrafia excelente”, murmurou ela, enquanto rabiscava um papel com o lápis. “Vou colocá-la a cargo dos convites.”

Susanna chegou cedo ao castelo naquela manhã, bem antes das garotas que iriam para o piquenique. Ela e Bram estavam reunidos no alto da torre sudoeste do castelo Rycliff. Eles estavam sentados em banquinhos havia horas, com um cenário de fundo composto por gaivotas que mergulhavam sobre o mar cor de água-marinha, distribuindo as tarefas que seriam realizadas nos próximos quinze dias.

Bem, *ela* estava distribuindo as tarefas. Bram ficou a maior parte do tempo olhando para ela e, de vez em quando, tomava pequenos goles de uísque, enquanto tentava compreender a confusão de sentimentos e impulsos que borbulhavam em seu peito.

“Os curativos ficarão a cargo de Charlotte. Bem como… enrolar… cartuchos.” Ela escrevia enquanto falava, e assim elaborou uma lista bem comprida. Ela mantinha o olhar obstinadamente fixo no papel.”

Bram mantinha o olhar fixo nela. Ele estava fascinado. Quando ele começava a achar que conhecia Susanna Finch, a luz da manhã trazia uma nova Susanna. Cada hora, cada minuto, talvez, anunciava uma nova faceta de sua beleza. Cada movimento de sua cabeça inventava novas ligas de cobre e ouro. E naquele instante, naquele segundo, o véu de luz solar alcançava o alto de seu ombro, o que permitia a Bram ver como a pele de seu busto era tão delicada e clara… quase translúcida.

E, raios. Aquilo ia muito além de "gostar", passava ao largo de "afeto" e chegava muito perto dos limites do absurdo.

Ele sabia que todas as objeções dela ao casamento eram lógicas. Ela havia edificado sua vida e sua vila em redor de uma solteirice feliz, e as exigências da carreira militar de Bram não deixavam espaço para uma esposa. Um casamento apressado significaria mágoa para Sir Lewis, escândalo para Susanna, e Deus sabia o quê, para Bram. Mas ele *iria* se casar com ela, apesar de tudo. Porque quando ele olhava para Susanna, só conseguia pensar em uma palavra. Não era uma palavra especialmente elegante ou poética, não mais do que "gostar", mas ela possuía uma eloquência direta toda própria.

Minha.

Não importava o quanto isso lhe custasse, ele simplesmente tinha que tornar Susanna sua.

"Pronto", disse ela. "Acredito que isso é tudo." Ela deixou a lista sobre suas pernas. "É bastante trabalho, mas acho que conseguiremos."

"Eu sei que sim." Ele pegou a lista com ela e a leu. Era tão detalhada e bem-pensada como Bram sabia que seria. Ele fez força para se concentrar, deixando de lado seus desejos carnais e planos de casamento. Durante os próximos quinze dias, aquelas tarefas exigiriam sua atenção integral. Ele não queria decepcionar Susanna e seu pai. Nem o resto da vila, algo que ele, repentina e inesperadamente, começava a se importar.

"Acho que todo mundo já chegou", ela olhou por entre as bordas da torre. Lá embaixo, os homens e as mulheres de Spindle Cove faziam um piquenique no pátio gramado e plano do castelo.

"Acho que isso significa que meu primo implorou o suficiente."

Ela sorriu.

"Acho que sim. E que espetáculo o resto dos seus homens fez. Vocês se superaram."

"Nem tanto." Mas Bram tinha abraçado com dedicação a ideia de piquenique. Antes da chegada das convidadas, seus voluntários da milícia

ergueram toldos, abriram mantas sobre a grama e prepararam uma mesa com comes e bebes, cortesia do O Amor-Perfeito. Pelo menos ele supunha que o estabelecimento tinha voltado a ser O Amor-Perfeito. Os estragos haviam sido consertados, mas da última vez em que esteve na vila, Bram não viu nenhuma placa pendurada sobre a porta vermelha.

"Rufus e Finn parecem ter acertado suas diferenças", observou ela.

"Eles aprenderam a lição. Agora vão buscar a atenção feminina unidos na malandragem, em vez de divididos pelo rancor."

Os gêmeos haviam amarrado um lenço naquele maldito cordeiro e ofereceram um prêmio para a primeira garota que conseguisse desamarrá-lo. Charlotte saiu em perseguição a Jantar por toda a extensão da muralha, mas bateu o dedão do pé em uma pedra e se esborrachou no chão.

Ao lado dele, Susanna soltou uma exclamação. Ela agarrou a mão de Bram. Mesmo de luvas, suas unhas entraram na carne dele.

"Está tudo bem", disse ele. "Nessa idade eles são feitos de borracha. Charlotte vai quicar no chão e ficar em pé."

Bram compreendeu, naquele momento, como a afetava, profundamente, quando uma de suas jovens sofria a menor humilhação ou dor. Quando a situação exigia, como foi o caso durante o ataque de Diana, ela conseguia ser forte, calma e corajosa. Mas ali, com ele, Susanna não precisou esconder sua preocupação. Ela permitiria que ele a confortasse. E talvez, algum dia, ela ouviria pacientemente se numa noite escura e melancólica encontrasse Bram com seus copos, e ele, embriagado, confessasse o que sentia sobre dezenas de ferimentos que não eram seus, mas dos homens sob seu comando.

Enquanto eles observavam, viram o Sr. Keane ajudar Charlotte a se levantar. A garota limpou a saia com bom humor. Fosbury ofereceu-lhe um bolo como consolação, e todos que assistiam à cena deram uma boa risada.

"Ela está bem." Ele apertou os dedos dela, feliz por ter uma desculpa para tocá-la. "Está vendo?"

"Pobrezinha." Ela não recolheu a mão. Em vez disso, encostou-se nele, mas só um pouco. "Mas depois do desastre na casa de chá, é bom vê-los assim. Homens e mulheres juntos, desfrutando da companhia uns dos outros."

"É melhor que aproveitem agora", disse ele. "Depois desta manhã não haverá tempo para diversão. Cada alma de Spindle Cove terá muito trabalho a fazer."

"Certo", concordou ela. "Bem, nós devemos descer e fazer o anúncio. Se vamos pedir que eles trabalhem juntos, acho que é importante apresentarmos um

comando unido.”

“Concordo plenamente”, disse ele, e os dois desceram a escada de pedra em espiral. Ele parou, pouco antes de pisarem na grama. “Tive uma ideia. Por que eu não apresento você como a futura Lady Rycliff?”

“Por que *não* sou.”, respondeu ela, arregalando os olhos de pânico.

“Ainda não.” *Mas vai ser.* Ela precisava saber que ele não pretendia desistir de sua intenção, mas apenas a estava adiando. Ele sugeriu: “A *futura* futura Lady Rycliff, então? Ou devo dizer que você é apenas minha amante?”.

“Bram!” Ela o cutucou nas costelas.

“Minha amante ilícita, então?” Ao ver a expressão de tristeza dela, Bram disse: “O que foi? Enquanto recusar a se casar comigo, é exatamente isso que você é...”

“Você é horrível.”

“E você adora isso.”

“Deus me ajude”, choramingou ela, e Bram a puxou para fora da torre, em direção ao pátio.



“Aproximem-se”, pediu Bram, quando eles chegaram ao centro do gramado. “A Srta. Finch e eu temos alguns anúncios para fazer.”

Quando ele a apresentou corretamente, Susanna suspirou de alívio. Ela esperava que Bram não fosse tão inconsequente a ponto de anunciar o caso deles ao público… mas depois de evitar por pouco o anúncio ao seu pai, no dia anterior, ela já não tinha certeza de que conseguiria contê-lo sempre.

Por todo o gramado, as mulheres e os homens trocaram olhares intrigados, enquanto punham seus bolos e limonada de lado para escutar.

“Como vocês sabem”, começou Bram, “dei minha palavra a Sir Lewis Finch e, dessa maneira também ao Duque de Tunbridge, que Spindle Cove apresentará um exercício militar. Será uma demonstração precisa, coreografada, de nossa prontidão e de nosso poderio militar, que ocorrerá na data do Festival de Verão, daqui pouco mais de uma quinzena.”

Os homens entreolharam-se.

Aaron Dawes balançou a cabeça.

“Tarefa assustadora, milorde.”

“Tarefa assustadora?”, repetiu Fosbury. “Que tal ‘sem esperança’? Nem conseguimos marchar em linha reta.”

“Nós nem temos uniformes”, disse Keane.

Um murmúrio de concordância geral tomou a multidão.

“Não somos sem esperança”, disse Bram, em uma voz autoritária que fez todos os presentes voltarem-se para ele, incluindo Susanna. “Nem mesmo assustados. Temos homens. Temos suprimentos. E também temos um plano.” Ele indicou Susanna. “A Srta. Finch irá explicar.”

Susanna ergueu a lista com sua mão enluvada.

“Nós todos iremos trabalhar juntos. As mulheres e os homens.”

“As mulheres!?”, exclamou a Sra. Highwood. “O que as mulheres podem fazer no planejamento de uma demonstração militar?”

“Em Spindle Cove, as mulheres podem fazer de tudo”, respondeu calmamente Susanna. “Eu sei que está fora do alcance de nossas atividades usuais, mas com tão pouco tempo, todos devem contribuir de acordo com seus talentos. Os homens precisam de nossa ajuda, e nós precisamos que os homens tenham sucesso. Se a milícia for considerada ineficiente, vocês acham que o duque vai deixar o castelo desprotegido? Não, ele certamente enviará outras tropas para acampar aqui. E não preciso dizer que, se uma companhia de soldados estranhos acampar nestas colinas, Spindle Cove, da forma que conhecemos”, continuou, olhando para as mulheres, uma por uma, “amamos e *precisamos*, deixará de existir.”

Murmúrios de desalento irromperam pelo grupo.

“Ela tem razão, a vila seria destruída.”

“Todas teríamos que ir para casa.”

“E acabamos de consertar a casa de chá.”

Charlotte se pôs em pé.

“Não podemos deixar isso acontecer, Srta. Finch!”

“Não *vai* acontecer, Charlotte. Só precisamos mostrar ao duque e a alguns generais que nos visitarão, que a milícia de Lorde Rycliff está pronta e é capaz de defender Spindle Cove.”

“Todos os voluntários irão acampar aqui, no castelo”, interveio Bram. “Todos os seus esforços e tempo serão exigidos, do nascer ao pôr do sol. Nós elaboramos uma programação. O cabo Thorne assumirá o dever de treiná-los nas formações. Preparem-se para marchar até seus pés virarem tocos. As fileiras devem ser impecáveis; as formações, exatas. Lorde Payne”, disse ele, olhando para o primo surpreso, “com seu talento natural para explosões, ficará a cargo da artilharia. Quanto às armas de fogo…” Ele apontou para Susanna. “A Srta. Finch conduzirá exercícios diários de tiro.”

Um murmúrio de surpresa varreu homens e mulheres reunidos.

“O quê!?”, exclamou a Sra. Highwood. “Uma dama ensinando homens a atirar?”

“A senhora não sabia?”, perguntou Bram, dando-lhe um olhar de cumplicidade. “Ela é uma beleza com uma arma.”

Lutando para não ficar vermelha, Susanna voltou sua atenção para a lista de tarefas.

“A Srta. Taylor suspenderá suas aulas regulares de música para dar orientação particular e dirigida a Finn e Rufus. As Sras. Montgomery e Fosbury liderarão, em conjunto, o comitê de uniformes. Todas as mulheres ajudarão com a costura à noite.” Ela baixou o papel. “É vital que os homens estejam bem vestidos e arrumados, para causar uma boa impressão.”

“Também é importante que os visitantes se divirtam”, acrescentou Bram. “Eles serão convidados para…”

“Summerfield”, concluiu Susanna, ficando um pouco mais animada do que de costume. “Vamos oferecer um baile de oficiais, em seguida à demonstração da milícia.”

“Um baile?”, disse a Sra. Highwood. “Oh, *isso* é uma boa notícia. Afinal, minha Diana terá a chance de brilhar. Ela terá recuperado a saúde até lá, não acha?”

“Tenho certeza de que sim.”

“E Lorde Payne, seu diabinho…” O rosto da matrona abriu-se em um sorriso, enquanto ela acenava com seu lenço para Colin. “Você tem que prometer uma bela e lenta quadrilha desta vez. Nada daquela dança caipira maluca.”

“Como quiser, madame.” Colin fez uma reverência.

Querendo redirecionar a conversa, Susanna pigarreou.

“Agora, quanto aos preparativos. Vou pedir à Srta. Winterbottom e à Sra. Montgomery que ajudem com o cardápio. Sally Bright e o Sr. Keane possuem o melhor talento para cores, então a decoração estará a cargo de vocês. A Srta. Taylor é a escolha natural para a música, e Sr. Fosbury, espero que possa assar alguns bolos para nós. O chef de Summerfield não consegue fazer iguarias como as suas.” Ela sorriu para ele por sobre o papel. “Agora, Sra. Lange…”

A mulher em questão se empertigou.

“Nem precisa pedir. Ficarei feliz em escrever um poema para a ocasião.”

“Isso seria muito…” Susanna fez uma pausa. “Especial”, concluiu. “Obrigada, Sra. Lange.”

“E quanto a mim?” Charlotte abanou a mão. “Todo mundo tem o que fazer.

Eu também quero ajudar.”

Susanna sorriu.

“Tenho uma tarefa muito importante para você, Charlotte. E vou explicá-la mais tarde, quando voltarmos à pensão.” Ela baixou o papel. “Não preciso dizer que nossas atividades programadas ficam suspensas.”

“Temos muito trabalho nos esperando”, disse Bram. “E começa esta tarde. Terminem seu piquenique. Guardem os toldos e as mantas. Tirem o lenço da ovelha. Todos os homens devem se reunir para treinamento em quinze minutos.”

“Senhoras”, Susanna falou alto, antes que o grupo dispersasse, “vamos nos reunir na pensão para começarmos a cortar tecido para os uniformes.”

Enquanto homens e mulheres começaram a se levantar e a desfazer todas as evidências de divertimento, Susanna se voltou para Bram.

“Acho que foi melhor que o esperado.”

“De fato, foi muito bem”, ele aquiesceu.

Para ser sincera, Susanna tinha apreciado imensamente os últimos momentos. Ficar *ao lado* de Bram como uma igual, em vez de enfrentá-lo o tempo todo. Falar junto com ele, em vez de um cortando as palavras do outro. Enquanto se dirigiam aos amigos e vizinhos, eles desfrutaram de um agradável ambiente de harmonia, e ela sentiu quase como se…

Ela deu um passo para trás, inclinou a cabeça e olhou para ele.

“O que foi?”, perguntou Bram, parecendo preocupado.

“É só que… você, de repente, ficou todo lorde, em pé na frente do castelo, falando com os moradores. É como se tivesse nascido com o título Rycliff, em vez de tê-lo recebido há uma semana.”

“Bem, eu não nasci nobre.” Ele juntou as sobrancelhas. “Meu pai foi general, não conde. Não pretendo me esquecer disso, nunca.”

“Claro que não. Não foi o que eu quis dizer. Seu pai foi um grande homem, e é natural que você tenha orgulho de ser filho dele, mas isso não quer dizer que ele não pudesse ter orgulho de *você* hoje, não é?”

Ele não tinha resposta para isso.

“É melhor eu me preparar para o treinamento”, disse ele, depois de uma longa pausa.

“É verdade. Acho que eu também preciso ir.”

Quando Bram foi passar por ela, caminhando na direção do castelo, Susanna notou de novo que ele mancava de leve. Ela foi levada por um impulso.

“Espere.” Ela poderia ter tentado segurar seu braço ou ombro. Mas não. Susanna colocou sua mão contra o peito forte e sólido. Percebendo o erro, ela a

retirou imediatamente, mas o eco do seu coração batendo continuou reverberando em sua palma.

Um olhar furtivo em volta indicou que ninguém havia percebido o gesto ousado. Pelo menos não daquela vez... Mas, ao notar o rubor quente que escaldou sua face, Susanna percebeu que teria que se esforçar muito para disfarçar sua atração por Bram.

O que tornou suas palavras seguintes mais imprudentes ainda.

“Há mais uma tarefa de que precisamos cuidar. Uma que não está na lista.” Ela ainda estava com o papel na mão e falou baixo. “Algo que exige que nós dois trabalhemos juntos. E a sós.”

“É mesmo?” Surpresa e desejo flamejaram nos olhos verde-jade. “Não posso negar que fiquei intrigado. Diga lugar e hora. Estarei lá.”

“A enseada”, murmurou ela, rezando para que não estivesse cometendo um erro enorme. “Após escurecer... Esta noite.”

Capítulo Vinte

Estrelas cobriam a noite clara, e a lua estava grande e amarela no céu. Isso era muito bom, porque, do contrário, Bram não teria luz que mostrasse o caminho até a enseada. Ele manteve os olhos fixos no trajeto, com cuidado para não pisar em falso. Assim, ele chegou aos seixos da praia sem a menor ideia de onde encontrar Susanna, ou até mesmo *se* a encontraria. Ele não a enxergou em nenhum ponto da praia.

Talvez ela não tivesse conseguido escapar. Talvez ela tivesse mudado de ideia quanto a encontrá-lo. Talvez ela nunca tivesse realmente cogitado encontrar-se com ele, e apenas quisesse aplicar-lhe um trote.

Uma pancada fraca na água chamou sua atenção.

"Aqui", Bram a ouviu dizer.

Ele chegou na beirada da água.

"Susanna?"

"Estou aqui. Na água."

"Na água?" Bram procurou ajustar os olhos à escuridão. Lá estava ela, sua sereia encantadora, submersa no mar até o pescoço. "O que você está vestindo?"

"Junte-se a mim, se quiser descobrir."

Bram nunca foi tão rápido para tirar a roupa. Ele ficou quase nu. Aquela não era uma das tardes ensolaradas e quentes de Spindle Cove. Ele faria uma longa caminhada para voltar ao castelo, e não queria fazê-lo em roupas encharcadas.

"Droga, a água está fria", disse ele, testando-a com os dedos do pé.

"Não está tão ruim, esta noite. Você logo se acostuma."

Ele correu para o mar, sabendo que seria melhor mergulhar de uma vez do que estender a tortura pouco a pouco. Bram encontrou Susanna a alguma distância da praia, em um lugar onde a água batia no meio de sua barriga. Sem conseguir enxergar direito, ele pôs a mão no ombro dela para verificar o que

Susanna vestia.

Quando tocou o tecido grosseiro, ele gemeu.

“Não aquele maldito traje de banho.”

Ela soltou uma risada rouca, excitante.

Maldição, ele sabia que não devia forçar a situação, mas ela estava tão perto, e os dois estavam finalmente juntos outra vez. Ele não conseguiria resistir ao que esteve com vontade de fazer o dia todo. Em um movimento rápido, Bram puxou-a para perto, envolvendo seu corpo esguio com braços e pernas. Apertando-a.

Nos braços dele, Susanna ficou imóvel. Ela sentiu cada músculo seu ficar rígido como aço.

“Bram. O que está fazendo?”

“Abraçando você. Está frio.”

“Você está…” Ela baixou a voz para sussurrar: “*Você está nu*”.

“Desculpe, eu esqueci meu traje de banho”, ele riu. “Você já viu de mim tudo que tinha para ver. E não tem ninguém aqui a não ser nós dois.”

“*Exatamente*.”

“*Então por que é que estamos sussurrando?*”

Exasperada, ela disse em voz alta:

“Eu não sei.”

Ele provocou sua orelha com a respiração.

“Nós podemos esquentar um ao outro.”

Ela soltou uma exclamação de frustração e o empurrou.

“Sério, por favor. Nós temos um motivo para estar aqui.”

“Acredite, eu sei o motivo pelo qual estou aqui. É você.”

“Não. O motivo é seu joelho.”

“Meu joelho?”

“Isso. Eu sei que está atormentando você. E para aguentar essas próximas semanas, você precisa cuidar dele direito. E se você está decidido a retomar um comando de campo depois disso… Bem, também estou decidida a mandá-lo embora com o máximo de força e energia possível.”

“Eu *sou* forte.” Seu orgulho havia sido ferido. “E você deveria saber que tenho energia abundante.”

Com um gesto de pouco caso, ela se afastou. Susanna deu várias braçadas até uma rocha próxima e pegou alguma coisa. Pela maneira como o objeto misterioso sacudiu, ele imaginou que fosse algum tipo de corrente. Quando ela voltou, carregando-o pela superfície da água, Bram viu o brilho metálico ao luar.

“O que é isso?”, perguntou ele, espiando. “Algum tipo de instrumento

medieval de tortura?”

“Sim. É exatamente isso.”

“Deus. Eu estava brincando, mas você não está, certo?”

“Não, eu peguei emprestado da coleção do meu pai. É uma tornozeleira com uma bola presa. Bem pesada. Pegue.” Ela colocou a bola nas mãos dele.

“Você tem razão”, disse Bram, a voz repentinamente tensa. “É bem pesada.”

Susanna pegou uma chave no cordão que trazia pendurado no pescoço. Através de tentativa e erro, ela conseguiu encaixar a chave na fechadura da tornozeleira de ferro. As duas metades abriram como uma concha.

“Isto aqui é preso no seu tornozelo, está vendo?”, disse ela. “Apoie-se na perna boa e erga a machucada para eu prender esta coisa.”

“Agora espere um pouco. Deixe-me ver se entendi bem. Você me faz vir para este mar gelado, nu…”

“Não pedi para você ficar nu.”

“E agora propõe me acorrentar.”

“Só no sentido literal.”

“Sim. É o sentido literal que me preocupa. Ser literalmente acorrentado pela perna é ruim o bastante; não são necessárias metáforas. Depois que você me tiver acorrentado e preso, como vou saber que não vai me deixar aqui para congelar durante a noite toda e ser destroçado de manhã pelas gaivotas?”

Ela tirou o cordão com a chave do pescoço e o transferiu para o de Bram.

“Tome. Você pode ficar com a chave. Isso faz você se sentir melhor?”

“Na verdade, não. Eu ainda não entendo o propósito disso.”

“Vai entender logo. Apenas erga a perna.”

Ele obedeceu e inclinou a cabeça para olhar o céu noturno. Não havia nada como um céu cheio de estrelas para fazer um homem aceitar sua humildade. Como foi mesmo que ele chegou àquele ponto? Ele estava aceitando ordens de uma solteirona, disposto a se submeter aos instrumentos medievais de tortura dela. E ela nem estava nua.

“Você nunca poderá contar sobre isto a ninguém”, disse ele. “Estou falando sério, Susanna. Vou negar até o túmulo. Isso acabaria com a minha reputação. Para sempre.”

“*Sua* reputação? Você acha que estou querendo divulgar esta cena?” Ela apertou a tornozeleira em volta da perna dele. “Agora baixe o pé lentamente e jogue a bola na água.

Mais uma vez, ele fez o que ela mandou. A bola afundou rapidamente até o chão de pedras, arrastando seu pé com ela.

“Pronto. Agora você tem resistência.

“Eu não fazia ideia de que estava sem resistência. Eu achava que você estava me resistindo o suficiente.”

“Resistência física.” Ela se retirou em silêncio, nadando pelo mar calmo para colocar certa distância entre eles. “Agora ande até mim, lentamente. Você vai ver.”

Ele deu um passo para frente com a perna boa, mas quando tentou mover a perna machucada, a bola presa à tornozeleira o puxou para trás. Ela era pesada, mas com a ajuda da água, não foi impossível movê-la.

“Ótimo”, disse Susanna, recuando mais um passo. “Continue andando. Não arraste a perna, levante-a. Como se estivesse marchando.”

Ele deu diversos passos, perseguindo-a pela água que batia no seu peito.

“Pode me dizer por que estou fazendo isto?” Ele a encurralou contra uma rocha, mas ela nadou para o lado, afastando-se.

“Venha até aqui, agora”, orientou Susanna, balançando o cabelo para livrá-lo da água salgada. “Vou lhe explicar.”

Ele andou até ela.

“Explique.”

“É o seguinte, Bram. Você é um homem grande.”

“Fico feliz que tenha percebido.”

“Quero dizer que você é pesado. E tem toda razão em querer usar sua perna para recuperar integralmente a força dela. Depois que seu ferimento sarou, ficar de cama não lhe trouxe nenhum benefício. Mas quando você anda, corre ou marcha sobre terreno sólido, está acrescentando todo o peso de seu corpo a cada passo. E, como você é muito grande, o desgaste é demais. Aqui no mar, o empuxo da água alivia a pressão no joelho. E a bola é um peso contra o qual você tem que fazer força.”

Ele quase a alcançou, mas novamente ela nadou para longe de suas mãos. Tudo que ele recebeu por seus esforços foram borrifos de água do mar.

“Se você fizer isto com regularidade”, Susanna disse a alguma distância, “vai conseguir recuperar sua força sem causar mais danos ao joelho.”

Ele tinha que admitir que a teoria dela fazia sentido.

“Quem ensinou tudo isso para você?”

“Ninguém. Há dois verões recebemos uma garota que estava se recuperando de uma queda feia do cavalo. Ela tinha quebrado a perna e o quadril. Meses depois, ela ainda mal conseguia andar mancando. O médico da cidade dela disse que ela ficaria inválida. A pobrezinha ficou arrasada. Ela tinha apenas 16 anos.

Ela pensou que nunca viajaria, nem casaria. Felizmente, o pai dela decidiu enviá-la para cá.”

“Para ser curada?” Bram esforçou-se na sua direção. Ele estava pegando o ritmo do exercício, e dessa vez Susanna escapou por pouco.

“Duvido que ele tivesse esperanças de que ela fosse curada. Ele provavelmente esperava que ela se acostumasse à vida de solteirona inválida, mas os banhos de mar ajudaram-na muito. Fizemos exercícios como este diversas vezes por semana. Quando foi embora, no fim do verão, ela caminhava sem auxílio. Até dançava.” Ele pôde notar o orgulho em sua voz. “Recebi uma carta dela há cerca de um mês. Está noiva. Seu pretendente é filho de um barão. E muito bonito, pelo que me disseram.”

“Que ótimo para ela. Mas e você?”

“Eu o quê?”

“Por que nunca se casou?”

Um borrifo leve.

“É muito simples. Toda manhã eu acordo, vou cuidar da minha vida e volto para a cama, à noite, sem ter feito os votos de casamento. Depois de tantos anos, a coisa fica automática.”

O tom de seu comentário foi leve, despreocupado, mas Bram percebeu que havia um sentimento mais profundo por trás de suas palavras.

“Você não pode me dizer que ninguém nunca a pediu.”

Não foi o que ela disse.

“Nunca tive motivo para casar”, disse ela. “Sou a única filha do meu pai. A fortuna dele e Summerfield não têm vínculos e ficarão comigo, um dia, mas espero que esse dia não chegue.”

“Mas segurança não é o único motivo para alguém se casar. Você não quer marido e filhos? Ou é moderna demais para isso?”

Ela ficou em silêncio por um instante. Quando finalmente falou, disse:

“Vire-se. Caminhe até o rochedo, depois volte depressa para cá.”

Ele não se mexeu, apenas cruzou os braços diante do peito.

“Ah, não. Esse truque não funciona comigo.”

“Que truque?”

“Evitar uma pergunta incômoda dando uma ordem. Não vai funcionar, não comigo.”

“Não sei o que você quer dizer.” Ela tentou parecer entediada, mas ele não se deixou enganar.

“É claro que sabe. Porque você já me acusou de fazer a mesma coisa.” Bram

balançou a cabeça. “Nunca conheci uma mulher como você. Susanna, você é tão igual a *mim*. É como se nós dois fôssemos espécimes da mesma raça exótica. Só que eu sou o macho, e você, a fêmea. Inteligente como é, você deve saber o que isso significa.”

“Esclareça-me.”

“Significa que devemos acasalar. Temos uma responsabilidade com a natureza.”

Rindo, ela jogou água na direção dele.

“Você deve ter aprendido essa cantada com seu primo. Funciona com outras mulheres?”

“Que outras mulheres?” Ele mal se lembrava que existiam outras mulheres. Naquela noite, os dois eram uma versão aquática de Adão e Eva, e a enseada era seu Éden. Para Bram, Susanna era a única mulher no mundo.

Deus, ele a queria tanto. Ela não fazia ideia. Cada ondulação que o corpo gracioso de Susanna provocava na água tornava o pensamento de Bram selvagem. Ele imaginava os dois enroscados em todos os tipos de posições estranhas e salgadas. Seu membro ficou duro até doer, destacando-se à sua frente apesar do frio, abrindo caminho pela água como a proa de um navio. Uma ereção persistente.

“O rochedo”, ela lembrou-lhe. “Marche até o rochedo e volte.”

“Eis o que eu vou fazer. Vou me virar e caminhar até *aquele* rochedo” – ele apontou para um que estava muito mais distante, perto da ponta – “e vou voltar em menos de um minuto. Mas você tem que ficar nesse mesmo lugar. E quando eu chegar até você, quero uma recompensa pelo meu esforço.”

“É mesmo? E que tipo de recompensa vai ser?”

“Um beijo.”

“Não. Absolutamente não.”

“Vamos lá.” Ele estava bem ereto, ombros e torso fora da água. O mar formava ondas frias em volta de seu peito e de suas costas. “Você está me fazendo correr em círculos feito um tonto, como se estivéssemos brincando de algum jogo bobo de salão. Eu mereço um prêmio. Um beijo.”

Ela balançou a cabeça.

“Depois da outra noite? Eu sei que não existe essa coisa de ‘só um beijo’ com você. Estamos aqui para cuidar do seu joelho.”

“Bem, não vou me mexer até que me prometa um beijo.”

Ela ficou em silêncio por um instante.

“Muito bem. Um beijo. Mas você não vai me beijar. Eu é que beijarei você.

Entendeu?”

Ah, ele entendia. Ele entendia que aquele exercício proposto por Susanna estava para se tornar muito interessante.

Energizado pela nova motivação que lhe era oferecida, ele fez o que havia prometido. Bram virou-se, cobriu a distância até o rochedo mais longínquo, com passadas firmes, e então voltou até ela. Após completar o circuito, sua respiração era um chiado alto e doloroso.

“Agora”, disse ele, pegando-a pela cintura e puxando-a para perto. “Beije-me.”

A lua tinha saído de trás de uma nuvem, cobrindo Susanna com uma luz prateada. Tão linda. Ela poderia ser uma ninfa das águas, ou um anjo vingador, feroz. Susanna enquadrou o rosto dele com as duas mãos. Aquelas mãos elegantes e hábeis. Ele a acompanhou quando Susanna empurrou sua cabeça para baixo, e molhou os lábios com a língua, preparando-se.

E então ela o beijou – na testa. Os lábios dela encontraram sua fronte e ali ficaram, abençoando-o com calor e doçura.

“Pronto”, sussurrou ela, afastando-se.

Bram ficou olhando para Susanna, sua garganta coçando. Ele não sabia se tinha um acesso de raiva, riso ou choro. Não, aquele beijo não foi o enrosco de línguas apaixonado e intenso pelo qual seu corpo ansiava, mas foi exatamente o que sua alma precisava. Ele não teria sabido pedir um beijo daqueles. O calor que ele gerou desceu por seu corpo e foi descansar em seu coração.

Ela continuava com o rosto dele nas mãos. O polegar dela limpou uma gota salgada da face dele.

“Eu sei do que você precisa, Bram.”

Deus do céu! Ela parecia saber, mesmo. E do que mais ele precisava e não sabia pôr em palavras? Bram ficou desesperado para descobrir. Em silêncio, ele se afastou dela. Ele cobriu a distância até o rochedo, em passadas vigorosas e decididas. Bram voltou até ela espirrando água e espuma, até parar sem fôlego, carente e ansioso.

“De novo.”

Dessa vez, ela pegou a mão dele. Susanna a ergueu até seu próprio rosto, moldando os dedos molhados de Bram à curvatura de sua bochecha. Então ela moveu a cabeça, aninhando-se no carinho dele. A respiração dela correu pela carne fria de Bram, despertando cada nervo. E então ela deu um beijo bem no centro de sua palma.

Um raio de êxtase disparou daquele ponto e correu para seu âmago. Diacho.

Um beijinho na sua mão... E ele o sentia no corpo todo! Seus joelhos fraquejaram. Ele quis cair aos pés dela, ficar com a cabeça em seu colo por horas. *Sou seu escravo.*

Bram retirou a mão, flexionando-a para desfazer a sensação e conseguir se controlar. Quem imaginaria que um homem feito poderia ser completamente derrubado por um ataque tão pequeno e preciso? O exército conhecia aquela arma? Talvez eles devessem fornecer equipamento de proteção para as palmas vulneráveis dos soldados.

“Susanna.” Ele estendeu suas mãos para ela.

Rápida como um peixe, ela se esgueirou para longe.

“Se você quer mais, tem que fazer por merecer.”

Ele se retirou novamente, indo mais devagar até o rochedo dessa vez. Em parte devido ao cansaço, mas principalmente porque precisava de tempo para se acalmar. O coração batia forte em seu peito, sacudindo as costelas. Ele não podia deixá-la ver, não ousava deixá-la saber que, com aqueles dois beijinhos, conseguia abalar sua alma.

Enquanto voltava até ela, Bram tentou afastar aquela sensação e procurou pensar em um modo de recuperar o controle. Ele era um soldado, foi o que disse para si mesmo. Não um pedinte. Enquanto abria o caminho através da água, seu sangue, quente e vigoroso, corria por seus membros.

Mas ao se aproximar dela, Bram errou o passo. A corrente pegou em uma pedra e o tornozelo virou. Ele caiu para frente, deixando escapar um rugido involuntário de dor.

Susanna correu até ele, abrindo caminho na água.

“Você está bem? Machucou-se?”

“Estou ótimo”, disse Bram, negando a nova pontada de dor. Não era o joelho que doía tanto, mas o orgulho. “Estou mais do que ótimo.”

“Você fez o bastante por hoje.” Ela tirou o cordão com a chave do pescoço dele e desapareceu debaixo da água. Depois de alguns puxões, Bram sentiu a tornozeleira soltar.

“Ponha de volta”, disse ele, quando ela emergiu. “Eu posso continuar. Nem estou cansado.”

“Tenha paciência consigo mesmo.” Ela tirou a água do rosto. “Você fez um progresso notável e ainda vai ficar mais forte. Mas você levou um tiro, Bram. Tem que aceitar que sua perna nunca mais será a mesma.”

“Ela vai ser a mesma. Tem que ser. Não posso aceitar nada menos do que uma recuperação total.”

“Por quê?”

“Porque eu preciso liderar.”

Ela sufocou uma risada.

“Você não precisa de um joelho perfeito para isso. Você tem mais liderança no dedão do pé do que a maioria dos homens têm no corpo inteiro.”

Ele fez uma careta de pesar com a intenção de demonstrar modéstia.

Susanna entendeu como *Continue, por favor.*

“É verdade! As pessoas têm uma vontade natural de agradar você. Rufus e Finn, por exemplo. Você ainda não os conhece bem para perceber, mas eu os conheço e sei que aqueles garotos veneram o chão em que você pisa.”

“Aqueles garotos precisam apenas de um exemplo masculino.”

“Bem, eles não poderiam ter escolhido um exemplo melhor.” Susanna passou os braços em volta do pescoço dele.

A água fria os envolvia, acentuando o calor onde seus corpos se encontravam. Naquele momento, Bram se sentia mais perto dela do que nunca, e ainda assim queria mais. Cada célula de seu organismo desejava a união perfeita de corpos que os dois haviam conseguido debaixo do salgueiro-chorão. Mas se ele conseguisse ignorar o clamor frenético de seu baixo-ventre e se permitisse ouvir a mensagem contínua e insistente de seu coração… simplesmente abraçá-la era delicioso. Sereno. A coisa certa.

“Se eu sou um líder tão magnífico”, disse ele, “por que é que eu não consigo enquadrar você?”

“Porque você não quer. Você gosta de mim assim.” Ela abriu aquele sorriso convencido que uma mulher abre quando está plenamente segura de que estava certa.

Mas ela estava errada... Ele não gostava dela daquele jeito.

Ele pensou que poderia *amá-la* daquele jeito.

Droga. *Amor.* Não era algo com que Bram tivesse muita experiência. A própria noção de amor parecia perigosa, insegura. Então ele lidava com aquilo da mesma forma como fazia com outras coisas perigosas e explosivas. Bram escondia seus sentimentos em um lugar frio e escuro dentro dele – para examinar e medir algum tempo depois, quando suas mãos tivessem parado de tremer e seu baixo-ventre não estivesse doendo de desejo não consumado. E seu coração não estivesse batendo tão alto.

“Eu vou me casar com você”, disse ele.

“Oh, Bram.” O rosto dela se retorceu em uma expressão de desânimo.

“Não, não, não faça essa cara. Toda vez que eu a peço em casamento você

faz essa cara triste, retorcida. Isso acaba com a autoconfiança de um homem."

"Eu poderia fazer uma cara diferente, mais agradável, se você tivesse planos de ficar. Não só de casar comigo antes de partir e continuar com o resto da sua vida." Ela olhou para o mar aberto. "Há uma maldição estranha para quem reside em um local de férias. As amizades são muitas, mas breves. As mulheres ficam um ou dois meses, depois voltam para casa. Quando você está começando a gostar da pessoa, ela vai embora. Isso é suportável para uma amizade." Ela o encarou. "Talvez até para um caso clandestino e escandaloso. Mas para um casamento?"

"Não posso levar você comigo", disse Bram. "A forma como você descreve sua vida aqui faz com que se pareça muito com a vida em campanha. Quando você está começando a gostar das pessoas, elas morrem." Sua própria mãe tinha sido a primeira a partir, mas estava longe de ser a última. Ele nunca aceitaria colocar Susanna em risco.

"Pode ser", disse ela lentamente, passando os dedos provocativamente no cabelo da nuca de Bram. "Você e eu poderíamos ficar gostando muito um do outro. Você poderia prometer não ir embora. E eu prometeria não morrer. Não seria uma mudança boa para nós dois?"

Ele suspirou.

"Eu posso prometer voltar. Um dia."

"Da guerra? Bram, ninguém pode prometer isso. Eu gostaria de poder entender por que voltar a um comando de campo é tão importante para você. É só uma questão de provar que você pode?"

"Em parte."

"Mas isso não é tudo."

Susanna olhou para ele, aqueles pacientes olhos azuis brilhando na noite. Se ele não conseguisse falar com ela, não conseguiria falar com ninguém.

"É só que eu não tenho mais nada. Eu sou um oficial de infantaria, Susanna. É tudo que eu sempre fui, tudo que sempre quis ser desde garoto. Eu queria tanto, que parti de Cambridge no mês em que completei 21 anos. Foi quando eu finalmente tive acesso à pequena herança que meu avô me deixou, que usei para comprar meu primeiro comando. Meu pai fingiu ficar bravo, mas eu sei que em segredo ele estava feliz por eu ter conseguido tudo por minha conta. Eu nunca usei da influência dele. Cumpri com meu dever e fui subindo de patente. Eu o deixei orgulhoso. Quando a notícia da morte dele me alcançou…" Ele parou, sem saber como continuar.

Sob a superfície da água, a mão dela encontrou a dele.

“Sinto muito, Bram. Não consigo imaginar como deve ter sido horrível.”

Susanna não conseguia imaginar, e ele não sabia como explicar. Bram pensou na última carta de seu pai. Ele a havia recebido através do correio normal, uma semana inteira depois de um comunicado expresso informá-lo da morte do general. O conteúdo da carta não era nada de extraordinário, mas Bram não conseguia esquecer do último parágrafo: *Não tenha pressa de responder*, seu pai escreveu. *Eu sei que, ultimamente, você tem escrito muitas cartas.*

Era óbvio que seu pai sabia de Badajoz, onde as forças aliadas haviam tomado as tropas a um custo humano tão grande, que o próprio Wellington chorou diante da carnificina. Portanto, ele sabia que Bram estava escrevendo dezenas de cartas de condolências às famílias dos homens que caíram em batalha; tantas que tinha câimbras na mão e seu vocabulário secou ao mesmo tempo que o tinteiro. Não havia tantos sinônimos para “lamento”.

Seu pai não lhe enviou palavras ocas de conforto, nem tentou encontrar motivo para aquelas mortes sem sentido. Ele simplesmente fez Bram saber que o compreendia.

Bram não conseguia expressar o que significava saber que ele e o pai haviam alcançado um ponto em que se entendiam como homens, como oficiais. Como iguais. Caso ele se aposentasse de seu comando e se tornasse apenas outro nobre privilegiado flanando pela Inglaterra… Bram não tinha certeza de que seu pai compreenderia o homem em que se transformaria, mas Bram também não tinha certeza de que compreenderia a si mesmo.

“Foi duro perder meu pai”, disse ele. “Duro demais. O que tornou a perda um pouquinho mais fácil foi eu ficar repetindo, para mim mesmo, que continuava a deixá-lo orgulhoso. Que eu carregaria a bandeira da família adiante. Manteria vivo o legado dele.” Bram soltou um suspiro. “Isso durou alguns meses, e então fui alvejado. Não tive a sorte de uma morte nobre e gloriosa no campo de batalha. Agora sou apenas um soldado aleijado, sem perspectiva de retomar meu comando.”

“Oh, Bram.” Ela passou a mão livre pelo rosto dele, limpando gotas de água salgada nas duas faces. Ele temeu que não fossem apenas água do mar.

“Sir Lewis é minha última chance. Já escrevi a cada general reformado em que pudesse pensar pedindo uma recomendação. Entrei em contato com cada coronel que pudesse precisar de um ajudante, na esperança de que um deles me requisitasse. Nada. Ninguém me quer deste jeito.”

O silêncio noturno era profundo.

“Bem, eu quero.”

Aquelas palavras de Susanna capturaram o coração de Bram. Ele a apertou firmemente, com os dois braços, como se aquela pequena enseada fosse um oceano sem fundo, e ela, um salva-vidas.

“Eu quero você desse jeito”, repetiu ela. Baixando a cabeça, ela beijou o queixo dele. Seus lábios permaneceram ali por um momento quente e sensual. Então Susanna passou a língua pelo pescoço dele e seu corpo esquentou junto ao de Bram. “Do jeito que você é. Aqui, agora.”

Capítulo Vinte e Um

"*Aqui?*", repetiu Bram, a voz demonstrando sua surpresa. "*Agora?*"

Susanna não conseguiu evitar uma risada. Era gostoso pegá-lo com a guarda baixa e afastar a tristeza de seu rosto.

"Dá para fazer na água, não dá?"

Ele aquiesceu, estarrecido.

"Dá."

"A menos que você tenha alguma objeção."

"Não tenho." Bram balançou a cabeça, ainda surpreso.

"Ótimo!"

Ela desceu as mãos até os botões da frente de seu traje de banho. Bram engoliu em seco enquanto ela os abria um por um. Susanna soltou os braços e empurrou a roupa para o fundo da água, para que pudesse sair dela. Depois, jogou o monte de tecido molhado sobre uma rocha próxima.

"Espere, Susanna…" Ele pôs as mãos na cintura dela. "Você não precisa fazer isto só porque…"

"Não é isso." Ela cobriu os lábios dele com seus dedos. "Não é."

Quando ela desceu a mão, colocando-a sobre o peito dele, o coração de Bram tamborilou sob seu toque. A resposta palpável dele fez o coração dela também acelerar.

Ele precisava dela naquele instante. Precisava saber que alguém podia ver todas as suas fraquezas, todos os seus defeitos, e ainda assim considerá-lo não só desejável, mas forte e digno. Ainda que se sentisse vulnerável, ela não tinha como negar-lhe isso. Não quando era a mais pura verdade.

E mais; ela também precisava dele.

"Não fique tão surpreso", provocou ela. "Eu quero você, Bram. Demais. O tempo todo. Quando se trata de você, esta solteirona recatada ferve de paixão,

selvagem e insaciável.” Ela o beijou, provocando seus lábios com a língua. “Isso não deveria ser surpresa, pois você vem repetindo isso desde o começo.”

“Eu sei”, disse ele, pensativo. “Eu sei... A surpresa é você ter ouvido.” Ele pegou o pescoço de Susanna com a mão e tomou sua boca com um beijo profundo, dominador.

Ela se deleitou na entrega sensual por alguns instantes. Então, delicadamente, se afastou.

“Espere”, disse, ofegante. “É minha vez, esta noite. Eu quero tocar você. Todo você.”

Ele abriu os braços, convidando-a.

“Não sou eu quem irá impedi-la.”

Susanna começou passando as mãos por aqueles braços fortes, maciços, delineando cada músculo e tendão. Então ela subiu até os ombros e desceu pelo peito – duro como pedra e levemente coberto por pelos escuros e molhados. Ela desceu os dedos por seu abdome firme, marcado, e passou por um matagal de pelos mais cerrado antes de encontrar seu prêmio.

Com a ponta de um único dedo ela delineou a cabeça larga da ereção de Bram. Quando ela deslizou a palma pela parte de baixo, acariciando aquela coluna grossa e rugosa, ele estremeceu e se afastou do toque de Susanna.

Volte aqui... Ela o envolveu com as duas mãos, usando ambas na tentativa de cobrir toda sua extensão. Ela não conseguiu, então usou as duas para um carinho comprido, luxuriante, arrastando seu toque da base até a ponta.

“Deus.” Ele soltou um gemido estrangulado. “Você não podia ao menos me beijar enquanto faz isso?”

Susanna ficou com água na boca só de pensar. Ela foi para frente, inclinando-se para beijar seu queixo, sua garganta. Com a língua, ela traçou a saliência da clavícula antes de descer a cabeça logo abaixo da superfície da água para beijar o mamilo dele. O sabor salgado da água do mar misturou-se ao almiscarado da pele dele.

A excitação cresceu dentro dela, que sentiu a ereção de Bram inchando ainda mais em suas mãos, mas eles tomaram a decisão silenciosa de não se apressarem. De continuar a explorar o corpo um do outro enquanto conseguissem resistir à tentação de querer mais.

Enquanto ela o acariciava embaixo da água, Bram afagava seus seios, primeiro apalpando-os separadamente, depois juntando-os de modo que pudesse baixar a cabeça e lamber os dois bicos. Ele abocanhou intensamente cada mamilo, provocando-a com sensações alternadas de quente e frio.

Então ele se afastou, estudando-a no escuro.

“Você já reparou”, disse ele, casualmente, “que seu seio direito é um pouco maior que o esquerdo?”

Susanna teve certeza que suas faces brilharam no escuro, pois o rubor veio rápido e forte.

“São os *meus* seios. É claro que já reparei.” *E isso sempre me deixou insegura, durante toda minha vida adulta, muito obrigada.*

“É como se eles tivessem personalidades diferentes. Um é generoso e carinhoso.” Ele o ergueu. “E o outro… é atrevido, não é? Ele quer um beliscão.” E Bram apertou o mamilo.

“*Bram*!” Que conversa. Na esperança de distraí-lo, ela deslizou a mão por baixo de seu mastro e alcançou com os dedos o saco macio e vulnerável, envolvendo-o com a mão.

Ele gemeu e tremeu, encorajando-a a continuar explorando, enquanto fazia o mesmo, com os dois pêndulos em sua palma.

Interessante. Ele também não era simétrico ali.

“Não fique constrangida”, disse ele, ainda acariciando seus seios. “Eu falei como um elogio. Adoro os dois.”

Até que aquilo servia de consolo, pensou ela.

“Eu não sabia que havia homens com preferência por seios assimétricos.”

“Eu os adoro porque são seus, Susanna. Eu adoro cada pedaço de você.” As mãos dele desceram. “Esses quadris me deixam maluco. Essa bunda redonda, sob medida, foi feita para minhas mãos. E suas pernas longas, torneadas…” Ele a beijou profundamente, passando a mão pela perna dela e a erguendo para encaixar em seu quadril, levando os corpos a um contato íntimo. “Deus, como eu amo sua altura.”

“Sério?” Ela costumava pensar que a altura era seu maior demérito no que dizia respeito a seus pretendentes. Bem, depois das sardas... E do cabelo... E de seu hábito de emitir opiniões contrárias, quando deveria apenas anuir educadamente. “Por que está dizendo isso?”

“Porque *eu* sou alto”, disse ele, passando o nariz na garganta dela. “Com uma mulher baixa é sempre difícil. As partes não se alinham como deveriam.”

Deus. Aquilo deveria ensiná-la a não perguntar. Como ela detestava a ideia de Bram “alinhando suas partes” com belezas pequenas e delicadas. Só de pensar, ela sentia enjoo.

“E eu adoro isto.” Os dedos de Bram encontraram a abertura de Susanna, que ele separou e penetrou profundamente. “Adoro sentir como você é apertada.

Saber que não existiram outros antes de mim.”

Ela riu um pouco, ainda sentindo uma pontada de ciúme.

“É claro que não existiram outros. Você poderia me dizer o mesmo?”

Afastando-se um pouco, ele a encarou no fundo dos olhos, com uma sinceridade erótica, de derreter os ossos.

“Posso lhe dizer isto: nunca houve alguém como você.”

“Oh”, ela suspirou, enquanto o dedo dele penetrava mais fundo.

“Diga.” O tom provocador dele assumiu uma nota mais agressiva. “Diga as palavras. Diga que você é minha.”

Alarmes soaram no coração de Susanna. Ela sabia que ele precisava se sentir forte e poderoso naquele momento, mas não daquela forma... Havia o possessivo e havia o… medieval.

“Isso é tão depreciativo, Bram. Queria que você não falasse assim.”

“Você só queria não gostar tanto disso.” Ele juntou mais um dedo ao primeiro. “Minha... Minha... Minha...” Ele enfiava os dedos mais fundo com cada repetição. Os músculos íntimos de Susanna apertaram-se ao redor deles, e ela arfou com um choque agradável.

“Está vendo?”, regozijou-se ele.

Droga. Ele tinha razão com frequência demais, para um homem. Realmente, era muito gostoso, mas desde que havia passado por aquela doença e por aqueles tratamentos horríveis, Susanna reconfortava-se com a ideia de que seu corpo era *seu*, e de ninguém mais.

“Diga...”, sussurrou ele, com o rosto acariciando a orelha dela. Com o polegar ele circulava sua pérola. “Linda Susanna, quero ouvir você dizer que é minha.”

Ela segurou o rosto dele nas mãos e olhou-o nos olhos.

“Vou dizer isto: declaro posse total sobre meu corpo, meu coração e minha alma; mas, esta noite, escolho compartilhar todos eles com você.”

Os dedos dele saíram de seu corpo, fazendo-a se sentir oca.

“Deus. Assim é…”, exclamou Bram.

“Decepcionante? Intimidante? Cedo demais?”

Ele negou com a cabeça, aproximando-se para um beijo.

“Eu ia dizer que é ainda melhor.” A língua dele passeou pelo lábio inferior dela. “Muito melhor.”

O coração de Susanna cresceu dentro do peito. Ela jamais sonhou que aquele órgão pudesse conter tanta alegria.

Enquanto se beijavam, Bram agarrou os quadris dela, erguendo-a na água.

“Está na hora, amor.” A respiração dele estava ofegante. “Envolva minha cintura com as pernas.”

Ela fez como ele pediu, trançando os pés junto à parte inferior de suas costas. Enquanto Bram a segurava, ela desceu a mão para orientar a ereção dele. Eles se uniram em um ritmo lento e sensual.

Susanna arquejou quando ele a preencheu, abrindo-a totalmente. Não doeu dessa vez, mas, como da primeira, ela duvidou que pudesse acomodá-lo todo. Bram teve paciência, contudo, movendo-se deliciosamente devagar até os dois se tornarem um.

Isolados e solitários como estavam naquela enseada, poderiam ter feito barulho, soltado gritos enlouquecidos e gemidos urgentes na escuridão da noite. Mas, ao contrário, moveram-se em um silêncio ágil e rítmico. Os únicos sons eram as batidas da água e a respiração cada vez mais ofegante.

Susanna se agarrou ao pescoço de Bram. O resto de seu corpo ficou à deriva na água. Por um instante, ela ficou feliz por entregar a ele o controle completo. Com movimentos fortes e decididos, Bram ergueu seus quadris uma vez após outra, fazendo-a subir e descer em toda sua rígida extensão. Com cada golpe ele a empurrava para mais perto do êxtase. Os tendões de seus ombros e pescoço saltavam como cordas, e sua mandíbula mostrava a tensão do esforço.

Ela nunca havia se sentido tão poderosa, tão desejável. Tão segura para liberar todas as suas inibições e preocupações. Para se entregar à força vigorosa das estocadas dele, enquanto Bram a levava cada vez mais alto. E ainda mais alto. Tão perto daquele cume provocante e fugaz.

“Aqui”, ofegou ele, pegando uma das mãos dela e colocando-a entre eles, bem onde seus corpos se uniam. “Toque em você mesma aí.”

Bram pegou novamente seus quadris com as duas mãos, penetrando ainda mais fundo. Enquanto ele se movia dentro dela, os dedos de Susanna, presos entre os dois corpos, massageavam o botão intumescido na crista de seu sexo, dando-lhe a fricção de que ela precisava. Seu clímax foi crescendo à distância, ganhando força, e o viu chegando como se avistasse uma onda crescendo na direção da praia. Um iminente, devastador vagalhão de prazer surpreendeu-a, até assustou-a, quando se aproximou, intenso, inescapável. Então a onda quebrou, despedaçando seu corpo enquanto Bram mantinha seu ritmo contínuo, vigoroso.

Ela gritou seu nome. E poderia até ter chorado algumas lágrimas de alegria.

Ele praguejou.

Com um sobressalto urgente, Bram saiu de seu corpo. Ela quis tocá-lo, misturando seu toque ao dele, enquanto ele se acariciava rumo ao alívio. Bram

ejaculou seu prazer na barriga dela, um jato quente e bem-vindo na enseada fria.

Ele a trouxe para perto e deitou a testa contra a dela. Sua respiração ofegante queimou a orelha dela.

“Abrace-me”, pediu ele.

Oh, Bram.

Ela passou as pernas e os braços nus em volta do corpo dele, trazendo-o o mais perto que podia, e beijando seus ombros, sua garganta, sua mandíbula, sua orelha. Passando os dedos pelo cabelo molhado e cortado. Embalando-o, só um pouco. Para trás e para frente, no ritmo das ondas.

Uma torrente de carinho nasceu no coração dela e se espalhou por todo o corpo, inundando com calor até os dedos de suas mãos e seus pés. Ela o trouxe ainda mais para perto, querendo que ele sentisse o calor. Como se ela pudesse envolvê-lo em um cobertor de afeto e mantê-lo ali para sempre. Ele tinha muito orgulho e muita honra familiar que o faziam querer voltar para a guerra. Como poderia ela seduzi-lo para ficar? Ela faria tudo o que estivesse a seu alcance, mas em breve poderia chegar o dia em que teria que deixá-lo partir.

Mas naquela noite, Bram pedia-lhe que o abraçasse, e Susanna simplesmente faria isso. Ela se agarraria à ligação apaixonada que compartilhavam, àquela alegria transcendente, ainda que fugaz.

Agarre-se nele. Pelo tempo que puder.

Capítulo Vinte e Dois

Sério, aquele homem era impossível! Quando Susanna pusesse as mãos nele, iria ela mesma jogá-lo do penhasco.

Era fim de tarde, quase noite. Após um longo dia supervisionando os trabalhos na vila, ela deveria estar a caminho de casa, para se certificar de que seu pai havia comido algo. Em vez disso, ela bufava indo em direção das ruínas do castelo. No trajeto, ela passou pelo cabo Thorne treinando a maioria dos milicianos na campina. Fileiras retas, postura ereta, uma unidade respeitável, no mesmo ritmo. Não estavam perfeitos, ainda, mas eles haviam feito progressos formidáveis na semana anterior. Na prática de tiro, Susanna conseguia que quase todos os homens, a não ser uns poucos, carregassem e disparassem em menos de vinte segundos.

Mais alguns minutos de caminhada e ela chegou ao castelo.

"Onde está seu lorde?", perguntou ela a um soldado solitário que montava guarda diante do portal antigo e desmoronado. Ela o reconhecia como um dos agricultores recrutados.

"Perdão, moça. Eu… eu acho que ele não pode atender."

"Como assim, não pode atender? Ele teve tempo de me infernizar com ordens ridículas o dia todo." Em sua mão, ela trazia o último bilhete manuscrito. "Este é o terceiro que ele me enviou só esta tarde. Eu sei que ele está aqui."

"Ele está aqui", o homem tentou desconversar, "mas…"

"Lorde Rycliff!", chamou Susanna, passando pelo soldado.

Jantar veio cumprimentá-la enquanto Susanna atravessava o pátio. A ovelha soltou um balido amistoso e encostou a cabeça no seu bolso.

"Alguém anda mimando você." Parando brevemente para acariciar o animal, ela continuou até chegar ao gramado no centro descoberto do castelo, onde parou e ergueu a voz. "Lorde Rycliff, preciso lhe falar."

“Aqui em cima, Srta. Finch.”

Ela inclinou a cabeça para trás para ver o alto da torre.

“No parapeito”, gritou ele.

Protegendo os olhos com a mão, ela olhou ainda mais para cima. Sobre a torre sudoeste, entre os encaixes do parapeito, ele ergueu a mão, saudando-a. O sol poente, cor de âmbar, iluminava Bram por trás, criando um halo brilhante ao seu redor. Como um halo de fogo, perfeitamente adequado ao belo e provocante demônio.

“Eu gostaria que o senhor descesse, milorde”, disse ela. “Precisamos conversar.”

“É meu turno de vigia.”

“Você é o comandante. Não pode fazer com que seja o turno de outra pessoa?”

“Não me livro dos meus deveres assim, Srta. Finch.”

Susanna marchou através da porta aberta da casa da guarda, cruzou o antigo salão, que estava sem teto, e foi direto até a escada em espiral da torre sudoeste. Se ele se recusava a descer para falar com ela, Susanna simplesmente subiria para confrontá-lo.

“Qual o significado de todas essas cartas!?”, exclamou ela, enquanto escalava os degraus de pedra. “As costureiras estão dando nós nos dedos enquanto tentam atender suas exigências absurdas para os uniformes. Primeiro, você envia um bilhete exigindo que o forro dos casacos deve ser de seda cor de bronze. Depois que já cortamos onze peças, você envia outro bilhete: nada de bronze, agora deve ser azul. Não qualquer azul, veja. Azul-íris. Nem bem terminamos de cortar o azul e chega a próxima carta. ‘Eu quero rosa’, diz ela. Rosa, dentre todas as cores! Está falando sério?”

Deus, quantos degraus tinha aquela escada. O cérebro dela começou a rodopiar naquela espiral interminável. Ela parou por um instante, apoiando a mão na parede de pedra para recuperar o fôlego e continuar subindo e também para continuar reclamando.

“É minha milícia, Srta. Finch”, disse ele, lá de cima. “Eu quero o que eu quero.”

“Não é como se não tivéssemos outras coisas para fazer, sabe?”, continuou ela. “Não são só os uniformes. Estamos a poucos dias da demonstração. As moças estão enrolando cartuchos. A Srta. Taylor está lutando bravamente para consertar a noção de ritmo de Finn e Rufus. Com a prática de tiro agendada para ocupar toda manhã, simplesmente não temos tempo para seus caprichos no que

diz respeito ao forro dos casacos e…”

Susanna nem bem chegou ao alto da escada e ele a envolveu em seus braços. Bram a ergueu, tirando seus pés do chão.

Com um movimento rápido ele a carregou até o outro lado da torre e a encostou no parapeito de pedra dura e fria. Às costas de Susanna, o topo da parede ficava exatamente abaixo das escápulas. À sua frente, o calor sólido de Bram e sua força bruta a aprisionavam. E excitavam... Ela havia chegado ali quase sem fôlego, mas aquilo…? Aquilo era estonteante.

“Eu falei para você”, disse ele, com um resmungo baixo e possessivo. “Eu quero o que eu quero. E o que eu quero agora, com tanta vontade que mal consigo enxergar, é você.” O beijo dele esmagou sua boca. “Não acredito que foram necessários três bilhetes ridículos para fazer você vir até aqui. Garota teimosa.”

“*Esse* era o objetivo? Bram, era só você ter falado.”

“Eu falei...” Os lábios dele delinearam as curvas do pescoço de Susanna. “Aqueles bilhetes eram todos sobre você. O cabelo de bronze brilhante. Seu olhos azul-íris.” Ele lambeu o queixo dela. “Todas as suas muitas e deliciosas partes cor-de-rosa.”

Um suspiro de prazer escapou dos lábios dela.

“*Bram*.”

Ela deveria estar brava, mas o abraço dele era gostoso. E necessário. Na semana que se seguiu ao encontro na enseada, eles conseguiram arrumar algumas horas para ficar juntos quase todas as noites, faziam amor sob o céu noturno e depois conversavam, debaixo das estrelas, sobre todos os assuntos possíveis. Ainda assim, ela não conseguia ficar longe dele por um minuto sem sentir saudade. Daquelas mãos grandes e ávidas e daqueles beijos quentes e famintos.

“E quanto aos uniformes?”, perguntou ela.

“Para o diabo com os uniformes. Faça os forros da cor que quiser. Não ligo a mínima para isso.”

Bram deslizou as mãos para o traseiro dela e puxou seus quadris para si, colocando a barriga dela em contato com sua excitação proeminente. O apetite evidente, intenso em seus olhos fizeram o desejo correr pelas veias de Susanna.

“Eu quero você”, disse ele, o que era uma redundância.

“Talvez esta noite eu consiga escapar de Summerfield”, disse ela, após umedecer os lábios.

“Não. Não esta noite.” Ele massageou a bunda dela com as duas mãos,

erguendo seu corpo e moldando-o ao dele. “Aqui. Agora.”

A ideia fez o coração de Susanna disparar, e suas partes íntimas ficarem ávidas. Ela olhou para o outro lado.

“Nós não poderíamos.”

“Ninguém consegue nos ver aqui”, disse ele, respondendo à dúvida dela. “Não deste lado da torre. Há somente pedras e mar abaixo de nós.”

Os outros três parapeitos estavam desocupados. Todos os homens treinavam mais abaixo. Ele tinha razão, ninguém poderia vê-los. Uma brisa leve os envolvia. O céu purpúreo parecia tão próximo de suas cabeças, que Susanna sentiu poder tocá-lo com a ponta dos dedos. Eles estavam sozinhos no topo do mundo.

Os dentes dele provocaram o lóbulo de sua orelha.

“Eu nadei sozinho noite passada, sabe. Fui de um lado para outro naquela enseada, até meus músculos virarem gelatina. Você me deve mais beijos do que eu posso contar.”

Ela imaginou os dois enrolados em uma cama quente, cheia de travesseiros. Bram esticado sobre o colchão, totalmente nu, e Susanna de cabelo solto, arrastando-o sobre ele enquanto pagava os beijos que devia, passando lábios e língua por cada centímetro sensual e carente dele.

“Eu…” Ela engasgou quando Bram deslizou sua palma até cobrir o seio dela. “Eu pensei que você estava de guarda.”

“Eu estou.” Ele trabalhou o globo firme atentamente, massageando o mamilo duro com o dedão. “Muito bem, fique de guarda comigo.”

Recuando um passo, ele a agarrou pelo quadril e a girou, de modo que Susanna ficou de frente para o parapeito de pedra. Bram a moveu de lado, posicionando-a em uma fresta – a abertura no parapeito projetada para que um arqueiro disparasse suas setas através dela.

“Consegue enxergar?”, perguntou ele abruptamente, empurrando-a para frente de modo que ela ficasse curvada, com os cotovelos apoiados na abertura. Em seguida, Bram levantou sua saia. “Está vendo bem a enseada e o Canal mais além?”

“Estou.” Abaixo deles, ela podia ver claramente a baía com pedras e as águas do Canal. À distância, algumas velas brancas deslizavam. A oeste, o sol amarelo-alaranjado afundava no horizonte.

“Ótimo. Mantenha os olhos abertos. Você está de guarda.”

Com movimentos firmes e insistentes ele juntou a saia e as anáguas dela, levantando tudo até a cintura de Susanna. Ele encontrou a abertura nas calçolas

dela, que abriu rasgando o tecido e expondo sua pele delicada à brisa fresca e a seu toque quente e bruto.

Bram acariciou-a, abriu-a, esparramou-a diante de si. Seus dedos traçaram cada contorno de seus pontos mais íntimos. Ela nunca havia se sentido tão exposta. Se tivesse parado para pensar no que ele estava vendo e fazendo, Susanna teria perdido a coragem totalmente. Então ela fez o que seu lorde mandou. Susanna ficou de guarda, mantendo os olhos na cintilante água azul e no horizonte prateado.

Um som abafado sugeriu-lhe que Bram estava abrindo o fecho de sua calça. Ela ficou agitada pela carência, molhada pela expectativa. Ela deixou escapar um gritinho de alívio quando a ereção quente dele encaixou em sua abertura úmida.

As mãos de Bram acariciaram seu traseiro exposto e suas coxas.

“Deus, acho que estou enlouquecendo. Você não imagina o quanto eu penso nisto. O tempo todo, em todos os lugares. Ontem eu parei na loja para comprar tinta, e só conseguia pensar em você, em cima do balcão, abrindo suas pernas para mim. Ou debruçada sobre o mostruário. Esmagada contra as prateleiras do estoque, a saia levantada até o quadril e uma perna apoiada em um caixote. Em cada momento acordado, eu penso nisto. Em cada noite, eu sofro por isto.” Ele trabalhava seu mastro duro e grosso nela, deslizando para frente e para trás sobre suas carnes sensíveis. “Diga que você também quer.”

Ela não estava demonstrando? Susanna contorceu os quadris, cada vez mais desesperada por ele.

“Diga-me, amor. Eu preciso ouvir. Eu preciso saber que essa loucura não é só minha.”

“Eu…” Ela engoliu em seco. “Eu quero você.” A excitação correu por sua pele. Só por dizer aquelas sílabas, sua excitação cresceu a um nível mais alto e caótico. A loucura era mesmo dos dois.

“Você quer *isto*.” Ele empurrou a abertura dela com a ponta lisa e grossa de sua ereção. “Dentro de você, duro e fundo. Não quer?”

Aquelas palavras… tão indecentes. Tão rudes. Tão absurdamente excitantes.

“Q-quero.”

Bram lambeu a orelha dela.

“Você disse alguma coisa?”

Que se danasse a decência. Ela precisava tê-lo, e logo, ou morreria de carência.

“Quero”, disse ela. “Eu o quero. Todo ele. Dentro de mim. Agora. Por favor.”

Isso.

Isso. Ele entrou com uma estocada lenta e firme. Dilacerando-a. Preenchendo-a. Então retirou-se durante uma pausa breve e angustiante, antes de enfiar ainda mais fundo.

Ele estabeleceu um ritmo, embalando-a contra o antigo parapeito e, enquanto moviam-se juntos, ele distribuiu beijos por seus ombros e pescoço nus. Os mamilos duros de Susanna eram friccionados contra as costuras do corpete. O êxtase nascia em seu centro e se espalhava por cada centímetro de seu corpo.

Ele deslizou a mão pelos quadris dela, abrindo caminho pelas dobras das anáguas. Seus dedos talentosos sabiam como dar prazer, acariciando gentilmente aquele botão carente, enquanto mantinha suas estocadas fortes e contínuas.

"Bram", arfou ela. "Segure-me. Firme."

"Estou segurando." Os braços dele apertaram a cintura de Susanna, mas seu ritmo não esmoreceu. "Você é minha."

Ela fitava, os olhos arregalados e fora de foco, aquela linha índigo no horizonte. E então, ele a levou além. Jogando-a para fora do mapa das sensações conhecidas, em um êxtase inexplorado, inimaginável. Aquilo continuou e continuou. Ela cavalgou a crista do prazer por momentos intermináveis. Sons surpreendentes de prazer nasceram em sua garganta e se misturaram aos gritos das gaivotas. Ela não teve força para contê-los.

"Santo Deus." Com um grunhido profano, ele puxou os quadris dela contra os seus, enterrando toda sua extensão dentro dela. Os músculos íntimos de Susanna envolveram a grossura de Bram. Eles gemeram em uníssono. Após parar por uma batida de coração ou duas, ele recomeçou a se mover.

Bram estava perto de seu clímax. Ela conseguia perceber a aceleração de seu ritmo e o novo ângulo de suas estocadas, mais profundas. Seus ruídos guturais de satisfação. Se ele não tomasse cuidado…

"Bram. Cuidado."

"Não quero ter cuidado." Ele se dobrou, respirando em sua orelha. "Eu quero possuir *você*. Marcar você. Gozar dentro de você e sentir você me segurando apertado, enquanto eu a preencho com minha semente. Eu quero que o mundo saiba que você é minha."

Oh, Deus. Aquelas palavras… tanto assustavam quanto excitavam. Ela abriu a boca para reclamar, para pedir. *Cuidado. Cuidado. Cuidado com meu coração quando disser essas coisas.* Mas então ele mudou de posição, e enfiou ainda mais fundo, enquanto seu polegar tocava a carne dela onde ela precisava. O prazer sacudiu o corpo de Susanna uma segunda vez, e os únicos sons que

saíram de sua boca foram gemidos primitivos, desesperados.

Ela nunca soube, nunca sonhou que poderia se sentir tão exposta. Em cada um daqueles encontros imprudentes, furtivos, Bram desnudava mais camadas daquela mulher que Susanna sempre acreditou ser. Ele a desnudava de seus gracejos espirituosos, da educação virtuosa, de todas as amarras de uma solteirona bem-nascida e instruída demais. Reduzindo-a a nada se não sensações cruas, loucas e um coração vulnerável que batia violentamente.

Enquanto os últimos pulsos de seu clímax ainda a estremeciam, ele saiu de seu corpo. Susanna sentiu o jato quente do prazer de Bram em sua coxa. Em seguida, ele a abraçou, distribuindo beijos carinhosos em suas faces e testa.

A respiração dele vinha em sons irregulares. Bram pousou a testa no ombro dela e a trouxe mais para perto.

“Isso está ficando cada vez mais difícil.”

“Eu sei.” Baixando as anáguas, ela se soltou. Depois de arrumar as roupas, Susanna virou lentamente para encarar Bram. As palavras ficaram presas em sua garganta, mas ela as forçou para fora. “Talvez esta deva ser nossa última vez.”

“Susanna. Você sabe que não foi isso que eu quis dizer.” Ele subiu a calça de onde estavam paradas, enroscadas nos joelhos. Com movimentos impacientes, ele começou a se recompor e a fechar os botões.

“Preciso ir.” Ela alisou o cabelo.

“Espere.” Bram agarrou seu pulso, proibindo-a de partir. “O que você está fazendo? Não pode estar querendo fugir de mim. Disto.”

“Não estou fugindo. É você que vai partir. E nós não podemos continuar fazendo isto. Vamos ser pegos.”

“E daí se formos pegos?”, disse ele. “Você sabe que eu quero me casar com você. Eu casaria amanhã.”

“Certo. E então me deixaria alguns dias depois.”

Com um sorriso levemente irônico, ele apontou as ruínas do castelo.

“Se eu não sou o bastante, saiba que esta pilha de pedras em ruínas pode ser toda sua.”

Ela fungou e olhou ao redor, para a confusão de paredes e torres que um dia abrigaram todos os seus sonhos.

“Você não faz ideia do carinho que eu tenho por esta grande e arruinada pilha de pedras. Eu só gostaria que ela viesse com um Lorde Rycliff dentro.”

O *lugar dele* era em Spindle Cove. Desde o dia em que ele havia falado para os moradores, no piquenique, Susanna tinha certeza disso. Bram era forte e capaz. Um líder natural, com senso nato de lealdade e honra. Aquele lugar

poderia se beneficiar de um homem como ele. Se ele estivesse disposto a trocar sua vida militar por uma existência mais calma e pacífica, Susanna podia imaginá-lo vivendo ali, alegremente, como Lorde Rycliff.

E ela poderia ser muito feliz – plenamente, absolutamente feliz – como sua esposa.

"Você não quer um lar de verdade, Bram? Você sabe, um lugar com teto e… e paredes, e aquele luxo raro que chamamos de janelas? Móveis, até. Tapetes, cortinas. Refeições decentes e uma bela cama quente."

"Eu nunca fui de confortos domésticos. Refeições de cinco pratos servidos em porcelana fina, salas com papel de parede… Essa vida não é para mim, mas eu poderia aprender a dar valor a uma cama, se você estivesse nela." Ele a puxou pelo punho, tentando trazê-la para perto.

Susanna resistiu. Ela nunca teria força para dizer o que estava para falar, sem o benefício de uma certa distância entre eles.

"Um lar não é definido apenas por aquilo que *você* precisa, Bram. Mas também pelas pessoas que precisam de você. O que eu vou fazer quando você for embora? E seu primo? E quanto aos homens e às mulheres de Spindle Cove, que estão trabalhando duro por você neste momento, enquanto conversamos? Você é o lorde deles. Isso não significa nada para você?"

"Claro que significa." Seu olhar ficou firme, assim como sua mão no pulso dela. "Significa muito. E a melhor forma que conheço para lhes retribuir é terminando esta guerra. Protegendo as liberdades de que desfrutam e a soberania da terra que chamam de pátria. Susanna, isso não se trata de a Inglaterra querendo manter alguma ilha que provavelmente nunca deveria ter conquistado. Você sabe que Bonaparte precisa ser detido."

"E ele não pode ser derrotado sem sua presença pessoal na Espanha? Isso é um pouco arrogante, não acha? Meu pai fez mais para combater as forças de Napoleão do que você jamais fará, e ele não sai de Sussex há uma década."

"Bem, não sou como seu pai."

"Não, você não é." Ela ergueu um ombro. "Depois que Napoleão for derrotado, o que virá? Sempre teremos novos conflitos, novas batalhas. Um posto avançado, em algum lugar, que precisa ser defendido. Quando isso acaba?"

"Dever é assim", soltou ele. "Não acaba."

Ela o encarou enquanto balançava lentamente a cabeça.

"Você tem medo."

Ele emitiu um som de pouco caso.

"Tem sim. Você é um homem grande e forte, com uma perna machucada,

que se sente inútil e que está aterrorizado. Você diz que não precisa de um lar, de uma família, de uma comunidade ou de amor?" Susanna soltou uma risada descrente. "Por favor. Você quer tanto essas coisas, que a carência emana de você como vapor. Mas tem medo de tentar conquistar essas coisas. Medo de fracassar. Você prefere morrer perseguindo sua vida antiga a reunir coragem para criar uma nova."

Ele apertou as mãos até ficarem brancas.

"Quem falou em morrer ou fracassar? Cristo, você está sempre limitando as pessoas, segurando-as. Seu pai é velho demais para trabalhar. Suas amigas são delicadas demais para dançar."

"Limitando as pessoas? Depois de tudo o que aprendeu sobre mim e este lugar, você me acusa de limitar a vida dessas jovens?" Um nó se formou em sua garganta. "Como pode dizer uma coisa dessas?"

"E você, depois de tudo o que aprendeu sobre mim, ainda não consegue confiar em mim? Case comigo e confie que vou terminar essa guerra e voltar para você. Pelo amor de Deus, Susanna…" A voz dele ficou embargada, e Bram olhou brevemente para longe, antes de continuar. "Neste ano, vi muitas pessoas duvidarem do que eu posso fazer, mas eu pensava que você acreditaria em mim."

"Eu acredito." Uma lágrima correu pelo rosto dela, e Susanna a enxugou com a palma da mão livre. "Eu acredito em você, Bram. Mais do que você mesmo. Se eu acredito que você é um comandante capaz? É claro que sim. Mas também acredito que você poderia ser muito mais do que isso. Um líder longe do campo de batalha. Um lorde respeitado, essencial à sua comunidade… talvez até mesmo pudesse ser a voz de seus soldados no Parlamento." Ela pressionou o punho contra sua própria barriga. "Acredito que você daria um marido e pai maravilhoso."

Bram suavizou o aperto no punho dela.

"Então por quê…"

"Eu não posso me casar com você, não assim." Ela puxou o punho da mão dele. Com a outra mão, ela o massageou, tentando apagar as marcas vermelhas deixadas por Bram enquanto amaldiçoava as cicatrizes que nunca, jamais seriam apagadas. Ela tropeçou enquanto se retirava. "Você não entende? Não posso ser abandonada novamente."

O mundo ficou repentinamente quieto. Nada de ondas quebrando, nem do sopro da brisa. Nada de gaivotas grasnando.

Quando ela finalmente conseguiu reunir forças para olhar para Bram, os olhos dele estavam intensos, inquisidores. E sua pergunta penetrou o coração de

Susanna.

“Quem é que está com medo, agora?”

Susanna respondeu com ação. Virou-se e foi embora.

Capítulo Vinte e Três

Algumas noites mais tarde, Bram estava de guarda na mesma torre. Era uma noite nebulosa, escura, e não havia nada para se ver que não a névoa em movimento. Com tão pouco para ocupar seus pensamentos, ele mais uma vez se viu relembrando o último encontro com Susanna. Uma vez após a outra, a noite lhe trazia as palavras dela.

Não posso ser abandonada novamente.

Deus era testemunha de que ele não pretendia abandoná-la. Tudo o que ele queria era se casar com aquela mulher, para que, não importava a distância que a vida impusesse entre eles, sempre houvesse uma ligação conectando sua vida à dela.

Ela *precisava* de um homem como ele. Um homem seguro de si o bastante para apreciar a inteligência dela, em vez de se sentir intimidado. Um homem corajoso o suficiente para desafiá-la, levá-la além dos limites que Susanna estabelecia para si mesma. Um homem forte o bastante para protegê-la, caso ela se aventurasse um pouco longe demais. Essas eram as coisas de que ela precisava, mesmo tendo se tornado uma mulher admirável.

Mas, em algum lugar dentro daquela mulher, escondia-se uma garota ferida, desajeitada, assustada, que necessitava desesperadamente de algo mais: um homem que se acomodasse tranquilamente à sua vida segura e organizada, prometendo nunca, jamais deixá-la sozinha. Bram não conseguia acreditar que ele poderia – ou sequer *deveria* – ser esse homem para ela.

Quando Thorne veio rendê-lo às duas da madrugada, hora de uma escuridão absoluta, Bram aceitou a tocha que seu cabo silenciosamente lhe oferecia e desceu pela escada em espiral. Mariposas tremularam ao seu redor, atraídas pela luz e pelo calor.

Ele chegou ao pátio e examinou as fileiras organizadas de tendas. Os roncos

e as eventuais tossidas evitavam que a noite ficasse quieta demais. O fantasma fofo de uma criatura se aproximou dele, emergindo das sombras.

Bram olhou para o cordeiro.

O cordeiro olhou para ele.

Bram não resistiu, tirou um punhado de milho do bolso e jogou no chão.

"Por que não posso comer você?", perguntou, irritado, embora soubesse muito bem a resposta. "Porque ela lhe deu um nome, sua coisinha miserável. E agora arrumei um bicho de estimação."

Desde que ele havia chegado a Spindle Cove, Susanna esteve ocupada como uma aranha, tecendo pequenas teias de sentimento, ligando-o àquele lugar de maneira que ele não desejava ser ligado. Se não fosse embora logo, Bram começaria a se sentir aprisionado.

Ele se aproximou da tenda que sabia ser a de Colin e pigarreou de leve. Algo se moveu lá dentro. Houve o ruído abafado de uma pancada e uma das hastes que fixava o tecido tremeu. Ótimo, ele estava acordado.

"É Bram", sussurrou ele. "Preciso falar com você a respeito da demonstração de artilharia."

Sem resposta. Nenhum outro movimento.

Bram agachou-se e segurou a tocha perto da lona, sabendo que o brilho da luz alcançaria o interior.

"Colin." Ele cutucou a lona com o cotovelo. "*Colin*. Nós precisamos discutir a demonstração de artilharia. Sir Lewis tem um novo…"

Alguém atrás dele bateu no seu ombro.

"O que você quer?"

Bram deu um pulo, assustado, e quase derrubou a tocha.

"Jesus." Ele se colocou em pé, virou e ergueu a tocha para iluminar…

Colin.

Seu primo estava parado perto dele, o retrato do desinteresse, vestindo uma camisa desabotoada, com os punhos soltos, e calça larga. Em uma das mãos, ele trazia uma garrafa de vinho, que segurava pelo gargalo.

"Pois não, Bram? O que posso fazer por você?"

Bram olhou para Colin. Depois olhou para a tenda.

"Se você está aqui fora comigo", disse ele, abanando a tocha na direção do primo, "então… quem está na sua tenda?"

"Uma amiga. E eu gostaria de voltar para dar atenção a ela, se você não se importar." Colin desarrolhou a garrafa de vinho com os dentes e cuspiu a rolha de lado. "O que está acontecendo, que não pode esperar amanhecer?"

“Que diabos você está fazendo com uma mulher em sua tenda?”

Colin inclinou a cabeça para o lado.

“Hum. Com quantos detalhes você quer minha resposta?”

“Seja quem for a moça, você vai se casar com ela.”

“Eu acho que não.” Colin afastou-se alguns passos da tenda, sinalizando para Bram acompanhá-lo. Depois que estavam a certa distância, ele baixou a voz e disse: “Essa é a única maneira que consigo dormir, Bram. Ou durmo nos braços de uma mulher ou passo uma noite interminável acordado. Quando eu lhe disse que não durmo sozinho, não era a expressão de uma preferência, mas de um fato”.

“Depois de todos esses anos?” Bram levantou a tocha para observar a expressão no rosto do primo. “Ainda?”

“Ainda.” Colin deu de ombros. Em seguida, ele levou a garrafa de vinho aos lábios e deu um grande gole.

Uma pontada de compaixão surpreendeu Bram. Ele sabia que Colin tinha sofrido com pesadelos e insônia na juventude, depois do acidente trágico que tirou a vida de seus pais. Durante o primeiro ano de Colin na escola, alguns garotos de seu dormitório começaram a provocá-lo devido às lágrimas e aos gritos noturnos. Bram, então o maior garoto no quarto ano, havia enfiado um pouco de bom senso naqueles valentões, e assim acabou aquela história. Nenhum deles ousou provocar Colin novamente, e Bram concluiu que os pesadelos do primo haviam finalmente cessado.

Evidentemente, eles não haviam terminado. Continuavam. Havia décadas. Droga.

“Então, quem está na tenda?”, perguntou Bram. Um morcego passou zumbindo perto da orelha dele e os dois abaixaram. “Espero que não seja a Srta. Highwood.”

“Deus, não.” Colin riu um pouco. “A Srta. Highwood é uma garota linda, sem dúvida, mas é refinada, inocente. E delicada demais para o que eu preciso. Fiona e eu… bem, nós nos entendemos em um nível mais básico.”

“Fiona?” Bram franziu a testa. Ele não se lembrava de uma mulher chamada Fiona.

“Sra. Lange”, esclareceu Colin, ao passar pelo primo. “Vocês todos vão me agradecer quando a poesia dela melhorar.”

Bram o pegou pelo braço.

“Mas ela é casada.”

“Só no nome.” Colin deu um olhar maroto para a mão que o segurava.

“Espero que você não esteja querendo me dar algum sermão moralista. Quantas vezes você fugiu para ir se encontrar com a Srta. Finch?”

Bram ficou olhando mudo para o primo. Ele e Susanna estavam se achando tão cuidadosos, que não chamavam a atenção de ninguém. Mas era evidente que Colin andou acordado. E prestando atenção.

“Então, não me julgue”, disse o primo. “Fiona e eu temos nos entendido de maneira adulta, madura. Posso ser mulherengo, mas não sou um depravado. Nunca arruinei uma garota inocente. E nunca cheguei perto de partir o coração de uma mulher.”

“Eu não pretendo arruinar Susanna”, defendeu-se Bram. *E o coração dela não é o único envolvido.*

“Ah, então vai se casar com ela?”

“Ainda não sei”, Bram suspirou.

“Por que não? Está esperando coisa melhor?”

“Quê? Deus, não.” *Melhor*? Bram não conhecia alma viva que pudesse ser melhor do que Susanna em inteligência, coragem, beleza, paixão ou generosidade de espírito. Não existia mulher melhor.

“Ah, então você está com medo.”

“Não estou com medo.”

“É claro que está. Você é humano. Todos temos medo, cada um de nós. Medo de viver, de amar e de morrer. Talvez marchar o dia todo em colunas organizadas distraia você da verdade. Mas e quando o sol se põe? Ficamos todos tropeçando na escuridão, tentando sobreviver a mais uma noite.” Colin entornou mais um gole de vinho, então olhou para a garrafa. “Excelente safra. Quase me faz parecer inteligente.”

“Você é inteligente. E poderia fazer algo produtivo com sua vida, sabe. Se não estivesse tão determinado a desperdiçar seus talentos, junto com sua fortuna.”

“Não me fale de desperdício, Bram. Se aquela mulher ama você, e você a deixar escapar… nunca mais vou querer ouvir outra ‘lição de vida’ da sua boca.”

“Acredite em mim, não quero deixá-la escapar, mas não tenho certeza de que ela me ame.”

“Por favor.” Colin gesticulou com a garrafa de vinho. “Você é rico e agora também tem um título. Tudo bem, ainda tem esse joelho emperrado para atrapalhar, mas você tem todos os dentes.” Colin ergueu maliciosamente a sobrancelha. “E acreditando que equipamento masculino de bom tamanho seja de família…”

Bram balançou a cabeça.

“Oh!”, exclamou Colin, com ar pesaroso. “Não é?”

“*Isso…*” Bram fechou o punho. “Não importa.”

Que coisa absurda. Desde quando seu primo dava conselhos e disparava ditados espirituosos? Droga, Bram devia ser a voz da sabedoria na relação com o primo.

“Não importa quantos centímetros estão guardados na calça de um homem, nem quantas libras ele tem em sua conta bancária… o resultado da soma desses números não é amor.”

“Acho que você tem razão. E isso é uma pena para mim.” Colin aquiesceu, pensativo. “Bem, Senhor-Lorde-Elevado-a-Nobre-por-Bravura, que tal esta ideia maluca: se você quer saber se a Srta. Finch ama você, já pensou em parar de bobagem e… sei lá… perguntar para ela?”

Bram ficou olhando para ele.

“Ótimo. Fique aí pensando nisso.” Afastando-se na direção da tenda, Colin fez um aceno de despedida. “Se você me dá licença, tem uma cama quente me esperando.



“Tem um jeito mais rápido, Charlotte”, disse Susanna, tirando as luvas e afastando delicadamente a garota. “Nesse ritmo você vai ficar nisso o dia todo.

Charlotte e algumas das moças estavam passando toda tarde enrolando cartuchos de pólvora. Contudo, os homens usavam tantos durante os exercícios diários de tiro, que as mulheres mal conseguiam acompanhar o ritmo. Com a demonstração agendada para a manhã seguinte, a sala do café da manhã de Summerfield havia se tornado temporariamente um paiol, em meio aos preparativos para o baile dos oficiais. Não havia mais tempo para se desperdiçar.

“Vocês estão perdendo tempo demais cortando folhas grandes de papel no tamanho adequado. Faz tempo que eu descobri que as páginas desta obra” – ela jogou na mesa um livro de capa azul – “são do tamanho adequado.”

Charlotte arregalou os olhos.

“Mas, Srta. Finch, esse é o *Sabedoria da Sra. Worthington.*”

“Ah, sim, é mesmo.”

“Mas você disse que era um livro útil.”

“Ele é um livro útil. É do tamanho perfeito para manter janelas abertas. Suas páginas fazem ótimos cartuchos e seu conteúdo rende umas boas risadas. Mas

além disso…? Não perca tempo seguindo suas orientações, Charlotte.”

Abrindo o volume, Susanna arrancou sem piedade uma página qualquer e a colocou sobre a mesa.

“Primeiro, certifiquem-se de que têm tudo de que necessitam à mão.” Ela passou os dedos sobre cada item. “Papel, bucha, bala, pólvora, fio. Enrole o papel em redor da bucha, formando um tubo”, disse ela enquanto demonstrava, “e então use a bala para empurrar a bucha. Quando a bala quase chegar à extremidade, aperte o papel com o dedo e torça. Então despeje a pólvora.”

Segurando entre os dedos a bola envolta em papel, ela encheu o resto do tubo com pólvora preta, deixando uma margem de um centímetro.

“Não precisa medir, está vendo? Pare de medir quando a pólvora cobrir a mancha de texto. É só torcer o papel de novo, e amarrar com um pedaço de fio… Pronto.” Com um sorriso satisfeito, ela entregou o cartucho para Charlotte. “Com um pouco de prática, você pega o jeito.”

Charlotte pegou o cartucho e piscou, espantada.

“Posso fazer uma pergunta, Srta. Finch?”

“É claro.” Susanna arrancou mais duas páginas do livro e as entregou para a garota. “Desde que continuemos trabalhando enquanto conversamos.”

Inclinando a cabeça como um papagaio, Charlotte olhou para os punhos nus de Susanna.

“O que aconteceu com você?”

Susanna gelou. Lentamente, ela virou o antebraço e observou as cicatrizes expostas. Havia passado muitos anos cuidadosamente as escondendo sob mangas, punhos e luvas, ou mudando de assunto com alguma desculpa esfarrapada quando alguém olhava para elas ou fazia uma pergunta.

Por quê?

Lá estava ela, mais de uma década depois. Já não era uma garota, mas uma mulher crescida, sensata e instruída. Naquele momento, ela estava literalmente rasgando os ensinamentos restritivos que a sociedade impunha às mulheres, e ensinava para uma jovem bem-nascida não a arte de decorar bandejas de chá, mas de fazer cartuchos de pólvora. Talvez o mundo tivesse deixado algumas marcas nela, mas Susanna certamente também imprimia sua marca no mundo. Ali, em Spindle Cove, onde as mulheres ficavam à vontade para exibir seu lado melhor e mais verdadeiro.

Susanna passou os dedos por seu velho e conhecido mapa da dor. Aquelas cicatrizes faziam parte do seu eu verdadeiro. Não eram *toda* a verdade sobre Susanna, mas faziam parte dela. E, de repente, parecia não haver mais motivo

para escondê-las.

“São ferimentos cicatrizados”, disse ela para Charlotte. “De sangrias. Faz anos, já.”

A garota estremeceu.

“Isso dói?”

“Não.” Seu próprio sorriso a surpreendeu. “De modo algum. Eu sei que as cicatrizes impressionam, mas, para falar a verdade, às vezes esqueço delas durante dias.”

Enquanto falava aquelas palavras, Susanna ficou espantada por perceber como eram verdadeiras, e como se sentia mais leve por dizê-las. Parecia que seu caso com Bram tinha terminado. Fazia dias que ele não falava com ela. Nem enviava bilhetes. Ainda assim, ela estaria para sempre mudada pelo que eles tiveram. Mudada por ele. Bram havia lhe dado aquele presente precioso, a coragem de se aceitar como ela era. Cicatrizes, sardas, paixões e tudo o mais.

Por falar nisso, será que um coração partido cicatrizava? Depois que uma década se passasse, conseguiria ela esquecer de Bram durante dias seguidos?

De algum modo, ela duvidava.

“Srta. Finch!” Violet Winterbottom apareceu à porta. “A Srta. Bright precisa de você no salão. Ela quer sua opinião a respeito da decoração.”

“Estou indo.”

Susanna passou para Charlotte os suprimentos para confecção de cartuchos, antes de lavar as mãos na bacia e sair da sala do café da manhã, deixando as luvas para trás.

Ela passou pela sala de estar, onde os voluntários da milícia estavam em pé, parecendo um grupo de espantalhos, com braços esticados, enquanto mulheres com alfinetes na boca pregavam e costuravam, fazendo as últimas alterações em seus uniformes.

Quando Susanna chegou ao salão, ela encontrou o local fervilhando. Na extremidade daquele aposento comprido, Kate Taylor praticava no piano. Ao longo da parede de janelas, o Sr. Fosbury e dois criados ocupavam-se de arrumar mesas para o serviço de bufê. Mulheres e empregados carregavam flores e móveis de um lado para outro, seus passos tamborilando no piso de madeira corrida. Na noite do dia seguinte, aquela cena seria uma demonstração de elegância – era o que ela esperava. Mas naquele momento era o retrato do caos.

“Aqui”, chamou Sally Bright, para em seguida colocar um bebê que esperneava nos braços de Susanna. “Pegue a Daisy enquanto eu subo na escada. Temos algumas opções de festões.”

Susanna esperou pacientemente no meio da sala, olhando para a balaustrada e balançando a irmã Bright mais nova no ritmo das escalas de Kate no piano. Daisy tinha crescido bastante nos últimos meses. Com o passar dos minutos, Susanna começou a achar que seus braços cairiam.

“Ela adorou você, Srta. Finch!”, exclamou Sally, enquanto passava o tecido sobre o corrimão. “Veja, este é vermelho. Chama a atenção, mas não será demais, com todos os uniformes na sala? Depois temos este azul, mas é um pouco escuro para um evento noturno. Qual você acha que é melhor?”

Susanna inclinou a cabeça, pensativa.

“Concordo totalmente, Srta. Finch”, disse o Sr. Keane, aparecendo junto à Sally no balcão. “Nenhum dos dois vai servir. Precisamos de algo com mais brilho. Eu sugiro dourado.

“Eu lhe disse, vigário”, falou Sally. “Não temos dourado suficiente.”

“Tem razão. A menos que…” O vigário estalou os dedos. “Já sei. Vamos combiná-lo com o tule.”

“O tule!”, exclamou Sally. “Isso foi inspiração divina. Espere um instante, Srta. Finch. Vou lhe mostrar o que ele está propondo.”

Os dois desapareceram, abaixando-se para remexer nas caixas de materiais.

Susanna suspirou, trocando Daisy de braço.

“Aí está você. Eu a procurei por toda parte.” Bram apareceu repentinamente a seu lado.

Pega de surpresa, ela passou o bebê de um braço para outro.

“Procurou?”

A não ser por alguns olhares trocados na praça, ela não o via fazia quase três dias. E, claro, ele *tinha* que aparecer perigosamente atraente, vestindo apenas uma camisa simples de colarinho aberto, debaixo de seu novíssimo casaco de oficial. Ela tentou não olhar para ele, mas evitar contato visual direto foi o melhor que Susanna conseguiu fazer. Ela manteve o olhar baixo, no ângulo másculo do maxilar dele, em seus lábios sensuais. Então admirou a parte exposta de seu peito nu e os pelos escuros que apareciam ali.

Ele estava *querendo* torturá-la?

“Por favor, explique-me o que é isto?” Ele mostrou os punhos do casaco, destacando os botões de bronze pregados neles.

“Ah, isso.” Ela reprimiu um sorriso. “Aaron Dawes fez o molde e a fundição. Toda milícia que se preze precisa de um símbolo.”

“Sim, mas milícias que se prezem não escolhem um *carneiro*.”

“Pelo que me lembro, o carneiro escolheu você.”

Bram passou o dedo pelo lema – uma frase em latim:

"*Aries eos incitabit*. Um carneiro os fará avançar?"

"Cuidado, milorde. Seus três semestres em Cambridge estão aparecendo."

A boca de Bram suavizou-se, aquela sugestão sutil de um sorriso que Susanna aprendeu a adorar.

"Botões à parte", disse ele, "você fez um trabalho admirável. Você e todas as mulheres. Os uniformes, o treinamento…" Ele passou os olhos pela sala. "Todos esses preparativos."

O elogio dele a aqueceu por dentro.

"Todos temos trabalhado bastante. Por acaso, eu vi parte do treinamento, outro dia. Impressionante, milorde. Amanhã, sem dúvida, será um dia triunfante." Um silêncio constrangedor nasceu entre eles, até Daisy interrompê-lo com um balbucio molhado.

"Quem é esta?" Ele indicou com a cabeça a bebê em seus braços. "Acredito que não fomos apresentados."

"Esta…" – ela a virou para que Bram pudesse vê-la melhor – "é Daisy Bright."

"Eu deveria ter adivinhado pelo cabelo."

A bebê de cabelos claros esticou a mão gorducha para Bram, tentando alcançar os botões brilhantes de seu casaco. Susanna também teve vontade de tocar nele. Por impulso, levada por partes iguais de estresse emocional e cansaço dos braços, ela entregou a criança para ele.

"Tome. Por que você não a segura?"

"Eu? Espere. Eu não…"

Mas ela não lhe deu chance de recusar, arrumando Daisy na dobra de seu braço. A bebê, encantada, agarrou um botão e deu um puxão.

"Está vendo? Alguém gostou dos botões." Susanna olhou para Bram. O pobre homem estava duro como pedra, totalmente tomado pelo terror. "Tente manter a calma", provocou ela. "É uma bebê, não uma granada."

"Tenho mais experiência com granadas."

"Você está se saindo muito bem." Largando o botão, Daisy agarrou o polegar de Bram e o apertou com força. "Olhe, ela já está adorando você."

Um caroço cresceu na garganta de Susanna enquanto ela observava Bram segurando o bebê com tanto carinho, e aqueles dedinhos envolvendo firmemente seu polegar.

E ele continuava a torturá-la. Susanna nunca havia pensado muito a respeito, mas agora… ah, como ela queria um filho. Ela adorava a ideia de seus seios e

sua barriga inchados por uma gravidez. Adorava a ideia de ficar acordada à noite, sentindo o bebê chutá-la por dentro. Adorava sonhar como seria a criança, imaginando qual dos pais iria preferir. Ela adorava tudo na ideia de carregar não só um bebê, mas o bebê de Bram.

Porque ela o *amava.*

Ela amava *Bram.* E talvez ele fosse teimoso demais para admitir, mas Bram precisava de seu amor. Ela não podia deixá-lo ir embora.

Ela tinha uma última esperança, imaginava. O vestido. Uma nuvem cor de marfim, ornado com pérolas e brilhantes, que no momento estava pendurado em seu quarto de vestir, no andar de cima. Ela só o tinha vestido uma vez, havia alguns anos, na cidade. Mas quando o experimentou, na semana anterior, o corpete moldou-se às suas formas como uma segunda pele. O decote fazia os seios ficarem altos e cheios, e o espartilho costurado no vestido afinava sua cintura.

Ela andava sonhando com aquela visão tola de si mesma, em que deslizava escadaria abaixo naquele vestido lindo, etéreo, na noite da festa. Em sua imaginação, Bram estava ao pé da escada, olhando para ela com uma mistura de orgulho e assombro, marcada por puro desejo. Apesar de todos os indícios de que ele não era grande coisa como dançarino, o Bram dos seus sonhos tomava sua mão e a conduzia em uma valsa lenta e romântica. E lá no meio do salão, diante de uma multidão de espectadores admirados, ele a girava e parava, confessando então sua adoração eterna por ela.

Era um sonho lindo e bobo.

Mas aquilo tinha sido antes de os dois brigarem na torre. Antes de ele a acusar de ser desconfiada e temerosa. Era difícil imaginar que simplesmente trajar um vestido bonito faria com que ele mudasse de opinião. E se um vestido bonito era tudo de que ela precisava, Susanna não tinha muita certeza se conseguiria manter o respeito por ele.

“Preciso falar com você”, disse ele, em voz baixa. Ele passou os olhos pelo salão cheio de gente. “Em outro lugar. Em particular.”

“Particular?”

As notas de piano de Kate pararam repentinamente, e o coração de Susanna começou a bater em um ritmo mais rápido do que nunca. As paredes começaram a se fechar sobre ela, que sentiu o olhar de cada pessoa naquele salão abarrotado. Susanna olhou em volta, observando suas amigas reunidas, os vizinhos, os criados... Como ela suspeitava, todo mundo os estava observando. Reparando. *Imaginando...*

Bem… que ótimo.

Não só ótimo. *Excelente!* O peso da ansiedade em seu estômago dissolveu-se em bolhas de alegria, que borbulhavam por ela como champanha. De repente, ela soube exatamente o que fazer.

“Dance comigo.”

Bram piscou espantado.

“Quê?”

“Dance comigo”, repetiu ela.

“Dançar com você. Amanhã à noite, no baile dos oficiais?”

“Não”. Ela balançou a cabeça. “Quero dizer aqui. Agora.”

Que tipo de mulher moderna ela seria se não fosse atrás de seu próprio sonho? Talvez fosse hora de ela arrebatá-lo, só para variar. Susanna desamarrou seu avental de trabalho nas costas e o retirou pela cabeça, jogando-o sobre o corrimão e alisando os vincos de seu vestido cor-de-rosa. Não era uma nuvem de seda volumosa, deslumbrante, mas teria que servir.

“Srta. Taylor”, chamou ela, arrumando um cacho solto de cabelo. “Por favor, toque uma valsa para nós.”

Bram jogou o peso de uma perna para outra, olhando para ela com o que parecia ser genuína preocupação.

“Não sou um grande dançarino.”

“Ah, tudo bem. Eu também não sou.” Ela ergueu a pequena Daisy de seus braços e a passou para uma camareira que estava por perto. “Por favor, Srta. Taylor, toque uma valsa lenta.”

“Nunca pratiquei de verdade, mesmo antes disto.” Ele mostrou o joelho machucado.

“Não importa.” Ela pegou suas mãos e o puxou para o centro do salão. “Nós daremos um jeito.”

Espaço foi se abrindo ao redor deles, enquanto os curiosos espectadores iam para as margens da sala. Os dedos talentosos de Kate fizeram surgir no piano os primeiros acordes de uma valsa melódica.

Susanna ficou de frente para ele no meio do salão, ergueu a mão direita de Bram e colocou a outra mão dele em sua cintura.

“Agora, vamos ver. Como isso começa?”

“Assim.” A mão direita dele deslizou, segura e confiante, para o espaço entre as escápulas dela, e uma rápida flexão de seu braço trouxe-a para perto.

Encantada, Susanna prendeu a respiração por um instante.

Bram parecia ter compreendido que possuía duas opções, e fugir àquela

dança não era uma delas. Ele poderia parecer coagido e constrangido na frente de todas aquelas pessoas, ou poderia assumir o controle.

Não foi surpresa que ele escolheu a segunda opção.

“Pronto?”, perguntou Bram.

Ela acenou positivamente com a cabeça.

Com elegância e mancando levemente, ele valsou pelo salão com ela.

E *foi* um sonho que se tornou realidade.

Eles se movimentavam em perfeita harmonia com a música. Susanna suspeitava de que era porque Kate havia colocado uma pausa cadenciada na terceira batida de cada acorde, para encaixar seus passos hesitantes. Ou, talvez fosse a música que os acompanhava, mas foi um momento mágico mesmo assim.

Ele a fez dar uma volta, depois outra. Os babados de sua saia rodopiavam em volta de seus tornozelos, em turbilhões de espuma rosa. E o sol, deslizando lentamente na direção do horizonte, alcançou naquele instante um ponto baixo no céu. Seus raios âmbar raiaram através das janelas que se alinhavam naquela parede. O vidro antigo e curvo absorvia aquela luz gasta pelo dia e a tornava preciosa, pintando a sala e seus ocupantes com um halo cintilante.

Mas ninguém ficou mais iluminado do que Bram. Dedos róseos de luz brilharam através dos pelos finos de sua sobrancelha. A tarde que se derretia deitava como uma placa de ouro em seus ombros. Uma armadura brilhante, reluzente. E ele sustentou lindamente o peso dela, enquanto rodopiava com Susanna pelos tacos de madeira recém-encerados. Ela ouviu mais de uma jovem suspirar, sonhadora.

Aquilo era algo tirado de um conto de fadas.

Bram fitou-a no fundo dos olhos. Faíscas dançavam em suas grandes pupilas escuras.

“Você vai me contar porque estamos fazendo isto?”

Ela anuiu.

“Você tinha razão quando me acusou, outro dia, de ter medo.”

“Eu não deveria ter…”

“Tudo bem. Você tinha razão. Eu *tive* medo. Sabe, eu sempre falei para as mulheres que Spindle Cove era um lugar seguro para elas. Um lugar em que uma mulher podia ser verdadeira e completa, independentemente do que os outros pensem. Mas, nas últimas semanas, esse não foi o caso para mim. Estive escondendo uma parte verdadeira de mim mesma. Essa parte vital, cada vez maior, que guarda todos os meus sentimentos por você. Tenho mantido isso em

segredo de todo mundo, sem coragem de contar para ninguém.”

A música continuou, mas o casal parou de dançar.

“E isso é ridículo, não é? E injusto com nós dois. Quando olhei para você, agora mesmo, eu soube. Eu soube, no meu coração, que não poderia esconder isso por nem mais um minuto. Eu queria dançar com você. Eu queria que todos nos vissem.” Ela engoliu em seco. “Que todos *me* vissem apaixonada por você.”

E apesar de aquele ser seu momento de coragem e sinceridade, ela repentinamente não conseguiu mais sustentar o olhar de Bram. Susanna baixou os olhos para o galão dourado do novo casaco vermelho dele, e ficou passando o dedo pelo ornamento. Mostrando afeto com seu toque.

“Não estou bem certa do que dizer. Não tenho experiência com essas coisas. Eu lhe diria que você é o homem mais corajoso, o melhor que conheço. Mas considerando o pequeno número de homens que conheço, o elogio não parece grande coisa.” Ela finalmente buscou forças em suas reservas e ergueu o rosto para encará-lo. “Então vou lhe dizer apenas que amo você. Eu o amo, Bram. Quero que todos vejam, e quero que você saiba… que agora faz parte deste lugar. Não importa aonde o dever o leve, Spindle Cove sempre vai estar aqui para você. Assim como eu.”

Ele pôs os dois braços ao redor dela, puxando-a contra seu peito.

“Sua mulher linda e ousada.”

Então ele ficou quieto, apenas olhando para ela pelo que pareceram séculos. Nós se multiplicavam no estômago de Susanna a cada segundo que passava.

Ela engoliu em seco.

“Você não tem mais nada para dizer?”, perguntou Susanna.

“‘Aleluia’ é o que me ocorre. Além disso…” Ele fez um carinho no rosto dela. “Será que isso significa que, se eu a pedir em casamento agora, talvez você não faça aquela cara de enterro?”

“Experimente.”

E então um sorriso – grande, infantil, sem pudor – abriu-se no rosto dele. Era um sorriso diferente de todos os outros que ela tinha visto Bram exibir, e que definia o formato da alegria plena. Ela sentiu que refletia aquele sorriso em seu próprio rosto.

Ele colocou um dedo sob o queixo dela.

“Susanna Jane Finch, vo…”

“Susanna Jane Finch. O que está acontecendo aqui?” A voz familiar assustou os dois.

Papai.

Ela dominou o impulso de se esconder, ou de fugir do abraço de Bram. Tarde demais para tudo isso, e não havia necessidade, de qualquer modo. Ela não esconderia de seu próprio pai o que estava tão ansiosa para compartilhar com o mundo.

Ainda sorrindo, ela pegou a mão de Bram na sua e virou-se para encarar o pai.

"Papai, estou tão feliz que o senhor esteja aqui."

Mas a expressão de seu pai não parecia de felicidade. Enquanto se aproximava deles, atravessando o salão em movimentos lentos, compassados, ele parecia, na melhor das hipóteses, desconfiado. Sir Lewis observou as decorações ainda pela metade do aposento, enquanto caminhava. Os empregados de Summerfield colocaram-se em movimento. Em um instante, foi retomada a agitação de móveis mudando de lugar e de enfeites sendo pendurados. Kate voltou a tocar seus acordes.

Susanna mordeu o lábio.

"É o salão, papai? Eu sei que a coisa toda parece um caos no momento, mas espere até amanhã. Tudo vai estar perfeito."

"Não estou preocupado com amanhã." Seus olhos azuis fixaram-se em Bram.

Susanna sentiu, de repente, que devia proteger o homem a seu lado. Ela pegou o braço de Bram.

"Papai, estávamos apenas dançando."

"Apenas dançando?" Sir Lewis arqueou uma sobrancelha.

"Tem razão. Não se trata apenas de dança, é mais do que isso. Sabe, eu e Bram tornamo-nos muito próximos nas últimas semanas, e…" Ela lançou um olhar para Bram. "Eu o amo." Ela ficava muito feliz só de falar aquilo. Ela não queria mais parar. "Eu o amo, papai. De verdade."

Seu pai olhou para o chão e soltou um suspiro longo e calculado. Ela olhou para ele, estranhando a atitude. Como alguém poderia suspirar num momento daqueles?

Então ele ergueu a cabeça, e Susanna sentiu o coração se despedaçar.

Ela acabava de dizer ao pai que estava amando. Pela primeira vez em sua vida, *amando*. E ele se recusava até mesmo a olhar para ela. Pela expressão distante em seu rosto, Susanna percebeu que seu pai iria receber aquela notícia com o mesmo estado de espírito com que recebia todos os outros segredos e confissões de Susanna.

Ele iria ignorá-la. Como se nem mesmo tivesse escutado.

Oh, Deus.

Tinha sido assim, todas as outras vezes? Quando ela acreditava fazer suas confidências para um gênio distraído, na verdade Susanna estava apenas abrindo o coração para alguém que não se importava com ela? A ideia era revoltante. Impensável. Claro que seu pai se importava com ela. Ele tinha salvado sua vida. Tinha aberto mão de muitas coisas para viver em Summerfield.

Bram pigarreou.

"Sir Lewis, é óbvio que precisamos conversar."

"Ah, sim. É claro que precisamos." Seu pai calmamente enfiou a mão no bolso interno do casaco, de onde retirou um envelope. "Eu iria esperar até depois da demonstração militar amanhã, mas acho que agora é o momento ideal."

Bram soltou a mão de Susanna e aceitou o papel dobrado. Ele abriu o envelope e passou os olhos pela carta.

"Maldição. Isto é o que estou pensando?"

"Ordens oficiais", Sir Lewis disse. "Sim. Eu sondei meus amigos no Ministério da Guerra. Fiz sugestões persuasivas. Um navio da Marinha sai de Portsmouth na próxima terça-feira."

"*Terça-feira?*" Susanna ficou sem ar.

A atitude de seu pai era de frieza.

"Você estará nessa embarcação, Rycliff. E voltará a seu regimento em questão de semanas."

"Isso é…" Bram engoliu em seco enquanto olhava para o papel. "Sir Lewis, eu nem sei o que dizer."

Diga não, Susanna quis gritar. *Diga que você não pode partir tão cedo. Diga que vai se casar comigo.*

"Não precisa agradecer." Sir Lewis passou a mão pelo ralo cabelo grisalho. "Vejo isso como uma troca. Se não fosse pela exibição da sua milícia, eu não teria esta chance para demonstrar meu novo canhão."

"Seu novo *canhão*?" Susanna virou-se para Bram, mortificada. Ele deu sua palavra de que não envolveria o pai dela na milícia. Bram não poderia ter mentido para ela.

"Isso mesmo, Susanna", disse seu pai. "O novo canhão. Ele será apresentado amanhã, como parte da demonstração da milícia." Ele olhou para Bram. "Espero que você tenha conseguido colocar esses agricultores na linha. Estou contando com uma exibição impressionante, em troca dos favores que eu tive que pedir." Ele bateu com o dedo na carta que Bram segurava.

"Mas…" Ela balançou a cabeça. Do outro lado do salão, os arpejos de Kate acabaram de derrubar o que restava da compostura de Susanna. "Bram, por

favor, diga-me que não estou entendendo bem isso tudo. Diga-me que você não voltou atrás na sua palavra, que não empregou algum estratagema obscuro para recuperar seu comando.”

“Não é nada disso”, disse ele, com a voz baixa. “Eu posso explicar.”

“Diga-me que posso confiar em você”, exigiu ela, com a emoção tomando conta de sua voz. “Diga-me que você não esteve mentindo para mim o tempo todo. Diga-me que eu não cometi o erro mais infeliz e estúpido da minha vida, ou… ou eu não sei como…” Ela ficou sem voz.

“Susanna”, disse rispidamente seu pai. “Pare de constranger a si mesma. Você sabe que é dada a emoções descabidas. Seja qual for a fantasia sem cabimento que você criou, vai passar. Amanhã não será um dia para seus devaneios de garota. Será um dia de legados; meu e de Bram. Talvez tenhamos exagerado ao atender suas vontades, querida, mas chega um momento em que os homens precisam ser homens. Você não pode ficar nos prendendo.”

Capítulo Vinte e Quatro

Maldito canhão!

Colin lutava com as cordas enquanto içava o canhão para dentro da carroça. Para um protótipo em escala, aquela coisa era inacreditavelmente pesada. O cano era da grossura de sua coxa, feito de bronze sólido.

Ele se endireitou.

"Vocês. Não toquem nisso." De seu posto na boleia da carroça, Colin acenou para os gêmeos Bright afastarem-se de uma pirâmide de caixas cheias de palha. "Deixem isso aí."

"O que tem nessas caixas?", perguntou um dos garotos.

"Fogos de artifício para amanhã à noite. Não toquem neles. Nem mesmo respirem neles. Demorou mais de uma semana para que chegassem da cidade."

"Podemos ajudar você com eles?"

"Não", disse Colin, cerrando os dentes. Aqueles fogos de artifício eram para ser a surpresa que *ele* proporcionaria a todos, sua marca nas festividades do dia. Colin iria produzir a exibição ele mesmo, e o faria muito bem, provando para Bram que podia ser bom em alguma coisa. Colin parecia não conseguir fazer muita coisa certa em sua vida, mas ele tinha um dom para a destruição artística. Existiria tela melhor do que um céu noturno?

Mas primeiro, ele tinha que cuidar da obra-prima de Sir Lewis Finch. O maldito canhão.

Ele agarrou a corda com as duas mãos e se apoiou em seus calcanhares, puxando com toda sua força. Ser responsável pela artilharia pareceu-lhe uma tarefa adequada, até Colin perceber quanto peso teria que carregar. Durante todo o dia, ele havia corrido de um lado para outro, levando pólvora para as mulheres e depois os cartuchos prontos até o paiol, contrabandeando fogos de artifício até Summerfield e agora tinha que transportar o protótipo de Sir Lewis até o castelo.

Carregar aquela coisa na carroça estava demorando mais do que ele havia planejado. Colin corria contra a noite.

“O que tem aqui?”, perguntou um dos gêmeos.

Com o canto do olho, Colin viu Finn afastar a palha de cima de um rojão. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, o garoto puxou o cordão. O dispositivo explodiu com um estalo alto e uma coluna de fumaça.

“Legal”, disse Rufus, sorridente. “Tente outro.”

“Eu falei para vocês caírem fora”, ralhou Colin. Ele se levantou a tempo de ver Jantar sair correndo com um balido assustado. O cordeiro apavorado passou por baixo da cerca que delimitava os jardins de Summerfield.

“Vejam só o que vocês fizeram. Assustaram a maldita ovelha. Vocês sabem como Rycliff gosta dessa coisa.”

“Devemos ir pegá-lo?”

“Não, eu tenho que fazer isso. Agora ele está com medo de vocês.” Colin saltou da carroça. Ele bateu as mãos para se livrar dos fiapos de corda e enxugou a transpiração da testa com a manga.

Passando por cima da cerca, ele entrou na horta da casa, onde eram cultivados os vegetais e temperos usados na cozinha. Colin viu o cordeiro correr por entre duas fileiras de nabos e passar por baixo de outra cerca, entrando em um terreno preparado para cultivo, nos limites do pasto.

“Jantar”, ele gritou, entrando na campina, atrás do cordeiro. “Jantar, volte aqui.”

Quando chegou no meio do pasto, Colin parou para tomar fôlego e examinar a área, em busca de tufos de algodão que pudessem indicar o caminho do animal. Quando não conseguiu encontrar o cordeiro, ele fez um cone com as mãos ao redor da boca e tentou novamente:

“*Jantar!*”

Dessa vez, seu chamado mereceu uma resposta. Diversas respostas. Na verdade, o solo começou a tremer com uma resposta animal coletiva. Ele viu diversas formas grandes e escuras correndo na direção dele no lusco-fusco. Ele piscou, tentando entender o que via. Não eram ovelhas. Não, eram…

Vacas! Vacas grandes. Incrivelmente rápidas e ameaçadoras. Um pequeno rebanho delas, todas trotando diretamente em sua direção, no centro do pasto.

Colin deu alguns passos para trás.

“Esperem”, disse ele, erguendo as mãos. “Não estava falando com vocês.”

Os animais, aparentemente, não deram ouvidos a seus argumentos. O que era estranho, porque tinham orelhas tão grandes? Ou eram… chifres!?

Ele se virou e disparou na direção da cerca.

Maldito idiota, Colin xingou a si mesmo enquanto sacudia braços e pernas, correndo o mais rápido que podia pelo campo sulcado. *Tolo sem cabeça*. Que tipo de imbecil entra em um pasto e grita "Jantar" com toda a força?

Um que saía de Londres pela primeira vez em uma década.

"Eu odeio o campo", murmurou ele, enquanto corria. "Odeio. Eu odeio essa droga com todas as minhas forças."

Em sua pressa, ele escolheu uma rota de fuga diferente daquela pela qual havia entrado no terreno. Em vez de chegar à cerca de madeira, Colin correu na direção de uma cerca-viva. Com espinhos.

"Odeio", disse ele, enquanto abria caminho em meio aos galhos e espinhos. "Terra repugnante, miserável, fedida. Bah."

Colin emergiu do outro lado da cerca-viva, nos jardins de Summerfield, a parte bonita, dessa vez. Ele estava arranhado, mas por sorte não havia sido pisoteado. Ele ficou olhando para a cerca-viva por um instante, enquanto tirava espinhos da roupa e amaldiçoava a vida no campo.

Então algo chamou sua atenção. Uma leve pancada na cabeça.

Ele se virou, agitando às cegas uma das mãos.

O próximo golpe o atingiu em cheio no rosto. Uma pontada de dor esquentou sua face já machucada.

Bom Deus, o que era *aquilo*? As Sete Pragas de Colin Sandhurst, comprimidas no espaço de uma hora?

Ele ergueu as mãos para se defender e evitou os golpes incessantes.

"Seu vilão", acusou uma voz feminina. *Blam*. "Seu vira-lata traiçoeiro."

Colin baixou as mãos para ver se conseguia identificar seu agressor. Era a irmã do meio das garotas Highwood. A de cabelo escuro. O nome era Miriam? Melissa?

Fosse quem fosse, ela estava batendo nele. Repetidamente. Com uma luva.

"O que diabos você está fazendo?", ele evitou outro golpe, entrando nos jardins. Tropeçou em um canteiro de margaridas e evitou, por pouco, uma colisão com a roseira.

A garota foi atrás dele, ainda agitando a luva.

"Eu quero um duelo."

"Um duelo?"

"Eu sei tudo sobre você e a Sra. Lange, seu… seu animal…" Aparentemente, faltando-lhe coragem ou imaginação para completar o insulto, ela continuou. "Nunca gostei de você, quero que saiba disso. Sempre soube que você era um

salafrário inútil, mas agora minhas irmãs e minha mãe vão sofrer a dor da descoberta. Você irá decepcioná-las.”

Ah. Então era disso de que se tratava. Ele estava sendo obrigado a responder por… por o quê, mesmo? Flertar?

“Diana não tem pai nem irmãos para defender sua honra. Esse dever cabe a mim.” Ela bateu mais uma vez no rosto dele. “Indique seus padrinhos.”

“Bom Deus. Quer parar com a luva?” Ele a arrancou da mão da garota e a jogou nas roseiras espinhosas. “Não vou aceitar seu desafio. Não haverá duelo.”

“Por que não? Porque sou mulher?”

“Não, porque eu vi como vocês, solteiras, sabem manejar uma arma de fogo. Você me mataria sem que eu tivesse chance.” Colin apertou a ponta do nariz. “Escute, acalme-se. Eu não toquei em sua irmã. Pelo menos não de alguma forma imprópria.”

“Talvez você não a tenha tocado impropriamente, mas a enganou impropriamente.”

“Enganei? Talvez eu tenha dançado e flertado com ela um pouco, mas flertei com todas as jovens da vila.”

“Não *todas* as jovens.”

Ele parou, atordoado. Enquanto a encarava, Colin sentiu um sorriso querendo surgir em seu rosto.

“Então você está com inveja.”

“Não seja ridículo”, respondeu ela, rápido demais para ser sincera.

“Você está.” Ele abanou um dedo na direção dela, já não mais na defensiva. “Você está com inveja. Eu flertei com todas as jovens da vila menos você, que ficou com inveja.”

“Não estou com inveja, é só que…” Ela fez um gesto de frustração. “Eu quero machucá-lo. Da mesma forma que você machucou minha irmã.”

Da forma como Colin *a* havia machucado? Se Diana Highwood tivesse sofrido um segundo de dor por conta dele, Colin engoliria um tamanco chinês, mas aquela garota… ela estava magoada.

Bem, como exatamente aquela jovem esperava que Colin flertasse com ela? Cantadas como “rio de seda” e “diamantes brilhantes” nunca funcionaria com uma mulher daquelas. Ela era inteligente demais para isso. Além do que, tais comparações seriam terrivelmente imprecisas. O cabelo dela em nada se parecia com seda, e seus olhos escuros nem de longe lembravam diamantes.

Vidro vulcânico resfriado, talvez.

“Escute”, disse ele em tom conciliador. “Não é nada disso, Melinda. Até que

você é uma garota bonitinha.”

“Bonitinha?!” Ela revirou os olhos e soltou uma exclamação de pouco caso. “*Até que eu sou bonitinha*! Que tipo de elogio é esse? E meu nome não é Melinda.”

“Não, não ‘até que bonitinha’”, disse ele, inclinando a cabeça para observá-la melhor. “Bonita de verdade. Se você…”

“Não diga isso. Todo mundo diz.”

“O que todo mundo diz?”

Ela falou em voz estridente, como se imitasse alguém:

“Se você tirasse os óculos ficaria linda.”

“Eu não ia falar isso”, mentiu ele. “Por que eu diria isso? Que coisa totalmente idiota de se dizer.”

“Eu sei que você está mentindo. Você mente com a mesma facilidade que respira. Mas meus sentimentos não são o problema aqui. O problema é você usar Diana de forma cruel.”

“Garanto a você que não estou nem perto de usar sua irmã, seja com crueldade ou não. Peço desculpas por toda aquela confusão na casa de chá.”

“Ah, sim. Você se desculpou direitinho. Você fez com que todos acreditassem que é decente. Que liga para os outros. E então ficou com uma *mulher casada*.”

Colin massageou a nuca. Ele realmente não tinha tempo para aquilo. Ele precisava preparar os fogos de artifício, montar o canhão e pegar a ovelha.

“Eu não sei o que você espera conseguir com esta conversa, mas vou lhe adiantar: não irei propor casamento. Não para a sua irmã, nem para ninguém.”

“Rá. Eu nunca permitiria que você se casasse com ela.”

“Então o que você quer de mim?”

“Eu quero justiça! Eu quero que você seja responsável por suas ações, em vez de sempre se safar com algumas palavras bonitas.”

Está vendo? Colin queria dizer. É por isso que eu evito você. Era como se aqueles óculos lhe dessem o poder de vê-lo por dentro.

“Você está começando a se parecer com meu primo”, disse Colin. “Espero que você não esteja planejando fazer comigo o que fez com ele.”

Ela ficou encarando Colin por alguns instantes.

“Que ideia excelente.” Com um movimento rápido e amplo do braço, ela puxou sua bolsinha e a fez voar.

Colin esquivou-se a tempo de aparar o golpe com o ombro, em vez de com a cabeça. Ainda assim, a bolsa de veludo o atingiu com força surpreendente. A dor

explodiu em seu ombro.

“Que porcaria você tem nessa coisa? Pedras?”

“E o que mais?”

Verdade, tinha algo mais ali dentro. Como ele poderia ter esquecido da ridícula obsessão que aquela garota tinha por geologia? Serpente traiçoeira.

“Escute, Marissa…”

“Meu nome é *Minerva*.” Ela ergueu a mão para golpeá-lo novamente com a bolsa cheia de pedras.

Dessa vez Colin estava pronto. Em um movimento rápido como um raio, ele a pegou pelo punho, a virou de costas e a puxou para si. A coluna de Minerva foi pressionada contra seu peito, e Colin envolveu a cintura dela com seu braço.

Os óculos dela caíram de seu rosto na grama.

Minerva se debateu.

“Solte-me.”

“Ainda não. Você vai pisar nos óculos, se não parar de se debater.”

Colin não tinha certeza de que queria que ela parasse de se debater. De onde ele estava, um ponto de vista superior com visão para dentro do corpete dela, parecia que todo aquele esforço fazia maravilhas pelos seios dela. Nada de alabastro frio e perfeito ali. Apenas pele feminina e quente. E embora ela fosse visualmente atraente, a sensação de *tocá-la* era ainda melhor. Tão brava e viva.

“Quieta.” Ele pressionou seus lábios perto da orelha dela. O cabelo cheirava a jasmim. O aroma entrou rodopiando em sua cabeça, embotando seus pensamentos. “Fique calma”, disse Colin.

Fique calmo, ele disse para si mesmo.

“Não quero ficar calma. Eu quero um duelo.” Ela se contorceu nos braços dele e o desejo começou a pulsar em Colin, tão violento quanto assustador. “Eu exijo satisfações.”

Sim, ele pensou. Aquela era uma mulher que *exigiria* satisfação. Na vida, no amor... Na cama... Ela exigiria honestidade, comprometimento e fidelidade, e todos os tipos de coisa que ele não estava disposto a dar.

E essa foi a desculpa de que ele precisava para soltá-la.

“Não se mexa, ou você irá esmagá-los.” Colin se inclinou para pegar os óculos com aro de metal em um monte de hera, onde tinham caído. Depois de limpá-los, tirando terra e musgo, ele os segurou contra o luar para procurar arranhões.

“Eles não quebraram, não é?”

“Não.”

Ela investiu contra Colin para pegar os óculos, mas ele os puxou para trás. Ela perdeu o equilíbrio e caiu para frente, colidindo contra o peito dele. Quando olhou para cima, piscando forte em uma tentativa de clarear a vista, seus cílios bateram como leques emplumados. Ela esticou a língua para umedecer os lábios.

Bom Deus... Para uma intelectual reprimida, até que Minerva tinha lábios bem ardentes. Suculentos, carnudos, de um vermelho profundo nas bordas. Como duas fatias de uma ameixa doce e madura. Colin ficou com água na boca.

Ela se encostou nele, as faces coradas. Como se Minerva *quisesse* ser beijada. Mais do que isso, como se ela *o* quisesse. Cada parte incorrigível, defeituosa, dissoluta.

Aquilo não estava certo.

“Você sabe, eles têm razão”, disse Colin. “Você fica diferente sem seus óculos.”

“Sério?”

“Sério. Você fica vesga. E confusa...” Ele recolocou os óculos na ponta do nariz dela, prendendo o aro atrás de suas orelhas. Então ele pôs o dedo sob seu queixo, inclinando o rosto dela para avaliá-lo.

“Pronto, assim está melhor.”

Ela piscou para ele através dos discos de vidro, seu olhar assumindo aquele conhecido ar de desconfiança.

“Você é um homem horrível. Eu desprezo você.”

“Isso mesmo, menina.” E só porque ele sabia que isso a constrangeria, ele pôs a ponta de seu dedo no nariz dela. “Agora você está enxergando bem.”

Capítulo Vinte e Cinco

Bram olhou para a carta em sua mão. Aquele pedaço de papel lhe restituía seu comando. Fazia meses que isso era tudo o que ele queria. Ele trabalhou incansavelmente para recuperar sua força, buscou esse objetivo com uma determinação ímpar. Ele não sonhava que qualquer outra coisa pudesse torná-lo mais feliz do que o pedaço de papel que então segurava.

E que ele queria jogar no fogo.

E logo depois atirar Sir Lewis Finch na mesma fogueira.

"Não consigo acreditar nisso. Oh, meu Deus." Susanna cobriu a boca com a mão e soluçou, depois saiu correndo do salão antes que Bram pudesse detê-la.

"Susanna, espere." Bram saiu em seu encalço.

Mas Sir Lewis colocou um braço à frente de seu peito, impedindo-o.

"Deixe-a ir. Ela sempre fica assim. Todas as mulheres ficam. Descobri que ela sempre resolve essas coisas por conta própria, com o devido tempo. Apenas dê-lhe um pouco de espaço."

Soltando fogo pelas ventas, Bram encarou o homem.

"Ah, é mesmo. Da mesma maneira que o senhor lhe deu espaço, quando ela estava abalada pela morte da mãe? Enviando-a para aquela tortura abominável em Norfolk?" Com o dedo curvado, ele bateu no envelope que continha suas ordens. "Há quanto tempo está com isto, Sir Lewis? Dias? Semanas? Talvez desde antes de eu chegar a Spindle Cove? Obviamente não havia nenhuma necessidade de uma exibição militar aqui. O Duque de Tunbridge realmente lhe pediu para organizar uma milícia aqui, ou isso também é mentira? Eu sempre soube que o senhor era um inventor brilhante, mas talvez devesse se arriscar na espionagem."

O velho ficou ofendido.

"Eu sou um patriota, seu cachorro ingrato. Amanhã, diante de uma plateia de

duques e generais, vou apresentar a arma que poderá salvar a vida de muitos dos seus soldados. E qual o problema se cometi algum exagero inofensivo? Você conseguiu o que queria, não foi?”

“Está se referindo a isto?” Bram chacoalhou o envelope diante dele. Depois engrossou a voz, produzindo um rugido: “Este pedaço de papel tem exatamente um valor agora, uma qualidade que me faz amassá-lo com o pé”.

“Oh? E qual é?”

“Ele me deixa à vontade para dizer isto: vá para o inferno.”

Bram deixou o velho vociferando e correu pelo mesmo caminho escolhido por Susanna quando ela saiu do salão. Quando chegou ao fim do corredor, uma porta aberta para o jardim chamou sua atenção. Bram a atravessou correndo.

E quase colidiu com uma estupefata Minerva Highwood.

“Segure o porrete”, disse ele, levantando as mãos. “Susanna passou por aqui?”

A garota de óculos olhou por cima do ombro.

“Eu não…”

“Obrigado.” Bram não esperou pelo resto da resposta. Ele simplesmente seguiu a direção que ela indicou com o olhar, um caminho de pedra que desaparecia depois de uma cerca viva alta e bem-cuidada. Quando ele a contornou, vislumbrou o cabelo inconfundível de Susanna, quando a moça passou em disparada através de um arco distante.

“Susanna!”

Ela hesitou, mas não parou. Susanna entrou em um jardim quadrado delimitado por sebes por todos os lados, com treliças em todos os cantos. Bram a seguiu e fechou o portão atrás de si.

Susanna ouviu o clique do fecho e se virou, sabendo que estava encurralada. Os olhos dela estavam arregalados de medo e de incredulidade. É claro que ela estava aterrorizada. Seu amado pai – seu genitor e único protetor por tantos anos – acabava de se revelar um maldito ambicioso, egoísta e insensível.

“Escute”, disse Bram, erguendo as mãos para sinalizar paz. “Susanna, amor. Eu sei como você deve estar chateada, agora.”

“Você não faz ideia.” Ela balançou a cabeça. “Não faz ideia.” Ela fechou as mãos em punhos, que depois apertou contra a barriga, como se tivesse medo de que se lançassem contra Bram.

“Ajudaria se você batesse em algo? Pode bater em mim.” Aproximando-se dela, ele baixou os braços ao lado das pernas. “Tudo bem, amor. Dê o seu melhor.”

Nem bem as palavras passaram por seus lábios e o soco dela atingiu sua barriga como uma marreta. Uma marreta com articulações pontudas. O golpe o atingiu antes que ele pudesse se preparar, tensionando os músculos do abdome para se defender.

"Aff!" Ele levou a mão à barriga, dobrando-se. "Pelo amor de Deus, Susanna."

"Foi você que pediu!", ela exclamou, defensiva, aninhando a mão que o havia socado junto ao peito e massageando as juntas. "Você me disse para eu dar meu melhor."

"Eu sei, eu sei." Ele se endireitou, afastando a dor com um suspiro profundo. "É só que… seu melhor foi pior do que eu esperava."

"A esta altura você já deveria saber que sou cheia de surpresas." Ela terminou de falar com um soluço profundo e afastou o braço, preparando mais um golpe.

Dessa vez Bram o interceptou, agarrando facilmente o punho dela.

"Espere um pouco."

"Não vou esperar nada." Ela chutou a canela de Bram. A canela boa, por sorte. "Você estragou *tudo*. Estou furiosa com você."

"*Comigo*?" Ele se afastou, surpreso. Depois do modo insensível e nojento com que Sir Lewis acabava de tratá-la em casa, Susanna estava furiosa com *ele*?

"Como você pode fazer isso comigo? Você me deu sua palavra. Você prometeu que não envolveria meu pai em nada disso."

"Eu não achei que o estava envolvendo, não do jeito que você está falando. Eu só concordei em demonstrar a nova invenção dele. Não é como se eu o tivesse colocado de uniforme."

"Mas você não vê que isso é muito pior?"

"Não. Não consigo ver." Ele pôs as mãos nos ombros dela e tentou acalmá-la com um carinho rápido. "Susanna, eu nunca quis enganar você, juro. E apesar do que penso de seu pai agora… até eu tenho que admitir, esse canhão é uma ideia brilhante. Ele tem que ser apresentado."

"O canhão é uma *ideia* brilhante, mas na prática não funciona. Você sabe quantos protótipos ele já fez? Quantos quase-desastres evitamos? O último explodiu, Bram. Praticamente no rosto dele. Papai sofreu um leve ataque do coração, ficou de cama por semanas. Ele me prometeu que interromperia as experiências, que enviaria seus projetos para que colegas os testassem." Ela levou as costas da mão à boca. "Ele me prometeu."

"Bem, ele quebrou a promessa. Para nós dois." Ele olhou enviesado para o

bolso de seu colete, onde tinha enfiado o envelope. “Ele poderia ter me dado esse envelope semanas atrás, não percebe? Mas decidiu me usar enquanto podia. Esse evento para o qual estamos trabalhando tanto não tem nada a ver com o Duque de Tunbridge nem com a defesa da enseada. Tudo está relacionado ao gosto de seu pai pela glória. Todo o resto é apenas uma abertura para o espetáculo principal, o canhão novo. Ele manipulou nós dois. Não apenas nós, mas toda a maldita vila. Pelo bem de seu orgulho, ele pôs todo seu trabalho, todas as suas amigas em risco.”

Ela fechou os olhos bem apertados e cobriu as orelhas com as mãos.

“Pare! Pare de falar. Não quero ouvir mais nada. Pare.”

Bram sabia que a raiva de Susanna não era direcionada a ele. A traição e a devastação que ela sentia eram totalmente relacionadas a seu pai. Aquele sentimento conhecido de impotência desceu sobre Bram, quando ele percebeu que não podia fazer nada para alterar o passado. Ele não poderia consertar isso para ela.

Mas Bram poderia ficar ali, com ela. Ele poderia ouvi-la e abraçá-la.

E foi o que ele fez. Bram envolveu-a com seus braços e a apertou junto ao peito. Susanna deitou a cabeça no ombro dele e chorou. Ele a manteve assim por vários minutos, murmurando palavras de conforto em sua orelha. Compartilhando com ela o calor e a força de seu corpo, até que os tremores cessaram.

Quando afinal ela ergueu a cabeça e inspirou profunda e tremulamente, Bram conduziu-a até uma das pérgulas no canto.

“Venha, vamos sentar.”

“Sinto muito. Seu joelho.”

“Não, não. Não é isso.” Bram a puxou para sentar com ele. O banco da pérgula era pequeno e só podia acomodar os dois com ela quase sentando no colo dele. Bram passou um braço pela cintura dela. As pernas esguias de Susanna enroscaram nas botas altas de Bram, e uma de suas sapatilhas caiu na grama.

“Pegue.” Com sua mão livre, Bram tirou o frasco do bolso. Ele desenroscou a tampa com os dentes e então a cuspiu de lado. “Tome um gole disto. Vai ajudar.”

Ele levou o frasco até os lábios trêmulos dela, e Susanna tomou um bom gole. Imediatamente, ela teve um violento acesso de tosse.

“Desculpe”, disse ele, batendo em suas costas. “Você é tão proficiente em tiro ao alvo, latim e tudo o mais, que pensei já dominasse todos os hábitos

masculinos.”

Ela pigarreou e abriu um sorriso torto.

“Este é um que ainda não tentei. Quanto aos outros… eu só queria algo em comum com meu pai.”

“Eu sei, querida. Eu sei muito bem.” Ele afastou uma mecha de cabelo que tinha caído no rosto dela. “Foi a mesma coisa comigo.”

Susanna passou as mãos pelo rosto.

“Ele me *prometeu*, Bram. Ele me prometeu tantas coisas, e fui uma tola de acreditar. Ele me disse que cuidaria de si mesmo, que não me causaria mais tantas preocupações. E agora essa história do canhão.” Uma risada amarga veio em meio às lágrimas. “Ele me disse certa vez, há muito tempo, que o castelo Rycliff era meu. Você sabia disso? Meu prêmio pela recuperação. Ele me encorajou a guardar ali todos os meus sonhos e esperanças, e então…” Ela pegou a garrafinha e tomou outro gole de uísque, sorvendo a bebida com uma careta. “E então, certa tarde, ele simplesmente o deu” – seus olhos lacrimosos encontraram os dele – “para você.”

“Eu não sabia. Sinto muito.”

“Não é nada. Bobagens de uma garota, mas parece que eu sou uma garota boba.” Ela fungou e descansou a cabeça no peito de Bram. “Ele prometeu que eu ficaria em segurança, naquele verão em Norfolk. Que a temporada que eu passaria ali seria…” A voz dela falhou. “Seria *boa* para mim. Agora eu sei, ele só me queria fora do caminho. Você o ouviu dizer que estou sempre exagerando, segurando-o. Naquele verão eu devo ter sido difícil demais para ser ignorada.”

“Calma, amor. Calma.” Ele colou um beijo em sua cabeça. “Não fique tão agitada.”

Susanna segurou a lapela de Bram.

“E tudo isso poderia ser de algum modo suportável se eu tivesse você. Mas agora você vai embora. *Terça-feira.* Não sei como vou sobreviver. Eu amo tanto você.”

Só por isso o coração de Bram dançou uma valsa alegre em seu peito.

Ela o amava.

Ela havia dito o mesmo dentro de casa. Quatro vezes, se Bram lembrava corretamente, mas com cada repetição ela punha mais alegria em cima de alegria. Naquele momento, ele chafurdava em alegria.

“Por favor, não vá”, sussurrou ela, agarrando seu casaco. “Não me deixe.”

Os olhos dela estavam carregados de uma incerteza dilacerante. Como se ele fosse o segundo homem a destruir sua confiança no mesmo dia. Ele não sabia

que palavras poderia usar que a convencessem do contrário, então respondeu com um beijo. Ele baixou os lábios até os dela, com a intenção de lhe dar um beijo curto e casto.

Mas ela pensou diferente.

Susanna abriu os lábios, convidativos e suculentos, ao encontrar os dele. Atraindo-o para si. Recebendo-o em seu lar.

Deus. Sim. Aquele primeiro sabor de Susanna, após longos dias de separação, enviou relâmpagos através de seu corpo. Um gemido baixo rugiu em sua garganta.

Eles se beijaram, famintos, trocando toques curtos e passadas profundas de língua. Susanna ficou viva nos braços de Bram, tomada por uma espécie de frenesi sensual. Ela agarrou os ombros dele. Afastou o casaco de Bram para esfregar seus seios contra o peito, através da fina camada de algodão de sua camisa. Susanna enfiou seus dedos no cabelo espesso e retorceu-se no colo dele, aprofundando ainda mais o beijo.

Talvez fosse aquele pequeno gole de uísque, mas, em nenhum dos encontros anteriores, Bram viu tanta agressividade nela. Suas mãos estavam corajosas. Seus lábios e sua língua faziam exigências.

Bram descobriu que gostava daquilo. Ele gostava muito.

“Não me deixe”, ela pediu, beijando o pescoço dele. “Mantenha-me perto e apertada. Prometa que nunca vai me soltar.”

“Nunca.” Ele deslizou a mão por baixo do traseiro dela e puxou, trazendo-a mais para o alto em seu colo. Mas não era o bastante. Com a outra mão, ele pegou e levantou as dobras da saia de Susanna. Estas farfalharam sensualmente quando ela se pôs de joelho para em seguida ficar a cavalo sobre Bram no banco.

Ele deslizou a mão por sua coxa. Ela estava nua por baixo das anáguas. Nua e molhada para ele. Seus gemidos se misturaram enquanto ele explorava a fenda úmida de Susanna com os dedos, encontrando e acariciando sua pérola intumescida. O perfume de sua feminilidade se misturou ao aroma das rosas, enchendo o ar com uma fragrância excitante e inebriante.

A mão dela correu para os fechos da calça de Bram. Ela ajeitou o corpo, dando-se espaço para abrir os botões. A mudança de posição enfiou seu busto no rosto dele. Inclinando a cabeça, ele aninhou o nariz entre as almofadas macias dos seios dela, avidamente enfiando a língua no vale cheiroso entre eles.

Enquanto ele beijava e lambia aquelas curvas deliciosas, um lamento carente escapou da garganta dela.

“Eu preciso de você”, disse ela, passando a mão pela abertura desabotoada

para tocar a carne excitada de Bram. “Eu preciso de você agora.”

Ela não precisou pedir duas vezes. Ele fez o membro passar pelas camadas de tecido, posicionando a cabeça ávida e inchada na entrada da felicidade.

Ela baixou o corpo uma fração de centímetro, então se afastou – seu calor úmido dançando sobre a coroa da ereção de Bram. Ele pensou que enlouqueceria, mas se forçou a ser paciente mais um pouco, afastando sua cabeça para poder admirar Susanna. As mechas e os cachos dos cabelos de bronze derretido caíam soltos em volta dos ombros pálidos dela. Aqueles lábios carnudos, cor de morango, inchados por seus beijos. O rubor de paixão em seu rosto. Tão linda, que fez o coração dele apertar.

Bram guiou os quadris de Susanna até ela ficar no lugar certo. Depois ele a ajudou a sentar lentamente. Centímetro delicioso por centímetro delicioso. Até que uma felicidade fluida o envolveu, totalmente até a raiz.

Eles ficaram assim muito tempo, ofegantes, resistindo ao desejo de se moverem.

Quando esse desejo se tornou imperativo, ela mexeu os quadris. Lentamente a princípio, mas rapidamente acelerando até um ritmo ágil, urgente. Ele a ajudava com as mãos, agarrando firmemente seus quadris e a levantando, depois baixando… deslizando Susanna por sua extensão rígida várias vezes seguidas. Mais rápido, com mais força. Até que seus corpos começassem a se encontrar com baques eróticos de pele contra pele.

Ela repousou a testa no ombro dele. Bram podia dizer, pelos gemidos perdidos que saíam da garganta dela, que Susanna estava chegando ao limite. Ele próprio pendurava-se no precipício, segurando-se com seus dentes cerrados. O prazer subia e descia por sua coluna, desesperado por um alívio.

Segure-se, Bram disse a si mesmo. *Só mais um minuto.*

Ele precisava sentir o corpo dela convulsionar à volta dele, ouvir os gritos que ela produziria quando o prazer chegasse. Seu prazer não faria sentido sem o dela.

Sabendo muito bem que isso acabaria com o que restava de seu autocontrole, Bram arqueou os quadris para penetrá-la mais profundamente e apressou suas investidas. A respiração dela ficou quente e rápida contra sua orelha. As unhas dela entraram na carne macia da nuca de Bram, e seus seios galoparam contra o peito dele. Ele estava perdendo a batalha contra o controle, afundando em velocidade máxima no que, ele tinha certeza, seria o prazer mais devastador de sua vida.

“Amor, não consigo segurar mais.”

“Fique”, disse ela. “Fique comigo.”

“Goze”, disse ele entre os dentes cerrados. “Goze comigo.”

Eles ficaram juntos e gozaram juntos. Arqueando, arfando, agarrando um ao outro com força. Com a primeira contração deliciosa e apertada de seu clímax, Susanna o jogou no precipício do êxtase. De algum modo, ela encontrou a boca de Bram com a sua, e juntos engoliram os gritos de paixão um do outro. Bram pensou que iria sair de sua própria pele, tal era sua euforia. O prazer cego de seu clímax só foi ofuscado pela alegria de enchê-la com sua semente.

Agora ela era sua, para sempre. E ele era dela, de corpo e alma.

Eles eram um só.

“Fique”, murmurou ela, inclinando-se para frente e descansando sua testa suada no queixo dele. “Fique comigo.”

Bram sentiu o coração apertar. Ele não a deixaria, nunca, mas agora ele tinha ordens, e ela precisava ir embora daquele lugar.

“Venha”, disse ele. “Venha comigo.”

Ela emitiu um som de incredulidade.

“Estou falando muito sério. Não vai ser uma viagem de férias, mas tenho passagem garantida para o continente na semana que vem. Venha comigo. Como minha esposa.”

Ela franziu a testa.

“Mas… eu pensei que você acreditava que não havia lugar para mulheres em campanhas militares.”

Ele se esforçou para dominar o surto instintivo de preocupação.

“Para a maioria, não há mesmo, mas você é mais forte do que a maioria. Você sabe como cuidar de si mesma. Vamos partir de Portsmouth, e o capitão pode nos casar a bordo. Passaremos nossa lua de mel em Portugal.” Ele subiu os dedos pela coluna dela e os enroscou em seu cabelo. “É um lugar lindo, Susanna. Vinhedos e oliveiras. Um oceano quente e azul. Bosques de cítricos, carregados de frutas. Imagine só, andar com limões e laranjas pelas canelas. O aroma fica em você por dias.” Ele passou o nariz no pescoço dela. “Podemos alugar uma vila junto ao mar. Vamos fazer amor na areia da praia.”

“Eu estava pensando que seria bom fazer amor na cama, só para variar.”

“Vou comprar a melhor cama que você possa imaginar. Com um colchão de um metro de altura. Lençóis de seda e os travesseiros mais macios.”

“Parece fantástico, mas…”

“Mas nada. Apenas diga sim.”

Ela se levantou de sua ereção descendente e se ajeitou no colo de Bram.

Susanna apertou os lábios entre os dentes e seus olhos ficaram tristes. Talvez ele a estivesse forçando demais, rápido demais. Ele se ocupou de fechar sua calça, enquanto lhe dava tempo para refletir.

“Eu sei que este dia foi devastador para você, que está se sentindo confusa, oprimida, traída. Mas eu estou aqui para lhe dizer que, neste exato momento, você só precisa tomar uma decisão. E esta é confiar em mim. Confiar que eu vou cuidar da sua felicidade, Susanna. Eu juro, não irei decepcioná-la.”

“Eu confio em você. Eu confiaria minha vida a você, mas pense na vila, Bram. Em todas as jovens.”

Ele pegou o rosto dela nas mãos, forçando-a a sustentar seu olhar.

“Pense em *você*. Inteligente, linda, admirável. Você faz grandes coisas aqui em Spindle Cove, mas eu sei que é capaz de muito mais. Deixe-me mostrar o mundo para você, Susanna. Mais do que isso, deixe-me mostrar *você* para o mundo. Não deixe o medo segurá-la.”

“Não consigo evitar sentir um pouco de medo. Você está me pedindo para deixar para trás tudo e todos que eu conheço, e nem disse…” Ela ficou em silêncio.

Ah. Então esse era o problema. Ela queria ouvir o que ele sentia. Bram devia ter imaginado. Dar nome às emoções não tinha sido sempre a questão central com ela?

Naquele momento, o ar tremeu com a força de uma explosão distante. Com um grito de surpresa, ela se aninhou na proteção do casaco de Bram. Acima deles, o céu explodiu em riscos dourados e brilhantes.

“Eu estou alucinando ou são fogos de artifício?” Ela olhou para cima, admirada.”

Bram praguejou, divertindo-se.

“Isso só pode ser coisa do Colin.”

Outro foguete subiu assobiando ao céu e explodiu em fagulhas prateadas. O coração de Bram ficou aceso como uma vela. Aquilo estava igual ao dia em que se conheceram. Susanna em seus braços, quente e macia. O lugar perfeito para aterrissar. E ela confiava nele para cuidar dela e protegê-la, enquanto o mundo explodia ao redor deles.

Ele virou o rosto dela para encará-lo. As pupilas de Susanna brilharam ao refletir os fogos no céu, mas mesmo aqueles reflexos cintilantes não conseguiam ofuscar a emoção nos olhos dela.

Era ridículo como ele se sentia nervoso. Bram era um homem grande e forte. Tudo que ela estava lhe pedindo eram três palavrinhas. Mas, de algum modo,

parecia mais fácil mudar toda sua vida em torno daquele sentimento do que dizê-lo em voz alta. E se ele dissesse as palavras, mas elas não fossem suficientes?

Ele molhou os lábios e buscou suas reservas de coragem.

"Linda Susanna. Eu… Deus, como eu…"

Bum.

Suas palavras foram roubadas por uma nova explosão – mais alta, chacoalhando a terra, de estremecer os ossos.

Depois disso, tudo que eles ouviram foram gritos.

Capítulo Vinte e Seis

“Oh, Deus.” O coração de Susanna falhou. “O que aconteceu?”

Havia muito barulho e ela não conseguia entender nada. Um zunido alto ocupava suas orelhas. O sangue tamborilava em seu peito. Vozes frenéticas elevavam-se em gritos indecifráveis. Cavalos relinchavam. As solas de suas sapatilhas batiam na trilha de terra compactada.

Ela estava correndo. Quando ela havia começado a correr?

Bram a acompanhava, andando a passos largos. A mão dele estava na base de sua coluna, dando-lhe equilíbrio. Empurrando-a para frente. Eles viraram a esquina e se juntaram à multidão de gente que corria na direção dos estábulos.

Havia sangue. Em grande quantidade. Ela sentiu o cheiro antes de ver a mancha vermelha no chão coberto de palha. O odor pungente serviu como antídoto ao pânico que se aproximava. Ela não podia perder a cabeça. Alguém estava ferido, e ela tinha trabalho a fazer.

“Quem se machucou?”, perguntou Susanna, empurrando para o lado Sally, que chorava, e abrindo caminho até a porta do estábulo. “O que aconteceu aqui?”

“Foi o Finn.” Lorde Payne estava lá, e a puxou em meio à multidão para uma baia vazia, iluminada por uma lanterna de carruagem. “Ele se machucou.”

Dizer que Finn Bright havia se machucado era um eufemismo e tanto. A perna esquerda do garoto estava um horror abaixo do joelho, com as carnes estraçalhadas e expostas. Seu pé, ou o que restava dele, permanecia ligado à perna em um ângulo grotesco. Pedaços brancos de ossos brilhavam na ferida aberta.

Susanna ajoelhou-se ao lado do garoto. Pela lividez de seu rosto, ela percebeu que ele já havia perdido grande quantidade de sangue.

“Precisamos parar a hemorragia imediatamente.”

“Precisamos de um torniquete”, disse Bram. “Um cinturão ou uma cilha da estrebaria, vai servir.”

“Enquanto isso…” Susanna virou-se para Lorde Payne. “Dê-me sua gravata.”

Ele obedeceu, afrouxando o nó com os dedos trêmulos e puxando o tecido solto. Susanna pegou a gravata e envolveu a perna de Finn logo abaixo do joelho, puxando-a com toda sua força.

Feito isso, ela voltou sua atenção para o garoto. A respiração dele estava curta, o olhar sem foco. O pobre garoto ia entrar em choque.

“Finn”, disse ela, em voz alta e clara, “você pode me ouvir?”

Ele anuiu. Seus dentes bateram quando ele sussurrou:

“Sim, Srta. Finch.”

“Estou aqui.” Ela pôs a mão no rosto dele e tentou olhar em seus olhos.

Aaron Dawes agachou ao lado dela.

“Estamos preparando uma carroça. Vamos levá-lo para a forja para endireitar os ossos.”

Ela aquiesceu. Enquanto Susanna dispensava unguentos e tinturas para os aldeões, tudo o que exigisse força bruta, endireitar ossos, arrancar dentes e coisas assim, ficava com Dawes, o ferreiro da vila. Só que, pela aparência do ferimento de Finn, ela não tinha certeza se aquela lesão poderia ser curada. Havia uma boa possibilidade de ele perder o pé por completo. Caso ele sobrevivesse...

Susanna tirou cabelo da testa suada de Finn.

“Você está com muita dor?”

“N-n-não”, disse ele, tremendo. “Só frio.”

Aquilo não era bom sinal.

Bram achava o mesmo. Ele passou para Susanna uma tira forte de couro curtido. Enquanto ela passava a tira ao redor da perna de Finn, Bram encontrou uma manta de cavalo, com a qual cobriu o tronco do garoto.

“Pronto”, murmurou ele. “Seja forte, Finn.”

Bram pegou a ponta da tira de couro e a puxou forte, deixando-a mais apertada do que Susanna conseguiria. Obviamente, o campo de batalha havia proporcionado a ele mais experiência com ferimentos daquele tipo do que com ataques de asma. A perda de sangue diminuiu instantaneamente.

Rufus ajoelhou perto da cabeça do irmão. Susanna notou que ele fazia força para segurar as lágrimas.

“Ele vai ficar bem, Srta. Finch?”

“Ele vai ficar ótimo”, disse ela, tentando convencer a si mesma. “Mas como isso aconteceu?”

Lorde Payne balançou a cabeça, consternado.

“Os fogos de artifício. Eu queria que fossem uma surpresa para amanhã, mas…” Ele virou a cabeça para o lado para praguejar. “Parece que eu não consigo tocar em coisa alguma sem estragar tudo. Eu me distraí e os garotos enfiaram na cabeça que tinham que testar alguns.”

“Mas fogos de artifício não poderiam ter causado uma explosão tão forte. Poderiam?”

“Não”, disse ele. “Isso foi o canhão.”

“O canhão?” Pavor assentou-se como uma pedra em suas vísceras.

“Depois dos fogos de artifício, eles convenceram Sir Lewis a fazer uma demonstração. A coisa deu errado.”

Oh, Deus.

“Onde está meu pai?” Soltando Finn, ela se esforçou para ficar em pé. Susanna subiu na ponta dos pés e esticou o pescoço para vasculhar a multidão. “Papai?”

Os homens estavam agitados, preparando uma carroça para transportar Finn até a forja. Susanna abriu caminho em meio à multidão. Ela encontrou o pai no pátio, remexendo nos destroços do canhão.

“Maldição”, disse ele, com a voz angustiada. “Como isso foi acontecer?”

“Papai, não!” Ela agarrou o braço dele quando Sir Lewis estava para pegar um fragmento de bronze. Puxando-o com toda sua força, Susanna conseguiu arrastá-lo do local. “O senhor vai se queimar. Nem deveria estar perto dos destroços, com tanto explosivo ainda por aí.”

Nesse exato momento uma fagulha caiu em uma caixa aberta de fogos, acendendo a palha e disparando um foguete, que saiu voando de lado.

“Cuidado!”, gritou ela, empurrando o pai para o chão e pulando ao lado dele. Ela tropeçou e caiu de mal jeito, aterrissando de lado. Uma pedra semienterrada acertou suas costelas.

Ignorando as costelas doloridas, ela engatinhou até o pai.

“O senhor está bem, papai? Seu coração o está incomodando?”

“Como poderia não incomodar?” Fazendo força para se erguer sobre um cotovelo, ele levou um lenço ao rosto, enxugando uma mistura de suor e lágrimas. “Que destruição sem sentido.”

“Foi um acidente, papai.” *Um que nunca deveria ter acontecido*.

“Eu não sei o que deu errado”, murmurou ele. “Pólvora demais? Um erro na

fundição? Eu tinha tanta certeza desta vez.”

“O senhor teve a mesma certeza várias vezes antes.”

“Oh, Deus”, gemeu ele. “Que tragédia. Meu lindo canhão.”

Susanna olhou para ele, horrorizada.

“*Papai!*” *Splash.* “Para o inferno com seu canhão. Finn pode morrer.”

Sir Lewis olhou para ela, surpreso. Susanna também estava. Ela havia xingado o próprio pai, além de ter lhe dado um tapa na cara. Foi horrível. E muito bom...

“Desculpe, papai, mas o senhor mereceu.” Ela aproveitou a surpresa do pai para colocar a mão no pescoço dele e sentir seu pulso. Durante alguns segundos assustadores, ela não conseguiu encontrar as batidas do coração. Mas, afinal, seus dedos localizaram o pulso.

As batidas estavam apressadas, mas regulares. Saudáveis e fortes.

Lágrimas de alívio chegaram aos seus olhos. Seu pai podia ser um velho egoísta, escravizado por sua ambição. E talvez ele nunca fosse amá-la como precisava uma garota desajeitada e sem mãe. Mas ele lhe tinha dado a vida. Não uma vez, mas duas. E ele lhe tinha dado aquela casa, que Susanna tanto adorava. Ele era seu pai, e Susanna o amava. Ela não queria perdê-lo naquele dia.

Ela acenou para um cavalariço que passava.

“Leve meu pai até a governanta. Diga para ela que a Srta. Finch falou que Sir Lewis precisa ir para a cama e descansar. Sem discussão.”

Com isso ajeitado, ela voltou para o estábulo, onde os homens prendiam os cavalos à carroça. Os animais relinchavam e empinavam, nervosos com as explosões e com o cheiro de sangue.

Um criado lhe ofereceu a mão, ajudando-a a subir na carroça, onde ficou perto do joelho de Finn. Susanna se ajeitou sobre a palha. O cabo Thorne e Aaron Dawes já estavam na carroça, agachados um de cada lado de Finn, para mantê-lo imóvel. Thorne segurava firmemente a perna do garoto, logo acima do torniquete, usando a força de suas mãos para estancar de vez o fluxo de sangue.

“Podem ir”, Bram ordenou ao condutor. Ele e seu primo preparavam-se para montar seus cavalos. “Nós alcançaremos vocês na estrada.”

A carroça foi colocada em movimento, saindo de Summerfield e pegando a estrada de terra. Eles estavam quase chegando à forja quando Susanna percebeu que não era a única mulher presente.

Diana Highwood estava lá e mantinha a cabeça de Finn em seu colo, enquanto enxugava o suor de sua testa com um lenço branco rendado.

“Muito bem”, murmurava ela. “Você está indo muito bem. Estamos quase

chegando.”

Quando chegaram ao pequeno pátio da forja, Aaron Dawes pulou da carroça e correu para abrir as portas. Bram apeou do cavalo e se apressou a pegar Finn em seus braços para levá-lo para dentro. Thorne e Payne foram ao seu lado, para ajudar.

Quando Susanna desceu da carroça, contraiu o rosto, pois sentiu uma pontada na costela que bateu na pedra. Ela parou por um instante, apertando o flanco dolorido com a mão até a dor diminuir. Então ela foi se juntar aos homens dentro da forja.

Diana Highwood fez o mesmo. Susanna segurou a moça pelo braço.

“Srta. Highwood… Diana. Essa não vai ser uma cena agradável. Acredito que você não deveria assistir a isso.” Susanna não tinha certeza de que ela própria conseguiria presenciar aquilo, que ia muito além de cataplasmas e unguentos, sua área de atuação.

“Eu quero ajudar”, disse a jovem, claramente determinada. “Vocês todos me ajudaram quando eu precisei. O senhor, Lorde Rycliff, o Sr. Dawes. Rufus e Finn também. Eu quero retribuir a gentileza. Não tenho a força dos homens nem seu conhecimento, Srta. Finch, mas não sou do tipo de garota que desmaia por qualquer coisa, e vou fazer tudo o que puder.”

Susanna olhou com admiração para a jovem à sua frente. Pelo que tudo indicava, a delicada Srta. Highwood era feita de uma fibra muito mais forte do que todos imaginavam… Inclusive Susanna.

Que ótimo!

“Você promete sair, se achar que é demais?”

Diana concordou.

“E estou com minha tintura, é claro.”

Susanna deu um leve aperto de gratidão no braço da moça, antes de soltá-lo.

“Então vamos entrar juntas.”

Aaron Dawes correu na frente de todos e tirou as ferramentas de cima de uma comprida mesa de madeira, que moveu para o centro do ambiente.

“Coloque-o aqui, milorde.”

Bram hesitou por um instante, como se relutante em soltar Finn, mas então ele se adiantou, calmamente, e deitou o jovem machucado na superfície lisa. Thorne continuava segurando a perna ferida do garoto.

“Calma, Finn”, murmurou Bram. “Nós vamos cuidar de você.” Ele se virou para Dawes. “Láudano?”

“Mandei Rufus…”

“Estou aqui.” Rufus entrou apressado no salão, segurando uma garrafa de vidro marrom. “Peguei na Tem de Tudo.”

“Vou pegar uma colher ou um copo”, prontificou-se a Srta. Highwood.

“Deixe para depois”, disse Dawes. “Ele já está inconsciente, e não podemos esperar até fazer efeito.” O ferreiro mexeu cuidadosamente no que até recentemente tinha sido um pé. “Não há como salvar o pé. Vou preparar as ferramentas.”

Susanna ficou triste, mas não surpresa. Mesmo que o osso não estivesse despedaçado, o ferimento estava um horror, cravejado de fragmentos de metal, couro da bota e outros detritos. Seria impossível limpá-lo adequadamente. Se a hemorragia não tirasse a vida de Finn, a infecção o faria.

“O que eu posso fazer?”, perguntou Lorde Payne, de onde observava a cena, junto à parede, o rosto pálido e sombrio. “Dawes, diga-me o que fazer.”

“Alimente o fogo. Está apagando.” O ferreiro indicou a forja com a cabeça. “E tem uma lanterna na minha casa, do outro lado do pátio.”

“Vou pegar a lanterna”, disse Diana.

“Todo mundo parado!”, gritou Bram. Ele estendeu os braços sobre Finn, seu rosto duro e autoritário. “Ninguém vai tocar no pé deste garoto, estão me ouvindo? Eu vou buscar um cirurgião.”

Susanna franziu o rosto. Ela deveria saber que Bram não aceitaria bem aquela solução, depois de quase ter perdido sua perna. Mas aquele era outro tipo de ferimento, em circunstâncias muito diferentes.

Endireitando as costas e olhando para todos do alto, Bram falou com autoridade:

“Ninguém vai cortar este garoto. Não até que eu retorne. É uma ordem.” Ele se virou para seu oficial. “Está me ouvindo, Thorne? Ninguém deve encostar nele. Você tem minha permissão para usar os meios que julgar necessários.”

Ele se virou e saiu da forja a passos largos, deixando todos os presentes estarrecidos, entreolhando-se sem saber o que fazer. Todos sabiam o que Bram se recusava a admitir – que a tentativa de salvar o pé de Finn poderia significar sua morte.

“Vou falar com ele”, disse Lorde Payne, movendo-se em direção à porta.

Susanna o deteve.

“Espere, milorde. Deixe-me tentar.”

Eles trocaram um olhar de compreensão mútua. Colin anuiu.

“Esse tolo teimoso nunca me ouve”, disse ele. “Aposto que nunca ouve ninguém, mas ele ama você, então talvez isso ajude.”

Susanna piscou, espantada.

“Ele não lhe disse, ainda?” Payne deu de ombros. “Esse maldito covarde não a merece. Agora vá!” Ele a empurrou amistosamente.

Susanna saiu correndo da forja e encontrou Bram no pátio, onde ajustava a sela do cavalo, preparando-se para montar.

“Bram, espere”, chamou Susanna, correndo para seu lado. “Eu sei que isso é horrível para você. É uma verdadeira tragédia, mas não podemos esperar pela opinião de um cirurgião. Dawes tem que fazer isso logo, para que Finn tenha alguma chance.”

“Não vou deixar que vocês o aleijem. Ele tem 14 anos, pelo amor de Cristo. Cheio de sonhos e planos para a vida. Tirem esse pé, e com ele irá todo o futuro do garoto. Os Bright não são uma família privilegiada. Eles têm que trabalhar para viver. Que tipo de vida Finn vai ter, com uma perna só?”

“Não sei, mas pelo menos ele *terá* uma vida. Se esperarmos, Finn vai morrer.”

“Você não pode afirmar isso, Susanna. Eu vi muito mais ferimentos dessa natureza do que você, que pode ter muito talento com ervas e tinturas, mas não é uma cirurgiã.”

“Eu…” Ela recuou um passo, sentindo-se magoada pela repreensão. A dor nas costelas ressurgiu. “Eu sei que não sou.”

“Sabe mesmo?” Bram apertou a boca ao firmar a correia da sela. “Você parece querer acreditar que é. Você sentenciaria esse garoto a uma vida de inválido, só porque foi magoada no passado. Você está deixando seu medo de médicos colocar Finn em risco.”

Susanna agarrou o braço dele, forçando-o a olhar para ela.

“Não é meu medo que está colocando Finn em risco. É o seu, não percebe? Você continua preso a essa ideia de que não pode ser um homem por inteiro, de que não vale nada a menos que possa provar que tem duas pernas perfeitamente funcionais para conduzi-lo a uma batalha. Você até me arrastaria para Portugal para não admitir o contrário. Mas isto não diz respeito a você, Bram.”

Ele lançou um olhar defensivo para ela.

“Eu não planejei *arrastar* você a lugar algum, Susanna. Eu planejei levar você comigo prazerosa e alegremente. Ou não levaria. Você está querendo me dizer que não deseja ir?”

Como ele podia esperar que ela tomasse uma decisão dessas, naquele momento?

“Eu amo você. E quero ficar com você. Mas correr para Portugal na próxima

terça-feira, só porque meu pai é um velho egoísta e insensível? Parece romântico, claro… mas também um pouco juvenil. Não somos um pouco velhos demais para fugir de casa?”

“Aqui pode ser sua casa, Susanna, mas nunca será a minha.”

“Você está errado, Bram. Nossa casa é onde as pessoas precisam de nós.” Ela apontou a forja. “E neste momento, as pessoas lá dentro precisam desesperadamente de você. Aaron Dawes precisa de cada par de mãos fortes para ajudar. Finn precisa que você esteja ao lado dele, ajudando-o a ter coragem. Para lhe mostrar que um homem pode ser homem, tendo duas pernas boas ou só uma. E depois que tudo acabar, vou precisar que você me abrace. Porque ajudar nessa cirurgia será a coisa mais difícil que já fiz na vida.”

Quando viu que ele não parava de se preparar para partir, um nó de medo se formou em sua garganta.

“Bram”, disse ela, a voz trêmula, “você não pode fazer isso. Faz menos de uma hora que você prometeu que nunca me deixaria.”

Ele parou de lutar com a sela e soltou um suspiro de raiva.

“Susanna, há menos de uma hora você afirmou que confiaria sua vida a mim.”

“Então acho que não começamos muito bem, não é?”

“Acho que não.”

Eles ficaram se olhando. Depois Bram virou, colocou o pé no estribo e montou agilmente no cavalo.

A dor em seu flanco voltou. Embora pela lógica ela soubesse que a dor era muito baixa, Susanna não pôde deixar de suspeitar que ela vinha do coração sendo partido.

“Não posso acreditar que você vai mesmo.”

“Nunca pensei em não ir, Susanna.” O cavalo dançava debaixo dele, sentindo a impaciência do cavaleiro. “A única questão que fica é se terei um motivo para voltar. Se você deixar que tirem o pé desse garoto enquanto eu estiver fora… nunca mais conseguirei olhar para você.”

Dizendo isso, ele virou o cavalo e partiu.

Susanna ficou olhando até ele desaparecer no escuro da noite. Então ela se virou e voltou lentamente para a forja.

Quando entrou sozinha, todos os presentes se voltaram para ela.

“Lorde Rycliff partiu”, disse ela, embora parecesse totalmente desnecessário dizê-lo. “Como está Finn?”

“Mais fraco”, respondeu Aaron Dawes, o rosto sério. “Tenho que fazer isso

logo.”

Todos olharam para Thorne, que havia recebido ordens de Bram para impedi-los. O soldado carrancudo e robusto, que certa vez montou guarda ao lado de um Bram ferido, pistola engatilhada, pronto para atirar assim que avistasse uma serra de osso. Ele os enfrentaria naquela noite? Thorne estava em menor número, diante de Dawes e Payne. Mas mesmo se houvesse uma dúzia de homens, ela tinha a impressão de que as probabilidades ainda favoreceriam Thorne.

“Cabo Thorne”, disse ela. “Eu sei que você é leal ao seu lorde. Mas ainda que ele esteja furioso, como está agora, se ao voltar ele encontrar este garoto morto, ficará devastado. Nós precisamos permitir que o Sr. Dawes opere.”

Ela não deixou de amar Bram quando ele se afastou cavalgando. Não importavam as ameaças ou os ultimatos que ele tinha dado, Susanna cuidaria do que era melhor para Finn *e* Bram.

“Você compreende?”, insistiu ela. “Nós temos que salvar a vida de Finn, ou Bram irá se sentir responsável para sempre. Todos nós nos preocupamos com ele. E não queremos que ele viva com o fardo dessa culpa.”

O entendimento da situação brilhou nos olhos do cabo. E Susanna ficou imaginando que fardos de culpa aquele homem silencioso e implacável carregava.

Thorne aquiesceu.

“Façam o que têm de fazer.”

Capítulo Vinte e Sete

Bram passou a cavalgada de três horas até Brighton espumando de raiva justificada, sentindo-se um herói incompreendido, difamado.

E passou o percurso de três horas de volta a Spindle Cove afogado em arrependimentos, sentindo-se um verdadeiro idiota.

Daniels não estava ajudando.

“Deixe-me ver se entendi”, disse o amigo, quando eles pararam para trocar de cavalos, na metade do caminho, “agora que consegui acordar um pouco.”

Daniels andava de um lado para outro na área iluminada em frente aos estábulos, e passou a mão pelo cabelo preto e desalinhado.

“O garoto teve o pé despedaçado na explosão de um canhão. Você tinha um ferreiro habilidoso e uma farmacêutica experiente, todos preparados para a amputação, mas você lhes disse para esperar umas oito ou nove horas para que você pudesse cavalgar como um louco até o Quartel de Brighton…” Ele fez um gesto para a direita. “Arrancar-me da cama quente e arrastar-me o caminho todo de volta…” Ele fez outro gesto, com a mesma mão, para a esquerda. “Para fazer o quê, exatamente? Atestar o óbito do garoto?”

“Não. Você vai salvar a perna dele. Do mesmo jeito que salvou a minha.”

“Bram.” Os olhos duros e cinzentos do cirurgião foram implacáveis. “Uma única bala passou *através* do seu joelho, em uma reta e limpa trajetória. Claro que ela rasgou seus ligamentos, mas pelo menos a bala deixou bordas que puderam ser costuradas. Ferimentos de artilharia pesada são como ataques de tubarão. Tudo que resta é carne moída. Você já esteve em combate. Eu não deveria precisar dizer isso para você.”

Bram passou a mão pelo rosto, absorvendo a repreensão.

“Fique quieto e monte logo.”

Joshua Daniels e Susanna Finch eram duas das pessoas mais inteligentes que

Bram conhecia. Se os dois concordavam em algo, isso garantia com toda certeza que Bram estava errado. Maldição. Se ele não tivesse partido com tanta pressa, provavelmente acabaria cedendo à razão. Mas ele enlouqueceu com a ideia de ficar lá, só observando inutilmente, enquanto Finn era permanentemente mutilado. Susanna tinha razão; depois de sua própria luta para recuperar a força na perna, o acidente de Finn afetou sua objetividade.

Mas Susanna era teimosa, Bram disse para si mesmo. Cabeça-dura e corajosa. Ela não o escutou quando não lhe foi conveniente, então por que começaria a escutar justamente naquela noite? Não importavam as ordens e ameaças sinistras que ele havia feito, com certeza Susanna não se curvaria a elas. Não se pusessem em perigo a vida de Finn. Mas, por outro lado, ele havia dito a Thorne que usasse os meios que julgasse necessários para evitar a amputação. E Thorne tinha alguns meios formidáveis e impiedosos em seu repertório.

Jesus Cristo, o que ele havia feito?

O dia estava raiando quando eles passaram pelo cume e conseguiram avistar Spindle Cove. Seu coração falseou com a visão. A vilazinha encantadora, aninhada em seu vale. As ruínas antigas do castelo, de sentinela no alto das falésias. A enseada, calma e azul, cravejada de barquinhos de pesca. A luz solar quente, derretendo-se sobre as colinas.

Susanna tinha razão. Ele era o lorde daquele recanto sossegado da Inglaterra e podia se orgulhar disso. Spindle Cove reivindicava sua honra e seu coração. E pela primeira vez em sua vida, Bram sabia que havia encontrado um lar de verdade. Ele só podia esperar que ela o aceitasse de volta.

Eles chegaram à forja em questão de minutos. Bram se jogou da sela assim que sua montaria diminuiu a velocidade. Enquanto os cavalos faziam bom uso de um cocho com água de chuva, Bram conduziu Daniels até a pequena construção de madeira. Eles encontraram a forja vazia, a não ser por uma pessoa. Finn Bright jazia esticado sobre uma mesa comprida no centro da forja, coberto por um lençol do pescoço para baixo. Olhos fechados.

O garoto estava branco como o tecido que o cobria. O cheiro de sangue e carne chamuscada pesava no ar. Por um instante, Bram temeu que o pior tivesse acontecido e que o dia que nascia marcaria em sua consciência a morte do garoto.

“Ele vai sobreviver”, disse Dawes, que estava em pé na outra entrada, ocupando todo o vão da porta. Ele parecia ter tomado banho havia pouco. Seu cabelo molhado agarrava-se à testa, e ele ainda não havia terminado de vestir uma camisa limpa. “Desde que não tenha uma infecção”, acrescentou ele, “vai

sobreviver.”

“Graças a Deus.” Bram inspirou. “Graças a Deus.”

Ele sabia que usava demais aquela frase, mas dessa vez falou com sinceridade. Ele estava realmente, verdadeiramente grato a Deus. E não sabia como pagar aquela dívida.

“Mas não foi possível salvar o pé dele, milorde. A explosão fez a maior parte do trabalho. Eu só fiz o meu melhor para limpar o ferimento.”

“Eu entendo. Você agiu bem.”

Bram olhou para o rosto pálido e suado do garoto. Felizmente, ele parecia ter recebido láudano suficiente para conseguir superar a dor. Por enquanto. Quando acordasse, Finn iria se sentir em um inferno ardente. Bram havia passado por isso.

Pigarreando, ele apresentou Daniels.

“Ele é cirurgião e meu amigo. Vai cuidar do garoto de agora em diante.”

Daniels levantou o lençol que cobria a perna de Finn. Bram franziu o rosto.

“Não está bonito, mas deve cicatrizar bem”, disse Daniels, após avaliar a perna. “Fez um bom trabalho, Sr. Dawes.”

Dawes agradeceu inclinando a cabeça, enquanto enxugava as mãos em uma toalha pequena. Bram olhou para além do homem, para a casa adjacente. Uma mulher de cabelos claros dormia sobre a mesa, com a cabeça descansando em seu braço estendido.

Bram caminhou na direção de Dawes, dando mais espaço a Daniels para examinar o garoto.

“Aquela é a Srta. Highwood?”

Dawes olhou por sobre o ombro e suspirou forte.

“Ela mesma.”

“O que ela está fazendo aqui?”

“Honestamente, milorde? Não faço a menor ideia. Mas ficou aqui a noite inteira. Nem todo o sangue ou toda a gritaria do mundo a fizeram ir embora. Cabelo dourado e determinação férrea tem essa moça, senhor. Lorde Payne foi pegar emprestado a carruagem do Sr. Keane, para levá-la de volta à pensão.”

“E quanto à Srta. Finch? Onde está?”

“Lorde Rycliff”, uma voz tênue e fraca o chamou. “É o senhor?”

“Isso mesmo, Finn. Sou eu.” Bram voltou para a mesa e se debruçou sobre o garoto, perto de seu rosto. “Como está se sentindo?”

Pergunta estúpida.

“S-s-sinto muito.” O jovem de olhos arregalados conseguiu balbuciar.

“Minha culpa. Eu não devia…”

“Não, não.” Culpa revirou as vísceras de Bram. “A culpa não é sua, Finn. Foi um acidente.” Um acidente que nunca deveria ter ocorrido. “Não tente falar. Você vai ter tempo para isso mais tarde.”

Ele pegou a garrafa de uísque no bolso interno do casaco, com a intenção de presenteá-la a Finn. Aquela garrafinha havia embalado Bram durante sua recuperação do ferimento na perna, e aquele garoto tinha conquistado o direito de beber como um homem. Mas então ele pensou melhor, e refletiu sobre as lutas do ausente Sr. Bright com o álcool. Ele não queria que o garoto fosse pelo mesmo caminho problemático.

Em vez disso, ele colocou a mão calorosamente no ombro de Finn.

“Eu sei que é um horror isso pelo que você está passando, mas vai conseguir. Você é forte.

“Estou preocupado”, disse Finn, através dos dentes cerrados. “Como vou ajudar mamãe e Sally com a loja desse jeito?”

“De mil formas. Vamos arrumar para você o melhor pé postiço que existe, nada de perna de pau de pirata. Logo, logo você estará andando e trabalhando de novo. Ou mandarei você para a escola, se quiser. Existem muitas formas para um homem ser útil e que não envolvem carregar caixas.”

Ou lutar em batalhas, Bram pensou consigo mesmo.

“Nossa... escola!? Eu não poderia aceitar…”

“Sem discussão, Finn. Eu sou o lorde, e está é minha milícia. Não vou deixar que digam que meus homens feridos não têm uma pensão excelente.”

“Pelo menos isso tem um lado bom.” Com um lampejo fraco de humor, Finn olhou na direção de seu pé amputado. “Ninguém vai mais me confundir com Rufus, vai?”

“Não.” Um sorriso abriu o rosto de Bram. “Não mesmo. E vou lhe contar um segredo. As mulheres acham incrivelmente romântico um soldado ferido. Elas vão ficar atrás de você como abelhas no mel.”

“Imagino que sim. Rufus pode ter dois pés, mas eu continuo sendo quem dançou com a Srta. Charlotte. Duas vezes.” A tosse o interrompeu.

Bram pegou o copo de água que Dawes trouxe e o levou aos lábios de Finn, ajudando-o a levantar a cabeça para beber.

“Minha mãe já sabe?”, perguntou o jovem, fazendo uma careta ao deitar novamente a cabeça.

“Sabe”, disse Dawes. “Ela esteve aqui durante a cirurgia, mas Rufus e Sally tiveram que levá-la para casa, pois estava muito nervosa.”

“Vou lhe dizer que você está bem e perguntando por ela”, disse Bram.

“Diga-lhe para não deixar a pequena Daisy bater no meu tambor.” O jovem arregalou os olhos. “Droga. A demonstração. É hoje, não é?”

“Não se preocupe com isso.”

“Mas como os homens irão marchar se eu não marcar o passo com o tambor?”

“Não irão”, disse Bram. “Vamos cancelar a demonstração.”

Aquilo não era problema, na verdade. Após ficar sabendo da fraude montada por Sir Lewis, ele sabia que a milícia não tinha muito significado, a não ser criar o clima para a apresentação do canhão condenado.

“Mas a demonstração tem que acontecer”, disse Finn. “Não cancele por minha causa. Todos trabalharam tanto.”

“Sim, mas…”

Com uma careta de dor, Finn lutou para se erguer com o cotovelo.

“A Srta. Finch disse que, se a milícia não der certo, as moças serão mandadas para casa. Elas precisam deste lugar, e a loja da minha família precisa delas. Nós trabalhamos muito duro para desistir agora, milorde. Todos nós…” Ele deixou-se cair novamente, exausto pelo esforço de falar.

“Descanse, Finn.” Bram passou a mão pelo cabelo do garoto. A culpa o consumia. Após todo aquele trabalho, ele não sabia como dizer aos moradores da vila que a tarefa havia sido inútil desde o começo. Apenas um exercício para o ego inchado de um tolo.

Dois tolos, se Bram incluísse a si mesmo.

Do lado de fora da forja, passos apressados se aproximaram.

“Você não pode fazer isso”, era a voz de Thorne, rouca e baixa.

“Posso, sim”, disse voz feminina, aproximando-se.

“Droga, mulher. Eu disse que não.”

“Bem, vamos ver o que Lorde Rycliff tem a dizer a respeito disso, que tal?”

O par entrou na forja e Bram ficou de boca aberta.

“Eu tentei detê-la”, disse Thorne, fazendo um gesto de contrariedade.

Detê-la?

Sim, claro. Ele a reconheceu facilmente pela marca de nascença bordô na testa. Mas fora isso, a Srta. Kate Taylor estava caracterizada como um garoto do tambor. Com sua pouca altura e a figura esguia, o uniforme da milícia cabia facilmente nela.

“O que está fazendo?”, perguntou Bram. Ele fez um gesto indicando o casaco vermelho e a calça. “De quem é esse uniforme?”

“Do Finn, é claro”, disse ela. “Serei ele, hoje. O senhor precisa de alguém para tocar o tambor, e eu sou a única pessoa que pode substituí-lo.”

“Srta. Taylor, não posso lhe pedir que…”

“O senhor não me pediu. Eu me ofereci.”

Bram olhou para Thorne. O homem endureceu o rosto.

“Não”, disse ele. “Você não pode permitir.”

Havia mais de cinco anos que Thorne servia sob o comando de Bram. Ele vinha sendo não apenas seu braço direito, como também a perna direita, quando Bram precisou de uma. E nunca, nem uma só vez, naqueles cinco anos de treinamentos, marchas e combates, Thorne havia hesitado para obedecer a menor ordem de Bram. E certamente nunca ele mesmo tinha emitido uma ordem.

Até aquele dia.

“Estamos perdendo tempo aqui”, disse a Srta. Taylor, aproximando-se de Bram. “Temos apenas algumas horas para nos prepararmos para o exercício, e o senhor precisa me deixar participar. Ao contrário das outras moças, eu não tenho família, nem guardião. Spindle Cove é meu único lar, e eu quero ajudar da forma que puder. Não fiz isto à toa.”

Com um gesto dramático, ela retirou seu chapéu alto preto para revelar o cabelo. Ou a falta dele. A jovem havia cortado suas madeixas castanhas à altura do colarinho, e às prendeu para trás imitando um corte masculino.

“Meu Jesus Cristo”, murmurou Thorne. “O que você fez consigo mesma?”

A Srta. Taylor tocou o lóbulo da orelha com a ponta do dedo e segurou corajosamente as lágrimas que assomaram aos seus olhos.

“Vai crescer de novo. É só cabelo.”

É só cabelo.

Bram sentiu o coração apertar dentro de seu peito. Ela o lembrava muito de Susanna, naquele dia na praça, oferecendo seu lindo cabelo comprido para manter Finn e Rufus fora do corpo de voluntários. Se apenas ele a tivesse escutado...

Onde estava ela? Bram começava a ficar desesperado para vê-la.

“Lorde Rycliff”, disse a Srta. Taylor. “Há mais gente. Estão todos reunidos no Touro e Flor.”

“Touro e Flor?”

“A casa de chá”, explicou ela. “E taverna... Já que agora o estabelecimento é as duas coisas, o casal Fosbury fez uma nova placa. De qualquer forma, com o ocorrido em Summerfield, pensamos que seria melhor levar a festa desta noite para lá. E a maioria dos moradores se reuniu esta manhã. Todos estão esperando

suas ordens.”

“Isso não é realmente necessário”, disse Bram, sem muita convicção.

“Talvez não”, disse Aaron Dawes. “Mas talvez nós queiramos fazer a demonstração mesmo assim.”

Que boa ideia! Ir adiante com a demonstração da milícia e uma grande festa, não pelo orgulho de Sir Lewis ou de Bram, mas por Spindle Cove.

“Todos nós trabalhamos tanto e esperamos este dia com muita ansiedade. Queremos fazer a demonstração por nós mesmos e por Finn. E pelo senhor, Lorde Rycliff.” A Srta. Taylor ajeitou sua manga. “A Srta. Finch disse que o senhor voltaria, e que deveríamos estar prontos para deixá-lo orgulhoso.”

“Susanna disse isso?”

“Disse.” A garota juntou as mãos, entusiasmada. “Oh, Lorde Rycliff. Eu sabia que vocês dois estavam apaixonados. Eu sabia que o senhor não poderia deixá-la.” Ela dava pulinhos no lugar. “Isso está sendo tão romântico.”

“Com todo esse romantismo, ninguém vai acreditar que você é um garoto”, disse Bram, rindo. Para dizer a verdade, ele próprio estava se segurando para não dar pulinhos de alegria. “Onde ela está agora?”

“Ela foi para casa descansar e mudar de vestido, mas prometeu nos encontrar no castelo.”

Ajeitando seu casaco e passando as mãos pelo cabelo, Bram olhou para os outros homens.

“Então, o que estamos esperando? Vamos lá.”



“Onde ela está?” Horas depois, Bram estava impaciente na entrada do castelo, observando a trilha, em busca de qualquer sinal de Susanna. Durante toda a manhã, o povo subia pela antiga estrada, em carroças, cavalos ou a pé; algumas vindo de lugares a quinze quilômetros de distância, ou até mais, para assistir à demonstração. Mas nenhuma delas era a mulher que Bram queria ver.

“É provável que ela tenha caído no sono”, disse Thorne. “Ela trabalhou duro a noite toda.”

“Talvez eu devesse ir até Summerfield.”

“Eu já enrolei pelo máximo de tempo que posso”, disse Colin. “Se fosse apenas a multidão, eu diria que esperasse. Mas generais e duques não estão acostumados a esperar. E talvez a Srta. Finch precise mesmo descansar.”

Bram aquiesceu, relutante. A demonstração em si não demoraria muito. Se

Susanna não chegasse até o final, ele iria imediatamente até Summerfield.

Ele caminhou até o centro do campo e sinalizou a seus homens para que entrassem em formação. Ele passou a tropa em revista, sentindo uma boa dose de orgulho; seu corpo de voluntários, todos envergando uniformes novos e reunidos para servir sob seu comando. Que grupo eles formavam. Pastores, pescadores, clérigos. Um ferreiro, um confeiteiro, um garoto, uma moça…

E um carneiro. Jantar estava a seus pés, enfeitado com uma fita vermelha exagerada e um sino.

Que ninguém se enganasse, ali *era* Spindle Cove.

Debaixo de barracas decoradas, os dignitários visitantes e as moças da Queen's Ruby aguardavam para assistir. Os moradores da vila e as pessoas do campo perfilavam-se junto ao perímetro do castelo. Crianças pequenas demais para enxergar por cima da multidão haviam subido nas muralhas. Bandeiras de cores vivas esvoaçavam em cada torre.

Com todo mundo no lugar, Bram montou seu cavalo e falou a seus homens. E mulher.

"Quero que todos vocês se lembrem que não estamos sozinhos no campo. Há muitos outros contando com nosso sucesso. Todas as moças da Queen's Ruby, Finn e a Srta. Finch. A fé que eles depositam em nós está costurada no forro de cada casaco, enrolada em cada cartucho de pólvora. E está em cada batida do nosso coração. Não iremos decepcionar nenhuma dessas pessoas."

Ele passou os olhos de um rosto solene e determinado para outro, fazendo contato visual com cada um de seus homens. Para a Srta. Taylor, ele deu um sorriso.

"Vigário, por favor, abençoe-nos." Abaixando a cabeça, ele murmurou: "Nós vamos precisar".

Entre a catástrofe do dia anterior e a subsequente falta de sono, Bram não sabia como os homens reagiriam. Mas, apesar de todo o receio, a exibição desenrolou-se surpreendentemente bem. As manobras de pivô, que causaram tantas confusões nas últimas semanas, ocorreram sem problemas, até mesmo a invertida. Eles perderam um pouco o passo nas oblíquas, dada à insistente confusão que Fosbury fazia entre esquerda e direita, mas com o exercício de tiro, a demonstração foi encerrada em alta. Graças às orientações de Susanna, os homens atiraram com impressionante destreza – individualmente e como companhia.

Como planejado, eles concluíram a exibição com um *feu de joie*. Todos os homens se colocaram em uma única fila, carregaram os mosquetes e dispararam

em rápida sucessão – como dançarinos de teatro batendo o pé um após o outro. A onda de fumaça e fogo correu de um lado a outro da fila.

Quando o exercício terminou, a multidão irrompeu em vivas e aplausos.

Bram olhou homem por homem. Ele só podia imaginar que todos, como ele, sentiam-se orgulhosos e aliviados. Somente uma coisa poderia tornar aquele momento ainda melhor.

“Bram!”

Era ela. A voz de Susanna. Ela veio. Finalmente chegou, e a tempo de assistir ao triunfo de seus amigos.

“Bram!”, ela chamou novamente. Susanna estava sem fôlego. E parecia tão empolgada quanto ele.

Bram desmontou do cavalo e virou, procurando-a em meio à multidão.

Lá estava ela, em pé junto ao arco em ruínas perto do portão. As provações da noite anterior deixaram suas marcas nela. Susanna estava pálida, e sombras escuras acumulavam-se sob seus olhos. O cabelo estava desgrenhado. Seu xale indiano arrastava no chão. Se alguém tivesse pintado para ele aquela mesma cena, um ano antes, e dito: *Algum dia você vai querer beijar essa mulher mais do que qualquer coisa…* Bram teria rido e feito alguma piada sobre artistas e ópio.

Mas naquele dia, essa era a verdade.

“Susanna...”

Quando ele se aproximou, ela se encostou no arco de pedra.

“Bram.”

“Sinto muito.” Ele tinha que dizer isso em primeiro lugar. “Eu realmente sinto muito. Eu nunca deveria ter dito o que disse. Eu não deveria ter partido. Fui um idiota, e você fez o que era melhor para o Finn. Muito obrigado.”

Ela não respondeu. Simplesmente ficou parada ali, no arco, pálida e parecendo estarrecida. Será que um pedido de desculpas de sua parte era assim tão chocante?

Talvez fosse. Ele *era* um tolo teimoso.

Ele deu mais alguns passos na direção de Susanna, parando à distância de um braço de onde ela estava. Estava acabando com ele, não pegá-la nos braços.

“Eu deveria ter ido a Summerfield antes, apenas para pedir desculpas, mas a Srta. Taylor disse que você queria ver isso acontecer…” Ele gesticulou, indicando as festividades. “Todos trabalharam duro, e… Fizeram tudo isso por você, Susanna. Tudo transcorreu maravilhosamente, e foi tudo por você.”

Ela engoliu em seco e colocou a mão nas costelas. Ela ficou tanto tempo em

silêncio que ele começou a ficar preocupado.

Com motivo, aparentemente.

“Bram, eu…” Ela arregalou os olhos, e em seguida inspirou com dificuldade. Na mão com que ela segurava as costelas, as juntas ficaram brancas. “Bram, eu me sinto tão estranha.”

“Susanna?”

Era bom que ele tivesse se aproximado até ficar a apenas um braço de distância dela, porque quando Susanna caiu, ele teve apenas um instante para evitar sua queda.

Capítulo Vinte e Oito

Susanna detestava ficar doente. Ela desprezava e temia, completamente, aquele sentimento de não ter controle sobre o próprio corpo. E aquilo – problema, doença, ou o que fosse – era pior do que qualquer coisa que ela havia sentido em anos.

O desconforto foi crescendo durante toda a noite, mas piorou muito depois que ela saiu de Summerfield. A certa altura, ela até parou para sentar na margem da estrada, sem saber se seus pés suportariam continuar a carregá-la. Mas então Susanna ouviu os sons da demonstração chegarem até ela. As batidas no tambor, rifles disparando em uníssono.

Bram....

Encorajada pelos sons, de algum modo ela conseguiu se pôr em pé e cambalear o resto da distância até o castelo. Mas depois que chegou até o arco da entrada, não pôde dar nem mais um passo.

Ela não conseguia respirar. O peito doía, e muito. Ela havia esquecido que aquele tipo de dor existia. Dor que parecia ser uma entidade tangível. Uma coisa monstruosa, feita de bordas agudas e cores vibrantes.

Mas Bram estava lá. E apesar de suas palavras furiosas quando partiu, ele *foi* capaz de olhar novamente para ela. Com um sorriso e um pedido de desculpas, até. Os braços dele estavam ao seu redor, e seus sussurros calmantes afastaram parte dos temores dela.

“Está tudo bem, meu amor. Está tudo bem. Apenas descanse e me deixe ajudar.”

Eles a carregaram até uma barraca e a deitaram no chão. A grama fria e o solo macio cederam sob seu peso. Ela abriu os olhos. O padrão em listras da lona da barraca a deixou tonta.

Aquilo não podia ser verdade. Ela não podia estar *morrendo*. Não naquele

momento de sua vida.

Mas talvez estivesse. Ela ouviu as pessoas discutindo sobre ela. E isso era o que as pessoas faziam quando achavam que alguém estava morrendo. Elas *discutiam* sobre você, mesmo estando bem ao seu lado. Ela já tinha passado por aquilo antes.

"Pobre Srta. Finch. O que aconteceu?"

"Talvez esteja apenas esgotada. Foi uma noite infernal."

"A Srta. Finch esgotada? Não acredito nisso, não ela", disse alguém. "Ela é muito forte."

Bem, se ela tinha que morrer, pelo menos seria ali – em seu amado castelo, com Bram a seu lado, rodeada por muitas das pessoas que amava. Ela conseguia sentir a preocupação de todos, que a envolvia como um cobertor quente de algodão.

"Eu sou médico", disse alguém que falava com sotaque do norte. "Se vocês me derem espaço, eu gostaria de examiná-la."

Oh, Deus. Um médico não. O calor de Bram se afastou, e ela apertou sua mão. *Não me deixe.*

"Está tudo bem", disse ele. "Vou ficar bem aqui."

"Noite passada", ela se esforçou para dizer, apertando a mão de Bram. Cada respiração produzia uma dor lancinante, que piorava a cada sílaba que pronunciava. "Perto do estábulo, eu… caí." Outra pontada dolorosa. "Minhas costelas, eu acho."

"As costelas", disse Bram. "Ela disse que são as costelas."

"Deixe-me vê-las, então."

Com o canto do olho, ela viu uma valise de couro preto ser aberta. Só isso fez com que tivesse vontade de gritar. Nada de bom saía daquelas valises. Apenas dor e mais dor.

Alguém cortou, depois rasgou, seu corpete em dois. Ela se sentiu muito exposta. Susanna foi tomada pelo instinto de lutar.

"Fique calma, meu amor." Bram tocou seu cabelo. "Ele é o Daniels. É um amigo meu, e também um médico de campo brilhante. Foi ele que salvou minha perna. Você pode confiar nele. Eu confio."

Você pode confiar nele. Não, ela não achava que podia. Susanna tentou permanecer calma, com inspirações curtas e rápidas, enquanto aquele Dr. Daniels auscultava, palpava e avaliava. Enquanto isso, pânico corria por suas veias.

"A Srta. está dizendo que pode ter sofrido algo em suas costelas?"

Ela aquiesceu.

“Noite passada.”

“Mas à noite a dor não era tão severa.”

Ela negou com a cabeça.

“O que há de errado com ela?”, perguntou Bram.

“Bem, se você quer saber o que eu acho…”

“Não, eu não quero saber o que você acha”, disse Bram, com raiva. “Quero saber o que é.”

O Sr. Daniels não se abalou com aquele rompante, o que tranquilizou Susanna um pouco. Ele e Bram deviam ser amigos muito chegados.

“Eu *sei*”, disse Daniels pacientemente, “que ela quebrou algumas costelas, mas costelas quebradas, apenas, não produzem esse tipo de dificuldade e dor. Não de repente, depois de tantas horas. Porém, se ela esteve fazendo atividades físicas desde o ferimento inicial, os ossos quebrados podem ter causado algum sangramento interno. Ao longo das horas o sangue se acumulou dentro do peito dela, sem ter como sair. Agora o sangue está pressionando os pulmões, tornando difícil que ela respire. Chama-se hemo…”

“…tórax”, concluiu Susanna. Hemotórax. Sim, ela pensou, preocupada, havia lido a respeito. Aquilo fazia todo sentido.

“Ah”, disse o médico, em tom de surpresa. “Então a paciente é inteligente, além de linda.”

“E também é minha”, rosnou Bram. “Não tenha ideias. Ela é minha.”

Susanna apertou a mão dele. Aquele tipo de declaração era muito medieval e possessiva. E ela o amou por falar daquela forma.

“Muito bem.” Daniels pigarreou e pegou a valise. “A boa notícia é que isso é algo muito comum no campo de batalha.”

“E como isso pode ser uma boa notícia?”, perguntou Bram.

“Vou dizer de outro modo. A boa notícia é que já vi esse ferimento muitas vezes, e existe uma cura simples. É um tratamento novo e controverso, mas eu o usei com muito sucesso no campo de batalha. Tudo que precisamos fazer é drenar o sangue de seu peito, o que vai resolver o problema.”

“Não.” Em pânico, ela lutava para formular as palavras. “Bram, não. Não… deixe que ele me sangre.”

“Você não pode sangrá-la”, disse ele. “Susanna já sofreu muito com isso na juventude, e as sangrias quase acabaram com ela.” Bram virou o pulso dela, cheio de cicatrizes, para o médico ver.

“Compreendo.”

E então o Sr. Daniels fez algo que realmente surpreendeu Susanna. Algo que nenhum daqueles médicos ou cirurgiões de sua juventude haviam feito. Ele se agachou junto ao ombro dela, onde Susanna podia olhá-lo nos olhos. E então ele conversou *com* ela, não *sobre* ela. Como se ela fosse dona de um cérebro e tivesse controle total de seu corpo.

"Srta. Finch, se posso dizer algo sem correr o risco de apanhar do nosso Bramwell, você me parece ser uma mulher muito inteligente. Espero que me compreenda e acredite quando lhe digo que este procedimento não tem nada a ver com aquelas sangrias feitas por charlatões. A pressão em seu peito não vai se resolver sozinha. Se não fizermos nada, há uma boa chance de você morrer. É claro que sempre corremos o risco de infecção com um procedimento assim, mas você é jovem e forte. Acho que você tem mais chance de enfrentar uma febre do que isto." Ele bateu de leve no peito distendido dela, que produziu um estranho som oco. "Contudo, não farei nada sem seu consentimento."

Susanna olhou para ele com verdadeira admiração. Ele parecia ser jovem. Talvez pouco mais velho do que ela. Seu cabelo estava desgrenhado, mas os olhos eram calmos e inteligentes. Ainda assim, ela o conhecia havia pouco tempo, e Susanna não conseguia se convencer de que podia confiar em um homem que carregasse uma daquelas horríveis valises pretas.

Mas havia outra pessoa. Alguém que ela acreditava que sempre a protegeria.

Susanna olhou para Bram.

"Você… confia… minha vida a ele?"

"Totalmente."

"Então…" Ela apertou a mão de Bram e puxou outra dolorosa porção de ar através de vias que se estreitavam rapidamente. "Eu confio em você. Eu *amo* você." Ela precisava dizer aquilo mais uma vez.

Bram mostrou o alívio no rosto.

"Pode fazer", disse ele ao amigo.

Susanna podia aguentar aquilo. Desde que fosse sua opção e que Bram estivesse a seu lado… ela poderia aguentar qualquer coisa.

Pelo menos era o que ela pensava até ver o brilho prateado de uma lâmina ser pressionado contra sua pele pálida. Aquela visão fez com que se retraísse de medo. Seu corpo todo se contraiu.

Daniels levantou o bisturi.

"Onde está o ferreiro? Nós vamos precisar segurá-la." *Não. Por favor, meu Deus, não.* Todas as lembranças aterrorizantes voltaram correndo. Os criados segurando-a na cama. O frio cortante do bisturi em seu pulso.

“Não”, disse Bram com firmeza. “Ninguém irá segurá-la. Ninguém irá tocá-la, a não ser eu.” Ele se voltou para ela. “Não olhe para o que ele está fazendo. Olhe apenas para mim.”

Susanna obedeceu e fixou seu olhar nas feições atraentes de Bram e deixou-se mergulhar naqueles acolhedores olhos verde-jade.

Bram entrelaçou seus dedos aos dela. Com a outra mão, ficou acariciando seu cabelo. Carinhosamente.

“Escute-me bem, Susanna. Você lembra daquela primeira noite em que nos encontramos na enseada? Eu posso refrescar sua memória, se necessário. Você estava vestindo aquele traje de banho horrendo, e eu usava um instrumento medieval de tortura.”

Ela sorriu. Somente Bram para fazê-la rir num momento daqueles.

“Naquela noite, você sugeriu que nós fizéssemos promessas um ao outro. Bem, vamos fazê-las agora. Eu vou prometer não partir. E você vai prometer não morrer. Tudo bem?”

Ela abriu a boca para falar, mas nenhum som saiu.

“Eu prometo ficar a seu lado”, disse ele, “até tudo isto acabar. E pela vida toda depois disso. Agora você também tem que prometer.” Os olhos dele reluziram e sua voz ficou rouca de emoção. “Prometa, Susanna. Diga-me que você não vai morrer. Não posso viver sem você, meu amor.”

Ela cerrou os dentes e conseguiu assentir com a cabeça.

Então a lâmina a cortou. E se ainda lhe restasse algum ar nos pulmões, ela teria gritado.

A dor ardeu como fogo. Quente e intensa. Mas o alívio veio logo depois, como uma chuva refrescante.

Aquela primeira golfada de ar em seus pulmões… deixou Susanna tonta, virou-a de cabeça para baixo. O mundo ficou menor, e ela sentiu como se estivesse caindo em um poço profundo e escuro. E enquanto caía, ela ouvia vozes distantes. De Bram. Do médico.

“Acredito que ela está inconsciente.”

“Talvez isso seja bom.”

Sim, ela pensou, rodopiando e caindo na escuridão.

Sim, isso seria muito bom.

Capítulo Vinte e Nove

Ela logo ficará boa, se não tiver febre.

Aquelas foram as palavras que Daniels lhe falou, após terminar o procedimento. Mas era claro que não poderia ser tão simples. Algumas horas depois – praticamente assim que ela foi instalada em Summerfield –, a febre apareceu.

Mas Bram não saiu de seu lado durante dias.

Ele manteve uma vigília incessante à sua cabeceira. Ele passou o tempo cuidando dela de diversas formas. Fazendo-a tomar colheradas de chá de casca de salgueiro e enxugando o suor febril de sua testa. Às vezes ele falava com ela, ou lia o jornal para ela, ou então contava histórias da sua infância e de seus anos em campanha. Qualquer coisa que lhe passasse pela cabeça. Outras vezes, ele simplesmente implorava que ela acordasse e ficasse bem.

Ele dormia um sono agitado e entrecortado. Bram rezava com tanta frequência e fervor, que deixariam um beneditino com vergonha.

Outras pessoas entravam e saíam do quarto da convalescente. Daniels. As empregadas. Sir Lewis Finch. Até Colin e Thorne apareceram. Todos instavam Bram a fazer uma pausa de vez em quando. Descer até a sala de jantar para fazer uma refeição decente, diziam. Descansar no quarto que prepararam para ele no fim do corredor.

Ele recusou todas aquelas sugestões bem-intencionadas. Cada uma delas. Ele tinha prometido não deixá-la. Ficar a seu lado até que tudo acabasse. E ele não daria a Susanna nenhuma desculpa para que ela não cumprisse sua parte do acordo.

Desde que ele ficasse ali, ela não morreria.

Sir Lewis sentou-se com ele certa tarde, ocupando a cadeira do outro lado da cama. O velho esfregou a nuca.

“Ela parece melhor hoje, eu acho.”

“Ela está melhor”, anuiu Bram. “Nós achamos.”

Naquela manhã, enquanto Bram ajustava os travesseiros debaixo da cabeça dela, ele tocou com o braço em seu rosto. Em vez de queimando de febre, a pele estava fria ao toque. Ele chamou Daniels para confirmar sua impressão, sem confiar em si mesmo após tantas horas esperando em vão.

Mas parecia ser verdade. A febre cedeu. Restava, então, esperar para ver se ela acordaria sem sequelas. A vigília foi mais fácil a partir de então, mas ainda insuportável devido ao suspense.

“Sir Lewis, há algo que precisa saber.” Bram pegou a mão de Susanna com a sua. Ela descansou maravilhosamente fresca e calma sobre sua palma. “Tenho planos de me casar com ela.”

“Ah. Você tem *planos* de se casar com ela?” Sir Lewis encarou-o com o penetrante olhar azul. “É assim que você pede a um cavalheiro a mão de sua única filha? Bramwell, eu pensava que seu pai o tivesse educado melhor que isso.”

“Sua bênção seria bem-vinda”, disse ele, tranquilo. “Mas não, não estou lhe pedindo a mão dela. Susanna é sábia o bastante para tomar suas próprias decisões.”

Isso seria o máximo que ele se aproximaria de pedir a aprovação de Sir Lewis. De modo algum ele pediria permissão àquele homem. Bram entendia que, no momento em que Sir Lewis havia acendido o pavio do canhão, ele abriu mão de toda responsabilidade pelo bem-estar de Susanna. O velho tinha arriscado o trabalho da filha, de suas amigas, e até a vida dela, tudo em nome da glória.

Bram a protegeria a partir de então. Como marido, se ela o quisesse.

“Minha única filha, casando-se. Ela está totalmente adulta, não é?” Com a mão trêmula, Sir Lewis tocou o cabelo da filha adormecida. “Parece que foi ontem que ela era um bebê nos meus braços.”

“Não foi ontem”, disse Bram, sem conseguir se conter. “Ontem ela estava deitada nesta cama, ardendo em febre e perto da morte.”

“Eu sei. Eu sei. E você me culpa. Você acha que eu sou um monstro egoísta.” Ele fez uma pausa, como se esperasse que Bram dissesse o contrário.

Bram não disse nada.

“Um dia”, disse Sir Lewis, apontando para si mesmo, “a maior invenção deste monstro egoísta será aperfeiçoada e entrará em combate. Aquele canhão diminuirá a duração dos cercos. Permitirá que as tropas ataquem de uma

distância mais segura. Ele irá salvar a vida e os membros de muitos soldados ingleses.”

“Talvez.”

“Eu amo minha filha.” A voz de Sir Lewis ficou rouca. “Você não sabe dos sacrifícios que já fiz por ela. Não faz ideia.”

“Talvez não, mas eu sei os sacrifícios que ela fez pelo senhor. E o senhor não faz ideia da pessoa admirável que ela se tornou. O senhor se deixa absorver por seu próprio trabalho, por suas realizações. Não tenho dúvidas de que ama Susanna, Sir Lewis, mas é muito ruim nisso.”

Sir Lewis empalideceu.

“Como ousa falar comigo dessa forma?”

“Acredito que eu possa falar do jeito que quiser. Sou o Conde de Rycliff, lembra?”

“Eu nunca deveria ter lhe conseguido esse título.”

“Não está em suas mãos tirá-lo de mim. Agora eu sou o lorde.” Bram inspirou profunda e lentamente, tentando acalmar sua raiva. Ele estava furioso com Sir Lewis por colocar Susanna, Finn e todos os outros em perigo. Mas com um pouco de sorte, aquele homem logo se tornaria seu sogro. Pelo bem de Susanna, os dois precisavam se entender.

“Meu pai tinha-lhe muita admiração”, disse Bram. “Então eu também tenho, profissionalmente. O senhor é um inventor brilhante, sem dúvida. Suas criações ajudaram o Exército Britânico a prevalecer no campo de batalha, e, considerando as tantas vezes que empreguei minha pistola Finch em minha defesa, provavelmente lhe devo minha vida. Mas sua filha, Sir Lewis…”

Bram olhou para Susanna, que dormia, e apertou sua mão.

“Sua filha conserta as pessoas; moças que desafiam a fórmula racional. Mas ela também encontra tempo para o eventual soldado desgarrado e ferido. Talvez eu não deva minha vida a ela, mas devo-lhe meu coração.”

Seus olhos queimavam nos cantos. Ele piscou com força.

“Se o senhor acha que aquele canhão estriado será sua maior invenção, é um tolo. Sua maior invenção está bem aqui, dormindo nesta cama. Susanna é seu legado. E por causa do seu orgulho, quase a perdeu.”

Bram também quase a havia perdido. Ele não tinha se permitido considerar o que aquilo representaria. Ele andou muito concentrado na próxima colher de chá, na troca do curativo, na toalha limpa para secar sua testa. Mas agora que a febre havia cedido, e Daniels estimava uma excelente chance de recuperação completa… Jesus. As possibilidades passaram por ele como um vento arrasador

e congelante. Um sopro forte o bastante para arrancar da terra tudo que fosse quente e verde.

Ele quase a perdeu. Se aquela provação infernal lhe ensinava uma lição, era de que ele nunca mais deveria permitir que seu orgulho ficasse entre os dois.

“Você tem razão, Bramwell.” Lágrimas afloraram aos olhos do velho. “Eu sei que você tem razão. Só posso esperar que ela encontre, em seu coração, uma razão para me perdoar.”

“É claro que ela irá perdoá-lo, sendo tão boa como ela é. Mas esperar o perdão dela *não* é a única coisa que pode fazer, Sir Lewis. O senhor pode fazer por merecê-lo.”

Os lençóis da cama farfalharam, e ele voltou seu olhar para Susanna. Os cílios de bronze dela estremeceram.

Esqueça passarinhos cantando, sinos repicando, riachos borbulhando serenamente sobre pedras. Coros angelicais não são nada. A voz de Susanna, ainda que fraca e trêmula, foi a coisa mais linda que Bram poderia ouvir.

“Bram? É você?”



Susanna abriu os olhos para o que parecia ser apenas mais um sonho delicioso. Bram estava lá, ao lado dela. E, finalmente, eles tinham uma cama de verdade. Ela estava cansada de amá-lo em enseadas e pérgolas.

“Bram”, sussurrou ela.

“Sou eu.” Ele deu um beijo firme na mão dela, e o bigode de vários dias arranhou sua pele.

Ela começou a se erguer com os cotovelos, mas então algum espírito malvado fez o colchão girar como um pião.

“Não tente se sentar”, disse ele. “Você ainda está muito fraca.”

Ela aquiesceu e fechou os olhos até o quarto parar de girar.

“Você quer água?” Ele pegou um copo.

“Daqui a pouco. Primeiro…” Com grande esforço, ela virou a cabeça. “Papai?”

As mãos calejadas do pai envolveram a dela.

“Estou aqui, minha querida. Estou aqui.”

Ela apertou os dedos dele.

“Quero que o senhor saiba que eu o amo muito, papai.”

“Eu…” A voz dele falhou. “Também amo muito você, Susanna Jane.”

“Que bom.” Ouvir aquelas palavras de seu pai era inesperado e inesperadamente libertador. Ela inspirou profundamente. “Agora o senhor pode descer até à cozinha e pedir que me façam um caldo de carne?”

“Vou mandar a Gertrude até lá agora mesmo.”

“Não, papai. Eu preferia que o senhor fosse. Quero algum tempo a sós com Bram.”

O pai fungou e aquiesceu.

“Entendo.”

“Obrigado por compreender.” Ela esperou até que ele se levantasse da cadeira, limpasse as lágrimas com as costas da mão e saísse do quarto. Quando ouviu a porta fechando, Susanna virou-se para Bram.

“Você ouviu muita coisa da nossa conversa?”, perguntou ele, o olhar preocupado.

“O suficiente. Oh, Bram. Você foi incrível. Nem consigo dizer o quanto eu queria…”

Ele estalou a língua.

“Vamos ter tempo para isso mais tarde. Agora, beba.” Ele levou o copo de água até os lábios dela, que tomou vários goles pequenos. “Você está com muita dor?”

“Não muita”, respondeu ela, assim que Bram baixou o copo. Ela tentou sorrir. “Só dói quando eu respiro.

A resposta dele foi uma repreensão.

“Sem brincadeira. Não é engraçado. Não aguento ver você sofrendo.”

Que homem querido e carinhoso.

“Vou ficar bem. De verdade. A dor está muito melhor do que antes. E o Finn, como está?”

“Recuperando-se bem, foi o que me disse Daniels. Ele está com muita dor, que está sendo atenuada por muita companhia feminina.”

“Dá para imaginar”, sorriu ela. “Que dia é hoje?”

Ele esfregou o rosto com uma mão.

“Terça-feira, acho.”

Terça-feira. Havia algo importante na terça-feira.

“Ah, não.” Ela se ajeitou nos travesseiros, fazendo uma careta de dor. “Bram, suas ordens. O navio. Pensei que partisse hoje.”

Ele deu de ombros.

“Provavelmente partiu.”

“Mas… você não foi.”

“E você não morreu.” Finalmente, ele sorriu um pouco. “Uma promessa mantida merece retribuição.”

Ele ficou sentado ali, ao lado da cama de Susanna, sem se mexer. Da mesma forma que estava há dias. E ela, deitada, ficou admirando Bram sob a luz quente do dia – o cabelo desalinhado, a camisa amarrotada, o rosto sem barbear e os olhos vermelhos. Somente aquele homem conseguia estar tão desarrumado e ainda assim ser arrebatadoramente lindo.

“Santo Deus”, disse Susanna, repentinamente horrorizada. Ela levantou a mão para investigar seu próprio cabelo. Como ela temia, estava totalmente embaraçado. E depois de todos aqueles dias de cama, a perda de sangue, a febre… “Eu devo estar medonha.”

“Ficou louca? Susanna, você está viva e acordada. Você é a coisa mais linda que eu já vi.”

Ela apertou os lábios rachados.

“Então por que você não me toca, não me abraça?”

“Não é por falta de vontade.” Ele estendeu a mão na direção de seu rosto, e então hesitou por um instante, para depois finalmente passar um dedo pelo rosto dela. “Amor, você tem pelo menos três costelas quebradas e um ferimento no peito. Não tenho permissão para abraçá-la. Na verdade, Daniels me deu ordens bem claras para quando você acordasse. Não devo abraçá-la, beijá-la, nem tocá-la. Não devo fazê-la rir, chorar, ficar brava nem estimular suas emoções de nenhuma maneira. O que significa” – ele aproximou sua cadeira da cabeceira da cama – “que se vamos mesmo conversar agora…”

“É claro que vamos.”

“…devemos falar fria e calmamente.”

Ela anuiu, forçando seriedade na voz.

“Eu consigo fazer isso.”

“Veja…” Ele pegou gentilmente a mão dela. “Eu tenho uma pergunta para fazer à Srta. Finch.”

“Oh.” Ela adotou um tom formal. “E qual seria essa pergunta, Lorde Rycliff?”

“Eu gostaria de saber, Srta. Finch, se você, com seu olhar aguçado e seu bom gosto, faria a gentileza de me ajudar a escolher alguns tecidos para decoração.”

Ela piscou, surpresa.

“Decoração?”

Bram aquiesceu.

“Acredito que essa seria uma ocupação bastante segura para você, enquanto

está em convalescência. Vou mandar que lhe entreguem algumas amostras."

"Muito bem", disse ela lentamente. "Isso é tudo que deseja me perguntar?"

"Não. É claro que não. Se tudo correr bem e sua recuperação permitir, na próxima semana, quem sabe, você possa avaliar cortinas."

"Cortinas", ela estreitou os olhos. "Bram, eu sei que você foi proibido de me provocar. Mas o Sr. Daniels falou algo sobre os perigos de atiçar minha curiosidade?"

"Vou começar novamente." Ele fez uma pausa enquanto olhava fixamente para as mãos dos dois, com os dedos entrelaçados. "Eu escrevi para os meus superiores."

"Sobre decoração? Ou cortinas?"

"Nenhuma dessas coisas. Foi a respeito da minha ordem."

"Bram, você não fez isso", ela bufou. "Você não pediu baixa."

"Calma", pediu ele, apertando os dedos dela. "Muita calma, completamente fria. Lembra?"

Ela anuiu e inspirou cautelosamente.

"Eu não pedi baixa." Com o polegar, ele desenhou um círculo nas costas da mão dela. "Eu aceitei a promoção que me ofereceram há algum tempo. Vou ser transferido para o Ministério da Guerra, encarregado de garantir que os regimentos de infantaria recebam os suprimentos de que necessitam em batalha. Não é um comando de campo, mas é trabalho importante."

"É mesmo. Oh, e você será maravilhoso nisso, com tanta experiência de combate. Quem sabe melhor que você do que eles precisam?"

"Vou ter que viajar um pouco, mas a maior parte do tempo estarei trabalhando na cidade. Então vou precisar de uma casa lá, imagino. E nunca comprei uma casa antes. Quando estiver melhor, espero que você possa me ajudar a escolher uma. E depois eu espero que você possa me ajudar a torná-la um lar de verdade. Você sabe, bem decorada. Com cortinas. E… talvez bebês, um dia."

"Oh. Bebês." Ela deixou escapar um risinho. "Você pretende me enviar amostras disso também?"

"Não ria." Ele tentou acalmá-la, colocando a mão sobre seu ombro, para mantê-la parada. "Não ria."

"Não posso evitar." Ela segurou o impulso o melhor que pôde. Então, com a mão trêmula, enxugou as lágrimas dos olhos.

Bram ficou em pânico.

"Maldição. Agora você está chorando. Daniels vai me matar."

“Está tudo bem”, ela garantiu. “Tudo bem. O riso, as lágrimas… valem qualquer dor. Estou muito feliz. Simplesmente, dolorosamente, feliz.”

Bram baixou as sobrancelhas, e por trás delas seus olhos ficaram muito sérios.

“Você” – ele apertou a mão dela entre as suas – “me deu o maior susto da minha vida.”

“Também fiquei com medo”, admitiu ela. “Mas você me ajudou a passar por tudo isso. E aqui estamos. Se eu sobrevivi a isso, imagino que possamos passar por qualquer coisa.”

Ele não respondeu, apenas olhou para Susanna com muito afeto.

Com certeza ele a amava. Nem precisava dizer. Cada ato dele – de aceitar a promoção em Londres a passar um pano frio em sua testa, como fazia naquele momento – era uma declaração para Susanna.

Ele não *precisava* dizer. Mas assim mesmo Susanna estava ficando impaciente para ouvir aquelas palavras.

Bram se endireitou e começou a arrumar os lençóis ao redor dela.

“Você precisa descansar. Ou tomar chá. Ou alguma coisa. Eu não sei, você é a curadora. Se estivesse no meu lugar, o que faria agora?”

“Isso é simples. Eu avisaria Daniels que o paciente dele acordou. Depois eu faria uma boa refeição e dormiria um sono longo e restaurador. E tomaria um banho e me barbearia. E não me preocuparia com mais nada.”

Ele passou a ponta do dedo pelo nariz dela.

“Sua pequena mentirosa.”

“Mas sabe qual seria a primeira coisa que eu faria? Daria um beijo na minha futura noiva.” Quando ele hesitou, Susanna abriu um sorriso convidativo. “Você já ignorou todas as outras restrições. Não vai querer honrar essa, vai?”

Ele se inclinou sobre ela e afastou o cabelo de sua testa.

“Eu nunca consegui resistir a roubar um beijo seu. Desde aquele primeiro dia.”

Seus lábios tocaram os dela.

E como aquele primeiro beijo, esse também foi quente e firme, e então… acabou. Maldito, ele era um modelo de autocontrole.

“Bram”, ela sussurrou, incapaz de resistir. “Você acha que poderia me amar, só um pouquinho?”

“Bom Deus, não”, ele riu.

“Não?” Susanna mordeu o lábio, sentindo-se contrair por dentro. “Oh.”

Oh, céus. Susanna baixou o olhar para a lapela dele, estudando suas opções.

Será que ela conseguiria casar com Bram, mesmo que ele não a amasse?

Claro que sim. A alternativa passou diante de seus olhos: um futuro que prometia ser terrivelmente solitário e sombrio. Ela não conseguia imaginá-lo claramente, mas supôs que seu futuro sem Bram teria muitos gatos e hortelã.

Quem se importava com o amor? Ela podia se virar com desejo, admiração ou qualquer outra coisa que ele lhe oferecesse. Até uma afeição morna seria melhor do que gatos e hortelã.

Ele tocou sua face, atraindo o olhar dela para seu rosto forte e belo.

"Não, Susanna", disse ele. "Não posso amá-la um pouquinho. Se é isso que você quer, precisa encontrar um homem diferente." Os olhos verdes de Bram carregavam uma intensidade arrebatadora. Ele passou o polegar pelo lábio inferior dela. "Porque eu só posso amá-la por completo. Com tudo que eu sou, e tudo que sempre serei. Corpo, mente, coração e alma."

O coração dela foi às alturas.

"Oh!", finalmente ela conseguiu exclamar. "Assim é melhor. Muito melhor." Ela o puxou para um beijo.

Ele se afastou.

"Tem certeza?", perguntou ele, parecendo muito sério. "Pense bem, querida. Esteja certa de que quer isso. Estou lhe oferecendo tudo o que eu sou. E se me permite dizer, sou um homem e tanto. Vou proteger você ferozmente, irei desafiá-la diariamente e desejá-la todas as noites, no mínimo. Você não conseguirá me controlar da maneira que controla os outros homens."

"Oh, acredito que isso nós ainda vamos ver." Ela sorriu.

"Eu posso ser um animal, como você tanto gosta de me chamar. Forte como um touro, teimoso como um jumento."

"E mais bonito do que ambos, graças a Deus."

Ele juntou as sobrancelhas, fingindo uma repreensão.

"Estou falando sério. Quero que você saiba em que está se metendo."

"Eu sei muito bem em que estou me metendo. É amor. E eu já mergulhei tão fundo, que deveria estar com traje de banho." Ela acariciou o rosto dele. "Não aguento esperar para ser sua esposa."

Ele levou a mão dela até o rosto e a beijou calorosamente.

"Mesmo que moremos em Londres, pelo menos parte do tempo?"

"Eu o teria seguido até os Pireneus. Londres fica logo ali."

"Viremos até aqui com frequência, eu prometo. Natal, Páscoa. Todos os verões, é claro, para que possa receber suas amigas. Eu sei que para você Spindle Cove sempre será seu lar."

“E para você não?”

Ele balançou a cabeça.

“Você é meu lar, Susanna. Meu lar, meu coração, meu maior amor. Onde quer que você esteja, esse é meu lugar. Sempre.”

Epílogo

Seis semanas depois.

Era bom estar em casa.

Voltando após uma semana de ausência da vila, Bram parou diante da porta vermelha do estabelecimento anteriormente conhecido como o Touro Ereto. Que antes era conhecido como O Amor-Perfeito.

A placa com letras douradas acima do batente podia ser nova, mas assim que abriu a porta da casa que agora se chamava Touro e Flor, Bram imediatamente encontrou a prova de que algumas coisas nunca mudavam.

Seu primo continuava um idiota encrenqueiro.

A taverna estava vazia, sem mesas nem cadeiras. Colin, de costas para a porta, orientava homens, em dois cantos opostos da sala, que içavam uma espécie de chassi soldado, usando uma intrincada rede de polias e cordas. Bram não tinha ideia do que eles faziam, mas sabia que não podia ser coisa boa.

“Segurem as cordas agora”, ordenou Colin, enquanto movia os dois braços como um maestro. “Thorne, puxe um pouco mais para o seu canto. Não tanto! Esse espaço vai ficar menor depois que as cortinas forem penduradas, e nós precisamos deixar um bom espaço para a bela Salomé fazer sua Dança dos Sete Véus. Não podemos fazer com que ela seja obrigada a tirar apenas seis.”

Bram pigarreou.

Colin virou-se parcialmente. Sua expressão era propositalmente calculada para ser neutra.

Bram sabia que o primo queria parecer inocente.

Mas ele não era bobo.

“Salomé e os sete véus? O que, exatamente, está acontecendo aqui?”

“Nada.” Colin deu de ombros. “Nada mesmo.”

Atrás dele, os dois homens faziam força e suavam para manter o chassi imóvel. Os malandros nem ousavam olhar para ele. Bram olhou de Thorne para…

"*Keane*?"

O rosto do clérigo ficou vermelho.

Bram virou-se para o primo.

"Agora você está arrastando o *vigário* para a devassidão? Bom Deus, homem. Você não tem vergonha?"

"Eu? Vergonha?" Bufando, Colin mandou os homens prenderem as cordas. Então ele se voltou para Bram, com uma expressão resignada e coçando a nuca. "Bram, você só deveria voltar amanhã."

"Bem, a julgar por esta cena, foi sorte eu chegar mais cedo."

Fosbury entrou no salão, limpando as mãos enfarinhadas no avental.

"Tudo pronto com o bolo, milorde. E está uma obra de arte, se me permite dizê-lo. Usei pasta de amêndoas para o tom de pele; ficou lindo. Peitos grandes e bonitos feitos de merengue. Contudo, tive dificuldade para decidir se usava rosetas cor-de-rosa ou gotas de canela nos mamilos. Os homens têm seus gostos individuais quanto a isso…" Fosbury finalmente notou os gestos frenéticos que Colin fazia para que ficasse quieto. Ele então se voltou para Bram, e engoliu em seco. "Oh. Lorde Rycliff. O senhor está… aqui."

Bram fulminou o primo com um olhar acusador.

"Nada mesmo?"

Colin levantou as mãos abertas.

"Juro pela minha vida. Agora, se você nos…"

Nesse momento, um Rufus ofegante entrou no salão.

"Lorde Payne, sua entrega chegou. Onde você quer o tigre?"

Dessa vez, Bram não se preocupou em esperar por uma desculpa. Ele avançou e agarrou Colin pelo colarinho.

"Você não aprendeu sua lição depois do primeiro desastre? É exatamente por causa disso que não lhe dou um centavo para ir morar em outro lugar, seu vira-lata inútil. Se você consegue causar tanta confusão em uma vila pequena e calma como Spindle Cove, só o diabo sabe o que aprontaria em outro lugar." Ele sacudiu o primo. "O que você pensa que está fazendo?"

"Planejando sua despedida de solteiro. Seu pateta."

Bram ficou imóvel. Então franziu o rosto.

"Oh."

"Satisfeito? Agora você arruinou a surpresa." Colin ergueu a sobrancelha.

“Não lhe ocorreu que seus homens pudessem querer lhe fazer uma festa? Ou você se esqueceu que vai casar dentro de alguns dias?”

Bram balançou a cabeça, rindo para si mesmo. Não, ele não tinha se esquecido de que iria se casar com Susanna em alguns dias. Ele passou o mês inteiro sem pensar em outra coisa. E como acabava de voltar à vila, após passar a semana em Londres, ele estava ficando desesperado para tocar sua noiva.

Por que diabos, então, ele estava tocando Colin?

Bram soltou o colarinho do primo.

“Muito bem. Vou sair deste estabelecimento pelo mesmo lugar que entrei. E fingir que não vi nada disto.”

“Excelente.” Colin deu-lhe um empurrão carinhoso para fazê-lo se mexer. “Bem-vindo. Agora caia fora.”



Bram saiu da trilha longa e tortuosa para Summerfield e decidiu cortar caminho, indo diretamente pelas terras cultivadas e pelo pasto.

Fazia apenas uma semana desde que tinha visto Susanna pela última vez. Deus, parecia um ano. Como ele imaginou que conseguiria deixá-la para trás e ir para o continente?

Apesar da dor em seu joelho, ele aumentou o ritmo ao subir a colina gramada. A partir dali, seu caminho descia por um vale verdejante, atravessado por um riacho. Ele baixou os olhos para escolher com cuidado onde pisar.

“Bram!”

Bum.

Do nada, algo lançou-se sobre ele. Um projétil macio e quente que cheirava a jardim e usava um vestido de musselina. Ele foi pego apoiado na perna ruim e os dois caíram. Bram fez malabarismos heroicos para garantir que absorveria o impacto da queda, atingindo a encosta da colina com um baque surdo.

Ela aterrissou sobre ele. Os dois se enrolaram no chão, chegando a uma pequena depressão. As encostas baixas do vale bloqueavam as paisagens distantes. Todo o mundo de Bram era céu azul, grama verde… e ela.

“*Susanna*.” Sorrindo como um bobo, ele passou os braços pela cintura dela e rolou um pouco, para que ficassem se olhando, deitados de lado na grama alta. “De onde você veio?” Ele tocou as costelas dela. “Não se machucou?”

“Estou ótima. Mais do que ótima.” Dedos gentis afastaram o cabelo de sua testa. “E você, como está?”

“Não sei. Acho que estou enxergando tudo em dobro. Dois lábios, dois olhos… milhares de sardas.”

“Nada que um beijinho não conserte.” Um sorriso curvou os lábios doces dela. Então, aqueles lábios doces tocaram os dele. “Eu soube que você estava na vila e não aguentei esperar para vê-lo. Por que não veio para Summerfield logo?”

“Eu tinha que parar na vila primeiro. Eu tinha negócios para tratar com Colin e Thorne. E depois parei na forja.”

“Você foi ver o *ferreiro* antes de *me* ver?”

Ele ergueu a mão e abanou os dedos.

“Eu tinha que pegar isto.”

Susanna fixou o olhar no anel preso firmemente na segunda articulação do dedo mínimo dele. E perdeu o fôlego.

“Minha nossa.”

Ela tentou pegá-lo, mas Bram a provocou, afastando a mão com o anel.

“Peça desculpas por duvidar de mim.”

O azul dos olhos dela era só sinceridade.

“Eu nunca duvidei de você, nem por um segundo. Só estava impaciente. Quer você vá para a forja, para Londres ou até Portugal, Bram… eu sei que você vai voltar para casa, para mim.”

“Sempre.” Ele aprisionou os lábios dela em um beijo.

“Espere, espere”, disse ela, afastando-se. “Primeiro o anel, beijos depois.”

Ele pigarreou e resmungou algo sobre as prioridades femininas. Bram precisou fazer um pouco de força para tirar o anel de seu dedo e depois o colocou no anelar de Susanna, que era onde deveria ficar. Ele adorou a aparência do anel ali, bem ajustado e brilhante.

“Eu achei que você gostaria de ter um anel feito aqui, já que vamos passar tanto tempo em Londres. Dessa forma, você sempre vai carregar um pedacinho de Spindle Cove com você, aonde quer que nós formos.”

“Oh, Bram.” Ela piscou repetidas vezes, como se tentasse segurar lágrimas. Ele só esperou que fossem lágrimas de alegria.

Sentindo uma insegurança repentina, ele começou a falar das características do anel.

“Eu pedi que ele usasse ouro e cobre na peça, como você pode ver. Porque seu cabelo tem os dois tons. E a safira me lembra seus olhos, mas é claro que seus olhos são mais bonitos.” Deus, tudo aquilo parecia incrivelmente idiota, quando falado em voz alta. “Acho que Dawes fez um trabalho excelente, mas se

você preferir algo mais fino, posso levá-la até um joalheiro em Londres, ou…”

Ela o interrompeu.

“Está perfeito. Adorei o anel. Eu adoro você.”

Anel primeiro, beijos depois, ela havia dito. Ele exigiu, então, que ela cumprisse sua parte no acordo, tomando sua boca em um beijo profundo, apaixonado, por inteiro. Para que ela soubesse o quanto ele tinha sentido sua falta, em cada minuto de cada hora de cada dia que estiveram separados.

Algum tempo depois, ela descansou a cabeça no peito dele e soltou um suspiro satisfeito.

“Você sabe que dia é hoje?”

“É quarta-feira, Srta. Finch.” Ele acariciou o cabelo de bronze derretido. “Mas você não está no jardim.”

Ela ergueu a cabeça.

“Eu não quis dizer o dia da semana, mas a importância deste dia em particular.”

“Hum… faltam três dias para o nosso casamento?”, disse ele, depois de refletir.

“Que mais?”

“Três dias e duas semanas antes de nos mudarmos para Londres.”

“Também. E…?”

Bom Deus, que tipo de prova infernal era aquela?

“Eu sei. Três dias e nove meses antes do nascimento de nosso primeiro filho.”

Ela riu, surpresa.

“Que foi?”, perguntou Bram. “Eu pretendo trabalhar muito em nossa lua de mel. Espero que esteja bem descansada, porque você não vai dormir muito na primeira semana. Você não está fazendo planos de passear por Kent, está?”

Eles iriam alugar uma casa de campo por deliciosos quinze dias antes de se mudarem para Londres. Na cidade, ele havia arrumado residência temporária na melhor vizinhança, onde ficariam só até Susanna escolher uma casa para eles. Bram não aguentava esperar para levá-la a Londres como sua esposa. Ele estava ansioso para mostrar mais do mundo para ela, e também para que ela fizesse parte do seu mundo.

“Hoje”, ela o informou, “faz exatamente seis semanas desde que me machuquei. Não estou apenas descansada, mas também oficialmente curada. E isso significa…” A mão dela deslizou timidamente pelo peito dele, e Susanna olhou para Bram com olhos baixos, através dos cílios. “Nós não precisamos mais

ter cuidado.”

Parte dele quis agarrá-la após ouvir aquela informação. Ele fez força para se conter.

“Susanna, você sabe que não é questão de quantos dias ou semanas se passaram.”

“O Sr. Daniels me visitou dois dias atrás. Ele disse que estou liberada para fazer qualquer atividade.” Uma das pernas esguias dela se enroscou entre as dele, e Susanna deu um beijo de boca aberta em sua orelha, traçando o contorno delicado de pele. “Adivinhe qual é a atividade que estou mais ansiosa para retomar?”

Agora, *aquele* convite Bram não tinha forças para ignorar.

Eles se beijaram avidamente, dando e recebendo. Ele ocupou suas mãos com ela, reaprendendo o traçado do seu corpo. Tocando e acariciando cada curva voluptuosa. Os dedos dela também exploraram com ousadia o corpo de Bram, e ele gemeu, encorajando-a.

Mas quando ela alcançou os fechos de sua calça, Bram segurou a mão dela.

“Sério”, disse ele, esforçando-se para respirar. “Faltam só três dias. Eu posso esperar.”

“Bem, eu não posso. Senti muito a sua falta. E estou cansada de brincar de inválida. Quero me sentir viva novamente.”

Bram soltou um suspiro resignado. Como ele poderia lhe negar aquilo?

Arqueando a coluna, Susanna esfregou o corpo no dele. Ela pegou a mão dele, que acariciava sua panturrilha, e a fez subir, passando pelo joelho e pela liga da meia. E subiu ainda mais, até a pele sedosa de suas coxas nuas e o calor atraente onde as duas se encontram.

Ele gemeu.

“Deus, como eu amo você.”

“Também amo você, Bram.” Ela movimentou os quadris, pressionando o toque dele. “E eu preciso de você Bram, preciso muito.”

Então os dois trabalharam rapidamente. Unidos em objetivo e urgência, deixando de lado dobras de camurça e anáguas, até que não houvesse nada entre eles. Nada mesmo. Finalmente Bram deslizou para dentro de Susanna, encaixando-se naquele lugar apertado, gostoso, do qual ele sabia que fazia parte.

“*Isso*”, suspirou ela, puxando-o para perto.

Era bom demais estar em casa.

Copyright © 2011 Eve Ortega
Copyright © 2015 Editora Gutenberg

Título original: *A Night to Surrender*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

PUBLISHER
Alessandra J. Gelman Ruiz

EDITORA
Silvia Tocci Masini

ASSISTENTES EDITORIAIS
Carol Christo
Felipe Castilho

REVISÃO
Monique D'Orazio

CAPA
Diogo Droschi

DIAGRAMAÇÃO
Christiane Morais
Andresa Vidal Branco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Dare, Tessa

Uma noite para se entregar / Tessa Dare ; tradução Antônio Vilela. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2015.

Título original: *A Night to Surrender*

ISBN 978-85-8235-251-9

1. Ficção histórica 2. Romance norte-americano I. Título.

15-01300 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances históricos : Literatura
norte-americana 813

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

São Paulo
Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940 . São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Televendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br

Belo Horizonte
Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700


TESSA DARE
Uma semana para se perder
Série Spindle Cove – 2
GUTENBERG

Série Spindle Cove • *Livro 2*

TESSA DARE



Uma semana para se perder

TRADUÇÃO: A C Reis

GUTENBERG

Capítulo Um

Quando uma garota se arrasta penosamente, debaixo de chuva, no meio da noite, para bater na porta da *casa do diabo*, este deveria no mínimo ter a decência – se não a indecência – de atender.

Minerva apertou as bordas de sua capa com uma mão, enquanto enfrentava mais uma rajada de vento frio e cortante. Ela encarou a porta com desespero, depois bateu novamente com o punho fechado.

"Lorde Payne", gritou ela, esperando que sua voz atravessasse as tábuas grossas de carvalho. "Por favor, atenda a porta! É a Srta. Highwood." Depois de uma pausa, ela completou, "Srta. Minerva Highwood."

Pareceu-lhe ridículo que ela precisasse dizer *qual* Srta. Highwood era ela. Sua irmã mais nova, Charlotte, era uma jovem exuberante, mas ainda muito nova, com apenas quinze anos de idade. E a mais velha da família, Diana, possuía não apenas beleza angelical, mas uma disposição igualmente frágil. Nenhuma delas era do tipo que sairia da cama à noite e desceria as escadas da pensão furtivamente para se encontrar com um notório libertino.

Mas Minerva era diferente. Ela sempre foi diferente. Das três irmãs Highwood, ela era a única com cabelos escuros, a única que usava óculos e a única que preferia botas com cadarço a sapatilhas de seda. E também era a única que se preocupava com a diferença entre rochas sedimentares e metamórficas. A única sem pretendentes, e sem reputação para proteger. *Diana e Charlotte vão ficar bem, mas Minerva? Sem graça, estudiosa, absorta, desajeitada com os cavalheiros. Em poucas palavras: sem salvação.* Essas foram as palavras de sua própria mãe em uma carta recente enviada à prima. Como se não bastasse, Minerva não descobriu essa descrição de si mesma xeretando a correspondência particular de sua mãe. Ah, não. *Ela* mesma escreveu as palavras, que lhe foram ditadas pela mãe. Sério. Sua própria *mãe!*

O vento inflou seu capuz e o jogou para trás. A chuva fria transpassou sua nuca, piorando sua situação. Empurrando o cabelo que estava colado no rosto

para o lado, Minerva olhou para a antiga torre de pedra, uma das quatro que compunham a parte central do castelo. Fumaça escapava pela abertura mais alta. Ela ergueu o punho novamente e bateu na porta com a força renovada.

“Lorde Payne, eu sei que está aí!”

Homem vil, zombeteiro. Minerva ficaria ali mesmo, parada naquele lugar, até que ele a deixasse entrar, mesmo que a chuva fria de primavera a molhasse até a medula. Ela não subira toda aquela distância, da vila ao castelo, escorregando no musgo que aflorava pelo caminho e abrindo sulcos na lama, só para marchar de volta para a pensão pelo mesmo caminho, derrotada. Contudo, depois de um minuto inteiro batendo na porta sem obter resposta, a fadiga resultante de sua jornada começou a se manifestar, provocando cãibras nas panturrilhas e curvando sua coluna. Minerva desabou para a frente. Sua testa atingiu a madeira com um baque surdo. Ela manteve o punho erguido acima da cabeça e continuou batendo na porta em um ritmo constante, obstinado. Ela podia muito bem ser sem graça, estudiosa, absorta e desajeitada, mas era determinada. Determinada a ser reconhecida, a ser ouvida. Determinada a proteger sua irmã, a qualquer custo. *Abra,* desejou ela. *Abra. Abra. Ab...* A porta foi aberta. Rapidamente, com um movimento decidido, sem hesitação.

“Pelo amor às tetas, Thorne. Isso não pode esperar até...”

“Ai!” Desequilibrada, Minerva caiu para a frente. Seu punho bateu forte contra – não a porta, mas um peito.

O peito de Lorde Payne. Seu peito másculo, musculoso e nu, que se mostrou só um pouco menos sólido que uma tábua de carvalho. O golpe de Minerva atingiu em cheio o mamilo dele, como se fosse a aldrava da porta da *casa do diabo*. Pelo menos dessa vez o diabo atendeu.

“Ora.” A palavra ressoou através do braço dela. “Você não é Thorne.”

“V-você não está vestido.” *E eu estou tocando seu peito nu. Oh... Senhor.*

Ocorreu a Minerva o pensamento aflitivo de que ele poderia também não estar usando calças. Ela se endireitou. Enquanto removia os óculos com dedos trêmulos e gelados, viu uma mancha tranquilizadora de tecido escuro abaixo da imagem borrada do torso dele. Minerva bafejou as lentes de seus óculos e as limpou com o forro seco de sua capa, para depois recolocá-los no rosto. Ele continuava seminu, e agora em foco perfeito. Línguas tortuosas produzidas pela luz do fogo lamberam cada traço de seu belo rosto, definindo-o.

“Entre, se é isso o que quer.” Ele franziu o rosto depois de um sopro gelado do vento. “De um modo ou de outro, vou fechar a porta.”

Ela entrou. A porta foi fechada atrás dela com um som pesado e breve.

Minerva engoliu em seco.

“Devo dizer, Melinda, que esta é uma surpresa e tanto.”

“Meu nome é Minerva.”

“Claro, claro.” Ele inclinou a cabeça. “Eu não reconheci seu rosto sem o livro na frente.”

Ela soltou um longo suspiro enquanto se armava de paciência. Mais um pouco... E ainda mais, até que se sentiu capaz de aguentar um libertino provocador com péssima memória... E ombros espantosamente bem definidos.

“Eu admito”, disse ele, “que esta não é a primeira vez que atendo a porta no meio da noite para encontrar uma mulher esperando por mim do lado de fora. Mas você é, com certeza, a mulher que eu menos esperaria.” Colin a avaliou até os pés. “Mas é a mais enlameada.”

Pesarosa, Minerva olhou para as botas cheias de barro e a bainha enlameada da saia. Com certeza ela não fazia o tipo “sedutora da noite”.

“Esta não é uma visita *desse* tipo.”

“Permita-me um momento para eu absorver a decepção.”

“Eu prefiro lhe dar um momento para se vestir.” Minerva atravessou o aposento circular de pedra, sem janelas, e foi diretamente até a lareira. Ela demorou um pouco para soltar os laços de veludo da capa, que depois pendurou na única poltrona do local.

Aparentemente, Colin não havia desperdiçado totalmente seus meses em Spindle Cove. Alguém tinha dedicado muito trabalho para transformar aquele silo de pedra em um lar quente e quase confortável. A lareira foi limpa, restaurada e colocada em funcionamento. Nela crepitava um fogo grande o bastante para deixar orgulhoso um guerreiro normando. Além da poltrona, o aposento circular continha uma mesa de madeira e bancos. Tudo simples, mas bem feito. Não havia cama. Estranho... ela vasculhou o local com o olhar. Aquele libertino infame não precisava de uma cama?

Ela olhou para cima... A resposta pairava sobre ela. Colin havia construído um tipo de mezanino, com acesso por uma escada. Cortinas luxuosas escondiam o que ela imaginou ser a cama dele. Acima do mezanino, as paredes de pedra subiam para um “nada” escuro e cavernoso. Minerva decidiu que tinha dado a Lorde Payne tempo suficiente para encontrar uma camisa e se fazer apresentável. Ela pigarreou e se virou lentamente.

“Eu vim lhe pedir...”

Ele continuava seminu. Ele não havia usado aquele tempo para se fazer apresentável. Colin aproveitou a oportunidade para se servir de uma bebida. Ele

estava de perfil e fazia caretas para uma taça de vinho, como se avaliasse sua limpeza.

“Vinho?”, ofereceu ele.

Minerva negou com a cabeça. Graças ao exibicionismo indecente dele, um rubor violento se espalhou por sua pele e subiu pelo pescoço, pelas faces e pelo couro cabeludo. Ela não precisava jogar vinho nas chamas. Enquanto Colin se servia, ela não conseguiu evitar admirar aquele corpo musculoso e definido, tão bem delineado pela luz do fogo. Minerva tinha se acostumado a pensar nele como um demônio, mas Colin possuía o corpo de um deus. Um deus menor. Seu físico não era pesado, supermusculoso, como Zeus ou Poseidon; estava mais para um esguio e atlético Apolo ou Mercúrio. Um corpo feito não para o combate, mas para a caça. Não para ser lenhador, mas corredor. Não para dominar náiades desavisadas nos rios em que se banhavam, mas para... seduzir.

Ele ergueu os olhos. Minerva desviou os seus.

“Sinto muito ter acordado você”, disse ela.

“Você não me acordou.”

“Verdade?”, Minerva franziu a testa. “Então... pelo tempo que você demorou para atender a porta, poderia ter vestido alguma roupa.”

Com um sorriso diabólico, ele indicou as calças.

“Eu vesti.”

Ora... O rosto de Minerva pegou fogo. Ela se deixou cair na poltrona, desejando desaparecer em meio às costuras. *Pelo amor de Deus, Minerva, controle-se. O futuro de Diana está em jogo.*

Deixando o vinho sobre a mesa, Colin se aproximou de uma das estantes de madeira que pareciam lhe servir de guarda-roupa. Ao lado, uma fileira de ganchos sustentava seus casacos. Um vermelho, de oficial, para a milícia local que ele comandava na ausência do Conde de Rycliff; alguns casacos refinados, que aparentavam ser escandalosamente caros, feitos em Londres, e um sobretudo longo de lã cinza. Ele passou por tudo isso e pegou uma camisa simples, que enfiou pela cabeça. Depois de passar os braços pelas mangas, Colin os estendeu para a apreciação de Minerva.

“Melhor assim?”

Não muito. O decote da camisa ainda exibia fartamente seu peito, só que fazia uma insinuação sensual em vez de oferecer uma vista frontal. Se algo tinha mudado? Sim, ele estava mais indecente. Ele estava menos um deus esculpido e intocável e mais um rei pirata depravado.

“Tome.” Ele pegou o sobretudo cinza no gancho e o levou até ela. “Está

seco, pelo menos.”

Depois de ajeitar o casaco no colo dela, Colin colocou a taça de vinho em sua mão. Um anel de sinete faiscou em seu dedo mínimo, brilhando dourado através do pé da taça.

“Sem discussão. Você está tremendo tanto que posso ouvir seus dentes batendo. O fogo e o casaco ajudam, mas não esquentam você por dentro.”

Minerva aceitou a taça e tomou um gole hesitante. Seus dedos realmente tremiam, mas não totalmente por causa do frio.

Ele puxou um banco, se sentou e fixou nela um olhar de interrogação.

“Então...”

“Então”, ecoou ela, como uma tola.

A mãe dela tinha razão quanto a isso. Minerva se considerava uma pessoa razoavelmente inteligente, mas Santo Deus... homens bonitos a imbecilizavam. Ela ficava tão desorientada perto deles; nunca sabia para onde olhar ou o que dizer. Suas respostas, que deveriam ser inteligentes e espirituosas, acabavam saindo amargas ou patéticas. Às vezes, uma observação provocadora de Lorde Payne a deixava totalmente em silêncio. Somente dias depois, enquanto espancava a face de uma falésia com seu martelo de geóloga, a resposta perfeita pipocava em sua cabeça. Era notável. Quanto mais ela olhava para ele, mais podia sentir sua inteligência diminuindo. A barba de um dia por fazer servia para enfatizar as linhas fortes de seu maxilar. O cabelo castanho despenteado acrescentava um toque maroto. E aqueles olhos... os olhos dele pareciam diamantes Bristol. Geodos pequenos e redondos, polidos até brilharem. Um anel externo de rocha castanha envolvido por pedras de quartzo. Uma centena de tons cristalinos de âmbar e cinza. Minerva fechou os olhos, apertando-os com força. *Chega de tremer.*

“Você tem a intenção de se casar com minha irmã?”

Segundos se passaram.

“Qual delas?”

“Diana”, exclamou Minerva. “Diana, é óbvio. Charlotte tem apenas quinze anos.”

Colin deu de ombros.

“Alguns homens gostam de uma noiva jovem.”

“E outros são totalmente contra o casamento. Você me disse que era um deles.”

“Eu disse isso para *você*? Quando?”

“Você deve se lembrar. Aquela noite...”

Ele a encarou, confuso.

“Nós tivemos ‘uma noite’?”

“Não como você está pensando.” Meses antes, ela confrontou Lorde Payne nos jardins de Summerfield a respeito das indiscrições escandalosas e das intenções dele para com sua irmã. Eles se enfrentaram. Então, de algum modo se *enroscaram* – fisicamente – até que alguns insultos conseguiram separá-los.

Maldita fosse sua disposição científica, incansavelmente observadora. Minerva se ressentia dos detalhes que observou naqueles momentos. Ela não precisava saber que o botão do colete de Lorde Payne se alinhava perfeitamente com sua quinta vértebra, ou que ele exalava suavemente a couro e cravo. Mas mesmo naquele momento, meses depois, ela não conseguia se livrar daquela informação. Principalmente quando estava aninhada no sobretudo dele, envolta por seu calor e pelo mesmo apimentado aroma, masculino. Naturalmente, ele havia se esquecido por completo daquele encontro. Não era de se surpreender. Na maioria das vezes ele nem se lembrava do nome de Minerva. Se falava alguma coisa com ela, era apenas para provocá-la.

“No verão passado”, ela o lembrou, “você me disse que não tinha qualquer intenção de pedir a mão de Diana. Ou de qualquer mulher. Mas hoje a fofoca na vila diz outra coisa.”

“É mesmo?” Ele virou o anel de sinete. “Bem, sua irmã é linda e elegante. E sua mãe não faz segredo de que gostaria desse casamento.”

Minerva contraiu os dedos do pé dentro das botas.

“Para dizer o mínimo”, disse ela.

No ano anterior, as mulheres Highwood chegaram àquela vila litorânea para as férias de verão. Elas imaginaram que o ar marítimo poderia melhorar a saúde de Diana. Bem, fazia tempo que o verão havia passado e a saúde dela melhorado, mas ainda assim as Highwood permaneciam ali, devido à esperança de sua mãe em um casamento entre Diana e aquele visconde charmoso. Então, enquanto Lorde Payne continuasse em Spindle Cove, a mãe delas não queria nem ouvir falar de voltar para casa. Ela havia desenvolvido um otimismo que lhe era pouco característico; a cada manhã, enquanto mexia seu chocolate quente, ela declarava: “Eu posso sentir, garotas. Hoje ele vai me pedir a mão de Diana em casamento.”

Ainda que Minerva soubesse que Lorde Payne era um homem do pior tipo, nunca teve coragem de manifestar sua contrariedade, porque ela amava Spindle Cove. Ela não queria ir embora. Pela primeira vez ela se sentia... em casa. Ali, no seu paraíso pessoal, ela explorava o relevo rochoso, repleto de fósseis, livre

de preocupações ou censuras, catalogando descobertas que deixariam alvoroçada a comunidade científica da Inglaterra. A única coisa que a impedia de ser completamente feliz era a presença de Lorde Payne – e por meio de uma dessas estranhas ironias da vida, era a presença dele que lhe permitia ficar em Spindle Cove. Parecia não haver problema em deixar que sua mãe nutrisse esperanças de receber um pedido por parte do lorde. Mas Minerva sabia, com certeza, que essa proposta não viria. Até aquela manhã, quando sua certeza se desfez.

"Esta manhã, eu estava na loja *Tem de Tudo*", começou ela, "e normalmente ignoro as fofocas de Sally Bright, mas hoje..." Ela engoliu em seco, e então encarou Lorde Payne. "Ela disse que você deu instruções para que sua correspondência fosse direcionada para Londres após a próxima semana. Ela acredita que você irá embora de Spindle Cove."

"E com isso você concluiu que pretendo me casar com sua irmã."

"Ora, todo mundo sabe qual é sua situação. Se você tivesse dois xelins no bolso teria partido meses atrás. Você está preso aqui até sua fortuna ser liberada no seu aniversário, a menos que..." Ela engoliu em seco novamente. "A menos que se case primeiro."

"Tudo isso é verdade."

Sentada na poltrona, Minerva se inclinou para a frente.

"Vou embora daqui num piscar de olhos", disse Minerva, "se você repetir as palavras que me disse no verão passado, que não tem intenção de se casar com Diana."

"Mas isso foi no verão passado. Estamos em abril, agora. É tão inconcebível que eu tenha mudado de ideia?"

"É*!*"

"Por quê?" Ele estalou os dedos. "Eu sei! Você acha que eu não tenho ideias, para poder muda-las. É isso?"

Ela se ajeitou na ponta da cadeira.

"Você não pode mudar de ideia porque *você* não mudou. Você é um libertino hipócrita, traiçoeiro, que flerta com jovens inocentes de dia e pega mulheres casadas à noite."

Ele suspirou.

"Escute, Miranda. Desde que Fiona Lange foi embora da vila, eu não..."

Minerva ergueu a mão. Ela não queria ouvir a respeito do caso dele com a Sra. Lange. Ela ouviu mais que o suficiente da própria mulher, que se imaginava uma poetisa. Minerva queria poder tirar da cabeça aqueles poemas. Versos entusiasmados e obscenos que esgotaram todas as possibilidades de rima para

“palpitação” e “êxtase”.

“Você não pode se casar com minha irmã”, disse Minerva, desejando que sua voz parecesse firme. “Eu simplesmente não vou permitir.”

Como sua mãe tanto gostava de dizer para quem estivesse disposto a escutar, Diana Highwood era exatamente o tipo de jovem que poderia conquistar um belo lorde. Mas a beleza externa de Diana não era nada se comparada a sua doçura, generosidade e, principalmente, a coragem com que enfrentou a doença durante toda sua vida. Sem dúvidas, Diana *poderia* conquistar um visconde. Mas ela não *deveria* se casar com *aquele*.

“Você não a merece”, disse Minerva para Lorde Payne.

“É verdade. Mas nenhum de nós consegue o que realmente merece nesta vida. Se não, como Deus se divertiria?” Ele pegou a taça da mão dela e tomou um belo gole de vinho.

“Ela não ama você.”

“Ela não me detesta. Amor não é tão necessário.” Inclinando-se para a frente, ele apoiou o braço no joelho. “Diana é educada demais para recusar e sua mãe ficaria muito feliz. Meu primo enviaria a licença especial em um instante. Se nos casássemos esta semana, no domingo você já poderia me chamar de ‘irmão’.”

Não. Todo o corpo dela rejeitou a ideia. Cada milímetro.

Jogando o casaco emprestado longe, ela se pôs de pé em um pulo e começou a andar de um lado para outro sobre o tapete. As dobras molhadas de sua saia enroscavam nas pernas enquanto ela andava.

“Isso não pode acontecer. Não vai acontecer. *Não* vai*!*” Um pequeno rosnado passou por seus dentes apertados.

Ela cerrou os punhos.

“Eu tenho vinte e duas libras que economizei da minha mesada. E mais alguns trocados. É seu, tudo seu, se prometer deixar Diana em paz.”

“Vinte e duas libras?” Ele balançou a cabeça. “Seu sacrifício fraterno é tocante, mas essa quantia não vai me manter em Londres nem por uma semana. Não do jeito que eu vivo.”

Ela mordeu o lábio. Minerva esperava por algo assim, mas ela avaliou que não faria mal tentar primeiro um suborno. Teria sido mais fácil se funcionasse. Ela inspirou profundamente e ergueu o queixo. Então, seria do modo mais difícil; sua última chance de dissuadir Lorde Payne.

“Então fuja comigo.”

Depois de um momento de choque, ele começou a rir. Minerva deixou as risadas de menosprezo passarem por ela e simplesmente esperou, de braços

cruzados.

“Bom Deus”, disse ele. “Você está falando sério?”

“Completamente sério. Deixe Diana em paz e fuja comigo.”

Ele esvaziou a taça de vinho e a colocou de lado, então pigarreou e disse:

“Isso é muito corajoso de sua parte, minha querida. Oferecer-se para casar comigo no lugar da sua irmã. Mas na verdade eu...”

“Meu nome é Minerva. Não sou sua querida. E você está maluco se pensa que algum dia eu me casaria com você.”

“Mas pensei que você disse...”

“Fugir comigo, sim. Casar com você?” Ela produziu um som de incredulidade com a garganta. “Por favor.”

Ele piscou.

“Posso ver que você ficou perplexo”, disse Minerva.

“Oh, que ótimo. Eu teria admitido isso, mas sei o prazer que você tem em apontar minhas deficiências intelectuais.”

Vasculhando os bolsos internos de sua capa, Minerva encontrou a cópia do jornal científico. Ela abriu na página de anúncios e o ergueu para que Colin pudesse ver.

“Haverá um encontro da Sociedade Geológica Real no fim deste mês. Um simpósio. Se você concordar em ir comigo, minhas economias devem ser suficientes para financiar nossa viagem.”

“Um simpósio de geologia.” Ele deu uma olhada no jornal. “Essa é sua escandalosa proposta noturna, que fez você se arrastar pela escuridão durante uma tempestade. Você vai me levar para um *simpósio de geologia* se eu deixar sua irmã em paz?”

“O que você esperava que eu oferecesse? Sete noites de prazer carnal e total devassidão em sua cama?” Ela falou querendo fazer piada, mas ele não riu. Em vez disso, Colin examinou sua roupa molhada.

Minerva ficou vermelha como um camarão. Maldição. Ela sempre dizia a coisa errada.

“Acho essa oferta mais tentadora”, disse ele.

Sério? Ela mordeu a língua para não dizer isso em voz alta. Que indigno admitir o quanto aquele comentário impensado a empolgou. *Eu prefiro seus prazeres carnais a uma palestra sobre terra.* Realmente, um belo elogio.

“Um simpósio de geologia”, ele repetiu para si mesmo. “Eu deveria saber que haveria pedras por trás disso.”

“Há pedras embaixo de tudo. É por isso que nós geólogos as achamos tão

interessantes. De qualquer modo, não estou querendo atrair você com o simpósio. Estou lhe oferecendo a promessa de quinhentos guinéus.”

Assim ela conseguiu a atenção dele, cujo olhar demonstrou o interesse.

“Quinhentos guinéus?”

“Exatamente. É o prêmio para a melhor apresentação. Se você me levar até lá e me ajudar a apresentar minhas descobertas para a Sociedade, poderá ficar com tudo. Quinhentos guinéus devem ser suficientes para você manter sua bebedeira e devassidão em Londres até seu aniversário, eu imagino?”

Ele aquiesceu.

“Com um orçamento enxuto”, respondeu Colin. “Talvez eu tenha que me privar de sapatos novos, mas todos devemos fazer sacrifícios.” Ele ficou em pé e a olhou de frente. “Tem um probleminha, contudo. Como você pode ter certeza de que ganhará o prêmio?”

“Eu vou ganhar. Eu poderia explicar detalhadamente minhas descobertas para você, mas isso envolveria muitas palavras polissílabas. Não sei se você está disposto a ouvi-las agora. Portanto, basta lhe dizer que tenho certeza.”

Colin lhe deu um olhar inquiridor, mas Minerva reuniu força suficiente para sustentá-lo, segura, confiante e sem piscar. Após alguns momentos, os olhos dele ganharam um brilho caloroso, desconhecido. Era uma emoção que ela nunca havia percebido nele. Minerva achou que pudesse ser... respeito.

“Bem”, disse ele. “Certeza combina com você.”

O coração dela acelerou alegremente. Aquela era a coisa mais gentil que ele havia dito para ela. Minerva achou, até, que aquela era a coisa mais gentil que *qualquer pessoa* havia lhe dito. *Certeza combina com você.*

E, de repente, as coisas ficaram diferentes. O pouco vinho que ela bebeu se desdobrou em seu estômago, a aquecendo e relaxando. Derretendo sua falta de jeito. Ela se sentiu à vontade naquele lugar, e um pouco mais experiente. Como se ter uma conversa de madrugada, em uma torre, com um devasso seminu fosse a coisa mais natural do mundo. Ela se ajeitou preguiçosamente na poltrona e levou as mãos ao cabelo, para encontrar e soltar os grampos restantes. Com movimentos lentos e despreocupados, ela penteou o cabelo molhado com os dedos, e o ajeitou sobre os ombros, para que secasse uniformemente.

Colin ficou parado, observando-a por um instante. Então ele serviu mais vinho na taça. Um jorro sensual de vinho tinto rodopiou pela taça.

“Veja bem, não estou concordando com esse plano. Não importa qual seja a medida da sua imaginação. Mas, hipoteticamente, como você vê isso acontecendo? Uma bela manhã nós levantamos e vamos juntos para Londres?”

“Não, não Londres. O simpósio é em Edimburgo.”

“*Edimburgo!*” A garrafa bateu sobre a mesa com um baque. “Edimburgo fica na Escócia!”

Ela aquiesceu.

“Eu pensei que você disse Sociedade Geológica Real.”

“Foi o que eu disse.” Ela abanou o jornal na direção dele. “A Sociedade Geológica Real da Escócia. Não sabia? Edimburgo é onde acontecem os estudos acadêmicos mais interessantes.”

Aproximando-se dela, Colin espiou o jornal.

“Pelo amor de Deus, isso vai acontecer daqui a menos de duas semanas. Marietta, você entende o que significa uma jornada até a Escócia? Você está falando de, no mínimo, duas semanas de viagem.”

“São quatro dias a partir de Londres com a carruagem do correio. Já verifiquei.”

“Carruagem do correio? Querida, um visconde não viaja de carruagem do correio.” Ele balançou a cabeça e se sentou de frente para ela. “E como é que sua querida mãe vai receber essa notícia, quando descobrir que você fugiu para a Escócia com um lorde escandaloso?”

“Ah, ela vai ficar empolgada. Desde que uma das filhas se case com você, ela não fará objeção.” Minerva tirou os pés das botas molhadas e enlameadas e puxou as pernas para cima da cadeira, sentando-se sobre seus calcanhares gelados. “É perfeito, não está vendo? Vamos encenar uma fuga. Minha mãe não dirá nada contra, nem Lorde Rycliff. Ele vai ficar muito feliz por pensar que, afinal, você vai se casar. Nós viajamos até a Escócia, eu apresento minhas descobertas e recebo o prêmio. Depois dizemos a todos que simplesmente não deu certo.”

Quanto mais ela explicava suas ideias, mais facilmente as palavras lhe vinham à boca, e mais empolgada ela ficava. Aquilo podia dar certo. Podia *realmente* dar certo.

“Então você vai simplesmente voltar a Spindle Cove, sem se casar, depois de semanas viajando comigo? Você não percebe que estará...”

“Arruinada perante a sociedade? Eu sei.” Ela olhou para o fogo que crepitava. “Estou disposta a aceitar esse destino. Não tenho nenhuma vontade de me casar na sociedade, de qualquer forma.” Nenhuma *esperança* de casar, para dizer a verdade. Ela não adorava a ideia de escândalo e fofoca, mas seria isso pior que ser cortada da alta sociedade, e se sentir sempre empurrada para as margens?

“Mas e suas irmãs? Elas também ficarão *manchadas*.”

Essa observação fez com que Minerva parasse para refletir. Não é que ela não tivesse pensando nessa possibilidade. Ao contrário, ela pensou cuidadosamente sobre isso.

“Charlotte ainda tem alguns anos antes de sua temporada”, disse Minerva. “O escândalo perderá força até lá. Quanto a Diana... às vezes penso que a melhor coisa que eu poderia fazer por minha irmã seria arruinar suas chances de fazer um ‘bom’ casamento. Assim ela teria condições de se casar por amor.”

Pensativo, ele tomou um gole no vinho.

“Bem, fico feliz que você tenha pensado em tudo de acordo com suas conveniências. Você não tem medo de arruinar sua reputação, nem a de suas irmãs. Mas parou um instante para pensar na minha?”

“Na sua o quê? Reputação?” Ela riu. “Mas sua reputação é terrível.”

As faces de Colin ganharam um pouco de cor.

“Não sei se é assim tão *terrível*.”

Minerva encostou o dedo indicador no polegar.

“Primeiro: você é um devasso sem-vergonha.”

“Verdade”, concordou ele.

Ela encostou o dedo médio no polegar.

“Segundo: seu nome é sinônimo de destruição. Brigas em bares, escândalos... *explosões*! Aonde quer que você vá, o caos o acompanha.”

“Eu não faço por querer. Isso apenas... acontece.” Ele passou a mão pelo rosto.

“E você está preocupado que esse plano manche sua reputação?”

“É claro.” Colin se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. Ele gesticulava com a mão que segurava a taça de vinho. “Eu amo as mulheres, é verdade.” Então ergueu a mão vazia. “E, sim, parece que eu quebro tudo o que toco. Mas até aqui eu tenho mantido separadas essas minhas duas especialidades. Eu me deito com mulheres e arruíno coisas, mas nunca arruinei uma mulher inocente.”

“Isso parece apenas um descuido da sua parte.”

Ele riu.

“Talvez. Mas não é algo que eu pretenda consertar.”

Seus olhos encontraram os dela, espontâneos e sinceros. Então, algo estranho aconteceu. Minerva acreditou nele. Aquilo era algo que ela não havia levado em conta. Que ele fosse contrário ao plano por uma questão de *princípios*... Ela nem sonhou que, talvez, ele tivesse escrúpulo para se ser ofendido. Mas ele tinha,

evidentemente. E Colin estava expondo seus princípios para *ela,* em uma atitude de confiança. Como se os dois fossem amigos e ela pudesse compreendê-lo. Alguma coisa tinha mudado entre eles nos dez minutos que se passaram desde que Minerva bateu em sua porta. Ela se recostou na cadeira, olhando para ele.

"Você é uma pessoa diferente à noite."

"Eu sou", ele simplesmente concordou. "Mas você também é."

Ela balançou a cabeça.

"Eu sou sempre esta pessoa, por dentro. É só que..." *Por algum motivo, eu nunca consigo ser essa pessoa com você. Quanto mais eu tento, mais eu me atrapalho.*

"Ouça, eu fico honrado com seu convite, mas essa excursão que está sugerindo não pode acontecer. Eu voltaria parecendo o pior tipo de gigolô sedutor. E seria isso mesmo, tendo fugido com uma jovem inocente e depois a descartado."

"Por que não posso ser eu a descartar você?"

Colin deixou escapar uma risadinha.

"Quem é que acreditaria..."

Ele interrompeu sua resposta. Tarde demais.

"Quem acreditaria nisso", ela terminou por ele. "Quem, não é mesmo?"

Com uma imprecação, ele pôs de lado o copo de vinho.

"Vamos. Não se ofenda."

Dez minutos atrás ela podia esperar que ele risse. Minerva estaria preparada para seu escárnio, e ela não teria permitido que ele percebesse como isso a machucava. Mas as coisas mudaram. Ela aceitou seu vinho e seu casaco. Mais do que isso, ela aceitou sua honestidade. Minerva baixou a guarda... E agora isso. Ela ficou profundamente magoada. Seus olhos lacrimejaram.

"É inconcebível. Eu sei o que você está dizendo. O que todo mundo vai dizer. É inconcebível que um homem como você pudesse se in..." Ela engoliu. "Pudesse se interessar por uma garota como eu."

"Não foi o que eu quis dizer."

"É claro que foi. É absurdo. Cômico. A ideia de que você pudesse me querer, e que *eu* o dispensasse? Eu sou sem graça, estudiosa, absorta, desajeitada, sem salvação..." A voz dela tremeu. "Em toda uma era geológica, ninguém acreditaria."

Minerva enfiou os pés em suas botas. Depois levantou e pegou sua capa.

Colin levantou e esticou o braço para segurá-la. Minerva tentou se afastar, mas não foi rápida o bastante. Os dedos dele se fecharam ao redor do pulso dela.

“As pessoas acreditariam”, disse ele. “Eu poderia fazer com que acreditassem.”

“Seu homem horrível, debochado. Você nem consegue lembrar meu nome.” Ela lutou para se soltar.

Colin apertou o punho dela.

“*Minerva.*”

Ela parou. Sua respiração queimava nos pulmões, como se ela estivesse tentando abrir caminho em meio a neve, à altura de seus quadris.

“Escute-me, por favor”, disse ele, com a voz baixa e suave. “Eu poderia fazer com que as pessoas acreditassem. Eu *não vou* fazer isso, porque acho que esse seu plano é uma ideia espetacularmente ruim. Mas eu poderia. Se eu quiser, posso convencer toda Spindle Cove – toda Inglaterra – de que estou completamente enfeitiçado por você.”

Ela fungou.

“Claro.”

“Não, é sério”, ele sorriu. “Seria muito fácil. Eu começaria estudando você, quando não estivesse percebendo. Admirando-a enquanto estiver perdida em seus pensamentos, ou debruçada sobre um livro. Admirando a forma como esse cabelo escuro e rebelde sempre consegue escapar dos grampos e escorrer por seu pescoço.” Com a mão livre, Colin pegou uma mecha molhada do cabelo de Minerva e a ajeitou atrás de sua orelha. Então ele passou de leve o dedo na face dela. “Reparando no brilho quente de sua pele, onde o sol a beijou. E esses lábios. Maldição. Acredito que eu poderia ficar muito fascinado por seus lábios.”

Ele deixou o polegar pairar sobre a boca de Minerva, provocando-a com as possibilidades. Ela ansiou por seu toque, até se sentir péssima. Esse... *desejo* indesejável.

“Não demoraria muito. Logo todos ao nosso redor perceberiam meu interesse”, disse ele. “Eles acreditariam na minha atração por você.”

“Há meses você me provoca sem piedade. Ninguém se esqueceria disso.”

“Faz parte do encanto. Não sabia? Um homem pode começar a flertar com desinteresse, até desdém. Mas ele nunca provoca sem afeto.”

“Não acredito em você.”

“Mas deveria. Os outros acreditariam.” Ele colocou as mãos nos ombros dela, e então a examinou das botas ao cabelo solto. “Eu poderia convencer a todos que estou consumido por uma paixão visceral, selvagem, por esta feiticeira de cabelos pretos e lábios sensuais. Que admiro sua lealdade incondicional a suas irmãs e sua natureza valente e engenhosa. Que fico louco pelas mostras de

paixão, profunda e secreta, que lhe escapam, às vezes, quando ela se aventura fora de sua concha." As mãos fortes de Colin alcançaram a moldura de seu rosto. Seus olhos de diamantes Bristol encararam os de Minerva. "Que eu vejo nela uma beleza rara e selvagem que, de algum modo, foi negligenciada por outros homens. E eu a quero. Desesperadamente. Só para mim. Oh, eu poderia fazer com que todos acreditassem nisso."

Aquela torrente de palavras cheias de significado exerceu um tipo de encanto em Minerva. Ela ficou paralisada, incapaz de se mexer ou falar. *Não é verdade*, ela disse para si mesma. *Nenhuma dessas palavras é real.* Mas o carinho que ele lhe fazia era real. Real, quente e suave. Poderia significar muito, se ela deixasse, mas a prudência lhe dizia para se afastar. Em vez disso, ela tocou, com a mão leve e trêmula, o ombro de Colin. Mão tola. Dedos tolos.

"Se eu quisesse", murmurou ele, puxando-a para perto e fazendo-a erguer o rosto, "eu convenceria todo mundo de que a razão verdadeira pela qual fiquei em Spindle Cove – meses além do que eu poderia aguentar – não tem nada a ver com meu primo ou minhas finanças." A voz dele ficou rouca. "Foi simplesmente você, Minerva." Ele acariciou o rosto dela, tão suavemente que fez seu coração doer. "Sempre foi você."

Os olhos dele eram sinceros. Não havia sinal de ironia em sua voz. Ele parecia quase ter convencido a si mesmo. O coração de Minerva martelava em seu peito violentamente. Aquele martelar louco era tudo o que ela conseguia ouvir. Até outro som se intrometer... Risos... Risos de mulher. Vindo de cima, como uma cascata de água gelada. Um choque inesperado que a encharcou. *Oh, Deus!*

"Maldição." Ele ergueu os olhos para o mezanino.

Minerva seguiu seu olhar. Por trás das cortinas fechadas, a mulher escondida riu novamente. Riu *dela. Oh, Deus. Oh, Deus.* Tudo aquilo. Quem quer que estivesse lá em cima, escutou tudo o que foi dito. Entorpecida, Minerva agarrou sua capa e a vestiu com os dedos trêmulos. O calor fumacento do fogo ficou repentinamente enjoativo e abundante. Sufocante. Ela tinha que ir embora daquele lugar. Minerva sentiu que iria vomitar.

"Espere", disse ele, seguindo-a até a porta. "Não é o que parece."

Ela o cortou com um olhar gélido.

"Muito bem, é quase o que parece", disse ele. "Mas eu juro que havia me esquecido que ela estava aí em cima."

Ela parou de brigar com a tranca da porta.

"E isso deve melhorar minha opinião a seu respeito?"

“Não”, ele suspirou. “Deve melhorar sua opinião sobre *si mesma.* Era o que eu queria. Fazer você se sentir melhor.”

Foi espantoso como ele conseguiu, com um único comentário, tornar uma situação que já era humilhante treze vezes pior.

“Entendo. Normalmente você reserva os falsos elogios para suas amantes. Mas você achou que poderia fazer uma caridade.” Ele começou a responder, mas ela o interrompeu. Minerva olhou para o mezanino. “Quem é ela?”

“Isso importa?”

“Isso *importa*?” Ela escancarou a porta. “Bom Deus. As mulheres são tão substituíveis e sem rosto para você? Você simplesmente... as esquece embaixo das almofadas da cama, como se fossem moedas? Não consigo acreditar, eu...”

Uma lágrima quente escorreu por seu rosto. Ela odiou aquela lágrima. Odiou que ele a tivesse visto. Não valia a pena chorar por um homem daqueles. Era só que... naquele momento junto à lareira, após anos sendo ignorada, ela finalmente se sentiu *notada*. Admirada. *Desejada.* E tudo foi uma mentira. Uma mentira ridícula, risível.

Ele pegou o sobretudo.

“Pelo menos deixe-me acompanhar você até em casa.”

“Para trás. Não se aproxime de mim nem da minha irmã.” Ela o manteve afastado, com a mão estendida, enquanto saía pela porta. “Você é o homem mais traiçoeiro, repugnante, descarado e desprezível que eu já tive o desprazer de conhecer. Como você consegue dormir à noite?”

A resposta dele veio no momento em que ela batia a porta.

“Não consigo.”

Capítulo Dois

Ele não dormiu aquela noite...

Depois que Minerva Highwood saiu debaixo de chuva, nem mesmo um libertino dissoluto e desalmado como Colin conseguiria simplesmente continuar de onde havia parado. Ele tirou a viúva de sua cama, fez com que se vestisse, e a acompanhou até a vila. Depois de se certificar que Minerva havia chegado em segurança a sua casa – o que fez ao ver as botas enlameadas ao lado da porta dos fundos da pensão –, Colin voltou para seus aposentos no castelo e abriu uma nova garrafa de vinho. Mas não conseguiu pregar os olhos. Ele nunca conseguia. Não à noite, não sozinho.

Deus, ele odiava o campo. Todo o sol e o ar marinho de Sussex não compensava as noites escuras e silenciosas. Colin estava disposto a dar seu mamilo esquerdo – as bolas eram inegociáveis – por uma noite decente de sono. Desde que Fiona Lange foi embora da vila, o melhor que ele conseguiu foi cochilar algumas horas no início da manhã. Durante a maior parte do inverno, ele bebia até atingir um estupor noturno. Mas seu corpo, já exausto pela falta de descanso, começava a se ressentir do volume de bebida que ele ingeria. Se não tomasse cuidado, Colin iria se tornar um alcoólatra. Ele era muito novo para isso, droga.

Então ele finalmente cedeu e aceitou o convite explícito que a Sra. Ginny Watson lhe fazia há algum tempo, com seus sorrisos e quadris salientes. Ele resistiu à jovem viúva durante meses por não querer se envolver com uma moradora da vila. Mas ele iria embora em questão de dias. Por que não tornar suportáveis suas últimas noites? Isso não magoaria ninguém. Ninguém mesmo.

Em sua cabeça, ele viu Minerva Highwood. Aquela única lágrima escorrendo por sua face. *Que mal, Colin. Muito mal.* Ele deveria tê-la mandado embora imediatamente. Ele não tinha nenhuma intenção de casar com Diana Highwood, nunca teve. Mas Minerva estava molhada e com frio, necessitando de algum tempo perto do fogo. E ele achou perversamente divertido provocá-la com todos

aqueles argumentos até chegar à conclusão ilógica, passional. De todos os planos malucos para se casar... uma fuga falsa para ganhar um prêmio de geologia? Ela não ganharia pontos em elegância. Mas Colin tinha que admitir; aquele tipo de garota não batia à sua porta todas as noites. O pior de tudo era que, a conversa sedutora que Colin teve com Minerva... não era *totalmente* mentirosa. Ela não era desprovida de um encanto muito particular. O cabelo escuro, quando solto e derramado em ondas que chegavam a seu quadril, eram extremamente sedutores. E sua boca realmente fascinava Colin. Para uma intelectual de língua afiada, ela tinha os lábios mais suculentos e sensuais que ele já tinha visto. Lábios copiados da Afrodite, de algum mestre renascentista. Vermelho escuro nos cantos e um tom mais claro no centro, como se fossem duas fatias de uma ameixa madura. Às vezes ela prendia o lábio inferior entre os dentes e o mordia levemente, como se saboreasse uma doçura escondida. Era de admirar, então, que durante vários minutos ele conseguiu esquecer que Ginny Watson estava em sua cama?

Minerva pagou o preço do descuido de Colin. Era por isso que ele *precisava* voltar para Londres. Lá, a devassidão de sempre o mantinha longe desse tipo de problema. Ele e os amigos iam de uma casa noturna para outra como um bando de animais selvagens. E quando ele se cansava da folia, não tinha dificuldade para encontrar uma mulher vivida, desejosa de se deitar com ele. Colin lhes dava um prazer físico incomparável, e elas lhe ofereciam a tão necessária paz... todo mundo ia embora satisfeito. Naquela noite ele deixou duas mulheres profundamente insatisfeitas. E ficou acordado com aquele maldito e velho conhecido: o arrependimento.

Pelo menos seus dias estavam contados. Bram devia chegar ao castelo no dia seguinte. A razão declarada era que ele viria inspecionar sua milícia após uma ausência de vários meses. Contudo, Colin sabia, pela correspondência com o primo, que ele tinha outros negócios em mente. Após longos meses, Colin seria libertado. Adeus, aposentos frios de pedra. Adeus, angustiantes noites no campo. Em questão de dias ele partiria.



“Como assim, vou ficar aqui?” Colin encarou o primo, sentindo como se ele tivesse acertado um soco em seu estômago. “Não estou entendendo.”

“Vou explicar.” Bram gesticulou pacientemente. “Essa é uma coisa normal, no que diz respeito aos aniversários, entende? É espantoso, mas eles chegam todos os anos no mesmo dia. E ainda faltam dois meses para o seu. Até lá, sou o

administrador da sua fortuna. Eu controlo cada centavo que você possui, e você vai ficar bem aqui.”

Colin balançou a cabeça.

“Isso não faz sentido. Ele se rendeu. Você acabou de anunciar isso para a vila toda. A guerra acabou.”

Os dois estavam em frente ao Touro e Flor, a única taverna de Spindle Cove. Após supervisionar o exercício da milícia à tarde, Bram convidou todos os voluntários para tomar cerveja. Então ele anunciou as notícias mais recentes da França, que certamente estariam nas primeiras páginas de todos os jornais da Inglaterra na manhã seguinte. Napoleão Bonaparte havia renunciado ao trono, e agora era mera questão de tratados serem assinados. A vitória era dos aliados. O júbilo de todos fez a estrutura de madeira da taverna balançar. As crianças correram para badalar o sino da igreja de Santa Úrsula. A primeira cerveja virou duas, depois três. Conforme a tarde se dissolvia no crepúsculo, esposas e namoradas começaram a vir pelas vielas, trazendo consigo pratos de comida. Alguém levou um violino. Não demorou para a dança começar. Toda Spindle Cove – toda *Inglaterra* – tinha motivos para celebrar.

Colin também deveria estar comemorando. Em vez disso, ele se sentia morto por dentro. Era uma sensação absolutamente conhecida.

“Bram, você precisava de mim para supervisionar a milícia na sua ausência, e eu cumpri esse dever.” *A um custo alto para minha sanidade.* “Mas se a guerra acabou, isso não é mais necessário.”

“Necessária ou não, a milícia permanecerá formada até que a Coroa decida o contrário. Não posso simplesmente dispensá-la porque estou com vontade.”

“Então que Thorne fique no comando.”

“E o Thorne, onde está, afinal?” Bram passou os olhos pelo local à procura de seu cabo.

Colin gesticulou vagamente.

“Saiu para fazer o de sempre... Deve estar se barbeando com uma foice cega. Ou talvez limpando enguias com as mãos nuas. Na verdade, *ele* gosta deste lugar.”

“Ah”, disse Bram. “Mas você *precisa* deste lugar.”

Colin esfregou o rosto com as duas mãos. Ele sabia que a intenção de Bram era boa. Seu primo realmente acreditava que manter Colin sem dinheiro no campo, em Sussex, para comandar a milícia local, era sua melhor oportunidade para redimir uma existência dissoluta. O que Bram não entendia era que existiam tipos diferentes de homens. Disciplina militar e a vida no campo podiam ter

domado os demônios de Bram, mas apenas alimentavam os de Colin. Não havia como explicar isso em palavras que Bram pudesse entender. E o que Colin deveria dizer, afinal? *Muito obrigado por se importar comigo, mas eu preferiria que você não se importasse*? Bram era o que lhe restava de sua família. Ao longo do último ano eles desenvolveram um relacionamento tênue baseado em afeto fraternal, e Colin não queria estragar isso.

"Colin", disse Bram, "se você quer tanto sair de Spindle Cove sabe quais são suas opções. Minha curadoria termina quando você se casar. A mulher certa pode fazer bem a você."

Colin gemeu silenciosamente. Ele havia testemunhado várias vezes aquele fenômeno acontecer com seus amigos. Eles se casavam. Ficavam felizes, saciados e gratos, pois passavam a contar com uma fonte estável de sexo. E então eles começavam a se vangloriar, como se tivessem inventado a instituição do matrimônio e ganhassem uma recompensa por cada solteiro que conseguissem converter.

"Bram, estou feliz por você estar contente com Susanna e o bebê a caminho. Mas isso não significa que o casamento me fará bem. Na verdade, acho que faria muito mal à mulher com quem eu me casasse." Ele bateu com o punho na parede da taverna. "Escute, eu preciso ir para Londres. Fiz uma promessa para o Finn."

"O que, exatamente, você prometeu ao Finn?" Bram olhou pela janela, procurando o garoto de quinze anos entre os milicianos reunidos.

"Eu perdi uma aposta para ele, entende. E nós apostamos um par de sapatos. Eu lhe entregaria os meus Hobys, mas não servem para o pé dele. Então eu disse que o levaria até Londres para comprarmos um par sob medida. E então pensei que poderíamos visitar algumas escolas, para resolvermos isso antes que o semestre comece, no outono."

Bram balançou a cabeça.

"Eu já arrumei uma escola para o Finn aqui em Sussex. Escola Flintridge para Meninos."

"Flintridge? E quanto a Eton? Nós dissemos para a mãe dele que lhe daríamos o melhor."

"O melhor para Finn. Flintridge oferece uma educação excelente, e é mais perto de casa. Além disso, a família Bright tem uma loja, e você quer mandá-lo para Eton? Você sabe que ele se sentiria deslocado."

Colin sabia tudo sobre se sentir deslocado em Eton. Ele foi para lá com oito anos, após uma tragédia, recém-órfão, ainda sofrendo com a perda dos pais. Na época, ele era pequeno para sua idade. Ele seria um alvo perfeito mesmo sem os

pesadelos e estes serviram de munição para o arsenal dos valentões. Ele ainda podia ouvi-los, cantando em falsete: "*Mãe!"*, guinchavam eles pelos corredores. "*Mãe, acorde!*" O primeiro ano foi uma tortura. Mas no final ele se saiu bem.

"Eu sei que não vai ser fácil para ele se encaixar", disse Colin. "Mas eu posso ensinar ao Finn como se defender. Ele precisa ver um pouco mais do mundo, perder esse deslumbramento caipira. Ele precisa de um tutor, para não ficar para trás nos estudos. E se eu comprar um belo par de Hobys para ele, e inscrevê-lo no clube de boxe, Finn poderá impressionar os garotos deslumbrados e arrebentar com os valentões."

Colin olhou pela janela da Touro e Flor, Finn Bright estava encostado na parede, apoiado em seu irmão gêmeo, Rufus. Dos cabelos brancos de tão loiros aos braços finos e ao sorriso maroto, os gêmeos Bright eram idênticos. Pelo menos costumavam ser, até o verão passado, quando uma explosão de artilharia levou o pé esquerdo de Finn.

"Foi um acidente", disse Bram, lendo seus pensamentos.

"Um que eu poderia ter evitado."

"Eu também poderia tê-lo evitado."

Colin bateu com o dedo na janela.

"Olhe para ele. Está curado, mas agitado. O tempo está esquentando. Ele vê o resto dos jovens de sua idade jogando críquete, trabalhando nos campos, indo atrás das garotas... Ele está se dando conta, pela primeira vez, do que isso significa. O que isso *vai* significar, pelo resto da sua vida. Eu sei que você deve compreender."

Bram levou um tiro no joelho, fazia mais de um ano, enquanto combatia na Espanha. Ele conseguiu salvar a perna, mas mancava e o ferimento encerrou sua carreira como comandante de campo. Alguém poderia pensar que sua identificação com a tragédia do garoto pudesse amolecer sua resistência à ideia de Colin. Esse alguém estaria errado... A expressão de Bram era tão mole quanto granito.

"Colin, você não deveria fazer essas promessas ao garoto. Você sempre faz isso. Não tenho dúvida que sua intenção é boa, mas suas boas intenções funcionam como granadas de artilharia. Toda vez que você abre essa sua bocarra os inocentes ao seu redor são feridos."

Colin estremeceu ao pensar em Minerva Highwood na noite anterior, com aquela lágrima solitária escorrendo por seu rosto.

"É exatamente por isso que não posso liberar nenhuma verba para você", continuou Bram. "Você inventa uma historinha bonita de como vai passar lindos

dias como mentor de Finn, mas à noite eu sei que você irá procurar as casas noturnas e os inferninhos.”

“Droga, é da minha conta como eu passo as minhas noites. Não consigo permanecer neste lugar, Bram. Você não faz ideia.”

“Ah, eu faço! Eu faço uma boa ideia.” Bram se aproximou do primo e baixou a voz. “Eu comandei regimentos em batalha. Você acha que eu não sei o que acontece com um homem que assiste a derramamento de sangue e carnificina? Os pesadelos, a inquietação. A bebida... A sombra que paira sobre a pessoa durante anos, até mesmo décadas. Conheci muitos soldados com trauma de guerra.”

Enquanto absorvia o significado das palavras do primo, o pulso de Colin acelerou. Naturalmente Bram sabia do acidente. Quase todo mundo de seu círculo social sabia. Mas os outros tinham sensibilidade para compreender que Colin não tocava no assunto. Nunca.

“Eu não sou um de seus soldados com trauma de guerra”, disse ele.

“Não. Você é minha família. Não consegue entender? Quero ver você superar isso.”

“Superar?” Colin riu com amargura. “Nossa, como eu ainda não pensei nisso?” Ele deu um tapa na testa. “Vou simplesmente superar isso. Que maldita ideia brilhante. Também tenho uma ideia para você, Bram. Endireite-se e pare de mancar. E Finn... ora, Finn pode fazer crescer um pé novo.”

Bram suspirou.

“Não vou fingir que sei exatamente do que você precisa”, disse ele, “mas eu sei que você não irá encontrar isso nos salões de jogos nem nas casas de ópera. Esses próximos meses são minha última chance para dar um jeito em você. Depois do seu aniversário, as contas, propriedades, Riverchase... serão todas suas para administrar. Ou para perder.”

Colin se acalmou instantaneamente.

“Eu nunca arriscaria perder Riverchase. Nunca.”

“Faz anos que você não vai até lá.”

“Não tenho vontade de ir.” Ele deu de ombros. “É sossegado demais. Longe demais.”

Lembranças demais...

“Você precisa cuidar do lugar”, disse Bram.

“Os administradores da terra têm cuidado muito bem dessa propriedade há anos. Eles não precisam de mim por lá. E eu quero ter uma vida feliz em Londres.”

“A existência devassa, sem sentido, que você tinha em Londres... Você chama aquilo de ‘feliz’?” Bram franziu a testa. “Jesus Cristo. Você não consegue ser honesto nem consigo mesmo.”

Colin cerrou o punho, mas avaliou se deveria usá-lo.

Ele baixou a voz quando Finn saiu da taverna.

“O garoto está com tudo empacotado, Bram. Você não pode decepcioná-lo.”

“Ah, mas *eu* não vou decepcioná-lo. Vou deixar isso para você.”

Ui...

Finn se aproximou deles com suas muletas.

“E então, meus lordes?”

Colin percebeu que o garoto se esforçava para não parecer cheio de esperanças. Esse era o Finn. Perdesse um jogo de dardos ou o pé esquerdo, ele sempre colocava uma máscara de coragem sobre sua decepção. Ele era mais forte do que demonstrava, e tinha mais ambição do que os outros supunham. Aquele garoto seria realmente alguém, um dia. E merecia algo melhor do que a maldita Escola Flintridge para Meninos.

“Finn, houve uma mudança de planos. Nós não iremos para Londres esta semana.”

“N-não iremos?”

“Não”, disse Colin. “Em vez disso, você irá para Londres com Lorde Rycliff.”

Bram se virou para ele, perplexo.

“Como?”

“Nós concordamos que seria melhor.” Colin olhou enviesado para seu primo.

Bram respondeu com um olhar que poderia pulverizar nozes dentro da casca.

“Mas... eu pensei que iria ficar com você, Lorde Payne.” Finn olhou para Colin, confuso. “Nós iríamos montar um apartamento de solteiros em Covent Garden.”

“É verdade. Mas eu e meu primo concordamos que você precisa de um ambiente familiar salutar. Por enquanto, pelo menos. Não é verdade, Bram?”

Ora essa, homem. Você não pode recusar. Não seja um idiota. Seu primo finalmente cedeu.

“Nós acabamos de nos mudar para a nova casa na cidade, Finn. Susanna ficará contente por recebermos nosso primeiro hóspede.”

Colin puxou Finn de lado.

“Eu também irei neste verão, não se preocupe. Vou chegar a tempo para andarmos de barco no Tâmisa.” Ele se inclinou para sussurrar: “E quanto ao

boxe, não tema. Vou providenciar ingressos para assistirmos uma luta profissional em breve, se eu tiver boas notícias de seus professores.”

“Tudo bem, então”, o jovem sorriu.

“Pegue sua bagagem, Finn”, disse Bram. “Encontre-me no estábulo e colocaremos suas coisas na carruagem. Vamos partir ao amanhecer.” Os dois saíram andando juntos, fazendo planos que não incluíam Colin. Este tentou se convencer de que tudo tinha saído da melhor forma possível. Se ele próprio tivesse levado Finn para Londres, alguma coisa daria errado. Bram tinha razão. Toda vez que ele tentava fazer algo de bom, de algum modo a situação azedava.

Afastando-se da taverna para o centro da praça, Colin tirou o frasco do bolso do colete. Ele o destampou e engoliu tudo de uma vez, em um gole rápido. O líquido queimou ao descer – assim como queimou saber que aquela era a primeira dose de muitas. A noite começava a cobrir a enseada com seu manto púrpura estrelado. Colin não sabia como sobreviveria aos próximos meses sem fritar o cérebro em álcool.

Um grupo de mulheres se aproximou, atravessando a praça pelo caminho que levava da Queen’s Ruby até a taverna. Não era de admirar que as moradoras da pensão fossem atraídas pelos acordes da música animada. Colin escondeu-se nas sombras da castanheira, sentindo-se incapaz de uma conversa educada naquele momento. Quando as mulheres se aproximaram, ele as reconheceu. As Highwood. A matriarca viúva caminhava à frente, e as três filhas a seguiam. Primeiro Charlotte, depois Diana... e finalmente, mais atrás, Minerva, o rosto previsivelmente enterrado em um livro. A brisa noturna flertava com seus xales e saias. Se Colin quisesse sair de Spindle Cove, tinha algumas opções. Duas delas passavam por ele naquele momento: ele podia se casar com Diana ou fugir para a Escócia com Minerva.

Boas opções, aquelas. Ele preferiria destruir a reputação de uma irmã ou arruinar a futura felicidade da outra? Ele queria ir embora daquele lugar, com certeza. Mas Colin gostaria de fazê-lo com alguma decência. Ele virou outro gole da bebida.

Diana Highwood seria, um dia, a noiva encantadora de algum homem. Ela era linda, elegante, refinada e possuía um bom coração. Sem dúvida ela saberia se virar na cidade e conseguiria tolerar os excessos de Colin melhor do que a maioria das mulheres. E isso significava que sua irmã de língua afiada e óculos tinha toda razão. Diana merecia um futuro melhor. Quanto à irmã de óculos em questão...

Enquanto observava o grupo que atravessava a praça, Colin mal reconheceu

nela a garota que o visitou na noite anterior; a jovem corajosa, espirituosa, que soltou o cabelo perto de sua lareira, e que falou com uma autoconfiança tão cativante. Onde havia estado aquela garota durante todos aqueles meses? Mais precisamente, onde estava aquela garota naquele momento? O vestido florido de musselina que ela usava não era lisonjeiro nem horrendo. Poderia ser descrito como totalmente desinteressante. Enquanto caminhava, ela deixava os ombros caídos, como se Minerva tentasse se esconder. Isso, mais o rosto enfiado no livro, fazia parecer que ela se esforçava para desaparecer.

"Minerva! Postura", rosnou a Sra. Highwood.

Colin balançou a cabeça. Considerando a amolação constante que Minerva aguentava da mãe, seria estranho que ela quisesse se esconder?

Na noite anterior ela se aventurou fora daquela casca de proteção. Minerva se arrastou por todo o caminho até o castelo, debaixo de chuva, bateu na sua porta até que ele a deixasse entrar, e então ofereceu sua própria ruína para proteger a irmã. E qual foi a recompensa que ela recebeu por seu esforço? Humilhação. Deboche. E mais censura por parte da mãe. Colin jamais sonhou que diria isso a respeito da intelectual que havia passado os últimos meses o espetando com olhares enviesados e comentários maldosos, mas era a verdade. Minerva merecia algo melhor.

Colin tapou seu frasco e o enfiou no bolso. Ele poderia ter que esperar alguns meses para cumprir suas promessas a Finn Bright. E mesmo assim, ele não seria capaz de repor o pé do rapaz. Mas ele iria acertar seu negócio com as Highwood. Naquela noite.

Capítulo Três

O pai de Minerva disse uma vez que, quando ela se perdia em um livro, eram necessários cachorros farejadores e uma equipe de resgate para trazê-la de volta. Por outro lado, um galho baixo de árvore também resolvia.

Bam!

"Ai." Parando de andar, Minerva esfregou a têmpora dolorida e ajustou os óculos com uma mão. Com a outra ela marcou a página do livro em que estava. Charlotte olhou para ela e inclinou a cabeça, demonstrando pena.

"Ah, Minerva. Tenha dó!"

"Você se machucou?", perguntou Diana, preocupada.

À frente de todas, sua mãe se virou e soltou um suspiro desesperançado.

"Minerva Rose Highwood. Apesar de todo seu amor anormal pela educação, você consegue ser incrivelmente idiota." A Sra. Highwood voltou até a filha, agarrou-a pelo cotovelo, e a puxou através da praça da vila. "Eu nunca vou entender como você se tornou isso."

Não, mamãe. Pensou Minerva, marchando a seu lado. *Duvido que você entenda.* A maioria das pessoas não a entendia. Mesmo antes da humilhação da noite anterior, ela havia feito as pazes com esse fato. Ultimamente, parecia que somente um lugar, e não uma pessoa, conseguia entender Minerva: Spindle Cove, aquele refúgio litorâneo para jovens de boa família e, bem, personalidade *interessante*. Fossem doentes, eruditas ou escandalosas, as moças daquele lugar eram desajustadas de um modo ou de outro. Os moradores da vila não ligavam se Minerva cavava a terra ou se andava pelas trilhas rurais com um livro aberto diante do rosto e a brisa soprando seu cabelo. Ela se sentia em casa ali, à vontade. Até aquela noite...

Quanto mais elas se aproximavam da taverna e da celebração pela vitória na guerra, mais seu sentimento de pavor aumentava.

"Mamãe, não podemos voltar para a pensão? O tempo está medonho."

"Está ameno, se comparado à chuva da semana passada."

“Pense na saúde de Diana. Ela está se recuperando de um resfriado.”

“Pff. Isso faz semanas.”

“Mas mamãe...” Desesperada, Minerva procurou alguma outra desculpa. “Será correto?”

“Correto?” A mãe ergueu a mão sem luva de Minerva, mostrando a terra sob suas unhas. “*Você* quer me falar do que é correto?”

“Bem, sim. Uma coisa é frequentar o Touro e Flor à tarde, quando é uma casa de chá para mulheres. Mas quando escurece, vira uma taverna.” Minerva não precisava dizer onde esteve na noite anterior.

“Não me importa que seja um antro de ópio. É a única possibilidade de dança em quinze quilômetros”, respondeu sua mãe. “E Colin certamente estará lá. Vamos receber um pedido esta noite. Posso sentir nos meus ossos.”

Talvez a mãe sentisse isso em seus ossos, mas a reação de Minerva estava sendo mais visceral. Seu coração e estômago trocaram de lugar, um empurrando o outro dentro dela.

Conforme elas se aproximaram da porta da taverna, Minerva enterrou o rosto no livro. Fossem romances, histórias ou tratados científicos, os livros eram frequentemente seu refúgio. Naquela noite o livro era literalmente um escudo, a única barreira a protegê-la do mundo. De modo algum ela deixaria Diana sozinha, mas Minerva não sabia como poderia encarar novamente Lorde Payne. Para não falar da amante oculta que riu de suas tolas esperanças. A “amiga” dele poderia ser qualquer mulher naquele salão lotado. E quem quer que fosse, ela podia já ter contado a história para todo mundo.

Enquanto elas entravam no estabelecimento e abriam caminho em meio à multidão, Minerva teve certeza de que ouviu alguém rindo. Rindo *dela.* Esse era o pior resultado de sua desastrosa visita noturna. Fazia meses que Spindle Cove era o porto seguro de Minerva. E agora ela jamais se sentiria à vontade ali novamente. O eco daquela risada cruel a seguiria por todas as ruas de pedra e trilhas. Colin havia arruinado aquele lugar para ela. E agora ele ameaçava arruinar o resto de suas vidas. *No domingo você já poderia me chamar de “irmão”*. Não! Ela não podia deixar aquilo acontecer. Ela não permitiria. De *algum modo* ela impediria, mesmo que tivesse que jogar seu livro na cabeça daquele homem.

“Oh, ele não está aqui.”

O comentário lamurioso de Charlotte lhe deu esperança. Minerva baixou o livro e vasculhou a multidão. Os voluntários da milícia ocupavam o local, destacando-se com os uniformes em vermelho e dourado contra as paredes

caiadas. Ela baixou o queixo e espiou por cima das lentes, focando no lado mais distante do salão, onde homens e mulheres se apinhavam junto ao bar. Nada de Lorde Payne. Sua respiração ficou mais fácil. Ela empurrou os óculos nariz acima e sentiu os cantos de sua boca relaxarem, esboçando um sorriso. Talvez ele tivesse ficado com peso na consciência. Mas o mais provável era ele ter permanecido em sua torre, para entreter sua amiga, que se divertia tão facilmente. Pouco importava onde ele estivesse, desde que não fosse ali.

"Ah, ali", disse a mãe, virando-se. "Ele entrou pelos fundos."

Droga! Minerva sentiu um peso no coração assim que o viu. Ele não tinha ares de um homem com peso na consciência, mas parecia mais sombrio e perigoso do que nunca. Embora ele tivesse acabado de passar pela porta, a atmosfera do ambiente mudou instantaneamente. Uma energia palpável, agitada, irradiava dele, e todos podiam sentir. Toda a taverna ficou em alerta. Uma mensagem não declarada correu de corpo em corpo. *Alguma coisa está para acontecer...*

Os músicos tocaram o prelúdio de uma dança folclórica. Por toda a sala, pares começaram a se formar. Ele baixou a garrafa. Tapou-a. Recolocou-a em seu bolso. E então direcionou seu olhar, quente e decidido, para as Highwood. Os pelinhos da nuca de Minerva ficaram em pé.

"Ele está olhando para você, Diana", murmurou sua mãe, empolgada. "Ele vai tirar você para dançar."

"Diana não deveria dançar", disse Minerva, incapaz de tirar seus olhos dele. "Não uma música dessas. A asma."

"Bobagem. O ar marítimo fez seu trabalho. Faz meses que ela não tem uma crise."

"Não. Mas o último foi provocado pela dança." Ela balançou a cabeça. "Por que eu sou sempre a única que se preocupa com o bem-estar de Diana?"

"Porque eu estou sempre preocupada com o seu. Coisa ingrata."

O olhar da mãe a atravessou. Quando garota, Minerva invejava os olhos azuis da mãe. Eles pareciam ter a cor de oceanos tropicais e céus sem nuvens. Mas a cor havia desbotado ao longo dos anos, desde a morte do pai. Agora o azul tinha o tom de um tecido usado durante três estações. Ou de porcelana de classe média quebrada. A cor da paciência quase esgotada.

"Nós somos em quatro, Minerva. Todas mulheres. Sem marido, pai ou irmão no retrato de família. Podemos não ser pobres, mas nos falta segurança de verdade. Diana tem a chance de agarrar um visconde belo e rico, e não permitirei que você a atrapalhe. Quem mais irá salvar esta família? *Você?*", ela riu com

crueldade.

Minerva sequer conseguiu formular uma resposta.

“Oh, ele está se aproximando”, guinchou Charlotte. “Ele está vindo para cá.”

Pânico borbulhou no peito de Minerva. Será que Colin realmente faria o pedido naquela noite? Qualquer homem sensato faria. Diana era sempre linda, mas naquela noite estava radiante dentro de um vestido de seda esmeralda com detalhes em renda marfim. Seu cabelo claro brilhava, incandescente, sob a luz das velas, e sua postura etérea lhe dava o ar de uma lady. Ela parecia mesmo uma viscondessa. E Lorde Payne tinha todo o aspecto de um lorde poderoso.

O homem atravessou o salão até elas, passando pela multidão, seguindo uma trilha reta, sem se desviar. As pessoas saíam do seu caminho, como grilos assustados. Seu olhar era intenso, determinado, focado... *Nela*. Em Minerva. *Não seja boba.* Não podia ser. Com certeza era um efeito produzido por seus óculos. Ele ia falar com Diana, é claro. Óbvio. E Minerva o odiou por isso. Ele era um homem horrível, detestável.

Mas seu coração batia tão forte que parecia querer sair do peito. Um certo calor começou a se formar entre seus seios. Ela sempre imaginou qual seria a sensação de estar na ponta de um salão de festas e observar um homem lindo e poderoso se aproximar dela. Aquele momento seria o mais perto que ela chegaria daquilo. Ao lado de Diana, imaginou. Repentinamente ansiosa, ela olhou para o chão. Depois para o teto. Então ela se repreendeu pela covardia e se obrigou a olhar para ele.

Colin parou e fez uma reverência, para então estender a mão.

“Concede-me esta dança?”

O coração de Minerva cessou. O livro escapou de sua mão e caiu no chão.

“Diana, passe-me sua bolsa”, sussurrou a Sra. Highwood. “Rápido. Eu a seguro enquanto você dança.”

“Acredito que isso não será necessário”, respondeu Diana.

“É claro que será necessário. Você não pode dançar com essa bolsa pesada pendurada no seu pulso.”

“Eu não vou dançar, mamãe. Lorde Payne convidou Minerva.”

“Convidou Minerva. Que ideia.” A mãe emitiu um som indelicado de incredulidade. Que se tornou um engasgo quando a mulher percebeu, finalmente, que a mão de Lorde Payne estava realmente sendo oferecida para Minerva. “Mas... por quê?”

“Porque eu a escolhi”, disse ele simplesmente.

“Sério?”

Oh, Deus. Sério? Minerva tinha *mesmo* dito isso em voz alta? Pelo menos ela conseguiu se impedir de continuar falando o resto dos pensamentos que passavam por seu cérebro embotado, que eram algo como: *Sério? Você atravessou o salão daquela forma decidida, perigosa, por mim? Nesse caso, você se importaria de voltar até lá e fazer o mesmo percurso? Devagar, desta vez, e com sentimento.*

"Srta. Minerva", disse ele, em uma voz suave e sombria como obsidiana, "concede-me esta dança?"

Ela observou, muda e encantada, a mão sem luva de Lorde Payne pegar a sua. A mão dele era quente e forte. Ela segurou a respiração, sentindo os olhos de toda a vila nos dois. *Por favor. Por favor, que ninguém ria.*

"Obrigada", ela se obrigou a dizer. "Eu ficaria imensamente... aliviada."

Ele a conduziu até a pista, onde os dois entraram na dança folclórica.

"Aliviada?" murmurou ele, divertido. "As mulheres normalmente se sentem 'encantadas' ou 'honradas' de dançar comigo. Até mesmo 'emocionadas'."

Ela deu de ombros, perdida.

"Foi a primeira palavra que me veio."

E no momento, foi sincera. Mas quando ela se posicionou diante dele e os primeiros compassos da música começaram, seu alívio evaporou. Medo tomou seu lugar.

"Não sei dançar", ela confessou, dando um passo à frente.

Ele pegou as mãos dela e a girou.

"Mas você já está dançando."

"Não muito bem."

Ele ergueu uma sobrancelha.

"É verdade."

Minerva fez uma reverência para o lado errado e trombou com a mulher à sua esquerda. Desculpando-se apressadamente, ela exagerou na correção, e pisou no pé de Lorde Payne.

"Bom Deus", disse ele entredentes, segurando-a perto de si enquanto os dois iam para frente e para trás. "Você não estava exagerando."

"Eu nunca exagero. Não tenho jeito."

"Você tem jeito. Pare de se esforçar tanto. Para que nós consigamos fazer isto, você tem que me deixar conduzir."

A dança os separou e Minerva cambaleou. Ela tentou se convencer de que aquilo significava que ele havia concordado com seu plano. Ele a levaria para a Escócia, porque ele a escolheu. Ele a escolheu em vez de Diana. Por que outra

razão ele pediria uma dança para ela, se não para criar a impressão de que havia atração entre eles? Mas seus pensamentos foram rapidamente interrompidos pelas batidas de pé e pela música animada.

Ela cambaleou por mais uma série de passos. Então vieram deliciosos momentos em que ela não precisou fazer nada a não ser ficar parada e aplaudir. Então teve que ir para frente de novo. Para ele. Colin a puxou para perto. Indecentemente perto.

"Diga 'ai'", murmurou ele.

Ela piscou, confusa. *O quê?* Colin a beliscou forte na parte inferior do braço.

"Ai!", ela exclamou. "Por que você..."

Ele passou um braço pela cintura dela. E então o contraiu, fazendo-a tropeçar. Os óculos dela ficaram tortos no rosto.

"O que foi, Srta. Highwood?", disse ele dramaticamente, em voz alta. "Você torceu o tornozelo? Que pena."

Alguns momentos depois, ele a conduziu, cambaleante, pela porta vermelha do Touro e Flor. Eles se afastaram alguns passos da entrada. Colin a apressou, a sapatilha dela prendeu em uma pedra e Minerva tropeçou de verdade. Colin a amparou antes que ela batesse o joelho no chão.

"Você se machucou?", perguntou ele.

Ela balançou a cabeça.

"Estou bem, a não ser pelo orgulho."

Ele a ajudou a se equilibrar. Mas não a soltou.

"A coisa não saiu como eu planejei. Eu não sabia da sua... dificuldade em dançar. Se eu soubesse, teria..."

"Não, está bem assim. Foi ótimo. A dança, nós sairmos no meio. Você... me abraçando à vista de todos." Ela engoliu em seco. "Foi tudo ótimo."

"Foi mesmo?"

"Foi", ela aquiesceu.

A sensação dos braços dele, envoltos em sua cintura, era realmente boa. E o calor complexo, ardente, em seus olhos castanhos estava rapidamente derretendo a inteligência dela. Mais um minuto daquilo e ela se tornaria uma pateta diplomada. Ela olhou de relance para a porta. Com certeza alguém viria atrás deles. Ou, no mínimo, espiaria pela janela. Ninguém estava pelo menos um pouquinho preocupado com sua reputação? Ou seu tornozelo? Alguém precisava ver os dois juntos, para que sua fuga fosse convincente. Do contrário, aquele abraço perigoso, desconcertante, seria inútil.

"Por quê?", perguntou ela, incapaz de se segurar. "Você poderia ter Diana."

“Imagino que sim. E se eu decidisse casar com ela, você não poderia me impedir.”

O coração de Minerva bateu com tanta força dentro do peito que ela teve certeza de que Colin poderia senti-lo.

“Mas você me escolheu esta noite. Por quê?”

Um sorriso irônico surgiu na boca de Colin.

“Você quer que eu explique?”

“Quero. E com sinceridade, não...” *Não como na noite passada.*

“Com sinceridade.” Ele refletiu sobre a palavra. “Sinceramente, sua irmã é linda, elegante, reservada, dócil. É fácil para um homem admirá-la e imaginar toda uma vida diante de si. Casamento, casa, louça, filhos. Não é uma perspectiva sem seus atrativos. Mas é tudo muito arrumado e pronto.”

“E quando você olha para mim? O que é que você vê?”

“Sinceramente? Quando eu olho para você...” Ele tocou a parte de baixo das costas dela. “Eu penso, comigo mesmo, algo do tipo: Só Deus sabe que provações surgirão na minha vida.”

Ela se retorceu nos braços dele, tentando se soltar.

“Solte-me.”

“Por quê?”

“Porque eu quero bater em você.”

“Você pediu sinceridade.” Ele riu, mas a manteve perto. “Você... você se debatendo é exatamente o que quero dizer. Não, você não se encaixa no molde de beleza, elegância e previsibilidade. Mas anime-se, Marissa. Alguns homens gostam de ser surpreendidos.”

Marissa?

Ela olhou para ele, horrorizada. E emocionada. E horrorizada por estar emocionada.

“Você... É... *O* mais...”

Um sino badalou. A porta do Touro e Flor abriu e um punhado de garotas da vila, rindo, surgiram cambaleantes, envoltas em uma onda de música e animação. Minerva prendeu a respiração. Se as garotas virassem para aquele lado a veriam com Colin. Os dois juntos.

“Surpresa”, sussurrou ela.

E colou seus lábios aos dele.

Capítulo Quatro

Ela disse “surpresa”. *Surpresa mesmo.* Doçura. Essa foi a primeira surpresa. Ele tinha ouvido tantas palavras ácidas saindo daqueles lábios... mas seu beijo era doce. Suave e doce, com uma pitada de autêntica sensualidade por baixo. Como uma ameixa amadurecida ao sol no auge do verão. Pronta para cair em sua mão ao menor toque.

A queda. Essa foi a segunda surpresa. Quando se inclinou para beijá-la, Minerva *caiu* nele. Colin apertou os braços ao redor da cintura dela, trazendo-a para perto. Seus corpos se encontraram. Mas essa não é a palavra correta. Seus corpos haviam se “encontrado” há alguns meses, naquela noite no jardim de Summerfield. Seus corpos só estavam atualizando o conhecimento. A sensação de intimidade foi imediata e assustadora. O aroma de jasmim do cabelo dela acionou um gatilho bem no fundo dele. Uma memória armazenada não em sua cabeça, mas em seu sangue.

O que lhe trouxe a terceira surpresa: prazer... Triunfo. Droga, ele estava *querendo* aquilo. Colin teria ido ao túmulo sem admitir, mas parte dele estava querendo muito. E já havia algum tempo. Ele não a estava conhecendo através do beijo, mas confirmando verdades há muito suspeitadas. Apesar dos interesses pouco femininos e do excesso de estudos, sob a superfície, ela era totalmente mulher. Minerva não era irritadiça e teimosa em seus braços, mas calorosa e suave, moldando suas curvas à força dele.

Ele poderia fazê-la derreter. Suspirar. Estremecer. Mas saborear apenas aquilo não seria suficiente. Ele passou a língua pelos lábios fechados, à procura de mais. Fazia muito tempo que ele não beijava uma garota simplesmente por beijar, e Colin havia se esquecido do prazer puro e inebriante que isso podia trazer. Ele queria mergulhar naquela doçura suave. Embriagar-se nela, banhar-se nela. Perder-se totalmente em um beijo com léguas de profundidade.

Abra. Abra para mim. Um som abafado escapou dela. Algo como um chiado. Seus lábios permaneceram fechados sob os dele. Colin tentou de novo,

arrastando com leveza sua língua até o canto da boca de Minerva. Lenta e reverentemente, da forma que ele sabia que uma mulher gostava de ser lambida – em qualquer lugar. Então, ela abriu os lábios. Colin passou a língua entre eles, provando-a. Deus, ela era tão doce e pura. Mas estava totalmente empacada. Sem se mexer. Sem respirar. Ele parou para sorver seu suculento lábio inferior antes de tentar novamente. Colin foi um pouco mais fundo dessa vez, revirando a língua antes de retirá-la. O suspiro doce de Minerva tocou sua face. Aquele suspiro era uma confissão. Ele lhe dizia duas coisas. Primeiro, ela não fazia ideia de como corresponder seu beijo. Segundo, ela queria corresponder. Ela também andava esperando por isso. Quando eles se separaram, uma sensação de incredulidade mútua pairava no ar.

"Por que..." Ela apertava as duas mãos contra o próprio abdome. Por um instante, Minerva olhou para tudo, *menos* para ele. Então ela baixou a voz e perguntou: "Por que você fez isso?"

"O que você está dizendo?", perguntou ele, rindo. "*Você* me beijou."

"É, mas por que você fez..." Ela contorceu o rosto. "Todo o resto."

Colin fez uma pausa.

"Porque... é assim que um homem beija uma mulher."

Ela o encarou. Pelo amor de Deus, ela não podia ser tão ingênua!

"Eu sei que você não pode ter muita experiência, mas com certeza alguém já lhe explicou como são as coisas entre os sexos?" Ele estendeu as mãos para ilustrar o que dizia e pigarreou. "É assim, procure entender; quando um homem gosta muito de uma mulher, mas muito mesmo..."

Ela bateu com o punho no ombro de Colin, e mal conseguiu se segurar para não dar outro golpe.

"Não foi o que eu quis dizer, e você sabe." Ela baixou a voz e espiou o grupo de garotas, que entravam na pensão, ainda perdidas em sua própria conversa. "Por que você fez isso *comigo*? Um beijo simples era o bastante. O que você estava pensando?"

"O que eu..." Ele passou a mão pelo cabelo, um pouco ofendido pelo tom acusador dela. "Sou um homem. Você esfregou sua... feminilidade em mim. Eu não pensei. Eu reagi."

"Você *reagiu*."

"Isso."

"A..." Ela passou o peso do corpo de uma perna para outra. "A mim."

"É uma resposta natural. Você não é uma cientista? Então deveria entender. Qualquer homem com sangue nas veias reagiria a tal estímulo."

Ela recuou. Minerva baixou o queixo e o observou por cima dos óculos.

“Então você me acha estimulante.”

“Não foi isso que eu...” Ele engoliu o resto da frase. A única forma de acabar com uma conversa absurda era simplesmente parando de falar.

Colin inspirou profundamente e endireitou os ombros. Ele fechou brevemente os olhos. E então os abriu e olhou para ela. Realmente *olhou* para ela, como se fosse a primeira vez... Ele viu um cabelo preto e grosso que um homem poderia agarrar. Óculos formais empoleirados em um nariz suavemente inclinado. Atrás das lentes, olhos grandes – escuros e inteligentes. E aquela boca... aquela boca suculenta, sensual e carnuda. Ele deixou seus olhos percorrerem as formas dela. Havia uma emoção perversa em saber que luxúria ardia por baixo daquele vestido recatado de musselina. Ter *sentido* suas formas, reconhecido e mapeado o corpo dela com suas próprias terminações nervosas. Seus corpos haviam se *encontrado.* Mais do que isso. Eles se reconheceram.

Nada mais aconteceria, é claro. Colin tinha suas próprias regras, e quanto a ela... Minerva nem mesmo gostava dele, nem fingia que gostava. Mas ela havia surgido no meio da noite com planos mirabolantes que se equilibravam entre a lógica acadêmica e a aventura impensada. Ela começou um beijo que não tinha ideia de como continuar. Somando tudo, ela era simplesmente... Uma surpresa. Uma brisa fresca, envolvente e inesperada, para o bem ou para o mal.

“Talvez”, disse ele com cuidado, “eu *realmente* ache você estimulante.”

A desconfiança fez Minerva apertar os olhos.

“Não sei se aceito isso como um elogio.”

“Aceite como quiser.”

Ela olhou na direção da Queen’s Ruby. O grupo de garotas tinha desaparecido.

“Droga. Nem sei se alguém reparou no beijo.”

“Eu reparei.” Ele esfregou a boca com o lado da mão. O gosto de ameixas maduras continuava em seus lábios. Ele percebeu que estava inexplicavelmente sedento.

“Então, quando nós partimos?”, perguntou ela.

“Partimos para onde?”

“Escócia, é claro.”

“Escócia?” Ele riu, surpreso. “Não vou levar você para a Escócia.”

“Mas...” Ela piscou furiosamente. “Mas agora mesmo, lá dentro. Você disse que me escolhia.”

“Para dançar. Eu escolhi você como parceira de dança.”

“Isso! Exatamente! Você me escolheu para dançar na frente de toda essa gente. Para me puxar aqui para fora e me segurar perto demais. Para me beijar no meio da rua. Por que você faria isso se não estivesse pensando em nossa fuga?”

“Pela última vez, *você* me beijou. Quanto ao resto... eu lamento aquela cena nos meus aposentos, noite passada. Senti que lhe devia algum tipo de desculpa.”

“Ah. Ah, não.” Ela apertou a mão no peito. “Você está me dizendo que dançou comigo por pena? E me beijou por pena?”

“Não, não.” Ele suspirou. “Não totalmente. Eu só achei que você merecia se sentir admirada e valorizada. Na frente de todos.”

“E agora, pela segunda vez, na segunda noite, você revela que foi tudo uma fraude. Para que eu possa me sentir rejeitada e humilhada... na frente de todos.” Seus olhos ficaram vermelhos. “Você não pode estar fazendo isso comigo de novo.”

Ah, pelo amor às tetas. Como isso acontecia com ele?! Colin tinha a melhor das intenções, e então... *Suas boas intenções funcionam como granadas de artilharia.*

“Agora chega”, disse ela, fechando as mãos em punhos. “Não vou deixar você escapar desta vez. Insisto que me leve para a Escócia. Exijo que você me desgrace. Por uma questão de honra.”

O sino na porta da taverna tilintou. Eles se afastaram um do outro com um pulo. Parecia que a festa havia ficado maior que a taverna. Os foliões jorraram do Touro e Flor e tomaram a praça.

Fungando, Minerva cruzou seus braços à frente do peito.

“Escute”, ele disse em voz baixa, “podemos conversar em algum lugar? Algum lugar que não seja minha torre à meia-noite?”

Depois de uma pausa, ela endireitou os óculos.

“Encontre-me na entrada da praia, amanhã de manhã, pouco antes da alvorada.”

“*Antes* da alvorada?”

“Cedo demais para você?”

“Ah, não”, respondeu ele. “Eu sou um madrugador.”

“Você está atrasado”, disse ela na manhã seguinte. Os primeiros raios da alvorada refletiam em seus óculos. “Estava lhe esperando.”

“Bom dia para você também, Marianna.” Colin esfregou os olhos arenosos, depois o rosto sem barbear. “Tive que me despedir do meu primo.”

Ele deslizou os olhos pelo vestido, uma abominação disforme e lúgubre de tecido cinza, abotoado até o pescoço.

“Que diabos você está vestindo? Você fez votos em algum convento desde a última vez que nos falamos? As Irmãzinhas Simplórias da Santa Monotonia?”

“Eu pensei nisso”, disse ela. “Talvez teria sido a coisa mais sábia a se fazer. Mas não. Este é meu traje de banho.” Ela o perfurou com o olhar. “Eu imagino que você não tenha um.”

Ele riu.

“Eu não imagino que tenha.”

“Você terá que se despir parcialmente, suponho. Venha, então.”

Ele a seguiu pela trilha rochosa até a enseada, estupefato, mas também intrigado.

“Se eu soubesse que tirar a roupa estava incluído na proposta, eu teria sido mais pontual.”

“Mais rápido, agora. Precisamos correr, ou os pescadores nos verão.”

Eles chegaram à praia. A brisa que vinha do mar tinha um efeito envolvente, calmante, e ajudou a arejar a mente dele. O mundo começava a ficar mais nítido. Colin parou na beira da água. O mar bateu em seus sapatos. Inspirou longa e profundamente, depois observou a enseada salpicada de pedras sob a luz do nascente. Ele nunca tinha apreciado aquela vista antes, àquela hora da manhã. A visão era atemporal. Quase mística. Foi atingido no rosto pela água do mar.

“Acorde”, disse Minerva, tirando os óculos, que guardou em uma pequena bolsa que trazia presa ao pulso. Passando por ele, entrou nas ondas tranquilas. “Estamos perdendo tempo.”

Ele observou, incrédulo, aquela garota absolutamente maluca entrar na água. Pelos joelhos. Pela cintura. Então até o pescoço.

“Saia daí”, disse ele, soando embaraçosamente como uma babá, até para seus próprios ouvidos. “Agora mesmo.”

“Por quê?”

“Porque estamos em abril. E isso está gelado.” *E porque fiquei repentinamente curioso para ver você molhada, sem a lama. Não pude apreciar a vista na outra noite.*

Ela encolheu os ombros.

“Não é tão ruim depois que você se acostuma.”

Pelo amor de Deus, veja essa garota. Batendo os dentes, lábios ficando azuis.

Por baixo daquele traje horroroso, seus mamilos deveriam estar se tornando pequenos pingentes de gelo. E Minerva realmente esperava que ele se juntasse a ela? Colin e suas preciosas partes, tão sensíveis a temperaturas extremas?

“Escute, Madeline. Parece que temos uma confusão aqui. Não vim para nadar. Nós precisamos conversar.”

“E eu preciso lhe mostrar uma pequena enseada, depois daquelas pedras. Não há outro modo de se chegar lá que não seja nadando. Conversamos assim que chegarmos.” Ela inclinou a cabeça para o lado. “Você não está com medo, está?”

Com medo? Rá! Será que ele ouviu bem? Minerva o havia desafiado?

“Não.”

Colin tirou os sapatos e pôs o casaco de lado. Então enrolou as pernas das calças até os joelhos, e também enrolou as mangas até os cotovelos. Ele contraiu o abdome.

“Muito bem. Aqui vou eu.” Ele estremeceu ao entrar nas profundezas gélidas. Quando a água atingiu seu umbigo, xingou em voz alta. “Isto é bravura de verdade, espero que você saiba. Lendas nasceram de muito menos. Tudo que Lancelot fez foi chapinhar em um lago de água morna.”

Minerva sorriu.

“Lancelot era um cavaleiro, você é um visconde. O desafio tem que ser maior.”

Ele soltou uma risada rouca, a respiração entrecortada pelo frio.

“Por que”, perguntou ele, aproximando-se dela, “você só mostra esse delicioso senso de humor quando está completamente gelada e molhada?”

“Eu...” Minerva bateu os cílios com tanta rapidez e força que parecia querer alçar voo com eles. “Eu não sei.”

Embora estivesse submersa na água gelada, ela ficou corada. Minerva acionou todas as suas barreiras invisíveis, instantaneamente. Que esquisito. A maioria das mulheres que ele conhecia usava beleza física e charme para esconder seus traços menos agradáveis. Aquela garota fazia o oposto, escondendo tudo o que possuía de interessante atrás de uma fachada simples e formal. Que outras belas surpresas ela estaria escondendo?

“Vamos continuar”, disse ela. “Siga-me.”

Nadando com braçadas tranquilas, sem pressa, ela o conduziu ao redor de um arquipélago de rochedos até uma entrada cercada por falésias íngremes. Colin esticou o pescoço e olhou para a encosta rochosa. Ele percebeu, naquele momento, que enquanto vivesse jamais compreenderia o que fazia um homem –

ou mulher – olhar para uma parede de pedra e pensar: *acho que vou gostar de participar de um simpósio sobre pedras.*

“Então, o que nós estamos procurando?”

“Não aí em cima”, disse ela. “Aqui embaixo.”

“Aqui embaixo?” Ele olhou ao redor, mas não viu nada a não ser água.

“Tem uma caverna. A entrada fica escondida na maré alta. Vou mostrar para você. Segure meu braço.”

Ela ofereceu o braço e ele segurou acima do cotovelo. Minerva então agarrou o braço dele de forma semelhante.

“Agora tome fôlego.”

“Espere. O que nós...”

Ele não conseguiu tomar o fôlego que ela sugeriu. Minerva submergiu antes que ele tivesse essa possibilidade. Colin se viu sendo arrastado pelo braço, e afundou completamente na água. Ela os impulsionava para a frente, batendo os pés como pequenas nadadeiras. Até que, aparentemente, eles entraram em uma espécie de túnel. Ele sentiu que raspava as costas contra as pedras. Bateu os pés e as acertou. Colin tentou subir, indo para onde deveria estar a superfície da água. Pedra ali também... Ele estava preso. Colin abriu os olhos debaixo da água. Apenas escuridão. Nada para se ver. Preto como piche. Encurralado entre as rochas. Sem ar. Completamente sem ar, apenas água.

Ele tentou voltar, mas Minerva o puxou para frente. Então eles pararam, presos naquela estreita passagem de pedra. Os pulmões dele ardiam, os membros formigavam e suas orelhas ouviam o rugido da água e o batimento frenético de seu coração, que se debatia contra suas costelas. Ele podia morrer ali. Contudo, seu maior medo era que não morresse. Que seus pulmões, de alguma forma, aprendessem a sobreviver sem ar e ele simplesmente ficasse ali para sempre – aprisionado naquele silêncio marinho interminável e escuro. Revivendo aquela noite infernal para sempre. *A morte é assim. Estou só.* Mas ele não estava só. A mão de Minerva se fechou em volta do braço dele como uma corrente. A outra mão dela agarrou seu pulso e Minerva o puxou com força. Ele passou pelo restante do túnel de pedra e emergiu, ofegante, do outro lado. Mais escuridão o esperava. Havia ar agora, mas tinha que se esforçar para inspirá-lo.

“Está tudo bem”, disse ela. “Você passou.”

“Jesus”, ele finalmente conseguiu dizer, tentando secar o rosto. “Jesus Cristo e João Batista. E, aproveitando, Mateus, Marcos, Lucas e João.” Ainda não bastava. Ele precisava usar também o Antigo Testamento. “Abdias. Nabucodonosor. Matusalém e Jó.”

“Fique calmo”, disse ela, pegando-o pelos ombros. “Fique calmo. E existem *mulheres* na Bíblia, sabia disso?”

“Sabia. E, pelo que me lembro, todas são sinônimo de encrenca. Que lugar é este? Não consigo ver nada.”

“Tem um pouco de luz. Espere um pouco e você vai ver.”

Ele inclinou a cabeça. A luz cintilava através de pequenas frestas na rocha acima deles. Minúsculos pontos brancos em um véu negro. Minerva agarrou seu queixo e fez com que ele desviasse o rosto da luz e olhasse para ela.

“Não olhe diretamente para a luz, ou seus olhos nunca vão se acostumar. Olhe para mim e respire devagar. Assim. Inspire... expire.”

Ela falava com uma voz calma e tranquilizadora. Um tom muito parecido com o que ela usava para falar com Diana durante as crises de asma. O orgulho de Colin tinha sido atingido. Ele não precisava de mimo, mas gostou da voz melosa e hipnotizante de Minerva, e do toque suave dela em sua face. Seu coração começou a diminuir o ritmo. Finalmente, os pontos brancos acima começaram a espalhar um brilho tênue, leitoso, que iluminou as feições dela. Olhos negros e afetuosos com longos cílios pretos. Bochechas arredondadas e pele clara. Aqueles lábios, molhados de água salgada.

“Consegue me ver agora?”, sussurrou ela.

Ele assentiu. Talvez a perspectiva de morrer tenha alterado sua percepção, ou a iluminação fraca – mas Colin a achou linda.

“Estou vendo você.” Passando os braços pela cintura dela, ele a puxou para perto.

“O que aconteceu? Você perdeu a orientação debaixo da água?” Ela afastou uma mecha de cabelo molhado da testa dele. “Preciso me preocupar com você?”

Aquela pergunta foi feita com uma voz rouca e doce. Algo fez com que ele demorasse a responder.

“Não.” Ele deu um beijo na testa dela. “Não, querida. Não gaste a sua preocupação comigo.”

Então ele a soltou e Minerva se afastou.

“Por aqui, então.” Ela o conduziu a uma plataforma de pedra, na qual ele a ajudou a subir. Era boa a sensação de reassumir o papel masculino com a força. Também foi boa a sensação de segurar na coxa dela.

Depois que os dois subiram na borda, Minerva foi tateando ao longo da parede da caverna e alcançou um nicho no alto, de onde pegou um tipo de caixa, e retirou de lá uma vela e um acendedor. A luz quente da chama revelou o lugar, confirmando que era tão pequeno e sufocante quanto ele suspeitava. Mas o

brilho daquela vela também criou um espaço pequeno e íntimo dentro daquele espaço dourado. Colin pensou que ficaria contente em permanecer dentro daquelas bordas no futuro próximo. Sombras brincavam no rosto de Minerva enquanto ela colocava os óculos. Então ela ergueu a vela para iluminar a parede rochosa atrás dele.

“Então, o que tem este lugar?”

“É uma caverna de belezas. Veja... Toda esta superfície exposta é uma camada comprimida de vida marinha fossilizada.” Ela deslizou as pontas dos dedos pela superfície irregular. “Passei horas fazendo moldes, decalques e desenhos, recolhendo espécimes onde é possível. Este é um equinoide, está vendo? Ao lado dele, um trilobita. E apenas alguns centímetros acima há uma esponja do mar fossilizada. Olhe.”

Colin olhou. Ele viu pedras, saliências e pedras salientes.

“Fascinante. Então esse é o tópico de sua apresentação no simpósio? Equi-qualquer-coisa e trogloditas. É difícil ver como isso pode valer quinhentos guinéus.”

“Eles não valem, não por si só. Mas *isto* realmente não tem preço.”

Ela engatinhou de lado para o fundo da caverna, por cerca de dois metros. Como parecia estar esperando que Colin a seguisse, ele a acompanhou. Quanto mais avançavam, mais a caverna encolhia ao seu redor, apertando seus pulmões. Embora ele estivesse encharcado de água do mar, uma fina camada de suor começou a surgir em sua testa.

“Consegue ver isto?”, perguntou Minerva, erguendo a vela. “Esta depressão na rocha?”

Ele focou o olhar naquele ponto, feliz pela distração.

“Acho que sim.”

“É uma pegada”, disse ela em um tom baixo, solene. “Incontáveis eras atrás, alguma criatura caminhou sobre o barro aqui. E a pegada foi preservada, comprimida pela pedra.”

“Estou vendo. E isso excita você porque... pegadas são raras?”

“Pegadas *fossilizadas* são raras. E ninguém jamais registrou uma pegada como esta. Ela tem três dedos bem abertos, está vendo?”

Colin realmente viu. Seu sapato inteiro caberia em uma das impressões de “dedo”.

“Parece o pé de um lagarto”, disse ela.

“Com uma pegada desse tamanho, tão profunda? Teria que ser um lagarto gigante.”

“Exatamente.” Mesmo no escuro, os olhos de Minerva brilharam de empolgação. “Você não percebe? O Sr. James Parkinson publicou três volumes sobre fósseis, de vegetais a vertebrados. Ele documentou dezenas de animais grandes, incluindo um jacaré e um elefante primitivos. Mas esta pegada não coincide com nenhuma descrição encontrada nos livros dele. Isto é evidência de uma criatura inteiramente nova, desconhecida pela ciência moderna até agora. Um gigantesco lagarto pré-histórico.”

Colin piscou.

“Ora. Isso é incrivelmente... admirável.”

Um gigantesco lagarto pré-histórico. *Aquilo* era a grande descoberta científica que garantiria o prêmio de quinhentos guinéus. Ela viajaria até Edimburgo para defender a existência de dragões. Nenhum cientista com a cabeça no lugar daria um prêmio para aquela coisa.

“Essa pegada”, disse ela, empolgada, “muda tudo. *Tudo*.”

Ele só conseguiu ficar olhando para Minerva.

“Você não percebe?”, perguntou ela.

“Na verdade... não.”

Sem conseguir suportar mais o aperto, ele voltou para a entrada da caverna. Colin se sentou perto da borda da plataforma de pedra. A água escura bateu em seus dedos. Ele olhou para cima.

“Existe outra forma de sair daqui?”

Sentando-se de frente para ele, Minerva soltou o ar dos pulmões.

“Eu devia saber que isso não iria dar certo. Você tem razão, toda essa história de fugirmos juntos foi uma ideia idiota. Eu pensei que, se você pudesse ver minha descoberta, entenderia as implicações e veria como é garantido que receberá os quinhentos guinéus. Mas parece que você é incapaz de compreender a importância científica.”

Ele tomou a decisão consciente de ignorar o insulto.

“Parece que sou.”

“Para não falar que eu esperava, *também*, que você contribuísse com algo para a viagem que não fossem apenas seus comentários desdenhosos. Mas percebo que eu também estava errada nisso.”

“Como assim?”

“Você sabe. Músculos onde não há cérebro. Proteção. Força. Mas depois daquela situação no túnel... Não posso arrastar você, esperneando durante todo o caminho, até a Escócia.”

“Agora espere um pouco”, interrompeu ele, pigarreou e baixou a voz. “Eu

possuo uma abundância de pontos forte. Eu sei boxear, esgrimir, cavalgar e atirar. Sou o primeiro-tenente de uma milícia pequena, mas valente. Eu tenho certeza de que poderia erguer esse seu lagarto gigante e atirá-lo da varanda mais próxima. Eu só não tenho paciência para túneis submarinos."

"Ou cavernas." Ao silêncio ofendido dele, Minerva continuou. "Não adianta negar. Dá para afirmar apenas pela sua respiração difícil."

"Eu não..."

"Pelo amor de Deus. Você está embaçando meus óculos. Você tem medo de lugares pequenos?"

"Não é *medo*...", disse ele.

O silêncio dela comprovou sua descrença.

"É uma aversão", murmurou ele. "Tenho aversão a lugares pequenos e escuros."

"Você devia ter me dito isso antes de entrarmos na caverna."

"Ora, você não me deu essa oportunidade."

"Podemos voltar por onde viemos?"

"Não!" Naquela câmara maior, com o benefício das velas, a caverna não era tão ruim. Mas ele *não* voltaria nadando por aquele túnel-túmulo. "Você disse que a entrada fica acima da água na maré baixa? Então vou esperar a maré baixar."

"Isso vai demorar horas. As pessoas vão se perguntar o que aconteceu conosco."

Ele ficou encantado com uso de "nós" naquela frase, como se nem tivesse ocorrido a ela a ideia de nadar de volta deixando-o para trás, sozinho. Ele havia reparado nessa característica dela ao longo dos meses. Minerva sequer contemplava a ideia de deslealdade. E era por isso que ela o desdenhava tanto, supôs Colin. Ela apertou o dorso do nariz.

"Oh, céus. Agora teremos que ir para a Escócia. Se alguém reparar que desaparecemos juntos esta manhã... Se alguém viu nosso beijo noite passada... Se a sua amante decidir fofocar..." Ela baixou a mão. "Isoladamente, essas coisas podem passar despercebidas, mas todas elas juntas? É bem provável que eu já esteja arruinada."

"Essa é uma conclusão exagerada", disse ele, ignorando o fato de que cada um dos três eventos já era bem condenável por si só. "Vamos cuidar de uma crise por vez. Quantas velas você tem?"

"Esta e mais uma."

Colin fez um rápido cálculo mental. Três a quatro horas de luz. Mais do que suficiente. Um arrepio violento estremeceu seu corpo.

“Você está com frio?” Ele podia pensar em formas piores de passar algumas horas do que abraçando uma mulher para se aquecer.

Ela alcançou um nicho na parede rochosa.

“Eu guardo um cobertor aqui.” Agachada ao lado dele, Minerva o abriu sobre os dois. Ela manteve um espaço de vários centímetros entre seus corpos.

O calor atravessava suas roupas molhadas.

“Imagino que você não tenha uísque aqui...”

“Não.”

“Pena. Ainda assim – velas, cobertor... Você deve passar bastante tempo neste... lugar”, disse ele, após pensar durante alguns segundos uma expressão mais diplomática do que *buraco infernal*.

Ele sentiu Minerva encolher os ombros.

“Geologia é o meu trabalho. Alguns cientistas têm um laboratório. Eu tenho uma caverna.”

Uma dúzia de réplicas irônicas surgiram na cabeça de Colin, mas ele percebeu que provocá-la, àquela altura, o deixaria muito vulnerável. Ela era uma cientista. E tinha uma caverna. Enquanto ele era um aristocrata sem objetivos que tinha... nada.

“Eu já planejei tudo”, disse ela. “Há uma carruagem que vai de Eastbourne a Rye. Ela passa às terças e quintas por volta das 6 horas. Se nós caminharmos até a estrada, poderemos acenar para o condutor. Seguimos com ela até a próxima cidade, e de lá para o norte. Chegaríamos a Londres amanhã à noite.

Ah, estar em Londres na noite seguinte. Agitação. Comércio. Sociedade. Clubes. Salões de festas e teatros reluzentes. Céu sufocante com fumaça de carvão. Lâmpadas brilhando nas ruas escuras.

“E lá”, disse ela, “nós pegamos a carruagem do correio.”

“Não, não, não. Eu lhe disse na outra noite, um visconde não viaja em uma carruagem do correio. E este visconde em particular não viaja em carruagem pública.”

“Espere um pouco.” A vela tremeu. “Como você achou que viajaríamos para Edimburgo, se não em uma carruagem pública?”

Ele deu de ombros.

“De qualquer forma, nós não iremos viajar para Edimburgo. Mas... se fôssemos, teríamos que achar outro meio de transporte.”

“Como o quê? Tapete mágico?”

“Algo como um cabriolé particular, com cocheiros contratados. Você viajaria dentro dele, e eu iria fora, a cavalo.”

“Isso custaria uma fortuna.”

“Quando se trata de viajar, tenho minhas condições.” Ele deu de ombros. “Eu não viajo de carruagem fechada, e não viajo à noite.”

“Também não viaja à noite? Mas as carruagens mais rápidas viajam à noite. A viagem demoraria o dobro do tempo.”

“Então, que bom que nós não vamos, não é mesmo?”

Ela ergueu a vela e o encarou.

“Você só está arrumando desculpas. Você quer romper nosso acordo...”

“Que acordo? Nós nunca fizemos qualquer acordo.”

“E então fica inventando essas ‘condições’ ridículas.” Ela gesticulou como se riscasse itens de uma lista. “Nada de carruagens públicas. Nada de viagens noturnas. Que tipo de homem faz essas regras?”

“O tipo que quase morreu em um acidente de carruagem”, disse ele, irritado. “À noite. Esse é o tipo.”

A expressão de Minerva suavizou. E também a sua voz.

“Oh...”

Colin tamborilou os dedos na pedra. Ele havia se esquecido de que ela não tinha como saber daquela história que circulava pelos salões e inferninhos todas as temporadas. E passava das mães para as debutantes, de jogadores para cantoras de ópera – sempre em sussurros pesarosos. *Você ouviu falar do que aconteceu com o pobre Lorde Payne...*

“Foi há pouco tempo?”, perguntou ela.

“Não. Faz alguns anos.”

“O que aconteceu?”

Soltando um suspiro pesaroso, ele apoiou a cabeça na pedra irregular e úmida.

“Eu era garoto e estava viajando com meus pais. Um eixo quebrou e a carruagem tombou. Eu sobrevivi ao acidente praticamente sem ferimentos. Mas minha mãe e meu pai não tiveram a mesma sorte.”

“Eles se machucaram?”

“Eles morreram. Ali, na carruagem, bem na minha frente. Meu pai teve uma morte quase instantânea. Minha mãe, lentamente, e em tremenda agonia.” Ele fez uma pausa. “Eu não conseguia sair. Do jeito que a carruagem tombou, de lado, a porta ficou travada. Eu não podia sair para pedir ajuda, não podia fugir. Eu fiquei preso ali, a noite toda. Sozinho. Um fazendeiro que passava me encontrou na manhã seguinte.”

Pronto. Isso a ensinaria a não pressioná-lo.

“Oh.” Ela segurou em seu braço. “Oh, *Deus*. Sinto muito. Agora eu entendo porque você tem med... Quero dizer, porque você tem aversão a lugares fechados e escuros. Que horror.”

“Foi um horror mesmo. Demais.” Ele massageou a têmpora. “Basta dizer que não tenho nenhum desejo de passar novamente por essa situação. Então eu tenho algumas regras simples. Não viajo à noite. Não viajo em carruagens fechadas. Ah, e não durmo sozinho.” Uma careta contorceu sua boca. “Essa última não é tanto uma regra, mas um fato.”

“Como assim?”

Colin hesitou por um instante. Ele já havia revelado tanto, parecia não fazer sentido esconder o resto.

“Eu simplesmente não consigo dormir sozinho. Se eu não tiver companhia, fico acordado a noite toda.”

Ele se aproximou do calor suave do corpo dela e apertou o cobertor ao redor deles.

“Então, talvez você queira refazer seus planos, querida. Se nós fizéssemos essa viagem... eu precisaria de você na minha cama.”

Capítulo Cinco

Em algum lugar no fundo da caverna, gotas contavam o silêncio perplexo de Minerva. *Um, dois, três... ...dez, onze, doze...* Ele precisaria *dela*? Em sua *cama*? Aquilo era demais para ela acreditar. Minerva se lembrou de que não era *dela* que ele precisava. Aparentemente, qualquer mulher servia.

“Então você está querendo me dizer que esse acidente... Essa noite trágica da sua infância... É o motivo de seu comportamento libertino?”

“Isso. Essa é minha maldição.” Ele soltou um suspiro profundo, ressonante. Um suspiro com a intenção clara de tocar o coração de Minerva. E funcionou. Funcionou *mesmo.*

“Bom Deus.” Ela engoliu em seco um bolo que se formava em sua garganta. “Você deve fazer isso o tempo todo. Noite após noite você conta para as mulheres a história da sua tragédia...”

“Na verdade, não. Eu já sou conhecido por essa história.”

“...e elas simplesmente abrem os braços e levantam a saia, dizendo: ‘Venha, pobrezinho, querido, deixe-me abraçar você’ e assim por diante. É o que acontece?”

“Às vezes.” Ele deu de ombros.

Minerva sabia que era assim. Claro que era. Ela sentiu que aquilo estava acontecendo com *ela*. Enquanto ele relatava sua história, uma verdadeira torrente de emoções se formou em seu peito. Tristeza, compaixão. Seu útero foi envolvido, de algum modo, e enviou impulsos protetores por todas as suas veias. Tudo o que havia de feminino nela respondeu àquele chamado. Então vieram as mentiras. O coração de Minerva começou a lhe contar *mentiras*. Falsidades perversas, insidiosas, que reverberavam a cada batida. *Ele é um homem arrasado. Ele precisa de você. Você pode curá-lo.* Racionalmente, ela sabia que não era bem aquilo. Incontáveis mulheres usaram sua boa vontade – e algumas partes do corpo – na tentativa de “curar sua alma arrasada”, sem sucesso. Ainda assim... embora sua cabeça soubesse que era bobagem, seu corpo tinha o desejo

de abraçá-lo. Confortá-lo.

“Não dá para acreditar nisso”, ela sussurrou, mais para si mesma. “Não dá para acreditar que seu feitiço está funcionando em *mim*.”

“Eu não estou fazendo nenhum feitiço. Estou apenas lhe contando os fatos. Você não gostou deles? Se você está com alguma esperança de me convencer a fazer essa viagem, precisa saber quais são minhas condições. Eu não viajo em carruagens fechadas, o que significa que eu irei cavalgar o dia todo. E não consigo cavalgar o dia todo se não dormir bem à noite. E eu não consigo dormir sozinho. Portanto, você terá que se deitar comigo. A menos que prefira que eu procure mulheres ao acaso em cada hospedaria que pararmos.”

Uma onda de náusea a estremeceu.

“Argh.”

“Honestamente, a ideia também não me anima muito. Ir de cama em cama pela estrada que liga Londres à Escócia, poderia ter me soado como uma enorme aventura há cinco anos. Hoje em dia, nem tanto.” Ele pigarreou. “Hoje é o descanso que eu procuro. Eu não tenho intimidades com metade das mulheres com quem durmo. Se isso faz sentido.”

“Se *isso* faz sentido? Nada nessa história faz sentido.”

“Você não precisa entender. Deus sabe que eu mesmo não entendo.”

Ela sentou ao lado dele e se recostou na parede. Por baixo do cobertor, seus braços se tocaram. Mesmo através daquele contato mínimo, ela pôde sentir a agitação no corpo de Colin. Ele lutava para esconder sua aflição, mas depois de anos de vigilância por uma irmã com asma, Minerva havia criado uma atenção minuciosa aos menores sinais de desconforto. Ela não conseguia ignorar a respiração ruidosa, nem a forma como seus músculos zuniam com o desejo desesperado de sair daquele lugar. E quando confrontada com uma complicação, ela não era do tipo de pessoa que desistia de procurar entendê-la. Afinal, ela era uma cientista.

“É por causa da caverna?”, perguntou ela. “Ou é assim todas as noites?”

Ele não respondeu.

“Você disse que é assim desde a infância. Está melhorando ou piorando com o passar do tempo?”

“Eu prefiro não conversar a respeito.”

“Oh. Tudo bem.”

Era triste que ele sofresse tanto. E era patético que ele recorresse a uma série interminável de mulheres na tentativa de melhorar seu sofrimento. A ideia deu náuseas em Minerva. E também uma inveja irracional... E a deixou um pouco

excitada, por baixo de seu traje de banho. Uma pergunta ardia dentro dela e Minerva não conseguiu evitar.

“Quem era aquela, na outra noite? Não teria importância, exceto que...” *Exceto que, seja ela quem for, tem o poder de tornar minha vida um tormento.*

Depois de um instante, ele respondeu, relutante.

“Ginny Watson.”

“Oh.” Minerva conhecia a jovem e alegre viúva. Ela lavava as roupas das moradoras da pensão. Aparentemente, ela também lavava as roupas – e outras coisas – dos moradores do castelo. Mas ela não parecia ser do tipo fofoqueira.

“Não teve nenhuma importância”, disse ele.

“Você não entende? *Essa* é a pior parte.” Ela se afastou da parede de pedra e se virou para encarar Colin. O tecido molhado de seu traje raspou na pedra áspera. “Insônia não é uma condição incomum, sabe. Certamente deve existir uma solução. Se você não consegue dormir à noite, por que não acende algumas luzes? Leia um bom livro. Tome leite quente. Talvez um médico possa lhe dar algo para dormir.”

“Essas ideias não são novas. Eu tentei todas elas, e mais algumas.”

“E nada funcionou?”

Aquelas gotas contaram o silêncio novamente. *Um, dois, três...*

Ele passou o dedo levemente pelo braço dela. Então, devagar, se inclinou para a frente. E sussurrou no ouvido de Minerva.

“Só uma coisa funciona.”

Ele encostou os lábios no rosto dela.

Minerva ficou rígida. Cada um de seus nervos estava em alerta. Ela não sabia se ficava horrorizada ou empolgada com a tentativa de Colin em transformá-la em mais um número daquela lista. *Horrorizada*, ela disse para si mesma. Ela deveria ficar horrorizada.

“Você não tem vergonha”, sussurrou ela. “Não posso acreditar nisso.”

“É um choque para mim também.” Seus lábios tocaram o queixo dela. “Mas você é uma garota muito surpreendente.”

“Você está sendo oportunista.”

“Não vou negar. E por que você também não aproveita a oportunidade? Eu quero beijar você. E você precisa beijar, desesperadamente.”

Ela colocou a mão no ombro dele e o empurrou. A caverna se encheu com o silêncio ultrajado de Minerva.

“Por que você está dizendo isso?”

“Porque na noite passada você queria corresponder ao meu beijo. Mas não

sabia como fazer.”

O coração dela subiu à boca. Que humilhante. Como ele podia saber?

Sem falar nada, ele retirou os óculos do rosto dela, dobrou a armação, e coloco-os de lado.

“Não consigo acreditar nisso”, suspirou ela.

“É o que você fica repetindo.” Ele se aproximou, eliminando a distância entre eles. “Mas sabe, Matilda, o que você ainda não disse?”

“O quê?”

“Você ainda não disse ‘não’.”

Ele estendeu a mão na direção dela, na penumbra, e a deslizou por sua face, descendo para lhe segurar o queixo. Com sua mão ali, ele começou a fazer círculos cada vez maiores com o polegar, até atingir o lábio inferior dela.

“Você tem uma boca que foi feita para beijar”, murmurou ele, fazendo com que Minerva virasse o rosto para ele. “Sabia disso?”

Ela negou com a cabeça.

“Tão macia e generosa.” Inclinando-se para a frente, ele ergueu o queixo de Minerva com a palma da mão. “Deliciosa.”

“Nenhum homem jamais me chamou de deliciosa.”

“Algum outro homem já beijou você?”

De novo, ela negou com um pequeno movimento de cabeça.

“Ora essa. Eis aí o motivo.” Ele tocou seus lábios nos dela, de leve, enviando sensações que borbulharam nas veias de Minerva. Ele gemeu de satisfação. “Você tem gosto de ameixas maduras.”

Ela não conseguiu evitar e riu.

“Isso é meio absurdo.”

“Por quê?”

“Porque ainda não estamos na época de colher ameixas.”

A risada rouca de Colin fez os dois estremecerem.

“Você é lógica demais. Beijos bem dados podem consertar isso.”

“Eu não quero consertar minha lógica.”

“Talvez não. Mas eu acho que você quer beijar.” Ele passou o nariz pela curva do rosto dela, e sua voz baixou, tornando-se um sussurro sensual. “Não quer?”

Ela queria. Ah, como queria. Ela não podia negar. Não enquanto ele a tocasse daquele jeito. Ela queria ser beijada, e queria beijá-lo de volta. Ela queria tocá-lo, acariciá-lo, abraçá-lo apertado. Todos aqueles impulsos ternos, carinhosos, continuavam a vibrar dentro dela, apesar de seus esforços racionais

para eliminá-los. Seu coração continuava a bombear aquelas mentiras para todo o corpo. *Ele precisa de você. Você pode curá-lo.* Ela tinha calor feminino em abundância, e Colin precisava de conforto naquele exato momento. Em troca, ela podia aprender qual era a sensação de ser necessária. De ser beijada. De ser chamada de deliciosa e comparada a uma ameixa madura. De ser desejada por um homem desejável.

“Só desta vez?” suspirou ela.

“Só desta vez.”

Desde que os dois soubessem que tudo era apenas uma distração... uma forma inofensiva de passar o tempo... não faria mal fingir, faria? Não em segredo, no escuro. Ali não havia ninguém para rir.

Minerva prendeu a respiração quando ele lhe deu um beijo inocente na testa. Então em sua face. Então em seu queixo. Então em seus lábios... Ele tocou com a ponta da língua naquele lugar vulnerável no canto da sua boca, fazendo com que seus lábios se entreabrissem. Ela arfou um pouco, e ele tirou vantagem do momento, passando a língua dentro de sua boca. Minerva congelou instantaneamente, e colocou a mão no peito dele. Então ela o empurrou.

“Eu não entendo.” Ela fechou o punho, agarrando a camisa molhada de Colin. “Eu não entendo por que você faz isso. E não entendo como devo corresponder.”

“Silêncio.” Ele tocou o cabelo dela, passando os dedos pelas mechas pesadas e molhadas, para desembaraçá-las. “Beijar é igual a qualquer outra habilidade. Só precisa de um pouco de prática. Beijar é como... como dançar.” Ele parou de falar para beijar seu pescoço, o lóbulo de sua orelha. “Apenas se entregue ao ritmo. Pode deixar que eu conduzo.”

Eles tentaram novamente. Dessa vez ele chupou o lábio superior dela com cuidado. Então ele repetiu o gesto no lábio inferior. E depois passou a língua entre os dois. A língua de Colin encontrou a dela. Minerva cuidadosamente retribuiu o carinho com sua língua, e ganhou um gemido de aprovação. Um arrepio cobriu toda sua pele. Calor surgiu entre seus corpos, derretendo parte da ansiedade de Minerva.

Colin inclinou a cabeça e começou a explorar sua boca de um novo ângulo. Ela entendeu, então, por que ele disse que beijar era como dançar. Ele fazia *movimentos.* Muitos movimentos. Não era apenas colocar e tirar a língua, mas rodar e brincar, e conduzir sutilmente. E como sempre acontecia na pista de dança, Minerva rapidamente ficou confusa, atordoada. Ela se sentiu dominada e sem chão. Sempre um passo atrasada. Mais uma vez, ela interrompeu o carinho.

“Isto não vai dar certo”, disse ela, murchando por dentro. “Sou um desastre dançando. Simplesmente não vai dar certo.”

“Não, não diga isso.” A respiração ofegante de Colin apressou a dela. “Foi um mau exemplo da minha parte. Não pense nisso como dançar. Beijar não tem nada de dançar. Pense nisso como se você estivesse...” Ele olhou rapidamente para a parede da caverna cravejada de fósseis. “... fazendo uma escavação.”

“Uma escavação?”

“Isso. Um beijo bem dado é igual a uma escavação. Quando está extraindo seus pequenos trogloditas, você não vai simplesmente enfiando a pá no solo, de qualquer jeito, vai?”

“Não...” Sua cautela alongou a palavra.

“É claro que não. Uma escavação bem feita precisa de tempo e cuidado. E muita atenção aos detalhes. Para ir descobrindo lentamente as camadas. E desenterrar as surpresas conforme elas aparecem.”

Aquilo parecia muito mais promissor. Depois de uma longa reflexão, ela perguntou:

“Então quem está escavando quem?”

“Idealmente, cada um escava um pouco. Nós meio que... nos revezamos.”

Ela ficou em silêncio por um longo momento. Alguma coisa no ar que os envolvia mudou. Ficou mais quente. Ela engoliu em seco.

“Posso ir primeiro?”

Colin se esforçou para reprimir seu sorriso triunfante. Isso teria estragado tudo.

“Mas é claro”, respondeu ele com voz solene.

Ela se ergueu para ficar de joelhos, colocando-se de frente para ele. A pouca luminosidade fazia com que ele visse apenas a silhueta dela. Apenas a sombra de uma figura atraente com uma auréola de luz ao redor dos cabelos ondulados. Ele queria pegá-la, puxá-la para si novamente. Dar ao seu coração uma boa razão para bater. Acalmar sua alma com o contato humano caloroso que ele tanto ansiava. Em momentos assim, a paciência custava caro. Mas sua recompensa foi grande. A mão dela o alcançou, após cruzar a escuridão para acariciar seu rosto. Deus, ela era surpreendente. A curiosidade dela a diferenciava das outras mulheres. Ela não se concentrava nas feições que se poderia imaginar – sobrancelhas, maçãs do rosto, lábios ou a linha do nariz. Essas seriam as feições

que deveriam compor um “rosto” no desenho de uma colegial. Não, o toque dela era completo, indiscriminado, e buscava todos os detalhes. A palma de sua mão passeou pelo rosto sem barbear. Ela alisou uma ruga estreita entre as sobrancelhas dele e fez um carinho leve sob seus olhos, onde pesavam as noites insones. Colin começou a se aconchegar ao toque dela. Ele exalou até esvaziar os pulmões.

Minerva roçou os cílios dele com a ponta de um dedo, e uma cascata delicada de prazer ondulou por seu corpo. Que revelação foi aquilo. Ele teria que acrescentar carinho nos cílios ao seu próprio repertório. Quando Minerva enfiou os dedos em seu cabelo, Colin gemeu. As mulheres sempre adoraram seu cabelo ondulado, e ele gostava da atenção que elas lhe davam. Sensações agradáveis correram por sua cabeça enquanto ela penteava com os dedos seus cachos molhados, afastando-os da testa. Com a ponta do dedo ela encontrou sua cicatriz, cuja extensão traçou – o sulco fino, pálido, que começava na têmpora e desaparecia atrás da orelha. Sua única lembrança física do acidente com a carruagem era imperceptível para o observador pouco atencioso. Mas ela a encontrou com facilidade. Porque encontrar coisas enterradas era o que Minerva fazia de melhor, supôs Colin. Uma escavação bem-feita não deixa segredos ocultos. E ele começou a pensar na sabedoria daquele exercício.

“Nós deveríamos estar nos beijando”, disse Colin.

“Vou chegar lá.” A voz dela sugeriu um traço de nervosismo. Ela se aproximou, colocando os joelhos entre as coxas abertas dele. Inclinando-se para a frente, ela roçou seus lábios nos dele.

O choque de êxtase daquilo chacoalhou Colin até os ossos. Mas quando Minerva recuou, ele manteve o tom de naturalidade.

“Você pode fazer melhor que isso.”

Ela aceitou o desafio e o beijou novamente, com mais firmeza dessa vez. A língua dela pincelou a dele, ágil e curiosa. E muito efêmera.

“Melhor assim?”

“Melhor.” Quase bom *demais*.

“Hum. Aqui seu gosto é de álcool.” Ela traçou o contorno do lábio dele com a língua. “Mas aqui...” ela baixou a cabeça para cheirar a parte de baixo do queixo dele. “...aqui tem cheiro de especiarias. Cravo.”

Caramba. Colin arregalou os olhos no escuro enquanto ela sorvia sua pele, mais e mais, traçando a curva de seu pescoço. Quando chegou ao centro, Minerva roçou o pomo de Adão com seus lábios. A respiração dele estava pesada. Colin não iria aguentar muito mais daquilo.

“Você ainda não me beijou de verdade”, disse ele. “Está com medo?”

“Não.” Ela ergueu a cabeça.

“Eu acho que está.” *E acho que eu também estou, só um pouquinho.*

E com um bom motivo. A boca de Minerva encontrou a dele, e os lábios entreabertos dela pressionaram os seus. E lá permaneceram... macios, doces. Esquentando no calor da respiração misturada dos dois. Enquanto isso, uma carência selvagem surgiu, rosnando, dentro dele, querendo abrir caminho, lutando para se liberar das amarras cavalheirescas. Ele perderia a batalha se ela não se mexesse logo. Aquilo era mais que uma escavação. Ela o estava virando do avesso. Expondo as necessidades básicas, desesperadas, cravejadas na camada mais profunda do seu ser. Até que ele se sentiu não apenas nu diante dela, mas desnudado. Frio, trêmulo e indefeso no escuro. *Beije-me,* desejou ele, enfatizando a mensagem ao apertar seu joelho na coxa dela. *Beije-me agora ou sofra as consequências.*

Finalmente... os dedos de Minerva se enroscaram no cabelo dele e o puxaram para perto. Com os dentes, ela roçou levemente a crista de seu lábio inferior. E então ela deslizou a língua para dentro de sua boca. Apenas um roçar breve, provocador, na primeira vez. Então veio uma segunda tentativa, um pouco mais profunda. Então ainda mais profunda, de novo e de novo, gradualmente, de forma lenta e tentadora. Ela soltou um pequeno suspiro no meio do beijo. O som tênue incendiou Colin, esquentando cada nervo como um pavio. Os dedos dela abandonaram seu cabelo, e ele ficou preocupado que tudo aquilo acabasse.

Não pare. Deus, não pare. Mas então ela apoiou as mãos na parede da caverna e curvou os ombros, pressionando-o contra a superfície rochosa. Com os *seios.* Tão macios e redondos contra o peito dele, encimados por seus mamilos deliciosamente intumescidos e gelados. Ela o apertou contra a parede e usou a posição dominadora para aprofundar o beijo, mergulhando a língua em sua boca. E assim ele perdeu o controle...

Colin esticou as mãos para tocá-la, e a segurou pelas coxas, mantendo-a próxima e apertada enquanto Minerva saqueava sua boca com abandono ousado e inocente. Com aquele beijo, todo o corpo dele acordou. Não apenas o corpo. Algo também se mexeu na região do coração. *Jesus.* Jesus Cristo e Maria Madalena. Dalila, Jezebel, Salomé, Judite, Eva. Confusão, cada uma delas, era confusão. Pode acrescentar Minerva Highwood à lista. Uma mulher como aquela poderia arruiná-lo. Se ele não a arruinasse primeiro.

“Como devo chamá-lo?” A respiração dela chegou quente à orelha dele. “Quando... quando estamos fazendo isto, como eu devo chamar você?”

Ele agarrou, com as duas mãos, o tecido sobre a parte de baixo das costas dela.

“Você deve me chamar por meu nome de batismo. Colin.”

“Colin”, sussurrou ela, experimentando o nome primeiro. Então, com sentimento, enquanto ela dava um beijo com os lábios apertados na testa dele. “Oh, *Colin*.”

Oh, Deus. Ele poderia ouvi-la gemer seu nome cem vezes que não seria o bastante.

Enquanto se beijavam, ele passeava as mãos para cima e para baixo nas costas dela. Mantendo-a quente. Aquecendo os dois. Mas após várias carícias pela extensão da coluna dela, Colin não conseguiu evitar de se aventurar mais. Ela ainda lhe devia sua chance de explorar. Ele tinha que tocá-la. Ele tinha que tocar na parte macia e secreta dela, da mesma forma que ela o estava tocando.

Ele deslizou uma palma pelo quadril dela, agarrando seu traseiro e o apertando brevemente. Então ele levou a mesma mão para o lado, subindo-a lentamente pela curva do quadril, a reentrância da cintura, as saliências de suas costelas... ele podia jurar que contou trinta e quatro ou mais... e então, por último, a elevação macia e arredondada de seu seio.

“*Colin.*” A arfada dela indicou que ele foi longe demais.

“Min, eu...” Colin descansou sua testa na dela. Ele não sabia como se desculpar. Ele não se arrependia de nada. Não mesmo.

Ela se afastou, piscando para ele.

“Colin. Eu consigo *ver* você.”

Do modo como ela disse as palavras, em uma voz tão assombrada, o fez pensar, por um instante, que o beijo havia curado a deficiência de visão dela. Seria um milagre e tanto, e Colin estava inclinado a acreditar. Ele próprio se sentia mudado por aquele beijo.

“Está claro aqui”, disse ela. “Eu consigo enxergar você, agora.” Ela se afastou e pegou os óculos.

E ele instantaneamente entendeu o que ela queria dizer. Sem a silhueta dela bloqueando sua visão, ele também pôde ver que a maré havia recuado o suficiente para revelar a parte de cima da passagem submersa. Um raio de luz solar entrou, como um fio de ouro passando pelo buraco de uma agulha – atingindo Colin bem nos olhos.

“Ah.” Ele ergueu a mão para proteger os olhos da aurora lancinante.

Agora que conseguia enxergar direito os arredores, Colin pôde perceber que o túnel “interminável” e escuro, no qual ele teve certeza que morreria, tinha, na

verdade... cerca de um metro de comprimento. Bom Deus! Ele revirou os olhos ao pensar no ridículo por que havia passado. Não era de admirar que ela tinha duvidado de seu vigor.

“Vamos poder sair em breve”, disse ela, já se levantando e arrumando as coisas. Ela fez um biquinho e soprou a vela. “De qualquer modo, é melhor esperarmos. Agora não preciso confiar na minha bolsa para manter minhas anotações e papéis secos.”

Enquanto Colin a observava se preparar para sair, ele sentiu a emoção mais estranha se abater sobre ele. Decepção. Uma pontada excruciante de decepção. Aquilo não fazia sentido. A luz havia penetrado na caverna. O ambiente não estava mais escuro. Dentro de alguns minutos ele sairia daquele buraco miserável e apertado na terra. E ele estava decepcionado. Decepcionado por não poder continuar ali, beijando-a por mais algumas horas.

“Maldito seja eu”, murmurou Colin.

“Provavelmente será.” Ela dobrou o cobertor com movimentos precisos. “E eu também serei, pelo que acabamos de fazer.”

“Não seja tão dura consigo mesma. Estávamos apenas nos beijando.” Embora ele soubesse que não havia nada de “apenas” no que fizeram.

“Bem, não pode acontecer de novo.”

Colin colocou uma mão em seu peito. Lá estava. A pontada aguda de decepção. Aquela caverna era mesmo cheia de surpresas.

Ela olhou para a pegada na rocha e suas anotações. Então ergueu o rosto para ele, prendendo o cabelo habilmente.

“Nós vamos partir amanhã”, disse ela, falando com a boca cheia de grampos de cabelo. “Temos que partir amanhã, se quisermos ter alguma esperança de chegar a Edimburgo a tempo.”

Ele balançou a cabeça.

“Querida, eu pensei que você tinha me entendido. Eu...”

“Eu concordo com as suas condições. Todas elas. Você pode ir cavalgando. Nós não vamos viajar de noite. E a parte sobre dormir...?” Um leve toque rosado tingiu suas faces. “Isso também. Mas nós precisamos partir amanhã, para conseguirmos chegar ao simpósio.”

Ele engoliu em seco. A parte sobre dormir...? Ele realmente preferia que ela não tivesse dito isso. Colin tinha regras para seu próprio comportamento no que dizia respeito às mulheres. Até então ele sempre seguiu suas regras, e o que restava de seu amor-próprio se equilibrava naquele fio tênue. Mas aquilo era diferente. *Ela* era diferente, de uma maneira que ele não conseguia definir. Ele,

geralmente, não achava a inocência tão sedutora, mas no caso dela a inocência era temperada com uma curiosidade atrevida, imperturbável. Se surgisse uma oportunidade, ele não sabia se conseguiria resistir. E semanas de viagem apresentariam muitas, muitas oportunidades.

Naquele mesmo instante ele imaginava uma fantasia bem vívida em que soltava aquele nó em seu cabelo, arrancava o traje de banho do corpo dela, removendo quaisquer camadas de modéstia que existissem por baixo... e deixando os óculos em seu rosto. Para que ela pudesse vê-lo. E assim saber quem a estava fazendo se retorcer e ofegar e gemer de prazer. Assim ela poderia admirar cada uma das expressões de prazer em seu rosto enquanto ele entrava...

"Não venha me procurar na pensão", disse ela. "Risco demais de ser interceptado. Eu vou sair sozinha para encontrar você na estrada."

Colin massageou o queixo e soltou um gemido baixo. Ele era um libertino com prodigiosa experiência. Ela era uma intelectual ingênua ainda saboreando seu primeiro beijo. Aquela parecia ser uma ideia muito ruim. Não importava o quanto ele quisesse ir embora de Spindle Cove, não importava o quanto ela dizia querer fazer aquela viagem... Aquilo não podia acontecer. Porque agora ele a *queria.*

"Colin?"

Ele se agitou.

"Sim?"

Ela o fitou nos olhos. A vulnerabilidade que brilhou em seus olhos tocou a consciência dele.

"Por favor", disse ela. "Você *vai* estar lá, não vai? Você não vai fazer outra brincadeira cruel comigo e me deixar lá, uma piada, esperando sozinha enquanto a carruagem passa?" Ela engoliu em seco. "Preciso me preocupar com você?"

Deve, querida. Pode apostar. Você deve mesmo se preocupar.

Capítulo Seis

Ele não virá. Minerva virou o rosto na direção do castelo. Então ela consultou seu relógio pela quarta vez em quatro segundos. Dois... não, três minutos depois das seis. Ele não vai aparecer. Minerva nunca deveria ter sonhado o contrário. Ela devia saber que ele a decepcionaria.

O chão tremeu debaixo dela. Um estrondo de cascos chegou até Minerva. Lá vinha a carruagem. E passaria por ela. Deixando-a abandonada na lateral da estrada – uma garota desajeitada e tola, vestida para ir a lugar nenhum. Sem esperança. Ela ficou olhando para a estrada, esperando a sombra escura da carruagem aparecer no alto da colina distante. Tão estranho... O tropel dos cascos ficava cada vez mais alto, mas a carruagem não aparecia. A essa altura, ela já podia sentir o estrondo do solo nos ossos da perna. Ainda assim, nada de carruagem. Ela se virou, confusa e agitada. E lá estava ele. Lorde Payne. Colin...

Aproximando-se dela a cavalo, rompendo a névoa da madrugada. O vento agitando seu cabelo ondulado. Aquela visão parecia tirada de um conto de fadas. Ah, ele não vinha cavalgando um garanhão branco, mas um cavalo castrado baio. E ele não envergava uma armadura brilhante, nem vestes régias, mas um casaco azul simples, bem cortado, e calças de montaria de camurça. Não importava. Ainda assim ele a deixou sem fôlego. Quando desmontou do cavalo, Colin estava magnífico. Resplandecente. Sem dúvida, era o homem mais lindo que Minerva tinha visto. Mas então ele falou.

“Isto é um erro.”

Ela piscou.

“Um erro?”

“Sim. Eu devia ter dito isso ontem, mas antes tarde do que nunca. Esta viagem seria um erro de proporções catastróficas. Não pode acontecer.”

“Mas...” Olhando ao redor, ela percebeu que ele não trazia bagagem. Nenhuma valise. Nenhum tipo de mala. Seu coração afundou no peito. “Ontem, na caverna. Colin, você prometeu.”

“Eu disse que estaria aqui às seis. Não prometi que partiria com você.”

Minerva cambaleou. Magoada e entorpecida, ela sentou na borda de seu maior baú. Ele examinou a bagagem dela.

“Bom Deus. Como você fez para trazer até aqui, sozinha, três baús?”

“Eu fiz três viagens”, disse ela, desanimada. Três viagens difíceis, no frio, através da neblina. Por nada.

“Três baús!”, repetiu ele. “O que pode haver neles?”

“Por que você quer saber? Você acabou de dizer que não vai mais.”

Ele se agachou na frente dela, de modo que seus olhos se encontraram.

“Escute, Michaela. Isso é para o seu próprio bem. Alguém reparou que nós sumimos ontem? Alguém viu nosso beijo na noite passada?”

Ela negou com a cabeça.

“Não.”

Ninguém pareceu suspeitar de nada. O que deveria ter feito com que ela se sentisse melhor, mas de alguma forma aquilo era ainda mais humilhante.

“Então, até aqui, você está salva. E você tem muito a perder com essa viagem. Não apenas a sua reputação, mas a sua segurança, sua felicidade... E tudo isso pode ser em vão.” Ele ergueu o queixo dela.

Minerva o encarou. Seus olhos estavam vermelhos e cansados. Pequenas rugas vincavam o espaço entre suas sobrancelhas. Ele não havia se barbeado. À distância, ele parecia lindo e impetuoso, mas de perto...

“Meu Deus. Você está horrível.”

Ele passou a mão pelo rosto.

“Bem, sim. Minha noite não foi boa.”

“Não conseguiu dormir?”

“Na verdade, eu tentei dormir. E esse é o problema. Eu já devia saber, a esta altura, que isso nunca acaba bem.”

Lá vinha novamente, a onda de compaixão tomando conta do seu peito. Ela queria tocar no cabelo dele, mas se contentou em puxar uma rebarba da manga do casaco de Colin.

“Mais uma razão para você querer vir comigo.” Ela tentou fazer com que aquela parecesse a única solução óbvia e lógica, embora Minerva soubesse que não era. “Antes que essas duas semanas acabem, você pode ter dinheiro suficiente para voltar a Londres e viver como quiser.”

Ele balançou a cabeça.

“Não sei como dizer isto gentilmente, então vou falar da forma que sei. Esqueça de mim. Não se preocupe com sua irmã. Para o diabo com os

quinhentos guinéus. Pense em si mesma. Você está apostando sua reputação, sua harmonia familiar – todo seu futuro – em um buraco esquisito no chão. Eu sou um jogador, querida. Eu sei reconhecer uma má aposta quando vejo uma."

"Então você não acredita em mim."

"Não, não é isso. Eu só não acredito em dragões."

"É isso? Você acha que eu sou uma tonta?" Ela se levantou e começou a abrir as amarras de seu baú. "Aquela criatura não era um dragão. Não era nenhum tipo de animal mítico, mas um ser vivo, real. E baseei minhas conclusões em anos de estudos científicos."

Depois de brigar com as correias por alguns instantes, ela finalmente abriu o baú.

"Aqui", disse ela, erguendo pilhas de diários e colocando-os sobre o outro baú. "Todos os meus escritos e descobertas pessoais. Meses de anotações, desenhos, medidas." Ela pegou um diário volumoso com capa de couro. "Este diário inteiro está repleto de comparações que fiz com os escritos disponíveis sobre fósseis, verificando que nenhuma criatura semelhante foi registrada até hoje. E se isso tudo não conseguir convencê-los..."

Ela pôs de lado uma camada de forro.

"Veja. Eu trouxe isto."



Colin olhou para o objeto no baú.

"Ora, é uma pegada."

Ela aquiesceu.

"Eu fiz um molde de gesso."

Ele ficou olhando para o objeto. Na caverna, no escuro, a "impressão" parecia ser uma depressão aleatória, com três partes, no solo. Resultado de tempo e acaso, não do contato com o pé de alguma criatura antiga. Mas naquele momento, sob a luz do sol, moldada em gesso... ele conseguia ver com clareza. As bordas eram bem definidas e regulares. Da mesma forma que uma pegada humana, as impressões dos dedos eram individuais e distintas da sola. Parecia mesmo um pé. Um enorme pé de réptil. Uma criatura que poderia fazer um homem fugir correndo e gritando.

Colin tinha que admitir, aquilo era muito impressionante. Mas não tão impressionante quanto Minerva. Afinal, ali estava um lampejo daquela mulher confiante e inteligente que o visitou na torre. A mulher que ele esperava ansioso

para ver novamente. O ar fresco da manhã conferia uma cor agradável à pele dela, e o sol filtrado pela névoa acrescentava um efeito encantador. Ela havia enrolado todo aquele cabelo escuro e pesado, prendendo-o firmemente para a viagem, a não ser por alguns cachos rebeldes que desciam preguiçosamente de sua têmpora até a face. Luvas de couro de cervo abraçavam seus dedos como uma segunda pele. Seu traje de viagem era de veludo, com um corte requintado e tingido de um tom que dançava entre o vermelho e o violeta. Dependendo de como o sol batia na grossa penugem do veludo, o vestido assumia a cor estridente do alarme ou o tom selvagem, gritante, do prazer.

De qualquer forma, Colin percebeu que deveria baixar os olhos, se afastar lentamente e encerrar aquela história.

“Eu vou ganhar o prêmio”, disse ela. “Se você ainda não acredita em mim, eu vou provar para você.”

“Sério, você não precisa...”

“Não sou só eu que acredito nisso. Eu sei que você acha que sou louca, mas ele não é.” Ela remexeu no bolso interno do baú, de onde retirou um envelope. “Veja, pode ler.”

Ele desdobrou a carta, segurando-a cuidadosamente pelas bordas. A mensagem vinha escrita em uma letra firme, por uma mão masculina.

“‘Inestimável colega’”, ele leu em voz alta. “‘Eu li com ávido interesse seus últimos relatos de Sussex.’” Ele passou os olhos pela carta. “Isso, mais aquilo... Alguma coisa sobre pedras. Mais sobre lagartos.”

“Apenas leia o final.” Ela apontou o dedo para o último parágrafo. “Aqui.”

“‘Essas suas descobertas são realmente empolgantes’”, leu Colin. “‘Eu gostaria que você reconsiderasse seus planos e fizesse a viagem até Edimburgo para participar do simpósio. Tenho certeza de que o prêmio seria seu, sem concorrência. E embora seja um estímulo insignificante, se comparado ao prêmio de quinhentos guinéus, eu estou ansioso para aumentar nosso conhecimento mútuo. Percebo que estou ficando cada vez mais impaciente para encontrar, pessoalmente, alguém cuja erudição há muito eu admiro, e cuja amizade eu...’” A voz dele foi sumindo. Ele pigarreou e continuou a ler. “‘Cuja amizade eu tenho em muita alta estima. Por favor...’”

Colin fez uma pausa. Impaciente para encontrar? Muita alta estima? Em uma correspondência entre um cavalheiro e uma jovem solteira, aquilo era praticamente uma declaração de amor.

“‘Por favor, faça a viagem. Seu admirador, Sir Alisdair Kent’”, ele concluiu.

Colin ficou pasmo. Aquela intelectual desajeitada tinha um admirador.

Talvez ele estivesse até mesmo apaixonado. Que estranho. Que lindo. Que inexplicavelmente irritante.

“Aí está”, disse ela. “Tenho certeza de que irei ganhar o prêmio. Percebe?”

“Ah, eu percebo. Eu percebo agora qual é o seu plano.” Ele deu alguns passos sem rumo, rindo consigo mesmo. “Eu não posso acreditar nisso. Estou sendo usado.”

“Usado? O que você quer dizer com isso? Que absurdo.”

Ele soltou um som de pouco caso.

“Ora, por favor! Aqui estava eu tão preocupado que, se concordasse com essa viagem, estaria usando você.” Ele ergueu a carta. “Mas isso é tudo a respeito de Sir Alisdair Kent. Você está fingindo que vai fugir comigo com a esperança de vê-lo. Você é que está me usando.”

Ela arrancou a carta da mão dele.

“É claro que não estou usando você, que ficaria mais rico com nossa aventura, enquanto eu ficaria totalmente arruinada. Estou lhe oferecendo o prêmio inteiro. Quinhentos guinéus.”

“Um belo preço por meu delicado coração.” Ele apertou a mão contra o órgão ofendido. “Você pretendia brincar impiedosamente com meus sentimentos. Sugerindo que viajássemos juntos durante semanas. Um homem solteiro com uma mulher solteira, aprisionados nos mesmos aposentos durante todos esses dias.” Ele ergueu uma sobrancelha. “Todas essas noites. Você vai ficar me olhando por cima desses seus óculos recatados, me deixando louco com todas as suas palavras polissílabas. Deitando na minha cama. Beijando-me como uma sedutora desavergonhada.”

Furiosa, ela piscou os olhos enquanto dobrava novamente a preciosa carta.

“Agora basta.”

Não, não bastava. Nem de longe. Colin sabia que ela não o respeitava. Mas agora que ele estava dominado de desejo por ela, Minerva devia corresponder com, no mínimo, uma atração física, ainda que de má vontade. Isso seria apenas mostra de boa educação. Mas não, ela estava de olho em outro homem. Quando eles se beijaram, Minerva estava apenas praticando para quando encontrasse aquele sapo geólogo?

“Não precisa debochar de mim”, disse ela. “Não há necessidade de você ser cruel. Sir Alisdair Kent é um colega, nada mais.”

“Ele a tem em alta estima, diz a carta. Não apenas alta. ‘Muito alta estima’.”

“Ele nem mesmo...” Ela fechou o punho e inspirou lentamente. Quando voltou a falar, procurou controlar a voz. “Ele é um geólogo brilhante. E qualquer

admiração que ele sinta por mim é estritamente baseada no meu trabalho. Ele acredita que a criatura que deixou esta pegada será registrada como uma nova espécie. Eu até poderei batizá-la."

"Batizá-la?" Colin olhou para o molde de gesso. "Por que ir até a Escócia para isso? Nós podemos batizá-la aqui mesmo. Eu sugiro 'Frank'."

"Não batizar desse jeito. Serei eu quem vai dar um nome científico a essa espécie. Além disso, esse lagarto era fêmea."

Ele inclinou a cabeça e olhou para o molde.

"É uma pegada. Como você pode saber isso?"

"Eu apenas sei. Eu sinto." Com as pontas dos dedos, ela acompanhou o traçado da impressão com três dedos. "A criatura que deixou esta marca... ela definitivamente não era um 'Frank'."

"Francine, então."

Minerva bufou.

"Eu sei que tudo isso é uma piada para você. Mas não será para meus colegas." Ela recolocou os rolos de tecido em volta do molde, apoiando-o bem. "O que quer que fosse essa criatura, ela era real. Ela viveu e respirou, e deixou esta marca. E agora, incontáveis eras mais tarde... ela pode mudar a forma como compreendemos o mundo."

Ela fechou e trancou o baú, e colocou um pé sobre ele para apertar as tiras de couro. Seu belo tornozelo, de meia, foi revelado para Colin. Tão pálido e lindamente curvo. Ele não sabia o que achava mais atraente – o vislumbre erótico de seu tornozelo ou a expressão determinada no rosto dela.

"Pode deixar. Deixe comigo." Colin se aproximou para ajudar com as fivelas.

Com a oferta de Colin, ela parou de lutar com as tiras e deixou a tarefa a cargo dele. Na passagem das correias, as costas da mão dele roçaram a panturrilha dela. Uma descarga de desejo fez com que ele estremecesse. Deus. Era exatamente por causa disso que ele não podia concordar com aquele plano tresloucado. Ele terminou de prender as fivelas e endireitou o corpo, batendo a poeira de suas mãos enluvadas.

"Você sabe que ele provavelmente é velho. Ou cheio de verrugas."

"Quem?"

"Esse tal de Sir Alisdair."

Ela ficou com as faces tingidas de vermelho.

"Eu só estou falando que, provavelmente, ele é mais velho que a Francine. E menos atraente."

“Eu não ligo! Eu não ligo se ele for velho, cheio de verrugas, leproso e corcunda. Ele ainda assim seria culto, inteligente. Respeitado e respeitoso. Ainda assim ele seria um homem melhor que você. E você sabe disso, por isso está com inveja. Você está sendo cruel comigo para consolar seu ego.” Ela o mediu de alto a baixo com uma expressão de desprezo. “E vai acabar entrando uma mosca na sua boca, se você não a fechar.”

Foi a primeira vez que Colin ficou sem saber o que dizer. O melhor que ele pôde fazer foi aceitar o conselho dela e levantar a mandíbula caída. Um ar de determinação tomou conta dela. As curvas de seu rosto tomaram ângulos resolutos.

“É isso. Eu vou para Edimburgo, com ou sem você.”

“O quê? Você quer viajar quase oitocentos quilômetros sozinha? Não. Não posso deixar que você faça isso. Eu... eu a proíbo.”

Foi a primeira tentativa de Colin proibir alguém de fazer alguma coisa, e funcionou tão bem quanto ele esperava. O que vale dizer que não funcionou. Ela fungou.

“Fique aqui e case com Diana, se é o que quer, mas eu não vou tomar parte disso. Não posso simplesmente assistir.”

“Deus, é isso que está preocupando você?” Ele pôs as mãos nos ombros dela para garantir que Minerva prestasse atenção. “Eu não vou casar com Diana. Eu nunca planejei casar com ela. Estou tentando lhe dizer isso há dias.”

Ela o encarou.

“Sério?”

“Sério.”

O barulho distante de cascos e rodas de carruagem fez o chão tremer. Enquanto eles se entreolhavam, o som foi ganhando força.

“Essa deve ser a carruagem”, disse ela.

Colin olhou para a estrada. Sim, lá vinha ela. O momento decisivo.

“Vamos”, disse ele. “Eu ajudo você a levar suas coisas de volta para a pensão.”

“Não!” Ela negou com a cabeça.

“Min...”

“Não! Eu não posso voltar. Simplesmente não posso. Eu deixei um bilhete dizendo que nós fugimos. A esta altura elas já devem ter acordado e provavelmente o estão lendo. Eu não posso ser a garota que disse que ia fugir. A coisinha patética que juntou todas as suas esperanças e encheu três baús, para ir até a estrada de madrugada e depois voltar para casa derrotada e sem esperanças.

Minha mãe...” Ela inspirou profundamente, endireitou-se e ergueu o queixo. “Eu não posso mais ser essa garota. E não vou ser.”

Enquanto olhava para ela, Colin foi visitado por uma estranha sensação, que se agitou, calorosa e acolhedora, dentro dele. Era uma sensação de privilégio e admiração, como se ele tivesse testemunhado um daqueles pequenos milagres corriqueiros da primavera. Como um potro dando seus primeiros passos com patas trêmulas. Ou uma borboleta que abria suas asas amassadas e molhadas ao sair da crisálida. Diante de seus olhos, Minerva havia se transformado em uma nova criatura. Ainda um pouco desajeitada e incerta, mas destemida. E a caminho de se tornar linda.

Colin coçou o pescoço. Ele desejou que tivesse alguém por perto para quem ele pudesse se virar e dizer: Você pode cuidar disso?

“Você quer mesmo fazer isso”, disse ele. “Significa muito para você.”

“Sim.” Os olhos dela estavam claros e firmes.

“Se embarcarmos nessa viagem, não haverá volta.”

“Eu sei.”

“E você compreende todas as implicações. Tudo o que está arriscando. Diabo, tudo que está sacrificando, no momento em que partir comigo?”

Ela aquiesceu.

“Estou trocando minha aceitação na sociedade por uma posição na Sociedade Geológica Real. Eu compreendo isso perfeitamente, e acho que é uma boa troca. Você falou para eu pensar em mim mesma, Colin. Bem, estou fazendo exatamente isso.”

Afastando-se dele, ela ficou na ponta dos pés e abanou os braços, sinalizando para o cocheiro.

“Pare! Pare, por favor!”

Ele ficou atrás dela, observando seus gestos desesperados, absurdamente encantado por eles. Que ótimo, querida. Isso é ótimo para você.

Enquanto a carruagem parava, ela pegou o menor baú. Minerva olhou para ele, sorrindo.

“Última chance. Você vem ou não?”

Capítulo Sete

A estrada para Londres era empoeirada, esburacada e acidentada – uma desgraça. E Minerva ficava mais feliz a cada quilômetro que passava. Quer dizer, ela se alegrava em silêncio, sem mover sequer um músculo. Ela não tinha nenhum espaço para se mover. Quatro pessoas dividiam o assento dentro da carruagem. Mais dois passageiros dividiam o banco do condutor. Minerva quase tinha medo de contar quantas pessoas viajavam no teto da carruagem. Do seu ponto de vista, através da janela, as pernas desses passageiros estavam penduradas como estalactites. Além dessas pernas, de vez em quando ela conseguia enxergar Colin montado em seu cavalo ao lado do coche. Ela invejou o ar fresco e a liberdade de movimentos de que ele desfrutava.

Mas, de modo geral, ela estava empolgada. As decisões dolorosas e os preparativos frenéticos haviam ficado para trás, e agora ela podia simplesmente desfrutar da alegria de ter feito aquilo. Depois de passar toda sua infância desejando ardentemente fugir de casa, ela tinha enfim conseguido. E aquele não era um feito infantil, uma corrida para a floresta com uma cesta de piquenique preparada às pressas e um bilhete petulante dizendo simplesmente “Adeus.” Aquela viagem tinha um significado sério, profissional. Era praticamente uma viagem de negócios. Naquela manhã Minerva tomou as rédeas de sua vida. Mas ela se sentia feliz por não fazer a viagem sozinha.

Quando eles paravam para descansar ou trocar os cavalos, Colin se destacava no papel de noivo atencioso. Ele permanecia ao lado dela e cuidava de pequenos detalhes, como procurar bebidas ou ficar de olho em seus baús. Ele fazia questão de tocá-la frequentemente. De forma sutil, pondo a mão em seu cotovelo, ajudando-a a subir na carruagem. Ela sabia que os toques não eram para o prazer dela ou dele, mas para informar aqueles que os acompanhavam. Aquelas pequenas indicações tinham um objetivo. Toda vez que ele a tocava, estava dizendo, sem palavras: *Esta mulher está sob minha proteção.* E cada vez que ele enviava essa mensagem, ela sentia um arrepio.

Minerva se sentiu especialmente grata pela proteção quando eles chegaram a Londres no fim daquela tarde e foram até a hospedaria. Ela estava tão cansada da viagem que mal conseguia se manter em pé. Colin cuidou do dono da estalagem, registrando os dois sob um nome fictício sem nem mesmo piscar. Ele se certificou de que todos os baús dela fossem levados para o quarto, pediu um jantar simples e até mesmo enviou um mensageiro comprar algumas coisas para a viagem – algumas camisas limpas, lâmina de barbear etc. –, em vez de ele mesmo ir às compras e assim deixar Minerva sozinha. Na verdade, Colin a fez se sentir tão segura e confortável que eles já estavam jantando o prato de carne assada com cenouras cozidas quando Minerva, de repente, caiu em si – a realidade a atingiu em cheio. Ela estava em um quarto pequeno, com uma única cama, a sós com um homem que não era seu parente, nem seu marido. Ela largou o garfo, acompanhou seu último bocado de comida com um belo gole de vinho, e passou lentamente os olhos pelo quarto. Era isso. Sua ruína a caminho: carne assada, cenouras cozidas e papel de parede feio, descascando.

"Você está muito quieto", disse ela. "Você não me provocou o dia todo."

Ele ergueu os olhos do prato.

"Isso é porque estou esperando, Morgana."

Minerva cerrou os dentes. Ela nem se preocupava mais em corrigi-lo.

"Esperando o quê?"

"Que você recupere o bom senso." Ele fez um gesto com o braço, mostrando o quarto. "Que cancele tudo isto e exija que eu a leve para casa."

"Ah... Bem, isso não vai acontecer."

"Você não vai mudar de ideia?"

"Não." Ela balançou a cabeça.

Colin serviu mais vinho para os dois.

"Você não fica apreensiva de dividir este quarto comigo, esta noite, sabendo o que isso vai significar para você amanhã?"

"Não", mentiu ela.

Embora ele estivesse sendo absolutamente solícito e protetor desde que os dois partiram de Spindle Cove, ela não conseguia evitar de ficar inquieta na presença dele. Colin era tão lindo, tão determinado, tão... tão *masculino*. Sua personalidade parecia ocupar todo o quarto. E, céus, ela tinha concordado em se deitar com ele. Se a ideia dele de "deitar junto" implicava algo mais do que simplesmente ficar um ao lado do outro, ela não sabia o que iria fazer. Medo e curiosidade lutaram dentro dela quando Minerva lembrou de seus beijos hábeis e excitantes na caverna.

“Se não posso dissuadi-la...”, disse ele.

Ela fechou os olhos.

“Não pode.”

Ele bufou.

“Então pela manhã vou procurar lugar em uma carruagem que vá para o norte. Nós deveríamos dormir o mais cedo possível.”

Ela engoliu em seco. Enquanto ele terminava de comer, Minerva decidiu buscar abrigo em um refúgio conhecido. Pedindo licença, ela se levantou da pequena mesa de jantar e foi até seus baús, abrindo o menor – onde trazia todos os seus livros. Ela retirou seu diário. Se ela quisesse se apresentar no simpósio dentro de uma semana, precisava organizar suas descobertas mais recentes e acrescentá-las ao seu texto. Pegando um lápis, que prendeu entre os dentes, ela fechou o baú e levou o diário de volta à mesa. Ela afastou para o lado os pratos de comida vazios e ajeitou os óculos, arrumando-se para trabalhar. Abriu o diário na última página escrita e o que ela viu ali a deixou horrorizada. Minerva sentiu um aperto no coração.

“Ah, não. Ah, *não*.”

À sua frente, Colin ergueu os olhos da comida.

Ela folheou as páginas, desanimada.

“Ah, não. Oh, Deus. Eu não posso ser tão idiota.”

“Não imponha limites a si mesma. Você pode ser o que quiser.” Ao olhar aborrecido dela, Colin respondeu: “O que foi? Você reclamou que eu não a estava provocando.”

Ela deitou os braços na mesa e descansou a testa neles. Lentamente, erguendo e baixando a cabeça, ela batia a testa no pulso.

“Tão, tão, idiota.”

“Pare com isso. Não pode ser assim tão ruim.” Ele pôs seus talheres de lado e limpou a boca com o guardanapo. Então deslizou a cadeira ao redor da mesa, de modo que ficou sentado ao lado dela.

“O que foi que deixou você tão incomodada?” Ele esticou a mão até o diário.

Minerva ergueu a cabeça.

“Não, não! Por favor, não leia. São apenas mentiras, bobagens. É um diário falso, percebe. Eu passei a noite toda escrevendo. Eu deveria tê-lo deixado para trás, para que minha mãe e minhas irmãs tivessem a impressão de que nós nos apaix...” Ela engoliu o fim da palavra. “Que nós estávamos nos vendo há algum tempo. Para que acreditassem na nossa fuga. Mas, obviamente, eu cometi um erro. Eu trouxe o diário falso comigo e deixei o verdadeiro na Queen’s Ruby.”

Ele se deteve em uma página em particular e ficou rindo consigo mesmo. Minerva sentiu o rosto esquentar. Ela queria desaparecer.

“Por favor. Eu imploro, não leia.” Desesperada, ela tentou arrancar o diário da mão dele.

Colin puxou para trás o volume, levantando da cadeira.

“Oh, isto é ótimo. Absolutamente fantástico. Você me elogia com tanta convicção.” Ele pigarreou e leu em voz alta, em um tom afetado. “Minha mãe sempre diz que Lorde Payne é tudo o que um futuro genro deve ser: rico, tem um título, lindo, charmoso. Eu confesso...”

“Devolva.”

Ela tentou pegá-lo, mas Colin se afastou, passou por cima da cama e continuou do outro lado.

“Eu confesso”, ele continuou como se declamasse um texto, “que fui mais lenta que a maioria para admitir, mas também não sou imune aos encantos de Colin. É muito difícil lembrar dos defeitos de sua personalidade quando se está tão próxima de sua...” Ele baixou o diário e arrastou as palavras, “de sua perfeição física.”

“Você é um homem horroroso. Horroroso!”

“Você diz isso *agora*. Quero ver você mudar de ideia quando estiver próxima da minha *perfeição física*.” Ele rodeou a cama, aproximando-se dela.

Então Minerva passou a ser perseguida. Ela foi se afastando, de costas, até colidir com a parede. Como uma criança que não tem onde se esconder, ela fechou os olhos.

“Pare de ler. Por favor.”

Ele caminhou lentamente na direção dela enquanto folheava o diário.

“Bom Deus. Há páginas *inteiras* com descrições. O ondulado maroto do meu cabelo. Meu perfil esculpido. Eu tenho olhos como... como *diamantes*?”

“Não diamantes de verdade. Diamantes Bristol.”

“O que são diamantes Bristol?”

“Um tipo de formação rochosa. Por fora eles parecem pedras comuns. Redondos, amarronzados. Mas quando você os quebra no meio, por dentro estão cheios de cristais com centenas de tons diferentes.”

Por que ela se dava ao trabalho? O sujeito nem mesmo estava escutando.

“‘Ninguém ao redor imaginaria nossa ligação’”, ele continuou. “‘Para as pessoas pode parecer que ele só fala comigo para me provocar. Mas há um sentimento mais profundo por trás de suas provocações, eu sei. Um homem pode flertar com desinteresse, até mesmo desdém. Mas ele nunca provocará alguém se

não sentir afeto.’” Ele a flechou com os olhos. “Essas palavras são *minhas*. Isso é um plágio descarado.”

“Sinto muito. A falsidade não vem tão facilmente para mim como para você.” Ela jogou as mãos para cima. “O que isso importa? Essas palavras já eram mentiras quando você as falou, e continuavam mentiras quando eu as escrevi. Você não entende? É um diário falso, todo ele.”

“Não esta parte.” Ele apontou um dedo para o centro da página. “Nós nos beijamos. Ele me pediu para chamá-lo por seu nome de batismo, Colin.”

Colin fixou nela um olhar inescrutável. O coração de Minerva martelava em seu peito, e ela se viu oscilando na direção dele. Por um instante vertiginoso, ela pensou que Colin pudesse beijá-la novamente. Ela *esperava* que ele a beijasse novamente. Mas ele não a beijou... E ela teve certeza de que ouviu alguém, em algum lugar, rindo.

“É verdade”, disse ela. “Você me pediu para chamá-lo por seu nome de batismo. Ainda assim, você não consegue lembrar o meu.” Ela arrancou o livro da mão dele. “Eu acho que você mais que compensou o tempo perdido. Na verdade, tenho certeza de que excedeu sua cota de provocação de hoje.”

“Posso adiantar uma parte de amanhã?”

“Não.” Ela fechou o diário com agitação e o guardou de volta no baú.

“Deixe disso. Não fique brava. Você mesma disse que o fez ridículo de propósito.”

“Eu sei. Não é isso que me preocupa.” *Não totalmente.* “É o fato de que deixei para trás o outro diário. O verdadeiro, com todas as minhas medições e observações mais recentes.”

“Eu pensei que você tinha centenas de descobertas.”

“Eu tenho. Mas minha apresentação ficará mais fraca por eu não ter o diário.”

Ele ficou pensativo.

“Mais fraca quanto?”

“Ah, não se preocupe.” Minerva forçou um sorriso e bateu de leve no molde dentro do baú. “Seus quinhentos guinéus estão garantidos. Enquanto tivermos isto.”



“Bem”, disse ele. “Graças a Deus, por Francine.”

Colin suspirou profundamente e passou a mão pelo cabelo. Que diabos ele

estava fazendo? Quando ela lhe deu o ultimato na estrada, Minerva não lhe deixou alternativa a não ser acompanhá-la. Era o mínimo que ele devia fazer. Mas ele passou o dia inteiro esperando que ela recobrasse a razão, que cancelasse toda aquela viagem maluca e exigisse que ele a levasse de volta para Spindle Cove imediatamente. Até aquele momento, contudo, a determinação dela não havia diminuído. E alguma força estranha não lhe permitia sair do lado dela. Colin não sabia que diabo era aquela força. Ele estava em uma estalagem com ela, de modo que não podia chamar de honra ou dever. Instinto protetor, talvez? Pena? Pura curiosidade? Ele sabia uma coisa. Não eram os malditos quinhentos guinéus. Do baú, ela tirou um rolo grosso de alguma coisa branca.

"O que você tem aí?", perguntou ele.

"Roupa de cama. Eu é que não vou dormir em cima *disso*." Ela indicou o colchão sujo de palha e percevejos.

Enquanto Colin observava, Minerva abriu o rolo sobre o colchão afundado, esticando-se para abrir o lençol branco e limpo e estendê-lo até os quatro cantos da cama. Colin notou que as bordas do lençol estavam muito bem costuradas, e traziam um desenho bordado que ele não conseguiu entender. Minerva pegou um segundo rolo. A colcha, ele deduziu. Esta também possuía o mesmo desenho na borda. No centro havia um brasão esquisito, arredondado, do tamanho de uma roda de charrete. Enquanto ela alisava os vincos, ele inclinou a cabeça e ficou admirando o brasão. O bordado cuidadoso delineava algum tipo de espiral. Parecia uma concha de caracol cortada ao meio, mas o interior estava dividido em dezenas de câmaras intricadas.

"Isso é um nautilus?", perguntou ele.

"Chegou perto, mas não. É um amonite."

"Um amonite? O que é um amonite? Parece o nome de algum povo do Velho Testamento que passou por uma matança."

"Amonites não são um povo bíblico", respondeu ela em tom de paciência esgotada. "Mas eles foram *matados*."

"Mortos."

Batendo no lençol, ela o fuzilou com o olhar.

"Mortos?"

"Gramaticalmente falando, acho que a palavra que você quer usar é 'mortos'."

"*Cientificamente* falando, a palavra que eu quero usar é 'extintos'. Os amonites estão extintos. Nós só os conhecemos através de fósseis."

"E roupas de cama, aparentemente."

“Sabe de uma coisa...” Ela soprou para o lado um cacho que estava pendurado na frente de seu rosto. “Você podia me ajudar.”

“Mas eu gosto de observar”, disse ele, só para atormentá-la. Apesar disso, ele pegou a borda do lençol de cima e passou os dedos pelo bordado enquanto o esticava. “Você que fez isto?”

“Sim.” A julgar pelo tom de voz dela, não foi um trabalho feito com amor. “Minha mãe sempre insistiu, desde que eu tinha doze anos, que eu passasse uma hora por dia fazendo bordados. Ela fazia com que nós três sempre bordássemos coisas para nosso enxoval.”

Enxoval. A palavra o atingiu de modo estranho.

“Você trouxe seu enxoval?”

“É claro que eu trouxe meu enxoval. Para criar a ilusão de uma fuga, é óbvio. E no meio dele foi o lugar mais lógico para guardar a Francine. Todos esses rolos de tecido macio formam uma boa camada de proteção.”

Alguma emoção o atingiu, mas foi embora antes que ele a pudesse identificar. Culpa, talvez. Aqueles lençóis deviam embelezar o leito matrimonial de Minerva, e lá estava ela guarnecendo um colchão manchado, cheio de percevejos, em uma decadente estalagem.

“De qualquer modo”, ela continuou, “quando minha mãe me obrigou a bordar, eu insisti em escolher um padrão que me interessasse. Eu nunca entendi por que as garotas têm sempre que usar flores e laços insípidos.”

“Bem, só para arriscar um palpite...” Colin endireitou a borda da colcha. “Talvez seja porque dormir em um leito de flores e laços pareça encantador e romântico. Enquanto deitar na cama com um caracol marinho primitivo parece nojento.”

Ela cerrou a mandíbula.

“Fique à vontade para dormir no chão.”

“Eu falei nojento? Quis dizer encantador. Eu sempre sonhei em ir para a cama com um caracol marinho primitivo.”

Ela não achou graça.

“Eu trabalhei muito nisto aqui. Os cálculos foram complicados. Eu contei centenas de pontos para fazer corretamente cada uma das câmaras.” Ela passou a ponta do dedo por cima dos fios bordados, acompanhando a espiral que nascia no centro. “Não se trata de um desenho ao acaso, sabia? A natureza segue princípios matemáticos. Cada câmara da concha do amonite é maior que a anterior, obedecendo um expoente preciso, imutável.”

“Sei, sei. Eu compreendo. É um logaritmo.”

Ela ergueu a cabeça rapidamente, então ajeitou os óculos e olhou para ele.

“Sabe”, disse Colin, “esse desenho está começando a me atrair, afinal. Caracóis marinhos não são nem um pouco excitantes, mas logaritmos... eu sempre achei que essa palavra parece bem safada.” Ele rolou a palavra na língua com inflexão obscena. “Logaritmo.” E estremeceu exageradamente. “Ooh. Obrigado, eu quero mais.”

“Muitos termos matemáticos dão essa impressão. Acho que é porque todos foram inventados por homens. ‘Hipotenusa’ é completamente lascivo.”

“‘Quadrilátero’ me traz imagens bem carnais à mente.”

Minerva ficou em silêncio por um longo momento. Então ela arqueou uma das sobrancelhas.

“Não tanto quanto ‘rombo’.”

Bom Deus! Aquela *era* uma palavra perversa. Ouvi-la pronunciando ‘rombo’ fez coisas perversas com ele. Colin tinha que admirar a forma como ela não se acovardava frente a um desafio, pelo contrário, fazia uma observação nova e surpreendente. Um dia ela transformaria algum felizardo em um amante muito criativo. Ele riu, procurando afastar a repentina onda de desejo.

“Nós temos as conversas mais estranhas.”

“Esta conversa é mais que estranha. É absolutamente chocante.”

“Por quê? Porque eu entendo o princípio de um logaritmo? Eu sei que você procura falar comigo usando palavras curtas e simples, mas eu tive a melhor educação que a Inglaterra pôde oferecer a um jovem aristocrata. Frequentei Eton e Oxford.”

“Eu sei, mas... por algum motivo, nunca imaginei você tirando notas altas em matemática.” Ela levou as duas mãos às costas e começou a abrir os fechos do vestido. Como se tivesse esquecido que Colin estava ali, ou não sentisse vergonha de se despir na frente dele.

Colin sentiu que deveria fazer uma marca no pé da cama. Certamente aquela noite sinalizava a conquista de um novo nível em sua carreira de amante. Nunca antes ele havia convencido uma mulher a tirar a roupa falando de matemática. Nunca antes ele pensou em tentar isso. Afrouxando sua própria gravata, ele disse:

“Na verdade, eu não tirei notas altas em matemática. Eu poderia ter tirado, mas fiz questão de não tirar.”

“Por quê?”

“Está brincando? Ninguém gosta de garotos que vão bem em matemática. Coisinhas entediantes e pretensiosas, sempre curvadas sobre seus cadernos.

Todos têm quatro olhos e nenhum amigo.”

Ele estremeceu quando percebeu o que tinha dito. Mas já era tarde demais. Ela ficou tensa, os braços dobrados no ato de tirar o vestido. Toda diversão fugiu de seu rosto. Ela fungou e olhou para o canto do quarto. Droga, ele sempre a magoava.

“Min, eu não quis dizer...”

“Vire-se”, disse ela, acenando com indiferença. “Está tarde e eu estou cansada. Poupe-me dos pedidos de desculpa e vire-se enquanto eu tiro a roupa. Eu aviso quando meus quatro olhos pretensiosos estiverem debaixo do caracol marinho nojento.”

Ele fez o que ela pediu e se virou para a parede. Enquanto soltava os punhos da camisa, ele tentou ignorar os sons de tecido farfalhando. Não funcionou. Ele não conseguiu evitar que sua imaginação pegasse fogo e pintasse, quadro após quadro, Minerva largando seu vestido no chão e soltando os laços de seu espartilho. Ele ouviu uma respiração aliviada e um arrepio percorreu sua coluna quando reconheceu aquele som como o suspiro excitante que uma mulher solta quando liberta seus seios no fim do dia. O sangue correu para sua virilha e ele sufocou seu próprio suspiro. Ele era um homem, Colin disse a si mesmo. Havia uma mulher despida no quarto. Sua reação física era inevitável. Aquilo era biologia simples. Pássaros sentiam o mesmo. Abelhas sentiam o mesmo. Até caracóis marinhos primitivos sentiam o mesmo. Ele ouviu o som de salpicos de água vindos do lavatório enquanto Minerva passava um pano molhado por cada uma de suas curvas nuas e sensuais. Sério, ela estava simplesmente o torturando. E ele merecia. Colin ouviu a cama ranger.

“Você pode se virar agora.”

Ele se virou, esperando encontrá-la debaixo das cobertas e virada para a parede. Em vez disso, ela estava deitada de lado, olhando diretamente para ele.

“Eu vou me despir”, disse ele. “Você não quer virar para lá?”

“Acho que não.” Ela apoiou a cabeça na mão. “Eu nunca vi um homem nu. Pelo menos não um de verdade, ou de perto. Digamos que você vai saciar minha curiosidade científica.” Ela endureceu o olhar. “Ou digamos que isso serve como pedido de desculpas, se você preferir.”

Ah, ela era realmente inteligente. Então ele iria pagar por todas as provocações e os insultos impensados sendo humilhado nu. Até Colin tinha que admitir; a punição era justa.”

“Eu ficaria mais do que feliz em deixar você admirar minha perfeição física em sua totalidade. Mas apenas se eu também puder ver você.” Ao silêncio

chocado de Minerva, ele completou: “É uma questão de justiça. Olho por olho.”

“De que forma isso é justo? Você já viu centenas de tetas.”

Maldição, a forma como ela disse aquela palavra. Com tanta tranquilidade, sem quaisquer melindres... logo quando ele estava recuperando o controle sobre si mesmo, ela o deixa instantaneamente excitado, latejante.

“Eu não sei por que você precisa espiar as minhas”, continuou ela. “E já que você exibiu orgulhosamente seu... *negócio*... diante de metade das mulheres da Inglaterra, acho estranho que agora você tenha pudores.”

“É verdade”, disse ele calmamente, “que eu fui abençoado com a visão de muitos e maravilhosos seios em minha vida. Mas cada par é diferente, e ainda não vi os *seus*.”

Ela se encolheu nos lençóis, curvando-se como uma concha.

“Eles não têm nada de mais, pode ficar tranquilo.”

“Eu irei avaliar isso.”

Ela ergueu o queixo.

“Muito bem. Esta é minha melhor oferta. Metade da minha nudez pela sua completa.”

Ele fingiu pensar a respeito.

“É uma pechincha.”

Sentando na cama, ela desabotoou a parte da frente da camisola. Então ela tirou cada uma das mangas, cuidadosamente protegendo os seios com as pernas dobradas. Seus antebraços estavam queimados pelo sol, mas os ombros eram pálidos, curvas brancas de graça. Depois de se despir até a cintura, ela debruçou-se na parede, cobrindo o corpo com os joelhos, e o desafiou.

“Você primeiro.”

Ele puxou a camisa pela cabeça e a jogou de lado. Então desabotoou a calça e a deixou cair sem cerimônia. Bem, não totalmente sem cerimônia. Houve uma certa comemoração. Sua ereção, que crescia rapidamente, fez de tudo para chamar a atenção, sobressaindo-se entre seus pelos escuros. Exigindo atenção, de um modo travesso e constrangedor.

“Agora você”, disse ele.

Cumprindo sua palavra, ela baixou os joelhos e revelou o tronco nu. E os dois ficaram se observando... *ela tinha razão,* pensou ele. Seus seios não tinham nada de extraordinários. Para começar, eram dois. O número normal. Eles eram redondos e um pouco mais cheios que a média, encimados por mamilos salientes. O quarto estava escuro demais para que ele discernisse o tom exato daquelas protuberâncias, mas ele não era exigente. Cor-de-rosa, de morango, de

vinho, marrons... todos tinham o mesmo gosto no escuro. Não... os seios dela, embora atraentes, não eram empiricamente mais ou menos atraentes do que a maioria dos peitos que ele já tinha visto. Mas o que tirava o fôlego dele era a totalidade dela. O quadro que ela compunha, sentada ali, seminua, em um ninho amarfanhado de lençóis brancos. Seus cabelos escuros jogados pelos ombros, e aqueles óculos empoleirados – atraentemente tortos – na ponta do nariz. Aqueles lábios suculentos, cor-de-ameixa, ligeiramente entreabertos. Ela parecia uma lembrança interrompida. Um sonho tórrido. Ou, talvez, uma visão do futuro. *Pare. Não pense nessas coisas.*

"Obviamente ele não é sempre assim... Ou é?", perguntou ela, inclinando-se para a frente e observando com atenção.

"Assim como?"

"Tão... grande. E ativo."

Seu membro pulsou novamente, ansioso. Como um cachorro mal treinado.

"Você fez isso de propósito?", perguntou ela, parecendo admirada.

Ah, as coisas tortuosas que, de repente, Colin queria fazer de propósito. *Com* propósito. Com o propósito explícito de fazer aqueles óculos embaçarem e ela gemer de absoluto prazer.

"Eu não vou seduzir você", disse ele.

Depois de um instante, ela sacudiu rapidamente a cabeça e voltou seu olhar para o rosto dele. Com a ponta do dedo, ela empurrou os óculos, ajustando-os no nariz.

"Desculpe, acho que não entendi."

"Eu não vou seduzir você", repetiu ele. "Não esta noite, nem nunca. Eu achei que devia dizer isso."

Ela ficou parada, olhando para ele.

"Eu falei pra valer, naquela noite no castelo... A respeito de não arruinar garotas inocentes. Sabe, eu tenho regras."

"Você tem *regras* para as mulheres que seduz?"

"Não, não. Para mim mesmo."

"Então há uma... etiqueta para a libertinagem. Uma espécie de código de honra do sedutor. É isso o que você está me dizendo?"

"De certa forma. Sabe, o sujeito medíocre, que simplesmente se dispõe a levar para a cama as garotas que lhe atraem... bem, ele não precisaria de regras, acho. Mas quando um homem determina para si mesmo nunca passar uma noite sozinho... isso envolve um conjunto de diretrizes. Acredite ou não, eu tenho alguns princípios."

“E essas regras são...?”

“Elas começam com boas maneiras, é claro. Dizer ‘por favor’ e ‘obrigado’, e aderir ao ditado ‘mulheres primeiro’. Não tenho preferência sobre locais, mas tenho algumas restrições a cordas e lenços.”

Ela ficou de boca aberta.

“Cordas e...”

“Não tenho restrições quanto a amarrar, mas não aceito ser amarrado. Além disso...” Ele foi enumerando seus limites com os dedos. “Nada de virgens. Nada de prostitutas. Nada de mulheres em aperto financeiro. Nada de irmãs de ex-amantes. Nada de mães de ex-aman...”

“*Mães?*”, guinchou ela.

Ele deu de ombros. Havia uma história bem engraçada por trás dessa regra.

“Escute”, disse ele, “não é importante que você saiba *todas* as regras. A questão é que eu tenho algumas. Como já expliquei, seduzir você quebraria algumas delas. Então, não vai acontecer. E eu pensei que seria melhor abordar esse tópico agora, enquanto estou aqui nu. Porque se eu puxasse esse assunto em qualquer outro momento, você poderia se sentir ofendida, pensando que não me sinto atraído por você.” Ele indicou sua ereção túrgida, ridiculamente otimista. “Como você pode observar - muito bem - não se trata disso.”

Ela ficou em silêncio por vários segundos. Observando...

“Você tem razão”, disse ela para o membro dele. “Nós temos as conversas mais estranhas.”

Ele esfregou o rosto com as duas mãos e soltou lentamente um suspiro profundo.

“Não é tarde demais para você salvar a sua reputação, sabia? Eu poderia levar você agora mesmo para a casa de Bram e Susanna aqui em Londres, e você poderia enrolar esses lençóis e guardá-los para um momento mais oportuno. Você sabe, com um homem que saiba apreciar totalmente... todo trabalho que você investiu nisso. A importância. Eles fazem parte do seu enxoval. Deveriam ser usados em um momento especial.”

Se os dois continuassem sozinhos naquele quarto – uma donzela e um famoso devasso – não teria diferença o que eles – efetivamente – fizeram naqueles lençóis bordados. Mesmo que a roupa de cama continuasse intocada pelo suor dos dois, ou pela semente dele, ou pelo sangue de virgem dela, estaria arruinada. Impossibilitada de se casar na boa sociedade.

Ela rolou e ficou deitada de costas, olhando para o teto.

“Agora já era, não?”

Ele afastou o surto de culpa, lembrando-se de que toda a viagem era ideia dela, e ela sabia muito bem quais eram as consequências. Ela fez a cama, e agora estava deitada nela. Colin iria se deitar com ela. Esse era o acordo.

“Eu sempre durmo sobre as cobertas”, disse ele, sentando na beira do colchão. “Então, desde que você fique embaixo delas...”

“Haverá algo entre nós dois.”

Algo. Sim. Algo com a espessura de uma folha de bétula. Enquanto ele olhava para o teto, a lembrança dos seios dela parecia continuar ali, no escuro. Como duas luas cheias, aveludadas, montadas nos caibros do telhado, tentando Colin a tocá-las. Saboreá-las. Ele sabia que não devia estender a mão na direção da miragem, mas seu membro ingênuo latejava e arqueava, esperançoso. Ele fechou os olhos e tentou pensar nas coisas menos excitantes que podia imaginar. Aranhas com pernas peludas. Cabaças esburacadas, compridas, que o faziam pensar em genitália com sífilis. Ervilhas esmagadas. Cheiro de poeira e cera de pessoas velhas. Então, uma imagem totalmente diferente surgiu em sua cabeça. Uma que o fez rir em voz alta.

“O que houve?” A voz dela parecia sonolenta. Ele a invejou por isso.

“Nada”, disse ele. “Estou apenas imaginando a reação de sua mãe neste momento.”

Capítulo Oito

“Onde está Minerva?!” Colocando de lado seu maço de cartas, a Sra. Highwood estalou os dedos para uma das atendentes do Touro e Flor. “Você, mocinha. Qual é seu nome mesmo?”

“Sou Pauline, madame.”

“Pauline. Corra até a pensão e diga para minha filha desobediente que eu quero que ela venha se juntar a nós agora mesmo. Agora mesmo! Diga-lhe para deixar de lado seus escritos. Ela já perdeu o chá *e* o jantar. Ela vai fazer sua aula com a Srta. Taylor e depois servirá de quarta jogadora em nossa partida de uíste. Minerva será uma filha obediente, ou então irei renegá-la. Vou lavar minhas mãos por completo.”

Com uma reverência, Pauline se virou para fazer o que lhe foi ordenado.

Sentada ao piano ao lado de Charlotte, Kate Taylor sorriu para si mesma. Ah, essas ameaças vazias. Ela duvidava que Minerva sentisse uma ponta de medo de que a Sra. Highwood abandonasse sua campanha incansável de aprimoramento feminino e desistisse, por completo, de sua filha do meio. Kate tinha muita simpatia pelas atormentadas Srtas. Highwood – simpatia e nenhuma inveja, o que dizia muita coisa. Kate não possuía nenhuma família, a não ser pelo círculo de amigas em Spindle Cove. Não tinha casa, a não ser pela Queen’s Ruby. Ela era órfã, criada pela bondade de benfeitores anônimos e educada na Escola Margate para Garotas em Herefordshire. Lembrava-se de todas as noites em que passou chorando em seu travesseiro naquele dormitório frio e austero, no sótão da escola, implorando a Deus uma mãe para si... E, às vezes, o comportamento da Sra. Highwood fazia Kate se sentir grata pelas preces não-atendidas. Aparentemente, nem todas as mães eram bênçãos.

“Comece de novo, Charlotte”, disse Kate para sua jovem aluna. “Preste atenção no ritmo.” Ela tocou a partitura com uma vareta. “Seu dedilhado está errado quando você chega nas semicolcheias, e isso a está atrasando.”

Pondo a mão ao lado da de Charlotte para demonstrar, ela disse:

“Comece com o indicador, está vendo? Depois cruze por baixo com o polegar.”

“Assim?” Charlotte imitou a técnica.

“Isso. Duas vezes devagar, para praticar. Depois experimente fazer com a velocidade normal.”

Enquanto Charlotte repetia a passagem, Kate ouviu uma série de estalos sutis vindos do bar. Era o Cabo Thorne. Ele estava sentado, com seu perfil rude voltado para elas, e tinha uma caneca de cerveja sobre o balcão, sua única companhia. Fossem as escalas repetitivas, o jogo de cartas ou as declarações estridentes da Sra. Highwood, Thorne estava visivelmente contrariado por dividir o estabelecimento com as mulheres. Quando Charlotte começou a segunda repetição da mesma passagem, Kate olhou para o rochedo enorme e sombrio que era aquele homem. Ele fazia caretas para sua cerveja. Então, ele juntou as mãos sobre o balcão e começou a estalar as juntas da mão esquerda. Uma por uma. Intencionalmente. Era um modo sinistro e um pouco ameaçador, de sugerir que ele poderia quebrar algo – ou alguém – se o arrastado exercício musical continuasse.

“Faça *três* repetições, Charlotte”, disse Kate, endireitando a coluna.

Thorne era uma figura que, sem dúvida, intimidava, mas Kate não o deixaria interromper a aula antes da hora. Repetição era essencial à prática musical, e as mulheres tinham todo direito de estar no Touro e Flor, que era ao mesmo tempo a casa de chá delas e a taverna dos homens.

Assim que Charlotte acertou o passo, tocando com desembaraço no ritmo certo, a sineta da porta badalou e Pauline retornou de sua missão.

“Então, garota?”, perguntou a Sra. Highwood. “Onde ela está?”

“A Srta. Minerva não estava lá, Sra. Highwood.”

“Como? Não estava lá? É claro que ela está lá. Onde mais ela estaria?”

“Eu tenho certeza de que não saberia dizer, madame. Quando eu contei para a Srta. Diana que a senhora estava procurando...”

Nesse momento, Diana irrompeu pela porta.

As cartas de baralho que a Sra. Highwood embaralhava escorregaram para a mesa, quando ela ergueu os olhos.

“Calma, querida. Você vai ter um ataque.”

“Ela foi embora”, disse Diana, engolindo em seco e inspirando lenta e profundamente. Ela segurava um pedaço de papel. “Minerva foi embora.”

Charlotte parou de tocar.

“Como assim, ela foi embora?”

“Ela deixou um bilhete. Deve ter caído da escrivaninha. Eu só o encontrei agora.” Diana alisou o papel e o levantou, preparando-se para ler.

Como se estivessem na igreja, e não na casa de chá, as mulheres levantaram de suas cadeiras ao mesmo tempo, preparando-se para ouvir a leitura. Até o Cabo Thorne, no bar, espiava sutilmente.

“‘Querida Diana,’” leu a bela garota de cabelos claros. “Sinto muito pela notícia surpreendente que você está para receber. Você, Charlotte e mamãe não devem se preocupar, de jeito nenhum. Estou em segurança, viajando para o norte com Lorde Payne. Estamos fugindo para a Escócia para nos casarmos. Nós estamos...” Diana baixou o papel e olhou para a mãe. “‘Nós estamos desesperadamente apaixonados.’”

Profundo silêncio. Charlotte foi a primeira a quebrá-lo.

“Não. Não. Deve haver algum engano. Minerva e Lorde Payne fugindo juntos? *Apaixonados*? Não é possível.”

“Como é possível que eles estejam sumidos desde cedo?”, perguntou Kate. “Ninguém reparou?”

Diana deu de ombros.

“Minerva está sempre explorando a enseada e as falésias. Não é incomum, para ela, desaparecer antes do café da manhã e reaparecer somente depois de escurecer.”

Kate reuniu coragem e se dirigiu ao estranho no ninho.

“Cabo Thorne?”

Ele ergueu os olhos.

“Quando foi a última vez que você viu Lorde Payne?”

O homem intimidador franziu o cenho e praguejou:

“Noite passada.”

“Então deve ser verdade”, disse Diana. “Eles fugiram juntos.”

Uma nova preocupação atingiu o coração de Kate. Ela foi até Diana e tocou seu braço.

“Você está muito decepcionada?”

“Como assim?” Diana pareceu confusa.

Kate inclinou a cabeça na direção da ainda aturdida Sra. Highwood.

“Eu sei que sua mãe tinha grandes esperanças para *você* e Lorde Payne.”

“É verdade, mas eu nunca senti o mesmo”, sussurrou Diana. “Ele é charmoso e bonito, mas meus sentimentos por ele nunca foram além da amizade. Eu pensava, com frequência, que seria um alívio, na verdade, se ele se casasse com outra. Mas nunca sonhei que Minerva...”

“Minerva detesta esse homem”, disparou Charlotte. “Ela me disse isso muitas vezes.” Ela tirou a carta da mão de Diana. “Não posso acreditar que ela fugiu com ele. Seria mais fácil acreditar que ela foi sequestrada por piratas.”

Kate encolheu um dos ombros.

“Às vezes, a antipatia aparente pode esconder uma atração oculta.”

“Mas há meses em que tudo o que eles fazem é se provocar”, disse Charlotte. “E, na maior parte das vezes, Lorde Payne nem consegue se lembrar o nome dela.”

“Ele a tirou para dançar na outra noite”, lembrou Diana.

“É verdade, eles dançaram”, disse Kate. “Mas foi um desastre. Ainda assim, quem teria imaginado isso?”

“Ninguém. Porque isso não está certo”, disse o Cabo Thorne, levantando-se no bar e quase batendo a cabeça nas vigas. Em passos largos, ele cruzou o salão para se juntar ao grupo. “Colin está tramando algo, posso garantir. Eu irei atrás deles. Se sair agora, chego a Londres pela manhã.” Ele olhou para Diana. “Se eles estiverem em algum ponto da estrada para o norte, Lorde Rycliff e eu vamos encontrá-los e trazer sua irmã para casa.”

“Não!”

Todos se viraram para a fonte dessa objeção: a Sra. Highwood. A mulher permanecia imóvel em seu lugar, palmas abertas sobre a mesa. Olhos fixos à sua frente. Kate não sabia dizer se a matriarca havia piscado desde que Diana leu a carta.

“Ninguém vai atrás deles”, disse a mulher. “Eu soube, desde o primeiro momento em que o vi, que Lorde Payne seria meu genro. Minhas amigas sempre me disseram que minha intuição é única.” Ela colocou uma mão no peito. “É claro que eu pensei que seria Diana quem o fisgaria, linda como é. Mas parece que não levei em conta a inteligência de Minerva.” Seus olhos azuis faiscaram. “Não consigo imaginar o que aquela garota ardilosa fez para laçá-lo.”

“Com certeza Minerva é que foi laçada”, contrapôs Charlotte. “Estou lhe dizendo, ela nunca teria fugido com Lorde Payne. Ela pode ter sido raptada!”

“Eu duvido que ela tenha sido raptada, Charlotte”, disse Diana. “Mas, mamãe, você tem que admitir que essa virada foi totalmente inesperada.”

“Inacreditável, na verdade.” Thorne cruzou os braços. “Ele não é boa coisa.”

“Talvez ele esteja apaixonado”, sugeriu Kate. “Como diz a carta.”

“Impossível”, Thorne negou com a cabeça.

“Impossível?” Kate ficou muito aborrecida por Minerva. “Por que é impossível que um homem se apaixone por uma garota improvável? Talvez

Minerva não seja a garota mais bonita do local, mas pode ser que Lorde Payne tenha visto beleza em sua mente curiosa, ou em seu espírito independente. Será que é mesmo tão impossível que uma garota imperfeita seja perfeitamente amada?"

As mulheres Highwood olharam para outro lado, constrangidas, e Kate percebeu que havia falado demais. Aquele problema dizia respeito a Minerva, não a ela. A situação das duas jovens não era a mesma. Minerva podia não ser a garota mais bonita do local, mas ainda assim era uma dama de boa família e relativa fortuna. Kate era sozinha e pobre, além de ser amaldiçoada por uma imperfeição física. Nenhum lorde impetuoso havia proposto fugir com ela, nem mesmo a tirado para dançar. Mas, embora pudesse parecer tolice, ela ainda esperava encontrar o amor. Afinal, ela estava se agarrando a essa esperança a vida toda. E não era agora que iria desistir.

"Minerva é minha amiga", disse ela simplesmente. "E estou empolgada por ela."

"Se ela é sua amiga, você deveria estar *preocupada*." O olhar de Thorne era intenso. "Ela precisa ser resgatada."

Kate ergueu o queixo e virou para ele seu perfil – imperfeito, manchado de vermelho.

"Isso não deveria ser decisão da mãe dela?", perguntou Kate.

A Sra. Highwood pegou em seu braço.

"Isso mesmo, a Srta. Taylor tem razão! Nós deveríamos estar celebrando. Imagine, minha Minerva, desajeitada e ranzinza, fugindo com um visconde! Algumas pessoas podem dizer que isso é inesperado, inacreditável. Mas a menos que alguém me convença do contrário..." Um sorriso tomou conta do rosto dela, fazendo com que parecesse dez anos mais nova. "Eu chamaria de *milagre*."

Capítulo Nove

Minerva acordou no meio da noite. *Enrolada* nele. Ela viveu um momento de terror, total e paralisante, até se lembrar exatamente onde, quando... e com quem estava: num quarto de estalagem em Londres, e a pesada perna jogada sobre as suas pertencia a ninguém menos que Lorde Payne... foi então que o verdadeiro medo se instalou.

Colin suspirou dormindo e se aninhou ainda mais a ela. O braço dele apertava sua cintura. Oh, Deus. O braço dele estava na *cintura* dela. E isso não era o pior. Ele estava todo sobre ela, que estava toda... *debaixo* dele. O cheiro e o calor de Colin a cobriam como um cobertor. Seu queixo descansava, pesado, sobre o ombro dela, e seu nariz se projetava contra o lóbulo de sua orelha. Sim, o lençol bordado formava uma barreira macia e flexível entre seus corpos. Mas a não ser por isso, eles estavam tão intimamente entrelaçados que podiam ser uma única pessoa.

Ela ficou encarando o teto. Podia sentir o coração pulsando em sua garganta. O desejo de se mover era insuportável, mas ainda assim ela não ousava se mexer. Durante incontáveis minutos, ela ficou parada. Só respirando. Encarando a escuridão. Escutando o batimento frenético de seu coração e sentindo o calor suave da respiração dele em seu pescoço.

E então, de repente, o corpo inteiro de Colin virou pedra. O braço em volta de sua cintura começou a apertar dolorosamente, dificultando a respiração. A perna sobre as suas ficou rígida como ferro. Seu hálito quente parou de soprar contra seu pescoço. Ele começou a tremer, com tanta violência que chacoalhava os dois. A frequência cardíaca de Minerva dobrou em velocidade e intensidade. O que ela devia fazer? Acordá-lo? Falar com ele? Permanecer parada e simplesmente esperar que aquele... episódio... passasse?

O sentimento apavorante de impotência não era novo. Ela sentia o mesmo sempre que Diana sofria um ataque de asma. Minerva nunca pôde fazer muita coisa para diminuir o sofrimento da irmã durante suas crises, a não ser ficar a seu

lado e a manter calma. Fazer a irmã saber que não estava sozinha. Talvez isso ajudasse Colin. Saber que não está sozinho.

“Colin?”

Ele inspirou com dificuldade, ruidosamente. Seus músculos estavam contraídos como molas. Um dos braços dela estava preso, imobilizado pelo peso do corpo dele. Mas ela podia usar a outra mão. Minerva ergueu os dedos trêmulos e tocou com cuidado no braço dele. Com a lareira apagada, o quarto já havia esfriado. Mas a pele dele estava molhada de suor.

“Colin.” Ela passou os dedos para cima e para baixo por seu antebraço, em carinhos longos e calmantes. Ela queria poder acariciar outras partes dele – sua cabeça, suas costas, seu rosto. Mas a menos que ele afrouxasse o aperto sobre o corpo dela, o braço de Colin era tudo o que ela conseguia alcançar.

Os carinhos dela não pareciam estar ajudando. Ele passou a tremer violentamente e sua respiração ficou errática. Seu coração martelava no ombro de Minerva. A situação estava muito pior do que na caverna, onde ele ficou um pouco agitado. Ali, na estalagem, ele parecia estar lutando pela vida. Um som áspero escapou de sua garganta. Um gemido bruto, angustiado, quase desumano.

“Não”, murmurou ele. Então, mais decidido: “*Não.* Não vou deixar. Volte. Volte, sua cachorra.”

Ela se retraiu. Minerva nunca tinha ouvido Colin falar naquele tom feroz. *Oh, Deus. Oh, Colin. O que você está enfrentado aí?* Desesperada para fazer alguma coisa – qualquer coisa – para tirá-lo daquela situação aterrorizante, ela recorreu a um truque que ele mesmo lhe ensinou na pista de dança. Ela deslizou os dedos para o lado inferior e macio de seu braço e o beliscou, com força. Ele estremeceu e parou, para em seguida inspirar profundamente, ofegante como um homem que estava se afogando e consegue subir à superfície.

“Colin, sou eu. Minerva. Estou aqui.” Ela se contorceu no abraço dele, que foi afrouxado, e se virou para encará-lo. Ela fez carinhos em sua testa, para acalmá-lo. “Você não está sozinho. Está tudo bem. Apenas respire profundamente. Eu estou aqui.”

Ele não abriu os olhos, mas a tensão em seu corpo cedeu. Sua respiração diminuiu para um ritmo normal. Sua pulsação acelerada aproveitou a deixa para também diminuir.

“Estou aqui”, repetiu ela. “Você não está sozinho.”

“Min.” A voz dele parecia uma lixa enrolada em algodão. Áspera e macia ao mesmo tempo. Com os dedos, Colin pegou um cacho do cabelo dela, que enrolou entre eles. “Assustei você?”

“Um pouco.”

Ele praguejou algo e a trouxe para perto do peito.

“Desculpe, querida. Está tudo bem agora.” O peito dele subia e descia com a respiração profunda. “Está tudo bem.”

Incrível. Depois do episódio pelo qual havia acabado de passar, era ele que *a* acalmava. E estava fazendo um trabalho muito bom. Seus dedos roçavam a têmpora dela em carinhos hábeis e relaxantes. O alívio de saber que a crise havia passado a deixou exaurida e mole. Fraca...

“Você precisa de alguma coisa?”, balbuciou ela, pressionando a testa no peito dele. “Conhaque, chá? Ajudaria... ajudaria conversar?”

Ele não respondeu, e ela ficou preocupada se não tinha ofendido seu orgulho. Ele deu um beijo no alto da cabeça dela.

“Procure dormir.”

Então, ela fez o que ele disse. Minerva se aconchegou a ele e deixou a pulsação lenta e estável de Colin a embalar de volta ao sono.

Quando Minerva acordou novamente, era dia. E ela estava sozinha. Ela se pôs sentada na cama. A fraca luz do sol era filtrada pela única e suja janela do quarto. À luz do dia, o quarto tinha aparência ainda pior que na noite anterior. Depois de colocar seus óculos, Minerva olhou ao redor. Todas as suas coisas continuavam lá, mas não havia sinal de Colin. Nem de seus sapatos, ou do casaco e das luvas e gravata, que ele havia pendurado nas costas da cadeira. Ela sentiu um aperto no estômago. Ele não podia simplesmente ter ido *embora*.

Ela pulou da cama e começou a procurar na mesa, nas gavetas da cômoda. Colin, no mínimo, deixaria um bilhete. Depois de não encontrar nada, ela correu para se lavar e vestir o mais rápido possível. Ela *sabia* que, provavelmente, ele devia estar no andar de baixo, mas Minerva se sentiria muito melhor depois que o encontrasse. Felizmente, assim que ela desceu para a sala de café da manhã, Colin levantou de sua cadeira para recebê-la.

“Ah, aí está você.”

Ele havia tomado banho e se barbeado. Ela podia ver que seu cabelo ainda estava molhado atrás das orelhas. O pó em seu casaco, da viagem no dia anterior, devia ter sido limpo, e o azul escuro contrastava respeitavelmente com o branco-neve da camisa limpa. Alguém havia engraxado e lustrado seus sapatos, que exibiam um belo brilho. Ele aparentava estar bem. Bem *de verdade.* Não estava

apenas bonito, mas vigoroso e forte. Depois de sentir Colin gemendo e tremendo ao seu lado durante a noite, aquela visão trazia um alívio profundo. Ela ficou tão preocupada com ele...

“Colin, eu...” Estranhamente emocionada, ela pôs a mão na lapela dele.

“Eu espero que você tenha dormido bem. Estávamos esperando por você.”

Minerva estremeceu, surpresa.

“Estávamos?”

“Isso mesmo, querida irmã”, disse ele em voz alta, pegando a mão dela. “Permita que eu lhe apresente os Fontley.”

Querida *irmã*? Ela ficou boquiaberta.

“Este é o Sr. Fontley, e esta, a Sra. Fontley.”

Ele a virou, com a delicadeza que uma engrenagem de relógio vira uma dançarina de porcelana na caixa de música. Minerva se viu fazendo uma mesura para um casal de aparência gentil. O cabelo grisalho do cavalheiro rareava, e sua mulher sorria sob uma touca de renda.

“Os Fontley ofereceram espaço para você na carruagem deles”, informou Colin. “Eles também estão viajando para o norte.”

“Oh. É um prazer conhecer vocês”, disse Minerva, com sentimento verdadeiro.

Com a mão na parte de baixo das costas de Minerva, Colin a virou para o outro lado da mesa.

“E estes são seus filhos. Gilbert e Leticia Fontley.”

“Como vai?” Gilbert, um jovem no limiar da idade adulta, levantou de seu assento e fez uma reverência pomposa.

“Por favor, pode me chamar de Lettie”, disse a garota de olhos vivos, oferecendo sua mão a Minerva. “Todo mundo me chama assim.”

Lettie possuía os mesmos cabelos cor de areia e rosto corado que o resto da família. Ela parecia ser alguns anos mais nova que Charlotte. Devia ter entre doze e treze anos.

Gilbert trouxe uma cadeira para ela, onde Minerva sentou. A Sra. Fontley sorriu.

“Estamos tão contentes que você vai nos acompanhar, Srta. Sand. É uma honra, para nós, levá-la até seus parentes em York.

Srta. Sand? Parentes em York? Ela disparou um olhar cheio de interrogações para Colin. O malandro provocador não respondeu.

A Sra. Fontley mexeu seu chá.

“Acho que é muito benéfico para Gilbert e Lettie conhecer pessoas jovens

como vocês. Fazendo tantas coisas boas no mundo. Gilbert está de olho na Igreja, sabe. Ele vai para Cambridge no outono."

"Srta. Sand", falou Gilbert, "seu irmão estava nos contando de seu trabalho missionário no Ceilão."

"Ah, estava?" Com ar de completa incredulidade, Minerva olhou para o "irmão" em questão. "Por favor, diga, que histórias de boas ações você estava contando, *Colin*?"

Ela empregou bastante ênfase ao nome dele. Seu verdadeiro nome de batismo. Afinal, se ele era mesmo seu irmão, deveria chamá-lo assim. Minerva queria ver se ele conseguia lembrar o nome dela. E usá-lo, sem errar. Ela apoiou o queixo na mão e ficou olhando para ele, sorridente.

Colin sorriu de volta.

"Eu estava contando tudo sobre nossa temporada no Ceilão, querida... M."

M. Então era assim que ele pretendia resolver seu problema de memória. Não efetivamente lembrando de seu nome, mas reduzindo-o a uma inicial. Magnífico.

"Srta. Sand, ele nos contava a respeito de seus anos de trabalho missionário, ajudando os pobres e desafortunados. Alimentando os famintos, ensinando criancinhas a ler e a escrever."

Lettie arregalou os olhos.

"Você realmente passou seus anos de escola cuidando de leprosos?"

Minerva apertou os dentes. Ela não conseguia acreditar. De todas as identidades falsas que ele podia assumir... Missionários cuidando de leprosos no Ceilão?

"Não, na verdade, não."

"O que minha querida irmã quer dizer..." Colin passou seu braço pelas costas da cadeira de Minerva. "... é que não passávamos o tempo todo trabalhando. Éramos crianças, afinal. Nossos queridos pais, que Deus guarde suas almas, nos davam bastante tempo para explorar."

"Explorar?" Gilbert se empertigou.

"Ah, sim. O Ceilão é um lugar lindo. Todas aquelas florestas e montanhas. Nós saíamos da cabana da nossa família de manhã cedo, eu e M, com só um pouco de pão nos bolsos. Então passávamos o dia todo em aventuras. Balançando em cipós, devorando mangas debaixo das mangueiras, andando de elefante."

Minerva passou os olhos por toda a família Fontley. Ela não podia imaginar que alguém acreditaria nessa história ridícula. Elefantes e mangas? Mas todos ficaram olhando, pasmos, para Colin, com um misto de admiração e reverência

em seus olhos azuis. Bem, pelo menos aquilo era um alívio para a conversa que eles haviam tido aquela noite, na torre. Ela não era a única a cair em suas histórias. Pelo jeito, ele empregava com regularidade seu talento para o exagero intencional e irracional. E com sucesso constante.

“Vocês andavam pela selva o dia todo?”, perguntou Lettie. “Vocês não tinham medo de ser comidos por tigres? Ou de se perder?”

“Ah, não mesmo”, respondeu Colin. “Eu ficaria preocupado se estivesse sozinho. Mas estávamos sempre juntos, sabe. E nós tínhamos um sistema. Um jogo que fazíamos sempre que saíamos em nossas aventuras. Se perdêssemos um ao outro de vista, na vegetação densa da selva, eu simplesmente gritava ‘*Tallyho!*’ e M respondia...”

Colin se virou para ela, sobrancelhas erguidas, como se esperando que ela pusesse o ponto final naquele amontoado épico de disparates. Ela olhou para ele incrédula, e disse:

“Maluco...”, disse ela.

Ele deu um tapa na mesa.

“Exatamente! Eu gritava ‘*Tallyho!*’ e ela respondia, ‘Maluco!’, absolutamente alegre. E era assim que nunca nos separávamos.”

Todos os membros da família Fontley riram.

“Que jogo inteligente”, disse o radiante patriarca.

“Nada jamais irá nos separar, não é M?” Colin pegou sua mão e a apertou, olhando carinhosamente para seus olhos. “Acho que nunca senti tanta afinidade por outra alma quanto sinto por minha querida irmã.”

Do outro lado da mesa, a Sra. Fontley suspirou.

“Que jovens bons...”

Enquanto os criados prendiam os baús de Minerva no teto da carruagem dos Fontley, algum tempo depois, ela aproveitou a primeira oportunidade para puxar Colin de lado.

“O que você está fazendo?”, ela sussurrou em seu ouvido.

“Estou fazendo com que eles fiquem à vontade”, murmurou Colin em resposta. “Eles nunca permitiriam que você os acompanhasse se soubessem a verdade.”

“Talvez. Mas você tem que inventar histórias tão absurdamente exageradas? Cuidando de leprosos e andando de elefante no Ceilão? Como é que você

inventa essas coisas?”

Ele deu de ombros.

“Isso se chama improvisação.”

“Essas pessoas são boas. É perverso contar mentiras tão horríveis para elas.”

“Estamos viajando sob falsos pretextos. Motivados por um noivado falso. Usando nomes falsos. E tudo isso foi ideia sua. Essa não é a melhor hora para demonstrar escrúpulos, querida.”

“Mas...”

Ele ergueu a mão.

“Se a forma como entretive os Fontley, com algumas histórias exageradas, foi perversa, sugiro que você adote a perversão. Pelo menos até o fim desta semana. A oferta que fizeram de levar você é uma verdadeira bênção. Vai economizar bastante dinheiro e, talvez, também preserve sua reputação. Você estará sob supervisão de uma família.”

Ela sabia que isso era verdade.

“Muito bem, mas agora sou eu que terei que andar de carruagem com eles durante dias, e corresponder às histórias absurdas que você inventou.”

“Exatamente. Então por que não se divertir com isso?”

“Divertir?”

Ele a pegou pelos ombros e esperou que Minerva o encarasse. Ela acabou por fazê-lo, depois de relutar um pouco. Era impossível pensar com clareza quando ela fitava aqueles brilhantes olhos castanhos.

“Viva o momento, M. Esta é sua chance de sair da sua concha. Aí dentro existe uma garota segura e interessante. De vez em quando ela sai para dar uma olhada. Experimente *ser* essa garota, ainda que apenas por alguns dias. Você não irá muito longe nesta viagem se não fizer isso.”

Minerva mordeu o lábio. Ela queria pensar que *existia* uma garota interessante e segura dentro dela, e que alguém – até que enfim – havia visto claramente essa garota. Mas pelo que ela sabia, Colin estava usando com ela o mesmo truque que usou com os Fontley. Ele a estimulava com elogios falsos, falando exatamente o que ela queria ouvir. Mentindo para ela. De novo.

“São apenas alguns exageros inofensivos.” Ele a acompanhou lentamente até a carruagem. “Pense nisso como descer um barranco correndo. Se tentar diminuir sua velocidade e escolher onde pisa, vai acabar tropeçando e caindo. Mas se simplesmente se lançar nessa história, tudo vai dar certo.”

“Está pronta, Srta. Sand?”, perguntou o Sr. Fontley. “A Sra. Fontley e as crianças já estão lá dentro.”

Minerva aquiesceu. Colin lhe ofereceu a mão como apoio para embarcar. Depois que Minerva sentou ao lado de Lettie e ajeitou a saia, seu “irmão” fechou a porta do coche e enfiou a cabeça pela janela aberta.

“Vou estar sempre por perto, em meu cavalo, M. Não tenha medo. Se precisar de mim por qualquer motivo, você sabe o que fazer.” Ele abriu um sorriso e gritou: “Tallyho!”.

Em uníssono, Lettie e Gilbert responderam:

“Maluco!”

Soltando um gemido breve, Minerva enterrou o rosto nas mãos.



“Sempre foi assim entre mim e M”, disse Colin. Enquanto caminhavam por um pequeno bosque, ele segurou alguns galhos para ela passar. “Desde que estávamos em nossos berços.”

“Sério?”, perguntou Lettie. “Mesmo quando eram bebês?”

Minerva revirou os olhos. Como ele tinha energia para continuar inventando aquelas tolices? Ela se sentia exausta quando eles pararam para almoçar e trocar os cavalos. Minerva tinha passado a manhã inteira descendo à toda velocidade o “barranco” metafórico de Colin, soltando uma falsidade atrás da outra para satisfazer a curiosidade ilimitada dos Fontley. Ela esperava fugir um pouco disso quando declarou sua intenção de caminhar para esticar as pernas. Mas é claro que Colin *tinha* que decidir ir junto. Assim como Lettie e Gilbert *tinham* que ir atrás deles.

“Ah, sim”, continuou Colin enquanto os conduzia pelo caminho. “Minha irmã e eu sempre tivemos essa ligação profunda, tácita. Nós temos conversas inteiras sem trocar uma palavra.”

Ele olhou para ela, que sustentou seu olhar. Colin tinha razão. Eles podiam ter uma conversa inteira sem trocar uma palavra. E a conversa que estavam tendo naquele instante era assim:

Colin, feche a matraca.

Acho que não vou fechar, M.

Então vou fazer você fechar.

Sério? Como?

Não tenho certeza, mas vai ser de forma lenta e dolorosa. E não vou deixar pistas.

“Uma vez, ela salvou minha vida”, Colin disse para os jovens Fontley.

“Quem?”, perguntou Lettie. “A Srta. M?”

“Sim, isso mesmo. Ela me tirou, sozinha, das garras da morte. É uma ótima história.”

Caminhando a passos largos pela grama alta, Minerva engoliu uma risada. *Oh, estou certa que sim.*

“Então nos conte. Tenho certeza de que essa história fará jus à Srta. Sand.” Gilbert olhou para Minerva com expressão de admiração. E, muito possivelmente, também com certo encanto.

Céus! Aquele não era o melhor momento para um rapaz *finalmente* se interessar por ela...

“Bem, tudo começou no meio da selva”, disse Colin. “Enquanto estávamos fora, em nossas explorações, fui mordido por um besouro raro, extremamente venenoso.”

Os olhos de Lettie brilharam.

“E a Srta. M cortou o local da mordida e chupou o veneno!”

“Não, não. Ela não podia fazer isso. O veneno estava agindo rápido demais.”

“Então ela o arrastou para casa, para conseguir ajuda?”

“Receio que não.” Colin balançou a cabeça. “Eu era pesado demais para ela.”

“Então eu o deixei à morte e fui para casa jantar”, disse alegremente Minerva. “Fim da história.”

Gilbert riu.

“É claro que não. Você correu para pedir ajuda, não é?”

“Exatamente”, disse Colin.

Eles chegaram à beira de um riacho. Colin apoiou o pé sobre um tronco caído.

“E eu aposto”, disse Lettie, colocando o pé ao lado do sapato dele, “que ela correu feito louca até em casa, e voltou bem a tempo trazendo algum curandeiro nativo para tratar de você com poções e cantos místicos.”

Colin sorriu da imaginação da garota e balançou a cabeça.

“Não. Na verdade, quando ela conseguiu voltar com ajuda, já era tarde demais. Ela não conseguiu me curar. Eu morri.”

Todos ficaram em silêncio.

“Mas...” Lettie franziu o rosto. “Mas não pode ser. Você está aqui.”

“O que aconteceu?”, perguntou Gilbert.

É, o que aconteceu? Minerva quase acrescentou. Até mesmo ela estava ansiosa para saber o que vinha a seguir, depois que ele caiu na selva picado por

um raro besouro do Ceilão.

Não aconteceu nada, sua boba. É tudo mentira.

Colin pigarreou.

“Bem, eu não posso contar para vocês exatamente o que aconteceu porque eu estava caído inconsciente no chão da selva, e não me lembro de nada depois disso. Parece que eu caí num coma profundo. Meus sinais vitais eram tão fracos que minha família achou que eu estava morto. Eles rezaram por mim, prepararam meu corpo e me puseram em um caixão de madeira. O que eu sei é que acordei debaixo da terra. No escuro. Enterrado vivo.”

“Céus”, exclamou Lettie, apoiando-se nele. “O que você fez?”

“Eu gritei. Eu chorei. Eu arranhei as tábuas que me fechavam até minhas unhas sumirem e meus dedos ficarem em carne viva. Eu fiquei desesperado e tremi. Gritei até minha garganta sangrar.” A voz dele estava tomada por uma emoção estranha. Ele ergueu os olhos, à procura do olhar de Minerva. “E, de algum modo, ela me ouviu. Não foi, M? Você me ouviu chamando na escuridão. Eu estava sozinho e com medo. Mas na escuridão noturna, você ouviu os gritos angustiados do meu coração.”

Minerva engoliu o caroço que crescia em sua garganta. Ela não estava mais gostando daquela história. Ela não entendia o que Colin estava tramando. Era óbvio que a descrição daquela versão infantil dele, preso e gritando no escuro, era direcionada para ela. Parecia que ele não tinha esquecido o que aconteceu na noite anterior. Ele lembrava. De tudo. E agora ele queria... o que, exatamente? Agradecer-lhe pela ajuda? Debochar de sua preocupação?

“Você quer contar a próxima parte, M?”, perguntou ele.

“Não.” Ela balançou a cabeça. “Não quero.”

Ele se virou para os jovens.

“Ela foi correndo até o local do enterro e começou a cavar a terra com as próprias mãos. Quando ouvi aquele barulho... bem, achei que tinha realmente morrido, e que os cães do inferno estavam tentando abrir meu caixão.”

Lettie deu um gritinho e mordeu a junta de seu dedo indicador.

“Até hoje não consigo gostar de cachorros”, disse ele.

“Ah, que triste.”

Em sua memória, Minerva ouviu o eco dos gritos desesperados de Colin. *Volte, sua cachorra.*

“Eu tentei gritar, mas não consegui. O ar estava ficando cada vez mais rarefeito e eu mal conseguia respirar. Enquanto aqueles sons se aproximavam, eu pude puxar só um pouco de ar para os meus pulmões. O suficiente para gritar

uma palavra.” Ele fez uma pausa dramática, então sussurrou: “Tallyho?”

Os jovens prenderam a respiração.

“E vocês podem imaginar qual foi a doce resposta que ouvi.”

“Maluco!”, responderam eles em uníssono.

“Exatamente”, disse Colin. “Ela me salvou, sem exagero, das garras da morte. Minha querida e corajosa irmã.”

Seus olhos se encontraram, mas Minerva precisou desviar os seus. Ela não sabia o que sentir, mas sentiu... algo. E sentiu profundamente.

Gilbert se voltou para ela.

“Como você foi corajosa, Srta. Sand.”

“Nem tanto.” Ela fez um gesto de pouco caso.

“Ela é modesta demais. Sempre foi.” Colin tirou o pé do tronco caído e tocou rapidamente no queixo dela antes de iniciar o caminho de volta para a estrada. “Esperem até ouvir a história de M e a cobra.”

Capítulo Dez

“E essa...” Colin bateu seu garfo no prato vazio em que comeu seu jantar, “...é a história da cobra.” Ele se recostou na cadeira, se sentindo satisfeito.

Todos os Fontley voltaram o olhar para ele e, em seguida, admiraram Minerva. Esta olhou para o “irmão”.

“Não sou uma encantadora de serpentes.”

“É claro que não. Encantadores de serpentes precisam de uma flauta.” Ele se virou para os Fontley. “Estou lhes dizendo, ela encantou a criatura apenas com sua doce voz. O bicho não saía do lado dela, o dia todo. Aquela coisa escamosa deslizava acompanhando os passos da minha irmã por todo Ceilão. Nós a transformamos em animal de estimação, e a batizamos Sir Alisdair.”

Por baixo da mesa, algo pontudo acertou sua coxa. Ele disfarçou seu ganido de dor com uma tosse. Colin sabia que mais tarde pagaria por isso. Mas ele não conseguia deixar de provocá-la. Nunca pôde resistir à tentação, desde que se conheceram. Naquele dia, mais do que em qualquer outro, Colin queria puxá-la, tirá-la de dentro dos limites que Minerva havia imposto a si mesma.

Ele queria ser surpreendido. E mais do que isso, ele queria manter a atenção nela. Porque se lhe desse a chance de direcionar a conversa, Colin sabia que Minerva a voltaria para uma direção desagradável. Uma que envolveria a noite anterior. Ele não queria discutir aquela noite. À sua própria e reservada maneira, ele contou para Minerva tudo o que ela precisava saber. Tanto quanto havia contado para qualquer outra pessoa.

“Srta. Sand”, disse Gilbert Fontley, “como nós podemos convencê-la a cantar?”

“Vocês não podem.” Seus olhos cintilaram com o choque.

“O Sr. Fontley gosta muito de música”, disse a mãe deles, tocando o braço do marido. “Assim como eu. Srta. Sand, gostaríamos tanto de ouvi-la. Faça-nos esse favor, querida. Ali adiante tem um piano.”

“Mas...” Ela engoliu em seco e disse, a voz fraca: “Eu não posso.”

Colin observou Minerva enquanto ela avaliava a lotada sala de jantar da estalagem. Em uma vila pequena daquelas, esse salão servia também como taverna local. Havia um pouco mais de trinta pessoas no lugar, que se dividiam entre viajantes que só passariam a noite e moradores da vila que tomavam uma cerveja com os amigos. Uma aglomeração razoável.

A jovem Srta. Lettie reforçou a campanha.

“Oh, por favor, Srta. M. Cante para nós.”

“Vamos lá, M”, disse alegremente Colin. “Apenas uma ou duas músicas.”

Minerva comprimiu os lábios.

“Mas *irmão*, você sabe que eu desisti de cantar. Depois daquele incidente horrível com o... milípede e o coco e os... rubis roubados.” Antes que ele pudesse pedir detalhes, ela se apressou para acrescentar: “Coisa que nós juramos, no túmulo de nossos pais, nunca, jamais discutir.”

Ele sorriu. Ela estava pegando o espírito da coisa.

“É verdade. Mas hoje é meu aniversário. E você sempre faz uma exceção no meu aniversário.”

“Você sabe muito bem que não...”

“É seu aniversário, Sand?” O Sr. Fontley exclamou por cima da voz de Minerva. “Ora, por que não falou antes? Vamos beber à sua saúde.” O cavalheiro chamou a moça que os atendia e lhe pediu xerez.

Enquanto os copos eram passados, Minerva disse, severa:

“Mas irmão, você nunca bebe.”

“Eu só bebo no meu aniversário.” Ele ergueu o copo, brindando, e bebeu.

Colin a ouviu rosnar.

“Você não vai cantar, Srta. M?”, pediu Lettie novamente. “Eu gostaria tanto de um pouco de música. E é aniversário do Sr. Sand.”

Logo todos os Fontley se juntaram ao pedido.

Ela se virou para ele, os olhos escuros transmitindo um pedido desesperado de ajuda.

“Colin”, ela disse simplesmente. *Não me obrigue a fazer isso.*

Ele sentiu uma dor na consciência, mas decidiu não interferir. Colin reconheceu aquela expressão nos olhos dela. Seus olhos sempre assumiam aquele brilho desesperado pouco antes de ela fazer algo extraordinário.

“Tudo bem”, disse ela. “Vou cantar.”

Ela ergueu o copo de xerez à sua frente, esvaziou-o de um gole, e o pôs sobre a mesa com um tilintar decisivo. Então ela apoiou as duas palmas das mãos na mesa e empurrou a cadeira, colocando-se em pé. Em passos lentos, mas

determinados, Minerva caminhou até o piano. Ela retirou os óculos e os segurou dobrados. Em seguida, ela colocou um dedo sobre uma única tecla do piano e a apertou. Fechando os olhos, ela solfejou a nota. Então, ela abriu a boca e cantou. Ora... Ela cantou muito, muito bem.

Surpresa...

O salão lotado ficou rapidamente em silêncio. Colin praticamente podia ouvir os queixos caindo. A canção escolhida por Minerva era uma balada antiga e conhecida. Nenhuma escala exigente nem trinados operísticos. Somente uma melodia simples, direta, que combinava com sua voz clara e lírica. Não era música adequada a um concerto, nem mesmo ao salão das mulheres de Spindle Cove. Mas era perfeita para uma pequena estalagem do interior. O tipo de canção que não fazia dançar, que não pretendia encantar o ouvido nem entreter a mente, mas que ia direto para os sentidos. E para o coração...

Bom Deus. Era uma coisa boba de pensar – e ainda mais de *dizer* –, mas a música que Minerva cantava era uma flechada certeira em seu coração. Não havia escapatória. Colin estava encantado. Encantado como uma cobra do Ceilão. Mais do que isso, ele estava orgulhoso. Quando os amantes cantados na balada encontraram seu final trágico, e a multidão irrompeu em aplausos entusiasmados, Colin aplaudiu com os outros.

“Essa é a minha garota”, murmurou ele.

Embora não fosse, na verdade. Ele não tinha nenhum direito sobre ela. E pensar que durante todo esse tempo – cada dia que ele residiu em Spindle Cove – Minerva guardou aquilo dentro dela. Aquela música magnífica, que mexia com a alma. A coragem de cantá-la diante de uma multidão de estranhos. A gentileza de acalmá-lo durante a noite, enquanto ele se arrastava de volta do inferno. Como é que ele nunca tinha visto aquilo? Como é que nunca soube disso?

Os Fontley – assim como todo mundo ali – gritaram pedindo mais uma música. Minerva balançou a cabeça, mostrando relutância.

“Só mais uma”, Colin gritou para ela com as mãos em volta da boca. “Cante a minha favorita.”

Ela o fuzilou com um olhar de paciência esgotada, mas cedeu. Outra tecla foi pressionada. Outra nota solfejada. Outro momento de pura revelação.

Ela o aqueceu. A canção, e a atenção. Sua voz ganhou força e confiança. Ela cantou com os olhos abertos, e diretamente para Colin. Bem, ele pediu, não foi mesmo? E aquele foi o melhor presente de aniversário-de-mentira que ele já havia recebido. Aqueles lábios maduros e suculentos o dominaram. Cada vez que ela inspirava rapidamente em meio aos versos, seus seios pulavam,

chamando a atenção de Colin. Se a primeira música lhe tocou o coração... bem, a segunda o atingiu um pouco mais abaixo.

Ocorreu a Colin que, provavelmente, ele deveria se esforçar para não ser pego babando pela própria “irmã”, mas um olhar rápido pelo salão lhe mostrou que ele não era o único homem por ali que havia sido afetado. Gilbert Fontley, em especial, ficou muito mal. Sem tirar os olhos de Minerva, o jovem se inclinou na direção de Colin.

“Sr. Sand, você acha que é possível se apaixonar em apenas um dia?”

Colin sorriu.

“Eu não saberia dizer. Eu só me apaixono à noite. E nunca dura além do café da manhã.”

“M-Mas...” Gilbert lhe deu um olhar confuso. “M-mas... Mas eu pensei que você...”

“Todos temos nossos demônios, Gilbert.” Ele bateu no ombro do jovem e se aproximou. “Um conselho, apenas. Atenha-se ao seio da Igreja.”

Minerva terminou sua balada e dessa vez Colin percebeu que nenhuma quantidade de aplausos ou pedidos a convenceria a cantar novamente. Mesmo quando todos no salão se puseram em pé, gritando palavras de encorajamento, ela simplesmente recolocou os óculos e iniciou seu trajeto de volta à mesa.

Colin afastou sua cadeira e pretendia receber Minerva com alguns elogios sinceros. Mas quando ela começou a cruzar o salão de volta, um homem de barba malfeita, segurando uma caneca de cerveja, se colocou no caminho dela. Ele começou algum tipo de conversa com Minerva. Com todo o barulho do local, Colin não conseguiu entender o que eles diziam, mas ele não precisava ouvir as palavras para compreender o que estava acontecendo. Aquele indivíduo nojento queria Minerva. E Minerva não queria nada com o indivíduo nojento. O brutamontes colocou uma pata suja no braço dela, e Minerva cambaleou numa tentativa de se livrar dele. Seus óculos ficaram ligeiramente tortos. Aquele pequeno detalhe – evidência do incômodo dela – foi o suficiente para fazer Colin ver vinte tons de vermelho.

E ele se pôs na direção dos dois, com sede de sangue.

“Senhor, por favor me solte.” Minerva puxou o braço do aperto do brutamontes. A respiração dele tresandava a alho e cerveja. E o corpo dele cheirava a... outras coisas que é melhor nem identificar.

“Só mais uma música, meu amor.” Ele a segurava pelo cotovelo com uma mão, enquanto tocava na cintura dela com a outra. “Venha sentar no meu colo para me dar uma exibição particular.”

A mão dele roçou no traseiro dela. Minerva recuou. Ela se sentiu suja. Outras mulheres talvez soubessem como se livrar desse tipo de atenção indesejável, mas não era o caso dela. Aquilo nunca havia acontecido com ela. Então ela viu Colin abrindo caminho em meio ao salão lotado. O caminhar dele era quase tranquilo, despreocupado. Mas quando ele se aproximou, Minerva reparou em seu rosto tenso e na fúria gélida em seus olhos.

Ele cutucou o bêbado com o braço.

“Com licença”, disse ele, “mas você está com a mão na minha irmã?”

O grandalhão se endireitou e adotou um tom afetado, aristocrático.

“Eu acredito fortemente que sim, chefe.”

“Muito bem.” Colin o agarrou pelo ombro. “Esta é minha mão em você.”

Em seguida, acertou um soco com toda força na barriga do sujeitinho. Que foi acompanhado por um golpe violento no rosto.

Minerva levou as mãos à boca, cobrindo seu grito de espanto.

O homem nem mesmo cambaleou ou piscou. Ele simplesmente foi ao chão. Com tudo. Levando consigo uma mesa inteira, com todos os copos que estavam sobre ela. Os sons de vidro estilhaçando e madeira rachando foram ouvidos em todo o salão, e chamaram a atenção de todos. Colin ficou em pé diante do brutamontes caído, e sacudiu a mão enquanto ofegava. A expressão em seu rosto era de fúria quase incontida.

“Não toque nela”, disse ele, a voz fria como aço. “*Nunca*.”

Ele segurou o cotovelo de Minerva e, com um aceno na direção dos Fontley, a tirou do lugar. Depois que saíram, o caos explodiu no salão. Ela estremeceu com os sons de cadeiras arranhando o chão e vozes iradas discutindo. Ela ouviu o Sr. Fontley gritar distintamente:

“Como você teve coragem de molestar aquela jovem?”

E então a voz fraca de Gilbert.

“Você irá queimar no inferno por isso. Ela é uma mulher de Deus.”

Os dois pararam no primeiro degrau da escada. E irromperam simultaneamente em risos.

“É melhor nós subirmos”, disse ela.

“Você está bem?”, perguntou Colin, fazendo com que Minerva parasse, já no corredor dos quartos. Seu olhar a vasculhou dos pés à cabeça. “Ele machucou você de algum jeito?”

“Não. Não, obrigada.” Ela engoliu em seco. “E você?”

Colin abriu a porta.

“Melhor aniversário que eu já tive.”

Rindo eles entraram na suíte. Enquanto Minerva foi acender a luz, Colin se deixou cair sobre uma cadeira.

“Você”, disse ela, “é inacreditável.”

“Vamos lá.” Ele sorriu para ela. “Admita. Foi divertido.”

Ela sentiu o canto da boca querendo sorrir.

“Eu... eu *nunca* faço esse tipo de coisa.”

“Você nunca faz o quê? Canta baladas em uma taverna? Inspira brigas entre homens?”

“Nada disso. Eu nunca faço nada disso. Eu nunca faço nem mesmo *isto*.” Ela pegou a mão de Colin, que ficou sob a luz. “Oh, você está sangrando.”

“Não é nada. É só um arranhão.”

Talvez fosse, mas Minerva correu para pegar a bacia e o sabão. Ela precisava de algo para fazer. Do contrário, aquela energia que a agitava poderia ser extravasada de outras maneiras – bem mais perigosas.

Enquanto recolhia os materiais, suas mãos tremiam. Aquele homem era o diabo. O caos personificado. Ela nunca sabia que história ele inventaria ou que decisão imprudente tomaria. Ao longo daquela viagem, ele poderia pôr tudo a perder – sua reputação, sua segurança e sua posição na sociedade científica. Talvez até mesmo seu coração. Mas ela tinha que admitir... ele tornava tudo mais divertido.

Voltando à mesa com um lenço limpo, ela examinou o ferimento mais de perto. Ele tinha razão, era apenas um arranhão ao longo dos nós dos dedos. Mas ele se feriu enquanto *a* defendia. Minerva quis beijar aquela mão machucada e valente. Mas ela se contentou em apenas limpá-la com o lenço molhado. Minerva tocou o anel de sinete de Colin.

“Aposto que aquele homem vai exibir o brasão da sua família na bochecha durante semanas.”

Colin riu baixo.

“Ótimo. Ele merecia coisa muito pior.”

“Ainda não acredito na facilidade com que você o derrubou”, disse ela. “E ele era tão grande. Onde você aprendeu a lutar desse jeito?”

“Aulas de boxe.” Ele esticou os dedos e fez uma careta. “Todos os homens de Londres são malucos por boxe. Começou com o Cavalheiro Jackson. Mas a verdadeira pergunta é...” Sua voz ficou mais profunda. “Onde você aprendeu a

cantar daquele jeito?”

“Que jeito?” Ela manteve a cabeça baixa, examinando as articulações dos dedos de Colin.

“Daquele... *jeito*. Faz mais de seis meses que moro em Spindle Cove, e estive presente em inúmeros daqueles malditos saraus, para não falar de todas as reuniões informais na pensão. E da Igreja, aos domingos. Ouvi Diana cantar muitas vezes. Ouvi Charlotte cantar várias vezes. Pelo amor de Deus, eu até ouvi sua mãe cantar. Mas nunca você.”

Ela deu de ombros enquanto rasgava uma faixa de tecido.

“Eu não sou uma cantora talentosa. Tudo que eu sei são as baladas que aprendi quando era garota. Depois que cresci, passei a evitar as aulas de música sempre que possível. Eu detestava a chateação de ter que ficar praticando.”

“Não posso acreditar que cantar seja uma chateação para você. E também não dá para acreditar que nunca pratica, pois as palavras saíram com muita facilidade para você.”

Minerva sentiu que enrubescia. Ela, na verdade, praticava quando ninguém estava por perto. Ela cantava para si mesma quando saía em seus passeios. Mas como cantar para si mesma parecia tão esquisito quanto ler caminhando, não era algo que ela admitiria para Colin.

“Eu deixo a cantoria para Diana.”

“Ah... Você não quer ofuscar sua irmã.”

Minerva riu.

“Como se eu pudesse ofuscar Diana.”

“Diana é brilhante, eu acho. Cabelo dourado, pele luminosa. Alegre. Totalmente radiante. Talvez você não possa mesmo ofuscar Diana.” Ele inclinou a cabeça e a observou de outro ângulo. “Mas Min? Você pode *cantar* melhor que ela.”

“Somos irmãs, não concorrentes.”

Ele emitiu um som de pouco caso.

“Todas as mulheres são concorrentes, e as irmãs mais que todas. Mulheres estão sempre buscando uma posição melhor, medindo-se contra suas semelhantes. Você não sabe a frequência com que me pedem para comentar qual mulher é a mais bonita, inteligente, talentosa, qual a melhor dançarina... e quem pede essas opiniões? Sempre mulheres, nunca homens. Os homens não se importam. Não com essas comparações, ao menos.”

Ela o fitou, desconfiada.

“Que comparações os homens fazem?”

“Vou responder isso em outra oportunidade. Quando eu não estiver sangrando e em desvantagem.”

Minerva apertou o curativo.

“Nós não estamos falando de jovens ambiciosas da sociedade. Estamos falando da Diana. Eu amo minha irmã.”

“Ama o bastante para esconder seu único talento para que ela não sofra com a comparação?”

“Meu único talento?” Ela apertou ainda mais a atadura, e ele fez uma careta de dor. “Esse não é meu único talento, não é nem mesmo meu melhor talento.”

“Ah. Agora estou entendendo.” Ele protegeu a mão com o curativo. “Você é tão competitiva quanto as outras. Só que está competindo por um título diferente. O de menos atraente, menos simpática. O de mulher menos *casadoura*.”

Ela piscou, surpresa. Certamente que suas palavras eram para provocá-la, mas soaram bastante verdadeiras.

“Talvez eu esteja, mesmo.” Ela dobrou o tecido que restou e o colocou em seu baú. “Estou comprometida com meus estudos, e não sei se algum dia vou querer me casar. Pelo menos não com o tipo de homem que minha mãe gostaria. Então, sim, sempre me satisfiz deixando Diana ser a mais bonita, mais elegante e mais simpática. A melhor cantora. Ela pode ficar com todos os pretendentes.”

Ele ergueu as sobrancelhas.

“A não ser eu.”

“Você é um caso especial.”

“Vou tomar isso como um elogio.”

“Não deveria.”

E ele não deveria olhar para ela daquele jeito. Tão intensamente. Penetrante.

“Por que você já não está casado?”, exclamou ela. “Se você não quer dormir sozinho, o casamento parece ser a solução lógica. Você teria uma esposa ao seu lado todas as noites.”

Ele riu.

“Você sabe quantos maridos e esposas efetivamente dormem na mesma cama depois da lua de mel?”

“Alguns casamentos são arranjados, sem amor, eu sei. Mas há um bom número de enlaces amorosos. Não posso imaginar que você tenha dificuldade para fazer as mulheres se apaixonarem por você.”

“Mas se eu casasse, teria que *manter* a mulher apaixonada por mim. Não qualquer mulher, mas uma em especial. Durante anos. E mais, eu teria que permanecer apaixonado por ela. Se por acaso eu encontrasse a mulher com quem

me dispusesse a tentar isso – e ainda não encontrei, depois de anos procurando intensamente – como eu poderia ter certeza de conseguir isso? Você é a cientista. Diga-me. Como o amor pode ser comprovado?”

Minerva deu de ombros.

“Imagino que isso tenha que ser testado.”

“Bem, está aí sua resposta. Eu sempre sou reprovado nos testes.”

Minerva olhou com pena para ele.

“Sei, é claro. Nós dois sabemos que é por isso que você nunca teve notas boas em matemática. Não tem nada a ver com falta de esforço. Você simplesmente não se sai bem em testes.”

Ele não respondeu. Colin simplesmente se recostou na cadeira, colocou as mãos atrás da cabeça e olhou para ela com uma expressão inescrutável. Se aquele era um olhar de aborrecimento, admiração ou raiva, Minerva não sabia dizer. Suspirando, ela se levantou.

“É melhor nós dormirmos.”

A suíte tinha dois quartos interligados – para manter as aparências para os Fontley. Mas ambos sabiam que só usariam um quarto. Ela cruzou o aposento e começou a desabotoar sua jaqueta. Minerva sentiu os olhos de Colin nela enquanto tirava a peça dos ombros, puxava os braços das mangas e a colocava de lado. Ele não tinha educação o bastante para olhar para outro lado? Seu corpo se aqueceu sob a avaliação dele, ficando leve e quente como as cinzas que dançam no ar fumacento. Ela se virou para o outro lado e levou as mãos às costas para soltar os fechos de sua roupa.

“Permita-me”, disse ele, aparecendo repentinamente às suas costas.

Ela ficou paralisada por um instante, tomada pelo instinto de se afastar. Mas aquele vestido tinha fechos difíceis. Seria bom um pouco de ajuda.

“Apenas os ganchos”, disse ela.

“É claro.”

Afastando algumas mechas de cabelo, ele começou na base de seu pescoço. Colin foi soltando os ganchos lentamente, um a um. Ela cruzou os braços à frente do peito, para manter o vestido no lugar quando o decote começou a ceder.

“Como você sabia?”, perguntou ele, sua voz era um murmúrio suave que soprava em sua nuca.

“Sabia o quê?”

“‘Barbara Allen.’ Como você sabia que é minha balada favorita?” A intimidade rouca na voz dele a perturbou.

“Não é a favorita de todo mundo?”

A risada breve na resposta de Colin foi calorosa e autêntica.

“Será que acabamos de encontrar algo em comum?”

“Nós temos todo tipo de coisa em comum”, disse ela, sentindo a conhecida patetice crescendo. E lá veio ela, com a conversa-mole. “Nós dois somos humanos. Nós dois falamos inglês. Nós dois compreendemos o que é um logaritmo. Nós dois temos cabelos castanhos, dois olhos...”

“Nós dois temos pele.” As pontas dos dedos de Colin roçaram o ombro exposto de Minerva, e a sensação se propagou pelo braço. “Nós dois temos mãos. E lábios.”

Ela apertou bem os olhos. Minerva segurou a respiração por um longo momento, antes de perceber que estava se preparando para um beijo que não viria. Ela o xingou em pensamento, e xingou a si mesma. Ela precisava afastar de sua mente todos os pensamentos relativos ao beijo dele. Era só que... ela não conseguia parar de lembrar a forma como Colin a encarou enquanto ela cantava no salão. A forma como ele foi andando até ela, abrindo caminho pela multidão. A forma como ele derrubou aquele homem e sangrou por ela.

Minerva pigarreou e deu um passo à frente, ainda voltada para a parede.

“Obrigada por sua ajuda. Pode se virar, por favor?”

“Já virei.” As tábuas do piso emitiram um breve rangido de confirmação.

Minerva virou a cabeça, espiando o espelho para ter certeza. Ela quase desejou que ele também a procurasse com o olhar. Mas era evidente que ele vira o suficiente na noite anterior. Colin permaneceu de costas enquanto ela descia o vestido pelo corpo e saía de dentro dele. Quando estava só com a roupa de baixo, Minerva mergulhou sob as cobertas e virou o rosto para a parede.

“Está tudo bem agora”, disse ela.

“Bem.” Ele soltou uma exclamação de incredulidade. “Para quem?”

Ela procurou fingir que dormia enquanto Colin se movia pelo quarto tirando os sapatos, pondo de lado relógio e abotoaduras. Atiçando o fogo. Fazendo todo tipo de barulho, sem se incomodar. Os homens nunca hesitam em declarar sua presença. A eles é permitido viver ruidosamente, em meio a batidas e estalos, enquanto as mulheres são sempre ensinadas a viver em sussurros abafados.

A cama rangeu alto quando ele deixou seu peso cair ao lado dela. Seu braço roçou suas costas. Aquele breve contato fez o corpo inteiro de Minerva zunir. Enquanto Colin se ajeitava na cama, ela permaneceu absolutamente consciente – clara e perfeitamente consciente – de cada parte dele. Cada parte dela. Em todos os lugares que seus corpos se tocavam, e em todos que não se tocavam.

“Você vai conseguir dormir?”, perguntou ela depois de alguns minutos.

“No momento certo.”

“Você quer conversar?”, perguntou ela, voltada para a parede. Minerva se sentiu uma covarde, incapaz de se virar e olhar para ele.

“Prefiro ouvir você. Por que não me conta uma história para dormir? Uma que você leu quando criança.”

“Eu não li nenhuma história quando era criança.”

“Não acredito nisso. Você está sempre com o nariz enfiado em um livro.”

“Mas é verdade”, disse ela em voz baixa. “Quando eu era criança, demorou muito para que percebessem meu problema de vista. Todo mundo pensava que eu era arteira, na melhor hipótese, ou idiota, na pior. Minha mãe me repreendia por franzir o rosto, por sonhar acordada. Diana estava sempre lendo contos de seus livros para mim, mas não importava o quanto ela tentasse, eu não conseguia aprender as letras. Nós tínhamos uma babá que cantava baladas enquanto fazia seu trabalho. Eu costumava ir atrás dela para escutar, e decorei o que pude. As canções foram minhas histórias.” Ela fechou os olhos. “Finalmente, uma governanta percebeu que eu precisava de óculos. Na primeira vez que eu os coloquei no rosto, nem consigo dizer o que senti... Foi como um milagre.”

“Finalmente enxergar bem?”

“Saber que eu não era um caso perdido.” Um caroço surgiu em sua garganta. “Eu acreditava que havia algo incurável e errado comigo, sabe. Mas de repente eu passei a ver o mundo com clareza. E não só as coisas distantes, mas tudo que estava ao meu alcance. Eu conseguia focalizar uma página. Eu conseguia explorar as coisas ao meu redor, descobrir novos mundos inteiros debaixo dos meus dedos. Eu conseguia ser boa em alguma coisa, para variar.”

Minerva não sabia se ele entenderia, mas era por isso que o simpósio era tão importante para ela. Por isso que Francine era *tudo*. Foi por isso que, algumas manhãs atrás, ela abriu o baú que continha seu enxoval e trocou aquelas fantasias de noiva por objetivos novos, científicos. Ela nunca foi a filha que sua mãe desejava. Ela era diferente das irmãs, e havia se conformado com isso. Ela poderia suportar uma vida em que nunca seria uma dama elegante, de bom gosto... desde que alguém, em algum lugar, a respeitasse e admirasse por ser *ela mesma.* Minerva Highwood, geóloga, erudita e... depois daquela noite, às vezes trovadora.

“Depois que aprendi a ler”, disse ela, “não conseguiram mais me separar dos livros – e ainda não conseguem. Mas eu já passei da fase dos contos de fada.”

“Bem”, disse ele, com a voz sonolenta, “essa foi nossa bela história para dormir. Garota oprimida. Babá amável. Final feliz. Os contos de fada são quase

todos assim.”

“Sério? Eu tinha a impressão de que a maioria deles tem um belo príncipe encantado.”

O silêncio foi duradouro. E infeliz.

“Bem, o seu tem um cavaleiro”, disse ele finalmente. “Sir Alisdair, o Colega.”

“Acho que sim.” Com a esperança que sua voz não revelasse a decepção, ela agarrou o lençol e o puxou para si.

Ela sentiu que Colin se mexia.

“Sabe, eu tenho me perguntado uma coisa. Se aquele diário que exalta tão epicamente meus encantos era o falso... O que diz o verdadeiro?”

Capítulo Onze

Kate Taylor cobriu uma careta com sua taça de água. Aquilo não parecia correto. Do outro lado da mesa de jantar da Queen's Ruby, Charlotte folheava um pequeno caderno com capa de couro.

"Isto e aquilo... mais alguma coisa sobre pedras..."

"Continue procurando", disse a Sra. Highwood. "É o único diário de Minerva. Ela deve ter falado de Lorde Payne em algum lugar."

A Sra. Nichols, idosa proprietária da pensão, mandou que as criadas servissem a sobremesa. Enquanto uma garota de avental colocava tigelas com creme diante delas, Kate trocava olhares com Diana. Ela sabia que a outra também devia estar sentindo a mesma confusão de vergonha e curiosidade. Naturalmente, aquela fuga era a sensação de Spindle Cove, e Kate estava tão ansiosa quanto as outras mulheres para saber os detalhes do improvável romance de Minerva. Mas ler o diário dela, em voz alta, na mesa de jantar? Aquilo parecia ser de mau gosto.

"Sério, mãe", Diana interveio, "é mesmo necessário que leiamos o diário de Minerva? Em voz alta? Ela não merece um pouco de privacidade?"

A Sra. Highwood refletiu.

"Normalmente, eu jamais bisbilhotaria. O que acha, Sra. Nichols?"

A Sra. Nichols balançou a cabeça.

"Jamais, Sra. Highwood."

"Mas neste caso, as circunstâncias justificam a investigação. Não justificam, Sra. Nichols?"

"Claro que sim, Sra. Highwood."

"O Cabo Thorne insiste que deveria ir atrás deles, ou no mínimo alertar Lorde Rycliff. Ele parece ter a falsa impressão de que Lorde Payne está tramando alguma maldade. Mas eu não acredito que ele fosse capaz de algo assim. A senhora acredita, Sra. Nichols?"

"De modo algum, Sra. Highwood. Ele é um jovem excelente. Sempre elogia

minhas tortas.”

“Oh, aqui”, anunciou Charlotte, abrindo uma página no meio do diário. “Tem alguma coisa sobre uma grande descoberta.”

Todas na mesa olharam. Charlotte leu um pouco mais adiante.

“Deixem para lá. É sobre lagartos.”

“Lagartos!” Com um gemido, a Sra. Highwood afastou sua porção de creme. “Não consigo imaginar como ela conseguiu agarrar Lorde Payne.”

“Ela não o agarrou, mamãe. Eu estou lhe dizendo, *ela* é que foi *agarrada*.” Charlotte virou mais uma página. “Se Minerva gostasse dele, não teria confessado ao seu próprio diário? Eu sei que *eu* encheria cadernos com poesia se um homem tão lindo quanto Lorde Payne se interessasse por mim.”

Kate aceitou um copo delicado de licor, que lhe ofereceram em uma bandeja.

“Talvez Minerva não seja muito de poesia.”

“Mas ela deveria escrever, pelo menos, algo favorável. Veja. Ela só o menciona aqui, no meio do diário. E embora todos a julguem inteligente, nem sabe escrever direito o nome dele. P-A-I-N, foi como ela escreveu.”

Kate olhou para baixo e sorriu. Ela duvidava que Minerva tivesse escrito dessa forma por engano.

“Não ligue para como está escrito, filha”, disse a Sra. Highwood. “Apenas leia. O que ela diz aí?”

Charlotte deu um gole em sua limonada para se preparar.

“‘Como hoje é quinta-feira, tivemos que aturar a presença de Lorde Payne no jantar. Não sei se devo atribuir minha indigestão à presença dele, à bajulação da minha mãe ou à torta de enguia da Sra. Nichols. Foi uma noite muito desagradável, de modo geral.’”

“A data é do verão passado?”, perguntou Diana.

Charlotte negou com a cabeça.

“Semana passada.”

Kate sabia que aquele era o momento em que deveria defender a torta de enguia da pobre Sra. Nichols. Mas, sério, aquela coisa era indefensável. Em concordância mútua e silenciosa, todas preferiram tomar uma colher do creme. Depois um gole de licor. E creme novamente...

“Bem, deve haver mais alguma coisa.” A Sra. Highwood acenou com sua colher para Charlotte. “Continue a ler, querida.”

“Estou lendo.” Charlotte folheou as páginas restantes do diário. “Não há muito mais o que ler. É tudo sobre pedras, conchas e pegadas de lagarto. O único homem que ela menciona constantemente é um cientista. Sir Alisdair Kent.

Parece que ela o admira muito. Quando ela dedica alguma palavra a Lorde Payne, nunca é amável.” Charlotte fechou o diário. “Eu lhe disse que ela não o ama, mamãe. Minerva foi levada contra sua vontade. Você tem que deixar o Cabo Thorne ir atrás deles.”

A Sra. Highwood esticou o braço sobre a mesa.

“Dê o diário para mim, filha.”

Ela pegou o diário das mãos de Charlotte, folheou-o até a última página escrita, segurou-o com o braço estendido e leu. Sua carranca de concentração logo se transformou em uma expressão de deleite.

“Ah. Aqui estamos. Uma anotação com a data de três noites atrás. ‘Recebi uma notícia inquietante na Tem de Tudo. Há rumores de que Colin pedirá a mão de D. Esse homem vil, traiçoeiro. Depois de tudo que me prometeu no verão passado. Não posso permitir isso.’ E então, no dia seguinte, sua última anotação. O dia seguinte à dança, minhas caras.” A Sra. Highwood arqueou uma sobrancelha. “‘Colin está convencido. O plano foi selado com um beijo. Vamos partir de manhã.’”

Ela jogou o diário na mesa, o que estremeceu os cristais.

“Aí está, Diana. Sua irmã é uma sedutora sorrateira e ardilosa. Ela roubou Lorde Payne bem debaixo do seu nariz, e está planejando isso desde o verão passado. Desde o começo. Imagine só.”

“Ele nunca foi meu para que alguém o roubasse.” Diana enrubesceu. “Estou certa de que não aconteceu como está *parecendo*.”

“Talvez não”, disse Kate, tentando criar em sua cabeça a imagem de Minerva Highwood como uma sedutora desavergonhada – e fracassando completamente. “Mas eu acho que podemos concluir com segurança que, aonde quer que Minerva tenha ido com Lorde Payne, ela foi por sua própria vontade. Com certeza ela não foi raptada.”

“Coisinha matreira.” A Sra. Highwood colocou uma grande porção de creme na boca. “Quando isso aconteceu? Ela nunca mostrou interesse em homens. Eu não poderia sonhar que Minerva sabia diferenciar um beijo de um carbúnculo. E agora...”

“Nossa”, Charlotte suspirou, ficando repentinamente imóvel e olhando para sua colher. “Agora. Imagine onde ela deve estar *agora*.”

Kate sufocou uma risada. Diana fechou os olhos bem apertados.

“Charlotte, por favor. Não vamos imaginar nada.”

Capítulo Doze

Pela segunda vez em duas noites, Minerva foi acordada por gemidos atormentados. Dessa vez, eles não vinham de Colin. Ela acordou sobressaltada, mas o encontrou dormindo tranquilamente ao seu lado. Pela parede, contudo, ruídos horríveis chegavam às suas orelhas. Batidas violentas e gritos desesperados.

"Colin. *Colin!*" Ela chacoalhou seu braço. "Acorde. Alguém está sendo assassinado."

"Quê? Quem?" Ele se sentou rapidamente na cama, e sua cabeça bateu na viga inclinada. "Além de mim, quem mais?"

Ela pousou a mão no braço dele e inclinou a cabeça em direção à parede.

"*Escute.*"

Ele fechou os olhos. Os ruídos perturbadores, indícios de violência, continuaram. Ela ouviu uma mulher guinchar.

"Então?", ela o cutucou, cada vez mais agitada. "Você deveria se vestir! Rápido! Chame o dono daqui, pelo menos. Nós precisamos fazer *alguma coisa*!"

Ele suspirou e esfregou o rosto.

"O que você está ouvindo não é um assassinato. Ninguém está morrendo. A não ser do modo francês."

"O quê? O que você quer dizer com 'modo francês'?"

"Cópula", disse ele, deixando-se cair na cama e cobrindo os olhos com o braço. "Eles não estão brigando, seja lá quem forem. Estão se divertindo muito, na verdade." Colin ainda acrescentou, em voz baixa: "Malditos."

"É sempre assim tão ruidoso?", perguntou Minerva.

"Só quando é bom."

"Bom?" Minerva franziu o rosto e escutou. Nada daquilo parecia bom. A pobre mulher estava até clamando por Deus.

"Como você pode ser tão curiosa e instruída, e ainda assim ser tão inocente? Você compreende o coito, não é?"

“Claro que entendo. A ciência da coisa, pelo menos.” Um guincho atravessou a parede. Ela apertou o braço dele. “Colin, você tem *certeza*...?”

“*Tenho.*” Ele cobriu o rosto com um travesseiro e gemeu. “E aqui estou eu pensando que dormir sozinho seria a pior tortura.”

As batidas ritmadas ficaram mais rápidas e ruidosas. Um urro grave, masculino, juntou-se aos guinchos da mulher. E então acabou.

“Pronto”, disse Colin, ajeitando o travesseiro debaixo da cabeça. “Eles terminaram. E agora que acabou, nós podemos voltar a dormir.”

Vários minutos se passaram.

“Você não está dormindo”, disse ele.

“Nem você.”

“Não consigo”, disse Colin. “Droga. Meu corpo é vulnerável demais.” Ele se virou para encará-la, e seus dedos roçaram a manga dela. “Será que o seu também é? Você ficou excitada?”

Ela não sabia que conclusão tirar do calor que se espalhava pelo corpo. Nem da forma como Colin acariciava seu braço com o polegar.

“Eu me sinto, principalmente, confusa”, disse ela.

Ele riu baixo.

“Não consigo acreditar que você seja *tão* inocente.” A mão dele desceu até a lateral do corpo dela. “Você compreende que há *prazer* nesse ato?”

“Eu entendi isso, sim. Mas se esse é o caso, por que, então, ele não soa mais agradável?”

“Porque o ato de amar não é civilizado. Trata-se da natureza em sua forma mais pura e básica. Primitiva e selvagem. Você tem que entender um pouco, se já...” Minerva conseguiu apenas ouvir Colin arqueando as sobrancelhas. “Espere. Não me diga que você nunca... Você, uma mulher das ciências, que sabe recitar o logaritmo que define a forma precisa da concha de um amonite. Não me diga que você não conhece o funcionamento de seu próprio corpo.”

“Eu não vou lhe dizer nada.” A respiração dela ficou trêmula.

“Não acredito nisso”, disse ele, passando a mão pela coxa dela. “Não é possível que esta exploradora intrépida de cavernas submarinas ainda não tenha explorado sua própria gruta?”

Através do lençol, ele a tocou. *Lá.* Entre as pernas. Uma sensação luminosa pulsou em meio à escuridão. Um suspiro minúsculo escapou dela, mas Minerva rapidamente fechou os lábios.

“Você disse algo?”, perguntou ele.

Ela negou com a cabeça. Seu coração martelava no peito.

“Hum. Eu acho que você sabe o que é prazer.” O toque dele fazia um círculo tortuoso. “Mas só do tipo secreto, abafado. Você sempre esteve rodeada de gente, não é? Irmãs, criadas. Você já se tocou assim? Apertando a boca, enfiando a cabeça no travesseiro para ficar sempre, sempre em silêncio?”

Os dedos de Colin faziam passagens sutis, roçando os lugares íntimos dela em toques tão leves que poderiam ser tomados como acidentais, não intencionais. Mas ela sabia que eram intencionais, e seu corpo também. Seus mamilos endureceram e ela sentiu a umidade crescer no encontro das coxas. O aspecto inesperado e proibido do toque dele era quase mais excitante que o contato físico. Um homem a estava tocando, *ali*. *Colin* a estava tocando, ali. Aquilo não podia estar acontecendo. Ela não podia estar *permitindo* que acontecesse. Mas estava acontecendo, e ela permitia, e – céus, como era maravilhoso. Através das camadas de camisola e lençol ele passou uma única ponta de dedo pelo lado interno da coxa dela, e Minerva prendeu a respiração.

“Colin...”

“Não, não. Se eu estiver errado, não me diga. Estou gostando demais dessa ideia. A pequena cientista conduzindo suas experiências silenciosas por debaixo da camisola. Ou talvez no banho. Dedos curiosos vagando, explorando. Perseguindo o prazer enquanto este vai crescendo... e crescendo.” A voz dele estava sombria, indecente. “Até o clímax estremecer você toda, em um silêncio perfeito e devastador.”

Ele cobriu seu monte de vênus com a mão e ela gemeu baixo.

“Por Deus, Min. A imaginação erótica de um homem pode ser realmente poderosa. Mas acho que essa é a imagem mais excitante que já criei na minha cabeça.”

“Mas... você está errado. Quase totalmente.”

Ele parou.

“Quase?”

Céus, o que deu nela para acrescentar aquela palavra? Toda essa conversa era constrangedora demais para ser real. Ela havia conduzido suas próprias explorações? Sim. Aqueles momentos furtivos foram pelo menos uma sombra da excitação que ela sentia nesse momento, com ele? Deus, não. Ela nunca se sentiu assim. Ficava evidente, então, que ela era ao mesmo tempo uma garota levada e má cientista. Um fracasso completo.

“Acho que precisamos de mais uma aula, Min.”

As palavras dele fizeram um arrepio percorrer seu corpo.

“Você acha?”

“Acho.” Colin levou a mão até o ventre dela. “É, você precisa compreender isso. A selvageria do ato. Como pode ser bom quando é bruto, enérgico e barulhento.” Ele virou a mão, passando as costas dos dedos logo abaixo da curva do seio. “Você precisa saber o que merece receber de um homem. Ou vai acabar em um desses casamentos sem paixão. Presa a um geólogo velho e empoeirado, cujas ideias podem inspirar sua admiração, mas cujo toque nunca, jamais, fará você se contorcer, gemer e gritar.”

O toque dele foi parando até estacionar no esterno dela.

“Você confia em mim?”, perguntou ele.

“Confio o quê?”

“Seu corpo. Seu prazer.”

Ele falou aquilo sem rodeios. E ela não sabia como responder. Ela já havia lhe confiado sua segurança e suas posses. Ela poderia também lhe confiar sua virtude. Mas Minerva sabia que nunca poderia confiar seu coração a Colin. E esse órgão não era parte integral de seu corpo? Mas ela queria, *precisava* muito do toque dele. Seus lábios e língua se atrapalharam com o desejo. Ela não conseguiu se obrigar a dizer não.

“Feche os olhos”, disse ele. “Feche os olhos e pense nele.”

Ela fechou os olhos.

“Pensar em quem?”

“Nele, seja quem for. Sir Alisdair Kent. Ou no príncipe dos contos de fada. Você tem que sonhar com alguém. Todas as moças sonham.”

Minerva imaginava que sim. Todas as garotas tinham um pretendente dos sonhos, e Minerva não era diferente. Mas a maioria delas nunca teria essa oportunidade real de se deitar ao lado dele. E aquilo estava acontecendo com ela. Porque – embora ela tentasse não se permitir sonhos extravagantes – quando ela cedia e se imaginava em segurança e adorada nos braços de um homem lindo, charmoso e inatingível... Esse homem se parecia muito com Colin. Ela odiava admitir isso, até para si mesma. E a ideia de que *ele* pudesse suspeitar disso era humilhante demais. Ela sentiu o colchão afundar. E então, o peso dele *sobre* ela. O calor e os músculos de um homem inteiro cobrindo seu corpo, com apenas um lençol fino a separá-los. Ela ficou tensa. Em todos os lugares.

“Calma”, murmurou ele, com a voz suave, mas insistentemente afastando as pernas dela para que pudessem acomodar a largura de seus quadris. “Está tudo bem. Não vou machucar você. Não vou afastar o lençol. Você está segura debaixo dele. Apenas mantenha os olhos fechados e os lábios abertos. E aprenda como deve ser a sensação disto.”

Aprenda como deve ser a sensação. Isto não deveria ser meigo e romântico? Fazer amor não deveria ser como o amor? Mas aquilo não era amor. Era diversão, uma aula. Apenas outro fingimento elaborado. A reação de seu corpo, contudo, foi real. Seus membros se agitaram debaixo dos dele. Ela respirava com tanta dificuldade que ficou atordoada. Colin envolveu seu seio através do lençol, e fez círculos ao redor dele com os dedos antes de começar a descrever uma espiral para dentro, na direção do bico que ficava cada vez mais duro.

"Um bom amante", murmurou ele, enquanto plantava beijos quentes logo abaixo da orelha dela, "vai dedicar tempo a você. Ele sempre colocará o seu prazer antes do dele. Esse amante deixará você à vontade para experimentar, para tocar. À vontade para pedir qualquer coisa que o seu corpo desejar."

O toque de Colin roçou o mamilo dela. De leve, como se fosse uma pena. A sensação foi assustadora, única.

"Você gostou disso?", perguntou ele. "Quer mais?"

Quero. Quero e quero, por favor.

"Então você precisa me dizer. Não com palavras, se não quiser falar. Quando estiver imersa no ato do amor, as palavras podem – e devem – lhe faltar. Mas um homem atua melhor se for encorajado. Então, se você quer mais, precisa me dizer. Com uma exclamação, um suspiro ou um pequeno gemido de prazer. Vamos tentar de novo, está bem?"

Mais uma vez, ele provocou seu mamilo teso e dolorido com a ponta do dedo. E logo parou, quase antes que ela conseguisse registrar a sensação. E então, nada. Ela mordeu o lábio. Minerva sabia que ele aguardava uma reação. Homem horroroso, provocador. Ele a levava até a beira do prazer intenso, arrebatador, para então a abandonar ali. A menos que ela implorasse por mais. Minerva permaneceu parada e silenciosa pelo que pareceu uma vida, lutando consigo mesma. Dividida entre o desejo de receber mais um pouco e o medo de se entregar demais. A necessidade crua e a curiosidade ganharam a disputa. Ela entreabriu os lábios e soltou a respiração na forma de um suspiro lento, quase musical. Ele respondeu com um murmúrio profundo, ressonante.

"Isso, assim mesmo. Suspire novamente para mim."

Ele apertou seu polegar no mamilo e o rodeou, provocando o bico intumescido. Ela suspirou de novo, com mais sentimento dessa vez, e ele a recompensou com um leve aperto. Ela arqueou as costas com o toque, e rolou a cabeça para o lado.

"Você gosta?" Ele torceu o mamilo. "Responda."

Um gemido baixo escapou da garganta dela. Ele tinha razão. Dar voz ao

prazer o tornava mais gostoso, agudo. Real.

“Isso. Isso mesmo. É assim que se enlouquece um homem, querida.” A mão dele apertou e moldou seu seio enquanto ele distribuía beijos ao longo de seu pescoço, sugando e lambendo a pele dela. “Depois que eu a fiz suspirar, só consigo pensar em fazer você gemer. Depois uivar. E então gritar em um êxtase abandonado.”

Ele se mexeu sobre ela, redistribuindo seu peso. Ele era todo duro, e pressionava a carne macia de Minerva. Os músculos do peito de Colin achatavam os seios dela. Seus joelhos mantinham afastadas as coxas dela. E então aquele órgão duro, pulsante, que ela havia observado e admirado tão desavergonhadamente na noite anterior... Colin o pressionou contra seu sexo. O prazer ferveu dentro dela. Intenso. Consumindo-a. Diferente de tudo que ela conhecia. Ela gemeu, profunda e lascivamente. Porque ela queria mais. Mais daquela dureza, daquele calor. Mais daquela fricção sedutora que a pressionava por cima do tecido frio e macio.

Ele lhe deu o que ela desejava. Colin estabeleceu um ritmo lento e contínuo, indo e vindo sobre ela enquanto beijava seu pescoço e aninhava o rosto entre os seios cobertos.

“Sim?”, ele perguntou, sugando o lóbulo de sua orelha.

“Sim!”

“Mais?”

“*Mais!*”

“Agora me diga com suas mãos. Segure-se em mim. Mexa-se comigo.”

Minerva agarrou Colin, desavergonhada, deslizando suas mãos pelos ombros dele. A excitação dela cresceu quando sentiu os músculos dele sendo flexionados, retesados sob suas palmas. Ele estava se esforçando tanto, por ela. Tudo por ela. Minerva adorou sentir a força do corpo dele enquanto Colin se mexia sobre ela, se esfregava nela. De novo e de novo e de novo. Não demorou para que ele a fizesse gemer a cada nova e deliciosa estocada. Quanto mais alto ela o chamava, mais retumbante era a resposta dele. O colchão se juntou à sinfonia erótica, rangendo em sincronia com os golpes fortes e ritmados dele. Colin acelerou o movimento, e os pés da cama entraram no concerto, fazendo percussão contra a parede.

“Isso, Min. É assim que deve ser.” O desejo primitivo mudou a voz dele. “Nunca se conforme com menos. Seja audaciosa. Selvagem, barulhenta e linda. Deus, você é tão linda.”

Estava escuro e ela sabia que Colin mal a enxergava. Mas não importava. Ela

se sentiu linda sob o toque dele, sua pele febril estava quente e linda. Juntos eles criavam aquele prazer esplêndido e maravilhoso. Ela buscou mais sensações erguendo o quadril e investindo nas estocadas dele, que vinham mais rápidas e fortes. Então algo mudou. De repente, o prazer é que a buscava. Caçando-a com uma intensidade cruel. Ela não podia se esconder dele, nem fugir. Minerva arregalou os olhos na escuridão difusa.

"Colin."

"Isso." Ele a fustigava sem piedade. "Isso, diga meu nome. Mais alto."

"Colin, eu..." A voz dela foi interrompida por um gemido temeroso. "Eu não..."

"Não lute. Está tudo como deve ser. Está perfeito." Continuando a cavalgá-la, Colin deitou a testa no ombro dela. "*Você* é perfeita."

Então ele veio, o prazer. Rodopiando, provocando. Saindo de dentro dela. Arrastando-a para um lugar estranho e obscuro. Minerva o agarrou mais forte, apertando as unhas na carne de seu ombro. *Não me abandone.*

Ele beijou suas faces, seus lábios.

"Goze para mim, querida. Goze para si mesma."

Afinal, ela se entregou. Minerva se ouviu gritar quando o êxtase finalmente chegou para ela e a ergueu. Reduzindo-a a fragmentos. Deixando-a prostrada. Lutando para conseguir respirar e mudada por dentro.

E ele continuou se movendo, mexendo seu quadril em um ritmo frenético, aflitivo. Ele segurou o rosto dela com as duas mãos, depois enfiou os dedos em seu cabelo. Aquele puxão delicioso em milhares de terminações nervosas fez o prazer correr novamente pelo corpo dela. Ele a segurou, imóvel e apertada, enquanto esfregava nela sua dureza.

"Desculpe", ele gemeu. "Está bom demais. Não posso parar."

Com um uivo selvagem, ele estremeceu nos braços dela. Então Colin soltou o peso sobre ela, ofegando na curva de seu pescoço.

Minerva afrouxou os dedos que agarravam os ombros dele. Suas mãos tremiam. Ela não sabia como tocá-lo. Uma gota de suor escorreu por sua clavícula. Ela não sabia se era dele ou dela. O que tudo aquilo significou? Não foi cópula de verdade, muito menos fazer amor. Mas foi real, de certa forma. Ela não sabia o que pensar dele. E como olhar para ele, conversar com ele de manhã. E o que pensar de si mesma, depois de ter gemido e suspirado o nome dele? Ela estaria arruinada? Ela era uma devassa?

Colin rolou para o lado, uma mão ainda enrolada no cabelo dela. Seu peito subiu e desceu com um suspiro profundo.

“Santo Deus, mulher.”

Mulher. Ela era uma mulher.

“Você está sempre me surpreendendo. Eu comecei como seu professor, ensinando a lição para você. E depois, de algum modo... minutos depois, eu gozo como um adolescente.” Ele soltou uma risada áspera e íntima. E no que pareceram segundos depois disso, ele estava dormindo.

Capítulo Treze

"Jesus." Franzindo os olhos para a manhã clara demais, Colin passou a mão pelo cabelo. "Não posso acreditar que isso aconteceu. Eu nunca faço isso. Nunca."

Minerva rolou na cama, sonolenta e esfregando os olhos.

"O que foi?"

"Vista-se, e depressa. Nós dormimos demais."

Assim começou o ritual maluco de se lavar, vestir e empacotar todas as coisas. A pressa era conveniente, de certa forma. Ela adiava qualquer discussão sobre a noite anterior. Mas não apagava, contudo, as lembranças dele. Cada som dela, cada movimento de Minerva o havia excitado. O modo como ela conduzia a escova por aquele emaranhado – belo emaranhado – de cachos escuros. A forma como os seios dela pulavam enquanto ela saltava em um pé só, na luta para calçar a botinha no outro pé. Quando ela esticou o braço e agarrou seu ombro para se equilibrar, Colin pensou que iria se perder novamente. Ele não havia exagerado na noite passada. Ela o deixou excitado como um garoto, e isso era duas vezes mais idiota.

Droga, homem. O que você estava pensando? Você tem regras para isso. Sim, ele concordou. Mas Colin não tinha violado suas regras. Ele simplesmente as havia torcido. *Ele torceu as regras. Golpeou-as. Comeu-as. Fez com que gemessem e soluçassem.* Ele se chacoalhou. Maldição. E ele tinha pela frente outro dia longo e empoeirado de cavalgada. Excelente! Pelo menos assim ele não precisaria agendar um tempo adicional para culpa e arrependimento.

Com sorte os cavalariços já teriam escolhido e preparado um cavalo com sua sela. Viajar com cavalo de aluguel, que precisava ser trocado a cada vinte milhas, não era o ideal. E aquilo também não estava fazendo bem ao seu traseiro. Mas para acompanhar o ritmo de uma carruagem, Colin não tinha alternativa.

Ela abriu as cortinas e olhou pela janela.

"Oh, estou vendo os Fontley. Eles já estão subindo na carruagem. Mas creio

que não irão partir sem nós.”

“Claro que não.” Ele se aproximou dela na janela. Os Fontley pareciam, de fato, prontos para partir. “Eles não podem fazer isso com você. Hoje é o *seu* aniversário.”

“Não comece.” Ela lhe dirigiu um olhar de repreensão através dos óculos tortos. Então, de repente, uma onda de embaraço esquentou seu rosto, como se ela sentisse um tipo de lampejo da noite anterior. Ela enrubesceu, engoliu em seco e olhou para o outro lado.

Colin sentiu uma necessidade súbita e inexplicável de beijá-la. Mas isso seria, certamente, uma péssima ideia e, de qualquer modo, não havia tempo. Eles correram escada abaixo, batendo os sapatos nos degraus e lutando com os baús.

“Estamos aqui”, chamou Colin, correndo à frente de Minerva. “Estamos chegando! Tallyho!”

Um dos criados dos Fontley estava empoleirado na parte de trás da carruagem. Colin ergueu o baú menor, para que o homem o guardasse. Depois, entregou-lhe o segundo.

“Não esqueça deste”, avisou Minerva, que arrastava o terceiro baú. Esse era o que guardava Francine.

Quando Colin se virou para ajudá-la, ele ouviu o estalo do chicote do condutor. Antes que ele pudesse entender o que estava acontecendo, a carruagem entrou em movimento. Os Fontley estavam partindo. Sem eles.

“Esperem!”, gritou Minerva. “Voltem!”

A cabeça da Sra. Fontley apareceu na janela.

“E sujeitar meus filhos a figuras tão condenáveis? Jamais!” A carruagem continuou a se afastar, mas eles ainda conseguiram ouvir a Sra. Fontley gritar: “Vocês não são boas pessoas!”

Minerva se virou para Colin, aturdida e ofegante.

“O que ela quer dizer? Com certeza não foi pelo fato de você socar aquele homem, noite passada.”

“Não pode ser. Não imagino o que possamos ter feito para que eles mudassem de opinião, a não ser...” Ele sentiu o estômago virar.

“A não ser o quê?”

“A não ser que eles tenham nos ouvido. Noite passada.”

Minerva empalideceu.

“Oh, Deus do céu.” Ela mordeu o lábio inferior. “Mas como eles poderiam ter...?”

“Eles não poderiam.”

“Não, não poderiam, a não ser que fossem nossos vizinhos de parede. A não ser que...” O olhar dela, arregalado e horrorizado, encontrou o dele. “A não ser que *eles* fossem as pessoas que *nós* ouvimos.”

Colin soltou lentamente um suspiro. Ele virou a cabeça para a estrada e observou a carruagem que se distanciava.

“Ora. Que maravilha. Muito bem, Sr. Fontley.”

Minerva não compartilhou da alegria dele.

“Oh, Deus.” Ela sentou no baú que restava e apoiou a cabeça nas mãos. “Eles devem achar que nós somos uns vigaristas. Eles sabem que cada palavra que dissemos era falsa. Ceilão, leprosos, a idiota picada de besouro. Eles sabem que somos mentirosos.”

Ele baixou a cabeça e coçou a nuca.

“Vamos *esperar* que foi isso que eles concluíram.”

Minerva olhou para ele.

“O que mais eles poderiam pensar? Que não estávamos mentindo? Que nós realmente somos irmão e...” Colin viu a expressão de repulsa tomar conta do rosto dela. “Não. *Não.*”

“Não se preocupe”, disse ele rapidamente. “Tenho certeza de que eles concluíram que somos mentirosos.”

“Argh!” Ela estremeceu violentamente. “Acho que estou ficando enjoada.”

“Não há necessidade disso, querida. *Nós* sabemos a verdade.”

“Sabemos?”

Ele sentiu o sarcasmo no comentário. Nenhum dos dois sabia o que um significava para o outro, depois da noite passada.

Mas essa conversa teria que esperar. Foi então que Colin reparou que todas as pessoas do local estavam olhando para eles. A expressão nos olhos delas não era amistosa. Quando ele se virou para a estalagem, a porta foi fechada com violência. Ele ouviu o ferrolho sendo passado. Aparentemente, alugar um cavalo descansado seria impossível. E ele imaginava que nenhum dos moradores locais iria lhes oferecer uma carona.

“Eu devia ter imaginado que era má ideia”, choramingou ela. “Eu devia saber que pagaria por isso, de algum modo. Sempre que você me toca, eu termino sendo humilhada.”

Ele pigarreou e se aproximou de Minerva.

“É melhor nós irmos embora daqui o mais cedo possível. Seja qual for a conclusão que os Fontley tiraram a nosso respeito, parece que eles a compartilharam com a vila toda.”

“Mas para onde nós iremos? E *como* iremos?” Ela gesticulou na direção em que a carruagem havia desaparecido. O desespero enfraqueceu sua voz. “Eles levaram todas as minhas roupas, todas as minhas coisas.”

Ele agachou diante dela.

“Você ainda tem sua bolsa?”

Ela aquiesceu.

“E você ainda está com a Francine. Está sentada nela.”

Minerva aquiesceu novamente.

“Minhas descobertas científicas também estão aqui.”

“Isso é o mais importante. Todo o resto pode ser substituído. Vamos andando pela estrada até a próxima cidade, e de lá começaremos novamente. Tudo bem?”

Ela fungou.

“Tudo bem.”

Ele ajudou Minerva a levantar, depois olhou para o baú, refletindo sobre a melhor forma de carregar aquela coisa. Sobre o ombro?

Ela pegou uma alça com a mão enluvada e a ergueu.

“Eu pego este lado e você o outro. Vai ser mais rápido assim.”

O sentimento de cavalheirismo dele não quis aceitar, mas ela tinha razão. A melhor forma de carregar o baú seria dividindo o peso entre os dois.

“Muito bem, então”, disse ele enquanto caminhavam pela estrada que saía da cidade carregando a pegada de um lagarto gigante. “Vamos sorrir. Logo vamos retomar nossa jornada.”

Horas se passaram... A próxima cidade não poderia estar longe, raciocinou Minerva. No máximo alguns quilômetros. Mas Francine dificultava o progresso deles. Eles tinham que parar para descansar, trocar de lado, redistribuir o peso. E embora Minerva ficasse dizendo para si mesma que uma vila e uma igreja apareceriam, com certeza, depois da próxima colina, ou da próxima curva na estrada, eles caminharam durante horas. E nada...

Coches e carruagens passavam por eles regularmente. Mas ou estavam cheios ou seus condutores foram avisados, na cidade de onde saíram, para evitar uma dupla de vigaristas que caminhava para o norte. Mas mesmo que uma das carruagens parasse, não ajudaria em nada. Colin não podia viajar em uma carruagem fechada. Eles teriam que caminhar quilômetros, na esperança de encontrar alguma vila em que ela conseguisse achar espaço em uma carruagem e

ele pudesse alugar um cavalo descansado. Só Deus sabe onde eles encontrariam isso! O sol estava a pino, e ela começou a sentir tontura. Eles nem mesmo haviam tomado o café da manhã. Cansaço e fome disputavam espaço dentro dela, sussurrando um para o outro em vozes irritadiças. A sede secou sua língua.

Ela parou abruptamente na margem da estrada.

“É isso. Não dou nem mais um passo.”

Colin pôs seu lado do baú no chão.

“Muito bem. Vamos descansar.”

“Não. Eu não quero descansar. Quero uma carruagem. Talvez uma pare para mim, se eu estiver sozinha. Vou ficar aqui. Você pode continuar caminhando.”

Ele balançou a cabeça.

“Fora de questão. Eu sei que você não tem uma opinião muito boa a respeito do meu caráter. Mas se você acha que eu abandonaria uma dama desprotegida na estrada, está louca. Você sabe o tipo de bandido que vaga por essas rotas de carruagem?”

“Sim, eu acredito que sei.” Ela o encarou sugestivamente.

“Ah, então agora eu sou um bandido.”

“Você nos colocou nesta situação.”

Ele deu um passo para trás.

“Você acha que tudo isto é culpa minha?”

“É claro que é culpa sua! Eu não pedi para você contar aos Fontley todas aquelas mentiras. Eu não pedi para fazer parte do seu comportamento incorrigível. Eu não pedi para você me dar nenhuma... aula.”

“Ah, é claro que não. Você simplesmente apareceu na minha porta, no meio da noite, e implorou para que eu a levasse para a Escócia.” Ele apontou para o próprio peito com seu polegar. “*Você* me beijou do lado de fora do Touro e Flor. *Você* me arrastou para uma maldita caverna. Eu não pedi nada disso.”

“Você está arruinando esta viagem”, ela praticamente gritou. “Você arruína tudo.”

“Bem, desculpe-me, mas acredito que você se ofereceu para ser arruinada!”

Minerva fechou as mãos, formando punhos. Ela procurou se acalmar.

“Nós fizemos um acordo simples. Você me leva para Edimburgo e eu lhe dou quinhentos guinéus. Não me lembro de nenhuma negociação a respeito de mentir, cantar ou... ou gemer.”

“Não, eu acrescentei tudo isso no ‘‘contrato’ de graça. De nada.” Furioso, Colin andava em círculo, lentamente, e agitava os braços. “Vamos descansar alguns minutos e depois continuaremos andando. A próxima vila não pode estar

longe, agora.”

“Eu não vou sair deste local.”

Ele parou atrás dela. Suas mãos a agarraram pelos ombros.

“Você vai sim”, resmungou ele, “nem que eu tenha que usar a força.”

“Você não ousaria.”

“Ah, mas eu ousaria, sim.” Colin massageou os músculos dos ombros e do pescoço de Minerva – não carinhosamente, mas do modo como um treinador faz para preparar um boxeador para uma luta. A sensação foi enlouquecedora, maravilhosa.

Agachando, ele a virou para que encarasse a estrada que precisavam percorrer.

“Sim”, ele sussurrou junto ao ouvido dela. “Vou empurrar, puxar, chacoalhar você o quanto eu achar necessário. Porque você tem uma personalidade brilhante por trás dessa aparência sem graça. Porque você sabe cantar, mas não o faz. Porque você tem uma paixão fogosa dentro de si, e ela precisa ser libertada. Porque você *consegue* continuar andando. Você só precisa de alguém para lhe empurrar até o próximo ponto.”

Devia ser o efeito da fome e do cansaço, não da voz áspera e íntima dele. Mas ela estremeceu – só um pouco.

“Essas são palavras bem irônicas”, disse ela, virando o rosto para encará-lo. “Vindas de um homem que não consegue nem mesmo andar de carruagem.”

As mãos dele ficaram tensas.

“Ei, vocês!”

Na estrada, ao lado deles, uma carruagem parou. Uma jovem que usava uma boina toda enfeitada os chamou pela janela.

“Meu Deus, que desventura aconteceu com vocês? Precisam de socorro? Posso lhes oferecer ajuda?” Ela abriu a porta. “Como podem ver, somos só eu, minha irmã e nossa acompanhante. Temos bastante espaço.”

Minerva levantou do baú e olhou para Colin.

“Então? Será que eu vou precisar empurrar *você*?”

“Não”, disse ele, sombrio. “Eu vou. Só até a próxima cidade.”

Minerva avaliou a jovem na carruagem. Ela parecia ter a mesma idade de Diana, e a boina e a carruagem indicavam que era uma moça de certa fortuna. A julgar pelo fato de que tinha parado para oferecer carona a estranhos, ela devia ser muito gentil ou idiota. Provavelmente, ela era aquele tipo de garota privilegiada, alegre, que não podia imaginar que algo de ruim pudesse acontecer com ela – porque nada de ruim nunca havia lhe acontecido.

“Você é muito gentil por parar”, disse Minerva, fazendo uma reverência. “Eu sou a Srta. Sand e este é... meu irmão. Receio que tenhamos passado por um infortúnio esta manhã. Se você puder nos levar até a próxima cidade, ficaremos muito gratos.”

“Então nós continuamos irmão e irmã?”, murmurou ele enquanto erguia o baú.

“Sim”, ela sussurrou de volta. “Mas não complique. Nada de missionários. Ou de cobras. E, o mais importante, nada de... *você sabe*.”

Ele a examinou de alto a baixo com olhos duros.

“Pode acreditar, você não precisa se preocupar quanto a isso.”

Minerva absorveu o golpe cruel em seu orgulho.

“Coloque seu baú aqui, no compartimento”, orientou a jovem. “Receio que não haja mais espaço em cima. A Cordélia faz questão de levar meia dúzia de caixas de chapéu em cada viagem.”

Depois que Minerva subiu na carruagem e se acomodou no assento com as costas para o condutor, Colin colocou o baú para dentro e o empurrou para o fundo o máximo possível. Finalmente, ele inspirou, como se estivesse se preparando para mergulhar no mar, e entrou, acomodando seu volumoso corpo ao lado dela. Suas pernas quase precisaram ser dobradas duas vezes.

“Pode ir, John!”, a jovem gritou para o cocheiro.

Quando a carruagem entrou em movimento, Minerva percebeu os músculos de Colin ficarem rígidos como ferro. Ela sentiu aquela conhecida pontada de compaixão por ele – mas, na verdade, Colin não tinha ninguém para culpar pela situação a não ser ele mesmo. E a viagem seria curta. Ele sobreviveria.

“Eu sou a Srta. Emmeline Gateshead.” A jovem de boina estendeu a mão e Minerva a apertou. “Esta é minha irmã, Srta. Cordélia Gateshead, e nossa acompanhante, a Sra. Pickerill.”

Minerva cumprimentou, de maneira educada, as três mulheres. Mas ela podia ter poupado o fôlego. A atenção das três jovens ficou instantaneamente fixa em Colin. Nenhuma surpresa nisso. Aquele homem absorvia a atenção das mulheres da mesma forma com que uma esponja suga água.

“E o que leva vocês dois para o norte?”, perguntou a Srta. Gateshead. “Eu não guardei seus nomes.”

“Oh.” Minerva entrou em pânico. “Bem, nós...”

“Não conte! Nós vamos adivinhar”, disse Cordélia, sorrindo. “Vai ajudar a passar o tempo.” Ela voltou seu sorriso na direção de Colin. “Você é um oficial voltando da guerra?”

“Não, senhorita. Não sou herói.”

Minerva teria dito o mesmo alguns instantes atrás. Mas agora ela não tinha tanta certeza. Desde o momento em que eles entraram na carruagem, ela percebeu a tensão no corpo de Colin. Agora seus óculos começavam a embaçar devido à respiração curta dele. Mas ninguém mais na carruagem suspeitava da dificuldade pela qual ele passava. Ele estava aguentando sua tortura em silêncio, como um homem. Talvez até heroicamente.

“Que pena, você ficaria tão bonito de uniforme.” O comentário de Emmeline provocou um pigarro de repreensão de sua acompanhante. “Vocês vêm de Londres?”

“Passamos por lá”, respondeu Minerva. “Mas nossa casa é mais para o sul. No litoral.”

Cordélia ficou sem ar.

“Já sei. Ele é um pirata!” A irmã mais nova desandou a rir.

Emmeline virou a cabeça e observou Colin de soslaio. Uma entonação levemente sedutora se insinuou em sua voz.

“Bem, eu poderia acreditar nisso. Ele tem um ar meio malandro.”

Srta. Gateshead, você não faz ideia.

“Talvez ele seja um espião.” Foi a vez da Sra. Pickerill.

Minerva estava quase explodindo de aborrecimento. Ela não podia aguentar mais as bobagens daquelas mulheres, e o sofrimento silencioso de Colin a preocupava de verdade. Parecia que ele tinha parado de respirar totalmente.

“Por que você não conta a verdade para elas, irmão?” Talvez falar pudesse ajudá-lo. Ele adorava inventar histórias extravagantes. E se ele fosse falar, simplesmente *teria* que começar a respirar.

Ele pigarreou.

“Ah, eu não sei o que dizer.”

A Sra. Pickerill olhou para ele com desconfiança.

“É uma pergunta bastante simples, não é? Nomes, destino.”

“Sim, é claro.” Minerva se apressou em concordar, ao mesmo tempo em que passava seu braço pelo de Colin. “Mas a questão não é quem somos”, ela improvisou. “É quem nós *podemos* ser que complica tudo.”

“E quem vocês podem ser?” A Srta. Cordélia Gateshead se inclinou para a frente em seu assento.

“Conte para elas, irmão”, pediu Minerva. “É tudo tão divertido. E acho que o que nós precisamos agora é de um pouco de diversão.”

Ela apertou discretamente o braço dele. *Estou aqui. Você não está sozinho.*

Ele aquiesceu.

“Bem, vocês sabem... A verdade é que...” Ele pôs a mão sobre a de Minerva. “Talvez nós sejamos da realeza.”

Todas as mulheres na carruagem ficaram de boca aberta, incluindo Minerva. Bem, foi ela quem pediu. Pelo menos, dessa vez não havia cobras nem leprosos.

“Realeza?”, a Srta. Gateshead se empertigou. “Que surpreendente.”

“Nós também ficamos surpresos quando os advogados nos encontraram.” Colin começava a parecer ele mesmo novamente. Aquele homem incorrigível e malicioso. “Há pouco tempo, ficamos sabendo que nosso pai, possivelmente, descendia do Príncipe Ampersand, monarca da Crustácea.”

“Crustácea?”, repetiu Cordélia. “Eu nunca tinha ouvido falar desse lugar.”

“Nem nós!”, exclamou ele. “Nós tivemos que procurar um atlas na biblioteca do nosso pai e tirar o pó dele quando recebemos a carta, mês passado. É um principado muito pequeno, aparentemente. No alto das montanhas, na fronteira entre a Espanha e a Itália. Toda a economia se baseia na exportação de calêndula e queijo de cabra.”

Minerva engoliu uma risada. Qualquer imbecil com um atlas saberia que a Espanha não fazia fronteira com a Itália. E *boa* sorte no cultivo de calêndula no alto das montanhas.

“O que dizia a carta?”, perguntou Cordélia.

“Sabe, alguns meses atrás, uma tragédia atingiu esse pequeno paraíso alpino. Toda a família real crustaceana foi aniquilada por uma doença genética virulenta de febre violeta.”

“Nunca ouvi falar de febre violeta.”

“Nós também não”, disse Colin. “Nós tivemos que vasculhar os livros de medicina do nosso pai, não foi, M?” Ele tocou na mão dela. “É uma doença muito rara, e quase sempre fatal.” Ele estalou a língua. “Uma verdadeira tragédia. Matou o príncipe, a rainha e todas as crianças reais... A menos que eles estivessem dispostos a passar o trono para o sujeito vil, nojento e cheio de verrugas, chamado...” Ele olhou para Minerva. “Sir Alisdair, não é?”

Ela bufou, e Colin continuou:

“Eles tinham que encontrar alguém da linha de sucessão real. Procuraram em todo o mundo e acabaram nos encontrando. Então, estamos indo para o lar ancestral da nossa família, como vê, para recuperar nossos registros de nascimento, a Bíblia da família e tudo mais. Você pode estar olhando para os futuros príncipe e princesa de Crustácea.

“Parece um conto de fadas”, suspirou Emmeline.

Sim, Minerva pensou. Igual a um conto de fadas. Somente asneiras, do início ao fim.

"Ah, não é um conto de fadas", disse Colin. "Não inveje nossa repentina elevação. Caso realmente sejamos da realeza, nossa vida não mais nos pertencerá. Teremos deveres, não é? Teremos que deixar para trás a Inglaterra, nosso lar e nossos amados amigos. E também temos que abandonar a esperança do amor." A expressão dele ficou sombria. "Um príncipe nunca pode esperar encontrar o amor."

As duas irmãs levaram a mão ao coração ao mesmo tempo.

"Não pode?", perguntou Cordélia.

"Não, o príncipe não pode." Com um ar sincera reflexão, ele se inclinou para a frente. "Veja, se eu permanecer pobre, sendo o simples Sr. Colin Sand, de Sussex, eu posso me encantar por uma garota bonita que conheço enquanto viajo. Posso pedir permissão para cortejá-la. Levar algum tempo a conhecendo melhor. Compartilhar com ela meus sonhos, paixões e segredos, e aprender os dela. Posso levar doces e flores." Ele olhou, sonhador, pela janela da carruagem. "Assim como outros homens, eu desfrutei da minha juventude, fiz minhas loucuras. Mas, lá no fundo, eu sempre quis encontrar o verdadeiro amor. Algum dia."

Bom Deus! Ele inventava aquelas histórias de modo tão convincente que até Minerva tinha que se lembrar de que era tudo invenção. Um dia ela fez a besteira de acreditar naquelas mentiras. *Foi simplesmente você, Minerva. Sempre foi você.* Ela ainda podia ouvir a risada de deboche ecoando nas paredes da torre. Dessa vez, pelo menos, seria ela quem poderia rir. As jovens senhoritas Gateshead estavam absolutamente convencidas. Aquele charme era um talento, Minerva tinha que concordar. Vinte minutos na mesma carruagem e as duas jovens e educadas damas estavam completamente enamoradas por aquele príncipe que poderia recusar todas as riquezas do mundo apenas para ter a chance de encontrar o amor verdadeiro. O coração, a alma, os sorrisos e a virtude delas poderiam ser dele com um único olhar fulminante. Elas provavelmente se revezariam para ficar com o "herdeiro da Crustácea". Minerva percebeu, que Colin nunca havia liberado todo o seu potencial de sedutor em Spindle Cove, pelo menos não com Diana. Uma estranha onda de gratidão a tomou de repente.

"Se eu for um príncipe", disse ele, sorrindo daquele modo tímido e convincente – revelando uma covinha, como se esta fosse uma vulnerabilidade secreta que só o amor de uma boa mulher poderia curar – "é claro que cumprirei

meu dever. Vou fazer o meu melhor. Mas, às vezes, eu acho que poderia ser um alívio descobrir que tudo isso é um grande engano.”

A carruagem parou de repente.

“Oh”, exclamou Emmeline, tombando para a frente. “O que foi isso?”

Minerva olhou pela janela pela primeira vez em vários minutos. Aquele trecho da estrada passava por um bosque. Talvez houvesse alguma barreira, ou a estrada estivesse alagada.

Sem aviso, a porta da carruagem foi aberta, só uma fresta. Pela abertura, brilhou o cano de uma pistola.

“Entreguem tudo.”

Capítulo Catorze

Colin quase riu. Não por diversão, mas por ironia. Era realmente, verdadeiramente absurdo que parte dele apreciasse aquela virada nos acontecimentos. Que ele preferisse encarar um bandido armado do que viajar mais um minuto naquela carruagem infernal e sufocante. Nem mesmo suas mentiras extravagantes e a companhia de quatro mulheres conseguia distraí-lo da cabine apertada e do ar abafado demais. Quando a carruagem parou, repentinamente, Colin estava a ponto de explodir. Ele queria sair. Quando viu a pistola, quase implorou: *Por favor, atire em mim. Acabe com o meu sofrimento.*

Até que a pistola foi apontada na direção de Minerva e ele conseguiu raciocinar com clareza. Colin não estava mais em pânico. Ele estava furioso. Ele pigarreou para atrair a atenção do bastardo.

"Se você precisa apontar essa coisa para alguém, aponte para mim."

O bandido fez como ele pedia e jogou uma sacola de lona pela porta aberta.

"Encham a bolsa. Moedas, joias, relógios, anéis. Ponham tudo aí dentro." Um clique terrível ecoou quando ele engatilhou a pistola. "E rápido."

As Srtas. Gateshead se encolheram com sua acompanhante. Colin pegou a sacola de lona no chão. Enquanto ele a abria, falou com as mulheres com o tom de voz mais calmo e tranquilizador.

"Isso tem que ser feito, receio. Vamos fazer o que ele pede e depois seguiremos viagem. Tudo vai ficar bem."

Maldição! Colin sabia que entregar os objetos de valor era a única opção segura e responsável. A não ser pelo canivete escondido em sua bota, ele estava desarmado e em grande desvantagem. Provavelmente o ladrão tinha comparsas que mantinham o condutor e os criados sob a mira de armas. Qualquer ato heroico que Colin tentasse terminaria, sem dúvida, com alguém morto ou ferido. Com quatro mulheres na carruagem, ele não podia arriscar. Ainda assim, detestava ter que ceder. Ele amaldiçoou seu próprio descuido. Por que não levou uma pistola nessa viagem? A resposta era simples. Porque ele não esperava que

realmente fosse *embarcar naquela* viagem. Ele tentou cancelar a coisa toda quando encontrou Minerva na estrada, na primeira manhã. Ele devia ter sido mais convincente.

Com dedos trêmulos, as três mulheres retiraram broches, braceletes, anéis e presilhas de cabelo. Colin tirou as poucas moedas que carregava em seu bolso.

"E ela?" O ladrão apontou a pistola na direção de Minerva.

"Ela não tem joias", disse Colin, colocando-se entre a pistola e o corpo dela.

"E essa bolsa?"

Colin estendeu-lhe a sacola de lona.

"A sua bolsa, Min."

"Mas..." Os olhos escuros dela mostraram seu desespero. "Mas aqui tem todo meu..."

Todo dinheiro dela. Todo dinheiro *deles*. Sim, Colin sabia disso. E pela expressão nos olhos dela, ele percebeu que ela faria alguma coisa muito idiota para salvar o dinheiro, se ele não tomasse conta da situação.

"Ponha aqui", disse ele com firmeza. "Agora."

O rosto de Minerva empalideceu até ficar branco como papel enquanto ela soltava a alça da bolsa do pulso e a depositava na sacola de lona.

"Aí está." Colin empurrou a pesada sacola para o bandido. "Pegue e vá embora. Antes que eu mude de ideia e esmague sua cara infeliz e fedorenta com a minha bota."

"Calma lá." O ladrão apontou sua pistola na direção do anel de sinete de Colin. "Seu anel."

"Ele não sai." Colin demonstrou puxando o anel de ouro. "Se você fizer questão, vai ter que cortar o meu dedo."

As mulheres soltaram uma exclamação frente àquela ideia, o que chamou a atenção do bandido. Debaixo do chapéu de aba larga, olhos atentos vasculharam a cabine.

Ele apontou a pistola para Francine.

"O que há nesse baú?"

"Nada", Minerva se apressou para responder. "Nada mesmo."

Droga. *Resposta errada, querida.* O conteúdo daquele baú não tinha valor para ninguém, a não ser para Minerva. E alguns cientistas empoeirados, talvez. Mas com sua negativa apressada, ela deu a impressão de que o baú estava cheio de dobrões de ouro. Agora o ladrão não desistiria de levá-lo, mas Minerva não o entregaria.

Colin se inclinou na direção dela.

“Min, isso não vale sua vida.”

“Isso é a minha vida. Sem ele, tudo o que fiz não valeu nada.”

“Entregue logo isso”, ordenou o bandido, segurando firmemente a pistola com uma mão e pegando a alça do baú com a outra.

“Não”, exclamou Minerva, segurando a outra alça. “Por favor.”

Colin sentiu o coração apertando dentro do peito. Bom Deus, a garota ia fazer com que a matassem.

“Deixe o baú”, disse Colin. Ele se virou para o bandido. “Deixe o baú e você pode ficar comigo.”

O ladrão torceu o canto da boca.

“Você não faz meu tipo. Mas talvez eu leve o baú *e* a garota. Gosto de mulheres decididas.”

Colin usou todo seu autocontrole para não enfiar o punho na garganta do infeliz. Com ou sem pistola, ele poderia pulverizar o canalha. Ele tinha certeza disso. Mas havia outros, fora da carruagem e ele procurou se lembrar. Um número incerto de homens, quase que certamente armados. Ele não podia arriscar que atirassem nas mulheres.

Colin cerrou os dentes.

“O que essa garota vale pra você? Alguns minutos de diversão? Eu valho uma fortuna em resgate.” Colin mostrou o anel de sinete e enfatizou seu sotaque aristocrático. “Milhares de libras. Deixe que as mulheres sigam, sem serem molestadas, e eu irei com vocês. Sem resistência.”

Ele viu ganância e suspeita nos olhos do ladrão. O homem queria acreditar em Colin, mas não tinha certeza de que podia. E então, no assento em frente, a Srta. Cordélia Gateshead deu a Colin o melhor e mais oportuno presente que ele poderia esperar. A garota juntou as mãos e suspirou.

“Oh, sua alteza real. Vossa excelência não deve fazer isso.”

Muito bem. Aquilo fechou o negócio. Enquanto saía da carruagem, Colin olhou sério para Minerva.

“Escute”, ele sussurrou rápida e decididamente. “Vá até a próxima cidade. Encontre uma estalagem segura e mande chamar meu primo. E fique lá até ele chegar. Está me ouvindo?”

Os olhos dela tremularam de medo.

“Mas Colin...”

“Sem discussão, droga. Faça como estou dizendo. Eu preciso saber que você vai ficar em segurança.”

Ela aquiesceu. Seu lábio inferior tremeu e ele não conseguiu resistir a cobri-

lo com um beijo de despedida, ainda que pouco fraternal.

“Fique com Deus, Príncipe Ampersand”, disse Emmeline Gateshead, chorando em seu lenço. “E com o povo de Crustácea.”

Depois que desceu da carruagem, Colin avaliou a situação. Como suspeitava, o bandido tinha seus comparsas. Dois que ele podia ver, armados. Um homem robusto segurava as rédeas dos cavalos e apontava uma pistola para o condutor. O terceiro, jovem e magro, ficou vários metros atrás, e segurava um mosquete engatilhado contra o ombro.

O primeiro bandido empurrou Colin com a pistola.

“Ei, rapazes, vejam o que eu consegui! Um príncipe.”

“Ele não parece um príncipe. Tem dentes demais.”

“Seja quem for, vamos tirá-lo da estrada.” O homem robusto soltou as rédeas e acenou para o condutor.

A carruagem das Gateshead chacoalhou e entrou em movimento, e Colin ficou feliz ao ver as quatro – cinco, se incluísse Francine – mulheres inocentes indo embora. Ele inspirou profundamente pela primeira vez desde que entrou naquele caixote maldito alguns quilômetros atrás. Com Minerva em segurança ele podia enfrentar o que viesse a seguir. Se ela tivesse sido ferida, Colin não aguentaria o remorso. Ainda com a pistola enfiada nas costas de Colin, o bandido o empurrou para a floresta.

“Meu primo é o Conde de Rycliff”, disse Colin enquanto o grupo passava por cima de samambaias e aveleiras podadas. “Ele é o administrador da minha fortuna. Enviem-lhe uma carta selada com isto” – ele mostrou seu anel de sinete – “que ele providenciará o resgate que vocês exigirem.”

Possivelmente. Ou seu primo poderia lhes responder com uma carta dizendo “Vão em frente e façam-me esse favor: enviem o malandro para o inferno.” Dependeria do humor de Bram no dia. Mas isso não era importante, pois Colin não tinha intenção de continuar sob custódia daqueles vagabundos por muito tempo. Aqueles eram ladrões de estrada, não especialistas em sequestro. Eles provavelmente vacilariam e lhe dariam uma chance de escapar. Talvez antes mesmo do fim daquela manhã. Ou talvez não...

Depois de terem entrado na floresta, seu sequestrador o virou. Ele acertou Colin no rosto com a pistola. O golpe fez sua cabeça virar para o lado, e seu cérebro foi parar em algum lugar cintilante e muito doloroso. Os três homens o rodearam.

“Príncipe, é?” O bandido robusto fechou o punho. “Não espere de nós nenhum tratamento real.”

Colin se endireitou. Graças aos anos de pugilismo no clube, ele sabia como absorver alguns golpes. Ele também sabia que não poderia enfrentar três homens armados apenas com os punhos. Mas ele não iria se acovardar nem implorar.

“Na verdade, não sou príncipe. Sou um visconde. Se é que isso ajuda.”

Não ajudou. Mas fez com que ele merecesse outro soco, dessa vez na barriga. E assim, quando a manhã terminou, Colin ainda não havia encontrado uma oportunidade de escapar. Ao contrário, ele se viu espancado, ensanguentado e amarrado a uma castanheira. Encarando o cano de uma arma.

Capítulo Quinze

Estava um belo dia para a prática de tiro ao alvo. Ameno, ensolarado. Sem muito vento. Kate Taylor engatilhou sua pistola e olhou o alvo à distância. Lições semanais de tiro eram legado da Srta. Susanna Finch, filha de um aristocrata armeiro e madrinha de Spindle Cove. Ela acreditava que toda mulher devia saber como se defender. Susanna se casou com Lorde Rycliff no ano anterior e mudou-se para Londres com o marido. Assim, Kate assumiu a responsabilidade pela programação de atividades das mulheres.

Às segundas-feiras elas faziam caminhadas pelo campo. Os banhos de mar das terças-feiras estavam suspensos até o verão, é claro, mas às quartas-feiras elas se dedicavam à jardinagem. E às quintas... *Bangue!* Quinta-feira era o dia de prática de tiro em Summerfield, a propriedade dos Finch. Sir Lewis Finch sempre recebia muito bem as mulheres, oferecendo-lhes suas melhores armas e refrescos. Era óbvio que aquele homem idoso sentia muita falta da filha, e assim procurava se consolar recebendo as amigas dela. Kate achava ótimo estar em uma casa de família. Mesmo que não fosse a dela. Ela adorava absorver a sensação de uma história comum, retratos antigos e memória afetiva.

Charlotte Highwood puxou a manga de Kate.

“Srta. Taylor, olhe. Não é a milícia?”

Kate olhou para o meio da campina, onde a outra apontava. De fato, os membros da milícia local vestiam uniforme completo e marchavam em formação. Diretamente na direção delas, ao que parecia. Estranho...

“Eu não sabia que eles tinham treinamento hoje”, disse Diana.

“Nem eu.” E mesmo que tivesse, por que estariam marchando ali, na direção da casa de Sir Lewis Finch?

“É como se fosse uma simulação de batalha.” Charlotte ficou entusiasmada. “Mulheres contra homens. Podemos entrar em formação também? Fixar baionetas e atacar?”

“Boba.” Diana puxou o cabelo da irmã.

Conforme a fileira de homens de vermelho se aproximava, Kate reconheceu o Cabo Thorne na liderança. Não era difícil identificá-lo. Ele era vários centímetros mais alto que a maioria dos homens. Seus ombros eram quase duas vezes mais largos. E sua atitude era mil vezes mais antipática.

“Senhoras”, exclamou Kate, procurando manter a voz calma. “Baixem as armas, por favor. Parece que os homens querem discutir alguma coisa.”

Com um comando, Thorne fez com que seus homens parassem. Mais uma ordem ríspida, e eles formaram uma única linha, de frente para as mulheres. Ele se aproximou de Kate, que se sentiu pouco à vontade, sua postura encolhendo sob aquela sombra enorme, que bloqueava completamente o sol. Ela detestava o efeito que Thorne exercia sobre ela. Por quê? Ele não gostava de ninguém, por que Kate deveria se importar com isso? Por que ela permitia que ele a fizesse se sentir tão pequena e indefesa?

“Cabo Thorne”, disse ela, acenando com a cabeça ao invés de fazer uma reverência. “A que devemos esta... interrupção?”

“Eu pretendo conduzir um inquérito. Com suas mulheres e meus homens. Eu quero saber se alguém tem motivos para acreditar que a Srta. Highwood e Lorde Payne estavam...”

“Apaixonados?”, concluiu ela.

“Envolvidos, de alguma forma.”

Kate deu de ombros.

“Eu acredito que o simples fato de eles terem fugido juntos serve como uma grande evidência do envolvimento dos dois, Cabo Thorne.”

Ele balançou a cabeça.

“Isso não está certo. Alguma coisa não está certa...”

“A Sra. Highwood disse que...”

“Eu sei disso, Srta. Taylor. Não sou idiota.”

“Eu não disse que era.”

“Eu sei o que a Sra. Highwood falou”, disse ele, “e decidi não levar em conta. Na ausência de Lorde Payne, eu estou no comando da milícia. E isso significa que sou o responsável pela segurança deste lugar e de cada homem, mulher e criança por aqui. Incluindo a Srta. Minerva. Se a saúde, a felicidade ou a virtude dela estiverem em perigo, é minha responsabilidade trazê-la para casa. Em segurança.”

“E se ela não estiver em perigo, mas apenas querendo se casar, feliz?”

“É para descobrir isso que estou aqui.”

Ele deu alguns passos para trás e falou em voz alta.

“Vou falar com cada um dos homens, e depois com cada uma das mulheres. Vou fazer a mesma pergunta a cada um de vocês. Antes que os dois desaparecessem, vocês tinham alguma razão para acreditar que Lorde Payne e a Srta. Minerva Highwood estavam...”

“Apaixonados”, Kate terminou a frase para ele mais uma vez. “Você parece ter um problema com essa palavra, cabo. Ou é um problema com o conceito?”

Ele não respondeu.

“Eu não entendo esse homem”, murmurou Kate para Diana. “Ou ele tem pedras na cabeça ou uma rocha no lugar do coração.”

“Duvido.” Diana sorriu. “Se esse fosse o caso, Minerva teria se apaixonado por *ele*, não por Lorde Payne. Ela adora rochas e pedras.”

O Cabo Thorne parou diante do Sr. Fosbury, proprietário do Touro e Flor.

“Fosbury.”

“Sim, senhor.”

“Antes que eles desaparecessem, você teve alguma razão para acreditar que Lorde Payne e a Srta. Minerva tivessem afeição um pelo outro?”

O Sr. Fosbury riu.

“Aqueles dois? Não, senhor. Essa foi uma surpresa e tanto.”

Thorne passou ao próximo, o ferreiro.

“Dawes. Mesma pergunta.”

O homem deu uma olhada na direção das mulheres.

“Não, Cabo Thorne. Pelo que eu vi, diria que ele sentia atração pela Srta. Diana. E tenente ou não, acho que ele é um verdadeiro bastardo por iludir a moça. Se você for atrás dele, peço permissão para participar da perseguição.”

“Bem, isso é... gentil da parte dele, acho eu”, murmurou Kate para a amiga. “Ainda que desnecessário.”

Diana não respondeu.

O Cabo Thorne continuou interrogando cada um de seus homens. O vigário, alguns agricultores. Após a oitava negativa convicta, Thorne deu um breve olhar convencido para Kate. Um olhar que dizia: *Eu lhe disse.* Ela simplesmente respondeu arqueando as sobrancelhas.

“Hastings”, rugiu ele para o próximo homem, um pescador. “Antes de eles fugirem, você teve algum motivo para acreditar que Lorde Payne e a Srta. Minerva Highwood estivessem envolvidos?”

Hastings endireitou os ombros.

“Eu tive, senhor.”

Thorne parou no mesmo instante. Ele já estava se dirigindo ao próximo

miliciano, mas com a resposta de Hastings, se virou. Apenas a cabeça, não o corpo. O movimento pareceu ameaçador e pouco natural para Kate.

“O que disse, Hastings?”, perguntou ele.

Hastings pareceu ficar nervoso.

“Eu... eu disse que sim, senhor. Tive um motivo para acreditar que os dois estavam envolvidos.”

“O quê? Por quê? Como assim?”, ele disparava as perguntas como bolas de canhões.

Kate riu, nervosa.

“Uma pergunta de cada vez, cabo. Deixe o homem responder.”

Oh, e que olhar ele deu para ela. Foi uma ameaça sombria e assustadora. Bem, Kate devolveu o olhar. Ela não era um de seus soldados para estar submetida à disciplina dele. Mesmo sem fortuna ou família, ela era uma dama. Thorne não tinha nenhuma autoridade sobre ela. Kate escondeu a mão atrás do corpo, para que ele não visse que tremia.

Hastings recuperou a voz.

“Eu vi os dois juntos na enseada. Alguns dias atrás, quando saí com minhas redes pela manhã. A Srta. Minerva usava traje de banho, e Lorde Payne ficou só com a roupa de baixo.”

“Foram nadar?!”, exclamou Diana. “Em abril?!”

“Eu não sei o que eles fizeram depois. Só sei o que eu vi.” Hastings deu de ombros. “E quando eu voltei, algumas horas depois, eles estavam indo embora.”

“Eu sei que ainda não é minha vez”, disse Rufus Bright, no fim da fila, “mas eu também vi os dois juntos.”

“Quando?”, Kate e Thorne falaram em uníssono, para espanto mútuo.

“Na outra noite, quando eu estava de guarda no castelo. Algum tempo depois...” Rufus olhou de relance para as mulheres e ajeitou seu colarinho. “Algum tempo depois da meia-noite, eu vi a Srta. Minerva saindo dos aposentos de Lorde Payne. Sozinha.”

Charlotte guinchou, e então cobriu a boca com as duas mãos. Diana tentou acalmar a irmã.

“Por que você não disse algo naquela noite?” Thorne quis saber. “Você a deixou caminhar de volta para casa, sem proteção?”

“Bem, o senhor tem que admitir que não foi a primeira vez que ele recebeu uma mulher depois de escurecer.”

Oh, bom Deus. Kate deu um passo à frente.

“Cabo Thorne, não acha que já basta? Você queria provas. E acredito que

Hastings e Rufus lhe deram amplas evidências. Agora nós podemos encerrar essa inquisição pública, antes de desenterrarmos mais detalhes que se mostrem desnecessariamente constrangedores para a família Highwood?

O homem soltou lentamente a respiração.

“Você acredita que Colin se casará com ela.”

“Eu acredito”, respondeu ela.

“Bem, você está certa quanto a isso. Ele *vai* se casar com ela. Vou me certificar disso. A única questão é se ele irá fazê-lo de boa vontade ou se casará quando voltar”, o cabo estalou o pescoço, “sob a mira da minha pistola.”

Capítulo Dezesseis

Que Deus o proteja da incompetência.

Sentado no chão da floresta, os braços dobrados para trás e amarrados ao redor do tronco de uma castanheira, Colin sentiu uma pontada de saudade da milícia de Spindle Cove. Ela era formada por um triste grupo de voluntários, no começo, quase incapazes de marchar em sincronia, mas aquele bando de ladrões de estrada fazia com que a milícia parecesse uma unidade veterana de infantaria. Primeiro os ladrões discutiram por mais de meia hora se deviam acreditar que ele era príncipe, visconde ou impostor. Depois discutiram pelo mesmo tempo sobre o que fazer com ele. Colin, é claro, tinha muitas sugestões – e cada uma delas fez com que merecesse outro golpe no rosto. Até então aqueles criminosos mostraram habilidade apenas em uma coisa: dar nós.

Finalmente, eles decidiram ir falar com o líder, uma espécie de chefe da quadrilha de ladrões. E assim, eles amarraram Colin à castanheira e deixaram o comparsa mais novo, e que também parecia ser o mais nervoso, tomando conta dele. O jovem ficou a cerca de três metros de distância, mantendo a pistola apontada para o peito de Colin. Não era o garoto com a arma que preocupava Colin, eram as cordas que o prendiam à árvore. Ele detestava se sentir confinado, e não suportava estar preso a nada. *Fique calmo. Você vai ser solto. Mais cedo ou mais tarde.* Ele era valioso demais para ser morto. Mas enquanto ficasse amarrado ali, prisioneiro da indecisão dos ladrões, mais demoraria para a notícia de sua captura chegar a Bram. E mais tempo Minerva ficaria sozinha e sem nenhum tostão. Pensar nela sozinha, assustada e com fome em uma vila estranha... fazia com que Colin tremesse de raiva diante de sua impotência. Ele forçava seus pulsos contra as cordas que o queimavam. *Chega de paciência.* Não podia mais esperar. Ele tinha que fugir.

“Ei, você?”, Colin chamou *seu* guarda, tentando aparentar tranquilidade.

“O que foi?”

“Por que eles deixaram você a cargo de um refém valioso? Você parece não

ter idade nem para se barbear.”

“Vou fazer dezenove anos no verão.” O ladrão coçou o rosto. “Acho que Grubb e Carmichael queriam eles mesmos contar para o chefe. Provavelmente os dois estão brigando agora por causa disso, para ver quem vai contar.”

“Ah.” Colin inclinou a cabeça. Atrás da árvore, ele puxava as mãos das cordas que prendiam seu punho. Mas as amarras não afrouxavam. Maldição, se ele pelo menos pudesse alcançar o canivete na bota...

“Então”, disse ele, “esses dois... Grubb e Carmichael... eles querem a glória para si...”

“É o que eu acho.”

“E eu acho que você tem razão.” Colin concordou com a cabeça. “Muito astuto. Mas sabe, você não deveria ter me dito o nome deles.”

O jovem arregalou os olhos e praguejou.

“Não se preocupe”, disse Colin, “tenho certeza de que Grubb e Carmichael não vão matar você.”

Ele agitou a pistola na direção de Colin.

“Não... não... não diga mais esses nomes.”

“Bem, eu não posso simplesmente esquecê-los, posso?”

O jovem ficou em pé.

“Você vai esquecer se eu atirar em você.”

“Mas aí você vai ficar em uma situação muito pior. E quando Grubb, Carmichael *e* esse chefe voltarem e virem que você matou o refém valioso?” Colin assobiou baixo. “Você não irá durar muito tempo.”

As mãos do ladrão começaram a tremer.

“Eu não concordei com isso. Era para eu ser só o vigia enquanto eles faziam o roubo.”

“Não”, disse Colin calmamente. “É claro que você não concordou com isso. Sequestrar um nobre? Não tem a sua cara.”

“Não tem mesmo, certo? Eu só queria uns tostões para levar minha namorada à feira.”

“Comprar uma lembrança para ela, deslizar sua mão por baixo de sua saia...”

“Exatamente.”

Colin fez uma pausa.

“Vou lhe dizer uma coisa”, disse ele depois. “Sabe estas botas que estou usando? Você pode vendê-las por um bom trocado em qualquer cidade. Se me desamarrar, pode ficar com elas. Vá embora, ganhe seu dinheiro, leve sua namorada à feira. Quando as autoridades vierem procurar Grubb e Carmichael –

e, acredite em mim, eles serão enforcados – você já estará longe. E esquecido. Eu nem sei seu nome."

O jovem olhou desconfiado para ele, aproximando-se lentamente.

"Eu tenho uma ideia melhor. E se eu só pegar suas botas e deixar você aqui?"

Uma pontada de medo acertou alguma artéria vital de Colin. Sua compostura sangrou em jatos violentos. Apenas a ideia de ser deixado sozinho, amarrado a uma árvore... com a noite chegando... Ele preferiria pedir àquele homem que atirasse nele. Em vez disso, Colin fechou os olhos. *Fique calmo. Isso era o que você queria. O que você sabia que ele iria fazer.*

Ainda segurando a arma com uma mão, com a outra, o jovem começou a puxar a bota esquerda de Colin.

"Você nunca vai conseguir tirá-la dessa forma", disse Colin, forçando um tom de voz tranquilo, apesar do suor que escorria por sua nuca. "Você pode colocar a arma de lado. Não há nada que eu possa fazer, amarrado deste jeito."

Depois de mais alguns segundos fazendo força, o ladrão soltou um palavrão e fez como Colin sugeria, deixando a pistola de lado e forçando a bota com as duas mãos. Finalmente, ela deslizou produzindo um estalo. Jogando a primeira bota de lado, ele começou a tirar a outra.

"Devagar, por favor", brincou Colin. "Cuidado com as minhas juntas, eu já tenho idade."

Na verdade, Colin não ligava nem um pouco para suas juntas. Ele estava apostando tudo naquele pequeno canivete escondido em sua bota direita. Se ela escorregasse para um lugar que ele pudesse alcançar... se o bandido não o visse... e se ele pudesse, de algum modo, passar o canivete para as mãos... em questão de minutos estaria livre. Mas se qualquer uma dessas coisas desse errado, ele permaneceria amarrado ali. Sabe-se lá por quanto tempo. Talvez, até de noite. Até a escuridão tomar conta. Até que a sede e a fome ganhassem vida e se tornassem demônios, que o torturariam incessantemente. Até que aparecessem os cães selvagens. *Jesus. Por favor, Deus, não*. Seu coração martelava no peito.

Quando o jovem ergueu sua perna e puxou a bota, Colin contraiu o músculo da perna, puxando o rapaz para perto. Ele tinha que manter o canivete ao seu alcance, quando ele caísse. Se a coisa saísse voando quando a bota fosse tirada...

"Calma", disse ele entredentes. Ele podia sentir que a bota começava a sair.

Um estalo. Um ruído fraco na grama chamou sua atenção. O bandido não reparou. Ele estava muito absorto em sua luta com a bota. Mas Colin desviou o olhar para o lado e o que enxergou fez parar seu coração acelerado. Minerva! Minerva Highwood, em seu vestido azul-real de viagem, emergia lentamente da

vegetação. Rastejando na direção deles, furtiva como um gato, ela pretendia pegar a pistola deixada de lado. Ela levou um dedo aos lábios, pedindo silêncio a Colin. Ele arregalou os olhos. *Não,* ele fez com a boca. *Não. Vá embora.* Ela se aproximou mais. Seu pé fez um galho estalar. Dessa vez, o ladrão percebeu. Ele ergueu a cabeça e olhou na direção de Minerva. Com um uivo assustador, Colin usou toda sua força e o chutou no rosto. Usando as pernas, Colin agarrou o homem pelo pescoço.

"Eu sei que você está pensando", disse ele, a voz tensa pelo esforço. "que ela é apenas uma inocente garota de óculos e não sabe como disparar uma arma. Mas você está errado. Ela foi treinada." Colin ergueu a voz. "Min, mostre para ele. Atire naquela bétula ali adiante."

"Eu não vou atirar numa árvore! Vou desperdiçar o tiro e não tenho mais pólvora. Então o que eu vou fazer? Sério, Colin?"

"Está vendo?" Colin disse para o homem que sufocava. "Ela sabe o que está fazendo." Ele soltou o ladrão com um último chute a meia força no rosto. "Sem movimentos bruscos."

Minerva fixou a mira e a pistola.

"Devo atirar nele?"

"Não. Há um canivete na minha bota direita. Pegue-o, por favor."

Mantendo a pistola apontada para o ladrão, ela foi se deslocando de lado até alcançar a bota. Minerva encontrou o canivete, abriu-o com uma mão e o segurou como uma adaga.

"Muito bem", disse ela, encarando o bandido. "Onde eu o esfaqueio?"

Onde eu o esfaqueio? Colin olhou para ela, espantado. O cabelo dela estava meio solto, caindo em cachos por seus ombros. Os olhos dela brilhavam com intensidade selvagem. Seus lábios carnudos curvavam-se em um rosnado. Ele já tinha visto aquele olhar selvagem no rosto dela. Em Spindle Cove Minerva havia derrubado um homem com uma bolsa cheia de pedras, e certa vez desafiou Colin para um duelo. Ela adotava aquela expressão furiosa quando pensava que sua irmã estava em perigo, ou uma de suas amigas. Até mesmo Francine. Mas essa era a primeira vez que ela demonstrava sua fúria para defender *Colin*. Espantoso. Ela nem mesmo deveria estar ali. Mas estava, por ele. Disposta a atirar em um homem, ou esfaqueá-lo, em sua defesa. E ela estava incrivelmente linda.

"Não o esfaqueie, querida", disse Colin suavemente. "Use o canivete para me soltar."

"Ah. Ah, é." Uma risada inebriada escapou de sua garganta. "Acho que isso faz mais sentido."

Após alguns minutos cortando as cordas, ela conseguiu libertá-lo. Colin pegou a pistola assim que pôde, e imediatamente a usou para golpear o rosto do ladrão, deixando-o inconsciente. Ele retirou o polvorinho e as balas reservas de chumbo do corpo inerte do homem.

Colin se virou para Minerva.

“Rápido, precisamos estar longe quando ele acordar.”

“Oh, Colin. Eles bateram em você.” Ela pegou um lenço no bolso e enxugou o canto ensanguentado da sua boca, fazendo uma careta.

“Isso não é nada.”

“E o nosso dinheiro?”, perguntou ela, olhando em redor.

“Os outros ladrões levaram.”

“Oh. Pelo menos ainda tenho algumas moedas. Estão guardadas no forro do meu espartilho.”

“Bem”, murmurou ele enquanto enfiava o pé esquerdo na bota. “Você é cheia de truques.”

“Você parece chateado.”

“Eu estou chateado.” Ele se pôs de pé e começou a caminhar na direção de onde Minerva veio. Eles precisavam ir embora dali o quanto antes. “Não consigo acreditar que você esteja aqui. Minerva, eu lhe dei instruções específicas para ir até a próxima cidade. Onde você estaria em segurança.”

“Eu sei. Mas eu fiz a Srta. Gateshead me deixar sair uns quatrocentos metros mais adiante. Eu...” Ela agarrou o pulso dele. “Eu não podia abandonar você.”

Ele se virou e a encarou. Deus, ele nem sabia como se sentir. Aliviado por estar livre? Furioso com ela, por ignorar suas ordens? Inundado por um sentimento de gratidão, por ver Minerva bem e em segurança, ali com ele? As emoções que fervilhavam dentro dele eram uma mistura de todos esses sentimentos. Ele sabia uma coisa. Não ousaria tocar nela naquele momento. Fosse para chacoalhá-la por desobedecer suas ordens, para agarrá-la e chorar de gratidão em seu vestido ou para amá-la no chão da floresta até suas bolas secarem... Ela ficaria magoada de um jeito ou de outro. O que tornaria toda aquela provação uma inutilidade.

“Espere.” Quando eles saíram da pequena clareira, Minerva o chamou de lado. “Meu baú está aqui. Eu o escondi debaixo de umas folhas.”

“Você trouxe a Francine?”

Então foi por isso que ela demorou tanto para aparecer.

“Bem, eu não podia deixa-la para trás.” Ela se ajoelhou na relva e começou a afastar folhas e galhos de cima do baú escondido. “Não depois do que você fez

para salvá-la.”

“Depois do que eu fiz para... para salvar *Francine*?” Ele se agachou do lado dela, ajudando na escavação. “Você é uma garota inteligente, Min. Mas às vezes pode ser incrivelmente tonta. Eu não daria duas raspas de unha para salvar esse maldito pedaço de gesso. Muito menos arriscaria minha vida.”

“Mas os quinhentos guinéus...”

“Pode acreditar, nem por cinco *mil* guinéus eu ficaria sentado e amarrado a uma árvore desse jeito. Eu nunca teria ido com aqueles bandidos se você não tivesse me forçado a isso.”

“*Eu forcei você?*” O tom de voz dela subiu uma oitava. “Eu não forcei nada. Eu tive vontade de esganá-lo quando se ofereceu. Fiquei com tanto medo.”

“Bem, ou eu me oferecia ou ficava ali, assistindo o seu assassinato. Você é quem estava arriscando a vida para salvar esse maldito lagarto, por isso eu intervi. Você acabaria sendo morta. Ou coisa pior.”

“Então você fez isso por mim?”

“Minerva.” Ele começou a erguer a mão para tocá-la, mas pensou melhor. Em vez disso, simplesmente fez um gesto de impaciência. “Você não me deixou alternativa.”

“Sinto muito.” Ela levou a mão ao cabelo. “Sinto ter colocado você nessa situação. É só que... o trabalho da minha vida está nesse baú. É minha única chance de obter o reconhecimento da sociedade científica, minha única chance de sucesso. Eu já arrisquei tanto por ele. Quando aquele bandido tentou tirá-lo de mim, eu não pensei, eu só... reagi.” Fungando, ela levantou os olhos para ele. “Você consegue entender?”

“Ah, claro. Eu entendo. O que está nesse baú é o trabalho da sua vida, e eu sou apenas o sujeito inútil que está viajando com você esta semana. É claro que a segurança de Francine vem em primeiro lugar.”

“Não.” Ela balançou negativamente a cabeça com tanta força que seus óculos ficaram tortos. “Isso não é justo. Você está distorcendo minhas palavras. Escute, Colin. Naquele momento de desespero, na carruagem, eu posso ter arriscado minha vida para salvar este baú. Mas você tem que acreditar em mim quando lhe digo que eu não pretendia arriscar sua vida. Foi por isso que eu voltei.”

Ele aquiesceu lentamente. Era difícil continuar discutindo quando ela explicava daquela forma. Sério... o que ele poderia dizer? Admitir que havia nutrido uma absurda fantasia masculina em que ela corria pela floresta para salvá-lo, o cabelo esvoaçando atrás dela, os seios pulando a cada passo... auxiliada por pássaros canoros que cantavam as orientações para ela o

encontrar... simplesmente porque ela sabia que Colin precisava de ajuda? Porque no momento em que a carruagem das Gateshead se colocou em movimento, ela percebeu que a ciência não significava nada para ela – absolutamente nada – sem ele. E agora Minerva deveria cair a seus pés e implorar para ser sua escrava de lábios carnudos para todo sempre? Não! É claro que não... ela tinha voltado porque era necessário para seus objetivos, e também era a coisa certa a ser feita. Ela era determinada e leal, como sempre foi. Nada havia mudado entre eles. Maldição.

Ele ficou em pé e pegou uma das alças do baú.

“Nós precisamos ir embora. O garoto que eu apaguei não virá atrás de nós. Ele vai estar muito ocupado salvando a própria vida. Mas quando seus comparsas perceberem que eu sumi...”

“Oh, céus.” Ela ergueu seu lado do baú. “Eles virão atrás de nós.”

Capítulo Dezessete

Colin e Minerva caminharam muito pela floresta, carregando Francine entre eles. Pela posição do sol às suas costas, Minerva pôde deduzir que eles viajavam para o norte. Como não haviam atravessado nenhum grande rio ou mar, ela supunha que eles continuassem em solo inglês. Mais do que isso ela não saberia dizer. E também não tinha certeza do que Colin sabia. Céus, não foi na manhã daquele mesmo dia que ela parou do lado da estrada e declarou que não podia dar nem mais um passo? Colin insistiu que ela possuía força dentro de si, e a incomodava admitir que ele estava certo. Ela havia caminhado quilômetros e quilômetros, sem comer nada desde o jantar da noite passada. Continuar pondo um pé na frente do outro exigia todo seu poder de concentração. A fome a perseguia a cada passo, e a roía por dentro.

"Minha nossa." Colin parou, de repente. "E eu aqui pensando que odiava o campo."

Minerva olhou para cima. Eles haviam entrado em uma clareira. Uma campina ampla e gramada, no meio da floresta. Toda aquela clareira estava acarpetada de jacintos. Milhares e milhares de talos verdes e curvos, com flores azuis pendendo na ponta. A luz do sol vinha pelas frestas das árvores, iluminando as flores em diferentes ângulos. A cena toda cintilava. Foi um momento mágico.

"Mesmo eu", disse Colin, "exausto como estou, tenho que admitir que isso está lindo."

Minerva estava tão faminta que só conseguiu pensar em uma coisa.

"Você acha que isso é comestível?"

Ele riu. Ela sorriu. E assim o humor dos dois melhorou. Os bandidos tinham ficado para trás. Eles estavam bem e Francine continuava com eles. O estômago dela podia estar vazio, mas um sentimento de esperança encheu seu peito. Talvez tudo não estivesse perdido.

Enquanto eles caminhavam pela clareira, ela teve a sensação misteriosa de

caminhar sobre ondas. Só que aquele era um mar de pétalas, não de água salgada. Seu dedo enganchou em um galho caído e Minerva tropeçou.

“Você está bem?”, perguntou Colin.

Ela aquiesceu.

“Eu só me distraí imaginando quanta greda tem nesse solo.”

“Quanta o quê?”

Ele pôs seu lado do baú no chão e Minerva fez o mesmo.

“Você sabe”, disse ela. “Greda. Uma mistura de argila e areia. Para que o solo suporte tantos jacintos, ele teria que...”

“Você está no meio *disto*” – ele abriu os braços para indicar o esplendor da natureza – “e está pensando em quanta *greda* tem no solo? Você passa tempo demais olhando para o chão.”

Colin rodeou o baú e se aproximou dela. Usando sua força com delicadeza, ele a ergueu e a deitou sobre os jacintos. Minerva ficou deitada de costas, ofegante e tonta pela inversão súbita... e proximidade dele. Ele deitou ao lado dela.

“Pronto. Descanse um pouco. Olhe para o céu, só para variar.”

Esticada sobre o chão desnivelado, Minerva olhou para cima. Ela podia ouvir o som do seu coração pulsando em seus ouvidos, e o aroma das flores esmagadas engolfou seus sentidos. A grama e os jacintos erguiam-se acima dela, oscilando na brisa suave e derramando encanto pela vegetação. Acima de tudo, o céu pairava sobre eles azul e radiante. Quase sem nuvens, a não ser por alguns tufos brancos que ficavam mudando de forma e eram, aparentemente, orgulhosos demais para imitar coelhos, dragões ou navios a vela.

“O que eu deveria estar vendo?”, perguntou ela.

“Sei lá... O que as pessoas veem quando olham para o céu? Inspiração? Beleza?” Ela o ouviu suspirar. “Verdade seja dita, esta vista sempre me intimidou. O céu é tão vasto. Não consigo evitar sentir que ele tem expectativas comigo. Expectativas que estou frustrando.” Colin ficou em silêncio por um longo momento. “Ele me lembra os seus olhos.”

Minerva o cutucou com o cotovelo.

“Meus olhos são castanhos. E minhas costas estão ficando úmidas. Definitivamente, este solo é muito rico em greda. Eu precisava olhar para o céu para perceber isso.”

Rindo, ele rolou de lado e a prendeu com uma perna.

“Você sabia que é a mulher mais surpreendente que existe?”

A respiração dela ficou suspensa.

“Você também vive me surpreendendo. Nem sempre de modo agradável.”

“Se as surpresas fossem sempre agradáveis, não seriam tão surpreendentes.”

“Acho que isso é verdade.”

Ele afastou alguns fios de cabelo do rosto dela, tirou os óculos de seu rosto e os colocou sobre o baú. O pulso de Minerva acelerou quando ele baixou lentamente a cabeça e beijou... a ponta de seu nariz. Ela piscou, tentando focar o rosto dele e entender sua expressão. Aquele foi um gesto carinhoso ou provocador? Ela não sabia dizer.

“Por que você fez isso?”

“Porque você não estava esperando. Que tipo de surpresa foi? Agradável ou não?”

“Não sei dizer.”

“Então vou tentar de novo.”

Ele baixou a cabeça e a beijou na testa. Depois no queixo, no rosto, no lugar entre as sobrancelhas. Sua língua brincou na orelha dela. Desceu pelo pescoço. Mergulhou no vale quente e sensível entre os seios. Ela suspirou.

“Colin...”

Ele a agarrou pela saia e trouxe seu quadril de encontro ao dele.

“Min”, ele gemeu em seu pescoço. “Eu sei que é loucura, mas preciso disto agora. Aqui mesmo, no meio de toda essa beleza. Eu preciso sentir você quente e viva debaixo de mim.”

Quando ele se curvou para beijá-la na boca, Minerva pôs a mão em seu peito.

“Acho que essa não é uma boa ideia.”

Colin passou a mão pelo corpo dela.

“A noite passada não foi boa?”

Memórias nebulosas daquele prazer frenético, imoral e chocante, a tomaram de surpresa. Ela sentiu a umidade entre as pernas – o que não tinha nenhuma relação com o solo.

“Foi muito boa. Mas também confusa.”

“Isto não tem que ser complicado.” Ele envolveu seu seio com a mão e passou o polegar pelo mamilo, fazendo com que ficasse tenso. “É algo físico. Instintivo. Para aliviar a tensão de um modo mutuamente prazeroso.”

Ele plantou beijos ao longo de seu pescoço, e flores de desejo nasceram de cada um. Ainda assim...

“Eu não sei...” Ela perdeu a fala com outro beijo ansioso. “Eu não sei se me sinto à vontade em ser o instrumento do seu alívio.”

“Você faz isso parecer algo tão unilateral. Eu prometo que você também vai

gostar.”

Ela não duvidou disso. A mão dele entrou pelo decote de seu vestido e ele deslizou os dedos por baixo do tecido para envolver seu seio. Com habilidade e experiência, ele libertou a esfera macia.

“Deus”, ele suspirou, circulando o mamilo nu com a ponta do dedo. “Você é tão macia. Tão quente, macia e doce.”

Ele tomou o mamilo com a boca. Colin gemeu, puxando levemente a pontinha com uma sucção deliciosa, para depois rodear o pico com a língua. Minerva ficou tonta com as intensas sensações. O modo como ele a tocava, beijava, lambia e chupava... era tão gostoso. O prazer era tão agudo que a fazia sentir uma dor por dentro. Era impossível sentir aquilo e não desejar mais. Mas Colin não era o único que tinha princípios. Ele não era o único que podia fazer regras. Ela não podia simplesmente ficar recebendo “lições” ou fingindo. Ela só queria aquilo se fosse *real*. Ele introduziu uma perna no meio das dela.

“Tem tanto fogo dentro de você, Min. Um talento natural para a paixão.”

Um talento para paixão? *Ela*?

“Mesmo que fosse verdade”, disse ela, “veja aonde isso me levou. Fui posta para fora de uma carruagem, roubada em outra. Perdida na floresta. Faminta, quase sem dinheiro.”

“Isso trouxe você até *aqui*. Na mais bela tarde que já agraciou o interior da Inglaterra. Refestelada sobre um tapete exuberante de jacintos, olhando para um céu azul de doer.”

“Com você.”

“Comigo.”

Eles ficaram em silêncio por algum tempo. Então ela sentiu a atitude dele mudar. Os músculos do peito de Colin ficaram tensos sob a mão dela. Seu tom mudou.

“Entendo”, disse ele, retirando os dedos do seio dela. “Então esse é o problema. Não é o ambiente, nem a noção de prazer. Sou eu. Você acha que está aqui com o homem errado.”

“Colin...”

Ele rolou para longe dela.

“Você preferiria estar aqui com outra pessoa. Alguém como Sir Alisdair Kent. Falando de greda e composição do solo, e negando a parte de você que gritou meu nome na noite passada.”

Enrubescendo, ela enfiou o seio para dentro do corpete e pegou seus óculos.

“Você não precisa ser cruel.”

“Não estou sendo cruel.” Ele ficou em pé e limpou a grama e a terra de suas calças. “Eu apenas sinto pena de você, só isso. Tenho tentado libertar você dessa casca, ensinar você a aproveitar a vida. Mas agora eu vejo que você não quer. Você vai morrer presa nessa jaula pequena e frágil que construiu para si mesma. Espero que Sir Alisdair não se importe com lugares apertados.”

“Então eu devo pedir desculpas? Por querer algo além de ‘lições’ carnais que você oferece por caridade? Afinal, isso é o máximo que uma intelectual desajeitada como eu pode esperar. É isso?” Minerva se levantou. “Pelo menos Sir Alisdair se lembraria do meu nome.”

“Pode ser que sim.” Ele se aproximou dela, ficando tão próximo que seu peito tocou os seios dela. “Mas será que ele sabe beijar você com tanta paixão que faria você esquecer de tudo?”

Por um instante confuso e lascivo a respiração dele se misturou à dela. Mas antes que ela pudesse pensar em uma resposta, ele recuou. Colin pegou o baú e o colocou no ombro.

“Venha logo”, disse ele, irritado. “A esta altura devemos estar quase lá.”

“Quase lá? Lá onde?”

Minerva ficou para trás, tentando entender a raiva irracional de Colin. E o senso comum ainda diz que são as mulheres que têm alterações repentinas de humor. Eles andaram por cerca de quinze minutos, e então saíram da floresta no cume de uma montanha. À distância, descendo a encosta, ficava uma imensa mansão de pedra, cercada por jardins e outras edificações.

“Minha nossa”, ela se espantou. “O que é esse lugar?”

“Winterset Grange”, respondeu ele. “Eu sabia que estávamos perto. Um grande amigo meu mora ali. Nós precisamos de um lugar para passar a noite, para ficarmos escondidos, no caso de aqueles bandidos ainda estarem à nossa procura.”

“E nós vamos simplesmente aparecer na porta do seu amigo? Sem sermos convidados, surgidos do nada?” Ela fez um gesto mostrando as roupas deles. “Com esta aparência?”

“Ah, ninguém vai reparar. Hóspedes estão sempre indo e vindo em Winterset Grange. Quando o duque está em casa é uma farra sem fim.”

Minerva ficou olhando para ele.

“O *duque*? Nós vamos ser hóspedes de um duque?”

“Ele não é um duque da família real”, disse ele, como se isso pudesse tranquilizá-la. “Hal é um sujeito amável, você vai ver. Ele organiza uma jogatina bem conhecida, chamada Clube do Xelim. Eu sou membro. Ele não vai reclamar

de eu aparecer sem convite, desde que eu tenha dinheiro para perder na mesa de carteado.”

“Mas você *não tem* nenhum dinheiro para perder na mesa de carteado. Nós temos *exatamente* uma ou duas moedas.”

“Detalhes, detalhes.”

Eles começaram a descer a encosta gramada. A mansão imensa, espraiada, parecia ficar cada vez maior conforme eles se aproximavam – como se algum garoto travesso estivesse atrás dela, inflando-a com ar. Ela era grotescamente grande, com janelas que pareciam olhos maliciosos, profundas e com toldos. E Minerva não estava gostando nem um pouco daquilo.

Quando eles chegaram à entrada, Colin a puxou para o jardim, para trás de uma barreira de ciprestes. Após molhar o lenço em uma fonte, ele limpou o rosto e o pescoço, e depois ajeitou a gravata. Bateu a poeira de seu casaco e sacudiu a cabeça rapidamente, arrumando seu cabelo. Isso parecia tão injusto. Trinta segundos de limpeza e ele estava com a aparência melhor do que ela conseguiria com tenazes quentes, papelotes e a ajuda de duas criadas francesas.

“Estou apresentável?”, perguntou ele.

“Você está injustamente atraente como sempre.”

Ele inclinou a cabeça para o lado e a examinou.

“E agora, o que podemos fazer com você?”

Ela bufou. O que seria possível fazer?

“Provavelmente nada, meu lorde”, respondeu ela, azeda.

“Bem, você não pode entrar com essa aparência; toda cheia de grampos e fechos, toda abotoada. Não se você quiser se passar por minha amante.”

“Sua...” Ela baixou a voz, como se os ciprestes tivessem orelhas. “Sua *amante*?”

“De que outra forma posso explicar sua presença? Sou amigo do Duque de Halford há anos. Não posso dizer para ele que você é minha irmã. Ele sabe muito bem que eu não tenho irmãos.” Em seguida, ele levou as mãos até os botões da jaqueta de viagem dela. Começando com o mais próximo de sua garganta, ele os foi soltando, um por um. “Primeiro, precisamos nos livrar disso.” Quando terminou de desabotoar, ele puxou a peça de seus ombros e retirou os braços dela das mangas. Enquanto isso, Minerva ficou ali, inerte, sem saber nem mesmo como protestar. Ele dobrou a jaqueta e a jogou de lado.

“Isto também não serve”, resmungou ele enquanto examinava o vestido de seda que ela usava. “Você devia ter colocado o vermelho, hoje.”

Minerva se irritou.

“O que há de errado com este vestido?” Ela *gostava* dele. Era um de seus melhores. O azul-pavão favorecia suas cores. Pelo menos era o que tinham lhe dito.

“É comportado demais”, disse ele. “Você parece uma governanta, não uma amante.”

Comportado? Minerva olhou para o traje. O corpete estava justo em seu peito, e a cintura agarrava firmemente em suas costelas, abrindo-se em uma saia drapeada e vistosa. Era um corte que modelava seu corpo e enfatizava suas curvas – um vestido do qual ela gostou muito quando o experimentou na costureira. Das mangas, principalmente. Elas eram um pouco bufantes no ombro, depois afinavam com um laço no alto do braço. A partir daí elas eram justas nos braços, até o pulso.

Ele pegou um dos laços e enrolou a fita entre os dedos antes de descê-los tocando levemente o braço todo, até o punho. Uma sensação inebriante passou por ela, reverberando no frio da seda. *Está vendo*? Aquelas mangas eram revestimentos ardilosos e sensuais. Não havia nada de modesto nelas.

“Talvez isto ajude.” Ele pegou o punho com os dedos e deu um puxão impiedoso.

“Não, não faça isso!”

E, simples assim, a manga foi embora. O puxão abriu uma fenda na costura logo abaixo dos laços, e ele terminou de arrancar a manga usando os dedos. Em instantes ele destruiu toda a manga, e logo começou a trabalhar na outra. No fim, ele a deixou com duas protuberâncias de tecido cobrindo seus ombros. Duas pequenas apóstrofes de seda onde antes havia dois parênteses completos. Ele se afastou um instante para observá-la, depois desamarrou um dos laços e deixou suas extremidades penduradas.

“Por que você fez isso?”

Ele arqueou a sobrancelha.

“Isso sugere algo.”

“Sugere que eu estou *disponível*?”

“Suas palavras, não minhas.” Ele a segurou pela cintura e a fez girar, para que ficasse de costas para ele. Colin levou as mãos até o alto do conjunto de fechos nas costas do vestido. Começando na base do pescoço, ele foi soltando um por um.

“Isso já é demais”, protestou ela, tentando se afastar. “Eu não admito ficar com a aparência de uma prostituta.”

Ele a segurou firme. Seu hálito quente e áspero bateu no pescoço dela.

“Você vai ficar com a aparência que eu quiser. Afinal, é assim que funciona com as amantes. Não tenho dúvida de que Sir Alisdair Kent gosta que suas mulheres tenham aparência formal e recatada, mas você escolheu a mim como companheiro de viagem. Eu tenho que manter minha reputação.”

Ele soltou os fechos do vestido até o meio das costas, bem entre as escápulas. Em seguida, ele desceu o decote ampliado pelos ombros dela, levando-o até uma latitude absolutamente indecente. A borda da roupa de baixo dela ficou exposta, fazendo uma moldura rendada branca para o vale dos seios exposto.

Após fazê-la virar novamente, para que ela ficasse de frente para ele, Colin admirou seu trabalho. Minerva estava vermelha de vergonha. Ele havia transformado seu vestido de viagem, totalmente respeitável, em um tomara-que-caia próprio de uma vagabunda pirata. E Colin ainda não tinha terminado com ela. Ele levou as mãos ao cabelo de Minerva e começou a tirar os grampos de seu coque, que já estava desabando. Se ela não estivesse tonta de fome e morrendo de medo de ficar perdida e sem dinheiro nas Midlands, Minerva não teria aceitado aquele tratamento. Aquilo ia além da mera provocação. Será que ele... Seria possível que ele estivesse com *ciúmes*?

“Sério, Colin? Sinto muito se você se ressente da consideração que tenho por Sir Alisdair. Mas me humilhar desta forma não vai melhorar minha opinião sobre você.”

“Talvez não.” Ele tirou o último dos grampos e soltou o cabelo dela sobre o rosto. “Mas estou convencido de que isso aumentará muito minha satisfação pessoal. E irá nos poupar de muitas perguntas inconvenientes.”

Ele retirou os óculos do rosto dela, dobrou e guardou no bolso do colete.

“Eu preciso deles!” Ela estendeu a mão para pegá-los, mas Colin segurou seu pulso.

“Não, não precisa. A partir do momento em que entrarmos por aquela porta, você não vai sair do meu lado, está ouvindo? Acredite em mim, você não quer que os hóspedes de Halford pensem que estou disposto a dividir você.”

Dividi-la? Em que tipo de covil de perversidades eles iriam entrar?

“Quanto a mim”, disse ele, “vou me comportar como se fosse seu protetor servil, apaixonado e ciumento.”

Ela engoliu uma gargalhada que não seria digna de uma dama.

“Esse pode ser o melhor papel da sua vida.”

“E você...” Ele ergueu o queixo dela com a ponta de um dedo. “É melhor desempenhar seu papel com perfeição, minha querida.”

“*Meu* papel? Eu não sei como ser uma amante.” Com certeza não entre

duques. Ela ficava totalmente sem ação diante de homens poderosos.

“Ah, não se menospreze. Eu acho que você vai se sair muito bem. Sabe, uma amante é uma criatura astuta e selvagem. Quando lhe convém, ela faz o homem se sentir irresistível, desejado, fascinante. Como se fosse o único homem no mundo.” Ele se inclinou para perto dela e baixou a voz, até soar como um sussurro sombrio. Ele estava perto demais, na visão dela era apenas um borrão de ferocidade masculina. “Ela geme como se fosse de verdade. E depois que consegue o que quer, ela deixa absolutamente claro que o homem não tem nenhuma importância – nenhuma mesmo – para ela. Eu acho que você nasceu para esse papel. Concorda?”

“Não, não concordo”, disse ela, a voz trêmula. “Como você ousa insinuar que eu sou algum tipo de... A noite passada foi ideia sua.”

“Eu sei disso.”

“E duvido que eu seja a primeira mulher a passar uma noite agradável em seus braços e não querer mais nada com você no dia seguinte.”

“É claro que não. Você simplesmente é a mais recente de uma fila longa e distinta. E não tenha qualquer ilusão de que será a última.”

“Então por que você está tão bravo? Por que fui escolhida para um castigo tão cruel? Que ferida posso ter causado em você, a não ser uma picada em seu orgulho?”

Ele ficou olhando para ela durante um longo tempo.

“Eu não sei”, disse ele, afinal.

Então ele esticou as duas mãos e beliscou as faces dela. Com força.

“Ai!” Retraindo-se, ela cobriu as faces com suas mãos. “Por que você fez isso?”

“Você precisa de um pouco de cor nessas bochechas se vai bancar a minha vagabunda, e nós não temos ruge.” Colin passou um de seus braços ao redor dela e a trouxe para perto. Ele passou o polegar no lábio inferior de Minerva. “E esses lábios estão murchos e pálidos.”

Inclinando a cabeça, ele tomou a boca de Minerva com um beijo brusco e decidido. Colin enfiou a língua por entre os lábios dela, em uma passagem completa e exigente por sua boca. Então ele pegou seu lábio inferior com os dentes e deu uma mordida provocadora, desajeitada, deixando sua boca inchada, formigando de prazer e dor.

Ela enfiou o cotovelo nas costelas dele, usando toda a força de seu braço para colocar alguma distância entre eles. Colin a soltou, e ela cambaleou alguns passos para trás. Minerva levou as pontas dos dedos à boca, procurando sangue.

“Está satisfeito, agora?”

Ele soltou um suspiro comprido e frustrado. Com a distância que colocou entre eles, Minerva pôde avaliar melhor a expressão no rosto Colin. Era de uma fome intensa, assustadora.

“Não estou nem perto da minha satisfação, Min.” Ele se abaixou para pegar o baú. “Nem perto.”

Capítulo Dezoito

Se Winterset Grange parecia austera e inacessível por fora, seu interior lembrava algo saído da Roma Antiga no auge de sua devassidão e seus excessos. Estar sem os óculos foi, ao mesmo tempo, um inconveniente e uma bênção para Minerva. Para onde quer que se virasse, ela via representações borradas de corpos. Pinturas de pessoas nuas e sensuais cobriam as paredes muito altas, empilhadas em três fileiras. Esculturas libidinosas se projetavam de nichos. Algum decorador ambicioso havia coberto tudo com folhas de ouro. A escultura mais próxima de Minerva parecia ser Pã, pinoteando e se retorcendo sobre uma coluna coríntia. Apertando os olhos ela pôde ver os veios prateados e rosados da pedra. Italiana, certamente.

"Um mármore tão lindo e tão mal utilizado." Ela passou os dedos pela pedra fria e lisa. Então retirou imediatamente a mão quando percebeu que a protuberância cilíndrica que estava acariciando não era um chifre nem uma flauta.

À procura de um lugar seguro para descansar seus olhos, ela se voltou para o papel de parede. Um padrão tradicional, agradável, em branco e dourado, de casais dançando. Seria isso mesmo? Ela apertou os olhos e olhou mais de perto, forçando o desenho a entrar em foco. Não, os casais não estavam dançando.

"Colin! É você." Um homem, que vestia uma túnica indiana solta, atravessou calmamente o salão na direção deles. Ele era jovem – perto da idade de Colin, calculou Minerva –, e carregava um ar de devassidão refinada e o vago aroma da fumaça de ópio. Ele vinha acompanhado de duas mulheres com ainda menos roupa que ele – uma, delicada e loira, a outra, com o cabelo vermelho vivo.

Minerva não conseguiu distinguir a expressão das mulheres, mas a sensualidade delas era uma força quase palpável. Sentiu o olhar frio e aguçado das duas. *Essa garota assustada não pode ser uma de nós,* Minerva as imaginou pensando. *Eu não sou*, ela queria gritar. Por um breve momento ela se viu vestindo decentemente Colin, seu amigo devasso e aquelas duas vagabundas,

para depois jogar aquele Pã indecoroso no chão, dar as costas a tudo aquilo e... Mas ela não tinha dinheiro. Nem para onde ir ou meios de chegar lá. Ela não tinha nem mesmo seus óculos.

Então Minerva ergueu o queixo e projetou o quadril. Ela se aproximou de Colin e pendurou o braço no ombro dele. É claro que, com a visão dificultada, ela calculou mal a distância e apoiou o braço no ar, cambaleando e caindo em Colin. Imediatamente, ela jogou um braço no peito dele e tentou fazer parecer que aquela era sua intenção. Ela não acreditou que tivesse conseguido enganar alguém. Uma das mulheres soltou risinhos. A outra gargalhou alto. Minerva quis afundar em uma fresta no chão.

"Garotas", disse o homem que ela supunha ser o Duque de Halford, "vocês se lembram do meu bom amigo Colin."

"Mas é claro", arrulhou uma delas. "Nós somos velhos amigos, não somos?"

Minerva quis, então, afundar no chão e morrer lá. Ela entendia que Colin estivesse bravo, mas como ele podia submetê-la àquilo?

Colin inclinou a cabeça.

"Sempre um prazer, Hal. Desculpe aparecer sem avisar. Espero que você não ligue para a intrusão."

"Intrusão? Nunca! Mas, pelos deuses, você realmente apareceu do nada. Nem mesmo ouvi sua carruagem se aproximar." O homem soltou uma das mulheres e deu um soco cordial no braço de Colin. "O mordomo me falou que você chegou, e eu não acreditei nele. A última coisa que eu soube de você foi que aquele seu primo o conduzia com rédea curta."

"Da qual parece que eu escapei."

"Que ótimo! O momento não poderia ser melhor. A Prinny deve aparecer perto do fim da semana. Garotas, vão encontrar minha governanta enrugada e lhe digam para aprontar a suíte que Colin costuma usar."

"Sim, sua graça."

Halford pôs as mulheres em movimento com tapas retumbantes no traseiro.

Então Minerva sentiu o olhar do duque cair sobre ela. Sua pele arrepiou.

"Agora", disse ele, "me deixe ver sua bagagem. Você não vai me apresentar a garota, Colin? Acredito que ainda não conheço esta aqui."

"Não, não conhece." Colin passou a mão em suas costas. "Melissande é nova."

Melissande? Ela fechou brevemente os olhos para evitar revirá-los.

"Não é seu tipo costumeiro, é?", perguntou o duque.

"Sempre gostei de variedade. Ela pode parecer inocente, mas no quarto sabe

surpreender.”

“É mesmo?” O duque se voltou para ela. “Muito bem, Melissande. Com certeza meu parceiro aqui lhe disse que somos todos amigos em Winterset Grange. Você não vai mostrar que está grata ao seu anfitrião? Que tal começar com um beijo?”

O estômago dela deu voltas.

O braço de Colin apertou sua cintura e a puxou para si, impedindo que se movesse.

“Você vai ter que desculpar”, disse Colin com tranquilidade. “Ela não fala uma palavra de inglês.”

“Nem uma palavra?” O duque riu. “*Parlez-vous français?*”

“Nem francês. Ela vem de um principado minúsculo nos alpes. Não consigo sequer lembrar o nome. Eles têm um dialeto próprio.”

“Hum”, fez o duque. “Felizmente o prazer é uma língua universal.” Ele passou um dedo pelo ombro nu de Minerva.

Ela o fuzilou com o olhar, espumando de raiva. Duque ou não, fraude ou não, simpósio ou não, Minerva se recusava a suportar tal tratamento. Ainda que ela não tivesse a beleza, a graça e as habilidades próprias de uma dama, ela era uma livre-pensadora de boa família. Ela tinha sua dignidade. Quando o toque presunçoso de Halford desceu por seu colo, aproximando-se do decote, ela ficou eriçada – e afastou a mão dele com um tapa. Em seguida ela mostrou os dentes e rosnou. A violência também era uma linguagem universal.

“Cuidado, Halford.” Colin ficou tenso. Não havia mais bom humor em sua voz, apenas ameaça. “Esta aqui não é de brincadeiras. O amigo do meu primo, no Ministério da Guerra, me pediu que ficasse de olho nela. Existem boatos, suspeitas. O serviço secreto da Coroa acredita que ela possa ser uma princesa exilada ou uma assassina fria.”

O duque soltou uma gargalhada.

“Julgando pelo hematoma no seu queixo, aposto na segunda opção. Mas, por falar em apostas, venha comigo. Todos estão na sala de carteado.”

O duque girou em seus calcanhares – que estavam expostos, pois aparentemente ele não vestia nada por baixo da túnica – e seguiu por um longo corredor.

Colin e Minerva o acompanharam, vários passos atrás.

“Agora eu sou uma assassina fria?”, silvou ela. “De onde você tira essas histórias?”

Ele fez sinal para que ela ficasse em silêncio, e caminhou lentamente para

que ficassem ainda mais para trás.

“Chama-se improvisação, lembra? Eu tive que dar alguma explicação para o seu comportamento.”

À frente deles, o duque chamou um amigo ao fazer uma curva no corredor. Quando Halford sumiu de vista, Minerva parou totalmente e se livrou do abraço de Colin. Ela não compreendia como ele podia fazer aquilo com ela – ser tão protetor e altruísta em um momento, e tão desdenhoso no outro.

“Eu não mereço isso”, sussurrou ela. “Só porque cometi o erro de aceitar suas... *atenções*... noite passada, isso não faz de mim uma prostituta. Como você ousa me colocar no mesmo saco que essas mulheres desprezíveis?”

“Acredite em mim, essas mulheres não diriam que são desprezíveis. E o que faz você pensar que elas são prostitutas? Elas podem ser damas, de boa linhagem e bom nascimento, assim como você, mas que entendem coisas acima da sua compreensão. Como se divertir. Como aproveitar a vida.”

“O quê?!” Ela bateu com o dedo no próprio peito. “Eu sei muito bem como me divertir. Eu sei muito bem como aproveitar a vida.”

Ele inclinou a cabeça para o lado e disse pausadamente:

“Ah, é claro que sabe.”

“Como você ousa.” Então ela enfiou o mesmo dedo no peito dele. “Como você ousa me trazer a este lugar e me submeter a esse duque babão e pegajoso?”

Ele agarrou o pulso dela e baixou a voz.

“Como eu ouso, não é?”

Ela não precisou enxergar a expressão dele para saber que Colin estava bravo. Ele irradiava fúria.

“Como eu ouso arriscar minha vida para salvar a sua, quando você praticamente se jogou em cima daquele bandido. Como eu ouso trazer você para uma casa confortável, onde podemos encontrar comida e abrigo para passar a noite, depois de passarmos um dia vagando pela floresta e pelos campos. Como eu ouso.”

As mãos dele deslizaram pelos ombros dela e subiram até o pescoço, como se ele estivesse tentando decidir se a beijava ou estrangulava. Ela resistiria, qualquer que fosse a decisão dele.

“Agora nós vamos entrar naquela sala de carteado. Nós vamos comer, beber e jogar com eles. Assim que possível, vamos fugir para o nosso quarto e ter uma boa noite de sono. Eu juro para você que, quando sairmos desta casa, amanhã de manhã, tanto sua virtude quanto sua personalidade desagradável continuarão intactas – muito bem guardadas dentro dessa concha, desde que você faça duas

coisas", ele sacudiu de leve a cabeça dela, "fique perto de mim e faça seu papel."

"O papel de assassina fria? Posso me inspirar *agora* para isso."

"O papel de minha amante." Ele passou os dedos pelo cabelo dela, produzindo sensações inesperadas em seu couro cabeludo. "Procure bem dentro dessa cabeça inteligente, e tente ver se consegue reunir a imaginação necessária para fingir. Para convencer as pessoas à nossa volta que você admira alguma coisa em mim. Que, contra todas as evidências, você realmente prefere minha companhia a um punhado de terra."

A mágoa áspera na voz dele a pegou de surpresa. Então ali estava o motivo das mudanças de humor e do comportamento imprevisível. De algum modo, enquanto tentava proteger suas frágeis emoções, Minerva tinha feito *ele* se sentir inferior a um punhado de terra.

"Colin..." Ela tocou a lapela dele. "Eu posso convencê-los de que gosto de você. Isso não vai exigir imaginação."

Ele passou o polegar pelo queixo dela, e sua voz ficou rouca.

"Não vai?"

"Mas ninguém vai acreditar que somos amantes. Você ouviu como aquelas mulheres riram. Você mesmo disse, em Spindle Cove. Ninguém vai acreditar que *você* me deseja."

Com um gemido, ele deslizou as mãos pelas costas de Minerva. Agarrando a bunda dela com as duas mãos, Colin a ergueu e pressionou contra o nicho mais próximo. A atitude possessiva dele a excitou, assim como a pressão exercida pelo corpo duro e musculoso contra o seu.

Colin beijou sua orelha.

"E se eu dissesse que fui um idiota naquela noite?"

"Eu concordaria."

"E se eu dissesse que tudo mudou?" Ele beijou seu pescoço. "Que nas últimas vinte e quatro horas eu quis matar três homens diferentes, sendo um deles o duque, só por terem a ousadia de tocar você. Que estou desesperado pelo desejo que me consome de querer você, de um modo como nunca quis outra mulher em minha vida devassa e desperdiçada."

Ele passou a língua pelo pescoço de Minerva, que ficou sem respiração.

"Então eu duvidaria de você", suspirou ela.

"Por quê?"

"Porque..." *Porque eu duvido de mim mesma.* "Porque eu sei como você mente com facilidade."

Ele firmou as mãos no traseiro dela, fazendo a virilha de Minerva se ajustar à

dele, que pressionou sua dureza contra ela, fazendo prazer correr por suas veias.

“Sente isso?”, rosnou ele.

Ela aquiesceu. Bom Deus, como poderia não sentir?

“Estou assim por você há dias, Minerva. Desde antes mesmo de partirmos de Spindle Cove. Se você não acredita em mais nada, acredite nisto.” Ele balançou o quadril contra ela. “Isto não mente.”



Colin estava cansado de fingir.

Ele entrou com Minerva na sala de carteado. Depois de cumprimentar a meia dúzia de rostos conhecidos que se reuniam em volta da mesa coberta com um pano verde, e apresentar sua enérgica amante – ou – assassina estrangeira, Melissande, Colin sentou em uma cadeira e, pegando Minerva pelos quadris, ele a colocou em seu colo. Aninhando o belo bumbum sobre sua coxa esquerda, jogou um braço sobre o ombro dela, deixando a mão pendurada diretamente sobre seus seios. Com movimentos preguiçosos, ele traçou a linha delicada em que o tecido do decote encontrava a pele.

“Fique perto de mim”, sussurrou ele enquanto passava o nariz pela sua orelha. Já que estava por ali, ele aproveitou a oportunidade para morder levemente o lóbulo da orelha dela.

Resumindo, ele fez com que os dois ficassem muito, muito íntimos. Não pelas aparências, por causa de Halford. Não para provar alguma coisa a ela ou a qualquer pessoa. Simplesmente porque ele a desejava. E estava cansado de fingir que não.

“Muito bem, Colin.” O duque pegou o baralho. “O jogo é *brag*.”

Colin analisou as moedas e fichas espalhadas sobre a mesa.

“Por favor, me dê só algumas fichas. Não estou carregando muito dinheiro comigo.”

“Mas é claro.” O duque entregou-lhe duas pilhas de xelins, cada uma com dez moedas.

Minerva ficou tensa em seu colo.

“Quieta”, murmurou ele em seu cabelo. “Confie em mim.” Ela devia entender que aquilo era necessário. Algumas horas na mesa de baralho lhes pagariam hospedagem e alimentação.

Ela fez um ruído de dúvida na garganta, mas ficou parada.

“Seja um bom anfitrião, Hal, e peça para um desses patetas de libré trazer

comida e vinho para minha mulher. Um pouco de comida faria bem a ela."

"E para você também, pela sua aparência."

"Bem, isso é verdade." Colin sorriu. "Nós estamos nos exaurindo nesses últimos dias."

Os jogadores em volta da mesa riram com vontade. O duque apenas acenou para os criados trazerem comida e bebida, e começou a distribuir as cartas. Na sala de carteado Halford só queria saber de jogar. Colin voltou sua atenção para as cartas. Minerva voltou a dela para a comida. Ela cuidou dele, em pequenos detalhes. Enquanto Colin se concentrava nas cartas que havia recebido, ela encheu sua taça com clarete. Depois lhe preparou um sanduíche de porco assado entre duas metades de pão com manteiga. Enquanto fazia isso, ela passou manteiga na ponta do polegar, que pôs na boca e chupou. Colin sabia que ela não teve intenção de ser sugestiva ou provocadora, o que tornava aquilo ainda mais excitante.

Ele notou isso em Minerva ainda na primeira noite, na torre. Ela tinha uma sensualidade natural, simples, que só emergia quando se sentia confiante. Ou depois de tomar um pouco de vinho. Ele imaginou o que seria necessário para fazer *essa* Minerva estar sempre à vista. Ela precisaria de um suprimento permanente de confiança, imaginou Colin. Talvez sua participação na Sociedade Geológica Real pudesse lhe dar isso, até certo ponto. Mas o homem certo poderia lhe dar muito mais. O homem certo poderia plantar sementes de confiança bem fundo nela, e nutri-las até que vinhas saudáveis e robustas crescessem, para oferecer frutas abundantes e doces.

A única fruta com que *ela* se importava, no momento, eram as uvas e damascos no prato diante deles. Encher sua barriga faminta era, claramente, seu objetivo principal, e ela se dedicou a isso com energia, devorando fatias de queijo e presunto. Quando um criado que passava lhe mostrou uma bandeja de tortinhas, Minerva abandonou seu copo de vinho imediatamente e pegou uma tortinha com cada mão. Ela enfiou uma na boca e ofereceu a outra a ele. Em vez de pegá-la com os dedos, ele segurou o pulso dela e o manteve firme. Então devorou o confeito diretamente na mão dela, deixando a língua passar pelas pontas dos seus dedos. Minerva suspirou, e aquele som delicado foi mais doce e delicioso que uma torta de geleia jamais poderia ser. Halford pigarreou.

"É sua vez de apostar, Colin."

Colin se sacudiu e jogou um xelim bamboleante para o centro da mesa.

"Sim, é claro."

Ele jogava, eles comiam. Depois que ambos ficaram satisfeitos, Colin

acenou para os criados tirarem seus pratos e bandejas.

Minerva se ajeitou em seu colo. Os dedos dela se enroscaram no cabelo da nuca de Colin, e ficaram brincado ali, distraídos. Ela massageou os tendões do pescoço dele, aliviando a tensão acumulada. Pequenos gestos de gentileza que ele não merecia.

Ele apertou os lábios contra a orelha dela e sussurrou:

“Você sabe que estou arrependido? Pelo que aconteceu mais cedo.”

Ela inclinou ligeiramente a cabeça.

Com um gemido ruidoso, ele passou o braço pela cintura dela e a aproximou. Minerva descansou a cabeça em seu ombro. Ele beijou sua cabeça.

“Durma, se quiser.”

Ela soltou um longo suspirou e derreteu no abraço dele. Aquela intimidade fácil entre eles... fazia sentido, Colin imaginou, devido às aventuras por que passaram nos últimos dias e noites. Ainda assim, era surpreendente. Ele foi fisicamente íntimo com muitas mulheres, e se sentiu emocionalmente ligado a outras, mas até então, Colin trabalhou com afinco para manter afastadas essas duas esferas sociais. Havia mulheres que Colin contava como amigas, e havia aquelas que ele levara para a cama. Sempre que ele permitia esses dois grupos se sobreporem, era confusão na certa. E Minerva Highwood não havia lhe trazido nada a não ser confusão, desde o início.

Mas, por Deus, ele havia retribuído, e como. Quando se aninhou em seu peito, Minerva pareceu tão pequena e frágil comparada a ele. Nas últimas vinte e quatro horas ela andou quilômetros pelo interior da Inglaterra, entregou todo seu dinheiro sob a mira de uma arma, puxou um canivete para um bandido, e entrou em uma casa que transpirava excessos orgíacos que fariam uma fidalga virgem sair gritando. E tudo isso apenas um dia depois de seu primeiro orgasmo de verdade. Em nenhum momento ela se desmanchou em lágrimas de desespero. Ou lhe implorou para, por favor, levá-la de volta para casa. Ele não conhecia outra mulher que se portaria tão bem em circunstâncias semelhantes.

Colin fez uma promessa a si mesmo, naquele momento e naquele local. Ainda que não fizesse mais nada certo em sua vida, ele faria isto: levaria Minerva Highwood até Edimburgo para que fizesse sua apresentação científica. Pontualmente e inteira. E com sua virtude intacta. De algum modo ele faria com que essas boas intenções virassem realidade.

Então ele acariciou gentilmente seu cabelo e suas costas com a mão esquerda enquanto segurava as cartas com a direita.

“Durma”, murmurou ele novamente.

Enquanto se ajeitava em seu colo, ela esfregou a coxa nele. A reação do corpo de Colin foi imediata, instintiva. O sangue correu para seu púbis, endurecendo seu membro e afrouxando sua crença tênue naqueles princípios. Ele a queria fisicamente e não podia fingir outra coisa. Mas ele precisava se esforçar para esconder aquela outra reação, mais visceral – a ternura avassaladora que crescia em seu peito.

O fato simples e impensável de que ele *gostava* dela.

Capítulo Dezenove

Mais uma vez, Minerva acordou em seus braços. Ela estava se acostumando a acordar assim – envolta pelo calor dele, sua força, seu aroma com toques de cravo. Ela não se apressou a despertar, mas flutuou naquele devaneio por mais um minuto. Suspirando no colete dele e agarrando firmemente seu pescoço. Ela confiava naquele homem. Ele era um notório mentiroso e libertino sem-vergonha, mas ela confiava nele. O bastante para adormecer em seus braços em meio àquela depravação.

Ela olhou para a mesa de carteado, tentando pôr em foco a confusão de cartas e moedas. Quanto tempo havia passado? Parecia ser muito tarde. A maioria dos jogadores já devia ter se recolhido. Apenas Colin e Halford continuavam. Ela firmou a vista na pilha de xelins diante deles. Será que ele havia aumentado seus fundos o bastante para que continuassem a jornada? Eram vinte moedas no início do jogo. Então ela contou... Quatro. Seu coração parou. Oh, Deus. Como ele pôde? Ela havia *confiado* nele, e Colin estava perdendo tudo.

Então ela fixou o olhar nas cartas que Colin tinha em mãos. O que ela viu lhe deu motivo para respirar novamente. Suas cartas pareciam animadoras. Ela não as conseguia ver perfeitamente – não sem os óculos. Mas ela pôde ver que todas eram vermelhas e tinham figuras. A lógica lhe disse que deveriam ser boas. Um par de valetes, no mínimo. Ela olhou para o centro da mesa, com um monte de moedas. Mais do que suficientes para repor o que os bandidos haviam levado. Talvez isso fosse parte do plano de Colin.

“Um mero par de noves, só isso.” O duque baixou suas cartas. “Estou certo de que você pode fazer melhor que isso, Colin.”

Sim! Ele pode. Ela agarrou a borda do bolso do colete dele, tonta de empolgação.

Colin ficou em silêncio por algum tempo.

“Sinto desapontá-lo, Hal”, disse ele, “mas você me derrotou.” Ele baixou as

cartas viradas para baixo diante de si.

Com uma risada gananciosa, o Duque de Halford recolheu seus ganhos.

A mão de Minerva escorregou do bolso de Colin. Ela estava aturdida. Horrorizada. Eles só tinham quatro xelins agora. Ela tinha que tirar Colin daquela mesa antes que ele perdesse tudo que possuíam. Mas como? Ela não podia nem mesmo falar com ele, graças às suas histórias malucas. Aquelas pessoas acreditavam que ela era Melissande, uma princesa refugiada de algum minúsculo principado alpino. Ou, talvez, uma assassina que poderia garrotear a todos enquanto dormiam. E, em seu tempo livre, amante de Colin. Sua amante mundana e sensual.

Minerva mordeu o lábio. Talvez houvesse uma forma de levá-lo para longe daquela mesa sem usar palavras. Ajeitando-se no colo dele, ela esticou uma mão para acariciar seu cabelo. As pesadas mechas marrons se enrolaram em seus dedos, e passavam como penas por sua palma. Com a outra mão ela foi soltando o nó da gravata até que toda a extensão do tecido deslizou do pescoço dele de forma lenta e sensual. Ela acreditou que o ouviu gemer, um pouco.

Minerva enfiou o rosto no pescoço dele. O aroma de conhaque exalava de sua pele, profundo e inebriante. Sem seus óculos, e perto como Colin estava, ele não era para ela mais que um borrão não barbeado. Mas era um borrão dolorosamente lindo, apesar de tudo. Esticando o pescoço, ela o beijou no rosto. A respiração dele falhou, e ela quase perdeu a coragem de continuar. Mas ela havia começado, e não tinha como parar. Inclinando a cabeça, ela o beijou debaixo do queixo.

Do outro lado da mesa, o duque soltou uma risada seca.

O coração de Minerva parou. Ela congelou, com os lábios grudados na garganta não barbeada de Colin. O que ela estava pensando? Uma sedutora descarada? *Ela*? É claro que Halford não acreditaria nisso. Ninguém com a cabeça no lugar acreditaria.

“Colin”, disse o duque, “será que você quer pular esta jogada? Parece que a bela Melissande precisa ser levada para a cama.”

O pomo de adão de Colin pulou em sua garganta.

“Ela pode esperar.”

“Talvez”, respondeu o duque, com uma risada de quem entende a situação. “Mas você, pode? Eu nunca vi os nós dos dedos de um homem tão brancos.”

A satisfação fervilhou no corpo dela. Halford *tinha* acreditado. Colin *foi* afetado. Ela *era* uma sedutora. Mas Minerva ainda não tinha conseguido seu objetivo – afastar Colin da mesa de carteado. Minerva redobrou seus esforços.

Ela enfiou os dedos com força no cabelo dele. E lambeu seu pescoço, arrastando a língua da veia pulsante até o lóbulo da orelha. Com a ponta da língua ela desenhou cada reentrância e cada saliência da orelha dele.

“Para cima”, sussurrou ela. “Leve-me para cima. Agora.”

Colin segurou as costas do vestido dela, e a fez prender a respiração com um puxão. Mas a repreensão forte e secreta apenas serviu para inflamar a natureza rebelde de Minerva. De quem foi a ideia de que ela desempenhasse aquele papel? Ele não tinha direito de reclamar. Além disso, uma parte dela estava gostando daquilo. E a julgar pela saliência dura e quente que ela sentia em sua coxa, parte dele também estava gostando. *Isto não mente.* Ela beijou a clavícula dele, enquanto levava os dedos para os botões da camisa. E foi soltando um, depois outro, e enfiou seus dedos dentro da camisa para acariciar o peito macio e musculoso.

“Sua pilha de moedas está bem baixa, Colin”, observou o duque. “Já que você parece tão pouco interessado em desfrutar da Melissande, talvez queira fazer uma aposta amigável. Eu apostaria uma boa quantia de dinheiro contra esses encantos... tão óbvios e abundantes.”

Minerva teve que se esforçar muito para não demonstrar que entendeu o que o duque falou, com um olhar ameaçador. Ou com um vômito violento.

Colin também ficou tenso.

“Cuidado, Halford.”

“Por quê? Não é como se ela pudesse entender o que estamos falando.” O duque embaralhou e distribuiu as cartas. “Uma mão, um vencedor. Você põe sua garota na mesa e eu aposto uma das minhas. Quem ganhar vai se divertir em dobro esta noite.”

Cada músculo do corpo de Colin ficou instantaneamente duro como pedra. Uma de suas mãos fechou, formando um punho. A outra buscou a pistola em sua cintura.

O sangue de Minerva ficou gelado em suas veias. Aqueles impulsos protetores eram muito bonitos, mas a última coisa de que ela precisava era que Colin começasse uma confusão com o duque. Eles seriam expulsos de Winterset Grange – com nada além da roupa do corpo, e dessa vez à noite. Uma questão de minutos os separava do desastre. Mas ela podia ver, pela expressão tempestuosa dele, que não levaria nem dez segundos para algo acontecer.

Tirando Minerva do colo, ele se pôs em pé. Colin apontou um dedo para o duque.

“Você *nunca*...”

Tapa. Minerva o esbofeteou em cheio no rosto.

Colin olhou aturdido para ela, visivelmente estarrecido.

Ela ergueu os ombros. Ele não lhe deu alternativa. Minerva tinha que impedir a briga entre os homens. E Colin não podia começar uma briga com o duque se ela começasse primeiro uma briga com Colin. Então... *Tapa*. Ela usou a mão esquerda dessa vez, mandando a cabeça dele na outra direção. Então ela recuou, fervilhando o mais dramaticamente que, ela imaginava, poderia fervilhar uma princesa-assassina alpina de cabelos escuros e sangue quente. Adotando um sotaque inespecífico – algo entre italiano e francês – ela apertou os olhos e disse:

"Vozêê. Bais. Tar. Du."

Ele franziu as sobrancelhas.

"Quê?"

Ah, pelo amor de Deus.

"Vozê!" Ela o empurrou com as duas mãos no peio. "Bais. Tar. Du."

Levantando de sua cadeira, Halford riu.

"Eu acho que ela está chamando você de bastardo, caro amigo. A encrenca é com você. Parece que a vagabunda entende um pouco de inglês, afinal. Céus."

Finalmente, Colin entendeu.

"M-m-mas Melissande, eu posso explicar."

Ela o rodeou, rugindo.

"Bais. Tar. Du. Bais. Tar. Du."

Quando ele voltou a falar, Minerva percebeu que Colin se esforçava para não rir.

"Acalme-se, querida. E se você for fazer alguma coisa... por favor, eu lhe peço, não vá ter um de seus ataques de cólera e paixão incontrolável."

Malandro incorrigível. Ela tinha certeza de que Colin havia lançado um desafio. Muito bem... Ela iria aceitar. Minerva pegou uma taça na mesa. Ela entornou a maior parte do vinho em um único gole, então jogou o resto na cara de Colin, espirrando vinho nos dois. Gotículas vermelho-rubi escorriam por seu rosto atônito. Com um rugido baixo, ela se jogou nele, pegando-o pelos ombros e envolvendo o quadril dele com suas pernas. Ela lambeu o vinho de seu rosto, passando a língua pelas faces, queixo... e até pelas sobrancelhas. E então ela terminou sua performance de amante enlouquecida com um beijo lento, profundo, selvagem nos lábios que fizeram Colin gemer dentro de sua boca e agarrar seu traseiro com as duas mãos.

"Para cima", ela gemeu contra seus lábios. "Agora."

Finalmente, ele a carregou para fora da sala e a beijou até estarem no meio

do corredor. Lá ele parou, aparentemente incapaz de segurar a risada por mais um momento sequer. Ele a apoiou na parede e arquejou no pescoço dela, tremendo de rir.

Bem, ela ficou contente que alguém achou aquilo divertido. Ainda rindo, ele a pôs em pé e a puxou escada acima e depois para um corredor lateral. Ele abriu a porta de uma suíte, que obviamente já conhecia. Sua decoração sofria da mesma abundância de folhas de ouro e escassez de bom gosto que o restante de Winterset Grange.

“Oh, Min. Aquilo foi ótimo.”

“Aquilo” – ela fechou a porta com violência – “foi humilhante.”

“Bem, foi uma interpretação magnífica de amante.” Ele tirou o casaco, pôs a pistola de lado e começou a desabotoar o colete. “Que raios foi aquilo, com... a lambeção e o vinho? E por que diabos você...”

“Chama-se improvisação! Agir sob pressão e essa coisa toda.” Ela passou as mãos pelo cabelo solto e revolto, inspecionando ansiosamente o quarto até que encontrou o baú com Francine, bem guardado debaixo de uma mesa lateral com pernas torneadas. “Eu tinha que afastar você da mesa de carteado antes que você perdesse todo nosso dinheiro e arruinasse tudo. Nós já devemos ao duque dezesseis xelins do meu soberano. As dívidas de jogo não devem ser pagas imediatamente?”

Ela cruzou o quarto até Colin e enfiou a mão no colete dele. Quando seus dedos roçaram no peito dele, Minerva percebeu que ele prendeu a respiração.

“Eu preciso disto”, explicou ela, repentinamente tímida. Ela retirou seus óculos do bolso interno e os recolocou no rosto. A sensação de colocar o quarto em foco foi boa.

Ela só queria que as lentes ajudassem a entender Colin. O que ele estava fazendo na sala de carteado? *Tentando* acabar com a viagem ali? Talvez ele estivesse cansado dela e de Francine e tivesse decidido abusar da generosidade do duque em Winterset Grange até seu aniversário.

“É o Clube do Xelim”, disse ele. “Nós jogamos com xelins, mas eles valem cem libras cada.”

“Cem libras? *Cada*?” Ela achou que ia desmaiar. Ela levou a mão à cabeça. “Mas como nós vamos...”

“Não vamos.” Ele tirou o colete e o colocou de lado. “Eu sempre perco, nunca pago. Eles sabem que um dia vou honrar meus compromissos.”

“Mas por que perder? Eu consegui enxergar suas cartas, na última mão. Elas eram melhores que as do duque. Você o *deixou* ganhar.”

Ele soltou a gravata com um puxão e a pendurou nas costas de uma cadeira.

“Deixei, bem... Todo mundo gosta de um bom perdedor. É por isso que sou sempre bem-vindo em qualquer mesa de jogo, em qualquer noite, aqui ou em Londres. Não me faltam amigos.”

“*Amigos.*” Ela cuspiu a palavra. “O que torna esses homens seus amigos? O fato de que eles deixam você sentar à mesa deles e perder pilhas de dinheiro? Isso dificilmente se encaixa em qualquer definição de amizade que eu conheça.”

Ele não respondeu. Simplesmente sentou na borda da cama para retirar as botas.

“Eles não respeitam você, Colin. Como respeitariam? Eles não o conhecem. Não o verdadeiro Colin.”

“E o que torna *você* uma especialista no verdadeiro Colin?”

“Talvez eu não seja. Mas também não tenho certeza de que *você* próprio saiba quem é. Você simplesmente se torna a pessoa que a situação exige.”

Ele chutou as botas de lado e foi, sem dizer nada, até um quarto adjacente. Possivelmente um quarto de vestir ou de banho. Ela ouviu o som de água caindo em uma bacia.

Minerva ergueu a voz.

“Quero dizer, estou começando a notar um padrão. Todas as suas máscaras são variações do mesmo tema. O malandro encantador, divertido, com a dor oculta, mas não muito. É óbvio que isso funciona muito bem para você. Mas não chega uma hora em que isso cansa?”

“Cansa mesmo.” Ele voltou para o quarto com o cabelo úmido e a camisa para fora da calça e as mangas arregaçadas até os cotovelos. “Min, por favor. Estou um pouco bêbado e extremamente cansado. Podemos deixar o resto desse estudo de personalidade para amanhã?”

“Acho que sim”, ela suspirou.

“Então deite-se. Estou exausto.”

Com uma dose de contorcionismo ela conseguiu soltar os fechos nas costas do vestido. Ela passou pelos quadris o vestido esfarrapado, manchado de vinho, e o jogou de lado sobre a espreguiçadeira. Pensar que ela não tinha outra coisa para vestir no dia seguinte foi deprimente. Pela manhã, ao menos, ela podia pedir um banho de verdade. No momento, Minerva teria que se virar com o lavatório e sabão.

Após abotoar a roupa de baixo, ela deitou na cama ao lado dele e ficou olhando para o teto. Alguns minutos se passaram.

“Você não está dormindo”, disse ela.

“Nem você.”

Ela mordeu o lábio. Uma coisa pesava em sua consciência, e ela não tinha ninguém mais para contar.

“Ele também não me conhece.”

“Ele quem?”, perguntou, grogue, Colin.

“Sir Alisdair Kent.” À menção desse nome, ela sentiu a tensão repentina no lado da cama em que estava Colin. “Quero dizer, ele conhece minhas descobertas científicas, e admira meu intelecto. Mas ele não conhece a verdadeira eu. Tenho conduzido todos os meus negócios com a sociedade através de correspondência, e sempre assinei como M. R. Highwood. Então, Sir Alisdair... Bem, ele acha que eu sou homem.”

Vários momentos se passaram.

“Ele vai ter uma surpresa e tanto.”

Ela riu, olhando para o teto.

“Vai mesmo.” Se a surpresa seria agradável ou desagradável, ela receava supor.

“Mas isso é estranho”, disse ele. “Havia afeto genuíno naquela carta.”

“Afeto apenas amistoso, tenho certeza.”

“Eu não tenho tanta certeza. Talvez ele esteja apaixonado por você.”

O coração dela falseou alegremente. Não com aquela ideia, mas com o som da palavra escapando dos lábios de Colin: *apaixonado*.

“Como isso seria possível?” Ela se virou para o lado, dobrando o cotovelo e apoiando a cabeça na mão. “Você não ouviu o que eu acabei de falar? Sir Alisdair pensa que eu sou homem.”

“Oh, eu ouvi o que disse.” Olhos demoníacos procuraram os seus. “Talvez ele pense que você é um homem e está apaixonado por você. O pobre camarada vai ter o coração partido em breve, se for esse o caso.”

Ela franziu a testa, sem saber se entendia as implicações.

Ele riu baixinho.

“Não preste atenção em mim, querida. Meu saco está doendo, e meu orgulho ferido. Estou azedo e me sentindo muito mal esta noite. Se você sabe o que é bom para você, é melhor me ignorar e procurar dormir.”

“Por que seu saco está doendo?” Ela sentou na cama. “Está machucado? Foi o bandido?”

Com um gemido, ele cobriu os olhos com o braço.

“Minha querida garota, você pode ser uma geóloga brilhante, mas sua compreensão de biologia é realmente terrível.”

Ela olhou para a frente da calça dele. Estava impressionantemente armada.

“Durma, M.”

“Não, acho que não vou dormir. Não ainda.” Com determinação súbita, ela se pôs a desabotoar a abertura da calça. Minerva conseguiu abrir completamente um lado antes que ele conseguisse se erguer com os cotovelos.

“O que você está fazendo?”

“Satisfazendo minha curiosidade.” Ela enfiou uma mão por baixo do tecido e ele estremeceu. Uma onda de poder correu pelo corpo dela. O vinho que ela tinha bebido na sala de jogos estava fazendo efeito, derretendo suas inibições. Ela queria saber, ver e tocar – aquela parte mais honesta, mais *real* dele. *Isto não mente.*

“Eu fiz como você pediu e banquei sua amante lá embaixo”, disse ela. “Eu fiz por merecer. Quero ver e tocar isto direito. Ainda não tive a oportunidade.”

“Mãe de...”

“Fique calmo. Como foi que você me falou? Pense nisso como uma... uma escavação.” Sorrindo, ela curvou os dedos ao redor de sua extensão dura e quente. “É em nome da ciência.”

É em nome da ciência. Rá! Aquela era uma cantada de primeira, era mesmo. Bem no nível de “Você pode salvar minha vida esta noite” e “Querida, ensine tudo sobre o amor para mim.” Colin fez uma nota mental para lembrar daquelas palavras no futuro. Então a mão dela se fechou em volta de seu membro intumescido e sua mente ficou vaga.

“Bom Deus”, ele se ouviu murmurar. Aquilo era perigoso. Ele estava meio bêbado e mal conseguia se controlar.

Regras, ele procurou se lembrar. Ele tinha regras. Mas, por acaso, nenhuma delas cobria carícias virginais em nome da ciência. Deixe que Minerva Highwood transforme os jogos íntimos em algo totalmente novo. Ela o segurou delicadamente por um instante, passando seu polegar para cima e para baixo na parte inferior de seu membro. A fricção suave, deliciosa, mais provocava do que satisfazia. Então ela o soltou e começou a puxar para baixo sua calça e a roupa de baixo, lutando para passá-las pelo quadril.

“Estão atrapalhando”, explicou ela, quando ele a olhou escandalizado.

Colin deixou a cabeça cair no travesseiro, resignado. Ele não tinha ideia de como impedir aquela exploração científica e, sinceramente, nenhum desejo de

fazê-lo. Ele a ajudou erguendo o quadril e empurrando a calça com os pés, depois que ela tinha amontoado as peças em seus joelhos.

“Ah, por que parar nisso”, murmurou ele, pegando a camisa com as duas mãos e a puxando pela cabeça, antes de desabar novamente no colchão. “Pronto. Aqui está seu modelo vivo. Explore à vontade.”

E foi o que ela fez. Ela explorou o corpo dele – cada centímetro – com um ritmo sossegado que o deixou louco de desejo. Colin começou a se arrepender por ter oferecido seu corpo para as experiências dela. Quando ela arrastou o dedo levemente até o centro do peito dele, uma maldita lesma teria sido mais rápida que a ponta do dedo dela. Exausto e bêbado demais para fazer outra coisa, Colin simplesmente ficou deitado ali e aguentou. Ele sofreu com a exploração lenta e doce de seus braços, peito, abdome – Deus, de seus *mamilos*. Ele emitiu um som que temeu não ser muito másculo quando ela roçou seus mamilos. Enquanto isso, o membro ignorado dava pulos para chamar atenção, esticando-se na direção do umbigo e assumindo cores que, Colin imaginou, eram tons lívidos de ameixa e vermelho.

“Se você pretendia me torturar”, rangeu ele, “está fazendo um trabalho excelente.”

“Estou mesmo?” Ela passou os dedos pela clavícula dele. Minerva o estava provocando de propósito, agora, a sapeca.

Com uma imprecação, ele agarrou a mão dela e a levou até onde ambos a queriam. O alívio foi imediato, intenso. E nem um pouco suficiente.

“Nossa.” Ela falou a palavra com um tom espantado, altamente gratificante, que o fez se perguntar por que não arruinava virgens com maior frequência. “Ele está tão... duro.”

“Você me deixa assim.” Incapaz de resistir, ele curvou sua mão sobre a dela e silenciosamente a fez apertar mais, mostrando a Minerva como queria ser acariciado. Ela obedeceu, com um vaivém de enlouquecer.

“Como você o chama?”, perguntou ela. “Ouvi dizer que existem vários nomes.”

“Nomes? Como Pedro, Belavista, Sir Sigmund Pau?” A respiração dele estava oscilante. “É só o meu pênis, querida.”

Ela desceu a mão até a base e a agarrou apertado.

“Seu pênis.”

Oh, bom Deus. Ela o enlouquecia quando falava daquele jeito.

“Eu gosto bastante do seu pênis. Liso como pedra-sabão por fora.” Ela deslizou a mão para cima novamente. “Mas igual a granito por baixo.”

Ele riu. Uma risada forçada, tipo *rá, rá, rá, ainda morro disso*.

“Bem, nós dois sabemos o quanto você gosta de rochas.”

“Eu adoro rochas, de fato.” Um sorriso sedutor surgiu no rosto dela. “Eu as acho absolutamente fascinantes. Estou sempre as pegando na mão. Explorando cada saliência e contorno.” Ela passou um dedo, suave como uma pétala de rosa, pela cabeça do membro, acompanhando a borda saliente da glande e a abertura no topo. Então ela desceu o toque, provocador, por toda a extensão, até a base. “Algumas delas têm veias bem interessantes.”

“Eu imagino que você nunca – em nome da ciência, é claro – pôs esses objetos absolutamente fascinantes na sua boca?”

Ela congelou.

“O quê?”

Ele deu um tapa na própria testa. Esse – *esse* – era o motivo pelo qual ele tinha regras quanto a virgens. O pedido libidinoso tinha escapado, em um momento de descontrole

“Estou bêbado, Min.” Ele fez um gesto para ela deixar para lá. “Esqueça o que eu disse.”

“Como eu poderia esquecer que você disse *isso*?” A mão dela apertou o pênis dele, como se pudesse extrair uma resposta de sua ponta. “Que sugestão. As mulheres realmente...” Ela engoliu em seco ruidosamente. “*Sério?*”

“Você gostaria de ouvir uma verdade, completamente científica, nua e crua?” Com esforço, ele se ergueu sobre um cotovelo, e levou uma mão até o rosto dela, colocando-a sobre a bochecha. Colin, então, esticou o polegar até os lábios entreabertos. “Você”, ele sussurrou com a voz rouca, “possui a boca mais erótica que eu já vi. Esses lábios doces, carnudos, me deixam louco. É impossível olhar para você e não... não *imaginar* como seria.”

Ela arregalou os olhos.

“Você *imaginou*?”

Ele aquiesceu.

“Ah, imaginei.”

“V-você passou algum tempo...”

“Horas, provavelmente, se somarmos tudo.”

“Pensando em...”

“Nisto.” Ele deslizou o polegar por entre os lábios atônitos dela, penetrando profundamente em sua boca quente e úmida. “Sim.”

Eles ficaram se entreolhando, sem se mover. Então, após uma pausa longa e excruciante, ela fechou os lábios em volta do polegar dele. Sua língua se curvou,

lambendo-o suavemente. Massageando-o. Um choque correu para seu pênis e ele gemeu de prazer.

“Deus, *isso*. É assim que se faz.” Ele tirou o dedo um centímetro para fora, depois o enfiou novamente, mais fundo. As bochechas dela entraram enquanto ela chupava de leve. “Você é indescritivelmente inteligente, Min. E tão... tão linda.”

Ela gemeu um pouco quando ele retirou o polegar de sua boca. Seus lábios o apertava tanto que ele ouviu um estalo quando finalmente saiu.

“Santo Deus”, murmurou ele, desabando no colchão. “Você vai me matar.”

Ela observou seu pênis, segurando-o firmemente na mão enquanto o observava, pensativa. Só a ideia de vê-lo todo desaparecer na boca... era quase suficiente para fazer Colin gozar, ali mesmo. Mas então a maldita consciência dele falou mais alto.

“Min, você não precisa... diacho, você não deve.”

“Por que não? Você quer, não é?”

“Com cada corpúsculo do meu ser, acredite em mim. Mas não posso lhe pedir isso. E você não deveria oferecer. Isso tornaria... tornaria as coisas difíceis pela manhã.”

Ela até tremeu de tanto rir.

“Nós não aguentaríamos isso. Porque as coisas têm sido tão fáceis entre nós, não é?”

Com um movimento de cabeça, ela jogou a longa crina de cabelo escuro e ondulado por cima do ombro, e então sua cabeça – e aquela boca provocante – começou a descer lenta, mas decidida. Ela era uma verdadeira aventureira científica. *Regras.* Ele tinha que ter alguma regra contra aquilo. E mesmo que ele não tivesse algo estabelecido... um código de conduta que lhe permitia enfiar o pênis na boca de uma virgem, mas não em sua...? Bem, esse código talvez precisasse ser repensado. Mas então um doce beijo o pegou e ele *entrou* no paraíso quente e macio que era a sua boca. Nenhum pensamento apareceria mais naquela noite.

“Oh”, ele gemeu quando o calor dela o envolveu. “Oh, Minerva.”

Os lábios dela desceram, passando pela glande intumescida da ereção e chegaram à metade do membro. Então ela o chupou de leve, sua língua o acariciando em ondas doces. Ele arqueou o quadril e soltou uma imprecação. Ela tirou a boca, deixando-o brilhante, dolorido e possivelmente duro o bastante para moer pedras. Colin lutou para dominar sua decepção. Ela conduzira seu experimento e agora estava satisfeita. Ele não iria, não poderia pedir mais. Mas

em vez de abandoná-lo por completo, ela começou a dar beijinhos por toda sua extensão. Ele fechou os olhos, deleitando-se com sussurros recatados de satisfação. Aquela era a tortura mais doce que ele havia sofrido. Quando ela o tomou na boca novamente, foi mais fundo, engolindo metade dele. Seu recuo lento, escorregadio, deixou-o louco de carência. Ele se contorceu sobre a cama, procurando onde se segurar. Mas não conseguiu encontrar. Sendo o maldito bais-tar-du que ele era, Colin estendeu as mãos até ela e fez o que queria fazer há muito tempo. Ele enrolou as mãos naquele cabelo escuro e sedoso e então a guiou, ensinando-lhe como lhe dar prazer. Arrastando sua boca sensual e quente para cima e para baixo em um ritmo contínuo. Ele era um vadio. Um monstro. Ele iria queimar nas chamas do inferno. E valeria a pena.

"Isso", ele disse para ela, e Minerva se afastou novamente, sentando na cama.

"Você não..." Ele arfou em busca de ar. "Você não tem que continuar." Como se isso fizesse dele algum tipo de santo generoso.

Ela apenas sorriu. Primeiro, Minerva tirou os óculos, dobrou-os e os colocou de lado. Então ela ajeitou sua posição, apoiando-se nos joelhos de modo a ficar com as pernas dele entre as suas. Depois se dobrou e o tomou novamente com a boca. Colin gemeu. Ela aprendia tão rápido. Aquilo estava ficando sério. Descarado, ele assistiu àqueles lábios suculentos e carnudos subir e descer por seu pênis. A fricção apertada e molhada era apenas parte do prazer. O restante vinha do doce triunfo de ser acariciado por *ela*, receber prazer *dela*. E, mais do que tudo, de estar *dentro* dela, da forma que fosse. Ele queria isso tão intensamente. Todas aquelas noites deitado *ao lado* dela, enquanto Colin queria estar *dentro* dela. Ser parte dela. Sentir-se unido, e não sozinho.

Ele fez um carinho descendo a mão pelo corpo dela até alcançar a barra de sua camisola, e a levantou. Ele deslizou a mão por baixo do tecido delicado e tocou a coxa exposta. Ela gemeu, abrindo um pouco as pernas. Ele tomou aquilo como encorajamento e levou suas carícias para mais alto. Até que aninhou em sua mão o sexo dela, úmido e quente, guarnecido por cachos atraentes. *Sim. Deus, sim.* Ele passou um dedo por entre as dobras escorregadias, esfregando o sexo dela para cima e para baixo. Ela ganiu e movimentou o quadril, à procura do toque dele. Colin enfiou o dedo médio dentro da abertura apertada, movendo-o em estocadas lentas e rasas que ela começou a imitar com a boca. Quando ele se movia mais rapidamente, ela fazia o mesmo. Quando Colin enfiava o dedo mais fundo, ela mergulhava, engolindo-o quase até a base. O prazer era muito agudo, muito intenso. Ele não aguentaria muito tempo. Colin fechou a mão, para

que a parte alta da palma esfregasse a pérola dela. Gemendo de prazer, ela pressionou seu sexo no toque dele. Minerva movimentava o quadril em marcha acelerada, frenética, e, pela primeira vez, seu próprio ritmo falhou.

"*Min*", gemeu ele.

Ela ergueu a cabeça, os olhos vidrados e tomados de excitação. A mão esquerda dele permaneceu alojada entre as coxas dela. Colin pôs sua mão direita sobre a dela onde Minerva segurava, na base de sua ereção.

"Assim." Ele puxou a mão dela para baixo e para cima. "Isso."

Eles acariciavam um ao outro em ritmo firme, contínuo, olhando nos olhos conforme o prazer crescia. Até que ela fechou as pálpebras e linhas finas surgiram entre suas sobrancelhas.

"Colin", ela arquejou.

"Sim, amor. É isso." A cabeça dele rolou para trás, no travesseiro, enquanto ele a acariciava e guiava mais rapidamente. "É isso. É..."

Ela gritou. Seus músculos íntimos apertaram e pulsaram ao redor do diâmetro do dedo dele. Então, o clímax de Colin irrompeu, enviando prazer puro por todo o corpo, e fazendo brilhar uma luz branca atrás de suas pálpebras. Após o clímax, Colin manteve os olhos fechados. Ele tirou o dedo do sexo dela e puxou a camisola por sobre as coxas. Seu peito subia e descia com a respiração pesada. Ele tentou puxá-la para se deitar do seu lado, mas ela continuou onde estava, montada em sua perna, a mão curvada ao redor de sua ereção que começava a vacilar. Agora que sua curiosidade havia sido satisfeita, e suas próprias necessidades atendidas, Colin imaginou que ela fosse se afastar dele. Claro que ela perceberia que ele a tinha usado e que havia tomado liberdades com seu corpo e sua confiança. Ele esperava realmente que ela passasse a odiá-lo com uma paixão renovada – não, sem precedentes. Quando ele finalmente reuniu forças para erguer a cabeça e avaliar a reação dela, Colin a encontrou recolocando os óculos. A expressão dela não indicava ódio, mas... Interesse científico. É claro.

"Oh, Colin." Ela molhou um dedo em seu abdome melecado, depois esfregou o indicador no polegar, como se testando a qualidade de sua semente. "Isso foi *fascinante*."

Capítulo Vinte

Ele tinha razão. As coisas ficaram um pouco estranhas pela manhã. Minerva deixou Colin dormindo e saiu da cama o mais discretamente possível e chamou a empregada com a campainha. Ela encontrou a criada na porta da suíte, onde usou mímicas ridículas para pedir um banho quente no quarto ao lado. Ela sentiu certa aflição quando as criadas trouxeram a água aquecida e a banheira, com vergonha do que aquela cena sugeria. Uma mulher jovem, solteira, compartilhava o quarto com um lorde adormecido e nu. Mas as empregadas pareciam profissionais entediadas, não chocadas. Minerva logo percebeu que, para as empregadas de Winterset Grange, aquilo não era nenhum escândalo. Era simplesmente... sexta-feira. Deus, era *sexta-feira.* O número de dias até o simpósio começar estava diminuindo, e eles mal tinham percorrido um terço do caminho até Edimburgo.

Apesar da urgência que aquele cálculo impunha, ela se demorou no banho. As empregadas lhe trouxeram óleos aromatizados e sabonetes, pétalas de rosa para a água do banho e fatias de pepino frias para acalmar seus olhos. Minerva aceitou ajuda para lavar o cabelo. Depois ela dispensou as criadas e ficou na banheira até a água esfriar, enquanto sentia a dor e a tensão sendo expulsas de seus músculos. Enquanto se enxugava com a toalha, ela lastimou o fato de que não tinha nada para vestir que não a mesma roupa de baixo suja e o vestido de seda destruído no dia anterior. Talvez houvesse, em algum lugar daquela casa, roupas que ela pudesse pegar, mas Minerva refletiu que não conseguiria vestir os trajes que alguma amante esquecera por ali. Mas então seus olhos encontraram seu baú, que continha a pegada de Francine, suas anotações científicas e... Seu enxoval.

Enrolada na toalha, ela atravessou o quarto na ponta dos pés e abriu as fivelas no baú. Cuidadosamente pondo de lado seus diários e documentos, ela removeu os rolos de tecido branco que protegiam o molde de gesso. Em sua maior parte, aqueles volumosos cilindros brancos eram lençóis bordados, toalhas

de mesa e fronhas. Mas havia outros itens, de natureza mais pessoal. Camisolas rendadas. Xales translúcidos. Espartilhos para levantar o busto. Meias de seda e ligas. Ela havia esquecido dessas coisas, que estavam enterradas no baú há anos. Minerva acreditava que nunca teria uso para esses trajes tão sensuais. Ela tinha desistido da ideia de casamento. Depois dessa viagem – e céus, depois da *noite* passada – casamento parecia ainda mais improvável. Mas isso não significava que ela não podia usar essas coisas, ou que ela devia negar esse seu lado. As peças naquele baú eram elegantes e sensuais, e eram *dela*. Tivesse ou não um marido para exibi-las.

Ela desdobrou uma camisola branca imaculada, com grandes decotes rendados na frente e atrás. Tirando o ramo de lavanda seca, embrulhado com a peça para mantê-la perfumada, Minerva vestiu a peça transparente e ficou diante do espelho. Virando-se para poder se observar de diferentes ângulos, ela passou as mãos pelo corpo, fazendo o tecido leve colar na pele. Até que os botões cor de vinho de seus mamilos aparecessem por baixo, e também o triângulo escuro entre as pernas. Ela deslizou novamente as mãos pelo corpo, gostando da sensação quente de sua pele por baixo do tecido frio. As curvas suaves de seus seios, quadril e abdome. Enquanto ela observava suas mãos tocando sua própria pele, seu pulso acelerou. Aquele corpo *desejava.* Aquele corpo era *desejado,* por ele.

No quarto de dormir, Colin se mexeu e murmurou algo, ainda dormindo. Minerva se assustou, depois levou as mãos à boca para sufocar uma risada. Ela colocou meias transparentes de seda e as amarrou com laços cor-de-rosa. Então ela voltou a chamar a criada, para ajudá-la a entrar em um espartilho francês que levantava e separava os seios, criando um efeito bastante atraente. Com relutância, ela vestiu novamente o traje de seda azul. Mas o efeito ficou muito melhor com a camisola rendada branca aparecendo no decote. E ela encontrou uma sobressaia branca, bordada, no baú, muito parecida com um babador. Ela cobria a maior parte das manchas de vinho.

Seu cabelo continuava úmido, então em vez de o prender todo com grampos, ela simplesmente pegou algumas mechas da frente e as segurou com presilhas de tartaruga. O resto do cabelo ficou solto sobre os ombros.

“Bom dia.”

Ela se virou e viu Colin enrolado nos lençóis, apoiado em um cotovelo, esfregando o rosto não barbeado com a mão.

“Bom dia”, respondeu ela, resistindo à tentação infantil de dar um rodopio para obter a aprovação dele.

Ele piscou e firmou o olhar. Um sorriso entortou seus lábios.

“Ora, Min. Como você está bonita.”

Uma alegria vertiginosa borbulhou através dela. Foi um elogio simples, mas perfeito. Ela teria duvidado dele se tivesse dito que estava “incrível”, “linda” ou “maravilhosa”. Mas “bonita”? Isso ela quase podia acreditar.

“Sério?”, perguntou ela. Minerva não achava ruim ouvir aquilo de novo.

“Você é o retrato de uma garota atraente do interior.” Ele percorreu o corpo dela com os olhos, detendo-se no decote emoldurado pela renda. “Você me faz querer encontrar um monte de feno.”

Ela corou, como imaginou que qualquer garota atraente do interior faria.

Colin bocejou.

“Faz tempo que você levantou?”

“Uma hora. Talvez mais.”

“E eu não acordei?” Ele franziu a testa. “Incrível.”

A empregada trouxe uma bandeja de café da manhã. Colin levantou da cama e foi se arrumar. Minerva se banqueteou com ovos quentes, pãezinhos com manteiga e chocolate.

“Você deixou alguma coisa para mim?”, perguntou ele quando voltou ao quarto, cerca de quinze minutos depois.

Ela ergueu os olhos, viu-o e deixou a colher cair fazendo um barulho na mesa.

“Isso é simplesmente injusto.”

Quinze minutos. Vinte, no máximo. E nesse tempo ele tomou banho, fez a barba e vestiu uma calça e uma camisa limpa e passada. Pode ser que ela estivesse “bonita” ou “atraente”. Mas ele estava magnífico.

Colin ajeitou o punho da camisa.

“Eu sempre deixo algumas peças de roupa aqui. Mas, infelizmente, não deixei um casaco. Vou ter que continuar com o mesmo que estava vestindo.”

Foi mesquinho da parte dela, tentar se consolar com aquilo. Mas foi o que ela fez.

“Agora.” Ele sentou em frente a ela e pegou uma fatia grossa de torrada. “Quanto à noite passada.”

Ela estremeceu.

“Precisamos falar da noite passada?”

Colin passou manteiga em sua torrada com movimentos lentos e contínuos.

“Acredito que devemos falar. Um pedido de desculpas é necessário.”

“Oh.” Aquiescendo, ela engoliu em seco. “Desculpe-me por tirar proveito de

você.”

Ele engasgou com a torrada.

“Não, sério”, continuou ela. “Você estava exausto e mais do que ‘alto’, e eu fui incrivelmente descarada.”

Ele balançou a cabeça e emitiu sons de discordância. Colin empurrou a torrada com um gole rápido de chá.

“Minerva.” Ele estendeu o braço por cima da mesa para tocar no rosto dela. “Você foi... uma revelação. Acredite em mim, você não tem nenhum motivo para se desculpar. O descaramento foi todo meu.” Os olhos dele mostraram preocupação. “Eu acredito que não devemos continuar esta viagem, querida. Eu prometi a mim mesmo que levaria você até a Escócia sem lhe fazer mal. Mas se continuarmos a compartilhar a cama, correrei risco sério de lhe fazer mal. Irreparavelmente.”

“Como assim?”

Ele levantou uma sobrancelha.

“Eu acho que você entendeu o que eu quis dizer.”

Ela entendeu. Ele queria dizer que a desejava, mais do que já desejou qualquer mulher em sua vida devassa e desregrada – e que não tinha certeza de que poderia honrar sua promessa de não a seduzir. O coração dela acelerou. Com empolgação, com medo.

“Mas não podemos voltar agora. Não podemos desistir.”

“Não é tarde demais”, disse ele. “Nós podemos estar em Londres esta noite. Eu levaria você para a casa de Bram e Susanna, e nós podemos dizer para todo mundo que você esteve lá o tempo todo. Algumas pessoas vão falar, mas se meu primo colocar o nome dele a seu favor... você não estará arruinada.”

Ela ficou olhando para a toalha da mesa. A ideia de simplesmente dar meia volta e retornar a Spindle Cove, sem nunca ter chegado a Edimburgo... ela estava preparada para voltar arruinada e desgraçada. Mas não sabia se conseguiria viver voltando *derrotada*. E como poderia voltar à sua antiga vida, simplesmente fingindo que nada disso aconteceu? Impossível.

“Min...”

“Nós podemos fazer isto, Colin. Podemos chegar em Edimburgo a tempo. E eu posso manter você no seu lugar, se é isso que o preocupa. Eu voltarei a ser geniosa e desagradável. Eu... eu vou dormir com um porrete debaixo do travesseiro.”

Ele riu.

“De qualquer modo, estou satisfeita, agora. Você sabe, em termos de

curiosidade. Depois da noite passada, tenho certeza de que vi tudo que havia para ver."

A voz dele ficou ameaçadora de um modo excitante.

"Acredite em mim. Você ainda não viu uma fração do que eu poderia fazer com você."

Ah, não. Não me diga isso.

"Colin, por favor." Ela apertou os olhos, depois o abriu. "Pense no dinheiro. Pense nos quinhentos guinéus."

Ele balançou a cabeça.

"Não se trata de dinheiro, querida."

"Então pense em Francine."

"Francine?"

"Pense no que ela representa. E se há muito tempo, antes de o primeiro homem aparecer, existissem criaturas como ela por toda parte? Lagartos gigantes andando pela Terra. Até mesmo voando."

"Ahn..." Ela podia dizer que Colin se esforçava para não rir.

"Eu sei que você acha tudo isso divertido, mas estou falando sério. Descobertas como a pegada dela estão mudando a história, ou, pelo menos, nosso entendimento dela. E há muitas pessoas que não gostam disso. Geólogos podem parecer entediantes, mas nós somos, na verdade, renegados." Ela sorriu. "Eu sei que você esteve com muitas mulheres, mas Francine pode ser a fêmea mais escandalosa e herética com quem você já dividiu seu quarto."

Ele riu com gosto, então. Impulsiva, ela pegou a mão dele.

"Colin, por favor, não tire isso de mim. Esse é o meu sonho, e já arrisquei tanta coisa. Prefiro fracassar a desistir."

Ele inspirou profundamente. Ela segurou a respiração.

"Halford nunca levanta antes do meio-dia", disse ele. "Deveríamos cair fora o mais breve possível, para evitar perguntas."

Ela transpirou alívio, quente e doce.

"Oh, obrigada." Ela apertou a mão de Colin. "Mas nós temos tão pouco dinheiro. Para onde vamos?"

Ele mordeu a torrada e mastigou. Dando de ombros, ele acabou respondendo:

"Para o norte."

Era realmente espantoso, Minerva pensou, como um homem conseguia chegar longe usando apenas seu charme. A manhã ainda não havia chegado ao fim e Colin, usando apenas sua lábia, conseguiu uma série de caronas com comerciantes e fazendeiros até chegar a um lugar de onde poderiam retornar à Grande Estrada do Norte. Após parar para conversar com um fazendeiro da região, ele voltou até Minerva, que esperava junto a uma cerca. Ele franziu o rosto, ao olhar para ela, devido ao sol forte da manhã.

“Ele disse que pode nos levar até Grantham, esta tarde, em troca de algumas horas de trabalho pela manhã. Os empregados dele estão consertando o telhado de uma casa. Se nós ajudarmos, ele depois nos dará um espaço em sua carroça.”

“Uma carona até Grantham? Isso seria maravilhoso, mas...”

“Mas o quê?”

Ela inclinou a cabeça.

“Entendo que ele não percebeu que você é um visconde.”

“Um visconde? Usando isto?” Sorrindo, ele indicou o casaco empoeirado e esfarrapado. O tecido sugeria apenas uma lembrança do azul-marinho original. Suas botas não eram engraxadas há dias. “Sem chance. Ele supõe que nós sejamos viajantes comuns, é claro.”

“Mas...” Como ela falaria aquilo sem ofender o orgulho dele? “Colin, alguma vez você já consertou um telhado?”

“É claro que não”, disse ele, bem-humorado, ajudando-a a passar o baú com Francine pela cerca. “Esta é minha grande oportunidade de aprender.”

Ela suspirou alto.

“Se você acha isso...”

Eles atravessaram um campo com fileiras bem organizadas de estacas em que trepadeiras verdes começavam a subir. Minerva enxergou a casa à distância. Diversos homens subiam escadas, carregando fardos de palha, para depositar no telhado. Eles pareciam formiguinhas sobre um prato cheio de creme amarelo.

“Aqui.” Colin tirou a gravata, com a qual enrolou a pistola, e enfiou o pacote no bolso do casaco. Depois retirou o casaco e o entregou para Minerva. “Cuide disto, por favor.”

E assim ele se juntou aos homens na tarefa. Minerva rapidamente foi levada para trabalhar com as mulheres, escolhendo e juntando a palha que era jogada da carroça. Ela supôs que, se conseguia ser convincente como missionária e assassina, seria capaz de fazer aquilo. Afinal, ela estava acostumada a trabalhar durante horas com seu martelo nas rochas. Uma hora mais tarde, suas costas doíam e seus braços expostos apresentavam milhares de pequenas escoriações.

Sua cabeça parecia inchada devido ao aroma doce e intenso da palha. Ela não era lá muito boa no trabalho, e dava para perceber que as outras mulheres estavam se esforçando para ter paciência com ela. Mas Minerva não desistiria.

Ela se endireitou por um minuto para esticar as costas. Sombreando os olhos com uma mão, ela procurou Colin entre os homens. Lá estava ele, perto do topo do telhado, intrepidamente montado em duas vigas. Sem hesitar um instante, nem dar qualquer sinal de desequilíbrio, ele caminhou três metros sobre um caibro descendente para pegar um novo fardo de palha. É claro que ele fazia aquilo com tranquilidade – da mesma forma que fazia tudo. Ela o ficou observando por alguns minutos, enquanto colocava a palha em camadas grossas, depois a prendia com ramos de aveleira. Ele ergueu uma ferramenta que parecia algo entre uma carda e uma marreta. Com movimentos rápidos e fortes de seu braço, ele batia na palha para fazê-la assentar. Colin parou para enxugar a testa e fazer algum comentário para seus colegas. Pela forma como todos riram, ela imaginou que a piada tinha sido boa.

Minerva se viu sentindo uma mistura de admiração com inveja. Ela parecia condenada a passar pela vida sendo a eterna excluída, enquanto Colin se encaixava em qualquer situação. Mas, pela primeira vez, ela enxergou o charme dele sob uma luz diferente. Não como um lubrificante de suas relações sociais ou sexuais, mas simplesmente como expressão de seu eu verdadeiro.

Ele a viu e ergueu a mão, em saudação.

“Tallyho!”, gritou ele.

Ela não conseguiu evitar de sorrir.

“Maluco...”, sussurrou ela, balançando a cabeça.

Um maluco encantador, sem suas máscaras. Que engraçado... Ele estava sempre pegando no pé de Minerva, dizendo que ela precisava sair de sua gaiola protetora. Mas, todo mundo não tem sua concha? Uma carapaça externa, dura, para proteger a criatura vulnerável que existe lá dentro? Talvez, pensou ela, as pessoas fossem mais parecidas com os amonites do que poderiam supor. Talvez elas construíssem suas conchas devido a fatores rígidos, imutáveis – alguma circunstância ou acontecimento na infância. Cada câmara da concha sendo apenas um pouco maior que a anterior, crescendo ano após ano, até formar uma espiral que as tranca lá dentro.

A concha de Colin foi formada pela tragédia. A morte de seus pais definiu o moldar da primeira câmara de proteção. Ele cresceu até ocupar toda ela, então foi a aumentando câmara após câmara, cada uma mais confusa e triste que a anterior. Mas e se a pessoa dentro dessas muitas câmaras ocas não for uma

tragédia? E for apenas um homem que desfruta a vida e ama as outras pessoas, mas tem dois pais mortos e um caso de insônia inflexível?

E que era *ela*, por baixo de todas as suas camadas? Uma garota desajeitada, estudiosa, que não se importava com nada além de fósseis e rochas? Ou uma mulher corajosa, ousada, que arriscaria tudo – não na esperança de obter aclamação profissional, mas pela ínfima chance de encontrar o amor. De encontrar a pessoa que pode compreendê-la, admirá-la e permitir-lhe admirar e compreender.

Ela não iria mentir. Em Spindle Cove ela havia alimentado fantasias vazias de que Sir Alisdair Kent pudesse ser esse homem. Mas agora, olhando para trás, Minerva tinha que admitir uma verdade difícil. Sempre que ela se imaginava com Sir Alisdair – encarando aqueles olhos profundos que refletiam aceitação, desejo, afeto e confiança –, os olhos dele se pareciam demais com diamantes Bristol. E estavam ancorados em um maxilar forte e uma única e relutante covinha. Minerva estava tão confusa... No futuro imediato ela queria – *precisava* – compartilhar a pegada de Francine com a comunidade científica. Além disso, ela não sabia mais o que queria. E mesmo que pudesse discernir o futuro que desejava... Como faria para aguentar se esse futuro não a quisesse?

Quando a cobertura do telhado terminou, os trabalhadores se reuniram ao redor de longas mesas de madeira para um almoço simples. Minerva ajudou as mulheres a passar cestos de pão fresco, linguiças e queijo duro. A cerveja fluía à vontade de um barril. A disposição geral mudou de trabalho para expectativa. Os homens se lavaram e colocaram seus casacos, e as garotas tiraram os aventais e amarraram fitas umas nos cabelos das outras. A carroça que até recentemente estava cheia de palha para o telhado foi limpa e atrelada a uma parelha forte e robusta.

“Nossa carruagem nos espera.” Colin estendeu a mão para Minerva. “Primeiro as damas.”

Ele a ajudou a subir na carroça, e depois carregou o baú. Minerva o empurrou até o fundo da carroça e eles – os três – se sentaram em uma fileira. Minerva se sentou sobre as pernas. Colin esticou as suas. E Francine manteve o pé dentro da caixa.

“Viajar de carroça não é problema para você?”, perguntou Minerva.

Colin balançou a cabeça.

“Não, porque é aberta.”

Todos os outros trabalhadores também subiram, e pouco antes de fecharem a traseira, meia dúzia de leitões rosados foram acrescentados à mistura. Um deles

conseguiu chegar ao colo de Minerva e se aninhou nas dobras de sua sobressaia, onde a criaturinha inteligente percebeu que ela havia guardado queijo do almoço.

"*Todo* mundo vai até Grantham?" Conjecturou Minerva em voz alta, enquanto dava ao leitão um bocado de queijo.

A jovem sentada à sua frente olhou para ela, como se Minerva fosse uma tonta.

"É dia de feira, não é mesmo?" Comentou ela.

Ah. Dia de feira. Isso explicava a agitação generalizada. E os leitões.

Conforme a carroça entrou na estrada, as garotas a bordo mudaram de posição e se aproximaram, formando um emaranhado. Elas sussurravam entre si, enquanto olhavam disfarçadamente para Colin e Minerva. Ela sabia que as demais faziam especulações sobre seu relacionamento, imaginando se aquele belo estranho estaria disponível. Após mais um pouco de sussurros e cutucões, elas pareceram nomear uma morena de aparência corajosa para a tarefa de descobrir.

"Então, Sr. Sand", disse ela, sorrindo. "O que leva você e sua amiga para a feira de Grantham?"

Minerva prendeu a respiração, na esperança tola de ser chamada de algo diferente do que irmã. Algo mais que uma amante.

"Negócios", disse Colin com tranquilidade. "Nós somos de circo."

De circo?

"Vocês são de circo?" Ecoaram várias das garotas.

"Ora, é claro." Ele passou preguiçosamente uma mão pelo cabelo. "Eu ando na corda bamba, e minha amiga aqui..." Ele passou o braço pelos ombros de Minerva e a puxou para perto. "Ela é uma engolidora de espada de primeira."

Ah, meu Deus. Minerva cobriu a boca com a mão e produziu alguns sons abafados.

"Respirei um pouco de pó de palha", explicou ela alguns momentos depois, enxugando as lágrimas de risada dos olhos.

Ela olhou de lado para Colin. O homem era um sem-vergonha inacreditável. Incorrigivelmente lindo. E – oh, céus. Ela estava a um fio de cabelo de se apaixonar perdidamente por ele.

"Uma engolidora de espadas", repetiu a morena, lançando um olhar de dúvida para Minerva.

"Ah, sim. Ela tem um talento raro. Vocês precisam acreditar em mim quando digo; eu tenho muitos anos de circo, e nunca vi alguém como ela. Vocês precisavam ter visto a apresentação dela na noite passada. Absolutamente

brilhante, estou lhes dizendo. Ela tem um jeito para...”

Minerva enfiou o cotovelo nas costelas dele, com força.

“O que foi?” Ele a pegou pelo queixo e virou seu rosto para si. Os olhos dele dançavam, alegres. “Sério, querida. Você é modesta demais.”

Ela ficou tonta de alegria ao observar o olhar carinhoso dele. E então Colin a beijou. Não exatamente na boca, nem no rosto. Foi bem no canto de seu sorriso.

A carroça passou por um sulco na estrada e deu um solavanco, apartando os dois. Minerva deitou a cabeça no ombro dele e suspirou de felicidade. Em toda a carroça, as moças suspiraram, decepcionadas. *Isso mesmo, garotas. Podem chorar no avental. Ele tem dona. Hoje, pelo menos.*

Minerva pegou a mão de Colin e deu um aperto de agradecimento. Além de todo prazer carnal que ele havia feito o corpo dela encontrar, Colin agora a apresentava a uma sensação totalmente nova. Então era essa a sensação de ser invejada.

“Bem”, disse a morena, “você nunca sabe quem vai encontrar na Grande Estrada do Norte, não é mesmo? Ontem mesmo meu irmão disse que um de seus amigos conheceu um príncipe há muito perdido.”

Todos na carroça riram, menos Minerva. O braço de Colin ficou tenso sobre os ombros dela.

“Não, falando sério”, continuou a garota. “Ele era um príncipe, viajando com roupas comuns.”

Do lado dela, outra garota balançou a cabeça.

“Seu irmão está inventando histórias de novo, Becky. Imagine, um príncipe há muito perdido viajando disfarçado por este trecho de estrada. O que ele estava fazendo? Indo para a feira?” Ela riu. “Eu não daria nenhum crédito a essa história.”

“Não sei, não.” Minerva sorriu consigo mesma, aninhando-se em Colin. “Eu acredito.”

“Bem”, a morena arqueou uma sobrancelha. “Se esse príncipe existir, é melhor que ele não encontre os amigos do meu irmão. Eles têm uma conta a acertar com Sua Majestade.”

Capítulo Vinte e Um

Não havia como sair de Grantham naquela noite. Nem por dinheiro, amor, lagartos gigantes ou qualquer outro motivo idiota que motivava Colin nessa aventura. Cada carroça, charrete e carruagem da região devia estar chegando à cidade para a feira. Não havia nada saindo da cidade. Ele abriu caminho em meio à multidão de cavalos e carroças até onde havia deixado Minerva. Quando um carregamento de galinhas engaioladas saiu da sua frente, ele a viu em meio a uma confusão de penas brancas.

Ele parou onde estava, fascinado. Admirando-a. Ela estava sentada em seu precioso baú, é claro, o queixo apoiado na mão. Ela havia deixado que os óculos escorregassem até a ponta do nariz, de modo que pudesse olhar por cima deles, como sempre fazia quando olhava para alguma coisa a mais de dez passos de distância. Seu longo cabelo escuro caía sobre os ombros em ondas encantadoras, e o sol do fim de tarde lhe conferia brilhos avermelhados. Com os dentes ela mordia aquele lábio inferior doce e carnudo, enquanto seus pés batiam no ritmo de uma música distante. Ela estava linda... O retrato de uma garota do interior de olhos arregalados que chegava para a feira.

“Nada”, disse ele se aproximando dela. “Talvez nós tenhamos sorte mais tarde, à noite.” Ele olhou por cima do ombro para a praça, que fervilhava. “Enquanto isso, bem que podemos dar uma olhada na feira.”

“Mas nós não temos dinheiro.” Ela empurrou os óculos até o alto do nariz e mostrou uma moeda fina de ouro que segurava nas pontas dos dedos. “Este soberano precisa durar até Edimburgo.”

Ele pegou a moeda dela e a guardou no bolso do colete.

“Olhar não custa nada. E vamos ter que comer algo, em algum momento. Mas seremos frugais.”

“Irmão e irmã frugais?”, perguntou ela, olhando para ele. “Um cavalheiro e sua amante frugais? Ou artistas circenses frugais?”

“Namorados frugais.” Ele estendeu a mão para ela. “Somente hoje. Tudo

bem?”

“Tudo bem.” Sorrindo, ela colocou sua mão na de Colin, que a fez se levantar.

Ah, o afeto doce e límpido nos olhos dela... Primeiro aqueceu o coração dele, e depois o contorceu em fúria. Um homem bom não faria esse jogo de “namorados” com ela sabendo muito bem que não poderia evoluir para algo mais sério. Mas ele não era um homem bom. Ele era Colin Sandhurst, malandro incorrigível, imprudente e, maldição, ele não conseguia resistir. Ele queria diverti-la, mimá-la, alimentá-la com doces e iguarias. Roubar um beijo ou dois, quando ela não estivesse esperando. Ele queria ser um jovem apaixonado que levava sua garota para a feira. Em outras palavras, ele queria viver honestamente. Só aquele dia.

Ele ergueu o baú de Francine e o equilibrou no ombro direito, enquanto oferecia o braço esquerdo para Minerva. Juntos eles foram andando em meio à multidão e passaram pela igreja. Eles caminharam pelas fileiras de animais premiados, que estavam ali em exibição, dando nomes ridículos aos porcos e arminhos, e depois discutiram qual merecia o prêmio e por que.

“Hamlet merece a faixa”, argumentou Minerva. “Ele tem os olhos mais brilhantes, e seus quadris são os mais gordos. E ele também se mantém bem limpo, para um porco.”

“Mas Hamlet é um príncipe. Eu pensei que você conferisse suas dádivas aos cavaleiros”, disse ele. “Talvez você prefira Sir Francis Bacon ali adiante.”

“Aquele imundo que está grunhindo e chafurdando na lama?”

“Pelo que sei, grunhir é uma marca de inteligência porcina.”

“Por favor”, ela olhou enviesado para Colin. “Até eu tenho meus padrões.”

“É bom saber disso.” E acrescentou, baixinho, “eu acho.”

Eles perambularam por fileiras de barracas que exibiam uma variedade de produtos tão exóticos quanto se poderia esperar de uma feira nas Midlands inglesas – tinha de tudo, de laranjas a relógios de ouropel, boinas francesas a graxa para sapatos aromatizada. Colin desejava poder comprar para ela um exemplar de cada coisa, mas se conformou em comprar um pedaço de fita azul para combinar com o vestido dela.

“Para o caso de você querer prender seu cabelo”, disse ele.

“Você quer que eu prenda o cabelo?”

“Não mesmo. Eu gosto dele solto.”

Ela balançou a cabeça.

“Você não faz sentido.”

Ele fingiu ter ficado muito ofendido.

“Você não sabe como aceitar um presente.”

“Presente?” Ela riu e o cutucou. “Você comprou com o meu dinheiro. Mas obrigada.” Ela o beijou no rosto.

“Assim é melhor.”

Por um xelim, Colin comprou o jantar – um jarro pequeno de leite e duas tortas de carne. Eles encontraram um lugar na praça e sentaram sobre o baú, um de frente para o outro. Minerva abriu seu lenço, improvisando uma toalha.

“Estou com tanta fome”, disse ela, olhando para a comida.

Ele lhe entregou uma das tortas.

“Então, pode comer.”

Ela mordeu a massa em forma de lua crescente, enfiando lentamente os dentes nas camadas de crosta quebradiça. Seus cílios tremularam e ela soltou um gemido de prazer.

“Oh, Colin. Está maravilhosa.” Ela passou a língua pelos lábios suculentos, sensuais e expressivos.

Ele ficou olhando para ela, repentinamente incapaz de falar ou se mover. Um desejo animal e puro o tomou, e com força. Ele tinha que sentir novamente aqueles lábios. Tinha. Que. Aquela não era uma simples manifestação de preferência. Era algo imperativo. O corpo dele era insistente. Para continuar sua existência nesse mundo, ele agora precisava do seguinte: alimento, água, abrigo, roupa e os lábios de Minerva Highwood.

Lançando um olhar tímido para Colin através de seus cílios escuros, Minerva tomou um gole de leite. Então ela lambeu novamente seus lábios. Correção. Ele precisava de alimento, água, abrigo, roupa, os lábios de Minerva Highwood e... a língua de Minerva Highwood. Lembranças da noite passada pipocaram em sua mente. E ele nem tentou reprimir. Não, Colin as deixou aparecer, demorando-se para gravar cada momento erótico, carnal, em sua memória. Cada momento de êxtase devia ser registrado, para que ele pudesse reviver mentalmente aquela cena durante os próximos meses e anos. Não só por desejo, mas por necessidade. Aqueles lábios. Aquela língua.

“Você não vai comer?”, perguntou ela.

“Não. Ahn... vou.” Ele se chacoalhou. “Uma hora dessas.”

Colin mordeu sua torta. Estava boa e saborosa, ainda quente do forno. Ele gostou. Mas aquilo não chegava aos pés do quanto ele gostava de vê-la apreciando seu lanche. Era extraordinário! Ele havia cortejado amantes com joias e renda veneziana, levando-as a ópera nos camarotes mais caros do teatro,

servindo-lhes ostras e morangos açucarados em bandejas de prata. Mas ele nunca conheceu aquele tipo de prazer puro e honesto que estava sentindo naquele exato momento. Devorando tortas de carne com Minerva Highwood no meio de uma feira do interior. Lambendo o polegar, ela inclinou a cabeça para observar o céu.

“Vai anoitecer em breve. Que tal tentarmos nossa sorte para encontrar transporte?”

“Vamos lá.”

Eles pegaram Francine e a carregaram em conjunto, e se puseram a caminho dos estábulos. Enquanto andavam, passaram por uma fila de barracas de jogos. Uma garotinha puxou a frente do casaco de Colin. Ela era muito magra, mas tinha os olhos vivos e usava um vestido amarelo remendado.

“Você e sua senhora não querem saber seu futuro?” A garota indicou uma tenda a uns dez passos. “Minha mãe tira a sorte. Ela consegue enxergar o futuro tão claro como se estivesse olhando por uma janela. Ela vai dizer para vocês tudo que querem saber sobre vida, amor e crianças. Até sobre o dia da sua morte!” Ela guinchou esta última parte.

Colin sorriu e colocou o baú no chão.

“Ora, essa é uma oferta tentadora.”

“Colin, não podemos”, sussurrou Minerva em seu ouvido. “Só temos dezoito xelins. Não podemos gastar nada com adivinhos.”

Ele sabia que ela tinha razão, mas algo no sorriso banguela da garota mexeu com ele.

“Qual seu nome, querida?”, perguntou ele para a garota.

“Elspeth, senhor.”

“Bem, Elspeth.” Ele se inclinou na direção dela. “Receio que não possamos comprar o futuro de sua mãe. Sabe, eu sou uma alma muito frágil. Não sei se conseguiria suportar a revelação dos meus futuros amores e filhos, muito menos a data da minha própria morte. Então por que eu não lhe digo o seu futuro?”

“Meu futuro?” Ela apertou os olhos com cinismo precoce. Com a língua, ela empurrava um dente solto para trás e para frente. “Como é que você vai dizer o meu futuro?”

“Oh, é a coisa mais fácil.” Colin tirou uma moeda do bolso e a colocou na mão da garota. “Eu vejo um doce no seu futuro.”

Elspeth sorriu e fechou a mão ao redor da moeda.

“Tudo bem, então.”

Ela saiu correndo, e Colin fez uma concha com a mão ao redor da boca e gritou para ela:

“Lembre-se, um doce. Não me faça parecer um charlatão. Não vá gastar em outra coisa.”

Ele se virou e viu que Minerva o encarava.

“É verdade”, perguntou ela, “o que você acabou de dizer para ela?”

“O que eu acabei de dizer para ela?”

“Que você teme seu futuro?”

Ele baixou o queixo, como se instintivamente se protegesse de um golpe. Seu cérebro doeu, como se ele não tivesse conseguido evitá-lo.

“Eu não disse isso.”

“Você disse algo bem parecido com isso.”

Disse mesmo? Talvez tivesse dito.

“Não é que eu tenha medo do futuro”, explicou Colin. “É que eu acho melhor não criar expectativas. Expectativas levam a decepções. Se você não esperar nada, será sempre surpreendido.”

“Mas assim você nunca fica realmente satisfeito. Você nunca vai sentir a alegria de trabalhar por um objetivo e o realizar.”

Ele suspirou profundamente. Ela precisava ser tão perspicaz? Não chega uma hora em que isso cansa?, ela lhe perguntou na noite passada, referindo-se a seu estilo de vida viva-o-momento, para-o-diabo-o-resto, insira-seu-lema-alegre-aqui. Sim, isso acabava se tornando cansativo. Colin invejava homens como seu primo, que têm uma noção de dever e objetivo tão bem definida que poderia ser um verbete de dicionário. Homens como Bram acordam todas as manhãs sabendo o que precisam realizar, por que e como. Diacho, Colin invejava os homens com quem trabalhou naquela manhã, forrando o telhado de uma casa. E ele invejava, em Minerva, sua dedicação aos estudos e suas descobertas. Mais do que ela poderia imaginar.

“Se você está me perguntando se eu não gostaria de fazer algo de útil na vida... é claro que sim. Mas eu sou um visconde, querida. Há uma responsabilidade inerente nisso. Ou vai haver, quando eu finalmente tiver o controle das minhas contas. Minha tarefa principal é permanecer vivo e não bagunçar as coisas. Eu não posso arriscar minha vida comprando um posto de oficial ou entrando na pirataria por diversão.”

“Lordes não devem administrar suas terras?”

“Quem disse que eu não administro?” Ele olhou enviesado para ela. “Acredite ou não, eu gasto vidros de tinta todos os meses, para garantir que minha propriedade seja bem cuidada. E eu faço minha parte para mantê-la em excelentes condições ficando bem longe.” Colin deu de ombros. “Eu sei que

alguns cavalheiros desenvolvem interesses intelectuais ou políticos para ocupar seu tempo. Mas o que eu posso dizer? Não sou um especialista. Sou razoavelmente bom em milhares de coisas, mas não sou ótimo em nenhuma delas."

"O homem dos sete instrumentos", disse ela, pensativa.

"Bem, algo assim. Se eu fosse bom em algum instrumento, o que não sou."

Eles ficaram em silêncio por alguns instantes.

"Você tem talentos, Colin."

Ele lhe deu uma piscada maliciosa.

"Ah, eu sei que tenho."

"Não foi o que eu quis dizer."

"Vamos ver. Sou bom em mentir, beber, dar prazer às mulheres e incitar brigas em tavernas." Colin parou de repente, diante de uma barraca com um jogo de arremesso. "E isto. Sou bom em coisas como esta." Ele pegou uma das bolas de madeira, jogou-a para o ar e a pegou com a mão. E avaliou seu peso enquanto a rolava da palma para as pontas dos dedos e de volta.

"Como é o jogo?", perguntou ele para a mulher atrás do balcão.

"Três moedas por uma tentativa, meu senhor. Jogue a bola nos cestos." Ela mostrou um cesto grande na frente. Atrás dele estava alinhada uma série de cestos parecidos, em tamanhos progressivamente menores. "A bola no primeiro cesto vale uma maçã. No cesto seguinte, uma laranja. Depois pêssegos, cerejas e uvas." Ela foi até o fim da linha e apontou para um cesto minúsculo, provavelmente menor que a própria bola de madeira. "Acerte o último e você ganha um abacaxi, diretamente das Ilhas Sandwich.

Certo. Colin sorriu, irônico. Aquele abacaxi murcho e pequeno que estava em exibição parecia vir de uma estufa frutífera após várias semanas de viagem pelo interior da Inglaterra. Era fácil ver como o jogo funcionava. Em essência, os jogadores trocavam três moedas por uma maçã. Se tivessem um pouco de pontaria, levavam também uma laranja. Evidentemente, ninguém havia ganhado o abacaxi. Ele colocou três moedas sobre o balcão.

"Vou tentar."

A maçã veio com facilidade, como era suposto que acontecesse. Ele entregou a fruta redonda e brilhante para Minerva, que havia se sentado no baú.

"Vamos", ele instou, "a vida é incerta. Coma agora."

Enquanto ganhava uma laranja e três belos pêssegos maduros, Colin foi conquistando uma pequena multidão de crianças. Ao calcular seu arremesso pelas cerejas, ele olhou rapidamente para o lado e percebeu de onde vinham seus

fãs. A pequena Elspeth havia se juntado a Minerva sobre o baú. Suco de pêssego escorria pelo queixo da menina, que mordia a fruta evitando seu dente mole. O doce não tinha sido suficiente para ela. Elspeth voltou para conseguir mais alguma coisa, e trouxe consigo todos os seus amigos. Quando ele jogou e ganhou, Colin passou o saquinho de cerejas para que Minerva fizesse a distribuição.

“Uma por cabeça”, ele avisou para os garotos e as garotas à sua volta. “Nada de cuspir as sementes.”

Pela festa que os pequenos fizeram, poderia se pensar que ele estava distribuindo moedas de ouro. Minerva foi cercada e pressionada de todos os lados, mas ela deu um grande sorriso para Colin quando abriu o saquinho.

“Você não quer uma?”

Ele negou com a cabeça. O sorriso dela – genuíno, apaixonado – era a melhor recompensa que ele podia imaginar.

“Agora as uvas!”, gritou um garoto. “Minha nossa, eu nunca provei uma uva em toda minha vida.”

A mulher corpulenta atrás do balcão cruzou seus braços.

“Seus pedintes gulosos. Podem ir embora. Ele não vai ganhar as uvas.”

“Vamos ver.” Colin rolou a bola de madeira na mão, estudando o arremesso. O cesto que ele precisava acertar estava a uns dez passos, e era, aproximadamente, do tamanho de um pires. Se ele jogasse diretamente, a bola bateria na borda do cesto. Sua melhor opção seria um arremesso alto, em arco, mandando a bola para cima de modo que caísse dentro do cesto. E foi o que ele fez, arremessando a bola para o alto. As crianças prenderam a respiração. Alguns momentos depois, Colin distribuía cachos de uvas vermelhas. Elas tinham sementes e estavam um pouco murchas, a meio caminho de se tornarem passas. Mas os garotos que nunca haviam provado uma uva não tinham do que reclamar. As crianças colocaram as frutas na boca e fizeram um concurso para ver quem fazia mais ruídos de prazer.

“O abacaxi!” Eles gritaram juntos em seguida, pulando à volta de Colin. “Ganhe o abacaxi para nós!”

Colin torceu o canto da boca. O cesto parecia ser do tamanho de uma xícara de chá. Ele nem tinha certeza de que a bola cabia dentro do cesto, quanto mais daquela distância.

“Não fiquem muito animadas, crianças.”

“Oh, mas eu sonho com abacaxis.”

“Minha mãe é empregada doméstica. Ela já provou abacaxi. Disse que são

como ambrosia.”

“O senhor consegue” gritou Elspeth.

Colin jogou a bola de madeira para ela.

“Esfregue para dar sorte, querida.”

Sorrindo, ela esfregou a bola e a devolveu. Ele piscou para Minerva e ergueu os ombros.

“Vamos ver.”

Ele mirou o cesto, avaliou seu arremesso... e jogou a bola.

Capítulo Vinte e Dois

Enquanto a bola cortava o ar, as crianças esperançosas se deram as mãos e prenderam a respiração. Minerva fez o mesmo. E ela nem gostava de abacaxis. *No cesto,* desejou ela. *No cesto.* Mas ela não entrou. Quando a bola bateu na borda do cesto e caiu no chão, ela não teve como não participar do gemido coletivo de decepção. Colin deu de ombros e passou a mão pelo cabelo.

"Sinto muito, meninos e meninas. Eu fiz o meu melhor." Ele manteve o bom humor na derrota. Um bom perdedor, como sempre. Mas ela percebeu que ele também estava decepcionado. Não por orgulho ferido, mas por causa das crianças. Ele queria lhes dar algo de que se lembrassem, e quem poderia culpá-lo?

Pondo a cautela e a frugalidade de lado, Minerva abriu caminho até o balcão e falou com a dona da barraca.

"Quanto custa o abacaxi? A senhora aceita três xelins por ele?"

Os olhos vermelhos da mulher faiscaram de ganância, mas ela foi firme:

"Não está à venda."

"Eu vou tentar, então", falou um cavalheiro jovem e bem vestido que se aproximou. Ele parecia ser a versão local de um dândi – provavelmente filho de algum fidalgo do interior, solto na feira com uma generosa mesada no bolso e uma noção desproporcional de sua importância. Ele estava acompanhado de alguns amigos que pareciam ansiosos para se divertir.

"Desculpem-me, cavalheiros", a mulher corpulenta cruzou os braços. "Esta barraca fechou."

"Pena", disse o jovem, olhando com superioridade para Colin. "Bem que eu gostaria de dar uma lição neste camarada."

Seus amigos riram. Enquanto isso, as crianças rodearam Colin, como se ele fosse um dos seus e precisassem sair em sua defesa. Foi incrivelmente cativante.

"Bem", disse Colin amistosamente, "vocês ainda podem tentar. Se é um concurso de pontaria que desejam, podemos organizar um. Com alvos e pistolas,

talvez?”

Um sussurro de empolgação correu pelas crianças. Aparentemente, a promessa de um concurso de pontaria era um bálsamo eficaz para suas arruinadas esperanças de experimentar abacaxi. O jovem olhou Colin de alto a baixo e fez uma careta.

“É melhor eu lhe avisar, sou o melhor atirador da região. Mas se insiste, vai ser um prazer acabar com você.”

“Então você vai ter também o prazer de ficar com meu dinheiro. Vamos fazer uma aposta.”

“Com certeza. Diga de quanto.”

Colin vasculhou seus bolsos e Minerva ficou preocupada. Ele podia ser um atirador excelente, mas certamente não arriscaria *todo* o dinheiro deles.

“Cinco libras”, disse Colin.

Cinco libras?

“Cinco libras?”, o jovem cavalheiro repetiu.

Minerva não conseguiu se segurar. Ela foi até o lado de Colin e suspirou:

“Cinco libras? Está louco? De onde você vai tirar cinco libras?”

“Daqui.” De seu bolso mais interno, Colin retirou um quadrado pequeno de papel dobrado. “Acabei de encontrar no bolso do casaco. Deve estar aí há meses. Tinha me esquecido dessa nota.”

Ela desdobrou o papel e ajeitou os óculos. Era, realmente, uma nota de cinco libras. Cinco libras. Todo aquele tempo se preocupando em fazer seus xelins renderem enquanto ele carregava cinco libras no bolso. Aquele maroto impossível.

“Você não pode arriscar isso”, sussurrou ela. “É...”

“Está apostado.” O dândi pegou uma bolsa de moedas de onde tirou cinco soberanos. Ele os colocou na mão de Minerva. “Cinco libras.”

Oh, céus. Ela não estava com um bom pressentimento... eles fizeram um verdadeiro desfile, com o grupo todo marchando até os limites da feira, onde um concurso de tiro poderia ser realizado em segurança. Já estava anoitecendo quando um alvo foi montado sobre um monte de palha. Uma multidão considerável se reuniu para assistir, formada não só pelas crianças, mas também por adultos.

“Um tiro cada”, disse o dândi, excessivamente confiante, inclinando a cabeça na direção do alvo colocado no centro de um campo recém-arado. “Quem acertar mais perto do centro vence.”

“Parece justo”, disse Colin. “Você primeiro.”

O jovem transformou em espetáculo o ato de limpar e carregar sua pistola cara e polida, de dois canos. Era uma pistola Finch, notou Minerva com certo bom humor. Sua amiga Susanna daria uma boa risada se estivesse presente. Com pompa e um ar de seriedade excessivo, o dândi apontou a pistola e atirou. Um círculo escuro apareceu no alvo diversos centímetros à esquerda do centro. O jovem aceitou a leve salva de palmas com uma reverência. Minerva revirou os olhos. As mulheres de Spindle Cove atiravam melhor do que aquilo.

Com certeza Colin também. Para começar, ele não quis dar nenhum espetáculo. Simplesmente balançou os ombros para tirar o casaco, e passou a mão pelo cabelo ondulado. Aqueles dois pequenos gestos foram suficientes para torná-lo o desejo de cada mulher, a inveja de cada homem, e o ídolo de cada criança presente. Céus, ele estava lindo. Ela estava tão encantada pela aparência dele que Minerva quase esqueceu de ficar ansiosa. Antes que ela percebesse, ele deu um passo à frente, mirou a pistola e disparou. Quando a fumaça se dissipou, ela limpou os óculos para observar o alvo. Na mosca, é claro. As crianças enlouqueceram, com gritos e vivas. Alguns dos garotos mais velhos tentaram, sem sucesso, erguer Colin nos ombros para comemorar sua vitória.

E Minerva fechou os dedos sobre a pequena fortuna em sua mão. Dez libras. Dez libras mudavam *tudo*. Eles estavam realmente atrasados na viagem. E agora conseguiriam chegar a Edimburgo. Francine teria seu dia de glória. Quando Colin se desvencilhou das crianças radiantes e se virou para ela, sorrindo... oh, ela teve vontade de beijá-lo. Bem na frente de todas aquelas pessoas. Mas o dândi derrotado foi falar com ele.

“Você é um trapaceiro.” O jovem olhou com desprezo para Colin. “Não sei que tipo de vigarista você é, mas meu pai é o magistrado desta região. Eu acho que ele vai ter que conversar com você. E essa nota de cinco libras também vai ter que vir comigo, como evidência. Com certeza você a roubou.”

Dando um passo para trás, Colin enfiou seus braços nas mangas do casaco.

“Eu não quero confusão.”

O amigo do dândi se adiantou, brandindo o punho fechado.

“Bem, você arrumou uma.”

Minerva sabia que, em uma luta, Colin poderia derrotar um daqueles homens ou até os dois. Mas se o dândi realmente fosse filho de um magistrado, uma briga seria má ideia. Será que eles precisavam sempre fugir em meio ao caos de violência e tumulto? Será que eles não poderiam, só dessa vez, ir embora tranquilamente, com dez libras no bolso? Só dessa vez?

“Escute”, disse Colin, batendo nos ombros dos jovens. “Talvez vocês tenham

razão e eu não tenha sido muito justo. Mas tenho certeza de que podemos resolver isso sem envolver magistrados. Que tal isto: para provar que sou um sujeito decente, vou lhe dar a chance de recuperar tudo. O dobro ou nada."

O dândi escarneceu dele.

"Se você acha que eu vou..."

"Não, não", interrompeu Colin, falando em tom suave e conciliador. "Não você e eu. Vamos deixar que nossos companheiros atirem. Seu amigo aqui", Colin bateu no ombro do sujeito, "contra minha garota." Ele olhou para Minerva.

Ah, não. Colin, não faça isso comigo.

"Contra sua garota?" O dândi riu.

"E ela vai até tirar os óculos." Colin ergueu as mãos, num gesto de rendição. "Eu disse, não quero confusão. Você pode me levar algemado e me jogar na cadeia, mas isso não o deixaria mais rico. Desta forma você pode ganhar cinco libras."

O dândi se endireitou e sorriu.

"Está certo, então. Vamos fazer como você está dizendo."

"O dobro ou nada." Colin chamou Elspeth para perto, pegou-a pela cintura e a colocou sobre a cerca. "A pequena Elspeth vai segurar o prêmio." Ele pegou as dez libras com Minerva e as colocou nas mãos da garota.

O jovem cavalheiro esvaziou sua bolsa e pegou algumas libras emprestadas com seus amigos. Finalmente, ele pegou sua parte na aposta e entregou para a sorridente Elspeth, que colocou tudo em um lenço e o amarrou. Ele deu a pistola para o amigo ansioso, que rapidamente demonstrou ser também um atirador médio. Ele acertou o alvo, mas bem longe do centro.

Era a vez de Minerva. Sua ansiedade fez seu estômago apertar.

"Dê-nos um momento", disse Colin, sorrindo, para os outros. "Preciso mostrar para ela como isto funciona."

Os homens riram a valer entre eles enquanto Colin a arrastava até a posição de tiro.

"Colin, o que deu em você?", sussurrou ela, tremendo. "O que é que eu vou fazer?"

"Você vai atirar, é claro. E vai acertar o alvo, bem no centro." Com dedos confiantes, ele retirou os óculos dela, que dobrou e guardou no bolso do casaco.

Colin pôs a pistola recarregada na mão dela. Então, aproximando-se por trás, ele passou os braços ao redor dela e ergueu a arma, como se a ensinasse a atirar.

"Depois que você disparar", murmurou Colin no ouvido dela, "pegue o

prêmio com Elspeth. Eu pego a Francine. E vamos sair correndo, o mais rápido que pudermos, na direção daquela viela." Ele apontou a pistola para o lado, indicando a direção. "Não pare por nada, nem para olhar para trás. Eu vou alcançar você, prometo."

Ela inclinou o corpo para trás, saboreando o conforto da força e do calor de Colin.

"Mas... Mas e se eu errar?"

"Você não vai errar." Ele deu um beijo no lobo de sua orelha, então recuou, soltando seus braços. "Então atire. Deixe-me orgulhoso de você."

Minerva apontou a pistola para o alvo, dando tempo para seus olhos entrarem em foco. Suas mãos tremiam. Ela tentou lembrar de todas as dicas que Susanna e a Srta. Taylor lhe deram. Como todas as mulheres de Spindle Cove, ela também havia aprendido a atirar, mas sua pontaria nunca foi lá muito consistente. Sua mãe deixava claro que achava risível a participação de Minerva naquela atividade. *Uma garota quase cega, armada com uma pistola? Minha querida, os homens já mantêm distância de você. Não há necessidade de assustá-los ainda mais com armas.* Minerva inspirou profundamente e tentou afastar os sons de riso.

"Francine", sussurrou ela, "este é por você."

E quando ela começava a apertar o gatilho, uma voz se elevou em meio ao silêncio ansioso da multidão, congelando seu dedo e transformando seu sangue em gelo.

"É ele, ali adiante!"

Não. Não podia ser.

"Vamos pegá-lo, rapazes!", gritou a voz. "Lá está ele! É o Príncipe Ampersand, da Crustácea."

Aturdida, Minerva baixou a arma e olhou para Colin.

"*Atire*", disse ele, os olhos arregalados e ferozes. "Agora."

"Certo."

Com uma determinação repentina e fria, Minerva ergueu os braços, mirou e disparou a pistola. Sem ver o resultado do tiro, ela agarrou o dinheiro de Elspeth e correu. O grito alegre de triunfo das crianças lhe contou tudo que precisava saber. O que ela já sabia, em seu íntimo. Ela havia acertado na mosca, como Colin disse. Sorrindo para si mesma, ela abaixou a cabeça e acelerou braços e pernas, correndo pela viela. Sua respiração e as batidas do seu coração ecoavam tão alto que ela mal conseguia ouvir seus sapatos batendo no chão de terra. Mas logo ela tomou consciência de pegadas atrás dela. Minerva não ousou olhar para

se certificar de que era Colin. Ela apenas continuou correndo como se o diabo a estivesse perseguindo.

E lhe ocorreu, enquanto disparava pela viela, segurando uma pistola quente com uma mão e um punhado de dinheiro com a outra, que aquilo devia marcar um momento decisivo em sua vida. Não tinha como voltar atrás depois *daquilo*. Naquele dia todas as críticas de sua mãe se mostraram erradas. Ela não era desinteressante, mas sim bonita. Ela não era distraída e desajeitada, mas autoconfiante e boa atiradora. E, acima de tudo, Minerva não era um caso perdido. Ela tinha vinte libras. Ela tinha feito uma importante descoberta científica. E ela tinha Colin, o malandro mais bonito e charmoso da Inglaterra, que vinha logo atrás dela – e rápido! A não ser pelos bandidos pensando em resgate e pelo filho furioso de um magistrado correndo atrás deles... A vida nunca tinha sido tão boa.

“Por aqui”, disse Colin ao ultrapassar Minerva quando eles chegaram aos limites da cidade. Ele trazia Francine nos braços e mostrou o caminho ao dobrar uma esquina. Eles continuaram correndo por uma rua estreita e escura, depois encontraram um pórtico em arco que dava para o muro do pátio da igreja e, mais adiante, para a zona rural.

Os dois passaram a carregar Francine juntos e correram na direção do poente. Somente depois que atravessaram duas campinas, pularam uma cerca e subiram uma colina eles pararam para respirar e olhar para trás. E não viram ninguém.

“Como você escapou?”, perguntou ela.

“Elspeth e seu exército. Eles nos deram cobertura. Mas ainda não estamos em segurança.” Ofegante, ele acenou com a cabeça na direção de uma cabana. “Ali.”

Não era exatamente uma moradia. Apenas um abrigo apertado para pastores dormirem enquanto seu rebanho pastava naqueles campos. Estava vazia naquela noite. Provavelmente todas as ovelhas haviam sido presas para que os pastores pudessem se divertir na feira. Colin teve que se abaixar para passar pela porta. Dentro eles encontraram apenas um fogão pequeno, uma lanterna, vários ganchos e outros instrumentos de pastoreio... e um catre. Ainda com a respiração pesada devido ao esforço, Minerva achou uma pederneira e acendeu a lanterna.

“Você quer saber de uma coisa?” Quando a luz amarela aqueceu o ambiente, ela se virou para Colin. “Hoje é meu aniversário.”

“Sério?”, ele riu.

“Não. Não de verdade.” Ela riu, incapaz de se conter. “Mas se fosse, teria

sido o melhor de todos. Colin, você é incrível.”

“Você é maravilhosa.” Ele a pegou pela cintura. O peito dele subiu e desceu com um suspiro ressonante. “Você é maravilhosa.”

As palavras elogiosas dele fizeram toda sua pele arrepiar. Mas quando ele a puxou para si, um estranho obstáculo redondo ficou entre eles. Colin franziu a testa, confuso.

“Oh”, disse ela, rindo. Afastando-se um pouco, ela tirou o obstáculo do bolso da sobressaia e o exibiu para ele. “Eu guardei um pêssego para você.”

Ele olhou para o pêssego. Depois olhou para ela.

“*Minerva.*”

Um formigamento despertou cada centímetro de seu corpo. A fome nos olhos dele, o calor ardente entre seus corpos... aquilo não era uma aula, nem uma experiência para satisfazer a curiosidade científica. Não era fingimento. Aquilo era *real.* Colin foi abaixando lentamente a cabeça, saboreando o momento. Fazendo Minerva se esticar para ele, senti-lo como uma necessidade. Até que finalmente ele deslizou a mão para segurar o pescoço dela e tomou sua boca em um beijo profundo e apaixonado.

Ela deixou o pêssego escorregar de seus dedos e cair no chão coberto de palha, para ocupar melhor suas mãos com Colin. Eles se beijaram e agarraram, enrolando suas línguas e enfiando os dedos um no cabelo do outro. Parecia que eles não conseguiam ficar juntos o suficiente, beijar fundo o suficiente, pressionar pele com pele o suficiente. Os mamilos de Minerva ficaram duros e ela sentia a elevação firme da ereção de Colin em seu abdome. A mente dela entendeu o que seus corpos já sabiam. Só havia um modo de satisfazer aquela necessidade. Somente uma forma de conseguir a proximidade que ela desejava.

“Minerva.” Ele deslizou a língua da garganta para a orelha dela. “Eu quero fazer amor com você.”

Somente as palavras... aquela declaração ousada, inequívoca de intenção... correu como fogo por suas veias. Quente, poderosa, arrebatadora. Havia uma dezena de motivos pelos quais ela deveria recusá-lo. Mas eram todos motivos de outras pessoas. De sua mãe, de outras mulheres, da sociedade. E ela já havia deixado todas essas expectativas para trás. Se Minerva consultasse seu corpo, não existiria dúvida. Ela ansiava pela sensação da pele dele na sua. Seu intelecto, sempre curioso, desejava experimentar a paixão física – com ele. E o coração dela... ah, o coração dela já era dele, para Colin fazer o que quisesse.

As mãos dele foram até os laços da sobressaia. Com movimentos hábeis, ele os desamarrou e retirou a peça. Então ele começou a soltar os fechos nas costas

dela. A voz dele ficou rouca de desejo.

“Eu prometi a você que não faria isto. Diacho, eu prometi a mim mesmo que não faria. Mas não consigo evitar, Min. Eu quero tanto você.”

Ela o beijou no pescoço e apertou seu corpo contra o dele, tentando lhe mostrar o que não encontrava palavras para expressar. Que ela também o queria. Que precisava de seu toque. Enquanto Colin soltava os fechos de seu vestido, ela enrolou os dedos no cabelo ondulado dele.

“Colin”, suspirou ela.

Ele pôs as mãos nos ombros dela e procurou seus olhos.

“Se você não quiser isto, diga-me.” Ele engoliu em seco. “Diga uma palavra, e eu paro.”

Em resposta ela tirou os braços das mangas do vestido de seda azul e o deixou cair a seus pés. Ele segurou uma das mãos dela para apoiá-la enquanto Minerva livrava os pés.

Recuando um passo, Colin fez um ruído ansioso com a garganta.

“Olhe só para você. Tão linda.”

Ela esquentou de prazer enquanto ele examinava as peças que ela havia tirado de seu enxoval naquela manhã. A camisola branca rendada, o espartilho que favorecia o busto e as meias de seda. Se ela estava guardando aquelas peças para outra coisa que não aquele momento com ele... Minerva não conseguia se lembrar. Aquele dia maluco, exultante na feira; o lugar humilde e acolhedor onde passariam a noite. O desejo evidente nos olhos dele enquanto a admirava. Aquilo parecia ser tudo que Minerva sempre quis.

Ela abriu o baú e encontrou os lençóis que ela mesma havia bordado e guardado para alguma improvável noite de núpcias. Juntos, eles os abriram sobre o estreito catre. Mesmo que ela morresse uma solteirona, ainda assim teria conhecido mais paixão naquela única noite do que algumas mulheres têm durante toda sua vida. Ela jurou saborear cada toque. Lembrar cada carinho. Manter os olhos abertos em todos os momentos. Até mesmo enquanto ele beijava o lugar macio abaixo de sua orelha.

Ele a pegou pela cintura e a girou. De costas para ele, Minerva tremia enquanto ele soltava os laços de seu espartilho. Finalmente, a peça apertada caiu de seu corpo, e Minerva inspirou profundamente, o que teve um efeito inebriante. Com um gemido suave, ele a puxou para si. Os músculos sólidos de seu peito sustentaram o peso dela enquanto Colin a erguia e agarrava seus seios por cima da camisola. A respiração dela ficou apressada quando ele acariciou as esferas macias, massageando seus mamilos, que formaram picos tesos e ávidos.

Ela se virou em seus braços, desejosa de também poder tocá-lo. Deslizando as mãos por baixo de sua lapela e chegando até os ombros, Minerva derrubou o casaco do corpo dele. Ele sacudiu os braços para se livrar da peça, que jogou de lado. Ela puxou a camisa de dentro da faixa abdominal de Colin, e enfiou as mãos por baixo do tecido para explorar os contornos suaves e musculosos do torso dele. Colin levantou os braços o máximo que foi possível, com aquele teto baixo, e ela puxou sua camisa para cima, passando pelos ombros. Depois que a camisa foi removida, ele a orientou para fazer o mesmo. Minerva esticou os braços para cima e ele segurou o tecido leve e translúcido de sua camisola e a ergueu, lenta e reverentemente, enquanto passava pela cabeça e pelos braços dela. Com um gesto rápido, ele a jogou de lado. Então, as mãos de Colin fizeram o caminho inverso, deslizando languidamente pelos braços estendidos de Minerva, passando por seus seios, sua cintura, seu quadril, despertando cada parte dela com seu toque. Suas palmas estavam um pouco ásperas pelo trabalho no telhado, naquela manhã, mas aquilo apenas serviu para aumentar a excitação dela. E fazer com que ela tivesse certeza de que aquilo era real.

Minerva ficou nua diante dele, exceto pelas meias e ligas. Ele passou uma mão pela bunda dela e por sua coxa. Ela pensou que ele iria soltar a liga, mas em vez disso Colin passou a mão pela seda delicada. Erguendo a perna de Minerva, Colin colocou a coxa dela ao redor de seu quadril, puxando-a para perto. Seus seios encontraram o peito nu dele, e enquanto se beijavam ela os esfregou contra o calor sólido dele, mitigando a dor difusa que sentia. Ele gemeu dentro de sua boca.

A mão de Colin trabalhava entre os dois, tocando e acariciando suavemente o sexo dela. Um músculo interno da coxa dela palpitou, e Minerva sentiu que estava ficando molhada. Ele enfiou dois dedos dentro dela, bem fundo, até que a parte macia de sua mão pressionou o monte de Vênus. A reação do corpo dela foi imediata e intensa. Enquanto ele movimentava a mão para trás e para frente, ela o acompanhava, cavalgando suas investidas e gemendo em sincronia com as suaves estocadas. Tão perto. Ela já estava tão perto. Colin retirou os dedos, e ela lamentou a perda repentina. Enquanto Colin a levantava, para em seguida deitá-la na cama, sua voz tremeu de desejo.

“Droga, eu sei que deveria ser generoso, que deveria lhe dar prazer primeiro. Mas eu quero estar dentro de você. Eu quero estar bem fundo quando você gozar.”

Ela não tinha como protestar contra isso. Ela observou Colin sentar no baú e tirar, afobado, suas botas e calça. Quando sua ereção balançou livre, ela esticou a

mão para a figura escura e atraente. Ele a deixou livre para explorar, afastando as coxas para que Minerva pudesse acariciar toda sua extensão e segurar o saco vulnerável. Ele gemeu demoradamente enquanto ela o acariciava. Minerva tocou a gota de umidade na ponta, e a espalhou com movimentos circulares de seu polegar. Colin agarrou seu pulso, detendo sua mão.

“Eu não aguento mais isso”, disse ele com uma risada rouca.

“Então venha para mim.” As palavras fizeram com que ela se sentisse ousada e sedutora. Minerva se contorceu sinuosamente no catre, fazendo do seu corpo todo um convite escrito em caligrafia rosa claro.

Ele não perdeu tempo para aceitar. Colin mergulhou entre suas pernas, afastando suas coxas. Ele a provocou esfregando toda a extensão do seu membro no sexo dela, deixando-a anestesiada de prazer. Quando ele colocou a cabeça lisa e larga de seu pênis na abertura, Minerva ansiava por ser preenchida.

“Você está tão molhada”, grunhiu ele, enfiando. “Tão molhada e tão apertada.”

Com a invasão lenta e assustadora, Minerva não conseguiu conter um grito agudo de dor. Ela arregalou os olhos e arfou. Estava feito. Ele estava *dentro* dela. Eles estavam fazendo amor. A sensação era... maravilhosa e terrível ao mesmo tempo. A torrente de sensações e emoções tomaram conta dela. Seus seios foram moldados pelo peso do peito dele. Seu coração inchou com uma ternura angustiante. Mas, sobretudo, entre suas pernas, doía como o inferno. *Colin sabe o que está fazendo,* Minerva disse para si mesma. Com certeza logo a sensação seria maravilhosa. A qualquer momento.

Ele deslizou para trás um pouco, depois voltou para dentro. Indo mais fundo dessa vez, e a abrindo ainda mais. Ela sabia, por sua própria pesquisa, que ele era mais grosso na base. Quando mais ele avançava, mais a dor aumentava. Minerva estava a ponto de lhe implorar que parasse totalmente.

“Você pode...” ela ofegou. “Esperar. Um pouco.”

Soltando uma imprecação, ele apoiou a testa no ombro dela.

“Detesto ter machucado você. Detesto ter feito isso com você.” Ele ergueu a cabeça. “Deus, Min. Eu sinto muito. Vou recompensá-la, eu juro. Não sei como, mas... vou recompensá-la.”

“Apenas faça ficar gostoso.” Ela abriu um sorriso corajoso. “Você sabe como fazer isso?”

A boca de Colin se retorceu em um sorriso arrogante.

“Acho que *isso* eu posso fazer.”

Ele não enfiou mais fundo. Colin fez a pausa que ela pediu e focou sua

atenção no que estava à sua mão. Apoiando seu peso em um cotovelo, ele segurou o seio dela com os dedos curvados e chupou o mamilo para dentro da boca, trabalhando-o preguiçosamente, rolando a língua em volta do bico sensível e em cima dele. A cada passada de sua língua habilidosa, um estremecimento de prazer percorria o corpo dela. Quando ele transferiu sua atenção para o outro seio, a dor no local em que estavam unidos começou a diminuir. Os músculos íntimos dela relaxaram ao redor do pênis, e o clitóris inchado, no cume do seu sexo, começou a exigir atenção. Instintivamente, ela arqueou os quadris, em busca de fricção. Ela conseguiu, e o movimento também o trouxe mais para dentro, aproximando-os.

Ela arfou, surpreendida pelo prazer intenso da penetração. Colin gemeu com seu mamilo dentro da boca. Toda dor foi esquecida enquanto ela tentava reproduzir aquela sensação, contorcendo-se contra ele novamente. E de novo e de novo. Trazendo-o mais para dentro em incrementos supliciantes. Com cada movimento, a pelve dele esfregava a dela bem onde Minerva precisava, levando sua excitação a novas alturas.

"Isso", disse ele, redistribuindo seu peso e avançando novamente. "É isso, amor." Ele passou uma mão por baixo do traseiro dela, erguendo-a e puxando-a para si enquanto enfiava ainda mais fundo. "Está melhor agora, não está?"

"Está", sussurrou ela.

Colin aumentou a força das estocadas.

"Está?"

"*Sim*." Ela agarrou os ombros dele. "Oh, Colin, está tão bom."

Enterrando o rosto no pescoço dela, ele murmurou algo que soou como *Graças a Deus*. Ele estabeleceu um ritmo, forte e contínuo, indo um pouco mais fundo a cada estocada. Minerva o sentiu alcançar lugares que ela nem sabia que existiam. Ainda assim, ela desejava mais. Quando finalmente toda sua extensão estava enterrada dentro dela, Colin descansou um instante, mantendo seus corpos próximos e unidos. Os olhos dele brilhavam de emoção.

"Faz tempo que eu quero isto, Min. Mais tempo do que você imagina."

Ela tocou o rosto dele.

"Eu também!"

Ele a beijou com doçura e voltou a se movimentar. Profunda e continuamente. Verdadeiro e real. Ela arqueava o corpo para acompanhar os movimentos, ficando desesperada por mais. Ao pedido silencioso dele, Minerva o abraçou com as pernas, e ele entrou ainda mais fundo. Agora ele tocava algum lugar escuro, doce, *essencial* dentro dela, e extraía de sua garganta um soluço de

alegria a cada nova estocada. Minerva agarrou suas costas, enfiando as unhas em sua carne. Os dentes dela arranharam seu ombro. *Não pare. Por favor, não pare nunca*. Ela cavalgou a onda de prazer que atingia alturas cada vez mais elevadas, até que arrebentou. Ele a segurou apertado, mantendo o ritmo enquanto ela subia em espiral e mergulhava no êxtase.

Ele se ergueu com os braços e passou a trabalhar de um ângulo novo, mais fundo. Colin acelerou o ritmo e a força de seus golpes aumentou. Ela adorou sentir o desejo expresso na tensão dos músculos dele. Ela adorou saber quanto Colin a queria, ver a dolorosa expressão de desejo em seu rosto. Ela adorou recebê-lo tão fundo, forte e rápido quanto ele queria. Era como se eles, colidindo com força suficiente, pudessem se fundir em uma só pessoa. Eles *podiam* se fundir em uma pessoa, se ele não tomasse cuidado.

"Colin", ela ofegou. "Nós precisamos ter cuidado."

"Eu sei. Eu sei. É que você é tão..." Ele gemeu durante uma estocada profunda, forte. "Tão doce. Tão perfeita. Tão boa. Tão... muito... muito... *muito...*"

Com um grito gutural, vindo das entranhas, ele saiu de dentro dela. Colin desabou para a frente, com os braços trêmulos. E espalhou seu sêmen pelo abdome dela como um tipo de confissão. Um segredo vital e quente. Minerva acariciou as costas dele enquanto sua respiração voltava ao normal. Ele estava tão quieto. Era Colin em seus braços, e ele *nunca* ficava quieto. Enquanto ele estava ali, pesado e silencioso sobre seu peito, Minerva começou a ficar preocupada. Será que ela... tinha... se saído bem? Talvez ela não tivesse feito o bastante, ou talvez tivesse feito demais. Talvez ele preferisse que ela falasse mais, ousasse mais ou... fosse diferente, de alguma forma. Ela estava a ponto de pedir desculpas e implorar por uma segunda chance quando ele rolou para o lado.

"Oh, Min. Isso foi incrível. Eu nunca sonhei que pudesse ser tão bom com..." Ele afastou o cabelo do rosto dela. "Com você."

Lágrimas de alívio e alegria surgiram nos cantos de seus olhos.

Ele se deitou de costas e apoiou a cabeça em um braço.

"Sabe, eu não deveria dizer isto. Mas você pode me pedir qualquer coisa agora, qualquer coisa mesmo, que eu daria para você."

"Sério?" Ela riu. "Qualquer coisa que eu quiser? Ouro, prata, pérolas, rubis...?"

"É seu. E sua, suas e seus."

"A lua."

“É sua. Vou até lá pegá-la para você, assim que recuperar o fôlego. E algumas estrelas também, se você quiser.”

Ela se aninhou nele.

“Não se preocupe. Não consigo imaginar qualquer coisa que pudesse melhorar este momento.”

Mas aquilo era mentira. Havia uma coisa que ela desejava ter coragem de lhe pedir. Se ela pudesse receber qualquer coisa que desejasse, Minerva só lhe pediria uma coisa. *Amor. Deixe que eu ame você, e me ame.* As palavras queimaram em sua língua, mas Minerva não as conseguiu dizer. Que covarde inútil ela era. Ela podia bater na porta dele à meia-noite e exigir que fosse respeitada como indivíduo. Ela podia viajar através do país na esperança de ser admirada por suas realizações intelectuais. Mas ela não tinha a coragem de pedir a coisa que mais queria. Ser amada, apenas por ser ela mesma.

Capítulo Vinte e Três

Em algum lugar, um cachorro uivou durante a noite. Com um espasmo, Colin sentou no catre, tremendo e empapado de suor. Ele escancarou a porta do abrigo de pastores e inspirou profundamente o frio ar noturno. Quando sua pulsação acelerada começou a diminuir, ele apoiou a testa no pulso e xingou violentamente.

Carícias suaves, calmantes, subiram e desceram por suas costas. O toque dela não fazia perguntas nem exigências. Ele simplesmente o fazia saber que não estava sozinho.

“Posso ajudar?”, perguntou ela, afinal.

Ele balançou a cabeça.

“Não é nada de incomum. Só me pegou de surpresa. Nas últimas noites eu nem acordei. Comecei a pensar que...”

“Que eu fosse a sua cura?” Ele sentiu um toque de ironia na voz dela. “Eu também esperava que fosse. Mas acho que foi uma expectativa boba.”

“Nada disso.” Ele suspirou, passando as mãos pelo cabelo e procurando se recompor. “É só este lugar, eu acho.”

“É muito pequeno e escuro. Podemos pegar nossos cobertores e nos deitar sob as estrelas. Ou podemos simplesmente desistir de dormir e caminhar na direção da estrada.”

“Não, não. Ainda demora muito para o nascer do sol. Eu posso voltar a dormir, mas acho...” Ele procurou seu lenço, com o qual enxugou o suor da testa e do pescoço. “Eu acho que gostaria de conversar.”

Essas palavras foram surpreendentes para os dois. Eles não fingiram que ele queria discutir o clima ou rotas de carruagem. Minerva soube, imediatamente, o que ele queria.

“É claro.” Ela sentou no catre. “Quer que eu acenda a lanterna?”

“Não. Não precisa.” Com a porta aberta, um pouco do luar passava pela abertura. Colin conseguia distinguir o contorno prateado de sua silhueta e o

brilho de preocupação em seus olhos escuros. Era o bastante.

Ele a fez deitar ao seu lado, e enfiou o nariz em seu cabelo espesso, com aroma de jasmim. Colin não sabia muito bem por onde começar. Ele nunca havia falado daquela noite com ninguém, não em detalhes. Mas os anos de silêncio não pareciam estar ajudando. Talvez fosse hora de tentar falar a respeito. Ele tinha que fazer algo, se quisesse deixar tudo aquilo para trás, assumir o controle de seus dias *e* suas noites, e criar uma aparência de vida normal e entediante. Ele queria aquele tipo de vida. E queria que Minerva fosse parte dela.

"Vai ser desagradável de ouvir", ele a alertou. "Tem certeza de que não vai se importar?"

Ela se ajeitou no peito dele.

"Você *sobreviveu* a isso, Colin. Posso reunir forças para ouvir a respeito."

"Talvez nós devêssemos esperar que o dia clareasse."

"Se você quiser esperar, nós podemos esperar. Mas estou pronta agora, se você também estiver."

Ele inspirou lenta e profundamente, e então começou a falar.

"Eu não tenho ideia do que o causou. O acidente, quero dizer. Estávamos voltando para casa de uma visita aos vizinhos. Não era um percurso longo. Não tínhamos criados conosco, apenas o condutor. Eu peguei no sono, no assento virado para trás. Meus pais estavam sentados juntos, de frente para mim. Lembro de ouvi-los falando e rindo de alguma coisa. Acho que minha mãe provocava meu pai por ele comer muito. Eu adormeci ao som de suas vozes. E acordei algum tempo depois. Com seus gritos."

Ela passou o braço pelo tronco dele.

"Você deve ter ficado tão confuso."

"Totalmente. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Estava escuro e nós saímos da estrada. Eu tinha caído do meu assento. Então percebi que a carruagem tinha virado e que eu estava sobre a porta. Eu cortei a cabeça na tranca."

"Aqui." Ela sentiu a cicatriz na têmpora dele.

Colin aquiesceu.

"Fora isso, não parecia que eu tinha me machucado. Mas eu estava aterrorizado. A escuridão era total. Parecia que eu tinha uma venda nos olhos. E o cheiro de sangue..." Colin sentiu a barriga contrair, e ele parou para se recompor. "Era tão intenso. Sufocante. Eu chamei minha mãe, e ela respondeu. A voz dela estava fraca e estranha, mas ela ficava repetindo que tudo daria certo. Que eu precisava ser corajoso. Que certamente logo alguém apareceria para nos

ajudar. Eu queria acreditar nela, mas sabia que ela não conseguia se mexer.”

“Onde estava o condutor?”

“Ele havia se machucado seriamente. Ele foi jogado de seu assento um pouco atrás, mas não soubemos disso no momento. Só conseguíamos ouvir a agonia dos cavalos. Foram deles os gritos que me acordaram.”

“E seu pai?”

“Morto.”

“Você já sabia disso?”

“Não, mas minha mãe sabia. Da forma como eles caíram...” Ele inspirou fundo. “Esta parte é desagradável, querida.”

“Continue.” Ela tocou seu ombro. “Estou ouvindo.”

“Havia um tipo de espeto. Até hoje não sei se era parte da carruagem ou algo na vala. Parte de uma cerca, talvez um galho..., mas eles foram atravessados por aquilo. Os dois. O espeto perfurou completamente o peito do meu pai e entrou no flanco da minha mãe.”

Minerva estremeceu nos braços dele.

“Oh. Oh, Colin.”

“Receio que a história fique pior. Enquanto minha mãe falava, eu sabia que ela estava viva. E mesmo quando não conseguiu mais falar, sua respiração difícil e alta me dizia que ela continuava viva. Mas quando até isso parou... eu fiquei totalmente descontrolado. Entrei em pânico. Eu queria sair. Eu gritei e bati nas paredes da carruagem até, acho, ficar inconsciente. E então...” Ele engasgou com a emoção. Colin havia chegado até ali. Ele precisava ir até o final. “E então os cachorros selvagens nos encontraram. Atraídos pelo barulho e pelo cheiro de sangue. Eu passei metade da noite gritando porque queria sair, e a outra metade rezando para que eles não conseguissem entrar.”

“Oh, Deus.” Ele sentiu as lágrimas dela, quentes e úmidas em sua pele.

“Sinto muito”, disse ele rapidamente, segurando-a bem perto. “Sinto muito.” Ele sabia que havia descrito uma cena perturbadora. E era exatamente por isso que nunca tinha falado sobre o assunto. Com ninguém... Ele odiava ter impresso aquele quadro macabro na imaginação dela. “Eu não devia ter contado para você.”

“É claro que devia.” Fungando, ela ergueu a cabeça. “Você fez muito bem. E pensar que ficou guardando isso com você por todos esses anos? Sou eu quem deveria sentir muito.” Ela passou os braços pelo pescoço dele e o abraçou apertado. “Colin, sinto muito. Essas palavras são patéticas e insuficientes. Mas eu sinto muito, de verdade. Eu queria, de todo coração, que você não tivesse

passado por isso. Mas estou contente que você tenha me contado tudo.”

Ele enterrou o rosto no cabelo dela. Por um instante ele receou chorar. E então Colin percebeu que, se chorasse – mesmo que de modo ruidoso, descontrolado – ela não se afastaria dele. Ela até esperava que ele derramasse algumas lágrimas. Aqueles braços macios, delicadamente cheirosos, o envolveriam pelo tempo que ele precisasse. Então ele decidiu deixar as lágrimas rolar. E elas não vieram. Estranho... por quem ele deveria chorar? Por seus pais? Ele havia pranteado a perda dos dois. E continuava a sentir falta deles. Mas o luto só dura um certo tempo. Era o horror daquela noite que ainda persistia. O medo. E a vergonha. A vergonha profunda, enterrada, não manifesta.

“Durante anos”, disse ele em voz baixa, “eu pensei que foi culpa minha. Que se eu não tivesse pegado no sono, não teria acontecido.”

“Mas isso não faz sentido”, exclamou Minerva.

“Eu sei.”

“É claro que não foi culpa sua.”

“Eu sei disso.”

“Você era uma criança. Não havia nada que você pudesse ter feito.”

“Eu sei. E como adulto, eu entendo isso racionalmente. Mas...” Mas ele nunca conseguiu se livrar desse sentimento. Era como se ele precisasse que alguém mais confirmasse sua inocência. Alguém muito inteligente e lógico. Alguém em quem ele pudesse confiar que sempre lhe diria a verdade nua e crua. Alguém como Minerva.

“Não foi minha culpa”, disse ele.

“Não”, confirmou ela. “Não mesmo.”

Doce e querida Min. Desde o início, foi disso que ele mais gostou nela. Sua certeza.

Ela deu um beijo em seu rosto. Ele inspirou profunda e vagarosamente. Era incrível como ele se sentia mais leve, e se ela não o estivesse segurando com seus braços, Colin poderia ir embora flutuando.

“Sabe de uma coisa?”, perguntou ele, sonolento. “Eu sempre pensei que a morte dos meus pais era algo tirado de uma balada. Eles se amavam tanto. Mesmo sendo criança eu percebia isso. Parece quase correto que eles tenham tido um fim poético. Sempre juntos, unidos mesmo na morte. No que diz respeito a tragédias, você tem que admitir, foi uma morte bastante romântica.”

Ela ficou em silêncio por muito tempo, mas Colin sabia que Minerva não estava dormindo. Seus dedos passeavam pelo cabelo dele. Colin estava quase adormecendo quando a ouviu responder.

“Se você escrever a letra, eu cantarei essa balada.”



Minerva não conseguiu voltar a dormir. Seu coração e sua mente estavam cheios demais. E, de certa forma, ela sabia que Colin dormiria melhor se ela velasse por seu sono. Quando os primeiros raios do amanhecer se infiltraram na cabana, ela esticou o braço esquerdo. Primeiro acima da cabeça, para levar sangue aos dedos duros, dormentes. Então o hábito e a necessidade fizeram com esticasse o braço, tateando à procura de seus óculos.

Com um murmúrio incoerente, Colin se virou, ainda dormindo. Ele jogou um braço pesado sobre o tronco dela, e seus dedos procuraram o seio de Minerva. Oh, céus. Seu coração congelou por um momento, recusando-se a bater. Então ele passou por um descongelamento rápido, o que doeu – da mesma forma que sentimos pontadas em dedos dormentes de frio quando colocados em uma bacia de água quente. A respiração, de repente, começou a exigir um esforço consciente. A primeira coisa que ela fazia, todas as manhãs, era estender a mão para pegar seus óculos, porque o dia não fazia sentido sem eles.

Colin estendeu a mão para *ela*. Minerva não podia “curá-lo”. Nenhuma mulher poderia. Eventos assim distantes no passado não podiam ser desfeitos. Mas talvez ele não precisasse de uma cura, mas... de uma lente. Alguém que o aceitasse como a pessoa imperfeita que ele é, para que assim pudesse ver o mundo com clareza. Da mesma forma que os óculos a ajudavam. Uma hora antes essa ideia teria parecido absurda. Mas aqueles primeiros raios mágicos da manhã perdoavam todo tipo de tolice. Então ela se permitiu sonhar, ainda que só por um instante. Ela se deixou imaginar como seria acordar todos os dias como naquele, sentindo-se essencial para ele. A última coisa que ele toca à noite, e a primeira pela manhã – por familiaridade e um desejo de se sentir inteiro.

Quando ele se mexeu, já acordado, dando beijos em sua bochecha, ela queria tanto aquilo, tão desesperadamente, que uma parte sensível e pulsante de seu coração já pranteava a decepção. Ela se virou para o lado oposto ao dele, deitando de lado – não querendo explicar como havia conseguido ficar tão extenuada antes mesmo do café da manhã. Ele se aninhou às costas de Minerva, embalando o corpo dela com o seu. A pose enfatizava todos os contrastes físicos entre eles. Os contornos rígidos do peito dele encostado nas costas de Minerva. Os pelos das pernas de Colin tocando as coxas lisas dela. Por baixo do lençol, as mãos dele passeavam pelas curvas de Minerva com intenção sensual, possessiva.

Envolvendo a cintura dela com o braço, ele a puxou para perto. A excitação dele pulsou contra a região lombar dela.

“Min”, ele suspirou, acariciando a curva de seu pescoço com o rosto. “Preciso de você outra vez. Você me quer?”

Ela confirmou com a cabeça. Mas antes que pudesse se virar para ficar de frente, ele agarrou e ergueu sua perna, mudando de posição atrás dela. Sua dureza ficou entre as coxas dela. Ela ficou tensa, em dúvida.

“Está tudo bem.” Ele beijou o pescoço dela enquanto seus dedos desceram pela barriga dela, chegando até sua abertura. “Vou mostrar para você.”

Ele acariciou sua intimidade com habilidade e paciência, até ela estar não só pronta, mas desesperada por ele.

“Me ame”, implorou Minerva. Porque ela podia falar essas palavras naquele momento, sem arriscar demais.

Ele pegou sua ereção com a mão, virou os quadris dela para o ângulo certo e deslizou para dentro. Minerva estava dolorida por causa da noite anterior. Mas ele foi delicado, segurando-a em seus braços e a amando com movimentos lentos e estudados. O calor doce entre eles cresceu e expandiu. Ela relaxou o corpo, ondulando com suas estocadas, de modo que se moviam como se fossem uma coisa só. Ele segurou seu seio e beliscou o mamilo. Então a mão dele deslizou pelo corpo dela. *Isso. Mais baixo. Toque-me lá.* Ele sabia o que ela queria. Colin pegou sua pérola com as pontas dos dedos e a massageou com círculos apertados, febris, até Minerva estremecer e gritar com prazer incomparável. Quando o clímax dela diminuiu, ele saiu de dentro, e terminou com movimentos desesperados entre as coxas dela. Quando ele gozou, Minerva saboreou seu rugido baixo e selvagem.

“Bom dia.” Ela sentiu o sorriso dele em sua nuca.

“É mesmo?”

O tom de voz dele mudou.

“Você acha que não? Preferia que nós não tivéssemos...”

“Não.” Reunindo sua coragem, ela se virou para ficar de frente para Colin. “Eu não me arrependo. Não mesmo. Mas eu quero lhe garantir, caso isso precise ser dito... Eu não tenho expectativas.” *Somente esperança. Esperanças tolas e ansiosas.*

Ele piscou.

“Você não tem expectativas.”

Ele devia entender o que ela estava querendo dizer.

“O que nós compartilhamos foi lindo. Mas eu não quero que você fique

preocupado comigo, que eu esteja querendo mais.”

“Ora”, disse ele secamente. “Quão generoso da sua parte.”

“Você não está aliviado?” Ela não compreendia a contrariedade na voz dele.

Colin rolou, deitando de costas, e esfregou a ponta do nariz.

“Minerva, não consigo decidir qual de nós dois você está insultando mais. Depois da noite passada, você *devia* ter expectativas.”

“Expectativas do quê?”, ela engoliu em seco.

“De *mim*.”

“Eu pensei que era você quem defendia que não devemos ter qualquer expectativa. Não é essa sua filosofia de vida? Você disse que expectativas levam a decepções. Que se não esperarmos nada, somos sempre surpreendidos.”

A risada dele pareceu um latido.

“Nesse caso...”

Ele se virou para ela. Seus olhos castanhos brilharam intensamente.

“Surpresa.” Ele beijou a ponta do nariz dela. “Você vai casar comigo.”

Capítulo Vinte e Quatro

Bem, pensou Colin. Com certeza ele a surpreendeu. Se a surpresa caía na categoria “agradável” ou “desagradável”, ele não soube dizer. A segunda opção, suspeitou ele. Ela não mexeu um músculo. Mas por trás dos óculos, seus cílios bateram como dois ventiladores de ébano.

“Casar? Com *você*?”

Ele tentou não se ofender.

“Eu preciso dizer, Minerva, que essa não é exatamente a resposta entusiasmada, radiante, que um homem gostaria de ouvir.”

“E esse não foi o pedido sincero, ardente, que poderia suscitar uma resposta assim. De fato, não tenho certeza de que isso vale como um pedido.”

“Acho muito justo.” Ele suavizou o tom. “Você conseguiu um adiamento. Mas, neste momento, saia da cama. Temos que nos apressar, se quisermos chegar a York esta noite.”

“Espere, espere.” Enquanto ele se sentava, ela agarrou seu braço. “Estou confusa. Isto foi como um daqueles duelos bobos que os cavalheiros encenam? Você dispara uma proposta qualquer ao amanhecer, eu a deixo escapar e, de algum modo, sua honra foi preservada?”

“Não, não é nada disso. Estou falando sério. Eu quero me casar com você.”

“Mas eu pensei que você tinha jurado nunca se casar.”

Ele deu de ombros.

“Eu me lembro de você dizer algo semelhante.”

“Exatamente. Colin, eu aprecio seu gesto.” Ela mordeu o lábio. “Acho. Mas eu não vou me casar com você simplesmente porque está sentindo um peso repentino na consciência. Nós dois sabíamos, desde o começo, que eu ficaria arruinada.”

“Na aparência, sim. Mas agora foi de verdade.”

“De verdade, eu não me sinto arruinada.” Ela lhe deu um sorriso encabulado. “Só um pouco dolorida em alguns lugares. A noite passada lhe pareceu ser um

erro grave?”

Ele tocou no rosto dela.

“Deus, não. Muito longe disso.”

Colin passeou o olhar por todo o belo e delicado rosto dela. Depois da noite que eles passaram, algo em sua alma finalmente parecia ter entrado nos eixos.

“Então de que se trata isso? O que você está pensando?”

Ela se esforçou para sentar. O lençol caiu à altura de seus quadris, revelando seu busto nu. Colin perdeu o fôlego. Ela estava exatamente com a mesma aparência daquela primeira noite. Os óculos caídos na ponta do nariz, o cabelo solto sobre os ombros, os seios nus o tentando com sua perfeição tocável. Um gemido baixo teve origem no peito dele.

“Eu estou pensando”, disse ele, “que a noite passada foi inevitável, e que eu deveria saber disso no dia em que saímos de Spindle Cove. Estou pensando que o que eu *deveria* fazer, como cavalheiro, é interromper imediatamente esta viagem e tomar providências para um casamento de verdade.” Ele impediu que ela se manifestasse com um dedo sobre seus lábios. “Estou pensando que *gostaria* de deitar você nessa cama, fechar a porta e passar a próxima semana explorando seu corpo do avesso. Mas principalmente, Min...”

Ele empurrou os óculos dela para o alto do nariz, para que ela pudesse focar seu rosto.

“Estou pensando que fiz duas promessas a você. Levá-la ao simpósio e sem a seduzir. Já quebrei uma delas, mas tenho a intenção de cumprir a outra.” Ele se levantou da cama e lhe ofereceu uma mão. “Então estou pensando que esta conversa vai ter que esperar. Nós não podemos desperdiçar nem um minuto.”

Sacudindo a cabeça, aturdida, Minerva aceitou a mão dele.

“Está certo.”

Colin pegou um balde de couro na cabana dos pastores e foi buscar água em um córrego próximo. Enquanto Minerva fazia sua toalete dentro da casa, ele mergulhou na água gelada – de camisa e tudo. A camisa precisava mesmo ser lavada, e ele necessitava de um banho gelado para dominar suas partes íntimas. Ele havia tirado a virtude de Minerva na noite anterior e fez o mesmo pela manhã. Ele tinha desrespeitado todas as suas regras, esquecido os poucos princípios que ainda o norteavam. Não importavam as objeções que ela levantasse, nem as palavras tontas que ela lhe dirigisse, sua consciência insistia que só havia uma ação a ser tomada. Ele devia casar com Minerva. Mas ele *tinha* que primeiro levá-la até o simpósio.

Minerva não queria casar com ele simplesmente porque Colin a tinha

arruinado, e ele também não queria isso. Não, ele queria que Minerva quisesse se casar porque ele a havia ajudado em seu triunfo. Ele mostraria para Minerva – e para si mesmo – que podia ser bom para ela. Enquanto submergia na água gelada, uma sombra insidiosa de dúvida se intrometeu em seus pensamentos. *A estrada para Edimburgo está pavimentada com boas intenções.* Ele obrigou a dúvida a ir embora, subindo à superfície e tirando a água do rosto. Dessa vez era diferente. Naquele dia tudo estava diferente. Pelo amor de Deus, ele odiava o interior – e no entanto, lá estava ele, no meio de um pasto, a caminho da cabana dos pastores, desejando absurdamente que ele a pudesse alugar para passar o verão.

Quando voltou à cabana, ensopado e tremendo, Minerva lhe deu um olhar espantado através dos óculos. Ele deu de ombros e espremeu a fralda da camisa.

"O sol logo vai me secar. Primeira coisa a fazer quando chegarmos a York", ele puxou a calça e a abotoou por baixo da camisa encharcada, "é comprar roupas novas."

"Você tem certeza de que ainda é possível chegarmos ao simpósio?" Ela contou os dias nos dedos. "Só temos mais três noites até lá."

"Nós vamos conseguir. Chegaremos a York esta noite. De lá, com nossos fundos recuperados, será uma nova viagem. Vamos tirar umas poucas horas para dormir, fazer compras e alugar um cupê. Depois, pé na estrada."

"Mas você vai se sentir mal. Cupês são tão pequenos e apertados. Para não mencionar que são caros. Não vamos ter dinheiro para alugar seus cavalos depois de York."

"Eles são o meio mais rápido. Se viajarmos direto, chegaremos a Edimburgo a tempo."

"Viajar direto? Não vamos parar à noite?" Os olhos dela demonstraram sua preocupação.

Ele balançou a cabeça.

"Não haverá tempo."

"Mas Colin..."

"Também não teremos tempo para debates." Ele pegou um dos lados do baú de Francine. "Vamos andando."

O dinheiro facilitou tudo. Eles conseguiram um café da manhã de verdade, transporte para a próxima cidade na rota das carruagens, onde Colin alugou um

cavalo para seguir Minerva. Seu último cavalo naquela viagem. Eles chegaram a York no fim da tarde. Ele procurou a maior e melhor estalagem. Mantendo Minerva bem ao seu lado, ele se aproximou do estalajadeiro.

“O que posso fazer pelo senhor?”, perguntou, distraído, o homem.

“Precisamos de um bom jantar. Usar um de seus quartos por algumas horas, só para descansarmos e nos trocarmos. E então preciso saber onde alugar um cupê que nos leve para o norte.”

“Para o norte até onde?”, perguntou o estalajadeiro.

“Edimburgo. Queremos viajar sem paradas.”

“É mesmo?” O homem olhou desconfiado para os dois. Seus olhos remelentos passearam pelas roupas esfarrapadas de Minerva e Colin.

“Vou pagar adiantado”, sugeriu Colin.

“Ah, claro. Pode ter certeza de que vai.” O homem arqueou uma sobrancelha e coçou o alto da cabeça. Ele disse um valor e Colin separou o dinheiro.

Então Colin se inclinou para a frente e falou em voz baixa.

“Escute, talvez você possa me ajudar com outra coisa. Minha mulher aqui perdeu a bagagem. Antes de continuarmos, eu preciso arrumar um vestido novo para ela. Uma coisa bonita.”

O homem olhou para Minerva.

“Minha mulher vai arrumar alguma coisa, eu garanto.”

“Da melhor qualidade que isto pode comprar.” Colin acrescentou vários soberanos ao que já tinha dado pelo cupê.

Minerva engasgou.

“Colin, não faça isso. Nós não podemos pagar.”

“Isso não está em discussão. Você precisa.”

“Mas...”

O homem riu.

“Ora essa, senhorita. Com certeza não preciso explicar para você. Estejam fugindo ou não, um homem quer sua noiva bem vestida.”

“Mas...” Minerva o chamou quando ele se virou e desapareceu por uma porta. “Senhor, não estamos fugindo.”

“É claro que não”, respondeu ele de longe. “Nenhum de vocês, jovens namorados, está.”

Ela se virou para Colin, que deu de ombros.

“Não adianta discutir. Você acha que ele vai acreditar que nós estamos indo para um simpósio de geologia?”

“É estranho”, disse ela, quando eles se sentaram para pedir o jantar. “Nós

tivemos uma sorte incomum, hoje. O tempo esteve bom, a não ser por aquela chuva breve. Não perdemos dinheiro nem pertences. Nada de lutas, nem bandidos. Eu fico olhando para trás, na expectativa de ver aqueles bandidos que querem sequestrar o Príncipe Ampersand."

"Ah, não se preocupe com eles. Já deixamos esses bandidos muito para trás. Pode acreditar, aquele grupo não é suficientemente organizado, ou esforçado, para nos seguir além da região deles." Colin massageou a mandíbula. "Mas, tenho que admitir, eu não ficaria surpreso se visse outra pessoa atrás de nós."

"Quem?"

"Bram. Ou Thorne. Ou os dois. Quando meu primo souber disto, não posso conceber que sua reação seja favorável. Dois dias antes de nós partirmos ele soube que eu não tinha planos de me casar. E se Susanna expressar dúvidas quanto à sua vontade... eu não duvidaria que ele decidisse que você precisa ser resgatada."

Uma empregada lhes levou duas taças de clarete. Colin pediu uma refeição reforçada, composta de bife, ensopado de peixe, vegetais cozidos e torta de maçã. Seu estômago roncou de fome.

"Mas eu deixei um bilhete", disse Minerva depois que a empregada se foi. "Eu disse para minha irmã que nós fugimos."

"A evidência é fraca, sozinha. Você esqueceu de deixar o diário falso."

"É verdade. E o diário verdadeiro não é muito favorável ao seu caráter." Ela lhe lançou um olhar cauteloso por cima da taça de vinho. "Mas isso não foi tudo que eu deixei para trás. Tem mais uma coisa."

"Ah, é mesmo?" Intrigado, ele se inclinou para a frente. "O quê?"

"Você, ahn..." Corando, ela tomou um grande gole de vinho. "Acho que você me escreveu uma carta."

Capítulo Vinte e Cinco

“Cabo Thorne!”

Samuel Thorne parou o movimento de levantar sua pá. Ele reconheceria aquela voz em qualquer lugar. *Droga. Ela não. Não ali.*

“Cabo Thorne, eu...” A Srta. Taylor virou a esquina e parou de repente quando o viu. “Oh. Aí está você.”

Cristo! As mulheres bem-educadas não têm algumas regras de decoro que as proíbe de surpreender homens vestidos inadequadamente enquanto estão trabalhando? Como diabos ele a iria cumprimentar com barro na camisa e suor empapando seu cabelo? Jogando de lado a pá, ele limpou apressadamente o rosto com a manga da camisa. Ele fechou o colarinho com um puxão. Ela não teve nem o bom senso de desviar os olhos. Ela ficou ali, a encará-lo de olhos arregalados e curiosa. Ele teve vontade de puxar a camisa por cima da cabeça, jogá-la de lado e dizer, *Aqui. Olhe à vontade. Isto é o que anos de ladroagem nas ruas, trabalhos forçados e combate, fazem com um homem.* Ele quase riu com o pensamento. Ah, ela iria embora correndo.

A Srta. Taylor pigarreou.

“Sinto muito interromper sua... escavação.”

“Por que está aqui, Srta. Taylor? Como posso lhe ajudar?”

Ela mostrou um papel que trazia na mão.

“Vim para lhe provar. A verdade sobre a fuga. Eu tenho uma carta de amor, aqui, endereçada a Minerva Highwood e escrita pelo próprio Lorde Payne. A Srta. Charlotte a encontrou na gaveta de meias de Minerva.”

“Impossível.” Thorne preferiria engolir pregos a acreditar que Colin estava apaixonado pela Srta. Minerva Highwood. Ainda lhe doía o fato de não ter ido atrás do casal logo na primeira noite. Mas o que ele iria fazer, se a própria mãe da garota o proibiu?

Se pelo menos a Srta. Taylor deixasse o assunto para lá. Ele ficava bastante agoniado na presença dela, sem esse problema.

Ela se aproximou e lhe ofereceu a carta.

“Leia você mesmo.”

Bom Deus! Agora ela queria testar sua alfabetização. Thorne olhou para o envelope. Uma sensação de náusea enrolou seu estômago. Ele sabia ler razoavelmente bem – melhor do que a maioria dos homens do seu nível – mas ele precisaria de tempo e concentração para esquadrinhar uma missiva tão extensa como aquela. E seria mais difícil ainda, tentar ler com uma beleza daquelas por cima do seu ombro. Como ele faria para juntar duas sílabas na presença dela? Como desculpa, ele mostrou as mãos sujas.

“Você vai ter que ler para mim.”

Ela abriu o papel com um movimento da mão.

“‘Minha querida e amada Minerva’”, ela leu em voz alta.

E esse foi a última parte que ele ouviu. Ah, ela continuou lendo. E ele continuou escutando. Mas ele não ouvia mais as palavras, apenas a voz clara e viva. Que estranho. Ela tinha música na voz, mesmo quando não estava cantando. A melodia se propagava por seu corpo. Não de forma agradável, mas dolorida. Do mesmo modo que seria a sensação de enfiar a pá na terra e não encontrar solo macio, mas uma laje de pedra. O choque reverberava por todos os seus ossos e dentes. E seu coração. E agora ele não fazia ideia de que diabos ela estava lendo. Thorne teria melhor sorte se estivesse ele mesmo olhando como um tonto para o papel.

“Chega.” Ele ergueu uma mão. “Colin não escreveu isso.”

“Escreveu. Ele até assinou.”

Thorne inclinou a cabeça e olhou para o endereço no verso do papel.

“Essa não é a letra do Colin.” Isso ele conseguia perceber sem muito esforço.

“O quê?” Ela examinou o verso da folha.

“Não é a letra dele. Eu sei que não é.” Após limpar as mãos nas calças, ele andou apressadamente até a torre que Colin esteve usando como seus aposentos. Ele destrancou e abriu a porta, seguindo diretamente para a pequena escrivaninha.

Ele vasculhou uma pilha de papéis até encontrar uma com a caligrafia correta, que entregou para a Srta. Taylor.

“Está vendo?”

Ela segurou os dois papéis lado a lado e os comparou.

“Você está certo. A caligrafia é diferente.”

“Eu lhe disse. Ele não escreveu essa carta.”

“Mas eu não entendo. Quem mais escreveria isso, para depois assinar em

nome de Lorde Payne?”

Thorne deu de ombros.

“Uma piada cruel, talvez. Para criar esperança nela. Ou talvez ela mesma tenha escrito.”

“Pobre Minerva.”

Ele viu a Srta. Taylor morder seu lábio inferior. Então se obrigou a olhar para outro lado.

“Mas de algum modo”, disse ela, “parece ter dado certo. Eles realmente fugiram juntos.”

Ele bufou, mas resistiu à tentação de lhe contar tudo que havia descoberto com a Sra. Ginny Watson no outro dia. Quando interrogada, a jovem viúva lhe contou a respeito da visita noturna da Srta. Minerva ao Castelo Rycliff. Thorne sabia a verdade. Colin e a Srta. Highwood não tinham fugido para se casar. Contudo, eles iriam acabar se casando. Thorne iria garantir isso. Se Colin ousasse voltar solteiro daquela excursão, não continuaria assim por muito tempo. Ele entraria com a Srta. Minerva na Igreja de St. Úrsula nem que Thorne tivesse que conduzi-lo na ponta de uma faca. Proteger as mulheres daquela vila era seu dever, que ele levava muito a sério. E foi por isso que ele manteve a boca fechada naquele momento.

A Srta. Taylor não precisava saber das particularidades de tudo o que a Sra. Watson havia lhe contado. Se a garota Highwood gostava de acreditar em amor verdadeiro e contos que terminam com a felicidade de todos os envolvidos, Thorne levaria para seu túmulo as verdades desagradáveis que sabia. Afinal, aquele segredo não era o primeiro, mas apenas um dos muitos que ele tinha jurado manter, pela felicidade dela.

A Srta. Taylor vasculhou os papéis. Thorne cruzou os braços.

“O que, agora você está bisbilhotando?”

“Não”, protestou ela. “Bem, talvez. Nossa, ele escreve muitas cartas para seus administradores.”

“Escute, eu tenho que cavar um poço, e...”

“Espere.” Ela pegou um papel daquela pilha. “O que é isto?” Ela leu em voz alta. “‘Millicent... Madalena... Michaela... Marilyn...’ E *está* escrito com a letra dele.”

“E daí? É só uma lista de nomes.”

“Sim. Uma lista de nomes de mulheres, todos começando com a letra M.” Ela sentiu um bolo na garganta. “A carta não significa nada, mas isto... é prova. Não percebe?”

“Não, não percebo. Nada mesmo.”

“Lorde Payne sempre agiu como se não lembrasse do nome da Minerva. Ele a chamava de Melissa, Miranda e qualquer outro nome que começasse com a letra ‘M’. Mas ele fazia isso de propósito, está vendo? Só para provocá-la. Ele até se deu ao trabalho de escrever esta lista.”

“Isso só prova que ele é mesmo um canalha, é o que eu acho.”

Ela estalou a língua, impaciente.

“Cabo Thorne. Você realmente não entende nada de romance.”

Thorne deu de ombros. Ela tinha razão. Ele compreendia desejo. Ele entendia necessidade, lealdade e devoção profunda que voltavam no tempo até antes das primeiras lembranças daquela mulher. Mas ele não entendia uma vírgula sobre romance e ela devia agradecer a Deus por isso. Lá estava ela, naquele exato momento, exibindo um sorriso destemido para ele. Ninguém sorria daquele jeito para Thorne. Mas a Srta. Taylor sempre foi assim. Alegre, apesar de tudo. Cantando como um anjo, mesmo quando esteve diante dos portões do inferno.

“Você não sabe?”, perguntou ela. “A antipatia aparente pode mascarar uma atração oculta.”

Ele sentiu o rosto ficar quente.

“Não neste caso.”

“Ah, sim. Esta lista não prova que Lorde Payne é um canalha.” Ela bateu com o papel no peito de Thorne. “Ela prova que ele está *apaixonado*.”

Capítulo Vinte e Seis

“Eu exijo saber o que você escreveu naquela carta.” Exibindo um sorriso malicioso, Colin seguia atrás dela na escadaria da estalagem.

Minerva se encolheu. Ela nunca devia ter mencionado a carta.

“Podemos deixar isso para lá, por favor? Você me atormentou durante o jantar inteiro. Eu já lhe disse, não me lembro.”

“E *eu* já lhe disse, não acredito em você.”

Ela abriu a porta do quarto deles. Enquanto os dois jantavam no salão, um criado foi enviado para pegar alguns itens de que Colin necessitava. Além disso, o mais fino vestido de segunda mão que se podia comprar por três libras estava aberto sobre a cama. Uma peça linda de musselina – cor-de-marfim, com estampa de pequenos ramos rosa. Um fogo vigoroso ardia na lareira. E a cama, com travesseiros e colcha empilhados... oh, como o corpo de Minerva, cansado de viajar, ansiava por mergulhar naquela cama e permanecer ali por *dias*.

“Vou me trocar antes que nosso cupê esteja pronto.” Ela foi para trás de um biombo na esperança de se esconder daquela conversa.

“Então eu vou me barbear.” Ela o ouviu indo até o lavatório. “Mas vou continuar atormentando você, até que confesse tudo. Eu redigi páginas de descrições? Comparei seus olhos a diamantes Brighton?”

“São diamantes *Bristol*. E não, você não fez isso.”

“Ah! Então você lembra do conteúdo.”

Ela bufou.

“Muito bem. Sim, eu me lembro. Eu lembro palavra por palavra daquela carta.”

Água caiu na bacia, e ela ouviu o pincel de barba passando pelo rosto dele. O aroma familiar do sabão de barba envolveu o quarto. Cheirava a cravos.

“Estou ouvindo”, disse ele.

Atrás do biombo, ela reparou que tinha uma unha partida.

“Você escreveu que andou me estudando, quando eu não estava notando. E

que me observava quando eu me perdia em pensamentos, ou quando minha cabeça estava sobre um livro. Que admirava o modo como meu cabelo escuro, revolto, sempre conseguia escapar dos grampos e escorria pelo meu pescoço. Que notava o brilho quente da minha pele, onde o sol a beijou. Você escreveu que está consumido por uma paixão selvagem, visceral, por uma feiticeira com cabelo preto como a asa do corvo e lábios sensuais. Que você vê em mim uma beleza rara, natural, que outros homens deixaram passar. Parece familiar?"

"Ah, não, você não fez isso." Ele murmurou uma imprecação e bateu com a navalha na bacia. "Não tem como você se lembrar de *tudo* que eu disse naquela noite."

"Claro que posso me lembrar. Existem palavras melhores para estarem em uma carta forjada supostamente sua? Foi você que as pronunciou, afinal." Ela fungou. "Você escreveu que eu era o verdadeiro motivo de você permanecer em Spindle Cove por todos esses meses. E a carta terminava com as palavras mais doces. 'É você, Minerva. Sempre foi você.'"

Ele ficou em silêncio por muito tempo. O necessário para que ela soltasse catorze ganchos nas costas do seu maltratado vestido azul de seda, e também abrir os nós do seu espartilho e desabotoar todos os fechos da sua camisola. Ele terminou de se barbear e atravessou o quarto em passadas lentas e medidas.

Ela ouviu um rangido quando ele se atirou na cama.

"Deus, eu fui um idiota completo."

Ela achou que não devia contradizê-lo.

"E sabe o que é mais irônico nisso, Min?"

"O quê?"

"Eu sempre gostei de você."

Minerva parou no meio do movimento de amarrar sua liga. Ela se permitiu um instante de esperança absurda, de doer o coração, antes de soltar um som de descrença.

"Por favor."

"Não, é sério", insistiu Colin. "Tudo bem, talvez eu nem sempre tenha *gostado* de você."

Está vendo? Ela apertou os laços de sua anágua.

"Mas você tem que admitir", continuou ele, "que havia algo entre nós desde o começo."

"Algo como antagonismo, você quer dizer?" Ela entrou no vestido novo e se equilibrou na ponta dos pés enquanto puxava o tecido por cima das anáguas e do espartilho. O vestido estava bem justo. "A hostilidade de dois gatos de rua

brigando dentro de um saco?”

“Alguma coisa assim.” Ele riu. “Mas não, é que...” A voz dele ficou reflexiva. “Eu sempre achei que você me enxergava, de certo modo. De uma maneira diferente, que ninguém mais enxergava. Que com aqueles seus óculos pequenos e atraentes você conseguia me ver por dentro. E você não fazia segredo de que desprezava o que via, o que a destacava como mais inteligente que a maioria. Eu não conseguia me livrar da fascinação por você. Seu olhar afiado, a boca sedutora, sua completa invulnerabilidade ao meu charme. Se eu tratei você mal – e sei que o fiz, e isso me envergonha – foi porque eu me sentia perdido perto de você.”

Ela endireitou a coluna. Minerva não podia acreditar no que estava ouvindo. Ela esticou a cabeça para fora do biombo e olhou para Colin. Ele estava deitado na cama, recém-barbeado e lavado, pernas cruzadas nos tornozelos e braços debaixo da cabeça. Sua postura dizia: *Sim, garotas, eu realmente sou bonito deste jeito. E nem preciso me esforçar.*

“Você”, disse ela, “se sentia perdido perto de *mim*? Oh, Colin. Isso já é demais.”

“É a verdade.” Seu olhar era absolutamente sincero.

Minerva buscou refúgio atrás do biombo. Ela ficou surpresa que o martelar de seu coração não o derrubou.

“Eu nunca desprezei você”, disse ela. “Só para você saber.”

Foi a vez de ele fazer um som de completa descrença.

“Muito bem, eu posso ter desprezado você um pouco. Mas só porque...” ela suspirou, incapaz de continuar negando. “Só porque eu estava miseravelmente enfeitiçada por você. Eu não queria estar, mas não pude evitar. Tudo que você precisava fazer era olhar na minha direção, e meu coração entrava em descompasso. Sempre que eu tentava dizer algo inteligente na sua presença, eu soava rabugenta ou maçante. Eu sempre me considerei uma pessoa inteligente, mas juro para você, Colin, ninguém nunca conseguiu fazer com que eu me sentisse tão idiota.”

“Ora, isso é... estranhamente gratificante.”

Ela riu um pouco das lembranças e de si mesma.

“E enquanto isso, todo mundo em Spindle Cove falava de como você era perfeito para Diana. Eu ouvia isso na casa de chá, na Tem de Tudo, em volta da lareira, à noite... Só enfatizando, sem parar, que ninguém imaginava você com uma garota como eu. Até aí eu poderia aguentar, mas a perspectiva de ser sua cunhada?” Ela enxugou uma lágrima que se formava. “Eu amo minha irmã.

Sempre tentei não invejar a doçura, a elegância ou a beleza de Diana. Mas eu a teria invejado se ela tivesse *você*, e esse pensamento fez com que eu me sentisse mal. Se você está querendo a coroa de Mais Perdido, acho que essa eu já ganhei."

Depois de um longo silêncio, ele bateu as mãos.

"Espero que você esteja pronta para trocar essa coroa por um prêmio de quinhentos guinéus. Estou vendo nosso cupê pela janela. Está quase pronto."

Ela saiu de trás do biombo.

"Como estou?" Ela virou e se examinou no espelho. "O vestido ficou bom em mim?"

Ele se levantou e se posicionou atrás dela, descansando as mãos fortes em seus ombros e esperando que ela ficasse parada.

"O vestido ficou bom. Você, por outro lado..."

Ela...? Não estava bem? Por instinto de autopreservação, ela tentou dar as costas ao espelho. As mãos dele se firmaram em seus ombros, não deixando que ela se movesse. Minerva o observou, no espelho, enquanto Colin percorria suas formas com o olhar.

Ela não aguentou o suspense.

"Pelo amor de Deus, Colin, o que está errado comigo?"

"Você é linda, Min", disse ele, em tom de assombro. Como se suas próprias palavras o tivessem pego de surpresa. "Deus é testemunha, você é maravilhosa."

Ela bufou em protesto.

"Não sou. Eu sei que não sou."

"O que a faz ter tanta certeza?"

"Ninguém nunca me disse isso antes. Tenho vinte e um anos de idade. Se eu fosse linda, com certeza alguém já teria notado, a esta altura."

Ele pareceu pensar nisso por um instante, descendo uma mão para endireitar a manga dela.

"É difícil imaginar que alguém não repare em uma beleza desta magnitude. Talvez você não fosse linda até recentemente."

Um riso nervoso surgiu na garganta dela.

"Acredito que não passei por nenhuma transformação dramática." Ela examinou seu próprio reflexo, só para ter certeza. Os mesmos olhos grandes e castanhos estavam lá, rodeados por uma armação de arame. Eles ancoravam o mesmo rosto redondo e engraçado, com a boca em forma de coração. Sua pele havia ganhado sardas e um bronzeado recentemente, mas fora isso... "Sou a mesma que sempre fui."

“Bem, eu não sou o mesmo”, disse ele simplesmente, ainda sorvendo o reflexo dela. “Estou alterado. Fui destruído. Absolutamente devastado.”

“Não. Não brinque comigo.” *Não vou suportar ser magoada daquela forma outra vez.*

“Não estou brincando. Eu a estou elogiando.”

“É isso. Eu não quero elogios. Não me iludo a esse ponto.”

“Não se ilude?” Ele riu. “Min, você tem as ideias mais malucas de todas as pessoas que conheço. Você consegue olhar para um buraco no chão e enxergar uma vasta paisagem primitiva, dominada por lagartos gigantescos. Mas é demais acreditar que você é linda?”

Ela não soube o que dizer.

“Talvez ‘linda’ não seja a palavra adequada”, divagou ele. “É comum demais, e sua aparência é... rara. Você merece um elogio raro. Um que seja sincero e criado só para você. Para que não haja dúvida.”

“Sério, você não precisa...”

“Silêncio. Vou fazer um elogio para você. Sincero. Nada dessa bobagem de asa de corvo. Você não precisa responder nada, mas eu insisto que você fique aí e o aceite.”

Ela o observou pelo espelho enquanto Colin franzia a testa em uma careta de concentração.

“Uma vez”, disse ele, “há muitos anos, ouvi a palestra de um sujeito no clube dos aventureiros. Ele falou de suas viagens pela selva amazônica.”

Minerva não gostou do rumo que aquela conversa estava tomando. Ela tinha a sensação terrível de que Colin iria compará-la a alguma estranha planta carnívora. Uma que atraía suas presas com flores vermelhas e o aroma de carne em decomposição.

“Ele era entomologista, esse sujeito.”

Oh, Deus. Pior ainda! *Insetos.* Colin iria compará-la a algum inseto gigante de pernas peludas. Um que cuspia veneno ou comia pequenos roedores. *Calma, agora,* ela disse para si mesma. Poderia ser uma borboleta. Borboletas são bonitas. Até mesmo lindas, dependendo da variedade. Ela ouviu dizer que existem borboletas do tamanho de pratos na Amazônia.

“De qualquer maneira, esse homem tinha passado o tempo todo com os nativos, no meio da floresta, caçando besouros de carapaça dura.”

“Besouros?” A palavra saiu como um lamento.

“Não consigo me lembrar, para ser honesto. Eu dormi durante boa parte da palestra, mas o que eu guardei foi o seguinte: esse povo nativo com o qual ele

viveu, nas profundezas da floresta, tinha, em sua língua, dúzias de palavras para dizer chuva. Porque era uma coisa comum para eles, sabe. No lugar em que viviam chovia constantemente. Várias vezes por dia. Então eles tinham palavras para designar chuva leve, pesada e muito intensa. E cerca de dezoito termos diferentes para tempestades, além de um sistema de classificação inteiro para neblina."

"Por que você está me dizendo isso?"

Ele passou lenta e levemente o dedo pelo braço dela.

"Porque estou de pé aqui, querendo lhe fazer um elogio adequado, mas meu vocabulário escasso não me permite. Acho que preciso é de uma excursão científica. Preciso me aventurar em alguma selva onde a beleza tome lugar da chuva e caía do céu em intervalos regulares de tempo. Onde a beleza marque todas as superfícies, sature o solo e paire como vapor no ar. Porque sua aparência, neste exato momento..." O olhar dele encontrou o dela no reflexo. "Lá, eles teriam uma palavra para isso."

Encantada pelo toque de Colin, e por seu tom caloroso e enternecido, Minerva viu seus próprios olhos marejarem no espelho. Ela recuou um pouco, apoiando-se no peito dele. O coração dele bateu em sua coluna, ecoando por seu peito como um distante tambor indígena.

"Haveria tantas palavras para beleza lá", continuou ele, aproximando os lábios da orelha dela e diminuindo a altura da voz para um murmúrio. "Palavras para chuvas diárias de graça e um tipo de neblina encantadora que desaparece quando você tenta pegá-la. Beleza que é anunciada por trovões impressionantes, mas que se revela ser momentânea. E além de todas essas, existe uma palavra... uma palavra que até os anciãos mais grisalhos e sábios só pronunciaram duas vezes em toda sua vida, e o fizeram de forma contida, receosa. Uma palavra para uma torrente cataclísmica de beleza com o poder de alterar paisagens, aplainar montanhas e alterar o curso de rios, deixando pessoas penduradas em árvores, vivas e ressentidas, xingando seus deuses." Um toque de frustração sensual fez sua voz ficar rouca. "E eu também amaldiçoarei os deuses com eles, Minerva. Pois uma monção violenta me deixou em frangalhos quando olhei para você há pouco. Ela me mudou por dentro, e não tenho um mapa desse novo mundo."

Eles olhavam para o espelho. Um para o outro, e para si mesmos.

"Eu me apaixonei por você", disse Minerva, resignada. "Se eu pareço mudada, de alguma forma, só consigo imaginar que seja por causa disso."

Ela o observou atentamente, à espera de sua reação. O rosto dele se transformou em uma máscara, congelada no tempo. Eternamente lindo e sem

emoções. E então, finalmente... a sugestão de um sorriso malandro apareceu no canto de sua boca.

“Oh, Min...”

“Pare.” Ela se empertigou, distanciando-se dele. Minerva sabia que ele iria fazer alguma observação jocosa para dissipar a tensão. *Oh, Min, não se aflija. Você logo vai superar isso.* Ou *Oh, Min, pense no pobre Sir Alisdair.*

“Não faça isso.” Ela deu as costas para o espelho e ficou de frente para ele. “Não ouse fazer uma piada. Precisei de muita coragem para dizer o que eu disse. E você não precisa dizer nada. Mas insisto que você seja homem suficiente para aceitar o que ouviu. Não vou deixar que você faça pouco caso dos meus sentimentos, ou que faça pouco caso de si mesmo – como se não fosse merecedor do que eu sinto. Porque você merece, Colin. Você é generoso, tem bom coração e merece ser amado. De forma profunda, sincera e constante.”

Ele pareceu estar completamente aturdido. Bem, o que ele esperava, depois do poder que tinha dado a ela? Ninguém pode comparar uma mulher a uma monção torrencial de beleza e depois ficar surpreso por se molhar.

“Seu homem imprudente.” Ela tocou no rosto dele. “Você devia tomar mais cuidado com esses elogios.”

“É o que parece.”

Ela suspirou e ajeitou as lapelas esfarrapadas dele.

“Eu sei que você está com essa ideia de nos casarmos na Escócia. Para satisfazer a honra, imagino. Aproveitando que você me deu este surto momentâneo de coragem, vou lhe dizer uma coisa. Não vou me casar com você para satisfazer a honra.”

“Não vai?”

“Não.” Ainda que fosse difícil, ela se forçou a encará-lo. “Só vou casar com você, se você me amar, e se me permitir amá-lo de volta.” Um sorriso agridoce curvou os lábios dela. “Naquela primeira noite na torre, você me fez experimentar como seria ter o seu amor. Foi a sensação mais emocionante que eu já senti. Por um instante, senti que tudo – absolutamente *tudo* – era possível. Quando vi que não era verdade... aquilo acabou comigo, Colin. Mais do que eu consigo admitir. Eu prefiro morrer solteirona – pobre, arruinada, escarnecida e sozinha – do que sofrer essa humilhação diariamente.”

O arrependimento vincou os cantos dos olhos dele.

“É assim mesmo, querida. Eu sempre começo com boas intenções, mas... as pessoas perto de mim se machucam.”

Então era isso. Seu coração inchado de emoção batia sem motivo. Buscar

consolo no homem que em breve o partiria parecia estupidez, mas ela o fez assim mesmo. Ela descansou a testa no ombro de Colin. Ele pôs as mãos nos braços dela, acariciando-os levemente para cima e para baixo. O queixo dele ficou apoiado no topo da cabeça de Minerva.

“Eu vou levar você e Francine, inteiras, até Edimburgo.” Ele colou um beijo firme no alto da cabeça dela. “Ainda que eu não possa lhe prometer mais nada, isso eu prometo.”

Capítulo Vinte e Sete

Pelo amor às tetas. Colin se considerava um patriota e servo fiel da Coroa. Mas, por Deus, naquele exato momento ele odiava a Inglaterra. País odioso, atormentado por chuva sem fim e amaldiçoado por estradas lamacentas, esburacadas, quase intransitáveis. Correu tudo bem no primeiro dia depois que saíram de York. As trocas de cavalos aconteceram sem problemas. Ele passou breves trechos dentro do cupê, mas cavalgou a maior parte da jornada ao lado do cocheiro. As estradas e o clima colaboraram. Sua expectativa era a melhor possível. Então, a chuva começou a cair. E continuou. E não cessou.

Em uma das paradas tiveram que esperar uma hora até conseguirem cavalos para a troca. As condições da estrada estavam tão ruins em alguns trechos que seu ritmo diminuiu, tornando-se arrastado. E o tempo todo um relógio tiquetaqueava dentro da cabeça de Colin. Cada hora de progresso lento, demorado, os deixava mais longe de cumprir a programação. A demora o estava devorando por dentro. Ele *tinha* que levar Minerva ao simpósio a tempo. Ele havia *prometido.* Se ele não conseguisse completar aquela viagem, como poderia pedir a ela que lhe confiasse o restante de sua vida? Boas intenções e belos elogios não eram suficientes. Ele tinha que provar isso a ela e a si mesmo.

Mas nem tudo estava perdido. Eles ainda tinham tempo suficiente para chegar a Edimburgo, mas a folga de que dispunham estava diminuindo. Não havia mais margem para erro. Quando pararam para almoçar, algumas horas antes, Colin disse para si mesmo que tudo tinha que dar certo dali em diante. Mas, cerca de vinte e quatro quilômetros depois disso, eles estavam atolados.

A crise começou na última parada de carruagens. Não havia cavalos para alugar e, devido às chuvas e lama, não era esperado que nenhum aparecesse. Colin teve que usar todo seu poder de persuasão – e uma quantia significativa de dinheiro – para convencer o cocheiro a seguir adiante com a mesma parelha, prometendo-lhe que, se entrasse em uma estrada lateral, Colin sabia de um lugar distante alguns quilômetros onde poderiam conseguir cavalos fortes e

descansados. E isso teria funcionado maravilhosamente bem, se não tivessem atolado em uma poça a meio caminho desse lugar, onde enterraram na lama duas rodas até os aros.

Colin tentou aliviar o peso. Não funcionou. Ele foi até a traseira do cupê e empurrou com toda sua força enquanto o cocheiro chicoteava os cavalos. Não funcionou. Agora ensopado pela chuva e coberto de lama, ele lutava para não se desesperar. Eles ainda podiam conseguir. Não era tarde demais. Eles até poderiam desatolar com uma parelha descansada, mas aqueles pobres animais estavam simplesmente exaustos. Depois de discutir a questão com o cocheiro, ele ajudou o homem a soltar os cavalos e se voltou para Minerva.

“O que está acontecendo?”, perguntou ela, abrindo a porta. “Ele está indo embora com os cavalos?”

“Está. Os animais estão cansados demais para nos tirar do atoleiro, então ele irá trocá-los por cavalos novos. Eu falei para ele de um lugar perto. Vamos esperar aqui até ele voltar.”

Minerva aproximou-se dele.

“Esperar aqui?”

Ele aquiesceu.

“Na chuva?”

Ele olhou para o céu.

“Acho que está começando a clarear.”

“Nesse caso.” Ela abriu a porta e saiu do cupê, imediatamente afundando a perna até a canela na lama. “Vou esperar aqui fora com você.”

“Não, não”, pediu ele. “Volte para a carruagem. A chuva não está diminuindo.”

Gotas de chuva apareceram nas lentes dos óculos dela.

“Então isso também foi uma mentira?”

Maldição.

“Eu estava tentando ser otimista.”

“Por quê?” Olhando para a estrada, ela balançou a cabeça. “Colin, você tem que admitir que...”

“Não.” Ele sabia quais palavras vinham a seguir, e elas o teriam destruído. “Não diga isso.”

“Só estou constatando os fatos. Mesmo que o cocheiro retorne, vamos estar horas atrás da programação. E com esta chuva...”

“Não *diga*.” Ele agarrou nos braços dela, fazendo com que se virasse para ele. A chuva havia colado pequenas mechas de cabelo nas bochechas dela.

“Ainda não terminou, Min. Eu lhe fiz uma promessa. Vou levar você e Francine inteiras até Edimburgo.” Ele deslizou as mãos para cima e para baixo nos braços dela, tentando aquecê-la por cima do tecido. O vestido que o gerente da estalagem havia lhes vendido era muito fino para aquele tempo. “Agora volte para a carruagem antes que você pegue uma pneumonia.”

Ela começou a responder, mas o tropel distante de cascos na lama a interrompeu. Colin se virou, surpreso. Uma carruagem se aproximava, puxada por uma impressionante junta de quatro animais.

“Está vendo?”, disse ele, soltando-a. “Eu lhe disse. Olhe, lá vem a nossa salvação.”

Enquanto a carruagem se aproximava, Colin ficou do lado da estrada, abanando os braços. O condutor diminuiu a velocidade e parou. Uma janela de vidro foi aberta e um rosto olhou para fora. Uma mulher de aparência gentil, com cabelo grisalho e chapéu rendado. Maravilha. Colin era um sucesso com senhoras grisalhas.

Mas aquela, em especial, estreitou os olhos e disse:

“*Você*.”

Maldição. Falando sério, quais eram as chances?

“Ora, Sra. Fontley”, disse ele, forçando um sorriso. “Que ótimo poder ver a senhora novamente. E que sorte, também. Como pode ver, estamos meio atolados.”

“Você deveria estar na prisão, seu vilão.”

“Eu diria”, o rosto do Sr. Fontley apareceu na janela, “que você tem muita audácia, Sand. Se é que esse é seu nome verdadeiro.”

“Na verdade, não é. Eu menti para vocês em Londres, o que foi errado. Mas vou lhes dizer a verdade, agora. Eu sou um inútil visconde insone, mas” – ele apontou para Minerva – “minha acompanhante aqui é uma geóloga brilhante. Vai acontecer um simpósio, sabe. Nós precisamos chegar a Edimburgo até amanhã, para que ela possa apresentar suas descobertas sobre lagartos gigantescos e assim, possivelmente, alterar a forma como entendemos a história natural do mundo.”

A Sra. Fontley soltou um guincho de incredulidade.

“Lagartos? Primeiro cobras, e agora lagartos.”

“Não, não. Isto não tem nada que ver com cobras. Eu juro pela minha vida, desta vez estou falando a verdade.”

O Sr. Fontley sinalizou para o condutor com uma batida no teto.

“Adiante.”

“Por favor. Vocês não podem nos deixar aqui.” Colin agarrou a maçaneta da porta.

Pela janela, a Sra. Fontley bateu nos dedos dele com um guarda-chuva fechado.

“Afastem-se da nossa carruagem, suas pessoas más.”

“Gilbert!” Minerva bateu na outra janela da carruagem. “Gilbert, por favor. Você não pode convencê-los a nos ajudar?”

O jovem apoiou os dedos no vidro e lhe deu um olhar pesaroso.

“Vou rezar por vocês.”

O condutor chicoteou a junta, colocando-a em movimento, e Colin teve que puxar Minerva para que ela não fosse pega pelas rodas. Enquanto a carruagem se afastava, os criados jogaram de cima dela dois objetos retangulares. Eles aterrissaram no meio da escada com um baque surdo, espirrando lama nos dois.

Eram os baús de Minerva. Colin ficou olhando para eles, querendo rir. Mas não conseguiu. Nada daquilo era engraçado. Tirando água do rosto, ele se virou para Minerva, que o estava observando.

“Nem precisa”, disse ele. “Eu sei o que você vai falar.”

“Sabe?”

Ele aquiesceu.

“Você vai dizer que tudo isso é culpa minha. Que se eu não tivesse mentido para os Fontley, eles poderiam ter nos ajudado.”

Ela não falou nada. Minerva apenas cruzou os braços e olhou para os pés, cobertos de lama.

“Mas então eu diria para *você*”, continuou Colin, “que se eu não tivesse mentido para os Fontley, nem teríamos chegado até aqui.”

Ela franziu o rosto para ele.

“Você sempre tem discussões consigo mesmo?”

“E então você diria, ‘Mas *Colin...*’” Ele afinou a voz, em uma imitação caricata dela. “‘Se pelo menos nós tivéssemos pegado a carruagem do correio, já estaríamos em Edimburgo.’ E nesse aspecto você teria razão.”

“Por favor, não ponha palavras na minha b...”

Ele fez um sinal para ela parar.

“Você está tremendo. Você não tem uma capa em um desses baús?”

Minerva balançou a cabeça.

“Estou bem.”

“Droga, não me diga que está bem.” A chuva ganhava força, e ele teve que levantar a voz para se fazer escutar. “Você está molhada, e ficando cada vez mais

encharcada. Você está aqui, não na Escócia. Você está...”

Você está comigo, e não com algum homem melhor.

“Não me diga que está bem, Min.”

“Ótimo”, ela finalmente respondeu gritando, fechando as mãos em punhos. “Eu não estou bem. Estou decepcionada, frustrada e com muito frio. Está feliz agora?”

Maldição. Ele passou as duas mãos pelo cabelo e olhou para a estrada. Uma coisa tão simples, a estrada. Apenas uma faixa de terra indo de um lugar a outro. E qualquer pessoa, no mundo civilizado, quando quer viajar de um lugar a outro, simplesmente entra em uma maldita carruagem e vai embora. Qualquer outro homem na Inglaterra já teria chegado a Edimburgo com ela. Qualquer outro homem estaria esperando aquele aguaceiro passar com ela em algum lugar seco e seguro.

Ele andou até a porta do cupê e a segurou aberta.

“Entre.”

Minerva desistiu de discutir e entrou. Colin se juntou a ela, fechando a porta atrás de si. A cabine era apertada para os dois, imagine com três ocupantes. Francine estava viajando dentro da cabine desde o começo da chuva. Depois de lutar um pouco, ele conseguiu tirar o casaco molhado, que colocou sobre as pernas de Minerva. Então, Colin afrouxou o nó da gravata e a tirou, usando as partes mais secas para enxugar rosto e pescoço.

Minerva o observava, preocupada.

“Estou bem”, disse ele. “Não vai demorar. Eu orientei muito bem o cocheiro. Ele vai voltar logo, e então retomaremos nosso caminho. Tudo vai ficar bem.”

“Então, o que você está fazendo com a pistola?”

Enquanto ela observava, Colin pegou a pistola de sob o assento e começou a carregá-la com pólvora e uma bala.

“Simples precaução”, disse ele. “Presos deste jeito, somos um alvo fácil para ladrões.”

Ela não sabia como interpretar o estado de espírito sombrio dele. Aquilo ia além do confinamento na carruagem. Ele parecia estar se culpando por tudo, inclusive o tempo ruim. Minerva ficou brava consigo mesma por deixá-lo acrescentar ainda mais recriminações à lista. Nada daquilo era culpa dele.

“Colin, toda essa viagem foi ideia minha. Sinto muito ter colocado você

em...”

“Não precisamos discutir isso.” Ele tampou o polvorinho.

Ela tentou respeitar o fato de ele querer silêncio, mas não foi fácil.

Depois de um minuto, ele disse despreocupadamente:

“É uma pena que o tempo não esteja melhor.” Os dedos dele tamborilaram no vidro da janela. “Esta área tem todos os tipos de rochedos e penhascos impressionantes. Você estaria no paraíso.”

Ela olhou pela janela e observou o quadrado cinzento de chuva caindo que ela exibia.

“Então você já viajou por aqui antes.”

“Ah, inúmeras vezes.”

Inúmeras vezes? Aquilo não fazia sentido. Ela pensava que ele evitava o campo desde que...

“Oh, céus.” Exclamou Minerva quando se deu conta. Ela segurou a mão dele. “Colin. Nós estamos perto da sua casa?”

O silêncio confirmou o que ele não queria dizer. Ela sentiu um aperto no coração. Então era por isso que ele sabia onde o cocheiro poderia encontrar cavalos descansados. Ele simplesmente enviou o homem para sua propriedade.

“Foi muito perto daqui?”, perguntou ela. “O acidente?”

Ele inspirou... o que pareceu ser muita dificuldade.

“Na verdade, não. Não foi assim tão perto.”

Mas também não foi muito longe, imaginou ela. Tomada pela emoção, ela se aproximou, entrelaçando seus dedos aos dele. Colin estava em uma carruagem apertada e abafada com ela, com a noite se aproximando, atolado na mesma estrada que reivindicou a vida de seus pais e destruiu sua inocência. Aquilo era o mais perto que Colin Sandhurst chegaria de andar descalço nas avenidas de enxofre do inferno, e ele estava fazendo aquilo por ela. Por ela... Minerva o apertou mais junto a si. *Obrigada*, ela queria dizer. *Obrigada por acreditar em mim. Por enfrentar isto por mim. Se eu já não amasse você loucamente, com certeza passaria a amá-lo agora.* Mas ela sabia que confissões chorosas não eram o que ele precisava naquele momento. Aquela situação exigia uma distração.

“Imagino que agora não vá demorar. O que nós podemos fazer para passar o tempo?”

“Por que você não lê sua apresentação novamente, enquanto eu finjo fazer perguntas inteligentes?”

Ela riu um pouco.

“Estou falando sério”, a voz dele ficou mais calorosa. “Eu gosto de ouvir sua apresentação. Não vou fingir que entendo todas as palavras, mas não tenho que ser um perito para saber que você tem algo importante a dizer. Eu não preciso ser um geólogo para compreender que está bem escrita e foi montada cuidadosamente. E o modo como você pronuncia todas aquelas palavras polissilábicas?” Ele a cutucou com a coxa. “Isso me deixa excitado, sempre.”

Ela corou. Não apenas devido à sugestão carnal, mas por sua admiração honesta pela erudição dela. Apesar de toda provocação que ele havia lhe feito, ao longo de meses, Minerva tinha que admitir: ele nunca, nem mesmo uma vez, sugeriu que ela não pensasse por si mesma, e tampouco insinuou que as mulheres tivessem uma deficiência intelectual. Quantos homens, de sua categoria e importância, reconheceriam tão prontamente que uma mulher jovem, solteira, pudesse lhes ser intelectualmente superior? Ela imaginou que descobriria isso quando chegassem a Edimburgo. *Se* eles chegassem a Edimburgo.

“Nós vamos conseguir”, insistiu ele, como se estivesse lendo seus pensamentos. “Vá em frente, leia novamente sua apresentação.”

“Está ficando muito escuro para que eu leia minhas anotações.”

“Oh.” Parecendo abatido e tenso, ele se apoiou no encosto da carruagem. Em seguida, abriu o colarinho. “A noite vai chegar logo, imagino.”

Droga. Minerva estremeceu. De todas as coisas idiotas que ela poderia falar. Ele se esforçava tremendamente para esconder seu desconforto físico, mas Minerva sabia que Colin estava sofrendo.

“Colin, por que nós não saímos um pouco para passear?”

“Porque está chovendo a cântaros.”

“Quem liga para isso? Um pouco de humildade não vai nos fazer mal.”

“Vai deixar você gelada. E acabaria com Francine. Sob uma chuva mais fraca, o baú a protegeria. Mas em um aguaceiro destes? Você sabe que a chuva vai passar pelas emendas. O gesso vai desintegrar.”

“Então nós simplesmente a deixamos aqui na carruagem.”

Ele bufou.

“Fora de questão. Eu vim muito longe, e já fiz muita coisa por essa garota escamosa. Não vou perdê-la de vista agora. Estou bem. Eu posso fazer isto, Min. O cocheiro logo estará de volta com os cavalos descansados e nós seguiremos viagem.”

O tom de voz dele não admitia discussão.

“Bem, nós precisamos nos divertir de *algum* jeito.” Ela se animou. “Já sei.

Vamos fazer uma lista de termos matemáticos que pareçam atrevidos.” Em sua voz mais provocante, ela sussurrou, “*Parábola.*”

Depois de uma pausa, Colin apertou os dedos dela.

“Longimetria.”

“Binômio.”

“Por que parar aí? Trinômio.”

“Aí já é safadeza.”

“Isso não é nada. Eu estava guardando este.” Ele se aproximou para sussurrar na orelha dela: “*Annulus*.”

Rindo, ela se aninhou no peito dele.

“Oh, Colin. É por isso que eu amo você.”

As mãos dele desceram para a cintura dela.

“Pelo amor de Deus. Porque minha mente adolescente sempre viajava para lugares indecentes quando eu deveria estar prestando atenção nas aulas?”

Ela deu de ombros.

“Preciso de um motivo melhor?”

“Eu acredito que sim, precisa.” Ele encostou a testa na dela, e sua voz baixou para um sussurro. “É por isso que estou aqui, Min. Você tem que saber que é por isso. Você precisa de um motivo melhor para me amar, e estou aqui fazendo o diabo para lhe dar um.”

Que homem tolo e querido. Encolhendo-se e puxando a saia, Minerva conseguiu sentar a cavalo no colo dele.

“Apenas me beije.”

Segurando o rosto dele com as mãos, Minerva roçou o lábio dele com os seus. Então Colin retribuiu o beijo, com paixão e entusiasmo. Suas línguas se enrolaram e brincaram. Ela levou a mão dele até o seio. Ele gemeu dentro da boca de Minerva enquanto o envolvia e apertava, passando a palma sobre o mamilo protegido pelo tecido. O beijo se tornou urgente, faminto. Ele tomava sua boca com lábios e língua, e ela retribuía tão bem quanto ele beijava. A elevação firme da excitação de Colin se fez anunciar, pressionando o interior da coxa dela. Ele usou sua mão livre para agarrar com força o traseiro dela, esfregando sua pelve contra a dele.

“Isso.” Ela recuou o torso para soltar o corpete. “Isso. Faça amor comigo.”

“Min, eu quero...” Ele se esforçava para respirar enquanto levantava as saias dela. “Jesus, eu não vou conseguir ser gentil agora. Eu não posso fazer amor com você. Não consigo.”

Ela choramingou de decepção, pressionando o corpo contra o dele. Ela

precisava muito dele, e podia sentir a proporção significativa da necessidade dele. Colin não podia dizer não. A testa suada dele pressionou o pescoço dela. Ele lambeu, depois mordiscou, o alto do seio dela.

“Você merece amor suave, doce. Um homem que possa lhe dar tudo que você deseja. Mas neste momento, tudo que eu quero é te possuir. Possuir você com força e rapidez e violência suficiente para iluminar esta maldita noite.”

Os dedos dele mergulharam por baixo das anáguas dela e encontraram seu sexo, onde mergulharam sem preliminares. Ela arfou. Minerva estava tão pronta para ele que seus dedos escorregaram para dentro.

“Eu posso...” Ele empurrou mais fundo, grunhindo. “Você...”

“Sim”, ela conseguiu dizer. “Sim.”

Ele retirou os dedos e começou a soltar os botões da calça.

“Diga. Eu preciso saber que você entende, que está mesmo disposta.”

Ela não estava só disposta. Ela estava *querendo*, desesperadamente.

“Sim”, sussurrou ela. “Eu quero que você me possua.”

A excitação tomou conta dela. Minerva *sentiu* que ficava úmida e rosada.

“Possua-me”, ela disse mais alto, desta vez acreditando nas palavras. Assumindo que a violência também fazia parte dela. “Possua-me, agora.”

Ele se posicionou e entrou nela com uma estocada forte, quase dolorosa. Ela gritou com a alegria que sentiu. Com movimentos violentos de quadril, ele foi ainda mais fundo. A pelve dela batia na dele, e todo o cupê sacudiu e rangeu.

“Oh, Deus. Minerva. Eu não mereço você. Você é tão boa. Tão gostosa e tão molhada e tão, tão boa para mim. Sua coisa inteligente, tola, linda.”

Bom Deus, aquele homem nunca parava de falar? Minerva não queria conversar naquele momento. Ela só queria... mais fundo. Mais forte. Mais. Ela pegou o lóbulo da orelha dele entre os dentes e rugiu, abrindo as pernas para trazê-lo ainda mais perto. Ele agarrou o quadril dela e socou selvagemente, fazendo-a subir e descer por toda sua extensão. Ela cavalgava as investidas dele com abandono, apoiando um braço no teto da carruagem para melhorar o encaixe. Eles se agarraram com dentes e unhas, e emitiram sons desagradáveis, chocantes, animalescos. A carruagem inteira balançava e dava pinotes devido ao ritmo frenético dos dois. O vidro da janela ficou embaçado com o calor da paixão dos dois.

Os cílios de Minerva bateram até fechar, bloqueando o que restava de luz do dia. As palavras dele se tornaram grunhidos desarticulados. O ritmo dos dois tornou-se uma força em si mesma, ganhando vida própria. Nos braços de Colin ela ficava sem fala, perdida, descuidada, desatenta. Ela não sabia nada, era

apenas sensação. Nada a não ser ele. Quando o clímax a atingiu, Minerva soltou um grito cortante, desamparado. O prazer sacudiu seu corpo. Ele saiu de dentro dela no último instante, rosnando maldições e bênçãos e jorrando calor contra a coxa dela.

"Min." Seus beijos quentes, de boca aberta, cobriram o rosto e a garganta de Minerva. A voz dele estava rouca de emoção. "Min, nunca me abandone."

Ela envolveu o pescoço dele com os braços.

"Colin, eu..."

Um estalo alto a interrompeu. Seguido por um rangido metálico e um lamento arrepiante. E então eles caíram. Caíram um nos braços do outro enquanto o cupê inteiro tombava de lado.

"Ah, não."

Capítulo Vinte e Oito

Juntos, eles deslizaram pelo banco até bater na lateral do cupê. Então a lateral se transformou em chão, quando a coisa toda ficou tombada de lado. A carruagem bateu na lama produzindo um som abafado. Eles se separaram e Minerva sentiu uma pontada aguda no ombro quando ela caiu no painel de metal.

“Min.” Ele se contorceu para ficar ao lado dela. “Minerva, diga que você não está...”

“Estou bem”, ela se apressou em dizer. “Não me machuquei.”

Praticamente. Ela não iria dizer a ele, mas o ombro doía um pouco. Apesar disso, aquele não era um acidente de carruagem dramático, mortal. O cupê nem estava em movimento. Aquilo não tinha sido mais do que cair de uma cerca, ou de uma árvore.

“Por favor não morra.” Ele a abraçou apertado. “Se você morrer, vou implorar a Deus que também me leve.”

Meu Deus, que declaração. Ela se obrigou a ignorar o significado daquilo e a continuar com a obrigação mais imediata: tranquilizá-lo.

“Bem, não estou morrendo. Nem mesmo estou machucada.”

Ele vasculhou seu rosto.

“Tem certeza? Não está sangrando? Consegue sentir todos os seus membros?”

“Você consegue sentir meus braços ao seu redor?”, perguntou ela.

Minerva passou a mão pelas costas dele, até que Colin soltou um suspiro de alívio.

“Consigo.” Ele tirou seu peso do peito dela, rindo um pouco. Colin passou a mão por seu próprio rosto. “Bom Deus. Eu não tinha me dado conta de como este negócio é instável quando não está atrelado aos cavalos. Acho que nós estávamos muito...”

“Entusiasmados?” Ela sorriu. “Bem, veja por este lado, as rodas não estão

mais presas na lama.”

“É verdade. Deixe-me ajudar você a levantar.”

Eles desenrolaram seus braços e pernas. Colin levantou primeiro, depois ofereceu sua mão a ela.

Quando Minerva se colocou em pé, suas botas chapinharam na água que começava a entrar pelos painéis laterais danificados e encobria os pés dos dois.

“Oh, céus.”

Colin também havia reparado. Ele virou o baú, e usou o pé para afastá-lo da poça que crescia. Francine estava tão bem embrulhada que, sem dúvida, devia ter sobrevivido à queda, mas não sobreviveria se ficasse encharcada.

“Então não foi nossa... você sabe... que virou o cupê. Pelo menos não totalmente.”

Ele balançou a cabeça.

“A estrada está inundando. É por isso que as rodas se soltaram.”

A água lamacenta bateu na bainha dela.

“Precisamos sair daqui. Agora mesmo.”

“Concordo.” Colin levantou as mãos e empurrou a porta que estava acima de suas cabeças.

Mas ela não abriu.

Xingando, ele pegou a maçaneta da porta e a forçou, com violência.

“Abra, sua maldita”, resmungou ele. “Abra.”

“Está tudo bem”, disse ela, tentando acalmá-lo. “Não estamos presos. Se você quebrar a janela, eu posso passar por ela e abrir a porta por fora.”

“Certo. Você realmente é a mais inteligente de nós. Vá para o lado e cubra a cabeça.”

Depois que ela obedeceu, ele pegou um lenço no bolso do colete e enrolou os nós dos dedos. Então Colin segurou a pistola pelo cano e a usou para quebrar o vidro da janela. Com dois golpes fortes ele o arrebentou. Pequenos cacos de vidro caíram sobre a cabeça e os ombros de Minerva. Depois que a chuva de vidro cessou, e gotas de água começaram a entrar, pareceu seguro olhar para cima. Ela viu Colin limpando a moldura da janela dos últimos fragmentos de vidro.

“Aqui.” Ele fez uma concha com a mão e a estendeu. “Ponha o pé na minha mão e se apoie no meu ombro. Eu vou levantar você.”

Ela aquiesceu.

Depois que sua cabeça e seus ombros passaram pela abertura, Minerva apoiou as mãos dos dois lados da janela. Ela puxou o restante do corpo para fora

da carruagem. A chuva continuava a ensopá-la, colando seu cabelo ao pescoço e à testa. Ela o afastou com as mãos, impaciente. Depois de tirar completamente o corpo de dentro da carruagem, Minerva se ajoelhou no topo – que até recentemente era a lateral – e puxou a maçaneta com as duas mãos, forçando e xingando a peça de metal.

"Droga. A maçaneta também está emperrada por fora." Ela olhou para ele lá em baixo. "Saia pela janela, como eu fiz. Vai ser um pouco difícil, mas você conseguirá passar."

"Eu vou, mas Francine não." Ele ergueu o baú com as duas mãos, para mantê-lo acima da água. Ele era grande demais para passar pela janela. "Vá. Procure abrigo embaixo das árvores. Eu vou manter Francine seca até a chuva passar."

"Você quer que eu deixe você aqui? *Sozinho*?"

O lampejo de alguma emoção passou por seu rosto, mas ele a reprimiu.

"Eu vou ficar bem. Vamos ficar à distância de um grito. Você conhece nosso sistema, M. Tallyho e tudo o mais."

Minerva balançou a cabeça. Homem impossível. Há menos de cinco minutos ele a agarrou em seus braços e implorou para que nunca o abandonasse. Prometeu segui-la ao túmulo, se fosse o caso. Colin honestamente acreditava que ela iria abandoná-lo naquele momento? Deixando-o preso em uma carruagem escura, sozinho, na mesma estrada que matou seus pais? Ele realmente *era* maluco.

"Não vou deixar você aí."

"Bem, eu não vou deixar o baú para trás."

Ela forçou a maçaneta da porta novamente, mas ela se recusava a ceder.

"Talvez eu consiga abrir se a quebrar. Passe a pistola para mim, por favor?"

Esticando a mão pela janela quebrada, Colin lhe entregou a arma. Minerva a desembrulhou, passou a mão pelo cabo... E a apontou para ele.

"Saia daí, Colin."

Ela falou com uma calma imperturbável, enquanto protegia a pistola da chuva com o corpo. Minerva não estava, realmente, ameaçando a vida dele. Ela só esperava que o choque pudesse demovê-lo da ideia tola de permanecer dentro daquele caixão de metal. Bem, ele ficou mesmo surpreso. O olhar incrédulo dele pulou do rosto dela para a pistola em sua mão.

"Min, você ficou maluca?"

"Eu poderia perguntar a mesma coisa! Acabou, Colin." A voz dela fraquejou. "Acabou. Nós não vamos conseguir chegar a Edimburgo, e tudo isso não vale

nem mais um instante de aflição sua.”

“Para o diabo com minha ‘aflição’. Dentro do baú está o trabalho da sua vida. Não vou abandoná-lo. E ainda podemos chegar ao simpósio, Min. Assim que o cocheiro voltar...”

Minerva olhou ao redor. Nenhum sinal do homem nem dos cavalos. Um rio subia onde antes havia estrada, carregando folhas e galhos consigo. E a chuva só fazia aumentar, pingando e batendo na estrutura de metal da carruagem. Ela teve que erguer a voz para se fazer ouvir por cima de todos esses ruídos.

“A água está subindo, e a noite caindo. O cupê está danificado. Mesmo que os cavalos cheguem, a estrada vai estar intransitável. *Acabou.*”

“Droga, Min. Não desista disto. Não desista de mim. Eu fiz uma promessa a você, e tenho toda intenção de cumpri-la. Vou encontrar um modo.”

“Você não...”

Um grito de susto não a deixou terminar. A carruagem tombada deslizou alguns centímetros para o lado. A inundação estava fazendo o cupê oco boiar, empurrando-o pela lama. Minerva sentiu um aperto no estômago. Ela tinha que tirar Colin dali. A teimosia dele em permanecer na carruagem não era apenas imprudente, mas perigosa. Se a água continuasse subindo, eles poderiam ser jogados para fora da estrada. Ela estendeu o braço com a pistola.

“Colin, deixe o baú. Nós dois precisamos sair desta carruagem. Chega de discussão.”

“Não.” Ele negou com a cabeça. “Não vou fazer isso, Min.”

“Então você não me deixa alternativa.”

Ela firmou a pistola, puxou o cão, mirou... E atirou.

“Santa...”

Bum!

Quando a pistola disparou, o primeiro pensamento de Colin foi: *Meu Deus. Ela atirou. Ela realmente atirou em mim.* Seu segundo pensamento foi: *Quando foi que meu sangue e minhas vísceras foram substituídos por esse pó branco grudento?* Conforme a poeira baixava, Colin foi lentamente percebendo que ela não havia atirado *nele*. Minerva disparou a bala diretamente em seu baú. E a nuvem de poeira branca que foi levantada dentro do cupê *não* era formada pelos restos de seu coração calcificado. Mas por Francine. Oh, Deus! Maldição. Ele preferia que Minerva tivesse atirado em sua barriga. Teria doído menos. E sua barriga poderia ser costurada. Francine, por outro lado... Francine já era.

“Por...?” Ele engasgou no pó de gesso. “Por que você fez isso?”

“Porque você não me deixou alternativa”, exclamou ela, jogando a pistola

longe. “Agora saia daí. Acabou.”

Acabou. Sim, tinha acabado. Tudo. Ela havia enfiado uma bala em todos os seus sonhos e esperanças. Não importava mais se o cocheiro iria chegar com cavalos descansados. Não importava se as nuvens repentinamente se abrissem e um balão de ar quente descesse para transportá-los para a Escócia. Sem Francine, tudo estava acabado. Ele engoliu em seco o sabor amargo da derrota. Não restava nada mais a não ser admitir a derrota. Ele tinha falhado. Ele conseguiu falhar com Minerva, apesar de todo o seu esforço. Suas boas intenções caíram como granadas, e dessa vez Francine levou o tiro. Ele se içou através da janela quebrada. Colin pulou do cupê, afundando até a canela na água.

“Pule nos meus braços”, orientou ele.

Minerva obedeceu. Ela agarrou no pescoço dele, como se Colin fosse o herói de seu conto de fadas e não o vilão que arruinou tudo.

“Para onde nós vamos?”

Colin olhou para a estrada diante deles, tentando enxergar através da chuvarada. Será que aquelas sombras eram...? Cavalos. Sim, eram. Uma bela junta de quatro animais dos seus próprios estábulos. Afinal, lá vinha o cocheiro, acompanhado de dois criados da casa de Colin em Riverchase. Ele soltou a respiração, aliviado.

“Para casa. Nós vamos para casa.”



A distância até Riverchase era de apenas alguns quilômetros, mas as condições da estrada os obrigaram a percorrer aquele trecho em um ritmo dolorosamente lento. Colin levava Minerva à sua frente, em seu cavalo, tentando protegê-la o melhor possível do frio e da umidade. Ele chegou a pensar que ela havia adormecido.

Até que Minerva murmurou:

“Colin? O que é aquela construção imensa ali adiante?”

“É Riverchase. Minha propriedade.”

“Achei mesmo que era. É linda. Todo esse g-granito.”

Ele riu por dentro. É claro que ela iria reparar nisso primeiro.

“É uma pedra da região.”

“Aposto que ele brilha sob a luz do sol.”

“É luminoso.”

Ele a apertou mais em seus braços, puxando-a para perto. Pela primeira vez,

ele reparou como ela tremia violentamente em seu peito.

“Você está bem?”, perguntou ele.

“Com frio. Só estou com frio.”

Praguejando baixinho, Colin esporeou o cavalo para fazer com que trotasse. A chuva tinha ficado mais fraca, praticamente uma garoa, mas Minerva estava completamente ensopada. Ele tinha que colocá-la diante da lareira – e rápido. Pelo menos a criadagem de Riverchase havia sido avisada pelo cocheiro que seu patrão estava nas redondezas. A casa toda foi colocada de prontidão. Quando Colin chegou cavalgando, a porta se abriu e um grupo de empregados saiu. Colin desceu do cavalo primeiro, depois ajudou Minerva a escorregar para seus braços. Passando um braço por suas costas, e outro por baixo das coxas, ele a carregou pelos catorze degraus de granito e através da entrada principal. A antiga e conhecida governanta, a Sra. Hammond, correu para cumprimentá-lo. Fazia praticamente dois anos que ele não a via. Mesmo assim, Colin encurtou os cumprimentos.

“Acenderam a lareira?”, perguntou ele.

“Na sala de estar, meu lorde.”

Ajeitando Minerva nos braços, ele passou pela governanta e entrou diretamente na sala de estar. Ele deitou o corpo empapado e trepidante de Minerva no divã felpudo e empurrou tudo – móvel e Minerva – para frente, até que ela estivesse a cerca de um metro da lareira. O fogo era novo e ardente. Chamas abrasadoras dançavam e pulavam.

“Esta sala é linda”, disse, fraca, Minerva. “Estou tão f-feliz de...” Os dentes dela bateram. “De ter esta oportunidade de conhecer sua casa.”

“Não tente falar. Mais tarde levo você para ver tudo.”

“Tudo bem.”

Sua tentativa trêmula de um sorriso fez Colin querer uivar de angústia. Não devia ser daquele modo. Ele tirou os óculos do rosto dela, secou-os, e os recolocou em seu nariz.

A Sra. Hammond permanecia junto à porta.

“Traga cobertores”, ordenou ele. “Uma camisola limpa, não me importa de quem seja. Chá quente, e outras bebidas assim que puder.”

“Sim, meu lorde.”

Depois que a mulher desapareceu, Colin começou a tirar as roupas ensopadas de Minerva. Ela tentou ajudá-lo, mas seus dedos tremiam muito.

“Fique parada, querida. Deixe que eu faço isso.”

No fim ele desistiu dos botões e ganchos e pegou o canivete em sua bota, que

usou para cortar o vestido nas costuras. Ele arrancou o tecido encharcado do corpo dela, e jogou tudo em uma pilha perto do fogo. Enquanto puxava a bela peça de musselina, teve vontade de chorar. Jesus, uma semana atrás ele tinha uma preocupação vaga de que poderia arruinar aquela garota? Manchar sua reputação de forma irreparável? Ou – o horror – tirar sua virtude? Isso era pouco... olhe para ela, agora. Curvada, tremendo sem controle. Pálida, lábios azuis, vestido em farrapos. Sonhos despedaçados e jogados em uma estrada do interior, junto com todas as suas esperanças de um futuro. Enquanto a despia, Colin encontrou uma contusão feia no ombro dela. Aquilo ia além de ruína social. Era devastação completa e total que ele causara a ela. A dor profunda, excruciante, que Colin sentiu naquele momento lhe revelou duas coisas, ambas igualmente trágicas. Ele a amava, acima de qualquer coisa.

E Minerva estava perdida para ele, para sempre.

Capítulo Vinte e Nove

Incrível o que uma hora de descanso, uma lareira quente e um bule de chá medicinal podem fazer pela recuperação de uma garota. Aconchegada ao seu ninho quente de cobertores, Minerva decidiu que acolchoados de lã eram seu novo traje favorito. Embora ela ainda não tivesse sido levada para conhecer o lugar, e a julgar pelo pouco que viu até então, Riverchase era a casa mais requintada em que ela já havia colocado os pés. Se pelo menos Colin abandonasse seu posto junto à lareira e fosse se sentar perto dela, Minerva iria se sentir completamente recuperada. Ele parecia acabado. Ela começou a se levantar para ir até ele. Mas ele a deteve com um braço esticado e uma só palavra.

"*Não.*"

Sua voz e seus olhos estavam frios. Minerva se encolheu no divã. Ele olhava fixamente para o fogo.

"Vou mandar você de volta para Londres. Amanhã."

"Você vai..." Ela respirava com dificuldade. "Você vai me mandar para Londres? Não vai comigo?"

Agora que a Escócia não era mais seu destino, ela imaginou que faria sentido os dois voltarem. Mas logo no dia seguinte? Separados?

Ele aquiesceu.

"É mais seguro assim. E mais rápido. Naturalmente, você irá com batedores, para sua segurança. A Sra. Hammond, minha governanta, irá junto como sua acompanhante."

"E quanto a você?"

"Eu irei na frente, a cavalo, para avisar o Bram, para que ele a esteja esperando."

"Lorde Rycliff? Mas o que você irá lhe dizer?"

"A verdade." Ele gesticulou vagamente. "Uma versão dela. Que partimos de Spindle Cove com planos de ir para a Escócia, mas não deu certo. E que estou

pedindo a ajuda dele e de Susanna para salvar sua reputação. Vamos contar para todo mundo que você nunca foi além de Londres. Que ficou doente naquela primeira noite, e que você ficou com eles a semana toda."

Pensar em toda aquela enganação revirou o estômago de Minerva.

"Susanna é minha amiga. Não quero que ela minta por mim."

"Coisas assim são feitas o tempo todo."

Minerva sabia que isso era verdade. Mais do que uma, das moças que ela conheceu em Spindle Cove, foi enviada para lá a fim de esconder um escândalo ou uma indiscrição. Como principal figura feminina da vila, Susanna guardava muitos segredos. E a sociedade, no geral, devia-lhe muitos favores por sua discrição, sem dúvida. Mas uma coisa era esconder aquela viagem do público, e outra seria apagá-la de suas próprias memórias. Ele falava como se os dois se transformariam em estranhos, um para o outro, a partir daquele momento.

"Isso é o que você realmente quer?", ela lhe perguntou. "Simplesmente fingir que nada disto aconteceu?"

"Não importa o que aconteça, nunca irá lhe faltar nada. Depois que eu estiver no controle das minhas finanças, irei discretamente ajeitar um dinheiro para você. O suficiente para que você possa viver como desejar. Estabelecer residência no lugar que quiser. Dedicar sua vida aos estudos. Você e suas irmãs terão sempre a minha proteção."

"Sua *proteção*? Vou me transformar em sua amante, então?"

"Deus, não."

"Oh." Ela engoliu um soluço. "Nem mesmo isso?"

Praguejando baixinho, ele atravessou a sala e sentou ao lado dela.

"Minerva, eu nunca a rebaixaria dessa forma. Depois de toda a dor que lhe causei, eu não a culparia se você me quisesse longe." Ele apoiou a cabeça nas mãos. "Não me faça ter que dizer todas as maneiras em que eu falhei com você."

"Então eu vou dizer tudo que você me deu. Chá quente e cobertores. Um dia na feira. Uma maçã, uma laranja, pêssegos e cerejas. A chance de ganhar vinte libras em uma disputa de tiro. A coragem para cantar em uma taverna. Meus primeiros elogios sinceros. Paixão de tirar o fôlego e aventura suficiente para durar a vida inteira. Pense bem, em apenas uma semana eu fui missionária, assassina, princesa há muito perdida... e não podemos esquecer, uma engolidora de espada."

"Acredite em mim." Erguendo os olhos, ele lhe deu meio sorriso. "Enquanto eu viver, nunca, *jamais*, vou me esquecer disso."

O coração dela ficou mais contente ao perceber aquele lampejo do bom

humor de Colin. Esse era o homem que ela conhecia e amava. Minerva deu de ombros.

“Depois de tanta aventura, vir a ser uma simples geóloga pode ser decepcionante.”

“Não. Não minta para mim, Minerva.” A mão dele alcançou sua face. “Eu sei o quanto isso significava para você. Não pode me dizer que não está decepcionada.”

Não, ela não podia dizer. E não podia mais segurar as lágrimas. Ele a segurou nos braços enquanto Minerva chorava de verdade pela pobre e pulverizada Francine e todas as suas ambições científicas esmagadas. Depois de alguns minutos, ela enxugou os olhos.

“Eu só queria deixar minha pegada. Deixar minha marca duradoura neste mundo, do mesmo modo que Francine deixou a dela. Colocar um aviso que sobreviveria durante gerações: ‘Minerva Highwood esteve aqui, e o mundo ficou um pouco diferente devido a ela.’ Eu só queria ser notada por quem eu sou. Marcar minha passagem.”

“Sim, e você deveria ter conseguido.” Ele levantou do divã e andou até a lareira, onde bateu na borda com o punho. “Você poderia ter conseguido. Seu único erro foi se juntar a mim.”

“Isso não foi um erro.”

“É claro que foi. Você não reparou, Min? Eu deixo marcas por todo lado. E, no meu caso, não são pegadas, mas crateras.”

Com um dedo, ele empurrou uma pastora de porcelana até a borda da lareira e... fez com que caísse, espatifando-a.

“Oh, vejam”, disse ele secamente, “Colin Sandhurst esteve aqui.” Ele fez outra figura de porcelana mergulhar para a destruição. “E aqui.” E uma terceira. “Aqui também.”

A melodia de destruição cessou e veio o silêncio. Minerva inspirou profundamente e se obrigou a ficar calma.

“Colin, você...” Ela dominou seus nervos. “Você conseguiria me amar?”

Ele ficou olhando para ela.

“Pelo amor de Deus, não me pergunte isso.”

“Por que não?”

“Porque eu não posso lhe responder. Porque não importa o que eu diga, de algum modo vou estragar tudo. Eu não consigo nem mesmo levar a pegada de gesso do seu lagarto para a Escócia. Como você poderia confiar a mim algo tão precioso quanto seu coração?”

Puxando um cobertor sobre seus ombros, ela ficou em pé, cruzou a sala e parou no canto oposto da lareira.

“Colin, se você pudesse me amar... nada mais importaria. Você vale muito mais do que um prêmio científico de quinhentos guinéus.”

“Ah, você acha?” Ele passou os olhos pela magnífica sala de estar. “Com certeza, eu valho muito mais.”

“Não foi isso que eu disse, e você sabe.”

“Mas nada disso foi por causa do dinheiro. Eu sei como era importante para você. Minerva, você estava tão determinada a participar desse simpósio. Você arriscou tudo, Min. Segurança, reputação. Sua própria vida. E eu destruí seus sonhos.”

Minerva tocou o pulso dele e esperou até que Colin olhasse para ela.

“Você não destruiu meus sonhos. Você me tirou da minha concha. É claro que um pouco de confusão iria acontecer.”

Ele fez um carinho leve no rosto dela.

“Min”, sussurrou Colin.

Ela sorriu e limpou uma lágrima.

“Apesar de tudo, esta foi a semana mais empolgante e mágica da minha vida. Só fico triste que esteja acabando desta forma.”

“Eu sei, eu sei. Parece errado, não é?” Ele pegou o atiçador e mexeu no fogo com gestos bruscos. “Eu estava com essa ideia, sabe. Mais uma esperança boba, acho eu. Que durante essa jornada maluca e tumultuada... nós estaríamos escrevendo a história do nosso futuro.”

Ela riu um pouco.

“Você quer dizer que nós realmente iríamos nos tornar missionários no Ceilão? Ou entrar para o circo?”

“Não, não. Não quero dizer que estávamos *prevendo* nosso futuro. Mas que nós estávamos escrevendo a *história* do nosso futuro. Aquilo que iríamos contar e recontar, acompanhados de taças de vinho, em jantares, ou em dias chuvosos de primavera, quando está úmido demais para piqueniques no jardim. Entende o que eu quero dizer? Essa seria nossa história, Min. Da qual iríamos nos lembrar e rir por anos a fio, e até contar certas partes para nossos...” A voz dele foi sumindo e Colin recolocou o atiçador no suporte.

“Para nossos o quê?” O coração dela falhou uma batida. “Nossos filhos?” Colin andou sonhando uma vida com ela?

“Minerva, você é a pessoa mais inteligente que eu conheço. Você consegue olhar para um buraco de formato estranho no chão e ver um mundo antigo

vibrante e rico. Olhe para mim agora.”

Olhar para aqueles olhos de diamantes Bristol nunca foi um problema.

“Diga-me a verdade”, disse ele. “Você consegue enxergar um futuro agradável comigo?”

Ela estendeu o braço na direção dele, passando os dedos por seu cabelo.

“Honestamente?”

“Honestamente.”

“Quando eu olho para você, penso em algo como: somente Deus sabe que provações me aguardam nesse caminho.” Sorrindo, ela passou os braços em volta do pescoço dele. “Mas tenha coragem, Colin. Algumas mulheres gostam de surpresas.”

Ele ficou quieto por um longo momento.

“Muito bem”, disse ele, sombrio. E a levantou com um movimento rápido. “Surpresa.”

Capítulo Trinta

Colin a apertou contra a parede, agarrando, faminto, cada parte do corpo dela que conseguia alcançar, dando beijos ardentes a sua testa, seu rosto, seus lábios. Ele precisava daquilo. Precisava *dela.* E precisava naquele instante. Ele soltou os botões da camisola dela com um puxão, liberando alguns, ou simplesmente arrancando outros. Logo o traje delicado de algodão jazia descartado aos pés dela.

"*Minerva.*" Com um suspiro ressonante, ele pressionou todo seu corpo vestido contra a nudez dela. Apoiando suas mãos na parede, ele empurrou as coxas dela para os lados com seus joelhos. Abaixando a cabeça, Colin beijou e lambeu seu pescoço, enquanto esfregava sua ereção desesperada no calor dela. Um gemido cresceu no peito dele.

"Eu preciso de você, Min. Preciso muito."

"Estou aqui", suspirou ela, os braços pendurados nos ombros dele. "Sou sua."

Sou sua. Uma pontada doce de emoção torceu o coração de Colin. Ainda assim, ele manteve as mãos na parede – sem confiar em si mesmo para tocar nela. Ele recuou um pouco, querendo vê-la. Admirá-la.

Ela o tocou.

"Colin..."

"Espere", disse ele, a voz trêmula de desejo. "Quero olhar para você."

Ela se recostou no papel de parede, exibindo-se para ele. Colin nunca sonhou que uma mulher pudesse ser tão linda. Apoiada naquela parede, Minerva brilhava mais do que qualquer pintura de algum mestre holandês. Sua pele perfeita faria uma pastora de porcelana chorar lágrimas de inveja. E os seios dela... Ele não encontrou um paralelo na decoração para seus seios. Mas eles deixavam Colin duro como o chão de madeira. Os seios dela continuavam tão excitantes quanto na primeira vez que ele os viu, na estalagem em Londres. Ele foi descendo seus beijos pelo pescoço elegante dela, parando para chupar

aqueles mamilos deliciosos, até ficar de joelhos. Quando estes tocaram o chão, ele procurou uma posição confortável, sentando sobre os calcanhares. Depois deu vários beijinhos no umbigo dela e acariciou com o nariz suas coxas. Ele estava se ajeitando para uma bela e longa visita...

“Deus.” Ele afastou as coxas de Minerva e vasculhou em meio aos pelos escuros. “Faz uma eternidade que eu quero isto.”

Ela riu, nervosa.

“Estamos viajando há uma semana.”

“Uma eternidade.” Ele a abriu com os dedos, explorando suas dobras e circulando a pérola inchada com o polegar. “Você não tem como saber, Min. Você não tem como saber há quanto tempo estou esperando por você.”

Ele deu um único e casto beijo no sexo dela. Só um prelúdio, para que ela não ficasse chocada demais. Então Colin passou um braço por baixo do joelho dela, colocando-o sobre o ombro. Com as mãos ele a agarrou por baixo, alcançando seu sexo com os dois polegares para abri-la para sua admiração. Para seu beijo.

Minerva fez um ruído abafado.

“Colin...”

“Quieta...” Ele soprou a palavra sobre sua carne delicada. “Você já teve sua chance de explorar cada centímetro do meu corpo. Agora é minha vez.”

E como ele explorou... completamente... Colin passou a língua – apenas de leve – por cada pétala avermelhada, úmida, do sexo de Minerva. Descendo por um lado, subindo pelo outro... até alcançar aquele botão intumescido no alto. De novo, provocando-a apenas levemente. Até que a respiração dela ficou ofegante e ela arqueou os quadris, enfiando o calcanhar nas costas dele para puxá-lo para perto. *Isso. Assim mesmo. Prenda-me próximo e apertado. Seja minha dona. Faça de mim um escravo do seu prazer.* Mas uma ponta de maldade nele não queria dar a Minerva o que ela desejava. Ainda não. Ele manteve seus movimentos leves, provocantes. Até ela começar a se esfregar contra sua boca em um ritmo urgente e um lamento carente se elevar da garganta dela.

“Oh, Colin. Oh, Deus.”

Uma blasfêmia, mas ele adorava ser colocado acima do divino no universo de Minerva. Mesmo que por um segundo breve e lascivo.

“Sim, querida?”, murmurou ele, entre golpes lentos e lânguidos da sua língua.

“Eu preciso... preciso de uma coisa.”

“Disto?” Ele enfiou a língua dentro dela.

Ela engasgou e arqueou os quadris.

“Mais.”

Ela agarrou o cabelo dele. O gosto inebriante dela dançava em sua língua. Colin também precisava de mais. E não conseguia esperar nem mais um instante. Descendo a perna dela, Colin se ergueu e rapidamente saiu de sua calça desabotoada. Ele puxou a camisa por sobre a cabeça e a jogou de lado. Agarrando a bunda de Minerva com as duas mãos, ele a ergueu contra a parede e a fuzilou com um olhar selvagem, determinado a ler cada emoção dela.

“Você me quer, Min?”

“Quero.”

“Você precisa de mim?”

“*Preciso.*” Ela se contorceu contra o corpo dele, selvagem, suada e quente.

“Você me ama?” A voz de Colin estava tão rouca de desejo que as palavras se perderam em sua garganta. Ele deslizou para dentro dela, enfiando seu membro duro no sexo apertado. “Me ame...”, rosnou ele, dizendo as palavras com uma estocada. “Me ame.”

“Sim.” Ela arfou com prazer, inclinando a pelve para recebê-lo mais fundo. “Sim.”

Ele manteve o ritmo das estocadas, entrando nela no ângulo exato que ele sabia que ela desejava.

“Você tem que me amar. Nunca pare. Está me ouvindo? Isto não vai ser bom com mais ninguém. Só comigo, Min. Só comigo.”

“*Colin.*” Ela enterrou as unhas nos ombros dele e se afastou da parede, ficando face a face com ele. Minerva passou a língua rapidamente pela dele. “Eu amo você. Pare de falar.”

Era justo... Ele voltou a pressioná-la contra a parede. Chega de discutir. Apenas unir, agarrar e enfiar. E beijar, de forma quente, molhada e profunda. Apenas aquele desejo desesperado, visceral, de ficar mais próximo, de todos os modos possíveis.

Sem avisar, Minerva arqueou e retesou o corpo. Ela se agarrou a ele quando o clímax veio, gritando junto a sua orelha. Seus músculos íntimos ficaram tesos, enviando ondas pulsantes pelo pênis dele.

Dessa vez ele não se segurou. Não teria conseguido, mesmo se tentasse. Ele cavalgou a crista do prazer dela, em um vaivém frenético, enquanto o clímax dela o empurrava para seu próprio. Quando ele gozou dentro dela, a alegria, pura e deslumbrante, foi diferente de tudo que ele conhecia. Colin saiu de dentro de si mesmo. Em espiral, entrou em um lugar estranho e escuro, e ficou perdido ali

por um instante, à deriva em seu êxtase. Mas logo o carinho dela o trouxe de volta. Ela sempre o traria de volta da escuridão. Como poderia ser diferente? Ela tinha seu coração.

“Minerva.” Exausto e trêmulo, ele enterrou o rosto no pescoço dela. “Eu preciso lhe pedir uma coisa.”

“Precisa?”

“Preciso. Esta é uma pergunta muito importante. Uma que nunca fiz para outra mulher. E quero que pense cuidadosamente na sua resposta.”

Ela aquiesceu.

“Depois que toda esta loucura passar, e eu a conduzir em segurança para sua casa... você acha que seria adequado...” Ele engoliu em seco e levantou o olhar para encará-la. “Que eu a cortejasse?”

Ela ficou de boca aberta.

“*Cortejar.* Você... você quer me *cortejar*?”

“Quero. Muito. Mais do que qualquer coisa.”

“Colin, você percebe que ainda está dentro de mim.”

“Estou perfeitamente ciente disso, sim.”

Ela passou os dedos pelo cabelo dele nas têmporas.

“Então o cavalo já passou pelo portão, não é? Você não acha que uma corte formal seria uma chateação desnecessária, a esta altura?”

“Chateação nenhuma.” Ele beijou os lábios confusos dela. “E eu acho que é realmente necessário. Você merece ser cortejada, Min. Flores, piqueniques, passeios no parque e tudo o mais. E se eu posso dizer, suspeito que serei brilhante ao cortejá-la, se me dedicar a isso.”

“Tenho certeza de que sim, mas...”

“Em breve a temporada social vai estar a toda.” Ele saiu de dentro dela delicadamente, então os pés dela tocaram o chão. “Vou convencer sua mãe a enviá-la para Londres, onde poderei cobri-la de atenções na frente de toda a sociedade.”

“Como é que você vai conseguir fazer isso, depois de voltarmos solteiros desta viagem escandalosa? Mesmo com a ajuda do seu primo, a fofoca vai ser de matar.”

Ele fez um som de pouco caso.

“Mesmo que haja um pouco de escândalo, e não nos deixem entrar no velho e bolorento Almack’s, e daí? Ainda seremos bem recebidos em vários outros lugares. Bailes, ópera, teatro, Vauxhall. Vamos ser a sensação de Londres.”

“É, eu posso imaginar. Todo mundo vai querer saber o que aquela intelectual

desajeitada colocou no seu vinho para deixá-lo tão desorientado.”

“Não. Não fale assim.” Ele ergueu o queixo dela com um dedo. “Eu odeio quando você fala mal de si mesma, Min. Vou bater em qualquer um que ousar insultá-la, mas não sei como proteger você de si mesma. Então, faça-me um favor... não fale assim. Tudo bem?”

“Tudo bem.”

O lábio inferior dela tremeu. Colin o tocou carinhosamente.

“Mimar você vai me dar tanta satisfação. Vou fazer você se sentir uma rainha. Vou fazer tudo o que puder para conquistá-la.”

“Mas Colin, você não percebe...” Afeto aqueceu os olhos castanhos dela. “Você não precisa me conquistar. Já disse para você, eu sou sua.”

Colin a pegou nos braços e a carregou para perto da lareira, colocando-a no tapete. A camisola estava amarrotada e rasgada, então ele pegou sua camisa e ajudou Minerva a vesti-la. Ele passou a camisa pela cabeça dela, e arrumou o lindo cabelo escuro por sobre o colarinho e ajeitou os cachos em volta do rosto dela. A camisa ficava bem nela, com o colarinho aberto oferecendo uma visão sugestiva de seus seios. Os olhos dela brilharam, e um belo rubor aflorou em suas faces.

Deus, ele amava vê-la descabelada. Seu coração e seu sexo argumentaram que ele deveria se casar com ela imediatamente e mantê-la ali, para que Colin pudesse começar a desfrutar dessa visão todos os dias. Todas as noites. Mas, para variar, ele deixaria que seu cérebro tomasse a decisão. Quando ele agia por impulso, até suas boas intenções acabavam mal. Um casamento apressado, ainda que parecesse tentador, não era o correto.

Ele vestiu a calça e sentou com ela, de pernas cruzadas, diante do fogo.

“Você é tão jovem”, começou ele.

“Sou apenas cinco anos mais nova que você. Quando minha mãe casou, ela tinha dezessete anos, e meu pai quarenta e três.”

“Você é jovem”, ele insistiu. “E esta semana foi, no mínimo, tumultuada. Eu quero lhe dar algum tempo, de volta ao mundo normal, para você ter certeza de seus sentimentos.”

“Eu *tenho* certeza dos meus sentimentos.”

“Você merece ser cortejada. Você merece saber que tem opções antes de comprometer sua vida com alguém -- ainda mais um devasso como eu. Você merece ver esse Sir Alisdair Kent. Talvez ele não seja coberto de verrugas.”

Ela tocou seu rosto.

“Eu amo *você*, Colin. Nada vai mudar isso.”

“Querida e doce garota.” Ele a pegou nos braços e a segurou bem perto.

Eu amo você. Nada vai mudar isso. Ah, como ele queria pegar aquela declaração ousada e inequívoca e aceitá-la como verdadeira. Esculpi-la em pedra, tatuá-la em sua pele, escrevê-la em um mosaico naquele mesmo chão em que estavam. O Evangelho Segundo Minerva, do qual nunca se deve duvidar. Mas ele havia aprendido muita coisa – com ela, com a vida – e sabia muito bem o quão pouco ela tinha visto do mundo. A alma saturada de Colin ansiava por confirmação. Por pelo menos alguns meses. Dentre todas as pessoas, era ela quem mais devia entender o valor de um teste científico.

“Se o que você diz é verdade...” Ele se afastou para admirar aqueles belos olhos escuros. “Então não há problema em esperar, ou há?” Ele acariciou o rosto dela, tentando extrair um sorriso. “Eu sei bem o que é tomar decisões impulsivamente. Elas acabam não dando certo. Quando eu casar com você, quero que todo mundo – e isso inclui nós dois – saiba que não se trata de um capricho impetuoso. Eu quero esperar até depois do meu aniversário, para que também não haja suspeita de que estou fazendo isso para ganhar o controle da minha fortuna.”

“Depois do seu aniversário? Você está sugerindo que nós vivamos separados por meses?”

Ele aquiesceu.

“Acho que sim, isso mesmo.”

“E quanto às noites, Colin? Como você planeja atravessar todas essas noites?” Ela engoliu em seco. “Eu acho que não conseguirei suportar se...”

Ele a silenciou com um beijo.

“Os votos de casamento vão ter que esperar. Mas juro para você aqui e agora, Minerva” – ele pegou a mão dela e a colocou sobre seu coração – “que enquanto eu viver, não passarei uma noite nos braços de outra mulher. Não vou fingir que esperar por você vai ser agradável, mas vou aguentar. Vai ser muito mais fácil enfrentar a escuridão se você for o raio de luz quente e belo no fim do caminho.”

Ela pareceu decepcionada, e Colin se odiou por causa disso. Mas dentre todas as coisas que ele havia feito na vida, aquela precisava ser feita com cuidado e corretamente. Se isso significava andar no ritmo de um caracol marinho, então seria assim.

“Não se preocupe”, disse ele. “Assim é ideal, você vai ver. Nós fazemos tudo de trás para frente. Somos assim. Começamos com uma fuga. Depois disso, fazemos amor. Em seguida, passamos à corte. Quando estivermos velhos e de cabelo grisalho, talvez cheguemos ao flerte. Vamos lançar olhares apaixonados

um para o outro por cima do nosso mingau. Seremos invejados por casais com metade da nossa idade.”

Ela sorriu.

“Oh, Colin. Se elas pudessem me ver *agora*, eu seria invejada por todas as mulheres da Inglaterra.”

“E algumas na Escócia, também. Está esquecendo que eu cresci bem perto da fronteira.”

Ele fez o comentário em tom de brincadeira, mas seu significado provocou um arrepio de entusiasmo em todos os seus ossos. *Escócia.*



A mudança em Colin foi imediata. Minerva observou a expressão em seu rosto mudar de afeto caloroso para determinação fria em um instante. Ela arrastou um toque tímido e sensual pelo peito dele, na esperança de fazê-lo voltar ao modo anterior. Não funcionou. Ele se pôs de pé e lhe ofereceu a mão.

“Venha, agora. E rápido.”

“Quê? Por quê?”

“Vou explicar enquanto subimos para os quartos. Não temos tempo a perder.”

Aturdida, ela aceitou a mão dele. Colin a ajudou a levantar, depois recolheu todas as roupas descartadas.

“A esta altura seu quarto já está pronto. Eles devem ter resgatado seus baús na estrada. Vou levar você à sua suíte, depois vou mandar uma empregada para ajudar você a tomar banho e se vestir.”

“No meio da noite?”

Ele olhou pela janela.

“O dia logo vai nascer.”

Ele pôs a mão na parte de baixo das costas dela e a puxou para perto, conduzindo-a para fora da sala e por uma escadaria grandiosa. Enquanto corriam escada acima, Minerva tentou não pensar demais no fato de que andava descalça em uma das propriedades mais históricas e imponentes da Inglaterra usando nada além do que a camisa de Colin. A personificação do escândalo. Mas... algum dia ela seria a senhora daquela casa. Talvez. Supondo que tudo desse certo durante o período de corte. Deus, ela estava tão confusa.

“E enquanto eu estiver tomando banho e me vestindo, o que você vai fazer?”

“A mesma coisa”, disse ele. “Tomar banho e me vestir. E depois, providenciar os cavalos.”

“Cavalos?”

“Isso. Precisamos sair o mais cedo possível.” Ele parou. “Qual era a porta...? Ah. Esta é a sua suíte.”

Ele a conduziu a um quarto magnífico, decorado em marfim e verde-sálvia. Minerva nem conseguiu admirar direito as molduras esculpidas, ou emitir um suspiro de satisfação, quando seus pés cansados de viajar afundaram no tapete felpudo.

“Colin, nós acabamos de chegar. Quase não dormimos nos últimos dias. Não podemos pelo menos descansar um pouco antes de sairmos novamente em disparada? Este é o quarto mais lindo que eu já vi.”

“E você fica linda dentro dele.” Deixando-a no meio do tapete, ele circulou rapidamente pelo aposento. Primeiro, ele abriu as cortinas. O brilho fraco da alvorada passou pelas janelas que iam do chão ao teto. “Seu quarto de vestir é aqui”, disse ele, indicando uma porta aberta. “E o quarto de dormir fica depois dele. Espero que você tenha mais tempo para conhecer tudo na próxima vez em que viermos.” Ele passou por portas fechadas, apontando. “Banho. Armário.”

Ela fechou os olhos, então os abriu novamente.

“Colin. Para onde é que você pretende me levar?”

“Para a Escócia. Para o simpósio.”

“Mas... é tarde demais. O simpósio é hoje.”

“Eu sei. É por isso que temos que nos apressar. Nós vamos chegar atrasados, e não podemos fazer nada quanto a isso.”

“Mas como é que vamos até lá? Chega de carruagens, Colin. Não temos condições.” Ela percebeu como ele ficou perturbado no cupê, no dia anterior. Ela nunca mais iria fazer com que ele passasse por aquilo.”

“Eu tenho um plano”, disse ele. “Você vai ver.”

“Mas a Francine...”

“Ainda existe. Com ou sem molde de gesso. A pegada dela está lá. Ela deixou sua marca neste mundo.” Colin se aproximou e pegou as mãos dela. “E você também vai deixar, Min. Talvez você não receba o prêmio, sem levar a prova da existência dela. Mas você vai estar lá, e vai impressioná-los.”

Ela não soube o que dizer.

Uma empregada apareceu à porta do banheiro. Ela pigarreou e fez uma mesura.

“Minha senhora, seu banho está preparado.”

Colin dispensou a empregada com um aceno.

Ele apertou as mãos de Minerva.

“Nós chegamos até aqui. Não vamos desistir agora. Esta é a história do nosso futuro – a que vamos contar para nossos amigos, convidados, filhos e netos – e nossa história não termina com uma derrota. Ela termina em triunfo. O *seu* triunfo.”

Ele levou as mãos dela aos lábios. Beijou uma, depois a outra. Minerva derreteu por dentro.



“Nisto?” Uma hora depois, Minerva estava em pé sobre os degraus na frente de Riverchase, usando o último bom vestido que lhe restava, feito de sarja de seda verde-escuro. Ela queria parecer otimista, embora não se sentisse assim. “Nós vamos até Edimburgo *nisto?*”

Ela olhava através da névoa matinal. À frente da casa estava a carruagem mais ricamente decorada, mais alegremente pintada e com as maiores molas de suspensão que ela havia visto em toda sua vida. O assento estreito, para acomodar somente duas pessoas – o condutor mais um passageiro – devia estar a pelo menos dois metros e meio do chão. A pequena carruagem esportiva estava atrelada a dois dos mais belos cavalos que se possa imaginar. Eles pareciam animais de corrida, não de tração.

“Isso não pode ser seguro”, disse ela.

“Não é exatamente um modelo para levar a família.”

“Nós vamos brilhar no escuro.” Ela franziu os olhos quando os primeiros raios de sol iluminaram a pintura amarelo-vivo.

“Sim, é chamativo, extravagante e imprudente.” Colin puxou um pedaço de amarra de couro, testando sua força. “Mas é o meio de transporte mais rápido que existe na Inglaterra. Eu o ganhei em um jogo de cartas, há alguns anos.”

“Você o *ganhou*. Mas sabe como *conduzir* essa coisa?”

Ele deu de ombros e sorriu.

“Nós vamos descobrir.”

Minerva se aproximou com razoável grau de apreensão. Mas ela dominou os nervos, determinada a ser corajosa. Colin estava pondo toda sua fé nela, e ela tinha que fazer aquilo valer a pena. Com auxílio de um criado, ela conseguiu subir no assento. Os animais dançavam de impaciência, e a carruagem balançou sobre suas molas. A cabeça de Minerva rodopiava. *Não olhe para baixo*, ela disse para si mesma. É claro que no instante seguinte ela olhou. Será que esse tipo de proibição funciona?

Içando-se para o assento, Colin se pôs ao lado dela. Ele abaixou a aba do chapéu e pegou as rédeas.

“Cento e dezesseis quilômetros. Essa é a distância até Edimburgo. Se o clima ajudar, nós poderemos cobrir vinte quilômetros por hora, fácil, neste veículo. Vinte e quatro, se eu apertar o ritmo. Com um pouco de sorte, nós chegaremos ao meio-dia. Nós podemos fazer isto, Min. Nós realmente podemos.”

Ela aquiesceu.

“Você sabe...” Passando o braço pelo dele, ela engoliu em seco. “Colin, você sabe como conduzir esta coisa, não sabe?”

Ele sorriu.

“Você não para de me perguntar isso.”

“E você continua se recusando a responder.”

Ele voltou o olhar para a estrada e agitou as rédeas, fazendo a parelha trotar.

“Eu não gosto de *andar* de carruagem. *Conduzir* é algo completamente diferente.”

Depois que fizeram a curva na trilha da casa, Colin estalou as rédeas nos animais, levando-os a um galope. Galope nada. Eles estavam *voando*.

“Oh!” O vento pegou sua risada assustada e a espalhou por toda Riverchase.

É assim que uma bala deve se sentir. Puxado por aqueles dois animais elegantes e majestosos, a carruagem disparou pela trilha de cascalho como algo divino de anjos. As molas do assento eram tão eficientes que Minerva mal sentia os calombos da estrada. Ela se aproximou de Colin, e foi obrigada a gritar por cima do rugido do vento e do tropel de cascos.

“Clube de corridas!”, ele respondeu, também gritando e lhe dando uma piscadela marota. “A maior loucura de Londres.”

Rindo, Minerva pôs a mão sobre o chapéu, animada demais pelo vento e pela velocidade para reclamar. É claro. O malandro era membro de todos os clubes que o aceitassem. Clubes de cavalheiros, de boxe, de carteado, dos aventureiros. Por que não um clube de corridas? Assim era a vida em Londres. Todos aqueles clubes. Todos aqueles amigos. Toda aquela diversão cintilante e rica. Todas aquelas *mulheres*...

Enquanto eles corriam para o norte, sua cabeça girava mais rapidamente que as rodas da carruagem. A sugestão de Colin, de um namoro público, a empolgava, é claro. Ir a bailes e à ópera de braços dados com o belo e impetuoso Lorde Payne? Só de Minerva pensar nisso, seu coração falhava algumas batidas. E ela acreditava nele quando dizia que gostava dela. Ele não mentiria sobre isso. *Ele está correndo a uma velocidade mortal para a Escócia por você*, Minerva

disse para si mesma. É claro que ele gosta. Mas... apenas há alguns dias ele dedicou horas ao conserto de um telhado. Ele se jogou em um trabalho braçal com força, entusiasmo e bom humor. Mas ele não jurou passar o resto da vida fazendo aquilo. Seria a repentina dedicação dele com Minerva apenas um produto de circunstâncias extremas? E se ela estava duvidando da dedicação dele, talvez Colin duvidasse do amor dela. Ou talvez ele simplesmente duvidasse *dela*. Talvez ele duvidasse que ela pudesse se tornar uma verdadeira viscondessa, e quem poderia culpá-lo? Pelo amor de Deus, olhe só aquela propriedade enorme, e a casa. Quem poderia imaginar Minerva como a senhora daquele lugar? Ela já tinha feito uma bagunça na sala de estar, e encharcado o tapete da entrada com água de chuva. Os criados iriam odiar Minerva. Ela não conseguia evitar de se preocupar com centenas de pequenas coisas. Colin também devia estar preocupado. Ele havia admitido sua incerteza. Era por isso que ele queria esperar. Esperar era sensato, raciocinou ela. Postergar o noivado era a coisa sensata e prudente a se fazer. Então por que isso a aterrorizava?

Eles pararam três vezes para trocar os cavalos e tomar água, sempre correndo de volta à estrada assim que fosse possível. A paisagem era verde e ondulante. Uma divindade deitada que acordava de seu sono invernal. O vento, por outro lado, era uma bruxa fria e cruel. Minerva se cobriu com uma manta de tear, para se aquecer, mas o vento gelado passava através dela. Quando a estrada ficou reta e ele pode soltar um pouco as rédeas, Colin a puxou para si, passando um braço por sobre o ombro de Minerva. Ela se aninhou ao lado dele, buscando conforto em seu calor e aroma conhecidos. E observando suas mãos enluvadas conduzindo os animais com movimentos firmes e confiantes. Ela passou um braço pela cintura dele, abraçando-o apertado. Não importava o que iria acontecer hoje, ou amanhã. Aquilo – apenas *aquilo* – valia qualquer coisa.

Eles se aproximavam de Edimburgo quando o sol do meio-dia chegou ao seu apogeu.

“Estamos quase lá”, disse ele quando voltou ao assento depois de parar para pedir informações a um comerciante. “Pronta para seu grande momento?”

“Eu...”

Eu não sei, não sei. Eles não sabem que sou mulher. Perdi todas as minhas anotações e meus desenhos. Sem provas eles não vão acreditar em mim quanto a Francine. E depois de viajar mais de cem quilômetros em uma manhã, meu cabelo deve estar de meter medo. Todos vão rir de mim. Oh, Deus. Eu sei que eles vão rir. O pavor havia embolado suas entranhas. Mas ela se recusava a dar voz a seus medos. Ela tinha prometido a Colin que nunca mais iria falar mal de

si mesma.

“Eu acho que sim”, disse ela, afinal. “Com você do meu lado, estou pronta para qualquer coisa.”

Colin fez os cavalos pararem bem no meio da rua.

“Chegamos?”, perguntou Minerva olhando em redor.

“Ainda não.” Com um dedo enluvado, ele virou o rosto dela para si. “Mas achei que não deveria fazer isto nos degraus da Sociedade Geológica Real.”

Ele baixou a cabeça e a beijou. Ali mesmo, na rua, e com um sentimento tão doce e carinhoso, que todas as preocupações dela sumiram, empurradas para o lado pela emoção que cresceu em seu peito.

“Está melhor?”, perguntou ele, pegando as rédeas.

Ela aquiesceu, sentindo a confiança voltar.

“Obrigada. Eu precisava disso.”

Mais alguns minutos através de ruas de paralelepípedos abarrotadas, e Colin parou os animais em frente a um edifício imponente de tijolos. Ele jogou as rédeas e uma moeda para um garoto que esperava ali e deu a volta na carruagem para ajudar Minerva a descer.

“Depressa, agora. Você chegou bem a tempo para fazer uma entrada triunfal.”

De braços dados, eles subiram correndo os degraus. Minerva estava tão ocupada tentando não tropeçar na saia que não reparou no porteiro – nem em ninguém, aliás. Até que uma voz grave os fez parar.

“Desculpem-me. Mas aonde vocês pensam que estão indo?”

Capítulo Trinta e Um

Minerva franziu a testa. Ela devia saber que não seria tão simples.

“Nós viemos para o simpósio de geologia”, disse-lhe Colin. “E estamos atrasados, devido a problemas na viagem. Então, se você fizer a gentileza de nos dar passagem...”

O homem de barba permaneceu onde estava. Ele bateu com a mão em um papel preso a um quadro de avisos.

“Sinto muito, senhor. Mas só podem entrar membros da Sociedade.”

“Eu sou membro.” Minerva se adiantou. “Sou membro da Sociedade. Meu nome é M. R. Highwood. Devo estar na sua lista.”

“Você?” Por trás da barba cinza, o rosto do homem assumiu um tom indecente de vermelho. “Você afirma ser M. R. Highwood?”

“Eu vou além de afirmar. Eu sou a Srta. Minerva Rose Highwood. Não posso acreditar que o nome seja desconhecido para você. Minhas descobertas foram publicadas em nada menos que cinco edições do *Jornal Geológico Real* nos últimos dezessete meses.”

“Sério, Min?” Colin tocou as costas dela com a mão. “Cinco vezes? Isso é fantástico, querida. Estou tão orgulhoso.”

Ela corou um pouco. Pelo menos *alguém* admirava suas realizações. Alguém maravilhosamente lindo, gentil, inteligente e, contra todas as probabilidades, aparentemente apaixonado por ela.

Aquele pateta pomposo diante dela, abanando sua lista boba... não era capaz de a intimidar. Não mais.

“Madame, deve haver algum mal-entendido. Todos os membros desta Sociedade são cavalheiros.”

“Deve haver, mesmo, um mal-entendido”, disse ela, sorrindo tranquila, “mas o mal-entendido não é meu. Nos últimos dois anos eu paguei minhas taxas, submeti minhas descobertas e mantive correspondência como membro pleno desta organização. Nunca afirmei ser homem. Se a Sociedade tirou alguma

conclusão equivocada, não posso ser responsabilizada por isso. Agora por favor, me deixe entrar, porque eu tenho uma apresentação a fazer."

"Não vai ser possível." Ele se empertigou e virou para Colin. "Não podemos permitir isto. A não ser que ela tenha..."

"Com licença, por que está falando com ele?" Minerva o interrompeu. "Eu estou bem aqui, e posso falar por mim mesma."

O homem suspirou profundamente.

"Minha querida garota, eu..."

"Não sou uma garota. E tampouco sou uma 'querida' para você, a menos..." Bom Deus, ela esperava que aquele presunçoso de cara vermelha não fosse Sir Alisdair, que sempre pareceu muito mais razoável do que aquilo. "Escute, Sr...?"

"Barrington."

"Sr. Barrington." Ela sorriu, aliviada. "Estou aqui para apresentar minhas descobertas no simpósio. Sou um membro estimado da Sociedade, com um registro impressionante de contribuições, e tenho algo de valor para contribuir. Acontece que sou mulher e que entendo bastante de rochas. Eu sugiro que o senhor tenha colhões para aceitar o fato."

Ao lado dela, Colin sufocou uma risada.

"Muito bem, querida. Bravo."

"Obrigada."

O Sr. Barrington pareceu não achar graça naquilo.

"Este simpósio é restrito a membros da Sociedade Geológica Real e seus convidados. E como a filiação é restrita a cavalheiros, esta porta não será aberta para a senhorita."

"Vamos lá." Colin interveio. Ela percebeu que ele procurava empregar seu tom mais senhoril, dominante. "Estou certo de que poderemos resolver isso de outra forma. Acontece que eu gosto muito de participar de clubes. Agora, o que um homem precisa fazer para se tornar membro da sua Sociedade?"

"Há um longo processo de candidatura. Uma carta de solicitação deve ser feita, acompanhada de uma declaração pessoal indicando interesses de pesquisa e quaisquer publicações relevantes. Referências precisam ser fornecidas – três, no mínimo, e não mais do que..."

"Sei, sei. Aqui está minha candidatura, se você pode fazer a gentileza de anotar. Sou Colin Frederick Sandhurst, Visconde Payne. Quanto aos interesses geológicos, me contaram que minha propriedade está sobre o maior veio de granito de toda Northumberland. Quanto a referências, nomeio meu primo, Lorde General Victor Bramwell, Conde de Rycliff. Em segundo, meu querido

amigo, o Duque de Halford. E em terceiro...”

Minerva pigarreou.

“Em terceiro, M. R. Highwood”, concluiu Colin.

“Senhor, eu...”

“Ah.” Colin ergueu um dedo. “Acredito que seja ‘meu lorde’ para você.”

“Meu lorde, tenho certeza de que a Sociedade ficará honrada com seu interesse. Contudo...”

“Eu mencionei que, em vez das taxas regulamentares, e como remuneração para meu processo de candidatura expresso, estou disposto a pagar uma assinatura anual de... digamos, mil libras?”

Barrington teve um sobressalto.

“Ah, tudo bem. É difícil negociar com você, Barrington. Três mil, então.” Ele abriu um grande sorriso frente ao silêncio do outro. “Bem. Agora que tudo está acertado, vou entrar no simpósio. A Srta. Highwood vai me acompanhar como convidada.”

“Mas meu lorde, mulheres solteiras não podem entrar como convidadas. Não é correto.”

“Pelo amor dos amonites, homem! Isso é tolice. Por que diabos a Sociedade precisaria proteger mulheres solteiras de palestras entediantes sobre composição do solo? Os membros entram em algum tipo de transe poeirento, no meio do qual nenhuma donzela delicada estaria segura?”

O Sr. Barrington ajeitou o casaco.

“Às vezes o debate fica mesmo exaltado”, disse ele.

Colin se virou para Minerva.

“Min, posso bater nele?”

“Acho que essa é uma péssima ideia.”

“Posso atravessá-lo com alguma coisa afiada?”

“Provavelmente essa ideia é pior.”

“Então não há como passar por ele”, suspirou Colin.

“Eu sei. Você vai ter que entrar e fazer a apresentação por mim.”

“O quê? Não.” Ele balançou a cabeça. “Não, eu não posso fazer isso.”

“É claro que pode. Você já me ouviu tantas vezes. Eu sei que ela contém muitas palavras polissílabas, mas eu acredito em você.”

“Minerva, essas descobertas são suas. Eles são seus pares. Este deveria ser o seu momento.”

“Sim, mas...” Lágrimas afloraram nos cantos de seus olhos, e ela piscou impaciente, tentando fazer com que sumissem. “Eles não vão me deixar entrar.”

“Eles não deixam mulheres *solteiras* entrar. Então case comigo. Aqui e agora.”

Ela olhou para ele, em choque. Os olhos de diamantes Bristol de Colin brilharam, límpidos e sinceros.

“Casar? Mas nós... não tem como nós conseguirmos...”

Ele pegou as mãos dela.

“Estamos na Escócia, Minerva. Não precisamos de certidão nem igreja. Só precisamos de testemunhas. O Barrington aqui pode ser uma, e...”

Ele se virou quando outro homem abriu a porta e se juntou a eles.

“O que está acontecendo aqui?” O recém-chegado perguntou em voz grave e solene.

Os olhos de Minerva o investigaram dos pés à cabeça. Ele era alto e bonito e... bem, um pouco mais alto e bonito. Ele fazia uma bela figura, em silhueta contra a luz que vinha de fora.

“Barrington, quem são essas pessoas?”, perguntou ele.

“Ah, ótimo”, disse Colin. “Este camarada de boa aparência pode servir como nossa segunda testemunha. Nós temos o Sr. Barrington e...” ele bateu a mão no ombro do recém-chegado. “Sr...?”

O homem estranhou o gesto presunçoso de Colin.

“Sou Sir Alisdair Kent.”

Minerva cobriu sua risada chocada com a mão.

“Certo.” A mão de Colin deu dois tapinhas pesados no ombro de Sir Alisdair enquanto media o homem com o olhar. “Certo. Tinha que ser.” Ele suspirou profundamente e se virou para Minerva. “Eu deveria sair de cena e deixar vocês dois se conhecerem melhor...”

Não!

“Mas não vou”, concluiu ele.

O coração dela acelerou. Graças a Deus! Colin pegou as duas mãos enluvadas de Minerva entre as suas e a mirou profundamente nos olhos.

“Minerva, eu amo você. Estava esperando para lhe dizer em um momento mais adequado. Em algum lugar mais romântico.” Ele passou os olhos pelo local em que estavam. “Mas aqui, agora, vai ter que servir.”

“Aqui está bom”, ela conseguiu falar. “Agora é ótimo.”

Ele apertou as mãos dela.

“Eu amo você. Eu amo que você seja inteligente, leal, curiosa e gentil. Eu amo que você seja destemida, corajosa e forte, mas também amo que às vezes você não é, porque então eu posso ser forte por você. Eu amo poder contar tudo

para você. Tudo mesmo. E amo que você sempre tenha algo surpreendente para dizer. Eu amo que você chame as coisas por seus nomes certos. Que você não tenha medo de chamar uma teta de teta, um pênis de..."

"Com licença", interrompeu Sir Alisdair, "mas do que, em nome de Deus, vocês estão falando?"

Minerva não conseguiu evitar rir.

"Você dá licença?" Colin disse, irritado, ao homem. "Eu prometi a esta mulher meses de namoro cavalheiresco, e graças às regras arcaicas e vazias da sua Sociedade, tenho que condensar tudo isso em menos de cinco minutos. O mínimo que você poderia fazer é não interromper."

Sir Alisdair se dirigiu diretamente a Minerva.

"Este homem a está perturbando, Srta..." Ele parou. "É *Srta.* Highwood?"

"Sim", ela disse suavemente. "Sim, é *Srta.* Highwood. Peço desculpas pela confusão, e sinto muito se lhe causei alguma... decepção."

Ele apertou a boca enquanto a admirava de alto a baixo.

"Apenas surpresa, Srta. Highwood. Apenas surpresa."

"Sim, sim. Ela é uma mulher muito surpreendente." Colin pigarreou. "Mais uma vez, amigo. Dá licença?"

Sorrindo, Minerva puxou Colin alguns degraus para baixo.

"Não ligue para ele. Continue."

Quando eles conseguiram um pouco de privacidade, os olhos de Colin se suavizaram.

"Como eu ia dizendo, querida, eu amo que você chame as coisas pelos nomes certos. Que você tenha coragem bastante para chamar uma teta de teta, e um pênis de pênis. Mas, acima de tudo, eu amo que, mesmo depois dessa semana louca e inconsequente comigo – mesmo com seu coração, sua reputação e seu futuro em jogo – você foi corajosa o bastante para chamar amor de *amor*." Ele segurou o rosto dela com as mãos. "Porque é exatamente que isto é. Eu amo você, Minerva." Uma expressão exultante de alegria iluminou os olhos dele, como se tivesse acabado de fazer a descoberta científica de sua vida. "Nós nos amamos."

Ela sentiu um nó na garganta.

"Sim, nós nos amamos."

"Eu quero ficar com você pelo resto de nossas vidas."

"Eu também quero isso."

"Então, isto." Ele soltou as mãos dela. Pegando a luva com os dentes, ele a puxou e simplesmente a deixou cair. Seus dedos alcançaram o anel de sinete, no

dedo mínimo, e o viraram para um lado e outro. Puxaram e empurraram. Ele fez uma careta. “Isto pode demorar um pouco.”

“Colin, sério. Você não tem que...”

“Quase lá”, disse ele por entre os dentes cerrados. Seu rosto estava vermelho e contorcido pelo esforço. “Espere... Espere...”

Ele se virou para o outro lado e agachou, ainda puxando o anel. Minerva começou a se preocupar com ele.

“Pronto.” Ofegante e ostentando uma expressão de triunfo, ele ergueu o anel para que Minerva o visse. “Eu não tiro este anel do dedo desde garoto. Era do meu pai, claro, e veio para mim depois que ele morreu. Comecei a usá-lo no polegar, e ele foi passando por todos os dedos. Está nesse dedinho há tanto tempo que quase se tornou parte de mim. Mas agora eu quero que você o use.”

“Oh, não posso.”

“Não, você precisa.” Ele virou a palma da mão dela para cima e deixou cair o anel ali. “É o meu bem mais valioso, Min. Você precisa usar o anel. Dessa forma, eu sempre vou saber que as duas coisas que me são mais valiosas estão no mesmo lugar. Vai ser de muita ajuda. E muito conveniente.”

Ela olhou para o anel. Depois olhou para ele, sem fôlego e emocionada.

“Você não...” Ele pigarreou. “Você não quer se casar comigo?”

“É claro que eu quero”, ela se apressou em tranquilizá-lo. “É claro que quero me casar com você. Mas eu pensava que você queria esperar, ir devagar. Fazer a corte corretamente. Parecia importante para você.”

“Isto”, ele gesticulou para a porta e o simpósio que acontecia lá dentro, “é importante para você. O que significa que é tudo para mim.”

Aturdida, ela o viu se ajoelhar.

“Eu amo você, Minerva. Fique comigo para sempre. Deixe que eu cuide de você a vida toda. Dê, para mim, a alegria permanente de poder chamá-la de minha.” Ele enfiou o anel de sinete no dedo enluvado de Minerva. “Mas case hoje comigo. Para que eu possa compartilhá-la com o mundo.”

Ela olhou para ele, o coração pleno de amor – e sua mente decidiu que o mundo ainda não tinha visto um homem melhor. Com os últimos votos pronunciados ali mesmo nos degraus, Colin prometeu tornar todos os sonhos dela realidade. E ela poderia tornar Colin todo seu. Para sempre...

“Bem, garota?” Atrás deles, o Sr. Barrington bateu no quadro. “Você quer se casar com ele ou não?”

Capítulo Trinte e Dois

“Está interessada em rendas hoje, Srta. Taylor?” Quando Kate entrou na loja Tem de Tudo, Sally Bright se aprumou atrás do balcão. A jovem de cabelo claro colocou de lado o jornal que estava lendo. “Ou talvez uma nova fita?”

Kate balançou a cabeça, sorrindo.

“Só um pouco de tinta. Não tenho motivo para fitas ou rendas novas.”

“Tem certeza?” Sally colocou um frasco de tinta sobre o balcão. “Não foi isso que eu ouvi.”

O tom na voz da garota fez Kate prestar atenção.

“O que você ouviu?”

Sally fingiu inocência.

“Só que alguém fez um passeio até o Castelo Rycliff outro dia. E sozinha...”

Kate sentiu as faces queimando. O que a incomodou, porque ela não tinha feito nada que a pudesse constranger ou fazer sentir vergonha.

“Sim, eu realmente andei até o castelo. Eu precisava falar com o Cabo Thorne. Nós tínhamos um... um desentendimento para acertar.”

“Ah...” Sally arqueou a sobrancelha. “Um desentendimento para acertar. Bem, tudo isso parece muito correto.”

“Não foi nada impróprio, se é o que está sugerindo.”

Kate preferiu não mencionar o fato de que ela havia encontrado o homem em meio a seu trabalho, semivestido e encharcado de suor. Toda aquela pele bronzeada esticada sobre um corpo duro, musculoso... A silhueta de ombros largos estava gravada em sua memória. Como se Kate tivesse olhado diretamente para o sol, e a imagem permanecesse em suas retinas.

“Só estou provocando você, Srta. Taylor. Eu sei que não existe nada de impróprio entre vocês dois. Mas tenha cuidado. Você não quer que as pessoas fiquem com a ideia errada. Porque senão vai começar a sofrer uma praga de pequenos acidentes. Vai aparecer sal no lugar do seu açúcar, alfinetes vão ser esquecidos nas barras das suas saias e assim por diante.”

Kate franziu o cenho.

“O que você está falando?”

“Inveja. Metade das mulheres desta vila vai querer mal a você.”

“Elas vão me invejar? Por quê?”

“Céus, você realmente não sabe.” Sally endireitou as peças de joalheria na vitrine. “Eu sei que, desde o momento em que os homens de Lorde Rycliff entraram na vila, no verão passado, todas as moças do Queen’s Ruby ficaram de olho em Lorde Payne. Impetuoso, bonito, charmoso... qual mulher de boa família não se interessaria por ele? Mas há outras mulheres nesta vila, Srta. Taylor. Ajudantes, viúvas de marinheiros, criadas... mulheres que nem se dão ao trabalho de sonhar com um visconde. Todas elas têm lutado para agarrar o Cabo Thorne.”

“Sério? Mas...” Kate bateu em um mosquito que a incomodava em seu pescoço. “Mas ele é tão grande. E rude. E grosseiro.”

“Exatamente.” Sally lhe deu um sorriso de boa entendedora.

Mas Kate não entendeu.

“Até aqui, ninguém conseguiu nada. Puseram armadilhas para ele pela cidade, mas ele escapou de todas. O boato é que ele tem um combinado com uma viúva da cidade ao lado. Ele vai visitar a moça uma ou duas vezes por mês... se entende o que eu quero dizer.”

Kate entendia o que Sally queria dizer. E aquilo a deixou repentina e inexplicavelmente nauseada. Claro que o Cabo Thorne tinha o direito de fazer o que quisesse com quem ele quisesse. Ela só não gostou de ficar sabendo. E gostou menos ainda de *imaginar* aquilo. Ela se chacoalhou mentalmente.

“Bem, você pode espalhar...” e ela sabia que Sally espalharia, “que as mulheres de Spindle Cove não têm nada para invejar. Não existe absolutamente nada entre mim e o Cabo Thorne. Nada além de civilidade do meu lado, e certamente não há afeto por parte dele. Esse homem mal tolera minha existência.”

Thorne pareceu ansioso para ver Kate ir embora, naquele dia. Ela lembrou da impaciência nos movimentos dele quando a acompanhou até o portão do castelo, depois que concluíram a conversa. Evidentemente, cavar um poço era mais interessante.

Sally deu de ombros enquanto passava um pano de pó nas prateleiras atrás do balcão.

“Nunca se sabe, Srta. Taylor. Ninguém pensava, também, que houvesse algo entre a Srta. Minerva e Lorde Payne. E veja só.”

“Isso é completamente diferente.”

“Como?”

“É... apenas é.” Kate foi salva pelo tropel de cascos e o ronco das rodas da carruagem que se aproximava.

Em uma manobra acrobática, Sally segurou na prateleira com uma mão e inclinou seu peso para o outro lado, esticando o pescoço para olhar através da vitrine da loja. Após conseguir ver o que queria, ela largou o pano de pó.

“Só um instante, Srta. Taylor. É o correio. Eu tenho que atendê-los, ou eles ficam muito bravos. Esses condutores do correio são uns grosseirões. Eles não gostam nem mesmo de diminuir a velocidade.”

Enquanto Sally pegava a correspondência, Kate recolhia em sua bolsa as moedas para pagar pela tinta. Aliás, não lhe restavam muitas moedas. O inverno e o início da primavera eram estações fracas para uma professora de música em uma vila de veraneio. Ela tinha que ser econômica constantemente.

“Você tem troco para meia coroa?”, perguntou Kate quando Sally voltou.

“Só um instante...” a jovem remexia em um pequeno pacote de cartas e envelopes. Ela pegou uma das cartas, que separou da pilha. “Céus. Está aqui.”

“O que está aí?”

“Uma carta da Srta. Minerva.”

O coração de Kate deu um pulo dentro do peito. A vila toda estava esperando notícias de Minerva. Ela correu para o lado de Sally.

“É a letra dela, tenho certeza.”

“Oh!” Sally guinchou. “Está selada com o sinete de Lorde Payne. Veja.”

Kate passou os dedos pelo lacre de cera vermelha.

“Está mesmo. Oh, é uma notícia maravilhosa. A Sra. Highwood precisa ver isso agora mesmo. Vou levar para ela no Queen’s Ruby.”

Sally manteve o envelope junto ao peito.

“De jeito nenhum. Ninguém vai tirar isto de mim. Eu tenho que estar lá quando ela ler a carta.”

“Mas e a loja?”

“Srta. Taylor, esta é a família Bright. Há meia dúzia de nós.” Sally correu para a porta do estoque e gritou para dentro. “Rufus, cuide do balcão. Eu volto em dez minutos!”

Juntas, elas passaram correndo pela praça e pela porta da Queen’s Ruby. Elas encontraram Charlotte e a Sra. Highwood na sala de estar. A primeira estava bordando uma fronha de travesseiro, enquanto a outra cochilava no divã.

“Sra. Highwood!”, chamou Sally.

A matriarca acordou com um ronco. Ela virou a cabeça tão abruptamente que sua touca de renda ficou torta.

“O quê? O que foi? Quem morreu?”

“Ninguém morreu”, disse Kate, sorrindo. “Mas talvez alguém tenha se casado.”

Sally colocou a carta na mão da mãe de Minerva.

“Vamos lá, Sra. Highwood, leia. Estamos todas desesperadas para saber o que aconteceu.”

A Sra. Highwood olhou para o envelope. Seu rosto ficou branco.

“Oh, meus santos! Minha querida, amada filha.” Com os dedos trêmulos, ela quebrou o lacre e desdobrou a carta.

Charlotte deixou o bordado de lado e se aproximou. A mãe passou a carta para sua filha mais nova.

“Aqui, leia você. Meus olhos estão ruins demais. E meus nervos...”

Sally agarrou o braço de Kate, e as duas esperaram com a respiração suspensa.

“Em voz alta, Srta. Charlotte”, pediu Sally. “Leia em voz alta.”

“‘Minha querida mãe’”, começou Charlotte. “‘Eu sei que você deve estar imaginando o que aconteceu com sua filha desobediente. Devo admitir que a semana passada não se desenrolou como eu havia planejado.’”

“Oh, céus”, murmurou Kate.

“Ela está arruinada”, disse debilmente a Sra. Highwood. “Estamos todas arruinadas. Alguém pegue meu leque. E vinho.”

Charlote continuou a ler.

“‘Apesar das dificuldades da viagem, nós...’”

“Nós!”, repetiu Sally. “Anime-se, Sra. Highwood. Ela escreveu ‘nós’!”

“‘Nós nos estabelecemos em Northumberland no momento.’”

“Northumberland!” A cor voltou às faces da Sra. Highwood. Ela se endireitou no divã. “A propriedade dele é lá. Ele me disse uma vez. Oh, qual era o nome dela, mesmo?”

“‘E é com grande prazer’”, Charlotte continuou, “‘que eu lhe escrevo da...’” Ela baixou o papel e sorriu. “‘Da maravilhosa biblioteca de Riverchase.’”

Epílogo

Duas semanas depois...

Minha querida filha, Viscondessa Colin,

Os sinos estão repicando hoje em Santa Úrsula! Eu disse ao vigário que era necessário, não importa que você esteja tão longe, em Northumberland. Como ficamos felizes ao receber sua carta! Como minhas amigas sempre me dizem, minha intuição é única. Eu sempre soube que, um dia, esse malandro do Colin seria meu filho. Mas quem teria imaginado qual seria sua viscondessa! Você deixou sua mãe orgulhosa, querida. É claro que você deve aproveitar sua lua de mel, mas pense em voltar a Londres para as celebrações da Paz Gloriosa. Diana deve ser a próxima, você sabe. Ela estará em ótima posição para aproveitar seus novos contatos. Tenho grandes esperanças para ela, mais do que nunca. Se você conseguiu pegar o Colin, certamente Diana pode agarrar um duque!

Sua,

Mamãe

Com um sorriso divertido, Minerva dobrou a carta e a guardou no bolso. Ela parou no meio do caminho, inspirou profundamente o ar quente, aromático, do fim da primavera e soltou os cordões do chapéu de palha, para que ele deslizasse até suas costas. Então, com passo ligeiro, ela continuou na trilha que levava da vila a Riverchase. Jacintos agitavam-se com abandono em seus caules finos, implorando para serem colhidos. Enquanto caminhava, Minerva parava para colher os jacintos, e também prímulas e alguns narcisos-amarelos. Ela tinha acumulado um belo ramalhete quando chegou ao alto da colina. Ao se aproximar do cume, um sorriso aflorou em seu rosto. Ela sentiu que uma alegria a aquecia, só pela expectativa de ver a conhecida fachada de granito. Mas não foi Riverchase o que ela viu primeiro quando chegou no alto da colina. Foi Colin, que vinha pela mesma trilha – na direção dela.

“Olá”, ele disse ao se aproximar. “Eu estava indo para a vila.”

“Para quê?”

“Ver você, é claro.”

“Oh. Bem, eu estava indo ver você.” Ela lhe deu um sorriso tímido, sentindo aquele toque conhecido de vertigem.

Ele indicou o buquê de flores silvestres.

“Colhendo flores, hoje? Nada de rochas?”

“Às vezes eu gosto de flores.”

“Fico feliz de saber. É muito mais fácil enviar vasos de flores para o chalé.” Seu dedo enluvado acariciou a face dela. “Srta. Minerva, posso...?”

“Um beijo?”

Ele aquiesceu.

Ela lhe ofereceu o rosto, inclinando-se para receber o gesto carinhoso, delicado. Mas no último instante ele virou o rosto e a beijou nos lábios. Oh, ele era sempre um malandro, e Minerva ficava contente com isso. O beijo foi breve, mas quente e doce como o sol da tarde. Depois de um instante, ele se endireitou. E a mediu com o olhar.

“Você está...” Ele balançou a cabeça, sorrindo um pouco. “Cataclísmica de tão bela.”

Ela engoliu em seco, precisando de um momento para se recuperar do esplendor masculino de Colin.

“Você também está devastador, hoje.”

“Eu gostaria de pensar que meu beijo merece todo o crédito por esse lindo rubor em suas faces, mas duvido que seja verdade. O que a deixou tão satisfeita?”

“O beijo também contribuiu. Mas o correio trouxe uma carta esta manhã.” Ela fisgou um par de envelopes no bolso. “Recebi duas cartas muito interessantes. A primeira é da minha mãe. Ela nos felicita pelo casamento.”

Ele desdobrou a página e passou os olhos pelo conteúdo. Enquanto lia, o canto de sua boca esboçou um sorriso.

“Sinto muito”, disse Minerva. “Eu sei que ela é terrível.”

“Não é, não. Ela apenas é uma mãe que quer o melhor para suas filhas.”

“Ela está enganada, isso sim. Eu não disse para ela que nos casamos. Eu só disse que estamos na sua propriedade, e que eu só devo voltar dentro de um mês ou talvez mais. Mas ela, obviamente, supôs que nos casamos.”

“Todos estão supondo. Recebi uma carta de Bram, outro dia. Ele queria saber por que eu ainda não tinha enviado aos advogados os documentos do casamento.

‘Você não quer seu dinheiro?’ ele perguntou.”

Juntos, eles começaram a andar de volta para Riverchase.

“Eles vão saber a verdade, quando for a hora”, refletiu ela.

“Vão, vão sim. Você disse que recebeu duas cartas interessantes. Quem enviou a outra?”

“Sir Alisdair Kent.”

Ela notou uma ligeira hesitação no passo dele. O indício sutil de ciúme a emocionou mais do que deveria.

“Oh, é mesmo?”, disse ele, em um tom de voz propositalmente indiferente. “E o que o bom Sir Alisdair tem para dizer?”

“Não muita coisa. Apenas que o *Jornal da Sociedade Geológica Real* se recusou a publicar meu artigo a respeito de Francine.”

“Como?” Ele parou de imediato e se voltou para ela. O brilho afetuoso em seu olhar se tornou um fulgor irado, quase assassino. “Oh, Min. Isso não faz sentido. Eles não podiam fazer isso com você.”

Ela deu de ombros.

“Sir Alisdair disse que tentou me defender, mas os outros editores do jornal foram irredutíveis. Minha evidência era enganadora, disseram; minhas conclusões foram por demais forçadas...”

“Bobagem.” Ele apertou o maxilar. “Bastardos covardes. Eles não admitem ser superados por uma mulher; é apenas isso.”

“Talvez.”

Ele balançou a cabeça, pesaroso.

“Sinto muito, Min. Devíamos ter entrado no simpósio aquele dia. Você devia ter apresentado pessoalmente suas descobertas. Se eles tivessem ouvido você falar, poderia tê-los convencido.”

“Não, não sinta.” Ela pegou a mão dele e a apertou. “Nunca se arrependa, Colin. Eu nunca vou me arrepender.”

Eles ficaram ali durante um longo momento, sorrindo um pouco e olhando um para os olhos do outro. Ultimamente eles conseguiam passar horas assim – com uma felicidade palpável e o amor crescendo no espaço entre os dois. Minerva não conseguia esperar para ser a esposa de Colin. Mas ela nunca se arrependeria de ter recusado casar com ele naquele dia em Edimburgo, na entrada da Sociedade Geológica Real. Ele passou por tanta coisa só para levá-la até ali. Enfrentou seus maiores medos, cometeu atos de bravura. Abriu seu coração para ela, e sua casa também. Ele lhe deu coragem, força e horas de risos. Para não mencionar paixão e todas aquelas ardentes palavras de amor. Ao pedir

sua mão, ele deu o salto de fé mais corajoso que Minerva poderia imaginar. Em troca, Minerva queria dar para ele pelo menos aquilo: uma corte adequada, como Colin queria. Uma chance para o amor dos dois criar raízes e crescer. Minerva queria que, quando recitasse seus votos de casamento, Colin soubesse que eram votos feitos espontaneamente, não uma tentativa desajeitada de alcançar a glória científica. Colin merecia isso.

Eles deram as costas ao Sr. Barrington e à Sociedade Geológica Real naquele dia. Mas Sir Alisdair Kent ficou curioso e foi atrás deles, convidando-os para almoçar em uma estalagem próxima, onde passaram várias horas em um debate erudito com seus amigos. Sir Alisdair e os outros ouviram, fizeram perguntas, discutiram e, de modo geral, demonstraram por Minerva o respeito devido. Colin providenciou para que as taças de vinho nunca ficassem vazias, e manteve seu braço, casual e possessivamente, jogado sobre as costas da cadeira dela. Não, ela não ganhou uma medalha e um prêmio de quinhentos guinéus, mas foi uma espécie de simpósio. Que fez a viagem valer a pena.

Depois disso, ela e Colin foram para Northumberland. Colin a instalou em um lindo chalé na vila, com a Sra. Hammond, sua governanta, como dama de companhia de Minerva. E então ele se pôs a cumprir suas promessas de cortejá-la carinhosa e atenciosamente. Ele a visitava na maioria das manhãs, e os dois saíam para longas caminhadas à tarde. Colin lhe levava doces e rendas de presente, e os dois faziam os garotos de recados correrem de um lugar para o outro com bilhetes que não precisavam de assinatura. Várias vezes por semana, Minerva e a Sra. Hammond jantavam em Riverchase, e aos domingos ele jantava no chalé.

Eles também passavam tempo sozinhos. Ela, escrevendo suas descobertas em Spindle Cove e explorando o novo cenário rochoso. Colin, inspecionando a propriedade com seu administrador enquanto fazia planos para o futuro. Quanto aos planos para o futuro dos *dois*... Minerva tentava ser paciente. Se Colin tinha dado um passo de fé quando a pediu em casamento, o gesto de fé dela estava mais para um deslize longo e lento sobre gelo fino. Embora estivesse gostando da corte, ela tentava não pensar em uma desilusão amorosa. Sempre havia a possibilidade de ele mudar de ideia.

Mas durante o mês que passou depois que eles voltaram de Edimburgo, o casal sobreviveu à primeira discussão – uma disputa, imagine só, sobre um par de luvas sumidas. Eles também resistiram ao segundo embate. Tudo começou com um desentendimento tenso quanto a Minerva poder explorar desacompanhada, mas em segurança, as rochas da região. (É claro que ela podia,

era a opinião de Minerva. Colin se dava o direito de discordar.) A tensão explodiu em uma grande briga que envolveu acusações de independência feminina, arrogância masculina, capas com forro de pele, todos os tipos de rochas e – inexplicavelmente – a cor verde. Mas o acordo que acabaram fazendo – uma excursão conjunta aos penhascos, que se transformou em encontro tórrido – serviu para acalmar o descontentamento deles. Desde então, a corte tem sido doce e carinhosa como nunca – mas não inteiramente casta.

Minerva passou o braço pelo dele e os dois continuaram andando pela trilha.

"Não me sinto intimidada. Vou encontrar outro meio para publicar minhas descobertas."

"*Nós* vamos encontrar outro meio. Se você puder esperar mais cinco semanas, vou comemorar meu aniversário imprimindo uma cópia para cada casa na Inglaterra."

Ela sorriu.

"Algumas centenas de cópias serão suficientes, e não há porque termos pressa. A pegada de Francine sobreviveu naquela caverna durante milhões de anos. Eu posso esperar um pouco mais para fazer minha marca."

"Ajudaria se eu lhe dissesse que já existe uma pegada profunda, permanente, do tamanho de uma Minerva, no meu coração?"

"Ajudaria." Ela o beijou no rosto, saboreando aquele toque de cravos de seu sabão de barba. "Você tem algum compromisso esta tarde? Eu gostaria de passar algumas horas vasculhando a biblioteca de Riverchase."

Ele demorou para responder.

"Se uma tarde na biblioteca é seu desejo, que assim seja. Mas eu confesso que tinha outra coisa em mente."

"Sério? O quê?"

"Um casamento."

Minerva quase deixou cair seu ramalhete de flores.

"Casamento de quem?"

"O nosso."

"Mas nós não podemos..."

"Podemos. O vigário já leu três vezes os proclamas na igreja da paróquia. Eu enviei um bilhete para ele antes de sair de casa, hoje de manhã, e pedi ao mordomo que preparasse a capela. Tudo deve estar pronto quando chegarmos."

Minerva olhou para ele, confusa. Ele havia planejado aquilo?

"Mas eu pensei que nós concordamos em esperar até depois do seu aniversário."

Colin passou os braços ao redor dela, segurando-a pela cintura.

“Eu sei, mas eu não consigo mais. Simplesmente não consigo. Eu dormi bem a noite passada, mas quando acordei esta manhã, senti muito a sua falta. Nem mesmo sei como descrever a sensação. Eu olhei para o outro travesseiro e me pareceu errado que você não estivesse ali. Como se eu tivesse acordado sentindo falta do meu braço, ou de metade do meu coração. Eu me senti incompleto. Então me levantei, me vesti, e comecei a andar na sua direção, porque não podia ir para qualquer outra. E então lá estava você, vindo na minha direção. Com flores na mão.”

A emoção brilhou nos olhos dele, e Colin tocou a face dela.

“Não se trata de um capricho. Eu simplesmente não aguento passar outro dia separado de você. Eu quero que você compartilhe minha vida, minha casa e...” Ele a abraçou apertado, puxando seu corpo para um contato total com o dele. Colin baixou a cabeça e beijou o local macio sob a orelha dela. “E eu quero que você compartilhe minha cama. Como minha mulher. Esta noite.”

Os beijos dele a deixaram tonta de desejo. Ela se agarrou firmemente a ele.

“Colin.”

“Eu amo você, Min. Eu a amo tanto, que isso me assusta. Diga que vai se casar comigo hoje.”

Ela se afastou um pouco.

“Eu...” Engolindo em seco, ela passou a mão trêmula pela musselina amarelo-manteiga. “Eu devia, no mínimo, trocar de vestido.”

“Não ouse.” Ele balançou a cabeça e segurou a cintura dela com as mãos. “Você está perfeita. Absolutamente perfeita, assim como está.”

A emoção cresceu em seu coração e fechou sua garganta. Ela teve vontade de se beliscar, só para ter certeza de que não estava sonhando. Mas ela nunca poderia ter sonhando com algo tão maravilhoso. Ela era perfeita. Ele era perfeito. Aquele momento era perfeito. Ela teve medo de falar, por receio de, de algum modo, arruinar tudo. *Não pare para pensar. Apenas desça correndo a colina.*

“Sim”, disse ela finalmente. “Sim. Vamos nos casar.”

“Hoje?”

“Agora mesmo.” Um sorriso de alegria esticou suas bochechas, e ela não conseguiu mais segurar a alegria pura que sentia. Minerva se jogou nele, passando os braços em volta de seu pescoço. “Oh, Colin, eu amo tanto você. Nem consigo dizer quanto. Vou tentar demonstrar, mas vai levar anos.”

Ele riu.

“Nós temos décadas, querida. Décadas.”

Uma caminhada apressada de cinco minutos os levou até a porta da capela. Enquanto Colin foi procurar o vigário e reunir alguns criados para servirem como testemunhas, Minerva passou para o adro e ficou diante de uma placa impecável de granito polido que era quase um espelho. Ela ficou ali um minuto inteiro, sem saber como começar. Então ela inspirou profundamente e limpou uma lágrima do rosto.

“Sinto tanto que nunca vamos nos conhecer”, sussurrou ela, depositando seu ramalhete sobre o túmulo dos finados Lorde e Lady Payne. “Mas obrigada. Por ele. Eu prometo que irei amá-lo com toda intensidade que eu puder. Por favor, enviem-nos suas bênçãos quando puderem. Provavelmente iremos precisar, de vez em quando.”

Quando ela saiu do adro e rodeou o canto da capela, viu Colin liderando vigário, mordomo e criados da casa em um estranho desfile. Ele segurou a porta e sinalizou para que todos entrassem na capela.

“Vamos logo”, disse ele, batendo o pé no chão com impaciência.

Depois que todos entraram, e só restavam eles dois junto à porta, Colin olhou Minerva nos olhos.

“Pronta?”

Ela aquiesceu, ofegante.

“Se você estiver.”

“Nunca estive mais seguro de algo na minha vida.” Ele pegou a mão dela e a beijou. “Seu lugar é ao meu lado, Min. E o meu lugar é ao seu lado. Eu sinto isso no meu coração. Eu sinto isso na minha alma. Tenho certeza total e absoluta.”

E ele nunca esteve mais bonito.

“A certeza lhe cai bem”, disse ela.

Sorrindo, ele passou o braço dela pelo seu e a levou para dentro da capela.

E foi assim que a história épica e grandiosa de seu futuro – a história que vão contar para os amigos, convidados de jantares e netos pelas décadas vindouras – acabou. Como deveria acabar um conto de fadas. Com um casamento romântico, um beijo carinhoso...

E a promessa de que seriam felizes para sempre.

Copyright © 2012 Eve Ortega
Copyright © 2015 Editora Gutenberg

Título original: *A Week to Be Wicked*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

PUBLISHER
Alessandra J. Gelman Ruiz

EDITORA
Silvia Tocci Masini

ASSISTENTES EDITORIAIS
Carol Christo
Felipe Castilho

REVISÃO
Andresa Vidal Branco

CAPA
Carol Oliveira

DIAGRAMAÇÃO
Guilherme Fagundes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Dare, Tessa
Uma semana para se perder / Tessa Dare ; tradução A C Reis. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2015. -- (Série Spindle Cove ; 2)

Título original: *A Week to Be Wicked*

ISBN 978-85-8235-309-7

1. Ficção histórica 2. Romance norte-americano I. Título II. Série.

15-06226 CDD-813

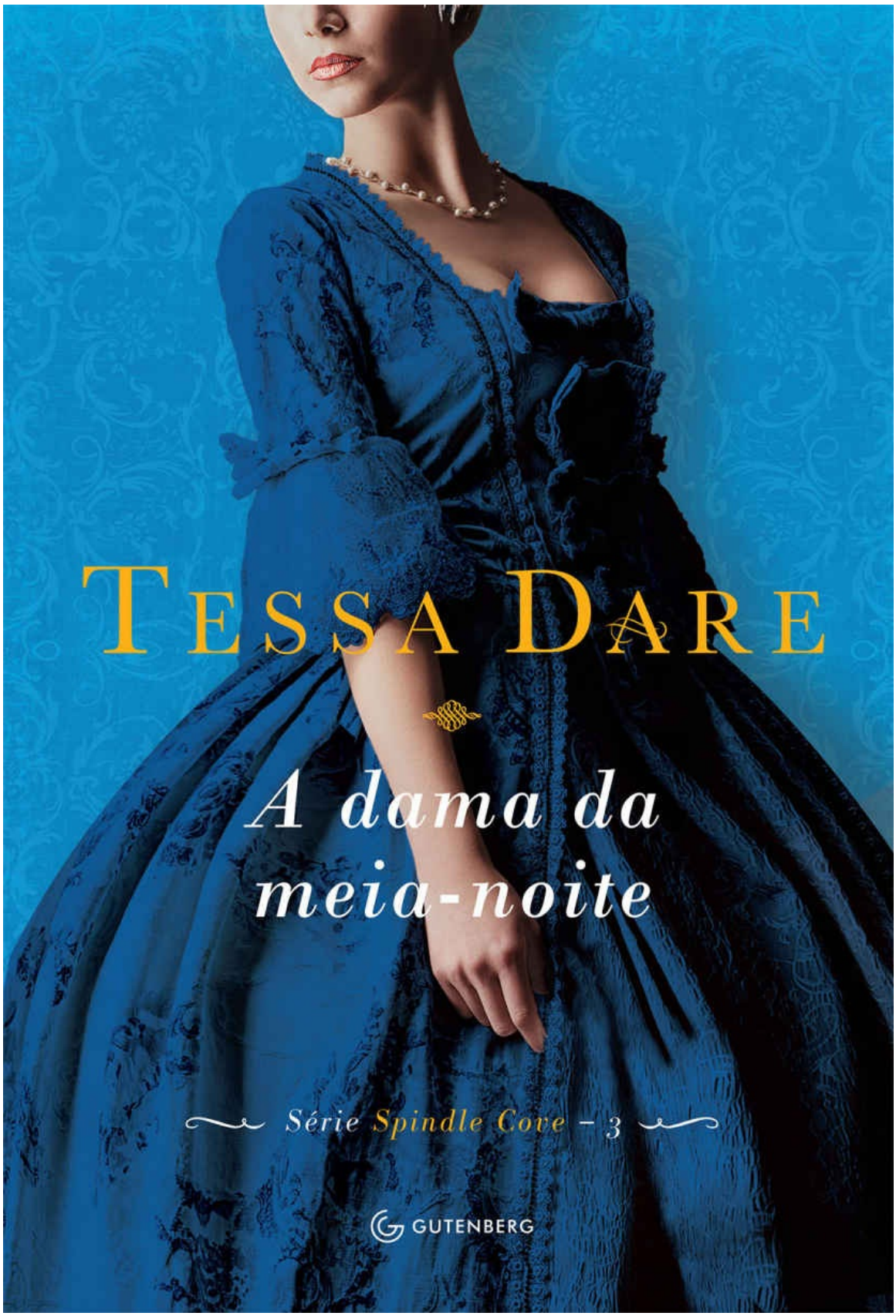
Índices para catálogo sistemático:
1. Romances históricos : Literatura norte-americana 813

A **GUTENBERG** é uma editora do **GRUPO AUTÊNTICA**

São Paulo
Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940 . São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte
Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Televendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br


TESSA DARE
A dama da meia-noite
Série Spindle Cove - 3
GUTENBERG

Série Spindle Cove • Livro 3

TESSA DARE

dama da meia noite

TRADUÇÃO: A C Reis

GUTENBERG

Capítulo Um

Verão de 1814

Cabo Thorne conseguia fazer uma mulher estremecer mesmo apenas estando do outro lado da sala. Uma habilidade inconveniente, na opinião de Kate Taylor. *O homem nem precisava se esforçar*, ela reparou com uma pontada de pesar. Tudo o que ele necessitava fazer era entrar no Touro e Flor, fixar o olhar de poucos amigos em uma caneca de cerveja e ficar com as enormes e largas costas, voltadas para o salão. E sem dizer uma palavra... nem mesmo um *olhar*... ele fazia os dedos da pobre Srta. Elliot tremerem, enquanto ela se preparava para tocar o piano.

"Ah, eu não consigo", sussurrou a moça. "Não consigo cantar agora. Não com ele aqui."

Mais uma aula de música arruinada. Até um ano atrás, Kate nunca teve esse tipo de problema. Antes disso, Spindle Cove era habitada majoritariamente por mulheres, e o Touro e Flor era uma casa de chá pacata que servia bolos com cobertura e tortinhas com geleia. Mas, desde que organizaram uma milícia na região, o estabelecimento assumiu a dupla função de casa de chá para as senhoras e taverna para os milicianos. Kate não se opunha em compartilhar o espaço, mas não existia "compartilhar" com o Cabo Thorne. Sua presença sisuda e taciturna ocupava todo o salão.

"Vamos tentar de novo", ela pediu à aluna, procurando ignorar a silhueta intimidadora que Captava em sua visão periférica. "Nós quase conseguimos da última vez."

A Srta. Elliot corou e apertou os dedos nas coxas.

"Eu nunca vou acertar."

"Claro que vai", disse Kate. "É só uma questão de prática. E você não estará sozinha. Vamos continuar trabalhando o dueto e você ficará preparada para a apresentação no sábado."

Com a simples menção da palavra “apresentação”, o rosto da garota ficou vermelho.

Annabel Elliott era uma jovem loira, bonita e delicada. Mas a pobrezinha corava com muita facilidade. Sempre que estava agitada ou nervosa, suas bochechas pálidas assumiam um tom de vermelho vivo, como se ela tivesse levado um tapa no rosto. Só que ela ficava agitada ou nervosa boa parte do tempo... Algumas jovens iam até Spindle Cove para se recuperar da timidez, de um escândalo, ou de um ataque debilitante de febre. A Srta. Elliott tinha sido enviada até lá para uma reabilitação diferente: a cura do medo de palco. Kate era professora dela há tempo suficiente para saber que as dificuldades da Srta. Elliott não tinham nada a ver com falta de talento ou preparo. Ela só precisava de autoconfiança.

“Talvez uma nova partitura possa ajudar”, sugeriu Kate. “Descobri que uma pasta de música nova é melhor para o meu humor do que um chapéu novo.” Ela teve uma ideia. “Eu irei até Hastings esta semana e vejo o que consigo encontrar.”

Na verdade, ela estava planejando ir à Hastings por um motivo completamente diferente. Kate precisava fazer uma visita naquela cidade – uma visita que vinha adiando... A compra de novas partituras surgia como uma excelente desculpa.

“Não sei por que sou tão boba”, a garota corada se queixou. “Tive anos de excelente orientação, e eu adoro tocar... É sério, eu gosto mesmo. Mas quando tem alguém escutando, eu congelo. Eu não tenho jeito...”

“Claro que você tem jeito. Nenhuma situação é irremediável.”

“Meus pais...”

“Seus pais também acreditam que você tem jeito, ou não a teriam enviado para cá”, disse Kate.

“Eles querem que minha temporada seja um sucesso. Mas você não sabe a pressão que os dois fazem sobre mim! Srta. Taylor, você não imagina como eles são.”

“Não”, Kate admitiu. “Não acredito que eu consiga imaginar.”

A Srta. Elliott olhou, arrasada, para a professora.

“Sinto muito... Por favor, me desculpe. Eu não quis dizer isso. Como eu sou insensível.”

Kate dispensou as desculpas.

“Não seja boba. É a verdade, eu sou órfã. Você tem toda razão, eu não posso saber como é ter pais com expectativas e esperanças tão elevadas.”

Embora eu desse tudo para saber como é isso, nem que fosse por um dia.

"Mas eu sei", continuou Kate, "a diferença que faz quando você sabe que está entre amigas. Aqui é Spindle Cove. Somos todas um pouco *diferentes* aqui. Lembre-se apenas que todos nesta vila estão do seu lado."

"Todos?"

O olhar desconfiado da Srta. Elliott se voltou para o enorme homem solitário sentado ao bar.

"Ele é tão grande", sussurrou ela. "E tão assustador. Toda vez que eu começo a tocar posso ver que ele estremece."

"Você não deve levar para o lado pessoal. Ele é um soldado, e você sabe que eles ficam traumatizados por explosões de bombas." Kate deu um tapinha encorajador no braço da Srta. Elliott. "Não ligue para ele. Apenas mantenha a postura ereta, um sorriso no rosto e continue a tocar."

"Vou tentar, mas ele é... é difícil de ignorar."

Sim, é verdade. E por acaso Kate não sabia disso? Embora o Cabo Thorne fosse excelente na arte de ignorá-la, Kate não podia negar o efeito que ele tinha em seu estado de espírito. Ela sentia a pele arrepiar sempre que ele estava por perto, e nas raras ocasiões em que ele virava o rosto na direção dela, seu olhar a penetrava profundamente. Mas pelo bem da autoconfiança da Srta. Elliott, Kate deixou suas reações pessoais de lado.

"Queixo para cima", ela lembrou em voz baixa a Srta. Elliott e a si mesma. "Continue sorrindo."

Kate começou tocando sua metade do dueto, mas quando chegou o momento da Srta. Elliott, a jovem errou após alguns poucos compassos.

"Me desculpe, eu só..." A Srta. Elliott baixou a voz.

"Ele estremeceu novamente?"

"Não, pior", gemeu ela. "Desta vez ele teve praticamente uma convulsão."

Com uma pequena exclamação de indignação, Kate virou a cabeça para observar o bar.

"Não, ele não fez isso."

"Ele fez", gemeu a Srta. Elliott. "Foi horrível."

Aquilo era demais. Ignorar suas alunas era uma coisa. Estremecer era outra. Mas não havia desculpas para *quase* ter uma convulsão. Isso era além da conta!

"Eu vou falar com ele", disse Kate, levantando-se do piano.

"Ah, não. Por favor."

"Está tudo bem", Kate lhe garantiu. "Eu não tenho medo dele. Ele pode ser meio bruto, mas acredito que não morda."

Kate cruzou o salão e parou atrás do Cabo Thorne. Ela quase conseguiu reunir coragem para tocar na dragona com borlas do uniforme dele. Quase... Em vez disso, ela pigarreou.

“Cabo Thorne?”

Ele se virou.

Em toda sua vida, Kate nunca conhecera um homem com aparência tão austera. O rosto dele parecia de pedra – composto de ângulos firmes e traços inflexíveis. A aparência severa não oferecia a ela proteção nem um lugar para se refugiar. A boca era um talho ameaçador. As sobrancelhas escuras convergiam em censura. E os olhos... os olhos eram azuis como um rio congelado na noite mais fria do inverno.

Queixo para cima. Continue sorrindo.

“Como você deve ter notado”, disse ela despreocupadamente, “estou no meio de uma aula de música.”

Nenhuma resposta.

“Sabe, a Srta. Elliott fica nervosa quando tem que tocar na frente de estranhos.”

“Você quer que eu vá embora.”

“Não...” A resposta de Kate surpreendeu a ela mesma. “Não, eu não quero que você vá embora.”

Isso seria muito fácil para ele. Thorne estava sempre indo embora. Era assim que os dois interagiam, uma vez após a outra. Kate reunia a toda sua coragem e tentava ser amigável, enquanto ele sempre encontrava alguma desculpa para sair de perto. Era um jogo ridículo, e ela estava cansada daquilo.

“Eu não estou pedindo que você vá embora”, disse ela. “A Srta. Elliott precisa praticar. Eu e ela vamos tocar um dueto. Estou *convidando* você a nos dedicar sua atenção.”

Thorne olhou fixamente para ela. Kate estava acostumada com contatos visuais constrangedores. Sempre que ela conhecia alguém, ficava ciente, e triste, de que as pessoas só reparavam na mancha cor de vinho em sua têmpora. Durante anos ela tentou esconder sua marca de nascença com chapéus de aba larga ou penteados elaborados – sem sucesso. As pessoas não davam atenção aos artifícios. Kate aprendeu a ignorar a reação inicial. Com o tempo ela deixava de ser apenas uma mancha aos olhos dos outros e passava a ser reconhecida como uma mulher com uma *marca*. Depois, olhavam para ela e viam somente a Kate.

O olhar do Cabo Thorne era totalmente diferente. Ela não conseguia saber *quem* ela era aos olhos dele. Essa incerteza fazia com que ela andasse no fio da

navalha, mas ela se esforçava para manter o equilíbrio.

“Fique”, ela o desafiou. “Fique e escute enquanto tocamos para você. Aplauda quando terminarmos. Acompanhe o ritmo com os pés, se quiser. Dê um pouco de encorajamento à Srta. Elliott. E surpreenda-me, ao provar que você possui um pingo de compaixão.”

Uma eternidade se passou antes que ele desse sua resposta, sucinta e áspera.

“Eu vou embora.”

Ele se levantou, jogou uma moeda no balcão e depois saiu da taverna sem olhar para trás.

Quando a porta vermelha se moveu em seu batente, fechando com um estrondo, Kate balançou a cabeça. Aquele homem era impossível.

Ao piano, a Srta. Elliott voltou a tocar um arpejo.

“Imagino que isso resolva um problema”, disse Kate, ao tentar, como sempre, encontrar um lado positivo. Não existia situação sem solução.

Sr. Fosbury, um taberneiro de meia-idade, veio para lavar a caneca usada por Thorne. Ele colocou uma xícara de chá na frente de Kate. Uma fatia de limão, fina como uma hóstia, boiava no centro, e o aroma de conhaque flutuou na direção dela em uma onda de vapor. Ela se sentiu aquecida por dentro antes mesmo de dar o primeiro gole. O casal Fosbury era sempre bondoso com ela. Mas ainda assim não substituíam uma família. Isso ela teria que continuar procurando. E ela *continuaria* procurando, não importava quantas portas fossem fechadas na sua cara.

“Espero que você não se magoe com os modos bruscos do Cabo Thorne, Srta. Taylor.”

“Quem, eu?” Ela forçou uma risada breve. “Ah, eu tenho bastante juízo para isso. Por que eu deveria me magoar com as palavras de um homem sem coração?” Ela passou a ponta do dedo pela borda da xícara, pensativa. “Mas pode me fazer um favor, Sr. Fosbury?”

“O que pedir, Srta. Taylor.”

“Da próxima vez que eu me sentir tentada a estender um ramo de oliveira como sinal de amizade ao Cabo Thorne...” Ela arqueou uma sobrancelha e deu um sorriso divertido. “Lembre-me de usar esse ramo para bater na cabeça dele.”

Capítulo Dois

"Mais chá, Srta. Taylor?"

"Não, obrigada." Kate tomou um gole de sua bebida, e escondeu assim sua careta. As folhas estavam em seu terceiro uso, no mínimo. Elas pareciam ter sido lavadas de uma última vaga lembrança do que significava ser chá.

Adequado, considerou ela. Lembranças vagas eram a ordem do dia.

A Srta. Paringham pôs a chaleira de lado.

"Onde você disse que está morando?"

Kate sorriu para a mulher de cabelos brancos que estava à sua frente.

"Spindle Cove, Srta. Paringham. É uma vila popular de veraneio para jovens bem-criadas. Eu ganho a vida dando aulas de música."

"Fico feliz em saber que sua instrução lhe deu meios de ter uma renda honesta. Isso é mais do que uma desafortunada como você poderia esperar."

"Ah, certamente. Eu tenho muita sorte."

Pondo de lado seu "chá", Kate disfarçou para consultar o relógio sobre a lareira. O tempo estava curto. Ela não gostava de desperdiçar minutos preciosos com delicadezas quando havia questões queimando a ponta da sua língua. Mas ser abrupta não lhe conseguiria respostas. Um pacote embrulhado jazia em seu colo, e ela colocou os dedos em volta do barbante.

"Eu fiquei surpresa quando soube que a senhorita fixou residência aqui. Imagine só, minha antiga professora instalada a poucas horas de carruagem. Não consegui resistir a lhe fazer uma visita. Tenho lembranças tão queridas do meu tempo em Margate."

A Srta. Paringham ergueu uma sobrancelha.

"É mesmo?"

"Ah, sim." Ela buscou exemplos na memória. "Em especial eu sinto falta da... sopa nutritiva. E de nossas leituras religiosas. Hoje em dia é tão difícil eu conseguir duas boas horas para ler sermões."

No que dizia respeito a órfãos, Kate sabia que tinha sido mais feliz do que a

maioria. A atmosfera na Escola Margate para Jovens podia ser austera, mas ela nunca foi espancada, não passou fome, nem lhe faltaram roupas. Ela fez amizades, recebeu uma educação satisfatória... E o mais importante de tudo é que ela aprendeu música e foi encorajada a praticar. Na verdade, ela não podia reclamar. Margate havia fornecido tudo o que ela precisava, menos uma coisa. Amor...

Em todos os seus anos lá, ela nunca soube o que era amor de verdade. Somente uma versão pálida e diluída. Qualquer outra garota poderia ter ficado amarga, mas Kate não tinha vocação para sofrimento. Mesmo que sua mente não lembrasse, seu coração não esquecia uma época anterior a Margate. Lembranças distantes de felicidade ecoavam em cada batida. Mas ela foi amada, uma vez. Kate sentia isso. Ela não conseguia pôr um nome ou rosto na emoção, mas isso não tornava a sensação menos verdadeira. Houve um tempo em que ela tinha alguém, um lugar. Aquela mulher podia ser sua última esperança de encontrar esse elo.

“A senhorita lembra do dia em que cheguei a Margate, Srta. Paringham? Eu devia ser uma coisinha tão pequena.”

A velha senhora contraiu os lábios.

“Cinco anos de idade, no máximo. Não havia como termos certeza.”

“Não. É claro que não.”

Ninguém sabia a verdadeira data do aniversário de Kate, nem ela própria. Como diretora da escola, a Srta. Paringham havia decidido que todas as órfãs da escola compartilhariam a data de nascimento do Senhor, 25 de dezembro. Ela imaginava que essas garotas encontrariam conforto ao se lembrar que faziam parte da família celestial no dia em que as outras meninas iam para casa ficar com sua família de sangue.

Contudo, Kate sempre suspeitou que devia haver um motivo mais prático por trás dessa escolha. Se o aniversário delas fosse no Natal, não haveria necessidade de comemorações ou presentes extras. As órfãs da escola recebiam o mesmo pacote de Natal todos os anos: uma laranja, uma fita e um corte bem dobrado de musselina. A Srta. Paringham não gostava de doces. Aparentemente, ela continuava a não gostar. Kate mordeu um canto do biscoito seco e sem gosto que a senhora havia lhe oferecido, e então o devolveu ao prato.

Sobre a lareira, o tique-taque do relógio pareceu acelerar. Ela tinha apenas vinte minutos antes que a última carruagem partisse para Spindle Cove. Se ela perdesse o transporte, teria que passar a noite em Hastings.

Ela reuniu suas forças. Chega de enrolação.

“Quem eram?”, perguntou ela. “A senhorita sabe?”

“De quem você está falando?”

“Meus pais.”

A Srta. Paringham fungou.

“Você era uma órfã da escola. Não tinha pais.”

“Eu entendo isso.” Kate sorriu, tentando acrescentar leveza. “Mas eu não nasci de um ovo, certo? Eu não apareci debaixo de uma folha de repolho. Um dia eu tive uma mãe e um pai. Talvez eu os tenha tido durante cinco anos. Eu venho tentando me lembrar, mas todas as minhas lembranças são vagas e confusas. Eu lembro de me sentir em segurança. Eu lembro de algo azul. Um quarto com paredes azuis, talvez, não tenho certeza.” Ela apertou o nariz e franziu o rosto enquanto olhava para a franja do carpete. “Talvez eu apenas queira me lembrar, tão desesperadamente, que esteja imaginando coisas.”

“Srta. Taylor...”

“Eu lembro, principalmente de sons.” Ela fechou os olhos, mergulhando em sua consciência. “Sons sem figuras. Alguém dizendo para mim: ‘Seja corajosa, minha Katie’. Seria minha mãe? Meu pai? As palavras estão gravadas na minha memória, mas não consigo fixar um rosto nelas, não importa o quanto eu tente. E há também a música. Música de piano interminável, e sempre a mesma canção...”

“Srta. *Taylor*.”

Quando ela repetiu o nome de Kate, a voz da antiga professora estalou. Não como uma xícara de porcelana quebrando, mas como um chicote. Por reflexo, Kate se endireitou na cadeira. Olhos afiados a observavam.

“Srta. Taylor, aconselho que abandone imediatamente essa linha de investigação.”

“Como posso? A senhorita deve entender. Vivi com essas perguntas toda minha vida, Srta. Paringham. Eu tentei fazer como a senhorita sempre me aconselhou e ficar feliz com as coisas boas que a vida me trouxe. Eu tenho amigas, tenho uma profissão, e tenho a música. Mas ainda não tenho a verdade. Eu quero saber de onde venho, mesmo que a verdade seja difícil de ouvir. Eu sei que meus pais estão mortos, mas talvez haja alguma esperança de entrar em contato com meus parentes. Deve haver alguém, em algum lugar. O menor detalhe pode ser útil. Um nome, uma cidade, um...”

A professora bateu sua bengala no assoalho de madeira.

“Srta. Taylor. Mesmo que eu tivesse alguma informação a respeito, eu jamais contaria. Eu a levaria para o túmulo.”

Kate se recostou na cadeira.

“Mas... por quê?”

A Srta. Paringham não respondeu; ela simplesmente apertou os lábios em uma careta de reprovação.

“A senhorita nunca gostou de mim”, murmurou Kate. “Eu sei disso. Sempre deixou claro, mas de maneira discreta, que qualquer bondade que demonstrasse comigo era de má vontade.”

“Muito bem. Você está correta. Eu nunca gostei de você.”

Elas olharam uma para outra. Lá estava, finalmente, a verdade. Kate se esforçou para não demonstrar sinais de decepção ou mágoa. Mas seu pacote de partituras caiu no chão – e quando isso aconteceu, um sorriso pretensioso curvou os lábios da Srta. Paringham.

“Posso perguntar por qual motivo fui tão desprezada? Eu demonstrava gratidão por qualquer coisinha que me dessem. Eu não fazia travessuras. Nunca reclamei. Eu prestava atenção nas aulas e tirava notas altas.”

“Exatamente! Você não mostrava humildade. Você se comportava como se tivesse tanto direito à felicidade quanto qualquer outra jovem de Margate. Sempre cantando. Sempre sorrindo.”

Aquilo era tão absurdo que Kate não conseguiu conter o riso.

“A senhorita não gostava de mim porque eu sorria demais? Por acaso eu deveria viver melancólica e sisuda?”

“Envergonhada!” A Srta. Paringham esbravejou. “Uma filha do pecado deveria viver envergonhada.”

Kate, aturdida, ficou um instante em silêncio. *Uma filha do pecado?*

“O que quer dizer com isso? Eu sempre acreditei que era órfã. A senhorita nunca disse...”

“Coisa ruim. Sua vergonha não precisa ser dita. O próprio Deus a marcou.” A Srta. Paringham apontou enfaticamente com o dedo para sua mancha.

Kate não conseguiu nem mesmo responder. Ela levou a mão trêmula até a têmpora. Com a ponta dos dedos, começou a massagear a marca, da mesma forma como fazia quando menina, como se a pudesse apagar de sua pele. Por toda a vida ela acreditou que era uma criança amada cujos pais tiveram uma morte prematura. Que horrível pensar que ela havia sido abandonada, indesejável. Seus dedos pararam na marca de nascença. Talvez tivesse sido abandonada por causa *daquilo.*

“Sua garota tola.” A risada da velha senhora foi cáustica. “Andou sonhando com um conto de fadas, não foi? Estava pensando que algum dia bateria na sua

porta um mensageiro à procura de uma princesa há muito perdida?”

Kate disse a si mesma para manter a calma. Obviamente, a Srta. Paringham era uma mulher solitária, velha e deformada, que agora vivia para tornar os outros infelizes. Ela não daria àquela bruxa velha a satisfação de ver que estava abalada. Mas Kate também não continuaria ali nem por mais um momento.

Ela se abaixou para pegar o pacote de partituras no chão.

“Sinto muito tê-la aborrecido, Srta. Paringham. Estou indo embora. Não precisa dizer mais nada.”

“Ah, mas eu *vou* falar. Coisinha ignorante, chegou à idade de vinte e três anos sem entender uma coisa. Vejo que devo tomar para mim a responsabilidade de lhe ensinar essa última lição.”

“Por favor, não se desgaste.” Levantando-se da cadeira, Kate fez uma reverência. Ela ergueu o queixo e exibiu um sorriso desafiador no rosto. “Obrigada pelo chá. Eu realmente preciso ir, se quero pegar a carruagem. Pode deixar que eu encontro a saída.”

“Garota impertinente!”

A velha a atacou com a bengala, acertando Kate atrás dos joelhos. Kate cambaleou e agarrou o batente da porta da sala de estar.

“Você me bateu. Não acredito que acabou de me bater!”

“Eu deveria ter feito isso há muitos anos. Talvez tivesse tirado esse sorriso do seu rosto.”

Kate apoiou o ombro no batente. A dor da humilhação era muito maior do que a dor física. Parte dela queria se transformar em uma bolinha no chão, mas ela sabia que precisava fugir daquele lugar. Mais do que isso, ela queria fugir daquelas *palavras*. Aquelas ideias horríveis, impensáveis, que poderiam deixá-la marcada por dentro, assim como era marcada por fora.

“Boa tarde, Srta. Paringham.” Ela apoiou o peso no joelho dolorido e inspirou profunda e rapidamente. A porta da frente estava a alguns passos de distância.

“Ninguém queria você.” Veneno escorria das palavras da velha. “Ninguém queria você na época. O que a faz pensar que alguém irá querê-la agora?”

Alguém, o coração de Kate insistiu. *Alguém, em algum lugar.*

“Ninguém.” A maldade retorceu o rosto da velha senhora enquanto ela empunhava novamente a bengala.

Kate ouviu a batida contra o batente, mas àquela altura ela já estava lutando para abrir a porta da frente. Ela levantou a saia e disparou pela rua de paralelepípedos. A sola de suas botinas de salto baixo estava fina de tanto uso, e

ela escorregou e cambaleou enquanto corria. As ruas de Hastings eram estreitas e curvas, com muitas lojas e estalagens cheias de gente. Não era possível que aquela mulher azeda a tivesse seguido. Ainda assim, ela continuou correndo. Ela correu sem se importar com a direção em que estava indo, desde que fosse para longe. Talvez, se ela corresse rápido o bastante, a verdade jamais a alcançaria.

Quando ela virou na direção da estrebaria, o ribombar do sino da igreja fez seu estômago revirar. Um, dois, três, quatro... *Ah, não. Pare aí. Por favor, não badale de novo. Cinco.* Seu coração parou por um segundo. O relógio da Srta. Paringham devia estar atrasado. Kate havia perdido a hora. A carruagem provavelmente teria partido sem ela. Não haveria outra até a manhã seguinte. O verão encompridava os dias ao máximo, mas em poucas horas a noite cairia. E ela tinha gastado a maior parte do seu dinheiro na loja de música, deixando somente dinheiro suficiente para a passagem de volta a Spindle Cove – sem reservas para uma estalagem ou refeição. Kate ficou parada na rua cheia de gente. As pessoas passavam ao lado dela e algumas lhe davam encontrões. Mas ela não tinha relação com nenhuma delas. Ninguém a ajudaria. O desespero, tenebroso e frio, foi subindo por suas veias. Seus piores temores tinham se concretizado. Ela estava sozinha. Não apenas naquela noite, mas sempre. Seus próprios pais a abandonaram anos atrás. Ninguém a queria agora. Ela morreria sozinha, depois de viver em um apartamento apertado de pensionista, como a Srta. Paringham, bebendo chá reaproveitado três vezes e mascando sua própria amargura.

Seja corajosa, minha Katie. Durante toda sua vida ela se agarrou à lembrança dessas palavras. Kate se apegou à crença de que elas significavam que alguém, em algum lugar, se importava com ela. Kate não deixaria aquela voz silenciar. Entrar em pânico assim não era do feitio dela, e não iria lhe fazer nenhum bem. Kate fechou os olhos, inspirou profundamente e fez uma avaliação silenciosa da sua situação. Ela tinha força de vontade, talento, um corpo jovem e saudável. Ninguém podia tirar isso dela. Nem mesmo aquela bruxa cruel e carcomida com sua bengala e seu chá fraco.

Deveria existir alguma solução. Ela estava com alguma coisa que poderia vender? Seu vestido de musselina rosa era bem bonito – um presente usado de uma de suas alunas, enfeitado com laços e renda –, mas ela não poderia vender a roupa do corpo. Kate havia deixado seu melhor chapéu de verão na casa da Srta. Paringham, e ela preferiria dormir na rua a voltar lá para pegá-lo. Se não tivesse cortado o cabelo tão curto no último verão, ela poderia tentar vendê-lo. Mas as madeixas estavam apenas aos ombros, e eram de um tom castanho comum.

Nenhum fabricante de perucas iria comprá-lo. Sua melhor alternativa seria na loja de música. Talvez, se ela explicasse seu problema e pedisse com muita educação, o proprietário poderia aceitar as partituras de volta e lhe devolver o dinheiro. Isso lhe renderia bastante para um quarto em uma estalagem razoavelmente respeitável. Ficar sozinha não seria bom, e Kate nem estava com sua pistola. Mas ela podia calçar a porta do quarto com uma cadeira e ficar acordada a noite inteira, com o atiçador da lareira em punho e a voz preparada para gritar. Pronto. Ela tinha um plano.

Quando Kate começou a atravessar a rua, um cotovelo a desequilibrou.

“Ei”, disse o dono do cotovelo. “Olhe por onde anda, senhorita.”

Ela girou para o lado, desculpando-se. O barbante que amarrava seu pacote se rompeu. Páginas brancas decolaram e voaram na ventania daquela tarde de verão, como uma revoada de pombos assustados.

“Ah, não! A música.”

Ela deu braçadas amplas no ar, tentando agarrar as partituras. Algumas páginas desapareceram no fim da rua, e outras caíram sobre os paralelepípedos e foram rapidamente pisoteadas pelos transeuntes. Mas a maior parte caiu no meio da rua, ainda envoltas por papel pardo. Desesperada para salvar o que fosse possível, Kate se atirou para pegá-las.

“Cuidado!”, gritou um homem.

Rodas de carroça rangeram. Em algum lugar perto demais dela, um cavalo refugou e relinchou. Kate ergueu os olhos de onde estava agachada, no meio da rua, e viu dois cascos com ferraduras, grandes como pratos de jantar, erguidos no ar e prontos para acabar com ela. Uma mulher gritou. Kate jogou seu peso para o lado. Os cascos do cavalo aterrissaram bem à sua esquerda. Com um silvo assustador do freio, uma carroça parou de repente – a centímetros de esmagar sua perna. O pacote de partituras caiu alguns metros adiante. O “plano” de Kate havia se transformado em papéis enlameados, marcados por rodas, jogado no meio da rua.

“Que o diabo a carregue”, xingou o condutor na boleia, enquanto brandia seu chicote. “Maldita seja. Quase me fez derrubar toda a carga.”

“Eu... eu sinto muito, senhor. Foi um acidente.”

Ele estalou o chicote nos paralelepípedos.

“Saia da minha frente, então. Sua coisa desajeitada...”

Quando ele ergueu o chicote, preparando outro golpe, Kate se encolheu e abaixou. Mas o golpe não veio. Um homem entrou entre ela e a carroça.

“Se a ameaçar de novo”, Kate ouviu o homem alertar o condutor com um

rugido baixo e selvagem, “vou arrancar a carne dos seus ossos com esse chicote.”

Palavras assustadoras, mas eficientes... E a carroça rapidamente foi embora. Enquanto braços fortes a punham de pé, o olhar de Kate escalou uma verdadeira montanha de homem. Ela viu botas pretas brilhantes, calça cáqui esticada sobre coxas de granito e um marcante casaco vermelho de soldado. Seu coração deu um salto. Ela *conhecia* aquele casaco. Provavelmente ela mesma havia costurado os botões de bronze naqueles punhos. Esse era o uniforme da milícia de Spindle Cove. Ela estava em braços conhecidos. Ela estava salva. E quando ergueu a cabeça, Kate tinha certeza de que encontraria um rosto amistoso, a menos que...

“Srta. Taylor?”

A menos que... A menos que fosse *ele.*

“Cabo Thorne”, sussurrou ela.

Em qualquer outro dia, Kate teria rido da ironia. De todos os homens que poderiam aparecer para salvá-la, tinha que ser aquele.

“Srta. Taylor, que diabos está fazendo aqui?”

Ao ouvir o tom ríspido dele, todos os músculos de Kate ficaram tensos.

“Eu... eu vim à cidade para comprar partituras novas para a Srta. Elliott, e para...” Ela não conseguiu mencionar a visita à Srta. Paringham. “Mas eu deixei cair meu pacote, e agora perdi a carruagem para casa. Sou uma boba.” *Boba, ridícula, marcada pela vergonha, indesejável.* “E agora receio que esteja presa aqui. Se pelo menos eu tivesse trazido mais dinheiro, poderia alugar um quarto para passar a noite, e então voltar a Spindle Cove pela manhã.”

“Você não tem dinheiro?”

Ela virou o rosto para o lado, inCapaz de suportar a crítica no olhar dele.

“O que você estava pensando ao viajar sozinha para tão longe?”

“Eu não tinha escolha.” A voz dela falhou. “Eu sou completamente só.”

As mãos dele apertaram os braços dela.

“Eu estou aqui. Você não está sozinha agora.”

Aquelas palavras não soavam como poesia. Eram uma simples constatação da situação, e mal soavam como gentileza. Se o consolo verdadeiro fosse uma forma de pão nutritivo, o que Thorne oferecia eram migalhas amanhecidas. Mas não importava. Não importava. Ela era uma garota faminta, e não teve dignidade para recusar.

“Me desculpe”, ela conseguiu falar, sufocando um soluço, “você não vai gostar disso.”

E então, Kate mergulhou naquele abraço imenso, rígido, relutante... e chorou.

Maldição. Ela irrompeu em lágrimas. Bem ali na rua, pelo amor de Deus. O rosto lindo todo retorcido. Kate se inclinou até sua testa encontrar o peito de Thorne, e então ela soltou um soluço alto e doloroso. Depois um segundo. E um terceiro.

O cavalo dele trotava de lado, e Thorne compartilhava do mesmo sentimento de desconforto do animal. Se pudesse escolher entre assistir à Srta. Taylor chorando e oferecer seu próprio fígado a aves carniceiras, ele teria afiado e sacado sua faca antes que a primeira lágrima rolasse pelo rosto dela. Ele estalou calmamente a língua, o que ajudou a acalmar o cavalo, mas não produziu efeito na garota. Os ombros delicados dela estavam em convulsão enquanto ela chorava em seu casaco. Thorne permaneceu com as mãos nos braços dela. Em um gesto de desespero, ele as deslizou para cima. Depois para baixo. Não ajudou... *O que aconteceu?* Ele queria perguntar. *Quem magoou você? Quem eu posso aleijar ou matar por deixá-la assim?*

“Me desculpe”, disse ela, afastando-se dele depois de alguns minutos.

“Desculpar por quê?”

“Por chorar em você. Por obrigá-lo a me segurar. Eu sei que você deve ter odiado.” Kate pescou um lenço na manga do vestido e enxugou os olhos. Seus olhos e nariz estavam vermelhos. “Quero dizer, não que você não goste de segurar mulheres. Todo mundo em Spindle Cove sabe que você gosta de mulheres. Já ouvi mais do que eu gostaria sobre suas...” Ela empalideceu e parou de falar.

Ainda bem. Thorne pegou a guia do cavalo com uma mão e pôs a outra nas costas de Kate, tirando-a do meio da rua. Depois que chegaram à calçada, ele amarrou as rédeas do cavalo em um poste e voltou sua atenção ao conforto dela. Não havia nenhum lugar em que Kate pudesse sentar. Nenhum banco, nenhuma caixa. Isso o perturbou mais do que deveria. Seu olhar encontrou uma taverna do outro lado da rua – o tipo de estabelecimento em que ele nunca permitiria que ela entrasse –, e ele pensou seriamente em ir até lá, derrubar o primeiro bêbado de seu assento e arrastar para fora a cadeira vaga, para que Kate pudesse sentar. Uma mulher não deveria ficar de pé enquanto chora. Aquilo não parecia certo.

“Por favor, você não pode me emprestar alguns xelins?”, perguntou ela. “Vou procurar uma estalagem para passar a noite, e não lhe darei mais nenhum trabalho.”

“Srta. Taylor, não posso lhe emprestar dinheiro para passar a noite sozinha em uma estalagem. Não é seguro.”

“Não tenho alternativa a não ser ficar. Não vai haver outra carruagem para

Spindle Cove até de manhã.”

Thorne olhou para sua montaria.

“Vou alugar um cavalo para você, se souber montar.”

“Nunca aprendi”, ela balançou a cabeça.

Maldição. Como ele iria consertar aquela situação? Thorne tinha dinheiro suficiente para alugar um cavalo, mas nem de longe tinha condições de contratar uma carruagem particular. Ele *poderia* colocá-la em uma estalagem, mas maldito fosse se a deixasse ficar lá sozinha. Um pensamento perigoso o visitou e cravou as garras em sua mente. Ele poderia ficar *com* ela. *Sem malícia nenhuma*, ele disse para si mesmo. Somente para protegê-la. Thorne podia começar encontrando um maldito lugar para ela sentar. Ele podia lhe conseguir comida, bebida e cobertores quentes. Ele podia ficar de guarda enquanto ela dormisse e garantir que nada a perturbasse. Ele podia estar lá quando ela acordasse. Depois de todos esses meses de desejo frustrado, talvez aquilo fosse o suficiente. *Suficiente? Certo.*

“Céus.” Kate deu um passo repentino para trás.

“O que foi?”

Ela baixou os olhos e engoliu em seco.

“Uma parte de você está se *movendo*.”

“Não, não está.” Thorne olhou de relance para seu ‘equipamento pessoal’ e constatou que tudo estava de acordo. Se a ocasião fosse diferente – uma que envolvesse menos lágrimas –, aquele grau de proximidade teria, sem dúvida, atiçado seu desejo. Mas naquele dia Kate o estava afetando em uma parte mais para cima, no tronco, dando nós em seu estômago e remexendo nas cinzas pretas e fumegantes que restavam do seu coração.

“Seu bornal.” Ela indicou a bolsa de couro atravessada sobre o peito dele. “Está... se contorcendo.”

Ah! Isso... Com toda aquela comoção, ele quase se esqueceu da criatura. Thorne enfiou a mão por baixo da aba de couro e retirou a fonte dos movimentos, erguendo para ela ver. E então, tudo ficou diferente. Foi como se o mundo todo levasse um empurrão e ficasse em um ângulo novo. Em menos tempo do que levava para um coração humano bater, o rosto de Kate se transformou. As lágrimas desapareceram, as sobrancelhas elegantes e curvas se arquearam de surpresa, os olhos recuperaram vida, brilhando, realmente, como duas estrelas. E os lábios se abriram em uma exclamação de encanto.

“Oh.” Ela levou uma mão à face. “Oh, é um *filhotinho*.”

Ela sorriu. Deus, como ela sorriu. Tudo por causa daquela bola irrequieta de

focinho e pelos que provavelmente mijaria em suas sapatilhas ou as mastigaria, deixando-as em pedacinhos.

Ela estendeu as mãos.

“Posso?”

Como se ele pudesse recusar. Thorne colocou o filhote nos braços dela. Ela brincou e balbuciou como se estivesse com um bebê.

“De onde você veio, coisinha doce?”

“De uma fazenda aqui perto”, respondeu Thorne. “Pensei em levá-lo para o castelo. Estamos precisando de um cão de caça.”

Kate inclinou a cabeça e avaliou o filhote.

“Ele é um cão de caça?”

“Em parte.”

Ela passou os dedos ao redor de uma mancha cor de ferrugem que o cachorrinho tinha sobre o olho direito.

“Imagino que ele tenha muitas partes, não é? Coisinha gostosa.”

Kate ergueu o filhote até a altura de seus olhos e franziu os lábios para produzir um gorjeio. O cachorro lambeu seu rosto. *Vira-lata sortudo.*

“O malvado Cabo Thorne estava guardando você em uma bolsa escura e feia?” Ela chacoalhou de leve o filhote. “Você gosta mais de ficar aqui fora comigo, não gosta? É claro que gosta.”

O cachorro latiu. Kate riu e o trouxe para o peito, inclinando-se sobre o pescoço peludo.

“Você é perfeito”, Thorne a ouviu sussurrar. “Você é exatamente o que eu precisava encontrar hoje.” Ela acariciou o pelo do bichinho. “Obrigada.”

Thorne sentiu uma torção aguda no peito. Como se alguma coisa amassada e enferrujada estivesse se soltando. Aquela garota tinha o dom de fazer isso – fazer com que ele *sentisse.* Ela sempre teve essa Capacidade, mesmo há muitos anos, no passado. Esse tempo muito distante parecia estar além das primeiras lembranças de Kate. O que era misericordioso para com ela. Mas Thorne lembrava. Ele lembrava de *tudo*.

Thorne pigarreou.

“É melhor pegarmos a estrada. Vai começar a escurecer quando chegarmos a Spindle Cove.”

Ela desviou sua atenção do cachorro e olhou para Thorne, intrigada.

“Mas como?”

“Você vai comigo. Vocês dois. Na minha sela. Você carrega o cachorro.”

Como se precisasse consultar todas as partes interessadas, ela se virou para o

cavalo. Depois para o cachorro. Por fim, ela fitou Thorne.

“Tem certeza de que caberemos todos?”

“Tenho.”

Ela mordeu o lábio, parecendo incerta. Sua resistência instintiva àquela ideia era clara. E compreensível. Thorne também não estava com tanta vontade de pôr aquele plano em prática. Três horas a cavalo com a Srta. Kate Taylor aninhada entre suas coxas? Tortura da mais cruel. Mas ele não via outro modo melhor de levá-la para casa rapidamente e em segurança. Ele podia fazer aquilo. Se Thorne havia suportado um ano com ela naquela vila minúscula, ele poderia aguentar algumas horas de proximidade.

“Eu não vou deixar você aqui”, disse ele. “Tem que ser assim.”

Os lábios dela se curvaram um curioso sorriso envergonhado. Admirá-la era reconfortante e ao mesmo tempo devastador.

“Quando você coloca as coisas assim, sinto-me inCapaz de recusar.”

Pelo amor de Deus, não diga isso.

“Obrigada”, ela acrescentou. Kate tocou de leve na manga dele.

Pelo seu próprio bem, não faça isso. Ele se afastou do toque dela e Kate pareceu magoada. O que fez com que ele quisesse reconfortá-la, mas Thorne não ousou.

“Cuide do cachorro”, disse ele.

Thorne a ajudou a montar, apoiando seu joelho, em vez da coxa, como teria sido mais eficiente. Ele montou no cavalo, pegando as rédeas com uma mão e mantendo a outra na cintura dela. Quando ele colocou o animal em movimento, Kate caiu contra ele, macia e quente. Suas coxas aninhadas nas dele. O cabelo dela cheirava a cravo e limão. O aroma percorreu todos os seus sentidos, antes que ele pudesse interrompê-lo. *Droga*, *droga*, *droga.* Ele podia desencorajá-la a falar com ele, de tocá-lo. Ele podia mantê-la entretida com o cachorro. Mas como ele podia evitar que ela tivesse forma de mulher e cheirasse como o paraíso? As surras, as chibatadas e os anos de prisão não tinham sido nada... Thorne sabia, sem sombra de dúvida, que as próximas três horas seriam o castigo mais cruel de sua vida.

Capítulo Três

Durante a primeira hora de cavalgada aconteceu a coisa mais estranha. Aos olhos de Kate, o Cabo Thorne se transformou em um homem completamente diferente. Um homem bonito. Na primeira vez em que ela se permitiu olhar para ele, subindo lentamente os olhos da lapela para seu rosto, ela achou que a aparência dele continuava tão dura e intimidante quanto sempre foi. As superfícies de seu rosto estavam iluminadas pelo sol do fim de tarde. Ela se encolheu. Mas então, na estrada, algumas centenas de metros mais adiante, ela voltou a erguer os olhos para ele enquanto passavam debaixo de um arvoredo. Dessa vez ela observou seu perfil, e suas feições foram tocadas pela sombra. Ela achou que ele parecia... menos ameaçador e mais protetor. *Forte*...

A parede de músculos quentes às suas costas apenas reforçava essa impressão. Assim como o braço poderoso que envolvia seu tronco e a maneira tranquila com que ele conduzia o cavalo. Nada de gritos ou estalos de chicote; apenas cutucadas suaves com os calcanhares e de vez em quando uma palavra serena. Essas palavras passavam pelo seu corpo como notas de violoncelo, que produziam um arranhão grave e estimulante na base de sua coluna. Ela fechou os olhos. Vozes graves a tocaram em lugares profundos.

Dali em diante ela manteve o olhar fixo na estrada à frente. Apesar disso, sua imagem mental de Thorne continuou a mudar. Em sua mente, ele foi de ameaçador e severo a protetor, forte e... Bonito. Selvagem, duvidoso e chocantemente bonito. Não, não... Não podia ser. Sua imaginação estava lhe pregando uma peça. Kate sabia que muitas das mulheres trabalhadoras de Spindle Cove tinham uma queda pelo Cabo Thorne, mas ela nunca entendeu por quê. Suas feições simplesmente não a atraíam – provavelmente porque ele sempre as empregava para enviar caretas e olhares fulminantes em sua direção. Nas raras ocasiões em que ele olhava para ela.

Depois que eles percorreram algumas milhas, o filhote pegou no sono nos braços de Kate, que vasculhava as lembranças dos muitos encontros

desagradáveis com Thorne para, assim, se lembrar que não o achava nem um pouco atraente. *Só mais uma olhada*, ela disse para si mesma, só para confirmar. Mas quando ela ergueu o rosto, aconteceu a pior coisa possível. Kate o pegou olhando para baixo, para *ela.* Seus olhares se encontraram. O azul penetrante dos olhos dele *invadiu* seu ser. E, para seu completo horror, ela soltou uma exclamação. Kate se apressou para olhar qualquer outra coisa, em qualquer lugar. Tarde demais...

As feições dele ficaram gravadas na imaginação dela. Quando fechava os olhos, era como se a parte de trás das pálpebras dela estivessem pintadas com o mesmo azul intenso, penetrante. Agora vinha para Kate a ideia de que, talvez, ele fosse o homem mais bonito que já tinha visto – uma opinião sem nenhuma base racional. Nenhuma. Kate percebeu que estava com um problema sério. Ela estava encantada. Ou ligeiramente insana. Possivelmente as duas coisas. Mas, principalmente, ela se sentia péssima. Seus batimentos cardíacos eram um trinado frenético, e como estavam tão próximos na sela, ela tinha certeza de que Thorne os estava sentindo. Pelo amor de Deus, era provável que ele os estivesse *ouvindo.* Aquele batimento apressado, inconsequente, estava revelando *todos* os seus segredos. Ela poderia muito bem ter declarado, em alto e bom som, que *era uma boba faminta por afeto, uma cabeça-oca que nunca, jamais, ficou tão perto de um homem.*

Desesperada para estabelecer uma distância, mesmo que mínima, entre eles, Kate endireitou a coluna e se inclinou para frente. Exatamente nesse instante, o cavalo pisou em um buraco, e Kate oscilou perigosamente para um dos lados. Ela sentiu, por um breve e desesperador instante, que iria cair. E então, com a mesma rapidez, ele a segurou. Thorne endireitou o cavalo, puxando as rédeas com uma mão, enlaçando a cintura de Kate com o outro braço. Os movimentos foram fluidos, fortes e instintivos – como se todo o corpo dele fosse um punho e ele a tivesse pegado firmemente.

“Peguei você”, disse ele.

Sim, pegou. Ele a mantinha tão perto e tão apertada que provavelmente os ilhoses do espartilho dela estavam fazendo marquinhas circulares em seu peito.

“Falta muito, ainda?”, perguntou ela.

“Falta.”

Ela sufocou um suspiro lamurioso.

Com o sol mergulhando na direção do horizonte, eles pararam em uma mercearia. Kate esperou com o cachorro enquanto Thorne comprava uma vasilha de leite e três pães quentes e crocantes. Depois, Kate seguiu Thorne, que

carregava o piquenique até um barranco próximo, depois de uma cerca. Eles sentaram perto um do outro em uma campina iluminada pela urze em flor. A luz do entardecer tocava com seu laranja cada uma das pequenas flores lilases. Kate dobrou seu xale em um quadrado, que o filhote rodeou várias vezes antes de se dedicar a atacar sua franja.

Thorne lhe entregou um dos pães.

“Não é muita coisa.”

“Está ótimo.”

O pão aqueceu suas mãos e fez seu estômago roncar. Ela o partiu em dois, o que liberou um perfume cheiroso e delicioso. Enquanto comia, o pão parecia preencher parte da estupidez cavernosa dentro dela. Era mais fácil adotar um comportamento sensato de estômago cheio. Ela já quase podia olhar novamente para Thorne.

“Eu lhe sou muito grata”, disse ela. “Não tenho certeza de ter dito isso antes, para minha vergonha. Mas agradeço muito sua ajuda. Eu estava tendo o pior dia do meu ano, e ver seu rosto...”

“Tornou tudo muito pior.”

Ela riu como protesto.

“Não. Não era o que eu ia dizer.”

“Pelo que me lembro, você desandou a chorar.”

Kate baixou o queixo e olhou de lado para ele.

“Será que isso é uma demonstração de humor? Do severo e ameaçador Cabo Thorne?”

Ele não respondeu. Kate o observou enquanto Thorne alimentava o filhote com pedaços de pão embebidos em leite.

“Meu Deus”, disse ela. “Qual vai ser seu próximo truque, eu me pergunto? Um piscar de olhos? Um *sorriso*? Não ria, porque senão eu desmaio no mesmo instante.”

O tom dela era de leve provocação, mas Kate estava falando sério. Ela já estava sentindo aquelas pontadas ferozes de encantamento apenas com base na aparência e na força dele. Se ele ainda revelasse uma veia de bom humor, ela poderia não ter mais salvação. Felizmente para as emoções vulneráveis dela, ele respondeu com sua habitual ausência de charme.

“Eu sou o comandante da milícia de Spindle Cove na ausência de Lorde Rycliff. Você é uma residente de Spindle Cove. Era meu dever ajudá-la e garantir que chegue em segurança a sua casa. Isso é tudo.”

“Bem”, disse ela, “fico feliz por estar dentro da lista dos seus deveres. O

contratempo com o condutor da carroça foi realmente minha culpa. Eu corri para o meio da rua sem olhar."

"O que aconteceu antes?", perguntou ele.

"O que faz você pensar que aconteceu algo antes?"

"Não é do seu feitio ficar tão distraída."

Não é do seu feitio. Kate mastigou lentamente seu pão. Ele tinha razão, talvez, mas que coisa estranha para *ele* dizer. Thorne a evitava como um gato evita um cachorro. Que direito tinha ele de decidir o que era, ou não, do feitio dela? Mas Kate não tinha mais ninguém com quem conversar e nenhum motivo para esconder a verdade.

Kate engoliu seu pedaço de pão e abraçou os joelhos com os braços.

"Eu fui fazer uma visita para uma antiga professora. Eu esperava descobrir alguma informação sobre minhas origens. Meus parentes."

Ele hesitou.

"E você conseguiu?"

"Não. Ela disse que não iria me ajudar a encontrá-los, mesmo que pudesse. Porque eles não querem ser encontrados. Eu sempre acreditei que era órfã, mas aparentemente eu..." Ela piscou várias vezes. "Parece que eu fui abandonada. Uma filha do pecado, como ela me chamou. Ninguém me queria naquela época, e ninguém vai me querer agora."

Os dois ficaram olhando para o horizonte, onde o sol cor de fogo se destacava no topo das colinas calcárias.

Ela arriscou olhar para ele.

"Você não tem nada a dizer?"

"Nada que seja adequado aos ouvidos de uma dama."

Ela sorriu.

"Mas eu não sou uma dama, como pode ver. Ainda que eu não saiba nada da minha família, disso eu posso ter certeza."

Kate morava na mesma pensão que recebia as visitantes de Spindle Cove. Algumas das mulheres da vila eram amigas de verdade, como Lady Rycliff ou Minerva Highwood, que recentemente havia se tornado a Viscondessa Payne. Mas muitas outras se esqueciam dela assim que iam embora. Para elas, Kate era como uma governanta ou acompanhante. Ela servia de companhia, se não tivesse ninguém melhor disponível. Essas jovens, às vezes escreviam para ela durante algum tempo. E, quando partiam, caso suas malas estivessem muito cheias, elas lhe davam algum vestido que não quisessem mais. Kate tocou a saia enlameada do seu vestido de musselina rosa. Arruinado, irreparável. Aos seus pés, o filhote

tinha entrado na vasilha de leite e lambia sem parar. Kate pegou o cachorro, e o virou de costas para coçar sua barriga.

“Somos semelhantes, não somos?”, ela perguntou ao filhote. “Não temos uma casa de verdade, não temos pedigree e nossa aparência é meio estranha.”

Cabo Thorne não fez nenhuma menção de contradizer o que ela disse. Kate achou que fez por merecer, ao procurar elogios no deserto.

“E você, Cabo Thorne? Onde foi criado? Tem algum parente vivo?”

Ele ficou em silêncio por um tempo estranhamente longo, dada a natureza direta da pergunta.

“Nasci em Southwark, perto de Londres. Mas faz quase vinte anos que não volto lá.”

Ela examinou o rosto dele. Apesar da seriedade com que Thorne se comportava, ela não lhe dava muito mais que trinta anos de idade.

“Você deve ter saído de casa muito novo”, disse Kate.

“Não tão novo quanto alguns.”

“Agora que a guerra acabou, você não deseja voltar?”

“Não.” O olhar de Thorne encontrou o dela por um instante. “É melhor deixar o passado para trás.”

Bem observado, refletiu Kate, dado o desastre que tinha sido seu dia. Ela arrancou uma folha de grama comprida e a deixou pendurada entre os dedos para que o filhote brincasse. O bichinho batia sua cauda longa e fina de um lado a outro, alegre.

“Que nome você vai dar a ele?”, perguntou ela.

Thorne deu de ombros.

“Não sei. Mancha, eu acho.”

“Mas isso é horrível. Você não pode chamá-lo de *Mancha*.”

“Por que não? Ele tem uma mancha, não tem?”

“Tem, e é exatamente por isso que você não pode dar esse nome a ele.” Kate baixou a voz, puxando o filhote para perto e acariciando a mancha de pelo cor de ferrugem que rodeava seu olho direito. “Ele vai ficar com vergonha. Eu tenho uma mancha, mas não gostaria que meu nome fosse associado a ela. Não preciso de um lembrete para saber que ela está lá.”

“Isto é diferente. Ele é um cachorro.”

“Isso não quer dizer que ele não tenha sentimentos.”

O Cabo Thorne emitiu um som de escárnio.

“Ele é um *cachorro*.”

“Você deveria chamá-lo de Rex”, disse ela, inclinando a cabeça. “Ou Duque.

Ou Príncipe, talvez.”

Ele olhou para o lado.

“O que, nesse cachorro, você associa a ‘realeza’?”

“Bem... nada.” Kate colocou o filhote no chão e o observou correr ao longo da urze. “Mas esse é o ponto. Você contrapõe um nome grandioso às origens humildes dele. Isso se chama ironia, Cabo Thorne. Como se eu chamasse você de ‘Fofo’. Ou se você me chamasse de Helena de Troia.”

Ele hesitou e franziu a testa.

“Quem é Helena de Troia?”

Kate quase demonstrou sua surpresa com a pergunta. Felizmente, ela se conteve bem a tempo. Ela precisou se lembrar que “cabo” era uma patente de soldado, e que a maioria dos soldados do Exército tinha somente educação básica.

“Helena de Troia”, explicou ela, “foi uma rainha da Grécia Antiga. Diziam que ela tinha um rosto tão lindo que fez mil navios saírem em seu resgate. Ela era tão linda que todos os homens a queriam. Travaram uma guerra imensa por ela.”

Ele ficou quieto por um longo tempo.

“Então, chamar você de Helena de...”

“Helena de Troia.”

“Certo. Helena de Troia.” Uma ruga se formou entre as sobrancelhas escuras dele. “Por que isso seria irônico?”

Ela riu.

“Não é óbvio? Olhe para mim.”

“Estou olhando para você.”

Bom Deus. Sim, ele estava. Thorne olhava para ela do mesmo modo que fazia tudo. Intensamente, com uma força silenciosa. Ela podia sentir os músculos no olhar dele. Aquilo a deixava nervosa. Por hábito, Kate levou os dedos à sua marca de nascença, mas no último instante os usou para prender uma mecha de cabelo atrás da orelha.

“Você pode ver, não pode? É irônico porque não sou nenhuma beleza legendária. Não existem homens lutando batalhas por mim.” Ela abriu um sorriso modesto. “Para isso, pelo menos dois homens teriam que estar interessados. Tenho vinte e três anos e até agora não apareceu um sequer.”

“Você mora em uma vila de mulheres.”

“Spindle Cove não é só de mulheres. Tem alguns homens. O ferreiro. E o vigário.”

Ele fez pouco caso desses exemplos com um resmungo.

“Bem... também tem *você*”, disse ela.

Ele ficou rígido como pedra. Muito bem. Eles chegaram a esse ponto. Ela provavelmente não deveria tê-lo colocado nessa situação, mas era ele que estava insistindo no assunto.

“Tem você”, ela repetiu. “E você mal consegue respirar o mesmo ar que eu. Tentei ser amigável logo que você chegou a Spindle Cove. Mas isso não deu lá muito certo.”

“Srta. Taylor...”

“E não é que você não tenha interesse em mulheres. Eu sei que você teve algumas.”

Ele piscou, e aquele pequeno movimento a fez se sentir incomodada. Espantoso. Thorne piscando produzia o mesmo efeito que outro homem socando com raiva a própria palma da mão.

“Bem, é do conhecimento de todos”, disse ela, silenciosamente arrastando a ponta do pé na terra. Tentando encontrar coragem. “Na vila, suas... seus encontros... são assunto de muitas especulações. Mesmo que eu não queira ouvir a respeito, acabo ouvindo.”

Ele ficou em pé e começou a andar na direção da estrada. Seus ombros imensos estavam contraídos e seu andar era pesado. Lá ia ele novamente, se afastando. Kate estava farta disso. Ela estava cansada de deixar para lá as rejeições dele, de esquecer seus sentimentos feridos com uma risada complacente.

“Você não vê?”, ela levantou e passou pela urze, correndo para alcançar a borda da sombra monumental dele. “É exatamente disso que estou falando. Se eu sorrio na sua direção, você vira para o outro lado. Se encontro uma cadeira perto de você no salão, você decide que prefere ficar de pé. Eu lhe causo alguma alergia, Cabo Thorne? Por acaso o aroma do meu pó de arroz faz você espirrar? Ou há algo no meu comportamento que você considere odioso ou assustador?”

“Não fale absurdos.”

“Então admita. Você me evita.”

“Muito bem.” Ele parou de andar. “Eu evito você.”

“Agora me diga por quê.”

Ele se virou para encará-la e seus olhos azuis gélidos queimaram os dela. Mas Thorne não disse uma palavra.

O ar de Kate se esvaiu de seus pulmões e ela sentiu todo o peso do mundo em seus ombros.

“Vamos”, ela insistiu. “Pode dizer. Está tudo bem. Depois de todos esses anos, acho que seria misericordioso ouvir alguém falar a verdade. Seja honesto.”

Em um gesto impulsivo, ela pegou a mão de Thorne e a levou até o rosto, fazendo com que os dedos dele tocassem sua marca de nascença. Ele tentou tirar a mão, mas ela não o deixou esCapar. Se ela era obrigada a viver com aquela marca todos os dias, ele tinha que aguentar tocá-la pelo menos uma vez. Ela se aproximou, pressionando sua têmpora manchada contra a palma fria da mão dele.

“Este é o motivo, não é?”, perguntou ela. “O motivo pelo qual você não se interessa. O motivo pelo qual nenhum homem se interessa.”

“Srta. Taylor, eu...” Ele cerrou os dentes. “Não. Não é nada disso.”

“Então o que é?”

Sem resposta... O rosto dela queimava. Ela queria bater no peito dele e abri-lo de algum modo.

“O que é, então? Pelo amor de Deus, o que a meu respeito você acha tão intolerável? Tão malditamente insuportável que não consegue nem mesmo ficar no mesmo ambiente que eu?”

Ele murmurou uma imprecação.

“Pare de me provocar. Você não vai gostar da resposta.”

“Eu quero ouvi-la mesmo assim.”

Ele enfiou a mão no cabelo dela, pegando-a de surpresa. Dedos fortes se fecharam ao redor da nuca de Kate. Os olhos dele vasculharam o rosto dela, e cada nervo ficou tenso no corpo de Kate. O pôr do sol jogou um último lampejo de luz alaranjada entre eles, incendiando o momento.

“É isto.”

Pelo braço, ele a puxou para um beijo. E ele a beijou do mesmo modo que fazia tudo. Intensamente, com uma força silenciosa. Seus lábios pressionaram firmemente os dela, exigindo uma resposta.

Agindo por puro instinto, Kate empurrou o peito de Thorne.

“Solte-me.”

“Vou soltar. Mas ainda não.”

A força dele a deixava imóvel. Ela não tinha como esCapar. Apesar disso, Kate não sentia medo. Não, ela tinha medo do que rapidamente preenchia o espaço entre eles. A ânsia pura e gutural em seus olhos. O calor que crescia entre seus corpos. O peso repentino nos braços, em seu abdome, seus seios. Seu coração batendo aceleradamente. O ar ao redor dos dois parecia carregado de desejo. E não era só do lado dele. Ele se inclinou para beijá-la novamente, e

dessa vez o instinto dela foi diferente. Ela se esticou para ir ao seu encontro.

Quando os lábios fortes dele encontraram os seus, ela se deixou levar. Ele a puxou para perto, passando o outro braço ao redor de sua cintura. Ela nem tentou resistir. A voz de sua consciência ficou muda, e suas pálpebras se fecharam em total rendição. Ela suspirou no beijo, uma confissão descarada de carência. Os lábios dele estavam quentes e, apesar de sua aparência dura e fria, seu sabor era delicioso, reconfortante. O gosto do pão recém-assado, misturado à vaga lembrança de cerveja amarga. Ela o viu mais cedo, naquele dia, bebendo em uma taverna escura. Sozinho. A solidão pungente daquela imagem fez com que Kate quisesse abraçá-lo. Ela teve que se contentar em agarrar a lapela do casaco dele, aninhando-se perto de seu peito.

Ela deixou seus lábios se abrirem, para melhor senti-lo. Thorne prendeu o lábio superior dela entre os seus, e depois sugou o inferior. Como se ele também ansiasse pelo sabor dela. Ele deu beijos firmes no canto da boca de Kate, em seu queixo, na veia de seu pescoço. Cada toque dos lábios dele era rápido e forte. Ela sentiu que a impressão de cada beijo deixava uma marca em sua pele. Thorne a marcava com seus carimbos de aprovação. Sua boca repleta de paixão... *Preciosa.* Seu pescoço elegante... *Desejado.* A curva de sua bochecha... *Linda.* E finalmente, a marca cor de vinho em sua têmpora... *Encantadora.*

O beijo dele continuou por um longo momento. A respiração de Thorne ia e vinha, remexendo o cabelo de Kate. Parada daquele jeito, tão próxima daquele homem, Kate podia sentir a força contida que corria pelo corpo dele. Todo o ser de Thorne estremeceu com desejo palpável. Então ele se afastou. E ela continuou agarrada a seu casaco, atordoada.

“Eu...”

“Não se preocupe. Isso não vai acontecer de novo.”

“Não vai?”

“Não.”

“Então por que aconteceu agora?”

Ele pôs um dedo embaixo do queixo dela, virando seu rosto para ele.

“Nunca mais. *Nunca*... pense que nenhum homem a quer. É só isso.”

É só isso? Ela ficou olhando para aquele homem frio, insuportável e lindo. Ele a beijava ao pôr do sol, em um campo de urze, fazendo-a se sentir linda e desejada, fazendo seu corpo todo latejar com sensações... apenas para depois afastá-la e dizer “É só isso”?

Ele se endireitou, como se fosse se retirar.

“Espere.” Ela apertou as mãos e o manteve ali. “E se eu quiser mais?”

Capítulo Quatro

Mais... Thorne se segurou. Aquela palavra o desestruturou. Ele podia jurar que o chão tinha tremido. *Mais...* O que significava para Kate aquela palavra? Certamente era algo diferente do que a mente de Thorne formulava. Ele imaginou os dois, enrolados na urze e na musselina pregueada da saia dela. Era por isso que Thorne procurava mulheres experientes, que compartilhavam da sua definição de "mais" – e não tinham escrúpulos para lhe dizer exatamente quando, onde e com que frequência elas queriam mais. Mas a Srta. Taylor era uma dama, não importava o quanto ela negasse isso. Ela era inocente, jovem, dada a sonhos tolos. Ele estremeceu ao imaginar o que "mais" significava na cabeça dela. Palavras doces? Cortejá-la? Um jarro de vinagre tinha mais doçura que ele. E sua experiência com cortejar se limitava a cortejar o perigo. Aquele beijo fora de hora tinha sido apenas mais um exemplo. Idiota, idiota. Sua própria mãe disse bem: *Sua cabeça é tão vazia quanto é feia, garoto. Você nunca vai aprender.*

"Você não pode simplesmente me dar as costas", disse ela. "Não depois de um beijo desse. Nós precisamos conversar."

Maravilha. Aquilo era pior que doçura, mais perigoso que cortejar. Ela queria *conversar.* Por que uma mulher não pode deixar uma ação falar por si mesma? Se ele quisesse usar palavras, teria falado.

"Não temos nada para conversar", disse ele.

"Ah, mas eu discordo."

Thorne olhou para ela, refletindo. Ele passou a maior parte de uma década servindo a infantaria britânica. Ele sabia reconhecer quando a melhor opção é a retirada. Ele se virou e assobiou para o cachorro. O filhotinho correu para perto dele. Thorne ficou satisfeito. Ele tinha ficado em dúvida quanto a deixá-lo com o criador tanto tempo, mas as semanas a mais de treinamento valeram a pena. Ele caminhou até o lugar em que tinha deixado o cavalo pastando, perto da escada de madeira que servia para transpor o muro de pedra que cercava o campo.

Kate o seguiu.

“Cabo Thorne...”

Ele pulou o muro, colocando-o entre eles.

“Nós precisamos voltar a Spindle Cove. Você faltou à aula das irmãs Youngfield esta noite. Elas vão se perguntar onde você está.”

“Você sabe a programação das minhas aulas?” A voz dela carregava uma entonação de interesse.

Ele praguejou baixinho.

“Não de todas. Só as irritantes.”

“Oh. As irritantes.”

Thorne jogou uma tira de couro de coelho que estava em seu bolso para o cachorro, e então começou a verificar a correia da sela do cavalo.

Ela colocou as duas mãos na superfície do muro de pedra e se ergueu.

“Então minhas aulas e suas sessões de bebedeira simplesmente coincidem. Nos mesmos horários, nos mesmos dias, de modo que você sabe qual é minha agenda. De cor.”

Pelo amor de Deus. Ele balançou a cabeça.

“Não fique imaginando alguma história sentimental de como eu tenho sonhado com você. Srta. Taylor, você é uma mulher bastante atraente, e eu sou um homem com olhos. Eu reparei em você. Só isso.”

Ela pegou a saia com uma mão, levantou as pernas e as passou para o outro lado do muro.

“E mesmo assim nunca disse uma palavra.”

Com ela sentada no muro de pedra, os dois estavam quase da mesma altura. Ela esticou um dedo e prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha – daquele modo gracioso, distraído, que as mulheres têm de levar os homens à beira do desespero.

“Não sou um homem de palavras bonitas. Se eu colocasse o que sinto em palavras, faria com que você ficasse tão vermelha que até o seu vestido iria mudar de cor.”

Pronto. Isso devia bastar para assustá-la.

Ela corou um pouco. Mas não desistiu.

“Sabe o que eu penso?”, disse ela. “Eu penso que talvez, apenas talvez, todo esse seu comportamento frio, ameaçador, é uma forma estranha e masculina de modéstia. Um jeito de não chamar atenção. Quase tenho vergonha de dizer que funcionou comigo por quase um ano, mas...”

“Sério, Srta. Taylor...”

Ela o encarou.

“Mas estou prestando mais atenção agora.”

Droga. Então ela... E ele estava evitando exatamente isso há um ano – a possibilidade de que ela, um dia, olhasse para ele na igreja, ou na taverna, mantivesse o olhar um pouco mais que de costume, e então... lembrasse de tudo. Ele não podia deixar aquilo acontecer. Se a Srta. Kate Taylor, da forma como vivia hoje, fosse algum dia ligada ao antro de sordidez e pecado que lhe serviu de berço, poderia ser destruída totalmente. Sua reputação, seu meio de vida, sua felicidade. Assim, ele se manteve distante. Não foi uma tarefa fácil, naquela vila tão pequena, onde aquela garota – que não era mais uma garota, mas uma mulher atraente – aparecia em todos os lugares. E então hoje... Um ano se esquivando e a intimidando, tudo jogado fora em uma tarde, graças aquele beijo equivocado, idiota e malditamente magnífico.

“Olhe para mim.”

Ele se inclinou para frente e apoiou as mãos no muro de pedra, olhando-a diretamente nos olhos. Desafiando-a; desafiando o destino. Se ela fosse reconhecê-lo, seria naquele instante. Enquanto ela o observava, ele também a analisou. Thorne absorveu os pequenos detalhes que havia negado a si mesmo durante longos meses. O bonito vestido rosa, com fitas cor de marfim passadas pelo decote como o acabamento que um confeiteiro põe no bolo. A pinta um pouco abaixo do ombro direito. O ângulo decidido de seu maxilar, e o modo atraente com que seus lábios cor de rosa se curvavam nos cantos. Então ele buscou naqueles olhos castanhos, lindos e inteligentes, algum sinal de reconhecimento. Nada...

“Você não me conhece”, disse ele. Uma afirmação e uma pergunta ao mesmo tempo.

Ela balançou a cabeça e disse as palavras mais tolas e improváveis que Thorne imaginava ouvir.

“Mas eu acho que gostaria de conhecer.”

Ele se agarrou naquele muro de pedra como se fosse a borda de um precipício.

“Talvez nós pudéssemos...”, começou ela.

“Não. Não podemos.”

“Eu não terminei de falar.”

“Não importa. Seja o que for que você pretende sugerir, não vai acontecer.” Ele se afastou do muro e pegou a guia do cavalo, que soltou da escada.

“Você vai ter que falar comigo em algum momento. Nós moramos na mesma

vila.”

“Não por muito tempo.”

“O que você quer dizer?”

“Estou indo embora de Spindle Cove.”

Ela hesitou.

“Como? Quando?”

“Dentro de um mês.” Um mês atrasado, pelo que parecia.

“Você vai ser transferido?”

“Vou sair do exército. E da Inglaterra. É o que fui fazer em Hastings hoje. Marquei uma passagem para a América em um navio mercante.”

“Nossa.” Ela não disfarçou o desapontamento. “América.”

“A guerra acabou. Lorde Rycliff vai me ajudar a conseguir uma dispensa honrosa. Eu desejo ser dono de um pouco de terra.”

Ela se mexeu e parecia que ia saltar de cima do muro. Por instinto, ele a segurou pela cintura, baixando-a gentilmente até o chão. Uma vez lá, ela não mostrou nenhuma disposição para sair de seus braços.

“Mas nós estamos apenas começando a nos conhecer melhor”, disse ela.

Ah, não. Aquilo tinha que acabar ali mesmo. Ela não o queria de verdade. Estava apenas estressada após um dia ruim, e se apegava à única alma ao alcance.

“Srta. Taylor, nós nos beijamos. Uma vez. Foi um erro. Não vai acontecer de novo.”

“Tem certeza disso?” Ela enlaçou o pescoço dele com seus braços.

Ele gelou, aturdido pela intenção que leu nos olhos dela. Deus misericordioso. A garota queria beijá-*lo*. Ele poderia dizer o instante exato em que ela se desafiou a fazê-lo. O olhar dela baixou para os lábios de Thorne, e ele a ouviu tomar fôlego. Ela se esticou e seus lábios se aproximaram dos dele, e Thorne ficou admirado por cada fração de segundo em que ela não mudou de ideia e se afastou. Kate cerrou as pálpebras. Ele também poderia ter fechado as suas, mas não. Ele precisava ver aquilo para crer. Ela colou seus lábios aos dele, no momento em que o último raio do pôr do sol os atingiu. E o mundo se tornou um lugar que ele não reconheceu.

Ela cheirava tão bem. Não era só agradável, mas *bem*. Pura. Aquelas notas leves de cravo e cítricos eram a essência da pureza. Ele se sentiu banhado por aquele aroma. Ele quase podia acreditar que nunca tinha mentido, roubado, passado frio na prisão. Nunca tinha marchado para uma batalha, nunca tinha sangrado. Que ele nunca havia matado quatro homens a distâncias tão pequenas

que ainda podia se lembrar da cor de seus olhos. Marrom, azul, mais um azul, e verde.

Isto é errado. Um rugido sombrio tremeu em seu peito. Ele manteve as mãos na cintura dela, mas abriu os dedos. Seus polegares tatearam para cima, suavemente até roçarem o macio da parte inferior dos seios dela. Com o dedo mínimo de cada mão ele tocou a parte de cima do quadril de Kate, esticando as mãos até seus limites. Aquilo era o tanto de Kate que ele podia tocar. Thorne precisava de todo aquele apoio para conseguir afastá-la. Quando se separaram, ela olhou para ele. Esperando.

“Você não devia ter feito isso”, disse ele.

“Eu quis fazer. Isso me torna fácil?”

“Não. Torna você uma cabeça oca. Jovens damas como você não desperdiçam tempo com homens como eu.”

“Homens como você? Está falando do tipo de homem que salva jovens damas indefesas na rua e carrega cachorrinhos na bolsa?” Ela estremeceu de brincadeira. “Deus, proteja-me de homens como você.”

Um sorriso tímido brincou no canto da boca de Kate. Thorne quis devorá-la. Pegá-la em seus braços e lhe ensinar as consequências de provocar um animal perigosamente faminto, quase selvagem. Mas salvar aquela garota foi a única coisa decente que ele havia feito em toda sua vida. Há cerca de dezenove anos ele vendeu os últimos resquícios de sua própria inocência para comprar a dela. Maldito fosse ele se a arruinasse agora. Com movimentos firmes, ele desenlaçou os braços dela de seu pescoço e a segurou pelos pulsos, mantendo as mãos firmes como algemas.

Ela arfou.

“Tome cuidado, Srta. Taylor. Aceito a culpa pelo beijo. Eu me dei essa liberdade e foi um erro. Deixei um impulso carnal me distrair do meu dever. Mas se está imaginando algum sentimento romântico da minha parte, é apenas a sua imaginação.”

Ela se retorceu para esCapar ao aperto dele.

“Você está me assustando.”

“Ótimo”, ele disse calmamente. “Você deveria ter medo. Eu já matei mais homens do que você irá beijar em toda sua vida. Você não deve querer nada comigo, e eu não sinto nada por você.”

Ele soltou os pulsos dela.

“E esse assunto acaba aqui.”



O assunto acabava ali. Kate apenas desejava que aquilo que havia experimentado acabasse ali. Lamentavelmente, ela tinha que passar mais duas horas montada no cavalo, onde teria que se apoiar, mortificada, no peito dele e desfrutar de sua completa humilhação. Que dia horrível. Horrível!

Ela não estava acostumada a cavalgar. Conforme os quilômetros avançavam, seus músculos começaram a ficar tensos. Seu traseiro doía como se tivesse apanhado. E seu orgulho... ah, seu orgulho doía intensamente. O que havia de errado com aquele homem? Ele a beijou, disse-lhe que a queria e então a afastou de maneira insensível? Após aturar durante um ano inteiro sua atitude hostil, Kate imaginou que deveria saber como lidar com ele. Mas hoje ela achou que talvez tivesse encontrado o lado emocional oculto dele. *Talvez*, ela pensou, *o animal endurecido tivesse um ventre macio – só para ela.* Kate não conseguiu resistir a cutucá-lo.

E ele quase arrancou o dedo dela. Tão humilhante. Como ela pôde ter interpretado tão erroneamente as intenções dele? Ela deveria ter recusado a oferta de transporte para casa e passado a noite cantando para conseguir moedas nas ruas de Hastings. Teria sido menos degradante. *Eu não sinto nada por você.* O único consolo de Kate era que Thorne iria embora de Spindle Cove em questão de semanas, e ela nunca mais teria que falar com ele. Apagá-lo de seus pensamentos seria mais difícil. Não importava o quanto ela vivesse, aquele homem seria sempre seu primeiro beijo. Ou pior, seu *único* beijo. Aquele ogro cruel e provocador.

Depois de algum tempo, eles chegaram a um trecho conhecido da estrada. As luzes dispersas da vila apareceram no horizonte, logo abaixo das estrelas prateadas. Kate riu de si mesma em silêncio. Ela deixou a vila, de manhã cedo, com o coração cheio de esperanças e sonhos tolos. E ela voltava à noite com a coluna curvada por vários tipos de humilhações e um cachorro vira-lata nos braços.

“Se você ainda está aceitando sugestões, eu o chamaria de Xugo”, disse ela quando o silêncio ficou insuportável. “Combina com ele, eu acho. Ele parece um texugo; é todo focinho e dentes, e adora uma briga.”

A resposta dele demorou a sair.

“Chame o filhote do que você quiser.”

Ela baixou a cabeça e passou o nariz no pelo do cachorrinho.

“Xugo”, ela sussurrou junto à dobra da orelha dele. “Você nunca vai recusar meus beijos, vai?”

O bichinho lambeu o dedo dela. Kate piscou para afastar uma lágrima intrusa.

Quando eles se aproximaram da igreja, no centro da vila, ela olhou para a Queen’s Ruby. Luzes cintilavam em quase todas as janelas. Aquela visão fortaleceu a chama em seu coração. Xugo começou a balançar o rabo, como se ele percebesse que a disposição dela estava melhorando. Kate tinha amigas, que estavam acordadas esperando por ela.

Thorne a ajudou a desmontar e soltou o cavalo para que ele pudesse pastar no gramado da praça.

“Você quer entrar e comer alguma coisa?”, perguntou ela.

Ele recolocou o casaco.

“É uma má ideia. Você sabe que falam de mim. Estou trazendo você bem depois de escurecer. Seu vestido está rasgado e seu cabelo uma desgraça.”

Ela estremeceu com o golpe no que restava de sua vaidade.

“Meu cabelo está uma desgraça? Desde quando? Você podia ter dito.”

Segurando Xugo com um braço, ela puxou os grampos do cabelo com a mão livre. A preocupação dele com as aparências não era infundada. Vilas pequenas são ninhos de fofoca. Ela sabia que devia manter sua reputação imaculada se quisesse continuar morando na Queen’s Ruby e dando aulas para moças de boa família que passavam o verão ali.

“Apenas me dê o cachorro, Srta. Taylor, e eu vou embora.”

Em uma reação instintiva, ela apertou o filhote junto ao peito.

“Não. Acho que não vai dar.”

“Como?”

“Nós estamos nos dando bem, eu e ele. Então vou ficar com o Xugo. Tenho certeza de que ele vai ser mais feliz assim.”

A careta de contrariedade que ele fez pareceu cortar a escuridão.

“Você não pode manter um cachorro em uma pensão”, disse Thorne. “A proprietária não vai permitir, e mesmo que permitisse, um cachorro desses precisa de espaço para correr.”

“Ele também precisa de *amor*. Afeto, Cabo Thorne. Vai me dizer que pode dar isso a ele?” Kate puxou, de brincadeira, o cangote do Xugo. “Diga-me agora mesmo que você ama este cachorro e eu o devolvo imediatamente.”

Thorne não respondeu.

“Quatro palavrinhas”, provocou ela. “‘Eu. Amo. Este. Cachorro.’ E ele é seu.”

“Ele *é* meu”, disse ele abruptamente. “Eu sou o *dono* dele. Paguei por ele.”

“Então eu lhe devolvo o que pagou. Mas não vou entregar esta criaturazinha doce e indefesa para um homem sem sentimentos, sem coração. Sem Capacidade de amar.”

Foi então que a porta da frente da Queen’s Ruby foi aberta.

A Sra. Nichols saiu correndo da pensão – o tanto que a pobre senhorinha *podia* correr. Ela agitava as mãos.

“Srta. Taylor! Srta. Taylor, oh, graças a Deus você chegou.”

“Sinto muito tê-la preocupado, Sra. Nichols. Eu perdi a carruagem para casa e o Cabo Thorne fez a gentileza de...”

“Estamos esperando há tanto tempo.” A velha senhora passou o braço pelo de Kate e a puxou na direção da porta. “Suas visitas estão aqui há horas. Já servi três bules de chá e esgotei todos os tópicos possíveis de conversa.”

“Visitas?” Kate ficou estarrecida. “Eu tenho visitas?”

A Sra. Nichols puxou seu xale para os ombros.

“São quatro pessoas.”

“*Quatro* pessoas? O que elas querem?”

“Não me disseram. Só sei que insistiram em esperar você. Já faz horas que estão aí.”

Kate parou junto à porta e raspou a lama da sola de seus sapatos. Ela não podia imaginar quem seriam aqueles visitantes. Talvez uma família querendo aulas de música. Mas *àquela* hora da noite?

“Sinto muito ter lhe dado tanto trabalho.”

“Nenhum trabalho, querida. É uma honra ter um homem tão importante e distinto na minha sala de visitas.”

Um homem? Importante e distinto?

“Posso subir e ajeitar minha aparência primeiro? Estou toda bagunçada, por causa da viagem.”

“Não, não. Não vai ser possível, querida.” A proprietária da pensão a arrastou para dentro. “Não se pode fazer um marquês esperar tanto tempo.”

“Um *marquês*?”

Enquanto a Sra. Nichols fechava a porta, Kate se virou para observar seu reflexo no espelho. Ela tomou um grande susto quando, em vez do espelho, se viu encarando os botões do casaco do Cabo Thorne.

“Pensei que você não fosse entrar”, ela disse para as lapelas dele.

“Mudei de ideia.” Quando ela finalmente ousou olhar para cima, viu Thorne cerrando os olhos, desconfiado. “Você conhece algum marquês?”, perguntou ele.

Ela balançou a cabeça.

“O homem mais importante que eu conheço é Lorde Rycliff, e ele é um conde.”

“Vou entrar com você.”

“Tenho certeza de que não é necessário. É uma sala de visitas, não um antro de criminosos.”

“Vou entrar assim mesmo.”

Antes que eles pudessem continuar discutindo, Kate se viu sendo empurrada na direção da sala. Thorne entrou logo atrás dela. Várias das hóspedes da pensão estavam pelo corredor. Elas lançaram olhares arregalados e especulativos para Kate enquanto ela passava. Quando chegaram à sala de visitas, a Sra. Nichols empurrou Kate através da porta.

“Aqui está, finalmente, a Srta. Taylor, meu lorde e minhas senhoras.”

Em seguida, a proprietária os fechou na sala. Kate pôde ouvi-la do outro lado da porta expulsando as hóspedes do corredor. Parecia que havia uma dúzia de visitantes na sala, embora uma contagem rápida mostrou a Kate que eram apenas quatro pessoas. Riqueza e elegância dominavam o lugar. E lá estava ela com um vestido sujo e rasgado. Seu cabelo não estava nem mesmo preso.

“*É* ela. *Tem* que ser ela.”

Kate engoliu em seco.

“Ahn... eu tenho que ser quem?”

Uma jovem bonita levantou de sua cadeira. Ela parecia ser alguns anos mais nova que Kate e usava um vestido impecável de musselina branca, com um xale verde-jade bordado. Quando ela chegou ao centro da sala, sua expressão era de puro assombro. A moça olhava para Kate como se estivesse vendo um fantasma, ou uma espécie rara de orquídea.

“Tem que ser você.” A garota ergueu a mão e esticou dois dedos até a marca de nascença de Kate.

Kate recuou por instinto. Ela já tinha sido chamada de *coisa ruim* e *filha do pecado* por causa daquela mancha – naquele mesmo dia. Mas naquele momento, ela se viu envolvida por um abraço caloroso e impulsivo. Preso entre as duas, Xugo latiu.

“Oh, querido.” Kate se afastou, esboçando um sorriso como pedido de desculpas. “Eu me esqueci dele.”

A jovem à sua frente riu.

“O filhotinho tem razão de protestar. Onde está minha educação? Vamos começar de novo. Primeiro as apresentações.” Ela estendeu a mão. “Sou Lark Gramercy. Como está você?”

Kate pegou a mão estendida.

“Encantada, é claro.”

Lark se virou e foi apontando para seus acompanhantes.

“Esta é minha irmã Harriet.”

“Harry”, corrigiu a moça em questão. Ela levantou de sua cadeira e apertou firmemente a mão de Kate. “Todo mundo me chama de Harry.”

Kate se esforçou para não ficar encarando a moça. Harriet, ou Harry, era a mulher mais incrivelmente linda que já tinha visto. Sem quaisquer traços de acessórios ou maquiagem, seu rosto era uma harmonia de perfeições: pele clara e luminosa, olhos grandes, lábios cor de vinho. Uma pequena pinta no alto da bochecha acrescentava um toque sensual que complementava os cílios escuros. Ela usava o cabelo preto e liso dividido do lado e puxado em um coque apertado que enfatizava a elegância de seu pescoço de cisne. E apesar de toda sua beleza feminina clássica, ela vestia o que parecia ser uma roupa de homem. Uma camisa praticamente sem babados no pescoço, um colete cortado no estilo que a maioria dos cavalheiros usava, e – o mais chocante de tudo – uma saia de lã cinza que separava as pernas, cuja bainha era vários centímetros curta *demais*.

Céus. Kate podia ver os *tornozelos* daquela mulher.

“Meu irmão Bennett está viajando pelo Indocuche, e nossa outra irmã, Calista, é casada e mora no norte. Mas trouxemos conosco a Tia Sagui.” Lark pôs a mão no ombro de uma mulher idosa que estava sentada.

Kate piscou.

“Eu ouvi bem? Você disse Tia...”

“Sagui. Isso mesmo.” Lark sorriu. “Na verdade, seu nome é Sageera, mas quando criança eu não conseguia pronunciar de modo algum. Sempre saiu Sagui, e o nome ficou.”

“Cada ano que passa eu fico mais parecida com meu nome”, disse, com espírito esportivo, a Tia Sagui.

“Sim, minha querida”, disse Harry secamente. “Eu estava mesmo reclamando, outro dia, que se tiver que tirar você de outra árvore...”

“Ah, fique quieta. Eu quis dizer que sou pequena, ágil e encantadora.” A pequena senhora esticou uma mão ossuda para Kate. Seu aperto era mais forte e caloroso do que Kate esperava. “É incrível conhecer você, minha criança.”

Antes que Kate pudesse ficar intrigada com o que a mulher queria dizer, Lark

fez a última apresentação.

“E este é nosso irmão Evan. Lorde Drewe.”

Kate se virou para o cavalheiro em pé próximo à janela. O marquês, ela supôs. Lorde Drewe fez uma reverência formal, completa, que ela tentou retribuir com sua melhor mesura. Ali estava um homem, como se dizia, no auge da vida. Bonito, confiante, experiente, e embora fosse responsável, sem dúvida, por centenas, se não milhares, de moradores de suas terras e seus dependentes, ele parecia tranquilo como se não tivesse preocupações. Kate percebeu que sentia um certo temor diante dele. Ela compreendeu, então, a agitação da Sra. Nichols.

“Nosso lar ancestral fica em Derbyshire. Mas temos uma propriedade perto de Kenmarsh”, explicou Lark. “O nome é Ambervale. Trata-se apenas de uma casa. Estamos passando o verão lá.”

“É um prazer conhecer todos vocês”, Kate sentou em uma cadeira para que o marquês fizesse o mesmo. “E vocês vieram a Spindle Cove para...?”

“Para conhecê-la, Srta. Taylor”, disse Lark, sentando perto dela. “É claro.”

“Oh. Vocês querem aulas de música? Eu ofereço cursos de canto, piano e harpa...”

Todos os Gramercy riram. Atrás dela, Thorne pigarreou.

“A Srta. Taylor teve um longo dia”, disse ele. “Certamente esse assunto pode esperar até amanhã.”

Lorde Drewe aquiesceu.

“Sua preocupação será observada, senhor...”

“Thorne.” – disse ele.

“Cabo Thorne”, acrescentou Kate. “Ele está no comando da nossa milícia.”

Ela poderia ter melhorado a apresentação, pensou Kate. ‘*Ele é bom amigo do Conde de Rycliff’*, ou ‘*Ele serviu com honra na Península, sob o comando de Wellington’*. Mas a disposição dela para com Thorne não era muito boa, no momento.

Ela ergueu Xugo.

“Ele me deu um cachorrinho.”

“E é um filhote lindo”, disse a Tia Sagui.

Lark bateu as mãos, impaciente.

“O Cabo Thorne tem razão. Está tarde demais. Harry, mostre logo a pintura.”

Harry se levantou e deu um passo à frente, segurando um volume retangular envolto em papel. Enquanto sua irmã retirava o papel de embrulho, Lark continuou falando.

“Eu precisava de um projeto de verão, sabe. Ambervale é tão quieta, e eu fico um pouco maluca sem alguma coisa para me ocupar. Então decidi vasculhar o sótão. A maioria das coisas era só louça velha. Alguns livros mofados. Mas enfiado debaixo das vigas eu encontrei esta tela embrulhada em encerado.” A voz dela ficou mais aguda de agitação. “Oh, depressa, Harry.”

Mas Harry continuou no mesmo ritmo.

“Acalme-se, queridinha.”

Finalmente ela conseguiu desembrulhar a coisa e a exibiu sob a luz.

Kate ficou boquiaberta.

“Oh, meu Deus.”

Ela cobriu a boca com a mão, horrorizada pela blasfêmia acidental. *Na frente de um marquês?* Contudo, os Gramercy não pareceram se incomodar. Ficaram todos sentados calmamente e em silêncio enquanto Harry revelava a pintura de uma mulher recostada, escandalosamente nua, enrolada em lençóis brancos e uma coberta de veludo vermelho. Seios inchados, com bicos cor de rubi repousavam como dois travesseiros em cima de uma barriga rotunda. A mulher no quadro estava, obviamente, grávida. E ela se parecia com Kate. Ela se parecia muito com Kate, a não ser por algumas diferenças nos olhos e no queixo, e pela ausência de qualquer marca de nascença. A semelhança era inquietante, assustadora e foi prontamente notada por todos na sala.

“Oh, meu *Deus*”, murmurou Kate.

Lark irradiava alegria.

“Não é linda? Quando nós a encontramos, percebemos que tínhamos que procurar você.”

“Guarde isso.” Thorne deu um passo à frente. “É indigno.”

“Desculpe-me”, respondeu Harry, orgulhosamente colocando a pintura com o nu sobre a cornija da lareira e recuando para admirá-la. “A forma feminina é linda em todos os seus estados naturais. Isto é *arte*.”

“Guarde essa coisa”, repetiu Thorne em um tom de voz baixo, ameaçador. “Ou vou jogá-la no fogo.”

“Ele só está sendo protetor”, disse Tia Sagui. “Acho encantador. Um pouco selvagem, mas encantador.”

Harry pegou o xale verde dos ombros de Lark e o colocou por cima de meia pintura, escondendo a maior parte da nudez.

“Este vilarejo antiquado. Filisteus, todos. Quando mostramos a pintura para o vigário, ele começou a gaguejar e a se coçar.”

“Você...”, Kate engoliu em seco, olhando para a pintura que era exibida

audaciosamente sobre a lareira. “Vocês mostraram isto para o *vigário*?”

“Mas é claro”, respondeu Lark. “Foi assim que nós a encontramos.”

Kate cruzou os braços à frente do peito, sentindo-se inexplicavelmente exposta. Ela se inclinou para a frente e olhou para a mulher no quadro.

“Mas não pode ser *eu*.”

“Não, Srta. Taylor. Não é você.” Soltando um suspiro longo, Lorde Drewe se levantou e falou com as irmãs: “Vocês estão fazendo uma grande confusão com isso, espero que saibam. Se ela não quiser saber de nós depois desta noite, a culpa será só de vocês.”

O que ele queria dizer com aquilo? Kate estava muito confusa com a velocidade dos acontecimentos.

O Cabo Thorne se dirigiu a todos na sala em uma voz grave, de comando.

“Dou a vocês mais um minuto para começarem a se explicar. Do contrário, não me importa que sejam lordes e damas – terão que ir embora. A Srta. Taylor está sob minha proteção e não vou admitir que seja maltratada.”

Lorde Drewe se virou para Kate.

“Vou tentar ser breve. Como minha irmã mais nova tentou explicar, eu sou o atormentado chefe deste circo ambulante. E estávamos lhe esperando, Srta. Taylor, porque acreditamos que você possa fazer parte dele.”

“Desculpe-me”, disse ela. “Parte de que, exatamente?”

Ele fez um gesto amplo com a mão, como se fosse óbvio.

“Parte desta família.”

Capítulo Cinco

A visão de Kate começou a girar. Xugo pulou para o chão, e ela não tentou detê-lo. À volta dela, os Gramercy brigavam.

“Eu disse que nós não devíamos jogar a notícia nela desse jeito.”

“Isso foi jogado em nós todos. É como se nós soubéssemos, quando começamos esta manhã...”

“Oh, céus, ela está tão pálida.”

Eles eram uma... uma *família.* Kate mal podia acreditar que ela fizesse parte daquilo. A tentação de acreditar era muito grande, e o otimismo a assaltou com facilidade. Mas ela não queria passar por boba. Primeiro Kate tinha que entender o que estava acontecendo. Enquanto o resto deles falava, Tia Sagui veio e sentou-se ao lado dela, tirando do bolso um docinho embrulhado em papel.

“Que tal uma bala apimentada, querida?”

Kate, entorpecida, pegou a bala.

“Vamos”, insistou a velha senhora. “Ponha na boca.”

Sem saber como recusar, Kate desembrulhou o confeito e o colocou na boca. *Oh... inferno.* Seus olhos ficaram cheios de água no mesmo instante. O bola de fogo açucarada queimou sua língua. Ela precisou de toda força para não cuspir aquela bala.

“Forte, não é? No começo parece que é demais. Mas com paciência, e um pouco de trabalho, você chegará na parte doce.” Tia Sagui pôs a mão no braço de Kate. “É a mesma coisa com esta família.”

Então, a velha senhora falou incisivamente com os outros.

“Todos vocês, calma.”

Todos ficaram instantaneamente quietos. Até mesmo o marquês.

“A única forma de contar isto é como uma história, eu acredito.” A mão fina e cheia de manchas de idade da Tia Sagui pegou a de Kate. “Era uma vez um homem chamado Simon Gramercy, o jovem Marquês de Drewe. Como todos os Gramercy, ele tinha tendências a paixões tempestuosas, impróprias. Os interesses

pessoais de Simon eram arte e os encantos de uma garota altamente inadequada. A filha de um arrendatário de sua propriedade em Derbyshire. Você pode imaginar?"

Kate balançou a cabeça, sua língua ainda contraída ao redor da bala picante.

"A mãe de Simon, que era viúva, ficou escandalizada. Os pais da garota a renegaram. Mas Simon não aceitava as críticas. Ele instalou um ninho de amor com sua musa em Ambervale. Eles viveram ali durante vários meses, posando e pintando alegremente e fazendo am..."

"Tia Sagui."

"Bem, depois desse retrato, acho que não seria um choque." A velha senhora continuou. "De qualquer modo, a saúde do pobre Simon começou a piorar. Na última vez em que a família teve notícias dele, Simon estava morto. Repentina e tragicamente morto. E ninguém soube o que havia acontecido com a filha do arrendatário. Parecia que ela tinha desaparecido por completo. Talvez ela também tivesse adoecido... Talvez tivesse se tornado a musa de outro homem. Ninguém sabia o que pensar. O título passou para o primo de Simon, meu cunhado. E então, quando ele morreu, passou para Evan." Ela acenou na direção de Lorde Drewe.

"Você ainda está confusa?", perguntou Lark.

"Mais tarde nós desenhamos um gráfico para você", disse Harry.

Kate ficou olhando para a pintura.

"Nós realmente nos parecemos, eu admito, mas tenho apenas vinte e três anos. E isto." Ela mostrou sua marca de nascença.

"Ah, mas essa é uma característica da família", disse Lark. "Vários dos Gramercy têm algo assim. Harry tem apenas a pinta no rosto, mas a maior parte da minha mancha está coberta pelo cabelo. A de Evan fica atrás da orelha. Mostre-lhe, Evan."

Lorde Drewe se virou, sem hesitar, para mostrar o lado de seu pescoço. Sim, ele realmente tinha uma mancha cor de vinho que desaparecia sob seu colarinho imaculado.

"Está fazendo sentido agora?", perguntou Lark. "Quando encontramos esta pintura no sótão, pensamos que devia ser da amante de Simon. Mas ninguém nunca soube que ela ficou grávida. A questão era, o que aconteceu com a criança?"

"Morta, nós pensamos", disse Harry. "Do contrário certamente saberíamos de alguma coisa. Mas Lark não conseguiu resistir à oportunidade de investigar."

Lark sorriu.

“Eu realmente adoro um mistério. Se o bebê havia nascido em Ambervale, sabíamos que devia existir algum registro de nascimento. Então fomos à paróquia local, mas lá soubemos que a igreja pegou fogo em 1782 e demorou uma década para ser reconstruída. Aconteceu um acidente envolvendo um incensário e a tapeçaria.”

Lorde Drewe pigarreou.

“Atenha-se ao essencial, Lark. Pelo bem da Srta. Taylor.”

Lark aquiesceu.

“Então, não havia registros. Durante esses anos, a paróquia ficou dividida entre as três igrejas vizinhas. Nós decidimos fazer excursões familiares, visitando uma por semana.”

“Só esta família”, disse Harry, “consideraria como diversão a busca de uma prima supostamente morta em registros mofados de paróquias.”

Lark ignorou a irmã.

“Começamos em St. Francis, a mais próxima. Não tivemos sorte lá. Esta semana tivemos que escolher entre St. Anthony in the Glen e St. Mary of the Martyrs. Eu devo admitir que estava querendo ir até St. Anthony porque gostei do som pastoral dessa paróquia, mas...”

“Nosso próprio mártir fez prevalecer sua vontade, e fomos até St. Mary.”

“Isso mesmo, ainda bem. O livro, Evan?”

Lorde Drewe mostrou um volume grande que se parecia com um registro bastante manuseado de uma paróquia. Kate ficou surpresa que tivessem permitido que o livro fosse removido da igreja. Mas Lorde Drewe provavelmente sustentava o vigário. Ela pensou que devia ser difícil não atender as solicitações do marquês local.

Ele abriu em uma página marcada, encontrou uma linha com a ponta do dedo e leu em voz alta:

“Katherine Adele, nascida em 22 de fevereiro, no ano de 1791. Pai, Simon Langley Gramercy. Mãe, Elinor Marie.”

“Katherine?” O coração de Kate começou a bater com força. “Você disse Katherine?”

Lark pulou na cadeira de empolgação.

“Sim. Nós pesquisamos os vários anos seguintes de registros, sem encontrarmos nada de morte. Nenhum batismo, também, mas nada de morte. Perguntamos ao vigário se ele sabia de alguma Katherine vivendo na região que pudesse ter a idade correta. Ele respondeu que não. Mas disse que havia recebido uma carta, não havia muito tempo.”

“Uma carta?” Xugo cheirou a canela de Kate, e ela o pegou em seu colo. “*Minha* carta?”

Ao longo dos últimos anos Kate havia tocado órgão para a missa de domingo em St. Úrsula. Ela não pedia pagamento pelo serviço. Era apenas uma gentileza. A cada semana o Sr. Keane lhe concedia uma hora no escritório do vigário. Ela escolhia uma paróquia no enorme guia de Igrejas da Inglaterra e escrevia uma carta, requisitando uma busca nos registros da paróquia por qualquer bebê do sexo feminino nascido entre 1790 e 1792, batizada com o nome Katherine, e que desde então tivesse sumido dos registros locais. Ela começou com as igrejas mais próximas de Margate e foi ampliando as buscas. Lentamente. Ao longo de semanas, meses e anos.

O vigário assinou e enviou as cartas para ela. Ele também lhe fez a gentileza de manter aquilo em segredo. A maioria dos moradores da vila teria rido por vê-la gastar tanto tempo e trabalho em algo tão infrutífero. Para eles, daria na mesma se ela tivesse gastado seu tempo colocando mensagens em garrafas e as lançado no oceano. Mas Kate não conseguia abandonar a ideia. Ela tornou o exercício da esperança, seu hábito semanal. O correio sempre trazia um “não” dolorido – ou pior, quando meses se passavam sem uma resposta, fazendo com que ela soubesse que outra oportunidade tinha sido perdida. Mas ela sempre escutava aquela voz dentro do seu coração: *Seja corajosa, minha Katie.* E agora...

Agora a bala picante da Tia Sagui tinha quase dissolvido em sua boca – e a velha senhora tinha razão. Uma doçura densa e deliciosa cobriu sua língua.

Kate a saboreou.

“Sim”, disse Lark. “Era sua carta. E eu soube, no meu coração, que a *nossa* Katherine tinha que ser você. Partimos imediatamente, viajamos a tarde toda, e chegamos aqui há algumas horas.”

“Nós mostramos isto ao seu vigário”, Harry apontou para a pintura, “e depois que ele se recuperou da pequena apoplexia, nos contou que a Srta. Kate Taylor possuía, de fato, notável semelhança com o retrato.”

“Do pescoço para cima, é claro.” Lark fez este comentário, acompanhado de um sorriso tímido, para o Cabo Thorne.

“Então, aí está, minha querida.” A Tia Sagui bateu de leve no joelho de Kate. “O conto tem um fim milagroso. Nós encontramos você. E, de acordo com todas as evidências, você parece ser a filha há muito perdida de um marquês.”

Aquelas palavras atingiram Kate como uma avalanche. Como resultado, suas emoções ficaram dispersas, congeladas. Tudo aquilo era demais. Ela tinha pais

chamados Simon e Elinor, uma data de nascimento, um nome do meio... *Se... Se* pudesse acreditar em tudo aquilo.

“Mas eu nunca morei perto de Kenmarsh”, disse ela. “Fui criada como órfã na Escola Margate até quatro anos atrás. Foi quando eu vim para cá ser professora de música.”

“E antes de Margate, onde você esteve?”, perguntou Lorde Drewe.

“Não tenho nenhuma lembrança clara, infelizmente. Eu pedi mais detalhes à diretora da escola.” Bom Deus, aquela conversa horrorosa com a Srta. Paringham aconteceu naquela mesma tarde? “Ela me disse que eu fui abandonada.”

Kate encarou a mulher no quadro. Sua *mãe*, se tudo aquilo fosse verdade. Teria ela morrido? Ou desistido de sua filha, inCapaz de cuidar da criança sozinha? Mas era evidente, pelo modo que a mão da mulher caía afetuosamente sobre a barriga rotunda, que ela amou aquela criança no seu útero. *Que incrível*, pensou Kate, imaginar que ela poderia estar naquela pintura, *dentro* dela, um feto que se contorcia e era... Amado.

“Pobrezinha”, disse Lark. “Não consigo imaginar como você deve ter sofrido. Nós não podemos desfazer esses anos todos, mas vamos fazer nosso melhor para compensá-la por eles.”

“Isso mesmo”, concordou Drewe. “Nós temos que instalar você em Ambervale o quanto antes for possível. Quando eu voltar para casa vou enviar uma criada para ajudar você com as malas.”

“Acredito que isso não será necessário.”

“Você já tem sua própria criada?”

Kate riu, atônita.

“Não. Eu não tenho tantos pertences para empacotar. O que eu quero dizer é que não é adequado que você me convide para sua casa.”

Lorde Drewe piscou.

“É claro que é adequado. É uma casa de família.”

Uma casa de família. As palavras tornaram sua respiração dolorosa.

“Mas... eu não seria um constrangimento?”

“De modo algum”, disse Harry. “Nosso irmão Bennett já detém o título de constrangimento familiar, que ele defende com entusiasmo contra todos os potenciais usurpadores.”

“Por que você iria nos constranger, querida?”, perguntou a Tia Sagui.

“Mesmo que tudo isso seja verdade... eu sou sua prima ilegítima em segundo grau, por meio da filha de um arrendatário.”

Kate esperou que o significado de suas palavras fizesse efeito. Certamente que pessoas do nível dos Gramercy não queriam relações com parentes bastardos.

“Se está preocupada com escândalo, não fique”, disse Lark. “Escândalo é o segundo nome dos Gramercy – que é acompanhado de riqueza suficiente para que ninguém ligue muito. Se aprendemos alguma lição com Tia Sagui em nossa juventude, é...”

“Cuidado com balas picantes”, disse Harry.

“Família acima de tudo”, contrapôs Lorde Drewe. “Nós podemos ser uma mixórdia de aristocratas, mas apoiamos uns aos outros em escândalos, desventuras e até no eventual triunfo.” Ele apontou para o registro da paróquia. “Simon reconheceu sua filha e lhe deu o nome da família. Então, se essa criança for você, Srta. Taylor...”

Uma pausa dramática fez o ar da sala pesar.

“...então você não é nenhuma Srta. Taylor. Você é Katherine Adele Gramercy.”



Katherine Adele Gramercy? Mas não era, *mesmo*! Thorne apertou a mandíbula. Ele não era um homem de palavras. A situação exigia eloquência, mas ele só conseguia pensar em agir. Basicamente, ele queria escancarar a porta e jogar na rua todos aqueles esquisitos aristocratas falastrões. Depois ele pegaria a Srta. Taylor nos braços e a carregaria escada acima para poder deitar e descansar, algo que ela estava precisando há horas. Suas faces estavam mortalmente pálidas. Ele iria querer deitar ao lado dela, mas não o faria. Porque ao contrário daqueles invasores presunçosos, *ele* tinha limites. Thorne tinha ouvido falar que os laços de sangue dos aristocratas era responsável por idiotia e dentes ruins. Aquela família parecia ter desenvolvido algum tipo de cólera verbal. Tudo que jorrava de suas bocas era lixo. Ele não conseguia acreditar que aquelas pessoas haviam sugerido levar a Srta. Taylor embora. Ele não conseguia acreditar que ela havia pensado em ir com eles. *Ela* tinha bom senso.

E ela prontamente mostrou isso.

“Vocês são muito gentis. Mas receio que não possa sair tão rapidamente de Spindle Cove. Eu tenho obrigações aqui. Aulas, alunas... Nosso Festival de

Verão é daqui a uma semana e pouco, e sou responsável pela música e pelas danças.”

“Oh, eu adoro uma festival.” A mais nova pulou em seu assento novamente. Ela tinha um hábito irritante de fazer aquilo, reparou Thorne.

“Não é muita coisa, mas nós nos divertimos com ela. É, principalmente, uma festa para as crianças – lá nas ruínas do castelo. O Cabo Thorne e seus milicianos também estão ajudando.” Depois de olhar com hesitação para ele, Kate continuou. “De qualquer modo, acredito que você gostaria de confirmar esta nossa... ligação... antes de me convidar para sua casa. Se descobrirmos que essas suposições estão erradas, e que eu não sou, de fato, parente de vocês...”

“Mas o retrato”, protestou a mais nova. “O registro. A marca de nascença.”

“A Srta. Taylor tem razão”, disse Lorde Drewe. “Precisamos provar que não são meras coincidências. Enviarei homens para pesquisar na escola, examinar a região em volta de Ambervale. Não tenho dúvida de que vamos encontrar facilmente a ligação entre sua infância e Margate quando começarmos a investigar.”

Thorne sabia que os homens de Lorde Drewe não encontrariam nenhuma ligação entre o registro daquela paróquia e a escola Margate. Ele poderia ter pigarreado e informado a todos exatamente onde Kate Taylor passou seus primeiros anos. E ela poderia ver o quão ansiosos eles ficariam para reivindicá-la como uma Gramercy. Uma coisa era escândalo na alta sociedade, e outra era sordidez imoral.

“A Srta. Taylor não vai a lugar algum com vocês”, disse Thorne. “Tudo o que vocês mostraram aqui foram suspeitas da identidade dela. E nós nem sabemos quem são vocês.”

A Srta. Taylor mordeu o lábio.

“Cabo Thorne, tenho certeza que...”

“Não, não”, Lorde Drewe interrompeu. “O bom cabo está absolutamente certo, Srta. Taylor. Nós poderíamos ser uma quadrilha de traficantes de escravos, ou canibais sanguinários. Ou ocultistas em busca de uma virgem para o sacrifício.”

Thorne não achava que os Gramercy eram traficantes de escravos, nem canibais e tampouco ocultistas – embora lhe parecessem uma versão bem-educada de lunáticos. E ainda que soubesse um pouco da infância de Kate Taylor, ele tinha que admitir que não podia dizer, com certeza, que eles *não* eram primos dela. Era possível, ele imaginava. Ela não nasceu naquele lugar. E ela tinha o nome certo, o ano de nascimento certo. Esses fatos, mais o retrato e a

marca de nascença eram argumentos que não seriam facilmente refutados. Ainda assim, as chances eram pequenas e ele não confiava naquela gente. Havia algo de errado neles e naquela história. Talvez eles estivessem errados quanto ao parentesco, e nesse caso a Srta. Taylor ficaria consternada e seria, possivelmente, ridicularizada. Ou, por outro lado, eles *eram* parentes dela e, por algum motivo, a esconderam pela maior parte de seus 23 anos, permitindo que definhasse em uma pobreza cruel e isolada. Eles eram negligentes, na melhor das hipóteses. Criminosos, na pior. Thorne não confiaria a eles sequer os próximos cinco minutos do tempo da Srta. Taylor, e muito menos todo seu futuro.

"Ela não irá com vocês", repetiu ele. "Eu não permitirei."

"Esclareça-me", disse friamente Drewe, "exatamente quem *você* é. Em relação à Srta. Taylor, eu quero dizer."

Thorne viu as opções diante de si, claras como uma bifurcação na estrada. Ou ele pronunciava as palavras que estavam na ponta da sua língua – palavras que ele nunca teria ousado sonhar, quanto mais pronunciar. Ou deixava a Srta. Taylor ir com os Gramercy, abrindo mão de qualquer pretensão à felicidade e segurança dela. Para sempre.

Não havia escolha, então. Ele falou...

"Sou o noivo dela", disse Thorne. "Estamos comprometidos e vamos nos casar."

Capítulo Seis

Kate estremeceu em sua cadeira. Certamente ela ouviu errado. *Comprometidos? Vamos nos casar?*

“Parabéns, querida.” A Tia Sagui apertou sua mão. “Tome mais uma balinha.”

“Sério”, disse Kate, finalmente recuperando a voz. “Eu não...”

Antes que ela pudesse concluir sua negativa, a enorme mão de Thorne pousou em seu ombro. E apertou, bastante. Era uma mensagem concisa e inconfundível: *não!*

“Ninguém mencionou que vocês estavam noivos”, disse Lorde Drewe, olhando com suspeitas para Kate e Thorne. “Nem o vigário, nem a dona da pensão...”

“Não contamos a ninguém ainda”, respondeu Thorne. “É recente.”

“Quão recente?”

“Ela aceitou hoje, no caminho de volta de Hastings.” Thorne levantou sua mão do ombro de Kate e ajeitou uma mecha de cabelo dela, sutilmente chamando atenção para seu estado.

As faces de Kate queimaram enquanto a implicação daquele gesto se espalhava pela sala e fazia erguer todas as sobrancelhas presentes.

Lark ficou entusiasmada.

“Oh, eu sabia que havia algo entre vocês dois. Por que outro motivo você chegaria tão tarde, parecendo tão...” A voz dela foi sumindo enquanto seu olhar vagou do cabelo desalinhado de Kate à barra enlameada de seu vestido. “Tão natural.”

Kate se levantou em um salto, fazendo as pernas de sua cadeira arranhar o chão.

“Cabo Thorne, posso falar com você um instante?”

Ela pediu licença com um olhar nervoso na direção dos Gramercy.

“O que você está fazendo?”, sussurrou ela, depois que Thorne a seguiu até

um canto perto do piano. Kate sabia, por experiência, que podiam conversar baixinho ali sem serem ouvidos. “Há algumas horas você me disse que não sentia... absolutamente nada por mim, e agora declara que estamos noivos?”

“Estou tomando conta de você.”

“Tomando conta de mim? Você acabou de sugerir que nós... que nós...”

“Eles já estavam pensando isso”, disse ele. “Acredite em mim. Eu trouxe você tarde da noite para casa, com aspecto de quem rolou na grama.”

“Eu...”

“E então *você* disse para eles que eu lhe dei um cachorrinho. O que mais eles iriam concluir?”

Suas faces queimaram, e ela desviou os olhos.

“Ficar corando o tempo todo também não ajuda.”

Como ela poderia evitar de corar? Seu rosto ficou ainda mais quente quando ela pensou nos dedos dele arrumando aquela mexa do seu cabelo de modo tão sugestivo.

“Nós não vamos levar isso adiante”, disse ele. “O casamento.”

“Não vamos?” No silêncio que se seguiu, Kate ficou preocupada se não teria parecido decepcionada. “Quero dizer, é claro que não vamos. Não tenho nenhuma vontade de casar com você. Vou dizer isso aos Gramercy agora mesmo.”

“Isso seria um erro.” As mãos dele a seguraram pelos ombros, impedindo-a de se mover. “Escute-me. Você está deslumbrada.”

“Eu não estou des...”

A voz dela falhou. Kate não conseguiu encontrar forças para completar sua negativa. Era claro que ela estava deslumbrada. Deslumbrada, exausta, confusa. E, pelo menos em parte, era culpa dele. Talvez em grande parte. Pelo menos Thorne não negou sua responsabilidade.

“Estamos no fim de um longo dia”, disse ele. “Você foi maltratada pela sua ex-diretora. Por aquele condutor de carroça. E eu fui o pior de todos. Então estas pessoas aparecem com um conto de fadas, os bolsos cheios de doces e riquezas. Você quer enxergar o que há de melhor neles, porque você é assim, mas eu estou lhe dizendo que algo não está certo nisso tudo.”

“O que faz você pensar assim?”

Um longo momento de hesitação.

“Eu sinto que há algo errado.”

Ela arregalou os olhos e o fuzilou.

“Você sente? Pensei que não tivesse sentimentos.”

Ele ignorou a provocação.

“Não dá para nós sabermos o que eles estão querendo”, disse Thorne. “Eles ainda não têm certeza sobre você. É uma situação de risco; você não tem um guardião ou parentes para proteger seus interesses. Assim eu tenho que fazer algo. Mas não tenho direito de zelar pelo seu bem-estar sem ter algum direito sobre você.”

Algum direito sobre você. Kate não sabia como interpretar aquelas palavras. Durante toda sua vida, ninguém jamais quis algum direito sobre ela. Agora, na mesma noite, isso acontecia duas vezes. Toda aquela situação parecia irreal. Era tarde da noite, a série de coincidências, a pura esquisitice dos Gramercy. Ela não sabia em quem ou no que podia confiar naquele momento – depois do modo tolo com que se jogou no Thorne à tarde, mas seu coração desesperado parecia a coisa menos confiável de todas. Ela precisava de um aliado. Mas *ele*?

“Você está sugerindo honestamente que nós devemos fingir estar noivos? Você e eu.”

Ele franziu o rosto.

“Eu não faço encenação, Srta. Taylor. Não haveria nenhum faz de conta. Estou propondo um noivado de verdade, para que eu possa lhe oferecer proteção de verdade. Assim que sua situação ficar mais clara, você pode me liberar.”

“Liberar você”, ela repetiu.

“Do compromisso. Uma dama pode romper um noivado a qualquer momento, e sua reputação não sofrerá com isso. Se você realmente for uma Gramercy, ninguém imaginaria que você fosse adiante com isto e se casasse comigo.”

“E se eu *não* for uma Gramercy?”

Ele arqueou uma sobrancelha.

“Ninguém iria esperar que você fosse adiante, do mesmo modo.”

Ela imaginava que não. Como toda Spindle Cove sabia, Kate e Thorne eram o equivalente social de óleo e água. Não se misturavam.

“Por que você está fazendo isso?”, perguntou Kate enquanto vasculhava o semblante duro dele em busca de pistas. “Por que você se importa?”

“Por que eu...” Com um suspiro áspero, ele a soltou. “É meu dever zelar por você, Srta. Taylor. Dentro de quinze dias vou falar com Lorde Rycliff a respeito da minha dispensa honrosa. Se eu simplesmente entregar a melhor amiga da esposa dele a um bando de estranhos suspeitos, ele pode não ser tão favorável à minha solicitação.”

“Oh”, ela exclamou. “Entendo. Isso realmente faz sentido.”

Bem, pelo menos sua resposta sem emoção, vinda de um coração duro como pedra, era algo esperado.

“Por favor, me desculpem”, disse ela, após se virar para os Gramercy. “Eu devia ter mencionado o noivado antes.” Ela pegou a mão de Thorne e tentou olhar com carinho para seus olhos. “É que a novidade é tanta... Nós não tivemos tempo nem de contar para os nossos amigos, não é...” A voz dela foi sumindo enquanto Kate se dava conta de que não sabia o primeiro nome dele.

Use um apelido carinhoso, ela disse para si mesma. *Um termo afetuoso. Querido, amado, paixão, amor. Qualquer coisa.*

“Não é, coração?”, ela concluiu, sorrindo com doçura.

Ah. Então ela viu uma rachadura no gelo que isolava aqueles olhos azuis. A mão dele ficou tensa ao redor da sua. Kate se sentiu estranhamente bem ao perceber aqueles sinais claros de que ele se sentia incomodado. De algum modo, provocá-lo fazia tudo parecer normal outra vez.

Lorde Drewe se levantou e ficou no meio da sala, irradiando nobreza e autoridade.

“Ouçam o que nós vamos fazer.”

E Kate sentiu uma confiança completa e repentina de que, qualquer coisa que Lorde Drewe dissesse em seguida, iria de fato acontecer. Mesmo que ele anunciasse que balas apimentadas fossem cair do céu.

“Srta. Taylor, estou vendo que nós a estamos pressionando. Você está organizando esse Festival de Verão e tem que cuidar de questões pessoais. E, naturalmente, sente relutância em partir quando acaba de ficar noiva.”

Ela se apoiou no braço de Thorne.

“Exato. É claro.”

“Obviamente, não podemos lhe pedir que saia de Spindle Cove neste momento.”

Ela suspirou de alívio. Graças a Deus. Lorde Drewe era um homem lúcido e compreendia a situação. Ele iria levar a família de volta a Ambervale, fazer suas investigações e depois a notificaria dos resultados. Por escrito, talvez, e não com uma visita no meio da noite.

“Você está ocupada”, continuou Lorde Drewe, “enquanto nós estamos simplesmente de férias. E não existe razão pela qual não possamos passar nossas férias aqui.”

Kate engoliu em seco.

“V-você quer dizer aqui, em Spindle Cove? Na Queen’s Ruby? Todos vocês?”

“Existe outra estalagem na vila?”

Ela negou com a cabeça.

“Mas esta não aceita homens como hóspedes”, disse Kate.

Lorde Drewe deu de ombros.

“Reparei na taverna do outro lado da praça. Certamente o proprietário deve ter um ou dois quartos para alugar. Não preciso de nada especial.”

Oh, é claro que não. Você é apenas um marquês. Aquela era uma complicação inesperada. Uma coisa era *dizer* àquelas pessoas que ela e Thorne estavam noivos. Outra era *viver* aquela mentira em Spindle Cove. Céus! Ninguém na vila iria acreditar.

“Vou conversar com a Sra. Nichols a respeito dos quartos para as mulheres, e enviar as carruagens para buscar nossos pertences imediatamente.”

“Acredito que isso não seja necessário”, disse Kate.

“Férias raramente são”, disse a Tia Sagui. “Essa é a beleza da coisa, querida.”

“Eu não quero incomodar vocês.”

“Não é incômodo. Spindle Cove é um balneário turístico para mulheres não convencionais, certo?” Lorde Drewe abriu as mãos, indicando suas irmãs e tia. “Acontece que estou com três mulheres nada convencionais, e todas vão gostar da diversão. Quanto a mim, eu conduzo todos os meus negócios por correspondência. Posso fazer isso de qualquer lugar.”

“Eu quero muito ver o Festival de Verão”, disse Lark.

“Banhos de mar me fariam muito bem”, disse Tia Sagui.

“Gostei muito da ideia de ficarmos nesta Enseada das Solteironas”, disse Harry, puxando seu colete enquanto se levantava da cadeira. “Isso vai deixar Ames com ciúmes. Que delícia.”

“Como vê, Srta. Taylor, é perfeito. Dessa forma não vamos tirar você de suas amigas, e ainda teremos tempo suficiente para nos conhecer melhor.”

“Sim, mas quanto a isso...” Kate mordeu o lábio. “Esta é uma vila pequena. Posso lhes pedir para sermos discretos quanto ao nosso potencial parentesco? Eu gostaria de manter as especulações e fofocas sob controle, no caso de... no caso de isso tudo resultar em nada.”

Ela só podia esperar que naquele exato momento não houvessem três moças de ouvido colado na porta da sala.

“Sim, é claro”, disse Lorde Drewe, que então parou para refletir. “Nós também temos uma profunda aversão à fofoca – algo que nasce do excesso de familiaridade, entristece-me dizer. Para as pessoas fora desta sala, estamos

simplesmente contratando seus serviços como professora particular de música para Lark. Está bom assim?”

Lark se colocou ao lado de Kate.

“Na verdade, aulas de música me fariam bem. Sou um desastre no piano, mas gostaria de tentar a harpa.”

O sorriso caloroso da moça tocou o coração de Kate. Assim como a anuência reconfortante de Harry, a postura confiante de Lorde Drewe e o sabor persistente da bala apimentada de Tia Sagui na sua língua. Eles eram uma família, e queriam ficar com ela. Para conhecê-la... Mesmo se aquilo só durasse alguns dias, já valeria qualquer coisa – mesmo ter que sofrer um pouco mais de constrangimento com Thorne. Ali estava um benefício para ela à cruel rejeição dele na urze. Agora ela sabia que não devia imaginar que sentimentos eram possíveis da parte dele.

“Bem”, disse Kate, passando seu sorriso reservado de um Gramercy para outro. “Eu imagino que esteja tudo resolvido.”



Resolvido. Enquanto deitava na cama, algum tempo depois, Kate sentia tudo, menos que tudo estava “resolvido”. Da última vez que dormiu naqueles lençóis, ela era órfã e solteira. Ao longo daquele dia maluco ela conseguiu acumular cinco prováveis primos, um vira-lata de estimação e um noivo temporário. “Resolvido” não descrevia seu estado. Pelo contrário. A cabeça dela zunia de empolgação, possibilidades... E aquele beijo... Mesmo depois de tudo o que aconteceu com os Gramercy, ela não conseguia esquecer daquele beijo. E isso era horrível. Ela estava fisicamente acabada e mentalmente esgotada. Kate queria desesperadamente pegar no sono. Mas toda vez que ela fechava os olhos, sentia o calor dos lábios fortes de Thorne sobre os seus. Toda. Vez. Se pelo menos ela tivesse mantido os olhos abertos durante o beijo, talvez pudesse evitar essa associação. Mas não. A ligação estava feita: olhos fechados, beijo lembrado. No instante em que suas pálpebras fechavam, seus lábios inchavam e todo o corpo latejava com uma sensação inebriante, indesejada.

Ela deveria ter se esforçado mais para ser beijada, anos atrás, para que agora a sensação não fosse uma novidade tão grande. Realmente, que garota de respeito dá seu primeiro beijo aos 23 anos? Ela nem mesmo gostava dele.

Thorne era um homem horroroso, insensível. *Pense na família,* ela advertiu a si mesma, os olhos arregalados fixos nas vigas do teto. *Pense nos aniversários em fevereiro. Pense naquela mulher descaradamente nua no quadro, tocando com amor sua barriga de grávida. Ela pode ser sua mãe.* Se era para Kate ficar deitada sem dormir, eram *esses* pensamentos que deviam mantê-la acordada. Não um beijo que nada havia significado, dado por um homem que não sentia coisa nenhuma por ela, que enxergava um noivado como uma possibilidade de resolver sua carreira. Ela não pensaria mais nele. Não *mesmo*.

Kate agarrou o travesseiro, cobriu o rosto e gritou dentro dele. Então ela apertou o mesmo travesseiro junto ao peito e o abraçou bem forte.

"Veja o jardim de flores tão lindas. Rosas abertas, orquídeas tão raras", ela sussurrou a conhecida letra da canção no escuro, deixando que a melodia a envolvesse como um cobertor. Aquela canção de ninar boba era a lembrança mais antiga que Kate tinha de sua infância. A cadência da música sempre acalmava seus nervos.

"Lírios altos e encantadores", continuou ela. "Crisântemos belos, também. Todos dançando, dançando para você."

Enquanto a última nota ecoava, seus olhos fecharam e permaneceram assim.

Ela sonhou com um beijo ardente e impetuoso, que durou a noite toda.

Capítulo Sete

“Oh, Srta. Taylor! Eu estava esperando que você viesse hoje.”

Kate congelou na entrada da loja *Tem de Tudo*. Sally Bright, vendedora e fofoqueira oficial da vila, ergueu os olhos do livro-caixa e lhe lançou um sorriso malicioso.

“Eu não estava conseguindo esperar para saber *de tudo*.”

Ah, por favor. Por favor, que aquilo não tivesse se espalhado. A própria Kate mal conseguia acreditar na conversa da noite passada com os Gramercy, e não seria Capaz de explicar a situação.

“Saber de tudo o quê?”

“Sobre você e Thorne, é claro. Srta. Taylor, você tem que me contar. Eu lhe perdoo uma linha inteira de crédito, mas quero saber de todos os detalhes. Ouvi dizer que vocês estão noivos!” A garota deu pulinhos de entusiasmo. “*Noivos!*”

Kate fechou os olhos. Ah... *Isso...* A garota queria saber a respeito dela e de Thorne. Ela também sentia dificuldade para acreditar nesse acontecimento.

“Você disse *noivos*?” Com sua visão periférica, Kate viu um chapéu rendado virar.

Kate ajustou a cesta pesada em seu braço. A Sra. Highwood, a matriarca de meia-idade, estava no canto mais distante da loja, acompanhada por sua filha mais velha, Diana.

“Quem ficou noivo?”, quis saber a mulher.

A Sra. Highwood não era nenhuma jovem, mas quando o assunto era casamento, sua audição assumia uma precisão canina. Entre o interesse voraz dela por tudo que dissesse respeito a matrimônio e o amor de Sally por fofoca... Bem, pelo menos aquilo acabaria logo.

“A Srta. Taylor e o Cabo Thorne”, Sally se apressou em informá-la. “Aconteceu ontem mesmo, quando eles voltavam de Hastings.”

“Como você ficou sabendo disso tudo?”, perguntou Kate, espantada.

“Sua nova aluna de música veio fazer compras. Lady Lark, não é? Ela veio

logo cedo comprar pó para os dentes e me contou tudo.”

A Sra. Highwood caminhou até o balcão.

“Srta. *Taylor*? Noiva do Cabo *Thorne*? Eu não consigo acreditar.”

“É verdade, Kate?”, perguntou Diana. “Devo admitir que... é uma surpresa e tanto.”

É claro que seria uma surpresa. Kate e Diana eram amigas, e ela não só nunca disse nada à mais velha das Srtas. Highwood sobre gostar do Cabo Thorne... como sempre sugeriu que o desprezava. Porque ela *realmente* o desprezava. Thorne era horroroso, frio, insensível e agora...

“É verdade”, disse Kate, estremecendo por dentro. “Nós ficamos noivos.”

Está tudo bem, ela disse para si mesma. *É apenas temporário.*

“Mas como isso foi acontecer?”, perguntou Diana.

“Foi muito repentino.” Kate engoliu em seco. “Eu fui até Hastings comprar novas partituras e perdi a última carruagem para casa. Por acaso encontrei o Cabo Thorne na rua e ele ofereceu me trazer para casa.”

“E então...?”

“Então nós paramos para descansar o cavalo perto de uma mercearia. Nós... conversamos sobre o passado e o futuro. Quando chegamos à Queen’s Ruby, de noite, estávamos noivos.” Pronto, tudo isso era verdade.

Sally fez um bico.

“Essa é a pior história de noivado que já ouvi! Você nos deve mais que isso. Ele se ajoelhou, declarou estar loucamente apaixonado por você? Vocês se beijaram?”

Kate não sabia como responder. Sim, houve um beijo. E seu primeiro beijo *deveria* ser motivo para tagarelar a respeito, empolgada, e deliciar todas as suas amigas com detalhes de tirar o fôlego. Em vez disso, ela só queria esconder sua humilhação.

“Olhe sua cara”, disse Sally. “Vermelha como uma maçã. Deve ter sido um beijo muito bom. Aquele homem não tem nada de santo. Você é uma noiva de sorte, Srta. Taylor. Já ouvi cada história...” Ela rabiscou algo no livro-caixa.

A Sra. Highwood abriu o leque e se abanou vigorosamente.

“Insuportável”, disse ela. “A saúde fraca da minha Diana tem nos confinado neste vilarejo à beira-mar, enquanto toda a Inglaterra comemora a vitória dos aliados. Aqui estamos nós, condenadas a ver as chances de um bom casamento irem embora, assim como os navios vistos de terra. E agora *até* a Srta. Taylor está noiva?”

Diana pediu desculpas a Kate com os olhos.

“Mamãe, acredito que você esteja querendo dizer que estamos empolgadas por Kate, e que lhe desejamos muita felicidade.”

“Muita felicidade”, murmurou a mulher mais velha. “Sim, a Srta. Taylor pode ter muita felicidade, mas e quanto a nós? Eu lhe pergunto, Diana, onde está a *nossa* felicidade? Onde?” Ela arrastou a última palavra como um lamento. “Todo mundo que é alguém estará em Londres neste verão. Incluindo sua irmã, que – devo lhe lembrar – se casou recentemente com um visconde.”

“Sim, mamãe. Eu me lembro.” Diana tossiu penosamente em um lenço. “É uma infelicidade que minha saúde tenha piorado de repente.”

“Você realmente está bem pálida hoje”, disse Kate.

Diana e Kate trocaram olhares de cumplicidade. O recente casamento de Minerva Highwood com Lorde Payne era o motivo por trás daquela situação. Se deixassem, a Sra. Highwood teria corrido para os recém-casados no dia em que eles chegaram a Londres, exigindo que fizessem apresentações e que organizassem bailes. Diana queria que a irmã tivesse uma lua de mel sossegada – daí o misterioso e repentino “declínio” em sua saúde.

“Vou lhe dizer uma coisa”, murmurou a matriarca, “na *minha* juventude, eu não teria deixado nem tuberculose, malária e tifo juntos me afastar das celebrações da Paz Gloriosa.”

“Mas a senhora não teria sido boa companhia nas festas”, Kate não conseguiu evitar dizer. “Tossindo e tremendo de febre.”

A Sra. Highwood lhe deu um olhar fulminante.

Nesse instante, Sally Bright fechou o livro-caixa.

“Pronto, resolvido. Agora, Srta. Taylor, conte tudo, não esconda nada.”

Mas o que Kate não pode mais esconder foi o conteúdo de sua cesta. Dentro dela, Xugo se assustou com o estalo do livro-caixa fechando, pulou da cesta de vime e começou a correr pela loja, disparando de um canto a outro.

“É uma ratazana!”, exclamou a Sra. Highwood, mostrando a agilidade de uma mulher dez anos mais nova ao escalar uma escada próxima.

“Não é uma ratazana, Sra. Highwood.”

O cãozinho correu para baixo de uma estante. Kate se abaixou e procurou embaixo dos armários.

“Xugo! Xugo, venha cá.”

“Pior ainda”, gemeu a matriarca. “É um texugo. Que tipo de mulher carrega um texugo em uma cesta? Isso é um prenúncio do fim dos tempos!”

“Eu acredito que é um cachorrinho, mamãe”, disse Diana. Agachando, ela ajudou Kate a procurá-lo. “Aonde foi parar essa coisinha linda?”

“Pobrezinho, deve estar assustado.”

“Aqui, tente isto.” Sally se juntou a elas, mostrando um pedaço de bacon que pegou em um dos tonéis do estoque. “Antes que ele deixe uma poça aí embaixo.”

Kate suspirou rapidamente e ajeitou uma mecha de cabelo que havia caído em sua testa. O cachorrinho já tinha deixado duas poças de urina em seu quarto na Queen’s Ruby. Uma no chão de madeira e outra em sua cama. Quando ela voltou do café da manhã com uma fatia de presunto e um pãozinho escondidos no bolso, a pequena fera já havia roído o cabo de seu leque e um pé da sua sapatilha mais confortável.

“Vamos lá, Xugo. Bom menino.” Kate apertou os lábios e procurou fazer ruídos que atraíssem o bichinho. O cão fungou e veio um pouco para a frente, mas não o suficiente.

Lembrando do assobio que o Cabo Thorne deu para o cachorro no dia anterior, ela apertou os lábios e deu um assobio curto, chilreante. Funcionou. O cãozinho correu para fora – uma bola peluda que se atirou em seu colo. Kate caiu de costas e soltou uma exclamação. Ela riu enquanto Xugo devorava o bacon de sua mão, e depois lambia todos os traços de gordura de seus dedos.

“Você vai me arrumar muita dor de cabeça”, ela sussurrou. “E eu não tenho coragem de brigar com você.”

Xugo sabia disso. Ele inclinou a cabeça, depois ergueu uma orelha, então contorceu o focinho e abanou o rabo. Como se estivesse dizendo, *Veja meu arsenal de gracinhas... e resista.*

“Esta pestinha querida é o Xugo”, disse ela. “Ele é o motivo pelo qual estou aqui hoje, Sally. Será que você tem alguma coisa que eu possa usar como coleira? É óbvio que não dá para carregar este malandrinho na cesta o tempo todo. Você tem pedaços de alguma coisa para ele morder? Noite passada eu o deixei destruir um exemplar de *A Sabedoria da Sra. Worthington.*”

Sally cruzou os braços.

“Eu tenho uma guia de cachorro nos fundos. Quanto a coisas para morder...” Ela pensou por um instante, então estalou os dedos. “Já sei. Que tal o velho pé de couro do Finn? Ele está usando uma prótese melhor, agora.”

Kate estremeceu com a ideia de Xugo roendo um membro humano, ainda que falso. Que macabro.

“Essa é... uma ideia... muito criativa, mas acho que vou continuar com *A Sabedoria da Sra. Worthington*. É um livro muito útil.”

A Sra. Highwood desceu da escada e examinou o cachorro.

“Onde você conseguiu esse vira-lata, afinal?”

Kate coçou rapidamente a barriga de Xugo.

“O Cabo Thorne pegou este diabinho com um fazendeiro.”

“Esse é o cachorro do Thorne?”, perguntou Sally.

“Bem, agora ele é meu.” Ela cobriu as orelhas do Xugo, para que ele não ouvisse a potencial ofensa: “É só um vira-lata que ele pegou por impulso.”

Kate sabia que não tinha como oferecer a um filhote a casa mais adequada para seu desenvolvimento, mas ela podia dar amor ao Xugo, que era o que ele mais precisava.

Sally balançou a cabeça.

“Tem certeza? Rufus me disse que o Cabo Thorne queria um cão de caça. Ele tinha feito uma encomenda especial a um criador. Esses filhotes são bem caros, pelo que entendi.”

Kate encarou o cachorro em seus braços. Valioso? Xugo? Aquela coisinha engraçada, todo comprido, com membros finos e um pelo malhado que não era liso nem crespo. Ele parecia um amontoado de topetes. Se ele fosse importante para Thorne, com certeza o cabo lhe teria dito.

“Sally, acho que você está confundindo os cachorros.”

“Pelo amor de Santa Úrsula!”, exclamou a Sra. Highwood enquanto caminhava até a vitrine. “É por isso, fiquem sabendo, que este lugar é chamado de ‘Enseada das Solteironas’. Enquanto vocês, suas cabeças de vento, ficam discutindo sobre vira-latas, há um cavalheiro andando pela rua. Um cavalheiro alto, maravilhoso, portando uma bengala bastante dispendiosa. Não detectei nenhum sinal de casamento em sua atitude.”

Diana riu.

“Mamãe, você não pode dizer se um homem é solteiro só por observá-lo na rua.”

“Mas eu posso. Minha intuição nunca me falhou.”

“O nome dele é Lorde Drewe”, disse Kate. “Ele está passando férias aqui com suas duas irmãs e a tia.” Ela prolongou o suspense por um instante a mais. “E é um marquês.”

“Um marq...” A Sra. Highwood praticamente dançou sem erguer os pés. “Um *marquês* solteiro. Oh, meus nervos. Vou desmaiar.”



Os homens da milícia de Spindle Cove *não* estavam especialmente interessados no marquês visitante. E o acréscimo de mais algumas mulheres esquisitas ao clube da Queen's Ruby era algo absolutamente rotineiro. Mas não era todo dia que eles tinham a oportunidade de provocar seu comandante.

"Noivo da Srta. Taylor?", exclamou Aaron Dawes, depois que o exercício da manhã terminou.

Thorne ignorou o comentário. Ele esticou o pescoço para um lado até estalar.

"Pensei que você tivesse ido a Hastings buscar um cão de caça", disse Dawes, "não uma esposa." O ferreiro balançou a cabeça. "Devo dizer que não esperava por essa."

"Nenhum de nós esperava por essa", disse Fosbury. "Como foi, exatamente, que você a cortejou, Cabo?"

"É de Thorne que estamos falando", disse Dawes. "Ele não corteja. Ele comanda."

"E bom humor", disse o vigário. "E bom senso."

Sim, Thorne concordou em silêncio. *Tudo isso e ainda beleza e uma boca tão apetitosa e doce que o fez passar a noite sonhando com ela e acordar com uma vara de aço rígida entre as pernas.*

"Sim, a Srta. Taylor é uma moça encantadora", disse Fosbury. Ele olhou para Thorne com curiosidade e bom humor. "Faz com que a gente se pergunte... O que ela viu em você?"

Nada. Não tem nada para ela ver.

"Chega", ele disse. "Temos muito o que fazer antes que as mulheres possam ter seu festival. Meus assuntos pessoais não são da conta de vocês."

"Não pense que estamos preocupados com *você*", disse Dawes. "Estamos preocupados com ela. A Srta. Taylor tem muitos amigos em Spindle Cove. Nenhum de nós gostaria de saber que ela foi magoada. É só isso."

Thorne praguejou em silêncio. Se todos os amigos da Srta. Taylor soubessem a verdade, iriam lhe agradecer. Ele só a estava tentando proteger de uma ameaça muito mais perigosa. Os Gramercy. Não fazia sentido que aquela família se estabelecesse tão prontamente em Spindle Cove, e muito menos que o próprio Lorde Drewe ficasse ali. Thorne só podia concluir que o marquês relutava em perder de vista a Srta. Taylor. Por que aquele homem sentia essa necessidade de proteger uma prima ilegítima de segundo grau? Matemática talvez não fosse seu forte, mas Thorne sabia quando uma conta não fechava.

"Cabo Thorne!", gritou Rufus Bright da torre. "A Srta. Taylor está subindo

pela trilha da vila.”

Thorne dispensou os homens com uma ligeira inclinação da cabeça.

“Isso é tudo. Vão ajudar Sir Lewis com o trabuco.”

Os homens reclamaram, mas obedeceram. Passaram sob o arco e caminharam até as falésias, onde Sir Lewis Finch havia erguido sua engenhoca. Os moradores de Spindle Cove murmuravam uma prece sempre que o idoso e excêntrico Sir Lewis se aproximava de um gatilho, pavio ou uma carga de pólvora – ou, neste caso, uma catapulta medieval projetada para arrasar cidades inteiras. Contudo, em vez de lançar bolas flamejantes de piche por cima de muralhas fortificadas, o único propósito daquele trabuco era arremessar melões no mar. Apenas uma demonstração para o Festival de Verão. Os mecanismos daquela arma antiga eram, aparentemente, mais sensíveis e inquietos que a parte interna da coxa de uma virgem. Muitos testes precisariam ser feitos antes que o equipamento ficasse pronto.

A sonora voz de barítono de Sir Lewis alcançou as ruínas do castelo.

“Pronto, homens! Três... Dois...”

Uma grande pancada e um ruído sibilante coincidiram com o número “um”, quando os homens soltaram o contrapeso do trabuco. A funda descreveu sua órbita ascendente, então parou de repente, enviando seu projétil na direção do mar. Na *direção* do mar. Não até lá. Pelo som de coisa se espatifando ouvido logo depois, o melão não podia ter voado mais que quinze metros antes de virar polpa nas rochas.

“Cabo Thorne?”

“Srta. Taylor.” Ela apareceu do nada, com Xugo em seus calcanhares, enquanto ele estava distraído.

“Tenho um assunto para discutir com você. Podemos conversar em particular?”

Ele a levou por baixo dos restos de um arco e ao redor de um muro de arenito. Era um lugar à parte, mas não fechado. A sala de armas não era lugar para ela, e Thorne não podia levá-la desacompanhada, de modo algum, aos seus aposentos. Se ele chegasse perto de uma cama com ela... Aquele noivado temporário poderia facilmente se tornar permanente.

Oh, Deus, olhe para ela nesta manhã. A luz do sol dava tons de carvalho ao seu cabelo e jogava fagulhas douradas em seus olhos. O esforço da subida íngreme até as falésias exibia sua figura esbelta na melhor forma. E a marca em forma de coração na têmpora... era o pior e o melhor de tudo. Ela o deixava dolorosamente consciente que Kate não era uma aparição sobrenatural, mas uma

mulher de carne e osso que esquentava em seus braços. Nada daquilo era para ele, Thorne procurou se lembrar. Nem o cabelo cuidadosamente penteado, nem as impecáveis luvas novas que davam às mãos dela a aparência de uma estrela-do-mar alvejada. O vestido azul pálido parecia mais algodão que musselina. Um arremate delicado de renda marfim emoldurava o decote baixo e quadrado. Ele não devia reparar na renda, muito menos ficar olhando para ela.

Ele desviou o olhar para o rosto de Kate.

"O que há de errado? De que você precisa?"

"Não há nada de errado. A não ser o fato de que não estou acostumada a ter um cachorrinho como companheiro de quarto."

"Está pronta para devolvê-lo, então?"

"De maneira nenhuma. Eu adoro o meu Xugo." Ela se abaixou para coçar alegremente o cachorro. "Mas como faço para que ele não mastigue as coisas?"

"Não faz. Ele nasceu para isso – perseguir animais pequenos e estraçalhá-los com os dentes."

"Nossa. Meu pequeno selvagem."

Thorne tirou do bolso um punhado de pedaços secos de pele de coelho. Ele jogou um para o cachorro e entregou o resto para ela.

"Dê isto para ele, um de cada vez. Deve durar alguns dias, pelo menos."

"Posso comprar mais disto na loja quando estes acabarem?"

"Não sei. Eu não os comprei."

Thorne esperava que Kate olhasse horrorizada para os pedaços de pele de coelho, agora que sabia de onde vinham. Em vez disso, ela o fitou com os mesmos olhos bondosos e gentis com que olhava para o filhote.

"Você tinha tudo isso preparado? Ela deve ter razão. Você dá valor a este cachorro."

"Quê? Quem deve ter razão?"

Kate guardou os pedaços de pele de coelho.

"Sally Bright me disse que..."

"Sally Bright fala demais."

"...que você tinha encomendado um cachorro de um criador. Um tipo de raça de caça superior. Ela disse que esses filhotes são caros. Cabo Thorne, se o Xugo é importante para você, eu o devolvo. Só preciso saber que ele vai ser bem cuidado."

Isso de novo, não.

"O cachorro é meu. Isso é tudo que eu preciso dizer."

"O que há de tão horrível em admitir afeto pela criatura? Eu sou uma

professora de música, como você bem sabe, e a música é apenas outra linguagem. Frases desconhecidas, com a prática, vêm com facilidade. Repita comigo, agora, devagar: 'Eu gosto do cachorro.'"

Ele não disse nada.

"Essa é uma carranca muito ameaçadora", ela provocou. "Você pratica essa careta no espelho? Aposto que sim. Aposto que você fica encarando o espelho até ele quebrar."

"Então seja uma garota inteligente e vá embora."

"Infelizmente, não posso. Eu vim até aqui para conversar em particular porque precisamos coordenar nossas histórias. A vila inteira já sabe do nosso noivado. Todo mundo fica me perguntando como aconteceu de ficarmos noivos e eu não sei o que dizer para as pessoas. Os homens não ficam lhe perguntando o mesmo? O que você responde?"

"Nada." Ele deu de ombros.

"É claro. Como eu poderia me esquecer? Ninguém espera que você fale. Afinal, você é o Cabo Taciturno. Mas é diferente com uma mu..."

Gritos do outro lado do muro os interromperam.

"Pronto, homens! Três, dois..."

Bam. Crec. Xum. Então, alguns segundos depois, *ploc*...

"Mais areia no contrapeso", gritou Sir Lewis para os homens. "Estamos quase conseguindo."

"É diferente com as mulheres", disse Kate, continuando de onde tinha parado. "Você não entende. Quando uma moça fica noiva, as outras querem saber tudo. Cada olhar, cada toque, cada palavra sussurrada. Não consigo mentir para elas, então prefiro me ater à verdade. Nós ficamos noivos ontem. Nosso primeiro beijo foi voltando de Hastings. Nós..."

Ele ergueu a mão, interrompendo-a no meio da frase.

"Espere. Você está contando do beijo para as pessoas?"

Ela corou.

"Ainda não contei, não. Mas acho que preciso. Estão todas céticas, do jeito que está. Ninguém acredita que você estava me cortejando. Porque não estava." Ela baixou o olhar para a relva. "Oh, isto é um horror. Eu nunca deveria ter concordado com essa ideia."

"Se isso está lhe causando tanta angústia, pode me liberar do meu compromisso."

Ela arregalou os olhos.

"Eu não poderia fazer isso tão rápido. Iria parecer volúvel, até mesmo

mercenária. Que tipo de mulher fica noiva de um homem à noite, e então o joga fora no dia seguinte só porque as circunstâncias mudaram?”

“Muitas mulheres fazem isso.”

“Bem, eu não sou uma delas.”

Thorne sabia muito bem que ela não era.

“Os Gramercy podem ser meus parentes”, ela continuou. “Eu quero que eles gostem de mim, e me conheçam, pelo que eu realmente sou. Não sou o tipo de mulher que casa por conveniência. Nós podemos mentir um pouco, caso contrário vou me sentir desonesta.”

Thorne franziu a testa. Estaria ela lhe pedindo que se comportasse como um pretendente realmente interessado? Ele havia tornado um hábito seu esconder a atração que sentia por ela de tal forma que não tinha certeza se conseguiria fazer o contrário.

Ele abriu a boca para falar, mas pelo muro veio outro grito:

“Pronto!”

Outra contagem:

“Três, dois...”

Outro disparo do trabuco. Dessa vez, após vários segundos de silêncio, eles ouviram o melão caindo na água ao longe.

“Melhor”, exclamou Sir Lewis. “A força está correta, mas a mira não. Preciso ajustar o mecanismo.”

“Nossas histórias...”, disse Thorne quando os homens ficaram em silêncio novamente. “Vamos fazer com que combinem, como você disse.”

“Primeiro, quais são nossos planos após o casamento? Você disse que vai para a América.”

“Eu vou para a América. Então, supõe-se que você vá comigo.”

“E nós vamos para Nova York? Boston?”

“Filadélfia, mas só para comprar suprimentos. Meu plano é reivindicar uma gleba de terra no Território de Indiana.”

“Território de Indiana?” Ela fez uma careta. “*Indiana.* Soa bem... primitivo.”

Thorne se remexeu. Através dos buracos das ruínas, ele conseguia enxergar a enseada verde-azulada, reluzente, e o Canal da Mancha mais além. Estava claro que a perspectiva de espaços amplos, abertos, não a atraía da mesma forma que a ele. Fazia algum tempo que ele planejava aquilo – ter sua própria terra. Ele carregava aquela ideia há tanto tempo que podia sentir a terra sob as unhas. Haveria solo fértil para cultivar, animais para caçar. Muita madeira para construir. Liberdade verdadeira, e a chance de construir sua vida.

“Onde nós vamos morar?”, perguntou ela.

“Eu vou construir uma casa”, disse ele.

“Como eu faria para continuar com a música? Eu não poderia parar. Não é plausível. Estamos falando de mim. Todo mundo sabe que eu nunca concordaria em casar com você, ou qualquer outro, a menos que a música fizesse parte do acordo.”

“Vou arrumar um piano para você.” Ele não fazia ideia de como poderia transportar um para o meio da floresta, mas a logística era o que menos importava.

“E as alunas?”

Ele fez um gesto impaciente com a mão.

“As crianças vão acabar aparecendo.”

“Eu ensinei filhas de duques e lordes. E agora vou ensinar filhos de pioneiros?”

“Não, eu estou falando das nossas. *Nossas* crianças.”

Ela ergueu as sobrancelhas. Passou muito tempo antes que ela dissesse:

“Oh.”

Ele não se desculpou pela insinuação.

“Estamos falando de mim. Todo mundo sabe que eu não proporia casamento a você, ou qualquer outra, a menos que sexo fizesse parte do acordo.”

As faces dela coraram. Thorne teve uma visão súbita, vívida, deles dois em uma cabana rústica feita de troncos de árvore, deitados em um colchão de palha, enrolados em uma coberta acolchoada. Nada além de calor e suor entre seus corpos. Ele envolveria sua força ao redor da suavidade dela, mantendo lá fora o frio e os lobos uivantes. O aroma do cabelo dela embalaria seu sono. Aquela imagem era quase o paraíso para ele – o que significava que era inatingível. E ele podia imaginar que ela não veria o charme desse quadro.

“E quanto ao amor?”, perguntou ela.

A cabeça dele estremeceu.

“O que tem isso?”

“Você pretende me amar? E todas essas crianças que você pretende que nós criemos? Devo acreditar que você irá rir e brincar com elas, que vai se abrir para elas e as deixar entrar nessa coisa pétrea que você chama de coração?”

Thorne a encarou. Se ele achasse que podia lhe dar essas coisas, já as teria oferecido. Meses atrás.

“Ninguém precisa acreditar que o amor está envolvido”, disse ele.

“É claro que sim. Porque *eu* preciso acreditar nisso.”

“Srta. Taylor...”

“Isto nunca vai dar certo.” Ela esfregou a testa com uma mão. “Ninguém nunca vai acreditar que eu concordei em abandonar minhas amigas, meu trabalho, meu lar e meu país. Para quê? Para cruzar o oceano e estabelecer residência em uma cabana no meio do nada, com um homem que não consegue compreender o significado de amor? Em *Indiana*?”

Ele a pegou pelos ombros, forçando-a a olhar para ele.

“Nós não combinamos, eu sei disso. Eu nunca poderia fazer você feliz. Também sei disso. Eu não estou à sua altura. O melhor que eu poderia lhe oferecer seria uma fração mirrada do que você merece. Tenho consciência disso tudo. Não precisa ficar me lembrando.”

O arrependimento suavizou os olhos dela.

“Eu sinto muito. Sinto muito. Não deveria ter dito...”

“Guarde seu pedido de desculpas. Você falou a verdade. Eu só estava concordando.”

“Não... Não posso deixar você acreditar que eu...”, ela esticou a mão na direção dele.

Santo Deus. Antes que ele pudesse se abaixar ou recuar, ou cair sobre sua espada para evitar, a mão enluvada dela estava em sua face. A palma pousou ali, quente e acetinada. Sensações sacudiram seu corpo. Quando ela falou, sua voz era baixa, mas forte.

“Você não está abaixo de mim. Eu nunca pensaria isso.”

Sim, você está abaixo dela, ele disse para si mesmo, controlando a alegria que corria por suas veias. *E nunca se atreva a imaginar que um dia estará em cima dela. Ou curvado atrás dela. Ou dentro dela enquanto ela...* Maldição. O fato de ele conseguir pensar nisso... Ele era rude, nojento. Não merecedor nem mesmo daquele leve carinho. O gesto dela nascia da culpa, e era oferecido como pedido de desculpa. Se ele tirasse vantagem daquilo, seria um demônio. Thorne sabia de tudo isso. Mas flexionou os braços assim mesmo, puxando-a para perto.

“Você se preocupou em ter magoado meus sentimentos”, murmurou ele.

Ela aquiesceu, só um pouco.

“Eu não tenho sentimentos”, disse ele.

“Eu me esqueci.”

Espantoso. Ele ficou admirado com a ingenuidade dela. Depois de tudo o que ele lhe disse, Kate se preocupava com *ele*? Dentro daquela mulher pequena e frágil havia tanto afeto que ela não conseguia evitar despejá-lo em suas alunas, seus vira-latas e brutamontes indignos. Como seria, ele imaginou, viver com

aquela estrela brilhante, incandescente, dentro do peito? Como ela fazia para sobreviver? Se ele a beijasse com paixão e a abraçasse apertado, será que um pouco desse calor passaria para ele?

"Esperem", veio um grito, ecoando vagamente à distância. "Segurem! Ainda não!"

Talvez aquela voz pertencesse à sua consciência. Ele não conseguiu lhe dar atenção. Tudo o que ele sentia era o toque dela, seu carinho, e a força bruta, vibrante, de sua própria necessidade. Ele a puxou para mais perto. Kate arregalou os olhos. Estavam maiores e mais lindos do que ele jamais tinha visto. Todo um novo mundo de possibilidades se abria naquelas pupilas escuras. E então... ela ergueu os olhos, um pouco para o lado. E abriu os lábios de espanto. Uma sombra estranha apareceu no rosto dela. Uma sombra redonda, crescendo a cada instante. Como se algum projétil estivesse se aproximando rapidamente, vindo de cima. *Jesus, não!* Thorne esteve nessa situação muitas vezes. Batalhas, cercos, escaramuças. O pensamento cessava e o instinto assumia. Suas mãos apertaram com mais força os ombros dela. Seu coração, que já trovejava, bateu mais rápido, enviando força para seus membros. A expressão "Para baixo!" projetou-se de sua garganta. Ele se jogou para a frente, envolvendo o corpo dela em seus braços e a deitando no chão... No momento em que a explosão aconteceu.

Capítulo Oito

Kate precisou de vários segundos para entender o que tinha acontecido. Num momento ela estava observando, incrédula, enquanto um objeto mergulhava do céu na direção dela. Ela permaneceu paralisada pelo simples absurdo da situação. Aquele objeto estranho, arredondado, em silhueta contra o sol, ficando maior, mais próximo e... mais verde. A próxima coisa que notou, foi que estava no chão, com o Cabo Thorne sobre ela. E eles ficaram cobertos de polpa de melão – úmida e pegajosa. Fragmentos da casca se espalharam pelo chão. Uma doçura pungente preencheu seus sentidos aguçados. Evidentemente, os ajustes de Sir Lewis no trabuco deram errado. Na verdade, nada demais havia acontecido. Ela tinha que rir. Suavemente a princípio, mas logo todo seu corpo tremia com as gargalhadas.

Thorne não compartilhou da sua alegria. Ele não se levantou nem rolou de lado. Ele a manteve em seus braços, cobrindo-a com o corpo. Seus músculos ficaram rígidos, todos eles. Quando Kate procurou seus olhos, encontrou os dois pontos azuis perdidos, sem foco. Suas narinas estavam dilatadas e sua respiração era difícil.

“Thorne? Você está bem?”

Ele não respondeu. Ela achou que ele não *podia* responder. Thorne não estava ali. Essa era a única forma que ela encontrava para descrever a situação. O corpo dele jazia sobre o dela, pesado como sacas de grão. Kate sabia que ele estava vivo, pela forma como seu coração batia contra o dela. Mas mentalmente, ele não estava ali. Thorne estava em algum outro lugar. Em algum campo de batalha arrasado e fumegante, ela imaginou, onde objetos que caíam do céu tinham uma força destruidora muito maior que um melão maduro.

Ela tocou o rosto de Thorne levemente.

“Thorne? Está tudo bem. Foi só um melão. Não estou ferida. E você?”

Ele contraiu os braços, apertando-a até Kate estremecer de dor. Thorne emitiu um ruído estranho por entre seus dentes cerrados. O som não era humano.

Cada pelo dos braços dela ficou em pé, como se fossem minúsculas bandeiras de rendição, e seu pulso martelou em suas orelhas. Kate estava realmente com medo. Por ele, e por ela também. Kate jazia frágil e indefesa debaixo de Thorne. Se ele a confundisse com um inimigo, em seu campo de batalha fantasma, poderia machucá-la de verdade. Ela acariciou o rosto dele com dedos trêmulos, e afastou o cabelo que caía sobre a testa. O cabelo dele, espesso e macio, empapado de polpa de melão, dava a Kate a sensação de tocar um potro recém-nascido. A ternura cresceu em seu coração.

"Está tudo bem. Nós estamos ilesos. Este é o Castelo Rycliff. Spindle Cove." Kate tentava manter a voz baixa e regular, com o objetivo de acalmar os dois. "Você está em casa. E sou eu com você. Srta. Taylor. Kate. Sou a professora de música, lembra? Sou sua... sou uma amiga."

Ele apertou o maxilar. Não de um jeito amistoso. Ela nunca antes teve tanta consciência da força bruta contida no corpo de um homem. Se ele quisesse, poderia quebrá-la em duas partes. Embora não de forma muito limpa, o que era mais um motivo para evitar a experiência. De algum modo, ela precisava lembrar Thorne de sua humanidade. A ternura que aqueles mesmos ossos, tendões e músculos podiam produzir.

"Sou a Srta. Taylor", ela repetiu. "Ontem você me salvou em Hastings, e depois me levou para casa em seu cavalo. Nós paramos para comer pão e... e você me beijou. Em um campo de urze, ao pôr do sol. Eu tentei me esquecer disso com toda minha força, mas não tenho pensado em outra coisa. Você lembra?"

Ela passou o polegar pelos lábios dele. A boca de Thorne relaxou um pouco e um hálito trêmulo passou pela ponta dos dedos dela. Kate pensou enxergar uma centelha de consciência voltando aos olhos dele.

"Isso", disse ela, para encorajá-lo. "Você está bem. Nós dois estamos em segurança. Sou eu."

Um tremor sacudiu o corpo dele. Thorne piscou várias vezes, e seu olhar começou a focalizar o rosto dela.

"Katie?", foi o som rouco que saiu de sua garganta.

Ela quase soluçou de alívio.

"Sim, sim. Sou eu."

Ele ficou olhando, sem expressão, para a polpa de melão esparramada no ombro dela.

"Você está ferida."

"Não, não. Estou bem. Não é sangue. Os milicianos estavam ajustando o

trabuco de Sir Lewis e houve um acidente. Você se pôs na frente do melão. Por mim.” Ela sorriu, embora seus lábios tremessem.

Ele tremia, também. Todo. Thorne não estava mais tão distante, mas ainda não tinha voltado por completo. Kate passou os dedos pelo cabelo dele, desesperada para despertá-lo totalmente. Talvez conseguisse esCapar debaixo dele, mas ela não podia deixá-lo vagando naquele mundo sombrio, com bombas e sangue e outros horrores inimagináveis.

“Estamos em segurança, agora”, sussurrou ela. “É seguro voltar. Estou aqui.” Ela esticou o pescoço e deu um beijo leve no canto de sua boca. “Eu estou aqui.”

Ela beijou novamente. E depois, outra vez. Toda vez que seus lábios se encontravam, a boca de Thorne esquentava um pouco. Ela rezou para que seu coração também estivesse esquentando.

“Por favor”, murmurou ela. “Volte para mim.”

E ele voltou. Ah, voltou. A mudança em Thorne foi rápida, abrupta. E colocou o mundo dela de cabeça para baixo. Mais uma vez, Kate se viu sem fôlego, sem entender o que tinha acontecido. A última coisa de que ela se lembrava era estar dando beijos comportados. Mas agora a língua de Thorne estava dentro de sua boca, e a de Kate parecia estar parcialmente na dele. E seus dedos estavam envoltos na desordem pegajosa que era o cabelo dele. Eles haviam se fundido. Uma criatura. E tudo que ela conseguia pensar era... *Doce. Ele é tão doce.* O aroma açucarado e pungente do melão estava em toda parte. Ela o beijava com entrega, sedenta por mais – simplesmente feliz por saber que ele estava de volta, e não em algum mundo distante. Ela ainda podia sentir todo aquele poder bruto, assustador, contido no corpo de Thorne. Só que agora ele não estava direcionado para a função de sobrevivência, mas para outro instinto básico: *desejo.*

“Katie”, ele gemeu novamente, puxando-a para mais perto. Os seios dela foram comprimidos por aquele peito largo.

Enquanto ele a beijava com intensidade, seus músculos do peito esfregavam e friccionavam os mamilos dela. A excitação era quase insuportável. Aquilo a estava deixando louca, fazendo com que se esquecesse de tudo. Thorne inseriu sua perna entre as dela, forçando suas coxas a se afastarem. Quando ele enfiou a língua em sua boca, seus quadris se projetaram contra os de Kate, liberando uma cascata sem precedentes de prazer. Ela gemeu, ansiando por mais. Então ele parou abruptamente, arfando, sem fôlego. Ele ergueu a cabeça. Praguejou.

E Kate percebeu o que não poderia ter notado, em sua tentativa obstinada de trazê-lo das sombras e mantê-lo próximo de si. Todo mundo estava olhando para

eles. Sir Lewis Finch, a milícia inteira de Spindle Cove e... Oh, céus... até o vigário! Todos acompanharam correndo a trajetória do melão. E encontraram Kate e Thorne enroscados no chão. Beijando-se como amantes. Thorne rolou para o lado, escondendo Kate da visão dos outros. Ela tentou, o melhor que pôde, desaparecer. Enquanto isso, Thorne repreendeu severamente os homens pelo acidente e mandou que voltassem ao trabalho. Depois que eles se foram, Xugo saiu de seu esconderijo e atacou Kate com o vigor de um filhote, lambendo suco de melão de seus pulsos e rosto. Thorne ficou em pé e se pôs andar de um lado para outro.

"Maldição." Suas mãos ainda tremiam um pouco. Ele as fechou em punhos. "Você está bem? Eu a machuquei?"

"Não."

"Tem certeza? Eu quero saber a verdade. Se eu a machuquei de *alguma* forma, eu..." Thorne não completou a frase.

"Estou ilesa. Juro. Mas e quanto a você?"

Ele continuou andando, e dispensou a pergunta com um gesto curto da mão. Como se o bem-estar dele próprio fosse completamente irrelevante.

"Isso... *isso* já aconteceu antes?", perguntou ela.

"Eu não estou louco", disse ele. "Se é isso o que você está pensando."

"É claro que não. Claro que não. Foi um acidente absurdo. Quero dizer, quais são as chances de isso acontecer? Um melão! Um soldado é treinado para reagir a bombas, granadas, tiros de canhão. Ninguém está preparado para um *melão*. Eu entendo completamente."

Ele parou. E não olhou para ela.

Ela fechou os olhos, frustrada consigo mesma.

"Foi uma bobagem eu dizer isso. Eu não entendo nada. Não consigo imaginar o que significa ir para a guerra." Ela se aproximou dele e tocou, hesitante, seu braço. "Mas se você quiser conversar com alguém, Thorne, sou uma boa ouvinte."

Os olhos azuis e frios dele a encararam por um longo instante, como se estivesse pensando no assunto.

"Eu nunca lhe daria esse fardo."

"Por que não? Sou sua noiva, pelo menos por enquanto."

"Continua sendo?"

Ela aquiesceu. Não havia como negar que algo havia mudado entre eles. Eles tinham sobrevivido juntos a uma batalha – ainda que fosse um combate imaginário. As batidas amedrontadas de seu coração foram reais, e também foi

verdadeiro o suor frio na testa dele. Há muito ela tinha se acostumado a pensar em Thorne como um inimigo, mas depois daquele incidente... Eles estavam do mesmo lado. Os dois unidos contra os melões do mundo. Kate sorriu. Com um golpe rápido dos dedos, ela tirou uma semente da manga dele.

“Você tem que admitir que isso resolve um problema. Agora todos eles vão acreditar no noivado.”

“Um problema resolvido, talvez. Mas vários outros foram criados.”

Ela entendeu o que ele queria dizer. Sua reputação imaculada estava manchada com polpa de melão. A menos que ela fosse mesmo uma Gramercy, e a família lhe oferecesse a oportunidade de morar fora de Spindle Cove, seria quase impossível para Kate cancelar o noivado.



Kate recusou a oferta de Thorne para acompanhá-la até sua casa e voltou apressada para a pensão. Quando ela chegou, pela entrada dos fundos, o sol do fim da manhã havia secado a umidade de seu vestido manchado. Ela subiu dois degraus de cada vez pela escada e se esgueirou em seu quarto para se lavar e trocar de roupa. Exausto por toda a agitação da manhã, Xugo se aninhou no vestido sujo e se enrolou para dormir. Depois que se arrumou, Kate desceu a escada e encontrou os Gramercy reunidos na sala. Ao entrar, ela parou repentinamente junto à porta. Oh, Deus! A pintura. Ela continuava ali, sobre a cornija da lareira. Meio coberta, pelo menos, para esconder toda a pele. Ela esperava que ninguém mais tivesse reparado naquela pintura e mais tarde, Kate a levaria para seu quarto.

“Ora, Srta. Taylor!” Lark ergueu os olhos de um livro. “Que surpresa agradável.”

Lorde Drewe, sendo o cavalheiro educado que era, ficou em pé e fez uma reverência.

“Não estávamos esperando você, ainda. Pensamos que estaria ocupada com suas aulas de música no Touro e Flor.”

“Ainda não. Eu pensei em vir e... ficar com vocês, se não se importam.”

“Não seja boba.” Tia Sagui bateu a mão num lugar desocupado no divã. “Estamos nesta vila por você, querida. Não nos importamos.”

“Mas, por favor, não me deixem interrompê-los”, disse Kate. “Fiquem à

vontade, e continuem o que estavam fazendo."

Sentada à escrivaninha, Harry riu. Ela deixou a pena de lado e salpicou a carta com talco mata-borrão.

"Não estamos ocupados de verdade. Lark está lendo tranquilamente, tia Sagui envelhece tranquilamente e eu terminei de derramar meu mau humor em uma carta contundente para Ames. Quanto a Evan..." Ela acenou na direção de seu irmão, Lorde Drewe, que havia se sentado junto ao fogo. "Evan está sentado com seus preciosos jornais agrícolas, enquanto tenta fingir que não é uma espiral de emoções fervendo."

"O quê?" Evan baixou o jornal e olhou para a irmã. "Eu não sou uma espiral de emoções fervendo."

"É claro que sim. Suas emoções fervem do mesmo modo que outros homens bebem conhaque. Um pouquinho por dia, como hábito, e mais do que o recomendado quando acha que ninguém está olhando."

Com um suspiro entediado, Lorde Drewe olhou para Kate.

"Eu tenho a aparência de um homem que está *fervendo*?"

"Não mesmo", respondeu Kate, estudando sua expressão calma e os olhos verdes impassíveis. "Você é o retrato da serenidade."

"Pronto, Harriet. Satisfeita?" Ele levantou novamente o jornal.

"Não deixe que as aparências a enganem, Srta. Taylor", sussurrou Lark. "Meu irmão apenas aparenta ser tranquilo. Ele já travou nada menos que cinco duelos em sua vida."

"Cinco duelos?"

"Ah, sim." Os olhos de Lark brilharam. Ela foi contando nos dedos enquanto falava. "Deixe-me ver... Teve um por Calista. Antes disso, três por Harry..."

Kate olhou para Harry, que vestia os mesmos colete e saia partida. A roupa parecia um traje de montaria, só que... não havia cavalos por perto.

"Meu Deus, Lady Harriet. Três?"

Harry deu de ombros enquanto dobrava e lacrava a carta.

"Foi uma temporada cheia."

"E um por Claire", Lark terminou ao chegar no dedo mínimo.

"Claire?", Kate perguntou. "Quem é Claire?"

Tia Sagui arqueou as sobrancelhas.

"Nós não falamos de Claire."

"Pelo contrário", disse Lorde Drewe por trás de seu jornal. "Vocês todas falam muito de Claire. Eu que me recuso a participar da discussão."

"Porque você prefere *ferver*", disse Harry.

“Porque não se deve falar mal dos mortos.” O tom de sua voz informou a todos que a conversa tinha terminado. Uma ajeitada vigorosa do jornal serviu de ponto final.

O silêncio que se seguiu foi constrangedor.

“Ah, querida”, disse Lark. “Eu esperava poder evitar. Mas Harry, acho melhor você contar a verdade para a Srta. Taylor.”

A verdade?

“Qual é a verdade?”, Kate perguntou. Seu coração disparou dentro do peito. Talvez Thorne tivesse razão e eles estivessem escondendo algo dela.

Harry afastou o maço de folhas e o tinteiro.

“A verdade é que... no que diz respeito a famílias aristocráticas, nós Gramercy não somos o que se pode chamar de...”

“Civilizados”, sugeriu Tia Sagui.

“Típicos”, concluiu Harry. “Isso vem da nossa infância, eu acho. Nós a passamos inteiramente no Norte, em Rook’s Fell. Uma construção antiga, enorme, com mais teias de aranha que cimento nas paredes. Nosso pai sofreu com uma doença prolongada e debilitante, e nossa mãe se dedicou a cuidar dele. Os criados não conseguiam nos controlar, e ninguém pensou nos estudos. Ninguém esperava que Evan herdasse o título, é claro. Era para ele permanecer na linha do seu pai. Então nós éramos simplesmente descontrolados, como erva daninha em um jardim. Até que a Tia Sagui veio cuidar de nós, mas já era tarde demais para os mais velhos. A não ser pela querida e doce Lark, aqui, todos nós crescemos de um modo bem distorcido.”

“Distorcido?”, Lark repetiu. “Harry, você faz isso parecer tão perverso.”

“Se Kate vai fazer parte disto, ela precisa saber. A verdade pura e simples é que nós não somos, de verdade, parte da ‘boa sociedade’. Mas somos muito ricos, com título importante, e tão absurdamente fascinantes que a alta sociedade não consegue nos ignorar.”

“Isso vai mudar”, disse Lorde Drewe. “A parte a respeito da ‘boa sociedade’. Estou determinado a dar para Lark o debute que ela merece. Falhei duas vezes na apresentação das minhas irmãs. A temporada de Harriet foi um desastre completo.”

“Somente se você julgar pelos padrões da sociedade.”

“É disso que se trata uma temporada, ser julgado pelos padrões da sociedade. E ao final da sua temporada, nós não fomos *apenas* julgados pela sociedade, mas condenados, sentenciados, ridicularizados e exilados pela maior parte da década.” Lorde Drewe dobrou seus jornais, colocou-os de lado e coçou o nariz.

“Calista nem mesmo chegou a Londres.”

“Ela não queria mesmo”, disse Lark. Para Kate, ela explicou. “Ela se apaixonou pelo Sr. Parker, o chefe dos cavalariços. Agora eles moram juntos em Rook’s Fell, de onde nós saímos este verão para lhes ceder o lugar. Calista sempre amou cavalos, e ela e Parker se dedicam à criação.”

Tia Sagui riu em silêncio. Kate se esforçou para não imitá-la.

“O quê?” Lark olhou em redor, confusa. “O que foi que eu falei?”

“Nada”, Harry lhe assegurou. “Não pense nisso, querida. Você é boa e pura, só isso.”

Lark se virou para Kate e sorriu, insegura.

“Aí está. Ser um Gramercy é estar enredado em um escândalo após o outro, pelo que parece. Você já nos despreza? Quer que vamos embora?”

“De jeito nenhum.” Ela passou os olhos pela sala. “Eu estou tão feliz que não consigo dizer o quanto. Estou encantada que vocês não sejam formais e bolorentos, pois do contrário não sei se conseguiria me encaixar. Eu me sinto no paraíso, só de ficar aqui, vendo vocês falarem, se provocarem, lerem seus jornais. Vocês não sabem o prazer que é, para mim, estar na presença de uma família. Qualquer família.”

“Nós não somos *qualquer* família”, disse Lark. “Nós podemos ser a *sua* família.”

“*Se* você nos aceitar”, disse Harry. “Mas eu não a culparia se não aceitasse.”

Kate olhou para aqueles rostos sinceramente esperançosos.

“Em toda minha vida, nunca houve algo que eu quisesse tanto.”

Mas enquanto pronunciava aquelas palavras, Kate sentiu que elas tinham o gosto levemente ácido de uma mentira. Mais cedo, naquele mesmo dia, ela quis o toque de um homem com uma intensidade feroz, primitiva. Ela quis aquilo mais que conforto, mais que família. Mais do que o ar que ela respira. Por baixo da pele, seus músculos ainda desejavam e queriam. Ela fechou os olhos e tentou afastar os sentimentos proibidos.

“Eu desejo, apenas, que haja algum modo de termos certeza.”

“Já comecei a investigar”, disse Lorde Drewe. “Mandei cartas orientando meu administrador a ir até Margate, para ver o que ele consegue por lá. Também estamos explorando outras possibilidades.”

“Seria esperar demais que você pudesse... lembrar de algo?”, perguntou Lark. “Eu não quero pressioná-la, mas nós pensamos que, talvez, depois de ter visto o retrato, e passar algum tempo com nossa família, algum detalhe esquecido pudesse ressurgir.”

“Talvez apareça algo com o tempo. Mas, de verdade, tenho pouquíssimas lembranças.” Os olhos de Kate perderam o foco. “Já tentei, tantas vezes, me lembrar. É como se eu viajasse por um corredor escuro e sem fim, que leva ao meu passado. E eu sei... apenas sei... que se pudesse abrir a porta no fim desse corredor, me lembraria de tudo. Mas eu nunca chego lá. Eu apenas ouço música de piano e tenho alguma lembrança da cor azul.”

“Talvez seja o pingente”, disse Lark. Ela pegou o quadro de cima da cornija. “Este pendurado no pescoço dela, está vendo?”

Kate olhou atentamente. Ela tinha reparado no pingente antes, mas no escuro, na noite anterior, ele parecia ser preto. De dia ela podia ver que era, na verdade, um tom profundo de azul, quase índigo. Escuro demais para ser uma safira. Lápis-lazúli, talvez?

Ela ergueu a cabeça, empolgada.

“Acredito que esse possa ser o azul que eu me lembro. Principalmente se minha mãe o usava sempre.”

“Ela devia usar”, disse Harry. “Pois usava até mesmo quando não vestia nada.”

Kate teve um sobressalto.

“Oh! E tem uma música. Uma canção sobre flores.” Ela cantou para os Gramercy toda a música, começando com ‘Veja o jardim de flores tão lindas...’ “Ela está alojada na minha memória desde sempre, mas em todos os meus anos ensinando música, nunca encontrei alguém que conhecesse essa canção. Sempre imaginei que minha mãe a cantava para mim. Algum de vocês a conhece?”

Os Gramercy balançaram a cabeça.

“Mas o fato de não conhecermos a canção não significa nada”, disse Lark. “Provavelmente nunca conhecemos sua mãe.”

Kate relaxou os ombros.

“Seria bom se essa fosse a ligação. A prova. Mas acho que era esperar demais.”

“Ter esperança, nunca é demais”, Tia Sagui afagou sua mão. “E querida, nós precisamos decidir como chamar você. Se você é da família, ‘Srta. Taylor’ não faz nenhum sentido.”

“Esse sobrenome nem é meu”, admitiu Kate. “Taylor me foi atribuído em Margate. Na verdade, eu adoraria se vocês me chamassem de Kate. Todas as minhas amigas me chamam assim.”

Embora seu nome completo fosse Katherine, ela sempre usou Kate. Parecia adequado. “Katherine” soava muito refinado e grandioso. “Kitty” evocava uma

garotinha assustada. Mas “Kate” dava a impressão de uma jovem sensível, inteligente, com muitas amigas. Ela era uma “Kate”. A não ser que para alguém, em algum lugar, uma vez ela foi “Katie”. *Seja corajosa, minha Katie.* E hoje, quando Thorne a prendeu no chão, agindo com coragem para proteger sua vida com a dele... Ainda que a ameaça fosse uma fruta Caprichosa, e não uma granada mortífera... Ele a havia chamado de “Katie”, também. Tão estranho...

“Você vai nos mostrar as paisagens da região?”, perguntou Lark. “Quero muito conhecer o antigo castelo nas falésias.”

Kate mordeu o lábio.

“Acho que é melhor deixarmos isso para amanhã. A milícia está fazendo exercícios ali. Mas eu adoraria levar vocês para conhecerem a igreja.”

“Espere um instante.” Lorde Drewe abriu a cortina. “Acredito que nossas coisas chegaram.”

Kate observou, espantada, enquanto a caravana de uma, duas... *três* carruagens parava diante da Queen’s Ruby, todas transbordando baús e valises. Elas deviam conter pertences e suprimentos suficientes para começar uma pequena colônia.

“Graças a Deus”, disse Tia Sagui. “Só me restam três balas apimentadas.”

Capítulo Nove

Thorne era um homem de hábitos. Naquela noite, depois que todos os milicianos foram embora, ele voltou a seus aposentos solitários – uma das quatro torres que compunham o reduto do Castelo Rycliff. Ele limpou a poeira do casaco de seu uniforme e deu um novo brilho às suas botas, para que estivessem prontas para o dia seguinte. Então sentou-se na mesa pequena e simples para analisar os eventos daquele dia.

Aquilo também era rotineiro. Na infantaria, ele havia servido sob o então Tenente-Coronel Bramwell, hoje Lorde General Rycliff. Após cada batalha, Rycliff se sentava com seus mapas e diários para recriar meticulosamente a ordem dos eventos. Thorne o ajudava a lembrar dos detalhes. Juntos, eles colocavam tudo diante de si. O que tinha acontecido, exatamente? Em que momento foram tomadas decisões cruciais? Onde ganharam território, perderam vidas? E o mais importante, eles se perguntavam: alguma coisa poderia ter sido feita de modo diferente, para que conseguissem um resultado mais favorável?

Na maioria dos casos, eles chegavam com segurança à mesma resposta: não. Se tivessem a chance, fariam as mesmas coisas novamente. Esse ritual silenciava quaisquer sussurros de culpa ou arrependimento. Se não fossem confrontados, esses sussurros podiam se tornar ecos – que rebateriam nas paredes do crânio de um homem, tornando-se mais altos, rápidos e perigosos ao longo das semanas, dos meses e anos. Thorne conhecia os ecos. Ele já tinha muitos deles crepitando em seu cérebro e não precisava de mais. Então, naquela noite ele se serviu de uma dose de uísque e analisou os ventos do seu conflito mais recente.

O Ataque do Melão. Ele poderia ter previsto o perigo que a Srta. Taylor corria? Thorne acreditava que não. O trabuco estava disparando, confiavelmente, na direção do mar, ainda que com variações nos níveis de força. Sir Lewis lhe disse, depois, que não conseguiria replicar aquela trajetória, mesmo que quisesse. Um acidente singular, nada mais que isso. Ele agiu corretamente ao derrubá-la? Novamente, ele não se arrependia de suas ações. Mesmo que ele

soubesse que o projétil era um melão, Thorne provavelmente teria feito o mesmo. Se a fruta estivesse menos madura, poderia não ter explodido quando fez contato. A Srta. Taylor poderia se machucar com seriedade. A cabeça de Thorne ainda latejava devido ao impacto.

Não... foi tudo que aconteceu depois. Foi ali que Thorne errou. O choque o despachou para algum outro lugar. Um local cheio de fumaça e fedor de sangue. Ele se viu rastejando na direção da voz dela. Durante quilômetros, pareceu-lhe, enquanto arranhava mãos e joelhos. Até que ele encontrou a fonte – uma poça de água clara e calma, em meio à feiura geral que refletia o rosto dela em vez do dele. Então ele baixou a boca para beber aquela paz serena e refrescante. Mas não era o bastante. Ele tinha que se banhar nela, afogar-se nela. Aquele beijo... Mesmo quando recobrou a consciência, ele não recuou. Não imediatamente, como deveria ter feito. Ele nunca se perdoaria por isso. Ele poderia ter machucado Kate de verdade. Mas, Deus. Ela foi tão carinhosa...

Ele levantou, e esvaziou rapidamente a dose de uísque. Não ajudou. Nem mesmo uma dose de lava conseguiria extinguir o gosto dela de seus lábios. Ele deixou a cabeça latejante cair para trás até se apoiar na parede irregular de pedra. Tão boa... Tão macia em seus braços. *Jesus*, Kate esteve *debaixo* dele, tão quente e viva quanto ele sabia que ela seria. Acariciando seu rosto e seu cabelo, murmurando palavras doces. A lembrança fez seu peito doer e a virilha endurecer. Bom Deus! Bom Deus!

Ele bebeu mais uma dose de uísque. Enquanto fazia força para engolir, um gemido de puro desejo e dor nasceu em seu peito. Todo uísque da garrafa não conseguiria entorpecer aquela dor. Mas ele sabia uma coisa. A luxúria terminava ali. Com aqueles estranhos e misteriosos Gramercy na história, ela precisava de proteção, e ele manter seu juízo aguçado. Caso Thorne se aproximasse demais, ele estaria arriscando perder a concentração e comprometê-la. Então não podia haver mais proximidade. Apenas o contato mínimo, essencial. Dar-lhe a mão para descer de carruagens e coisas assim. Talvez ele tivesse que oferecer o braço a ela em certas ocasiões. Mas quanto a uma coisa ele estava decidido... não haveria mais beijos. Nunca mais.

Alguém bateu com força em sua porta.

“Cabo Thorne! Cabo Thorne, saia.”

O coração de Thorne disparou em um galope. Ele enfiou os pés nas botas e se colocou em posição de sentido. Enquanto corria para a porta, pegou o casaco no gancho.

“O que foi?” Ele escancarou a porta e encontrou Rufus Bright sem fôlego, de

rosto vermelho.

Os olhos do rapaz estavam sérios.

“Senhor, sua presença é necessária imediatamente na vila.”

“Onde? O que aconteceu?”

“No Touro e Flor. E não consigo descrever, senhor. Verá quando chegar lá.”

A caminhada do castelo até a vila normalmente levava cerca de vinte minutos. E ele tinha a vantagem da descida, mas com a luz do dia enfraquecendo, era necessário cuidado com os passos. Apesar disso, Thorne diria que não haviam se passado mais do que cinco minutos quando ele chegou ao fim da trilha e entrou nas ruelas da vila. Alguns instantes depois ele cruzou a praça e abriu a porta da taverna. Maldição! Parecia que todos os moradores de Spindle Cove estavam reunidos naquele lugar. Ele viu aldeões, milicianos, moças da Queen’s Ruby. Eles pareciam peixes em uma rede; uma massa de corpos se contorcendo e abrindo as bocas.

Todos se viraram e aquietaram quando Thorne irrompeu pela porta. Ele podia imaginar por quê. Thorne estava ofegante, suando, rugindo e furioso com a urgência de saber que diabos estava acontecendo. Mas ele estava tão sem fôlego que não conseguiu fazer perguntas extensas. Apenas três palavras importavam para ele, que usou o último ar de seus pulmões para vociferá-las:

“Onde ela está?”

A multidão farfalhou e se arrumou, empurrando a Srta. Taylor para frente como se ela fosse o trigo em meio ao joio. Ele passou os olhos pelo corpo dela e depois examinou seu rosto. Ela estava inteira e não sangrava. Seus olhos estavam claros, e não vermelhos com lágrimas. Apenas isso era suficiente para fazer dela a coisa mais bonita que Thorne havia admirado. Na opinião dele, o vestido amarelo decotado, justo ao corpo, simplesmente era um estorvo. Era melhor que ela não estivesse machucada debaixo de toda aquela seda cintilante.

“Surpresa”, disse ela. “É uma festa.”

“Uma...” Ele lutou para inspirar. “Uma *festa*.”

“Isso. Uma festa de noivado. Para nós.”

Ele passou os olhos pela taverna lotada. Aquilo podia ter começado como uma festa. Mas iria terminar como o funeral de alguém.

“Não foi uma boa ideia?” Ela forçou um sorriso. “Seus milicianos que planejaram.”

“Oh, eles planejaram?”

Thorne se voltou para o bar, onde seus soldados formavam uma fila preguiçosa, precária. Eles apertavam os lábios como corneteiros, para evitar rir

alto. Ele queria matar todos. Um por um por um. Por infelicidade deles, Thorne havia deixado sua pistola no castelo. Mas tinha que haver alguma faca naquele lugar.

Kate se aproximou alguns passos. Com as inspirações profundas que fazia para retomar o fôlego, Thorne encheu seus pulmões com um aroma inebriante de limão e cravo. Aquilo o acalmou em certo sentido, e o inflamou em outro.

“Não foi ideia minha”, murmurou ela, olhando para o chão de tábuas. “Estou vendo que você ficou assustado. Desculpe-me.”

“Não estou assustado”, ele respondeu secamente.

Apenas pronto para lutar. E ela precisava parar de parecer tão aflita, ou ele consideraria seriamente atravessar a parede com o punho. Fosbury, dono da taverna e confeiteiro, veio da cozinha usando um avental bordado e segurando uma travessa grande.

“Venha, Cabo Thorne. Até você tem que festejar em algum momento. Veja, eu fiz um bolo para vocês.”

Thorne olhou para o bolo. Ele tinha o formato de um melão, com cobertura verde. Havia letras nadando na cobertura – alguma saudação ou felicitação, ele imaginou –, mas Thorne estava exausto e bravo demais para formar palavras com elas. Coroando todas as suas outras frustrações, esse último insulto ao seu orgulho foi o suficiente para fazer com que ele enxergasse tudo em vermelho.

“Tem uma mosca nele”, disse Thorne.

“Não tem, não.” Fosbury ficou ofendido.

“Tem sim. Olhe de perto. Bem no centro.”

O taverneiro baixou a cabeça e olhou bem de perto o centro do bolo. Thorne agarrou o cabelo dele e empurrou sua cabeça para baixo, esmagando a cobertura com o rosto do infeliz. O homem levantou piscando e cuspindo através de uma máscara de creme verde.

“Está vendo, agora?”, perguntou Thorne.

Uma bola grossa de creme caiu da testa de Fosbury. Ela aterrissou com um *ploft* audível. O salão todo tinha ficado em silêncio. As pessoas olhavam para ele, horrorizadas. *Qual é o seu problema?* Diziam os olhares assustados. *Somos seus vizinhos e amigos. Você não sabe como se divertir em uma festa?* Não. Ele não sabia. Ninguém nunca havia feito uma festa para Thorne. Jamais em sua vida toda. E pela forma com que todos olhavam para ele, era evidente que ninguém ousaria lhe fazer outra.

Então começou... Apenas um leve murmúrio musical, vindo da direção da Srta. Taylor. Foi ficando mais alto, ganhou força, até se tornar uma gargalhada

completa. Ela estava rindo. Rindo dele, rindo daquele bolo idiota, rindo da cara de Fosbury, coberta de creme verde. Os repiques de sua risada melodiosa, alegre, rebateram nas vigas expostas do teto e ecoaram no peito dele.

Antes que o coração de Thorne pudesse lembrar seu ritmo, todos os presentes também começaram a rir. Até Fosbury. O clima foi de sombrio a alguma cor cintilante, apenas encontrada em arco-íris e conchas marinhas. A festa era novamente uma festa. Droga! Se ele soubesse amar, para dar a Kate o que ela precisava, Thorne a tomaria para si e a manteria muito perto. Para que o provocasse com beijos e o trouxesse de volta das sombras, para rir com alegria quando ele aterrorizasse os amigos. Para fazer com que ele se sentisse quase humano de vez em quando. Se...

"Pelo amor de Deus", disse ela, ainda rindo com a mão à frente da boca. "Alguém pegue um pano para este pobre homem."

Uma empregada, rindo, passou um trapo por sobre o balcão, e Kate pegou o bolo das mãos de Fosbury para que ele pudesse limpar o próprio rosto. Kate enfiou o dedo na cobertura estragada e então sustentou o olhar de Thorne enquanto o chupava.

"Delicioso." Ela lhe estendeu o bolo. "Gostaria de experimentar?"

Deus pai! Nenhum homem conseguiria resistir àquilo. Ele tinha que fazer pelo menos aquilo. Thorne pegou – não o bolo, mas o pulso dela. Enquanto Kate olhava para ele, olhos arregalados, Thorne mergulhou o dedo dela na cobertura e o levou até sua boca. Ele chupou aquele creme doce, lambuzado, do dedo dela, e então chupou a melhor parte, que era a ponta do dedo dela, passando sua língua de baixo para cima, de cima para baixo e em volta. Da mesma forma que ele saborearia o mamilo dela, ou aquele botão escondido entre suas pernas.

Ela arfou, e ele acreditou ter ouvido prazer naquele breve som. Se Kate fosse dele, Thorne a faria reproduzir esse som todas as noites.

Ele soltou a mão dela e pronunciou.

"Delicioso mesmo."

Uma algazarra estridente veio da multidão reunida. Ela deu a Thorne um olhar de censura, e ficou com as faces vermelhas como o casaco dele. Ele deu de ombros, sem remorsos.

"É nossa festa de noivado. Só estou dando aos convidados o que eles vieram ver."

Algum tempo depois, Kate estava sentada em uma mesa no canto, com Thorne e os Gramercy. Fatias de bolo pela metade descansavam diante de cada um. Ela estava com dificuldade de participar da conversa – não apenas porque a

taverna ficou mais barulhenta após duas rodadas de bebidas, mas porque seus pensamentos estavam totalmente absorvidos por uma língua. A língua *dele*.

Naquele dia Kate tinha ganhado muita familiaridade com aquela língua, que era ágil, impertinente e tinha a Capacidade de parar em lugares que não esperava. Ela também lhe deu uma quantidade desmesurada de prazer, quando ele não a estava usando para lhe dirigir palavras ásperas. Mas naquele exato momento, talvez a língua de Thorne estivesse muito fatigada pelo esforço feito durante o dia, porque ele não a estava usando. De nenhum modo. Thorne estava sentado à mesa por meia hora, no mínimo, e não havia dito uma palavra.

“Por que você não nos conta como conheceu o Cabo Thorne”, disse Tia Sagui.

Kate olhou nervosa na direção de Thorne.

“Ah, não. É uma história entediante.”

Harry ergueu sua taça de vinho.

“Não pode ser mais entediante do que gerenciamento de propriedades e agricultura, e isso é tudo que sempre ouvimos Evan falar.”

Embaixo da mesa, Kate contorceu os dedos sobre as pernas. Ela não tinha como inventar uma história de namoro. Ela não queria mentir para os Gramercy, e a presença taciturna de Thorne do outro lado da mesa só servia para enfraquecer qualquer conto romântico que ela pudesse inventar.

“Faz um ano”, disse ela. “Tanto tempo... Falando sério, acho que eu nem conseguiria me lembrar do lugar e momento de nosso primeiro...”

“Foi aqui.”

A resposta veio de Thorne. O oráculo silencioso havia falado. A surpresa coletiva foi tanta que os copos tilintaram sobre a mesa. Mais surpreendente ainda, era que ele parecia ter mais para falar.

“Eu cheguei com Lorde Rycliff no verão passado, para ajudar a organizar a milícia local. Em nosso primeiro dia na vila, entramos nesta casa de chá.”

Lorde Drewe olhou em volta.

“Pensei que isto fosse uma taverna.”

“Era uma casa de chá na época”, explicou Kate. “Chamava O Amor-Perfeito. Mas desde o último verão o nome é Touro e Flor. Parte casa de chá, parte taverna.”

“Continue”, pediu a Tia Sagui. “Você entrou na casa de chá e...”

“E era um sábado”, disse Thorne. “Todas as moças estavam aqui para sua reunião semanal.”

“Oh”, disse Lark, empolgada. “Estou vendo para onde vai a história. A Srta.

Taylor estava tocando piano. Ou harpa.”

“Cantando. Ela estava cantando.”

“Ela canta?” Drewe olhou para Kate. “Nós temos que ver uma apresentação.”

“É raro podermos ouvi-la”, disse Thorne. “Frequentemente ela está acompanhando uma de suas alunas. Mas naquele primeiro dia, ela estava cantando.”

Com olhos sonhadores, Lark pôs a mão sob o queixo de Kate.

“E ali mesmo, naquele primeiro momento, você foi fisgado pela voz rara e celestial de Kate, além de sua beleza etérea”, disse a moça.

Kate estremeceu. *Celestial?* Lark estava exagerando demais. Com certeza ele hesitaria ao confirmar isso.

Thorne pigarreou.

“Alguma coisa assim.”

“Tão romântico...”, Lark suspirou.

De todas as palavras que Kate nunca esperaria ouvir associadas a Thorne, “romântico” estava entre as primeiras. Logo abaixo de “tagarela”, “delicado” e “coroinha”. Ela tinha que admitir; ele estava fazendo um trabalho notável ao fazer o noivado parecer crível sem recorrer a mentiras. Ele deve ter se preocupado que ela acabaria por entregar a verdade, com toda sua hesitação e seus gaguejos ao falar do assunto.

“O que ela vestia?” A pergunta veio de Lorde Drewe e parecia parte de um interrogatório, não de uma conversa amigável. Como se ele não acreditasse que Thorne estivesse dizendo a verdade.

“Lorde Drewe, já faz um ano”, intercedeu Kate, tentando pôr de lado aquela pergunta. Ela tinha sorte que os dois chegaram até ali sem nenhuma contradição. “Nem eu lembro o que estava vestindo.”

“Branco...” Thorne encarou Lorde Drewe do outro lado da mesa. “Ela usava um vestido branco de musselina. E um xale indiano com pavões bordados. E seu cabelo estava enfeitado com fitas azuis.”

“É verdade?”, Lark perguntou a Kate.

“Eu... se o Cabo Thorne está dizendo, deve ser.”

Kate lutou para esconder seu choque. Ela lembrava daquele xale. Tinha sido emprestado pela Sra. Lange. Como ela estava brava com o marido, que havia lhe dado o xale, ela deixou Kate usá-lo durante todo o verão. Mas Kate nunca imaginaria que Thorne fosse se lembrar. Muito menos das fitas azuis no cabelo, que combinavam com o xale. Kate olhou timidamente para ele enquanto a

empregada retirava os copos vazios. Será que ele foi mesmo “fisgado por ela” naquele dia, como disse Lark?

“Então ele bateu os olhos em você, aqui na casa de chá de Spindle Cove”, disse Lark, dramática, “e soube imediatamente que precisava torná-la dele.”

O rosto de Kate queimou de constrangimento.

“Não foi bem assim.”

“Você não entende nada de homens, sua tonta”, disse Harry. “Já faz um ano. O Cabo Thorne é um homem de ação. Olhe para ele. Se ele tivesse decidido a conquistá-la, teria feito isso há muito tempo.”

“Vejam, ele não gostou de mim”, disse Kate. “Não no começo. Talvez houvesse uma atração superficial, mas sem envolver grandes emoções.” Ela o observou por cima de sua taça de vinho. “Ele não sentiu nada por mim.”

“Ah, eu não acredito nisso.” Tia Sagui desembrulhou outra bala apimentada. “Acho que ele gostou muito de você, querida. E pensou que era melhor manter distância.”

Kate olhou para Thorne. Ela viu que ele a encarava com uma intensidade enervante.

“Bem?”, Lark perguntou para ele. “Minha tia acertou?”

Acertou? Kate lhe perguntou em silêncio. Ela não conseguia ler aqueles olhos azuis gélidos, mas percebeu que estava acontecendo muita coisa por trás deles. Para um homem que afirmava não sentir nada... o “nada” ia muito fundo.

“Srta. Taylor, vai manter seus novos amigos apenas para si?”

Kate estremeceu ao voltar ao presente. A Sra. Highwood estava atrás dela, acompanhada de Diana e Charlotte.”

“Apresente-nos, querida”, disse a matriarca, com um sorriso irritado.

“Mas é claro.” Ela levantou, no que foi acompanhada pelos homens da mesa. “Lorde Drewe, Lady Harriet, Lady Lark e Tia Sagui, apresento a Sra. Highwood e suas filhas Diana e Charlotte.”

“Tenho uma terceira filha”, disse, pomposa, a Sra. Highwood, “mas ela se casou recentemente. Com o Visconde Payne de Northumberland.” A matriarca se virou e fez um movimento estranho, desajeitado, com seu leque.

“Parabéns”, disse Lark, sorrindo para a mãe e suas filhas. “Nós vimos vocês na pensão, mas é um prazer ser apresentada adequadamente.”

“Sim, é claro”, disse a Sra. Highwood. “Que bênção termos uma família do seu porte em Spindle Cove. Estamos sedentas por sociedade este verão.” De novo ela se virou e fez o mesmo movimento com o leque.

“Você está tentando matar uma vespa?”, perguntou Tia Sagui.

“Ah, não.” A Sra. Highwood olhou, agitada, para um canto do salão. “Não é nada. Vocês me dão licença por um instante?”

Com Kate – e todos os Gramercy – olhando, a matriarca se virou, deu dois passos e arremessou seu leque fechado com toda força contra a cabeça de um homem desavisado.

“*Música!*”, ela praticamente rugiu. “Agora!”

O homem massageou a cabeça, ofendido, mas pegou seu violino e começou a tirar alguns acordes de música dançante. Em toda a taverna, os convidados ficaram em pé e afastaram mesas e cadeiras.

“Ora, vejam”, disse a Sra. Highwood, voltando-se para os Gramercy com um sorriso inocente. “Vai haver dança. Que surpresa agradável.”

Kate balançou a cabeça, consternada. É claro que a mulher faria qualquer coisa que pudesse para arquitetar uma dança entre sua filha mais velha e Lorde Drewe. Mas dançar não era boa ideia para Diana. Na última vez em que ela dançou com um lorde naquela taverna, sofreu um sério ataque respiratório.

“Lorde Drewe, espero que possa nos honrar com uma dança”, disse a Sra. Highwood. “Spindle Cove oferece muitas parceiras encantadoras.” Ela empurrou Diana para frente e pigarreou.

Kate começou a ficar verdadeiramente em pânico. Ela não sabia como impedir aquilo. Mesmo que não tivesse interesse, Lorde Drewe não constrangeria Diana com uma recusa e ela era tímida e amável demais para contrariar sua mãe. Kate lançou um olhar suplicante e desesperado para Thorne. Ele devia entender o que estava acontecendo, mas ao contrário dos outros envolvidos, ele não era o tipo de pessoa que deixaria a etiqueta impedi-lo de fazer o que precisava ser feito.

Levantando, ele ergueu a voz e chamou o violinista.

“Nada de dança. Não hoje.”

A música teve uma morte rápida e lamuriosa. Por todo salão, os convidados murmuraram seu descontentamento. Mais uma vez, Thorne destruía, sozinho, o espírito da festa. Somente Kate sabia a verdadeira razão, e não era grosseria, tampouco falta de compreensão. Muito pelo contrário. Havia bondade. Bondade verdadeira, borbulhando no âmago daquele homem. Mas ele não possuía modos ou charme para controlar essa qualidade. Ela apenas entrava em erupção periodicamente, à forma de um vulcão, assustando quem por acaso estivesse por perto. Fossem vizinhos que ele não deixava dançar ou solteironas de olhos lacrimosos que ele beijava nos campos de urze. Thorne lembrava da cor das fitas em seu cabelo no primeiro dia em que se viram. E não notou a essência de sua

natureza esse tempo todo.

“É claro que não podemos dançar”, disse Diana, restaurando a paz com um sorriso. “Como pudemos pensar nisso, quando ainda não fizemos um brinde ao feliz casal?”

“*É verdade!*”, alguém gritou. “Tem que haver um brinde.”

“Eu vou dizer alguma coisa. Sou o anfitrião.” Fosbury ergueu um copo onde estava, atrás do bar. “Acredito que não estarei falando nenhuma impropriedade se disser que esse noivado chegou como uma surpresa para todos em Spindle Cove.”

Kate espiou Lorde Drewe, preocupada que ele suspeitasse de que algo estava errado.

“Durante um ano”, continuou Fosbury, “nós assistimos a esses dois se oporem em todas as discussões. Eu acreditava, com muitas razões para tanto, que a Srta. Taylor havia diagnosticado que o Cabo Thorne tinha uma pedra no lugar do coração e rochas na cabeça.”

Uma onda de risos ondulou pela multidão.

“E considerando essas enfermidades”, disse o taverneiro, estendendo seu copo na direção de Thorne, “quem iria pensar que o cabo pudesse fazer uma escolha tão sábia?” Ele sorriu para Kate. “Todos nós temos um imenso carinho por você, minha querida. Acredito estar falando por toda a milícia quando digo que não deixaríamos você ficar com ninguém que valesse menos. Ou que não tivesse a Capacidade de nos mandar para a corte marcial.”

“Muito bem!”

Todos riram e beberam, e o afeto coletivo no salão formou um nó na garganta de Kate. Mas foi outra emoção que fez seu peito doer. Fosbury tinha razão. Ao longo do ano passado ela maltratou Thorne exaustivamente, na cara dele e também pelas costas, quando ele não fez nada mais do que a ignorar. Depois dessa noite, ela desconfiava que toda essa desatenção tinha sido uma tentativa desajeitada de cavalheirismo. Lá estava ela, rodeada por amigos – e possivelmente também parentes – que acreditavam que ela estava apaixonada por aquele homem. E pensando em casar com ele. Mas na verdade, ela sabia que o tinha maltratado. Ele lhe disse que não tinha sentimentos para serem magoados, mas ninguém pode ser completamente sem emoção. E se por baixo da falta de delicadeza de Thorne houvesse bondade... Que tipo de coração estaria escondido debaixo de todas aquelas negativas convictas?

Ela o observou naquele momento: braços cruzados, rosto duro, o olhar frio como gelo. Ele era uma armadura viva. Se ela prestasse bastante atenção, talvez

conseguisse ouvir rangidos enquanto ele andava. Thorne não iria contar, de bom grado, seus segredos. Se ela quisesse saber o que havia, de verdade, dentro daquele homem, teria que abri-lo para descobrir. Parecia uma proposta perigosa, que faria uma jovem inteligente e sensível – uma “Kate” – virar e sair correndo para o outro lado. Mas ela não era uma “Kate” para ele. Ele a tinha chamado de Katie. E Katie era uma garota corajosa, mesmo frente a seus medos. *Seja corajosa, minha Katie.* Sim, ela precisaria ser.

Capítulo Dez

“Eu devo dizer que é uma verdadeira decepção. Ele não tem virilidade.”

“O quê?”, perguntou Kate, rindo.

Quando elas chegaram ao lugar do piquenique, Harry colocou as mãos nos quadris, cerrou os dentes ao redor de um charuto e observou a imensa encosta verde que se elevava depois do pasto.

“Nada de virilidade.” Ela exalou uma baforada de fumaça. “E eu aqui com tantas esperanças, considerando que ele é conhecido como ‘O Homem Longo’.”

Kate trocou olhares divertidos com Lark. As duas se viraram para olhar o contorno gigantesco de um homem esculpido na colina calcária. A figura antiga dominava toda a encosta, destacando-se em linhas brancas contra o verde da vegetação.

“Ames e eu fomos ver a Cerne Abbas, em Dorset”, continuou Harry. “O gigante retratado na colina deles é magnificamente pagão. Seu rosto está transfigurado em uma careta horrorosa, e ele brande um porrete enorme com a mão. Para não falar da ereção monumental que ele ostenta.”

Lorde Drewe franziu o rosto.

“Francamente, Harriet. Chega de discursar sobre ereções. Eu nem sei por que você e Ames dão importância a isso.”

Harry olhou enviesado para o irmão.

“Trata-se de apreciação artística.” Ela apontou para a figura antiga na encosta. “Este aqui é só um contorno. Sem nenhuma expressão facial. Bem rígido e inexpressivo, não acha? E confinado, trancado entre aquelas duas linhas.”

“Acho que são bastões”, sugeriu Kate. “Então isso pode servir de consolo. Ele não está com a mesma ereção monumental do outro, mas tem *dois* bastões impressionantes.”

Harry tirou o charuto da boca e olhou chocada para ela.

“Ora, Srta. Kate *Taylor*.”

Kate viveu um momento de pura angústia. O que ela estava pensando, se soltando assim e falando tão grosseiramente? Os Gramercy eram aristocratas. Na melhor das hipóteses, ela era a parente pobre deles, e, na pior, uma completa estranha. Só porque Harry podia fazer comentários escandalosos, isso não significava que ela também podia.

Harry se virou para o irmão.

“Gostei dela. Ela pode ficar.”

“Ela *vai* ficar, goste você dela ou não.”

“Acho que você tem razão”, disse Harry. “Se bom humor fosse uma exigência para fazer parte desta família, Bennett deveria ter sido exilado anos atrás, permanentemente.”

Kate suspirou de alívio. Ela não conseguia deixar de se assombrar com a possibilidade de ser parte daquilo. Aquela seleção maluca, insensata, excêntrica e criativa de indivíduos. Eles *gostavam* dela. Agora, se pelo menos Thorne participasse... A figura pagã esculpida na colina distante participava mais ativamente da conversa do que ele. Ele havia se separado do grupo com a desculpa de levar Xugo para brincar na urze. Olhando com mais atenção, Kate achou que ele estava fazendo algum tipo de exercício de treinamento com o cachorro. Contudo, ela não conseguiu entender o que ele queria que Xugo fizesse, porque ela se distraía facilmente com as coxas dele quando Thorne se abaixava para elogiar ou corrigir o filhote.

Não era somente a forma física dele que chamava a atenção de Kate. O caráter de Thorne também era sólido. Ela sempre o considerou severo e imutável, mas desde a festa de noivado, Kate começou a reparar nas outras qualidades que o silêncio dele mascarava. Thorne era paciente, confiante, inabalável. Essas características não chamavam atenção, elas apenas, silenciosamente... existiam e aguardavam ser descobertas. Kate transformou aquilo em seu passatempo nos últimos dias. Reparar... E quanto mais ela reparava, mais ansiava para descobrir.

“Bem, essa é uma vista encantadora para um piquenique”, disse a Tia Sagui juntando-se a eles. “Eu gosto de apreciar um homem bem esculpido.”

“Ele é chamado de ‘O Homem Longo de Wilmington’, Tia Sagui.” Lark escrevia em seu diário.

“Que estranho. Eu estava com a impressão de que o nome dele era Cabo Thorne.” Tia Sagui se aproximou e pôs a mão no bolso de Kate. “Minha querida, agarre esse homem. Bem apertado, e com os quatro membros.”

Kate ficou corada.

“Não sei o que a senhora quer dizer.”

“Sabe sim, claro que sabe. Nosso gosto é parecido.”

A velha senhora retirou a mão, deixando o bolso de Kate estranhamente pesado. Cheio de balas apimentadas, ela imaginou.

“Lembre-se do que eu lhe falei”, sussurrou a Tia Sagui. “Forte! A princípio parece que você não vai aguentar, mas com um pouco de esforço, você chega na doçura.”

Kate teve que rir.

“Estou começando a adorar você, Tia Sagui. Mesmo se não for realmente minha tia.”

Ao longo dos últimos dias, Kate começou a entender os parentescos da família Gramercy. Ela sabia que Harry tinha feito uma piada, na primeira noite, mas ela fez, em segredo, um gráfico. Tia Sagui era irmã da mãe de Evan, e foi viver com a família quando o pai deles ficou doente. Portanto, a velha senhora não era uma Gramercy e não tinha nenhuma relação de sangue com Kate. Mas esse fato parecia não diminuir a vontade com que Tia Sagui se esforçava para acolhê-la com carinho, bom humor e muitas balas apimentadas.

Todos os Gramercy tinham se adaptado bem à vida em Spindle Cove. Drewe havia destacado, acertadamente, que a vila era um refúgio para mulheres não convencionais, e Harry, Lark e Tia Sagui, com certeza, atendiam a essa especificação. Elas se divertiam ao participar das atividades regulares com as outras mulheres: caminhadas no campo, banhos de mar, a preparação do festival. Mas naquele dia a família decidiu sair do programa – não apenas para satisfazer a curiosidade de Harry quanto ao ‘Homem Longo’, mas para que ficassem algum tempo só entre eles. Na vila eles mantinham a possibilidade de parentesco com Kate em segredo, mas ali podiam conversar à vontade.

Kate se aproximou, hesitante, de Lorde Drewe. Como sempre, sua presença aristocrática e seu puro esplendor masculino a intimidavam. Só as luvas dele bastavam para deixá-la encantada. Eram umas peças sem costura, de uma perfeição cor de caramelo, que protegiam mãos hábeis e elegantes.

“Alguma novidade de seus administradores?” Ela tentou sondá-lo, mas já sabia por Sally que ele havia recebido várias cartas expressas desde que chegou a Spindle Cove.

“Nenhuma informação de valor em Margate”, ele disse, pesaroso. “Nenhuma informação mesmo.”

Kate desejava apenas poder dizer que não se surpreendia.

“Mas agora estão investigando a área ao redor de Ambervale, à procura de

empregados do tempo em que Simon morou lá. Talvez um deles possa se lembrar de Elinor e do bebê.”

“Parece que é uma possibilidade.” Ainda que tênue.

Os dedos enluvados de Drewe tocaram o cotovelo de Kate, chamando sua atenção para o rosto dele.

“Eu sei que é difícil suportar essa incerteza. Para todos nós. Lark, em especial, está ficando muito afeiçoada a você. Mas acredito que hoje devemos simplesmente aproveitar o passeio.”

“Sim, é claro.”

Na planície gramada, dois criados uniformizados estavam trabalhando para erguer uma tenda com bandeirolas vermelhas que enfeitavam alegremente o céu azul. Kate começava a perceber que os Gramercy não faziam nada sem um certo grau de pompa. Das carruagens, os criados descarregaram dois balaios grandes, cheios de uma variedade de pratos salgados e bolos recém-assados, providenciados pela Touro e Flor. Aquilo podia ser um piquenique, mas não tinha nada de rústico. Enquanto ela e Lark ajudavam a desembalar e servir uma travessa de tortinhas de geleia, Kate percebeu que havia uma questão que seus gráficos não ajudaram a esclarecer.

“Quem é esse Ames de quem Harry está sempre falando? Outro primo? Amigo da família?”

“Não”, respondeu Harriet ao ouvi-las. “Não é primo e certamente não é nenhum tipo de amigo.”

“Ora, Harry”, disse Lark. “Só porque vocês tiveram um pequeno desentendimento...”

“Um *pequeno* desentendimento?” Tia Sagui zombou. “Estava mais para uma encenação sem água da Batalha de Trafalgar, com xícaras e pires disparados no lugar das balas de canhão.”

“Ames deveria ter interpretado Lorde Nelson”, respondeu Harry. “Porque ela está morta para mim desde então.”

“*Ela?*” Kate tinha imaginado um homem.

Lark suspirou e a puxou de lado.

“Quando eu e minhas irmãs éramos mais novas, a Srta. Ames foi contratada como nossa acompanhante. E agora... agora ela é simplesmente a companheira de Harriet. Companheira de vida.”

“Oh”, fez Kate. E então, mais lentamente, quando entendeu o significado das palavras: “*Oh!*”

“Eu sei que não é muito comum. Mas nada é nesta família. Você está muito

escandalizada?”

“Não, não... muito.” Embora aquela revelação a fizesse pensar sobre algumas coisas. “Mas e quanto a todos os noivados? Os duelos que Lorde Drewe travou?”

“Harry se esforçou de verdade durante sua temporada, e ela adorava o dramalhão dos pretendentes competindo por sua atenção. Mas ela nunca conseguiu ir até o fim com o casamento”, explicou Lark. “O coração dela sempre foi da Srta. Ames. Não deixe que a rabugice dela engane você. Elas se amam. Tiveram um rompimento, mas as duas sempre acabam fazendo as pazes.”

“Eu ouvi isso”, disse Harry. “E você está errada, Lark. Dessa vez nós terminamos. Se fôssemos companheiras de verdade, como você diz, ela teria me permitido acompanhá-la a Herefordshire.”

Lark inclinou a cabeça.

“Oh, Harry. Você sabe que a família da Srta. Ames não é nem de perto tão compreensiva quanto a nossa.”

Poucas famílias deviam ser, imaginou Kate.

“Eu sei disso muito bem. Eles são horríveis com ela.” Harry chutou um dos postes da tenda com o bico quadrado de sua bota. “Sempre foram, ou ela não teria precisado trabalhar como acompanhante. Se ela me deixasse ir junto, eu poderia protegê-la.”

“Tenho certeza de que ela sente muito a sua falta”, disse Lark.

Harry olhou para o horizonte e soltou um suspiro.

“Vou passear. Talvez a virilidade do ‘Homem Longo’ seja constrangedoramente pequena, e apenas visível durante uma inspeção mais próxima.”

Enquanto Harry começava a cruzar o pasto, suas pernas se movimentando livremente graças à saia dividida, Kate a observou com uma pontada de tristeza. Era óbvio que estar separada de quem ela amava a fazia sofrer. E o que angustiava Harry também afligia Kate, que estava sinceramente começando a gostar daquelas pessoas. Perdê-los agora acabaria com ela.

Como se soubesse que o ânimo de Kate precisava de uma força, Xugo veio em disparada pela campina e atacou a saia de Kate com suas patas enlameadas, cheirando todos os refrescos e sufocando-a com beijos deliciosamente frios e úmidos. Thorne chegou logo depois, mas não ofereceu patas nem beijos. Uma decepção e tanto.

Tia Sagui bateu no ombro de Kate e apontou em uma direção.

“Ali adiante tem uma igreja pitoresca. Reparei nela quando chegamos, mas não consegui ver o nome. Você pode satisfazer minha curiosidade, Kate? Cabo

Thorne", acrescentou ela, "por gentileza, acompanhe-a."

Kate sorriu e se levantou, feliz por ter uma desculpa para caminhar com ele. Ela pôs algumas tortinhas de carne no bolso, para Xugo, e os três saíram andando pelo campo na direção da igreja. Uma vez que estava longe o bastante, Kate disse, com delicadeza:

"Você poderia tentar ser mais sociável, sabe."

Ele emitiu um som rude.

"Eu nunca sou sociável."

Verdade, ela pensou.

"Por que você detesta tanto os Gramercy?"

"Estou tomando conta de você." Ele olhou por sobre o ombro para o grupo junto à tenda. "Tem algo de errado nessa gente."

"Eles são diferentes, concordo com você. Mas é apenas excentricidade. É o que os torna tão divertidos, interessantes e cativantes. É o que me dá esperança de que eles possam me aceitar e amar. Eles dão mais valor aos laços de família do que a escândalos, discórdias, convenções. Só porque são um pouco extravagantes, não vejo motivo para suspeitas."

"Eu vejo. Não acredito neles nem na história que contaram."

"Por que não?", disse ela, magoada. Quanto mais agitada ficava, mais rápido ela caminhava. Àquela altura, já iam bem depressa na direção da igreja, e Xugo teve que correr para alcançá-los. "Você acredita que eu não tenho jeito de ser parente de lordes e damas?"

Ele parou, se virou e a encarou com um olhar intenso.

"Se eu não tivesse passado esse último ano pensando em você como uma dama, prometo que as coisas seriam diferentes entre nós."

O rosto dela ficou quente. Outras partes dela também esquentaram. Fazia dias que ela não ficava assim tão perto dele, e agora... Ele era tão lindo que doía. Para um homem com tão pouca elegância e nenhum trato social, ela via que Thorne estava sempre com a roupa imaculada, fosse o uniforme completo ou o que estava vestindo naquele dia – calça bem cortada e passada, e um casaco escuro simples que ficava bem alinhado sobre seus ombros largos. Nada era exagerado, apenas correto. Era como se o tecido não ousasse amarrotar na presença dele. Nenhum botão teria coragem de sair de formação. Seus sapatos tinham um brilho que poderia cegar. E o rosto dele... Fazia quase uma semana que Thorne a havia levado de Hastings para casa, e sempre que olhava para ele, achava que seu rosto tinha um grau inexplicável, insuportável, de beleza.

"Você precisa tornar isso tão difícil?", perguntou Kate. "Você deve saber que

estou muito nervosa por causa dos Gramercy. Eles têm sido gentis. Eu quero ser franca e honesta, mas tenho medo de deixar minha esperança voar muito alto. Não sei qual é meu lugar no meio deles, e isso já é bem difícil sem me sentir confusa a seu respeito, também. Estou sendo puxada em direções demais."

"Eu não estou puxando você para lugar nenhum. Só estou ficando perto para cuidar de você, sem interferir."

"É claro que está interferindo. Você interfere com a minha respiração, seu homem provocador. Não posso simplesmente ignorar você, Thorne. Nunca fui Capaz de ignorá-lo, nem mesmo quando não gostava de você. Agora sou um boneco cujas cordas você controla, que balança toda vez que você se mexe ou fala. Um minuto você não está me dando a mínima atenção, e no outro... você fica me encarando como está fazendo agora. Como se fosse um animal faminto, voraz, e eu..."

Ele apertou o maxilar.

Kate engoliu em seco e concluiu, sussurrando:

"E eu fosse o seu maior desejo."

Ele exalou de forma prolongada e medida. Uma demonstração impressionante de autocontrole.

"Bem?", ela disse. "Você não pode negar. Existe algo entre nós."

"Não existe muita coisa *entre* nós, e esse é o perigo. Você não tem um vestido comportado em seu guarda-roupa? Pelo amor de Deus, olhe só esse vestido!"

Kate olhou para baixo. Ela vestiu seu melhor traje de passeio para o passeio com os Gramercy – um vestido de seda cinzento, de segunda mão, que ganhou de presente. Os tons eram bem comportados, e as mangas longas demais para o verão. Mas pela direção do olhar de Thorne, Kate imaginou que ele havia se interessado pela fileira de laços que descia pela frente do seu corpete e unia duas partes de seda cinza por cima de um corte estreito de renda branca. Tudo aquilo fazia parte do desenho do vestido, é claro, mas o traje era inteligentemente costurado para criar a ilusão de que apenas alguns laços estavam entre a decência e um estado de nudez.

"Você parece um presente", disse ele, com a voz áspera. "Toda embrulhada para outra pessoa. Um homem não consegue olhar para você sem pensar em soltar esses laços, um por um."

"São laços falsos", ela gaguejou. "Eles são costurados."

O olhar dele não saiu do corpete. Examinando, imaginando.

"Eu poderia rasgar todos com meus dentes."

E depois o quê? Uma parte tonta dela desejou perguntar. Eles ficaram parados assim, um encarando o outro sem dizer nada. A respiração pesada, imaginando demais. Até que Xugo começou a focinhar os sapatos deles, impaciente para continuar. Eles não podiam ficar ali parados, o dia todo olhando um para o outro. Não importava o quanto excitante era aquilo.

"É só uma coisa física", disse ele, continuando a andar. "Vai passar. Você logo vai poder me dispensar."

Teria sido reconfortante acreditar naquilo, mas Kate não ficou convencida.

"Eu preciso saber uma coisa de você", disse ela quando se aproximaram da igreja. "Lark está sempre me fazendo perguntas sobre você. Sobre nós. E não sei como responder. Para começar, quando é seu aniversário?"

"Não sei."

Kate sentiu uma pontada de tristeza por ele, mas ela tinha sobrevivido sem um aniversário de verdade por 23 anos.

"Qual é sua cor favorita?"

Ele olhou de soslaio para o vestido dela.

"Cinza."

"Fale sério, por favor. Sou sua noiva, ainda que temporariamente, e não sei nada de você. Nada da sua família, da sua história, da sua infância..." E depois da festa de noivado, Kate percebeu que ele estava prestando bastante atenção nela.

"Não há nada para contar."

"Não pode ser verdade. Eu fui criada em uma escola para garotas miseráveis, e mesmo eu tenho histórias divertidas de quando era criança. Certo dia, quando era minha vez de ajudar na cozinha, eu decidi ser criativa com os temperos da sopa do nosso jantar. Sem querer, eu virei o vidro inteiro de pimenta no caldo, e fiquei com muito medo de assumir o erro. E então chegou a hora do jantar, e eu também não consegui falar nada. Nunca vou esquecer da imagem dos meus colegas e das minhas professoras tomando aquela primeira colherada de sopa..."

Ela começou a rir.

"Ah, aquilo me causou tantos problemas. Todo mundo foi para a cama com fome, é claro. Fizeram com que eu ficasse dias copiando os Provérbios."

Ela ficou esperando que ele desenterrasse alguma história semelhante de tolice infantil. Todo mundo deve ter pelo menos uma. *Todo mundo.* Mas ela esperou em vão. Antes que Kate pudesse lhe fazer outra pergunta, Xugo repentinamente ficou atento. Suas orelhinhas engraçadas ficaram em pé, apontando para o céu como dois campanários gêmeos. Então elas baixaram e ele

disparou como um relâmpago, correndo na direção da igreja.

“Xugo, espere”, ela chamou, e se apressou atrás do filhote.

Thorne a acompanhou com passos largos e tranquilos.

“Não o chame de volta. Ele viu uma lebre ou ratazana, provavelmente. Perseguir é o que ele foi criado para fazer.”

O cachorro correu para o pequeno átrio entre os edifícios principais. Ficou claro que a presa esCapou através de um pequeno buraco no pé do muro de pedra. Xugo se esgueirou pela fenda e desapareceu de vista.

“Droga”, disse Kate, sem fôlego. “Vamos ter que dar a volta.”

“Por aqui.”

Eles rapidamente rodearam a circunferência do pequeno cemitério, até chegarem a um portão de ferro fundido. Thorne o abriu e ela o atravessou correndo, entrando na confusão que era o átrio de paredes altas. Lápides e estátuas sujas e desgastadas, inclinadas em vários ângulos, parecendo fileiras de dentes tortos e podres.

“Xugo! Xugo, onde você está?” Kate começou a percorrer uma fileira de lápides, abaixando-se e vasculhando o chão irregular. Lembrando da torta de carne no bolso, ela a pegou e estendeu, como isca. “Aqui, querido. Eu tenho um belo prêmio para você.”

Thorne contornou a laje de um sepulcro acima do solo, e parou no centro do átrio. Então, ele assobiou. Depois de um curto instante, Xugo surgiu correndo de trás de uma lápide caída.

“Graças a Deus. Ele pegou alguma coisa?” Kate estava quase com medo de olhar.

“Não. Mas tudo bem. Da próxima vez ele vai correr mais rápido.”

Havia orgulho de verdade na voz dele. E afeição verdadeira no modo como ele coçou o dorso e as orelhas do cachorro. Ele *devia* gostar de Xugo, apesar de todas as suas negativas. Thorne era muito mais complexo do que permitia que os outros vissem. Naquele instante eles estavam escondidos dos Gramercy, das fofocas de Spindle Cove... do resto do mundo real. Aquela podia ser a única oportunidade que Kate teria.

“Conte alguma coisa”, pediu Kate. “A profissão do seu pai, ou os nomes dos seus irmãos. A casa em que você foi criado. Um amigo, seu brinquedo favorito. Qualquer coisa.”

O rosto dele endureceu enquanto ele se erguia.

“Pelo amor de Deus, Thorne. Você tem ideia de que eu nem sei qual é seu nome de batismo? Tenho vasculhado meu cérebro tentando me lembrar. Com

certeza alguém na vila já o falou, pelo menos uma vez. Deve ter aparecido no livro-caixa da loja da Sally, talvez. Ou Lorde Rycliff provavelmente já o mencionou. Talvez na igreja. Mas quanto mais eu penso nisso, mais certeza eu tenho… de que ninguém em Spindle Cove sabe. “

“Não é importante.”

“Claro que é!” Ela agarrou a manga dele. “*Você* é importante. E precisa deixar alguém se aproximar.”

Os olhos de Thorne penetraram os de Kate. A voz dele virou um rosnado baixo.

“Pare de me pressionar.”

Quando um homem forte, imprevisível, se agiganta sobre uma garota e a encara daquele jeito, todos os instintos dela são de recuar. Ele sabia disso e estava usando seu físico para intimidá-la.

“Não vou desistir”, disse ela. “Não até você me contar alguma coisa.”

“Tudo bem.” Ele falou com uma voz distante, totalmente destituída de emoção, como se estivesse relacionando ordens em um exercício ou fazendo uma lista de compras. “Eu nunca conheci meu pai. Nunca quis. Ele engravidou minha mãe quando ela era muito nova, fora do casamento, e então nos abandonou. Ela virou prostituta, conseguiu um lugar em um cabaré. Eu podia dormir no sótão, desde que trabalhasse para ganhar meu sustento e ficasse fora da vista dos clientes. Eu nunca fui à escola. Nunca aprendi uma profissão. Minha mãe passou a gostar em demasia de gin e a odiar demais a minha cara com o passar dos anos, porque quanto mais eu crescia mais parecia fisicamente com meu pai. Ela nunca perdeu uma oportunidade de dizer que eu era inútil, idiota, feio ou essas três coisas juntas. Se ela tivesse alguma coisa dura na mão, aproveitava para me espancar. Eu fugi quando tive chance, e nunca mais olhei para trás.”

Kate não conseguiu responder. Ela não teve palavras.

“Pronto”, ele disse, pegando a torta de carne esquecida na mão dela e a jogando para o cachorro, que esperava ansioso. “Uma história encantadora para o café da manhã.”

O silêncio de Kate debochava dela mesma. Ela tinha pedido a verdade. Ela o pressionou pela informação, e agora permitia que ele a afastasse. Kate quis que sua língua funcionasse. *Diga algo agradável. Qualquer coisa.*

“Eu...” Ela engoliu em seco. “Eu acho você insuportavelmente bonito.”

Ele olhou fixamente para ela.

“Srta. Taylor...”

“Eu acho. Você é insuportavelmente, dolorosamente bonito. Eu nem sempre pensei assim...” As palavras esCapavam de seus lábios, sem que ela pensasse. “Mas desde que voltamos de Hastings... é até difícil para mim olhar para você. Isso não deve ser uma surpresa. Você deve ter consciência de como as mulheres se sentem atraídas por você.”

Ele fez um som de deboche.

“Não é pela minha bela aparência.”

Kate ficou em silêncio, repentinamente ciente de todos os outros atrativos de Thorne. Seu corpo poderoso, o ar de comando, o intenso instinto protetor. Talentos esses que deviam alimentar os “contos” que Sally Bright mencionou na loja *Tem de Tudo*.

“Tenho certeza de que você atrai as mulheres por uma série de razões”, disse ela. “Mas eu só posso falar por mim mesma. E eu acho você insuportavelmente bonito.”

“Por que está dizendo isso?” Ele franziu o rosto. “Não preciso de seus elogios.”

“Talvez não precise mesmo.”

Mas eu acho que precisa. Ela podia não ser Capaz de compreender os horrores que ele enfrentou no campo de batalha, mas Kate sabia o que era ser uma criança indesejada. Ela compreendia a sensação de ser considerada inútil e feia pela pessoa que devia cuidar dela. Sabia como cada observação cruel atua na autoestima de uma criança ao longo de semanas, meses, anos. Machucados somem da pele, mas insultos agem como berne, penetrando na alma da pessoa. Kate sabia que eram necessárias dúzias de gentilezas para neutralizar uma ofensa, e mesmo assim... ela havia se acostumado a evitar elogios, mesmo depois de adulta, considerando-os fruto de pena ou falsidade. Como poderiam ser verdadeiros? As palavras horríveis continuavam lá, nas profundezas dela, e duravam mais que tudo. Elas eram os ossos daquele átrio. Não importava quanta terra fosse jogada por cima deles, quantas flores fossem plantadas sobre as sepulturas, eles ainda estariam lá. Aquelas palavras de ódio eram resistentes, tinham raízes. Ela *sabia*... E Kate não podia ver Thorne sofrendo sem fazer nada para neutralizar sua dor.

“Eu acho você insuportavelmente bonito”, disse ela. “Eu sei que você é modesto e reservado e não precisa ouvir isso. Mas eu preciso dizer. Então, aí está.”

Ela tocou a face dele com a ponta de seus dedos. Ele recuou e seu pomo-de-adão subiu e desceu.

“Pare com isso”, disse ele.

Faça-me parar... Divertindo-se com a emoção da desobediência, ela segurou o rosto dele com as duas mãos, deixando a ponta de seus dedos tocarem levemente a franja escura do cabelo dele. As lascas de gelo dos seus olhos fizeram um arrepio descer pela coluna dela. Então Kate deixou seu olhar descer em direção aos lábios dele, imaginando como aquela boca sempre dura e cruel podia se transformar em algo tão passional e quente quando os dois se beijavam. Ela acariciou a faces dele com o polegar, onde poderia surgir uma covinha, caso um dia ele pudesse ser persuadido a sorrir. Ela queria muito ver Thorne sorrir. Kate queria fazer com que ele risse, demorada e ruidosamente.

“Você é lindo”, disse ela.

“Você é louca.”

“Se estou falando loucuras a culpa é toda sua. Esse ângulo do seu maxilar...”, ela passou a ponta do dedo nele, “embaralha meus pensamentos. E seus olhos... existe um enigma neles que eu quero resolver.”

“Não tente. Você não me conhece.” A voz dele era dura, mas seu olhar tinha fome, uma fome nua e escancarada.

Sim. Houve um surto de triunfo em suas veias. Ela estava conseguindo algo.

“Eu sei que salvou a minha vida de um melão”, ela sorriu. “Já é um começo. E quando você olha para mim, do jeito que está fazendo agora, eu mal me reconheço. Eu me sinto mulher, de uma forma que nunca senti antes. Mas eu também me sinto uma garotinha. Eu preciso me conter para não fazer coisas bobas, como girar o cabelo ou pular na ponta dos pés. Acho que isso é prova definitiva de que você é bonito, Thorne. Pelo menos para uma mulher.”

E se ela tinha razão – se aquela pequena fagulha nos olhos dele era um desejo enterrado nas profundezas... Kate pensou que conseguiria viver sendo linda para apenas um homem.

Ele a pegou pela cintura e a trouxe para perto. Kate perdeu o ar com a rapidez e força do movimento. Ela suspeitou que era exatamente aquilo o que ele queria: deixá-la assustada.

“Não tenho medo de você”, disse ela.

“Mas deveria ter.” Ele apertou a força na cintura dela. Com apenas três passos, Thorne a prendeu junto à parede mais próxima.

Uma cortina verde e luxuriante de samambaias e hera emoldurava o rosto e os cabelos de Kate.

“Você devia ter medo *disso*. Cada minuto que passamos juntos neste átrio aumenta seu risco de ser arruinada. Você poderia perder tudo o que mais quer.”

Ela sabia que ele falava a verdade. A apenas algumas centenas de metros estavam quatro pessoas que lhe ofereceram a ligação afetiva e a família com que ela cresceu sonhando e esperava encontrar. Os Gramercy representavam o desejo de seu coração. E mesmo assim ela estava ali, com ele. Com quem compartilhava um abraço altamente impróprio em um solo sagrado, com apenas os mortos como acompanhantes. Será que ela havia perdido a cabeça? Talvez... Ou talvez ela tivesse encontrado outro desejo em seu coração. Havia limite para isso? Uma garota não podia ter mais de um? Os Gramercy fizeram com que ela se sentisse aceita. Mas Thorne a fazia se sentir *desejada.* Necessária. Em sua adolescência ela não teria como saber que havia desejo para aquilo.

"O que você fez comigo?", murmurou ela.

"Nem uma fração do que eu realmente gostaria de fazer."

Ela sorriu. Lá estava novamente, uma mostra daquele humor ácido que a deixava desarmada. Ah, ela estava tão encrencada. Conseguir afeto daquele homem seria como extrair mel de uma pedra. Mas ele a trouxe para tão perto que Kate não conseguiu resistir à tentação de querer mais. *Não se esconda de mim,* ela desejou. *Não recue.*

"Lindo", ela sussurrou, trabalhando a pedra com marreta e talhadeira, desbastando o melhor que podia. "Bonito. Atraente. Impressionante. Nobre. Causador de desmaios. Lin..."

O beijo dele a tornou uma mentirosa. Kate disse corajosamente que não tinha medo dele – mas isso foi antes que os lábios dele descessem, dominadores, sobre os seus. Antes que a língua dele invadisse sua boca, explorando, acariciando, exigindo. Atiçando emoções que ela não sabia como controlar. Um rugido baixo surgiu no peito dele. Thorne se moveu para frente, pressionando seu corpo duro, másculo, contra o dela, e juntos eles se esconderam na hera que cobria a parede. Para os sentidos de Kate o ambiente era escuro e verdejante. Gavinhas pequenas a agarraram, arranhando sua pele como pequenas unhas. Isso a fez se sentir selvagem e parte de algo maior que ela mesma, algo natural, elementar e velho como o tempo.

Enquanto se beijavam, as mãos fortes de Thorne passeavam por seu corpo, definindo suas formas e a reclamando para si de um modo que devia ser errado, mas parecia tão certo.

Kate imaginou: se fosse uma mulher mais experiente, onde ela o estaria tocando? Passando os braços pela cintura dele, talvez? Ela podia colocar a mão por dentro do casaco, para sentir os contornos esculpidos de seu peito? Ela não era tão ousada... Então, Kate levou sua mão ao maxilar dele, robusto e áspero

com a barba por fazer. Ela deslizou a mão pela base forte que seu pescoço formava, deixando os dedos roçarem o cabelo curto na nuca. Ela o acariciou ali suavemente. Com afeto. Porque todo mundo merecia um pouco de afeto. A própria Kate estava faminta por um pouco disso. Mas o que ele lhe deu foi algo mais primitivo. Thorne agarrou sua coxa e gemeu durante o beijo, enquanto a segurava, apertado, contra seu corpo. A emoção da força foi imediata e a percorreu toda, ramificando-se em cada membro e eletrificando seus sentidos enquanto ele saqueava sua boca. Ele praguejou baixo enquanto seus lábios deslizavam para o pescoço de Kate, como se a beijasse contra sua vontade, contra toda moral e todo bom senso. A grosseria a excitou. Ela ficou empolgada em saber que ali, naquele espaço pequeno e fechado, Kate havia conseguido derrubar as barreiras dele. Thorne tinha perdido toda noção de dever e todos os limites, e ela era a responsável por isso.

E então... Então tinha o que ele estava fazendo com *ela.* Os beijos de Thorne percorriam o lado esquerdo do seu pescoço, e a mão direita dele trabalhava da cintura para cima. Lábios e mãos pareciam destinados a se encontrar em um lugar específico. Aquela região avermelhada, redonda, que endurecia e se projetava contra a roupa dela, apresentando-se como um alvo impaciente. *Eu tenho que interromper isso.* Ela viu a ideia passar por sua cabeça. Ela veio e foi, e Kate não fez nada a respeito. Quando a mão dele tocou seu seio por cima do tecido, Kate quase desmaiou de prazer e alívio. Ele a apertou com firmeza, e então seu polegar encontrou o mamilo teso, que massageou de maneira deliciosa. O corpo dela palpitou com uma dor profunda e doce. Thorne beijou-a sobre o decote, e então empurrou o seio para o alto, aninhando-o em sua mão. *Aninhando.* Quem teria imaginado que aquele homem frio e impiedoso tinha a Capacidade de aninhar?

“Katie.” Ele gemeu. “Estou queimando por você.”

Somente algumas palavras roucas, mas vindas de um homem tão taciturno, deviam equivaler a páginas de poesia. *Estou queimando por você.* Tão quentes, essas palavras. Tão perigosas. O efeito delas foi incendiário. O calor poderoso do desejo dele a transformou. Suas meias começaram a incomodar. Kate quis tirá-las. Entre as pernas, ela inchou e ficou dolorida. Seus seios desafiaram os limites do espartilho com cada inspiração febril, difícil. Eles cresciam, impacientes e palpitantes, pedindo mais da habilidosa atenção dele. Thorne enfiou o dedo por baixo do tecido do corpete e o empurrou para cima, afrouxando o vestido apenas o suficiente para deslizá-lo por um ombro. Com o polegar, ele baixou o decote, sem parar de beijar e chupar levemente o pescoço

dela. Ele iria tocar o seio nu dela. Ela iria deixar. Aquilo aconteceria. Logo. *Por favor. Agora.*

Ele a beijou nos lábios, no momento em que seus dedos se curvaram dentro do corpete, agarrando o seio de Kate. Ela saboreou o gemido sensual e tenebroso dele. O prazer foi tão intenso que ela arqueou as costas, tirando-as do muro coberto por hera, projetando os quadris, sem pensar, contra ele. A barriga de Kate encontrou a elevação dura e pulsante da excitação de Thorne. *Minha nossa.* Alguém devia avisar Lady Harriet. Havia uma ereção monumental em Wilmington, afinal. Ele rugiu contra os lábios de Kate enquanto amassava e acariciava a carne dela, provocando seu mamilo com o dedo. Fazendo-o rolar sob seu toque, em uma perseguição sem fim. Kate pensou que tanto prazer a mataria.

"Eu tenho que..." Ele interrompeu o beijo, arfando. "Katie, eu tenho que saborear você. Eu tenho que saborear você."

"Tem", ela pediu. "Tem sim."

Ela colocou a mão entre os dois, tentando alcançar a fita no alto de seu corpete. Ela não mentiu para ele antes, os laços do vestido eram decorativos, costurados no tecido. Todos menos aquele... Kate observou Thorne arregalar os olhos enquanto ela pegava a ponta da fita e a puxava, desfazendo o laço. Foi como se ela tivesse lhe dado os presentes de Natal e aniversário de toda sua vida, tudo de uma vez. E qualquer preocupação que ela pudesse ter quanto a seus seios pequenos e mamilos escuros desapareceu em um instante quando ele puxou o tecido para baixo e a expôs ao ar frio e ao seu olhar ardente, faminto. Ela podia não ser perfeita, mas Thorne gostou do que viu. Pelo menos foi o que ela imaginou que significava quando ele murmurou:

"Bom Deus misericordioso." Thorne balançou a cabeça, ainda encarando extasiado seu seio nu. "Isso não pode acontecer."

"Ah, pode. Está acontecendo." E ela esperava que ainda acontecesse mais.

"Eu não uso as mulheres. Nunca."

"Você não está me usando."

"E eu não tiro vantagem de garotas inocentes. Nunca."

Pelo amor de Deus. Ele não estava tirando vantagem dela, e Kate não era uma garota. Ajudaria se ela implorasse? Quanto mais ele demorava, mais teso ficava o mamilo dela. Estava pronta para ser devorada.

"Thorne." Ela se contorceu, pressionando seu seio na mão dele. "Eu preciso... de algo."

Ele olhou para seu rosto, encarando-a com intensidade.

“Eu sei exatamente do que você precisa.”

O fogo na voz dele se espalhou pela pele de Kate.

“Então, por favor.” Ela agarrou o casaco dele, puxando-o para mais perto. “*Por favor.*”

Depois de uma longa hesitação, ele puxou a manga do vestido de Kate por cima de seu ombro e cobriu o seio.

“Você precisa mais do que apenas um momento de prazer”, disse ele. “Você precisa de carinho e afeto. Ternura e amor.”

Com movimentos atrapalhados, ele refez o laço com a fita, então se afastou.

“Você precisa de um homem diferente. Um homem melhor que eu.”

Capítulo Onze

Não demorou muito depois que Thorne se afastou de Kate, o corpo doendo pelo desejo não consumado, quando Lady Lark Gramercy adentrou correndo no átrio. Thorne rapidamente se colocou atrás de uma rocha, que convenientemente lhe cobria até a cintura. Mas não havia como esconder sua respiração ofegante. Nem a de Katie.

"Oh, aí estão vocês", disse Lark, sorrindo. "Por um instante eu temi que vocês estivessem namorando. Eu detestaria qualquer coisa que pudesse fazer Evan querer um sexto duelo." A jovem riu. "Cinco é impressionante, mas seis...? Seis seria apenas previsível."

Katie – *Srta. Taylor*, ele se repreendeu mentalmente – tirou uma folha de hera do cabelo enquanto se afastava da parede. Suas faces e seu pescoço estavam corados.

"Nós tivemos que correr", disse ela. "O Xugo veio correndo para o átrio, por um buraco no muro, e nós o estamos procurando."

Maldição. Thorne passou os olhos pelas fileiras de sepulturas. O cachorrinho tinha sumido de novo. Que canalha era ele. Não apenas esteve perto de profanar a virtude da Srta. Taylor em um átrio, arruinando seu futuro de riqueza e conforto – como não deu atenção ao cachorro. Thorne passou a mão pelo cabelo, furioso consigo mesmo.

"Vá com Lady Lark", ele disse para Kate. "Eu vou encontrar o filhote."

De qualquer modo, ele precisava de alguns minutos para conseguir se recompor. Depois que as moças foram embora, ele assobiou. O cachorro veio correndo imediatamente. E então Thorne passou cerca de quinze minutos lendo as inscrições em todas as lápides do átrio, em um ritmo dolorosamente lento. Não fazia mal ele conhecer as pessoas para quem tinha dado aquele espetáculo indecente. Depois de quatro fileiras de moradores de Wilmington mortos, seu membro tinha se acalmado, e ele conseguia pensar com clareza de novo. Ao sair do átrio, com Xugo logo atrás, ele passou as duas mãos pelo cabelo. Que diabos

ele estava fazendo? Ele não tinha decidido que não haveriam mais beijos? Ele sabia como resistir à tentação puramente física, mas a doçura dela... era uma força diferente de tudo o que ele tinha enfrentado. Se ele não tivesse escolhido aquele momento para parar... Se Lady Lark tivesse chegado alguns minutos antes... Katie – *Srta. Taylor* – teria sido pega com o seio pendurado para fora do vestido. Com ele se debruçando e babando sobre ela como um adolescente que via sua primeira teta.

Thorne tinha falado a sério. Ele não usava as mulheres. Crescer em um prostíbulo fez com que ele tivesse desprezo por qualquer homem que pagasse para ter prazer. E uma troca de dinheiro por sexo não era a única forma de usar uma mulher. Ele já tinha visto homens utilizando poder, privilégios, circunstâncias e violência física para conseguir o que queriam. Às vezes – muitas vezes – ele sentia vergonha de ser homem. Mas ele *era* um homem. Um igual aos outros, com desejos obscuros e necessidades básicas. Então ele arrumava amantes, mas somente quando sabia que o relacionamento seria mutuamente satisfatório, descomplicado e breve. Nada com a Srta. Taylor seria descomplicado. E breve...? Eles tinham uma ligação de décadas. Hoje ele se sentiu tentado a usá-la apesar de tudo. Ah, ela teria argumentado que estava disposta. Mas ele sabia o que Kate realmente queria da vida. E isso, com certeza, não incluía se apoiar em um muro de átrio e oferecer o seio para um condenado rude e ignorante. Se Thorne tivesse cedido às súplicas dela e ao seu próprio desejo, ele estaria apenas usando Katie. Para se sentir mais forte, mais poderoso. Mais humano...

Você é importante, disse ela. *E precisa deixar alguém se aproximar.* Quando se tratava das emoções dele, ninguém conseguia passar pelas robustas defesas que Thorne havia erguido. Ninguém, é bom dizer, até ela... Mas Kate tinha se aproximado dele muito antes de essas fortificações estarem terminadas. E embora ela não lembrasse do rosto nem do nome dele, Katie parecia lembrar do caminho através da rede de túneis. Ela se esquivava alegremente de suas barricadas, e ia encontrando um caminho até o fundo da alma de Thorne.

Onde todos os demônios se escondiam. Ele tinha que encontrar um modo de afastá-la, antes que ela se machucasse. Ele já tinha falado demais sobre o passado, e jamais poderia deixar que ela soubesse mais. Isso arruinaria a vida de Kate.

Quando a tenda de piquenique dos Gramercy apareceu, ele se deteve no meio da campina e olhou para aquela coisa ridícula. Parecia que aonde quer que essas pessoas fossem, elas construíam seu próprio reinozinho, e Thorne ficava sempre

além de suas fronteiras. Xugo sentou junto a seus pés, esperando para seguir o caminho. Thorne jogou um pedaço de carne seca que trazia no bolso para o filhote, recompensando a paciência do animal. Fazia muito tempo que ele esperava por um cachorro daquele. Enquanto os nobres criavam galgos e outros cães de raça pura em suas luxuosas caçadas à raposa, o *lurcher* era o cão de caça do homem comum – uma mistura de raças desenvolvida especialmente para se conseguir velocidade, visão e inteligência. Um bom *lurcher* caçava coelhos e aves. E até mesmo raposas e cervos. Um cão como Xugo seria ótimo companheiro na selva americana. Ele foi desenvolvido para ser obediente, ágil e implacável na perseguição da presa.

E Kate se importava com o animal. Ela ficou aflita com a simples ideia de Xugo pegar uma ratazana. Ainda assim, ela dizia amar a criatura. Amava o quê? O nariz comprido demais, ou o pelo com manchas irregulares? A propensão do bichinho para roer as coisas dela? Quanto mais ele olhava para o cachorro, menos sentido fazia.

"Que diabos ela vê em você?"



"Oh, Xugo. O que nós vemos naquele homem?"

Quando Kate colocou o cachorrinho em sua cama naquela noite, encontrou um carrapicho no pelo da barriga dele, que tirou com cuidado.

"Você também gosta dele", disse ela para o cãozinho. "Não tente negar. Dá para ver que você gosta. Seus olhos ficam melosos quando ele lhe dá a menor migalha de carinho, e quando ele está por perto, você tem a tendência de ofegar."

Ela suspirou e aninhou o focinho em forma de cone do filhote em sua mão.

"Quer saber um segredo? Acho que eu tenho a mesma reação, que é tão óbvia quanto a sua."

Xugo bateu com as patas na Capa de couro solta de um exemplar de *A Sabedoria da Sra. Worthington*.

"Vá em frente, pode destruir", ela o incitou. "Há mais centenas no lugar de onde esse veio."

Exemplares daquele livro de etiqueta insípido e danoso entulhavam a vila aos montes – e poucos restavam em qualquer outro lugar da Inglaterra. Como patrona original de Spindle Cove, Susanna Finch – agora Lady Rycliff – tornou

sua principal missão a retirada de circulação de todas as cópias possíveis de *A Sabedoria da Sra. Worthington.* Xugo podia mastigá-las à vontade, uma após a outra. Porque naquele momento Kate não tinha interesse em ler sobre o comportamento adequado de uma dama. Ela se deixou cair no colchão e ficou olhando para o teto, cedendo à tentação de se lembrar daquele dia.

Seus mamilos cresceram sob a camisola. Com cada subida e descida da respiração, o tecido fino roçava neles e os tornavam mais duros. Kate queria as mãos de Thorne neles. Seus *lábios* neles. Seu corpo sobre o dela, pesado e forte. Ela queria aquele olhar de desejo nos olhos azul-claro dele, e o sabor doce de seu beijo. *Oh, Thorne*. Ela levou a mão até o vale entre os seios e acariciou, para cima e para baixo, arrastando a musselina com seu toque. Se pelo menos ele não tivesse sofrido um ataque de consciência naquele momento... Bem... ela tinha que ser honesta. Considerando o momento em que Lark apareceu, ela ficava feliz que Thorne tivesse parado naquele momento. Mas se ele estivesse ali com Kate, naquele momento, não precisaria parar.

Ela soltou um botão da camisola. Depois outro. Ela fechou os olhos e evocou o aroma terroso, verde, de musgo e samambaias, misturado ao cheiro masculino de couro e almíscar. Ela lembrou da barba dele raspando em sua palma. Kate deslizou a mão para dentro da camisola, tentando reviver a experiência através dos sentidos dele. Como será que ele a sentia? Macia, decidiu ela. Tão macia quanto cetim quente. Um pouco maleável, como massa de pão, pelo modo como estimulava os dedos a amassar e apertar. E a aréola... engraçada de tão enrugada. Uma roseta de seda enrugada. Ela rolou a ponta do dedo pelo mamilo, tentando reCapturar a excitação e o prazer do toque dele. Imaginando sua boca e sua língua travessa e habilidosa. A sensação era boa. Muito boa. Mas nem de perto a mesma. Se havia uma coisa que Kate tinha aprendido ao longo de sua vida, é que não havia imaginação suficiente para fazer com que ela esquecesse que estava sozinha. Se ela quisesse reCapturar aquela emoção intensa, proibida, Thorne teria que estar envolvido.

Ela suspirou e tirou a mão de dentro da camisola, dobrando o braço acima da cabeça. No instante seguinte, ela foi tomada por um ataque de cócegas. Xugo tinha encontrado algo interessante para focinhar e lamber no seu braço.

“Pare.” Kate se contorceu de tanto rir. “Pare, seu diabinho.”

O filhote enterrou o focinho frio na dobra do cotovelo, farejando algo. Ela teve que cobrir a boca com a mão para não rir alto. Era uma tortura do tipo mais doce e peluda. Depois que ela conseguiu se virar de lado e parar de rir, o cão pulou da cama e começou a correr em círculos, farejando o carpete. Kate

rapidamente se sentou na cama. *Ah, não. Você não vai fazer isso.* Kate pulou da cama e enfiou os pés em um par de chinelos. Colocou um robe por cima da camisola, amarrando-o apressada.

“Espere um pouco, Xugo querido. Só espere mais um minutinho...”

Pegando o cachorro com uma mão e o castiçal com a outra, Kate abriu a porta de seu quarto com o ombro e deslizou discretamente pelo corredor. Já passava da meia-noite e ela não queria acordar ninguém. Depois de descer a escada, ela abriu uma fresta na porta da frente da pensão. O ar frio da noite atingiu seu pescoço. Ela colocou Xugo no chão e puxou o tecido para proteger mais a garganta.

“Vá em frente”, ela fez um gesto com a mão. “Faça o que você tem que fazer e volte. Vou esperar aqui.”

Enquanto Xugo corria pelo jardim da frente em busca de sua estaca preferida, uma luz chamou a atenção de Kate. Havia uma lamparina acesa no *Touro e Flor*. Estranho... Está certo que o *Touro e Flor* era uma taverna, mas aquela era uma vila do interior. Fosbury sempre fechava às nove ou dez horas da noite no máximo, pois o dia seguinte começava cedo para todos. Quem estaria bebendo àquela hora? Talvez um homem preocupado, com os mesmos pensamentos que a mantinham acordada, enquanto todas as outras mulheres dormiam. *Tinha* que ser o Thorne. E ela simplesmente tinha que ir vê-lo.

Kate arrumou o robe, amarrando-o da forma mais recatada possível. De qualquer modo estava escuro, ninguém conseguiria ver muita coisa. Ela apagou a vela e a deixou sobre a mesinha junto à entrada. Então ela fechou a porta atrás de si e saiu pelo jardim, chamando Xugo para perto com um breve assobio.

“Venha”, ela o chamou. “Vamos sair para uma aventura.”

Um arrepio percorreu sua coluna enquanto ela cruzava a praça escura e sombria da vila. Ter a companhia do cachorro era, de certo modo, reconfortante. Xugo podia ser apenas um filhote, mas ele poderia lamber um agressor até que este se rendesse, se fosse o caso.

Quando chegou à porta vermelha do *Touro e Flor*, Kate levou a mão à maçaneta e a testou. Estava destrancada. E vibrava. Kate segurou a respiração e apurou a audição. Ela escutou, dentro da taverna, acordes suaves de piano. Mas eles soavam como se viessem de muito longe. Os acordes fracos a remeteram àquelas primeiras lembranças difusas. Kate se viu novamente naquele corredor longo e escuro. Música de piano tocada em outro lugar. Onde? Em sua memória, ela sentia os acordes distantes vibrando em seus pés. Os arcos de seus pés formigaram.

“Veja o jardim de flores tão lindas...” O corredor estava escuro e apertado. Sem fim. Mas na escuridão havia algo azul. *Seja corajosa, minha Katie.* Kate acordou de seu transe com uma arfada, puxando ar para seus pulmões privados de oxigênio. Sua mão, com os nós dos dedos brancos, apertavam firmemente a maçaneta da porta. Ela pegou Xugo com o outro braço, abriu a porta e entrou. O que ela encontrou lá dentro a surpreendeu.

Lorde Drewe. Ele estava sentado ao piano e não reparou que Kate havia entrado. A luz de uma lamparina revelou que ele vestia uma camisa aberta, com as mangas enroladas, e calça escura. Era difícil enxergar seus pés na escuridão, mas Kate acreditou que ele estava descalço – apenas cunhas cumpridas e brancas sobre as tábuas escuras do chão. Ele tocava o piano, mas a tampa estava baixada e o pedal abafador pressionado até o chão. Portanto, não importava com quanta força ele atacava as teclas – e ele batia nelas com verdadeiro fervor –, apenas um som baixo, de caixinha de música, esCapava do instrumento.

Ela poderia ter rido, se não estivesse com tanto medo de ser pega. Assistir a um marquês poderoso tocando o piano daquela forma... Bem, era como assistir a uma peça de carne sendo cortada com um canivete. Xugo saltou dos braços dela. Kate segurou a respiração, mortificada, quando ele caiu no chão estalando suas pequenas garras. As mãos de Lorde Drewe congelaram sobre as teclas e ele ergueu rapidamente os olhos, semicerrando-os, na direção das sombras que a escondiam.

“Quem está aí?” A voz dele tinha um tom áspero, cansado, e seu rosto exibia a sombra da barba não aparada. Pela primeira vez ele parecia menos um marquês elegante e mais um... homem.

“Sou eu”, ela conseguiu sussurrar. “Kate.”

“Oh.” Ele levou apenas um instante para se recompor do susto. Lorde Drewe levantou-se do banco e acenou para que ela se aproximasse. “Por favor, entre. Que surpresa.”

Ela não queria que ele a visse de robe, mas parecia pior permanecer escondida.

“Sinto muito. Eu só ia dar uma volta com o Xugo, então vi a luz acesa. Fiquei curiosa. Eu não queria interromper seu...” Ela mordeu o lábio. “Seu momento.”

Ele abriu os lábios e riu um pouco.

Kate soltou a respiração, aliviada.

“Fico feliz que tenha achado graça.”

“Você pensou que eu não acharia?”

“Não tinha certeza. Brincar com você me pareceu arriscado, mas não consegui resistir.” Ela se aproximou do piano. “Eu não sabia que você tocava.”

“Ah, sim. Meu irmão Bennett também toca – ou pelo menos costumava tocar. Sempre estranhei o fato de que nenhuma das minhas irmãs mostrou inclinação para música. Parece ser uma habilidade restrita aos homens Gramercy.” Um meio sorriso surgiu no canto de sua boca. “Quero dizer, do *nosso* lado da família.”

“Você acha que meu... Será que Simon Gramercy tocava?”

“Acredito que sim.” Lorde Drewe deslizou para o lado e fez sinal para que ela se sentasse no banco, ao seu lado. “Vamos tentar um dueto?”

“Eu adoraria.”

Ela escolheu uma peça simples, um dos duetos fáceis que todo pianista iniciante aprende com seu professor. Kate havia tocado a base inúmeras vezes com suas alunas. Mas nessa noite ela tocou o solo, e Lorde Drewe rapidamente entrou com a base.

Ele era bom. Muito bom. Com poucos acordes ela pôde notar o talento dele. Drewe tinha dedos longos e hábeis, com um alcance invejável. Mas seu talento ia além da mera técnica – ele possuía uma musicalidade natural que nem mesmo um professor muito talentoso poderia ensinar. Raramente ela tinha uma aluna que conseguia acompanhá-la, mas de vez quando uma chegava perto. Essa foi a primeira vez em muitos anos que Kate se sentiu realmente *superada.* Mas foi maravilhoso. Enquanto tocavam, ela sentia que ele a tornava melhor. Logo ela abandonou os limites determinados pelo exercício e levou a melodia por caminhos diferentes. Ele a acompanhou, e ocasionalmente fazia suas próprias sugestões com acordes novos e surpreendentes. É difícil explicar, mas o dueto é como uma conversa. Um respondia ao outro, um terminava as frases do outro. Eles até mesmo contavam piadas tocando. A técnica dele era impecável e seu estilo sóbrio. Mas ela sentia a verdadeira paixão pela música no centro de tudo.

Quando terminaram o dueto com um floreio divertido e um segredo final em forma de acorde, os dois se entreolharam.

“Bem, então”, disse ele. “Isso resolve tudo. Você *tem* que ser parte da família.”

O coração dela parou de bater por um segundo.

“O que você está dizendo? Soube de alguma coisa? Teve alguma resposta?”

Ele balançou a cabeça.

“Ainda não. Mas as evidências indiretas são tantas. Passamos a semana toda com você, e todos nós concordamos. Você simplesmente combina conosco,

Kate. Isto" – ele indicou o piano –, "é só mais uma prova. Na minha cabeça a investigação está concluída. Você não sente o mesmo?"

Kate não tinha certeza de nada – a não ser que ela iria começar a chorar. Ela tentou segurar as lágrimas, mas algumas esCaparam. Ela as enxugou com as costas da mão. Alguns momentos se passaram antes que ela pudesse falar.

"Lorde Drewe, eu não sei como lhe agradecer."

"Para começar, deve me chamar de Evan, agora. E nenhum agradecimento é necessário."

Kate cobriu as pernas com o robe e se virou no banco do piano para olhar para ele. Se ele era realmente seu primo, ela tinha o direito de se preocupar com ele.

"Por que está acordado até tão tarde, Evan?"

"Eu poderia lhe perguntar a mesma coisa." Ele arqueou uma sobrancelha. "Não vou acreditar que é culpa apenas do cachorro."

Quando ela gaguejou para responder, ele fez um gesto dispensando explicações.

"Está tudo bem. Você não precisa inventar desculpas. Somos todos um pouco assombrados, nessa família. Cada um de nós tem uma paixão. Minha irmã Calista, que você logo vai conhecer, sempre foi maluca pela natureza. Harriet vive para fazer drama, e Lark adora um mistério. Nosso irmão Bennett vai lhe dizer que a paixão dele é o vício, mas ele já teve interesses mais nobres."

"Então sua paixão é a música?"

Ele balançou a cabeça.

"Eu gosto de música e frequentemente busco refúgio nela. Mas música não é o que me faz..."

"*Ferv*er, concluiu Kate.

"Exatamente", ele sorriu.

"Então o que é? Ou quem?" No momento em que as palavras saíram, Kate se arrependeu de as ter pronunciado. "Desculpe-me. Não tenho o direito de perguntar."

"Não, você tem sim. Porque agora você faz parte disso. Minha paixão é a família, Kate. O título que eu herdei, a responsabilidade de administrar várias propriedades. Cuidar das pessoas sob minha proteção. Proteger meus irmãos e irmãs deles mesmos."

Ele pensava, encarando o canto da sala, e Kate aproveitou a oportunidade para estudá-lo. Ela reparou nas pequenas rugas nos cantos dos olhos. Aqui e ali havia um toque grisalho no cabelo escuro. Mas esses sinais sutis de idade lhe

caíam bem. Combinavam com seu jeito de quem conhecia bem o mundo, como se o corpo estivesse aprendendo a refletir a maturidade da alma. Em qualquer padrão, ele era um homem bonito, mas Kate suspeitava que ainda estavam por vir os anos em que ele estaria ainda mais atraente.

Evan passou a mão pelo cabelo.

“O Cabo Thorne não gosta de mim.”

Ela se assustou com a mudança brusca de assunto.

“Ah, por favor, não acredite nisso. Se você julgar apenas pelas aparências, irá acreditar que o Cabo Thorne não gosta de ninguém. Ele é muito... reservado.”

“Talvez. Mas ele tem algo particular contra mim, e por um bom motivo. Ele acredita que eu já sabia da sua existência, e que devia ter me dedicado mais a encontrá-la. Eu sei que ele tem razão.”

“Você não podia saber. Era apenas um rapaz quando herdou o título.”

“Mas você era só uma garota, vivendo sem dinheiro e sozinha.” Ele esfregou a testa. “Como você deve ter deduzido... O temperamento violento é um dos meus piores defeitos. Não tenho paciência com quem prejudica minha família.”

Uma declaração bastante contundente, pensou Kate, dados os cinco duelos. Ele ter saído ileso de um ou dois confrontos já seria bem impressionante, mas... *Cinco.*

Evan suspirou profundamente.

“É disso que o Cabo Thorne não gosta. Ninguém pode ficar mais bravo comigo do que eu mesmo. Você foi prejudicada, Kate, e não tenho ninguém para responsabilizar. Nenhum malfeitor para culpar exceto minha própria falta de atenção. Algum dia vou pedir a você que me perdoe, mas não esta noite.”

Kate se inclinou para frente, colocando, audaciosa, a mão no braço dele.

“Não é necessário. Por favor, acredite em mim quando lhe digo que não tenho espaço para amargura ou rancor no meu coração. Ele está pleno de alegria e gratidão. Estou muito feliz por finalmente ter uma família.”

“Fico reconfortado de ouvir isso.” Ele segurou a mão dela e a observou cuidadosamente, pensativo. “Você gosta dele?”

“Thorne? Eu...” Ela hesitou, mas só para pensar no modo como falar. A resposta foi instintiva. “Eu gosto. Gosto muito.”

“Você o ama?”

Aquilo era algo que ela estava evitando perguntar a si mesma. Mas Kate não podia deixar passar a oportunidade de descarregar seu coração. Evan era da família.

“Eu acho que poderia vir a amá-lo”, disse ela. “Se ele permitisse.”

Lentamente, Evan desenhou um círculo com o polegar nas costas da mão dela.

“É evidente que você tem um coração valente e generoso. Eu acredito que você poderia amar qualquer um, se estivesse disposta. Mas você merece um homem que possa retribuir o seu amor.”

Kate sorriu, nervosa. A mão dele era quente e firme.

“Eu pretendo cuidar de você. Quero que saiba disso. Se não houver uma herança para você nos termos do testamento de Simon, eu vou garantir que receba algo. Você será uma mulher independente, com uma riqueza significativa. Uma mulher com possibilidade de fazer *escolhas*.” Ele enfatizou essa última palavra.

Ela engoliu em seco.

“Evan, você não precisa fazer isso por mim. Eu nunca tive qualquer expectativa...”

“Eu tenho expectativas quanto a mim mesmo, Kate.” Os olhos dele cintilaram no escuro. “Eu tenho paixão por proteger essa família. E essa paixão agora se estende a você.”

Um silêncio se interpôs entre eles. Enquanto se fitavam, a curiosidade de Kate cresceu. Ele tinha uma *paixão* por ela. Uma sensação de formigamento percorreu seus braços. O que significava aquilo, exatamente?

“O Cabo Thorne é um bom homem”, disse ela.

“Talvez. Mas será que é o melhor homem para *você*?” Ele baixou os olhos para onde suas mãos permaneciam unidas. “Kate, é possível que não consigamos provas oficiais suficientes a respeito da sua identidade. Mas essa não é a única forma de eu lhe dar o nome da família.”

Ela ficou olhando para ele através das sombras tremulantes. Com certeza ele não queria dizer o que parecia ter dito. Ele não podia estar sugerindo que...

Uma tábua do piso rangeu e Kate se assustou. Evan soltou a mão dela.

“É só o cachorro, não se assuste.”

Kate ficou aliviada. Nada de impróprio tinha acontecido entre os dois. Pelo menos ela achava que não. Mas Kate estremecia só de pensar o que aquela cena poderia sugerir para alguma fofoqueira da vila. Seria um boato delicioso para Sally Bright vender na loja *Tem de Tudo* – a Srta. Taylor de mãos dadas com Lorde Drewe, quando está noiva do Cabo Thorne?

Mas ninguém acreditaria nesse boato, Kate procurou se tranquilizar. Uma garota como ela cortejada por dois homens fortes e viris – sendo que um deles era um lorde? Ela se sentiu ridícula só de pensar naquilo.

Fechando bem o robe na altura do peito, ela se levantou da cadeira e pegou Xugo.

"É melhor eu voltar para a pensão", disse ela. "Por favor, não fique *fervilhando* até tarde por minha causa."

Ele lhe deu um olhar intenso e um sorriso enigmático.

"Não posso prometer nada."

Capítulo Doze

Dentro dos costumes de Spindle Cove, o Festival de Verão era para crianças. Mas a preparação do castelo normando em ruínas para o seu único dia de diversão do ano, exigia o planejamento e a estratégia de uma diligência militar. Havia muitas coisas para preparar: música, dança, comida, exibições, brincadeiras. Kate era responsável pelos dois primeiros itens dessa lista, e ela também trabalhou duro pelo sucesso das últimas três.

Entretanto, no meio da manhã, parecia que tudo daria errado. Logo cedo a Srta. Lorrish trouxe uma notícia preocupante sobre a decoração.

"Srta. Taylor, nós já tentamos três vezes. Os estandartes simplesmente não param na torre sudeste."

Kate fez sombra nos olhos com a mão e observou a bandeira púrpura desgrenhada, pendurada toda torta no parapeito.

"Vou pedir aos milicianos para subir e prender o estandarte", disse ela.

Em seguida foi a vez da Srta. Apperton vir com uma crise.

"Oh, Srta. Taylor, arrebentei a última corda boa do meu alaúde."

"Você pode pegar uma das minhas", ofereceu Kate.

Uma hora depois parecia que tudo ia dar certo, quando as crianças e suas famílias começaram a chegar. Mas então apareceu a Srta. Elliott, a pobre e petrificada Srta. Elliott. A desafortunada jovem surgiu ao lado de Kate momentos antes de as mulheres começarem a cantar o madrigal.

"Não consigo." Suas bochechas estavam vermelhas, sob a aba larga do chapéu. "Eu simplesmente não consigo."

"Você não vai estar sozinha", garantiu-lhe Kate. "Vamos todas cantar juntas."

"Mas tem tanta gente. Eu não fazia ideia." A voz dela tremeu. "Por favor, não me obrigue."

"Não chore." Kate a puxou para um abraço apertado. "É claro que não vou obrigar você. Desde que entenda que também não vou desistir de você. Vamos ouvi-la cantar outro dia." Kate se afastou e inclinou a cabeça para olhar por

baixo do chapéu da Srta. Elliott. “Muito bem, então. Queixo para cima e sorria. Certo?”

A Srta. Elliott fungou e tentou sorrir.

“Sim, é claro.”

Pobrezinha.... Quando Kate pensou que poderia ter reencontrado parentes tão complicados quanto a Srta. Elliott, ela percebeu a magnitude de sua boa sorte. Seu olhar deslizou para os Gramercy, sentados sob uma cobertura reservada para os convidados de honra. No centro havia dois tronos enfeitados com flores. Kate havia pedido a Evan que se sentasse no trono de rei do cerimonial do festival, com Diana Highwood no papel de rainha, serena e bela. Após a dança, Kate fez uma pequena pausa. Enquanto acontecia a corrida de aros das crianças, foi caminhando até a cobertura, para verificar se a Tia Sagui estava confortável. Contudo, a Sra. Highwood surgiu no meio do seu caminho e a puxou de lado.

“Eles não formam um belo casal?”, perguntou ela. “Eu sempre soube que Diana se daria melhor que Minerva. Ela pode ter arrumado um visconde para si, mas agora Diana será uma marquesa.”

“Sra. Highwood”, Kate sussurrou. “*Por favor*. Eles estão sentados a poucos metros.”

Mas a matriarca continuou, sem se intimidar.

“Lorde Drewe deve ter gostado dela. Por que outro motivo ele teria ficado tanto tempo na vila?”

“Estou dando lições de música para Lady Lark.”

A Sra. Highwood desandou a rir.

“Oh, Srta. Taylor. Você quer que eu acredite que um homem da aparência, inteligência, educação e porte de Lorde Drewe ficaria nesta vilazinha apenas por sua causa?”

Kate suspirou. Não, ela não esperava que a Sra. Highwood acreditasse nisso. Ela não esperava que ninguém acreditasse. Dois dias se passaram desde a noite em que ela encontrou Evan tocando piano no Touro e Flor, mas esses dias foram gastos integralmente nos preparativos das festividades. Não houve nenhuma oportunidade para os dois conversarem.

Ela ficava pensando no comentário enigmático que ele fez naquela noite: *“Essa não é a única forma de eu lhe dar o nome da família.”* Nunca, em toda a sua vida, sonhou que um marquês pudesse sugerir se casar com ela. E a Sra. Highwood estava certa – ninguém iria acreditar nisso. De qualquer modo, isso não importava. Kate já estava noiva. Suas intenções, atenções e, cada vez mais, *emoções* eram todas dedicadas ao homem que naquele momento entrava em

cena.

A corrida de aros terminou e os milicianos assumiram o centro das atenções para um exercício de tiro com rifle. Enquanto marchavam em formação, Kate se deleitou aproveitando a oportunidade de olhar fixamente para ele. O orgulho cresceu em seu coração. Thorne era um espetáculo de se ver. Ele vestia seu melhor casaco, é claro. O uniforme foi desenhado de modo a fazer qualquer homem parecer alto e em forma, e quando o homem em questão já era alto e em forma, o uniforme o fazia parecer um deus.

“É claro”, disse a Sra. Highwood, “que você não deve se sentir mal, Srta. Taylor. Você agarrou para si um cabo, que não é algo de se desprezar. Para uma jovem nas suas circunstâncias, um cabo é realmente uma bela conquista. Mas eu acredito que você poderia ter conseguido um tenente. Teria sido melhor.”

“Teria?”

Kate não conseguia pensar que qualquer outro homem pudesse parecer mais em forma, mais forte ou atraente do que Thorne naquele exato momento. Ela não o teria trocado por um príncipe. Ultimamente, todo mundo – Sra. Highwood, Evan e o próprio Thorne – ficava lhe dizendo que ela estaria melhor com outro homem. Talvez o bom senso dissesse o mesmo.

Mas seu coração dizia o contrário, e ela não poderia continuar a ignorá-lo. Havia uma ligação entre eles. Um laço que ela simplesmente não podia ignorar.

Quando a milícia concluiu o exercício e Sir Lewis começou a preparar o *grand finale* – sua demonstração do trabuco – Kate não conseguiu se conter. Ela saiu debaixo da cobertura e pegou o Capacete de metal reluzente de uma armadura medieval em exposição. Correndo através do gramado, ela o entregou a Thorne. Ela só precisava ficar perto dele.

“Tome”, disse ela, ofegante mas sorridente. “No caso de aparecerem melões. Ainda sem rir?” Ela se abaixou e inclinou a cabeça, tentando conseguir a atenção dele. “Eu esperava que você ao menos sorrisse. Bem, acho que vou ter que continuar tentando.”

Os olhos frios dele encontraram os dela.

“Não.”

Ela estremeceu com a rejeição brusca. Parecia que o progresso que eles tinham feito em Wilmington havia sumido. Thorne estava novamente fechando a porta. Mas ela encontraria uma janela.

“Eu pretendo ficar depois do festival, para ajudar a arrumar as coisas. Nós precisamos de um tempo para conversar. A sós.”

“Eu não acho que...”

“Nós precisamos conversar. É importante.”

Ela tomou o silêncio dele como concordância relutante.

“Srta. Taylor!”

Kate se virou para ver Lark correndo na direção dela. Rindo, a moça a pegou pela mão.

“Vou roubá-la, Cabo. Não tente me deter.”

Mal sabia Lark que ela dificilmente encontraria alguma resistência da parte do Thorne. Ele pareceu satisfeito por vê-la ir embora.

“O que foi?”, Kate perguntou enquanto Lark a puxava para um canto tranquilo das ruínas.

“Oh, Kate.” A jovem abriu os braços e a Capturou em um abraço efusivo. “Eu estava querendo muito conversar com você sozinha. Este é o momento perfeito, enquanto todos estão prestando atenção na demonstração.”

“Qual é o problema?”

“Nenhum problema. Está tudo *perfeito.* Evan me disse que vamos legalizar sua situação. Ele mandou chamar advogados que estão vindo para encontrá-la e tornar tudo oficial. Vamos tornar você uma Gramercy.” Lark soltou um gritinho. “Nós somos primas. Não é maravilhoso?”

“É”, Kate concordou, sorrindo. “É sim.”

Lark agarrou as mãos de Kate e as balançou para frente e para trás um pouco.

“Nossas férias vão acabar logo. Vamos partir de Spindle Cove.”

“Oh. Oh, vou sentir muita falta de vocês todos.”

“Boba.” Lark apertou as mãos dela. “Você virá conosco para a cidade, é claro. Eu preciso de você. Eu tenho que fazer tantas compras para minha temporada, e vai ser tão mais divertido com você lá. Harry não dá a mínima importância para plumas e chapéus. Eu acho que também devo praticar um pouco de música – de verdade.”

Kate virou a cabeça e piscou várias vezes.

“O que há de errado, querida?”

“Eu...” Ela tentou sorrir. “É demais para eu acreditar. Eu só queria saber por que vocês me querem.”

Lark colocou as mãos nos ombros de Kate.

“Porque você é você. E porque você é da família. Família acima de tudo.” Ela lançou um olhar para o muro. “Honestamente, também não sei por que você iria nos querer. Há muito pouco a nosso favor, a não ser baús de dinheiro.”

“Não”, disse Kate, sacudindo a cabeça com veemência. “*Não*. Eu iria querer ser uma Gramercy mesmo que vocês fossem pobres criadores de porcos nas

Ilhas Scilly.”

Lark riu.

“Bem, Evan dá muita atenção à agricultura. Às vezes é um tédio. Não se preocupe com nada. Pode haver um pouco de fofoca, mas esta família já suportou muitos escândalos. Depois que a sociedade tiver a oportunidade de conhecê-la, suspeito que nossa fama irá aumentar.”

Kate não acreditava *naquilo*. Mas viver com os Gramercy bastava no que se referia à aceitação social. Quanto à sociedade, ela simplesmente faria seu melhor para não atrapalhar.

“Oh!”, exclamou Lark. “Sou tão idiota que me esqueci. Acho que é toda essa agitação para falar com você. Evan disse que precisamos manter segredo por mais alguns dias. Mas você vai querer contar para o Cabo Thorne, é claro. Agora que faz parte da família, ele vai se casar com os Gramercy!”

Kate ficou sem ar.

“Eu não tinha pensado nisso.”

Deus. Se havia um homem que precisava ser aceito por uma família, esse era o Thorne. E apesar do início difícil com Evan, se os Gramercy podiam aceitá-la tão alegremente, certamente poderiam fazer o mesmo por Thorne. Por que ele iria querer uma cabana fria e solitária na selva americana quando podia fazer parte daquilo tudo? Mas isso significaria casar com ele. E f*icar* casada com ele, pelo tempo que os dois vivessem, não era algo simples...

“Você gostaria de se casar em Ambervale?”, perguntou Lark. “Eu pensei que seria bonito, já que seus pais foram tão felizes lá. É o lugar onde você nasceu, você sabe. Seu verdadeiro lar. Eu sei que vocês têm seus próprios planos, mas prometa para mim que vai discutir essa ideia com o Cabo Thorne.”

“Eu prometo”, disse Kate. “Nós vamos conversar a respeito.”



“Você tem deixado o cachorro mastigar livros?”

“O quê?” A Srta. Taylor sorriu. “Thorne, quando eu lhe pedi para conversarmos em particular, não foi para falarmos da disciplina do Xugo. Eu disse aos Gramercy que iria jantar com eles. Não temos muito tempo.”

Thorne passou os olhos pelo terreno do castelo, que ia rapidamente ficando vazio. O festival havia acabado e o sol estava se pondo. Todos tinham descido

até a vila para beber no Touro e Flor. Ele puxou um pequeno volume verde do bolso e mostrou para ela.

“Eu tive que tirar isto do cachorro ontem. É de Lorde Drewe.” Ele mostrou a encadernação mastigada. “Agora está estragado. Eu não sei o que fazer a respeito.”

“Bem, não fique tão preocupado. Estou certa de que Lorde Drewe tem outros livros para ler.”

Thorne bufou. E ele não sabia? Fosbury tinha lhe dito que o marquês recebeu duas caixas cheias de livros na vila, junto com seus outros pertences. *Duas* caixas de livros. O que um homem podia fazer com tudo aquilo? Só essa questão bastava para irritá-lo. E os livros em si nem eram úteis. Ele olhou para o volume mastigado.

“Quem diabos é...” Ele piscou e franziu a testa para as letras. “Ar...”

Ela pegou o livro dele e examinou a lombada arruinada.

“Aristóteles. É um nome grego.”

“Mais gregos? Suponho que este não era um dos que lutavam por aquela Helena de Troia.”

“Ele foi um filósofo.” Ela suspirou. “Isso não é importante agora.”

“É importante. Você não devia deixar o Xugo mastigar esse tipo de coisa.”

“Eu sei, eu sei. Ele deve ter pegado quando eu não estava olhando.” Ela deu de ombros. “Isso pode ser substituído. Evan não vai ficar bravo.”

“Evan?” A cabeça de Thorne sacudiu com a surpresa. Um rompante de ciúme irracional fez o sangue dele ferver. “Então ele agora é ‘Evan’?”

“É... Isso é o que eu precisava contar para você. É uma notícia maravilhosa. Lorde Drewe...”

Ela parou de falar abruptamente e cobriu a boca com a mão. Uma olhada rápida para baixo explicou por quê. Um rato morto foi jogado aos pés dela com o rabo sem pelos, parecendo uma minhoca, ainda se mexendo. Xugo, que orgulhosamente tinha entregado a caça, agitava feito louco sua cauda peluda. Uma língua cor de rosa estava pendurada naquele sorriso canino.

“Não grite”, disse Thorne em voz calma e baixa. Enquanto falava, ele se agachou ao lado do filhote e lhe fez um carinho firme e afetuoso. “Também não brigue com ele. Só serviria para confundi-lo. Isto aqui é bom.”

“*Isto?*”, ela emitiu um som através da mão que estava sobre a boca e gesticulou com a mão livre para a ratazana sem vida. “Isto aqui é bom? Acho que sou eu quem está confusa.”

“Depois do festival as pessoas deixaram seus restos em volta do castelo.

Sementes de maçã, pedaços de bolo. Isso atrai os ratos. Xugo perseguiu um deles, pegou-o e negou a si mesmo o prazer de comê-lo. É exatamente para isso que ele foi criado e treinado, e agora ele merece um elogio."

"O que eu faço?", perguntou ela, ainda encarando, com olhos arregalados, a ratazana sem vida. "Não me peça para tocar nisso. Não tem como eu tocar nessa coisa. Ela acabou de parar de se mexer."

"Não precisa tocar no rato. Apenas aja como se essa foi a melhor e mais encantadora atitude que Xugo fez em toda sua vida. E aproveite para distraí-lo, para que eu possa jogar essa coisa sangrenta pelo penhasco."

"Tudo bem", ela aquiesceu.

Enquanto ela fazia festa para o cachorrinho, Thorne encontrou uma pá e se livrou da ratazana. Depois que ele terminou o trabalho e lavou as mãos, voltou para encontrar Kate segurando com as duas mãos o rostinho engraçado do cachorro. Ela fazia sons de beijos.

"Você é o filhotinho mais inteligente de toda Sussex, Xugo. Sabia disso? Tão corajoso. Eu simplesmente adoro você."

Thorne ficou olhando, espantado. Aquilo parecia tão fácil para ela – encorajar com amor. Ele pensou que aquela qualidade era responsável por seu sucesso como professora. Ela lidou muito bem com o choque causado pelo rato. *Melhor do que a maioria das mulheres*, pensou ele. Ela também merecia um pouco de elogios encorajadores – alguém que segurasse aquele rosto lindo em suas mãos e lhe dissesse que ela era inteligente, bonita, corajosa e adorada. Mas Thorne simplesmente não tinha esse talento. Ele não tinha nascido assim, e também não teve nenhuma aula. Se amor fosse música, ele seria surdo.

"Então, qual é a notícia maravilhosa?", perguntou ele. "Do 'Evan'."

"Ah, sim." Com um último carinho, ela soltou o cachorro e se levantou. "Lorde Drewe disse que a família vai me acolher como prima."

O estômago de Thorne revirou. Notícia maravilhosa, de fato.

"Eles encontraram alguma prova?", perguntou Thorne.

Ela negou com a cabeça.

"Mas Evan diz que as provas são suficientes para ele. A marca de nascença, o registro na paróquia, a pintura. E... parece que eu simplesmente me encaixo. Então eles vão me tornar parte da família. Eles querem que eu vá com eles para Londres, Ambervale... para toda parte."

Enquanto ela falava, seu rosto foi se iluminando. Lá ia Kate outra vez, brilhando de felicidade. Como uma estrela, só que ainda mais fora do alcance de Thorne. Ele disse a si mesmo para não ser grosseiro. Talvez aquela fosse a

melhor conclusão possível. Os Gramercy... talvez fossem apenas esquisitos, não sinistros. Se eles a aceitassem, sem mais investigações no seu passado, Kate poderia ter uma vida nova e feliz. Ela nunca seria forçada a encarar a horrenda verdade. Aquilo seria bom para ela. E para ele. Thorne poderia ir para a América sem se preocupar com ela. Ele sempre pensaria em Kate, mas não teria que se preocupar.

"Thorne", sussurrou ela. "Você deveria vir comigo. Eles estão esperando."

Ele balançou a cabeça.

"O tempo está ficando escasso. Meu navio parte de Hastings em apenas duas semanas. Acredito que eu poderia acompanhar você até..."

A mão de Kate pegou a dele.

"Não estou pedindo para você me *acompanhar*", disse ela calmamente. "Estou pedindo para você vir comigo. E *ficar* comigo. Com a família."

Ficar? Com a família? Ele a encarou, incrédulo.

"Se você não se sente segura com eles, não precisa ir."

"Eu me sinto perfeitamente segura. Não é isso que estou dizendo." Ela fez uma pausa. "Eu quero *você* lá. Eu sei que a sua infância também... não foi exatamente bucólica."

Ele produziu um ruído com a garganta.

"Não exatamente. Isso mesmo."

"Bem, talvez essa possa ser sua chance de se sentir parte de algo maior também. Parte de uma família estranha, encantadora e amorosa. Você não deseja isso, lá no fundo? Só um pouquinho?"

"Eu nunca poderia fazer parte disso."

"Por que não?"

Ele suspirou.

"Você não me conhece."

Ela mordeu o lábio.

"Mas eu conheço. Eu *realmente* conheço você. Porque eu *me* conheço. E eu também tenho sido uma pessoa solitária." Ela deu mais um passo na direção dele, falando suavemente. "Eu sei como isso desgasta uma alma e vai comendo pedacinhos do seu coração em momentos inesperados. Você pode passar várias semanas ocupado, alegremente, sem sentir melancolia nem privação, e então a menor coisa... Pode ser alguém abrindo uma carta ou costurando uma roupa que pertence a outra pessoa. E então, isso faz você perceber como... está sem rumo. Sem ligação com ninguém."

"Eu não..."

“E não tente me dizer que você não tem emoções. Que é inCapaz de sentir qualquer coisa. Eu sei que dentro desse peito tem um coração.”

Parecia mesmo que tinha. A maldita coisa estava batendo como um tambor.

“Pense bem nisso”, disse ele com severidade. “O que você está falando não faz sentido. Se os Gramercy tornarem você parte da família, você vai circular em outros níveis da sociedade. Você pode conseguir um cavalheiro como marido.”

“Um cavalheiro que me queira por minhas ligações e meu dinheiro? Talvez. Mas eu prefiro ter o homem que apenas *me* queira.” Ela passou os braços ao redor do pescoço dele. “Você disse que me queria, uma vez.”

A proximidade dela o atormentava. Como todas as mulheres, ela havia Caprichado muito na aparência naquele dia. Flores bordadas cobriam a sobressaia do vestido lavanda. A cintura alta do corpete estufava os seios dela fazendo-os parecer dois travesseiros – travesseiros com remate em renda dourada. Ela tinha trançado cuidadosamente flores e fitas no cabelo. Tudo estava quieto demais. Eles estavam sozinhos demais.

“É claro que eu quero você”, ele disse bruscamente. “Cada pensamento meu diz respeito a você. Tocar você, saborear você, possuir você de formas que sua mente inocente nem conseguiria imaginar. Eu não sei nada de arte, música ou Aristóteles. Meus pensamentos são rudes, simples, tudo tão abaixo de você que poderia estar do outro lado da Terra.”

O rosto dela corou.

“Eu já lhe disse, que você não é nada disso.”

Droga. Como ele poderia fazê-la compreender?

“Eu tenho quatro livros. *Quatro*.”

Ela riu baixinho.

“O que isso deveria significar?”

“Significa tudo. Sua vida vai mudar para sempre. Não vou deixar você grudar em mim só porque está com medo. Não está certo. Não é o melhor.”

“Nós poderíamos nos casar, Thorne.” Ela se aproximou. “Não estou pedindo muita coisa. Você pode ser apenas... você mesmo, e eu vou me divertir tentando fazer você feliz. Sei que é um desafio e tanto, mas por mais estranho que pareça, estou disposta a tentar.”

“Pelo amor de Deus, Katie. Por quê?”

“Eu não sei como explicar.” O olhar dela perscrutou o rosto dele. “Você já teve fome de verdade, Thorne? Não estou dizendo ficar sem uma refeição ou duas, mas uma privação prolongada... Sem comida de verdade por dias a fio.”

Ele deixou alguns segundos passar antes de afirmar:

“Semanas.” *Anos*...

“Então você deve compreender. Mesmo agora que tem o bastante, a comida é diferente para você do que para os outros, não é? O sabor é melhor, ela significa mais. Anos se passaram, mas você não consegue deixar o menor restinho ir para o lixo.”

Ele aquiesceu.

“Não vamos deixar isto ir para o lixo”, ela sussurrou, estendendo as mãos. “Eu não sei o que há entre nós, mas eu sei que ansiei por isso a minha vida toda. Talvez outras mulheres pudessem simplesmente ir embora, mas eu não. Nunca.” Ela tocou o rosto dele. “Eu acho que você também tem ansiado por isso.”

Ela não fazia ideia. O coração dele havia definhado, virado uma sombra, com nada mais para oferecer. Um sorriso com a promessa de travessuras se espalhou pelo rosto dela.

“Pense só em tudo que poderíamos ter. Dois órfãos indesejados na sociedade londrina. Nós teríamos mais prazer em cada segundo do que gente como os Gramercy consegue ter em um ano. Você pode dizer, honestamente, que não quer uma vida assim?”

Ficar na Inglaterra e viver da caridade de Lorde Drewe? Aguentar jantares, festas e caçadas sem fim? Sempre se sentindo um intruso; sempre sabendo que ele era muito menos do que Kate merecia? Nem mesmo seria Capaz de sustentá-la como um homem de verdade. Ele a fitou no fundo dos olhos.

“Eu não quero fazer parte dessa vida. Está na hora de você me deixar ir.”

Os lindos olhos castanhos dela se suavizaram e ela baixou o olhar para os lábios de Thorne.

“Simplesmente não posso”, disse Kate. “Não posso deixar você ir embora.

Capítulo Treze

Beije-me, desejou Kate em silêncio. *Por favor. Eu coloquei meu coração aos seus pés. Beije-me agora, ou vou morrer de decepção.* Ela percebeu que ele se sentia tentado. Thorne olhava para sua boca com tanta intensidade que Kate podia sentir a maciez, a força e o calor de seus lábios. O maxilar dela também relaxou. Ela conseguia enxergar claramente, como aquele beijo devia acontecer. Ela estaria entregue e aberta, convidando-o a entrar. A ousadia dele a chocaria e excitaria. Kate grudaria nele, que com suas mãos enormes exploraria todas as partes do corpo dela. O beijo seria frenético a princípio, e depois mais lento, e doce.

"Thorne."

Ela sustentou o olhar dele. As pupilas de Thorne estavam dilatadas, tornando seus olhos quase inteiramente pretos. Mesmo assim, aquele círculo azul estreito era tão intenso, tão penetrante, que ela o sentiu *dentro* de si. Uma percepção repentina a excitou: na imaginação *dela,* os dois estavam se beijando. Na cabeça *dele*, os dois faziam algo muito mais íntimo, mais selvagem e com muito menos roupas. Aquele pensamento a acendeu. Ainda que fosse inexperiente, ela sabia o bastante para sentir seu poder de mulher naquela situação. Ele podia dizer não para família e conforto. Mas será que ele conseguiria recusar *aquilo*?

Ela se inclinou para frente até sua face tocar a dele. Um simples contato de pele com pele, mas foi algo diferente de tudo que Kate havia sentido.

"É assim..." Ela se obrigou a perguntar. "É sempre assim? Com suas outras mulheres?"

Ele balançou a cabeça lentamente. A barba por fazer arranhando o rosto dela – ah, aquilo a deixou louca. Mas não era o bastante.

"Não?", ela quis saber. Kate tinha que ouvir Thorne afirmar aquilo. Ela tinha que ouvi-lo dizer *algo*. A voz dele a atingia fundo, muito fundo.

Finalmente, Thorne lhe deu o que ela desejava:

"Não..."

Aquela sílaba sombria, excitante, sussurrada sensualmente em sua orelha, penetrando em seus ossos.

“Bem?”, ela perguntou, a respiração pesada. “Não deveríamos fazer algo a respeito?”

Ele gemeu e estremeceu, e Kate suspeitou que Thorne estivesse folheando mentalmente um catálogo de *coisas* que ele gostaria de fazer. Algum tipo de manual de táticas de sexo, com todas as posições e manobras possíveis claramente definidas. O conteúdo exato era um mistério para ela, mas Kate estava pronta e disposta a aprender. Ela segurou na nuca dele e o puxou para si até poder beijar sua orelha. Ele suspirou.

“Não posso lhe dar o que você precisa”, disse Thorne.

“Oh, eu acho que pode.” Ela pegou o lóbulo da orelha dele entre seus dentes e o provocou.

Com um lamento rouco, ele cedeu. Thorne baixou a cabeça e seus lábios fortes roçaram o pescoço dela.

“Você não consegue enxergar”, disse ele. “Quando está perto dos Gramercy, é como se uma chama fosse acesa dentro de você.” Ele traçou uma trilha de beijos no pescoço dela. “Você não fica acesa por mim.”

Kate colou seu corpo ao dele.

“Eu me *incendeio* por você, Thorne. Nunca me senti assim. Eu nunca soube que *queria* me sentir assim.”

Ela puxou a gravata dele, desfazendo o nó e a abrindo. Ela deu um beijo na base do pescoço, então colou o rosto ali, inalando o excitante aroma almiscarado de sua pele. A respiração difícil dele lhe deu esperança. Ela o estava atingindo. Mergulhando por entre as camadas, descobrindo o homem que havia lá embaixo. Todos os botões do casaco deviam ser os próximos. Ela começou a soltar o primeiro com dedos trêmulos.

“Você me chamou de assustada”, disse ela, “e eu estou com medo. Mas não do jeito que você pensa. Estou aterrorizada de ter que me separar de você, e viver minha vida inteira sem sentir isto novamente.”

Ela arriscou olhar para ele, suplicando com o olhar. Implorando que ele se entregasse para ela, que tomasse o controle daquilo... Que simplesmente fizesse *algo*, antes que Kate se sentisse forçada a arrancar o corpete e dizer algo realmente constrangedor, como *Faça de mim uma mulher.*

“É apenas desejo o que você está sentindo.” A expressão dele estava tensa, desfavorável. “Curiosidade. Se eu ceder agora, você irá me desprezar mais tarde.”

“Eu nunca poderia desprezar você.”

“Poderia, sim. Você passou um ano inteiro fazendo isso.”

Ela praguejou mentalmente. Ele *tinha* que lembrar disso.

“Eu fui uma tonta. Não conhecia você. Eu não conhecia meu próprio coração.”

O olhar dele ficou frio.

“O que faz você pensar que agora o conhece?”

“Eu não sei...”, ela disse com sinceridade. “Eu não sei... Mas esta tarde Lark Gramercy veio falar comigo e me ofereceu tudo que eu sempre quis. Uma família, um lar, segurança, amizade, sociedade. Mais riqueza do que eu jamais sonhei. E naquele momento eu soube, no meu coração, que isso tudo não seria suficiente. Ou eu sou a mulher mais gananciosa e ingrata da Inglaterra ou...”

Deus, poderia ser verdade? Seu coração lhe disse que sim, tinha que ser. Nenhuma outra coisa fazia sentido.

“Thorne, eu acho que estou me apaixonando por você.”

“Katie.” Ele segurou o rosto dela com as mãos, com uma força possessiva que a excitou. Um vinco melancólico se formou entre as sobrancelhas dele. “Katie, você é tão...”

Ela imaginou que deliciosa palavra estranha ele escolheria dessa vez. Cabeça-dura? Tonta? Teimosa? *Beijável*, aparentemente.

Ele desistiu das palavras e tomou a boca de Kate, beijando-a com mais paixão e fogo do que ela teria ousado desejar. Uma das mãos dele deslizou pelas costas de Kate, por cima da seda, e espalhando sensações quentes por todo o caminho até a base de sua coluna. Mas ele não parou ali. Seu toque foi mais adiante. Ele abriu os dedos para envolver o traseiro dela, que ergueu e apertou, puxando a pélvis dela de encontro à sua. O prazer correu por suas veias. Kate gemeu durante o beijo e agarrou o pescoço de Thorne com tanta força que, com certeza, suas unhas deixariam marcas. Ele pareceu não se importar. Thorne a beijou profundamente, escancarando sua boca e engolindo os desesperados suspiros de prazer que Kate soltava. Ela se contorcia contra ele, pressionando seu corpo ao dele para sentir a abundante evidência do desejo que Thorne sentia por ela. A prova da excitação dele pulsava de encontro ao ventre dela. Kate queria sentir aquele calor em seu devido lugar – no sexo dela. Enquanto se beijavam, ela passou uma perna em volta da bota dele, enquanto agarrava os ombros de Thorne para se elevar... ficar mais perto...

Droga. Xugo foi buscar os dois na entrada do paraíso. A alguns metros, o cachorro começou a latir como se fosse uma criatura possuída.

“Ignore o cachorro”, murmurou ela, puxando Thorne de volta ao beijo. Pegando e sorvendo seu lábio inferior. “Ele está ótimo.”

“Ele está ótimo”, repetiu Thorne. “É só mais um rato.”

“Isso.”

Isso... A mão dele passou pelas curvas dela, detendo-se para um apertão breve e delicioso em seu traseiro antes de baixar e acariciar sua coxa. Ele agarrou um grande punhado de tecido da saia dela e puxou, trazendo seu corpo tão próximo e apertado como ela queria, e expondo seus tornozelos ao ar refrescante da tarde. Ele enfiou uma mão por baixo das saias e anáguas e agarrou a coxa dela. A sensação daquela palma calejada por sobre a meia em sua perna a acendeu. E seu desejo só aumentou enquanto ele subia cada vez mais a mão, ultrapassando a liga até chegar à curva nua do lado de dentro da coxa e... *Lá...*

Kate ficou espantada com o modo como ele tomava facilmente seus lugares mais íntimos, intocados, e como ela não demonstrava timidez. A ponta dos dedos dele passou pela abertura de seu sexo, deslizando facilmente.

“Tão molhada”, ele murmurou.

Aquelas palavras a chocaram. Ela queria ouvir mais. Ele parou e descansou a testa na dela. A respiração de Thorne era intensa enquanto ele tocava sua intimidade com movimentos lentos, provocadores.

“Para mim?”, ele sussurrou. A rouquidão vulnerável na voz dele acabou com ela.

Kate beijou o queixo dele.

“Para você... Só você...”

Ele recompensou a ousadia dela. Abrindo-a habilmente ainda mais, ele deslizou um dedo largo e caloso para dentro. Uma exclamação assustada de alegria esCapou dela.

“Shiiii...”, ele a acalmou. “Não vou exagerar. Só me deixe lhe dar este carinho.” Ele mordiscou de leve a orelha e o pescoço dela, aprofundando seu toque. “Você vai se sentir melhor depois, vai enxergar com mais clareza. Vai ser o suficiente.”

Suficiente? Que tolice. Ela nunca sentiu aquela mistura requintada de alívio e desespero por mais. Ele tomou seus lábios em um beijo, e os gemidos dos dois se misturaram enquanto Thorne cobria seu sexo com sua mão ágil e audaciosa. Sua língua e seus dedos se movimentavam em sincronia, indo mais fundo com firmeza e delicadeza. Ela agarrou os ombros dele, embalada por onda após onda de um prazer tortuoso. Sim. Oh, sim. Ela queria aquilo. Ele dentro dela. Os dois, unidos de todas as formas. E nunca seria o suficiente. Ela sempre desejaria mais.

Mais...

As mãos dele pararam. Kate estava ofegante. Havia algo de errado? Aparentemente, sim. Ele retirou a mão completamente, deixando suas saias caírem até o chão, até que os sentidos entorpecidos de Kate finalmente compreenderam.

Era Xugo outra vez. Latindo mais. Correndo mais. Arruinando tudo outra vez. Droga, droga, *droga*. Xingando baixinho, Thorne se virou para procurar o cachorro.

“Ele encontrou alguma coisa.”

“Deve ser apenas um rato.”

“Talvez.”

O cachorro desapareceu em uma curva das ruínas do castelo, rosnando e latindo o tempo todo.

“Ou talvez não.” Thorne a soltou com um suspiro de evidente contrariedade. “Ele não costuma se comportar assim.”

Então o momento tinha acabado... Thorne andou rápido na direção do cão. Resignando-se, Kate segurou as saias e foi atrás dos dois. Eles viraram até o canto de uma parede desmoronada. Xugo tinha encurralado sua presa em um nicho escuro. O filhote estava com as orelhas em pé, rosnando para o que quer que tivesse Capturado.

“Não vejo nenhum rato”, disse Kate se aproximando. “Será que é um camundongo?” Ela se aproximou para investigar.

Thorne a segurou pelo braço, impedindo-a de continuar.

“Não.”

Kate congelou. Quando pronunciado naquele tom, não era um comando que ela poderia desobedecer. Então ela viu o motivo para a mudança súbita na atitude dele. Não era um rato nem um camundongo que Xugo tinha encurralado, mas uma serpente. Uma víbora comprida e grossa, enrolada em si mesma sobre a grama – a menos de um metro dos pés de Kate. Uma língua fina tremulou e o silvo da serpente escorreu por sua coluna.

O filhote – aquela coisinha corajosa e tola – manteve sua posição a seus pés, ainda rosnando e se preparando para atacar. Ela estava vendo o que ia acontecer. A serpente estava encurralada, e sem dúvida sabia – da forma que as serpentes sabem dessas coisas – que sua única chance de esCapar era atacando.

“Oh. Ele vai ser mordido.” Kate lutou contra a mão de Thorne. “Xugo, não. Saia de perto dessa coisa horrorosa.”

Ela tentou pegá-lo, mas Thorne a puxou para trás.

“Quieta”, ele disse com firmeza. “Eu cuido dele. Apenas não se mexa.”

Ele soltou o braço dela. Kate cerrou os punhos ao lado do corpo para ficar quieta. Suas unhas machucando as palmas.

Thorne firmou os pés no terreno gramado. Então, movendo-se com uma lentidão torturante, ele estendeu o braço direito enquanto se inclinava para frente, abrindo os dedos. Enquanto movia o corpo, toda a extensão de sua coxa dura pressionou a parte de trás da perna de Kate. Ela podia sentir todo o poder contido ali em cada pequeno movimento. Só mais um pouco. Mais alguns centímetros e ele poderia pegar o filhote pelo cangote, puxando-o para cima e para longe da víbora. *Oh, rápido,* ela suplicou por dentro, embora soubesse que movimentos bruscos terminariam em desastre.

Thorne parou de se mexer. O braço direito dele ficou estendido como uma lança; ela podia sentir a energia tensionada nos músculos dele. Aquilo deixou os pelos de seu braço em pé. Então veio o ataque relâmpago. Com uma investida poderosa para frente, ele projetou a mão e... agarrou a serpente. Em cinco segundos, tudo tinha acabado. Uma vez que Thorne estava com a víbora em mãos, ele a esticou e partiu sua espinha. A mola verde de músculo caiu sem vida no solo. Xugo continuou latindo. Kate caiu de joelhos, pegou o cãozinho e o trouxe para o peito, salpicando seu pelo de beijos.

“Por que você fez isso?”, ela perguntou. “Você podia ter simplesmente agarrado o Xugo e o tirado da frente dessa coisa.”

Thorne balançou a cabeça.

“A serpente iria atacar se eu fizesse isso”, disse ele. “Se eu pegasse o cachorro, aquelas presas iriam acabar encontrando seu tornozelo.”

Bom Deus. Ele nem chegou a pensar em pegar o Xugo. Ele simplesmente pegou a serpente com a mão nua para não arriscar que ela picasse Kate. Quão excessivamente imprudente e estupidamente corajoso.

“Você não devia ter feito isso.”

Encostando-se no muro de pedra, ele virou a mão para um lado e para outro.

“Eu achei que podia aguentar.”

O coração de Kate parou.

“O que você está dizendo? Foi picado?”

Como ele não respondeu, ela soltou Xugo e ficou em pé.

“Deixe-me dar uma olhada.” Ela pegou o pulso dele, e Thorne não resistiu quando ela levantou aquela mão grande e áspera para examiná-la sob a luz. “Ah, não.”

Lá estavam. Dois furos redondos, bem feitos, onde a base da mão encontrava

com o pulso. A área em volta da picada já estava inchando.

“Precisamos ir para seus aposentos. Você tem um estojo médico? Isto precisa ser tratado, e rápido!”

“É só uma picada de víbora.”

“*Só? Só* uma picada de víbora?”

Ele deu de ombros.

“Só um arranhão.”

“Um arranhão cheio de veneno.” Ela puxou a manga dele, arrastando-o para o reduto do castelo.

“Eu sou muito grande. Vai precisar mais do que algumas gotas de veneno para me derrubar.”

Apesar de tudo, ele caminhou com ela até o canto do reduto que lhe servia de aposento pessoal. Quando ele empurrou a porta com o ombro, para abri-la, Kate viu que ele calculou mal o passo e caiu contra a porta.

“Está sentindo tontura?”

“Só... errei o passo.” Mas ele ficou ali, encostado na porta. Seus olhos estavam sem foco. “Só me dê um minuto.”

Absolutamente não. No ritmo que a mão dele estava inchando, ela não lhe daria nem mais um segundo. Kate encontrou um banco ao lado da pequena e solitária mesa, e o colocou junto à parede de pedra do interior da torre.

“Sente-se”, ela ordenou. Ele podia ser um suboficial de infantaria grande, assustador, acostumado a fazer homens marchar, carregar e disparar ao seu comando, mas ela não admitiria ser contrariada naquele momento.

Kate agarrou o braço dele e puxou com toda sua força. *Ufa.* Ele mal se mexeu. Céus, ele era simplesmente um pedaço enorme de masculinidade, todo músculos e botas pesadas. Thorne era muito grande, como ele mesmo tinha dito.

“Estou bem”, ele protestou.

“E eu estou preocupada. Faça isso por mim.”

Kate o convenceu a se sentar e cuidou para que suas costas ficassem bem apoiadas na parede. Xugo se aproximou dos pés dele, cheirando suas botas e soltando pequenos ganidos. Depois que Thorne sentou, ela começou a puxar sua manga.

“Sinto muito. Temos que tirar seu casaco.”

Ela começou com a manga do braço machucado, puxando cuidadosamente o tecido vermelho até que Thorne pudesse liberar o braço todo. Ela pôs a mão atrás do ombro dele para ajudá-lo a soltar a manga. Um tremor involuntário passou pelos músculos esculpidos do ombro dele – uma confissão muda do

perigo que ele enfrentava, apesar de seu tamanho e força impressionantes. Kate estremeceu ao perceber. Enquanto ela apoiava o pulso ferido dele sobre a mesa para examiná-lo, Thorne torceu o tronco e sacudiu o braço esquerdo para se livrar do casaco vermelho, que deslizou até o chão. Ele olhou pesaroso para o casaco descartado. Kate sabia como devia doer, para ele, ver o uniforme amarrotado no chão. Mas ele não se abaixou para pegá-lo.

"Talvez eu não esteja tão bem", disse ele.

O pulso dela acelerou mais ainda. Se ele estava admitindo, é porque devia mesmo estar muito mal. Uma faca com serra jazia sobre a mesa. Kate a pegou.

"Fique parado", avisou ela.

Com golpes desajeitados usando a faca, ela abriu a parte interna da manga da camisa de Thorne, rasgando-a até o cotovelo. Linhas vermelhas se espalhavam pelo braço a partir da picada da víbora. Kate conseguia ver aquelas linhas até metade do antebraço musculoso, apesar da cobertura de pelos escuros. Ela precisava de um torniquete. Quando ergueu a cabeça para lhe perguntar onde encontrar um, ela viu que o rosto dele estava pálido. Uma camada fina de suor cobria sua testa e sua respiração era irregular. Ela pegou o nó da gravata e o afrouxou com dedos trêmulos. Ele inclinou a cabeça para ajudá-la. Quando os dedos dela roçaram a pele do pescoço de Thorne, ela conseguiu ver a artéria pulsando embaixo da mandíbula. Seu pomo de adão subia e descia.

"Você está tirando minha roupa", ele disse com dificuldade.

"Não posso evitar."

"Não estava reclamando."

Kate retirou a gravata e, dobrando a tira de tecido ao meio, passou em volta do braço dele, logo abaixo do cotovelo. Ela pegou uma ponta do tecido e a prendeu com os dentes, então puxou a outra ponta com as duas mãos. Seu esforço fez Thorne soltar um gemido de dor. Quando conseguiu terminar o torniquete, ela estava ofegando e suando tanto quanto ele.

"Onde está seu estojo médico?", perguntou ela enquanto passava os olhos pelo quarto à procura de lugares prováveis.

Ele deslizou os olhos para um desgastado baú de madeira em uma prateleira alta.

Kate se segurou na prateleira e ficou na ponta dos pés para pegar a caixa. Quando ela desceu, quase a derrubou. Thorne segurava a faca com a mão esquerda. Sua testa suada estava franzida, enquanto ele apertava a lâmina serrilhada na pele inchada e inflamada do pulso.

"Oh, não..."

Ele fez uma careta e torceu a faca. Um rugido de dor passou por seus dentes cerrados, mas sua mão não fraquejou. Antes que ela pudesse estar do lado dele, Thorne já tinha virado a lâmina um quarto de volta e cortado novamente a carne. O sangue fluía livremente da incisão em cruz. Ele deixou a faca cair na mesa e desabou contra a parede, respirando com dificuldade.

“Por que você fez isso?”, perguntou ela, carregando o estojo até a mesa.

“Para que você não tivesse que fazer.”

Kate se sentiu agradecida. Ela sabia que Thorne havia feito o certo. Liberar o sangue e o veneno da área inchada era necessário para que não atingisse outras partes de seu corpo. Mas a visão de tanto sangue a deixou imobilizada por um instante. Kate tinha ajudado Susanna uma ou duas vezes quando a amiga tratou doenças e ferimentos dos moradores de Spindle Cove. Mas tudo que ela fez foi auxiliar uma curadora competente e habilidosa. Mas ali ela estava sozinha tomando medidas desesperadas. Ele poderia morrer. Uma onda de náusea passou por ela. Kate a dominou, então pôs a mão sobre a barriga e se obrigou a ficar calma.

Kate abriu o estojo médico e encontrou gaze com aspecto de limpa. Ela a usou para enxugar o sangue da ferida aberta.

“Não feche”, ele disse. “Não ainda.”

Ela aquiesceu.

“Eu sei... O que devemos fazer agora?”

“Você volta para a vila. Eu sobrevivo ou não.”

Aquelas palavras eram tão absurdas que ela engasgou com uma risada de desespero.

“Está louco, Thorne? Não vou abandonar você.”

Ela examinou as garrafas e frascos no estojo médico, esforçando-se para ler os rótulos desbotados. Nada daquilo parecia familiar.

“Você disse que possuía quatro livros. Será que um deles é livro de saúde?”

Ele moveu a cabeça na direção de uma prateleira. Kate correu até lá e encontrou um livro de exercícios militares bem manuseado, uma Bíblia coberta de pó, uma coleção encadernada de revistas geográficas...

“Ah.” Ela pegou um grande volume preto e leu o título. “*Tratamento de doenças e lesões em...*” Sua esperança mirrou quando ela leu o resto. “*em cavalos e gado?* Thorne, este é um livro de veterinário.”

“Já fui chamado de animal.” Ele fechou os olhos.

Kate decidiu que não era hora de ser exigente. Ela folheou rapidamente o livro até encontrar a seção de picadas e ferroadas.

“Achei. Picadas de víbora. ‘A picada da víbora raramente é fatal.’ Bem, isso é reconfortante.”

Mas ela se sentiria muito melhor se o texto dissesse que “a picada da víbora nunca é fatal”. Dizer que picadas de víbora eram “raramente fatais” parecia, para ela, o mesmo que dizer “picadas de víbora *às vezes* são fatais”, porque Thorne se orgulhava de ser uma exceção à regra. Mas ele era muito grande, Kate procurou se lembrar. E além disso era jovem, saudável e forte. Muito forte. Havia vários tratamentos possíveis que o texto sugeria.

Ela leu em voz alta:

“Primeiro, drene o sangue.” Já fizemos isso, certo? Ótimo.” Ela afastou com impaciência uma mecha de cabelo que estava pendurada em seu rosto e continuou. “‘Pegue um punhado de erva crucianela, genciana e arruda; ferva tudo junto em um caldo com pimenta espanhola e flores de giesta. Quando terminar, coe e ferva com vinho branco por cerca de...” Ela gemeu. “Cerca de uma *hora*?”

Droga. Ela não tinha tempo para sair em busca de uma dúzia de ervas diferentes, muito menos para fervê-las por uma hora. Ela nem mesmo tinha coragem de deixar Thorne sozinho pelo tempo que demoraria para ir até a vila pedir ajuda. Ela olhou novamente para o rosto dele. *Deus*, estava tão pálido. E o braço completamente inchado. Apesar do torniquete, aquelas linhas vermelhas já passavam do cotovelo. Certas partes do dedo dele estavam ficando roxas.

“Fique calmo”, disse ela, ainda que a ansiedade a fizesse esganiçar. “O livro indica vários outros tratamentos.”

Ela voltou ao livro. O próximo tratamento sugerido era lavar a área afetada com sal e... *Urina*. Oh, bom Deus. Pelo menos *aquela* substância podia ser obtida com facilidade, mas ainda assim... Ela não conseguiria. Não havia como ela conseguir. Ou talvez ela conseguisse, para salvar a vida de um homem. Mas ela nunca mais conseguiria olhar para o homem salvo.

Ela fez uma prece fervorosa para que o terceiro tratamento se mostrasse Capaz de salvar a vida dele e a dignidade dela. Ela leu em voz alta com rapidez.

“‘Aplique um emplastro na área com uma pomada feita de calaminta apiloada com terebintina e cera amarela. Dê ao animal, também, um pouco de infusão de calaminta para beber, como chá ou misturada no leite’.”

Calaminta. Calaminta parecia perfeita. Se ela tivesse um pouco. Kate voltou ao estojo médico e examinou o conteúdo das garrafinhas. Ela destampou um frasco e o cheirou. O cheiro podia ser tanto calaminta quanto de qualquer outra coisa. Ela passou os olhos pelo quarto. Havia tanto que fazer. Acender o fogo,

ferver água, derreter cera, apiloar a pomada, fazer o chá. E Thorne estava ficando perigosamente inclinado no banco em que ela o havia sentado. A qualquer momento ele poderia derrubar a mesinha e cair no chão. Kate decidiu que a ferida já tinha sangrado o suficiente, e de qualquer forma, o inchaço extremo tinha diminuído muito o fluxo do sangue. Ela envolveu o pulso ferido com uma tira de gaze, fazendo um curativo solto, depois rodeou Thorne para ficar do lado bom dele.

"Levante-se", ela pediu, passando o ombro por baixo do braço sadio. "Vamos levar você para a cama."

Enquanto o ajudava a ficar de pé, ela sentiu os olhos de Thorne nela. Seu olhar era pesado e intenso.

"Estou lhe causando dor?", perguntou ela.

"Sempre. Toda vez que se aproxima."

Ela virou o rosto para o lado para esconder sua mágoa.

"Desculpe-me."

"Não quis dizer isso." Ele parecia bêbado. Com a mão sadia, ele empurrou o rosto dela até Kate olhar para ele. "Você é linda demais. Isso dói."

Maravilha! Agora ele estava alucinando. Juntos eles cambalearam até a cama estreita. Era uma distância de apenas dois metros que pareceram quilômetros. A coluna dela curvava sob o peso inacreditável de Thorne. Finalmente eles chegaram à borda do colchão. Ela conseguiu virar Thorne de modo que, quando retirou seu apoio, ele sentou na beira da cama. Sem que ela precisasse orientar, ele deitou de costas. Pronto. Aquilo acomodava a cabeça, ombros e tronco. Agora era preciso pôr também as pernas no colchão.

"Eu me sinto estranho", disse ele, com a voz distante. "Pesado."

"Você *é* pesado", murmurou ela, esforçando-se para tirar uma das enormes pernas do chão e colocá-la na cama. Deus, erguer aquele homem era o mesmo que levantar uma estátua esculpida em granito. Depois que ela pôs a primeira perna no lugar, a segunda subiu com mais facilidade. Xugo pulou na cama e ficou enrolado entre os pés dele.

Kate se inclinou sobre ele para colocar um travesseiro sob sua cabeça.

"Eu posso ver dentro do corpete", disse ele.

Um arrepio correu por sua coluna, até a ponta do seu pé.

Sério, Kate. Não é hora disso. Ela colocou as costas da mão na testa dele. Quente.

"Você está com febre. Preciso tirar o resto da sua camisa, para esfriar seu corpo e melhorar sua respiração."

Ela pegou a faca, limpou o sangue da lâmina e a usou para fazer um corte na camisa. Então ela agarrou os dois lados e a rasgou de alto a baixo, puxando as metades para o lado e tirando a manga remanescente do braço bom. Quando desnudou o peito dele, Kate ficou pasma. Ele não pareceu perceber o choque dela, e Kate ficou em dúvida se a insensibilidade de Thorne era uma coisa boa ou um mal sinal. Mas como ele não reparou, ela aproveitou para olhar. O peito dele era duro, feito de músculos esculpidos cobertos por pele bronzeada. Ela viu muitos pelos escuros, algumas cicatrizes antigas... E tatuagens. Várias tatuagens.

Kate tinha ouvido falar dessas coisas. Ela sabia que muitos marinheiros tinham figuras ou imagens gravadas na pele, mas pelo que se lembrava, ela nunca viu pessoalmente aquilo. Pelo menos não assim de perto. Nem todas as tatuagens de Thorne eram imagens ou figuras. Havia algo abstrato na parte superior direita de seu peito, circundado por um emblema pouco menor que a palma da mão dela. No ombro dele havia uma flor pequena, desenhada grosseiramente – que parecia com uma rosa Tudor. Uma fileira de números subia pelo lado de baixo se seu braço esquerdo. E no flanco ela encontrou um par de letras: M e C. Tão primitivo. Tão *fascinante.* Ela não pôde evitar de colocar os dedos naquelas letras e imaginar o que significavam. As iniciais de uma antiga namorada, talvez? Kate sabia que Thorne teve muitas amantes, mas a ideia dele com uma namorada lhe pareceu absurda. Quase tão absurda quanto a pontada de ciúmes que ela sentiu atingir seu peito. Mas quando ela tocou a pele dele, o calor escaldante a lembrou da tarefa mais importante que tinha diante de si. Manter vivo aquele homem imenso, tatuado e teimoso.

Ela tentou levantar da cama, mas o braço bom dele se levantou para segurá-la. Ele ainda tinha um pouco de força, evidentemente, e a usou para puxá-la para perto.

“O que foi?”, perguntou ela.

“Você é tão cheirosa.” Os olhos dele estavam fechados e sua voz era um balbucio arrastado. “Parece trevo.”

Ela engoliu em seco.

“Eu nem sei como é o cheiro do trevo.”

“Então você precisa deitar e rolar neles.”

Ela riu baixinho. Se ele estava fazendo graça, não podia estar perdido. Então ele contraiu os músculos, seus olhos viraram para trás e ele começou a convulsionar no colchão. Kate pôs as mãos no peito dele e aplicou todo seu peso, segurando Thorne na cama.

Então ele parou, mole e ofegante. A mão dele encontrou o cabelo dela, onde

se enroscou.

“Katie. Estou morrendo.”

“Você não está morrendo. Picadas de víbora raramente são fatais. É o que o livro falou. Mas eu preciso fazer uma pomada, e chá.”

Ele a segurou firme, impedindo que Kate se movesse.

“Eu estou morrendo. Fique comigo.”

O desespero a ameaçou, mas Kate conseguiu mantê-lo longe. Ela lembrou de algo que Susanna uma vez lhe disse – homens grandes e fortes geralmente são os piores pacientes, os mais infantis, quando forçados a ficar de cama. Quando resfriados, gemem e reclamam como se estivessem à beira da morte. Thorne estava simplesmente exagerando. Era o que ela esperava.

Ela passou a mão pela testa suada dele.

“Você vai ficar bem. Eu só preciso ir fazer...”

“Você não me conhece.”

“Eu conheço. Eu o conheço melhor do que você pensa. Eu sei que você é corajoso, bom e...”

“Não, você não sabe. Você não se lembra de mim. Mas é melhor dessa forma. Quando eu cheguei à vila, fiquei preocupado. Temi que você pudesse me reconhecer. Às vezes eu quase desejo que você se lembre. Mas é...” Ele inspirou penosamente. “É melhor assim.”

“O que você está dizendo?” Os nervos de Kate ficaram alertas. “É melhor assim como?”

“Você ficou tão bem, Katie. Se ela pudesse ver você agora, ficaria... tão orgulhosa.” A voz dele foi sumindo e ele fechou os olhos.

O que ele acabou de falar?

Ela sacudiu o braço dele.

“Quem? Quem ficaria orgulhosa?”

“Cante para mim”, ele murmurou. “Sua voz linda vai ser a última coisa que vou ouvir. Vou carregar um eco do céu comigo, mesmo que me arrastem para o inferno.”

Ela não conseguia entender o que ele queria dizer com tudo aquilo. Talvez Thorne estivesse simplesmente delirando. Essa devia ser a explicação.

“Preciso apiloar as ervas”, ela conseguiu falar. “Você precisa de uma pomada, e de chá.”

“Cante.” A mão que segurava o cabelo dela ficou fraca, e ele puxou os dedos de entre as mechas soltas. “Só que não... não o jardim. Não as flores lindas. Não cante esse verso para mim.”

Ela congelou, estupefata.

“Como você conhece essa música? Quando você me ouviu cantando isso?”

“Sempre detestei... ouvi-la de seus lábios.”

Ela buscou na memória, tentando lembra se algum dia cantou aquele verso na frente dele. Kate achou que não. Mesmo que tivesse cantado, por que ele o detestaria?

“Você tem me seguido? Espionado?”

Ele não respondeu. Bem, Kate precisava de respostas, e ela iria consegui-las. Ela se soltou da mão dele.

“Fique parado na cama e me deixe lhe fazer um pouco de pomada. Vamos conversar sobre isso depois que você se recuperar.”

“Katie, apenas cante para mim. Estou morr...”

Ela o agarrou pelo queixo e chacoalhou sua cabeça, forçando-o a abrir os olhos. Suas pupilas estavam tão grandes que quase não dava para ver o azul.

“Você não está morrendo”, disse ela. “Está me ouvindo, Thorne?”

“Estou.” Seus olhos lentamente focaram no rosto dela. “Mas só para garantir...”

Ele puxou a boca de Kate para si e a beijou. Um beijo louco, febril, equilibrado à beira da morte. Ele a pegou desatenta, com os lábios entreabertos. O resultando foi um balé de línguas e dentes. Não havia nada de carinhoso naquele beijo, nem mesmo de sedutor. Foi quente, possessivo, violento e não guardou nada para depois. Enquanto a língua dele mergulhou fundo na boca de Kate, ela pôde sentir sua fome e desespero. A necessidade dele soou como uma dor profunda nos ossos dela. E ela se pegou correspondendo. Por puro instinto, ela retribuiu o beijo. Deixando sua língua dançar com a dele. Com cada toque daquela doce fricção, o desejo crescia dentro dela. Thorne gemeu em sua boca e a agarrou tão apertado que doeu. Quando o beijo foi interrompido, Kate estava atordoada. O que ainda assim era melhor que a situação dele, que desabou na cama, inconsciente.

“Não. *Não.*”

Freneticamente, ela pôs a mão no pescoço dele para sentir seu pulso. Estava lá. Regular, ainda que acelerado. Ela tinha que agir rapidamente. Kate levantou da cama. Na mesa, ela pegou o frasco de calaminta. Primeiro a pomada. Depois o chá. E em seguida, as orações. Extenso interrogatório mais tarde. Enquanto levava o acendedor até a lareira, Kate conversou com Thorne.

“Você não vai morrer, está me entendendo? Não vou deixar. Vou salvar sua vida nem que tenha que negociar com o próprio diabo.”

Qualquer que fosse a informação que Thorne estava escondendo, ela não o deixaria levar para o túmulo. Kate precisava de respostas. E também precisava *dele.*

Capítulo Catorze

Ele sonhou com uma serpente gigante. Um cabo grosso de força implacável, deslizando pelas vielas estreitas de Londres. Enroscando-se em jardins e bosques em Kent. Por fim, serpenteando pelas colinas baixas de Sussex... perseguindo o aroma de maresia até o oceano. Ela o havia seguido até ali, até aquele castelo antigo, onde penetrou através da chaminé da torre e caiu na cama. Ela deu várias voltas com seu corpo no braço de Thorne. E apertou. *Que o diabo me leve.* A pressão era tão intensa que Thorne sentiu seus ossos virando pó. Então, como se infligir aquela dor excruciante no braço não fosse suficiente, a serpente do sonho envolveu seu peito. Cada inspiração parecia uma luta para erguer uma tonelada com as costelas. Thorne lutou com a fera escamosa durante horas, debatendo-se e atracando-se com a dor. Finalmente, por misericórdia, tudo sumiu na escuridão.

Algum tempo depois ele acordou com um sobressalto. Tudo estava escuro, a não ser pela lareira. Ele não podia se mexer. Repetidos esforços para recolher as pernas ou ficar sentado na cama não resultaram em nada. Seus membros não obedeciam a seus comandos. Ele ficou olhando para o teto, ofegante. Uma gota de suor escorreu da testa para a orelha. O ar do quarto estava espesso com o aroma de ervas e sebo. Quanto tempo havia se passado? Horas? Dias? Ele ouviu alguém se mexer perto da lareira.

“Katie?”, ele disse com a voz rouca.

Ela não ouviu. Enquanto mexia no fogo, Kate cantarolava uma música. Ele fechou os olhos e voltou àquele primeiro dia. Thorne entrou no Touro e Flor e lá estava ela. Cantando. Ele não a reconheceu, não a princípio. Como poderia? Ela havia se tornado uma mulher, cerca de vinte anos mais velha do que na última vez em que Thorne a viu. E ela estava de lado para ele – o lado sem a marca. Para os olhos dele, cansados pela guerra, ela era apenas uma garota bonita vestida de branco. Para os ouvidos, ela era algum tipo de anjo. Ela alcançou uma nota – um trinado ameno, lamurioso – e pronto. Ele estava acabado. Aquela nota

encontrou uma pequena fenda em sua armadura, contorceu-se para entrar por ali e cravou os dentes em sua carne. A voz dela era o veneno mais doce, e atingiu seu coração e seu sangue foi bombeado por todo seu corpo antes que ele pudesse pensar em se defender. Sua reação foi um inchaço de todos os seus impulsos: afinidade, desejo, proteção. Uma necessidade intensa e súbita de conseguir a aprovação dela.

Naturalmente, uma mulher bem-criada e talentosa não olharia para um homem como ele. Ela também não deveria olhar. Ele não fez planos nem teve expectativas. Mas simplesmente saber que ele *podia* sentir tudo isso era uma fonte de verdadeiro espanto. Ele estava entorpecido há tanto tempo. Ela soltou o último acorde e a música terminou com um silêncio vibrante. Ele não teria reparado em uma explosão na rua. Então ela se levantou do piano para voltar ao seu lugar. Thorne viu a marca em sua têmpora e a verdade o atingiu. Bom Deus. Era ela. *Katie*. A Katie magricela, de rosto gentil, tinha crescido. Então tudo fez sentido. Havia um motivo para ele ter aquela sensação forte de reconhecimento – afinal, ele a conhecia. Ele sentiu a necessidade de protegê-la porque ela já havia estado sob sua responsabilidade. E aquela necessidade de ter a aprovação dela... tinha raízes em um passado distante, quando ela olhava para ele com algo parecido com devoção nos olhos. Todos esses impulsos dentro dele... eram ecos de algo que ele havia perdido há muito tempo. Lembranças da humanidade que há muito tinha lhe sido tirada através de surras, fome e castigos.

Ela não o reconheceu, é claro. Kate não poderia se lembrar – ela era nova demais, e agora estavam muito diferentes. Os dois começaram na mesma sarjeta imunda na infância, mas eles escalaram paredes opostas do vale. Agora havia um abismo entre eles, e mesmo que ela forçasse a vista e usasse uma luneta, provavelmente nunca o reconheceria do outro lado. Mas o que importava era que ela tinha sobrevivido. Ela havia forjado uma nova vida bem distante da miséria sórdida que eles, um dia, compartilharam. E Thorne jurou para si mesmo, naquele momento, que não importava o quanto ele a achasse atraente, jamais faria qualquer coisa que ameaçasse a felicidade de Kate. Durante um ano em que, de modo geral, teve sucesso ao evitá-la. E então ele cometeu o erro imbecil de deixar que Kate segurasse seu cachorro. Um filhote de *lurcher* treinado bem demais, que acuou a primeira serpente que encontrou. Xugo jazia enrolado a seus pés, sobre a cama. Thorne fuzilou com o olhar a bola peluda. *Isso tudo é culpa sua, espero que você saiba.*

“Você acordou.” Passos suaves atravessaram o quarto até a cama. Uma mão fria deitou sobre sua testa. “Estou aqui.”

“Há quanto tempo estou apagado?”

“Desde a tarde de ontem. Faltam algumas horas para amanhecer, eu acho.” Ela afastou o cabelo da testa dele. “Graças a Deus sua febre baixou. E o inchaço melhorou muito.”

Ele pendeu a cabeça para o lado para analisar sua situação. A maior parte de seu corpo estava coberta por um lençol branco de algodão, a não ser pelo braço ferido, que estava por cima das cobertas. O torniquete havia sido tirado. Um emplastro de cheiro forte cobria sua ferida, e era mantido no lugar com tiras de flanela. Seu braço inteiro tinha sido lavado, e o inchaço cedido. A descoloração continuava, contudo – e linhas vermelhas e manchas roxas cobriam a pele. Seu braço parecia ter sido pego em uma prensa de passar roupa. Ele já tinha vivido coisa pior. O braço nem doía mais e estava dormente. Ele contraiu os músculos, tentando fechar o punho. Seus dedos apenas tremeram, fracos. Então ele tentou flexionar as pernas. Nada... Aquilo o preocupou.

“Beba isso.”

Ela levou uma xícara de chá até os lábios dele. Thorne baixou a cabeça e bebeu. A infusão tinha um gosto vagamente familiar. Ele lembrou de Kate lhe dando a bebida com uma colher em algum momento durante a noite.

“Você ficou comigo”, disse ele. “A noite toda.”

Ela aquiesceu.

“Eu não poderia fazer de outro jeito.”

“Fico lhe devendo.”

“Vou pensar em um modo de você me pagar.” Ela lhe deu um sorriso enigmático, irônico.

Ele olhou para seus membros que não queriam colaborar e hesitou.

“Eu... eu não consigo me mexer. Não posso mexer meu corpo abaixo do pescoço.”

Ela não demonstrou a preocupação ou o desespero que Thorne podia estar esperando.

“Oh, eu sei que não pode.”

Ele franziu a testa, confuso. Kate pegou a borda do lençol e o levantou, para que Thorne pudesse espiar por baixo dele. Muita roupa de cama estava amarrada em seu tronco e braço esquerdo, prendendo-o à cama. Amarras... Depois que ele viu como eram e onde estavam, Thorne conseguiu senti-las em suas pernas. Todos os nós estavam fora de alcance.

“Por que você fez isso?”

“Primeiro, porque você estava tendo convulsões.”

Maldição. Se ele tivesse batido nela enquanto estava desacordado, nunca iria se perdoar.

“Eu...” As palavras não saíram. Ele limpou a garganta com uma tosse grosseira, desesperada. “Eu machuquei você?”

“Não.”

Graças a Deus.

“Mas você estava delirando, e fiquei preocupada que pudesse se machucar ainda mais. Então eu o amarrei. E depois deixei as amarras porque...” ela baixou o lençol, levou uma cadeira para o lado da cama e o fitou com um olhar inquisidor, “porque você tem que me dar algumas explicações.”

O coração dele começou a bater forte.

“Eu não sei do que você está falando.”

“Não sabe? Quando você ficou mal, ontem, falou bastante. Sobre você e eu.”

“Eu estava delirando.” Os olhos dele fitaram a xícara na mão dela. “Vou tomar um pouco mais de chá, por favor.”

“Ainda não.” Ela segurou a caneca com as duas mãos. “Pareceu que você pensava que nós nos conhecemos.”

“Mas nós nos conhecemos.”

“No passado...”, disse ela. “Quando crianças.”

Um nó se formou na garganta dele, que lutou com força contra as amarras.

“Você deve ter se confundido. Não me lembro de dizer nada disso.”

“Pensei que isso pudesse acontecer.” Ela pôs a caneca de lado e pegou uma folha de papel. “Felizmente, eu anotei tudo.”

Maldição. Ela alisou os amassados do papel. Ele fez uma expressão de tédio. Kate fez, de propósito, uma voz grave e ranzinza. Para imitá-lo, Thorne imaginou.

“Você ficou tão bem, Katie. Se ela pudesse ver você agora, ficaria... tão orgulhosa.” Ela baixou o papel. “De quem você estava falando? Quem ficaria orgulhosa?”

Ele balançou a cabeça.

“Você precisa me soltar dessas amarras para que eu possa levá-la para casa. Você está exausta. Está imaginando coisas.”

“Não estou imaginando *isso*!”, ela disse com a voz firme, levantando o papel para ele ver.

O protesto enérgico dela fez o filhote acordar.

“Você mencionou alguma coisa a respeito de estar preocupado que eu o reconhecesse, lembre-se”, ela continuou. “Você também mencionou que

conseguia olhar dentro do meu corpete, e me falou que eu cheirava como o paraíso.”

“Srta. Taylor...”

“Então voltamos a ‘Srta. Taylor’. O que aconteceu com a ‘Katie’?” Ela olhou para ele. “Essa é outra coisa estranha, sabe. Meu nome é Katherine. Minhas amigas me chamam de Kate. Ninguém me chama de Katie. Pelo menos, ninguém desde que eu era muito pequena.”

“Solte-me.” Ele usou sua voz de comando. “Vou levar você para casa. Não é adequado que você fique aqui comigo. Com certeza não sozinha, a esta hora.”

“Eu não irei a lugar nenhum até que você me dê algumas respostas.”

“Então você vai ficar aqui por muito tempo.”

Ela poderia mantê-lo um mês ali que sua determinação não se abateria. Ele havia aguentado prisões muito mais duras, com guardas muito menos graciosos. Ele poderia ficar ali durante anos.

“Como está seu braço?”, perguntou ela, mudando de assunto.

“Como está? Parece que é feito de madeira.”

“Eu li mais um pouco enquanto você dormia. Ele pode ficar dormente por mais alguns dias, no mínimo.” As saias dela farfalharam enquanto Kate ia para o outro lado da cama. Ela pegou um frasco de óleo e o destampou. Inclinando o frasco, ela despejou um tanto do líquido na palma de sua mão. “Isto vai ajudar com a rigidez, segundo o livro. É só óleo comum, que você usa na cozinha. Depois vou pegar algo aromático em Summerfield.”

Ela pôs o frasco de lado e esfregou as mãos, espalhando o óleo pelas duas palmas. Depois ela deitou as duas mãos na pele nua de Thorne e começou a massagear seus músculos amortecidos. Os dedos hábeis amassaram sua carne, afastando a rigidez de seu antebraço. Infelizmente, a rigidez não estava abandonando o corpo todo... Estava simplesmente mudando de lugar – para seu púbis. Por baixo do lençol, seu membro inchou e cresceu.

“Pare com isso.” Ele gemeu.

“Está doendo muito?”

Não. Está bom demais.

“Será que ajuda se eu cantar para você?”, ela perguntou timidamente. “Do jeito que você me pediu para cantar, noite passada?” Ela cantarolou uma melodia cadenciada, depois cantou a letra que Thorne já conhecia. “*Veja o jardim de flores tão lindas...*”

Ele suspirou e fechou os olhos. Deus, ele odiava aquela música.

“*Rosas abertas*”, ela continuou, delicadamente, “*orquídeas tão raras*.”

“Pare”, Thorne rosnou para Kate. “Chega.”

As mãos de Kate percorreram, massageando, toda a extensão do braço dele, até o curativo no pulso. Ela virou o braço dele com a palma para cima e simplesmente repousou seus dedos na mão dele.

“Passei a noite toda olhando para você. Vasculhando as poucas lembranças que tenho dos meus primeiros anos de vida. Quanto mais eu olho para você, mais sinto que existe um quebra-cabeça que eu preciso resolver. Mas as peças não se juntam. E se você não estiver disposto a me dar as informações...”

Ele inspirou fundo.

“...então não me resta alternativa que não usar meus meios mais cruéis de extraí-las.”

“Você está *me* ameaçando?”, ele debochou.

“Você acha que eu não sou Capaz?”

Ela pegou a borda do lençol e a puxou para baixo até a cintura dele. Seu tronco nu ficou exposto à luz da lareira. Cada marca, cada tatuagem, cada cicatriz saliente. Ele esquentou com a sensação de estar exposto. Contudo, ela não pareceu chocada. Somente curiosa, de um jeito notadamente sensual. Sem dúvida ela tinha dado uma boa olhada nele antes. Thorne odiava que ao cuidar de sua enfermidade Kate havia perdido ainda mais de sua inocência. Mas o modo como ela inconscientemente umedeceu os lábios enquanto o observava... Ele não tinha como odiar aquilo.

Ela destampou novamente o frasco, segurando-o sobre seu peito, inclinando-o vagarosamente até que um fio de óleo começou a escorrer. Ela derramou o líquido escorregadio formando uma linha no centro de seu peito, dividindo-o de seus músculos abdominais, evitando o tecido que o prendia à cama, desenhando o caminho de pelos escuros que levava diretamente ao seu púbis. *Santo Deus.* A imagem era perversamente sensual. Que maldade ela pretendia fazer? Se ela passasse aquelas mãos macias por seu peito nu e coberto de óleo, Thorne não teria que se preocupar com uma confissão forçada. Ele entraria em combustão espontânea ali mesmo, não deixando para trás nada mais que cinzas.

“Eu tenho um jeito de fazer você falar.” Sua boca se retorceu em um sorriso frio. “Prepare-se para minha arma secreta.”

Thorne preparou sua região púbica.

“Aqui está ele.”

Oh! Ela pegou o filhote com as duas mãos e o levantou acima do abdome reluzente de Thorne. O nariz contorcionista do cãozinho pairava a dois centímetros de seu umbigo cheio de óleo. Thorne contraiu os músculos

abdominais. Então esse era o grande e malévolo plano de Kate. Ela iria extrair a verdade dele com lambidas. Usando o cachorro.

“O pequeno Xugo passou a noite toda conosco. Sem nada para comer a não ser uma casca de queijo que farejou em seu armário.” Ela fez uma careta e falou com o cachorro: “Você está com muita, muita fome, não é querido?”

“Você não faria isso”, disse Thorne.

“Ah, apenas me observe.”

“Katie, não ouse.”

Ela arqueou as sobrancelhas.

“Ah. Agora eu voltei a ser Katie? Minha tática já está funcionando.”

Ele firmou o maxilar e a fuzilou com o olhar.

“Se fizesse ideia dos suplícios que eu aguentei na minha vida, você saberia... que eu não vou ser dobrado por um cachorrinho.”

“Vamos tentar para ver o que acontece.”

Thorne praguejou por dentro. Ele não seria dobrado por um cachorrinho, mas aquela mulher... era um verdadeiro perigo. Ela olhou direta e honestamente para ele.

“Durante toda a minha vida eu procurei por respostas a respeito do meu passado. Minha vida toda, Thorne. Não vou descansar até você me contar a verdade.”

“Eu não posso.”

Ela baixou o filhote mais um centímetro.

Um arrepio pulsou pela barriga de Thorne.

“Xugo, não”, ele ordenou, ainda que soubesse da inutilidade que era tentar coibir esse comportamento de um cachorro.

O cão era um cão. Ele latia. Ele mastigava. Ele perseguia. *Deus tenha misericórdia.* Ele lambia.



Kate fez com que a primeira rodada de tortura fosse breve. Ela baixou Xugo por apenas alguns segundos de lambidas. Thorne rugiu como um animal. Um animal furioso. Suas narinas abriram. Os músculos de seu abdome foram tensionando progressivamente, ficando duros como paralelepípedos por baixo de sua pele. Tendões levantaram-se em seu pescoço, e seu braço bom virou puro

músculo flexionado, com veias pulsantes em alto-relevo. *Céus!* A respiração de Kate também ficou mais rápida. Ele era enorme, forte e furioso, e estava totalmente à sua mercê. Um animal, mas lindo. Quase inebriada com o poder, ela segurou momentaneamente o filhote.

"É o bastante?"

A respiração dele estava pesada, sua voz era áspera.

"Pare com isso. Pare agora."

"Implore por misericórdia."

"Com o diabo que vou implorar."

Ela baixou o filhote novamente. Dessa vez Thorne se esticou e arqueou com tanta força debaixo das amarras que o estrado da cama balançou para frente e para trás. A cama toda se deslocou vários centímetros pelo chão. Gotas de suor pontilhavam sua testa.

Ela lhe deu outro breve descanso.

"E agora?"

"Mulher ardilosa. Você vai se arrepender disso."

"Duvido muito." Ela baixou o cachorro mais uma vez, deixando-o lamber o flanco de Thorne, logo abaixo de sua última costela. Ele arqueou e arfou.

"Está bem", ele finalmente rugiu. "Muito bem. Você ganhou. Apenas tire esse cachorro de mim."

"Você vai me contar tudo?"

"Vou."

A vitória fez Kate estufar o peito.

"Eu sabia que você se renderia."

"Não estou pedindo misericórdia para mim", ele ofegou, os olhos pregados no teto. "É pelo cachorro. Com todo esse óleo, você vai fazê-lo passar mal."

Ela sorriu, satisfeita consigo mesma, ao perceber que havia encontrado o calcanhar de Aquiles de Thorne.

"Eu sabia que você se importava com ele."

Ela trouxe Xugo junto ao peito e o elogiou exageradamente antes de soltá-lo no chão. Então deu toda sua atenção a Thorne. Oh, a expressão no rosto dele era mortal.

"Estou ouvindo", disse ela.

"Primeiro me solte destas amarras."

"Quando você está assim furioso comigo? Eu posso ser corajosa, mas não sou idiota." Ela pegou a caneca de chá. "Mas vou lhe dar um pouco disso."

Ela se aproximou da cabeceira da cama e levou a caneca até os lábios dele,

colocando uma mão debaixo da cabeça de Thorne para ajudá-lo a beber. Quando ele repousou a cabeça no travesseiro, Kate passou seus dedos pelo cabelo desalinhado dele, ajeitando-o.

“Pode começar”, disse ela.

Ele suspirou.

“Sim, eu conheci você criança. Você era só uma coisinha quando nos vimos pela última vez. Quatro anos de idade, talvez. Eu era mais velho. Dez ou onze. Nossas mães...”

Ao ouvir a palavra “mães”, Kate sentiu um caroço se formando na garganta.

“Nossas mães?” Ela agarrou a mão boa dele. “Você tem que me contar tudo. Tudo, Thorne.”

Ele suspirou, relutante.

“Eu vou lhe contar mais. Juro. Mas me solte primeiro. Essa história exige um pouco de dignidade.”

Ela refletiu.

“Tudo bem.”

Kate pegou a faca na mesa. Com movimentos cuidadosos, ela cortou cada uma das tiras de tecido que o prendiam na cama. Algumas passavam por cima de suas pernas vestidas. Outras circundavam a pele nua de seu peito e abdome. Para erguer e cortar o tecido, ela teve que passar suas mãos pela sua pele quente. Ela tentou manter uma conduta profissional, mas foi difícil. Depois que ela cortou a última amarra, Thorne se apoiou no cotovelo bom e lentamente se curvou, até ficar sentado na cama. Um gigante adormecido que despertava. Suas botas atingiram o chão com dois baques pesados. Kate nem se preocupou em tentar removê-las. Ele esfregou o rosto quadrado e não barbeado, depois passou a mão pelo cabelo. Seu olhar caiu para o peito nu e coberto de óleo.

“Você tem uma esponja ou pano molhado?”

Ela lhe entregou uma toalha úmida que estava na mesa de cabeceira. Ele a pegou com a mão esquerda e passou o quadrado de tecido no pescoço e na nuca. Enquanto ele inclinava a cabeça para um lado e outro, Kate admirou os ombros esculpidos, atravessados pelos tendões esticados, e os contornos definidos entre cada músculo. Não havia nada macio nele, em lugar nenhum. E havia aquelas tatuagens intrigantes. Quando ele baixou a mão e começou a esfregar o peito, a boca de Kate ficou seca. Ela desviou o olhar, repentinamente consciente de que o estava encarando. Uma camisa. Ela tinha que encontrar uma camisa para ele. Um armário estreito perto da entrada da torre parecia servir de guarda-roupa. Foi ali que ela pendurou o casaco vermelho do uniforme na noite passada, depois

que o perigo passou. Ela foi até lá e encontrou uma camisa limpa de tecido macio. Ele pôs de lado a toalha molhada e Kate desviou os olhos enquanto lhe entregava a camisa. Alguns momentos depois ela voltou a olhar. Ele tinha conseguido passar a cabeça pela grande gola aberta e enfiar o braço bom na manga esquerda. Mas ela podia ver que ele lutava com o braço machucado.

Kate se aproximou.

“Deixe-me ajudar.”

“Eu consigo”, ele disse, recuando.

Intimidada, ela se afastou.

“Bem”, disse Kate. “Estou feliz que você sobreviveu à tortura com sua teimosia intacta. Vou levar o Xugo lá fora um pouco.”

A manhã estava fria e úmida de orvalho, e ela apressou Xugo para que fizesse logo suas necessidades, sem querer se arriscar a encontrar outra serpente. Quando voltou, Kate encontrou Thorne sentado à mesa com uma garrafa aberta. O cabelo estava molhado e penteado. Ele tinha vestido um casaco.

“Eu teria me barbeado e colocado uma gravata, mas...” Ele olhou para o braço direito, pendurado imóvel e inútil ao seu lado.

“Não seja bobo.” Ela se sentou com ele e apoiou um cotovelo na mesa. “Não é necessário. Nem posso imaginar como está a minha aparência, no momento.”

“Linda.” Ele falou a palavra sem hesitar. Seu olhar intenso encontrou o dela. “Você é linda, sempre.” Ele estendeu a mão para pegar uma mecha solta do cabelo dela. “O cabelo dela tinha cachos assim, mas não era tão escuro.”

“Onde aconteceu isso?” Ela engoliu o nó que sentia na garganta. “Onde nós morávamos?”

“Southwark, como lhe disse. Perto da prisão. A vizinhança era ruim, muito violenta.”

“E você me chamava de Katie, na época.”

Ele aquiesceu.

“Todo mundo chamava.”

“E como eu chamava você?”

O peito dele subiu e desceu lentamente.

“Você me chamava de Samuel.”

Samuel. O nome tocou algo dentro dela. Lembranças foram evocadas, congestionando os lugares escuros de sua mente. Quando Kate tentava olhar diretamente para essas lembranças, elas sumiam. Mas Kate podia sentir que estavam lá, esperando – misteriosas e sombrias.

“Nossas mães ocupavam quartos na mesma casa”, disse ele.

“Mas você me disse que sua mãe virou prostituta.”

Ele cerrou os dentes.

“E virou mesmo.”

Ah, não. A respiração de Kate ficou difícil. As implicações eram horríveis demais para serem contempladas.

“Minha... Será que ela pode estar viva?”

Solenemente, Thorne negou com a cabeça.

“Não. Ela morreu. Foi quando mandaram você para a escola.”

Kate piscou, olhando sem foco para uma ranhura na mesa. A raiva cresceu dentro dela, rápida e repentinamente. Ela queria xingar, gritar, chorar, bater em alguma coisa com seus punhos. Ela nunca havia sentido aquele tipo de raiva pura, inútil, e não sabia o que aquilo poderia levá-la a fazer.

“Sinto muito, Katie. A verdade não é agradável.”

“Não, não é. Não é agradável. Mas é a *minha* verdade.” Ela se afastou da mesa e se pôs em pé. “Minha *vida*. E não consigo acreditar que você escondeu isso de mim.”

Ele massageou o rosto com uma mão.

“Deixe-me ver se entendi bem”, continuou ela. “Quando você chegou em Spindle Cove, no verão passado, está dizendo que me reconheceu imediatamente?”

“Reconheci.”

“Por causa disto.” Ela tocou sua marca de nascença.

“Isso mesmo.”

“Então você soube imediatamente que me conhecia desde criança. E no presente você me achou...” Ela revirou o ar com a mão. “‘Bastante atraente’, como você disse uma vez.”

“Mais do que atraente.”

“Quanto mais?” De pé, ela abanava os braços, provocando-o. “Bonita? Linda? Arrebatadoramente esplêndida além de todas as palavras e compreensão?”

“A terceira opção”, ele devolveu. “Algo como a terceira. Quando você não está batendo os braços como uma galinha indignada, às vezes eu acho que você é a mulher mais linda do mundo.”

Ela deixou os braços caírem. Depois de uma pausa constrangedora, ela disse:

“Eu não sou, saiba disso. Eu nem mesmo sou a mulher mais linda de Spindle Cove.”

Ele ergueu a mão.

“Vamos voltar a desejável. Eu acho você muito desejável.”

“Ótimo! Então você me reconheceu e me achou desejável.”

“Muito.”

“Ainda assim, em vez de falar comigo sobre tudo isso, decidiu me intimidar e evitar por um ano inteiro. Quando você sabia que eu pensava que era uma órfã abandonada. Quando você *devia* ter percebido como eu estava desesperada por qualquer ligação com meu passado. Como você pôde fazer isso comigo?”

“Porque era melhor assim. O fato de você não ter lembranças é uma bênção. Nós vivíamos em um lugar em que a maioria das pessoas gostaria de esquecer. Eu não queria infligir esse desgosto em você agora.”

“Essa decisão não cabia a você!” Ela gesticulou furiosamente para o oceano oculto atrás dos muros do castelo. “Não posso acreditar nisso. Você teria ido para a América, sem nunca me contar nada. Deixando que eu ficasse na dúvida para sempre.”

Enquanto Thorne a observava, ela andava de um lado para outro, e Xugo perseguia o babado da saia dela de um lado do aposento para o outro.

“Se os Gramercy não tivessem encontrado a pintura e vindo me procurar...” Um pensamento horrível passou por sua cabeça. “Oh, Deus. Era por *mim* que eles estavam procurando? Minha mãe se parecia com o retrato? Ela usava um pingente de pedra azul-escuro?”

“Não sei dizer. Minhas lembranças dela não são muito mais confiáveis que as suas. Quando eu a via, ela normalmente estava com ruge e os olhos pintados. Depois estava pálida com a doença. Rosa Ellie era...”

“Rosa Ellie.” Kate deu um passo decidido em sua direção. “O nome da minha mãe era Rosa Ellie?”

“Era o nome que ela usava. Não acho que fosse seu nome verdadeiro.”

Rosa Ellie. Poderia essa mulher ser a mesma Elinor Marie, ou será que se tratava de outra alma infeliz? Oh, Deus! Quem era *Kate*? A filha de um marquês? A filha de uma prostituta? As duas coisas?

Ela desabou sentada no chão, entorpecida. Xugo pulou no seu colo, como se tivesse ganhado algum jogo que estivessem disputando. Ela o ignorou. Nem beijos do filhote podiam melhorar aquele momento. Por hábito, seus dedos foram para a marca em sua têmpora. Uma filha do pecado, foi como a Srta. Paringham a chamou. Uma filha do pecado que devia viver envergonhada. *Seja corajosa, minha Katie.* Em seus momentos mais solitários, mais desesperadores, aquela voz tinha lhe dado esperança. Ela não podia abandonar aquilo. *Não agora.* Alguém, em algum lugar, a amou. Mesmo que aquele alguém fosse uma

mulher desgraçada, e que esse lugar fosse um bordel sórdido, isso não mudava a essência do amor.

“Está vendo?”, disse Thorne. “É por isso que tentei proteger você da verdade. Aprenda a deixar o passado esquecido, Katie. Olhe para sua vida agora. Tudo que você conseguiu, todas as amigas que fez. Você encontrou uma família que a aceitou.”

Os Gramercy.

“Oh, Deus”, ela suspirou. “Eu tenho que contar para eles.”

“Não.” Thorne bateu na mesa com seu punho bom. “Você não pode contar nada disso para eles.”

“Mas eu tenho que contar! Você não vê? Esse pode ser o elo. Se Rosa Ellie era Elinor... então eles teriam certeza de que sou filha de Simon.”

“Isso, e eles teriam certeza de que você passou seus primeiros quatro anos em um prostíbulo. Eles a rejeitariam. Não iriam querer mais nada com você.”

Kate balançou a cabeça.

“Os Gramercy nunca fariam isso. Família acima de tudo. É o que eles sempre dizem. Eles já aguentaram muitos escândalos.”

“Escândalos de alta sociedade. Isto é outra coisa. É diferente.”

Ela sabia que ele estava certo. Não era a mesma coisa. Caso sua mãe tivesse sido uma cortesã de elite, *talvez* o escândalo não fosse tão grande. Mas uma prostituta de um bordel de baixa categoria em Southwark? Apesar de tudo...

“Eu devo a verdade aos Gramercy. Não posso deixar que me aceitem na família se houver uma chance de que tudo seja um engano.”

Um novo pensamento surgiu nela. Kate se apegou a ele. Ela se pôs de pé.

“Talvez *você* esteja enganado, Thorne. Já pensou nisso? Você conheceu uma menina com uma marca de nascença. Mas isso foi há vinte anos. Você não pode ter certeza de que era eu.”

“E quanto à música, Katie?”

Ela cruzou os braços e ergueu o queixo.

“A música é só uma cançãozinha boba. O que tem isso?”

Apesar de que em todos os seus anos em Margate, todos os seus anos de instrução musical, ela nunca encontrou outra pessoa que conhecesse essa música. Por um instante pareceu que ele iria usar o mesmo argumento. Mas então pareceu reconsiderar.

“Tudo bem”, ele disse, erguendo o ombro bom como sinal de resignação. “Você tem razão. Devo estar enganado. Eu não conheci você quando era criança. Você não era filha de uma prostituta. Mais uma razão para você não contar nada

disso para os Gramercy.”

“Mas eu tenho que contar”, ela murmurou. “Eu devo. Eles merecem saber. Eles têm sido tão gentis comigo, têm colocado tanta fé em mim. Eu preciso contar. Hoje.”

Ele se esforçou para ficar de pé.

“Então eu vou com você.”

“Não.” Ela fungou. “Não quero você lá. Não quero você em nenhum lugar perto de mim.” Ela enfiou um dedo no próprio peito. “Eu tentei ver o melhor em você, apesar de todo seu mau humor. Eu o defendo com todo coração, mesmo com suas rejeições insensíveis, e ontem... eu estava pronta para me *casar* com você, seu homem sem coração. Eu fui tola em pensar que estava começando a amar você.”

A voz dela falhou.

“E você estava mentindo para mim. O tempo todo, desde o primeiro instante em que você entrou nesta vila e me viu cantando com aquele xale indiano emprestado. Você mentiu para mim. Você me forçou a aceitar essa piada de noivado. Você me fez de boba na frente de todas as minhas amigas, e também das pessoas que eu esperava chamar de família. Tudo isso quando você sabia – você *sabia* o quanto a verdade significava para mim. Não posso deixar que você continue a me magoar, Thorne. Você estava certo, naquele dia no átrio, eu preciso de alguém Capaz de compaixão e carinho. Eu preciso de um homem melhor.”

“Katie...”

“Não me chame assim. Nunca mais me chame assim.”

Ele a pegou pelo braço.

“Katie, não posso deixar você ir embora. Não assim.”

“Por que não?”

“Porque eu...”

O pulso acelerado dela falseou. Se ele dissesse que a amava, ali, naquele instante, ela não conseguiria ir embora. Mesmo depois de tudo que Thorne havia feito, ela não teria coragem de ir embora. Ele devia saber disso. *Continue,* ela pediu em silêncio. *Só três palavras e sou sua.*

“Porque você passou a noite aqui”, disse ele.

Ela apertou os olhos. *Covarde.*

“Você passou a noite sozinha comigo”, disse ele. “Se alguém notar isso, você estará arruinada. Completamente.”

“Eu vou me arriscar. Prefiro ficar arruinada do que ficar com você.” Ela

lutou para se soltar da mão dele e foi até a porta. “Nosso noivado acabou.”

“Você tem razão, acabou”, disse ele. “Vamos nos casar hoje.”

Capítulo Quinze

Thorne sabia desde o começo que isso iria acontecer. Ele a tinha avisado, mais de uma vez, que se o conhecesse, iria querer ficar o mais longe possível. Ele a observava então, aproximando-se da porta, exibindo uma expressão de pura repugnância.

"Casar com você? Hoje?" Ela balançou a cabeça. "Você ficou louco. Talvez seja o veneno da víbora."

"Eu nunca diria que sou um homem culto, mas acredito que sou inteligente." Ele atravessou o quarto lentamente, acostumando-se com o novo equilíbrio provocado pelo braço inerte. "Você passou a noite comigo. Sozinha. No meu quarto."

"Mas você estava doente. Eu não podia deixar você. Não tive escolha. Além disso, nada aconteceu." Suas faces ficaram coradas. "Bem, quase nada."

Thorne estremeceu ao lembrar da doçura tímida da língua aveludada de Kate, e do calor macio de seu sexo. E de todas aquelas promessas ingênuas, sonhadoras, que ela fez de ficar com ele, amá-lo e dar-lhe um lar, como se Thorne fosse outro cãozinho perdido que ela resolveu adotar. Evidentemente, essas promessas haviam sido revogadas.

"Você sabe tão bem quanto eu", disse ele, "que não importa o que aconteceu ou deixou de acontecer, mas o que as pessoas vão pensar." Ele não a havia tirado de um prostíbulo tantos anos atrás só para fazer com que agora parecesse uma vagabunda. "Nós devemos nos casar. Você não tem escolha."

"É claro que eu tenho escolha. Fique olhando enquanto eu a faço." Ela escancarou a porta e saiu correndo por ela. Thorne a observou desaparecer na direção da vila – correndo com toda a pressa com que um morcego foge da alvorada.

Embora pensando que preferiria fazer aquilo com um pouco de pão e cerveja no estômago, Thorne saiu correndo atrás dela. Xugo acompanhou, feliz, a procissão, as orelhas coladas na cabeça. Enquanto corria pela trilha que levava

do castelo à vila, Kate lançou um olhar para Thorne por sobre o ombro.

“Pare de me seguir. Eu não vou casar com você, Thorne. Você vai para a América. Eu pretendo continuar na Inglaterra. Com minha família.”

A trilha chegou a uma encosta mais suave. Thorne forçou seus membros cansados a correr, e foi ganhando terreno até conseguir pegá-la esticando o braço esquerdo. Ignorando o grito de protesto dela, Thorne a virou para que o encarasse. O cabelo de Kate esCapou dos grampos e caiu pelos ombros em ondas pesadas. Ela o encarou, ofegante. Thorne percebeu que também estava sem fôlego. Como foi que ela disse mais cedo? *Arrebatadoramente esplêndida, além de todas as palavras e compreensão?* Sim, isso a descrevia bem.

“Você precisa se fazer uma pergunta importante”, disse ele. “Se aquela família é mesmo a *sua* família, e todos são tão compreensivos... por que sua mãe nunca os procurou? Antes de Simon morrer, por que ele não contou para ninguém sobre a criança?”

“Talvez não tenha havido tempo. E como Tia Sagui explicou, os pais deles nunca aprovaram aquele amor. Mas Evan era apenas um garoto na época. As coisas são diferentes, hoje. Estes Gramercy são diferentes. Eles não vão me abandonar.”

“E se abandonarem? Se você for expulsa da Queen’s Ruby, como provavelmente será, depois de passar a noite comigo, não vai ter como viver. Como você vai se sustentar?”

Ela deu de ombros.

“Eu tenho amigas. Essa pode ser uma noção estranha para você, mas existem pessoas que me ajudariam. Susanna e Lorde Rycliff me acolheriam.”

“Tenho certeza que sim. Mas Rycliff é meu oficial superior. Se eu lhe contar as circunstâncias, ele vai concordar que temos que casar.”

Kate se virou e olhou para além do mar azul-esverdeado, parecendo desesperada e perdida. Seu peito doía.

“Katie”, ele disse, “estou querendo tomar a atitude honrada.”

Ela o fuzilou com o olhar.

“Bem, você está um ano atrasado.”

Ele sabia que merecia ouvir aquilo.

“É injusto, eu sei. Você foi gentil demais para me deixar sozinho, e agora tem que pagar por isso com seu futuro. As coisas são assim. Atos de bondade custam caro.”

Essa foi uma lição que a vida lhe ensinou bem. Mas ele faria tudo de novo. Ele engoliria um ninho inteiro de víboras vivas se isso poupasse Kate de um

instante de dor. Ele tentou pôr um pouco de compaixão na voz, em vez da mistura habitual de frieza e autoridade impessoal.

“Vamos. Vou levar você para casa. Está cansada.”

“Eu *estou* cansada. Cansada de segredos, cansada de mentiras. Mas, mais do que tudo, estou exausta de viver na incerteza, sentindo que sou puxada em duas direções, no passado e no futuro. Vou conversar com Evan e lhe contarei tudo. Exatamente o que aconteceu e não aconteceu na noite passada. Vou falar de Rosa Ellie e do bordel em Southwark. Vamos tirar tudo isso a limpo, e então vou ouvir o que ele tem a dizer.”

“Por que você deixaria Drewe tomar as decisões? Você só o conhece há poucas semanas. Ele não...”

“Eu disse que vou ouvir o que ele tem a dizer”, respondeu ela. “Eu vou tomar minhas próprias decisões. Eu já deixei que você decidisse demais por mim desde que os Gramercy apareceram na minha vida. Estou pagando o preço disso, agora, mas não vou cometer o mesmo erro de novo.”

“Eu só estava...”

“Cuidando de mim? Ah, é.” Ela abriu os braços e mostrou a roupa amarrotada. “E que bom trabalho você fez.”

“Minhas intenções eram decentes.”

“Por favor.” Ela enfiou o dedo no meio do peito dele. “Você me traiu, Thorne. Mentiu para mim. Você não faz ideia de como me amar. Eu não vou casar com você. Nem hoje, nem nunca.”

Ele expirou lentamente. *Nem nunca*. Depois que uma mulher expressa sua vontade de forma tão clara, um homem teria que ser um canalha para continuar atrás dela. Ela sabia quais eram os riscos. Ela tinha amigas, caso precisasse de ajuda. Se Kate o queria fora de sua vida, Thorne a deixaria. Naquele dia mesmo.

“Agora eu vou para casa, para a pensão.” Kate se afastou. “Não me siga.”

“Tenho providências a tomar em Londres”, disse ele. “Vou partir esta manhã.”

“Ótimo.”

Ela cruzou os braços à frente do peito, virou e saiu a passos largos pela trilha. O vento que soprava do mar jogou seu cabelo e seu vestido em todas as direções, mas Kate nunca se desviou de seu caminho. Thorne a observou indo embora, até que um ganido canino bem agudo chamou sua atenção para baixo. Xugo esperava junto a seus pés, abanando o rabo. O cachorro gania ansiosamente enquanto olhava para a figura de Kate se retirando e depois para Thorne.

“Pode ir”, disse Thorne, liberando Xugo para ir atrás dela. “Cuide dela por

mim.



Enquanto caminhava de volta à vila, Kate chegou a uma bifurcação do caminho. A trilha à esquerda continuava para a vila, enquanto a da direta levava à estrada. Ela virou para a direita e olhou ao longe. Talvez ela devesse simplesmente continuar andando até chegar a alguma outra vila e começar de novo. Ela poderia conseguir novas alunas de música, ou se tornar uma governanta. Ela poderia embarcar em um navio e ir para qualquer lugar do mundo. Desbravar a Austrália seria, com certeza, mais fácil que sentar com Lorde Drewe e lhe explicar os eventos da noite anterior. *Não, não*. Ela abafou aquela voz irracional que a impelia a fugir. Recomeçar tudo em um lugar estranho não era uma ideia prudente para uma mulher solteira e desprotegida. Rosa Ellie, quem quer que fosse aquela pobre alma, provavelmente teve grandes esperanças de pegar seu bebê e fazer exatamente isso. E veja como ela terminou.

Kate pegou o caminho à esquerda e foi se arrastando para a Queen's Ruby sob a primeira luz da manhã. Ela não conseguiria suportar mais evasivas, decepções ou meias-verdades. Era hora de passar tudo a limpo com todos e torcer para que as coisas dessem certo.

"*Kate.*"

"Quem está aí?"

Uma figura emergiu das sombras e a cobriu com uma Capa imensa e escura. O tecido pesado a sufocou e ela se debateu por instinto. Kate sentiu como se estivesse sendo atacada. Ah, que ironia seria se nem vinte minutos depois de recusar a proteção de Thorne, se ela fosse sequestrada e mantida refém. Talvez assim ela conseguisse fazê-lo rir.

"Pare de se debater", disse uma voz. "Estou quase conseguindo..."

A cabeça de Kate finalmente saiu pelo alto da Capa. Ela podia respirar novamente. E enxergar.

"Harry?" Aturdida, ela olhou para a mulher linda e não convencional que passou a considerar uma prima.

Harry pôs um braço ao redor de Kate, levando-a de volta à rua.

"Oh, Srta. Taylor!", ela disse em voz alta. "Que bela caminhada nós demos esta manhã. Tão revigorante, esse passeio por Downlands. O cachorro também

gostou.”

“Do que é que você está falando?”, sussurrou Kate.

“Apenas me acompanhe”, Harry murmurou de volta, ajeitando a Capa nos ombros de Kate. “Não se preocupe. A menos que eles vejam que você está usando o mesmo vestido de ontem, ninguém vai suspeitar.”

“Ninguém vai suspeitar do quê?”

Harry ergueu a voz quando elas se aproximaram da entrada da Queen’s Ruby.

“Sério, que caminhada deliciosa. O tempo está ótimo. Se eu fosse do tipo que colhe flores, teria pegado dezenas.”

Quando elas entraram na pensão, a Sra. Nichols veio cumprimentá-las. A velha senhora exibia uma expressão de verdadeira preocupação.

“Oh, Srta. Taylor. Que bom vê-la esta manhã. Está se sentindo melhor, querida?”

“Eu... eu...”, Kate gaguejou.

“É claro que ela está se sentindo melhor.” Harry pegou Xugo no colo. “Veja só esse rosado nas faces. É como eu sempre digo, não há nada que uma boa caminhada pelo campo não consiga curar.”

Antes que Kate pudesse começar a discordar, uma Harry sorridente a empurrou na direção da escada.

“Nós vamos nos lavar para o café da manhã, Sra. Nichols. Mal posso esperar para provar o seu delicioso pão de groselha esta manhã.”

Quando elas chegaram ao alto da escada, Harry conduziu Kate para o quarto dela, onde entrou junto com a prima e soltou o cachorro, para em seguida se deixar cair dramaticamente contra a porta fechada.

“Muito bem.” Ela deu um sorriso de entendimento mútuo para Kate. “Isso foi suficiente. E, como eu lhe disse, ninguém suspeita de nada.”

“Não estou entendendo.” Kate sentou na borda de sua cama estreita. O quarto dela era pequeno, enfiado em um canto da pensão. Os quartos grandes eram reservados para as hóspedes ilustres, que necessitavam de guarda-roupas maiores e podiam pagar mais.

“Eu menti por você, é claro”, disse Harry. “Eu costumava fazer isso por Calista o tempo todo. Ficou bastante óbvio porque nem você nem Thorne apareceram na taverna na noite passada. Então, quando alguém notou sua ausência, eu me ofereci para procurá-la. Eu disse para todo mundo que você estava se sentindo muito mal e descansava em seu quarto. Eu até me dei ao trabalho de acordar a Sra. Nichols para que ela providenciasse um pó para dor de

cabeça.” Os lábios dela se curvaram em um sorriso convencido. “Sou muito boa nessas coisas.”

“É evidente”, disse Kate. A cabeça dela estava girando.

“Devo dizer que isso quase me deixa com inveja. Quando duas mulheres querem ficar sozinhas, é fácil demais.” Ela foi se sentar ao lado de Kate na cama. “Eu espero que você tenha aproveitado sua noite. Mas da próxima vez, você pode fazer o favor de me avisar com antecedência?”

“Oh, Harry.” Kate apoiou a cabeça em suas mãos. Ela sabia que a interferência da prima era bem-intencionada. Mas não foi oportuna – logo depois que ela jurou passar tudo a limpo. “Não é nada do que você está pensando.”

“Não precisa inventar desculpas para mim, Kate. Dentre todas as pessoas, não serei eu a julgar você.”

“Eu sei. Mas estou dizendo a verdade. Juro que não aconteceu nada. De fato...” Ela parou de falar, sobrecarregada.

Harry estalou a língua e deu tapinhas no ombro de Kate.

“Você e o Cabo Thorne brigaram? Diga-me o que patife fez. Não se preocupe, pode xingá-lo à vontade. Quando vocês dois fizerem as pazes, não vou contar nada. Eu digo as coisas mais horríveis sobre Ames quando estou aborrecida.”

“Eu acho que nunca vamos fazer as pazes.” Kate ergueu a cabeça. “Eu terminei o noivado.”

“Oh.” Harry se aproximou e pôs o braço em volta dos ombros de Kate. “Ah, não. Sinto muito.”

“Você sente? Achei que nenhum de vocês gostasse dele.”

“Bem, não. Mas *você* gostava dele, então procuramos nos esforçar.”

Kate sorriu, mesmo enquanto as lágrimas afloravam em seus olhos.

Harry lhe entregou um lenço que trazia no bolso do colete. Seguindo seu estilo, o lenço era típico de um cavalheiro – sem qualquer renda ou monograma bordado. Kate sentiu o coração apertar enquanto passava os dedos pela borda bem acabada do lenço. Ela detestava pensar que seus laços com aquela família pudessem ser uma mentira, um engano.

“Você não terminou com Thorne por nossa causa, terminou?”, perguntou Harry.

“Não. Não, foi totalmente por outro motivo.” Kate fungou e enxugou as lágrimas. “Eu preciso falar imediatamente com Evan. Esta manhã, se possível. Tenho que explicar para ele o que aconteceu na noite passada.”

“Oh, não.” Harry arregalou os olhos. “Kate, você não pode fazer isso. Você

não pode contar nada sobre ontem à noite para Evan. Ele vai ter um de seus... episódios."

"Episódios?"

"Você já viu como ele fica fervilhando. Mas você não o viu explodir. E nada o deixa mais louco que uma de suas parentes estar comprometida. Não foi por sua causa que eu menti, noite passada. Eu peguei gosto por esta vilazinha, e detestaria vê-la devastada."

Devastada? Claro que Harry deveria estar exagerando.

"Você acreditaria em mim se estivesse presente quando Calista foi descoberta com Parker", disse Harry. "Bom Deus, pareceu algo tirado de uma tapeçaria medieval. Um duelo, dois edifícios queimados por completo, pelo menos meia dúzia de cavalos valiosos correndo como loucos pelo pântano. Os cavalariços precisaram de dias para recuperar todos." Ela balançou a cabeça. "Isso fez as tentativas de Evan limpar a *minha* honra parecerem desentendimentos amigáveis no clube."

"E quanto a Claire?" Kate não conseguiu evitar de perguntar.

"Quanto menos se falar de Claire, melhor. Vamos apenas dizer que há um cavalheiro, em algum lugar, com partes faltantes. Partes *vitais*."

Nossa! Kate tentou reconciliar essas histórias com o Evan Gramercy que ela conheceu e passou a admirar. Ele parecia tão calmo e elegante. Quando tocaram piano juntos naquela noite, Kate *sentiu* a intensidade das emoções que ele guardava. Mas violência?

"Eu tenho que arriscar, de qualquer modo", disse ela. "Na verdade, minha virtude não foi comprometida. Minha consciência está limpa."

"Kate", Harry disse com seriedade. "Eu não sou do tipo que liga para convenções sociais. Mas até eu sei que, se você passou a noite com Thorne, está comprometida. Não importa o que aconteceu ou não aconteceu."

Foi exatamente o que Thorne tinha falado. Se dois seres humanos tão opostos quanto Thorne e Harry concordavam em algo, Kate só poderia concluir que devia ser verdade.

Harry apertou a mão dela.

"Eu lhe imploro. Descarregue seu coração comigo, se quiser, ou descubra um modo de contar para Evan apenas parte da verdade. Mas a menos que você deseje ferir o Cabo Thorne, não conte a Evan sobre a noite passada. E pelo amor de tudo, troque de vestido antes de falar com ele."

Houve uma batida na porta.

Kate inspirou profundamente e enxugou os olhos.

“Quem é?”

“Sou eu.” A porta abriu um pouco, revelando a fisionomia doce de Lark. Quando ela pôs os olhos em Kate, a moça escancarou a porta. “Kate, o que foi? Você continua se sentindo mal?”

Kate balançou a cabeça.

“Não. Estou bem.”

“Eu estava contando para ela uma história muito triste e trágica”, disse Harry, colocando-se de pé. “E ela ficou muito comovida pela moral da história.”

“Harriet. Não a provoque. Pelo menos não até ela estar definitivamente conosco.” Lark se virou para Kate e sorriu. “Evan está com visitas na taverna. Os advogados, creio eu. Ele pediu para chamar você.”

Capítulo Dezesseis

Embora tivesse estado muitas vezes no salão do Touro e Flor, Kate nunca havia visitado os aposentos *acima*. Seguindo as orientações de Fosbury, ela subiu por uma escada estreita e chegou a um corredor comprido e sem janelas. Ela congelou com aquela mesma imagem familiar. Ela estava em um túnel sóbrio e sem fim, e seu futuro a esperava na outra extremidade. Música de piano ressoava pelo chão, fazendo formigar a sola dos seus pés. Ela fechou os olhos e a cor azul brilhou por trás de suas pálpebras.

"Kate, é você?", a voz de Evan veio da primeira sala à esquerda.

"Sim." Ela estremeceu e passou a mão pela saia do vestido estampado antes de entrar.

Kate entrou em uma sala de estar pequena, mas confortavelmente decorada. Ela sabia que aquele devia ser um dos aposentos particulares de Fosbury – o dono da taverna desocupou para oferecer a Evan uma suíte completa, digna de um marquês.

"Srta. Kate Taylor, eu gostaria de apresentá-la a dois dos advogados da família, Sr. Bartwhistle e Sr. Smythe."

"Como estão?" Kate fez uma reverência para os dois homens, que vestiam casacos marrons tão parecidos que eram quase idênticos.

"E esta", Evan indicou uma senhora de idade usando um vestido índigo desbotado que há muito não estava na moda, "é a Sra. Fellows."

Kate sorriu e inclinou a cabeça, mas ficou consternada quando seu cumprimento não foi retribuído. A mulher mais velha permaneceu sentada na poltrona, voltada para a janela, olhando apenas em frente.

"Catarata", Evan sussurrou em sua orelha. "A pobre senhora está quase cega."

"Oh." Entendendo o distanciamento da mulher, Kate se aproximou para pegar a mão dela. "Sra. Fellows, é um prazer conhecê-la."

Evan fechou a porta da sala.

“A Sra. Fellows estava nos contando sobre o tempo em que trabalhou como governanta em Ambervale, há vinte anos.”

“Ambervale?” O coração de Kate acelerou. Evan lhe disse, naquele dia em Wilmington, que pretendia procurar antigos empregados de Ambervale, mas nunca mais falou nisso.

Ele puxou uma cadeira para Kate, que a aceitou graciosamente.

Ele também se sentou.

“Diga-me, Sra. Fellows, vocês tinham muitos empregados na época do meu primo?”

“Não, meu lorde. Apenas meu marido e eu. O Sr. Fellows já faleceu, faz oito anos. Tínhamos um cozinheiro na época, e uma garota vinha todos os dias para ajudar. Nós mandávamos lavar a roupa fora. A maior parte da casa ficava fechada, sabe. Eles nunca recebiam hóspedes. Sua Senhoria e a Srta. Elinor gostavam de privacidade.”

“Sim, eu posso imaginar.” Evan sorriu para Kate. “E então a Srta. Haverford ficou grávida, está correto?”

A franqueza da pergunta obviamente afligiu a Sra. Fellows. Mas ela respondeu.

“Sim, meu lorde.”

“E ela deu à luz uma criança. Era menino ou menina, a senhora recorda?”

“Uma garotinha.” A Sra. Fellows ainda estava de frente para a janela, e ela sorriu para as partículas de pó que dançavam iluminadas pelos raios de sol. “Eles a chamaram Katherine.”

Do outro lado da sala, o Sr. Bartwhistle pigarreou. Seu olhar perspicaz pousou em Kate – ou, mais especificamente, na marca de nascença em sua têmpora.

“Sra. Fellows”, ele perguntou, “a senhora se lembra se a criança tinha... alguma marca característica?”

“Ah, sim. A infeliz pobrezinha tinha uma marca de nascença no rosto.”

Infeliz pobrezinha? Pela primeira vez na vida, Kate bendisse a marca em sua têmpora. Se pudesse, teria *beijado* essa marca. Ela se inclinou para frente na cadeira, aguçando tanto as orelhas que sentiu os tímpanos doendo com o esforço.

“Se vocês querem saber”, disse a Sra. Fellows, “foi o vinho. Devo ter dito milhares de vezes para a Srta. Elinor que uma mulher não deveria beber nada enquanto está grávida. É impróprio. Mas ela gostava de dar um gole de vez em quando e, é claro, quando a bebê chegou, havia uma grande mancha de vinho na têmpora.

“A senhora pode descrever essa marca com mais detalhes?”, Evan perguntou. “Eu sei que faz muitos anos.”

A Sra. Fellows se remexeu na poltrona.

“Mas eu me lembro e muito bem. Era bem aqui.” Ela levantou a mão envelhecida até sua própria têmpora. “Tinha quase o formato de um coração. Nunca vou me esquecer, porque eles riram muito a respeito, sabe.”

“Eles riram a respeito?”, perguntou Kate, esquecendo-se que não era ela quem conduzia a entrevista.

“Riram um com o outro, isso mesmo. Eles eram assim, sempre rindo um com o outro a respeito de tudo. Eu ouvi a Srta. Elinor dizendo a Sua Senhoria, ‘Nós sabemos que ela é sua, não é?’ Isso porque ele também tinha essa marca de nascença. Mas o finado Lorde Drewe insistia que a marca era do lado da Srta. Elinor. Porque ela tinha o coração no rosto, e a criança também tinha.”

Do outro lado da sala, Bartwhistle e Smythe escreviam furiosamente, anotando cada palavra.

Evan pegou a mão de Kate e a apertou.

“Eu sabia. Eu sabia que você era nossa.”

“Parece que Simon e Elinor estavam muito apaixonados”, disse Kate, engasgando de emoção.

“Ah, sim.” A velha governanta sorriu. “Nunca vi casal tão loucamente devotado um ao outro.” O sorriso foi sumindo. “E, depois que ele morreu, tão de repente, tão jovem... Oh, ela ficou muito abalada.”

“O que aconteceu?”, perguntou Evan.

“Nunca soubemos”, respondeu a Sra. Fellows. “O médico disse que talvez a parteira tenha trazido uma infecção. Eu mesma sempre suspeitei da pintura. Não pode ser saudável, ficar fechado o dia todo com aqueles vapores horrorosos.” Ela balançou a cabeça. “Seja como for que aconteceu, ele estava morto. Ficamos todos desolados, e a Srta. Elinor estava inconsolável. Sozinha no mundo, com uma recém-nascida? E não havia dinheiro. Nada. Sua Senhoria nunca teve muito em casa, e nós não podíamos continuar comprando comida fiado.”

“O que vocês fizeram?”, perguntou Kate.

“Nós fechamos a casa. A Srta. Elinor pegou a bebê e foi embora. Ela disse que iria voltar para casa em Derbyshire.”

Evan se inclinou para Kate e murmurou:

“Imagino que ela não chegou lá, certamente, ou alguém saberia de algo. Se nós apenas soubéssemos o que aconteceu entre o fechamento de Ambervale e sua chegada em Margate.”

Uma sensação de desespero tomou conta de Kate. Ela estava verdadeiramente cheia de mentiras e fraudes. Ela queria fazer – e dizer – a coisa certa. Mas ela não sabia qual era essa coisa certa. Como ela poderia falar para Evan de “Rosa Ellie” e do prostíbulo em Southwark – na frente dos dois advogados e da governanta que tinha sua mãe em tão óbvia alta estima? Isso importava? Talvez a história de Thorne fosse irrelevante. A garotinha que ele conheceu podia ser outra pessoa. O mais enlouquecedor de tudo era saber que seu próprio cérebro aprisionava a verdade. As memórias estavam lá. Ela sabia que sim. Mas ela nunca conseguia chegar ao fim daquele corredor.

“Eu gostaria de saber”, disse Kate. “Eu queria, mais do que qualquer coisa, ter uma lembrança clara dessa época.”

“O bom Deus deve tê-la levado para o céu”, disse a Sra. Fellows. “Eu não consigo imaginar que a Srta. Elinor se separasse da filha por menos que a morte. Eu tenho seis filhos, e entraria em guerra com o diabo por cada um deles.”

“É claro que sim, Sra. Fellows”, disse Evan.

Impulsivamente, Kate foi para frente e segurou o pulso da governanta idosa.

“Obrigada”, disse ela. “Por tomar conta dela. E de mim.”

A Sra. Fellows tateou até encontrar a mão de Kate.

“É você, então? Você é Katherine? Filha de Sua Senhoria?”

Kate olhou para Evan, e depois para os advogados.

“Eu... eu acho que sim?”

O Sr. Bartwhistle e o Sr. Smythe conversaram. No final, o Sr. Bartwhistle respondeu pelos dois.

“Entre o registro da paróquia”, disse ele, “a notável semelhança física e a declaração da Sra. Fellows com relação à marca de nascença, nós sentimos que é seguro concluir positivamente.”

“Sim?”, perguntou Kate.

“Sim”, respondeu o Sr. Smythe.

Kate se afundou na poltrona, emocionada demais. Os Gramercy irromperam em sua vida há menos de quinze dias. Evan, Lark, Harry, Tia Sagui – cada um deles, individualmente, a aceitou na família. Mas havia algo no “sim” seco, jurídico, dos advogados que fez a emoção transbordar. Ela enterrou o rosto nas mãos. Ela era uma criança perdida que foi encontrada. Ela era uma Gramercy. Ela tinha sido amada. Ela mal podia *esperar* para fazer nova visita à Srta. Paringham.

O Sr. Bartwhistle continuou:

“Nós vamos redigir uma declaração para que assine, Sra. Fellows. Se a

senhora puder nos dar mais alguns detalhes. Esteve presente durante o nascimento?”

“Ah, sim”, disse a governanta. “Eu estava presente no nascimento. E no casamento.”

Casamento? Kate ergueu a cabeça de repente. Ela procurou o rosto de Evan, mas sua expressão era ilegível.

“Ela acabou de dizer ‘casamento’?”



Depois que a Sra. Fellows e os advogados foram embora, Kate ficou com Evan na pequena sala do andar de cima. O velho livro da paróquia jazia diante dela sobre a mesa, aberto duas páginas antes do registro de seu nascimento.

“Simon Langley Gramercy”, ela leu em voz baixa, “quinto Marquês de Drewe, casou com Elinor Marie Haverford no trigésimo dia de janeiro, 1791.”

Não importava quantas vezes ela lesse aquelas linhas, Kate ainda achava difícil acreditar naquelas palavras.

Evan massageou o queixo.

“Eles foram bem próximos, não? Embora tivessem começado com escândalo, parece que Simon quis corrigir as coisas quando foi necessário.”

Kate ergueu os olhos para o primo.

“Você sabia disso o tempo todo?”

“Você pode me perdoar?” Ele olhava fixamente para ela. “Nós sempre tivemos a intenção de lhe contar, uma vez que nós...”

“Nós? Então Lark, Harry e Tia Sagui... elas todas também sabiam?”

“Nós vimos o registro juntos, naquele dia em St. Mary of the Martyrs.” Ele pegou a mão dela. “Kate, por favor, procure compreender. Nós precisávamos primeiro ter certeza da sua identidade, para evitar desapontá-la, ou...”

“Ou que eu me sentisse tentada a buscar a verdade.”

Ele aquiesceu.

“Nós não conhecíamos você. Não tínhamos ideia de que tipo de pessoa você era.”

“Eu compreendo”, disse Kate. “Era necessário ter cuidado, e não apenas do seu lado.”

“Foi por isso que você fingiu estar noiva do Cabo Thorne?”

Ela sentiu o rosto esquentar com uma onda de culpa. Como ele adivinhou?

“Não foi fingimento. Não exatamente.”

“Mas foi uma conveniência. Inventada na hora, ali mesmo na sala de estar da Queen’s Ruby. Ele queria proteger você.”

Ela aquiesceu, inCapaz de negar.

“Faz tempo que eu suspeitava disso. Não se sinta mal, Kate. Quando eu penso na forma como nós a surpreendemos naquela noite... Foi uma situação muito estranha, imprevisível. Para todos nós. Dos dois lados ocultamos informações. Mas estávamos apenas protegendo a nós mesmos e nossos entes queridos o melhor que podíamos.”

As palavras de Evan fizeram Kate refletir sobre sua discussão com Thorne. Ela ficou tão furiosa porque ele não revelou o que sabia – ou *pensava* que sabia – sobre seu passado. Será que Evan não havia cometido exatamente a mesma transgressão? Mas ela não pulou da cadeira e começou a gritar com Evan. Ela não estava insultando o caráter de Evan. E também não estava se retirando do aposento esperneando e xingando, jurando nunca mais olhar para ele. *Por que a diferença?,* ela se perguntou. As atitudes dos dois homens foram tão diferentes assim? Talvez o mais articulado Evan tenha simplesmente explicado suas razões com mais habilidade que Thorne. Ou talvez fosse isto: Evan tinha escondido uma notícia alegre, enquanto a história de Thorne representava uma “verdade” dolorosa que ela preferia rejeitar. Se fosse isso, ela o tinha tratado muito injustamente. Mas era tarde para arrependimentos.

Com seu dedo longo e elegante, Evan tocou o livro paroquial.

“Você percebe o que isto quer dizer, certo?”

Ela engoliu em seco.

“Quer dizer que eles casaram antes do meu nascimento. Significa que sou filha legítima.”

“Sim. Você é a filha legítima de um marquês. O que significa que é uma lady. Lady Katherine Adele Gramercy.”

Lady Katherine Adele Gramercy. Era demais para acreditar. O título era como um vestido grande demais, emprestado de outra pessoa.

“Sua vida está prestes a mudar, Kate. Você vai entrar para os círculos mais altos da sociedade. Você deverá ser apresentada à corte. E tem também a herança. Uma herança significativa.”

Ela balançou a cabeça, levemente horrorizada.

“Mas eu não preciso de tudo isso. Ser sua prima ilegítima já fazia parecer que eu estava vivendo um conto de fadas. Quanto à herança... eu não quero tirar

nada de vocês.”

Ele sorriu.

“Você não vai *tirar* nada. Você vai ter o que sempre foi seu de direito. Nós apenas emprestamos tudo isso de você pelos últimos 23 anos. Eu vou manter o título, naturalmente. O marquesado não pode ser transmitido a uma filha mulher.” Evan tocou a mão dela. “Os advogados irão resolver tudo. É claro que você terá muito que conversar com o Cabo Thorne.”

“Não”, ela exclamou. “Não posso falar com ele. Thorne foi para Londres tratar de negócios. E antes de ele partir, nós... *eu* terminei o noivado.”

Evan expirou de modo lento e controlado.

“Sinto muito, Kate, sinto muitíssimo por qualquer dano que isso tenha lhe causado. Mas por mim e minha família, não posso dizer que esteja decepcionado. Fico feliz que tenha terminado antes dessa conversa, e não depois.”

“Você não precisava se preocupar”, disse ela. “Ele não é um mercenário. Thorne não queria casar comigo, nem depois que soube que vocês pretendiam me tornar uma Gramercy. Se ele souber que sou uma *lady* de verdade, vai se distanciar ainda mais de mim.”

As palavras de Thorne surgiram em sua mente: *Se eu não tivesse passado esse último ano pensando em você como uma lady, prometo que as coisas seriam diferentes entre nós.*

“Evan, você deve estar aliviado por todos os motivos”, disse ela. “Agora que os advogados me aceitaram, não existe mais necessidade para que você... arrume outro modo de me dar o nome da família.”

“Casando-me com você, é o que quer dizer?”

Ela aquiesceu. Foi a primeira vez que um dos dois admitiu aquela ideia em voz alta.

“O alívio deve ser seu, acredito.” Um sorriso aqueceu os olhos dele. “De minha parte, não teria encarado isso como um fardo.”

Ela se encolheu, esperando não tê-lo ofendido. Evan não parecia amá-la romanticamente, mas então... Depois de ontem, como ela poderia afirmar que entendia algo das emoções dos homens?

“Sinto muito”, disse ela. “Eu não queria sugerir que eu... que nós...”

Ele aceitou as desculpas balbuciadas dela e fez um gesto para Kate esquecer.

“Kate, você terá tantas opções, agora. Todas as portas se abrirão para você. O Cabo Thorne pode ser um homem ótimo. Ele se deu ao trabalho de proteger você, e esse é um bom testemunho do caráter dele.”

Você não faz ideia, ela pensou. Thorne enfrentou um melão por ela. E levou uma picada de serpente. Ele lhe deu seu cachorro.

“Mas”, Evan continuou, “você pode se sair melhor na sua escolha de marido. Você merece mais.”

Ela suspirou.

“Não tenho certeza de que isso seja verdade.”



“Cabo Thorne! Você chegou, finalmente.”

Thorne fez uma reverência.

“*Milady*.”

A própria Lady Rycliff o recebeu à porta de sua nova e suntuosa casa em Mayfair, no centro de Londres.

“Você sabe que não precisa fazer nada disso.” Mechas soltas de seu cabelo cor de cobre flutuavam em frente a seu rosto sorridente enquanto ela o convidava a entrar. “É muito bom ver você. Bram estava ansioso esperando por sua visita. Agora que a bebê chegou, ele está novamente em menor número frente às mulheres.”

O choro penetrante de um bebê veio flutuando do andar superior. Lady Rycliff baixou a cabeça e apertou o osso de seu nariz. Quando ela ergueu o rosto, sua boca estava torcida em um sorriso irônico.

“É evidente que a pequena Victoria também está ansiosa para ver você.”

“Eu a acordei?”, perguntou ele, preocupado.

“Não, não. Ela raramente dorme.” Lady Rycliff o acompanhou até a sala de estar. “Você se importa de esperar Bram aqui? Desculpe abandonar você, mas nossa babá foi embora e estamos esperando a próxima.”

Ela sumiu de vista e Thorne ficou em pé, constrangido, no meio da sala, analisando as evidências da bagunça de quem é refinado. Algumas almofadas jaziam espalhadas pelo chão. A sala tinha um cheiro... estranho. Ele mal podia acreditar que aquela era a casa de Lorde e Lady Rycliff. Bram nasceu e foi criado como militar. A ordem é tão natural para ele quanto respirar. Quanto à sua esposa... ela organizava tudo e todos quando morava em Spindle Cove. Eles não deveriam ter criados, pelo menos?

Como se estivesse lendo sua mente, alguém disse à porta:

“Bom Deus. Esta casa está uma catástrofe. Como é que ninguém lhe ofereceu uma bebida?”

Thorne se virou para cumprimentar Rycliff.

“Meu lorde”, ele se curvou.

Rycliff fez pouco caso do título.

“Nesta casa sou apenas Bram.”

Ele ofereceu a Thorne um copo de conhaque com uma mão e, com a outra, um aperto de mão.

“É bom ver você.”

Thorne aceitou o conhaque e se desculpou por não poder aceitar o cumprimento. Seu braço direito continuava dormente do cotovelo para baixo, ainda que começasse a recuperar lentamente a sensibilidade. Enquanto bebia, ele analisou Bram, notando as mudanças que alguns meses de paternidade tinham provocado nele. Uma coisa era certa – ele tinha que demitir seu criado pessoal. Ainda era apenas final de tarde e Bram vestia um colete sobre uma camisa amarrotada com os punhos abertos. Aos olhos de Thorne, Bram parecia exausto, mas ele se arriscava a dizer que era uma exaustão feliz, muito diferente da fadiga sombria das campanhas militares.

Lady Rycliff reapareceu, trazendo o bebê chorão nos braços.

“Sinto muito”, ela falou por cima da algazarra. “Ela é uma criança muito inquieta, eu receio. Ela chora com todo mundo. Nossa primeira babá já foi embora. Ninguém nesta casa está conseguindo dormir direito.”

“Ela dorme por mim”, disse Bram. “Passe-a para cá.”

Sua esposa fez como ele pediu, evidenciando o alívio.

“Com apenas dois meses ela já é a queridinha do papai. Receio que teremos que aguentar essa gritaria por algum tempo.” Ela olhou para Thorne. “Espero que você não tenha planejado uma estadia silenciosa e sossegada em Londres.”

“Não, milady”, disse Thorne. “Só preciso tratar de negócios.”

E quando não estivesse ocupado com seus negócios, Thorne imaginava que iria passar longas horas ocupado com autoflagelação e arrependimento. Qualquer tipo de distração seria bem-vindo, mesmo que viesse na forma de uma bebê chorona.

“Pode ir”, Bram disse para sua mulher. “Eu fico com ela. Sei que você tem que cuidar do jantar.”

“Tem certeza de que não se importa? Eu vou verificar o quarto do cabo lá em cima.”

“Eu sempre consigo fazer com que ela durma”, disse Bram. “Você sabe

disso. Venha, Thorne. Podemos tratar do seu assunto na minha biblioteca."

Segurando a filha com um braço e o conhaque com outro, Bram saiu da sala de estar. Thorne o seguiu pelo corredor até chegarem a uma biblioteca revestida de painéis de madeira. Bram fechou a porta com o pé atrás de si, colocou o conhaque sobre o mata-borrão, na escrivaninha, e ajeitou Victoria em seus braços. Ele ficou andando de um lado para outro, balançando-a lamuriosa. Bram mancava devido a um ferimento de guerra, o que conferia um ritmo irregular a seus passos.

"Às vezes andar ajuda", disse ele quando encontrou o olhar inquisitivo de Thorne.

Nem sempre, aparentemente. Como o choro da menina demorava para diminuir, Bram praguejou baixinho e rolou a manga até a metade do antebraço. Ele cravou um olhar autoritário em Thorne.

"Eu ainda sou seu oficial comandante. Você nunca poderá contar para Susanna que eu fiz isso. É uma ordem."

Ele mergulhou a ponta de seu dedo mínimo no conhaque e depois o colocou na boca da bebê. A pequena Victoria ficou imediatamente em silêncio, enquanto chupava, contente, o dedo do pai.

"Deus me ajude", Bram murmurou para ela. "Você vai dar trabalho quando tiver dezesseis anos."

Ele expirou profundamente e olhou para Thorne.

"Então, você tem certeza de que quer isso?"

"O quê?", Thorne perguntou, cauteloso.

"Uma dispensa com honras do Exército. Não a bebê. Embora ela seja chorona, não aceito me desfazer dela."

"É claro que não." Ele pigarreou. "Respondendo à sua pergunta... Sim, meu lorde. Tenho certeza."

"Chega com essa história de 'meu lorde', Thorne. Não estou lhe perguntando de lorde para criado, nem mesmo de comandante para soldado. Estou lhe perguntando de amigo para amigo." A bebê soltou o dedo, caindo em sono leve. Ele baixou a voz e voltou a andar pela sala, lentamente dessa vez. "Eu quero ter certeza de que é isso que você deseja. Você poderia fazer uma boa carreira no Exército. Estou muito bem colocado agora. Eu poderia facilmente lhe conseguir uma missão, se você quiser."

Essas palavras fizeram Thorne parar para pensar. O que Rycliff estava lhe oferecendo não era pouca coisa. Se ele aceitasse uma missão, teria uma posição mais alta na sociedade e uma renda garantida pelo resto da vida. O bastante para

sustentar uma família.

“É muito generoso da sua parte...”

“Não tem nada de generoso. É uma compensação mínima. Você salvou minha vida e minha perna, serviu fielmente sob meu comando durante anos.”

“Era meu dever e foi uma honra. Mas meu lugar não é mais na Inglaterra, se é que algum dia foi. Preciso de um lugar maior. Menos civilizado.”

“Então você vai para a América. Para ser fazendeiro?”

Thorne deu de ombros.

“Pensei em começar caçando. Ouvi dizer que dá um bom dinheiro.”

“Sem dúvida. E não posso negar que combina com seus talentos.” Bram chacoalhou levemente a filha. “Nunca vou esquecer daquela vez nos Pireneus, quando você usou apenas a baioneta para esfolar e destripar aquela... o que era aquilo, mesmo?

“Uma marmota.”

“Isso, uma marmota dura e gorda. Não posso garantir que algum dia eu vá pedir ensopado de marmota para o jantar, mas o gosto estava bom, pois foi a primeira carne fresca que comemos em quinze dias.” Rycliff inclinou a cabeça na direção de seus livros contábeis. “Posso lhe emprestar um Capital? Deixe-me fazer pelo menos isso. Podemos chamar de empréstimo.”

Thorne negou com a cabeça.

“Eu tenho dinheiro guardado.”

“Estou vendo que você está determinado a ser teimoso e autossuficiente. Eu respeito isso. Mas insisto que você aceite um presente, de amigo para amigo.” Ele inclinou a cabeça para um rifle comprido e reluzente, pendurado sobre a lareira. “Leve o rifle. É o último projeto de Sir Lewis Finch.”

Quando Thorne juntou as sobrancelhas, mostrando ceticismo, Bram rapidamente emendou:

“Fabricado profissionalmente, é claro. E minuciosamente testado.”

Thorne pegou a arma com sua mão boa, para testar o equilíbrio. Era um belo rifle. Ele conseguiu se imaginar andando pela floresta com aquela arma em mãos. É claro que para completar o quadro ele precisaria de Xugo a seus pés. Droga. Ele iria sentir falta do cachorro. Thorne observou com interesse o amigo aninhando gentilmente a bebê adormecida em seus braços.

“Você a ama”, disse ele. “A bebê.”

Bram olhou para Thorne como se o amigo tivesse ficado louco.

“É claro que sim. Eu a amo.”

“Como você sabe?”

“Ela é minha filha.”

“Nem todo pai ama seus filhos. Como você sabe que ama a sua?”

Thorne sabia que tinha ultrapassado os limites normais da conversa, mas se Bram queria lhe fazer um favor... esse era um que ele apreciaria.

Bram deu de ombros e olhou para a filha adormecida.

“Imagino que seja uma pergunta justa. Quero dizer, por enquanto ela não faz muita coisa, certo? A não ser privar a mãe e eu de sono, alimentação, paz de espírito e sexo.”

Bram acomodou seu corpanzil na cadeira da escrivaninha lentamente, para não acordar a bebê.

“Logo depois que toma banho, ela cheira melhor que ópio. Tem isso. E embora eu saiba que seja improvável, ninguém conseguiria me convencer de que ela não é a menina mais linda da Grã-Bretanha.”

“Então ela é linda. E cheira bem. É só isso?” Se amor fosse só isso, Thorne pensou, ele estaria nadando no sentimento há muito tempo.

“O que eu posso dizer? Ela ainda não é muito de conversar.” Bram balançou a cabeça. “Não sou filósofo, Thorne. Eu apenas sei como me sinto. Se você precisa de uma definição, leia um livro.”

Deslizando a filha para o braço esquerdo, Bram pegou o copo de conhaque e tomou um bom gole.

“Essa linha de interrogatório significa que os boatos são verdadeiros? Você está com a Srta. Taylor?”

“Se estou?”

“Susanna recebeu cartas muito estranhas de Spindle Cove. Estão falando de noivado.”

“É só falatório”, disse Thorne. “Não há nada de verdade nisso.” *Não mais.*

“Se não há nada de verdade, como é que esse boato começou?”

Thorne apertou a mandíbula.

“Não entendo o que você quer dizer.”

Bram deu de ombros.

“A Srta. Taylor é uma boa amiga de Susanna. Só quero ter certeza de que foi bem tratada.”

Uma onda de raiva agitou o peito de Thorne. Ele se esforçou muito para esconder aquele sentimento.

“Meu lorde, quando a dispensa entra em vigor?”

“Você tem permissão para falar livremente, se é o que quer saber.”

Thorne aquiesceu.

“Então eu vou lhe agradecer se cuidar da sua própria vida. Se você fizer mais insinuações que possam denegrir a virtude da Srta. Taylor, terá que enfrentar mais do que palavras da minha parte.”

Bram arregalou os olhos, surpreso.

“Você acabou de me ameaçar?”

“Acredito que sim.”

“Bom Deus.” Bram riu baixinho. “E aqui estávamos Susanna e eu apostando se você pelo menos gostava dela. Agora eu vejo que você está completamente amarrado nela.”

Thorne balançou a cabeça. Ele não estava amarrado nela. Ela não o amarrava há pelo menos... quinze horas.

Bram ergueu a sobrancelha.

“Não se ofenda. Homens mais fortes que você já foram colocados de joelhos por mulheres de Spindle Cove.”

Thorne emitiu um som de descrédito.

“Quem seriam esses homens mais fortes?”

Eles ouviram uma batida na porta da biblioteca.

“Como você consegue?”, perguntou Lady Rycliff, maravilhada com a bebê dormindo nos braços de Bram. “Para um soldado velho e ranzinza, você encanta ovelhas e bebês com incrível facilidade. Cabo Thorne, qual é o segredo dele?”

Bram lhe deu um olhar severo. *Não conte. É uma ordem.*

Thorne não desobedeceria uma ordem. Mas ele também não podia deixar aquela observação sobre “homens mais fortes” ficar sem resposta.

“Devem ser... as cantigas, milady.”

“Cantigas?” Lady Rycliff riu e se virou para o marido. “Eu nunca o vi cantar uma nota sequer. Nem mesmo na igreja.”

“Ora, bem”, disse Thorne. “Meu lorde as canta com muita delicadeza. E então ele faz caretas beijoqueiras. Ele contou também uma história sobre fadas e pôneis.”

Bram revirou os olhos.

“Obrigado por nada.”

Capítulo Dezessete

Depois do Festival de Verão, as atividades em Spindle Cove retornaram ao ritmo de sempre. Ainda com o coração picado por uma víbora, Kate encontrou conforto na volta à rotina. As mulheres da pensão seguiam uma programação previsível durante o verão. Às segundas-feiras elas caminhavam pelo campo; terças-feiras eram para banhos de mar; às quartas, elas dedicavam suas mãos à jardinagem. E quinta-feira era o dia de atirar. E naquela, em especial – que começou com uma manhã nublada e triste –, Kate convidou as Gramercy para participar da prática de tiro em Summerfield, a propriedade de Sir Lewis Finch.

"Eu sempre quis aprender isto", disse Tia Sagui. "É tão divertido."

"Observe primeiro, atire depois." Kate demonstrou como carregar uma pistola de cano único. "Vocês devem medir cuidadosamente a carga com o polvorinho. Depois coloquem a bala e a bucha. Assim, estão vendo?"

Enquanto socava a bucha, Kate sentia a impaciência de Tia Sagui.

"Isso tudo é muito interessante, querida, mas quando é que nós fazemos 'bangue'?"

Kate sorriu.

"Vamos atirar juntas da primeira vez, tudo bem?"

Ela ficou atrás da velha senhora e a ajudou a levantar a pistola com as duas mãos, mantendo os braços nivelados enquanto mirava no alvo.

"Pode ser bom vocês fecharem um olho", disse ela. "Para terem mais precisão. Então engatilhem assim... E quando tiverem mirado, com a mão firme, apertem suavemente o..."

"Oh", exclamou uma das outras mulheres, "lá vem Lorde Drewe!"

"Evan está aqui? Onde?" A Tia Sagui virou para o lado, levando Kate com ela. Juntas elas giraram com a pistola carregada apontando para frente – como a agulha de uma bússola procurando o norte.

Todas as mulheres soltaram uma exclamação e se abaixaram.

"Abaixem-se!", Kate gritou, lutando para recuperar o controle.

“Evan, olhe!”, chamou Tia Sagui. “Estou aprendendo a atirar!”

Percebendo que estava na linha de fogo, Evan congelou em seu lugar.

“Ótimo.”

Com um movimento rápido do polegar, Kate desengatilhou a arma.

“Tia Sagui, por favor.” Ela agarrou os pulsos frágeis da velha senhora e os abaixou, até que a pistola apontasse, em segurança, para o chão. Embora seu coração estivesse disparado, ela manteve a voz calma. “Por que não deixamos isso de lado por enquanto? Parece que Lorde Drewe tem algo para dizer.”

Evan se recompôs.

“De fato, eu tenho.” Ele juntou as mãos e as esfregou vigorosamente. “Tenho notícias empolgantes para todos.”

“O que aconteceu?”, perguntou Charlotte Highwood.

“Sir Lewis concordou em me emprestar o salão de Summerfield por uma noite na semana que vem. Minhas irmãs e eu – ele parou de falar, para fazer suspense – vamos dar um baile.”

Todas as mulheres ficaram em silêncio. Olhares nervosos foram trocados. Kate pensou ter ouvido alguém murmurar uma prece.

“Você disse...”, Kate pigarreou. “Você disse um baile, Lorde Drewe? Aqui em Summerfield?”

“Isso, um baile. Vai ser nossa forma de agradecermos a Spindle Cove pela recepção calorosa que tivemos durante nossas férias. Vamos convidar a milícia, as moradoras da pensão. Todos vamos nos divertir muito.”

O silêncio das mulheres não era a reação que Evan esperava. Ele observou as jovens que mostravam inquietação e falta de entusiasmo.

“Não estou entendendo. Vocês não gostam de bailes?”

“Nós gostamos”, disse Kate. “É só que os bailes de Summerfield... bem, os dois últimos terminaram com violência e confusão. No último verão, o baile terminou antes mesmo de começar, devido a uma trágica explosão. E então no Natal, um contrabandista francês invadiu o salão e manteve a pobre Srta. Winterbottom refém a noite inteira. Então nós desenvolvemos um tipo de superstição, sabe. Quanto aos bailes em Summerfield. Algumas pessoas dizem que são amaldiçoados.”

“Bem, este será diferente.” Evan assumiu sua postura mais senhoril, de comando.

“É claro que será”, disse Lark, “já que os Gramercy serão os anfitriões.”

“Ah, sim”, acrescentou Harry. “Nós somos conhecidos por dar a nossos hóspedes momentos inesquecíveis.”

Kate poderia ter argumentado que os outros dois bailes em Summerfield também foram inesquecíveis – à sua própria maneira.

Diana Highwood sorriu, salvando a todos com seu jeito sempre afável.

“Mamãe vai ficar muito contente. Eu mesma mal posso esperar. Um baile é uma ótima ideia. Lorde Drewe, você e suas irmãs estão sendo muito gentis conosco.”

“Obrigado, Srta. Highwood. O prazer é nosso.” Ele fez uma reverência para Diana e depois se voltou para Kate. “Srta. Taylor, pode dar uma volta com minhas irmãs e eu pelo jardim? Gostaríamos de pedir seu conselho com relação à música.”

“Muito bem”, disse Kate. Ela desarmou e desmontou a pistola, guardando-a em segurança. Para Diana, ela sussurrou: “Por favor, não deixe a tia deles ficar perto de outra arma.”

Diana riu baixinho.

“Não se preocupe, não vou deixar.”

Antes de se dirigir ao jardim, Kate pegou Xugo com o caseiro de Summerfield. Embora ela supusesse que um cão de caça deveria se habituar ao barulho de tiros, Kate não achou aconselhável deixar que o cãozinho ficasse nos pés das mulheres durante a prática. Depois que eles passaram por uma cerca e saíram do campo de visão das outras mulheres, Kate falou com toda a família.

“Sinto muito pelo incidente com a pistola. Sinto muito mesmo. Foi indesculpável, da minha parte, colocar a pistola na mão dela. Eu não fazia ideia de que nossa querida tia fosse tão forte. Ou entusiasmada.”

“Não se preocupe com isso”, disse Evan. “Sir Lewis acabou de me mostrar seu salão medieval. Acredite em mim, não seria uma humilde pistola que faria meu sangue gelar depois de eu ver aquela coleção de instrumentos de tortura. Não foi pra isso que chamamos você para discutir.”

“Não foi?” Ela arqueou a sobrancelha. “Tem certeza?”

“O baile”, Lark sussurrou animada. “Precisamos conversar sobre o baile. Você sabe que é para você. É tudo para você.”

“O baile é para mim?”

Lark vibrava de alegria.

“Sim, é claro.”

“O que Evan disse sobre mostrarmos nossa gratidão a Spindle Cove...”, disse Harry, “isso é verdade, também. Mas nós queremos apresentar você, Kate. Dar-lhe o debute que você nunca teve.”

“Mas eu tenho 23 anos. Estou muito velha para um debute.”

“Debute, estreia...”, disse Evan, “são apenas palavras que significam ‘apresentação para a sociedade’. É exatamente disso que se trata o baile. Precisamos contar para toda a Inglaterra sobre você, Kate. Mas parece correto que comecemos por aqui, em Spindle Cove. Todas as suas amigas vão ficar muito felizes por você.”

“Eu sugiro um anúncio dramático à meia-noite”, disse Harry. “Vamos deixar todos aflitos com a expectativa.”

Kate ficou aflita com outro sentimento. Ela pensou que podia ser medo. Ela não conseguia entender por que aquela ideia a deixava inquieta. Ser anunciada como uma lady há muito perdida, durante um baile em sua homenagem – aquilo deveria parecer um sonho. Suas amigas *ficariam* empolgadas por ela, é claro. Exceto, talvez, a Sra. Highwood, que provavelmente ficaria apoplética de inveja. Ainda assim, ela não conseguia imaginar a cena sem sentir uma onda de ansiedade. Se ela iria ficar diante de todas as amigas e todos os vizinhos para ser anunciada como Lady Katherine Gramercy... Kate desejava se certificar que *ela* mesma acreditava naquilo. Que ela se lembrasse de algo, de modo inquestionável. Qualquer pequeno detalhe serviria. A cada dia que passava ela acreditava que as memórias estavam lá, mais próximas do que nunca. Ela só precisava encontrar a coragem de liberá-las.

Quando entraram em outra parte do jardim, Xugo atacou um pavão que andava por ali, correndo através de um canteiro de ervas. Kate se separou do grupo. Ela se abaixou para tocar uma rosa do tamanho de uma xícara de chá, e deslizou o dedo pela pétala aveludada. A textura delicada a deixou paralisada, e uma melodia cresceu dentro dela, instintiva como a respiração. *Veja o jardim de flores tão lindas...* Tinha alguma coisa naquela música. Alguma coisa importante. Se não, ela não teria se lembrado dela por toda a vida.

Kate afundou a sola da sapatilha no cascalho branco do jardim.

“Vocês me dão licença? Preciso voltar para a vila. Eu... eu esqueci uma coisa. E Xugo precisa dar a corrida dele.”

Sem mesmo esperar por uma resposta, ela se virou e começou a andar na outra direção. O cachorrinho a seguiu de perto. Ela não tinha um destino específico. Mas ela *tinha* esquecido de algo. Ela iria andar e andar, e continuaria andando até se lembrar. Até que ela finalmente chegasse ao fim daquele corredor comprido e escuro. E quando ela chegasse lá... desta vez Kate abriria a porta.

“Não demore, Kate!”, Lark gritou às suas costas. “O céu está com jeito de chuva.”



Thorne não poderia ter escolhido um dia pior para viajar. Ele ainda não tinha ido muito longe, em direção ao sul, quando o céu escureceu com nuvens agourentas. Algumas horas depois ele encontrou chuva. Que não parou mais. Aquelas malditas estradas de Sussex não precisavam mais do que um chuvisco para irem de “terra transitável” a “chiqueiro lamacento”. Seu progresso era lento e molhado. Tudo teria sido mais fácil se ele tivesse evitado voltar a Spindle Cove e prosseguido diretamente para a América, depois de conseguir seus documentos de dispensa. Mas ele precisava pegar seus pertences pessoais e providenciar a transmissão de comando da milícia. E ele precisava ver Katie. Só mais uma vez, ainda que à distância. Não seria necessário conversar com ela. Ele só queria pôr os olhos nela e garantir, para si mesmo, que ela estava feliz, em segurança e era amada. Kate merecia ser amada. E por pessoas que leram livros suficientes para entender que diabos “amor” significava.

Finalmente, ele saiu da estrada principal e pegou a ramificação na direção de Spindle Cove. Àquela altura os pântanos e as campinas estavam mais transitáveis que as estradas esburacadas, então Thorne tirou o cavalo da trilha e continuou pelos campos. Através da neblina, o espectro antigo do Castelo Rycliff apareceu nas falésias distantes, parecendo mudar e se mover a cada rajada de vento. Além daquele ponto, o mar estava obscurecido por uma muralha de névoa cinzenta. Todos os sons comuns do campo – ovelhas balindo, pássaros cantando – permaneciam silenciados pela chuva contínua. A cena inteira era etérea. Por baixo das muitas camadas ensopadas de casaco, colete, gravata e camisa, sua pele arrepiou.

Atenção! No ponto mais baixo da campina – pouco antes de as falésias rochosas começarem a se elevar do outro lado –, Thorne diminuiu a marcha do cavalo. Ele procurava atentamente o lugar adequado para atravessar. Séculos atrás havia um fosso profundo escavado ali. Um nível de proteção extra para o castelo acima. Ao longo de centenas de anos o fosso foi sendo preenchido, mas ainda existiam buracos aqui e ali onde a campina sumia dos pés do viajante, e rochas esperavam para pegá-lo alguns metros abaixo. Um som estranho chegou até ele, atravessando a camada espessa do barulho de chuva. E ele o reconheceu imediatamente.

“Xugo?”

Thorne desmontou. O cavalo estava em terreno conhecido agora; ele havia passado um ano pastando todos os dias naquelas campinas. Assobiar debaixo daquele aguaceiro seria inútil. Ele fez uma concha com as mãos ao redor da boca e gritou pelo cachorro.

“Xugo! Aqui, garoto.”

O latido do filhote veio de uma das cavidades fundas na campina. O que ele estava fazendo ali?

“É melhor que não seja outra serpente”, murmurou Thorne enquanto avançava para investigar.

Não era uma cobra. Era uma mulher. Sua Katie estava enfiada debaixo de uma saliência do solo, dentro de um buraco lamacento no chão, encharcada até os ossos e tremendo violentamente.

“Jesus Cristo!”

Ele deu um passo para dentro do buraco, apoiando o pé em uma pedra e esticando a mão livre para ela.

“Katie, sou eu. Pegue minha mão.”

“Você está aqui.” O rosto dela estava muito pálido, e sua voz era fraca. “Eu sabia que você iria me encontrar. Você sempre me encontra.”

O braço dela pareceu fantasmagórico quando ela o ergueu em sua direção. Ele ficou preocupado que a mão dela pudesse desaparecer em meio à neblina quando tentasse pegá-la. Perdida para sempre. Mas não. Quando ele fechou os dedos, eles agarraram carne e ossos de verdade. Ossos e carne assustadoramente frios, mas ele a acolheria de qualquer modo, desde que estivesse viva. Com alguns puxões e um pouco de cooperação do lado dela, ambos saíram do buraco. Ela caiu sobre ele, que a pegou em seus braços.

“Katie.” Ele passou os olhos por ela, horrorizado. Seu vestido fino de musselina estava empapado e colava à sua pele em farrapos sujos de lama. “Você está machucada? Quebrou alguma coisa?”

“Não. Só estou c-com frio.”

Ele a soltou – estabilizando-a em pé para que pudesse tirar seu casaco. As malditas mangas estavam justas, e o tecido, molhado. Ele teve que agir rápido. Cada minuto que passava era um momento que ela tremia de frio. Quando finalmente conseguiu tirar aquela coisa, Thorne havia desfiado cada palavrão de seu vocabulário.

“O que diabo você está fazendo ao ar livre nesta tempestade?”

“Eu... não queria. Levei o Xugo para passear e nós fomos pegos pela chuva. Eu não fazia ideia de que ele iria detestar tanto. Pensei que cachorros adorassem

chuva.”

“Não essa raça.”

“Eu percebi. Ao primeiro pingo de chuva ele saiu correndo para o buraco. Eu não consegui fazer com que ele saísse, e não podia abandoná-lo. Decidi que nós iríamos ficar abrigados até a chuvarada passar. Mas ela continuou e continuou. Quando melhorou um pouco eu estava com muito frio.”

Ele colocou o casaco em volta dos ombros dela e o fechou. Para uma chuva de verão, aquela estava muito fria, e só Deus sabia há quanto tempo ela estava ali. Seus lábios tinham um tom preocupante de azul, e o que ela falou a seguir não tinha nexo.

“Eu tinha que sair para andar, entende. Eu tinha que continuar andando até encontrar a resposta. Mesmo que demorasse o dia todo e também a noite. Eu tinha que saber. Mas agora eu sei.” Ela bateu os dentes e ficou com o olhar perdido na distância.

“Eu preciso tirar você da chuva. Precisamos aquecê-la.”

Ela encontrou os olhos dele, repentinamente lúcida.

“Eu me lembrei, Samuel.”

Deus. Quando ela disse o nome, o coração dele fez uma tentativa louca, frenética, de esCapar de seu peito. Então, ela desabou contra Thorne, curvando os dedos no tecido de sua camisa. A respiração dela era um sopro de calor em sua pele.

“Eu lembrei de você”, sussurrou ela. “Você, a música, a canção. Aquela noite. Eu me lembrei de tudo.”

Capítulo Dezoito

Eu me lembrei de tudo.

Thorne se recusou a pensar nas implicações daquelas palavras. Ele precisava levar Kate para um abrigo confortável, o quanto antes. Todo o resto podia esperar. O castelo ficava a menos de quatrocentos metros. Ele poderia colocá-la em seu cavalo, mas o animal estava exausto de chafurdar na lama a tarde toda. Thorne teria que caminhar ao lado dele, o que significava que não haveria vantagem, em termos de velocidade, sobre ele simplesmente carregá-la. E foi isso que ele decidiu fazer. Pelo menos assim Thorne poderia compartilhar seu calor com ela.

Thorne passou um braço pelas costas dela e o outro por baixo de suas coxas. Contraindo os músculos e soltando um gemido, ele a levantou e a apoiou contra seu peito. Ela estava bem mais pesada do que na última vez que Thorne fez isso. Mas ele também estava maior e mais forte. Thorne abaixou a cabeça, usou a manga para tirar as gotas de chuva do rosto dela e começou a andar. Suas botas chapinhavam na lama, atrasando seu progresso. Quando ele finalmente chegou às falésias, encontrou rochas mais firmes sob os pés. Mas é claro que ele também teria que se arrastar morro acima.

Thorne parou para redistribuir o peso dela.

"Você pode pôr seus braços ao meu redor?"

Ela obedeceu, esticando seus braços frios para envolver o pescoço dele. Ajudou. A emoção secreta do toque dela em sua pele fez seu coração bater mais rápido, injetando uma nova onda de força em seus membros. Ele fez a subida final em passos largos e determinados, e a carregou diretamente para o coração do castelo – o reduto onde ficavam seus aposentos pessoais. Depois que ela estava lá dentro, Thorne acendeu um lampião e avaliou com cuidado o estado de Kate. Ela estava ensopada e gelada, o que o deixou estarrecido, mas também lhe indicou o que fazer. Ele fez uma lista mental. Primeiro, roupas secas e cobertores. Depois, fogo. Terceiro, alimentação. Então ele veria o que fazer para

ajeitar o vestido dela.

Xugo se chacoalhou, espirrando gotas de lama por todo lado. Thorne jogou uma colcha velha sobre ele, e o cachorro se enrolou nela.

“Isso vai ter que servir para você”, ele disse para o cachorro. “Primeiro ela.”

Ele enrolou as mangas e se pôs a trabalhar. Não houve nada de sensual no modo como Thorne a ajudou a tirar o vestido ensopado e enlameado. Ele trabalhava agilmente, esforçando-se para não reparar no corpo nu de Katie, a não ser o tom pálido e azulado de sua pele e a forma como seus músculos tremiam. Tirar proveito daquela situação seria repulsivo e baixo. Com ela sentada sobre o tapete próximo à lareira, apertando os joelhos junto ao peito, Thorne secou os cabelos dela com uma toalha e a ajudou a vestir uma de suas camisas limpas. Por uma questão de pudor, ele a colocou por cima da cabeça e dos ombros de Kate antes de desabotoar e retira sua camisola. Ele se esforçou ao máximo para evitar que seus dedos frios e ásperos roçassem a pele nua dela. E desviou seus olhos do mamilo vermelho e túrgido enquanto trocava uma peça de roupa pela outra. Enquanto puxava o tecido limpo, cheirando a sabão, pelo abdome dela, Thorne tentou ignorar o modo como a luz do lampião projetava a silhueta esguia e núbil de Katie. Mas ele não conseguiu, não totalmente. Que animal ele era. Ele preferiria que ela mesma cuidasse dessas coisas, mas no momento Kate parecia inCapaz.

Depois que Thorne acendeu o fogo, ela ficou olhando para as chamas, muda e trêmula. Ele imaginou se era devido ao choque de lembrar do prostíbulo e da sordidez do lugar. Talvez a perda da mãe tivesse, de repente, se tornado real para ela, e Kate experimentasse a dor do luto. De qualquer modo, ele não queria apressá-la nem pressioná-la para falar. Thorne simplesmente aproveitava a oportunidade de cuidar dela ali, naquele momento – o que era *seu* direito, *sua* responsabilidade, e de ninguém mais. Ele estava feliz por ela olhar para o fogo. Quando ela voltasse a si, aqueles olhos castanhos, sem dúvida, se virariam para ele, cheios de ódio. Poderia ser a última vez que ela olharia para ele.

“Aqui”, ele disse, agachando-se do lado dela e oferecendo-lhe uma caneca de chá fumegante, com açúcar e conhaque. “Beba isto. Vai ajudar a esquentar você.”

Ele pôs a bebida nas mãos dela, entrelaçando seus dedos ao redor da caneca. Kate a segurou, mas apenas olhou passivamente para seu conteúdo.

“Eu não consigo parar de tremer.”

Ele pegou outro cobertor.

“Não.” Ela virou a cabeça e seus olhos focaram o rosto dele. “Eu quero você,

Samuel. Eu quero que você me abrace. P-por favor.”

Aquelas palavras – apenas as palavras – encontraram um vazio doloroso em sua alma e o preencheram. Mas, maldição, ele estava tentando ser honrado. Se Thorne a pegasse nos braços, ele não tinha certeza de que poderia continuar sendo apenas protetor.

“Eu preciso cuidar do seu vestido”, disse ele. “Está quase seco, mas precisa...”

“O vestido pode esperar.” Com as mãos trêmulas, ela colocou a caneca de chá no chão. “Mas eu não posso.” Outro tremor sacudiu o corpo dela. “Eu preciso de você.”

Relutante, ele sentou ao lado dela no pequeno tapete puído, e passou uma das pernas por trás dela, apoiando-a com seu joelho dobrado. A outra perna ele esticou na direção do fogo. Então Thorne colocou os dois braços ao redor dela, e Katie mergulhou em seu abraço, aninhando-se ao seu peito. Seu rosto frio descansou contra o coração agitado dele.

“Forte”, ela sussurrou. “Abrace-me forte.”

Ele obedeceu, contraindo os músculos dos braços. O desconforto dela era seu inimigo. Qualquer arrepio que quisesse sacudir o corpo dela teria que mexer com ele também. Thorne possuía calor e força suficiente para os dois. Ele baixou a cabeça, enterrando seu rosto no cabelo ondulado dela e deixando que seu hálito esquentasse a orelha e a nuca. Os dedos dela agarraram a camisa dele e ficaram assim, apertados. Os dois permaneceram dessa forma por algum tempo. Thorne observava atento o lábio inferior dela. Quando ficou rosado e parou de tremer, uma onda tola de triunfo subiu à sua cabeça. Ele teve a ideia breve e estúpida de que tinha feito algo de bom por ela. Então Thorne lembrou quem ela era, quem ele era e exatamente por que estavam ali. E então lembrou que aquilo seria o fim. Ele apertou o rosto na curva do pescoço dela e inalou profundamente o aroma de cravo e limão. Ele a manteria nos braços enquanto pudesse.

“Obrigada”, sussurrou ela. “Assim está melhor.”

Quando ele ergueu a cabeça, Kate soltou a camisa de Thorne.

“Eu lembrei de você”, murmurou ela. “Da história divertida da sua infância. É como eu lhe disse, todo mundo tem uma. Sabe, tinha uma garota que dividia o sótão com você. Uma pestinha que se pendurava nas suas mangas quando você preferiria estar correndo com os garotos do bairro. Mas tarde da noite, às vezes, quando ela não conseguia dormir, você se dedicava a fazê-la rir – com brincadeiras, bonecos de sombras e doces surrupiados da cozinha. Uma noite você a fez vestir cada Capa, casaco e cachecol que ela tinha e disse para ela que

vocês iam brincar de ciganos. Nós iríamos embarcar em uma grande aventura.”

Ela ergueu o rosto para ele, os olhos bem abertos iluminados pela luz tênue do fogo.

“Por que você não me contou tudo, Samuel? Você me contou a verdade sobre minha mãe, mas não contou a verdade sobre você.” Ela tocou o rosto dele. “Por que você não me contou que salvou minha vida?”

Ele engoliu em seco.

“Eu não salvei a sua vida.”

“Eu acho que salvou. Ou fez quase isso. Eu lhe disse; finalmente me lembrei.”

Ela olhou para o fogo, contemplativa.

“Toda minha vida eu mantive essa lembrança nebulosa nos meus pensamentos. Estou em um corredor escuro e comprido, onde posso sentir a música de piano ressoando pelo chão. Eu ouço a canção, aquele mesmo verso sobre o jardim. Algo azul brilha na escuridão e alguém diz ‘seja corajosa, minha Katie’.”

Um nó se formou na garganta de Thorne. Ele não conseguia falar.

“Foi você, não foi? Nós estávamos naquele sótão, e fugimos daquele lugar.”

Ele forçou uma resposta.

“Isso.”

“Você pegou minha mão e abriu a porta. Nós descemos a escada correndo, e nunca mais voltamos. Você me levou para Margate.”

“Era o que sua mãe queria. Antes de morrer, ela deixou muito claro o que desejava. Você era inteligente, todo mundo podia ver isso. Ela tinha lido sobre Margate em alguma revista e sabia que eles acolhiam crianças abandonadas. Ela queria que você fosse enviada para essa escola.”

“Mas eu não fui?”

Ele balançou a cabeça.

“Depois que Rosa Ellie morreu...”

“Por que eu não consigo me lembrar dela?”, Kate o interrompeu, aflita. “Agora eu lembro de você; lembranças soltas. Mas não importa o quanto eu vasculhe meu cérebro, não acho nada dela.”

“Talvez você consiga se lembrar mais, com o tempo. Não é culpa sua. Nós não podíamos atrapalhar nossas mães, a maior parte do tempo, ou então seríamos tachados de problemáticos, e acabaríamos na rua. De qualquer modo, depois que sua mãe morreu, semanas se passaram. E então meses. Eu sabia que eles não pretendiam mandar você para aquela escola. Eles nunca deixariam você ir

embora. Queriam manter você lá, torná-la uma delas assim que possível. Pelo amor de Deus, eles já estavam ensinando a música para você.” O estômago dele revirou só de pensar.

“*Eles* me ensinaram a música.”

“Aquele lugar...” Ele suspirou. Thorne detestava ter que contar para ela os detalhes sórdidos, mas já tinha chegado até ali. Ela precisava saber de tudo. “Era uma casa de espetáculos, de modo geral, com música e garotas dançando no palco. Mas todo tipo de coisa acontecia no andar de cima. Eles chamavam a casa de *Hothouse*, e todas as dançarinas eram chamadas de ‘flores’.”

“Como Rosa Ellie”, disse Kate, compreendendo. “Em vez de Elinor Haverford.”

“Como Lis Belle. Violeta Shaw. Jasmine Thorne.” Ele franziu a testa. “Aquele verso que você lembra... é o que elas cantavam para os cavalheiros no início de cada apresentação.”

“Então estavam me treinando...”

“Para fazer parte do espetáculo, isso mesmo. Eles vestiam você como uma boneca e a colocavam no palco. No começo era só para cantar e sorrir para a plateia. Mas só o diabo sabe quanto tempo demoraria para que quisessem algo mais de você.”

“Oh.” Ao absorver o significado daquilo, Kate torceu o rosto. “Oh, Deus. É horrível.”

“Eu sei que é horrível. Eu sei. Era por isso que eu precisava tirar você daquele lugar. Por isso que eu nunca quis que você soubesse dessa história.” Ele passou a mão pelo cabelo, agitado. “Katie, não me pergunte mais a respeito.”

“Tudo bem. Vamos falar de outras coisas.” Ela pegou o pulso direito dele. “Seu braço está melhorando?”

“Está. Continua meio desajeitado, mas melhorou. Se algum dia eu salvei sua vida, acho que você devolveu o favor naquela tarde. Estamos quites, agora.”

“Eu duvido.” Os dedos dela subiram até o limite do colarinho aberto dele. Ela puxou a camisa para o lado, expondo a superfície dura de seu peito.

Ela passou a ponta dos dedos pelas tatuagens mais proeminentes. Thorne prendeu a respiração, tentando não deixar que o toque dela o afetasse. Tarde demais. Lá embaixo ele já estava duro como pedra. Que nojento. Tão *errado,* que ele ficasse excitado com ela, logo depois de lhe contar aquela história.

“Elas me deixam tão curiosa”, sussurrou Kate. “Onde você fez essas tatuagens?”

“Em lugares diferentes”, ele fez pouco caso. “Nenhuma delas merece sua

atenção.”

“Mas eu quero saber.”

Ela se desvencilhou do abraço dele. Um brilho novo e determinado iluminou seus olhos. Ela passou a mão pela frente da camisa dele, então pegou a barra e começou a levantá-la, expondo-lhe a barriga. Os músculos abdominais de Thorne se contraíram e ficaram rígidos.

“O que você está fazendo?”

“Você não vai me chamar de Katie? Eu gosto quando você me chama assim. Tem alguma coisa na voz quando você fala meu nome com aquele rugido grave e perigoso.” Ela pegou a camisa com as duas mãos e a puxou para cima.

“Katie...”, ele gemeu.

Ela sorriu.

“Isso. Assim mesmo. Isso me esquenta e faz todo meu corpo formigar. Agora levante seus braços.”

Ele não podia lhe negar nada, e Kate sabia disso. Ela pretendia usar esse poder. Kate tirou a camisa dele, e então a colocou delicadamente de lado. Girando o corpo, ela ficou de frente para ele. O olhar dela vagou pelo peito nu de Thorne e a expressão em seu rosto era uma mistura de fascinação e medo. Ele sentiu necessidade de esconder a verdade e o desagrado. Mas era melhor que ela visse aquilo e compreendesse.

“Conte para mim”, falou Kate.

“O que você quer saber?”

“Qual foi a primeira?”

“Esta aqui”, ele virou o ombro para ela e apontou uma rosa pequena tatuada ali.

“Quando você a fez?”

“Depois que eu saí de Londres...”

“Comigo. Depois que saiu de Londres comigo e me levou para Margate.”

“Isso.” Ele engoliu em seco. “Eu não podia voltar para a *Hothouse*, é claro. Mesmo que eu quisesse voltar, o que eu não queria. Vaguei pelo campo, fazendo trabalhos aqui e ali, mas principalmente dormindo em montes de feno e comendo os pequenos animais que eu conseguia pegar. Descobri que eu tinha jeito para a coisa – para caçar. Era como se eu vivesse de modo tão selvagem que desenvolvi uma maneira animal de pensar. Eu sentia onde a lebre estaria antes de ela aparecer, e sabia em que direção ela iria fugir. E o campo aberto e o ar fresco... eu achava que me faziam bem, depois de todos aqueles anos na imundície de Londres. Eu era uma coisa suja e desgrenhada, mas acho que esses

meses estive o mais perto da felicidade do que em qualquer outro momento.

“Quando o inverno chegou, eu me encontrei uma turma de caça ilegal. Eu levava animais para eles venderem, que por sua vez me garantiam um celeiro para eu dormir, casaco e botas quentes. Esta marca” – ele pôs o dedo sobre a flor rudimentar – “era como os membros se reconheciam. Nada de nomes.”

“Nada de amizades”, disse ela. “Nada de relações humanas reais.”

“Mas eu tinha um cachorro.”

“Sério?” Ela sorriu. “Qual era o nome dele?”

Thorne hesitou.

“Mancha.”

“Oh, Samuel.” Ela pôs uma mão no rosto e balançou a cabeça. “Eu fui tão leviana. Sinto muito.”

Ele deu de ombros.

“Não sinta. Xugo é um bom nome.”

Ela encontrou a fileira de números dentro do antebraço esquerdo.

“E estes números?”

“Ah. Eles marcam a próxima parada na carreira de caçador ilegal: a prisão.”

“Prisão? Ah, não. Quantos anos você tinha?”

“Quinze. Eu acho.”

Ela esfregou a tatuagem.

“Era algum tipo de número de identificação que eles davam para todos os prisioneiros?”

Ele balançou a cabeça.

“Eu mesmo fiz, no primeiro mês. É a data em que eu devia ser libertado. Eu não queria correr o risco de que fosse esquecida.”

“Esquecida pelos carcereiros?”

“Esquecida por mim.”

Ele também não quis prolongar sua sentença aceitando qualquer conforto na prisão. Cobertores, rações de carne, as chaves dos grilhões – tudo vinha com um preço, e os carcereiros anotavam nos livros. Seis moedas por isto, um xelim por aquilo. Quando a sentença de um homem chegava ao fim, ele podia ter acumulado dezenas de libras de dívida – e não seria solto até aparecer com o dinheiro para pagar. Em vez de viver essa loucura, Thorne recusou qualquer cobertor ou comida a mais.

“Quanto tempo você ficou preso?”, ela perguntou.

“Fui sentenciado a sete anos. Mas no fim só fiquei quatro anos.”

A palavra “só” continha todo tipo de mentiras. Só quatro anos dormindo em

palha tão velha que tinha virado pó, e tão cheia de bichos que parecia viva. Só quatro anos sobrevivendo com um pão por dia. Só quatro anos tremendo dentro de grilhões que nunca foram ajustados, embora ele ficasse maior e mais alto a cada mês. Sim, “só” quatro anos de violência, fome, feiura e tratamento animal que o assombravam até hoje.

“A corte teve clemência?”, perguntou ela.

“Clemência? Dificilmente. A Inglaterra precisava mais de soldados que de prisioneiros. Eles me soltaram com a condição que eu me alistasse.”

“Então isto...” Ela tocou o medalhão no lado direito de seu peito. “Isto é o símbolo de seu regimento?”

“Em parte.” O peito dele arfou com uma risada sem graça. “Não fique buscando muito significado nessa. Foi apenas rum demais em uma noite numa taverna portuguesa, logo depois que fomos enviados à Península Ibérica.”

A mão dela deslizou pelas costelas dele, desviando para a esquerda e passando por cima do coração. Ele franziu a testa devido às ondas de puro prazer.

“E esta...?”, ela perguntou. “M. C. Quem era ela? Você a conheceu na mesma taverna? Ela era exótica, com seios grandes e terrivelmente linda? Você... gostou dela?”

Ele ficou olhando para Kate, lutando para não soltar uma gargalhada.

“Eu espero que ela tenha sido uma boa pessoa”, continuou Kate. “Mas ainda que ela tenha tratado bem você, devo admitir que criei uma antipatia irracional e intensa por ela. Na minha cabeça, eu a chamo de Marieta Cabeça-de-Couve.”

Foi aí que ele perdeu a luta. Ele baixou a cabeça e começou a rir – uma risada baixa e demorada.

“Bem, pelo menos algo de bom saiu disso”, falou Kate, os olhos misteriosos. “Eu estava ficando desesperada para ouvir você rir. E foi como eu suspeitava.” Ela tocou a face dele. “Você tem uma covinha, bem aqui. Diga que a Marieta nunca viu essa covinha.”

Thorne pôs a mão sobre a dela e a puxou para baixo. Ele traçou as letras no seu corpo com a ponta do dedo dela.

“M. C.”, disse ele, “não é uma mulher. Significa ‘Mau Caráter’. É como eles marcam os soldados que são expulsos de sua unidade por infrações penais.”

“Infrações penais? O que você fez?”

“O que eu não fiz seria uma questão mais fácil de responder. Roubo, saque, briga, fugir do dever, insubordinação. Tudo menos estupro, assassinato e deserção – e esta infração bem que eu quis tentar. No que me dizia respeito, o

governo de Sua Majestade tinha tirado toda a humanidade de mim com surras e fome. Depois me enviaram para morrer no campo de batalha. Nada mais me importava, Katie. Eu não tinha lealdade, honra, nem moral. Eu era realmente mais animal do que homem."

"Mas você mudou, é óbvio. E continuou no Exército, ou nunca teria chegado a Spindle Cove."

Ele aquiesceu.

"Depois que fui expulso da minha unidade, me mandaram para Lorde Rycliff. Na época ele ainda era o Tenente-Coronel Bramwell. Era ele quem decidiria o que ia acontecer comigo – prisão, morte, ou pior. Mas ele deu uma olhada em mim e disse que seria um tolo se mandasse embora um homem com meu preparo e minha força. Então ele me manteve, e me tornou seu ordenança. Seu criado pessoal, em essência."

"Foi muito generoso da parte dele."

"Você não faz ideia... Foi a primeira vez em muitos anos que alguém confiou qualquer coisa a mim. Rycliff não era muito mais velho que eu, mas ele se sentia à vontade no comando. E não era em nada parecido com meus antigos sargentos. Ele se importava com os homens de seu regimento. Ele tinha orgulho das nossas missões. Eu trabalhava tão perto dele que acho que um pouco disso foi transferido para mim. Eu comecei a ver que havia honra em fazer bem uma tarefa, não importa quão pequena. Engomar colarinhos, remendar rasgos, substituir botões. Mas principalmente as botas."

"As botas?"

Ele aquiesceu.

"Valiam mais que todos os salários da minha vida, as botas dele. Valiam mais que minha própria vida, eu imagino. Assim era a infantaria. Todo dia, o dia inteiro, nós tínhamos que marchar, cavar, lutar. Quando chegava a noite, as botas dele estavam cobertas de pó, estrume, sangue e coisas piores. Eu me matava durante horas para fazer com que brilhassem novamente. Assim, quando ele olhasse para elas, pela manhã, saberia que havia algo que valia a pena salvar por baixo de tudo aquilo. E depois que eu terminava as botas dele, ainda assim não ia dormir, não até fazer a mesma coisa com as minhas.

"Eu não era tão leal ao Exército, ou à Inglaterra, como era leal a ele – ou talvez apenas àquelas botas. Quando ele levou um tiro no joelho, eu não podia deixar que ele perdesse aquela perna, sabe. Sem perna não há bota. Estaria perdendo metade dos meus objetivos na vida." Ele esfregou o rosto e olhou para o fogo. "Agora ele ofereceu me conceder uma missão."

“Lorde Rycliff?”

Thorne anuiu.

“Que honra, Samuel. Você não a quis?”

Ele balançou a cabeça.

“Não fui feito para isso. Eu não tenho a mesma facilidade de Rycliff com a política militar. O campo aberto é onde melhor me encaixo, desde garoto. É meu lugar agora. No mato, com criaturas que uivam, rosnam e têm garras. Não é preciso traquejo social.”

Pronto. Ele tinha colocado diante dela seu passado sombrio, sua história de crimes e violência. Todas as razões pelas quais ele precisava deixar a Inglaterra e ficar longe dela.

Em resposta, ela disse a coisa mais improvável que ele poderia escutar.

“Você me levaria junto?”

Capítulo Dezenove

“Levar você comigo?”, ele repetiu. “Para a América?”

Kate anuiu. Parecia mais do que razoável para ela. Ele havia sofrido vinte anos de violência e miséria para pagar o custo dos sonhos dela. Ela aguentaria viver em uma cabana.

Ele franziu a testa.

“Não. Não.”

Enquanto ela olhava, Thorne levantou do tapete e foi até o outro lado do pequeno quarto, onde pegou o vestido dela no biombo em que o tinha pendurado para secar e colocou carvão quente em um ferro de passar. Bem... Não era essa a resposta que ela esperava ouvir.

“Você não pode me deixar”, disse ela. “O mundo vai voltar a nos unir. Você não percebeu isso? Estamos destinados a ficar juntos.”

“Não estamos destinados a nada. Você é filha de um marquês, e sempre foi, mesmo naquela época. E eu sempre fui um vira-lata humilde. Nós não temos nada em comum.”

“Você não quer que eu seja feliz?”

“É claro que sim.”

Ele abriu o vestido sobre a mesa, e o colocou com cuidado entre dois tecidos de proteção. Os músculos de seu braço esquerdo eram contraídos e estendidos enquanto ele passava o ferro quente pelo tecido, trabalhando com cuidado e segurança. Ela nunca teria sonhado que isso pudesse ser excitante – a visão de um homem enorme, sem camisa, passando suas roupas. Tudo em que ela conseguia pensar eram aquelas mãos passeando por seu corpo, esquentando e alisando sua pele.

“Katie, eu quero que você consiga tudo a que tem direito – riqueza, amizades, sociedade. A família que sempre sonhou encontrar. Tudo isso é seu, agora, e maldito seja eu se estragar isso.” Ele pôs o ferro de lado. “Você não pode ficar com alguém como eu. Olhe para mim. Aquele seu primo não me

contrataria como *criado*.”

Como Thorne já estava relutante, ela não iria lhe contar a verdade sobre sua herança. Ainda não. Ele não a veria como uma conveniência, mas como mais uma coisa que aumentava a distância que ele enxergava existir entre os dois. Mas essa distância não existia. Tudo que os separava era uma linha imaginária. Mas alguém tinha que dar o primeiro passo para superá-la, e Kate sabia que teria que ser ela.

“Isso diz respeito a nós, Samuel. Ninguém mais.” Ela puxou o cobertor para os ombros e se pôs de pé. A teimosia dele precisava ser vencida, e Kate sentiu sua coragem aumentar. “Sou só eu. Só a Katie. A *sua* Katie, como você me chamou uma vez. Eu sei que você sente algo por mim.”

Agitado, ele pousou o ferro.

“Eu já falei para você, mais de uma vez, é apenas...”

“Apenas desejo. Sim, eu sei que você me falou isso. E eu sei que você está mentindo para mim. Seus sentimentos vão muito mais além do que desejo.”

“Eu não sinto *nada*.” Suas narinas dilataram. Ele bateu o punho no peito. “Nada. Está me entendendo?”

“Eu sei que não é verd...”

“Olhe. Estas letras.” Ele apontou para o M. C. gravados em seu flanco esquerdo. “Você sabe como eles fazem estas marcas?”

Ela balançou negativamente a cabeça.

“Eles pegam uma tábua deste tamanho.” Ele mostrou com as mãos. “Nessa tábua tem uns pregos saltados, que formam as letras. Eles encostam as pontas dos pregos na sua pele, e então dão uma pancada na tábua. Com o punho, às vezes. E às vezes com uma marreta.

Kate fez uma careta. Ela deu um passo à frente, mas ele a manteve distante com a mão aberta.

“E então, depois que fizeram esses buraquinhos pequenos, eles pegam pólvora preta – você conhece o bastante sobre armas para saber como essa coisa é corrosiva – e esfregam na ferida para fazer a marca.”

“Deve ter sido como uma tortura.”

“Eu não senti nada. Assim como não senti isto.”

Ele se virou e mostrou as costas. O estômago de Kate revirou quando ela viu a trama de cicatrizes retorcidas e entrelaçadas que cobriam sua pele.

“Chibatadas”, disse ele. “Uma centena de chibatadas, por minhas inúmeras transgressões. Eles abriram minha pele e meu músculo, e eu juro para você, não senti nenhum golpe. Porque eu já tinha aprendido a ficar insensível à dor, ao

sofrimento, ao sentimento. A tudo.”

Lágrimas se acumulavam nos cantos dos olhos dela. Kate não sabia dizer se ele estava contando mentiras deliberadamente ou se realmente estava convencido disso, mas ela detestava vê-lo falando desse jeito. Aquele homem tinha sentimentos, e sentimentos profundos.

“Samuel...”

“Não. Eu sei o que você está pensando. Hoje você se lembrou de um garoto que conheceu. Ele gostava de você, era gentil, e lhe fez uma boa ação. Aquele garoto não existe mais. O homem que eu sou... bem, você mesma pode ver.” Ele apontou as marcas em sua pele, uma por uma. “Ladrão. Prisioneiro. Soldado bêbado. Mau caráter em tudo. Eu morri por dentro há muito tempo. E agora não sinto nada.”

Ela se aproximou dele lentamente, aos poucos, da mesma forma que faria para se aproximar de um animal selvagem encurralado que não queria afugentar.

“Você sente isto?” Ela inclinou a cabeça para beijar o pescoço de Thorne. O aroma dele fez seu coração acelerar com desejo.

“Katie...”

“E isto?” Ela conduziu o beijo até o rosto, deixando que seus lábios se demorassem na curva dura da mandíbula. “Ou...”

Ele a pegou pelos braços, empurrando-a para trás.

“Pare.”

Ela baixou o olhar para o peito dele, examinando as marcas e cicatrizes que ele colecionou desde que se separaram na infância – todas, pelo menos em parte, recebidas por causa dela. A enormidade do que aquelas marcas representavam ofuscavam qualquer medo ou sofrimento que ela tivesse conhecido. Ela mal podia compreender a magnitude do sofrimento, mas Kate se obrigou a tentar. Ele havia sacrificado tudo, incluindo o único lar que conheceu e comprou um futuro brilhante para ela ao custo de sua própria liberdade. Como ela poderia não amar aquele homem? Como ele poderia negar que a amava?

“Minha vida toda”, ela começou, com a voz falhando, “eu me apeguei a uns fiapos de memória. Não importava o quão triste era minha realidade, essas lembranças vagas me davam esperança de que alguém, em algum lugar, havia gostado de mim, um dia. E eu sempre acreditei, no fundo do meu ser, que algum dia alguém me amaria novamente.”

“Bem, agora você encontrou os Gramercy. Eles irão...”

“*Você.* Eu encontrei *você.*” Ela pôs as mãos no peito dele. “Os Gramercy são pessoas maravilhosas. Eu gosto muito deles, e eles gostam de mim. Mas eles

nunca souberam que eu existia. Minha pobre mãe... parece que esteve preocupada demais, e depois doente demais, para me dar amor. Nenhuma dessas pessoas foi aquela força que eu carreguei comigo, aquela esperança que me sustentou durante anos. Foi você. Somente você."

Uma lágrima correu pelo rosto dela.

"*Seja corajosa, minha Katie*. Eu lembro de você dizendo isso. Você nunca vai saber o que essas palavras significaram para mim, e foi sua voz, sempre foi. E se..."

Ele fechou os olhos e encostou sua testa à dela.

"Katie, eu imploro. Para seu próprio bem, pare com isso."

"E se você negar agora..." Ela ergueu as mãos para segurar o rosto dele. "Se você negar que gosta de mim, irá tornar toda minha vida uma mentira."

Ele balançou a cabeça.

"Você está sonhando. Ou confundindo tudo. Exausta pelos acontecimentos do dia, talvez. Você não pode dizer que desistiria de tudo. Os Gramercy, a riqueza, suas amizades..."

"Para ficar com o homem que eu amo? Com certeza."

"Não." Ele passou o braço ao redor dela e a virou, pressionando-a contra a parede. "Não diga isso. Você não pode me amar."

"Você está duvidando da minha sinceridade? Ou está me proibindo de amá-lo?"

"As duas coisas."

Ele a encarou com um olhar que era severo, feroz, azul e gelado como o oceano. Tão azul que fez o coração dele cantar. Ela, afinal, descobriu por que carregava aquela lembrança de azul em seu coração. Era ele. Sempre foi ele.

Thorne cerrou os dentes.

"Eu não tenho nada para lhe oferecer. Nada."

"Se isso for verdade, só pode ser porque você já me deu tudo que um homem pode dar. Você me salvou, Samuel. Não apenas dessa vez, mas muitas vezes. Você se pôs na frente de um chicote. Você levou um tiro de melão na cabeça. Você pegou uma víbora com as mãos, seu homem tolo, querido."

"Eu fiz isso pelo cachorro."

"*Meu* cachorro. Que você deixou ficar comigo, embora desse muito valor a ele." Ela tocou o rosto dele, tentando suavizar sua expressão. "Eu sei que você tem sentimentos. E eu sei que me quer."

Ele não tentou negar essa parte. O desejo em seus olhos era de amolecer as pernas.

“Quando você olha assim para mim, eu me sinto tão linda.”

“Você *é* linda.” Ele soltou um suspiro profundo. Suas mãos subiram e desceram pelos braços dela, fazendo um carinho rude. “Incrivelmente linda.”

“Você também é.” Ela encostou a mão no peito nu dele, e a deslizou pelos contornos dos músculos definidos. “Como um diamante. Duro e cintilante, lapidado com todas aquelas facetas únicas. Por dentro... fogo puro e reluzente.”

Kate deslizou as mãos para a nuca de Thorne, passando os dedos pelo seu cabelo curto. As pontas ásperas atiçaram a pele de seus dedos, disparando faíscas por todo corpo. Ela puxou a cabeça dele para si até que os lábios de Thorne – tão fortes, tão sensuais – preencheram sua visão. E então ela fechou os olhos e explorou aqueles lábios com os seus. Colando beijos suaves, ligeiros, em cada canto da boca. Capturando o lábio superior entre os seus, e então satisfazendo o inferior. Nada separava seus seios do peito dele, a não ser uma fina camada de tecido, que rapidamente ficou quente entre os dois. Uma dor prazerosa invadiu os seios de Kate, cujos mamilos enrijeceram, cheios de desejo. Ela os esfregou no peito dele, na esperança de aliviar a dor, mas apenas conseguiu inflamar seu desejo. E o dele, aparentemente.

O braço esquerdo de Thorne, que estava saudável, envolveu a cintura de Kate. Ele contraiu os músculos do braço, erguendo-a e trazendo sua pelve de encontro à dele. A ereção dura dele pressionou o sexo dela. O prazer era ofuscante. Ensurdecedor. Entorpecedor. Era como se todos os sentidos dela tivessem corrido para dentro e para baixo, de modo a se concentrarem naquela pressão firme e deliciosa entre suas pernas. Ela apertou o quadril contra ele. Kate não podia fazer outra coisa. Depois que ela fez isso uma vez, tudo que queria era fazer novamente.

Thorne gemeu e mordeu o lóbulo da orelha dela.

“Kate, eu quero você. Não sei tornar isso poético. Não sei dizer de outro jeito que não seja rude, porque é assim que é. Eu quero você na minha cama. Eu quero você debaixo de mim, me abraçando. Eu quero estar dentro de você.”

Aquelas palavras carnais a fizeram corar e gaguejar.

“E-eu também quero isso tudo.”

Kate gostaria de ter conseguido dar uma resposta mais sofisticada. Mas as palavras funcionaram bem o bastante para ela ganhar um beijo – um beijo selvagem, passional – e então ela se perdeu na tempestade de calor e desejo. A língua dele penetrou fundo em sua boca, possessiva e quente, provocando uma resposta instintiva. O coração dela acelerou, assim como a pulsação que latejava no meio de suas coxas.

Quando interrompeu o beijo, ele respirava com dificuldade.

“Você deveria ir embora. Deixe-me.”

“Nunca!”

“Se ficar, vou levar você para minha cama. E depois que eu a possuir, você será minha. Para sempre. Precisa saber disso.”

“Eu sei.” Um arrepio passou por ela. “Eu não quero outra coisa.”

Ela engasgou quando ele a ergueu do chão e a carregou até o colchão. Com apenas um braço, como se ela não pesasse nada. Com Kate deitada, ele se endireitou e começou a brigar com os fechos da sua calça. Ele trabalhava, desajeitado, apenas com a mão esquerda. Depois de alguns instantes ela não conseguiu mais aguentar o suspense.

“Não quer me deixar ajudar?” Kate ficou de joelhos na cama e levou as mãos aos botões. A camurça da calça era muito macia, e estava esticada como um tambor. Sua boca secou enquanto ela soltava uma fileira de botões, abrindo um dos lados. Então ela foi para a pequena fila de fechos no centro. Kate deslizou um dedo por baixo da faixa na cintura de Thorne para conseguir apoio. Quando ela tocou a barriga dele, Thorne se encolheu, com cócegas. Kate sorriu. Ela soltou um botão, depois outro, expondo a linha escura de pelos que ficava mais larga e espessa conforme ela ia desabotoando. Quanto mais ela descobria, mais queria ver – mas no momento em que pegou o último botão, Kate não conseguiu mais olhar. Ela virou o rosto para cima e o encontrou olhando fixo para ela. O rosto de Thorne estava contido, ameaçador. Seus olhos, sombrios, famintos. Kate soltou o último botão e observou o rosto dele enquanto colocava a mão dentro de sua calça, sentindo pela primeira vez a rigidez quente e pulsante lá dentro. Ela ficou maravilhada. Ele era duro, liso, e possuía uma textura intrigante. E era tão grande. Nossa. Ela devia receber *tudo* aquilo dentro dela?

Enquanto Kate o observava, as pálpebras dele palpitaram e sua cabeça caiu para trás. Thorne empurrou o corpo na mão dela com um gemido abafado. Kate adorou o abandono sensual na expressão dele, mas ficou preocupada com as dimensões físicas de seu ardor. A cada centímetro que seus dedos exploravam, ele parecia ficar ainda mais comprido – e Kate duvidava cada vez mais que seria possível recebê-lo todo dentro dela. Talvez seu sentido de tato a estivesse enganando. Talvez se olhasse diretamente para o órgão, ele não seria tão intimidante. Kate baixou o olhar e puxou a calça dele do quadril, e o membro saltou para cima de seu ninho de pelo escuro. Será que todos os homens eram assim?

Ela o pegou novamente, já que ele parecia gostar do seu toque. Ele enchia

sua mão, e ainda sobrava muito. De repente, Kate sentiu a necessidade de interromper temporariamente o que estava fazendo e fazer uma visita apressada para algumas de suas amigas casadas. Então ela voltaria mais instruída, sábia e preparada, com algum tipo de cataplasma analgésico para depois.

Thorne agarrou a mão dela, apertando com força.

“Chega.”

“Eu fiz algo errado?”

“Não. Não. Está certo demais. Bom demais. Assim eu não vou aguentar muito mais.”

Kate imaginou que não conseguiria pôr em prática o seu plano de sair em busca de informações e ervas medicinais, assim a perspectiva de que ele não durasse muito não lhe pareceu de todo má.

“Não me importa se for rápido”, disse ela timidamente.

Pela segunda vez em uma hora Kate o ouviu rir. Foi um grunhido áspero tão lindo que ela não se incomodou que Thorne estivesse rindo dela.

“Você deveria se importar.” Ele terminou de tirar a calça e a colocou de lado.

Ela se sentiu tão burra. Ele tinha estado com muitas mulheres, todas muito bem instruídas em coisas que realmente interessavam. Entendidas sobre amor, em vez de música.

“Eu sinto muito. Não tenho nenhuma experiência nisso. Só espero que você me diga o que lhe agrada.”

“*Você* me agrada.” Ele sentou ao lado de Kate no colchão e puxou de lado o tecido da camisa emprestada para expor o ombro dela. Com os lábios, ele contornou a curva de seu pescoço.

“Quero dizer, eu detestaria me sair mal em comparação...”

Ele ergueu a cabeça. Seus olhos chisparam.

“Não existe comparação. Nenhuma.”

Thorne enfiou a mão por baixo da camisa e segurou o seio dela. Seus dedos fortes a moldaram e acariciaram. Ela gemeu enquanto ele provocava seu mamilo, esfregando-o com o polegar.

“Samuel.”

“Isso.” A voz dele estava rouca quando ele puxou a camisa, tirando-a por cima da cabeça dela. “Diga meu nome.”

“Samuel”, ela sussurrou, feliz que ele havia lhe dado esse modo de agradá-lo. “Samuel, eu senti sua falta cada dia que você esteve longe. Senti tanta saudade.”

Ele deitou seu corpo sobre o dela e Kate adorou a sensação do corpo dele –

duro, pesado e coberto de pelos escuros. Sobre ela, era uma sensação nova. Enquanto a beijava, ele colocou sua coxa entre as dela. Ela ficou excitada ao sentir a pele nua dele contra sua parte mais íntima. A língua dele passava lentamente sobre seu seio, pintando-a com um calor agonizante, delicioso. Thorne chupou seu mamilo com força, puxando o bico inteiro para dentro de sua boca. Ela gritou de prazer, sem vergonha de se contorcer e esfregar contra a firmeza da coxa dele.

Transferindo sua atenção para o outro seio, ele mudou de posição. Ela choramingou por não sentir a coxa dele entre suas pernas, mas os dedos dele escorregaram por sua barriga e encontraram sua fenda. Ele passeou entre os pelos macios, tocando-a e acariciando-a, antes de abri-la gentilmente e deslizar um dedo para dentro. Só um pouco, no começo, depois indo mais fundo em investidas suaves e arrebatadoras. A sensação de preenchimento era inefável. O polegar dele encontrou a saliência dura e sensível e o massageou em círculos audaciosos. Logo ela estava movimentando os quadris para ir ao encontro de cada investida do dedo dele, amando a forma como a palma da mão de Thorne batia levemente contra sua pele.

“Samuel, é demais... eu não...”

O clímax a pegou, rápido e em cheio. Ela arqueou o corpo para cima, esfregando-se na mão dele e gritando de prazer. Seus músculos íntimos apertaram o dedo dele, sem vergonha de implorar por mais. Enquanto as últimas ondas de alegria ondulavam através dela, ele retirou a mão. Thorne então ajeitou seu quadril entre as coxas dela. Sua ereção pulsante e dura encostou no sexo dela, ainda vibrando com o gozo.

“Você me quer?”, ele perguntou.

“Mais do que qualquer coisa.”

Ele se posicionou na entrada dela.

“Você quer *isto*? Tem certeza?”

“Tenho.” Ela projetou o quadril, ansiosa por recebê-lo. “Agora. *Por favor*. Só me possua.”

E ele a possuiu. Sua primeira estocada foi rasa – ela sentiu arder quando suas paredes internas se alargaram, mas não foi nada terrível. *Talvez isso não seja tão ruim*, ela pensou.

“Katie”, ele gemeu. “Estar em você é o paraíso.”

Nada ruim. Mas então a segunda investida foi sofrimento puro. Dor. Ela enterrou o rosto no ombro dele para abafar seu soluço. Conforme ele foi entrando mais, em investidas ritmadas, suaves, a dor melhorou um pouco. Mas

não tanto a ponto de ela conseguir lhe dar uma resposta convincente quando Thorne perguntou se estava tudo bem.

Ele praguejou.

“O que foi?”, ela perguntou. “Eu fiz algo de...”

“Você é perfeita. É só que odeio machucar você. Odeio que esteja feito e eu não possa voltar atrás.”

“Bem, eu não odeio nada disso. A dor já melhorou. Adoro a sensação de ter você dentro de mim. Eu amo saber que posso abraçar você assim, tão perto.” Ela alisou o cabelo na testa dele e olhou no fundo de seus olhos. “Samuel, eu amo você.”

“Não diga isso.” Mas mesmo tentando resistir, ele começou a se movimentar de novo. Devagar e profundamente. De um modo que ela achou maravilhoso, não uma tortura.

“Por que não?” Ela deu um sorriso provocante. “Está com medo de me dizer o mesmo?”

Ele contraiu as coxas e deslizou mais para dentro.

“Eu amo você”, ela sussurrou.

Ele se afastou, franzindo o rosto. Hesitando. Como se estivesse ponderando o prazer que outra estocada lhe daria contra a dor de ouvir as palavras que não queria escutar. Ela decidiu não deixar Thorne a intimidar com aqueles olhares. O negócio era aquele. Se ele queria seu corpo, teria que aceitar também seu coração.

Ele rilhou os dentes e penetrou nela, firme.

“Eu amo você”, ela arfou, agarrando os braços dele.

Thorne aumentou seu ritmo, socando-a com movimentos desesperados. Como se quisesse forçar Kate a se arrepender, a retirar o que disse. Sem chance. Ela passou as pernas ao redor dos quadris dele e se agarrou, teimosa, ao seu pescoço. As palavras viraram um cântico sincronizado às estocadas dele. Ela bateria na pedra a noite toda, se isso fosse necessário para derrubar as muralhas dele.

“Amo você”, ela gemeu. “Amo você. Amo. Você.”

O rosto dele se contorceu em uma expressão atormentada – de prazer agonizante, ou talvez de agonia prazerosa. Ele ergueu as sobrancelhas em expectativa, depois franziu o cenho, determinado. Então ele se afastou. Ele saiu dela, virou de lado e gozou ali. Kate tentou não se sentir magoada. Por muitos motivos, uma gravidez seria inoportuna. Foi bom, da parte dele, pensar em sua saúde e reputação, mesmo naquele momento louco, passional. Mas Kate não

conseguiu conter um suspiro de decepção. Ela o queria *todo*.

Exausto, ele desabou no colchão. Ela virou e o pegou em seus braços. Kate acariciou aquelas costas lindas e cheias de cicatrizes, esperando para ouvir o que quer que ele conseguisse dizer. Depois de um longo momento, ele se ergueu em um cotovelo. Thorne olhou para ela, ainda respirando com dificuldade. Seus olhos estavam escuros e infinitos enquanto ele afastava o cabelo da testa dela e deslizava um dedo carinhoso por seu rosto. Finalmente, ele recompensou toda aquela espera nervosa com apenas uma palavra, profunda e sonora.

"Katie."

E foi o bastante. O bastante para fazer seu coração chegar às alturas e afogar seus olhos em lágrimas de alegria. O bastante para deixá-la desesperada por seu beijo. Ela o puxou para perto, e arrastou sua boca para a dele, deleitando-se no doce domínio. Com aquele homem nunca haveria poesia, festas e ainda menos dança. Eles nunca se sentariam ao piano para tocar belos duetos. Kate poderia esperar a vida toda, e ele nunca encontraria as palavras para dizer que a amava. Mas a verdade estava escrita em toda pele dele. E isso era o bastante.

Capítulo Vinte

Depois, ela dormiu. Mas Thorne, não. Ele não conseguiria dormir, mesmo se quisesse. Pensamentos demais agitavam sua mente. Ele ficou deitado, mantendo um braço protetor em volta dos ombros dela e observando a fumaça da lareira subir e desaparecer na escuridão. Estava feito. E não havia como desfazer. Ele agora estava resolvido a lhe dar tudo que ela merecia. O melhor que ele pudesse, de qualquer modo.

Ao seu lado, Kate se mexeu, semidesperta. Ela rolou na direção dele, aninhando-se e jogando seu braço por cima do peito dele. Os dedos de Katie brincaram preguiçosamente com os pelos que encontrou ali, passeando e puxando-os. Então a mão dela desceu. Se Thorne já não estivesse duro antes que ela começasse a acariciá-lo, ficaria uma pedra então.

“Faz amor comigo de novo?”, sussurrou ela.

Thorne a encarou, espantado, e afastou uma mecha teimosa da testa dela. Foi isso que eles fizeram há cerca de uma hora? Eles fizeram *amor*? Ela tinha mesmo pronunciado aquela palavra inúmeras vezes, como algum tipo de encantamento. A ideia estava nele, agora, e ele não sabia o que pensar. Mas ele gostou da descrição dela para o sexo: “fazer amor”. Fazia a emoção parecer concreta. Compreensível. Como um produto que pudesse ser fabricado. Pegue dois corpos ardentes e cheios de desejo; esfregue-os bastante e uma substância chamada amor resultará disso – com a mesma simplicidade que bater duas pederneiras provoca uma fagulha. Infelizmente, Thorne não pensava que funcionasse dessa forma.

“É muito cedo”, disse ele. “Você vai estar dolorida. Eu não quero machucar você.”

“Eu estou dolorida, admito. Mas não existem outras formas?”

Ele levantou uma sobrancelha, incrédulo.

“O que você sabe sobre outras formas?”

“Sério, Samuel.” Ela riu. “As mulheres conversam. E mais do *que um*

romance picante já passou pela Queen's Ruby."

Thorne sufocou uma risada de deboche. Havia heróis de romances, e havia homens como ele próprio. Seja lá o que aquelas histórias indecentes tivessem lhe ensinado, sem dúvida devia ser alguma representação refinada e delicada do desejo – como ficava claro pela forma como ela fazia carinhos leves e doces em seu membro duro naquele exato momento. Ele lutou para dominar a vontade de pegar a mão dela e assumir o controle. Ele poderia mostrar para ela como pegá-lo com firmeza. Thorne poderia lhe ensinar como acariciá-lo firme e rapidamente, sem parar, até ele rosnar e gritar como um animal selvagem. Ele poderia por Kate de quatro e possuí-la como um animal, investindo selvagemente nela por trás. Ele duvidava que qualquer uma dessas cenas aparecessem nessas novelas picantes. Tudo isso não tinha nada a ver com "fazer amor".

Sua própria grosseria o preocupava, de um modo que nunca o preocupou no passado. Ao contrário de qualquer outra mulher com quem ele foi para cama, Katie tinha um talento para demolir seu autocontrole. Quando ele esteve dentro dela, chegando cada vez mais perto do clímax, ele também se sentiu perto de um precipício. Foi por essa razão que ele saiu de dentro dela. Ele chegou muito perto desse limite, e não sabia o que o esperava do outro lado. Poderia ser um lugar escuro, sombrio. Se caísse ali, Thorne temia se perder. Ele poderia machucar Kate.

Thorne cruzou os braços atrás da cabeça e entrelaçou seus dedos, só para impedi-los de se perderem. O toque leve e provocante dela já era mais do que ele esperava. Ele se contentaria com isso.

"Volte a dormir", disse ele.

"Não consigo. Sou uma mulher que acaba de ficar noiva, e estou muito ocupada fazendo planos. Você acha que podemos nos casar em St. Ursula? É uma igreja tão linda. Eu sempre sonhei em casar ali."

Ele riu.

"Não acredito que nos seus sonhos, eu era o homem no altar."

"Não tenho certeza. Talvez fosse você. O rosto do noivo sempre foi meio indefinido. Mas incrivelmente lindo." Ela se apoiou em um cotovelo e o encarou, os olhos brilhantes e inquisidores. "Você alguma vez sonhou comigo?"

"Às vezes", ele admitiu, relutante, somente porque era óbvio que ela esperava que ele dissesse sim. "Eu tentei não sonhar."

"Por que você tentaria não sonhar comigo?"

Thorne olhou para a escuridão acima.

“Porque meus sonhos não tinham nada a ver com casamento ou igreja.”

“Oh”, fez ela, tocando-o recatadamente no centro do peito.

“Não parecia certo usar você dessa forma.”

“Que absurdo.”

Ela se virou e ficou em cima dele, barriga com barriga, apoiando os braços em seu peito e substituindo a escuridão que ele observava por seu rosto radiante e sorridente. O cabelo dela caía em cima dele, criando um espaço oculto para abrigar seu beijo. Deus! Ele não conseguia acreditar que aquilo era real. Que ela estava ali, e era dele. Thorne quase tinha medo de tocá-la, com receio de que ela desaparecesse, então ele manteve as mãos debaixo da cabeça e deixou que ela o beijasse, pelo tempo e com a intensidade que Kate quisesse.

“Samuel”, disse ela afinal, “você tem minha permissão para sonhar comigo do jeito que quiser.” Ela se sentou no tronco dele, e apontou um dedo para o peito dele. “Com uma condição – você tem que contar o sonho quando acordar, para que eu possa tornar reais as suas fantasias.”

“Não diga isso. Você não faz ideia das depravações que a imaginação de um homem pode criar.”

“Então me esclareça.”

Ela colocou uma mão de cada lado do corpo dele e se apoiou nelas. Seus seios balançaram para frente, provocando-o, e os pelos entre as suas coxas roçaram a barriga dele. O pau de Thorne arqueou e se esticou, buscando a maciez e o calor dela. Com um puxão rápido nos quadris de Kate, ele poderia aninhar seu sexo no dela. E então enterrá-lo, apertado. Thorne gemeu, mas manteve as mãos firmemente presas debaixo da cabeça.

“Conte-me.” A voz dela era um sussurro. “Conte-me cada um de seus desejos carnais, depravados e perversos.”

“Nós ficaríamos uma semana só nisso.”

Kate sorriu timidamente.

“Eu não me importaria.”

Ele balançou a cabeça. Não importava o quão satisfeita ela parecia consigo mesma, Thorne sabia que ela tinha acabado de ultrapassar a primeira barreira da inocência.

Kate se endireitou, jogou o cabelo por sobre os ombros e olhou para ele.

“Estou falando sério, Samuel. Você não vai me tratar como se eu fosse uma dama intocável e delicada. Não me interessam seus sonhos mais verdadeiros que tenham outra pessoa. Eu sou ciumenta. Não quero simplesmente aparecer nos seus sonhos. Eu quero ser a *única* mulher neles de hoje em diante.”

Ele a observou, os dedos ainda entrelaçados atrás da cabeça. Thorne nunca tinha considerado a questão dessa forma. Se ela estava realmente determinada a aprender algo com seus desejos mais obscuros... ele acreditava que poderia satisfazer essa vontade dela. Mas ele iria se ater às fantasias que não a punham em qualquer tipo de risco. Somente as fantasias que a deixavam no controle.

Ele soltou as mãos de trás da cabeça. Começando nos ombros dela, deslizou seu toque pelos braços de Kate até segurar as mãos dela entre as suas. Ele as levantou ao nível do peito dela, então encaixou as palmas dela em seus próprios seios pálidos e macios.

“Segure-os para mim”, disse ele.

Então Thorne se reclinou até o travesseiro, e mais uma vez cruzou os dedos embaixo da cabeça. Ela lhe deu um olhar intrigado. Então voltou essa expressão de estranhamento para seus próprios seios, apertando-os de leve com as mãos.

“O que eu devo fazer com eles?”

“O que lhe parecer gostoso.”

“E você só vai ficar aí assistindo?”

Ele aquiesceu.

Kate franziu a testa.

“Sério? Isso é algo com que os homens fantasiam?”

“Com certa regularidade.”

Ela riu e corou, como as mulheres fazem quando estão constrangidas. E ele simplesmente ficou lá deitado, esperando, sem dar qualquer explicação.

Até que ela deu de ombros.

“Como quiser, então.”

Com as palmas das mãos, ela ergueu delicadamente e começou a se massagear. Ela passou a ponta dos dedos ao redor da circunferência de cada seio. E então ela os equilibrou cuidadosamente, como se fossem pesos dos dois lados de uma balança, e apertou os polegares sobre os bicos duros.

“Assim?”, perguntou ela. “Estou fazendo direito?”

Ele aquiesceu, inCapaz de responder em voz alta. Sentiu sua boca salivar. Enquanto ela brincava com os próprios mamilos com os polegares, uma onda de calor se espalhou por seu peito e começou a subir para a garganta. Seus lábios se entreabriram, sedentos e vermelhos, e ela os umedeceu com a língua.

“Belisque-os”, ele murmurou.

Kate suspirou com desejo e obedeceu, beliscou e puxou. Ela fechou os olhos e arqueou as costas, projetando à frente aqueles seios deliciosos para apreciação de Thorne. Sua pelve balançou de encontro ao abdome tenso dele. Ela já estava

molhada. E ele dolorosamente duro.

“Eu fiz isto uma vez”, ela sussurrou, abrindo os olhos. Seu olhar era escuro e brilhante, com um sorriso tímido brincando em seus lábios. “Naquela noite depois do passeio a Wilmington. Eu me toquei desse mesmo jeito e tentei imaginar sua boca em mim.”

Santo Deus. Ele nunca ouviu algo tão excitante em toda sua vida. Seus dedos se curvaram como garras, arranhando seu couro cabeludo, mas Thorne não se mexeu. Ele não ousava tocá-la – ou antes que ela pudesse sussurrar uma palavra de cuidado, ele penetraria com tudo nela, investindo em seu corpo de forma selvagem. Ainda assim, ele não conseguia resistir a querer mais.

“Traga-os até aqui”, disse ele. “Traga-os para mim. Quero prová-los.”

Ela sorriu.

“Sim, cabo.”

A resposta atrevida o deixou maluco. Normalmente, Thorne não gostava de jogos de poder na cama. Ele detestava qualquer sugestão de que pudesse usar seu posto em troca de prazer. Mas ela não estava cedendo aos desejos dele. Kate estava debochando de Thorne por usar um tom severo, militar. Ela sabia que ele estava desesperado. Kate sabia que tinha sido ela que o deixou daquele jeito, e ela já estava aprendendo a apreciar seu poder sensual. *Raios, ela aprendia rápido. Uma garota esperta, muito esperta.* E ele era um homem de sorte, muita sorte.

Com uma mão ela segurou na cabeceira para se apoiar. Com a outra mão Kate segurou o seio, e se inclinou para frente até o mamilo ereto pairar pouco mais de um centímetro acima dos lábios dele. O aroma e o calor da pele dela eram palpáveis, inebriantes. Ela o estava provocando de novo, esperando que ele se mexesse e perdesse o controle. *Atrevida.* Ele também sabia provocar. Thorne apertou os lábios e soprou, fazendo uma corrente de ar passar pelo mamilo dela. A pele de Kate ficou arrepiada, e um tremor delicioso viajou por todo corpo dela até chegar ao seu. Ele esticou a língua e a passou, exagerando na suavidade, pela ponta do mamilo dela. Então ele lambeu os lábios e soprou de novo.

“*Samuel*.”

Ele ansiava por contato e alívio físico, mas a carência na voz dela o satisfazia de uma forma diferente. Mais profunda. Kate baixou os seios, esfregando sua pele sedosa no rosto sem barbear de Thorne. Ele fechou os olhos quando o mamilo doce e duro passou por seu lábio inferior. Então ele sorriu – uma raridade para ele –, apenas para esticar os lábios e afastá-los de Kate. Eles passaram vários minutos assim – provocando, sentindo. Cada um tentando o

outro. Como se reconhecessem que tinham uma vida toda para aproveitar aquilo, de modo que não havia pressa naquele momento. Ele beijava preguiçosamente os seios dela – primeiro um, depois o outro. Ela apoiou as duas mãos na cabeceira e se aproximou mais, para que ele escolhesse à vontade. A respiração dela ficou entrecortada e uma excitação inebriante preencheu o ar. Conforme ele lambia seus mamilos, ela começou a balançar em um ritmo lento, contínuo, esfregando-se contra a barriga dele. Ele tomou um bico em sua boca e chupou forte, até ela soltar um gemido baixo. Thorne deixou sua cabeça cair de volta no travesseiro, soltando o seio reluzente no ar frio e escuro. Então ele descruzou as mãos embaixo de sua cabeça e a pegou pela cintura, puxando-a na direção de sua boca.

Ela ficou tensa.

"Samuel."

"Você disse que sabia que existiam outros modos."

"Sim, mas..."

"Você queria conhecer cada uma das minhas fantasias sombrias e depravadas."

Ela suspirou.

"Eu sei. É só que..."

Sua frase foi interrompida quando ele a levantou pela cintura, reposicionando-a de modo que os joelhos dela ficaram um de cada lado dos seus ombros largos. A posição a deixou bem aberta. Ela era rosa, úmida e linda. Talvez ele não devesse ir longe tão cedo, mas o desejo tinha feito Thorne perder o controle, e ele não conseguiria descansar até saboreá-la completamente.

"Segure na cabeceira", ele mandou.

"Você tem *certeza* de que isso está certo?"

"É perfeito." Então, disse com a voz ainda mais rouca. "Você é perfeita."

Ele a abriu com os polegares, preparando-a para seu beijo. Ele precisava pôr a boca nela, então Kate iria gostar da ideia. Ele começou devagar, assim como tinha feito com os seios dela. Primeiro ele a provocou com a respiração, depois passou a língua rápida e levemente sobre sua abertura. Ele explorou cada saliência, degustou seu sabor e cheiro inebriantes. Quando ele sugou e lambeu a pérola inchada e quente, Thorne ouviu um soluço de prazer gutural sair da garganta dela. *Isso.* O triunfo pulsou em suas veias. Ele agarrou os quadris dela, mantendo-a parada e perto para que pudesse trabalhar. Com a outra mão, ele alcançou seu membro latejante. *Mais fácil assim*, ele pensou. Se ele próprio cuidasse de si, não teria a tentação de pegá-la na sequência. Assim ele manteria

sob controle suas necessidades. Não demoraria muito para nenhum dos dois. Enquanto massageava o membro ansioso, Thorne mantinha um ritmo implacável com a língua. Variando um pouco, ele encontrou o ângulo e o ritmo que davam prazer a Kate – um que a fazia arfar e arquear de encontro a sua boca aberta.

Isso. Mexa-se comigo. Venha para mim. Os suspiros de prazer de Kate levavam a excitação dele a alturas estonteantes. Ele nunca viu nada tão excitante em sua vida. Ela estava muito confiante, completamente aberta e vulnerável. Tão deliciosa de encontro à sua língua, decididamente derretida pelo desejo que sentia por ele. Por *ele*. Talvez Kate nunca pudesse fazê-lo sentir algo, mas ele podia incendiá-la. Ele podia fazê-la ofegar. E suspirar. E gemer. Aquela era de fato uma fantasia. Erguendo os olhos, ele podia ver os seios dela balançando deliciosamente. O músculo da coxa dela tremeu em sua mandíbula, e ele percebeu que logo perderia o que lhe restava de autocontrole. Uma necessidade animal, básica, corria por baixo da superfície de sua pele em busca de alívio. Ele agarrou o membro mais apertado e bombeou com mais força. Quase lá.

“Samuel”, ela arfou. “Samuel, eu não...”

Ela gritou e arqueou em sua boca, estremecendo a cabeceira da cama com a força de seu clímax. Ouvir seu nome naqueles lábios, com aquela voz lasciva... fez com que ele explodisse. Seu próprio clímax entrou em erupção, puxando seus quadris da cama. Thorne gozou em jatos vigorosos, rugindo e estremecendo. Instantes depois, os únicos sons eram o crepitar do fogo, o barulho abafado da chuva, e a respiração pesada dos dois amantes. Bem... Ela queria luxúria. Assim que recuperou um pouco de força nos membros, Thorne a ajudou a ficar de lado e se ajeitar no colchão. Ela se aninhou ao lado dele com os olhos ainda fechados, com a respiração pesada. Ela ficou quieta por tanto tempo que ele começou a se preocupar. *Maldição*. Ele começou a acreditar que a chocou demais. Kate estava se arrependendo, imaginando o tipo de animal com quem tinha se envolvido.

Thorne acariciou seu cabelo, soltando os nós produzidos pela chuva.

“Você está bem?”

“Estou”, ela respondeu. “Estou bem, mesmo. Só não sei como olhar para você depois disso.”

Ele pensou por um instante.

“Com orgulho?”, sugeriu, enfim.

Ela riu com o rosto no travesseiro.

“Estou falando sério. Você foi perfeita.”

“E você tem um senso de humor tão perverso. Sempre me faz rir nos

momentos mais impróprios.”

“Isso é bom?”

“É maravilhoso.” Ela apoiou o queixo no peito dele. “É uma das coisas que eu mais amo em você. E isso me garante que nós seremos felizes juntos. Nenhum de nós é perfeito, mas nós podemos rir juntos e admitir nossos erros. E tem isso.” Ela olhou para os lençóis bagunçados e ficou corada.

Havia “isso”, realmente.

“Depois do que nós acabamos de fazer”, disse ela, “acho que não posso guardar nenhum segredo de você.”

“Eu exagerei. É a sua primeira vez. Eu deveria ter sido mais carinhoso, mais...”

“Por favor. Não se desculpe por me dar um prazer incomensurável. É só que... como uma garota da sua fantasia, eu não fiz muita coisa.” Sorrindo, ela tocou o membro flácido. “Eu gostaria de ajudar com isso da próxima vez.”

Uma risada rouca fez o peito dele balançar.

“Isso pode ser providenciado. Em breve.”

“Nós temos um tempo para conversar antes?”

Ele se sentou na cama, passando a mão pelo cabelo antes de pegar sua garrafa.

“Alguns minutos, pelo menos. Não sou mais um garoto.”

Ao seu chamado, Xugo abandonou a colcha em que estava enrolado e pulou na cama. O filhote fez umas cinco voltas antes de finalmente se enfiar no meio dos dois. Ele abanava o rabo furiosamente.

“Aqui estamos nós”, disse ela. “Como uma pequena família. Vamos ficar muito bem na América.”

Thorne tomou um gole de sua garrafa. Era melhor não dizer para ela que, com aquelas palavras simples, Kate tornava realidade sua fantasia mais louca, ultrajante e selvagem. Ele guardaria aquela informação para si mesmo. Pelo menos até depois de mais algumas rodadas de prazer.

Ela baixou o olhar e pegou uma borda do lençol.

“Eu sou legítima.”

Ele engasgou com o uísque.

“O quê?”

“Evan e os advogados encontraram um registro de casamento. Parece que Simon e Elinor – meus pais – se casaram em segredo. E a governanta de Ambervale me identificou pela marca de nascimento. Então parece que eu não sou apenas uma Gramercy, eu sou...”

Oh, Jesus. Não diga isso.

Ela ergueu a cabeça e olhou para ele.

“Eu sou uma lady.”

O quarto estremeceu. As paredes começaram a girar à sua volta. *Uma lady.*

“Por favor, não fique tão incomodado”, pediu Kate. “Isso não vai mudar nada entre nós.”

Uma nuvem de frustração embaçou a visão dele. Ela era a filha legítima de um marquês. Uma *lady*. Como é que aquilo não mudava tudo? *Maldição*. Era como se toda vez que ele ousasse se aproximar dela, alguma divindade cruel e vingativa empurrasse Kate para longe de seu alcance. Se ele encontrasse um modo de superar aquele obstáculo, o que viria a seguir? Descobririam que ela era uma princesa? Uma sereia?

“Ainda assim vamos nos casar e ir para a América”, disse ela. “Isso é tudo que eu desejo, ficar com você. Ser sua esposa.”

A filha legítima de um marquês, vivendo como mulher de um caçador em uma cabana humilde e tosca. Em *Indiana*. Lady Katherine da Pradaria. Certo.

“Você não está bravo comigo, está?”

“Bravo com *você*? Por que eu estaria bravo com você?” Ainda enquanto pronunciava as palavras, Thorne percebeu que elas pareciam... bem, ditas por alguém bravo.

Ele se obrigou a inspirar profundamente e depois expirar lentamente. Ela tinha razão; aquilo não importava. Não depois do que fizeram. Eles *tinham* que casar, fosse ela uma faxineira ou a rainha das fadas. Ele não podia perder tempo se sentindo indigno ou enumerando as razões pelas quais não era bom o bastante para Kate. Quem quer que fosse aquela mulher... ele tinha que ser o homem que ela precisava.

Thorne coçou a cabeça, tentando fazer seu cérebro se adaptar àquela ideia.

“É claro que você é uma lady”, disse ele, afinal. Thorne pegou a mão dela. “Você sempre foi, para mim.”

“Eles ainda não contaram para ninguém”, disse ela. “Somente a família e os advogados sabem. Evan providenciou, com Sir Lewis, para oferecer um baile em Summerfield na semana que vem. Supostamente é um presente de despedida dos Gramercy para Spindle Cove, mas eles planejam me apresentar como prima nessa noite. De lá, deveríamos ir para Londres.” Ela pegou a mão dele. “Mas vou explicar para eles que nós reatamos e pretendemos nos casar o mais breve possível.”

Ele ergueu a mão pedindo silêncio e escutou.

“A chuva diminuiu. Nem é tão tarde assim. Nós podemos nos vestir e eu a acompanho até a pensão. Assim, eu aproveito para explicar a situação para Drewe.”

Kate empalideceu.

“Ah, não. Não podemos ir falar com ele assim. Não esta noite. Ele tem um temperamento forte. Não dá para saber como ele reagiria se souber que nós...”

“Se ele for realmente um homem, está lá fora procurando por você. Podem bater nesta porta a qualquer momento.”

“Então eu preciso ir.” Ela saiu da cama, enrolando um dos lençóis no corpo por pudor.

Ele também se levantou da cama, sem se importar com pudor.

“Katie, não vou deixar você ir sozinha para casa.”

“É preciso. Ou então vai ficar óbvio o que aconteceu entre nós, e Evan poderia...” Ela vestiu a roupa de baixo. “Samuel, há uma chance muito real que ele possa tentar matar você.”

Me matar? Ele não pode evitar de rir daquilo. Mas ele poderia tentar.

“Apenas me deixe dar a notícia direito”, pediu ela. Seus dedos trabalhavam freneticamente para fechar seus botões. “Por favor.”

Ele praguejou, amaldiçoando-se por causar tanta aflição em Kate. É claro que ela queria dar a notícia direito, porque não havia como uma família de aristocratas – não importava quão excêntrica e não convencional – ficar feliz de ver sua prima legítima casar com um homem como ele. Nem ele ficava feliz com a ideia. As duas metades de seu ser estavam em guerra – a metade que queria o melhor para ela, contra a metade que simplesmente *queria* Kate.

Ele pegou um par de calças largas e o vestiu.

“Acho que vou receber um dinheirinho”, disse ela, enquanto desenrolava uma meia de lã em sua perna e a prendia com uma liga. “Isso é bom. Assim nós poderemos comprar um belo pedaço da América.”

Sorrindo, ela passou por ele para pegar o vestido no biombo. Ele tirou o vestido das mãos dela.

“Vire-se”, disse ele. “Mãos para cima.”

Ele a ajudou a entrar no vestido, demorando-se para fechar todos os botões e laços. Sua mão direita continuava desajeitada. Quando terminou, ele pôs as mãos na cintura fina dela.

“Katie, como você pode realmente querer esta vida? Como você pode me querer?”

Ela se virou para olhar para ele.

“Como eu poderia querer outra pessoa?”

Claro, ela dizia essas coisas doces *agora*. Mas Thorne temia que, com o tempo, Kate ficasse ressentida. Uma vida solitária na fronteira americana lhe daria muitas horas vazias para pensar em tudo o que havia deixado para trás. Uma casa suntuosa, confortável, e todas as comodidades que o dinheiro pode comprar. Suas alunas e amigas. A família que ela quis a vida toda.

“Você vai sentir falta deles.”

“Vou sentir falta deles”, ela concordou. “E vou ser feliz com você. As duas condições podem coexistir.”

Sem saber como argumentar sem a contradizer, ele baixou a cabeça e tomou sua boca em um beijo. O que começou como um gesto carinhoso logo se tornou passional, febril. Ele a apertou contra seu corpo e passou a língua entre os lábios dela. Kate se abriu para ele prontamente, sem sinal de timidez ou inibição, e ele a beijou com toda paixão que sentia. Explorando, procurando. Desesperadamente em busca da garantia que daria a sua alma ferida pela culpa um pouco de paz. *Convença-me. Faça-me acreditar que eu posso fazer você feliz. Acenda para mim.* Quando eles se separaram, suas faces estavam coradas e seus olhos cintilavam. Mas ele não podia dizer que ela brilhava. Droga.

“Samuel, não vou dizer que é fácil amar você. Mas também não é essa dificuldade toda que você está criando.” Kate estendeu a mão até o rosto dele, e massageou o local entre as sobrancelhas com um dedo. “Pare de franzir o cenho. Não precisa entrar em pânico.”

“Não estou em pânico. Homens não entram em pânico.”

Homens agem... Ao ver um problema, um homem de verdade lida com ele, corre riscos, toma decisões vitais.

“Eu vou deixar você ir para casa com os Gramercy esta noite”, disse ele, “com uma condição. Não conte nada para eles, ainda.”

“Mas eu tenho que...”

Ele a silenciou colocando dois dedos sobre seus lábios macios e rosados.

“Nem uma palavra sobre isso. Ainda não.” Ele acariciou seu rosto. “Eu quero pedir sua mão do modo certo. Eu mesmo tenho que falar com Drewe, Katie. De homem para homem. Você não pode me negar isso.”

Ela engoliu em seco e assentiu.

“Compreendo. Você irá até a vila amanhã?”

Ele balançou a cabeça.

“Eu preciso voltar a Londres. Preciso de algum tempo para tomar providências.”

“Você vai demorar?”

“Alguns dias, no máximo.”

Os olhos dela brilharam.

“Promete que vai voltar?”

“Você tem minha palavra.”

Ela tinha a palavra, o coração, a alma e a vida dele. Sempre teve. E ele tinha alguns dias. Apenas alguns dias para mudar sua vida e fazer uma aposta maluca e imprudente com o futuro.

Capítulo Vinte e Um

Kate ficou diante de um espelho na Queen's Ruby. Estava em pânico. Era muito bonito Samuel dizer que homens não entram em pânico. Mas ele foi cruel ao lhe dar um motivo enorme para *ela própria* entrar em pânico... Quase uma semana havia se passado desde a noite no castelo, e ela não teve notícias dele. Embora não tivesse motivo para duvidar de suas intenções, quanto mais tempo se passava sem que ela desse a notícia aos Gramercy, mais ela se sentia uma mentirosa. Durante toda a semana os Gramercy ficaram fazendo planos para Ambervale e Londres. As festas que dariam, os lugares onde levariam Kate, as pessoas a quem ela seria apresentada. Kate tentou limitar suas respostas a anuências evasivas e sorrisos educados, mas ela sabia que estava lhes dando a impressão de que pretendia ir morar com eles para sempre.

E tinha chegado a noite do baile. Em questão de horas ela seria apresentada como Lady Katherine Gramercy para toda Spindle Cove. É claro que aquela não era exatamente a alta sociedade londrina, mas a notícia *chegaria* a Londres – e logo. Quando ela fugisse para a América com um soldado, poucas semanas depois, isso não seria um constrangimento público para os Gramercy? E se a ligação dela com a *Hothouse* viesse a público... se as fofoqueiras de Londres soubessem que certa Marquesa de Drewe viveu como dançarina de cabaré em Southwark... *Esse* seria um escândalo dos piores. Poderia afetar toda a família e destruir o futuro de Lark. Kate sabia que poderia lhes poupar o constrangimento se fosse embora discretamente com Thorne. A herança não lhe importava. Mas aquilo precisava ser feito antes que eles divulgassem sua real identidade. Ela não podia mais esperar por Thorne. Ela precisava falar com Evan, naquela noite.

Ela rodopiou diante do espelho pequeno, avaliando seu reflexo. A cor havia sido sugestão de Lark – seda azul-cobalto com sobreposição de renda em um tom mais escuro de índigo. A tonalidade parecia bastante ousada para uma mulher solteira, mas eles queriam que ela se destacasse, e Kate achava que ficava bem de azul.

“Oh, Kate. Você está linda.”

Tia Sagui entrou no quarto. A mulher vestia um traje violeta drapeado com luvas combinando. Uma pena de avestruz enfeitava seu cabelo ralo e penteado para cima. Kate mexia em um cacho em sua têmpora, tentando fazer com que cobrisse sua marca de nascença.

“Não consigo fazer este cacho cooperar.”

“Deixe-me tentar.” Tia Sagui pegou um grampo na cômoda e pediu para Kate abaixar a cabeça. “Pronto.”

Kate se endireitou e olhou novamente no espelho. Tia Sagui havia prendido o cacho para trás, afastando-o completamente do rosto.

“Não esconda a marca, querida. É isso que a torna uma de nós.”

“Eu sei. Sinto muito. É um velho hábito, e não estou conseguindo não ficar nervosa esta noite”, confessou ela.

A mulher mais velha se colocou a seu lado diante do espelho e passou um braço por sua cintura. A pena de avestruz mal tocou o ombro de Kate.

“Lark gosta quando eu fico do lado dela”, disse Tia Sagui. “Ela diz que eu a faço parecer alta.”

“Não sei se fico mais alta, mas me sinto mais forte quando você está por perto.” No espelho, Kate viu um sorriso triste aparecer em seu rosto.

“Ah”, disse Tia Sagui. “Eu sabia que faltava algo na sua aparência, mas eu não consegui apontar o problema. Era o sorriso.”

“Obrigada por me ajudar a encontrá-lo.”

“Talvez você preferisse que eu não o tivesse feito. Eu estava *quase* lhe dando isto.”

Tia Sagui estendeu o braço e abriu a mão frágil. Dela se desenrolou uma corrente de ouro. E no fim dela havia um pingente.

Aquele pingente.

“Oh, meu Deus”, Kate ficou sem ar.

Um rápido olhar para o quadro de sua mãe confirmou. Era a mesma lágrima de pedra azul-escuro, com veios de âmbar e branco. Tão diferente, aquela pedra, com suas camadas rendadas de claro e escuro. Kate se lembrou de quando Sir Lewis mostrou às moças uma asa de borboleta sob uma lupa.

“De onde ela veio?”, perguntou Kate, espantada.

“Eu pedi aos criados que embalassem minhas joias em Ambervale e as mandassem para cá, para eu usar no baile. Parece que a empregada encontrou esta aqui escondida na cômoda e deduziu que era minha. Mas não é minha, certo? É sua.”

“É maravilhosa.”

“Vamos colocá-la.” Tia Sagui prendeu a corrente no pescoço de Kate.

Kate virou para se olhar no espelho. O pingente azul-índigo ficou à altura de seu esterno.

“Está lindo”, disse Tia Sagui.

“É um milagre.” Kate virou para a velha senhora, abaixou-se e a beijou no rosto. “Sua bondade vale mais do que qualquer joia, Tia Sagui. Acho que ainda não lhe agradeci o suficiente por fazer eu me sentir acolhida por esta família, mas...”

“Bobagem.” Tia Sagui fez um gesto de pouco caso. “Você *pertence* à família Gramercy. Quando irá aceitar isso?”

Eu não sei, pensou Kate. *Eu não sei.* Em seu coração ela acreditava ser Katherine Adele Gramercy. Ela também sabia que era a filha de uma prostituta infeliz de Southwark, bem como uma órfã pobre que foi criada pela escola por caridade. Talvez todas essas coisas *pudessem* se reconciliar em uma existência, mas... Ela era, mais que tudo, simplesmente uma garota chamada Kate, apaixonada pela primeira vez em sua vida. Ela amava Samuel. E tinha saudade dele. Muita.

Do corredor, veio um aviso.

“As carruagens chegaram, senhoras!.”

Quando saíram para o corredor, Kate ficou estarrecida com a visão de uma mulher arrebatadora de vermelho que emergiu de um quarto ao lado. Ela tinha certeza de que nunca tinha visto essa mulher. Seu cabelo escuro estava penteado para cima; uma profusão de cachos sensuais. Uma corda espessa de ouro e rubis rodeava seu elegante pescoço. A mulher se virou. Kate ficou sem ar quando a reconheceu.

“Harry? Harry, é você mesmo?”

Sua prima sorriu.

“É claro, querida. Você achou que eu iria de calça comprida para o grande baile de sua apresentação?”

“Eu não lhe pediria para ser ninguém que não você mesma”, disse Kate, na esperança de que sua prima sentisse o mesmo por ela.

Harry deu de ombros. Seus lábios vermelho-rubi se curvaram em um sorriso sedutor.

“Eu gosto de usar um vestido lindo como este, de vez em quando. Às vezes eu gosto de mostrar para eles o que estão perdendo.”

Lark apareceu ao lado da irmã, bonita e jovem em um vestido branco

diáfano.

“Oh, Lark. Eu não sabia se você viria conosco, já que ainda não debutou.”

A jovem sorriu e enrubesceu.

“Evan vai abrir uma exceção esta noite. Desde que eu não dance.”

A lealdade delas era tocante. Tudo que estavam fazendo por ela, pensou Kate, apenas naquela noite. Harry usando vestido, Lark disposta a antecipar a empolgação de seu próprio debute. Tudo isso ao fim das férias de verão que eles haviam mudado completamente os planos apenas para passar algum tempo com ela. E eles nem faziam ideia que ela planejava lhes dar adeus em questão de dias. Para sempre. Será que os Gramercy seriam Capazes de entender suas razões para partir, ou se sentiriam traídos? Ela sentiria saudade deles, sem dúvida. Mas ela precisava acompanhar Samuel, e ele não podia continuar na Inglaterra. Ele precisava de espaço, de natureza e do tipo de oportunidades que a Inglaterra não podia – ou não queria – oferecer a um homem de origem humilde e passado criminoso. Depois de tudo que ele sofreu, era a vez de ela fazer sacrifícios, o que faria de bom grado. Ela devia tudo àquele homem. *Tudo*. Se não fosse por ele... Ela não suportaria contemplar sua vida se não fosse por ele. *Samuel, onde está você?*

Mas era Evan quem estava na entrada da Queen’s Ruby observando as mulheres descendo a escada. Ele pôs a mão no peito e fingiu cambalear.

“Que desfile de mulheres estonteantes.”

O próprio Evans estava bem estonteante. Vestindo um fraque preto com colete de seda com bordados dourados, ele era o próprio marquês. E suas luvas pretas... Nossa, aquele homem sempre tinha *as* luvas mais elegantes, feitas sob medida. Elas faziam com que suas mãos parecessem prontas para todo tipo de tarefa – caridosa, sensual, impiedosa.

Quando Kate chegou ao pé da escada, ele lhe ofereceu o braço.

“Todas as outras mulheres já foram em carruagens de Sir Lewis. Só restaram as duas carruagens da família.”

Eles saíram para o jardim da frente. De fato, as duas carruagens com o brasão da família Drewe estavam à espera, puxadas por times de cavalos *warmblood* idênticos.

Evan ajudou Tia Sagui, Harry e Lark na primeira carruagem, então sinalizou para o condutor partir.

“Vamos só nós dois na outra?”, perguntou Kate, surpresa.

“Você se importa?”, ele lhe ofereceu a mão para subir na segunda carruagem, então a seguiu e sentou no banco virado para trás, em deferência às saias dela.

“Eu esperava que pudéssemos conversar a sós. Antes do baile.”

“Oh”, disse Kate quando a carruagem foi colocada em movimento. “Oh, ótimo. Eu esperava o mesmo.”

Ele sorriu.

“Fico feliz que estejamos de acordo.”

“Eu estive pensando...”

Os dois falaram juntos as mesmas palavras, um por cima do outro. E então eles riram.

Ele fez um gesto com a mão.

“Por favor. Você primeiro.”

“Evan, não sei se você deve me anunciar como sendo sua prima esta noite.”

Ele ficou em silêncio por vários segundos, e Kate teve certeza de que havia arruinado tudo.

“Eu concordo”, Evan disse finalmente.

“Concorda?”

“Eu preferiria apresentar você como minha futura esposa.”

O espanto tirou o fôlego de Kate.

“O quê?”

“Esse é o motivo pelo qual eu queria um tempo a sós. Eu pretendia pedir você em casamento.”

“Mas por quê? Você não pode...” Ela achou melhor reformular: “Evan, você não parece ter esse tipo de sentimento por mim.”

“Eu gosto muito de você, Kate. Nós temos interesses em comum, e nos damos bem. Se eu não pensasse que podemos ter uma vida feliz juntos, jamais sugeriria isso.”

“Mas existe algo mais”, ela intuiu. “Alguma outra razão para você me pedir em casamento.”

“Não vou insultar você com uma negativa.” Ele se inclinou na direção dela. “Kate, eu lhe disse que haveria uma herança.”

Ela aquiesceu.

“Mas eu não lhe disse o tamanho exato dessa herança.”

“Bem, qual é o tamanho dela?” Kate estudou a expressão preocupada dele. “Exatamente?”

Ele a fitou nos olhos.

“Você vai ficar com tudo, Kate. Tudo. Eu vou manter Rook’s Fell, a propriedade vinculada que vem com o marquesado. Tirando isso, toda a fortuna da família Gramercy é sua. Oito propriedades. Várias centenas de milhares de

libras.”

Kate agarrou a borda do assento.

“Mas... eu não quero tudo isso. O que eu faria com tanta riqueza? Uma fortuna dessas é uma ocupação de tempo integral, e é você quem sempre administrou tudo.” Ela piscou várias vezes. “E quanto à renda de Harry? O dote de Lark? O sustento da Tia Sagui?”

“É tudo seu. Eu apliquei o dinheiro em fundos, mas eles não serão mais válidos. Legalmente, o dinheiro nunca foi meu para ser dado.”

“Oh, céus. Oh, Evan.”

Ele massageou a ponte do nariz.

“Então agora você pode entender; este é o dilema que me mantém acordado à noite.”

“Fervilhando”, ela sussurrou.

“Isso... fervilhando.” Ele baixou a mão e lhe deu um sorriso amargo. “Não vou mais fingir que é outra coisa. Tenho estado extremamente preocupado com o futuro da família. Não por mim mesmo, mas por meu irmão e minhas irmãs. Os Gramercy sempre foram excêntricos, mas sempre tiveram dinheiro o bastante para que perdoassem nossas esquisitices.”

“O que não vai mais ser o caso.”

Kate não era advogada, mas ela compreendia o dilema de Evan. Se ela casasse com Thorne, toda a fortuna sairia das mãos dos Gramercy. Evan não teria meios para proteger e sustentar a família. Todos seriam dependentes dela – ou de Thorne, se Kate casasse com ele. *Essa* seria uma situação constrangedora.

“Se pelo menos eu soubesse de você antes”, disse ele, olhando pela janela. “Nós possuíamos outras propriedades do lado da minha mãe. Em sua maioria, propriedades no exterior. Na Índia, nas Índias Ocidentais. Mas então Bennett foi visitá-las e voltou... mudado. Eu vendi todas essas propriedades, com prejuízo, há anos, pois não queria mais nada com latifúndios ou escravos. A terra que tínhamos na Inglaterra era mais que suficiente, eu pensei.”

“Você pensou certo”, disse Kate. “Você fez certo. E não precisa temer. Não vou abandoná-los. Vamos encontrar um jeito. Eu não posso simplesmente recusar a herança, ou dar tudo para vocês?”

Ele sorriu.

“Não é assim tão simples, eu receio.”

“E se eu fosse embora?” Essa podia ser a resposta para os problemas dos dois. Ela poderia ir para a América com Thorne e Evan continuaria sendo o chefe da família. “Eu poderia deixar o país. Ou continuar aqui em Spindle Cove.

Ninguém precisa saber que eu existo.”

“*Eu* saberia que você existe. Todos nós saberíamos, e isso não seria correto. Kate, eu quero garantir o futuro dos meus irmãos, mas me recuso a destruir nossa alma para tanto. Não podemos simplesmente negar a sua existência. Fazer isso seria negar o amor que seus pais tiveram um pelo outro, negar o amor deles por você. Você não vai querer isso.”

Não. Ela imaginou que não.

“Nós também não iríamos querer isso”, continuou Evan. “E mais, Kate, os advogados sabem de você. Procedimentos legais foram colocados em andamento. Se você desaparecesse agora... Nós teríamos que esperar sete anos com tudo preso na justiça, e então solicitar que você fosse declarada morta.” Ele fez uma careta. “Então, por favor, não pense nisso.”

“Mas é tão injusto”, disse ela. “Vocês foram tão generosos e calorosos comigo, e agora têm que pagar esse preço terrível.”

“Foi você que sofreu injustamente”, argumentou ele. “Nunca pense o contrário.”

“Você sabia disso o tempo todo? Mesmo quando veio me procurar, na primeira noite, você sabia que eu podia ficar com toda a fortuna?”

Ele aquiesceu.

“Eu suspeitava.”

“Mas ainda assim você veio me procurar. Sem hesitação.”

“Mas é claro.” Ele ergueu as sobrancelhas. “Família acima de tudo. É assim que fazem os Gramercy.”

Ele era tão decente e bom, e sob circunstâncias diferentes Kate ficaria muito feliz de casar com um homem assim. Mas ela estava apaixonada por Samuel. Ela estava comprometida com Samuel. Ela tinha sido íntima com Samuel. Não havia como ela se casar com Evan agora.

Ele pegou sua mão.

“Kate, se você se casar comigo, eu juro que vou me dedicar completamente para lhe dar a vida que você merece. A vida que sempre mereceu. E juntos vamos ajudar nossa família.” Ele lhe deu um sorriso brincalhão. “Se você não me aceitar, Kate, serei obrigado a encontrar alguma herdeira desagradável, com pais alpinistas sociais.”

Mas será que ele conseguiria encontrar pais alpinistas sociais que sustentariam a pouco convencional Harry, ou a decrépita Tia Sagui, ou Bennett, que vagava pelo Indocuche? E a pobre Lark perderia o dote meses antes de seu debute. Kate lançou um olhar desesperado pela janela da carruagem quando eles

pararam na entrada de Summerfield. Aquilo era intolerável. Encontrar sua família depois de todo aquele tempo, sentir-se tão amada e aceita por todos... apenas para destruir suas vidas e felicidade?

“Então”, ele disse, preparando-se para sair da carruagem, “o que vai ser? À meia-noite, vou apresentar você como Lady Kate? Ou devo apresentá-la como a futura Lady Gramercy?”

“Evan, eu...”

“Você precisa de algum tempo”, ele concluiu por ela. “É claro, eu entendo. Eu encontro você antes da meia-noite.”

Então ele saiu da carruagem e estendeu a mão para ela, e já não havia privacidade para que pudessem discutir o assunto. Diante deles, o esplendor dourado e iluminado por velas do grande salão de Summerfield. Eles eram observados por muitos pares de olhos curiosos.

“Sorria”, ele sussurrou, oferecendo-lhe o braço. “E fique feliz. Esta é sua noite.”



Quando entrou no salão de bailes de Summerfield, Kate observou atentamente cada canto e nicho. Seu coração disparava toda vez que ela via um casaco vermelho. Havia um miliciano, em especial, que ela esperava encontrar. Ela não o encontrou, mas viu outra coisa que a alegrou.

“Kate!”

“Somos nós! Aqui!”

Ela girou sobre o salto de seu sapato, animada pelas vozes conhecidas.

“Susanna. Minerva. Oh, é tão bom ver vocês.” Ela abraçou as amigas calorosamente. Até que os braços de Susanna a envolveram, Kate não tinha percebido como estava precisando de um abraço.

Ela também precisava de bons conselhos.

“Eu não fazia ideia que vocês estariam aqui.” Ela olhou de uma amiga para outra – Susanna, agora Lady Rycliff, com seu cabelo vermelho-cobre e suas sardas, e Minerva, a querida irmã Highwood morena e que usava óculos, que havia casado recentemente com Lorde Payne.

“Viemos juntas de Londres”, disse Susanna. “Papai estava ficando desesperado para conhecer seu primeiro neto.”

“E eu sabia que não poderia privar mamãe de seu genro por muito tempo”, acrescentou Minerva. “Mas, na verdade, foram nossos maridos que sugeriram a viagem.”

“Sério?”, perguntou Kate, incrédula. “Lorde Rycliff e Lorde Payne *quiseram* vir? Para Spindle Cove?”

“Eu acho que eles, secretamente, sentem saudade daqui, ainda que nunca admitam”, disse Minerva.

Susanna franziu o cenho.

“O que foi?”, perguntou Kate.

“Oh, nada. Só estou um pouco dolorida. Quando a bebê fica sem mamar por algumas horas, eu me sinto desconfortável.” Ela olhou para o teto. “Acho que vou até o quarto da bebê, lá em cima.”

“Podemos ir com você?”, perguntou Kate. “Também estou desesperada para conhecer a pequena Victoria, e... e gostaria muito de poder conversar.”



“Ela é tão linda”, sussurrou Kate. “O cabelo dela é igual ao seu.”

“Esse é o único momento em que ela fica quieta”, disse Susanna ao olhar para a filha mamando. “A não ser que o pai a esteja segurando. Bram tem algum método secreto para acalmá-la, mas ele se recusa a contar, aquele homem impossível.”

“Estou satisfeita que Colin esteja feliz com a ideia de esperarmos para ter filhos”, disse Minerva. “Recentemente ele assumiu o controle de sua propriedade. E eu estou com tantos trabalhos acadêmicos em andamento. Não estamos prontos para ter filhos.”

“Mas Min, como...” Kate baixou a voz. “Como vocês podem ter certeza de que não vão conceber?”

“Bem, não se pode ter certeza absoluta. Mas nós tomamos precauções. Colin tem alguma experiência no lado masculino da coisa. Sabe, quando um homem solta sua semente...”

Susanna deu um olhar para a amiga.

“Min”, ela sussurrou, “talvez nós possamos deixar os detalhes para outra ocasião.”

“Certo”, disse Minerva, em tom de desculpa. “Vocês me conhecem, eu falo

de assuntos naturais nos momentos mais impróprios. De qualquer forma, Kate, existem maneiras. Susanna me deu umas ervas. Elas também ajudam."

"Que bom que vocês sabem o que fazer", disse Kate.

Ela ficou feliz por Samuel ter se precavido na noite anterior. Não era que ela não gostasse da ideia de ter um filho. Nada a deixaria mais feliz, algum dia. Pensar nele como um pai, aninhando um bebezinho no braço... fazia seu coração palpitar. Mas com tanta incerteza com os Gramercy, uma gravidez seria inoportuna. Principalmente porque o pai da criança tinha desaparecido.

"Kate, o que há de errado?", perguntou Susanna. "Você parece preocupada."

Kate hesitou e mordeu o lábio. Então ela inspirou fundo e contou tudo para as amigas. Sobre os Gramercy. Sobre Thorne. O retrato, o melão, a picada de serpente, a herança, sua noite com Samuel e a proposta de Evan, momentos atrás na carruagem. Tudo.

"Meu Deus, Kate", disse Minerva, ajustando os óculos. "Você tem se mantido ocupada."

Kate riu do absurdo do comentário e isso a fez se sentir bem. Era disso que ela estava precisando – que suas melhores amigas, as mais íntimas, a escutassem e ajudassem a ver tudo com clareza. Susanna e Minerva não ficariam do lado de Thorne, nem do lado dos Gramercy. Elas ficariam do seu lado, sem dúvida.

"Eu sempre soube que um dia você teria seu conto de fadas", disse Susanna. Ela chamou a babá e lhe entregou a bebê, que estava dormindo. "Eu não previ *isso*, é claro. Mas nós todas adoramos você. Eu sabia que você não passaria muito tempo despercebida."

"Eu nunca passei despercebida", disse ela. "Nunca, na verdade."

Samuel sempre reparou nela, até mesmo naquele primeiro dia no Touro e Flor, quando ela colocou o xale indiano em volta dos ombros e virou para o outro lado. Ele sempre cuidou dela, sem pedir nada em troca. Kate lançou um olhar ansioso para a janela escura. Onde estaria ele?

"Eu não sei o que fazer", disse ela. "Samuel desapareceu. Os Gramercy dependem de mim para salvar a família. Evan quer saber se ele deve me apresentar como Lady Kate ou sua futura Lady Gramercy. Enquanto isso, eu me sinto como uma empregada que pegou o vestido da patroa e entrou de penetra no baile. Não sei como vou conseguir passar por uma lady..."

"Da mesma forma que nós", disse Minerva. "Olhe para Susanna e eu. Um ano atrás nós éramos solteironas convictas, nunca fomos a luz de qualquer festa. Agora ela é Lady Rycliff e eu Lady Payne. E nós talvez sejamos um pouco desajeitadas nesse papel, mas a sociedade tem que nos aceitar, apesar de tudo."

“Vamos formar nosso próprio clube, Kate. A Liga das Ladies Improváveis.” Susanna foi se sentar ao lado dela. “Quanto ao que você deve fazer... tenho certeza de que você já sabe. Está em seu coração.”

É claro que ela sabia. Kate amava Samuel e não queria nada além de ser sua esposa. Mas se fosse possível, ela também precisava encontrar um modo para ajudar os Gramercy. Eles eram sua família, e ela não poderia abandoná-los.

Minerva se inclinou para frente e encarou o peito de Kate.

“Estou admirando seu pingente.”

“Você sabe que pedra é essa?”, Kate perguntou, ansiosa. “Estou querendo saber, mas nunca vi nada assim.”

“A identificação dessa pedra é fácil.” Depois de examiná-la por um instante através de seus óculos, Minerva soltou a pedra em forma de lágrima. “Ela é chamada de *blue john*. Um tipo de fluorita. É uma formação rara, encontrada apenas em uma área pequena de Derbyshire.”

Kate segurou o pingente.

“Era da minha mãe. Ela era de Derbyshire. Ela devia usar a pedra sempre para se lembrar de casa.”

Que estranho, então, que Elinor a tivesse deixado para trás em Ambervale. Talvez tenha ficado preocupada com a possibilidade de a perder durante a viagem.

“Kate”, Minerva tocou seu braço, “acho que você não deve se preocupar demais. Tenho uma forte suspeita de que seus problemas vão se resolver sozinhos, e rapidamente.”

“Espero que você esteja certa”, disse Kate. Mas apesar de sua disposição natural para o otimismo, aquela era uma situação para a qual ela tinha dificuldade de enxergar uma solução fácil.

“Bem”, disse Susanna, levantando-se. “Suponho que já nos escondemos demais. É melhor irmos procurar nossos homens antes que eles provoquem alguma confusão.”

“Este é um baile em Summerfield”, concordou Kate. “Parece que a bebida, aqui, tem alguma coisa que torna as paixões masculinas... explosivas.”

Capítulo Vinte e Dois

A paciência de Thorne estava chegando ao fim. Enfiado na biblioteca egípcia de Sir Lewis Finch, ele andava de um lado para outro sobre um pequeno quadrado de carpete. Suas botas novas machucavam seus pés. Os punhos engomados irritavam seus pulsos. Agonia pura era sua companheira. E a agonia tinha um nome: Colin Sandhurst, o Visconde Payne.

“Deixe-me dar um conselho”, disse Payne.

“Eu não quero mais nenhum dos seus conselhos. Não sobre isto.”

“Você não quer admitir que quer”, respondeu calmamente Payne. “Mas eu vou falar comigo mesmo, e você vai estar simplesmente por perto, sem escutar.”

Thorne revirou os olhos. Ele tinha passado a maior parte dos últimos dias “perto, *sem* escutar” Payne. Foram excursões de compras, reuniões com advogados, aulas de... uma atividade que Thorne não gostava nem de imaginar, quanto mais falar a respeito.

Payne virou um gole de sua bebida e apoiou o pé em um sarcófago com inscrições.

“Antes de encontrar Minerva, eu passei minhas noites com mais mulheres do que me cabiam.”

Thorne gemeu. *Não. Simplesmente, não.*

“Eu passei meu tempo com duquesas e camponesas, e não importava se as saias delas eram de seda ou chita. Uma vez que você as tirava...”

Thorne o interrompeu.

“Se você recomeçar com os ‘rios de seda e robes de alabastro’, eu *vou* ter que bater em você.”

“Calma, Cinderela”, disse Payne, erguendo as mãos. “Eu só queria dizer que, por baixo dos trapos, todas as mulheres desejam a mesma coisa.”

Thorne fechou a mão e a apertou até as juntas estalarem.

“O que foi? Estou falando de carinho.”

Sentado na cadeira da escrivaninha, Bram massageou a têmpora.

“Acredito que meu primo esteja querendo dizer que, só porque ela agora é Lady Katherine Gramercy, e não Srta. Taylor, isso não significa que ela mudou por dentro.”

Thorne voltou a andar. Talvez ele não devesse ter contado tudo para eles. Ele precisou da ajuda deles, mas odiava que os dois *soubessem* que ele havia precisado de ajuda. Sentir-se fraco não era algo a que estava acostumado, e Thorne não gostava disso. Seu impulso era irromper pelas portas, encontrar Katie, pegá-la em seus braços e carregá-la para algum lugar quente, pequeno e seguro. Mas ele não podia simplesmente pegá-la. Essa era toda a questão naquela noite. Ela tinha uma família. E não apenas uma família, mas um lugar em meio à nobreza inglesa. Essa nova vida dela... significava que ela nunca poderia ser inteiramente sua. Não importavam as promessas que ela fez quanto a deixar tudo para trás e ir embora com ele para a América. Ele sabia que não seria simples assim. Sendo uma Gramercy, ela era parte da família. Como filha de um marquês, Kate teria obrigações e deveres na Inglaterra. Como uma lady, ela sempre estaria acima dele – a lembrança desse fato estaria diante do nome dela em cada carta que recebesse ou escrevesse. Ele não *queria* compartilhar Kate. Mas devia, se quisesse fazer parte da nova vida dela. Acima de tudo, estava absolutamente decidido: não a envergonharia, nunca.

Então aquela noite ele andava de um lado para o outro na biblioteca, esperando sua chance. Ele não era nenhum Homem-Cinderela, ainda que tivesse enfiado seu corpo cheio de cicatrizes dentro de uma roupa nova e elegante.

De trás da escrivaninha, Bram olhou para Thorne.

“Não posso acreditar que você foi procurar meu primo.”

Eu também não posso acreditar.

“Se você precisava de alguma coisa, Thorne, eu o teria ajudado. Era só pedir.”

“Você estava ocupado.”

Payne sorriu com ironia.

“Exato, e eu só estava na minha lua de mel. Não tinha nada melhor para fazer do que lavar um brutamontes, levá-lo às compras e ensiná-lo a dançar.”

“O quê?” Bram olhou para Thorne, atônito. “*Não*.”

Thorne virou para o outro lado. As investidas irônicas de Bram o perseguiram.

“Você *dançou?* E *Colin* lhe deu aulas.”

“Você age como se eu tivesse me divertido com isso”, disse Payne. “Foi uma provação para mim, é bom você saber. Mas graças à influência da minha querida

mulher, estou aprendendo a abraçar meus deveres acadêmicos. Há muito tempo sou um estudioso do sexo feminino. Já que agora estou muito bem casado, e me dedico a apenas uma mulher especial, seria muita avareza da minha parte não compartilhar o conhecimento que acumulei."

"Sem dúvida." Bram riu. Para Thorne, ele disse, "Bom Deus. Se você aguentou isso por uma semana, deve realmente amar essa garota."

Payne continuou com sua atitude cortês, professoral.

"Funciona assim, Thorne. Se você pretende pedir o coração de uma mulher, tem que estar disposto a correr riscos. De verdade. Não apenas aulas de dança."

Thorne apertou a mandíbula. Ele desistiu de seu lar por Katie. Ele passou fome durante anos no interior, depois na prisão, e então passou fome enquanto marchava no exército.

"Eu me sacrifiquei por ela. Eu já lhe dei tudo que um homem como eu pode dar."

Payne riu.

"Você pode pensar assim. Mas elas querem tudo. Você pode esvaziar seus bolsos e sacrificar seu corpo, e ainda assim elas não ficam satisfeitas. Não até você servir seu coração, ainda batendo."

Bram suspirou.

"Mais uma vez, vou traduzir o que meu primo disse. Apenas diga à Srta. Taylor que você a ama. Isso é tudo que elas querem ouvir."

Amor. Tudo acabava voltando para aquela palavra. Seria fácil dizer para Katie que ele a amava. Falar essas palavras não era difícil. Mas dizê-las de um modo que fizesse os dois acreditarem nelas... esse era o desafio.

"Você quer praticar de novo?", perguntou Payne.

"Não."

"Eu não me importo de fazer o papel da mulher. Estou seguro quanto à minha masculinidade."

"Eu disse *não*."

Payne endireitou sua gravata.

"Sério, Thorne, só estou tentando ajudar. 'Não, obrigado' teria sido mais cortês."

"Etiqueta não é meu ponto forte."

"Eu sei, mas é por isso que estou aqui, não é? Foi você que veio me pedir ajuda. Se você pretende conquistar aquela mulher – aquela *lady* – e torná-la sua esposa, terá que fazer da etiqueta um de seus pontos fortes. E rápido."

Thorne pediu silêncio. A pequena orquestra começou a tocar uma nova

música, e ele apurou os ouvidos.

"É a valsa", confirmou Payne. "Essa é sua deixa."

Bram bateu no ombro de Thorne.

"Então vá."

"Nada de pressão", disse Payne. "Esta é apenas sua única chance de ser feliz, você sabe. Trata-se apenas do resto da sua vida."

Thorne o fuzilou com o olhar enquanto abria a porta.

"Você não está ajudando."

Enquanto ele passava pela porta e pelo pequeno corredor que levava ao salão, sentia os nervos tensos. Mas depois que ele a viu do outro lado, toda sua ansiedade desapareceu, substituída pela admiração. Fazia uma semana que ele não punha os olhos nela. E ele nunca a tinha visto daquele jeito. *Bom Deus, Katie estava linda*. Ela permanecia de perfil para ele, concentrada na conversa com Minerva Highwood, Lady Payne. Ele parou de andar por um instante, só para sorver aquela visão dela. E lembrar como é que se respira.

Ela usava um vestido de seda azul-escuro, a cor dos oceanos infindáveis e dos céus noturnos. Em contraste com o tecido, seus ombros eram uma perfeição pálida, suave. Brilhantes minúsculos cintilavam em seu cabelo escuro, penteado para cima, e luvas de cetim cobriam seus braços até os cotovelos. Thorne ouviu a melodia reluzente do riso de Katie flutuando acima da música. Ela era elegante demais para ele, linda demais para ser descrita. Mas ele tinha chegado até ali. Ele ousaria tirá-la para dançar de qualquer modo.

Thorne começou a se mover. A multidão se mexia ao seu redor. Do outro lado do salão, Katie se virou e vasculhou a sala com seu olhar perdido. Ela olhou através dele, sem parecer que o reconhecia – e voltou para sua conversa. Ele deu passos largos em sua direção, movendo-se com determinação. Quando ele estava na metade do caminho, os olhos dela o encontraram novamente. Na primeira vez, fugaz. Então, na segunda, com atenção. Como se ela estivesse tentando encaixá-lo. A ruga em sua testa era de leve preocupação. Ele quase conseguia ouvi-la pensando: *Quem era aquele brutamontes, vestido de forma exagerada, que não parava de encará-la?*

Deus. Ela não o reconheceu. *Sou eu, Katie. Você me conhece.* Seus olhares se encontraram. Ele sentiu nos ossos o momento em que o reconhecimento aconteceu. Aquele choque doce de afinidade percorreu sua coluna. Então um casal que dançava rodopiou entre eles, bloqueando sua visão. *Droga. Droga, droga, droga.* Ele tinha que ver a reação dela. Esse era todo o objetivo de ir até lá e fazer sua entrada. Como ela o receberia? Como seria desta vez? Quando o

casal finalmente passou, toda a multidão havia mudado de lugar. Ele abriu caminho em meio às pessoas, à procura dela. Seu coração batia com tanta força que ele chegou a pensar que explodiria.

“Samuel!”

Ele girou nos calcanhares. Lá estava ela, na ponta dos pés, o pescoço alongado como o de um cisne, para melhor se fazer ouvir por cima da multidão. Ele mudou de curso, na direção dela. E parou, a dois passos de distância. Esperando, com o coração na garganta, para ver se ela acenderia por ele. Ela não brilhou. Seus olhos não cintilaram. Nem uma pequena chama de alegria tremeluziu por trás de sua expressão. Não, o que aconteceu foi muito melhor que isso, e fez tudo valer a pena – não apenas a semana passada, mas toda a vida que ficou para trás. Katie ficou incandescente, como o esplendor de mil estrelas fulgurantes.



“Samuel! É você!”

Kate se esforçou para ficar calma. Ele tinha muita coragem para deixá-la esperando esse tempo todo e então aparecer *daquele* jeito. Ele continuava sendo insuportavelmente lindo, só que... estava mais. Mais em todos os sentidos. Ela podia jurar que suas novas e elegantes botas Hessian o tornavam quase três centímetros mais alto. O caimento justo do fraque preto fazia seus ombros parecerem um pouco mais largos. Ela nem conseguia articular o que a calça justa fazia por suas coxas, ou poderia ter um ataque de tontura se tentasse. O cabelo estava cortado com precisão, e brilhava com um toque de pomada. Mesmo à distância de um braço, ele cheirava muito bem – como couro, colônia e algodão limpo, tudo misturado com essência de homem. Acima de tudo, ele tinha um certo ar. Não era elegância nem refinamento, mas talvez... serenidade. Determinação. Oh, seu rosto continuava duro, e seus olhos ainda eram lascas de gelo. Mas por baixo disso tudo havia fogo.

“A senhorita pode me conceder esta dança?”, perguntou ele, cortês. A profundidade aveludada de sua voz provocou um arrepio em Kate que chegou à ponta de seus pés.

“Acredito que sim.”

Que jogo era aquele que os dois encenavam? Eles deviam fingir que não se

conheciam? Tudo que ela queria era se jogar nos braços dele. Mas ela pousou sua mão na que ele lhe estendia. Enquanto Samuel a levava para a pista de dança, seu coração palpitava. Eles se entreolharam, e Samuel colocou a mão nas suas costas. A expressão no rosto dele era severa.

“Você está magnífico”, sussurrou ela. “Tão lindo.”

Ela esperou que Samuel elogiasse seu vestido ou cabelo, mas foi em vão. A expressão no rosto dele era ao mesmo tempo intensa e incerta. O que aquilo significava?

“Senti tanto a sua falta.”

Ele a conduziu na valsa. Os dois dançaram vários compassos da música, hesitantes. Ele não disse uma palavra.

“Samuel, você... mudou de ideia?”

Ele piscou.

“Sobre o quê?”

“Sobre mim.”

Ele franziu a testa, como se a repreendesse pela pergunta.

“Não.”

Ela esperou que ele a tranquilizasse. Mas Samuel não disse mais nada. Seu coração começou a acelerar. Ela não sabia o que era, mas algo estava errado.

“Se você não quer estar aqui, eu não quero forçá-lo”, disse ela.

Ele não disse nada. Somente suspirou brevemente, com impaciência, e olhou para a orquestra.

“Você não vai falar comigo? Esperei por você a semana toda. Passei as noites preocupada. Eu não podia acreditar que você me deixaria sentindo tão abandonada, e agora que você finalmente está aqui...”

“Estou aqui há horas.”

“Então por que demorou tanto para vir me procurar? Estava envergonhado? Com dúvidas?” A voz dela fraquejou. “Pelo menos olhe para mim.”

Ele então parou.

“Raios. Não consigo fazer isto.” Ele passou os olhos pelo salão, à procura de qualquer saída possível. “Precisamos conversar em algum lugar, a sós.”

Kate lutou para dominar firmemente seus piores receios, mas eles eram insistentes. E tinham dentes afiados. Talvez sua nova identidade de lady fosse demais para ele. Talvez ele tivesse decidido que não conseguiria fazer parte da vida dela.

“Por aqui”, ele disse.

Kate o seguiu até a porta mais próxima e ao longo de um corredor revestido,

até que chegaram ao famoso salão medieval de Sir Lewis, onde ficava em exibição a impressionante coleção de armas e armaduras.

“Aqui está sossegado”, disse ele. “E seguro.”

Kate imaginou que sim. Dos dois lados do corredor comprido e estreito, meia dúzia de armaduras antigas estavam de sentinelas. Como uma escolta de cavaleiros arturianos, em guarda dos dois lados de um tapete vermelho-vivo. Um par de arandelas na parede fornecia a única iluminação daquela sala. As chamas cintilavam tranquilamente nas armaduras reluzentes com centenas de anos de idade, delineando os gumes das espadas e as pontas de seus bordões. O ambiente podia ser loucamente romântico ou vagamente ameaçador.

Samuel sinalizou para que ela sentasse em um banco aninhado em um recanto na parede. A pedra fria sob suas coxas fez com que Kate estremecesse. Ele sentou ao seu lado.

“Katie, você tem que me deixar explicar.”

“Por favor. Se você estava em Summerfield há horas, por que não veio me procurar logo? Por que você me fez esperar a noite toda?”

“Quer saber a verdade?”

“Sempre.”

“Porque eu não sei dançar. Eu só tive tempo de aprender a valsa. Eu não podia tirar você para dançar a gavota nem a sarabanda. Tive que ficar na biblioteca como um maldito idiota, esperando a orquestra tocar a única dança que eu sei.”

O coração dela se retorceu em seu peito.

“Oh.”

“Mas nem isso eu consegui. Pelo amor de Deus, não deveria ser mais difícil que marchar, não é? Payne me disse para não ficar olhando para o pé, mas...”

“Oh, Samuel.”

“Mas você está tão linda. Todos os pensamentos sumiram da minha cabeça.”

Então tudo fez sentido. Isso explicava sua expressão dura, incerta, e sua recusa em falar com ela, ou sequer olhar. Ele estava se concentrando tanto para acompanhar o ritmo da dança que não foi Capaz de dar atenção às sutilezas. E ele disse que Lorde Payne o havia ensinado? Samuel detestava Lorde Payne. Mas foi pedir ajuda a ele. Ele pediu aulas de *dança*. Céus. Ele poderia ter declarado seu amor por ela em letras com quinze metros de altura, na colina ao lado do Homem Longo de Wilmington, que não teria sido mais evidente. Aqueles olhos azuis procuraram os dela, brilhando de sinceridade através da escuridão.

“Olhe para mim. É com isto que você estará presa, Katie. Um pateta desajeitado que não consegue contar até três mentalmente e dizer que você está linda ao mesmo tempo. Por que diabos você quer ficar comigo?”

“Estou apaixonada por você, seu bobo. E me apaixonando mais a cada instante.” Ela deitou a testa no peito dele e prestou atenção à batida regular e forte de seu coração. “Eu sei que você me ama. Mas você não precisa dizer. Eu posso sentir. Eu sei.”

Ele inspirou com dificuldade.

“Katie, você sabe a vida que eu tive. Foi bruta, sanguinolenta e cruel, e eu não sei se algum dia vou poder lhe dar o tipo de carinho que você merece. Você me disse que eu a amava... mas eu não tinha como ter certeza. Eu não entendia o que ‘amar’ significava, ou de que modo um homem como eu pode sentir uma coisa dessas.”

“Está tudo bem”, disse ela. “Eu não preciso das palavras.”

“Mas, mesmo assim, eu trouxe algumas palavras.” Ele a fitou no fundo dos olhos. Seu olhar era de um azul penetrante, de tirar o fôlego. “*O amor é composto por uma única alma que habita dois corpos.*”

“Samuel, isso é...” Sua voz falhou. “Isso é absolutamente lindo.”

“É Aristóteles. Eu pesquisei um pouco.”

Oh. Ele havia pesquisado. O coração de Kate bateu ainda mais acelerado.

“Eu nunca achei que filosofia grega pudesse fazer sentido para mim. E a maior parte não faz, mas essas palavras pareceram corretas. *O amor é composto por uma alma que habita dois corpos.*” Ele a pegou pelos ombros e puxou para perto de si. “Isso pareceu verdade para mim, de um modo que nenhuma outra coisa pareceu. Se algum dia eu tive uma alma, Katie, acho que a deixei com você há vinte anos. E agora, é como se... toda vez que nos beijamos, você me devolve um pedaço dela.”

Ela encostou o nariz no rosto recém-barbeado, inspirando a fragrância rica de sua pele. Sabão para barbear e seu aroma natural com um traço de colônia.

Ele ergueu a cabeça.

“Mas eu não quero que você desista de nada por mim. Eu quero que você tenha essa vida. Essa família. Você é uma lady, mas eu não sou um cavalheiro.”

“Não importa”, ela protestou, sentindo uma pontada repentina de pânico. “Nunca vai importar. Você é um homem bom. O melhor que eu conheço.”

“Você precisa de um marido que seja um cavalheiro. Um que compreenda sua nova vida e todas as exigências dela. Um homem que possa acompanhar você na sociedade e ajudá-la a cuidar de sua herança.”

“Mas eu não quero nada...”

“Eu pretendo ser esse homem, Katie. Eu pretendo me tornar esse homem, o melhor que eu puder.”

O coração cresceu no peito de Kate.

“O que você quer dizer?”

“A valsa foi só uma parte. Eu passei os últimos dias em Londres com Lorde Payne. Ele providenciou para que eu receba alguma orientação dos administradores de sua propriedade em Riverchase. Eu entendo de caça e cavalos, e de como trabalhar na terra, mas vou ter que aprender como cuidar de safras, arrendatários. Eu pensei que se você vai receber alguma propriedade, e eu...”

“Oito”, disse ela. “Evan me contou hoje. Eu tenho oito propriedades, espalhadas por toda Inglaterra. Estou aterrorizada.”

Ele engoliu em seco.

“Imagino que seria bom que eu aprendesse rápido.”

“Acho que é bom nós dois aprendermos rápido”, ela tentou sorrir.

Ele se afastou, colocando distância entre os dois, e retirou algo do bolso, enrolado em um pedaço de veludo preto. Quando ele desdobrou o quadrado de tecido, seus dedos ficaram trêmulos. Finalmente, seu polegar e indicador pegaram um aro fino de metal, soltando-o da última dobra de veludo.

Samuel o mostrou para ela.

“Eu não sabia o que escolher para você, mas também não queria que outro homem escolhesse. Então eu fiquei observando as vitrines até achar um que me pareceu bom o bastante para o seu dedo.”

Ela olhou para o anel de ouro na mão de Samuel, cravejado de pequenos diamantes. No centro havia uma pedra facetada, em corte quadrado, com o tom mais claro de rosa.

“Isso serve?”, perguntou ele.

“Oh, Samuel. É demais. Deve ter custado uma fortuna.”

“Não foi uma fortuna.” Ele fez uma careta despretensiosa. “Foi apenas a maior parte do que tinha me restado, depois da comissão e disto.” Ele mostrou seu casaco e suas botas.

“Comissão?”

“Uma Capitania. Rycliff me conseguiu a oportunidade de comprar uma. Ele se ofereceu para pagar por ela, mas não pude aceitar. Katie, eu vou lhe dar tudo que puder – tudo que sou e tudo que possuo –, mas você tem que me aceitar pelo meu próprio valor.”

Kate ficou sem saber o que falar. Seu próprio valor? Aquele homem era inestimável. Mesmo se quisesse, ela não conseguiria escrever um fim mais perfeito para aquela noite. Eles se casariam e continuariam na Inglaterra. Ela poderia viver com Samuel *e* ajudar sua nova família.

Ele se ajoelhou diante dela. O anel brilhou em sua palma. Seu rosto estava marcado pela incerteza.

“Você irá usá-lo? Você quer se casar comigo?”

“Sim, é claro que sim.” Ela tirou as luvas. “Ponha-o para mim, por favor. Meus dedos vão tremer.”

As mãos dele também não estavam muito firmes. Mas ele pegou a mão de Katie e colocou o anel de metal em seu dedo.”

“Serve perfeitamente”, disse ela.

“E quase parece que ele merece você.” Samuel pegou a mão dela nas suas e a acariciou delicadamente. “Eu só vi um casamento de verdade. Como é que eles falam, nos votos... prometo cuidar? Eu vou cuidar de você, Katie. Todos os dias da minha vida. Você é a coisa mais preciosa que eu já tive.”

Ele levou a mão dela até os lábios e a beijou.

“Eu vou cuidar de cada centímetro de você.”

Com toques suaves e cuidados de seus lábios, ele beijou cada um de seus dedos. Ele virou a palma da mão dela para cima e colocou ali um beijo quente, de boca aberta, no centro. Seus lábios tocaram o pulso dela, e foram subindo lentamente. Quando ele estava na metade do antebraço, Katie já tremia de prazer, pela carência de uma vida.

“Samuel? Se você quiser parar de cuidar e começar a devorar... eu prometo me comportar.” Ele parou, os lábios colado à pele dela.

“Depois do casamento”, ele falou com a boca na parte de dentro do cotovelo dela.

Ela estendeu a mão, colocando os dedos debaixo do queixo bem barbeado e levantando o olhar dele de encontro ao seu.

“Eu prefiro agora.”

Ela se inclinou, pegando seus lábios atônitos e entreabertos em um beijo. Mas ela não podia se aproximar o bastante dessa forma. Então Kate deslizou do banco e se juntou a ele no tapete, enfiando seus dedos no cabelo bem cortado enquanto o beijava com paixão. Ele gemeu de prazer e Kate deslizou suas mãos por baixo da lapela de seu casaco, passando suas palmas pela seda fria do colete. Ela encontrou os botões na frente, coisinhas tão pequenas para um homem tão grande e poderoso. Como ele conseguia abrir e fechar aquilo? Mas não foram

problema para os dedos de Kate. Ela os soltou com facilidade. Um, dois, três... quatro. Então ela afastou os lados do colete e colocou suas mãos na camisa, massageando o tecido em suas mãos e o peito musculoso e duro. Os batimentos dele vibravam contra sua mão, que ela colou ali, mantendo-o próximo. Quando eles ficaram juntos da primeira vez, houve algo que ele reservou. Nessa noite ela precisava saber que ele lhe daria tudo. Que ali, naquele salão repleto de armaduras, ele baixaria suas próprias defesas. Ela queria... ela queria algo que parecesse pagão e selvagem. Segurar o coração dele – seu coração quente, bom, puro e pulsante – nas mãos.

Ele baixou a cabeça e passou o rosto pelo pescoço dela, deslizando a língua entre os seios.

“Não pare”, ela implorou.

Foi a coisa errada de dizer. Ele parou e ergueu a cabeça.

“Nós devíamos voltar.”

“Não”, ela insistiu, colando seu corpo ao dele. “Ainda não, por favor.”

O descaramento de Kate chocou ela própria. Ele lhe disse palavras tão lindas, mas ela precisava sentir a força e a determinação por trás delas.

“Eu quero tanto você, Samuel. Eu quero que você faça amor comigo.”

Depois de um momento de reflexão, ele colocou a mão no rosto dela, e o inclinou para receber seu beijo.

“Isso eu posso fazer.”



Ele a beijou com doçura uma vez. Essa era toda doçura que lhe restava. O segundo beijo foi profundo, exigente, completo e selvagem. Suas línguas se enfrentaram e duelaram enquanto os dois lutavam para ficar mais próximos. Enquanto Samuel explorava sua boca, ele a deitou de costas no tapete macio e colocou a mão por baixo de suas saias. Eles estavam no chão, no meio do salão medieval de Sir Lewis Finch, enquanto um baile acontecia a poucos metros de distância. Um homem sábio teria se apressado, ou interrompido aquilo por completo. Mas Samuel quis se demorar. Aquele não era um encontro apressado, escandaloso. Eles estavam fazendo amor...

Enquanto levantava as saias de seda azul, ele tomou cuidado para arrumar cuidadosamente o tecido, para que não ficasse mais amassado que o necessário.

Ele dobrou as anáguas estrategicamente, desnudando suas pernas. Graças a Deus, ela não usava calças. Ele não precisaria remover as meias, mas não conseguiu resistir. As ligas o provocaram com seus belos laços de fita. Ele os soltou com os dentes. Após deslizar uma meia ao longo da coxa e da panturrilha delicada. Samuel ficou muito triste ao chegar aos seus belos dedos, mas logo se animou quando percebeu que poderia repetir imediatamente a experiência com a outra perna. Depois de tirar a segunda, ele beijou cada dedo de seus pés. Ele foi subindo com a boca, ignorando suas contrações e protestos quando beijou o lado de dentro do joelho e a lateral interna da coxa. Ele tinha que devolver algumas cócegas. Quando ele chegou à abertura de seu sexo, ela estava se contorcendo, ansiosa por seu beijo. Ela estava totalmente molhada sob a luz tênue. Ele adorava saber que a expectativa funcionava tão bem quanto o ato em si. Ele recompensou a espera dela com uma única e lenta lambida. Ela choramingou, arqueando o quadril em um pedido por mais.

Ele se sentou nos calcanhares, desabotoando apressadamente sua calça enquanto admirava a vista de suas pernas claras, espalhadas, com um triângulo escuro de pelos guardando-o. Havia algo de indescritivelmente excitante naquela vista. Da cintura para cima ela estava composta, elegante, perfeita. Uma lady. Da cintura para baixo ela não era nada além de uma mulher, pura e natural. Que pertencia a ele. Toda ela.

Samuel libertou sua ereção, dura e pulsante. Ela dobrou uma perna, abrindo-se em um convite. Ele não pode recusar. Com cuidado para não amassar as saias, ele se ajeitou entre as coxas dela, posicionando-se na entrada quente e molhada. Ele disse a si mesmo para ir devagar, para não machucá-la. Mas ela arqueou os quadris, e ele deslizou até o fundo. *Doce misericórdia.* Ela era apertada, sim. Mas não estava tensa nem se contorceu de dor. Ela era perfeita, e ele foi fundo. A recepção acolhedora que ele encontrou fez com que nunca mais quisesse sair.

“Isso”, ela suspirou.

Ele começou a se movimentar devagar, em ritmo contínuo – sabendo que aquela era uma corrida que se ganhava mais facilmente indo devagar. Usando de todo autocontrole que possuía, Samuel manteve o ritmo sem pressa, deleitando-se em cada deslizar suave, cada centímetro do corpo dela. Debaixo dele, ela suspirava e gemia, chegando cada vez mais perto do clímax. Thorne então se sentiu aproximar daquela borda perigosa. Escorregando cada vez mais perto do desconhecido. Se ele ultrapassasse o limite, não saberia o que fazer. O pânico começou a se formar em seu peito. Ele devia sair dela. Devia protegê-la. Kate pareceu sentir sua luta. Então passou uma de suas pernas esguias em volta da

dele.

“Não me deixe”, disse ela. “Eu quero você por inteiro. Tudo que você tem para dar.”

As palavras dela o fizeram ir mais rápido. Logo os quadris dele arqueavam com força, batendo contra suas coxas. O limite estava perto, e ele correu em sua direção, para o bem ou para o mal, determinado a não guardar nada. Ela gritou e segurou em seu pescoço, arqueando as costas com os espasmos de seu êxtase. Ele sentiu uma pontada em sua nuca. Mas não foram as unhas dela, não. Foi o anel de noivado no dedo dela. Uma pontada de êxtase. Ele não conseguiria segurar por muito tempo. O clímax foi crescendo e o prazer aumentava em suas veias enquanto ele dava estocadas mais fortes e rápidas. Ele estava louco para chegar mais perto, mais fundo. Ele se forçou a ficar de olhos abertos, focados no rosto dela. Kate seria sua segurança caso ele se encontrasse à deriva em outro lugar.

“Deus, Katie. Me abrace. Firme.”

Ela o abraçou e o clímax chegou também para ele. E ele, de fato, se viu à deriva em outro lugar. Mas não foi em uma terra de sombras, fumaça e explosões. Não... ele encontrou um cenário de pele luminosa, lábios rosados perfeitos e olhos tão abertos, profundos e apaixonados, que eram como o mar. Ali ele teve a certeza de que os corações possuíam asas, e ele pretendia embarcar em muitas viagens. Mas acima de tudo, era lindo. Tão lindo que ele poderia ter chorado. E ele não teria chorado sozinho. Quando parou de se mover, algumas lágrimas reluziram nas faces dela. Samuel não se preocupou com elas, apenas as apagou com beijos.

“Eu também amo você”, suspirou ela.

Ele ergueu a cabeça, surpreso.

“Eu disse isso?”

Ela sorriu.

“Várias vezes.”

“Oh. Ótimo.” Ele a beijou novamente. “O que eu senti foi indescritível.”

Ele tocou seu cabelo, e se permitiu alguns momentos de descanso, aninhado junto ao peito dela. Se ele tinha que ser um homem estilhaçado, fragmentado, acostumado a percorrer territórios estranhos de tempos em tempos, e estar inconsciente de suas ações – Samuel ficava feliz por saber que de vez em quando podia ir para lugares bons e cheios de amor.

“Nós temos que voltar”, ele disse, afastando-se dela. “Eu tenho que falar com Drewe.”

“Kate?” A voz grave, masculina, veio do corredor. “Kate, você está aí?”

Droga, *droga*, *droga*. Por falar no diabo... Thorne não entrou em pânico. Ele se levantou e pôs Kate de pé, momentos antes de Drewe entrar na sala. Quando Kate se ergueu, suas saias cuidadosamente arrumadas caíram naturalmente até o chão. Ninguém iria supor o que havia acabado de se passar debaixo delas.

“Nós estamos aqui, Drewe”, disse Thorne, tentando fazer sua voz soar indiferente.

“Nós?”, perguntou Drewe, entrando no salão.

Thorne tentou permanecer calmo enquanto abotoava a calça. Ele sabia que as sombras o esconderiam por alguns instantes, enquanto Drewe acostumava os olhos à luz das arandelas. Só mais um fecho... Agora os botões do casaco. Drewe estava quase chegando neles. *Mais um botão. Pronto.*

“Drewe.” Thorne fez uma reverência. “Eu estava procurando você.”

O marquês olhou desconfiado para ele.

“Kate, o que está acontecendo?”

“Oh, nada. Nada.”

A resposta dela pareceu forçada demais para Thorne, e Drewe ficou realmente desconfiado. Mas ele tinha quase certeza de que havia conseguido esconder qualquer evidência. Isso até o olhar de Drewe cair nas duas meias esquecidas no chão. *Droga.*

No escuro, seus olhos faiscaram com uma raiva feroz.

“Seu vagabundo desgraçado”, Drewe ferveu. “Vou matar você.”

Capítulo Vinte e Três

“Evan, pare. Pare!” Kate agarrou o primo pela manga, puxando-o para longe. “Não faça isso. Eu vou explicar. Nós vamos nos casar!”

“Casar?” Evan contorceu o rosto. “Com ele?”

Thorne se aproximou e colocou uma mão nas costas dela.

“Eu pretendia conversar com você, Drewe. Eu pretendia lhe pedir a mão dela, do jeito certo, mas...”

“Mas o quê? Você decidiu primeiro deflorar Kate em um quarto escuro? Seu maldito.”

Evan arremeteu contra ele, e Kate pulou entre os dois homens bem a tempo.

“Espere”, ela exclamou. “Nós precisamos conversar. Todos nós. Mas não vamos conseguir se vocês ficarem tentando se agredir.”

Ela pôs uma mão no peito de cada homem e os empurrou para lados opostos do salão.

“Eu só preciso de um momento.”

“Muito bem”, disse Evan, que acrescentou, “um momento.”

Mais vozes chegaram até eles, vindas do corredor obscuro.

“Kate? Evan? Está tudo bem?”

Harry, Lark e Tia Sagui apareceram na entrada iluminada do salão estreito e comprido.

“A dança parou para o jantar. Estávamos esperando fazer o anúncio em breve”, disse Harry, notando a expressão furiosa dos homens e o vestido desarrumado de Kate. “Mas parece que vocês estão... ocupados. Cabo Thorne, que surpresa.”

“Nós vamos voltar para o baile”, sugeriu Lark.

Tia Sagui sorriu.

“Ouvi dizer que trouxeram uma tigela nova de ponche”, disse ela.

“Não... fiquem”, disse Kate. “Por favor, fiquem. Vocês três. Isso também lhes diz respeito.” Kate pousou uma mão em sua própria barriga, como fazia

quando precisava de apoio para cantar alto e claro. “O Cabo Thorne e eu nos reconciliamos. E vamos nos casar.”

Em seu canto no salão, Evan ficou furioso.

“Kate, você não pode. Por acaso faz ideia de quem é esse homem? Eu o investiguei, sabe. Logo que chegamos a Spindle Cove.”

“Você o *investigou*?”

“Sim. Eu estava preocupado com o seu bem-estar. E com o da família. Eu queria saber quem era a pessoa com que você iria casar. E felizmente eu fiz essa averiguação. Esse homem é um criminoso condenado, Kate. Ele passou anos na prisão.”

“Eu sei disso. Ele me contou tudo. Ele foi condenado por caça ilegal quando jovem, mas foi solto para ingressar no exército.”

“Onde ele cometeu transgressões ainda mais terríveis.”

“Eu sei disso também. Mas ele tomou jeito e serviu com honras sob o comando de Lorde Rycliff. Como eu disse, ele me contou tudo.” Ela se virou para Thorne. “Desculpe-me por falar tanto em seu nome. Você prefere se defender?”

“Não importa o que eu diga”, respondeu Thorne. “Ele vai ver em mim o que quer ver. Meu lorde, eu não me importo com o que pensa de mim, desde que Katie...”

“Como ousa?” Um rubor intenso subiu desde o colarinho de Evan até seu cabelo. “Como *ousa* falar dela com tanta intimidade? Ela é Lady Katherine para você.”

“Ele pode falar comigo do jeito que quiser”, disse Kate, desconcertada pela fúria na voz de Evan. “Estamos apaixonados. E vamos nos casar.”

“Kate, você ainda não ouviu a pior parte. Sabe de onde vem este homem? A mãe dele era uma prostituta em um bordel repulsivo, de baixa categoria, em Sou...”

“Southwark”, concluiu Kate. “Eu sei.”

“Ele lhe contou isso?”

“Não, eu sei porque me lembro disso. Porque eu morei lá também.”

As mulheres ficaram sem ar. Kate detestou chocá-las tocando nesse assunto, naquele momento e lugar, mas uma notícia daquela, em qualquer ocasião, poderia ser algo *menos* que chocante?

“Vocês moraram juntos?”, perguntou Evan. “Vocês dois, em um...”

“Nós éramos crianças, nós dois. Parece que foi lá que Elinor foi parar, depois de sair de Ambervale. Ela usava um nome diferente, Rosa Ellie, e sim, eu passei

meus primeiros quatro anos em um bordel. Todas as minhas memórias dessa época eram difusas até há poucos dias, mas com a ajuda de Samuel eu juntei os pedaços."

"Ele está mentindo", disse Evan, fuzilando Samuel com um olhar perigoso. "Ele convenceu você de algo que não é verdade."

"Eu gostaria, pelo bem da minha mãe, que não fosse verdade. Mas eu me lembro, Evan. Não consigo imaginar por que ela terminou lá. Talvez estivesse com muito medo de pedir ajuda. Talvez, como filha de um fazendeiro, não se sentia à altura da obrigação de viver como uma lady." Isso Kate consegui entender.

Ela se aproximou do primo com cautela.

"Por favor, não se preocupe com a família. Nós vamos encontrar um modo. Eu... Eu simplesmente vou passar tudo para você antes do casamento. Todas as propriedades, todo o dinheiro."

"Com o diabo que vai", disse Thorne. "A herança é sua por direito, Katie. Você cresceu sozinha, sem nada. Você merece isso agora. Foi por isso que vim esta noite. Não vou deixar você desistir de nada. Não por mim, e certamente não por um réptil chorão como ele."

"E eu não vou deixar um criminoso condenado destruir o que resta do nome da minha família", explodiu Evan. "E se você gosta mesmo dela, por que quis ligá-la novamente àquele lugar? Se casar com ela, a verdade vai aparecer. Toda Inglaterra irá conhecê-la como a filha do marquês que foi criada em um prostíbulo."

"Não me importo", disse Kate. "Eu não me importo com fofoca, e Samuel também não."

"Mas *eu* me importo", disse Evan. "Eu não tenho escolha a não ser me importar. Para ter alguma esperança de salvar o futuro de Lark, eu teria que cortar todos os laços com vocês dois. Pública e completamente. Não haveria mais passeios nem bailes. Nada de feriados em família na Páscoa e no Natal." A voz dele ficou baixa e rouca. "Kate, nós seríamos obrigados a ignorar você na rua. O que me arrasaria, sem dúvida. Mas eu *faria* isso, para proteger meus irmãos."

Kate sabia que ele faria. Evan faria qualquer coisa por eles. Ela sentiu o estômago revirar.

"Mas você já me disse que eu não posso simplesmente desaparecer. Mesmo que eu não me case com Samuel, vou ser sujeita ao escrutínio público. Não vejo como essa revelação pode ser evitada."

“Eu vejo. Você casa comigo e nós esconderemos da sociedade essa abominação.”

Samuel praguejou.

“Que diabo é isso? Ela não vai casar com você.”

Evan o ignorou e falou diretamente com Kate.

“Se nós casarmos, não haverá necessidade de procedimentos legais. Tudo que for seu se tornará legalmente meu depois do casamento. Nenhuma propriedade vai mudar de mãos. O título Drewe e a fortuna Gramercy vão continuar unidos. Assim poderemos evitar inquéritos judiciais e escândalo.”

“Mas Eva...” Ela tentou colocar as palavras com gentileza. “Você e eu não nos amamos. Não desse jeito.”

“*Amor*.” Evan debochou. “Amor é uma coisa violenta e inebriante, mas eu lhe digo, a partir de uma experiência amarga, que amor não compensa a perda de fortuna, reputação e família. Com isso, Kate, suspeito que seus pais concordariam.”

Pela primeira vez, as palavras do primo fizeram Kate pensar. E Evan percebeu.

“Simon e Elinor se amavam”, ele disse calmamente. “Era um amor passional, desesperado. Eles escarneceram das regras da Sociedade e desobedeceram os desejos de suas famílias para ficar juntos. Veja como a história deles terminou.”

“Não terminou ainda”, disse Samuel. “Mas eu vou lhe dizer como acaba. Com sua filha sendo restaurada, por direito, como Lady Katherine Gramercy, herdeira de propriedades e fortuna.”

Evan se dirigiu apenas a ela, tentando soar equilibrado e convincente.

“Kate, pense na família.”

Samuel retesou o braço que tinha na cintura dela.

“Se o nome Gramercy tem alguma mancha, então seja um cavalheiro, Drewe, e a reconheça. Você, ou alguém da sua família, jogou a mãe dela na rua. Este criminoso condenado fez o que pôde para salvar Kate disso. E agora irei protegê-la até o túmulo. Se você algum dia tentar desonrá-la por algo que estava fora de seu alcance, com o objetivo de manter sua própria vida imaculada e confortável... Você vai se ver comigo, e *vai* correr sangue.”

Evan arremeteu com raiva.

“Parem com isso!”, gritou Kate. “Parem, por favor.”

Ela não sabia o que dizer ou fazer. Os dois estavam dispostos a interpretar mal as intenções um do outro. Nenhum dos dois tinha interesse em escutar a

razão. Eles só queriam uma desculpa para se odiar mutuamente, e era Kate. A situação se encaminhava para um desastre. Mas havia um modo de terminar com toda a discussão. Ainda que lhe constrangesse revelar aquilo para todo o grupo, Kate não via alternativa.

"Evan", disse ela, "você deve entender que não posso casar com outra pessoa... Samuel e eu fomos íntimos. Eu *tenho* que casar com ele."

Evan ficou em silêncio por uma eternidade agonizante.

"Não, você não precisa casar com ele."

"Mas você não me ouviu? Eu..."

"Você precisa casar *com alguém*, é verdade." Ele ergueu a cabeça e lançou um olhar mortífero para Samuel. "Esse alguém vai ser decidido ao amanhecer."

Em uníssono, Harry, Lark e Tia Sagui gemeram.

"Oh, Evan."

"De novo não."

"Seis? Sério? *Seis*? Cinco foi impressionante, mas seis é o começo de uma piada ruim."

Evan suprimiu as objeções com um olhar.

"Pelas regras do duelo, Thorne – eu suspeito que você não as conheça, porque não é um cavalheiro –, eu lancei o desafio, então a escolha de armas é sua."

Kate ficou desesperada. Pistolas não eram a escolha tradicional? Mas a mão direita de Samuel continuava fraca devido ao veneno da víbora. A pontaria dele com uma pistola seria desastrosa. Ele não teria chance.

"Ela já me escolheu", disse Samuel. "Não vai haver duelo."

Oh, graças a Deus.

Evan caminhou pelo salão, agitando os braços.

"Você tem razão, Thorne, um duelo não será necessário."

Sério? Ele desistiria dessa ideia tão facilmente? Para Kate, essa virada nos acontecimentos era boa demais para ser verdade. E era...

Evan parou diante de uma das armaduras e retirou a espada da manopla do cavaleiro fantasma.

"Por que esperar pelo amanhecer quando podemos resolver isso esta noite?"

Kate retirou suas preces de agradecimento e as trocou por pedidos desesperados de salvação.

Evan ergueu a espada com a mão direita, avaliando seu peso. Embora a arma pudesse ter séculos, era bem cuidada e brilhava como um espelho.

"Isso nos leva de volta à era do verdadeiro cavalheirismo, não é Thorne?",

disse Evan. “O tempo em que um homem ligava para a reputação de uma mulher.”

“Evan, não seja ridículo”, interveio Harry. “Todo mundo aqui liga para Kate.”

“Eu não quero que ninguém lute por mim”, disse Kate. “Não vale a pena.”

“É claro que vale.” Samuel se virou para ela. “Nunca diga que você não vale a pena, Katie. Você vale batalhas épicas. Guerras inteiras.”

Ela sentiu o coração apertar.

“Samuel...”

“Sim, Helena de Troia?”, ela acreditou que viu Samuel piscar enquanto ele se afastava, pegando uma espada igual à de Evan.

Depois de tanto tempo... ele escolhia *aquele* momento para ser charmoso.

“Está tudo bem”, Lark tentou acalmá-la puxando-a para o lado. “É só um espetáculo para preservar a honra e manter as aparências. Você sabe como são os cavalheiros.”

Não importava como eram os cavalheiros. Samuel não era um. Ele não era do tipo de homem que pegava em armas para manter as aparências. Ele iria *lutar*. Pior, qualquer golpe poderia mandá-lo para aquele outro lugar – aquele campo de batalha sombrio onde ele não conhecia nada a não ser sobrevivência e instinto. Mesmo que ele quisesse parar, poderia ser inCapaz de fazê-lo no calor da luta. Ela não via como aquilo podia acabar se não em desastre.

“Parem com isso!”, exclamou ela. “Vocês dois, por favor. Evan, você não entende. O Samuel gosta de mim. Ele sacrificou tudo para me salvar daquele lugar horrível.”

“Ele roubou sua virtude. É um canalha.”

Kate queria argumentar que havia se entregado de bom grado, e que a ideia de a virtude de uma mulher ser uma posse que um homem pode roubar de outro era algo digno da Idade Média. Mas a julgar pela cena diante dela, acusações de comportamento medieval não seriam compreendidos.

Os homens andavam em círculos no centro do salão, um de frente para o outro, como dois animais selvagens que rosnam e eriçam os pelos. O tapete vermelho-sangue que eles pisavam não ajudava a acalmar o medo de Kate nem a diminuir a sede de violência dos dois homens.

“Você realmente quer fazer isto, Thorne?”, perguntou Evan.

“Não. Porque depois que eu matar você, Katie vai ficar triste e os criados de Sir Lewis vão ter uma bagunça para limpar.”

“Eu fiz esgrima durante quatro anos em Oxford.”

“Brincadeira de criança”, debochou Samuel. “Eu passei uma década rompendo as linhas inimigas com nada além de uma baioneta.”

Eu tenho certeza que sim, pensou Kate. Mas ele fazia isso com um braço forte, saudável, não com a mão enfraquecida por veneno de serpente.

“Eu não vou abrir mão dela”, disse Samuel. “Você não pode me convencer que é melhor que eu.”

“Muito bem. Então vou deixar minha lâmina falar por mim.”

Kate se encolheu quando Evan golpeou com a espada, mas Thorne se defendeu com habilidade. Eles se atacaram e defenderam várias vezes, rapidamente. O tilintar de metal contra metal a arrepiava até os ossos. De repente, eles se apartaram e recuaram, ofegantes e novamente começavam o ritual animalesco de andar em círculos e estudar o outro.

“Não faça isso, Samuel”, pediu ela. “Ele só está desesperado para salvar a família. É a paixão dele. Ele quer demais cuidar dos irmãos e que Lark tenha...”

Samuel riu com amargura.

“Não há nada de nobre nele. Você não vê como ele planejou tudo? Ele esteve o tempo todo manipulando você para se casar com ele. É por isso que ele não perdeu você de vista desde que eles chegaram em Spindle Cove. Ele gosta, sim, mas é do dinheiro.”

“E você não?” Evan parou de andar e apontou a espada para Samuel. “Sua vontade de ir para a América desapareceu rapidamente depois que você soube da herança dela. Você quer tanto o dinheiro de Kate que está disposto a arrastar o nome dela na lama para conseguir.”

“A lama na qual *vocês* a deixaram.” Segurando sua espada apontada para o peito de Evan, Thorne passou os olhos pela sala, de um Gramercy para outro. “Eu nunca vou acreditar que nenhum de vocês sabia dela. Que vocês não poderiam tê-la encontrado e ter lhe poupado anos de degradação e miséria. Ou vocês são mentirosos ou tolos.”

“Samuel, cuidado!”

Evan tirou vantagem da distração do oponente e fez um movimento que pegou a espada de Samuel e a jogou longe, no canto mais escuro do salão. Mas antes mesmo que Evan pudesse exigir sua rendição, Samuel se apoiou no pé de trás e chutou com toda força o pulso de Evan. Este gritou de dor e soltou a espada. Em vez de tentar pegá-la, Samuel chutou a arma para fora de alcance. Os dois homens estavam desarmados.

“Oh, graças a Deus”, sussurrou Kate. “Talvez agora eles parem.”

Harry balançou a cabeça.

“Você ainda não conhece meu irmão.”

Evan se virou para a próxima armadura da fila, que não segurava uma espada, mas um escudo e uma lança comprida. Ele pegou as duas armas do pedestal.

“Sempre quis experimentar isto.”

Do outro lado do salão, Thorne se virou para o par daquela armadura e fez o mesmo. Depois que estavam igualmente armados, os homens recuaram para as extremidades opostas do salão, como se estivessem se preparando para um ataque.

“Não há dúvida que você agora é uma lady”, Harriet disse para Kate. “Eles até organizaram um torneio para disputar você.”

“Isso é ridículo!”, exclamou Kate. “O Festival de Verão acabou semanas atrás. O que vem depois, duelo de bestas?”

“Por favor, não lhes deem ideias”, sussurrou Lark.

“No três, Thorne”, gritou Evan, levantando o escudo com a mão esquerda e a lança com a direita. Ele firmou os dois pés no tapete vermelho. “Três... dois...”

“Não!” Kate pegou as meias caídas no chão e correu para o centro do salão, abanando-as como duas bandeiras brancas de rendição. “Parem!”

Os homens pararam. Tudo parou... De repente o salão medieval ficou estranhamente silencioso. Eles ouviram a música vinda do salão de festas. Mas não era música orquestral. Eram os acordes suaves do piano e uma voz conhecida, que se elevava em uma canção.

“Oh”, Kate exclamou, reconhecendo a voz. “É a Srta. Elliott. Finalmente, minha querida corajosa. Ela está, enfim, se apresentando para suas amigas.”

“Mozart”, disse Evan, reconhecendo a ária. “Excelente escolha, Kate. Combina muito bem com a voz dela. Você vai à ópera com frequência, Thorne?”

“Não”, Samuel respondeu entredentes.

Sem tirar os olhos do oponente, Evan falou com Kate.

“Está vendo? *Eu* serei melhor para você. Posso lhe dar não apenas a proteção de que precisa, mas a companhia que você merece. Nós conversaremos sobre política e poesia, tocaremos duetos brilhantes.” Ele apontou para Thorne com a lança. “Ele pode fazer seu sangue ferver com emoções ilícitas, mas não pode lhe dar essas coisas.”

Kate olhou para Samuel, preocupada. Ela sabia que as palavras de Evan atingiam sua autoestima.

“O que você pode oferecer a ela?”, perguntou Evan, enquanto a voz da Srta. Elliott subia a alturas operísticas. “Você não tem berço. Nem instrução. Nem

mesmo uma profissão honrada. Você não tem condições de dar um lar adequado a uma lady."

"Eu sei." A expressão de Thorne endureceu até seu rosto parecer feito de pedra.

"Você está abaixo dela", disse Evan, "de todas as formas possíveis."

"Eu sei disso, também."

Não concorde com ele, Kate gritou em pensamento. *Nunca acredite nisso.*

Evan soltou um ruído de deboche.

"Então como você ousa pedir a mão dela em casamento?"

"Eu a amo", Samuel respondeu com uma voz grave e baixa. "O amor e a dedicação que eu tenho para dar a esta mulher são maiores do que todo o ouro da Inglaterra. E eu tenho educação para não tagarelar enquanto a aluna dela está cantando." Ele fez um movimento ameaçador com sua lança. "Cale a boca, ou vou espetar você."

Depois disso, cada alma naquela sala ficou em silêncio até a Srta. Elliott cantar sua última e delicada nota. O peito de Kate se encheu de orgulho pela aluna e de felicidade pela amiga. Mais que tudo, ela tinha esperança de que os homens se entendessem.

"Obrigada", ela disse aos dois, alternando o olhar de uma extremidade do salão para a outra. "Eu sei que vocês entendem o que isso significa para mim. O quanto a Srta. Elliott se dedicou."

Ela abaixou os braços e se retirou para a lateral do salão, deixando que os dois se entreolhassem. Com certeza eles deviam compreender – não importava quais suas diferenças, os dois queriam o melhor para ela.

"Agora", disse Kate, "não podemos deixar de lado esses artefatos de Sir Lewis e discutir esta questão como pessoas racionais?"

Aparentemente, não.

"Um", Evan terminou de contar.

Os dois correram um na direção do outro e colidiram no centro do aposento, produzindo um estalo horrível. O impacto das lanças nos escudos fez com que eles voltassem para trás, repelidos pela força do choque. Ninguém ficou seriamente ferido, o que deixou Kate contente, mas frustrou os homens. Eles jogaram as lanças de lado. Em seguida Evan pegou um machado, mas calculou mal seu peso ao puxá-lo da estante. A arma assustadora caiu no chão, errando por pouco seu próprio pé e afundando cinco centímetros no chão de madeira.

Nesse momento Lark, Harriet e Tia Sagui reforçaram os gritos.

"Parem! Vocês dois, parem! Isso é absurdo!"

Mas aparentemente, a insensatez masculina é Capaz de atingir alturas impensáveis. Os dois estavam em uma situação além da lógica e da razão, na qual apenas o orgulho e a sede por sangue tinham vez. Thorne pegou, no suporte, um bastão longo com pesos de metal nas extremidades para infligir golpes esmagadores. Evan pegou uma estrela da manhã – uma bola pesada, com cravos, pendurada na ponta de uma corrente. Segurou-a pelo cabo com as duas mãos e começou a girar o projétil ameaçador em círculos acima da cabeça. Ele produzia assobios assustadores enquanto ganhava velocidade. Fascinadas, as mulheres olhavam para a arma. A imagem era petrificante – um instrumento mortal girando cada vez mais rápido em sua órbita incerta.

O rosto de Evan mostrava que até *ele* estava preocupado com o que havia começado – e não sabia como parar. Ele deu um olhar assustado para Kate. Seus olhos pareciam dizer: *Eu fiz mesmo isso? Lutei com seu noivo usando lanças e espadas medievais, e agora ergui acima da cabeça um instrumento mortal, que comecei a girar dessa forma temerária em uma sala cheia de gente? Sim, Evan. Você fez isso.* Ela ficou contente que ele finalmente começava a mostrar que entendia como era ridícula aquela batalha. Mas era tarde demais. Quando ele soltasse aquela coisa, ela iria sair voando com velocidade e força para destruir o que estivesse em sua direção.

Evan então falou, em uma voz muito calma, educada e aristocrática.

“Receio que eu não vá conseguir segurar isto por muito tempo.”

“Kate!”, gritou Samuel. “Proteja-se!”

Todas as mulheres obedeceram, mergulhando em cantos e procurando abrigo debaixo das cadeiras. Kate se protegeu atrás de um dos escudos abandonados no chão. Thorne se posicionou à frente dela, erguendo o bastão com as duas mãos e ficando de olho na estrela da manhã. Ele parecia um jogador de críquete, pronto para rebater – e, em essência, era o que se preparava para fazer. Que homem corajoso e tolo.

“Samuel, por favor! Proteja-se!”

Com um grito selvagem, Evan soltou o cabo da arma. Kate se abaixou instintivamente, sem conseguir continuar olhando. Ela ouviu e sentiu a colisão assustadora. O impacto inicial foi agudo e a estremeceu, depois veio o ruído quase musical dos estilhaços de vidro quebrando e caindo. A bola devia ter atravessado uma janela e levado seus cravos assassinos para o jardim. Por sorte, parecia que nenhuma pessoa tinha se machucado. Evan permaneceu parado, olhando para a janela quebrada. De sua testa escorria sangue de um pequeno corte. De resto, ele parecia não ter se ferido.

Quanto a Samuel... Oh, não. Os piores temores de Kate haviam se concretizado. Ele não estava ferido fisicamente, mas mentalmente... Suas pupilas estavam dilatadas, assim como as narinas. Ele não estava ali. A situação era igual à do ataque do melão, com uma diferença importante. Dessa vez ele estava armado.

Capítulo Vinte e Quatro

Enquanto Kate observava, horrorizada, Samuel apertou suas mãos no bastão. Ele o segurava com as duas mãos, à frente do peito, paralelo ao chão. Um rugido bárbaro surgiu em algum lugar de suas vísceras, ganhando força enquanto abria caminho através de seu peito. Ele iria atacar Evan. E o primo, atordoado, desarmado, desorientado, não teria chance.

"Samuel, não!" Kate correu para interceptá-lo e pegou o bastão com as duas mãos.

Ela o olhou nos olhos, esperando que Samuel a reconhecesse. *Sou eu. Volte.* Alguma coisa flamejou naqueles olhos azuis sem foco – mas ela não sabia dizer o que era. O rugido primitivo que ganhava força em seu peito transbordou na garganta. Com um grito áspero, ele ergueu o bastão, girando tanto a arma quanto Kate com violência, e jogando a moça contra a parede mais próxima. As mulheres gritaram. Mas não Kate. Ela não teria gritado mesmo se tentasse. O impacto expulsou todo ar de seus pulmões. Por um instante foi como se ela flutuasse livremente em seu próprio corpo – desprovida de sensibilidade ou entendimento. Ela não sentiu dor – não no primeiro momento, mas certamente devia estar chegando. Um impacto tão forte devia ter quebrado algo. Sua coluna, talvez. Algumas costelas, no mínimo.

Então uma onda estonteante de ar entrou em seus pulmões. Sua visão ficou aguçada. Ela podia respirar novamente. A dor ainda não tinha chegado. Depois de um instante de reflexão, ela entendeu o porquê. Samuel a jogou não contra a parede lisa, mas em um nicho. Como o cajado era muito mais largo que a alcova, as vigas laterais absorveram o impacto. Ela não foi ferida. Sem ferimentos, mas abalada até a medula. Se ele a tivesse jogado alguns centímetros para o lado, toda a força do bastão teria esmagado seu tórax – machucando Kate seriamente. Talvez até matando-a. Mas mesmo em seu momento mais sombrio e inconsciente, Samuel a protegeu de si mesmo. Ele a salvou. Então Kate precisava retribuir a gentileza.

Ela ignorou a sala cheia de espectadores, ignorou o bastão que a prendia dentro do nicho estreito, e manteve seu olhar preso ao dele. Samuel estava distante, e ela tinha que trazê-lo para casa.

“Está tudo bem”, disse ela, falando no tom de voz mais baixo e tranquilizador que conseguiu. “Samuel, sou eu. Katie. Não estou machucada, nem você. Você estava discutindo com Lorde Drewe aqui em Summerfield. Mas agora acabou. Acabou tudo. Não há mais perigo.”

Ela Captou uma centelha de consciência nos olhos dele. Samuel inspirou rapidamente.

“Isso”, ela o encorajou. “Isso mesmo. Volte. Volte para mim. Eu amo você.”

Se ela pudesse tocá-lo, isso faria toda a diferença. Mas o bastão os mantinha afastados.

“Solte-a.” Evan apareceu ao lado de Samuel, segurando uma lâmina junto à garganta dele e assim desfazendo tudo que Kate havia conseguido no último minuto.

“Evan, não. Por favor. Isso vai piorar as coisas.”

“Afaste-se dela”, o primo grunhiu para Samuel.

“Você não entende, Evan. Ele não me machucou. Ele nunca iria me machucar.” Kate ignorou o primo e voltou a se concentrar em Samuel, olhando no fundo de seus olhos. “Samuel, você precisa voltar para mim. *Agora.* Eu preciso de você aqui.”

Aquilo bastou. Sua respiração se normalizou e a consciência desfez as rugas em sua testa. Seus olhos focaram novamente – primeiro o rosto dela, depois o bastão e em seguida na posição em que estavam junto à parede.

“Oh, Jesus”, ele inspirou. A angústia fez sua voz tremer. “Katie. O que eu fiz com você?”

“Nada”, ela lhe garantiu. “Nada além de me tirar da frente do perigo. Estou bem.”

“Besteira”, disse Evan. “Você poderia tê-la matado.”

“Não acredite nele”, disse Kate. “Eu sei qual é a verdade. Você não me machucou. Você nunca me machucaria.”

Bram apareceu, então, e segurou o bastão.

“Baixe a arma, Thorne. A luta acabou.”

Samuel aquiesceu, ainda segurando o bastão com força.

“Sim, senhor. Acabou tudo.”

“Não diga isso”, pediu Kate, empurrando o bastão que a mantinha presa. Ela precisava tocá-lo, abraçá-lo forte. Se ela pudesse apenas colocar seus braços ao

redor dele, Kate faria com que mudasse de ideia.

Parecia que ele também sabia disso.

“Eu não posso arriscar”, sussurrou ele, mantendo-a distante. “Não posso. Eu a amo demais. Pensei que eu poderia me transformar no homem que você precisa – um marido digno de uma lady –, mas...” O rosto de Samuel se retorceu quando seu olhar a examinou de alto a baixo. “Veja só. Eu não pertenço mais a este mundo. Se é que algum dia pertenci.”

“Então vamos procurar outro mundo”, disse ela. “Juntos. Eu desisto de tudo por você.

Ele balançou a cabeça, ainda mantendo-a afastada.

“Não posso deixar você fazer isso. Você diz que esta vida não importa, mas se eu a tirar de você... vai chegar o dia em que ficará ressentida comigo. Eu mesmo vou ficar ressentido. A família significa tanto para você.”

“Você significa mais.”

“Drewe”, ele disse, ainda encarando Kate nos olhos, “quando você pode se casar com ela?”

“Amanhã”, respondeu Evan.

“E você irá protegê-la? Contra fofocas e escândalo. Contra todos que a quiserem mal, ou que a queiram por sua fortuna.”

“Com minha vida.”

“Samuel, não” Kate lutou para conter suas lágrimas.

Ele aquiesceu, ainda olhando para ela.

“Então faça isso. Vou embora da Inglaterra assim que vocês se casarem. Assim que eu souber que ela está em segurança.”

“Eu não vou casar com ele”, contestou Kate. “E Samuel, você não vai deixar isso acontecer. Está falando isso agora, mas quer que eu acredite que você vai ficar sentado no banco de St. Ursula amanhã de manhã, assistindo, enquanto eu entro pelo corredor para casar com outro homem?”

Isso o fez hesitar.

“Você não deixaria isso acontecer. Eu sei que não deixaria.”

Esse argumento pareceu ganhar força com ele. Mas, infelizmente, Samuel não foi na direção que ela queria.

“Bram”, ele chamou.

“Continuo aqui”, respondeu Lorde Rycliff.

“Quando você recebeu o tiro no joelho, fez com que eu jurasse, ali mesmo no campo de batalha, que eu não deixaria que amputassem sua perna.” Samuel falava com uma voz firme e controlada. “Não importava o que os médicos

dissessem, não importava que você estivesse nas garras da morte. Mesmo que você perdesse a consciência e delirasse. Eu jurei que não os deixariam amputar, e não deixei. Fiquei ao lado do seu leito, com a pistola engatilhada, para afastar qualquer um que se aproximasse com uma serra. Mesmo quando me ameaçaram com corte marcial, ou quando meu próprio bom senso foi contra... eu continuei fiel à minha palavra."

Bram aquiesceu.

"Sim... Sou seu devedor para sempre."

"Você vai me pagar agora."

"Como?"

"Prenda-me na cadeia da vila. Com grilhões, esta noite. E não importa o que aconteça, mesmo que eu surte ou implore, me dê sua palavra agora mesmo que não vai me soltar até ela se casar. Jure."

"Thorne, eu não posso..."

Samuel se virou para ele.

"Não questione. Não olhe para mais ninguém. Somos apenas eu e você, e uma dívida que tem comigo. Faça o que eu peço, e jure."

"Muito bem", Lord Rycliff cedeu. "Você tem minha palavra. Pode soltar a Srta. Taylor agora."

"Primeiro pegue os grilhões."

"Pelo amor de Deus, Samuel!" Kate se debateu novamente. "Qual é a chance de que existam grilhões disponíveis por perto?"

Ela esqueceu que, na casa de Sir Lewis Finch, a chance era, aparentemente, muito boa. Alguém apareceu com um par de grilhões de ferro unidos por uma corrente pesada. Lorde Rycliff abriu uma das argolas e a ajustou ao pulso de Samuel.

Ele a fitou no fundo dos olhos.

"Obrigado", sussurrou Samuel. "Por ter me amado. Valeu por uma vida inteira."

Kate rugiu e o chutou no tornozelo – não que seu pé descalço pudesse infligir muito dano.

"Não pense que isso seja algo romântico, seu tolo teimoso! Se eu não o amasse demais, juraria odiar você para sempre."

Como resposta, ele deixou um beijo irritante na testa dela. Depois que a outra argola de ferro foi presa, ele largou o bastão e a libertou. Então ele saiu acorrentado.



“Não vou deixar isso acontecer.”

Lark estava no centro da sala de estar da Queen’s Ruby, parecendo o mais decidida que Kate já tinha visto.

“Kate”, ela disse, “eu amo você de verdade, mas se tentar se casar com meu irmão hoje, vou me levantar no meio de St. Úrsula e me opor.”

“Bobinha”, falou Harry. “Isso não compete a você. Evan e Kate são adultos. Além disso, o vigário só vai se interessar na sua objeção se representar um impedimento legal, o que não existe.”

“Existe um impedimento emocional”, argumentou Lark. “Kate não pode casar com Evan. Ela está apaixonada pelo Cabo Thorne.”

Kate fechou os olhos com força. É claro que ela amava Samuel. Se ela não estivesse tão completa e eternamente apaixonada por ele, não estaria se sentindo tão péssima naquela manhã ao discutir a possibilidade de casar com outro homem. Seu coração doía. Em algum lugar ali perto, Samuel estava preso, trancado como um animal em uma jaula. Ele havia passado a noite toda na prisão. Ela sabia o quanto ele sofreu na prisão quando jovem. Ele nunca mais deveria ser sujeito ao confinamento, nem mesmo por uma noite. Ela estava desesperada para que ele fosse solto, e ele devia saber que ela se sentia assim. Samuel mantinha a si próprio refém, e o preço do resgate era o casamento dela com outro. Homem teimoso e impossível. Dava para acreditar que, de acordo com a sabedoria popular, as mulheres é que são dramáticas?

“E mais”, Lark continuou, “Evan não pode casar com Kate. E quanto a Claire?”

“Claire?”, repetiu Harry. “Minha pombinha, Claire está enterrada há vários anos.”

“Mas ele a amava. É tudo que estou dizendo. Evan pode amar novamente.”

“Vamos esperar que não”, murmurou Harry.

Lark encarou a irmã. A raiva tingia de vermelho suas faces.

“Sério, Harriet. Nosso irmão a defendeu quando você rompeu três noivados sem amor. Ele a apoia no seu relacionamento com Ames. E é assim que você lhe paga? Encorajando-o a entrar em um casamento de conveniência, com a esperança de que ele nunca mais ame?”

“Minha andorinha. Você está crescendo tão depressa.” Ela tamborilou os

dedos no braço da cadeira e então levantou. “Muito bem, eu também vou me opor.”

“Suas oposições não serão necessárias, eu espero.” Kate pegou Xugo no colo e o puxou para perto. “Não tenho intenção de me casar com Evan, se isso puder ser evitado. Tem que haver outro modo.”

Mas ainda enquanto pronunciava aquelas palavras, Kate duvidava delas. Que outro modo poderia haver? Ela passou a noite pensando naquele dilema. Ela exauriu toda sua força de lógica, imaginação e desespero, e ainda assim nenhuma solução lhe apareceu.

“Harry e eu tentamos apelar a Evan”, disse Lark. “Se ele retirar sua proposta para Kate, o Cabo Thorne terá que recuar. Mas ele também não quer ceder.”

“Ele se sente muito culpado”, Harry disse para Kate. “Evan diz que está determinado a lhe dar a vida que você merece.”

“Mas vocês já me deram tanto”, disse Kate. “Vocês me procuraram e me receberam de braços abertos, mesmo sabendo que isso afetaria de algum modo suas vidas. A bondade e a fé que tiveram em mim são notáveis. E eu... eu amo todos vocês por isso.”

“Oh, querida.” Do outro lado da sala, Tia Sagui pôs a mão no peito. “Oh, querida. Oh, querida.”

“Tia Sagui, o que foi? É seu coração?”

“Não, não. Minha consciência.” A velha senhora olhou para Kate com olhos vermelhos e lacrimosos. “Eu tenho que lhe contar a verdade. A culpa é minha. A culpa é toda minha que você tenha ficado perdida, minha querida. Você não deve se sentir presa a nós. Eu não a culparia se você pegasse todo o dinheiro da família e nos jogasse na rua.”

Kate balançou a cabeça, completamente confusa.

“Eu não estou entendendo. Jogar vocês na rua? Eu nunca faria uma coisa dessas.”

Lark pôs a mão na da tia.

“Não deve ser nada assim tão ruim, Tia Sagui.”

“Mas é. É sim.” A velha senhora aceitou o lenço que Harry lhe oferecia. “Depois que Simon morreu e o pai de vocês herdou o título, eu fui para Rook’s Fell. Minha irmã precisava de mim. Você ainda nem tinha nascido, Lark. Mas Harry, você com certeza lembra dessa época. Como foi difícil.”

Harry aquiesceu.

“Foi no ano em que começou a doença de papai. Havia tantos médicos entrando e saindo. Lembro que mamãe estava sempre com o rosto preocupado.”

“A vida de vocês mudou tanto, e tão rapidamente. Casa nova, títulos novos, novas responsabilidades. Eu assumi a administração da casa, cuidava dos criados, respondia à correspondência, recebia visitantes.” Ela fez uma pausa para refletir. “Então eu estava lá no dia em que a amante de Simon apareceu, com o bebê nos braços. E a mandei embora.”

“*O quê?*”

Ao ouvir essas palavras, Kate teve a sensação de ser afogada. O ar pareceu lento e espesso ao seu redor. Frio. Sua visão ficou difusa e suas ouvidos latejaram. Ela não conseguia respirar.

“Você a mandou embora?” A voz de Lark ecoou a uma grande distância. “*Tia Sagui*. Como pôde fazer uma coisa dessas?”

Kate se obrigou a emergir e a escutar.

“Vocês não fazem ideia”, disse Tia Sagui. Ela torceu o lenço de Harry. “Vocês não fazem ideia de quantos charlatões surgem de cada buraco no chão quando um marquês morre. Todo dia eu tinha que mandar alguém embora. Alguns apareciam dizendo que Sua Senhoria lhes devia salários atrasados ou dívidas de jogo, outros diziam que o marquês tinha lhes prometido alguma coisa. Mais de uma garota apareceu com um bebê nos braços. Mentirosos, todos eles. Quando Elinor chegou dizendo que havia casado com ele... eu não acreditei. Um marquês casando com a filha de um fazendeiro arrendatário? Absurdo. Eu nunca acreditei, até o dia em que encontramos o registro da paróquia, e vi que aquela garota podia ter falado a verdade.”

Os dedos de Kate foram para a peça pendurada em seu peito. Ela passou as pontas dos dedos pela lágrima de pedra polida, na esperança de que acalmasse suas emoções.

“Então é por isso que você tem o pingente. Você o pegou dela. Estava com você o tempo todo.”

Tia Sagui aquiesceu.

“Ela me ofereceu como um tipo de prova. Eu não entendi que significado uma lasca de pedra poderia ter. Mas eu guardei, para o caso de ela aparecer. Mas ela não veio mais. Ela nunca procurou advogados. Simplesmente desapareceu.”

Lark andava pela sala, claramente tentando controlar suas emoções.

“Por que você não nos contou a verdade semanas atrás?”

“Eu estava com vergonha”, disse a velha senhora. “E o que estava feito, estava feito. Eu não achei que relatar essa história pudesse ter algum benefício. Todos nós concordamos em fazer o que era certo para Kate. Nós a receberíamos na família e lhe daríamos tudo o que era dela por direito. Mas então, noite

passada, quando você nos contou do bordel...” Tia Sagui chorou novas lágrimas. “Oh, foi minha culpa. Fui tão dura com a garota. Quando ela me perguntou aonde poderia ir, ou como faria para viver, eu... eu lhe disse que não conseguiria nem uma moeda conosco, e que ela devia ir morar da mesma forma suja que ela era.”

“Oh, não.” Kate cobriu a boca com a mão. “Você não fez isso.”

Kate encarou Tia Sagui, sem saber o que dizer ou fazer. Nas últimas semanas ela começou a pensar naquela mulher como... a pessoa mais perto de uma mãe que ela teria. Mas agora ela sabia que essa mulher a rejeitou quando era um bebê. Por um instante ela se viu de volta à sala de estar da Srta. Paringham, tomando chá de água suja e evitando golpes de bengala. *Ninguém queria você na época. Por que você acha que alguém iria querer agora?*

“Sinto muito”, disse Tia Sagui. “Eu sei que você talvez nunca possa me perdoar, e vou entender se for o caso. Mas eu gosto tanto de você, minha querida.” Ela fungou. “Eu gosto mesmo. Amo você como uma das minhas. Se ao menos eu soubesse que aquele momento de rabugice teria consequências tão nefastas...”

“Você não sabia”, Kate se pegou dizendo. “Você não tinha como saber. Eu não a culpo.”

“Não?”

Ela balançou a cabeça com honestidade.

“Não.”

As palavras de escárnio da Srta. Paringham, aquele dia, não tinham alterado o curso de sua vida. Ela duvidava que alguns instantes de maldade da Tia Sagui foram suficientes para determinar todo o futuro de sua mãe. Para Elinor ficar tão desesperada, mais de uma porta deve ter se fechado para ela. Ou talvez ela simplesmente não quisesse viver segundo as regras dos outros. Kate nunca saberia.

Tia Sagui pegou a mão de Kate.

“Você sabe como ela reagiu naquele dia, quando eu a rejeitei?”

Kate negou com a cabeça.

“Conte-me, por favor. Eu quero saber de tudo.”

“Ela ergueu o queixo e me disse bom dia. E foi embora, sorrindo. Ela manteve a dignidade, mesmo depois que eu perdi a minha.” A mão pálida da velha senhora apertou a de Kate. “Você tem o mesmo fogo da sua mãe.”

O fogo da sua mãe. Finalmente, Kate tinha um nome para aquela chama pequena que aquecia seu coração. Ela tinha algo da sua mãe. Algo que carregou

dentro de si o tempo todo, e que era mais precioso que a lembrança do seu rosto ou de um verso que sua mãe poderia ter cantado. Ela tinha a coragem de sorrir em face da crueldade e da indiferença – de manter a dignidade quando não tinha outra coisa. Aquele fogo interno foi o que a manteve viva. Ela encontraria uma saída para aquela situação, uma em que ela não tivesse que se casar com ninguém. Ou melhor, ninguém além de Samuel.

"Devemos contar isto para Evan?", ela perguntou. "Talvez ele se sentisse menos obrigado a se casar comigo se soubesse que..."

"*Menos* obrigado?", exclamou Harry. "Você já devia conhecer seu primo, Kate. Se Evan ficar sabendo disso, vai fazer com que beijemos seu pé como penitência. Ele vai fazer Lark vestir tecido de saco e cinzas em seu debute. Com certeza ele não vai se sentir menos obrigado."

Kate mordeu o lábio, sabendo que Harry tinha razão. Ela possuía, contudo, uma última fonte de esperança. Susanna. Talvez Susanna pudesse fazer Lorde Rycliff ter bom senso e soltar Samuel da prisão. Nesse momento, Susanna e Minerva entraram pela porta da sala. Xugo pulou para o chão quando Kate levantou para receber as amigas.

Susanna não perdeu tempo com amabilidades.

"Não vai dar certo, eu receio."

"Ele não se convenceu?" Kate perguntou, desabando novamente na cadeira. "Ah, não."

Susanna balançou a cabeça veementemente.

"De que serve um 'código de honra' se ele desafia o bom senso? Bram insiste que é obrigado a fazer o que Thorne lhe pede, mesmo que discorde do pedido. Ele não aceita ouvir nenhum argumento. Tudo graças ao orgulho, companheirismo e sua perna ferida. Eu lhe digo uma coisa, no que diz respeito àquela maldita perna, Bram não consegue aceitar a razão. Se esse homem já teve um pingo de sensatez no corpo, devia estar na patela do joelho direito."

Ela sentou ao lado de Kate.

"Eu sinto muito. Fiz o que podia."

"Eu sei que você fez."

"Eu pensei em pedir ao Colin que falasse com ele, como último recurso", acrescentou Minerva. "Mas fiquei preocupada que isso pudesse nos atrapalhar."

Kate tentou sorrir.

"Obrigada por querer ajudar."

"Certamente um deles terá que ceder, ao longo do tempo", disse Susanna. "Isto não pode durar para sempre."

Mas ainda que durasse apenas um dia, seria demais. Ninguém podia entender o que significava para Samuel estar preso. Ele era um homem que havia tatuado a data de sua libertação no *próprio braço,* no que trabalhou cuidadosamente, apesar da dor, porque sabia que corria o risco de perder toda esperança e abrir mão do seu último fiapo de humanidade. Aceitar as correntes devia ser uma tortura para ele.

"Vamos encontrar outro jeito", disse Susanna. Ela passou os olhos pela sala, encarando Lark, Harry, Tia Sagui, Minerva... e voltando até Kate. "Aqui é Spindle Cove. Temos seis mulheres inteligentes, determinadas e engenhosas nesta sala. Não vamos ser frustradas por alguns homens insensatos e suas brincadeiras de soldadinhos de chumbo."

"Isso mesmo", disse Minerva. "Vamos rever todas as alternativas."

"Eu não posso fugir", disse Kate. "Casar com Evan está fora de questão, assim como casar com qualquer outra pessoa."

"Eu sei!", disse Lark. "Kate, você pode entrar para um convento, assim estará proibida de casar com qualquer um."

Tia Sagui tossiu sua bala apimentada.

"Uma Gramercy enviada para um convento? Isso seria indizivelmente cruel – com a freiras, principalmente."

Harry levantou um dedo, os olhos penetrantes.

"Esperem um momento. Talvez ela possa casar com Evan por apenas alguns minutos, e então pedir uma dissolução ou anulação."

"Não posso", disse Kate. "Eu pensei nisso, mas o vigário disse que não é fácil obter uma anulação. Além disso, seria desonesto. Evan foi tão bom para mim... eu não poderia mentir assim para ele, recitando votos que não tenho intenção de manter."

"Susanna teve a ideia certa", declarou Minerva. Ela ajustou os óculos. "Nesta vila nós derrotamos os homens em seu próprio jogo. Se eles querem brincar de soldados, vamos reunir nosso próprio exército de mulheres. Vamos atacá-los com arcos, pistolas, rifles. Até um trabuco, se Sir Lewis nos emprestar. E forçar uma fuga da prisão."

Tia Sagui se aprumou.

"Minha querida, eu gosto do jeito que você pensa."

"Não, não", disse Kate. "Essa é, com certeza, uma ideia... *empolgante,* Min. Mas não podemos. Haveria uma possibilidade muito grande de alguém se machucar, e a última coisa que Samuel precisa é outra batalha."

Sua reação imprevisível a explosões estava no cerne do problema.

“Além disso, mesmo que nós o tiremos da prisão, isso não o faria mudar de ideia. Nós vamos voltar à situação em que estávamos ontem à noite.”

Kate acreditava, de todo coração, que ela e Samuel poderiam viver felizes juntos. Mas quando ele negociou com Evan, na noite anterior, revelou suas próprias dúvidas. Ele a deixou sob os cuidados de outra pessoa, da mesma forma que fez quando a deixou em Margate, duas décadas atrás. Ele duvidava de seu próprio valor. E Samuel não acreditava quando Kate dizia que desistiria de tudo por ele. Ela não tinha mais argumentos para convencê-lo com palavras. E ainda havia o problema do escândalo público. Ela não podia adotar o nome da família, para então arrastá-lo pelas ruelas mais imundas de Southwark. Mesmo depois da confissão de Tia Sagui, ela não queria mal para nenhum dos Gramercy – e ela não queria aquela nuvem fazendo sombra em seu casamento com Samuel.

Em um gesto nervoso, ela girou o anel no dedo, virando a pedra rosa pálido para cá e para lá para pegar raios de sol. Tão linda. Ela não conseguia pensar em tirar aquele anel. Samuel o tinha escolhido especialmente para ela. A pedra tinha um fogo interno. Assim como ela.

“Bem, nós precisamos fazer *algo*”, disse Minerva. “Imprimir panfletos. Fazer uma greve de fome na praça. Ficarmos sem espartilho até que alguém ceda. Aqui é Spindle Cove! Não podemos deixar etiqueta e convenções ganharem a luta. Olhe para o seu cachorro, até ele concorda comigo.”

Kate olhou para Xugo, que devorava alegremente outra cópia de *A sabedoria da Sra. Worthington para jovens.*

Ela agachou, coçou atrás da orelha do animal e sussurrou:

“Isso é tudo culpa sua, sabia?”

Se não fosse por Xugo, talvez ela não tivesse extraído a verdade de Samuel após a picada de víbora. Ela poderia não ter chegado a conhecer seu lado sensível, e a amá-lo por isso. Melões teriam muito menos importância na sua vida. Na cabeça dela, algo começou a se formar. Talvez, apenas talvez... Xugo pudesse ser a chave daquele problema.

“Acho que talvez eu saiba o que fazer”, disse ela, ficando animada enquanto olhava para suas primas e amigas na sala. “Mas vou precisar de ajuda para me vestir.”

Capítulo Vinte e Cinco

Então era aquilo que Spindle Cove chamava de prisão. Thorne sempre teve curiosidade sobre aquela construção minúscula localizada na praça da vila, não muito longe da Igreja de St. Úrsula. A princípio ele pensou que fosse a casa do poço de uma nascente que há muito tinha secado. Então alguém lhe disse que a casinha era usada como batistério da igreja original. De qualquer modo, atualmente era a prisão. A estrutura era pequena, circular e composta de paredes de arenito sem janelas. Ela devia ter sido construída durante a mesma época que o Castelo Rycliff original – em outras palavras, há uma eternidade. O teto de madeira, é claro, há muito havia apodrecido e sumido. Em seu lugar, uma grade de barras de ferro mantinha os prisioneiros confinados, ao mesmo tempo que deixava entrar ar fresco e raios dourados de luz solar. Aqui e ali, um pouco de musgo ou samambaias brotavam de rachaduras na parede. Como todas as outras coisas daquela vila, a prisão também era um pouco excêntrica e charmosa demais. Mas devia ser eficaz. A única abertura nas paredes de pedra era a porta de metal forjado. Trabalho de Aaron Dawes, sem dúvida, e Thorne sabia que ele era um ferreiro competente. Pesadas algemas de ferro, ligadas por uma corrente, prendiam seus pulsos. Os grilhões eram genuínos, tirados da coleção de Sir Lewis. As únicas chaves, tanto para a porta da cela, quanto para as algemas, estavam com Bram, que deu sua palavra a Thorne de que estaria realmente confinado.

A noite não foi fácil. Sentado e acorrentado no escuro... O silêncio provocou a criatura selvagem que existia nele, mas as correntes eram boas e as paredes sólidas. Mesmo que ele enlouquecesse um pouco, e sua determinação fraquejasse, ele não conseguiria fugir da prisão usando a força. O que era bom, porque se ele conseguisse sair à força de sua cela, dominar os guardas não seria nada difícil...

“Podem me explicar de novo como é que *vocês* dois são os carcereiros da vila?”, perguntou Thorne.

Finn e Rufus Bright estavam sentados do lado de fora da porta gradeada da cela com um baralho. Os dois eram gêmeos, tinham perto de dezesseis anos e Thorne não confiava neles nem para deixar que montassem algumas horas de guarda na torre sudeste do Castelo Rycliff. Ele nunca os teria colocado para guardar um criminoso perigoso.

"Essa era a ocupação do nosso pai bêbado", disse Rufus. "Ele era o oficial responsável, antes de mudar de lado da lei. O contrabando dá mais dinheiro, eu acho."

"Depois que ele foi embora", disse Finn, "a tarefa ficou com Errol, seu filho mais velho."

"E Errol foi para Dover esta semana." Ruffus cortou e embaralhou o maço de cartas. "Então, para sua sorte, você ficou conosco."

Para a sorte deles, o jovem queria dizer. Da forma como Thorne atormentou os mais jovens milicianos de Spindle Cove ao longo do último ano, ele imaginava que os dois estivessem se divertindo com aquilo.

Então ele ouviu a voz de Bram.

"Finn, Rufus. Espero que estejam tratando bem o prisioneiro."

"Sim, Lorde Rycliff."

"Thorne?", Bram espiou pela grade. "Ainda não está só pele e ossos, imagino."

"Nem perto disso."

"Não pense que isso está sendo fácil para mim. Minha mulher não está nem um pouco satisfeita. E caso esteja se perguntando, a Srta. Taylor, ou Lady Kate, que é como eu a devo chamar agora, imagino, também não está."

Thorne deu de ombros, indiferente. Katie acabaria ficando satisfeita. Com o tempo ela veria que essa era a melhor opção. Drewe poderia cuidar dela e fazer com que fosse feliz. Ela bancou a corajosa na noite anterior e lhe disse que deixaria tudo para trás para ficar com ele, mas Thorne a conhecia muito bem. Por toda sua vida ela desejou uma família, e ele não tinha nada para lhe oferecer que substituísse os Gramercy. Depois da noite anterior, ele sabia que não servia para ser o marido de uma lady. Ele nem mesmo era Capaz de manter Kate em segurança.

"Então, o que está acontecendo?", perguntou Thorne. "Eles já foram pedir uma licença de casamento ao vigário?"

"Não sei", respondeu Bram. "Mas ela acabou de sair pela frente da Queen's Ruby."

"Como ela está?"

“Com cara de quem vai se casar.”

Um buraco negro e infinito de dor surgiu no peito de Thorne. Ele teve vontade de se jogar ali.

“Ela está caminhando na direção da igreja”, disse Bram. “Todas as moças da pensão estão indo atrás dela. E as Gramercy também.”

“O que ela está vestindo?”

Bram olhou contrariado para ele.

“O que você acha que eu sou? O colunista social de *O Tagarela*?”

“Diga logo.”

“Um vestido marfim. Babados e um monte de renda.”

“Ela está sorrindo?”

Pergunta idiota. Um sorriso dela não lhe daria nenhuma pista quanto às suas emoções mais íntimas. Sua Kate sorriria bravamente, mesmo que estivesse a caminho da guilhotina.

“O cabelo dela”, perguntou Thorne. “Como ela arrumou o cabelo?”

Bram grunhiu.

“Bom Deus, homem. Eu concordei em prender você, não em lhe dar relatórios de moda.”

“Diga logo.”

“O cabelo foi penteado para cima. Você sabe como as mulheres fazem – um monte de cachos para cima, preso com fitas. Alguém colocou flores entre os cachos. Nem me pergunte que tipo de flor. Eu não sei.”

“Deixe para lá”, Thorne resmungou. “Já é o bastante.”

Ele conseguia visualizar Kate em seu pensamento. Flutuando em uma nuvem de renda, com estrelinhas de jasmim enfiadas no cabelo escuro e brilhante. Tão feminina e linda. Se ela tomou tanto cuidado com a aparência, devia estar indo para seu casamento feliz, não com má vontade ou receio. Aquilo era bom, Thorne disse para si mesmo. O melhor resultado possível. Ele esteve preocupado que ela pudesse resistir por mais tempo, apenas por teimosia. Mas ela devia ter visto que era o mais sensato a fazer, depois de algumas horas de reflexão.

“Susanna está com ela”, disse Bram. “Vou até lá perguntar quais são os planos.”

Inquieto, Thorne ficou andando pela pequena cela circular. Ele levantou e abriu os braços, puxando as correntes. Cada instinto animal de seu corpo queria se libertar. Mas ele tinha se preparado para isso. Foi por esse motivo que fez Bram prometer que o manteria preso – porque Thorne sabia que, quando a hora do casamento se aproximasse, somente estruturas de metal e concreto poderiam

impedir que ele fosse atrás dela. Dali a menos de uma hora, com certeza, tudo teria terminado. Uma questão de minutos, talvez. Quando os sinos da igreja repicassem, ele saberia que tudo estaria resolvido. Em vez de sinos, contudo, ele ouviu metal arranhando a fechadura. Em resposta, seu corpo gritou: *atenção, prepare-se para fugir.*

Ele deu as costas para a porta e crispou as mãos.

"Para o diabo, Bram. Eu lhe disse para não abrir a porta. Você me deu sua palavra."

"Não vou soltar você", disse Bram. "Tenho um novo prisioneiro, então vocês vão ter que dividir a cela."

"Um novo prisioneiro?" Thorne manteve o olhar fixo na parede enquanto a porta era fechada. "Eu sou o primeiro prisioneiro que esta prisão vê em anos. Agora somos dois em uma manhã? Qual foi o crime?"

A resposta veio com uma voz suave e melódica.

"Posse de animal inconveniente. Destruição de propriedade."

Não! Suas correntes de ferro pareceram dobrar de peso e estar presas diretamente a seu coração. Ele se virou. Claro que era Katie. Ela estava ali, na prisão com ele. E Bram não tinha futuro como colunista social, porque sua descrição da aparência dela era uma sombra da realidade. Um homem pode testemunhar um cometa cruzando o céu e descrevê-lo com algo parecido com um vaga-lume.

O vestido era translúcido – inocente e revelador ao mesmo tempo. Seu cabelo estava empilhado em dúzias de curvas e cachos intricados, e sua pele faria anjos chorarem. Ela estava radiante. Um pouco de cor brilhou no dedo dela. Minha nossa. Ela continuava usando seu anel. Thorne procurou conter o indesejável surto de esperança. Seu ânimo não podia ser levantado pela presença dela. Ele não deveria querer que Katie estivesse ali. O lugar dela não era em nenhum tipo de prisão – ainda que fosse relativamente excêntrica e charmosa.

"Bem...?" Ela deu uma volta, tentando obter a aprovação dele. "Eu queria estar com a melhor aparência para meu casamento."

"Você não devia estar aqui", ele disse. "Que brincadeira infernal o Bram está fazendo?"

"Não é brincadeira, infelizmente. Eu estou presa."

"Por quê?"

Ela pegou, debaixo do braço, um livro grosso e preto.

"Você tinha razão. Deixar Xugo roer livros foi uma negligência horrível da minha parte. Veja só o que esse animalzinho fez."

Thorne não podia se arriscar a ficar perto demais dela, mas inclinou a cabeça e deu uma olhada no livro, que era velho, grosso e encadernado com couro preto... as letras douradas na lombada tinham sido quase totalmente destruídas, e a maioria das páginas estraçalhadas.

“Jesus”, ele suspirou quando entendeu. “Por favor, diga que não é o que estou pensando que é.”

Ela aquiesceu.

“É o livro de registro da paróquia de St. Mary of the Martyrs.”

“Não aquele que...”

“Continha meu registro de nascimento. Esse mesmo. E também o registro do casamento dos meus pais.”

Thorne não podia acreditar.

“Você deixou Xugo fazer isso. De propósito.”

“Não importa realmente como e por que aconteceu, importa? Está feito.” Ela endireitou os ombros. “Não há registro de Katherine Adele Gramercy. Não mais.”

A enormidade das palavras dela inundou sua cabeça por um instante. Ele procurou se agarrar a um pouco de razão ou lógica naquele oceano de insensatez.

“Não importa”, ele disse. “Destruir esse livro não muda quem você é. Você continua sendo Lady Katherine Gramercy.”

“Oh, eu sei quem sou. E os Gramercy também sabem. Mas esta infelicidade”, ela mostrou o livro destroçado, “faz com que seja mais difícil provar minha identidade. Evan disse que vamos precisar de mais testemunhas para que possamos apelar à Justiça. Pode demorar anos até resolvermos tudo – até depois da temporada de Lark, espero, e de Evan ter a possibilidade de organizar as finanças e me preparar como herdeira.”

“Então você está dizendo...”

“Que estou livre, agora, para fazer o que eu quiser.” Ela se aproximou lentamente dele. “Estou dizendo que algum dia vou receber o nome Gramercy, pública e legalmente. Mas enquanto isso... espero poder usar o seu.” A voz dela ficou rouca de emoção. “Eu lhe disse que desistiria de tudo, Samuel. Não consigo imaginar uma vida sem você.”

Thorne a encarou por um instante. Então ele foi até a porta da cela.

“Bram!” Ele bateu nas grades. “Bram, abra esta porta. Agora.”

Bram balançou a cabeça.

“Sem chance. Eu dei minha palavra.”

“Para o inferno com sua palavra.”

“Pode me xingar o quanto quiser. Bata na sua jaula à vontade. Você pediu por isto. Você me disse para mantê-lo preso até a Srta. Taylor casar.”

“Bem, ela não pode casar enquanto estiver trancada aqui.”

“Pelo contrário”, disse ela. “Eu acredito que posso.”

Ele se virou para encontrar Katie olhando para ele por baixo dos cílios. Um sorriso tímido brincava nos lábios dela.

“Não. Nem pense nisso. Não vai acontecer.”

“Por que não?”

“Pelo amor de Deus, não vou casar com você em uma prisão.”

“Você prefere que nos casemos na igreja?”

“Não.” Ele rosnou, frustrado.

Ela ergueu a cabeça e olhou para os raios de sol que atravessavam a grade de ferro acima. Com a ponta dos dedos, ela tocou um ramo de hera que subia pela parede.

“No que diz respeito a prisões, até que esta é bem romântica. E esta construção foi consagrada, o que facilita as coisas. E os proclamas foram lidas ao longo das últimas semanas. Estou vestida para o evento, e você continua com seu terno lindo de morrer. Não existe nenhum impedimento.”

Não, não, não! Aquilo não podia acontecer.

“Lorde Rycliff, você poderia mandar chamar o vigário?”, perguntou ela.

“Não”, ordenou Thorne. “Não chame. Eu não vou adiante com isso.”

“Achei que isso pudesse acontecer...” Katie suspirou e se sentou no único banco da cela, uma simples tábua de madeira. “Muito bem. Eu posso esperar.”

“Não sente nisso”, ele pediu. “Não com seu vestido de casamento.”

“Então posso ficar de pé e chamar o vigário?” Quando ele não respondeu, ela esticou e cruzou as pernas à sua frente. “Vou esperar você mudar de ideia.”

Thorne bufou. Então era assim que ela queria fazer. Uma guerra de vontades. Bem, ela cometeu seu primeiro erro fatal naquela batalha – subestimou seu oponente. Ele se apoiou na parede, o mais longe dela que podia, naquela pequena cela circular.

“Você não vai conseguir me cansar”, Thorne disse para ela. “Você não vai aguentar mais do que eu.”

“Veremos.” Ela ergueu os olhos para os fragmentos de céu azul. “Eu não vou a lugar nenhum.”



Kate foi fiel à sua palavra. Ela não foi a lugar nenhum. Nem ele. É claro que isso não impediu que toda Spindle Cove fosse até eles. Ao longo do dia pareceu que cada homem, mulher e criança da vila foi espiar através das grades da porta e lhes oferecer conselhos ou palavras de apoio. O vigário apareceu para oferecer aconselhamento. Os Gramercy foram visitá-los. Evan lhes deu sua bênção, no caso de Samuel estar esperando por isso. Samuel deixou claro que não. Tia Sagui passou balas apimentadas para Kate através das grades. A Sra. Highwood passou para sugerir, de modo bem óbvio, que, se Lorde Drewe ainda estivesse interessado em casar naquele dia, sua Diana estava disponível. Na hora do jantar, os Fosbury levaram comida. Kate ofereceu a Thorne, com os dedos, um pedaço de bolo, mas ele a afastou com um olhar severo. Então ela o colocou na própria boca, e transformou em espetáculo o ato de lamber os restos dos dedos. *Não pense que está conseguindo esconder o brilho nos olhos.* Ele era tão teimoso...

Depois da luta, na noite anterior, Thorne dedicou toda sua energia em construir uma muralha ao seu redor. Mas Kate a colocaria abaixo. Ela não o deixaria viver naquela prisão fria e insensível que ele havia construído em volta de seu coração. Não depois que ela soube quanto amor e bondade ele tinha para dar. Pelo entendimento de Kate, ela estava simplesmente retribuindo um favor. Todos esses anos passados, ele não a abandonou. Sua consciência não o deixou fugir do prostíbulo sem ela. Então ela não iria embora da prisão sem ele.

Ao entardecer a vila toda se reuniu na praça. O impasse entre Kate e Thorne havia se transformado em um festival improvisado. A cerveja fluía livremente, graças ao Touro e Flor. Os milicianos organizaram uma banca de apostas, em que todos apostavam em quanto tempo iria durar a prisão do casal. Enquanto o sol se punha, Xugo apareceu. Depois de depositar um rato morto, como presente, na frente da porta, ele se deitou na grama e apoiou a cabeça nas patas. E esperou... Por horas... Até o luar passar pelas fendas acima, como raios de mercúrio.

“Pense no cachorro”, ela lamentou. “Olhe só para ele. Você sabe que o Xugo não vai embora. Ele vai ficar deitado aí a noite toda. Pobre filhotinho, está tremendo de frio.”

Thorne fez um som de pouco caso.

“Isso é tudo culpa dele.”

Bem, se ele não se comovia com o bem-estar do cachorro...

“*Eu* estou com frio.” Ela tremeu para reforçar seu argumento. “Você não vai sentar ao meu lado, vai me deixar tremendo, também?”

Finalmente, ela encontrou o argumento que o comoveu. Com relutância evidente, ele foi se sentar ao lado dela naquele banquinho duro. Ela pegou os pulsos dele pelas algemas de ferro, ainda acorrentadas, e enfiou a cabeça no círculo formado pelos braços. Thorne não resistiu quando ela se encostou em seu peito, aninhando-se em seu calor. Encostando o ouvido, Katie escutou seu coração, batendo em ritmo forte e regular.

“Você deveria ir embora”, ele murmurou. “Volte para a Queen’s Ruby e durma em uma cama quente.”

“Uma cama quente é bem atraente. Mas só se você estiver nela. Eu vou esperar para ir para casa com você.”

Ele baixou as mãos sobre as costas dela, trazendo-a para perto. Com o polegar, ele fez carinhos leves, para cima e para baixo, em suas costas.

“Não vou embora deste lugar sem você, Samuel. Você não foi embora da *Hothouse* sem mim.”

“Isso foi décadas atrás. Nós éramos crianças. Você não me deve nada, agora.”

Ela soltou um riso debochado.

“Só lhe devo minha vida, minha saúde, minha felicidade, e todo o amor do meu coração.” Ela passou os braços ao redor da cintura dele e olhou para cima. “Isto aqui não diz respeito ao passado, Samuel. E sim ao nosso futuro. Não consigo me imaginar sendo feliz sem você.”

“Katie, você precisa saber... É apenas por você que consigo me imaginar sendo feliz.”

Ela engoliu em seco diante da sábia declaração.

“Então por que agora você está resistindo, depois de tudo? É apenas por causa de seu orgulho e teimosia?”

Um sorriso surgiu no canto da boca de Thorne.

“Se o meu ‘orgulho e teimosia’ é inconveniente, você deveria saber que qualquer orgulho que eu possa ter é totalmente culpa sua.”

Ele fechou os olhos e encostou a testa na dela.

“É tudo culpa sua.” A voz dele estava rouca de emoção. “Você me escutou quando eu precisava. Riu quando eu precisava disso. Você não se afastou, não importava o quanto eu fechava a cara ou me enfurecia. Você me amou apesar de tudo, e me fez olhar no fundo da minha alma para encontrar a força para amar

você. Sou um homem diferente por sua causa.”

O coração dela se encheu de alegria.

“Mas isso não é o bastante. Eu não sou bastante. E se eu tivesse machucado você, noite passada? E se acontecer de novo?”

“Você não me machucou”, insistiu ela. “Você nunca me machucou. Mesmo quando você... esCapa no calor do momento, sempre volta. Você sempre me mantém em segurança.”

“E se...” A voz dele sumiu. Ele pigarreou e continuou. “Se houver filhos. Eu me preocupo com filhos.”

Ela o abraçou forte.

“Não precisamos ter pressa para ter filhos. Faz só um ano que você voltou à Inglaterra, depois de passar uma década em combate. Precisa de algum tempo para fechar essas feridas. Não precisa se colocar em quarentena em algum lugar desabitado. A escuridão *irá* embora, um dia. Quando isso acontecer, vou estar ao seu lado.”

“Você não deveria ter que esperar. Você merece alguém sem defeitos, que não seja um bruto e...” Ele exalou com força e a apertou. “Existem homens melhores, Katie.”

“Sério? Eu ainda não conheci.”

Quando colou seus lábios aos dele em um beijo doce e terno, Kate saboreou a vitória. A batalha estava quase ganha. Ela beijou a barba por fazer no rosto dele e soltou um sussurro sensual.

“Sabe, nós podíamos começar nossa lua de mel em menos de uma hora.”

Ela trocou de posição nos braços dele, fazendo com que seus seios roçassem o peito de Thorne, o que provocou sensações indescritíveis. Em ambos Samuel emitiu um gemido profundo.

“Sabe o que a Tia Sagui falou uma vez? Ela comparou você a uma bala apimentada. Duro e avassalador a princípio, mas doce por dentro. Eu admito que estou desesperada para tentar uma experiência.” Ela lhe deu um olhar provocador. “Quantas vezes você acha que eu preciso lamber você antes que derreta?”

Ele contraiu todos os seus músculos. Sorrindo, ela enfiou o rosto na curva do pescoço de Samuel e passou a língua sedutoramente por sua pele.

“Esse foi o primeiro.”

“*Katie*.” A palavra foi um alerta baixo, gutural, que fez os dedos do pé dela se curvarem.

Então ela colocou o rosto na abertura de sua camisa, e afastou o tecido para

os lados. O aroma conhecido da pele de Samuel mexeu com ela em lugares íntimos. Com um giro da língua, ela saboreou a base do pescoço dele.

“Dois.”

“Finn”, Samuel chamou com a voz trovejante, erguendo a cabeça. “Vá chamar o vigário!”

Ela se afastou, chocada.

“*Dois*? Só isso, sério? Dois? Não sei se fico orgulhosa ou desapontada.”

O rosto de Finn apareceu atrás da grade.

“Se não se importa, Cabo, posso esperar mais meia hora para chamar o vigário? Eu apostei meia-noite no bolão.”

“Sim, eu me importo. Vá chamar o vigário. Agora!”

Kate sorriu. Aquele era seu futuro marido. Quando ele decidia fazer uma coisa, ninguém ficava no seu caminho. Graças a Deus.

Ela sorriu para Samuel no escuro.

“Espero que as flores no meu cabelo não estejam murchas.”

“Estão perfeitas.” Os olhos azuis percorreram o rosto dela. “Você é tão linda, Katie. Eu nem tenho palavras.”

Ela não precisava de palavras. Que mulher iria querer elogios, quando podia ter essa adoração pura? O orgulho e o amor no olhar dele eram palpáveis. Ela tocou o rosto dele.

“Você é insuportavelmente lindo, como sempre. Eu não poderia ter sonhado com um casamento mais perfeito. Toda nossa família e todos os nossos amigos já estão reunidos lá fora. Com algumas velas, esta casinha engraçada vai se tornar uma Capela romântica. Mas você acha que Lorde Rycliff poderia tirar as algemas antes de dizermos nossos votos? Já ouvi dizer que os homens chamam o casamento de prisão, mas isto aqui é demais.”

“Demais? Isso vindo da mulher que me amarrou a uma cama.”

Ela riu baixinho, encostando a cabeça no peito dele. Ele apoiou o queixo, quadrado e pesado, no alto da cabeça dela. Em silêncio, ela podia sentir Samuel pensando, ponderando. Quando ele falou novamente, sua voz tinha um tom pensativo, aquele tom que Samuel parecia não conseguir empregar quando Katie estava olhando para ele. Ela manteve o rosto enterrado na camisa dele, para não quebrar o encanto.

“Bram deveria deixar as algemas”, ele disse, “até depois. Foi o juramento que ele fez, e parece adequado, de algum modo. Para outros homens, casamento pode parecer uma armadilha ou prisão. Não para mim, Katie. Não para mim.” Ele deu um beijo no alto de sua cabeça. “Quando eu me casar com você, vou sair

daqui um homem livre.”

Epílogo

“Silêncio! É o cavalo dele na entrada.”

Kate espiou, escondida, por entre as cortinas de veludo azul. Lá vinha ele, conduzindo sua montaria em um trote ligeiro pelo caminho de cascalho branco. Ele desmontou com um movimento rápido e ágil, e entregou as rédeas para o criado que aguardava. Sob a luz do crepúsculo, ela pôde ver as linhas severas do rosto dele. A cada ano que passava, a vida aprofundava um pouco mais aquelas linhas, gravando sua beleza como algo eterno, permanente. E sempre que ela o revia, após algum tempo, seu coração ainda dava o mesmo pulo de menina dentro do peito.

“Ele chegou!”

Com uma mão, ela pegou as saias pesadas de seda e se apressou pelo corredor, deslizando suavemente. Não era correto que uma lady corresse, porém uma lady com três filhos tinha que aprender a se mover rapidamente. Mas ela não foi a primeira a recebê-lo junto à porta. Xugo, mesmo com toda sua idade, ganhou dela a corrida até o hall de entrada, com suas unhas estalando no piso de travertino. Ele cheirou as botas de seu dono, estudando a história de sua viagem.

Ao observar os dois amigos reunidos, Kate sorriu.

“Vejo que não sou a primeira a recebê-lo em casa.”

Com um último agrado na orelha do cachorro, Samuel se endireitou.

“Mas é a mais bonita.”

Ele trouxe consigo um sopro do ar frio de outono. O aroma da floresta estava impregnado em seu sobretudo. Samuel o tirou, assim como as luvas.

Kate pegou as duas peças e beijou sua face fria.

“Onde está Williams?”, ele perguntou enquanto passava os olhos pelo aposento à procura do mordomo.

Kate mordeu o lábio.

“Oh, ele está... fazendo alguma coisa.”

Ela se virou e demorou para pendurar o casaco, com medo de olhar para ele,

preocupada que o marido pudesse suspeitar da ausência dos criados. Mas suas próximas atitudes deixaram claro que ele não pensava assim.

Samuel viu na ausência dos criados uma oportunidade. Suas mãos a pegaram pela cintura. Ele a puxou para si, apertando-a junto a seu peito largo e firme. Com os lábios gelados pelo vento, ele deu beijos em sua nuca, o que enviou ondas de sensações quentes e frias pela coluna.

Kate fechou os olhos, entregando-se ao momento. Ela apoiou as costas no peito dele e rolou a cabeça para o lado, oferecendo mais de si para os beijos de Samuel. Ah, como ela sentiu falta dele.

“Como estava Wimbley Park?”, ela murmurou.

“Uma desgraça.” Os dentes dele roçaram seus ombros.

“Os campos do sul outra vez?”

Ele rosnou uma resposta positiva enquanto mordia o lóbulo da orelha dela.

“Inundado à altura da canela.”

“Oh, céus”, ela suspirou. “E os canais de drenagem do ano passado? Pensei que...”

Com um movimento ágil, ele a virou de frente para si. A intensidade em seus olhos disse para Kate que eles não iriam falar de canais de drenagem naquele momento.

“*Katie...*”

Ele a puxou para um beijo exigente, apaixonado, que lhe disse tudo que outra mulher, talvez, quisesse ouvir em palavras: *Eu quero você. Eu preciso de você. Eu amo você. O tempo todo em que ficamos separados eu não pensei em ninguém, a não ser você.*

“Vamos lá para cima.” Ele fechou a mão nas costas do vestido dela. “Faz uma eternidade.”

Ela riu de encontro aos lábios dele.

“Desde terça-feira.”

“Como eu disse. Uma eternidade.” Ele a levantou do chão, como se fosse simplesmente jogá-la em cima do ombro e carregá-la para o colchão mais próximo.

Ela pôs as mãos no peito dele, impedindo-o.

“Não podemos. Agora não.”

Ele não pôde deixar de reparar na gravidade que a expressão dela continha. Quando a recolocou no chão, Samuel franziu a testa, preocupado.

“O que foi? O que há de errado?”

“Nada, só que...” Ela engoliu em seco. “Por favor, não fique bravo.”

Ele a pegou pelos ombros.

“Conte para mim. Agora.”

“Não se preocupe. Ninguém está doente ou sangrando.” *Ainda.* “E não é algo que eu possa simplesmente explicar. Você tem que ver com seus próprios olhos.”

Ela o pegou pela mão e levou pelo corredor. Eles caminhavam devagar, em silêncio. Ele parecia um homem indo para seu próprio funeral.

“Eu sei que você odeia essas coisas”, ela disse, desculpando-se antecipadamente. “Mas os garotos vêm me pedindo isso desde o verão, e então Marian gostou da ideia e não largou mais.” Eles pararam diante da sala de estar.

“Está tudo muito quieto”, ele reparou de repente. “Katie, não estou gostando disso.”

“Eu nem sei direito como aconteceu. As coisas simplesmente saíram de controle. Mas por favor, saiba que eles tiveram a melhor das intenções.”

Com uma última prece silenciosa para reunir coragem, Kate abriu a porta dupla.

A sala de estar entrou em uma erupção de cor e som.

“Surpresa!”, veio o grito de dezenas de pessoas. Familiares, criados, vizinhos e amigos.

“É uma festa”, disse ela. “Para você.”

“Maldição.”

Ela se encolheu, observando Samuel enquanto ele olhava a sala que transbordava de gente. Ela tinha convidado todos os proprietários vizinhos, assim como muitos antigos amigos que conseguiu atrair até Ambervale. Lorde Rycliff e Lorde Payne levaram suas famílias. Calista e Parker estavam lá, além de Harry e Ames. Como sempre, Evan cumprimentou Samuel com um aperto de mãos caloroso. Fazia tempo que os dois eram bons amigos.

“As crianças queriam lhe dar uma festa de aniversário”, sussurrou ela, acenando para Tia Sagui. “No verão passado elas perguntaram por que nós nunca comemoramos, e eu não soube o que responder. Eu disse uma data qualquer, porque achei que iriam esquecer. Mas não esqueceram. Elas são teimosas, assim como o pai.”

“Elas são inteligentes”, disse ele. “E isso é culpa só sua.”

As três crianças esperavam de pé no meio da sala transbordando de satisfação, ao perceber que tinham conseguido emocionar seu papai formidável. Marian Claire, de quase 8 anos de idade, Martin Christopher, um pouco mais novo e o menor, Mark Charles, que veio cambaleando pela sala e grudou na perna do papai.

Eles deram a todos nomes com iniciais M. C. Ela convenceu Samuel quando o primeiro filho nasceu. Ele tinha sugerido Simon ou Elinor, pelos pais dela, mas o que Kate mais queria era dar um significado diferente àquelas letras tatuadas debaixo do coração dele. Não havia nada de “Mau Caráter” nele agora, se é que algum dia houve. Apenas “Pai Dedicado”, “Empregador Justo”, “Amigo Leal”... e “Marido Amoroso”. Não havia uma única alma, naquela sala de estar abarrotada, que não o admirasse. Mas Kate não acreditava que alguém pudesse amar aquele homem mais do que ela. Ela pôs a mão na barriga. Se as suspeitas que a vinham incomodando desde as últimas semanas se mostrassem verdadeiras, eles logo teriam que pensar em outro nome composto. Do jeito que aquele homem era viril, ela só esperava que eles conseguissem parar antes de terem que usar Marieta Cabeça-de-Couve.

Quando ela encontrou seu olhar, Samuel arqueou a sobrancelha, fazendo uma expressão de censura. Mas ela tinha desenvolvido um talento para ler as mudanças sutis em sua expressão pétrea, e Kate sabia que ele não estava bravo.

Samuel pegou Mark no chão e o colocou nos ombros.

“Venha ver o bolo!”, Marian puxou a manga do pai, levando-o até uma mesa repleta de refrescos. No centro havia um bolo ligeiramente inclinado.

“Foi a Marian que fez a cobertura”, disse Kate.

Marian ficou na ponta dos pés, cheia de orgulho.

“Tem geleia de damasco dentro. Mais tarde nós vamos cantar para você. Mamãe nos ensinou uma canção nova.” Ela girou para um lado e para outro, rodando as saias de seu melhor vestido. “Gostou da sua festa, papai?”

“Não, eu não gostei.”

Kate lhe enviou um olhar suplicante. Samuel não gostava de agitação – e muito menos de bolo –, mas ela esperava que ele pudesse aguentar tudo aquilo por uma noite.

Com a mão grande e fria, ele pegou delicadamente o queixo da filha, e ergueu seu rostinho para que ela pudesse vê-lo dizer:

“Eu amei. E amo você.”

LEIA TAMBÉM



Uma noite para se entregar
Tessa Dare
Tradução de A C Reis

Spindle Cove é o destino de certos tipos de jovens mulheres: bem- nascidas, delicadas, tímidas, que não se adaptaram ao casamento ou que se desencantaram com ele, ou então as que se encantaram demais com o homem errado. Susanna Finch, a linda e extremamente inteligente filha única do Conselheiro Real, Sir Lewis Finch, é a anfitriã da vila. Ela lidera as jovens que lá vivem, defendendo-as com unhas e dentes, pois tem o compromisso de transformá-las em grandes mulheres, descobrindo e desenvolvendo seus talentos. O lugar é bastante pacato, até o dia em que chega o tenente-coronel do Exército Britânico, Victor Bramwell. O forte homem viu sua vida despedaçar-se quando uma bala de chumbo atravessou seu joelho enquanto defendia a Inglaterra na guerra contra Napoleão. Como sabe que Sir Lewis Finch é o único que pode devolver seu comando, vai pedir sua ajuda. Porém, em vez disso, ganha um título não solicitado de lorde, um castelo que não queria, e a missão de reunir um grupo de homens da região, equipá-los, armá-los e treiná-los para estabelecer uma milícia respeitável. Susanna não quer aquele homem invadindo sua tranquila vida, mas

Bramwell não está disposto a desistir de conseguir o que deseja. Então os dois se preparam para se enfrentar e iniciar uma intensa batalha! O que ambos não imaginam é que a mesma força que os repele pode se transformar em uma atração incontrolável.



Uma semana para se perder
Tessa Dare
Tradução de A C Reis

O que pode acontecer quando um canalha decide acompanhar uma mulher inteligente em uma viagem?
A bela e inteligente geóloga Minerva Highwood, uma das solteiras convictas de Spindle Cove, precisa ir à Escócia para apresentar uma grande descoberta em um importante simpósio. Mas para que isso aconteça, ela precisará encontrar alguém que a leve.
Colin Sandhurst Payne, o Lorde Payne, um libertino de primeira, quer estar em qualquer lugar – menos em Spindle Cove. Minerva decide, então, que ele é a pessoa ideal para embarcar com ela em sua aventura. Mas como uma mulher solteira poderia viajar acompanhada por um homem sem reputação?
Esses parceiros improváveis têm uma semana para convencer suas famílias de que estão apaixonados, forjar uma fuga, correr de bandidos armados, sobreviver aos seus piores pesadelos e viajar 400 milhas sem se matar. Tudo isso dividindo uma pequena carruagem de dia e compartilhando uma cama menor ainda à noite. Mas durante essa conturbada convivência, Colin revela um caráter muito mais

profundo que seu exterior jovial, e Minerva prova que a concha em que vive esconde uma bela e brilhante alma.
Talvez uma semana seja tempo suficiente para encontrarem um mundo de problemas. Ou, quem sabe, um amor eterno.

Copyright © 2012 Eve Ortega
Copyright © 2015 Editora Gutenberg

Título original: *A Lady by Midnight*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

editora responsável
Silvia Tocci Masini

assistentes editoriais
Carol Christo
Felipe Castilho

preparação
Andresa Vidal Branco

revisão
Cristiane Maruyama

Capa
Carol Oliveira
(sobre a imagem de Kiselev Andrey Valerevich [Shutterstock])

diagramação

Guilherme Fagundes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Dare, Tessa
A dama da meia-noite / Tessa Dare ; tradução A C Reis. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2015. -- (Série Spindle Cove, 3)
Título original: A Lady by Midnight.

ISBN 978-85-8235-329-5

1. Ficção histórica 2. Romance norte-americano I. Título.
15-09395 CDD-813
Índices para catálogo sistemático:
1. Romances históricos : Literatura norte-americana 813

A **Gutenberg** é uma editora do **Grupo Autêntica**

São Paulo
Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional,
Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940 . São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte
Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Rio de Janeiro
Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ
Tel.: (55 21) 3179 1975

Televendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br


TESSA DARE
Uma duquesa qualquer
Série Spindle Cove – 4
GUTENBERG

Uma duquesa qualquer

Copyright © 2013 Eve Ortega
Copyright © 2017 Editora Gutenberg

Título original: *Any Duchess Will Do*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Silvia Tocci Masini*

EDITORAS ASSISTENTES *Carol Christo Nilce Xavier*

ASSISTENTE EDITORIAL *Andresa Vidal Vilchenski*

PREPARAÇÃO *Andresa Vidal Vilchenski*

REVISÃO FINAL *Mariana Paixão*

CAPA *Carol Oliveira (sobre imagem de ATeam/Shutterstock)*

DIAGRAMAÇÃO *Larissa Carvalho Mazzoni*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Dare, Tessa

Uma duquesa qualquer / Tessa Dare ; tradução A C Reis. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2017. -- (Série Spindle Cove, 4)

Título original: Any Duchess Will Do.

ISBN 978-85-8235-473-5

1. Ficção histórica 2. Romance norte-americano I. Reis, A C. II. Título III. Série.

17-06233 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances históricos : Literatura norte-americana 813

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2301 . Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468
www.editoragutenberg.com.br

Belo Horizonte
Rua Carlos Tuner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro
Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975

Série Spindle Cove • *Livro 4*

TESSA DARE



Uma duquesa qualquer

TRADUÇÃO: A C Reis

GUTENBERG

Para bibliotecárias e livreiros em todo o mundo que, com livros,
constroem abrigos para almas sensíveis.

Capítulo um

Griff abriu os olhos lentamente. Uma pontada lancinante de dor mostrou que tinha cometido um grave erro. Rapidamente fechou-os de novo e pôs a mão sobre o rosto, gemendo. Algo de muito errado tinha acontecido.

Ele precisava se barbear. Precisava de um banho. Talvez precisasse até vomitar. Mas suas tentativas de se lembrar de alguma coisa da noite passada resultaram em outra pontada de agonia.

Ele tentou ignorar a dor latejante nas têmporas e se concentrou naquela espécie de colchão macio debaixo de suas costas. Aquela não era a cama dele. Talvez nem mesmo fosse uma cama... Seria uma sensação provocada por seu enjoo ou a droga daquela coisa estava se mexendo?

– Griff – a voz chegou até ele através de uma névoa espessa e pastosa. Estava abafada, mas com certeza era feminina.

Pelas barbas do profeta, Halford. Da próxima vez que decidir se deitar com uma mulher depois de meses de seca, pelo menos fique sóbrio o bastante para se lembrar do que aconteceu. Ele xingou a própria estupidez. A duração épica de seu celibato foi, sem dúvida, a razão pela qual se deixou seduzir por... quem quer que ela fosse. Griff não fazia ideia de qual era o nome ou de como era o rosto dela. Só tinha a vaga impressão de uma presença feminina por perto. Ele sentiu o aroma de um perfume indefinido do ar, do tipo que parecia ser caro. Droga. Ele precisaria de joias para sair daquela situação, sem dúvida.

Algo pontudo o atingiu do lado do corpo.

– Acorde.

Ele conhecia aquela voz? Mantendo uma das mãos sobre os olhos, ele tateou com a outra. Pegou um punhado de seda pesada e deslizou os dedos para baixo, até fechá-los em torno de uma meia sobre um tornozelo. Suspirando um pedido indefinido de desculpa, deslizou o polegar para cima e para baixo.

Um guincho de indignação feminina lhe chegou aos ouvidos, e um objeto inflexível atingiu sua cabeça, com força. À dor latejante no crânio, agora ele podia acrescentar um zunido.

– Griffin Eliot York! Sério!

Maldição. Sem se importar com a enxaqueca ou com a luz do sol, ele se endireitou de súbito, batendo a cabeça de novo, desta vez no teto baixo. Piscando, confirmou a verdade inconcebível: ele não estava em seu quarto. Nem em qualquer outro quarto, mas numa carruagem. E a mulher sentada diante dele era familiar demais, com as duas voltas de rubis no pescoço e o cabelo grisalho penteado com elegância.

– Mãe?

– Acorde. – Ela bateu de novo nele com a sombrinha fechada.

– Estou acordado. Estou acordado. – Quando a mulher preparou outro golpe, Griff ergueu as mãos, rendendo-se. – Bom Deus. Acho que nunca mais vou dormir.

Embora o ar dentro da carruagem estivesse quente como em um forno, ele estremeceu. Com certeza precisava de um banho. Griff olhou pela janela e não viu nada além de grandes extensões de verde, manchadas pelas sombras das nuvens. A sombra curta da carruagem indicava que era meio-dia.

– Onde diabos nós estamos? E por quê?

Ele tentou organizar as lembranças da noite anterior. Essa não era a primeira vez que acordava em um ambiente desconhecido, com a cabeça zunindo e o estômago revirado... mas já fazia muito tempo desde a última vez. Ele pensava que tinha deixado esse tipo de devassidão para trás. Então, o que tinha acontecido?

Griff não tinha bebido mais vinho do que de costume no jantar, mas se lembrava de que quando serviram o peixe, o padrão desenhado na porcelana parecia se mover, ondulando diante de seus olhos. Depois disso, ele lembrava... de nada. Droga. Ele deve ter sido drogado. Sequestrado.

Ele ficou alerta e firmou os pés no chão da carruagem. Quem quer que fossem seus sequestradores, supunha que estariam armados. Griff não tinha uma pistola nem uma faca, mas possuía punhos certeiros, reflexos afiados e sua cabeça estava cada vez mais desanuviada. Sozinho, ele teria se arriscado. Mas os vagabundos também tinham pegado sua mãe.

– Não se preocupe – ele disse para ela.

– Ah, nem em sonho eu me preocuparia. Faz mal para a pele. – Ela tocou o

colar de rubis.

Aqueles rubis o fizeram pensar... Que tipo patético de sequestrador usa a carruagem da família e deixa a sequestrada com suas joias que valem milhares de libras? *Com todos os diabos*.

– *Você*.

– Hum? – A mãe levantou as sobrancelhas, inocente.

– Você fez isso! Você pôs algo no meu vinho durante o jantar e me jogou na carruagem. – Ele passou a mão pelo cabelo. – Meu Deus. Não consigo acreditar.

Ela olhou pela janela e deu de ombros. Ou melhor, ela fez a versão duquesa de "dar de ombros" – um movimento que não envolvia nada tão comum ou desajeitado como a flexão dos músculos dos ombros, mas apenas uma leve inclinação da cabeça.

– Você nunca teria vindo se eu *pedisse*.

Incrível. Griff fechou os olhos. Em situações como essa, ele precisava se lembrar de que um homem só tinha uma mãe, e que sua mãe só tinha um filho, que carregou no ventre e em cujo parto sofreu. Mas ele não queria pensar no ventre dela nesse instante – não enquanto ainda tentava, desesperado, esquecer que ela possuía tornozelos.

– Onde nós estamos? – ele perguntou.

– Sussex.

Sussex. Um dos poucos condados na Inglaterra em que ele não detinha nenhuma propriedade.

– E qual o objetivo desta missão tão urgente?

– Nós vamos conhecer sua futura noiva. – Um sorriso curvou os lábios da mãe.

Griff encarou a mãe. Muitos momentos se passaram até que ele conseguisse dizer algo coerente.

– Você é uma mulher ardilosa, diabólica e com excesso de tempo ocioso.

– E você é o 8º Duque de Halford – ela retrucou. – Eu sei que isso não significa muito para você. A vergonha em Oxford, a jogatina, os anos de devassidão sem propósito... Você parece decidido a não ser nada além de uma mancha infeliz na distinta linhagem Halford. No mínimo, precisa começar a próxima geração enquanto eu ainda tenho saúde para moldá-la. Você tem a responsabilidade de...

– De continuar a linhagem. – Ele fechou os olhos e apertou a ponte do nariz. – Foi o que me disseram. Várias e várias vezes.

– Você vai fazer 35 anos, Griff.

– Sim. O que me torna velho demais para ser chamado “Griff”.

– O mais importante é que tenho 58 anos. Preciso de netos antes que comece meu declínio. Não é certo que duas gerações da família fiquem gagás ao mesmo tempo.

– Seu declínio? – Ele riu. – Diga-me, mãe, como eu faço para acelerar esse processo? Além de lhe dar um empurrão?

– Ouse! – Ela arqueou as sobrancelhas, achando graça.

Griff suspirou. Sua mãe era... sua mãe. Não havia outra mulher como ela na Inglaterra, e era melhor que o resto do mundo agradecesse por Deus ter jogado o molde no lixo. Como as joias que ela adorava usar, Judith York era uma mistura formidável de refinamento exterior e fogo interior.

Durante a maior parte do ano, eles levaram vidas completamente separadas, só residiam na mesma casa durante os poucos meses da temporada londrina. Aparentemente, até isso era demais.

– Eu fui paciente – ela disse. – Agora estou desesperada. Você precisa casar, e tem que ser logo. Eu tentei encontrar as melhores e mais belas jovens da Inglaterra para tentá-lo. E encontrei, mas você as ignorou. Percebi, afinal, que a resposta não está na qualidade, mas na *quantidade*.

– *Quantidade?* Você está me levando para alguma comunidade utópica de amor livre, em que os homens podem ter quantas mulheres quiserem?

– Não seja ridículo.

– Eu estava sendo esperançoso.

– Você é terrível. – Os lábios dela se comprimiram em uma demonstração de desdém.

– Obrigado. Eu me esforço para isso.

– O que me faz lamentar com frequência. Se você aplicasse o mesmo esforço para... outra coisa.

Griff fechou os olhos. Se havia uma conversa mais enfadonha e repetitiva do que a “Quando você vai se casar?”, era a “Você é uma grande decepção”. Somente sua família podia considerar “decepcionante” a administração bem-sucedida de uma vasta fortuna, seis propriedades, centenas de empregados e milhares de arrendatários. Impressionante para a maioria dos padrões. Mas na família Halford não era suficiente. A menos que um homem reformasse o Parlamento ou descobrisse uma nova rota comercial para a Patagônia, ele não era grande coisa.

Ele olhou pela janela outra vez. A carruagem parecia estar entrando em uma espécie de vila. Abriu o vidro e descobriu que podia sentir o cheiro do mar. Um frescor marinho, salgado, misturado ao aroma das plantas do campo.

– É um lugar bonitinho – a mãe disse. – Muito limpo e sossegado. Compreendo por que é tão popular entre as jovens.

A carruagem parou no centro da vila, perto de um gramado amplo e agradável, que circundava uma grandiosa igreja medieval. Ele espiou pela janela, olhando em todas as direções. O lugar era pequeno demais para ser Brighton ou...

– Espere um minuto... – Uma suspeita desagradável se formou na cabeça dele. Ela não podia ter... Ela *não* teria.

O criado uniformizado abriu a porta da carruagem.

– Bom dia, vossas graças. Chegamos a Spindle Cove.



– Oh, *saco*.

Quando a elegante carruagem apareceu sacolejando pela rua, Pauline não deu atenção. Muitas carruagens refinadas vinham por esse mesmo caminho, trazendo um visitante ou outro para a vila. Diziam que uma temporada em Spindle Cove era tudo o que qualquer moça bem-nascida precisava para se recuperar de uma crise de autoconfiança. Mas Pauline não era uma moça bem-nascida e seus problemas eram mais práticos. Como o fato de ter pisado em uma poça de barro, salpicando lama na barra de seu vestido. E sua irmã estar chorando pela segunda vez naquela manhã.

– A lista – Daniela disse. – Não está aqui.

Droga. Pauline sabia que não teria tempo de voltar à fazenda. Dentro de poucos minutos precisaria estar na taverna. Era sábado, dia da reunião semanal das mulheres de Spindle Cove, quando a casa de chá e taverna, Touro & Flor, ficava mais cheia. O Sr. Fosbury era um patrão justo, mas ele descontava atrasos do salário, e o pai dela percebia.

Frenética, Daniela vasculhava o bolso, seus olhos marejados de lágrimas.

– Não está aqui, não está aqui.

– Não importa. Eu me lembro de tudo. – Sacudindo as saias para se livrar das gotas de lama, Pauline foi enumerando os itens de cabeça: – Groselhas secas, novelo de lã, um pouco de esponja. Oh, e alúmen em pó. Minha mãe precisa para fazer conservas.

Quando elas entraram na loja Tem de Tudo, dos Bright, encontraram o lugar lotado. As turistas se preparavam para a reunião semanal e as moradoras faziam suas compras. Moradoras como a Sra. Whittlecombe, uma viúva idosa que só saía de sua decrépita casa de fazenda uma vez por semana, para se abastecer de doces e vinho "medicinal". Enquanto Pauline e Daniela se espremiam entre as clientes para entrar na loja, a mulher lhes deu uma fungada desdenhosa.

Pauline conseguiu distinguir duas cabeças muito loiras do outro lado do balcão. Sally Bright estava ocupada com as freguesas e seu irmão mais novo, Rufus, entrava e saía do estoque. Felizmente, Pauline e Daniela eram amigas da família Bright desde sempre, e assim não precisavam ser atendidas na loja.

– Ponha os ovos de lado – Pauline disse à irmã. – Eu vou buscar a esponja e o novelo no estoque. Você pega duas medidas de groselha e uma de alúmen.

Daniela colocou a cesta de ovos vermelhos com cuidado sobre o balcão e foi até uma fileira de barris. Seus lábios se moviam enquanto procurava o rótulo GROSELHAS em um deles. Então ela franziu a testa, concentrada, ao despejar duas medidas em um cone de papel pardo.

Depois de ver que a irmã estava cumprindo a tarefa, Pauline pegou os outros itens necessários no estoque. Ao voltar, Daniela a esperava com os produtos nas mãos.

– Alúmen demais... – Pauline disse, conferindo. – Era para ser só uma medida.

– Ah. Ah, não.

– Está tudo bem – ela disse com a voz calma. – É fácil de consertar. Ponha o excedente de volta.

Pauline torceu para que a irmã não reparasse na expressão de deboche da Sra. Whittlecombe.

– Não sei se vou continuar a fazer minhas compras nesta loja – a velha disse –, onde permitem que garotas abobalhadas fiquem atrás do balcão.

Sally Bright deu um sorriso sarcástico para a mulher.

– Só nos diga quando podemos parar de manter seu láudano em estoque, Sra. Whittlecombe.

– É apenas um tônico para a saúde.

– É claro que sim – Sally disse, seca.

Pauline foi até o livro-caixa para registrar suas compras. Ela adorava essa parte, quando virava as páginas lentamente, demorando-se para examinar as anotações e cálculos de Sally. Algum dia ela teria sua própria loja e cuidaria dos seus livros-caixa. Esse era um sonho que ela não tinha contado para ninguém,

nem para sua melhor amiga, era apenas uma promessa que ela recitava para si mesma, quando as horas de trabalho na fazenda e na taverna pesavam em seus ombros... Algum dia.

Pauline encontrou a página correta. Depois do crédito que receberam por trazer os ovos, só deviam seis pence pelo resto da compra. Ótimo.

Blam. Ela rapidamente levantou a cabeça, assustada.

– Minha nossa, garota! Que diabos está fazendo? – A Sra. Whittlecombe bateu no balcão de novo.

– Eu... eu es-estou de-devolvendo o alúmen – Daniela gaguejou.

– Isso n-não é al-alúmen – a mulher debochou do jeito de falar de Daniela. – É açúcar.

Oh, saco. Pauline franziu a testa, sabendo que ela mesma deveria ter feito aquilo, mas queria tanto que a irmã mostrasse para a bruxa velha que era capaz... Agora a bruxa velha ria, triunfante. E, confusa, Daniela sorriu e tentou rir junto.

Pauline sentiu um aperto no coração pela irmã. Elas só tinham um ano de idade de diferença, mas eram tantos de entendimento! De todas as coisas que eram mais difíceis para Daniela do que para outras pessoas – pronunciar palavras terminando em consoantes, subtrair de números maiores que dez –, crueldade parecia ser o conceito mais complicado para ela. O que era uma misericórdia na família de Amos Simms, o pai delas.

– Não o açúcar refinado – Rufus Bright lamentou.

Sally lhe deu um tapa na orelha.

– Eu acabei de abrir o barril – ele disse, se desculpando e esfregando a orelha. – Estava quase cheio.

– Bem, agora está todo estragado – disse, convencida, a Sra. Whittlecombe.

– Eu vou pagar pelo açúcar – Pauline disse, e no mesmo instante ela se sentiu nauseada, como se tivesse engolido três quilos do produto. Açúcar branco refinado era muito caro.

– Você não precisa fazer isso – Sally disse com a voz baixa. – Nós somos praticamente irmãs. Nós deveríamos ser irmãs *de verdade*, se meu irmão Errol tivesse algo na cabeça.

Pauline meneou a cabeça. Ela tinha parado de sonhar com Errol Bright muitos anos atrás, quando se separaram, e não queria se sentir devedora dele.

– Eu vou pagar – ela insistiu. – O erro foi meu. Eu mesma deveria ter feito isso, mas estava com pressa.

E agora ela se atrasaria para o trabalho na Touro & Flor. Aquele dia ficava

cada vez pior.

Sally parecia angustiada, dividida entre a necessidade de faturar e o desejo de ajudar uma amiga.

No canto, Daniela finalmente se deu conta das consequências de seu erro.

– Eu ponho de volta – ela disse, retirando material do barril de açúcar e jogando no de alúmen, molhando tudo com suas lágrimas. – Eu posso consertar.

– Está tudo bem, querida. – Pauline se aproximou dela e retirou, com delicadeza, a medida de lata da mão da irmã. – Pode cobrar – ela disse para Sally, com firmeza. – Eu acho que tenho algum crédito no livro-caixa.

Ela não apenas *achava* que tinha crédito. Ela *sabia* que tinha. Várias páginas depois da conta da família Simms, havia uma entrada singela, marcada apenas como PAULINE, que exibia o balanço exato de duas libras, quatro xelins e oito pence. Ao longo dos últimos anos, ela guardou e economizou cada moeda que pôde, confiando a guarda ao livro-caixa de Sally. Aquela era a coisa mais próxima de conta bancária que uma atendente de taverna como ela podia ter. Pauline vinha economizando para algo melhor para ela e para a irmã. Economizando para algum dia...

– Pode cobrar – ela insistiu.

Com alguns rabiscos da pena de Sally, quase todo o dinheiro desapareceu. Sobraram onze xelins e oito pence.

– Eu não cobrei o alúmen – Sally murmurou.

– Obrigada. – Isso não ajudava muito, na verdade, mas já era algo. – Rufus, você poderia, por favor, acompanhar minha irmã até em casa? Eu estou atrasada para o trabalho, e ela está chateada.

Rufus, parecendo envergonhado de seu comportamento anterior, ofereceu o braço a Daniela.

– Claro que posso. Venha, Danny. Eu a levo na carroça.

Quando Daniela resistiu, Pauline a abraçou e sussurrou:

– Vá para casa, querida, e à noite eu levo seu penny.

A promessa iluminou o rosto de Daniela. A tarefa diária dela era recolher os ovos, contá-los e examiná-los, preparando-os para a venda. Como remuneração, Pauline lhe dava um penny por semana.

Toda noite de sábado, ela via Daniela guardar a moeda, com cuidado, em uma lata de chá velha e batida. Então sacudia a lata e sorria, satisfeita com o som de chocalho. Era um ritual que agradava as duas. Na manhã seguinte, a mesma

moeda, tão valorizada, era colocada na cesta da igreja – todo domingo, sem falha.

– Vá com ele. – Ela se despediu da irmã com um sorriso que demonstrava uma alegria que Pauline não sentia.

Depois que Rufus e Daniela saíram, a Sra. Whittlecombe cresceu de satisfação.

– Que sirva de lição para você, por trazer uma tonta para a vila.

– Vá com calma, Sra. Whittlecombe – disse um cliente. – Você sabe que elas fazem o que podem.

Pauline se contraiu por dentro. Aquela frase, não. Ela a tinha ouvido inúmeras vezes ao longo da vida. Sempre com aquele tom de pena, em geral acompanhada de um suspiro: *Não dá para esperar muito das garotas Simms... Você sabe que elas fazem o que podem.*

Em outras palavras, ninguém esperava que elas fizessem algo certo. Como podiam? Duas garotas indesejadas em uma família sem filhos homens. Uma simplória e a outra sem qualquer atrativo feminino.

Só uma vez, Pauline queria ser conhecida não por suas *boas intenções*, mas por ser *boa* em algo. E esse dia não seria hoje. Não só porque tudo tinha dado errado, mas também porque, ao encarar a Sra. Whittlecombe, Pauline não conseguiu encontrar nenhuma boa intenção dentro de si. A raiva cresceu dentro dela, como uma planta com espinhos afiados e seiva amarga.

A velha colocou duas garrafas de tônico em sua sacola de compras. As duas tilintaram de um modo que só aumentou a fúria de Pauline.

– Da próxima vez, mantenha aquela *coisa* em casa.

As mãos dela se fecharam em punhos ao lado do corpo. É claro que ela não bateria em uma velha do mesmo modo que tinha feito com os garotos que as provocavam na escola, mas o movimento foi instintivo.

– Daniela não é uma coisa! Ela é uma pessoa!

– Ela é uma simplória. Não deve sair de casa.

– Ela cometeu um erro, do mesmo modo que todos cometem. – Pauline estendeu a mão para o barril de açúcar branco estragado. Era dela agora, não? Ela pagou pelo barril todo. – Por exemplo, todo mundo sabe que eu sou muito desajeitada.

– Pauline – Sally pediu. – Por favor, não.

Tarde demais. Com uma explosão irada, ela jogou o conteúdo do barril para cima. A loja foi coberta por uma explosão branca, e a Sra. Whittlecombe foi

pega no centro da tempestade de açúcar, onde ficou tossindo e praguejando em meio a uma nuvem do produto. Quando a poeira baixou, ela parecia a esposa de Lot, mas transformada em uma estátua de açúcar, em vez de sal.

A sensação de vingança divina que tomou Pauline quase valeu todo aquele dinheiro suado. Quase. Ela jogou o barril vazio no chão.

– Oh, céus. Que burrice a minha.



Griff observou a mãe, que mantinha aquele sorriso convencido nos lábios. Dessa vez ela tinha ido longe demais. Aquilo não era só uma intromissão, era algo diabólico.

Spindle Cove, a cidade das solteironas. Ele nunca tinha estado nesse lugar, mas conhecia bem sua reputação. Era nesse vilarejo litorâneo que as solteironas bordavam e as tuberculosas encontravam a cura.

Aceitando a mão do criado, a duquesa desceu da carruagem.

– Este lugar está fervilhando de jovens bem-nascidas e solteiras.

Ela gesticulou na direção de uma pensão. Uma placa pendurada sobre a porta de entrada anunciava que ali era a QUEEN'S RUBY.

Griff arregalou os olhos para as venezianas verdes e as floreiras com gerânios nas janelas. Preferiria nadar com os tubarões. Ele se virou e caminhou na direção oposta.

– Aonde você está indo? – a mãe perguntou, indo atrás dele.

– Ali. – Ele indicou, com o queixo, uma taverna do outro lado da praça. Focando na placa sobre a porta vermelha, ele leu o nome, Touro & Flor. – Vou tomar uma caneca de cerveja e comer algo.

– E quanto a mim?

Griff fez um gesto exagerado.

– Fique à vontade. Pegue uma suíte na hospedaria. Aproveite as saudáveis brisas marinhas. Mando a carruagem para buscá-la dentro de algumas semanas. – E acrescentou baixo: – Ou alguns anos.

O criado seguiu-os, a um passo respeitável atrás, segurando a sombrinha aberta para proteger a duquesa do sol.

– Absolutamente não! – ela disse. – Você vai escolher uma noiva e será hoje.

– Você não entende qual tipo de moça é enviada para esta vila? As que não conseguem casar!

– Exatamente. É perfeito. Nenhuma delas irá rejeitá-lo.

As palavras da mãe fizeram com que Griff parasse e se virasse para encará-la.

– *Me* rejeitar?

Por razões óbvias, ele evitava discutir seus casos com a mãe. Mas a razão pela qual ele se mantinha celibatário nos últimos meses não tinha nada a ver com ser rejeitado pelas mulheres. Havia muitas mulheres – lindas, sofisticadas, sensuais – que o receberiam de braços abertos em sua cama quando ele quisesse. Griff teve vontade de dizer isso, mas um homem não pode dizer essas coisas para a mãe.

Entretanto, ela não pareceu ter dificuldade para interpretar o silêncio dele.

– Não estou falando de carnalidade, mas de seu potencial como marido. Sua reputação deixa muito a desejar. – Ela raspou alguma coisa da manga dele. – E tem o problema com a idade.

– Que problema com a idade? – Griff estava com 34 anos. Pelos cálculos dele, seu pênis ainda tinha, pelo menos, umas três décadas de bom funcionamento.

– É claro que sua aparência é boa – ela continuou. – Mas existem homens mais bonitos.

– Tem certeza de que você é minha mãe?

Ela se virou e continuou andando.

– O fato é que a maioria das damas da sociedade desistiram de você como marido em potencial. Uma vila cheia de solteironas desesperadas é exatamente o que precisamos. Você tem que admitir, esse lugar funcionou muito bem para aquele seu amigo malandro, Lorde Payne.

Pelo amor de Deus. Então era essa a explicação para aquilo. Malditos fossem aquele patife do Colin Sandhurst e sua esposa quatro-olhos, amante de livros. No ano anterior, seu antigo amigo de jogatina foi mantido preso, sem dinheiro, naquela vila litorânea, e escapou ao fugir com uma intelectual. O casal tinha até parado em Winterset Grange, o retiro rural de Griff, em sua rota para a Escócia. Mas a situação dos dois era completamente diferente. Griff não estava desesperado por dinheiro, nem por companhia. Casamento simplesmente não era seu destino.

A mãe o encarou, séria.

– Você estava esperando pelo amor?

– O quê?

– É uma pergunta simples. Você evitou se casar, durante todos esses anos, porque estava esperando se apaixonar?

Uma pergunta simples, ela disse. Mas a resposta não era.

Ele poderia tê-la levado para a taverna, pedido algumas taças grandes de vinho e explicado tudo em uma hora ou duas. Explicado que ele não se casaria na próxima temporada, nem em qualquer outra. O único filho dela não seria apenas uma mancha na distinta linhagem Halford, mas o literal fim da linha, e o legado da família que ela tanto estimava estava condenado à obscuridade. A esperança de ter netos seria frustrada.

Mas ele não conseguiu fazer isso. Nem mesmo nesse dia em que ela estava tão irritante. Era melhor continuar sendo um malando dissoluto, porém recuperável, do que partir o coração da mãe.

– Não – ele respondeu, sincero. – Não estou esperando pelo amor.

– Bem, isso é conveniente. Nós podemos resolver a situação em uma manhã. Não se preocupe em encontrar a beleza mais refinada da Inglaterra. Você pode encontrar uma garota – qualquer garota –, que eu mesma irei refiná-la. Quem melhor para preparar a futura Duquesa de Halford do que a atual Duquesa de Halford?

Eles chegaram à entrada da taverna e a mãe olhou para a maçaneta da porta. O criado se adiantou para abri-la.

– Oh, veja – ela disse ao entrar. – Que sorte. Elas estão aqui.

Griff olhou. A cena era mais abominável do que ele poderia ter imaginado. Aquele lugar nem parecia uma "taverna", mas uma casa de chá. Moças lotavam o estabelecimento, reunidas ao redor das mesas, com os rostos franzidos de concentração. Elas pareciam estar ocupadas com uma das tarefas absurdas que passavam por "realização" feminina nos dias de hoje. Enfeites de papel, ao que parecia. E elas nem estavam usando folhas novas, contentavam-se em arrancar páginas de livros para fazer seus adornos estranhos para bules e bandejas de chá.

Ele olhou para a pilha mais próxima de volumes: *A Sabedoria da Sra. Worthington para Jovens* era o título de um deles. Assustador.

Isso era tudo que ele tinha evitado durante anos. Uma sala cheia de mulheres jovens, solteiras e sem graça, dentre as quais era esperado que ele encontrasse uma noiva adequada.

Cutucada pela amiga, uma jovem se levantou e fez uma mesura.

– Podemos ajudá-la, madame?

– Vossa Graça.

– Madame? – A jovem franziu a testa.

– Eu sou a Duquesa de Halford. Você deve se dirigir a mim como "Vossa Graça".

– Ah, entendo. – Enquanto a amiga que a tinha cutucado abafava uma risadinha nervosa, a moça de cabelos claros tentou de novo: – Podemos ajudá-la, Vossa Graça?

– Apenas fique ereta, garota. Para que meu filho possa vê-la. – Ela virou a cabeça, examinando o restante do salão. – Todas vocês, de pé e em sua melhor postura!

Griff sentiu uma dor aguda penetrar em seu crânio quando as pernas das cadeiras arranharam as tábuas do chão. Uma por uma, as moças se levantaram, obedientes.

Ele notou algumas marcas de varíola e alguns dentes tortos. Mas nenhuma delas era horrível. Algumas eram apenas... frágeis. Outras estavam bronzeadas de sol, o que era deselegante.

– Bem – a duquesa disse, andando até o centro da sala com passos longos. – Joias brutas. Em alguns casos, *muito* brutas. Mas todas são de boas famílias, então, lapidando um pouco... – Ela se virou para o filho. – Pode escolher, Halford. Escolha qualquer garota que lhe agradar, e eu irei transformá-la em duquesa.

Todas as bocas no salão se abriram. Todas, menos a de Griff. Ele massageou as têmporas latejantes e começou a pensar em um breve discurso. *Senhoritas, eu lhes imploro. Não deem atenção a esta maluca. Ela está próxima de seu declínio. Está ficando caduca.*

Mas então, ele pensou... Uma saída rápida seria bondade demais para com a mãe. Com certeza a punição adequada seria o oposto disso: fazer exatamente o que a mãe lhe pedia.

– Você afirma que pode transformar qualquer uma destas garotas em duquesa?

– É claro que posso – a mãe afirmou.

– E quem será o juiz do seu sucesso?

– A Sociedade, é claro. – Ela arqueou uma sobrancelha. – Escolha sua jovem e ela será celebrada até o fim da próxima temporada de Londres.

– Celebrada por Londres, você diz? – Ele deu uma risada ambígua.

Griff vasculhou a taverna uma segunda vez, planejando se declarar louca e instantaneamente apaixonado pela pirralha mais tímida, desajeitada e grosseira do lugar, para então ver sua mãe gaguejar e se desesperar.

Contudo, pelos olhares divertidos que as jovens trocaram, Griff sentiu que havia mais coragem e inteligência naquela sala do que sua primeira impressão tinha indicado. Aquelas mulheres não eram tolas. E embora cada uma delas

tivesse seus defeitos e imperfeições – quem não tem? –, nenhuma era inadequada de um modo chocante e insuperável.

Droga. Ele queria tanto ensinar uma lição à mãe intrometida. Mas, a julgar pela situação, ele pensou que talvez fosse melhor apenas murmurar um pedido de desculpas e arrastar a duquesa de volta para a carruagem, deixando-a no asilo de Bedlam no caminho de casa.

E então, com um ranger das dobradiças e uma batida na porta dos fundos... A salvação dele chegou.

Ela entrou, tropeçando, pela entrada dos fundos da taverna, ofegante e com o rosto vermelho. Suas botas e a barra do vestido estavam salpicadas por uma quantidade assustadora de lama, e um pó branco estranho recobria todo o resto.

Um avental de atendente estava pendurado em seu pescoço, um pouco folgado. Quando ela pegou as faixas e as amarrou na cintura, o aperto dos laços revelou um corpo magro, quase de garoto. Ela não era exatamente um violão, estava mais para um fagote.

– Já passa das 10 horas, Pauline – veio uma voz masculina na cozinha.

– Perdão, Sr. Fosbury – ela respondeu. – Não vou me atrasar de novo.

A dicção e o sotaque dela não eram apenas de alguém sem instrução e do interior – eram estranhos. Quando ela se virou, Griff entendeu a razão. Ela segurava um grampo de cabelo entre os dentes, como um charuto, enquanto falava.

A atendente atrasada pegou outro grampo de cabelo e, quando seus olhos verdes e inteligentes encontraram os de Griff, ela congelou no ato de enfiar aquele grampo no volume de cabelo empilhado sobre a cabeça.

Deus, aquele cabelo. Ele já tinha ouvido mulheres descrever seus penteados como “coques” ou “tranças”. Mas o que estava diante dele só podia ser chamado de “ninho”. Griff estava certo de ter visto folhas de grama e pedaços de palha perdidos ali.

Era evidente que ela esperava entrar sem ser notada. Mas, em vez disso, ela se tornou, de repente, o centro das atenções. Aquele pó branco misterioso grudado nela... captava a luz, reluzindo. Griff não conseguia desviar os olhos.

Enquanto os olhos da moça ofegante alternavam entre Griff, a mãe dele e as outras jovens que ocupavam o salão, o penteado inacabado dela desmoronou. Mechas de cabelo solto escorreram por seus ombros, rendendo-se à gravidade ou à indignidade. Ou a ambas.

Esse seria o momento em que a atendente baixaria a cabeça e fugiria do salão,

para esperar pela ira de seu chefe. Sem dúvida haveria choros e soluços. Mas, pelo jeito, não seria assim com aquela garota, que parecia ter orgulho suficiente para passar por cima da etiqueta *e* do bom senso.

Jogando o cabelo de lado para distribuir igualmente as mechas cor de conhaque, ela virou o rosto e cuspiu de lado o último grampo.

– Saco – ele a ouviu murmurar.

De repente, Griff se pegou segurando um sorriso. Ela era perfeita. Grosseira, sem instrução, completamente deselegante. Um pouco bonita demais. Uma garota mais sem graça serviria melhor aos seus propósitos. Mas apesar da beleza, ela teria que servir.

– Ela – ele declarou. – Eu fico com ela.

Capítulo dois

O príncipe de outra garota chegou. Esse foi o primeiro pensamento de Pauline quando entrou, apressada, e avistou o cavalheiro bem-vestido à frente da porta. Ela via isso acontecer de tempos em tempos naquela vila. As jovens aristocratas buscavam refúgio em Spindle Cove pelas razões mais estranhas. Faltava-lhes refinamento ao tocar harpa, ou a cor de seus olhos não estava na moda, na Corte, nessa temporada. E então – para completo espanto de todas, a não ser de Pauline –, algum belo conde, visconde ou oficial aparecia e se casava com elas. Nenhum deles sequer olhava para a atendente da taverna.

Assim, qual lady esse cavalheiro buscava? Quem quer que fosse, estaria com a vida ganha. Tudo na aparência daquele homem – dos botões de marfim às perfeitas luvas de couro – anunciava sua riqueza como se através de trompetes. E se as roupas dele gritavam "fortuna", tudo dentro delas anunciava poder. Era fácil para um cavalheiro ficar mole e barrigudo, mas não esse. O casaco verde-escuro, sob medida, revelava ombros largos e músculos definidos nos braços. O rosto era forte, também. O nariz tinha uma inclinação ousada, o maxilar era anguloso e a boca, confiante. Não havia nada de bonito em suas feições, mas observadas em conjunto, exerciam uma inegável atração masculina.

Resumindo, não era difícil olhar para aquele homem. Mas, mesmo que fosse, Pauline não conseguiria desviar seus olhos, porque ele também não tirava os olhos dela. E o modo como ele a encarava – como se ela fosse a resposta para todas as perguntas que ele nunca pensou em fazer – colocou seu coração em um ritmo mais acelerado que o de uma lebre aprisionada.

– Ela – ele declarou. – Eu fico com ela.

– Você não pode escolhê-la – uma mulher mais velha respondeu, evidentemente irritada. – Essa é a atendente.

Pauline deu um breve olhar para a mulher, classificando-a como uma senhora grisalha de pequena estatura, mas grande presunção. Ela tinha a coluna ereta, o

que era bom, para sustentar a quantidade indecente de joias que trazia no pescoço.

– Ela é uma garota – o homem respondeu, calmo, ainda olhando para Pauline. – Ela é uma garota e está nesta sala. E você disse que eu podia escolher qualquer garota desta sala.

– Ela não estava na sala quando eu disse isso.

– Mas está na sala agora. E agora que eu a vi, não tenho olhos para ninguém mais. Ela é perfeita.

Perfeita? Pauline olhou pela janela, esperando que um porco entrasse voando por ali. Um porco tocando lira e falando galês.

O cavalheiro andou na direção dela, deslizando confiante pelo salão. Enquanto ele se aproximava, cada passo pesado e rítmico a tornava mais consciente do cabelo desgrenhado, coberto de açúcar, e da barra do vestido suja de lama. Pauline procurou se acalmar com os sinais da humanidade imperfeita dele. Mais de perto, dava para ver que a barba estava por fazer e que seus olhos estavam vermelhos – por pouco sono ou muita bebida, ou ambos.

Pauline inspirou lentamente. As roupas dele carregavam o aroma evanescente de alguma colônia almiscarada masculina. Esse aroma a envolveu, aquecendo-a em lugares secretos e baixos.

– Diga-me seu nome – ele disse em uma voz baixa e... magnética, aparentemente. Ela sentiu que cada pessoa daquele salão se inclinou na direção dele, para entender melhor suas palavras.

– Meu nome é Pauline, senhor. Pauline Simms.

– Sua idade.

– Vinte e três.

– Você é casada ou noiva?

– Não, senhor. – Ela engoliu uma risada de espanto. – Não sou.

– Excelente. – Ele inclinou a cabeça. – Eu sou Griffin Eliot York, 8º Duque de Halford.

Um duque?

– Oh, Senhor – ela murmurou.

– Na verdade, Simms, o que você deve dizer é “Vossa Graça”.

Ela baixou os olhos para as tábuas do chão e fez uma mesura desequilibrada.

– Vossa Graça.

Com um aceno, ele dispensou a tentativa dela de mostrar deferência e continuou:

– Minha mãe está cada vez mais impaciente com minha condição de solteiro. Ela me instruiu a escolher qualquer mulher desta sala, com a promessa de que conseguiria transformá-la em uma duquesa. Eu escolhi você.

– Eu?

– Sim. Você é perfeita.

Perfeita. Essa palavra de novo. A cabeça de Pauline não conseguia lidar com tudo isso ao mesmo tempo. Ela precisava dividir a informação em blocos menores. Aquele homem incrivelmente atraente, autoconfiante e cheiroso era o 8º Duque de Halford. Dentre todas as mulheres daquela sala, ele escolheu a atendente, ela própria, para ser sua futura duquesa. *Você é perfeita*.

Arrepios correram da nuca de Pauline até a sola de seus pés, deixando-a sem fôlego. Ou o mundo todo tinha virado de cabeça para baixo, ou depois de 23 anos nunca sendo boa o bastante... aos olhos de um homem... aos olhos daquele *duque*... ela era perfeita.

A duquesa lançou um olhar frio para o filho.

– Desnaturado. Você vive para me contrariar.

– Não sei do que você está falando – ele respondeu, calmo. – Estou fazendo exatamente o que você me pediu.

– Seja honesto!

– Eu estou sendo honesto. Escolhi uma garota. Aqui está ela. – O duque fez um gesto que foi do cabelo desgrenhado de Pauline até seus sapatos enlameados, cobrindo-a de humilhação. – Vá em frente. Transforme-a em duquesa.

Então Pauline entendeu tudo. Ela *era* perfeita aos olhos dele. Perfeitamente horrorosa. Perfeitamente deselegante. Perfeitamente errada para ser uma duquesa. E ao fazer dela um exemplo, o duque pretendia ensinar uma lição à mãe intrometida. Que inteligente da parte dele. Além de ofensivo e insuportável.

Isso é culpa sua, Pauline. Por um instante breve e maluco, você foi uma tonta.

Ela parou de considerá-lo atraente. Mas ele continuava cheirando muito bem, maldito fosse.

Houve um momento de silêncio que ninguém no salão ousou interromper. Era como se todas ali fossem espectadoras da partida decisiva de algum campeonato, e o duque tivesse marcado um ponto crítico. Todas as cabeças se viraram para encarar a duquesa, esperando sua próxima jogada. Mas ela não tinha nenhuma intenção de recuar.

– Muito bem, então. Vamos falar com os pais da garota.

Jogada ousada, pensou Pauline. Dois pontos para a mãe.

– Eu adoraria. – Halford endireitou o casaco. – Mas preciso voltar a Londres imediatamente, e estou certo de que Simms não pode abandonar o emprego.

– Claro que posso – Pauline disse.

O duque e a mãe se voltaram para ela, evidentemente irritados por ela ousar interrompê-los. Mesmo que ela fosse o assunto da conversa.

– Eu posso abandonar meu emprego a qualquer momento. – Ela cruzou os braços. – Aliás, eu não preciso de um emprego, não é? Não se vou me tornar uma duquesa.

O duque lançou um olhar pasmo para ela. Era óbvio que ele não esperava essa reação. Devia imaginar que ela começaria a gaguejar, para protestar, e depois fugiria, corando, para a cozinha. Que azar o dele. Griff tinha escolhido a garota errada.

Ela sabia, claro, que o duque pretendia escolher a "garota errada", mas ele tinha escolhido a "garota errada" *de verdade*. Pauline gostava de rir tanto quanto qualquer pessoa, mas ela já tinha perdido muito nesse dia, e não podia abrir mão dos últimos fiapos de seu orgulho.

– Sr. Fosbury – ela falou na direção da cozinha, desamarrando as tiras do avental. – Estou indo embora. Acredito que não volto mais hoje. Vou levar este duque até minha casa, para que possa pedir minha mão em casamento.

Isso fez Fosbury emergir da cozinha, com uma expressão de espanto no rosto, enquanto limpava as mãos enfarinhadas no avental.

Pauline deu uma piscada para tranquilizá-lo, depois se virou para a duquesa com um grande sorriso.

– Vamos então, Vossa Graça? – Ela deu uma risadinha exagerada. – Oh, perdão. Você prefere que eu a chame de "mãe"?

Uma vibração de risadas abafadas passou pelo salão. A expressão de constrangimento aristocrático no rosto da duquesa foi imensamente satisfatória. Qualquer que fosse o jogo insensível e obstinado que aquele duque e sua mãe estavam jogando, eles tinham acabado de encontrar em Pauline a terceira jogadora. E mais: Pauline iria vencer.

Virando os olhos para o duque, ela o inspecionou sem nenhum pudor. Isso não foi problema, o homem era mesmo um belo espécime masculino, dos ombros largos às coxas esculpidas. Se ele podia examiná-la, por que ela não podia fazer o mesmo?

– Minha nossa – ela empregou seu sotaque caipira mais carregado enquanto inclinava a cabeça para admirar a curva do traseiro aristocrático dele. – Vou me

divertir muito com você na noite de núpcias.

Os olhos dele chisparam por um breve momento, mas o bastante para fazer com que ela se contraísse por dentro. Provocar um duque seria um crime punível com enforcamento? Com toda certeza ele possuía os meios e o poder para fazê-la se arrepender disso. Mas quando todas as jovens de Spindle Cove irromperam em uma gargalhada violenta, Pauline soube que tudo iria ficar bem. Ela não era da turma de Spindle Cove, era uma empregada, não uma jovem aristocrata que passava uma temporada ali. Ainda assim, as outras ficariam do lado dela.

A Srta. Charlotte Highwood se levantou e falou em defesa dela:

– Vossas Graças, estamos honradas com a visita, mas não podemos ficar sem Pauline hoje.

– Então nós temos um conflito – o duque disse –, porque não pretendo ficar longe dela.

A determinação sombria nas palavras dele fez com que sensações estranhas agitassem Pauline. Ele pretendia continuar com aquela farsa? A teimosia devia ser tão prevalente na família do duque quanto nos olhos verdes dela.

A duquesa inclinou a cabeça na direção da porta.

– Muito bem, então. A carruagem está esperando.

E foi assim que Pauline Simms, atendente da taverna e filha de um agricultor, se viu levando um duque e a mãe dele para tomar chá em casa. Bem, e por que diabos não? Se aqueles aristocratas queriam constrangê-la na frente de toda Spindle Cove, era justo que sacrificassem um pouco de seu próprio orgulho. Estava ansiosa para ver a cara da duquesa quando parassem em frente à casa humilde de sua família. Poderia fazer bem para eles saber como pessoas comuns vivem – sentando em banquetas rústicas e bebendo chá em louça lascada. Ela e Sally Bright ririam dessa história pelo resto de suas vidas.

Depois de passar instruções ao cocheiro, Pauline se juntou aos dois dentro da carruagem. Ela passou a mão pelo assento de couro de vitelo, maravilhada. Nunca tinha tocado um vitelo de verdade, que fosse assim macio.

Ela teve certeza de que nunca alguém da classe dela andou como passageiro dentro daquele veículo. A julgar pela forma como o duque e a duquesa cerravam os lábios, nenhum dos dois estava contente por ter a companhia de uma atendente de taverna coberta de açúcar e com botas enlameadas. E isso só serviu para deixar Pauline ainda mais decidida; ela iria extrair até a última gota de diversão daquela experiência.

Durante a viagem de dez minutos até a casa na fazenda, ela se divertiu

comportando-se de modo impróprio. Pulou no assento, testando as molas; brincou com o fecho da janela, subindo e descendo o vidro uma dúzia de vezes.

– O que o seu pai faz, Srta. Simms? – a duquesa perguntou.

Além de gritar, xingar, ficar furioso e fazer ameaças?

– Ele é agricultor, Vossa Graça.

– Um arrendatário?

– Não, ele é dono da terra. Cerca de dez hectares.

É claro que dez hectares não representavam nada para um aristocrata dono de terras, e menos ainda para um duque. Era provável que Halford tivesse mil vezes isso.

Quando a carruagem saiu da vila, eles passaram pelo campo dos Willet. O filho mais velho do Sr. Willet estava trabalhando na plantação de lúpulo. Pauline baixou a janela pela décima-terceira vez, pôs o braço para fora e acenou com alegria. Então colocou o polegar e o indicador na boca e assobiou alto.

– Gerry! – ela chamou. – Gerald Willet, olhe! Sou eu, Pauline! Vou ser uma duquesa, Ger!

Quando se acalmou dentro da carruagem, viu que o duque e a mãe trocaram um olhar. Ela apoiou o cotovelo na janela, cobriu a boca com a mão e riu.

Ao se aproximarem da casa, Pauline bateu no teto da carruagem para avisar o cocheiro, e quando a carruagem parou, estendeu a mão para a maçaneta da porta.

– Não. – Com o cabo em forma de gancho da sombrinha, a duquesa a segurou pelo pulso. – Temos gente para fazer isso.

Pauline congelou, aturdida. Ela *era* uma das pessoas que faziam esse tipo de coisa, ou a velha tinha se esquecido?

O duque afastou a sombrinha.

– Pelo amor de Deus, mãe. Ela não é uma ovelha desgarrada.

– Você a escolheu, e me disse para fazer dessa jovem uma duquesa. As lições já começaram.

Pauline deu de ombros. Já que a mulher insistia, ela podia esperar e deixar que o criado abrisse a porta, baixasse o degrau e a ajudasse a descer com suas luvas brancas.

Depois que a duquesa apeou, seguida pelo filho, Pauline fez uma mesura exagerada.

– Bem-vindos a nossa humilde casa, Vossas Graças.

Ela abriu o portão e os conduziu pelo quintal. No mesmo instante, o ganso foi atrás deles, grasnando e batendo as asas. Ninguém conseguiria convencer Major

de que ele não era superior a um duque. A duquesa tentou congelar a ave com o olhar, mas logo recorreu à sombrinha como arma de defesa.

– Chega, Major! – Pauline bateu as mãos e levou os convidados para dentro da casa. – Por aqui, Vossas Graças. Não fiquem acanhados. Nossa casa é sua. Somos todos uma grande família, agora.

A verga da porta era baixa e o duque, alto. Ele teria que se abaixar para não bater a cabeça. Ele parou antes da soleira. Por um momento, Pauline pensou que o duque daria meia-volta e retornaria para a carruagem, em direção à Londres. Mas não. Ele se curvou e passou pela entrada com um movimento primoroso.

Ela teve que sorrir ao ver o duque arrogante literalmente se curvando para entrar na casa da família dela.

Uma vez lá dentro, as visitas passaram os olhos pela residência pequena e pouco mobiliada. Não era difícil julgar todo o lugar com apenas uma olhada. A casa tinha apenas uns doze passos de extensão. Uma lareira de pedra, alguns armários, mesa e cadeiras. Cortinas desbotadas esvoaçavam diante das duas janelas frontais. Na parede lateral, uma porta levava ao único quarto. Uma escada dava acesso ao mezanino, onde Pauline e Daniela dormiam.

A porta dos fundos levava à área externa, local em que a família se lavava. Borrifos recentes de água indicavam que alguém se lavou depois do almoço.

– Mãe – Pauline entoou –, venha ver quem eu trouxe da Touro & Flor. O 9º Duque de Halstone e a mãe.

– Halford – a duquesa a corrigiu. – Meu filho é o 8º Duque de Halford. Ele também é Marquês de Westmore, Conde de Ridingham, Visconde Newthorpe e Lorde Hartford-on-Trent.

– Oh. Certo. Acho que eu também devia aprender a falar tudo isso, né? Quer dizer, já que vai ser meu nome, também. – Ela deu um sorriso largo para o duque. – Gostei disso.

Os lábios dele tremeram um pouco. Se de irritação ou divertimento, ela não se arriscou a adivinhar.

– Vocês não vão se sentar? – Pauline perguntou à duquesa.

– Eu não.

– Se precisar usar a privada – ela cochichou –, é só sair por aquela porta, dar a volta na pilha de lenha e virar à esquerda, no cercado dos porcos.

– Pauline? – A mãe dela entrou pela porta dos fundos, enxugando as mãos em uma toalha.

– Mãe, aí está você! Papai voltou para o campo?

– Não – disse Amos Simms, aparecendo na mesma porta pela qual a mãe tinha acabado de entrar. – Ele não voltou. Ainda não.

Pauline prendeu a respiração enquanto seu pai observava o duque e depois a duquesa. Por fim, ele voltou o olhar ameaçador para Pauline. Um formigamento surgiu, de repente, no meio nas costas dela. Ela pagaria pela brincadeira, sem dúvida.

– O que significa tudo isto? – o pai quis saber.

Pauline estendeu o braço na direção das visitas.

– Pai, eu lhe apresento Sua Graça, o 8º Duque de Halford, e a mãe dele. Quanto ao que estão fazendo aqui... – Ela se virou para o duque. – Vou deixar que Sua Graça explique.



Ah, que ótimo. A garota queria que ele explicasse.

Griff suspirou e passou a mão pelo cabelo. Não havia uma explicação satisfatória que ele pudesse dar. Não fazia ideia do que estava fazendo naquele casebre.

Uma coisa pontuda o cutucou na altura do rim, empurrando-o para frente. Aquela maldita sombrinha de novo! *Ah, sim.* Ele se lembrou. Havia uma razão para estar ali, e a Própria Razão precisava de uma lição decisiva sobre como cuidar da própria vida. Ele arrancou a sombrinha das mãos da duquesa e a ofereceu à mãe de Pauline.

– Por favor, aceite este presente como nosso reconhecimento pela sua hospitalidade.

A Sra. Simms era uma mulher pequena, de ombros curvados. Ela parecia tão desvanecida e amarrotada quanto o pano de prato em suas mãos avermelhadas. A mulher olhou para a sombrinha fechada, parecendo estupefata com o cabo de marfim.

– Eu insisto. – Ele levantou o objeto, que a Sra. Simms pegou, relutante.

– É m-muita gentileza, Vossa Graça.

– Nunca faça visitas de mãos abanando. Minha mãe me ensinou isso. – Ele deu uma olhada para a duquesa. – Mãe, sente-se.

Ela fungou.

– Eu acho que...

– Aqui. – Ele enganchou o pé em um banco rústico e o puxou de sob a mesa. As pernas do móvel arranharam o chão de terra coberto de palha. – Sente-se

aqui. Você é uma visita nesta casa.

Ela sentou, arrumando as volumosas saias ao seu redor. Mas não pareceu muito satisfeita com isso.

Pelo próximo minuto, Griff aprendeu como era a sensação de ser um animal em exposição, com a família Simms reunida os observando de boca aberta.

– Sra. Simms – ele disse, afinal –, talvez possa fazer a gentileza de nos oferecer uma bebida. Eu preciso dar uma palavrinha com seu marido.

Com evidente alívio por ser dispensada, a Sra. Simms arrastou a filha para a cozinha. Griff afastou uma cadeira de vime da mesa e sentou. Ao se sentar na outra cadeira, o fazendeiro corpulento semicerrou os olhos.

– O que eu posso fazer por Vossa Graça?

– Diz respeito à sua filha.

– Eu sabia – Amos Simms grunhiu. – O que essa garota fez agora?

– Não é algo que ela tenha feito. É o que a minha mãe gostaria que ela fizesse.

Simms deu um olhar astuto para a duquesa.

– Sua Graça está precisando de uma copeira, então?

– Não. Minha mãe gostaria de ter uma nora. Ela acredita que eu preciso de uma esposa, e afirma que pode transformar sua garota – ele acenou na direção da cozinha – em duquesa.

O fazendeiro ficou em silêncio por um instante. Então o rosto dele se abriu em um sorriso com falhas entre os dentes. Ele riu de um modo baixo e seboso.

– Pauline – ele disse. – Uma duquesa.

– Espero que não se ofenda, Sr. Simms, se eu admitir que tenho dúvidas quanto ao sucesso dessa empreitada.

– Uma duquesa... – O fazendeiro meneou a cabeça e continuou rindo.

O tom grosseiro e sinistro da risada daquele homem fez Griff se remexer na cadeira. Claro que essa era uma ideia absurda, mas, ainda assim, um pai não deveria defender sua própria filha?

– Eis minha oferta. – Griff pigarreou. – O homem tem apenas uma mãe, e eu decidi fazer a vontade da minha. E se eu levasse sua filha para Londres? Lá, minha mãe faria o possível para transformá-la de atendente de taverna a uma lady refinada e pronta para ser a esposa de um duque.

Simms riu de novo.

– É claro que, na possibilidade muito mais provável de tudo isso dar errado, nós lhe devolveremos sua filha. No mínimo ela voltaria para casa com alguns vestidos novos e tendo conhecido as coisas boas da vida.

– Minha filha não precisa de vestidos novos. Nem das coisas boas da sua vida.

Então a filha em questão voltou para pôr a mesa. A louça que colocou diante de Griff era, possivelmente, a xícara mais feia que ele já tinha visto – uma peça de porcelana mal pintada, sem dúvida feita em alguma fábrica de segunda linha e passada por muitos donos. Mas antes de soltar o pires, ela o girou para que a flor patética na xícara ficasse de frente para ele, e o lascado do pires ficasse escondido.

O significado do gesto não passou despercebido por Griff. Ela era orgulhosa, sem dúvida. Também tinha a língua afiada e era ousada o bastante para enredar um duque e sua mãe-dragão. Nenhuma dessas características eram qualidades desejáveis em uma atendente, muito menos em uma noiva. Mas eram qualidades que Griff apreciava em geral, e ele começava a admirar esta Pauline Simms. Só um pouco, e só para si mesmo. Durante os poucos minutos na cozinha, ela tinha prendido o cabelo. Sua figura continuava sendo pouco notável, mas agora ele podia ver que ela era mais do que apenas um pouco bonita; ela tinha as maçãs do rosto altas, o nariz delicado e olhos puxados nos cantos, como os de um gato. Bem atraente, na verdade, de um modo rústico e rural. Todos os agricultores deviam ser loucos por ela.

Você jurou não se envolver com mulheres, uma voz o lembrou.

Bem, esse juramento precisava ser bem analisado. Ele tinha jurado não se *envolver* com mulheres. Isso não significava que iria arrancar os próprios olhos. Um pouco de admiração descomprometida nunca fez mal a ninguém – e ele desconfiava que poderia fazer certo bem àquela mulher em especial.

– Se você está decidido, nós podemos conversar – Simms disse e coçou o queixo. – Mas não posso deixar que leve-a embora assim, de qualquer jeito.

Ótimo, Griff pensou. Nenhum pai bom da cabeça deveria deixar uma filha bonita e inteligente ir embora assim, com tanta facilidade.

– Venha cá, Pauline – o fazendeiro ergueu a voz.

Ela obedeceu, a boca formando uma linha tensa.

– Veja as mãos dela – Simms disse, pegando a filha pelo pulso e apresentando a mão e o antebraço dela para serem inspecionados por Griff.

Os dedos dela eram esguios e graciosos, mas a palma mostrava calos e cicatrizes provocados pelo trabalho servil – um trabalho mais vigoroso do que servir chá a solteironas. Sem dúvida ela também ajudava no trabalho da fazenda.

Simms sacudiu o pulso da filha, fazendo-a abanar a mão para cima e para baixo.

– Ninguém tem a mão tão pequena, nem um braço tão fino. – Ele fez um círculo com o polegar e o indicador, circundando com facilidade o punho delgado da filha. – Tenho uma égua a ponto de parir. Ninguém mais nesta fazenda consegue enfiar o braço lá dentro e puxar o filhote, se for necessário.

O fazendeiro deslizou o círculo formado por seus dedos pelo braço de Pauline, até chegar ao cotovelo, demonstrando visualmente as profundidades equinas que sua filha de braços finos teria que explorar.

Ter perdido o café da manhã começava a parecer uma bênção para Griff.

– Dê uma olhada nisto – Simms disse. – Ela pode alcançar até o útero.

– *Pai!* – Pauline puxou o braço.

– Isso aí vale alguma coisa – o pai dela disse. – Não posso deixá-la ir sem uma compensação. Adiantada.

Inacreditável. O Sr. Simms era um fazendeiro. Pobre, de fato, mas não miserável. Ele possuía dez hectares. Sua casa era humilde, mas segura. Ninguém estava passando fome debaixo daquele teto. Então um nobre estranho entrava nessa casa e ele oferecia, para todos os efeitos, vender a filha?

E quanto à segurança da garota? E quanto à reputação dela? Griff não era o tipo de nobre que comprava uma virgem para deflorar, mas o Sr. Simms não tinha como saber disso. Esse era o ponto em que qualquer pai decente – diabos, qualquer pai de verdade – exigiria pelo menos alguma garantia de segurança. Se antes não mandasse Griff e sua proposta feudal para o quinto dos infernos. Mas não o Sr. Simms. O que fez Griff perceber que ele era um pai terrível e homem pior ainda. O fazendeiro não estava nem um pouco preocupado com a saúde ou a reputação da filha. Não, ele só queria uma compensação adiantada por seu trabalho quando a égua parisse.

– Essa é sua única objeção? – ele perguntou, dando ao fazendeiro uma chance de se redimir.

– Claro que não. – O Sr. Simms franziu a testa.

Graças a Deus.

– Tem o salário que ela traz para casa – o homem continuou. – Preciso dessa quantia também.

– O salário dela.

Griff sentiu uma necessidade repentina de bater em algo. Algo com uma camisa grosseira, botas enlameadas e um sorriso ganancioso. Era isso. Sua mãe teria que aprender a lição de outro modo, ou em outro momento. Griff precisava ir embora. Se aquela conversa não terminasse naquele instante, acabaria mal.

Utilizando-se de algum tipo de reserva ancestral de compostura ducal, ele se levantou.

– Acredito que este plano não foi bem concebido. As chances de sua filha ter sucesso na Sociedade de Londres são minúsculas, e os riscos para ela são muito grandes. – Ele se encaminhou para a porta da casa, parando apenas para pegar a mãe pelo cotovelo e colocá-la de pé. – Se nos dá licença, eu e minha mãe vamos...

– Cinco – o fazendeiro disse.

– Desculpe?

– Eu a deixo ir por cinco libras.

Griff só conseguiu olhar para ele.

– Bom Deus, homem – ele disse, afinal. – Está falando sério?

– Tudo bem, então. – Simms estalou o pescoço. – Você pode ficar com ela por quatro libras e oito xelins. Mas nem uma moeda a menos.

Maldição. Griff passou a mão pelo rosto. Agora parecia que ele estava regateando o preço da garota, decidido a arruiná-la pelo menor preço possível.

– Que barganha excelente – ironia escorria das palavras da duquesa. – Eu não acredito que você possa encontrar uma escolha mais econômica.

– Espero que esteja satisfeita – Griff disse.

A duquesa arqueou uma sobrancelha, voltando a censura para ele.

– Você está?

Não. Ele não estava, se sentia um canalha de primeira. Tinha se julgado tão esperto, escolhendo a atendente em meio à multidão de solteironas. E depois ele invadiu a casa dela e a obrigou a ver o próprio pai colocar o preço de quatro libras e oito xelins em sua saúde e felicidade. Mesmo para Griff, aquilo era muito baixo.

A Srta. Simms apareceu de novo, aproximando-se da mesa com a chaleira nas mãos. Seus olhos se encontraram, e os dela lhe contaram algo ousado e sem nome, em tons de verde. No fundo de alguma floresta virgem e inexplorada havia uma vinha daquela cor, esperando para ser descoberta. E havia algo de essencial na natureza daquela garota, que era muito, muito melhor do que aquele lugar.

Então Griff observou uma reveladora sequência de eventos. Um barulho veio dos fundos da casa. Praguejando baixo, Pauline Simms pisou em falso e chá quente caiu no chão de terra.

– Pauline, eu lhe disse que... – O fazendeiro levantou a mão, ameaçador.

Parada a quatro passos de distância, Pauline – a garota que sabia enfrentar um duque – se encolheu.

Griff tinha visto o bastante.

– Mãe, vá para a carruagem. – Ele desfez a objeção dela com um gesto contido, então se virou para a garota. – Srta. Simms, uma palavrinha lá fora. A sós.

Capítulo três

Pauline o seguiu pela porta da frente e os dois continuaram até o lado da casa – o lado sul, onde não havia janelas para que a família os espiasse. A duquesa também não conseguia ver esse canto de onde estava, na carruagem. Eram apenas os dois, sozinhos com uma macieira que estava atrasada em sua florada, e aquela situação ridícula.

Pauline esperava que os dois pudessem dar uma boa risada e seguir cada um para seu lado. Estava quase na hora de começar suas tarefas do entardecer, e já tinha aguentado duques suficientes por um dia.

Parecia que ele também tinha se cansado. Andava pelo quintal com passadas longas, para frente e para trás.

– Tomei uma decisão. – Ele arrancou um galho seco que estava pendurado na macieira e bateu com ele na cerca. – Simms, você virá comigo para Londres esta tarde.

Ela ficou sem ar.

– Mas... mas por quê? Por qual motivo?

– Treinamento para duquesa, é claro.

– Mas você não pode querer *mesmo* se casar comigo.

Ele parou, de repente.

– É claro que não pretendo me casar com você.

Bem, ela ficou feliz por isso ficar claro.

– Vamos acertar logo algumas coisas – ele disse. – Eu posso usar roupas finas e ser dono de uma carruagem esplêndida, e entrei na sua vida como se fosse um furacão. Talvez até mesmo um furacão romântico, para olhares destreinados. Mas isso não é um conto de fadas, e qualquer um que me conheça pode lhe dizer... que eu não sou um príncipe.

– Com todo respeito, Vossa Graça – ela riu um pouco –, não criei nenhuma expectativa contrária. Faz muito tempo que parei de acreditar em contos de

fadas.

– Desconfio que você seja prática demais para esse tipo de coisa.

Ela concordou.

– Estou preparada para trabalhar duro pelas coisas que quero na vida. – Infelizmente, seus ganhos de um ano de trabalho duro estavam espalhados por seus cabelos e vestido.

– Ótimo. Porque o que estou lhe oferecendo é um emprego. Pretendo contratá-la como uma espécie de dama de companhia para minha mãe. Venha para Londres, submeta-se ao "treinamento de duquesa" dela e prove ser uma catástrofe absoluta. Isso não deve exigir muito esforço da sua parte.

Pauline mexeu a boca, mas nenhuma palavra saiu.

– Em troca do seu trabalho, vou lhe dar mil libras. – Ele apontou o galho de macieira para a casa. – E você nunca mais vai ter que depender desse homem.

Mil libras.

– Vossa Graça, eu... – Ela nem sabia o que dizer, se chamava aquela proposta de intolerável, absurda ou de um sonho que se tornava realidade. Impossível era a melhor palavra.

– Mas eu não posso... Não posso.

Ele se aproximou. O sol produziu manchas cor-de-âmbar nos olhos castanhos dele.

– Você pode e vai. Vou fazer com que isso aconteça.

Ela se virou para olhar a casa, frustrada com a atitude mandona dele e com aquele aroma irresistivelmente atraente. O cheiro dele era tão confiável.

– Não se preocupe com roupas e suas coisas – ele disse. – Deixe tudo para trás. Você terá tudo novo.

– Vossa Graça...

Ele bateu o galho na própria bota.

– Não banque a indecisa. O que a mantém aqui? Um emprego servindo chá para solteironas? Trabalho na fazenda e um lugar para dormir num mezanino frio? Um pai abrutalhado, ávido para vendê-la por cinco libras?

Ela cerrou os dentes.

– Cinco libras não é pouco para gente como nós.

E mesmo que não fosse uma grande quantia, cinco libras era mais do que "completamente sem valor", que era o que seu pai pensava das mulheres.

– Seja como for – ele disse –, cinco libras é bem menos do que mil. Até uma garota de fazenda, sem nenhum estudo, sabe fazer essa conta.

Pauline meneou a cabeça. Incrível. Quando ela pensava que o duque já tinha esgotado as maneiras de insultá-la ou diminuí-la, ele vinha com uma ofensa nova.

– Minha mãe tem tempo demais à disposição – ele disse. – Ela precisa de uma protegida para levar às compras e treinar a dicção. Eu preciso que ela se distraia e deixe de bancar a casamenteira. É uma solução simples.

– Simples? Você quer me levar para sua casa... comprar tudo novo para mim... e me pagar mil libras. Tudo isso só para curar sua mãe da mania de interferir?

Ele confirmou, encolhendo os ombros.

– Eu não chamaria isso de simples, Vossa Graça. É muito mais fácil dizer para ela que não quer se casar, não acha?

– Eu acho que você gosta de ser difícil. – Ele semicerrou os olhos. – O que a torna a candidata ideal para este emprego.

Pauline se sentiu dividida sobre como receber aquela declaração. Para variar, ela era ideal para alguma coisa. Infelizmente, ela era uma *dificuldade* ideal.

Apesar de tudo, a oferta dele a tentou de um modo perverso. Pela primeira vez na vida, ela não fracassaria ao tentar ser boa em algo. Ela teria sucesso em ser ruim. Pauline não iria ouvir que ela "faz o que pode" – o duque não queria que ela fosse boa em nada.

– Nada disso importa – ela disse, afinal. – Não posso sair de Spindle Cove.

– Estou lhe oferecendo segurança financeira pelo resto da vida. Tudo que peço, em troca, é algumas semanas de impertinência. Pense nisso como sua chance de escrever o conto de fadas da mulher prática. Venha para Londres na minha carruagem extravagante. Compre belos vestidos novos. Não mude nem um pouco. Não se apaixone por mim. No fim, nós nos separamos, e você viverá com conforto para sempre. – Ele olhou para a carruagem. – Só diga sim, Srta. Simms. Nós precisamos partir.

O que seria necessário para convencê-lo? Ela levantou a voz, pronunciando cada palavra da melhor forma que uma garota do campo, sem instrução, podia:

– Eu. Não. Posso. Ir.

Ele também levantou a voz:

– Bem, eu não posso partir sem você.

O mundo, de repente, ficou muito silencioso. O duque ficou imóvel. Ela poderia acreditar que ele era uma estátua, não fosse pela flor de macieira caída sobre o ombro dele e pela brisa que mexia o cabelo castanho ondulado. Em algum lugar acima deles, um passarinho cantou, chamando uma companheira.

– Por que não? – Ela engoliu em seco.

– Não sei.

O duque inclinou a cabeça e a encarou com nova concentração. Pauline tentou não corar nem se remexer enquanto os passos lentos e medidos dele o colocaram a centímetros dela. Tão perto que ela podia distinguir os pontos individuais de barba no maxilar dele. Eram mais claros que o cabelo – quase ruivos, naquela luz.

– Tem alguma coisa em você. – A mão sem luva dele foi até o cabelo de Pauline, puxando-o com delicadeza. Uma chuva de cristais caiu no chão. – Alguma coisa... em você toda.

Minha nossa. Ele a estava tocando... sem permissão, ou qualquer razão lógica. E isso deveria ter sido chocante, mas o mais surpreendente foi como pareceu natural. Simples e sem esforço, como se ele fizesse esse tipo de coisa todos os dias.

Ela não se incomodaria de ser tocada assim todos os dias, Pauline pensou. Como se houvesse algo precioso e frágil por baixo da dureza de seu cotidiano, esperando para ser descoberto.

Ele espanou mais pó branco do ombro dela.

– O que é isto? Você está coberta com esta coisa.

– É açúcar – a resposta dela saiu num sussurro.

Ele levou o polegar à boca, provando, distraído. Os lábios dele se torceram com a surpresa desagradável.

– Açúcar misturado com alúmen – ela emendou.

– Estranho, mas combina. – Ele estendeu a mão para ela de novo, dessa vez aproximando o dorso dos dedos.

Ela percebeu que se inclinava para frente, procurando o toque dele.

– Pauline? – uma voz familiar os interrompeu. – Pauline, quem é esse homem?

Ela deu um salto para trás e se virou, vendo Daniela esticando a cabeça de trás da parede da casa. Depois de um instante de conflito interno, Pauline acenou para a irmã se aproximar. Não havia modo mais fácil de explicar o motivo de sua recusa do que deixando-o ver por si mesmo.

– Vossa Graça, permita-me apresentar-lhe minha irmã, Daniela. – Ela se voltou para a irmã. – Daniela, nosso visitante é um duque. Isso quer dizer que você tem que fazer uma mesura e chamá-lo de “Vossa Graça”.

– Boa tarde, Vossa Graça – ela disse e fez uma mesura.

As palavras saíram carregadas e quase incompreensíveis, como acontecia sempre que Daniela estava nervosa. Sua língua não era tão desenvolta com estranhos.

– O duque estava de partida.

– Adeus, Vossa Graça. – Daniela fez outra mesura.

Pauline o observava com olhos atentos, esperando. As pessoas da classe dele mandavam seus parentes com problemas para asilos ou pagavam alguém para cuidar deles no sótão – qualquer coisa para escondê-los. Ainda assim, ele conseguiria perceber. Todo mundo percebia momentos depois de conhecer Daniela.

A raiva familiar cresceu dentro dela, rápida e defensiva – uma reação desenvolvida após anos aguentando insultos e desfeitas. Por reflexo, a mão dela se fechou em um punho.

Era provável que ele não recorresse a xingamentos. Retardada, idiota, abobada, pateta. Essas palavras não eram condizentes com a posição de um duque, eram? Mas ele teria alguma reação. As pessoas sempre tinham. Mesmo gente bem-intencionada encontrava algum modo de ofender Daniela, tratando-a como um animalzinho ou um bebê, em vez de uma mulher adulta.

O mais provável era que o duque torcesse a boca de desgosto ou desviasse o olhar, fingindo que ela não existia. Talvez ele fizesse um esgar ou estremecesse, e isso daria a Pauline a medida de raiva necessária para conseguir mandá-lo embora.

Mas ele não fez nada disso. Ele falou com um tom sem afetação, bastante trivial:

– Srta. Daniela, é um prazer.

Em seguida, Pauline assistiu ao duque – bom Deus, um maldito *duque* – levar a mão da irmã à boca e beijá-la.

Que Deus a ajudasse, mas pelo mais breve dos instantes, Pauline se apaixonou por aquele homem. Não importou a promessa de mil libras, ele poderia ficar com a alma dela por um xelim.

Ela fechou os olhos por um instante, procurando no fundo do coração qualquer motivo para não gostar dele. O mais bobo e mesquinho lhe chegou aos lábios:

– Você não beijou a *minha* mão.

– É claro que não. – Ele olhou para o membro em questão. – Eu sei onde você a colocou.

O rosto dela corou quando Pauline se lembrou da “demonstração” feita pelo pai.

– Imagino que ela seja o motivo de sua relutância – ele comentou.

Pauline concordou.

– Não posso deixar minha irmã, e ela não pode sair de casa.

Depois de um instante de reflexão silenciosa, ele se voltou para a garota.

– Srta. Daniela, eu quero levar sua irmã para Londres.

Daniela empalideceu. O queixo dela começou a tremer. As lágrimas já estavam quase caindo.

– Vou trazê-la de volta – ele disse. – Você tem minha palavra. E um duque nunca falta com sua palavra.

Pauline ergueu uma sobrancelha, cética.

Ele deu de ombros, admitindo a improbabilidade de sua afirmação.

– Bem, este duque em particular não falta com a palavra.

– Não! – A irmã a abraçou tão apertado que Pauline cambaleou. – Não vá. Não quero que você vá.

Ela sentiu o coração apertar até doer. Elas nunca tinham se separado, nem mesmo por uma noite. O que o duque podia chamar de temporário, para Daniela pareceria uma eternidade. Ela passaria cada instante da separação se sentindo abandonada, péssima. Mas no fim do sofrimento... *Mil libras.*

Elas poderiam fazer qualquer coisa com mil libras. Fugir do pai seria só o começo. Poderiam ter uma casa só delas. Criar galinhas e gansos, contratar um homem, de vez em quando, para o trabalho pesado. Com prudência, só os juros seriam suficientes para mantê-las alimentadas e abrigadas.

E ela poderia abrir sua loja. *Sua loja.* Era tão bobo como ela pensava nisso. Ela poderia até chamá-la de *Empório dos Unicórnios de Pauline*, pela probabilidade que tinha se se tornar realidade. Isso sempre foi um sonho distante. Mas com mil libras, esse dia poderia chegar logo.

– Pelo amor de Deus – a voz do duque interrompeu seus devaneios. – Você de novo, não.

Major, o velho ganso briguento, os tinha encontrado de novo, e não perdeu tempo em mostrar que o duque não era bem-vindo. A ave esticou o pescoço ao máximo e estufou o peito, assumindo uma postura de guerra. Então abaixou o bico e atacou a bota do duque.

Usando o galho de macieira, Halford desviou o ganso com um golpe rápido. Ele apertou a ponta cega do ramo no peito da ave enfurecida, mantendo-a à

distância.

– Este animal está possuído pelo espírito de um cossaco com gastrite.

– Major não gosta de você – Pauline disse. – Ele é muito inteligente.

Com um voo breve, Major conseguiu se libertar, e então eles recomeçaram a duelar, duque *versus* ganso.

Halford mantinha os pés leves, com uma perna à frente e outra atrás, manuseando o ramo como se fosse um florete.

– Ameaça alada. Vou comer seu fígado.

Major também proferiu suas ofensas. Eram incompreensíveis aos ouvidos humanos, mas ainda assim veementes.

Ao lado de Pauline, Daniela parou de chorar e começou a rir. O aperto no peito de Pauline diminuiu.

– Daniela – ela disse. – Leve Major para o galinheiro, por favor. Depois volte aqui.

A irmã abriu os braços e espantou o ganso na direção dos fundos da casa. Quando Daniela não podia mais ouvi-los, Pauline cruzou os braços e encarou o duque.

– Se eu concordar com isto... – Ela desejou que sua voz não tremesse. – Se eu for com você, me traz de volta em uma semana?

– Uma *semana*? – Ele jogou o galho de lado. – É inaceitável.

– É o único modo de eu concordar. Tem que ser uma semana. Nós temos um tipo de ritual aos sábados, eu e Daniela. Ela vai conseguir entender, se eu prometer estar de volta no próximo sábado. Ela vai saber que não estou indo embora para sempre. – Quando ele hesitou, Pauline insistiu. – Posso lhe garantir que consigo me provar catastrófica em uma semana.

– Oh, eu não duvido disso. – Ele parou para pensar. – Uma semana, então. Mas temos que sair imediatamente.

– Assim que eu me despedir da minha irmã.

Ela se virou e olhou por cima do ombro. Daniela já estava voltando do galinheiro.

– Preciso de um penny – Pauline disse. – Rápido, me dê um penny.

Ele enfiou a mão no bolso, tirou uma moeda e colocou na mão estendida dela.

– Isto não é um penny – ela disse ao examinar a moeda. – É um soberano.

– Não tenho nada menor.

– Duques e seus problemas. Já volto. – Pauline revirou os olhos.

Pauline puxou a irmã de lado e endireitou as costas. O único modo de impedir

que Daniela se desmanchasse era mantendo a própria firmeza. Não podia haver hesitação em sua decisão. Precisava ser forte pelas duas, como sempre.

– Aqui está seu dinheiro pelos ovos desta semana. – Ela abriu a mão de Daniela e colocou a moeda, fechando-lhe os dedos sobre o soberano antes que ela pudesse notar que a cor era diferente. – Quero que vá até nosso quarto e guarde a moeda na lata de chá nesse instante. Amanhã, coloque-a na cesta de oferendas da igreja.

Daniela concordou.

– Agora eu vou com o duque – Pauline a informou. – Para Londres.

– Não.

– Sim. Mas só por uma semana.

– Não vá. Não vá. – As lágrimas correram pelas faces coradas de Daniela.

Não chore assim, eu lhe peço. Não consigo suportar.

Pauline quase desistiu. Para se distrair, ela pensou na moeda de ouro apertada na mão da irmã e imaginou mil dessas moedas, empilhadas em belas fileira. Dez por dez por dez... Se ao menos conseguisse explicar para Daniela o que isso significava para as duas e como iria melhorar a vida delas dali para frente. Mas a irmã não suportaria ouvir falar de mais mudanças, ela precisava de rotina, tranquilidade. Tarefas conhecidas que a fariam aguentar aquela semana.

– Eu volto no próximo sábado para lhe dar seu dinheiro pelos ovos. Prometo. Mas você tem que fazer por merecer esse penny. Enquanto eu estiver fora, você tem que trabalhar duro. Não pode ficar jogada na cama chorando, está me ouvindo? Recolha os ovos todos os dias. Ajude nossa mãe com a cozinha e a casa. Quando a semana terminar, vou estar de volta. Vou me sentar com você na igreja, no próximo domingo. – Ela segurou o rosto redondo de Daniela. – E nunca mais irei deixar você.

Ela deu um abraço apertado na irmã, que soluçava, e a beijou no rosto.

– Agora entre.

– Não. Não vá.

Não adiantava prolongar aquele sofrimento. A separação não ficaria mais fácil. Pauline soltou a irmã e se afastou. Os soluços de Daniela a acompanharam enquanto ela passava pelo portão e andava até a trilha, onde a bela carruagem do duque a esperava.

– Pauline? – veio a voz da mãe, chamando-a da entrada da casa.

– Eu volto para casa em uma semana, mãe. – Ela não ousou olhar para trás.

Ao se preparar para entrar na carruagem, sua perna falhou. O duque lhe

estendeu a mão, que estava sem luva. Quando aqueles dedos fortes se fecharam sobre os dela, um tremor percorreu pelo seu corpo.

– Você está bem? – ele perguntou e colocou a outra mão na base da coluna dela, apoiando-a.

Pauline inspirou fundo. O toque firme de Halford a fez querer derreter de encontro a ele, procurando consolo. Ela afastou a tentação.

– Estou bem – ela respondeu.

– Se precisar de mais tempo para...

– Não preciso.

– Você não quer falar com ela? – ele perguntou.

Não. Não, isso só tornaria tudo pior.

Era inútil explicar. O que importava se ele pensasse que Pauline era dura e insensível? Ela não precisava da aprovação dele. Estava fazendo aquilo pelo dinheiro.

– Minha irmã sempre chora, mas é mais forte do que parece. – Ela soltou a mão dele e subiu a escadinha da carruagem por conta própria. – E eu também.

Era preciso muito para impressionar Griff. Ele esteve muitas tardes na Corte, nas quais assistiu a militares e dignitários serem galardoados com faixas, cruzes, títulos e mais por serviços prestados à Coroa. Alguns provavelmente mereciam as honrarias; muitos, não. Toda aquela pompa e cerimônia o tinham insensibilizado àquela altura, e Deus sabia que ele próprio não era dado a heroísmos. Mas gostava de acreditar que sabia reconhecer bravura quando a via.

Griff sabia que tinha testemunhado um verdadeiro ato de coragem naquele momento. A garota era feita de aço. Ele pôde sentir na palma da mão. E isso era bom, porque se ela iria passar os próximos dias com a Duquesa de Halford, Pauline Simms precisaria ser forte.

– Você tem uma semana – ele disse para a mãe, ao se acomodar na carruagem.

– *Uma semana*? – Duas manchas vermelhas surgiram nas faces dela, combinando com os rubis no pescoço.

– Uma semana. A família Simms não pode ficar sem ela por mais tempo que isso.

– Não é possível eu conseguir isso em uma semana.

– Se nosso Criador Divino conseguiu fazer a terra, o céu e todas as criaturas em seis dias, acredito que você conseguirá fazer de Pauline uma duquesa.

Ela bufou de indignação.

– Você sabe muito bem que eu não...

– Espere. Guarde esse pensamento. – Griff levou a mão ao bolso interno do casaco. Quando não encontrou nada, proferiu uma imprecação leve e remexeu nos bolsos do colete.

– O que você está procurando? – a mãe perguntou.

– Lápis e um pedaço de papel. Você estava para dizer que não é Deus, ou algo assim. Eu quero registrar a citação exata, a data e a hora. Uma placa comemorativa gravada vai ser pendurada em cada aposento da Casa Halford.

Ela apertou os lábios em uma linha fina.

– Você afirmou que podia transformar qualquer mulher na mais cobiçada de Londres. Se conseguir isso com a Srta. Simms em uma semana, eu me caso com ela. – Ele apontou um dedo para mãe. – Mas se esta empreitada fracassar, você nunca mais vai me incomodar com o assunto "casamento". Nem nesta temporada, nem nesta década. Ou nesta vida.

Ela o fuzilou com o olhar, em silêncio. Griff sorriu, sabendo que tinha encurralado a mãe. Ele se recostou no assento e cruzou as pernas, esticando o braço no encosto do banco.

– Se as condições são inaceitáveis para você, posso mandar a carruagem voltar agora mesmo.

Ela não fez objeções e ele não mandou a carruagem voltar. A viagem continuou, e Griff fingiu dormir enquanto a mãe fazia uma extensa palestra sobre a valorosa história da família. Foi uma litania de heróis, legisladores, exploradores, intelectuais... desde os ancestrais remotos nas Cruzadas até seu pai, o grande diplomata falecido.

Quando a narrativa da duquesa estava próxima da parte em que contava sobre a decepção que o dissoluto Griff era, eles pararam para trocar os cavalos e jantar perto de Tonbridge. Graças a Deus.

– Esta – a mãe informou à sua nova protegida quando desceram da carruagem – é uma das melhores estalagens da Inglaterra. As salas de jantar privativas são incomparáveis.

A Srta. Simms fez caretas divertidas ao entrar no estabelecimento.

– Eu diria que a Touro & Flor é um lugar superior para o meu dinheiro. Mais acolhedor, com certeza.

– Uma duquesa não procura uma estalagem que seja acolhedora – a mãe dele opinou. – Uma duquesa é bem-vinda em qualquer lugar, a qualquer hora. Ela confia que o estabelecimento manterá os outros longe.

– Sério? – Quando eles foram conduzidos à sala de jantar, a Srta. Simms se virou para o criado impassível. – É isso mesmo?

O criado puxou uma cadeira, mantendo os olhos fixos na parede em frente. Ela deu um olhar divertido para o criado inexpressivo e agitou a mão diante dos olhos dele.

– Olá! Tem alguém aí?

O homem permaneceu imóvel como uma estátua de madeira, até que ela desistiu e sentou.

Griff também sentou e chamou o garçom com um olhar, para quem pediu uma variedade de pratos. Ele estava faminto.

– Maldição. – A Srta. Simms suspirou, pondo os cotovelos na mesa e apoiando o queixo na mão. – Estou faminta.

A duquesa bateu no tampo da mesa.

– O que foi agora? – a jovem perguntou.

– Primeiro, tire os cotovelos da mesa.

A Srta. Simms obedeceu, levantando os cotovelos um centímetro acima da superfície da mesa.

– Segundo, cuidado com o que diz. Uma lady nunca utiliza expressões grosseiras e blasfemas. E você irá eliminar *essa* do seu linguajar de uma vez por todas.

– Qual expressão?

– Você sabe a que estou me referindo.

– Hum... – Dramaticamente pensativa, a Srta. Simms pôs um dedo nos lábios e olhou para o teto. – Estou faminta?

– Não.

– Bem, estou confusa – ela disse. – Não me lembro de ter dito outra coisa. Sou apenas uma garota simples do campo. Impressionada pelo esplendor deste estabelecimento inóspito. Como vou saber que expressão não devo dizer se Vossa Graça não esclarece?

Uma pausa se estendeu enquanto todos esperavam para ver se a duquesa podia ser levada a repetir um jargão tão comum como “maldição”.

Griff se recostou na cadeira, feliz em aguardar para ver o que iria acontecer. Ele não lembrava de outro momento tão divertido em um jantar de família.

Sua mãe estava precisando de alguém para controlar. Ela não conseguia intimidá-lo, e os criados da Casa Halford eram bem treinados e estoicos demais. Ele tinha flertado com a ideia de dar para a mãe um cãozinho levado, mas isso era muito melhor, porque a Srta. Simms não iria urinar no carpete.

Talvez, quando essa semana acabasse, ele contrataria outra acompanhante impertinente para sua mãe. Mas da próxima vez ele encontraria uma que não fosse tão bonita.

A garota brilhava. *Brilhava*, diabos. Griff não podia evitar de encará-la. Horas de viagem na carruagem não tinham desalojado os cristais de açúcar que recobriam o corpo dela, e seus olhos não conseguiam parar de procurá-los. Eram como grãos de areia brilhante costurados no cabelo dela, colados em sua pele. Até mesmo em seus cílios.

O pior de tudo era que um cristalzinho tinha se instalado bem no canto de sua boca. A atenção que aquele cristal exigia tinha passado há muito de mera distração para algo enlouquecedor. Era claro, ele pensou, que em algum momento do jantar a Srta. Simms o recolheria com a língua, fazendo-o sumir. Caso contrário, Griff se sentiria tentado a se inclinar para frente e cuidar do assunto ele mesmo.

– Srta. Simms – a mãe dele disse –, se você acha que pode me enganar para me fazer repetir suas vulgaridades, ficará decepcionada. É suficiente dizer que gírias, blasfêmias e imprecações não têm lugar no vocabulário de uma lady. Muito menos no de uma duquesa.

– Oh. Eu entendo. Então Vossa Graça nunca xinga.

– Claro que não.

– Palavras como maldição... saco... diabos... merda... com os infernos... – ela pronunciou as palavras com calma, demorando-se em sua tarefa. – Elas não passam pelos lábios de uma duquesa?

– Não.

– Nunca?

– Nunca.

A Srta. Simms franziu a testa, pensativa.

– E se a duquesa pisar em um prego? E se uma rajada de vento arrancar a peruca de Vossa Graça? Nem mesmo assim?

– Nem mesmo quando uma garota do campo impertinente provoca uma ira crescente na duquesa – ela respondeu, calma. – Uma duquesa pode se utilizar de

todas as maneiras de evitar imprecações e expressões de frustração. Mesmo diante a um aborrecimento extremo, ela sufoca qualquer tipo de ejaculações.

– Ora – a Srta. Simms disse, com os olhos arregalados. – Espero que duques não precisem obedecer às mesmas regras. Não pode ser saudável para um homem sempre sufocar suas ejaculações – ela concluiu, maliciosa.

No mesmo instante, Griff contrariou a regra de não pôr os cotovelos na mesa, abafando um gargalhada com a palma da mão e a disfarçando com um acesso de tosse. A violência da reação o pegou de surpresa. Ele não conseguiu lembrar da última vez em que tinha rido com tanto gosto, que lhe desse dor nas costelas. Quanto a isso, ele não conseguia lembrar da última vez que se sentiu tentado a se debruçar sobre a mesa e tomar uma boca suculenta e inteligente em um beijo. Há vários meses que ele vinha sufocando... tudo.

– Deixe sair, Vossa Graça. Vai se sentir melhor. – Ela olhou para ele com falsa preocupação e um tímido sorriso de cumplicidade.

Oh, ele gostava daquela garota. Ele gostava muito dela. E isso o preocupou intensamente.

Capítulo quatro

Droga. Faltou pouco. Ela quase o fez rir.

O duque contratou a atendente de taverna para provocar sua mãe, mas em algum momento dos últimos minutos, Pauline tinha ficado muito mais interessada em provocar ele próprio.

Apesar de toda sua postura de “tanto faz”, parecia que ele se importava com alguma coisa. Nas horas que se passaram desde que eles partiram de Spindle Cove, uma nuvem de melancolia pareceu se formar em volta dele. Pauline queria dispersá-la, não por caridade, mas porque a infelicidade de Halford a deixava muito consciente de sua própria tristeza.

Pauline já estava morrendo de saudades de casa. Ela imaginou se Daniela já tinha parado de chorar e se conseguiria dormir sozinha no mezanino... Talvez a mãe delas subisse para acalmá-la depois que o pai tivesse adormecido, levando um prato de manjar para a filha.

Ela disse para si mesma que seria assim, o que a reconfortava. Quando voltasse para casa, independente e rica, sua irmã poderia comer uma grande tigela de manjar todas as noites. E por falar em comida... na mesa diante dela, os atendentes da estalagem serviram um verdadeiro banquete. O estômago de Pauline roncou. Mal tinha comido o dia todo, e nunca lhe serviram uma refeição como aquela.

– Srta. Simms – a duquesa disse. – Diga-me que pratos vê sobre a mesa.

Pauline olhou desconfiada para a mulher, imaginando que tipo de teste a outra tinha em mente. A refeição colocada diante dela era composta de diversos pratos, mas nenhum deles era exótico. Pauline sabia dizer o nome de todos com facilidade.

– Presunto – ela respondeu. – Carne e pudim Yorkshire. Frango assado. Ervilhas, batatas assadas e um tipo de sopa...

A duquesa bateu na mesa.

– Errado. Está tudo errado.

– Tudo? – Pauline arregalou os olhos para o objeto diante dela com a forma indubitável de presunto. Se aquilo não era um presunto, o que poderia ser?

– É *pr*esunto, Srta. Simms – a duquesa enfatizou o *pr.* – Presunto, não "pesunto". Pudim Yorkshire, não "pudinhê". Frango assado, não "frangu assadu". Depois do jantar vou lhe passar exercícios de dicção. Muito úteis para soltar os lábios e a língua.

Bem, isso parecia... absolutamente terrível. No momento, Pauline estava mais interessada em usar os lábios e a língua para comer. Ela estendeu a mão para a faca enfiada no *pr*esunto e a usou para puxar a travessa para perto.

Batidas na mesa. A duquesa, outra vez.

– O que foi que eu fiz agora? – Pauline perguntou. – Eu não disse nada.

– São suas ações! – a duquesa respondeu, lançando um olhar para o presunto. – Uma duquesa não se serve, Srta. Simms.

– Muito bem. – Pauline se virou para o garçom. – Você aí. Pode por favor...

Batidas. A mãe de Halford olhou feio para ela, de novo.

– Uma duquesa também não pede para ser servida.

Pauline olhou desesperada para o prato vazio.

– Então como, pode me dizer, uma duquesa faz para comer?

– Observe.

Pauline ergueu a cabeça e observou.

– Está me olhando com atenção? – a duquesa perguntou.

– Sim, Vossa Graça.

– Só vou fazer isto uma vez. Uma duquesa nunca se repete, compreende?

A esta altura, Pauline tinha certeza de que sua cabeça estava mais quente que a tigela de sopa coberta. A duquesa parecia uma versão falante de *A Sabedoria da Sra. Worthington para Jovens.* Pauline começou a entender do que fugiam as moças que chegavam a Spindle Cove para uma temporada à beira mar.

– Estou observando – ela disse.

A duquesa lançou um breve olhar de esguelha – ou, pelo menos, foi o que pareceu – para o criado que os atendia. Então ela inclinou a cabeça, de modo quase imperceptível, na direção da comida.

Os atendentes se colocaram em movimento e começaram a servir comida nos pratos deles.

– Louvado seja – Pauline murmurou.

– Obrigado, Simms – o duque respondeu, pegando a faca de cortar carne. Então se virou para Pauline. – Acredito que podemos aproveitar sua expressão

como nossa oração de agradecimento.

– Os criados servem os vegetais, a sopa, o peixe e todos os outros pratos – a duquesa explicou. – Os cavalheiros à mesa cortam as carnes.

Como se para demonstrar, o duque colocou uma fatia grossa e rosada de presunto no prato de Pauline.

– Dado seu emprego anterior – a duquesa disse –, eu imaginava que a senhorita já soubesse disso tudo.

– A etiqueta não é muito rígida em Spindle Cove – Pauline disse. – De qualquer modo, só tem mulheres às mesas. Se elas esperassem que um cavalheiro as servisse, morreriam de fome.

– Estou vendo que temos muito trabalho pela frente. E quanto aos seus talentos? Você canta, Srta. Simms?

– Não.

– Toca algum instrumento?

– Nenhum.

– Fala algum idioma? Sabe desenhar, pintar, bordar ou produzir alguma coisa digna de uma lady?

– Receio que não, Vossa Graça. Sou completamente errada para a posição de duquesa. – Ela deu um sorriso maroto para Halford.

Mas em vez de corresponder com um sorriso, ele a olhou com uma expressão fria de desaprovação. Pauline não entendeu aquele olhar, que a perturbou.

– Srta. Simms – a duquesa continuou –, não existe uma combinação mágica de qualidades que compõem uma duquesa bem-sucedida. Beleza é útil, mas não essencial. Inteligência também é desejável. Note que eu disse inteligência, não esperteza. Esperteza é como ruge; usado em demasia faz a mulher parecer comum e desesperada. Inteligência é saber como aplicá-lo.

O duque se reclinou na cadeira. Ele parecia ter abandonado a refeição para encarar Pauline com aquele olhar intenso.

Ela pegou uma garfada de batatas, obscena de tão grande, e a enfiou na boca. Não conseguia entender a razão do mau humor repentino dele. Não foi exatamente para isso que ele a contratou? Ele queria que Pauline tivesse maus modos, não?

– Por fim – a duquesa continuou –, a qualidade mais importante que uma Duquesa de Halford precisa ter é esta: fleuma.

– Fleuma? – Pauline ecoou, engolindo a comida. – É proibido falar de fome na mesa, mas podemos falar de fleuma? – Ela cutucou um pedaço de presunto. – Se

é fleuma que você quer, posso lhe dar. Aprendi a cuspir com os garotos da fazenda. O truque é começar no fundo da garganta e...

A duquesa se deteve bem quando estava para colocar uma colher de sopa de aspargos na boca. Ela olhou para o caldo grosso e esverdeado, então largou a colher.

– Não é nada disso, Srta. Simms. Fleuma é autoconfiança. Serenidade. Impassibilidade. A capacidade de manter a calma, não importa o que aconteça. Nunca subestime o poder da fleuma.

Ah, então ela estava falando do modo como ela e o duque se encararam à tarde na Touro & Flor – nenhum dos dois queria mostrar fraqueza. O modo como eles inspecionaram a casa na fazenda com apenas um olhar, assimilando todo o ambiente sem nem virar a cabeça.

A duquesa cortou sua carne com movimentos delicados.

– Desconfio que fleuma será nosso maior desafio.

– Acho que você tem razão nisso.

Sempre que alguém magoava Daniela – ou qualquer pessoa que ela amasse –, Pauline sentia aquela vinha espinhosa de raiva crescer em seu peito. Ela não acreditava que algum dia conseguiria suprimir essa reação, nem queria tentar.

– De que serve título e riqueza – ela perguntou –, se a pessoa não pode nem ser dona de suas emoções? Os aristocratas não podem sentir nada?

– Oh, nós podemos *sentir* – a duquesa respondeu. – Mas não podemos dar a impressão de que somos *dominados* por nossos sentimentos.

– Entendo. Seria intoleravelmente comum ficarmos sentados aqui, discutindo abertamente nossas emoções sobre, sei lá, amor e casamento.

– É claro.

– É muito mais refinado sequestrar o filho e então instigar uma farsa, durante uma semana, com uma atendente de taverna. É isso?

Ela tinha certeza de que o duque iria sorrir disso, mas não. O olhar dele agora queimava na pele dela, como a luz do sol através de uma lente.

– Não sei se gosto de fleuma. – Ela pegou outro bocado de comida, para falar, de propósito, com a boca cheia. – Na verdade, tenho certeza de que não gosto.

– Pela última vez, Srta. Simms, isso não é um prato à mesa, que pode ser aceito ou recusado. Se você vai aprender a ser uma duquesa, fleuma é uma exigência.

– Então veremos quem desiste primeiro.

– Eu nunca desisto. Uma duquesa tem gente para desistir por ela.

Pauline meneou a cabeça. Aquela semana seria um desafio, mas divertido, pelo menos. A duquesa tinha um senso de humor. Contudo, a mulher subestimava Pauline se achava que conseguiria intimidá-la.

Oh, ela sabia que o orgulho era forte entre os Halford. Na carruagem tinha ouvido sobre a ascendência da família. Extensivamente. Sem dúvida, uma duquesa nascida de gerações de riqueza, casada com uma linhagem ainda mais nobre, acreditaria ser indômita. Mas Pauline tinha conquistado sua teimosia lutando duro por ela a cada dia. Ao fim daquela semana estava a perspectiva de uma vida nova, independente. Ela não seria desviada desse objetivo. Nem mesmo por uma duquesa. Fosse no inferno ou na alta sociedade, ela ganharia aquelas mil libras.

Por fim, eles acabaram se dedicando ao jantar. Quando terminaram, os criados removeram os pratos salgados da mesa e os substituíram por uma variedade de frutas e queijos. Uvas, ameixas, nectarinas. Pauline viu uma sobremesa que lhe deu água na boca: camadas de framboesas, pão de ló, creme batido, tudo visível na travessa de vidro. E então, completando aquela abundância avassaladora de doces, o criado pôs diante dela uma escultura de manjar branco. O fôlego abandonou seu corpo, deixando-a apenas com uma dor aguda.

Oh, Danny. A onda de saudades de casa a invadiu com uma força tão violenta que ela não aguentou mais, nem por mais um momento. Ela afastou a cadeira da mesa e saiu dali, correndo na direção das escadas.

Aquilo foi um erro. Ela precisava ir embora. Precisava ir para casa. Quantos quilômetros eles tinham viajado? Vinte e cinco? Trinta? Ela estava de barriga cheia e o tempo estava bom. Se começasse agora, chegaria em casa andando ao raiar do dia.

– Srta. Simms? – a voz do duque ecoou no poço da escada, detendo-a no patamar. – Está se sentindo mal?

– Não – ela disse, enxugando apressadamente os olhos antes de se virar para ele. – Não, estou bem. Perdoe-me por sair da mesa daquele jeito.

Passos lentos o conduziram escada abaixo.

– Não precisa se desculpar. Foi o ponto máximo de uma exibição perfeita de mau comportamento. Parabéns. Mas minha mãe ficou preocupada com sua saúde.

– Estou bem, mesmo. Foi só o manjar.

– O manjar? – Ele franziu a testa. – Eu acho essa coisa nojenta, mas nunca me fez derramar lágrimas.

Ela sacudiu a cabeça.

– É a sobremesa favorita da minha irmã. É claro que estou sentindo falta dela desde que partimos, mas quando o manjar apareceu na minha frente, foi...

– Foi quando você sentiu – ele completou a frase, chegando a seu lado no patamar. – De uma vez. A ausência dela.

– Isso mesmo – ela concordou. – Por um instante, foi como se o ar virasse lama. Eu não conseguia...

– Respirar – ele disse. – Sei como é a sensação.

– Sabe?

Talvez soubesse mesmo, ela pensou, examinando as linhas finas nos cantos dos olhos dele e o cansaço que se acumulava logo abaixo, como sombras. Ela acreditou que ele conhecesse de perto aquele sentimento de solidão e desolamento – talvez até mais do que ela.

– Aguarde um momento – ele disse. – Vai passar.

De súbito, o patamar da escada ficou muito quente e pequeno. As paredes pareciam empurrar os dois um em direção ao outro. Ela teve consciência do tamanho dele e de seu calor masculino. De sua poderosa boa aparência. E daquele aroma persistente da colônia almiscarada.

– É melhor nós voltarmos – ela disse.

– Espere. Você tem uma coisa... – ele encostou a ponta do dedo no canto de sua própria boca. – ...aqui. Um pouquinho de açúcar, eu acho.

Pauline se encolheu. Que constrangedor. Ela passou a língua lentamente de um canto a outro da boca, depois repetiu o gesto.

– Saiu?

– Não. – Ele arregalou os olhos.

Ela levou a mão até a bochecha.

– Espere. Deixe que eu faço. – Ele estendeu um braço e apoiou a palma da mão no rosto dela, passando o polegar no canto da boca de Pauline.

Misericórdia. Ela estava o mais longe de casa que já tinha ido em toda vida, perdida em um oceano imenso e solitário de emoções. E o toque dele em sua pele, tão quente e decidido... foi como se alguém lhe jogasse uma corda. Uma ligação.

O toque dele deslizou, delicado, abaixo do lábio inferior dela.

– Você – ele disse, com suavidade – tem uma boca e tanto.

– Já me falaram. É meu pior defeito, eu acho.

– Não sei se concordo.

Ela forçou um tom alegre.

– Eu tenho muitos defeitos para escolher. Impertinência, teimosia, orgulho. Praguejo demais e sou terrivelmente desajeitada.

– Bem. – Ele deteve o dedo e virou o rosto dela para si. – Esta semana, todos esses defeitos a tornam perfeita.

Ele *tinha* que dizer algo maravilhoso. Ela tentou sorrir, mas não funcionou. Suas emoções estavam caóticas, indo e voltando entre temor e empolgação, enquanto uma voz maluca dentro dela insistia que Pauline precisava manter os lábios muito, muito parados... Porque aquele homem estava prestes a beijá-los.

Pauline tinha sido beijada uma ou duas vezes. Ela sabia como o rosto de um homem se transformava quando se preparava para o ato. As pequenas linhas ao redor da boca desapareciam e a cabeça se inclinava com sutileza para o lado. As pálpebras ficavam pesadas, baixando o bastante para revelar os cílios escuros.

O olhar dele se concentrou com intensidade em sua boca e ele se aproximou. Esse era o momento em que ela precisava fazer algo. Fechar os olhos, se desejava ser beijada. Ou dar um passo rápido para trás, caso não quisesse.

Ela *não deveria* querer. Ela detestava pensar nas safadezas que duques mulherengos podiam esperar de garotas que trabalhavam em tavernas, e ela não queria passar uma impressão errada. Mas fazia muito tempo que ela não era beijada, e ainda mais tempo que não ouvia palavras tão gentis como as que ele tinha acabado de falar.

No fim, ela escolheu uma atitude ambígua, permanecendo absolutamente imóvel. E ele não a beijou.

Halford afastou a mão e passou por Pauline, continuando a descer a escada com passos barulhentos.

– Simms, dê lembranças à minha mãe.

– Mas aonde você vai?

– Vou cavalgando na frente, para Londres – ele disse por sobre o ombro. – Esta noite.

Griff conseguiu arrumar um cavalo jovem nos estábulos da estalagem. O animal não se comparava ao baio de sangue quente que tinha em casa, mas parecia forte e impaciente, pronto para uma cavalgada puxada pelo campo. Iria servir.

A lua erguia-se brilhante e redonda no céu, pronta para iluminar sua jornada. Griff pulou na sela, ignorando a finura dos arreios emprestados e a sensação de aperto do casaco nos ombros. Aqueles não seriam os quilômetros mais agradáveis que ele cavalgaria, mas conforto não era sua prioridade nessa noite.

Ele precisava se afastar. Uma coisa muito íntima tinha acabado de acontecer na escadaria da estalagem. Uma coisa íntima, quente, doce, provocadora e vulnerável. Os lábios dela estavam tão macios, da cor de framboesas maduras. E brilhavam por onde ela tinha passado a língua. Tremendo de emoção. Ele poderia tê-los beijado. Ele quis beijá-los, mais do que queria continuar respirando.

Santo Deus. Diabos. Ele pensava ter parado com isso. Durante meses ignorou convites e insinuações de mulheres de toda cidade. Uma atendente de taverna espertinha, suja de lama, coberta de açúcar, com um vestido barato e sem graça não poderia ser a perdição completa dele.

Enquanto colocava o cavalo em um trote ligeiro, ele percebeu que não tinha criado uma estratégia muito boa para viver o resto de sua vida como o Novo, Não Muito Melhorado, Só Um Pouco Menos Interessante, Griffin Eliot York. Durante os últimos meses ele esteve absorvido demais por outras emoções para sentir qualquer privação sensual. As sensações moderadas que sentiu foram dominadas por exercício físico e uma eventual masturbação sem entusiasmo.

Analisando a situação, parecia ridículo acreditar que ele – ele! – pudesse permanecer celibatário pelo resto de sua vida. Ele devia saber que esse dia iria chegar, quando seu pênis negligenciado se levantaria, interessado, e acenaria com um animado “Ei, você, lembra de mim?”. E sua sorte quis que esse dia fosse hoje.

Havia algo em Pauline Simms que o fascinava. Ela era tão desafiadora no orgulho que sentia de suas origens humildes, mas ao mesmo tempo precisava de aprovação.

Aquilo era um arranjo comercial, Griff procurou se lembrar. Ele tinha contratado a garota para enlouquecer sua mãe, não para enfeitiçá-lo. A esperteza dela e aqueles olhos vivos de gata não deviam ser tentações. Faziam parte de um conjunto de habilidades que ela precisava usar no emprego. Do mesmo modo que um pedreiro precisa ter músculos, capacidade de calcular e mãos firmes.

Pensar em empregados ajudou-o a levar sua mente para tarefas mundanas. Ele precisava avisar a criadagem da sua casa que a duquesa estava levando uma hóspede. Felizmente, a Sra. Thomas, a governanta, era assustadoramente

eficiente. Algumas palavras e tudo estaria pronto antes da chegada da Srta. Simms: quarto, empregada, refeições, banho.

Deus, sim. A garota precisava de um banho. Um banho de verdade. Não uma enxaguada rápida para lavar toda aquela doçura brilhante. Mas de um banho quente o bastante para amolecer os calos de suas mãos e dar vida àqueles belos cabelos cor de conhaque. Com um pedaço novo de sabão perfumado para se esfregar e toalhas grossas e macias para envolver seu corpo esguio e reluzente.

A imagem que surgiu na mente dele era tão vívida, tão rica nos detalhes de cada textura da pele ensaboada... que ele teve que parar o cavalo no meio da estrada para se recuperar.

O tamborilar pesado dos cascos do animal cessaram, mas suas costelas sentiam o martelar furioso de seu pulso. *Por que ela? Por que agora?*

Como aconteceu com todos os porquês que ele lançou à escuridão nos últimos meses, não houve resposta. Apenas uma coisa ficou clara: aquilo não daria certo. Talvez ele conseguisse correr na frente da tentação, nessa noite, mas pela manhã a tentação estaria morando debaixo do teto dele.

Só havia uma coisa a ser feita, precisava fazer uma visita ao chegar à cidade. Ele se ajeitou na sela, debruçando-se sobre o pescoço da montaria, instando assim o animal a correr mais rápido. No meio de sua jornada por Kent, tirou o cavalo da estrada principal e tomou uma trilha sinuosa e familiar.

Ele se aproximou da vila na primeira luz cinzenta da manhã. Era um amontoado de casinhas envoltas pela neblina. Uma campina brilhante de orvalho oferecia jacintos e primaveras a quem quisesse colher. Griff deixou o cavalo pastar enquanto esticava as pernas, colhendo as flores silvestre que conseguia encontrar. Não era muita coisa, mas parecia de mau gosto aparecer de mãos abanando.

Quando a alvorada surgiu no horizonte, ele percebeu que estava enrolando. Era estupidez ficar ansioso. Caminhou até além da igreja com campanário branco e da área fechada por muros atrás dela. O portão enferrujado do cemitério se abriu com um rangido das dobradiças, e Griff andou até a terceira fileira de túmulos, até encontrar uma sepultura simples.

Griff permaneceu ali por vários minutos, calado e imóvel, antes de se agachar para depositar o buquê simples diante da cruz de calcário.

Quando tentou se levantar, não conseguiu. A tristeza o agarrou com uma dor selvagem e incapacitante. Como se uma broca perfurasse seu coração. Aquilo o

esvaziou, deixando-o com um buraco dolorido no peito... que, ele sabia, jamais poderia ser preenchido. *Isso é o que acontece quando se cede aos desejos.*

Depois de longos minutos, ele conseguiu respirar novamente. Antes de se levantar para partir, beijou a ponta dos dedos, que em seguida apertou contra a pedra fria e áspera. Pronto. Tentação dominada.

Capítulo cinco

– Srta. Simms – a duquesa disse. – Seu nariz vai abrir um buraco no vidro da janela. Duquesas não ficam boquiabertas.

Com a repreensão, Pauline se acomodou no assento da carruagem. Depois de viajar a noite toda, elas chegaram à movimentada periferia de Londres no início da tarde, e precisaram de mais três horas para atravessar as ruas e pontes congestionadas e chegar à Casa Halford. Ela ficou de nariz grudado na janela do veículo o tempo todo, admirando, de olhos arregalados, o cenário urbano. Tanto vidro. Tantos tijolos. Tanta sujeira. E tanta, tanta gente.

A carruagem entrou em uma região de casas mais refinadas, muitas das quais ficavam de frente para praças arborizadas com cercas-vivas aparadas com esmero. Elas deviam estar se aproximando da casa do duque.

Pauline já tinha estado em casas elegantes antes. Bem, pelo menos em *uma* casa refinada; Summerfield, a residência de Sir Lewis Finch. A governanta de Sir Lewis às vezes contratava empregadas adicionais para arrumar a casa no Natal ou na Páscoa. Summerfield era uma mansão grandiosa, com diversas alas e cheia de curiosidades de todos os tipos. Cada uma daquelas bugigangas empoeiradas era inestimável – pelo menos, as garotas contratadas deviam manuseá-las como se fossem tesouros.

Quando a carruagem parou diante da Casa Halford, Pauline estava convencida de que nada ali seria novidade. Bem... ela estava errada. Nada em sua vida, seus sonhos ou contos de fadas a tinha preparado para aquilo. E ela não tinha ideia de como faria para não ficar boquiaberta.

Para começar, a casa era imensa. Quatro andares e extensa o bastante para que alguém que quisesse vê-la por inteiro tivesse que ficar do outro lado da praça. Perto como estava, ao descer da carruagem, Pauline teve que inclinar a cabeça até quase tocar nas costas. Ela sentiu seu maxilar afrouxar, era impossível não ficar boquiaberta.

Então, com o sol se pondo por trás do horizonte irregular da cidade, ainda raiou por um último momento, espalhando seu brilho pela praça. Os raios cor-de-âmbar desceram diretamente sobre a Casa Halford, parecendo coroá-la. Os vidros de cada janela cintilaram como a faceta de um diamante, e a fachada de granito branco pareceu banhada em ouro.

Pauline ficou assombrada, então a porta foi aberta e ela ficou mais estarrecida ainda. Ela seguiu a duquesa por um corredor de oito criados uniformizados. Depois que cruzaram a soleira, havia mais criados em posição no hall de entrada. Cozinheira, governanta, criadas, copeiras, camareira.

O interior da casa era igualmente impressionante. Pinturas em cada espaço disponível das paredes, relógios requintados badalando as boas-vindas, estofamento suntuoso em qualquer lugar que uma pessoa pudesse pensar em se sentar. Era realmente demais para assimilar tudo com os olhos, mas ela não precisava. Pauline podia sentir a elegância daquela casa na sola dos seus pés. O piso de madeira era lixado e encerado com maestria, e os carpetes... ah, os carpetes eram tão espessos e macios que faziam seus passos suspirar de gratidão.

Pauline foi apresentada à governanta, Sra. Thomas – uma mulher que, em qualquer outra circunstância, teria lhe dado um balde e um escovão, mandando-a esfregar o chão. Mas hoje ela recebia Pauline como hóspede. Até mesmo fez uma mesura.

– Deixe-me lhe mostrar seu quarto, Srta. Simms.

Enquanto seguia a governanta, Pauline desejou deixar uma trilha de migalhas de pão, porque nunca encontraria o caminho de volta sozinha. Direto, a partir da entrada, subir a escada, à direita no alto, fazer a curva para chegar ao segundo lance da escada mais estreito; então à esquerda no corredor com lambris – o com papel de parede com padrão verde... ou seria azul? Seria mais fácil à luz do dia.

Ela contou as portas ao passar. Uma, duas, três... Quando a governanta parou diante da quarta porta, tudo era um grande borrão. O quarto estava escuro e ela ficou grata por permanecer dessa forma.

Pauline aceitou ajuda para se despir, ficando de roupa íntima para limpar a poeira da viagem de seu corpo. Em seguida, subiu na cama mais macia e quente em que já tinha se deitado. Enquanto fechava os olhos e esticava as pernas para as profundezas calorosas das cobertas, teve a vaga noção de que alguém esteve ali com carvão em um aquecedor de cama momentos antes de ela entrar. Que serviço excelente. E, pela primeira vez na vida, Pauline o estava recebendo.

Teria sido tolice tentar fazer aquilo parecer real, então ela caiu de bom gosto no mundo dos sonhos.

Durante várias horas ela não soube de mais nada.



Ela acordou na escuridão e percebeu que não conseguiria voltar a dormir. Deveria estar se sentindo exausta... E estava, na verdade. Suas juntas doíam devido às longas horas na carruagem, ainda que a suspensão do veículo fosse macia, e a cabeça dela estava sobrecarregada de tentar abarcar tantos conceitos inacreditáveis. Mas ela simplesmente não conseguia dormir.

Estava na casa de um duque. Mas é claro que um duque não a chamava de casa, certo? Casa era uma palavra muito comum e humilde. Ele devia chamá-la de “residência”. No campo, era uma “propriedade”. Mansão Sei Lá o Quê, Castelo Faz-de-conta.

Ela puxou um canto da tapeçaria pesada que cobria o dossel e espiou o quarto escuro. Felizmente, a lua estava quase cheia, e o brilho leitoso que entrava pelas janelas (eram *três janelas* em um quarto só!) fornecia luz suficiente para que ela pudesse ver o quarto que sua exaustão, antes, a tinha impedido de explorar. Conseguiu enxergar até o pé da cama e o banco forrado encostado nela, e o carpete macio e bordado, seus vermelhos e dourados orientais suavizados pela noite. O padrão de lótus parecia se estender por quilômetros. Se forçasse a vista, conseguia ver a ponta da penteadeira e perceber, pendurado na parede, o espelho de corpo inteiro reluzente, com moldura dourada. Este se apoiava em dois querubins esculpidos em mármore. Querubins levados, era evidente que eles nunca dormiam.

Pauline deu um assobio curto e abafado, que ecoou no teto artesoado. Nossa, o quarto era como uma caverna. Aquele único quarto podia engolir a casa inteira de sua família, e aquele era um quarto de hóspedes, ela acreditava que nem devia ser o melhor. Como deviam ser os outros aposentos?

Em uma mesa lateral, ela avistou um serviço de chá, deixado ali para quando ela chegasse. Pauline imaginou que deveria ter pedido que o retirassem, mas naquele momento ficou feliz por não ter feito isso. Um gole de chá frio com limão talvez acalmasse seus nervos. Ela soltou a colcha e a enrolou nos ombros antes de descer da cama.

– Upa!

A descida foi longa. Ela aterrissou com um baque, enrolando-se na colcha e caindo no chão. Mas não se machucou, até o carpete dali era mais macio do que o colchão de sua casa.

Achando graça, arregalou os olhos para a escadinha no pé da cama. Pauline se esqueceu de ter subido por ali. Imagine só, uma escada para subir na cama. A cama do duque devia ter tantos colchões de plumas que, provavelmente, devia precisar de seis a oito degraus. Ao deitar, era provável que ele mergulhasse em lençóis de cetim e travesseiros de penas, envolto em uma camisola de veludo púrpura. Essa ideia a fez rir.

Uma imagem surgiu na mente dela, vívida como a luz do dia e real demais. O Duque de Halford, com seus membros masculinos espalhados por uma cama larga. Nada de veludo. Nada de escadinha para subir na cama. Nada de colchão de penas ultramacio. Apenas o cabelo castanho desgrenhado, os bíceps contraídos ao redor de um travesseiro, e lençóis brancos e macios, luminosos à luz do luar, enrolados ao redor dos quadris. Ou talvez um pouco mais baixo, abraçando a curva de um traseiro firme e musculoso.

Ela tentou afastar aquela imagem, mas não teve sorte. Isso encerrava o assunto. Com ou sem chá frio, ela não conseguiria voltar a dormir.

Pauline se levantou do chão, apertou a colcha ao redor dos ombros e se aventurou no corredor.

Estava mais escuro ali. Pauline ficou parada por um momento, tentando lembrar da sequência de curvas feita pela governanta. Ela bem que tentou prestar atenção, mas estava tão exausta e impressionada... Para não mencionar seu assombro diante das fileiras de retratos antigos, que em alguns locais se acumulavam em colunas de três quadros. Tantas dezenas de ancestrais ilustres. As garotas de Spindle Cove diriam que, com certeza, aquele lugar estaria lotado de fantasmas.

Em algum lugar acima dela, madeira rangeu. Uma corrente de ar frio passou por seu pescoço, e Pauline engoliu em seco. Esquerda. Ela teve certeza de que elas tinham vindo da esquerda. Avançou lentamente nessa direção, mantendo uma mão estendida para apoiar os dedos na parede. A cada doze passos, a ponta de seus dedos caía da parede para a reentrância de madeira de uma porta. Uma, duas, três... ela contou seis antes de parar. Já deveria ter chegado à escadaria.

Um clarão repentino a congelou onde estava. Congelou seu coração, também. Que Duque de Halford fantasmagórico do passado era aquele? Abaixando-se, ela

ergueu a mão para proteger os olhos da chama ofuscante e semicerrou os olhos, espiando por entre os dedos entreabertos.

– Simms?

Ela encontrou o 8º – e único vivo – Duque de Halford assombrando a própria casa. Ele trazia uma lamparina em uma das mãos. Com a outra, fechou uma porta, e Pauline ouviu uma chave girar na fechadura.

– O que você está fazendo? – ele quis saber, guardando a chave no bolso.

O tom raivoso dele a surpreendeu.

– Boa noite também, Vossa Graça. Minha viagem até Londres foi ótima, obrigada.

Mas ele não quis saber de brincadeiras.

– Por que você está xeretando meus aposentos particulares?

– Eu não sabia que estes eram seus aposentos particulares. E não estava xeretando. Eu virei no lugar errado, só isso. Vou voltar por onde vim. – Ela se virou para ir embora.

Ele a pegou pelo braço, fazendo-a se virar para encará-lo.

– Foi minha mãe que mandou você fazer isso?

Pauline nem soube como responder. Mandou-a fazer o quê? Dormir? Virar no lugar errado em uma casa imensa e escura?

– Você está tentando roubar alguma coisa? Responda com uma palavra.

– Não. – Ela endireitou as costas.

– Então é melhor se explicar. Você está de pé quando deveria estar dormindo, em um corredor que não tem motivo para visitar. – Ele levantou a lamparina e a examinou. – E você está com uma expressão de culpa no rosto.

– Bem, você tem uma expressão de arrogância e engano no seu.

Isso não era bem verdade. A lamparina iluminava as superfícies bem marcadas do rosto dele e jogava sombras de cansaço sob seus olhos. O castanho de suas íris estava dominado por um preto frio e vazio. Ele não tinha nada de arrogante, não naquele instante.

O que quer que ele estivesse fazendo naquele quarto trancado, era particular. Ela o tinha surpreendido em um momento de fragilidade. E como um homem grande e forte como ele não podia admitir que tinha seus momentos de fragilidade, ele a faria se contorcer e gemer.

Pauline suspirou.

– Duques e seus problemas.

– Não gosto da sua impertinência, Simms.

– Ah, mesmo?

Halford a puxou para perto e ela sentiu o coração disparar. Seu pé descalço roçou o dele. O choque do contato viajou por todo o corpo dela.

– Minha impertinência é o motivo de eu estar aqui, lembra? Foi por causa dela que você me escolheu em um salão repleto de mulheres bem-nascidas. Porque eu sou perfeitamente errada. Tudo o que você nunca iria querer em uma mulher.

Ele deslizou o olhar pelo corpo dela.

– Eu não diria isso.

O movimento forçado do pomo-de-adão dele chamou a atenção de Pauline, puxando seu olhar para baixo, para a reentrância bem definida na base do pescoço dele.

Os pulmões dela escolheram esse momento para não trabalharem. Ela segurou a respiração por tanto tempo que ficou um pouco tonta.

– Pode me mandar para casa amanhã, se quiser. Mas vai descobrir que eu não roubei nada. Não estou aqui para roubar. E mesmo que estivesse pensando nisso – e não estou –, sou inteligente o bastante para não tentar na minha primeira noite aqui. Eu conheci sua governanta. Estou certa de que ela tem uma lista do que há em cada gaveta de cada armário, e que faz um controle regular de tudo. Se eu quisesse roubar, esperaria para fazer isso no meu último momento. Se não quer me dar crédito por honestidade, pelo menos me dê por inteligência.

– Não vou lhe dar crédito por nada até ouvir a verdade.

– Eu já disse a verdade. – Ela apertou mais a colcha ao redor dos ombros. – Não estava conseguindo dormir. Pensei em ir até a biblio...

– Biblioteca – ele a interrompeu, completando a palavra por ela. Sarcasmo respingava de sua voz. – Sério? É nisso que você quer que eu acredite? Estava procurando a biblioteca.

Por que ele parecia tão incrédulo?

– Sim – ela respondeu. Mas àquela altura, tudo que ela desejava era voltar para o quarto e acabar com aquele interrogatório. A insônia dela só podia estar curada. Aquele homem era exaustivo.

– Muito bem. – A mão dele apertou o braço de Pauline enquanto ele a conduzia pelo corredor. – Se é a biblioteca que você está procurando, eu mesmo a levo até lá.

Aquilo não estava saindo como Griff havia planejado. Ele pensava estar protegido contra tentações. Mas não contava com a própria tentação se materializando em um corredor escuro ao lado de seu quarto, bem depois da meia-noite. De novo com o cabelo solto, e enrolada nas roupas de cama como se tivesse acabado de fazer sexo, esgueirando-se pelos aposentos privados dele, ainda mais sedutora à luz da lamparina do que sob o sol da tarde.

Claro que só podia ser um truque das sombras. Os cílios dela não podiam ter a mesma extensão que a unha do polegar dele. Isso não seria possível. Talvez os cílios crescessem com cada mentira que ela contava. Sério? A *biblioteca*? De todas as desculpas tolas e esfarrapadas que ela podia inventar.

Griff a fez marchar pelo corredor, enrolada naquela colcha, depois a levou escada abaixo e por uma curva. Quando chegaram à porta correta, ele a escancarou, para dar um efeito dramático.

– Aí está a biblioteca. – Ele lhe entregou a lamparina.

Arregalando os olhos, ela entrou na sala, usando a luz para clarear o caminho.

– Escolha os livros que quiser – ele disse. – Eu espero.

Ela ficou parada no centro da sala, virando-se lentamente. Assombrada, sem dúvida. Mesmo ele devia admitir que era uma coleção impressionante. Como devia ser, tendo sido reunida por uma dúzia de gerações. A sala tinha a altura de dois andares e um formato hexagonal, devido a um capricho do quinto duque. Ele foi um arquiteto amador, além de naturalista e outras coisas grandiosas. Um dos lados do hexágono servia de entrada, mas prateleiras de livros cobriam as outras cinco, do chão ao teto altaneiro.

– Vá em frente – ele insistiu.

– Eu posso mesmo tocar neles? – ela sussurrou.

– Mas é claro. Alguém precisa fazer isso.

Porém, ela continuou embrulhada na colcha torcida, o rosto virado para as vigas.

– Eu nem sei por onde começar.

– Que tipo de livro você gosta? – ele perguntou, sem se preocupar em disfarçar a presunção da voz. – Você é uma grande leitora de Filosofia? História? Ciências?

– Eu gosto principalmente de poesia. Mas não tenho nenhuma pretensão de ser uma grande leitora, Vossa Graça.

Pronto. Ela admitiu fácil assim.

– Ainda assim, você afirmou estar procurando a biblioteca – ele disse,

cruzando os braços.

– Sim. Eu queria ver os livros, não ler. Eu esperava dar uma olhada na sua coleção. Talvez fazer uma lista.

Afinal, ela se arriscou à frente e passou o dedo pela lombada de um volume fino, com capa de couro. Ela nem o tirou da prateleira, apenas o tocou – cautelosa, como se o livro pudesse desaparecer em uma nuvem.

– Como eles estão organizados, você sabe?

– Na verdade, não. Desconfio que seja mais ou menos por assunto. Meu avô inventou um sistema de classificação e fez um catálogo, mas nunca me dei ao trabalho de tentar entendê-lo. Não costumo usar a biblioteca.

Ela levantou a lamparina e se voltou para ele, arregalando os olhos, sem acreditar.

– Você está dizendo que mora nesta casa, com todos estes livros – ela fez um gesto largo com a mão da lamparina –, e nunca lê?

Ele deu de ombros, fazendo de conta que não se importava com o ponto sensível que ela tinha tocado.

– Sou um constrangimento para meus antepassados. Sei bem disso.

– Quanto custa um livro, afinal?

Ele desistiu de tentar estabelecer ligações entre as perguntas dela. Estava tarde demais.

– Isso vai depender de muitos fatores, eu acredito. A natureza do livro, a qualidade da encadernação. Romances podem ser adquiridos por uma ou duas coroas, enquanto que uma coleção de nove volumes sobre a História de Roma...

Ela fez um gesto, dispensando a explicação dele.

– Acho que não quero ler sobre a História de Roma.

– Os romanos não eram tão aborrecidos como você está pensando. – Aulas de História foram uma das poucas coisas de que ele gostou em seus estudos.

– Se você diz... Mas eu duvido que até a maior leitora de Spindle Cove queira passar suas férias lendo nove volumes desse assunto.

Griff observou-a pegar com agilidade a escada com rodízios, ainda segurando a lamparina. A Srta. Simms pendurou a lamparina em um gancho feito para isso mesmo e inclinou a cabeça para examinar os títulos dos livros nas prateleiras. Seu cabelo caiu para um lado em uma cascata cintilante, como conhaque sendo servido. Ela tinha um pescoço lindo – uma curva suave e elegante de marfim.

– Você pretende levar alguns livros quando voltar a Spindle Cove? – ele perguntou.

– Quantos eu puder. Sabe, é assim que pretendo gastar minhas mil libras, ou parte delas, de qualquer modo. Eu vou... Bem, não importa.

– Como assim, não importa? Você vai gastar seu dinheiro em livros e depois...?

– Se eu lhe contar, você vai rir. – Ela suspirou. – E se você rir, vou odiá-lo para sempre.

– Eu não vou rir.

Ela olhou desconfiada para Griff.

– Tudo bem, talvez eu ria – ele admitiu. – Mas você só vai me odiar por um ou dois dias.

– Eu planejo levar livros para casa para abrir uma biblioteca circulante.

– Uma biblioteca circulante – ele repetiu, sem rir... de modo ostensivo.

– Isso. Pretendo alugar os livros para as moças que forem passar as férias lá. E como tenho pouca experiência com bibliotecas, esperava tirar algumas ideias da sua. Acredita, agora, que eu estava fora do quarto com um objetivo honesto e não para xeretar ou roubar?

Ele acreditou nela. Uma biblioteca circulante para solteironas? Nem mesmo uma mentirosa obstinada poderia inventar aquela história de repente.

– Muito bem. Eu peço desculpas – ele disse. – Eu a julguei mal.

– Você pede desculpas? – Ela olhou para ele, parecendo chocada. – Essas são palavras que eu nunca esperava ouvir de seus lábios.

– Então você me julgou mal. – Talvez os defeitos dele fossem muitos, mas ninguém podia dizer que Griff não os admitia abertamente.

– Pode ser. – Ela mordeu o lábio. – Está bem, então. Já que estamos conversando, talvez Vossa Graça possa sugerir um livro. O que você costuma ler?

– Não leio muita coisa além de correspondência das propriedades. Parece que nunca encontro tempo para isso.

Para demonstrar, ele pegou um jornal na mesa lateral e o jogou de lado, sentindo uma pontada de culpa. A cada manhã, Higgs se dava ao trabalho de passar a ferro aquela coisa, página por página. Griff mal olhava para o jornal.

Então ele foi até a grande escrivaninha da sala e acendeu um par de velas. Havia um relógio quebrado que ele tinha vontade de consertar... uma das curiosidades de Viena que seu pai havia comprado. Na verdade, ele deveria ter nascido filho de um artesão. Griff sempre se sentia mais à vontade, mais capaz, quando ocupava as mãos. As perguntas dela o acompanharam.

– Mas se você tivesse tempo para ler, o que escolheria?

– Peças de teatro – ele respondeu, sem nenhum motivo especial, apenas para se livrar da pergunta.

– Oh, peças. Seria bom ter algumas na biblioteca. As moças de Spindle Cove gostam de encenar peças. – Mantendo a colcha ao redor dos ombros com a mão, ela usou a outra para empurrar a escada até outro conjunto de prateleiras. – Você vai ao teatro com frequência?

– Ultimamente, não.

– Mas ia no passado, então. – Um interesse genuíno aqueceu a voz dela. – Por que parou de ir? Faz quanto tempo?

A mão dele apertou um parafuso que ele estava soltando do relógio. Ninguém o questionou sobre isso, nem mesmo sua mãe. Primeiro, ele ficou surpreso, como se lhe jogassem um balde de água fria no rosto, mas depois que a afronta inicial passou, ele se sentiu estranhamente aliviado. Quase grato.

Os amigos de Griff, seus colegas e os outros aristocratas do clube... todos deviam ter notado sua ausência da sociedade no ano passado. Mas ainda que tivessem se questionado quanto aos motivos e especulado entre eles, ninguém tinha lhe perguntado o porquê. Griff não sabia se lhes faltava coragem ou interesse.

Pauline Simms teve a coragem. E interesse, ao que parecia. A pergunta inocente dela aqueceu um lugar, dentro dele, que há muito havia esfriado.

Por um instante ele se sentiu tentado a responder, mas logo afastou a ideia. Um homem com a riqueza e a posição social dele nunca poderia falar de suas tribulações pessoais para uma atendente de taverna sem parecer um completo ridículo. A Srta. Simms tinha sido criada na pobreza, com uma irmã simplória para proteger e um pai violento do qual não podia fugir. Apesar de tudo, ela manteve o orgulho e um senso de humor afiado. Uma garota assim deveria ficar com pena dele, porque o duque perdeu a temporada de primavera no Teatro Real, quando ela nunca foi ao teatro nem por uma única noite?

Pauline debocharia dele por suas lamúrias, e faria muito bem. Griff até podia ouvi-la: *Duques e seus problemas.*

Ele começou a soltar outro parafusinho da tampa de trás do relógio.

– Não entendo por que isso seria da sua...

– Da minha conta – ela completou por ele. – Eu sei. Você tem razão. Não é da minha conta, mas não pude deixar de perguntar. É muito estranho, Vossa Graça. Mesmo em meio a todos esses volumes velhos e mofados da biblioteca... eu acho

que você é o livro mais difícil de ler desta sala. Assim que acho que consegui entendê-lo, você me deixa confusa outra vez.

– Simms, eu sou um homem. Não sou tão complicado.

Ele colocou o relógio de lado, com a intenção de pôr fim àquele interlúdio literário e mandá-la de volta ao quarto. Mas ao erguer os olhos, ele a viu. Por *completo.* E ele perdeu a voz.

Ela estava empoleirada no segundo degrau mais alto da escada. A colcha tinha escorregado e se transformado em uma nuvem macia no chão. Pauline Simms flutuava acima dela – um filete de mulher, coberta pela camisola de algodão mais fina que ele já tinha visto. Aquela coisa já tinha sido usada, lavada e remendada tantas vezes, que parecia um rendado de teias de aranha, não um tecido de verdade. E quando ela colocou o corpo na frente da lamparina... A camisola ficou transparente por completo.

Griff podia ver tudo. Ela não parecia em nada com um garoto. Não, ela era uma mulher. Os seios pequenos e redondos como maçãs eram encimados por mamilos escuros. A barriga era lisa. Quando ela se pendurou na escada, esticando-se na ponta dos pés para alcançar outro livro, a curva da silhueta dela foi para ele como uma canção conhecida. O pé em arco, a panturrilha esguia, a coxa suavemente mais grossa... e um traseiro redondo, palpável.

O corpo dela não era uma figura curvilínea como as de Rubens. Nenhum artista a pintaria descansando sobre lençóis brancos. Havia algo de selvagem e fundamental nela, que inspiraria artistas a retratar uma ninfa ou dríade dançando. Ela possuía um corpo que sempre mostraria suas melhores qualidades em movimento. E nu. Que ótimo. Agora a imaginação dele se agitava com pensamentos de Pauline Simms nua *e* em movimento.

Ela se virou na escada, encarando-o.

Olhos, ele disse para si mesmo. *Concentre-se nos olhos.* Ela tinha olhos lindos, com aquele tom surpreendente de verde-folha e os cílios inacreditáveis de tão compridos. Griff não podia deixar seu olhar vaguear para nenhuma outra parte. Não para os seios empinados, nem para o provocante triângulo escuro aninhado entre as coxas.

Maldição. Griff era um homem, como tinha acabado de dizer para ela. Não era complicado. A reação em seu baixo-ventre era pura, simples, com mais de dez centímetros extras de honestidade. Estava claro que ela não tinha noção de sua aparência. Não podia ter. Do contrário, ela pularia daquela escada no mesmo instante e se cobriria.

– Onde estão os romances? – ela perguntou, tranquila, apoiando o cotovelo no degrau mais próximo.

Um pensamento insidioso ocorreu a ele. Se ela não sabia por que Griff a encarava, ele podia ficar olhando pelo tempo que quisesse. Podia observar todos os detalhes dela e guardar visões suficientes para alimentar suas fantasias por meses.

– Acho que os romances estão ali – ele respondeu, brusco, apontando para a parede em questão. Então ele colocou o relógio desmontado à frente dos olhos, como um escudo, bloqueando-a. Atrás do mecanismo, ele ergueu os olhos na direção do teto. Era melhor que alguém lá em cima acrescentasse um ponto na sua caderneta de boas ações, talvez agora o total de sua vida somasse cinco ou seis.

– Você tem algum favorito para me recomendar? – ela perguntou.

– Não. – Ele suspirou com impaciência. Griff desejou que ela parasse de ser tão amigável, enquanto ele se esforçava para parar de despi-la mentalmente. Na cabeça dele, ela estava a dois botões de ficar arruinada por completo.

– Eu também não leio muitos romances – ela disse. – Os poucos que tentei pareceram florestas para mim... eu sempre me perdia. Prefiro poesia, quando consigo encontrá-las. Pequenos buquês de belas palavras, fáceis de entender e manter consigo. Tivemos uma mulher em Spindle Cove, certo verão, que se achava uma poetisa. Os poemas dela eram horrorosos, mas eu gostava dos livros que ela deixava por perto. Eu decorei meus versos favoritos, para poder recitá-los para minha irmã.

– E quais eram seus favoritos? – ele perguntou, feliz por deixá-la falar, para que parasse de lhe fazer perguntas.

Ela ficou em silêncio por um instante, antes de responder.

– Eu gosto deste: “a donzela me pegou no bosque, onde eu dançava alegremente. Em uma caixa dourada, me trancou na estante”.

Griff tinha quase terminado de soltar a tampa do relógio, mas seus dedos ficaram mais lentos.

Simms continuou, a voz ganhando uma textura aveludada, sonhadora.

– “A caixa era feita de ouro, pérolas e cristal, que brilhava muito. Por dentro, abria-se para um mundo, com uma linda noite de luar. Outra Inglaterra eu vi ali. Outra Londres com seus jardins. Outro Tâmisa e outras colinas. E outro canteiro com aroma de jasmins.”

Ele fitou o relógio aberto diante de si. Não parecia mais um relógio, mas uma

caixa. Com uma janela secreta para uma linda noite de luar. Uma Londres diferente, em uma Inglaterra diferente. Um mundo totalmente diferente.

Ele estava encantado... só um pouco.

– A história fica toda errada a partir daí – ela disse, pesarosa. – Mas eu adorei essa parte. Uma caixa de ouro, pérolas e cristal, com um mundo secreto lá dentro. É algo lindo de imaginar quando estou lavando os copos da taverna. Ou, você sabe, quando estou com o braço dentro de uma égua.

Ele levantou os olhos do relógio por uma fração de segundo. Tempo suficiente apenas para captar o olhar malicioso e encantador que ela lançou para ele.

– O que você acha? – ela perguntou. – Isso vai funcionar?

Não. Não, sua criatura encantadora. Isso nunca, jamais, irá funcionar.

– Você está falando da biblioteca circulante, imagino.

– Eu já planejei tudo, sabe – ela concordou. – Tem uma loja vazia na praça da vila, onde costumava ficar o boticário. Já está cheio de prateleiras e tem um balcão firme. Só precisa de um pouco de sol e cera nas madeiras. Talvez cortinas de renda, e uma cadeira ou duas para quem quiser sentar. – Ela entortou a boca. – Mas beleza não presta para nada, se a ideia do negócio não for boa.

– E você quer a *minha* opinião?

– Se você vai me pagar mil libras, eu imagino que não quer me ver desperdiçando o dinheiro.

Ele riu.

– Você não imagina quantos milhares eu já desperdicei.

– Só me dê sua opinião sincera. Por favor.

Ele apertou os olhos enquanto soltava uma peça do relógio.

– Honestamente, a senhorita está perguntando para a pessoa errada. Não tenho dúvida de que as solteironas farão fila por seus poemas e romances. Mas os únicos livros que já procurei foram os obscenos.

Ela se balançou no degrau da escada.

– Oh, Vossa Graça. Você é brilhante.

Griff se recostou na cadeira, espantado. Nunca, em toda sua vida, alguém tinha dito isso para ele. A não ser em uma cama.

– Em que sou tão brilhante, afinal?

– Uma biblioteca circulante cheia de livros obscenos. É disso mesmo que eu preciso! Quero dizer, nem todo livro deve ser obrigatoriamente escandaloso, mas muitos deles devem ser. Em casa, as moças podem ter todos os livros decorosos que quiserem, não é? Elas vão a Spindle Cove para quebrar as regras.

Griff lembrou das moças naquela taverna, arrancando, alegres, páginas de um livro de etiqueta, com as quais faziam adornos para bandejas de chá. Sim, dava para imaginar que romances tórridos e panfletos radicais pudessem fazer sucesso em um lugar desses.

E por fazer uma sugestão impensada, agora ele seria responsável por induzir à perdição toda uma vila de solteironas. Aquilo com certeza representava um ponto alto ou baixo em sua vida. Exatamente qual, ele não estava certo.

– Onde estão os *obscenos*? – Ela inclinou a cabeça para trás, espiando nos recantos mais inacessíveis da sala. – Imagino que estejam em uma prateleira alta. Ou você tem um armário trancado em algum lugar?

Ele riu.

– Se minha biblioteca tivesse uma seção secreta constituída de livros inadequados para jovens damas, você não poderia esperar que eu lhe dissesse onde está.

– Por que não? Eu não sou uma lady. Nem sou tão inocente.

Não diga isso.

– Está muito tarde, Simms.

– Muito cedo, na verdade.

– Basta dizer que está muito escuro. E você não está muito vestida, e estamos a sós. – Se, além disso, os dois começassem uma busca por literatura erótica...? Aquela camisola fina dela não sobreviveria por muito tempo. – Não tenho impulsos nobres, lembra?

Ela ficou corada.

– Pode me ajudar a fazer uma lista, pelo menos?

Ele tamborilou os dedos na escrivaninha.

– *Moll Flanders*, *Fanny Hill*, *O monge*, uma boa tradução de *l'École des Filles*. Esses já são um bom começo.

– Pronto – ela disse e fechou os olhos.

– Você não quer anotar?

– Não preciso. Tenho uma boa memória.

Ela se inclinou bastante para um dos lados enquanto vasculhava a prateleira, parecendo flutuar acima dele. A sombra núbil da silhueta dela quase deixou Griff ofegante. Sim, ele já tinha lido sua quota de livros obscenos, e nenhum deles o afetou tanto. Ele ficou duro como a mesa de mogno.

– Arrá! Aqui está um que vou levar para cama comigo. – Ela tirou um livro da prateleira. – *Métodos de contabilidade e escrituração.*

– Esse deve ser bom para lhe dar sono. – Ele riu. – Mas é uma boa ideia. Mantenha excelentes registros escritos, ainda que você tenha boa memória. Não aceite crédito. Se for emprestar, sempre exija um depósito. Poucos se comparam à aristocracia quando se trata de fugir de suas obrigações financeiras.

Ela lançou um olhar desconfiado para ele.

– Você não foge das suas dívidas, foge?

– Pelo que eu soube, sou o quarto homem mais rico da Inglaterra. Nunca precisei fugir.

– Oh. Ótimo. – Ela aproximou o manual de contabilidade e inclinou a cabeça, inspirando fundo. Quando Simms notou o olhar dele, pareceu envergonhada. – Eu gosto do cheiro dos livros. Isso é estranho?

– Sim. Um pouco.

Mas ele achou cativante, também. De um modo estranho. Aquilo tinha ido além de uma conversa noturna na biblioteca, transformando-se em algo no limite do flerte, talvez até mesmo em um tipo incomum de amizade – marcada por uma violenta atração carnal da parte dele.

Seja o que houvesse entre eles... precisava terminar ali mesmo, naquele instante. Ele pôs o relógio desmontado de lado e se levantou da cadeira, confiante de que as sombras esconderiam sua excitação.

– Está na sua hora de dormir, Simms. Está tarde e tenho certeza de que minha mãe planejou uma programação repleta de exercícios inúteis para amanhã.

– Não se preocupe. Estou preparada para ser uma catástrofe.

– Ótimo.

Ela apagou a lamparina e desceu dois degraus.

– Só para provar, não vou nem mesmo fazer uma mesura ao sair desta sala.

– É um começo excelente. Mas se quiser chocar de verdade, pode começar a me chamar de Griff.

– Mesmo? – Ela se virou para ele.

Ele estremeceu. Um erro de cálculo da parte dele. Griff sugeriu aquilo como um toque de falta de educação, mas a expressão lisonjeada dela o lembrou de que esse tipo de intimidade poderia se mostrar perigoso. Por falar em perigo...

– Cuidado – ele a alertou. – O último degrau é bem...

Ela soltou uma exclamação e se desequilibrou.

– Oh, saco.

Capítulo seis

O tempo desacelerou. Uma fração de segundo mostrou a Griff como o acidente seria. Os dedos dos pés dela escapariam do último degrau. Ela deixaria o livro cair, fazendo um movimento desesperado com a mão, talvez roçando o corrimão da escada com a ponta dos dedos. Mas não conseguiria se segurar de verdade, o impulso a faria continuar, e então ela cairia de cara no chão.

Está certo que a queda seria de menos de um metro, e sem dúvida ela sobreviveria, inteira e sem ferimentos. Mas quando chegou a essa conclusão, seu corpo já estava em movimento.

Pondo uma mão nas costas do sofá, ele pulou o móvel com um movimento fluido. Esse obstáculo superado, ele saltou o divã com agilidade. Abrindo bem os braços, Griff deslizou até parar em frente à escada. Bem a tempo de evitar a queda de Pauline, que bateu com tudo contra o peito dele. Griff a segurou em seus braços. E então – embora ela estivesse bem – ele não conseguiu soltá-la.

– Minha nossa! – Ela suspirou, admirando a extensão que Griff tinha acabado de percorrer. – Foi um feito atlético e tanto.

– Não foi nada.

A única resposta masculina possível, claro. Na verdade, ele desconfiava ter estirado um músculo em algum lugar entre o pulo sobre o sofá e o salto sobre o divã... mas depois ele se preocuparia com essa dor. Outras sensações exigiam sua atenção imediata.

Bom Deus. Apenas observar as formas dela tinha sido um deleite, mas isso era uma sombra pálida se comparado à emoção de tocá-la. Os mamilos dela eram tão assertivos quanto a personalidade de sua dona, cutucando Griff através do tecido fino da camisola. Eles exigiram a atenção dele. Mais do que isso: eles exigiram respeito. Diabos, ele iria venerá-los.

– Não pareceu “nada”. – Os braços dela enlaçaram o pescoço de Griff. – Você está ofegante.

– Você também – ele observou.

– É verdade. – Ela lhe deu um sorriso tão doce e envergonhado que parecia pertencer a outra garota. – Seus reflexos são muito impressionantes.

Que dádiva, essa observação. Em uma situação como aquela, Griff normalmente responderia com algo sugestivo como “você não faz ideia” ou “são anos de prática, querida”. Mas ele não conseguiu proferir nenhuma de suas cansadas insinuações sedutoras. Uma ideia absurda, então, lhe ocorreu; que sua vida inteira, desperdiçada com esportes e lazer, praticando esgrima ou boxe, quando poderia estar criando um legado, tinha-o preparado para esse momento especial. Para essa garota especial, que precisava que Griff impedisse sua queda.

– Eu não conseguiria ver você se machucar – ele disse, sem entender nada.

– Eu pensei que você não tivesse impulsos nobres.

– Acredite em mim – ele a encarou no fundo dos olhos e disse, sem qualquer sensualidade ou ironia –, não tenho.

Se ele possuísse um pingo de decência, já a teria largado momentos atrás. Malicioso como era, Griff adorou o modo como ela se pendurava em seu pescoço. Como se o mundo ao redor deles fosse um deserto imenso e gelado, e o calor do corpo dele fosse a única chance que ela tinha de sobreviver. Foi tão fácil acreditar, naquele momento, que Simms precisava dele. Que precisava de seu toque, de sua boca, de seu hálito quente. De sua pele febril e nua por cima dela toda.

Incrível o que contorções acrobáticas e o desejo masculino podiam criar. Ele tinha quase se convencido de que beijar os lábios doces e suculentos dela *era* a coisa nobre a fazer. Quase. Mas não por completo.

– Vou soltar você agora – ele disse.

Ela concordou. E então ela colou os lábios nos dele. Com mil bênçãos e maldições... A garota *o beijou.*

O beijo quebrou sobre ele como uma onda no mar agitado. Seus sentidos se abriram como comportas. Os lábios dela eram tão macios. Tinham gosto de framboesas. Ela cheirava a tecido de algodão seco ao sol. A pele dela era como um borrão exuberante de creme rosado, aos seus olhos estarrecidos e ainda abertos.

Mesmo quando o beijo terminou, seu choque doce ressoava em cada um dos nervos de Griff. Impulsos primitivos ecoaram.

Mais. De novo. Agora. Desejo era um velho conhecido dele. O pulso acelerado, o gosto dela em sua língua, o repentino intumescimento no baixo-

ventre... Ele conhecia muito bem todas essas sensações. Mas houve algo mais nessa tempestade de sentimentos. Um tamborilar profundo e contínuo na região do coração. *Ela,* o órgão sussurrou. *Eu fico com ela.* Essa parte era nova e aterrorizante. Brusco, ele a colocou de pé. Então se virou para o outro lado, esfregando a boca.

– O que diabos foi isso?

– Pensei que Vossa Graça teria mais experiência no assunto... Mas eu acredito que foi um beijo.

– Isso não deveria ter acontecido. – Ele passou a mão pelo cabelo.

– Não, não. Foi... foi bom.

– Você chama isso de bom? – Ele se virou para encará-la.

– Não. Bom, não. Foi mais algo como "oportuno". – Ela engoliu em seco. – Você não pode negar que havia uma tensão crescendo entre nós. Eu pensei que o beijo poderia ajudar.

– Ajudar... – Ele a encarou, sem acreditar no que ouvia.

– Bem, agora acabou, como pode ver. – Ela se virou para o lado e deu de ombros. – Acabou. E é óbvio que não foi nada especial. Nós não temos que nos preocupar com qualquer atração.

Não foi nada especial? Não se preocupar com qualquer atração?

Era incrível como aquela garota sabia acabar com o orgulho dele. Griff pensou em dar um abridor de cartas para ela e dizer-lhe que continuasse a eviscerá-lo.

Ela se abaixou para pegar o livro que tinha derrubado e o apertou junto ao peito, preparando-se para sair.

– Boa noite, Vossa Graça.

Deixe-a, ele disse para si mesmo. *Deixe-a ir.*

– Você não pode se basear nesse beijo. – Ele deu um passo à frente, abandonando a lógica e o bom senso, caindo de cabeça na tolice completa.

– Não posso? – ela perguntou.

– Não. Esse não foi um beijo de verdade. Foi mais uma colisão de lábios. Se eu a beijasse para valer, Simms, você teria motivo para se preocupar.

– Eu teria?

Ele se aproximou dela devagar, falando com a voz baixa e sensual:

– Teria. Um beijo de verdade mexeria com seus lugares mais íntimos. Faria com que você passasse a noite toda acordada em sua cama. Agitada, desconfortável, com... – Ele fez uma pausa, procurando pelo equivalente feminino de uma ereção latejante. – Palpitações.

Ela ergueu a sobrancelha, achando graça, e covinhas se formaram em suas bochechas.

– Palpitações?

– Sim – ele disse em um tom definitivo. – Palpitações.

Simms abafou uma risada.

Bom Senhor. Aquilo não estava acontecendo com ele. Não aquele tipo de conversa. *Palpitações?* Que palavra estúpida. Mas agora ele estava envolvido e não podia recuar. Ele se lembrou de quem era o duque naquela sala. Ela era só uma atendente de taverna. Era hora de os dois se lembrarem disso.

Só que ela não era *apenas* uma atendente de taverna, era uma atendente com ambições, um aguçado tino para os negócios, um bom gosto assustador em poesia e... curvas sedutoras que faziam suas mãos doerem de vontade de explorá-las.

Ela era deliciosa. Madura como framboesas. *Ela,* veio de novo aquele sussurro em sua mente. *Pare com isso,* Griff respondeu.

– Palpitações – ela repetiu.

Ele aquiesceu. Griff nem ligava que ela estivesse debochando dele. Ele queria que Simms repetisse a palavra muitas vezes, porque cada repetição vinha com uma visão erótica da língua dela, que provocava uma loucura nele.

Ela mordeu o lábio, enquanto refletia.

– Eu acredito que nunca experimentei palpitações, Vossa Graça. Talvez sejam exclusivas de mulheres das classes mais altas. Eu não possuo esse tipo delicado de natureza feminina.

– Isso é uma bobagem. – Ele deslizou a mão até a nuca de Simms, entrelaçando seus dedos nos fios sedosos do cabelo dela. E então a puxou para um beijo.

Ah. Então *essas* são as palpitações.

E aquela, Pauline deduziu, era a ideia que ele fazia de um beijo de verdade. Um abraço com calor e determinação, que estivesse sob domínio total dele. Halford controlava o ângulo do pescoço dela e a proximidade de seus corpos – e o ritmo lento e enlouquecedor de sua língua, que deslizava entre os lábios dela, de um lado para outro.

Ele a beijou com um vigor implacável, como se estivesse lhe aplicando um castigo que ela merecesse. Vinte chibatadas com uma língua forte e sensual. Mal

sabia ele que isso era exatamente o que ela queria, o que desejava com cada osso e músculo de seu corpo pequeno e esguio.

Sim, obrigada. Vou querer outro.

Aqueles poucos momentos depois que Pauline o tinha beijado estavam entre os mais sofridos da vida dela. Ele pareceu ficar tão horrorizado e perturbado. Ela não sabia no que estava pensando quando fez isso, só que se sentia muito grata por ele ter aberto aquela biblioteca imensa e inestimável para ela, uma atendente. Por ter ouvido os sonhos mais secretos dela sem fazer pouco – e, ainda, aperfeiçoando-os ao lhe dar aquela ideia brilhante e obscena.

Ele não podia saber. Não quanto aquilo significava.

E *ainda* ele tinha executado aquela manobra ousada, heroica, para impedi-la de cair.

Quando Pauline viu o duque tão de perto, um brilho nos olhos dele sugeriu a ela um pensamento estranho: aquela dificilmente era a primeira noite que ele passava assombrando os corredores, acordado até tão tarde, tão sozinho. Também pensou que ele não tinha ficado tão incomodado com o surgimento dela quanto queria que Pauline acreditasse. E que ele podia estar precisando de um beijo... e também de um pouco de salvação.

É claro que, antes de admitir algo assim, ele andaria descalço sobre um leito de pregos. Ela deveria ter imaginado como ele reagiria. Todos os homens tinham orgulho, e os duques eram os piores. “Admitir fraqueza” devia estar no mesmo nível de “luta de cócegas” e “caça de lesma” entre as atividades menos favoritas dele.

Então ele reagiu dessa forma. Um beijo que era controlado, dominador, possessivo. E Pauline não podia dizer que se importava, nem um pouco.

Ele a segurava com tanta força, agarrando o tecido de sua camisola com a mão, enquanto a outra fazia um redemoinho em seu cabelo. Mais tarde ela teria que escová-lo até seu braço doer, mas cada escovada valeria a pena. As sensações que corriam por seu couro cabeludo dançavam naquele limite delicioso entre o prazer e a dor.

O peito dele era uma parede sólida de calor, inflamando-a e deixando seus mamilos duros e carentes. Nada separava seus corpos, a não ser algumas camadas finas de tecido, mas ainda assim ela não se sentia próxima o bastante. Pauline se esfregava nele na esperança de amenizar sua aflição. O prazer corria até seu íntimo.

Quando ela passou os braços ao redor das costas dele, Halford grunhiu,

encorajando-a. O som profundo e vibrante percorreu o corpo dela e se acomodou como um zunido sedutor entre suas coxas. Ela se aninhou ainda mais perto.

– Assim... – ele murmurou de encontro aos lábios dela. – Assim... está certo.

E estava mesmo. O modo como eles se encaixavam parecia tão, tão certo. Não mais apenas ele que a beijava, os dois estavam se beijando, tendo prazer, dando consolo e conhecendo o gosto um do outro.

A boca dele ficou mais suave sobre a dela e seus movimentos ficaram lânguidos, lúdicos. As línguas se envolveram em uma dança lenta e sensual. Pauline agarrou o tecido da camisa dele, quente pelo contato com a pele, e deslizou seus dedos por ele. Tão flexível, com tanta força por baixo. Uma curiosidade selvagem a tomou. Ela queria saber tudo a respeito dele. O corpo seria tão bronzeado quanto o rosto ou branco como mármore esculpido? O peito tinha pelos ou era liso? O que impulsionava aquele tamborilar feroz de seu coração?

Pauline disse a si mesma para interromper suas perguntas por ali, lutando para prender sua imaginação antes que esta descesse ainda mais por aquele corpo. Mas ele não parecia ter esse tipo de preocupação. Ele desceu a mão ousada, exploradora, pela coluna dela. Um arrepio de prazer acompanhou a carícia, deslizando pelas vértebras. Quando ele chegou ao traseiro dela, a mão de Halford encontrou uma curva que ela não sabia que possuía, e ele a reclamou para si com um aperto possessivo. Pauline saboreou o gemido de satisfação dele. Que maravilhoso. Ela estava acostumada a pensar em seu corpo como um conjunto de pontas e ângulos, mas ele a fazia se sentir macia.

Ela nunca tinha se sentido assim, em toda sua vida. Tão desejada, tão necessária, e por um homem que não deveria necessitar de nada.

Quando ele finalmente interrompeu o beijo, deixou os lábios dela inchados e doloridos. O canto de sua boca estava arranhado pela barba dele, e Pauline levou a língua até lá para amenizar a dor. Ela sentiria esse beijo por horas. Possivelmente anos.

– Simms. Eu fiz mal. – Ele soltou um suspiro irregular.

Ela riu um pouco.

– Se *isso* foi mal feito, não sei se conseguiria sobreviver a algo bem-feito.

– Não, não. Fiz mal como seu empregador. Não gostaria que pensasse que tenho o hábito de assediar as empregadas. – Ele se virou de lado e passou a mão pelo cabelo castanho. – Eu não tenho dificuldade para encontrar companhia. Nunca preciso me...

– Rebaixar a isso? – Magoada, ela se abaixou para pegar a colcha caída. – Se está querendo me dispensar com delicadeza, não está conseguindo.

Por que os homens têm que estragar tudo? A resposta era simples, ela imaginou: porque as mulheres, tolas, lhes dão essa oportunidade.

– Escute. Só estou tentando dizer que não vai acontecer de novo. E eu sinto muito.

– Sente muito por ter me beijado? Ou sente porque não vai acontecer de novo?

Ele se aproximou e ajeitou a colcha ao redor dela.

– Pelas duas coisas.

Sob a luz trêmula da vela, o rosto dele assumiu aquele mesmo olhar assombrado e solitário. Se ele não tinha mesmo dificuldade para encontrar companhia – e depois daquele beijo ela acreditava nisso –, por que ele não estava dando prazer a uma amante, divertindo-se com uma viúva, ou corrompendo uma virgem nessa noite?

Para um homem sem desejo de casar, ele não estava aproveitando sua liberdade.

– Foi só um beijo. – Ela pegou uma vela acesa na escrivaninha. – O que é um beijo ou dois? Isso não foi nada.

Ele se virou para ela e a encarou.

– Você ouviu o que disse?

– O quê?

– Você disse “não foi nada”, e não “num foi nada”.

– Não disse, não. Eu disse “não foi nada”. Não... – Pauline ficou boquiaberta. – Minha nossa. Eu disse mesmo. “Não foi nada”. – Ela testou mais algumas palavras: – Livr*o*. Leit*e*. Quent*e*.

– Vamos apenas... – O duque levantou a mão. – ...parar com o exercício por aí.

Pauline cobriu a boca com a mão e riu.

– Oh, não. Isso só pode ser sua culpa. Sua mãe disse que tudo era uma questão de soltar a língua e os lábios.

Ele a encarou, sombrio.

– Não se preocupe, Vossa Graça. Não importa como se pronuncia. Não foi nada, mesmo. Só um beijo.

Mentirosa, o coração dela saltou. *Foi muito mais.*

– Eu já fui beijada antes – ela continuou. *Mentirosa, mentirosa. Você nunca foi beijada assim.* – Eu sei que não preciso dar muita importância a isso. Não é motivo para preocupação – ela concluiu.

Mentirosa, farsante, sem-vergonha.

– Você tem razão – ele concordou. – Nós dois temos nossos objetivos. Você tem uma livraria obscena para abrir e eu tenho que continuar com minha vida libertina, livre das amarras do casamento. O único modo desta semana dar errado é se terminar com nós dois noivos, encaminhados para o casamento, e Deus sabe que isso não vai acontecer.

Ele fechou as portas e se virou para ela. Seus olhos se encontraram no espaço dourado e quente acima da chama da vela.

Pauline forçou uma risada. Esta saiu estridente, louca e ridícula, e ela desejou poder culpar alguém por isso.

– Ah, céus. Não se empolgue tanto, Griff. O beijo não foi *tão* bom.

Então ela subiu correndo a escadaria, tentando deixar para trás as acusações que seu peito proferia.

Mentirosa, mentirosa, mentirosa, mentirosa.

Capítulo sete

No meio da manhã seguinte, Pauline tinha reunido uma lista e tanto das coisas que duquesas não faziam. Duquesas não xingavam, não cuspiam, nem se serviam à mesa; elas não se curvavam em nenhum sentido da palavra, nem falavam de seus órgãos internos em público. Mas, do lado positivo, duquesas não tinham que ajudar nas tarefas do lar. Elas não tiravam água do poço, não alimentavam as galinhas, não ordenhavam as vacas, nem corriam atrás de um leitão solto no quintal. Duquesas não faziam seu próprio café da manhã nem o de ninguém. Essa parte era ótima.

E quando a Duquesa de Halford invadiu seu quarto, Pauline acrescentou mais um item à lista: Duquesas não batem na porta.

Ela tomou um susto e enfiou o manual de contabilidade debaixo do travesseiro antes de levantar da cama. Não queria explicar como aquele livro tinha chegado em suas mãos. Mesmo tendo passado as últimas duas horas revivendo a cena na memória. *Oh, aquele beijo.* Seus lábios ainda formigavam.

– Fico feliz por ver que está acordada – a duquesa disse –, ainda que tão cedo.

Tão *cedo*?

– São quase 11 horas manhã. Estou acordada há séculos. – Nunca, em toda sua vida, Pauline dormiu além das 6 horas da manhã. Ela virou a cabeça e olhou pela janela. – Metade do dia já passou.

– Você está acostumada com o horário do campo. Nós utilizamos uma programação diferente na cidade. O horário de despertar começa ao meio-dia. O almoço pode acontecer às 15 horas. A noite só está começando às 21 horas. E a ceia à meia-noite é *de rigueur.*

– Se está dizendo... – Pauline acordava ao alvorecer todos os dias, sem falha. As manhãs seriam, então, seu horário de leitura. Talvez ela pudesse fazer algumas visitas à biblioteca, quando terminasse o livro de contabilidade.

– Meu filho raramente levanta antes do meio-dia. – A duquesa suspirou. – Mas é por isso que estamos começando cedo. Temos muito trabalho pela frente.

Pauline passou os olhos pelo quarto.

– Eu teria me vestido, mas não encontrei minha roupa.

– Ah, *aquilo*. – A duquesa fez um gesto de pouco caso. – Nós queimamos.

– Vocês *queimaram*? Era o meu melhor vestido para o dia a dia. – Ela tinha mais dois, um dos quais era só para ir à igreja.

– Ele nunca mais seria o seu melhor. De agora em diante, vai se vestir com mais apuro. Mais tarde vamos às lojas, mas por ora pedi à minha modista que enviasse algumas amostras. Vou chamar Fleur e iremos vesti-la.

– Que maravilha, Vossa Graça.

O entusiasmo de Pauline foi parar no carpete. Dois minutos depois de começar a se despir, na noite anterior, ela percebeu que não se dava bem com Fleur. Ou melhor, Fleur não se dava bem com ela.

A camareira tinha cabelo dourado e olhos azuis de centáurea, e entrou flutuando pelo quarto como um floco de neve. Perfeita, clara e fria.

– Humpf! – Fleur exclamou. Esse era um som muito francês e não parecia muito elogioso ao rosto, ao cabelo, à roupa ou à personalidade de Pauline.

O cocheiro e o criado dos Halford presenciaram tudo em Spindle Cove, e Pauline sabia como a fofoca passava rapidamente de um empregado para outro. A essa altura todos sabiam que ela era uma simples garota de fazenda, que não merecia a atenção da camareira de uma lady. Claro que os criados ficariam ressentidos com ela, pelo trabalho extra que estava dando.

Fleur desembrulhou uma série de caixas, de onde tirou várias roupas de baixo e três vestidos quase idênticos.

– São todos brancos – Pauline disse.

– É claro que são brancos – a duquesa respondeu.

Nunca, em toda sua vida, Pauline tinha usado um vestido branco. Talvez nem mesmo em seu próprio batizado. Branco era a cor das ladies, porque só elas conseguiam manter limpo um vestido branco. Se ela tivesse feito a tolice de costurar um vestido claro para si, em casa, a peça teria ficado cinza em três lavadas. Tirando aventais e meias, tudo que ela possuía era marrom ou azul-escuro.

Não mais. Primeiro ela foi coberta com uma roupa de baixo branca como a neve, depois foi apertada quase até a morte por um espartilho. A duquesa escolheu o mais simples daqueles vestidos: um modelo matinal com cintura alta

e camadas de musselina transparente. Fleur o ergueu sobre a cabeça de Pauline. O tecido claro desceu como uma nuvem, envolvendo-a em uma beleza etérea. Ela observou seus braços, tão bronzeados e sardentos comparados com a musselina imaculada. A duquesa avaliou Pauline com um olhar de cima a baixo.

– Que bom que serviu nos ombros. É ótimo que você seja esbelta.

Esbelta? Pauline pensou que aquela era uma forma generosa de descrever seu corpo. A duquesa a tinha elogiado.

Depois de remexer na cintura folgada do vestido por alguns momentos, Fleur pegou uma faixa verde-jade e a passou pela cintura de Pauline, amarrando-a apertado e fazendo um laço nas costas.

– Humpf. – Dessa vez, Fleur pareceu satisfeita.

– Sim, muito melhor – a duquesa concordou. – O que podemos fazer com o cabelo dela?

Não muita coisa, pareceu ser a opinião de Fleur.

Depois que o cabelo de Pauline foi penteado e preso em um coque simples, ela ficou encarando um reflexo nada familiar no espelho da penteadeira. Nenhum fio de cabelo fora do lugar, nenhuma mancha na renda de seu vestido.

A duquesa dispensou Fleur com algumas palavras em francês, depois olhou para o reflexo de Pauline no espelho.

– Vou fazer algo que nunca faço. Vou falar sobre o meu filho com você.

Pauline ficou boquiaberta, mas mesmo que soubesse o que dizer, a expressão da duquesa a impediu de proferir qualquer coisa.

– Eu sei, eu sei. Mas não posso conversar com meus pares sobre essas coisas, e nunca confiaria na criadagem. Estou ficando desesperada com Griff, e não tenho ninguém com quem conversar.

Griff?

– Ele mudou desde o outono passado. Notei isso no dia em que ele chegou a Londres. Meu filho era um malandro quando garoto. Depois que cresceu, tornou-se um jovem dissoluto, sempre jogando cartas com os amigos ou organizando festas descabidas em nossa propriedade de Winterset Grange. E sempre esteve rodeado de mulheres.

Sem dúvida, Pauline pensou. *A noite passada a tornava uma dessas mulheres?*

– Mas no ano passado, tudo mudou. Ele nem abriu Winterset no inverno. Ficou na cidade. Por qual motivo, não consigo imaginar. Ele não vai mais aos clubes, não assiste a espetáculos, não mostra interesse nos amigos nem na sociedade. E ainda tem esse quarto trancado.

– Um quarto trancado, Vossa Graça?

Pauline tentou não revelar como seu interesse no assunto aumentou. Com tudo o que aconteceu na biblioteca, depois, ela quase tinha esquecido de tê-lo surpreendido no corredor, na noite passada. Ele se comportava mesmo como um homem com algo a esconder.

Ele também beijava como um homem que ansiava por carinho e consolo. Mas ela não iria contar *isso* para a duquesa.

– Um quarto trancado – a duquesa confirmou. – Ele mantém um quarto, em seus aposentos particulares, trancado dia e noite. Apenas ele tem a chave. E não deixa nem as empregadas entrarem para tirar pó. É tão... perverso. Quem sabe o que ela está guardando ali?

– Espero que não seja uma coleção de cabeças cortadas. Talvez ele viaje pelo interior à caça de atendentes de taverna impertinentes, e eu serei a de número onze.

A duquesa bufou.

– Você não é a número onze. Você vai ser a primeira, e única, noiva de Griff.

– Mas eu sou uma plebeia.

– A linhagem Halford é robusta o suficiente para suportar a libertinagem do meu filho. Pode até mesmo sobreviver a uma plebeia como duquesa. Mas irá terminar, para sempre, sem um herdeiro homem.

– Mas o duque ainda dispõe de décadas para ter um filho. Você não acredita, honestamente, que ele irá se casar comigo.

– Ele *tem* que casar. Eu não posso esperar décadas. Você não compreende. – A duquesa parou por um instante. – Eu esperava que não chegasse a isto, mas agora vejo que não tenho escolha.

A mulher enfiou uma mão no bolso e a retirou, segurando algo pequeno e peludo.

– Pronto – ela declarou. – Veja só isso.

Pauline olhou para o objeto. Uma coisa tricotada, sem propósito determinado, feita de lã amarela. Parte parecia uma touca, outra, uma luva. Mas nenhuma parte estava bem-feita.

– O que é isso? – Pauline perguntou.

– É um terror! É isso o que é. Eu nem sei como isso acontece. Não faço nada do tipo desde que era uma garota de 14 anos. Mesmo na época era só bordado e crochê. Nunca tricô. Mas toda noite, durante os últimos meses, eu me sento à

noite, com a intenção de ler ou escrever cartas, e três horas depois aparece uma *coisa* deformada e peluda no meu colo.

Pauline abafou uma risada.

– Vá em frente, ria. É ridículo. – A duquesa pegou a coisa tricotada e a revirou nas mãos. – É uma touca para uma cobra de duas cabeças? Uma luva para três dedos artríticos? Nem eu sei, e fui eu que fiz essa coisa. Que vergonha. Não posso deixar os empregados verem, claro. Tenho que escondê-las em uma caixa de chapéu e depois levá-las para o Hospital dos Abandonados às terças-feiras.

Pauline riu alto ao ouvir isso.

– Uma vida de elegância, controle e joias, reduzida a isto. – Ela levantou a luva distorcida e a balançou diante de Pauline. – Isto! É um absurdo.

– Talvez Vossa Graça devesse consultar um médico.

– Não preciso de pó nem tônico, Srta. Simms. – A duquesa se afundou em uma cadeira e apertou o novelo de lã no peito. A voz dela ficou mais suave. – Eu preciso de netos! Bebezinhos fofos e brincalhões para absorver todo esse afeto que está crescendo dentro de mim. Estou desesperada por netos e não sei o que vai acontecer comigo se eles não vierem. Uma manhã dessas Fleur virá me acordar e me encontrará sufocada por um cachecol com metros de extensão. Que destino!

Pauline pegou o tricô das mãos da duquesa e o examinou.

– Não está tão ruim, em alguns lugares. Eu posso lhe ensinar a fazer o punho da forma correta, se quiser.

A duquesa arrancou a peça de Pauline e a enfiou no bolso.

– Mais tarde eu vou aceitar suas lições de tricô. Esta semana você vai aprender a ser uma duquesa comigo.

– Mas, Vossa Graça não entende. Eu nem mesmo...

Pauline calou a boca. Estava na ponta da língua dela a frase, *Eu nem mesmo quero me casar com ele*.

Mas algo a impediu de dizer isso em voz alta. Um impulso para poupar os sentimentos da duquesa, ela decidiu. Nenhuma mãe gosta que maltratem seu filho, e seria impossível explicar por que uma atendente de taverna recusaria a oportunidade de casar com um duque.

De qualquer modo, explicações não eram necessárias. O duque em questão nunca se casaria com ela.

– Ele está me pagando – ela soltou, afinal. Pauline não achou justo deixar a pobre mulher com esperança. Afinal, Halford não a tinha feito jurar segredo. –

Ele está me pagando para ser uma catástrofe. Para frustrar todas as suas tentativas de me refinar.

A duquesa bufou com delicadeza.

– Foi isso o que ele lhe disse porque é isso o que ele está dizendo para si mesmo. Griff não consegue admitir que está fascinado por você. E você também é orgulhosa. Se eu a acusasse de já estar apaixonada por ele, você também negaria.

– Eu... eu nego mesmo! Porque não é verdade!

Enquanto falava, Pauline sentiu o coração martelar no peito. *Mentirosa, mentirosa, mentirosa*. Ela *estava* apaixonada. Estúpida e impossivelmente apaixonada por cada coisinha a respeito do duque. Não, não do duque, do homem. Pelo modo como ele a ouvia com interesse genuíno, como impediu que ela caísse, e como a beijou com tanta paixão. O cheiro delicioso e viciante dele. Naquela manhã mesmo, Pauline fantasiou roubar da lavanderia a camisa suja dele para que pudesse escondê-la debaixo do travesseiro.

Oh, Deus! Isso era terrível. Ela sentia até mesmo *palpitações*.

Fleur voltou para o quarto com uma bandeja forrada de veludo, que colocou sobre a penteadeira.

Pauline ficou boquiaberta. A bandeja estava coberta de joias de todas as formas e cores, reluzentes em todos os tipos de arranjos: colares, pulseiras, brincos, anéis. Mas não eram de todos os tamanhos. Não, cada gema era uniforme e assustadoramente imensa.

– Isso é tudo – a duquesa disse, dispensando Fleur mais uma vez.

Ela se voltou para a bandeja de joias.

– Pérolas, não. Hoje, não – ela murmurou, empurrando de lado um cordão de esferas iridescentes do mesmo tamanho. – Topázio seria errado. E vão ser necessários alguns anos antes que você possa usar diamantes ou rubis.

Diamantes ou rubis? Aquela mulher iludida falava como se um dia todas essas joias fossem ser dela. Pauline não sabia como convencer a duquesa da verdade.

– Vossa Graça não me ouviu? – ela perguntou com um sussurro alto. – Gri... quero dizer, o duque está me pagando para fracassar. Ele só quer dar uma lição na senhora, para que nunca mais queira obrigá-lo se casar.

A mulher colocou as mãos nos ombros de Pauline. Seus olhares se encontraram no espelho.

– Quanto ele lhe prometeu?

– Mil libras.

A duquesa não pareceu impressionada. Ela colocou as mãos no rosto de Pauline e puxou para cima, alongando a coluna dela até a moça ficar ereta como uma vara.

– Pronto. Com a postura correta, você possui um pescoço maravilhoso para joias. – Ela inclinou a cabeça de Pauline para um lado e para outro. – Nunca deixe que lhe mandem usar esmeraldas só porque seus olhos são verdes. Isso é ideia de gente sem imaginação. Pensando só na cor, seus olhos são mais parecidos com peridoto. Mas peridoto sempre me parece lamentavelmente burguês.

– Não é comum alguém me dar conselhos sobre joias, Vossa Graça – Pauline disse, a voz abafada pelas mãos da duquesa emoldurando seu rosto. – Esta é a primeira vez.

A duquesa a soltou, virou-se e pegou um colar de pedras roxo-claro e filigrana de ouro na bandeja forrada de veludo.

– Esta é sua pedra: ametista – ela disse enquanto arrumava a joia no pescoço de Pauline. – Rara, majestosa, mas delicada o bastante para uma mulher jovem.

Enquanto as pedras se moldavam às saliências e reentrâncias de sua clavícula, Pauline fitou o espelho, fascinada. A duquesa estava certa – a cor da ametista ficava bem nela. O tom de violeta destacava os dourados de seu cabelo e lançava uma sombra rosada nas faces. Mas podia ser que o rosado viesse de sua agitação. Ela mal podia acreditar que algo assim estivesse tocando sua pele.

– Então meu filho lhe ofereceu mil libras – a duquesa disse. – Este colar, apenas, vale dez vezes isso.

Santa... Dez. Mil. Libras. Dez vezes mil libras. O número um seguido de quatro zeros. Pendurado no pescoço *dela*.

De repente, ela se sentiu tomada por um medo irracional e poderoso. O terror era tanto que ela não conseguia se mexer nem respirar. Se ela ousasse sequer mover a cabeça para um lado, a corrente podia se quebrar e toda aquela coisa inestimável cairia em uma fenda do assoalho – e nunca mais seria encontrada.

– Tenha em vista o prêmio maior, minha garota – a duquesa disse.

Pauline não pôde evitar de encarar a mulher grisalha pelo espelho. Estranho. Até então ela não pensava que a duquesa fosse louca.

– Vossa Graça, isso não vai dar certo. – Ela apontou para seu próprio reflexo. – Eu não sou o que ele quer, muito menos o que precisa. Ele é o 8º Duque de Halford, e eu uma atendente de taverna. Completamente errada. Só me escute falando. Olhe para mim.

– Não sou eu que preciso olhar para você. – A duquesa removeu o colar de ametista e o recolocou na bandeja, então gesticulou para Pauline levantar. – Venha. Nós vamos fazer uma experiência.

Estupefata, Pauline levantou da cadeira e a seguiu. Elas desceram até o térreo e a duquesa a conduziu até um salão grande e aberto. Quando entraram no aposento, ela se virou para Pauline e pôs um dedo sobre os lábios, pedindo silêncio.

Os tapetes tinham sido enrolados para as laterais do salão, e logo Pauline viu por quê. O aposento não era mais um salão de festas, mas uma espécie de ginásio.

Bem no centro, o duque e um oponente mascarado se enfrentavam. Os dois homens vestiam calças estofadas e apertadas na coxa, um colete estofado e uma camisa branca aberta. Os dois empunhavam uma espada esguia e brilhante. Nenhum dos dois notou que elas entravam.

– *En garde* – disse o homem mascarado.

A resposta foi um clangor de espadas.

Pauline observou os dois espadachins trocar golpes e fintas. A admiração a deixou sem fala.

Enquanto o oponente usava um capacete com uma trama metálica para proteger o rosto, as feições do duque estavam visíveis. Ela podia admirar cada ruga de concentração, cada gota de suor na testa dele. O esforço fez com que o cabelo dele grudasse na cabeça, em cachos castanhos, e com que a camisa colasse no tronco. A musculatura se revelava através do tecido branco e úmido, o que lhe dava a aparência de uma escultura de mármore ganhando vida. Braços, ombros, pernas, bunda... O físico dele era todo lindo.

O oponente mascarado disparou uma estocada em direção ao tronco do duque, mas este a desviou com um movimento ágil de sua lâmina e contra-atacou. Suas investidas e estocadas possuíam a elegância de uma dança, carregada de força mortal.

Enquanto os dois duelavam, as paredes ecoavam os sons impressionantes do aço cortando o ar e das lâminas estalando uma contra a outra. E o mais empolgante de tudo, os grunhidos de homens atléticos, causados por seu esforço físico. O espaço todo vibrava com energia viril.

Se Pauline vinha sofrendo de palpitações desde o beijo, aquela cena levou essas sensações a algo ainda mais profundo. Oscilações? Abalos? Ela preferia não encontrar um nome para isso.

No centro da sala, os homens travaram as espadas. A ponta brilhante estava a centímetros do rosto de Halford e, ao contrário de seu oponente, ele não usava uma máscara de metal para se proteger. Um movimento súbito da lâmina poderia arranhá-lo ou cegá-lo.

Cuidado, ela quis gritar. Mas a duquesa pôs a mão no braço de Pauline, contendo-a.

Enfim, com um rugido primitivo, os dois se separaram; cada um recuou vários passos. Enquanto enxugava o suor da testa, o duque virou, por um breve instante, a cabeça na direção das mulheres. Foi o bastante. Ele a viu.

Mesmo do outro lado do salão, Pauline sentiu o momento em que o olhar dele travou com o seu. O calor intenso fez sua pele formigar.

Halford deve ter sentido mais do que um formigamento, porque enquanto ele ficou ali, congelado onde estava, a lâmina de seu oponente cortou-lhe o braço. Uma linha de sangue vermelho rapidamente manchou a camisa dele.

– Oh! – Pauline levou as duas mãos à boca, horrorizada.

Por sua vez, a duquesa emitiu um som de satisfação.

– Eu diria que a experiência foi um sucesso.

Capítulo oito

Griff gemeu de dor, deixando a espada cair e apertando o ferimento com a mão livre.

– Droga, Del.

– Não é culpa minha. Por que você parou de defender? – O amigo empurrou a máscara de proteção para trás e passou os olhos pelo salão. Quando encontrou a Srta. Simms, ele abriu um grande sorriso. – Olá... Estou vendo, agora.

Olá, mesmo. Pauline fez uma mesura e Griff lhe deu um aceno rápido. Ele não deveria estar tão surpreso, mas não a via desde a biblioteca, na noite anterior, quando passaram todo aquele tempo conversando. E depois se abraçaram. E então se beijaram como amantes que estiveram aprisionados em celas separadas durante dez anos e seriam enforcados ao amanhecer.

Bom Deus. Bom Deus.

Ele tinha resolvido, hoje mesmo, procurá-la para ter uma conversa breve e profissional para acertar as coisas, garantindo que aquilo não aconteceria outra vez. Mas a conversa não deveria acontecer dessa forma. Os dois deveriam estar a sós, mas de forma segura. Quando ele estivesse tão exausto, após horas de prática vigorosa de esgrima, que não conseguiria nem pensar em desejo, e quando ela não estivesse tão... tão daquele jeito.

Você está bem?, ela articulou com a boca.

Não. Não, ele não estava bem. Griff se sentia devastado.

Ontem mesmo ela tinha lhe virado a cabeça com seu comportamento inadequado e todos aqueles cristais brilhantes de açúcar. No momento ela não brilhava; a Srta. Simms usava um vestido branco tão translúcido e puro que o calor bronzeado de sua pele brilhava através dele. Ela *resplandecia.*

Griff sempre adorou isso: o efeito natural de uma mulher sobre ele. Antes ele vivia por esses momentos de atração natural, instintiva. Quando uma fonte de feminilidade celestial entrava no ambiente e seu compasso interno se

recalibrava. Era uma mudança sublime de seu caos interno para uma determinação objetiva. A diferença entre *Minha nossa, e agora?* e... *Ela. Eu fico com ela.*

Maldição. Ele a queria. Quis desde o primeiro instante. Griff compreendeu isso nesse momento, em que alguma parte amortecida dele começava a voltar à vida. Mas esse era o pior momento possível, e ela era a mulher menos provável. Qualquer efeito que Simms tivesse sobre ele, Griff precisava garantir, com toda certeza, que ninguém naquele salão – nem sua mãe, nem seu amigo, nem Pauline Simms – percebesse. Bem, a não ser pelo sangramento.

Virando-se para o lado, ele usou a lâmina da espada para cortar uma tira de tecido de sua camisa, que usou para aplicar sobre o ferimento.

– Vossa Graça. – Del estendeu uma perna à frente e fez uma reverência profunda para a duquesa.

– Lorde Delacre – ela respondeu, inclinando a cabeça.

– Vossa Graça faria a gentileza de me apresentar sua bela amiga?

Não comece, Griff pediu em silêncio. *Não com ela.*

Ele e Del tinham uma longa história de duelar pelas conquistas. Nos momentos mais inexperientes de sua juventude, eles até transformaram isso em competição, com apostas e um complexo sistema de pontuação. Fazia tempo que Griff tinha deixado isso tudo para trás, mas não havia como saber no que dizia respeito a Delacre. Talvez ele ainda estivesse contando seus pontos.

– Esta é minha convidada – a duquesa disse. – Srta. Simms, de Sussex.

– Srta. Simms de Sussex – Del disse. – É um verdadeiro prazer conhecê-la. Eu sou Lorde Delacre, de onde quer que me queiram menos. – Ele pegou a mão de Pauline e a beijou.

Ela arqueou uma sobrancelha para Griff, e foi como se ele pudesse ouvi-la provocando-o: *Você não beijou minha mão.*

Mas eu a salvei de cair e quebrar a cara, ele respondeu, também com um movimento de sobrancelha.

Por um momento, eles começaram a compartilhar um sorriso. Então foi como se os dois se lembrassem dos beijos que tinham se seguido a esse resgate... Para não mencionar da intimidade implícita em se conversar através de movimentos de sobrancelha enquanto outras pessoas observavam.

O pescoço dela ficou vermelho. Griff olhou para o lado.

– Não se preocupe com ele, Srta. Simms – disse Delacre. – Nós dois somos espadachins experientes. Os melhores de Londres. Temos que ser.

– E por quê? – ela perguntou.

– Porque somos os maiores libertinos. – Del piscou para ela. – Uma reputação de excelência na esgrima é a melhor defesa contra ser desafiado para um duelo. Nenhum homem, não importa o quão enraivecido esteja, colocaria a escolha de armas nas nossas mãos. – Ele colocou de lado a lâmina de treino. – Faz tempo que está em Londres, Srta. Simms?

– Cheguei ontem, meu lorde.

– Os pais da Srta. Simms não puderam apresentá-la à Sociedade – a duquesa interveio. – Então eu me ofereci para ajudar a garota a se refinar, na cidade.

– A julgar pelo corte no braço de Halford, eu diria que o começo é bem promissor – Delacre disse. Com a voz mais baixa, ele disse à duquesa: – Eu sei o que Vossa Graça está tramando. E como fiz um juramento de sangue para defendê-lo de todas as armadilhas do casamento, deveria me opor. Mas para variar, Vossa Graça, acredito que possamos ser aliados. Não há como negar que ele tem se comportado como um monge durante toda a temporada. Só que menos divertido.

– Eu ouvi isso – Griff disse.

Del o ignorou e continuou a se dirigir à duquesa em tom de confidência.

– É claro que não estamos totalmente de acordo. Você é a mãe dele, quer vê-lo casado. Como amigo, meu objetivo é diferente. Eu me conformaria vendo-o...

– *Del* – Griff o advertiu.

– ...sair de casa – Delacre concluiu, levando a mão ao peito com expressão de inocência. – Vendo-o sair de casa. O que você pensou que eu pretendia dizer? Você tem uma mente suja, Halford. Doente.

Irritado, Griff balançou a espada, uma ameaça muda, testando o braço ferido. Com amigos assim...

– Isso é ótimo. – Delacre bateu palma. – A Srta. Simms precisa ser apresentada à cidade. E Halford precisa usar...

– *Del.*

– ...as pernas. – Delacre levantou as mãos, bancando o inocente. – É óbvio que todos precisamos ir à festa dos Beaufetheringstone, esta noite.

– Tenho certeza de que vou dizer esta frase apenas uma vez na vida... – A duquesa suspirou e acrescentou: – Delacre, sua sugestão é excelente.

– É uma sugestão terrível – Griff resmungou.

– Até de noite, então. – Delacre recolheu suas coisas e fez uma reverência rápida. – Preciso ir. Tenho que incomodar três pessoas antes do chá, senão meu

dia parece desperdiçado. – Da porta, ele apontou o dedo para Griff. – Mais tarde, você vai me agradecer por isso.

Oh, irei arrancar suas tripas por isso.

– Mas eu acabei de chegar – Pauline disse. – Não tenho nada para vestir.

– Garota – a duquesa arqueou a sobrancelha –, você tem tão pouca fé em mim.

Griff conhecia a mãe. Ele sabia como ela funcionava quando tinha um objetivo. Mas mesmo que ela conseguisse fazer a Srta. Simms parecer uma jovem lady, não conseguiria consertar o sotaque da garota, seu comportamento, a etiqueta deplorável e sua total falta de refinamento. Não em apenas um dia.

Ele não ficou preocupado. Não muito.

Algumas horas mais tarde, Pauline entendeu por que o duque podia gastar mil libras em uma semana de distração para a mãe e ainda achar o preço bom. A duquesa conseguia gastar essa quantia em uma tarde. Duas vezes.

Primeiro, elas visitaram a modista – uma senhora de idade com turbante que parecia melhor preparada para adivinhar o futuro do que para costurar. Ela observou Pauline com olhos pintados, dramáticos.

– Oh, Vossa Graça – a mulher disse, em tom de desespero. – O que é isto que trouxe para mim?

– Ela precisa de guarda-roupa para uma semana – a duquesa respondeu. – Amostras com ajustes servem para hoje, mas vamos precisar de algo melhor para amanhã. Vestido matinal, de passeio e para a noite. Um vestido de baile para sexta-feira. E ela precisa estar arrebatadora. Sem comparação.

– Arrebatadora? Isto? – A modista estalou a língua. – Está pedindo demais.

A duquesa arqueou a sobrancelha e olhou severamente para a mulher.

– Eu não estou *pedindo.*

A sala congelou com um silêncio tenso.

Finalmente, a modista bateu as mãos e uma horda de assistentes se aproximou.

Pauline bancou o espantalho durante horas, parada de braços abertos enquanto costureiras fugazes a circundavam. Elas mediram cada centímetro de seu corpo com fitas, dos punhos aos tornozelos, e a cobriram com amostras de tecidos cintilantes.

Depois que as costureiras terminaram de picá-la com alfinetes, elas foram para a loja de tecidos, quando Pauline aprendeu quantos eram os tons de rosa: dezenas. A duquesa se debruçou sobre uma bobina após outra de cetim em tons

de coral, rosa, framboesa, e um desagradável e flamejante que Pauline só conseguia descrever como “assadura”. A duquesa comprou vários cortes de tecido e mandou entregar na modista.

Então elas foram ao armarinho. Depois à chapeleira e à luvista. Quando Pauline já tinha experimentado uma dúzia de pares de sapatos que lhe apertavam os dedos, chegou à uma conclusão: ter a aparência elegante e bem-cuidada exigia uma quantidade ridícula de trabalho.

Enquanto a duquesa orientava os criados em seus esforços para prender catorze pacotes e caixas de chapéu no alto da carruagem, Pauline voltou sua atenção para uma loja ao lado. Uma agitação feliz cresceu em seu peito. Era uma livraria.

Ela espiou através da treliça de losangos de vidros, absorvendo avidamente cada detalhe e gravando-o na memória. Na vitrine, o livreiro tinha feito uma exposição de títulos geográficos – em sua maioria, memórias de viagem de cavalheiros ricos. No centro jazia um atlas, aberto em um mapa colorido do mar Mediterrâneo. Notou o modo cuidadoso com que os volumes ainda não encadernados estavam arrumados nas prateleiras. Era impossível de identificar os títulos daquela distância. Estariam organizados alfabeticamente por título ou autor? Ou agrupados por assunto, talvez? Talvez estivessem organizados por meio de um método diferente.

Pauline lançou um olhar para a duquesa. Ela estava, ainda, ocupada com os pacotes.

– Não, não – ela dizia ao criado. – Esse tem que ir por cima. Não me importa que seja o maior. Ele não pode ser esmagado.

Uma dupla de senhoras saiu da livraria, virando-se para caminhar na outra direção. Pauline espiou pela vitrine outra vez. Ela não viu nenhum outro cliente na loja. Depois de escrever algumas linhas em um livro-caixa, o livreiro desapareceu por uma porta nos fundos.

A curiosidade de Pauline foi maior do que seu bom senso. Enquanto a duquesa cuidava dos pacotes, Pauline abriu a porta da livraria e entrou. Ela só ficaria por um momento.

Oh, mas poderia ter permanecido por semanas. O cheiro mais magnífico a alcançou quando entrou. Tinta, cola, couro e papel novo – tudo combinado com a quantidade certa de mofo. Era a mistura perfeita de conhecido e novo, como a sensação reconfortante de entrar na cozinha perfumada de temperos do Sr. Fosbury na época de Natal.

Além da vitrine, ela viu o balcão da livraria, com uma série de títulos identificadas como NOVAS EDIÇÕES. Amostras de vários tipos de encadernação em couro estavam expostas para a escolha dos clientes – preto, verde, vermelho, azul-escuro e um pedaço de couro de vitelo claro, tão lindo quanto inviável.

Ela caminhou até a prateleira e tocou na lombada de um volume. Um livro de poesia.

Pauline não tinha muito em comum com as aristocratas que visitavam Spindle Cove. Mas ela compartilhava do amor que elas tinham pela palavra impressa. Parecia que qualquer jovem com problemas para encontrar seu lugar na vida – fosse uma lady ou uma criada – podia encontrar um lar mais feliz nas páginas de um livro.

– Quem está aí?

O livreiro entrou pela porta dos fundos. Quando seu olhar afiado encontrou Pauline, ela tirou a mão do livro de poesia, cobrindo os dedos com a outra mão, como se os tivesse queimado. O homem a mediu, desconfiado.

– O que você quer, garota? Se está vendendo bolos ou laranjas, entre pela porta de serviço.

– Não, eu... Eu não tô vendendo nada. – A indelicadeza do sotaque dela ofendeu seus próprios ouvidos. Não importava o vestido novo, ela se entregou no mesmo instante. – Não estou vendendo nada – ela repetiu, preocupando-se em falar as palavras corretamente. – Só queria dar uma olhada nos livros.

O livreiro bufou.

– Se está procurando romances repugnantes, vai encontrá-los mais adiante, no Leadenhall. Não permito que garotas fiquem sujando meus livros.

– Estou acompanhando a Duquesa de Halford. Ela está à minha espera lá fora.

– Ah, é mesmo? – O homem riu. – Imagino que a Rainha de Sabá tinha outros planos para hoje. Agora saia ou vou expulsá-la com a vassoura. Este lugar não é para você.

Ela não conseguiu se mexer. As palavras dele a lançaram em uma lembrança antiga e dolorosa. Um livro arrancado de suas mãos rígidas. A dor que parecia partir sua cabeça ao meio. Palavras ríspidas e o zumbido nos ouvidos. *Isso não é para você, garota.*

Ela quis revidar, enfrentar o livreiro. Mas como? Pauline não tinha nada. Nenhuma moeda para gastar. Nem sotaque instruído ou conhecimento para provar que as suposições dele estavam erradas.

Ela foi acometida por uma tentação poderosa, infantil, de jogar um livro no homem, mas isso seria menos dramático que o açúcar, e seria uma ofensa ao livro.

Então ela apenas virou e saiu, as faces queimando e os dedos tremendo.

Algum dia, ela prometeu a si mesma, *serei dona da minha própria loja, repleta de livros adoráveis. E será um lar para mim e Daniela, e para qualquer um que precisar. Ninguém será colocado para fora.*

Na rua, a carruagem Halford parecia um bolo de quatro camadas, com caixas e pacotes amarrados sobre todas as superfícies disponíveis. Dentro da carruagem, a duquesa acenou para ela.

– Venha, Srta. Simms.

Pauline obedeceu. Ela aprendeu uma coisa em sua rápida pesquisa na livraria. Tendo visto os preços nas plaquetas, ficou sabendo uma coisa... Mil libras podiam comprar um grande número de livros.

Estava na hora de colocar de lado todos os pensamentos sobre beijos, palpitações e duques assombrados. Ela tinha sido contratada com um objetivo – ser um desastre – e não podia falhar.

Capítulo nove

Quatro anáguas. Pauline nunca sonhou que uma mulher pudesse usar quatro anáguas. Principalmente todas ao mesmo tempo.

Observando seu reflexo no espelho, ela decidiu que seria mais correto dizer que as anáguas é que a vestiam. Suas saias cor-de-marfim a deixavam tão grande que ela não sabia se passaria pelo vão da porta. Ela pensou que teria sorte se sobrevivesse à noite sem atropelar cachorros ou criancinhas. Que Deus a ajudasse caso ela precisasse se aliviar.

Conforme Fleur dava os últimos retoques em seu cabelo, Pauline encarava melancolicamente uma xícara de chá. Aquela seria uma noite longa e sedenta.

– Escute-me com atenção – a duquesa disse. – Há muita coisa em jogo esta noite.

Pauline concordou.

– Se você deseja conquistar a admiração da Sociedade, todos precisam vê-la. Nada de se esconder nos cantos ou atrás dos vasos de palmeiras.

Lembrete: ser a melhor amiga dos vasos de palmeiras.

– Mas embora seja imprescindível ser vista, é menos importante ser ouvida. Converse com as mulheres, mas não demais. Isso também vale para os cavalheiros, mas em dobro.

Qual parte? Conversar, ou não demais?

– Esta noite, você vai aparecer diante da nata da sociedade londrina. Deixe que a vejam como uma jovem dona de certo frescor. Uma pétala translúcida, envolta em mistério. Alguém que as pessoas adorariam dizer que conheceram, mas isso não aconteceu de verdade. Está me entendendo?

Ah, sim. Completamente.

No corredor, ela diminuiu o passo. Pauline não estava acostumada a usar saias tão pesadas, nem sapatos de salto. Seu modo de andar lembrava o de um potro

recém-nascido, com pernas bambas. Talvez um potro recém-nascido e bêbado de aguardente.

Ao se aproximar da escada, o salto do sapato enganchou na borda do carpete, quase jogando-a no chão. Pauline se segurou em um aparador e sofreu durante vários segundos, em pura agonia, enquanto uma pastorinha de porcelana se balançava para frente e para trás, decidindo se cairia ou não.

– Srta. Simms. – Vários passos à frente, a duquesa se virou para encará-la. – Esqueceu como se anda?

– Eu sei andar – ela grunhiu para a pastorinha sorridente. – Só não sei como fazer isso vestindo todas estas coisas.

– Primeiro, fique ereta.

Pauline obedeceu, embora sentisse vontade de chutar para longe aqueles sapatos malvados e voltar para seu quarto.

– Pare de pensar nos seus pés. Imagine que há um cordão amarrado no seu umbigo – a duquesa aconselhou. – Agora deixe que ele a puxe para frente.

Incrível. Embora a sugestão da duquesa parecesse simples, funcionou. Quando Pauline se concentrou no meio do corpo, todas as outras partes se encaixaram. Seus pés se moveram um após o outro, e seus ombros ficaram naturalmente retos. Ela se sentiu mais alta e confiante. Flutuando.

Quando se aproximaram da escadaria, ela sentiu um nó no estômago. Sua cabeça produziu uma visão – a mais tola das fantasias, sem dúvida –, de que o duque estaria ao pé da escada, esperando por elas. Esperando por Pauline.

Oh, ela esperava que ele estivesse lá. Esperava que ele erguesse o rosto e a visse, e então a observasse, arrebatado, descer suavemente cada um daqueles vinte e quatro degraus, como se fosse uma névoa sedosa. Quando ela alcançasse o último degrau, ele pegaria sua mão e a beijaria com aqueles lábios fortes e apaixonados. E então ele sussurraria uma palavra só, reverente e contida: *Perfeita.*

Era uma fantasia ridícula e completamente absurda. E ela queria tanto que acontecesse que mal conseguia respirar. Depois daquele encontro com o livreiro, mais cedo, bem que ela gostaria de uma nova injeção de confiança.

Pauline chegou ao alto da escadaria. O duque não estava lá embaixo. Assim, ele não assistiu a Pauline rolar as duas dúzias de degraus, e quando enfim aterrissou, bruscamente, não houve beijos nem cumprimentos.

Elas tiveram que esperar, socadas dentro da carruagem, com saias gigantescas e tudo mais, por dez minutos inteiros antes que ele, afinal, se juntasse a elas.

– Francamente, Griff – a duquesa disse.

Mas ele não se desculpou.

– Eu precisava terminar uma carta.

Ele olhou de relance para Pauline e depois virou o rosto para o lado. E assim acabavam as fantasias de arrebatá-lo com sua beleza radiante. No escuro do interior da carruagem, com a cabelo puxado para trás com força e todas aquelas anáguas enroladas a sua volta, era provável que ela parecesse um camundongo afogado em um prato de merengue.

Dois minutos após partir da Casa Halford, a carruagem parou de novo.

– Chegamos – a duquesa anunciou.

– Sério?! – Pauline exclamou. – Nós poderíamos ter vindo andando.

A duquesa só lhe deu um olhar, e Pauline não precisou de tradução. *Duquesas não andam.*

Após apearem da carruagem, os três se juntaram a uma pequena multidão de pessoas bem-arrumadas que aguardavam em frente à porta da mansão.

– O que está acontecendo? – ela sussurrou para o duque, tentando não olhar para a horda de pessoas elegantes. – Por que paramos aqui?

– É um congestionamento. Estamos todos esperando ser anunciados pelo mordomo.

– Ele vai me anunciar pelo nome?

– É claro – o duque respondeu.

– Mas... faz vários anos que sirvo aristocratas em Spindle Cove. Todas me conhecem pelo nome. E se alguma delas estiver aqui, esta noite?

– Simms é um nome comum. E Sussex é um lugar grande.

– Elas têm olhos, além de orelhas. E se alguém me reconhecer?

– Então a verdade virá à tona, o jogo ficará mais interessante e todos vamos rir às custas da minha mãe. – Ele endireitou o casaco. – Mas, falando sério, do modo que você está hoje? Ninguém irá reconhecê-la.

Ele a mediu com um olhar demorado e possessivo. E, pela primeira vez nessa noite, Pauline pôde ver Halford bem iluminado e sem pressa.

Minha nossa. Fazia três dias que eles se conheciam. Podia mesmo ser essa a primeira vez que ela o via recém-banhado, barbeado e bem-vestido?

Parecia que sim. Se pudesse pensar que esses cuidados básicos não poderiam melhorar muito a atração masculina que ele exercia... mas melhorou. E como. O casaco preto e as calças creme ajustavam-se no corpo dele como uma segunda pele, abraçando cada contorno de seus ombros largos e suas coxas musculosas.

Os pequenos toques de elegância – o rosto bem-barbeado, o cabelo penteado e a gravata ornamental – serviam para enfatizar a força bruta que jazia por baixo de tanto refinamento.

Ele estava mais lindo do que nunca. E o cheiro dele... Oh, ele tinha o aroma de um cheiro excitante e febril. Quando Halford se aproximou, ela inspirou. Aquela colônia almiscarada inebriante – o criado pessoal dele devia usá-la nas camisas, ao passá-las –, estava misturada com aromas de sabão e pele limpa de homem.

O que mais a abalou foi o brilho de fome no olhar dele enquanto a admirava. Como se fosse uma fera medindo sua presa. Avaliando o ponto mais macio para cravar seus dentes.

Será que ele havia se alimentado hoje?, ela se perguntou, de modo repentino e absurdo. Mas ela se deteve antes de fazer a pergunta a ele. Parecia uma pergunta zelosa demais para se fazer, e ela não estava ali para zelar por ele. Não importa o quão tentador fosse. *Lembre-se disso, Pauline.*

– Como está seu braço? – ela arriscou sussurrar. Ela não pôde evitar de se preocupar um pouco.

– Está bem. Não foi nada.

– Mas eu o vi sangrar.

Ele dispensou a preocupação dela com um gesto rápido da mão.

– Não se preocupe com meu braço, Simms. Precisamos conversar sobre seus seios.

O rosto dela ficou quente como brasa. Pauline olhou ao redor para ver se ninguém tinha ouvido.

– Eles parecem ter inchado e dobrado de tamanho. – Ele os avaliou descaradamente. – Eu deveria chamar um médico. Isso não pode ser saudável.

Pauline corou novamente.

– Você sabe muito bem que isso é efeito do espartilho. Minha saúde é perfeita.

A não ser por aquelas palpitações desagradáveis no peito. E pela dificuldade repentina de respirar na presença dele.

Halford estalou a língua.

– É melhor que sua conduta seja deplorável.

Isso não seria difícil.

Quando eles, enfim, entraram na casa, um criado lhes ofereceu uma bandeja com cálices de ratafia. Pauline voltou atrás em sua decisão de não ingerir líquidos nessa noite. Ela aceitou um cálice e tomou um longo gole.

Aquilo desceu como um chute nas costelas. Alguém tinha batizado aquela

bebida com muito álcool.

– Maldição! – ela exclamou, engasgada com o gosto que ficou na boca.

O ambiente ficou silencioso. Em todo o hall, pessoas vestidas com elegância se viraram para encarar Pauline.

– Tem razão, Srta. Simms – a duquesa interveio, virando o rosto para a grande pintura de uma embarcação na parede oposta. – Mármore. Essas colunas são feitas de mármore.

Aos poucos a conversa voltou ao normal, mas Pauline não acreditou que a duquesa tivesse enganado alguém.

Uma senhora bem-vestida de meia-idade se aproximou, ladeada por duas cópias mais jovens de si, suas filhas, era óbvio. As três mulheres fitaram o duque com interesse antes de encararem Pauline.

– Vossas Graças – a mãe cumprimentou. – Que prazer vê-los aqui esta noite. Por favor, quem é sua encantadora amiga?

– Srta. Simms – a duquesa respondeu –, estas são Lady Eugenia Harrowes e filhas.

– Encantada. – Pauline fez uma mesura. – Lady Harrowes. Srtas. Harrowes.

Apenas umas poucas palavras e ela se entregou. As duas jovens elegantes deram risinhos por trás de seus leques. Se as duas riam na sua cara, Pauline só podia imaginar o que falariam depois.

– De onde você é, Srta. Simms? – a mãe perguntou.

– Sussex, minha lady.

– E quem é sua família?

– O pai dela é proprietário de terras – a duquesa interveio. – Os pais não podiam acompanhá-la a Londres, então eu a convidei para uma visita.

– Oh, Vossa Graça. – Lady Harrowes torceu a boca para Pauline. – Seu coração é tão grande.

Ela e as filhas se afastaram em uma onda de risadinhas, fazendo Pauline se sentir imersa em seu escárnio.

– *Harrowes*, garota – a duquesa a repreendeu, puxando-a de lado. – O nome da família delas é *Harrowes*.

– O que foi que eu disse? – Pauline perguntou, franzindo o nariz.

– Lady Horrores.

– Oh. – Estremecendo, ela procurou Lady Harrowes na multidão. A julgar pela boca retorcida da mulher e pelo olhar arrogante que deu em sua direção, Pauline ficou em dúvida se Horrores não lhe era mais adequado.

– Não, não – o duque disse. – Para mim, soou mais como Lady Hors-D'oeuvre. De qualquer modo, Horrores combinou com ela. A família toda é vil, e já estava na hora de alguém dizer isso para elas. – Ele pegou o cálice da mão de Pauline e o esvaziou com um único gole. – Vejo que vou me divertir esta noite.

O evidente prazer que ele tirava dos tropeços dela não a satisfez como deveria. Pauline tentou ignorar seu orgulho ferido. Satisfazer seu empregador era bom. Era com isso que ela tinha concordado – o conto de fadas da garota prática. Nada de transformação mágica. Nada de romance arrebatador. Apenas trabalho duro, bem-feito, e a loja de seus sonhos como recompensa. Então por que ela ficava esperando por algo mais? Talvez a ratafia estivesse embotando seu cérebro.

O incômodo que Pauline sentia só aumentou quando eles seguiram em frente e ela viu o elegante salão de festa. O teto se apoiava em muitas colunas – imensos pilares brancos que se elevavam vários metros. Ela nunca tinha visto tantas velas queimando no mesmo lugar.

– Não estou pronta para isto – ela choramingou.

– É claro que não está – ele disse. – É por isso que está aqui.

Ele ofereceu o braço e Pauline colocou a mão enluvada na curva do cotovelo dele. Então o mordomo anunciou o grupo deles do alto da escada.

– Sua Graça, o Duque de Halford. Sua Graça, a Duquesa de Halford. Srta. Simms, de Sussex.

Todos no salão lotado se viraram na direção deles. Pauline sentiu inúmeros olhares curiosos sobre si ao descer o curto lance de escada.

– O que acontece agora? – ela murmurou através do sorriso forçado.

– Nós vamos dar uma volta pelo salão – ele respondeu. – Depois iremos nos separar pelo resto da noite. Você vai ficar com a minha mãe.

– Onde você vai estar?

– Por aí.

Quando eles terminaram a volta pelo salão, ela fechou os olhos por um instante e pensou em forrar aquelas prateleiras do boticário com lindos livros novos, em dividir pratos de manjar com Daniela e em contar as mil libras que o duque lhe daria.

Distraída, ela não reparou na faixa de cera derretida no chão. Seu pé escorregou, de repente.

Saco, saco, saco.

O duque apertou o braço, puxando-a para perto e mantendo-a de pé. Dava

para dizer que ele tinha executado o movimento sem pensar. Aqueles reflexos rápidos, de novo.

Ela se recuperou e eles pararam perto da tigela de ponche. A duquesa se afastou, iniciando uma conversa com uma mulher que usava um turbante enfeitado com penas de avestruz. Ela fez um gesto para que Pauline a acompanhasse.

– Vossa Graça – ela sussurrou para Griff. – Você precisa soltar meu braço agora.

– Não posso.

– Você não precisa bancar o cavalheiro bem agora. Sim, é assustador enfrentar todos esses estranhos, e tenho certeza de que o resto da noite vai ser uma aula de humilhação, mas foi para isso que me contratou essa semana. Deixe-me ir trabalhar.

– Eu... não consigo – ele disse e demonstrou, afastando-se alguns centímetros até que um ponto de tensão entre eles o puxou de volta. – Meu botão ficou preso.

Pauline tentou se afastar dele mas encontrou a mesma resistência. Com um olho na multidão curiosa, ela fitou o lugar em que a manga dele se prendia a sua lateral.

– Ah, não.

O vestido tinha sido ajustado com tanta pressa, que as costureiras deviam ter deixado um vão na costura. Quando ele a ajudou, momentos antes, o botão do punho do casaco enganchou em um fio solto. Estava totalmente enrolado, não dava para dizer quantas voltas o fio tinha dado.

– Eu vou me soltar – ele disse, com calma, colocando uma taça na mão livre dela e enchendo-a de ponche, só para que os dois tivessem algo para fazer. – Não tema. Transformei em profissão a arte de não me enrolar com mulheres.

Ele tentou de novo, pegando a manga com a mão livre e dando-lhe um puxão firme. Ele não conseguiu se soltar, mas Pauline sentiu o estalo tenebroso de um ponto de costura arrebentando. O ponche dela caiu da taça de prata, voltando à tigela.

– Não faça isso! – Ela agarrou o braço dele, mantendo-o parado. – Você vai rasgar a costura. Meu vestido vai se desfazer.

Não. Ele não faria isso.

Pauline passou os olhos pelo salão. Ela e o duque estavam parados ali, de braços dados e conversando baixo, por um minuto inteiro. As pessoas começavam a reparar. Todo mundo os observava, principalmente as mulheres.

Algumas pareciam estar com inveja, como se desejassem ser elas de braços dados com Griff. Mas outras tinham uma expressão possessiva, como se já tivessem frequentado a cama dele.

Pauline teve certeza de que não importava a qual grupo essas mulheres pertenciam, todas adorariam vê-la sendo humilhada. E embora soubesse que esse era o objetivo da noite, isso seria...

– Você não faria – ela disse.

– Eu não faria – ele confirmou. – Quando eu arranco o vestido de uma mulher, prefiro estar a sós com ela. – Ele inclinou a cabeça na direção de um conjunto de portas do outro lado do salão de baile. – Vamos até o jardim para resolver isto.

Com o braço apertado à mão de Pauline, ele começou a conduzi-la de volta através do salão que tinham acabado de atravessar. Contudo, dessa vez eles não conseguiram progredir sem entraves. Outros convidados os detinham, chamando o duque para uma palavrinha ou duas de conversa. Ou três ou quatro ou cinco.

Pauline se limitou a respostas monossilábicas e sorrisos educados, tímidos, sem querer prolongar a conversa. O mais enlouquecedor foi que, quanto menos ela falava ou interagia, mais favorável era a reação das ladies e dos cavalheiros.

– Você precisa parar com isso – Griff disse, afastando-a de duas irmãs tagarelas.

– Parar com o quê?

– Parar de ser recatada.

– Só estou tentando ser breve – ela respondeu.

– Sim, mas é aí que está errando. Não existe nada como o silêncio para fazer com que você caia nas graças de gente pretensiosa. Isso dá espaço para que as pessoas falem delas mesmas.

– Halford! – Um cavalheiro de rosto vermelho apareceu do nada, detendo-os.

Deus do céu. Como era possível que eles tivessem andado tão pouco? As portas do jardim ainda pareciam estar a vinte metros de distância.

O homem sacudiu a mão livre de Griff com vigor.

– Não vejo você há séculos, seu malandro. Os boatos diziam que você tinha, finalmente, sucumbido à sífilis. – Ele deu um sorriso cheio de dentes para Pauline. – Quem é esta?

– Srta. Simms, de Sussex. Ela está em Londres como convidada da minha mãe. Srta. Simms, este é o Sr. Frederick Martin.

O cavalheiro fez uma reverência e em seguida deu uma piscadela para Griff.

– Você está bem possessivo com ela, não?

– Ela é nova em Londres, ainda está se ambientando.

No canto, a pequena orquestra soltou os primeiros acordes de uma valsa.

– Mas é claro que você me permite roubá-la para uma dança. – Martin estendeu a mão com uma luva branca e se curvou. – Srta. Simms, concede-me o prazer?

Pânico tomou o peito de Pauline.

– Oh, não posso.

– Halford não liga. Quando se trata de mulher, ele é sempre generoso.

Pauline não soube bem o que o homem queria dizer com essa observação, mas não gostou de ouvi-la.

– Ela não vai dançar com você. – O duque suspirou alto. Ele pareceu não conseguir acreditar nas palavras que estava para dizer. – Ela me prometeu esta dança.

Com isso, ele a afastou do Sr. Frederick Martin e a arrastou para a pista de dança. Pauline tentou não deixar o medo transparecer em seu rosto.

– O quê? Espere. Eu nem sei como...

– Só me acompanhe. É o único modo de conseguirmos escapar.

Eles saíram valsando pelo salão. Devido ao modo como a manga dele estava presa no vestido, Griff teve que manter o braço em um ângulo que o fazia parecer uma asa de galinha. Sem a mão nas costas dela, ele não conseguia conduzi-la do modo certo. Pauline teve que segui-lo na pista de dança com passinhos curtos, na ponta dos pés.

Enfim, eles chegaram às portas do jardim.

– Eu nunca tinha visto alguém valsar assim – observou uma senhora idosa.

– É uma variação húngara, madame. – Ele abriu a porta para Pauline. – A última moda em Viena.

Pauline não conseguia parar de rir quando eles chegaram ao jardim.

– Você pensa rápido, tenho que reconhecer.

– Agora, dê-me a liberdade – ele disse. – Solte-me.

– Você fala como se fosse culpa minha. É o seu botão. E só prendeu porque você foi superprotetor. Se tivesse me deixado cambalear um pouco, já poderíamos estar voltando para casa.

Ela colocou a mão livre entre os dois, mas logo percebeu que só conseguiria inspecionar direito a situação se estivesse sem as luvas.

– Minha luva – ela estendeu a mão para ele. – Ajude-me a tirá-la.

Primeiro ele desamarrou a fita que a prendia no cotovelo, depois começou a

soltar a dúzia de botõezinhos que se estendiam do cotovelo ao punho. Fechá-los, no início daquela noite, tinha exigido dez minutos de muita dedicação de Fleur, a camareira francesa.

Ele os soltou em dez segundos.

– Algo me disse que você já fez isso antes – Pauline comentou, arqueando as sobrancelhas.

– Uma ou duas vezes.

Ou mil, ela imaginou.

Ele segurou o punho dela e levantou a mão até a boca, pegando o dedo médio da luva com os dentes. Então ele a puxou lentamente.

O movimento foi sensual, hipnotizador até. Quando ficou com a mão livre, Pauline não soube o que fazer com ela.

– Oh. Isso. – Ela colocou a mão entre eles, explorando o lugar em que o botão dele se encontrava com a costura de seu corpete. Ao toque, a situação parecia desesperadora. As tentativas de Pauline fazer uma avaliação visual eram frustradas por seu peito inflado artificialmente, que lhe obstruía a visão.

– Eu conseguiria enxergar melhor se não fosse por este espartilho ridículo – ela disse.

– Também sou bom em tirar espartilhos.

Pauline lhe deu um olhar de repreensão, mas ele não viu. Griff estava ocupado demais encarando os seios dela com seu olhar escaldante.

– Ra-ram – ela pigarreou.

– Desculpe. Sou homem. Esse tipo de coisa nos distrai.

Ela corou, satisfeita, embora se esforçasse para não se sentir assim. Homens podiam se distrair com facilidade, mas era raro que fosse Pauline a distraí-los.

– Que bom, então, que eu ainda tenho um pouco de concentração – ela disse. – Você precisa tirar o casaco. Assim vai ficar com as duas mãos livres. E se mesmo assim não conseguirmos soltar o botão, posso esperar aqui enquanto você vai buscar uma tesoura ou faca.

– Eu sabia que podia contar com sua inteligência.

Ele tentou desvencilhar o braço do casaco, mas não teve sucesso. A manga era justa, e o braço dele não era magro.

– Preciso do meu criado para fazer isto.

– Deixe que eu lhe ajudo. Sou uma criada, afinal.

– Segure o punho. – Ele estendeu a mão para ela.

Ela obedeceu e eles começaram a segunda dança absurda da noite: o duque

ondulando o braço enquanto ela tentava segurar a manga – enquanto se preocupava em não deixar que o outro punho dele se soltasse e destruísse seu corpete. Toda vez que ele puxava o braço, também trazia Pauline para frente. Eles ficaram rodando em um círculo pequeno e inútil. Se a primeira valsa deles foi uma variação húngara, esta devia vir da Lua.

– Eu deveria trocar meu alfaiate por um menos preciso – ele grunhiu.

– Eu poderia tentar soltar pelo outro lado.

Virando-se de frente para ele o melhor que pôde, Pauline deslizou a mão por baixo da lapela, passando pela frente de seda do colete e sentindo a parede firme de músculo por baixo. O coração dela gaguejou quando ela roçou algo que parecia muito com um mamilo, mas ela prosseguiu, intrépida, subindo com a mão até o ombro dele em uma tentativa de soltar o casaco do corpo dele.

– Levante o braço um pouco.

Ele se encolheu, como se sentisse cócegas.

– Fique parado – ela disse. – Sou boa nisso, lembra? – Virando o braço e mexendo os dedos, ela conseguiu ir mais longe. – Ninguém consegue enfiar o braço tanto quanto eu.

– Santo Deus, Simms. Meu braço não é um bezerro, para ser parido.

– Estou quase lá. – Ela deslizou os dedos pela dobra do ombro e desceu um pouco pela manga.

– *Simms.*

Ela levantou os olhos. Eles estavam a poucos centímetros um do outro. Os lábios dele estava muito, muito próximos dos dela.

Sem querer, ela contraiu os dedos, enfiando as unhas no bíceps dele. Halford estremeceu.

– Oh – ela inspirou, consternada. – Sinto muito. Esqueci do seu ferimento.

– Não se trata do meu braço, Simms, mas de tudo. Estamos sozinhos no jardim enquanto um baile está acontecendo. Não consigo parar de olhar para seus seios e sua mão está... violando meu casaco. Está na hora de encararmos a verdade. Com relação às tentativas de evitar envolvimento, esta não está funcionando. Não mesmo.

– Mas... mas poderia ser pior.

– Não consigo ver como.

Ela não soube o que a fez dizer as próximas palavras. Elas apenas saltaram de seus lábios:

– Você poderia estar me beijando.

Capítulo dez

– *Beijar* você! – Griff exclamou. Ele tentou falar como se as palavras expressassem um sentimento distante, falado em um idioma estrangeiro, desconhecido, e não a mesma coisa que ele estava pensando.

Pauline estava tão perto, era tão quente. Os dois estavam enrolados e as mãos hábeis e impertinentes dela tocavam-no todo, lembrando-lhe de quanto tempo fazia que não era tocado, acariciado, tentado. Quanto tempo fazia que ele não recebia alguma atenção.

A desgraça disso tudo era que a atenção dela não lhe servia de consolo. Pelo contrário, aquilo o provocava, excitava. Inflamava não apenas o ferimento no braço, mas as câmaras esvaziadas e sensíveis do coração dele.

– Você tem razão – ele concordou. – Beijar é, sem dúvida, o que tornaria este momento ainda pior.

– Oh, Senhor. – Ela foi para frente até a testa tocar no peito dele. Depois ergueu a cabeça um pouco e a deixou cair para frente de novo. Após algumas repetições do movimento, ele compreendeu o significado por trás do gesto estranho. O peito dele era a parede de tijolos em que ela estava batendo a cabeça.

Blam, blam, blam.

– Isto é terrível – ela gemeu. – Não posso fracassar nisto também. Não posso. Minha vida antes já era bem ruim. Que tipo de pessoa incompetente e desgraçada fracassa em fracassar?

– Não estou entendendo.

Ela fungou um pouco, usando o lenço que se projetava do bolso dele para limpar o nariz – sem tirá-lo do bolso.

– Em Spindle Cove – ela disse –, eu e minha irmã somos conhecidas como as garotas Simms que têm boa *intenção.* Dizem isso porque nós não conseguimos *fazer* nada direito.

Os seios dela estavam, então, pressionados contra o peito dele, macios e tensos. Ele redistribuiu o próprio peso de um pé para outro. Não ajudou.

– Passar por humilhação não é novidade para mim – ela continuou. – No dia em que você apareceu na Touro & Flor, eu estava tendo a pior manhã da minha vida. Tudo deu errado. E eu concordei em vir a Londres com você porque essa era minha chance. Claro, eu pensei, ser um desastre social é *a única* coisa que eu sei fazer direito. Sou especialista nisso – a voz dela fraquejou. – Mas olhe só para isto. Não consigo ter sucesso nem em fracassar.

Ela remexeu a mão presa no fundo da manga dele. Aqueles seios contra o peito dele se agitaram como em uma dancinha.

Griff inspirou fundo. Ele tinha que assumir o controle da situação, e logo, ou perderia a cabeça de uma vez.

– Escute, Simms. Vamos ficar calmos.

Ele enviou uma mensagem mental para baixo: *Isso também vale para você.*

– Primeiro, tire sua mão da minha manga.

Ela obedeceu e ele sofreu a mesma tortura, só que ao contrário, enquanto ela arrastava os dedos por seu ombro e pelo peito. Mas depois que isso foi feito, ele pôde recuar um passo, colocando alguma distância entre eles, que ficaram, assim, enroscados em apenas um lugar.

Ele acenou com a cabeça para um banco próximo.

– Agora sente e me dê um instante que eu vou resolver isso.

Ele tirou suas próprias luvas e começou a explorar a ligação entre sua manga e o corpete dela. Griff encontrou o lugar em que seu botão tinha enganchado. A essa altura, aquela coisa tinha se enrolado várias vezes. Ele virou o botão para um lado e para outro, procurando alguma folga, resistindo ao impulso de puxar. Pressa só tornaria tudo pior. Aquele era um trabalho que exigia paciência. Paciência e força de espírito.

Deus, o que ela estava fazendo com ele. O cabelo cor de conhaque fazia com que Griff ansiasse por um drinque. Ele inspirou fundo. Que erro. Ela cheirava a sabonete francês, pó de arroz e algodão novo. Isso o fez querer, desesperadamente, saborear a pele nua dela. Percorrer com a língua a encosta delicada do pescoço, até a curva elegante do ombro. Para então descer... Descer, descer, descer.

– Eu havia planejado uma dúzia de maneiras de ser um desastre essa noite – ela disse com a voz baixa. – Pensei muito bem nelas todas.

– Que seriam...?

– Comer muito mais do que uma lady deveria, só para começar. Os cavalheiros detestam que uma lady se satisfaça.

– Nós detestamos? – Aquilo era novidade para Griff.

– É claro que detestam. – Ela lhe deu um olhar incrédulo. – Depois, eu iria dar muitas opiniões, sobre tudo. Uma lady nunca manifesta suas opiniões.

– Isso não pode ter sido ensinado pela minha mãe. Aquela mulher nunca teve uma opinião que não fez questão de compartilhar com todo mundo.

– Não aprendi isso com sua mãe. Eu li num livro. – A voz dela assumiu um tom afetado. – "A não ser bigodes, existem poucas coisas que cavalheiros consideram menos atraentes em uma lady do que opiniões políticas." Bem, eu não consegui fazer um bigode crescer, mas estou preparada para fazer seis comentários ultrajantes sobre a Lei dos Cereais.

– A Lei dos Cereais? – Ele não pôde evitar de rir.

– Você não acha inconveniente?

– Eu acho que você está superestimando, e muito, a capacidade dos homens conversarem sobre a Lei dos Cereais quando confrontados com uma visão destas.

Ele deixou seu olhar cair para o peito dela, o lugar que esteve, a noite toda, querendo admirar. Dois montes macios e claros pressionados nos limites do decote dela, como duas almofadas. A atenção dele ficou se alternando entre os dois.

– Tudo bem – ela disse com um sussurro divertido. – Eu também não consigo parar de olhar para eles. Este espartilho é uma proeza de engenharia.

– Eu acho que é feitiçaria.

– Você está certo quanto à ilusão. Veja. – Ela pegou a mão dele e a levou até o peito.

Griff congelou, sentindo o desejo disparar dentro de si.

– Tem enchimento de algodão no espartilho – ela disse. – Está sentindo?

Ela manteve a mão sobre a dele, moldando-a ao redor da bola de tecido e pele macia.

– Sim. – Ele engoliu em seco. – Estou sentindo.

Ele também conseguia senti-la. Quente, maleável e sedutora.

– Você vê? Não é real. Outro ponto negativo para mim. – Ela adotou aquele tom de voz estranho de novo: – "Uma lady que usa de artifícios para chamar a atenção de um cavalheiro *nunca* conseguirá a admiração dele."

Com profunda relutância, ele deixou a mão cair do seio dela.

– Acredite em mim, neste momento, eu bem que gostaria que você pudesse diminuir minha admiração. No momento, minha admiração está bem... grande.

Ela o fitou no fundo dos olhos e soltou:

– Eu não sou virgem.

Diabos. Com isso, a ereção dele foi ao máximo, com uma velocidade digna de um espadachim. Quando pensou melhor, ele não teve certeza de que poderia desembainhar uma espada de verdade com aquela rapidez. Se ele estivesse vestindo uma braguilha de metal, seu membro teria batido nela com um tinido audível.

– Isso não ajuda – ele disse. – O que a faz pensar que poderia ajudar? Eu também não sou virgem.

– Eu não pensei que você fosse, mas...

– Mas nada. Eu esperava ouvir algo como: “Eu tenho uma doença de pele nojenta”, ou “Eu crocito como uma coruja quando tenho um orgasmo”. Essas coisas seriam impedimentos. Não sei se o segundo exemplo é forte o bastante, na verdade. A curiosidade pode vencer o receio.

– Mas nobres não querem uma mulher que tenha perdido a virtude. A Sra. Worthington foi muito clara.

– Quem é essa pessoa terrivelmente mal informada que você fica citando? Sra. Wo-quem?

– Ela escreveu um livro de etiqueta. Você nunca ouviu falar? *A Sabedoria da Sra. Worthington para Jovens*. Foi lendo esse livro que eu fiquei sabendo exatamente o que uma jovem lady pode, ou não, fazer.

– Minha mãe que lhe deu isso? – O título parecia um pouco familiar, mas ele não acreditava que um livro assim pudesse pertencer à sua biblioteca.

– Não, não. Faz anos que eu o leio. Há cópias dele por toda Spindle Cove. A Srta. Finch, que agora é Lady Rycliff, queria retirar todas as cópias de circulação. Existem centenas delas na nossa vila, empilhadas por toda parte.

Griff franziu a testa, lembrando da primeira tarde na vila.

– Certo. Eu me lembrei. Havia pilhas desse livro. As moças estavam arrancando as páginas para decorar bandejas de chá.

Ela concordou.

– Elas tentam encontrar utilidade para o livro. As páginas eram usadas para fazer cartuchos de pólvora para a milícia, mas depois que a guerra acabou, elas começaram com a decoração de bandejas.

Griff não entendeu a lógica daquilo, mas não quis interrompê-la.

– De qualquer maneira – ela continuou –, alguns anos atrás eu levei um exemplar que estava na taverna para casa. Eu sabia que ninguém sentiria falta, e eu nunca tinha tido um livro. Eu precisava descobrir o que deixava aquelas ladies tão bravas. Pelo menos metade do livro é mesmo bobagem, concordo. Mas o resto tem apenas conselhos práticos. Receita de água de flor de laranjeira. Como escrever convites para festas e costurar suas próprias luvas de seda. Sugestões para conversa durante jantares sociais. Ler esse livro foi como espiar um mundo diferente através de uma janela, até... – ela baixou os olhos – ...até que meu pai o tirou de mim.

– Seu pai?

– Ele encontrou o livro. Eu o peguei com o olhar fixo na capa. Meu pai não lê muito bem, sabe. Mas, ainda assim, ficou encarando o título por muito tempo. Ele não precisou ler as palavras para entender o que aquilo significava: que eu queria algo mais.

Estendendo o braço, ela puxou uma folha de um galho baixo e a enrolou entre os dedos.

– Durante toda minha vida, ele não fez segredo de que eu era uma decepção. Ele queria um filho homem para ajudar na fazenda, e nunca escondeu o fato de que me achava uma inútil. Mas quando encontrou o livro... pela primeira vez, ele percebeu que eu podia não estar feliz com a vida que ele tinha me dado. Ah, isso o deixou tão bravo.

Griff também estava começando a ficar furioso. Não com ela. Nunca com ela.

– O que ele fez com você? – Griff perguntou.

Ela hesitou.

– Pode me dizer.

– Ele pegou o livro. – Pauline olhou para a folha de árvore em seus dedos. – E disse, “Isto não é para você, garota”. E então ele me bateu no rosto... com o livro.

Vou matá-lo. Essa intenção ganhou vida no peito de Griff antes que sua mente pudesse conceber as palavras. Ele começou a criar fantasias complexas de como pegaria um cavalo e uma espada, para depois cavalgar até Sussex e ter um encontro muito curto com Amos Simms. Um que começaria com “Seu bastardo cara de rato” e terminaria em sangue.

Griff calculou quanto tempo a viagem iria demorar e quanta luz do dia ele teria ao chegar. E refletiu se permitiria que o homem implorasse por misericórdia, ou se iria diretamente ao...

– Eu tinha 19 anos – ela disse.

Ele fechou os olhos e inspirou fundo, obrigando-se a abandonar seus pensamentos a respeito daquele vilão distante que merecia ser destruído. Ele devia se concentrar na mulher que precisava dele ali, naquele momento.

– Dezenove – ela repetiu. – Uma mulher feita. Eu ajudava com a fazenda e ganhava um salário para a família. E ele me bateu no rosto como se eu fosse uma criança, só por querer evoluir. Aprender. – Ela deixou a folha cair no chão. – Então ele jogou o livro na lareira.

Griff soltou uma imprecação e deslizou pelo banco para mais perto dela. Ele tinha desistido de soltar o botão. Não dava a mínima para as pessoas na festa, para o que poderiam pensar ou concluir. No momento, seu único objetivo, nesse jardim – na vida, talvez – era protegê-la. E fazer com que ela se *sentisse* segura, o que, ele desconfiava, seria uma tarefa mais difícil. Pessoas demais tinham decepcionado Pauline nesse sentido.

– Mas não teve importância. – Ela levantou o queixo, corajosa. – Eu consegui outro exemplar. Dessa vez, eu o escondi em outro lugar. Quando esse livro desapareceu, arrumei outro. E depois outro e mais outro. Até que encontrei um modo de vencê-lo de uma vez por todas.

– Como?

Um sorriso curvou os lábios dela.

– Eu decorei o texto. Página por página, de uma ponta à outra. Guardei a coisa toda na memória. Ele não pode arrancar isso de mim, pode?

Com a ponta do dedo, ele virou o rosto dela para si. Os olhos de Pauline brilhavam com o reflexo das tochas. Ela era linda e corajosa.

Griff ficou assombrado com o louco caleidoscópio de emoções que Pauline inspirava nele. Violência, admiração, desejo ardente. A ternura que preencheu o coração dele era quase grande demais. Nenhuma mulher jamais fez com que ele sentisse essas coisas. Não todas de uma vez.

Ele aninhou o queixo dela em sua mão e acariciou a face linda que tinha recebido tratamento tão abominável.

– Você nunca mais vai voltar para esse homem.

– Não, não vou – ela disse. – Vou ter minha própria biblioteca circulante, abastecida com todos os livros que uma dama recatada nunca deveria ler. – Ela deu uma olhada para a casa. – Assim que eu conseguir voltar para esse salão de festas e fazer por merecer.

Ele estudou o perfil delicado dela, espantado com a força e a determinação

gravadas ali. Pauline não devia saber como era impressionante. Talvez... Oh, droga. Talvez ele devesse dizer para ela. Abraçá-la, fazê-la olhar para ele e contar a verdade:

Você é linda. Inteligente. Está me virando do avesso e não gosto disso. Não quero gostar de você. Já sofri demais com mulheres que invadiram meu coração e depois de uma semana me abandonaram. Mas se eu não disser essas palavras agora mesmo, serei o mais baixo dos seres. Então aqui vai: você é extraordinária.

– Seu alfinete – ela disse.

– O quê? – A mente dele deu cambalhotas. Foi como se cavalos selvagens estivessem arrastando seus pensamentos para Patetaburgo, na Estupidolândia e, de repente, parassem bem diante de um precipício assustador.

– Seu alfinete. – Ela fitou, esperançosa, o diamante preso na gravata dele. – É a solução. Nós podemos usá-lo para cortar os fios.

Certo. Ela era inteligente demais para seu próprio bem. Os dedos dela voaram para a gravata dele e começaram a puxar o diamante.

– Como se solta isto?

– Tem um fecho. – Ele enfiou os dedos nas dobras de tecido para encontrá-lo. – Aqui. Eu seguro a parte de baixo e você o gira.

Ela segurou a cabeça do alfinete com a ponta dos dedos e começou a soltá-la.

– Cuidado agora – ele disse. – Vá devagar.

Do modo como aquela semana estava indo, não seria de admirar se ela soltasse o alfinete, escorregasse para frente no banco e enterrasse a ponta afiada em uma das artérias vitais dele.

– Está quase solto – ela disse.

Ele adorou o modo como as sobrancelhas delicadas de Pauline se moviam com a concentração, ou como o lábio inferior dela se dobrava sob os dentes. Ah, aquilo era mau. Finalmente, o alfinete dourado se soltou.

– Arrá! – Ela o segurou diante dos olhos, que brilharam de triunfo, como se ela tivesse soltado a espada da pedra ou como se aquilo fosse a chave para a caverna de Aladdin. O sorriso dela poderia ter iluminado a noite. – Nós conseguimos!

Ele não teve sorte. Ela errou as artérias vitais de Griff, mas enterrou aquela coisa no coração dele.

– Pronto – ela disse, soltando o botão. – Nosso acordo está salvo. Estamos livres um do outro.

– Não estou certo disso.

Ele a puxou para perto e tomou sua boca em um beijo. Griff se perdeu nela, certificando-se de que o gosto de sua boca continuava o mesmo, apesar da roupa nova e elegante; que embora as curvas do corpo dela pudessem ser apertadas e moldadas para exibição pública, ele sabia como elas eram: macias, quentes, fortes e cheias de vida. Ele a beijou, faminto, implacável, provando o sabor natural de framboesas maduras dos lábios dela, que ainda carregavam um toque inebriante de licor. Ele foi mais longe e mais rápido do que qualquer homem decente iria, porque esperava que, a qualquer momento, ela o afastasse. Mas não, Pauline apenas correspondeu ao beijo, trazendo-o para mais perto com uma inclinação da cabeça e um suspiro suave, etéreo. Tão generosa, tão dolorosamente delicada.

Quando ele se curvou para lhe beijar o pescoço, os dedos dela mergulharam em seu cabelo, enviando descargas de prazer pela coluna dele. Encorajado, ele desceu a mão para apalpar o seio, mas apalpou um punhado de enchimento de algodão.

– Maldito espartilho – ele grunhiu.

– Pensei que você gostasse do espartilho.

– Eu gosto disto. – Ele deslizou um dedo por baixo do decote dela. – Eu gosto de você.

Ela suspirou enquanto ele descia mais os dedos, desenhando a curva do seio redondo. Griff encontrou o bico teso do mamilo dela e o acariciou para um lado e para outro. Quando procurou a boca de Pauline de novo, a passada tímida da língua dela abalou-o por completo. Ela o acariciou mais uma vez e ainda outra. Como se o estivesse pintando com doçura em pinceladas lentas.

Um rugido baixo e selvagem de desejo cresceu dentro do peito dele. Griff queria enfiar as mãos por baixo daquele tecido incômodo e explorar a pele sedosa dela. Sentir o corpo nu junto ao seu. Fazê-la soltar sons de prazer que ainda não conhecesse.

Ele queria... *mais.* Horas, dias e noites disso; nenhum instante de solidão. Mas ele sabia que isso não funcionaria. Alguns dos momentos mais solitários de sua vida tinham se passado enroscado em alguém. Talvez ela não fosse inocente por completo, mas não importava. Ele se recusava a arrastar aquela alma doce e determinada para a depravação. Griff interrompeu o beijo e se afastou.

– Griff...

– Eu não deveria ter feito isto. – Ele tirou a mão do corpete e roçou os lábios

dela em um beijo fugaz. – Eu sei que nós concordamos que isto... – ele inclinou a cabeça e a beijou de novo, demorando-se – ...não deveria acontecer de novo. Porque é uma má ideia... isto.

Ele lhe deu um último beijo rápido.

Ela continuou com os olhos fechados. Aqueles cílios longos pareciam leques sobre as maçãs do rosto.

– O que é mesmo essa coisa que não estamos fazendo? Quem sabe você pode demonstrar mais *uma* vez.

Pelos anjos no céu. Ele queria demonstrar durante horas, em todo o corpo dela. Esse era o problema. Ele a beijou na ponta do nariz, uma vez.

– Isso.

Pauline abriu os olhos e o verde brilhante deles o devastou.

– Você é um provocador cruel – ela disse.

– Você é uma mocinha impertinente.

– Bem. – Ela sorriu e deu de ombros, satisfeita. – Era *isso* que você queria.

Sim. Maldição, era mesmo. Parecia que, depois de anos seduzindo todas as mulheres sofisticadas e experientes de Londres, uma atendente de taverna impertinente era exatamente o que ele queria. Mas Griff jurou para si mesmo, naquele instante... que nunca teria aquela mulher.

Capítulo onze

– A noite passada foi perfeita!

A duquesa despejou uma espiral precisa de mel sobre sua torrada com manteiga. Pauline imaginou, por um instante, se Vossa Graça tinha escolhido o pendente de citrino que usava no pescoço para combinar com o café da manhã. Mas colocou a questão de lado, era melhor resolver um enigma de cada vez.

– Perfeita? – ela repetiu. – A noite passada? Mas foi terrível! *Eu* fui terrível!

– Minha garota, não podemos discutir com os resultados. – Ela passou a mão por cima de uma salva de prata cheia de envelopes lacrados. – Já chegaram tantos convites.

– Isso não faz nenhum sentido...

– Faz *todo* sentido. Pense em pedras preciosas. Algumas gemas são valorizadas por seu corte e sua lapidação exclusivos, outras são cobiçadas por colecionadores mesmo que cheias de defeitos, apenas porque são muito raras.

– Mas eu não sou nem um pouco rara – Pauline protestou. – Sou exatamente o oposto. Sou comum.

A duquesa deu uma bufada contrariada sobre sua torrada.

– Ele *dançou* com você.

– Durante dez segundos inteiros. Talvez quinze.

– Foi mais que suficiente. Você não entende, meu filho nunca dança. Fazia anos que ele não dançava com uma moça solteira, com o objetivo exato de evitar especulações.

– Mas... – Pauline suspirou. – Ele só dançou comigo para escapar do amigo inconveniente.

– Vocês dois desapareceram no jardim e, quando voltaram, a gravata dele estava desarrumada.

– Nós *tivemos* que tirar o alfinete dele. O botão do duque ficou preso na minha costura e ele não conseguia soltar.

– Oh, eu sei que ele não conseguia se soltar. – A duquesa puxou um jornal dobrado de sob a pilha de envelopes. – Exatamente como foi noticiado no *Tagarela*: “O Duque de Halford, Enfim Amarrado”.

Ah, não. Pauline se encolheu enquanto lia a coluna de fofocas do jornal. Como a duquesa tinha dito, estava repleta de especulações sobre o duque e a “misteriosa Srta. Simms”.

Pauline não conseguiu se empolgar com sua fama repentina porque estava nervosa com o maior medo de qualquer garota comum como ela: perder o emprego.

Se a duquesa estava feliz com os resultados da noite passada, Pauline sabia que o duque não estaria.

Ele não poderia culpá-la pelo jornal de fofocas, poderia? Se aquela noite tinha terminado em qualquer coisa que não humilhação, a culpa era toda dele. Foi *ele* que a pegou quando Pauline escorregou, enrolando-se em seu vestido. Foi *ele* que dançou com ela, guiando-a até o jardim. Foi *ele* que a beijou. E a tocou com tanto carinho.

A duquesa jogou o jornal de lado.

– Fizemos um progresso excelente, mas ainda temos muito chão pela frente. E você está com os cotovelos na mesa.

Pauline os retirou a contragosto.

– Esta manhã nosso objetivo é talento.

– Talento?

– Da próxima vez que você comparecer a um evento social, vai ficar mais de uma hora. Como acontece com todos os jovens presentes, você pode ser chamada para se apresentar.

– Apresentar? – Pauline riu.

Oh, aquilo seria uma piada. Sua preocupação quanto a ter sucesso por acaso naquele treinamento de duquesa derreteu no mesmo instante – como a manteiga espalhada sobre seu pão quente e marrom, tostado uniformemente em um ponto perfeito. Nada de pão queimado naquela casa.

– Você pretende me transformar em uma mulher talentosa em apenas uma manhã? Isso é impossível.

– Eu pretendo encontrar o talento natural que você já possui. Deve existir *um.*

Pauline parou com a torrada a meio caminho da boca.

– Vossa Graça...

Ela colocou a torrada de lado, de repente sentindo-se desconfortável. A

duquesa pensava que ela possuía um talento oculto. Ela, Pauline Simms. Era tão estranho – e ao mesmo tempo maravilhoso – ter alguém que acreditava nela, ainda que um pouquinho.

Embora Spindle Cove fosse cheia de mulheres não convencionais, nenhuma delas tinha tirado algum tempo para conhecer Pauline. Sua própria mãe era uma sombra triste e derrotada de mulher. Ela nunca teve alguém como a duquesa em sua vida – uma presença feminina forte, que não apenas *acreditava* que ela poderia ser algo mais que mulher de fazendeiro ou atendente de taverna, mas que exigia que ela *tentasse*.

Quanto mais ela dava valor à confiança que a duquesa demonstrava, contudo, mais Pauline se preocupava em como aquela semana iria terminar. Ela detestava a ideia de ver os sonhos da mulher desfeitos.

– Por favor, acredite quando eu lhe digo – Pauline começou –, nada matrimonial, nem de longe, vai suceder entre mim e o duque. Apenas... não vai acontecer. Apesar disso, Vossa Graça, estou começando a gostar de *você*, que tem sido gentil comigo em vários momentos, e eu sei que possui um bom coração por baixo de toda essa fleuma. Eu não quero que você crie grandes expectativas, só para ter seus planos arruinados.

Como resposta, a duquesa apenas lhe deu um sorrisinho. Ela pegou uma colher e começou a bater no ovo que jazia no suporte esmaltado. Uma delicada treliça de rachaduras apareceu na casca lisa do ovo.

Tap, tap, tap.

Pauline pegou sua colher e deu uma pancada forte e seca em seu ovo. Ela não sabia de que outra forma fazer a duquesa ouvi-la.

– Vossa Graça precisa me levar a sério. Estou tentando lhe dizer para desistir de sua esperança de ter netos – pelo menos concebidos por mim –, e você come calmamente um ovo cozido. Está perdendo a audição?

– De modo algum. Eu a ouço com perfeição.

– Mas está sorrindo.

– Estou sorrindo porque você disse “grandes expectativas” e “planos arruinados”. Não “gandes” nem “planus”.

Pauline cobriu a boca com a mão, chocada. Diabos. A duquesa estava certa. Ela *tinha* falado corretamente. O que estava acontecendo com ela?

Pauline sabia a resposta para essa pergunta. *Griff* estava acontecendo com ela. Quando o duque a beijava, sua cabeça girava, seus joelhos derretiam... e sua dicção melhorava. Língua solta e tudo mais.

– Maldição – ela murmurou na palma da mão.

A duquesa soltou um suspiro fraco e gesticulou para a criada pedindo mais chá.

– Mas seus “ãos” ainda precisam melhorar.



Griff acordou com a batida de... 9h30. Horas antes do normal. Ele sempre foi o tipo de pessoa que se sentia melhor à noite, e no último ano tinha se tornado um verdadeiro vampiro. Com muita frequência, ele ia para cama quando o sol raiava e acordava bem depois do meio-dia. Mas o fiasco da noite anterior tinha deixado claro que ele não podia cochilar durante outro dia de conspirações de sua mãe. Como foi que ontem deu tão errado?

Tudo começou com o vestido. Aquele maldito e inocente, translúcido e encantador, vestido branco. Ela tinha virado sua cabeça, e o resto do dia foi um erro após outro.

Se ele não tivesse perdido a concentração com Del, não teria se machucado. Se não tivesse se machucado, nunca teria concordado em ir ao baile. Se eles não tivessem ido ao baile, ele não teria estado com ela naquele jardim escuro e perfumado, deslizando os dedos pelas curvas tentadoras e contemplando atos de insanidade romântica.

A resposta para essa situação era simples: nada de vestidos novos. Nada de vestidos atraentes. Também nada de beijos, isso era óbvio. E, o mais importante, nada de surpresas.

Enquanto caminhava pela casa à procura delas, Griff passou por uma quantidade incomum de lixo. Detritos estranhos entulhavam todos os ambientes. Todos os tipos de atividades abandonadas apressadamente, como se os ocupantes da casa fugissem de um vulcão em erupção.

No salão, ele encontrou vários instrumentos de crochê e tricô jogados no divã e na mesa. Na sala matinal, um cavalete abandonado exibia uma aquarela arruinada. Ali perto, alguns lápis de desenho jaziam cruelmente partidos ao meio.

Ele escutou uma melodia abafada e andou na direção da sala de música. Quando entrou, não encontrou ninguém, mas cada instrumento do local, da harpa ao cravo, tinha sido descoberto, espanado e tocado.

Onde estavam os criados? Por que não estavam arrumando aquelas salas?

E ele continuou a ouvir aquela melodia estranha e lenta. Como se fosse uma caixa de música bêbada descendo em uma espiral mortal. A música terminou e foi seguida por um aplauso entusiasmado.

– Bravo, Srta. Simms – ele ouviu.

– Pode tocar outra para nós? – outra pessoa disse.

A melodia recomeçou e, com passos lentos e silenciosos, Griff acompanhou os sons até a sala de jantar. Ele abriu um pouco a porta.

Na outra extremidade da sala, viu Pauline Simms. Ela estava diante de cerca de quinze taças de água alinhadas sobre a mesa, cada uma com um volume diferente de água. Pauline batia nas taças com dois garfos. Griff não soube dizer se eram garfos de picles ou ostras. Então decidiu que essa preocupação absurda com garfos era o motivo pelo qual não era uma pessoa matinal. De qualquer modo, ela estava criando uma melodia animada com esses garfos, como se cada nota fosse parte de uma música.

Não era de admirar que a casa estivesse uma bagunça. Os criados da Casa Halford estavam reunidos à volta dela, assistindo à apresentação, parecendo arrebatados à espera de cada nota musical que emanava daquelas taças. Nenhum deles reparou em Griff parado à porta.

A música era apenas uma parte do espetáculo. Enquanto tocava, Pauline fazia caretas muito divertidas. Expressões delicadas de concentração, pontuadas por caretas dramáticas irresistíveis quando errava uma nota. Quando uma mecha de cabelo se soltou e ficou pendurada diante da testa, ela soprou, afastando-a sem perder o ritmo.

Ela estava se esforçando muito – demais, com dedicação total – para criar aquele espetáculo. Era absurdo, ridículo e completamente encantador.

Todos na sala estavam encantados, e Griff não podia dizer ser imune ao feitiço de Pauline. Ela estava magnífica.

Quando a última nota silenciou, todos os criados aplaudiram.

– Isso foi Handel, minha garota – a mãe dele disse, radiante de satisfação. – Como foi que você aprendeu essa peça?

– Escutando a professora de música da vila. – Ela deu de ombros. – As aulas de piano eram na Touro & Flor.

– Isso é musicalidade nata – a duquesa disse. – Você poderia traduzir essa habilidade para qualquer instrumento verdadeiro, com prática.

– Mesmo? Mas, Vossa Graça, não há tempo para pratic... – a voz foi sumindo quando ela levantou o rosto e viu Griff, parado no vão da porta.

Seus olhares se enroscaram. Sem perder o contato visual com Pauline, ele pôde sentir todos os outros do ambiente se virando em sua direção. Griff soube que tinha uma fração de segundo para tomar uma decisão. Ou ele seria pego encarando a Srta. Simms, exposto como o tolo enfeitiçado e cheio de desejo que era, em frente a sua mãe e todos os criados, ou podia fazer o que fazia melhor: esconder suas emoções por trás de uma máscara de presunção e indiferença.

Na verdade, não havia escolha. Ele iria bancar o cretino. Griff começou a aplaudir com palmas lentas e afetadas, e continuou por muito tempo depois que a sala silenciou. Por muito tempo depois que o sorriso tímido e cativante dela desaparecera. Ele deixou um último aplauso ecoar na sala silenciosa.

– Isso... foi... magistral, Simms – ele disse com seu tom de voz mais aborrecido, com ar de superioridade. – Com toda certeza você irá se destacar da turba de debutantes.

Ela baixou a cabeça, parecendo constrangida.

– É só um truque velho que aprendi na taverna. Algumas noites têm menos movimento. A duquesa perguntou do meu talento musical e isso é tudo.

– Você também faz malabarismos com canecas de cerveja? Transforma guardanapos de mesa em dobradura de garças?

– Eu... não. – Ela pôs os garfinhos sobre a mesa.

– Que pena.

– Com licença – ela murmurou e saiu correndo da sala de jantar pela outra porta.

Griff fitou o lugar vazio que ela deixou. Não esperava que Pauline ficasse tão abalada. Ela queria ser um fracasso, não?

Depois que ela se foi, todos os criados presentes se viraram em sua direção. Aqueles olhos soltavam raios de pura irritação.

– O que foi? – ele perguntou.

Higgs pigarreou, uma censura sutil.

Bom Deus. Ele tinha perdido os criados, sua lealdade. Fácil assim.

– Sério – Griff disse. Ele, que estava encostado no batente da porta, se endireitou, assumindo sua postura ducal. – *Sério.* Sou patrão de vocês há anos. Em alguns casos, décadas. Aumentos anuais de salário, presentes de Natal, dias de descanso. Então a Srta. Simms bate um garfinho em algumas taças e todos vocês ficam do lado dela?

Silêncio.

– Vocês, serventes, deixem de ficar parados e vão... servir.

Um desfile carrancudo de criados e camareiras passou por ele saindo da sala, deixando-o a sós com a mãe.

A duquesa abriu a boca para falar, mas ele ergueu a mão espalmada.

– Pode deixar que eu falo – ele disse. Griff era o duque, único responsável por seis propriedades, uma imensa fortuna familiar e aquela casa. Ele pretendia afirmar essa autoridade.

– Não sei o que mais você planejou para Simms esta manhã, mas pretendo participar. Chega dessa conspiração com compras em segredo, apenas para me surpreender com vestidos novos e sonatas em taças de água. Fui claro?

– Sim. – Ela levantou o queixo.

– Ótimo. – Ele bateu as mãos. – Então, o que está programado para hoje, agora que a música acabou? Seja o que for, vou acompanhá-las. Mais compras? Aulas de etiqueta? Alguma tentativa de expor a garota a arte ou cultura?

– Caridade – ela disse.

– Caridade?

– Sim. Terça-feira nós vamos ao Hospital dos Abandonados, que eu visito todas as semanas.

O Hospital dos Abandonados. Griff sentiu um peso no estômago. De todos os lugares, ele não tinha desejo nenhum de passar o dia em um orfanato.

– Você só tem uma semana com Simms. Por que não falta esta terça-feira?

– Porque isso é parte essencial dos deveres de qualquer duquesa; caridade para com os desafortunados. – Ela franziu a testa. – É parte essencial dos deveres de um duque, também.

Então ele notou aonde a mãe ia com aquilo e não gostou.

– Pensando bem – ele disse –, não posso ir.

– Oh. Por que não?

– Tenho um compromisso urgente. Acabei de lembrar.

Ela apertou os olhos.

– Um compromisso urgente com quem?

– Com... – Ele fez um gesto indeterminado no ar. – Alguém que precisa me ver. Com urgência. O administrador da propriedade.

– Ele fica em Cumberland.

– Eu quis dizer o advogado da família. – Ele olhou para a mãe de cima para baixo. – Decidi diminuir sua mesada quinzenal.

Ela bufou.

– Muito bem, então. Você pode discutir o assunto com ele hoje. O escritório

fica em Bloomsbury, bem em frente ao Hospital dos Abandonados.

Griff suspirou. Droga.

Capítulo doze

Pauline ficou assombrada. Parecia que, em Londres, os órfãos viviam em esplendor palaciano.

O Hospital dos Abandonados era um edifício grande e majestoso em Bloomsbury, rodeado por pátios arborizados, com acesso através de um portão formidável. Dentro do prédio, os corredores e salões eram decorados suntuosamente com pinturas e detalhes esculpidos.

Enquanto caminhavam até o centro do salão principal, Pauline sentiu cãibra no pescoço, de tanto olhar para cima, na direção das obras de arte. Mas qualquer dor no pescoço era preferível à indiferença de Griff.

Ela não conseguia nem olhar para ele. Não depois daquela humilhação na sala de jantar. Não era como se ela se orgulhasse de extrair notas musicais do cristal, mas houve tanta malícia naquelas palmas lentas e presunçosas. Ela esperava que ele se mostrasse contrariado depois da noite passada, mas não estava preparada para crueldade. *Homens.* Criaturas tão caprichosas.

Ela devia ter aprendido a lição com Errol Bright. Sempre que eles conseguiam escapar por uma hora ou duas para ficarem juntos, o rapaz era carinhoso e cheio de promessas apaixonadas. Mas quando se cruzavam na vila, ele a tratava como a mesma Pauline de sempre. Primeiro ela se convenceu de que isso era romântico – eles tinham uma paixão secreta e ninguém podia saber. Enfim, ela percebeu a verdade dolorosa. Os momentos carinhosos de Errol eram apenas isso: momentos. Na verdade, ele nunca quis mais do que esses momentos de diversão. E agora ela tinha cometido o mesmo erro com Griff.

Na noite passada ele a fez se sentir linda e desejada, mas nessa manhã fez com que se sentisse insignificante e estúpida. Sem dúvida ela faria bem em seguir o conselho da duquesa: encontrar sua fleuma e se recusar a sentir qualquer coisa.

Mas Pauline não era assim. E se ela se perdesse de si mesma nessa semana, não teria mais nada.

Enquanto andavam pelo Hospital dos Abandonados, a duquesa declamava um monólogo contínuo:

– Esta instituição foi fundada no século passado por Sir Thomas Coram e vários dos homens mais importantes de Londres; nobres, comerciantes, artistas cujo trabalho você pode ver exposto. O quinto Duque de Halford era um dos mantenedores originais, e cada um de seus sucessores continuou a tradição.

Pauline não acreditou que o *atual* Duque de Halford desse importância para aquilo. Ele estava tão ansioso para ir embora daquele lugar, que Pauline e a duquesa praticamente corriam para acompanhar as longas passadas dele. Pauline não entendia por que ele tinha ido com elas, se preferia não estar ali.

Depois que passaram pelas salas públicas e chegaram à residência propriamente dita, a decoração do edifício tornou-se muito mais austera. Ficou óbvio que o esplendor palaciano era para exibição e não para benefício dos abandonados.

Eles passaram por um grande jardim com centenas de crianças. Todos meninos, vestindo uniformes marrons idênticos, e dispostos, bem-comportados, em filas.

– São tantos – Pauline murmurou.

A duquesa concordou.

– E esses são apenas os garotos em idade escolar. Na outra ala há um número semelhante de meninas. E centenas de crianças mais novas estão espalhadas por toda a periferia. Elas são aceitas bebês, quando as mães as deixam, e ficam conosco até encontrarmos famílias adotivas para elas. Depois voltam para nós, quando chegam à idade escolar.

– E então são retiradas dessas famílias também? Isso parece uma crueldade dupla, perderem não só a mãe que os trouxe ao mundo, mas também a única mãe que conheceram.

– Mesmo assim, estão em melhor situação que muitos – a duquesa disse. – As necessidades básicas deles são atendidas, e ainda recebem educação. Quando têm idade suficiente, recebem ajuda para encontrar empregos no comércio ou em serviços. Nossa própria Margaret, que é copeira na Casa Halford, foi criada aqui, bem como vários cavalariços e jardineiros da propriedade em Cumberland.

– É muita bondade sua pensar neles.

– Nós temos um dever, Srta. Simms. Para pessoas privilegiadas como nós, não basta ter boas intenções, é preciso fazer o bem.

Essas palavras atingiram um ponto sensível de Pauline. Por toda sua vida

sonhou em melhorar a vida dela e de sua irmã. Até aquele momento ela não tinha conseguido isso, mas a Duquesa de Halford possuía poder, convicção e recursos para fazer o bem para inúmeras pessoas necessitadas. Isso ia muito além de colocar moedas na caixa da igreja.

De repente, o duque parou de andar.

– O que esse órfão infeliz está usando?

Ele acenou com o queixo para um banco no corredor. Nele estava uma criança, um garoto de talvez 8 ou 9 anos. Ele vestia o mesmo uniforme marrom que os outros órfãos, mas trazia na cabeça um objeto disforme, tricotado com o tom mais infeliz de verde.

Para Pauline, aquele desastre de lã parecia uma manga arrancada, mas o garoto tinha enfiado a coisa na cabeça. O objeto, que tinha um tom de verde apodrecido, a envolvia com um abraço torto, cobrindo a sobrancelha e a orelha de um lado, e ficando bem acima da têmpora do outro.

Pauline segurou o riso. Aquilo só podia ser obra da duquesa.

– O que é isso? – o duque insistiu.

– Acredito que seja um gorro – Pauline sugeriu.

– É uma aberração. – O duque se aproximou do menino. – Você aí, rapaz. Dê o gorro para mim.

O garoto se encolheu diante dele, levando a mão à cabeça e protegendo o rosto com a outra. Era provável que ele assumisse essa postura defensiva com frequência. Pauline notou que ele era um garoto pequeno. Pálido e magro, com um hematoma desbotado no lado esquerdo do rosto. Apanhava dos garotos maiores, sem dúvida.

– Você não quer me dar isso? Tudo bem. – Halford retirou seu chapéu de feltro com aba e o estendeu. – Pegue.

– O q-quê? – o menino gaguejou.

– Estou lhe oferecendo uma troca justa. Meu belo chapéu novo por seu... sua coisa.

O garoto, perplexo, tirou o gorro tricotado e os dois fizeram a troca.

– Vá em frente – o duque disse, depois que o garoto tinha o chapéu em mãos. – Pode colocar.

O menino obedeceu e colocou o chapéu do duque na cabeça. A coisa lhe desceu até as orelhas, mas empurrando-o para trás e olhando no vidro de uma janela próxima, ele conseguiu examinar seu reflexo.

Provavelmente porque ele estava se esticando, na ponta dos pés, mas...

Pauline podia jurar que o garoto parecia ter ficado uns dez centímetros mais alto. Ela sentiu uma pontada perigosa no coração.

– Qual é o seu nome? – o duque perguntou.

– Hubert. Hubert Terrapin.

– Foi aqui que lhe deram esse nome?

O garoto concordou, melancólico.

– Bem, pelo menos o chapéu fica bem em você – disse o duque. Ele fez uma bola com a coisa de lã verde. – Levante a cabeça, então. Eu sei que você foi abandonado, mas com certeza as coisas não podem ser tão ruins quanto isto.

A duquesa pigarreou, impaciente, e o grupo continuou pelo corredor.

Enquanto caminhava, Pauline não pôde evitar de espiar o duque. Seu descontentamento com ele era uma coisa tão fugaz. Ao menor sinal de decência da parte de Halford, a raiva dela começava a passar.

Pauline apertou a mão em um punho. Então ele tinha dado um chapéu para um órfão. E daí? Ele possuía dezenas de chapéus e podia comprar dezenas mais. Distribuir dinheiro por aí não fazia dele um homem bom, só mostrava que era rico. Um homem rico com feições atraentes e fortes. Sem chapéu para esconder seu cabelo castanho e macio.

Ele deu uma olhada rápida para Pauline.

– Você não vai colocar? – ela perguntou, inclinando a cabeça para o “gorro” verde nas mãos dele. – Foi uma troca justa.

– É provável que esteja cheio de piolhos – ele disse e fez uma careta.

– Impossível – a duquesa protestou. – Esta instituição possui padrões rígidos de limpeza.

– Os padrões daqui são baixos – ele resmungou. – Isto é inaceitável. Eu sei que eles não têm dinheiro, são uns fedelhos destituídos, sem nada no mundo, mas precisam que lhes permitam manter a dignidade.

O estômago de Pauline revirou quando ela olhou para a duquesa, sabendo que o pacote que a outra carregava debaixo do braço estava, provavelmente, cheio de aberrações de lã como aquela – todas deformadas e inúteis. Mas cada uma delas era produto de esperança e amor materno.

Os insultos de Griff podiam não ser intencionais, mas com certeza deviam magoar a mãe. Aquela ferida era profunda.

Manchas coradas surgiram nas maçãs do rosto altas e aristocráticas da duquesa, mas essa foi a única reação que ela mostrou.

– Não estamos aqui para reclamar da noção de estilo dos abandonados. Hoje

estamos aqui para inspecionar o berçário. Venham.



O berçário? Ao ouvir isso, Griff hesitou.

– Não.

– O quê? – A mãe se virou para ele.

– Eu disse não. Um homem tem que estabelecer algum limite e o meu fica no fim deste piso. – Ele gesticulou para os ladrilhos debaixo de suas botas. – Antes da porta do berçário.

– Vossa Graça não gosta de bebês? – a Srta. Simms perguntou.

– Não muito. Coisinhas barulhentas e fedidas, na minha experiência limitada. Acredito que já visitei estas instalações o bastante por hoje.

– Nós praticamente demos a volta toda nesta ala – a duquesa disse. – Se a sua intenção é sair, vai ser mais rápido se formos através do berçário.

– Eu sei muito bem o que você está fazendo. – Ele fitou a mãe com um olhar duro. – Você planeja me fazer entrar nessa sala e colocar uma criatura barulhenta e pegajosa nos meus braços, porque acredita que essa experiência vai me deixar vibrando de desejo de produzir minha própria criaturinha barulhenta e pegajosa. Talvez existam homens com quem essa artimanha funcione, mas posso lhe dizer que não vai funcionar comigo. – Ele começou a voltar por onde tinha vindo. – Estarei na carruagem.

– Espere. – Com uma mesura rápida na direção da duquesa, Pauline se juntou a ele. – Eu também vou. Dei uns espirros de manhã e não quero passar um resfriado para os bebês.

– Simms, você deveria ficar com a minha mãe.

– Você também. – Ela caminhou ao lado dele pelo corredor, dando três passos para cada dois dele. – Você não gosta de estar aqui, não é?

– Não, não gosto.

– Você poderia ser um pouco mais agradável. – Ela meneou a cabeça. – Estou começando a entender a frustração da duquesa e a ficar do lado dela.

– Minha família tem apoiado esta instituição desde a fundação. Não tenho nenhuma intenção de interromper essa tradição.

– Mas você poderia fazer mais.

– Muito bem. Vou doar uma quantia extra para aquisição de vestuário de outono. – Ele balançou o gorro em sua mão. – Não podemos deixar que esse tipo de coisa aconteça.

– Não precisa ser tão ofensivo, sabe. – Ela pegou o gorro dele. – É feio, com certeza. Mas também é evidente que foi feito com amor.

– Feito com amor? *Isso*? Foi feito com incompetência, se não com malícia.

– Você não entende... – Ela suspirou. – Você não está me entendendo, nem sua mãe. Quando eu disse que você poderia fazer mais, não quis dizer dinheiro. Você pode doar seu tempo e sua atenção.

Ele meneou a cabeça.

– Os médicos e as administradoras daqui não querem nada de mim a não ser uma contribuição constante.

– Eles parecem contentes com o envolvimento da sua mãe. Ela faz visitas regulares e traz... coisas.

Quando eles voltavam na direção do salão principal, passaram por uma sala vazia. Pauline notou um rosto familiar encolhido no canto.

– Hubert – o duque disse. – É você de novo?

O garoto se aproximou deles, triste e sem chapéu.

– O que aconteceu com seu belo chapéu novo? – Pauline perguntou. Mas o corte recente no lábio do menino revelava o que tinha acontecido. – Um garoto mais velho tomou de você, não é?

O menino fez que sim com a cabeça.

Ela puxou Griff de lado e sussurrou para ele.

– Griff, é isso que estou falando. Você pode fazer algo por ele.

Ele abriu as mãos vazias.

– Não tenho outro chapéu.

– Não, não. Agora há pouco você impressionou este menino e não teve nada a ver com o chapéu. Você falou com ele e o tratou como uma pessoa que *vale* alguma coisa. Converse com ele agora. Dê algum conselho masculino ou ensine-o a lutar. Isso pode ser benéfico para você, também. É bom se sentir útil de vez em quando.

Griff deu um olhar ansioso para a saída.

– Simms, você parece ter se esquecido de que é minha empregada. Eu a contratei para distrair minha mãe, não para me dar conselhos.

– Muito bem. Considere isso um bônus.

Bom Deus. A impertinência dela não tinha limites?

– Você é um homem poderoso – ela continuou. – E não é só por causa do seu dinheiro ou do seu título. Você tem a capacidade de fazer as pessoas se sentirem valorizadas, quando não está tentando fazê-las se sentir um lixo.

Ela não entendia. Ele queria ajudar o garoto, queria mesmo, mas não tinha condições de oferecer qualquer encorajamento agora. Aquele lugar perturbava suas vísceras. Todos aqueles passinhos infantis pisoteavam seu coração...

– Desculpe – ele disse, brusco. – Não tenho tempo.

Oof. O soco pareceu ter vindo do nada, embora, racionalmente, Griff soubesse que devia ter se originado na ponta do braço direito dela. Contudo, não havia dúvida quanto ao local que tinha acertado – bem no estômago dele.

Griff recuou um passo, desequilibrado.

– Hubert – ela disse, sem nunca tirar os olhos dos de Griff –, como Sua Graça não tem tempo, eu mesma vou lhe dar lições de luta.

– Simms, você não pode estar falando sério.

– Oh, mas eu estou. – Ela tirou as luvas com os dentes e as jogou de lado. Então, ela começou a rodeá-lo, com os punhos levantados, provocando-o. – O quê? Não vai se defender?

– Você sabe muito bem que não posso machucar uma mulher.

– Oh, por favor. Você é totalmente capaz de machucar uma mulher. É especialista nisso, eu diria. – Pauline fingiu dar um soco nas costelas dele, depois se afastou.

Era óbvio que ela estava brava com ele por motivos que não tinham a ver com chapéus e crianças abandonadas. Griff ficaria feliz em deixar que ela o socasse mais tarde, mas não aceitava aquela discussão ali, naquele momento.

– Para mim, chega. – Ele levantou as mãos.

– Ah, não, claro que não. – Ela se pôs na frente ele, bloqueando sua única rota de fuga. – Se não tem coragem para dar um soco, sei que pode encontrar outras maneiras. Que tal me xingar? Ofender minhas origens? Oh, já sei. Talvez possa começar com aquele aplauso lento, asqueroso.

– É disso que se trata? – Ele apertou os olhos para ela. – Você está chateada porque não aplaudi seu pequeno concerto com taças de água?

– Não – ela respondeu, na defensiva. Então pensou melhor. – Em parte. Você me magoou de propósito essa manhã.

– Nós temos um acordo, Simms. Você concordou em ser um fracasso. Estou lhe pagando muito bem pelo esforço. Pensei que era isso o que você queria.

– Sim, mas...

– Se os termos do nosso contrato não são mais satisfatórios, posso lhe mandar de volta para Sussex.

– Eu aceitei uma semana de escárnio da Sociedade. Não de você.

– Muito bem. Considere isso um bônus – ele disse.

– Oh, seu... – Com um grunhido, ela disparou um novo soco.

Desta vez ele estava preparado. Griff deteve o punho dela com a mão, cobrindo o pequeno bolo de dedos e segurando-o com firmeza.

– Eu lhe contei tudo ontem à noite. – As palavras que ela sussurrou continham farpas. – Meus sonhos, meus segredos. Tudo. E essa manhã você me tratou como se eu não fosse nada.

– O que você quer, Simms? – ele perguntou com a voz baixa. – O que você está querendo ouvir? Eu devo dizer que você é igual a qualquer lady bem-criada?

– Claro que não. Eu não quero ser parecida em nada com aquelas Horrores Harrowes, nem ninguém do tipo.

– Ah. – Ele concordou lentamente. – Estou entendendo. Você não quer ouvir que é igual a elas, quer ouvir que é *melhor*.

Ela não respondeu.

– Eu preciso considerar seu concerto de taças mais encantador do que qualquer ária italiana. Proclamar que seus modos rústicos do interior são um sopro de ar fresco na minha vida nublada de pecados. – Ele riu. – O que mais? Talvez você espere ouvir que sua pureza é o mais raro e inebriante dos perfumes. Seu cabelo cheira a grama, seus olhos são como discos de céu sem nuvens e, por Deus, você me faz *sentir* coisas. Coisas que eu não sentia há anos, ou nunca senti. – Dramático, ele levou a mão livre ao peito. – O que é esta agitação estranha no meu coração? Será que pode ser... amor?

Pauline ficou olhando para os botões do colete dele, incapaz de encará-lo.

Em algum lugar do cérebro de Griff, um fragmento de razão gritou que ele estava sendo um canalha e estragando tudo. Mas ele não estava agindo pela lógica, nesse momento. Griff estava dividido entre dois impulsos: a necessidade de afastá-la da ferida aberta que Pauline não parava de cutucar e do desejo impossível de puxá-la para perto, de possuí-la por completo.

Acima de tudo, ele precisava ir embora daquele lugar antes que ficasse cego e louco de tristeza.

– Eu a contratei por um motivo, Simms. Não estou procurando uma garota sem os vícios da cidade para me ensinar o significado do amor e me dar um objetivo na vida. E se você está procurando um cavalheiro bem-aventurado que adore seu espírito cheio de vida... talvez encontre algum aqui, em Londres, mas não serei eu.

– Que discurso... – ela sussurrou, aproximando-se. – Eu até que poderia acreditar, não fosse o modo como você me beijou ontem à noite.

A raiva dela era quente e palpável. Excitante.

– Oh, Simms. Que tipo de libertino incompetente você acha que sou? Já beijei muitas mulheres sem gostar nada delas.

Hum. Acredito que nunca vi um tom de verde assim. Esse foi seu último pensamento coerente enquanto encarava os olhos dela. Então o punho esquerdo de Pauline atingiu seu rosto, explodindo seu mundo com fogos de artifício vermelhos e dolorosos. Ele cambaleou alguns passos para trás, o crânio ecoando como um sino. *Bem, ele fez por merecer isso.* Quando sua visão recuperou o fogo, Griff a viu falando com o garoto.

– Essa é sua primeira lição, Hubert. – Ela estava agachada diante do garoto de olhos arregalados. – Não se preocupe com uma luta justa. A vida não é justa, ainda mais num lugar como este. Se você tiver uma oportunidade, aproveite-a. Não precisa ser correto com valentões.

– Eu cresci numa fazenda, sabe – ela continuou. – Um lugar pequeno e pobre. Cuidar das galinhas sempre foi tarefa minha. Pintinhos recém-nascidos são as criaturas mais fofas, macias e, aparentemente, inocentes do mundo. Mas são animaizinhos selvagens. Eles matam seus irmãos e irmãs a bicadas se perceberem alguma fraqueza.

Enquanto a escutava, Griff sentiu suas próprias defesas baixando.

– É a mesma coisa em lugares como este – ela prosseguiu. – As bicadas vêm de baixo para cima. Os maiores atormentam os pequenos e os pequenos vão encontrar alguém menor para atormentar, e assim por diante. É a natureza dos pintinhos e também das crianças. Não fique sonhando que isso vai mudar. Você não vai conseguir bater em todos os valentões, e nem toda reza ou paciência do mundo irá convencê-los a mudar de atitude. Mantenha a cabeça erguida e garanta o que é seu. Sua comida, sua educação. Não desperdice nada que lhe derem. O pão vai direto para sua barriga, e tudo que aprender você pode guardar aqui. – Ela tocou a ponta do dedo na têmpora dele. – Guarde tudo, porque depois que está dentro de você, é seu. Ninguém vai conseguir tirar de você. Nenhum valentão da escola, nenhum professor mal-intencionado...

Nenhum pai violento, Griff acrescentou em silêncio. Ele a imaginou com uma mecha de cabelo pendurada sobre a face esbofeteada, enquanto decorava, escondida, lições de etiqueta e poesia entre uma obrigação e outra da fazenda.

Lendo as mesmas palavras uma vez após a outra, até que estivessem armazenadas, guardadas dentro dela, onde ninguém poderia roubá-las.

– Nem mesmo um duque – ela concluiu.

Hubert observou o vestido de seda dela, com um laço grande.

– Você, minha lady? Cuidou de galinhas em uma fazenda?

– Cuidei. E quando criança, aguentei minha cota de surras. Mas fiquei com o que era meu, como lhe disse. Foi assim que cheguei até aqui. E se está impressionado comigo agora... – Ela se levantou e bateu no ombro do garoto. – Venha me ver na semana que vem. Vou estar mais rica do que nunca.

Com um olhar furioso para Griff, ela saiu da sala.

Ele foi atrás, mancando um pouco por causa da dor no... em tudo. Por Deus, o que essa mulher estava fazendo com ele? Ele perseguiu os passos curtos dela pelo corredor, alcançando-a na entrada principal do edifício.

– Escute – ele começou a falar, segurando-a pelo braço no alto da escada. – Essa manhã eu não estava tentando ser o pintinho selvagem, nem o valentão que dá bicadas ou seja lá com o que você me comparou.

– Não se desculpe, por favor. Senão vou me sentir obrigada a me desculpar por socá-lo, e não quero me desculpar por isso. Nem um pouco.

– Não estou me desculpando, só explicando. Eu não pretendia ferir seus sentimentos, Simms. Mas se eles são mesmo assim tão frágeis, não deveria deixar que eu me aproximasse deles. Já lhe disse que não sou um príncipe.

Ela endireitou os ombros, aparentemente tomando alguma decisão.

– Você tem razão, eu fui avisada. E não deveria ligar para o que você pensa.

Não, espere, ele teve vontade de se contradizer. *Eu retiro o que disse. Você deveria ligar. Por favor, ligue para o que eu penso.*

Porque ele pôde ver no rosto dela que, como se não fosse nada, Pauline tinha decidido que não precisava dele. Ela seguiria o conselho que tinha acabado de dar para Hubert: completar sua semana de trabalho, pegar as mil libras e nunca mais pensar nele.

Griff *queria* que ela pensasse nele. Não só durante essa semana, mas sempre. Que cretino ele tinha sido, atraindo-a com todos aqueles elogios que ela podia querer ouvir. Griff se enxergou com clareza, então. Era ele quem ansiava por aprovação. Ele queria que Pauline lembrasse dele muito tempo depois que aquela semana acabasse, como o duque atraente e benemérito que a levou para Londres e mudou sua vida. Não importava que outras decepções acrescentassem ao legado de sua família, Griff poderia se consolar se soubesse que havia uma

livreira nos confins de Sussex que o idolatrava. Que acreditava que ele possuía um coração puro, cavalheiresco, de ouro – ou pelo menos prata – escondido debaixo da arrogância e dos pecados.

Ela deveria ser a única coisa boa que ele tinha feito. E no momento Pauline olhava para Griff como se ele fosse um inseto.

– Você tem *toda* razão – ela disse enquanto eles saíam pelo portão da frente, onde ela parou no meio do caminho. – É claro que sim. Eu fui uma tola, desejando que você gostasse de mim, que me aprovasse. Para começar, se você aprovasse algo em mim, não teria me contratado.

– Isso não é verdade.

Agora que os dois estavam fora do orfanato, ele conseguiu respirar outra vez. Havia muita gente por perto para ele fazer o que realmente queria – puxá-la para si, para um abraço que poderia reconfortar ambos. Ele se conformou em ajeitar a manga dela.

– Você não entende, Simms.

– Oh, eu entendo perfeitamente – ela disse, olhando para a mão dele em sua manga. – Você tem instintos bons e generosos, mas estão sufocados debaixo de toda essa fleuma aristocrática. Você está tão asfixiado com isso que tem medo de gostar de qualquer coisa. Ou, pelo menos, tem medo de mostrar que gosta.

Começou a chover então. Gotas pesadas e frias que atingiam a calçada com força audível. Em instantes, a umidade colou a roupa nas costas dela e grudou mechas de cabelo em seu rosto, fazendo-a parecer pequena e solitária.

– Simms...

Ela se afastou do toque dele.

– O que foi, Griff? O quê? Você tem algo para me dizer agora? No meio de uma rua movimentada, com gente por perto... E não em um jardim escuro, nem em uma sala trancada?

– Eu... – Ele apertou os dentes. – Muito bem. Eu gosto de você.

– Você “gosta” de mim.

– Gosto. Na verdade, eu gosto de você muito mais do que deveria. E gosto exatamente porque você é toda errada.

Ela o encarou, apertando aqueles deliciosos lábios cor-de-framboesa. Horas demais tinham se passado desde que ele a beijou. Ele praguejou.

– Não estou explicando direito. Não estou acostumado a fazer esse tipo de discurso. Mas podemos declarar uma trégua? Encontrar algum lugar para que possamos...

Antes que ele pudesse concluir o raciocínio, uma mulher vestindo uma capa escura, disforme, chegou correndo até Griff. Ela parecia um corvo surgido do nada.

– Por favor, meu senhor. Eu n-não posso... – Ela soltou um soluço no fundo do peito. – Por favor.

Ela saiu correndo com a mesma rapidez, e Griff precisou de vários instantes para registrar que ela tinha deixado algo para trás... Um bebê. Aninhado em seus braços. *Oh, Jesus.*

Olhos azuis, cinzentos, dedinhos agitados. Não dava para perceber nariz nem pescoço, só dobrinhas, da cabeça aos dedinhos dos pés. Cristo, por que todos eles tinham que ser tão parecidos?

– Oh, meu Deus – Pauline disse. – A pobre mulher.

– Por q... – Ele afastou um pouco a criança do corpo. Os braços dele estavam congelados pelo choque. – Onde ela está? Aonde ela foi?

– Não sei. Ela devia estar querendo deixar a criança. Deve ter ficado com medo de entrar.

Griff vasculhou o entorno movimentado com o olhar, esperando, tolo que era, que um lampejo de lã escura se destacasse da multidão que usava lã escura. Era provável que ela estivesse por perto, que o observasse naquele instante – aquele nobre rígido, inútil, a quem tinha confiado seu filho – enquanto sentia o arrependimento crescer.

A criança soube que algo de errado tinha lhe acontecido. Ela uivou para Griff, com o rosto enrugado e vermelho, abanando, raivosa, os punhos fechados. Gotas de chuva borrifaram seu rosto e seu cobertor. Ela abriu tanto a boca que seus lábios pareceram sumir. As gengivas sem dentes e a linguinha estavam escarlates de fúria.

Você é um maldito duque, o bebê pareceu gritar para ele. *Com 1,80 m de altura, 80 kg. Faça algo, seu inútil. Dê um jeito nisto!*

– O que nós devemos fazer? – Pauline perguntou.

– Eu...

Griff não sabia. Ele queria, de todo coração – ainda que este fosse uma casca vazia –, acalmar os nervos da criança. Mas não conseguiu. Ele simplesmente não conseguiu.

Ele passou o bebê para os braços de Pauline, murmurou algumas palavras de desculpa, das quais não se lembraria mais tarde, virou e saiu andando na chuva.

– Vossa Graça! Griff, espere!

Ele podia ignorar os gritos dela, mas os lamentos da criança ficaram mais altos que a algazarra das ruas, que o metralhar da chuva. Aqueles berros de acusação sem palavras o seguiram por todo caminho até a rua.

Assombraram-no por quilômetros.

Capítulo treze

Bem cedo, na manhã seguinte, Pauline acordou ainda no escuro. Ela enrolou o corpo com um robe, acendeu uma vela e desceu a escada até a biblioteca.

Não encontrou o homem com quem passou a noite agitada se preocupando e sonhando. Mas encontrou algo quase tão interessante. Os livros obscenos.

Ela pegou um volume da prateleira, acendeu o fogo da lareira e se acomodou.

Cerca de uma hora depois estava imersa em um encontro escandaloso – o amante de uma leiteira tinha colocado as mãos debaixo das saias dela e subia cada vez mais, determinado – quando a porta da biblioteca se abriu com uma corrente de ar gelado.

Ela se assustou e ergueu a cabeça. Sua atenção foi tirada bruscamente da história, como uma folha de papel arrancada. Fragmentos de luxúria continuavam grudados nela. Pauline estava tão corada que ficou preocupada com a possibilidade de seu rosto estar brilhando.

Ainda bem que o intruso não era um criado nem a duquesa. Era apenas Griff. Mas ela não podia chamá-lo de “apenas Griff”. Ele nunca seria “apenas” nada. O intruso era Griff, o homem que mudou sua vida, que confundia seu coração e com frequência a enlouquecia.

E ela não sabia como eles tinham ficado, depois de tudo o que aconteceu no dia anterior.

Ele deu um breve olhar sombrio para ela. Pauline não soube dizer se ele estava feliz por vê-la ou o contrário.

– Você, acordada a esta hora? – ele disse.

Ela fechou o livro com o dedo no meio, marcando a página.

– Eu acordo cedo todas as manhãs. No fundo, sou uma garota do campo. Parece que não consigo dormir depois das 5 horas.

Quando ele tirou o casaco e o pendurou nas costas da cadeira, ela reconheceu como o casaco que ele usava da última vez que o viu. O rosto estava com a barba

por fazer. Ele também continuava sem chapéu, e parecia tão infeliz como quando a deixou no portão da frente do Hospital dos Abandonados, com um bebê aos berros nos braços.

O que quer que ele tivesse feito durante a noite, a atividade não o animou.

– Você acabou de chegar? – ela perguntou, esperando não parecer muito controladora ou... bem, muito *esposa*.

Ele concordou.

Que bela ilustração das diferenças entre eles. Essa hora significava um despertar mais cedo para ela, mas uma chegada tardia para ele. Os dois eram, literalmente, noite e dia. Mas mesmo a noite e o dia se encontram em algum momento.

– Por onde você andou? – ela perguntou.

A resposta dele foi um suspirou lento e cansado.

– Simms, eu honestamente nem sei.

– Oh. – Ela engoliu em seco. – Bem, estou feliz por você estar aqui agora.

Sem falar nada, ele atravessou a sala até a escrivaninha, enrolou as mangas desabotoadas e acendeu duas velas. Em seguida sentou e observou o mecanismo quebrado do relógio que tinha deixado ali na noite passada.

– Espero que sua noite tenha sido mais animada do que a minha – ela disse, tranquila. – Depois do jantar, sua mãe me fez ler a Bíblia para melhorar minha dicção. Ela me disse para ler apenas as palavras com *R. R*ei, Is*r*ael, *R*aquel. Um tédio. – Ela mostrou o livro que tinha em mãos e o abriu na página em que estava. – Agora que encontrei os livros obscenos, o exercício ficou mais interessante. Du*r*o como g*r*anito. Encont*r*o c*ar*nal.

Quando mesmo isso não conseguiu extrair um sorriso dele, Pauline colocou o livro de lado e se enrolou sobre a cadeira. Apoiando o queixo nos joelhos, ela o observou através do véu da escuridão.

Alguma coisa estava muito, muito errada. Em uma palavra (com dois *erres* no meio, a propósito – ela parecia só pensar nisso, agora), ele estava ho*rr*ível. E parecia assombrado, também; até mais do que na primeira noite.

Parte dela desconfiava que ele precisava de um ab*ra*ço.

Mas ela não sabia como fazer aquilo. Tentar não parecia muito aconselhável, por várias razões. Porém havia algo que ela podia fazer por ele – uma habilidade aprendida ao longo de anos de prática.

Ela levantou da cadeira, andou até o bar no canto da sala e serviu um drinque para ele.

– Quando eu comecei a trabalhar na taverna, anos atrás, o Sr. Fosbury me disse que eu tagarelava demais. – Ela observou o líquido âmbar encher o copo. Ao tampar a garrafa, ela fez a voz grossa, imitando o patrão: – “Pauline”, ele me disse, “você tem que aprender a diferença entre os homens que entram querendo conversar e os homens que só querem ser deixados em paz”.

Após atravessar o tapete com passos lentos e cuidadosos, ela colocou o copo sobre a mesa, a centímetros do cotovelo de Griff. Ele não olhou para a bebida nem para ela, apenas esfregou o rosto cansado e observou o relógio quebrado. Como se encarando a coisa por tempo suficiente ele pudesse fazer as engrenagens se colocarem em movimento. Talvez até fazendo o tempo voltar.

– Eu segui o conselho dele – ela continuou – e aprendi a tomar cuidado com minhas conversas. Mas também aprendi que o Sr. Fosbury tinha errado numa coisa. Existem homens que querem conversar e outros que não. – Tomando coragem, ela colocou a mão no ombro de Griff. – Mas nenhum deles quer ficar sozinho.

Ele inspirou fundo. O ombro forte, coberto pela camisa de algodão, subiu e desceu debaixo da mão dela.

Pauline contou em silêncio até cinco, o mais lentamente que seus nervos permitiam. Nada. Muito bem, então. Ela tinha lhe dado uma chance. Meneando a cabeça, recolheu a mão e se virou.

– Vou deixá-lo a sós, então.

– Não.

A ordem áspera a congelou onde estava. Ele virou a cadeira para que ficassem de frente um para o outro, estendeu os braços para pegá-la pela cintura e a puxou para perto, entre suas pernas abertas.

Então ele se inclinou para frente, lenta e inexoravelmente, até sua testa encontrar a barriga dela.

– Não – ele disse junto ao umbigo dela. – Não me deixe.

Tomada por uma emoção inefável, ela passou os dedos pelo grosso cabelo castanho dele.

– Não vou.

– Eu sinto muito.

– Eu... eu sei.

Eles permaneceram assim por um longo tempo. Encostados. Respirando. Aquecendo um ao outro no escuro. A gratidão tomou o coração dela. Até então

Pauline não tinha percebido como esteve preocupada com ele. Não até esse momento, em que ele estava seguro em casa... com ela.

– Como ela está? – Griff murmurou.

Algo lhe disse que ele não se referia à duquesa.

– A criança?

Ela sentiu o movimento de confirmação em sua barriga.

– O bebê é um menino. E está bem. Eu o levei para as cuidadoras. Elas o vestiram com roupas limpas e encheram a barriguinha dele com leite. Ele já deve estar batizado a esta altura, imagino.

– Espero que tenha se dado melhor que o Hubert nessa questão de nome.

Ela sorriu e acariciou de novo o cabelo dele.

– Eu não deveria ter deixado você. – Ele suspirou alto. – Eu só...

– Não seja tão duro consigo mesmo. É óbvio que aquele lugar o deixa nervoso. Muitos homens grandes e fortes já entraram em pânico por causa de uma criança chorona.

Ele levantou a cabeça e deu um olhar inquisitivo para ela.

E o cérebro tolo, de menininha, de Pauline escolheu esse momento para decidir que ele era o homem mais lindo que já tinha visto. Talvez porque ele fosse o único homem a já ter olhado dessa forma para ela. Segurando-a com aqueles braços fortes, esculpidos, enquanto a derretia com aquele olhar quente.

– Podemos voltar à conversa de antes de tudo isso? – ela sussurrou. – Nós estávamos parados junto ao portão. Você dizia o quanto gostava de mim e pediu uma trégua. E eu... – Ela tocou de leve o rosto dele. – Eu estava para me desculpar por isto.

– Não precisa. Eu mereci os socos e merecia mais. Durante a maior parte da minha vida eu fui um cretino de primeira. Nesse último ano tenho tentado ser menos, mas acredito que não consegui. Só fui promovido de primeiro-cretino para canalha-de-esquadra.

– Não sei se concordo. – Ela arrumou uma mecha desgrenhada do cabelo dele. – Você teve seus bons momentos essa semana. Evitou que eu caísse não uma, mas duas vezes. Você foi perfeito com a minha irmã. E desconfio de que, quando me ofereceu este emprego, você *pensou* que estava fazendo isso para me salvar.

Agora ela já não tinha tanta certeza. Agora se perguntava se não estaria ali para salvá-lo.

– De qualquer modo – ele disse –, eu lhe devo desculpas por tudo que aconteceu hoje. Incluindo as taças de água.

– Não foi nada de mais, mesmo. – Ela riu um pouco. – Só um truque bobo de taverna.

– Eu também sei alguns truques constrangedores de festa.

– Sabe?

– Ah, sim. – Ele a soltou e se reclinou na cadeira. – Eu sei dar prazer a duas mulheres com minhas mãos amarradas às costas. De olhos vendados.

– Exibido!

– Se eu estivesse me exibindo, isso significaria que eu tenho orgulho disso. Não estou me exibindo.

Oh, Deus. A expressão no rosto dele deixou claro para Pauline que ele não estava mesmo. As imagens que surgiram na cabeça de Pauline a deixaram um pouco nauseada. E muito, muito curiosa.

– Eu encontrei os livros obscenos – ela disse. – E tenho perguntas.

– Oh, Senhor. – Ele esfregou o rosto com as duas mãos. – Não, Simms. Não.

– Mas você é a única pessoa que eu tenho para perguntar. E me deve, pelas taças de água.

– Muito bem. – Ele deixou as mãos caírem. – Você tem perguntas? Aqui estão algumas respostas: “sim”, “não” e “somente com muita lubrificação”. Aplique-as às suas perguntas como quiser.

Ela estendeu o braço e deu um tapa de brincadeira no ombro dele.

– É que o livro faz tudo parecer tão ridículo. Toda essa pulsação e o latejar divino; e o êxtase sem paralelo com a fundição cataclísmica de duas almas em uma.

– Fundição cataclísmica? Qual livro diz isso?

– Deixe a fundição para lá – ela disse. – Mas todo o resto. A parte do êxtase sem paralelo. Isso... deve mesmo ser assim?

Ele suspirou.

– Essa pergunta, em especial, é mais bem respondida pela experiência.

– Mas eu tive experiência. – Pauline se encolheu. – Um pouco. E não foi nada disso. Nenhum êxtase. Nem mesmo palpitações. É por isso que eu pergunto se os livros estão mentindo, ou... ou se eu sou o problema.

– Simms. – Ele se levantou da cadeira e a fitou nos olhos.

Pauline precisou de muita determinação para não desviar o olhar, mas a expressão dele deixava claro que não responderia se ela não o encarasse. Então ela deixou a borda da escrivaninha, ficou de frente para ele e o fitou.

Então esperou, ansiosa.

– O problema não é você – ele disse.



Na cabeça de Griff, os sinos de alerta tocavam às centenas. Ele não devia estar tendo aquela conversa. Diabos, ele nem deveria estar ali sozinho com ela. Mas esse era um momento em que ele precisava estar com alguém. E, por Deus, ela precisava ouvir a resposta.

– O problema não é você – ele repetiu.

– Então os livros *exageram* mesmo – ela disse.

– Não estou dizendo isso.

– Fiquei confusa. – Ela franziu o nariz.

– Não existem respostas simples. Pode ser um êxtase divino? Pode. Pode ser uma provação melancólica? Também. É como uma conversa. Com a pessoa errada a conversa *pode* parecer forçada, superficial. Um tédio só. Mas às vezes você encontra alguém com quem a discussão flui. Suas ideias nunca acabam. A sinceridade não provoca constrangimento. Vocês surpreendem um ao outro e a si mesmos.

– Mas como encontrar essa pessoa sem... sem ter que conversar com a cidade inteira?

Griff deu uma risada seca.

– Que pergunta. Se encontrar a resposta, engarrafe-a e venda. Você vai ter a loja mais bem-sucedida da Inglaterra. Eu mesmo vou ser seu cliente.

Ele tinha “conversado” com muitas mulheres, ao longo da vida, mas não se orgulhava disso. Oh, ele já se orgulhou, e as mulheres tiveram pouco do que reclamar. Mas ele percebeu que era uma coisa fria, quando o melhor que podia dizer para a parceira de cama não era “eu te amo”, nem “eu gosto de você”, mas apenas “eu a desprezo um pouco menos do que me desprezo”.

Mas Griff foi sincero quando disse, no portão do Hospital dos Abandonados, que *gostava* de Pauline. Ele conseguia conversar com ela como não fazia há muito tempo com nenhuma outra pessoa. E qualquer homem que a tivesse deixado escapar era um maldito idiota.

Ele estendeu a mão e emoldurou aquele rosto lindo, delineando o lábio inferior dela com o polegar.

– Eu não sei muitas respostas, mas posso lhe dizer isto: o problema não é você. – Ele se aproximou dela, sentindo a escuridão comprimir e aquecer o espaço entre eles.

– Griff. – Ela levou a mão ao pulso dele. – Eu não estava pedindo isso.

– Eu sei – ele respondeu e se inclinou, baixando a cabeça para o beijo. A expectativa do sabor dela fez o pulso dele acelerar.

– Mas...

– Simms. Você fez uma pergunta. Não me interrompa enquanto estou demonstrando.

Ele pairou um centímetro acima dos lábios dela... então pensou melhor. Um beijo não era o que ela precisava. Um beijo lhe dava muito espaço para se esconder. Ela precisava vê-lo e ver a si mesma, notar como era linda e sensual.

Griff passou as mãos pelas curvas do corpo dela, delineando-as por cima do robe. A pequena exclamação de prazer que ela soltou o empolgou.

– Eu acho que tive um sonho assim – ela sussurrou. – Noite passada.

– Não me diga isso. – A visão de Pauline sonhando, agitada, debaixo de lençóis brancos...

– O que eu deveria lhe dizer, então? Que você é o homem mais atraente que já conheci e que o mero aroma da sua colônia deixa minhas anáguas em fogo?

– Você deveria me mandar para o inferno. – As mãos dele procuraram o laço do robe que ela vestia. Ele parou, com um dedo enrolado na faixa. – Mas você me diria, se fosse isso que estivesse sentindo?

– Você ainda não me conhece? – Ela sorriu.

Ele puxou a faixa amarrada, trazendo Pauline para perto.

– Eu só sei que estou desesperado para tocá-la. Toda.

Só isso, ele disse para si mesmo. *Só tocar.* Griff se permitiria fazer isso e mais nada. Ele desfez o nó da faixa e abriu o robe, expondo a camisola branca que havia por baixo. Esta era nova, nem de perto tão frágil e translúcida como a que ela tinha usado na primeira noite. Mas ficou igualmente excitado.

Griff deslizou as mãos pelo corpo dela, para cima e para baixo, segurando os seios por cima do tecido, depois descendo até os quadris e as coxas. O algodão ficou mais macio e quente com a fricção, moldando-se às formas dela. Ele encontrou os mamilos e os provocou com os polegares, acariciando-os até ficarem tesos. Griff soltou um botão, depois outro. Só o bastante para que pudesse afastar o tecido, flexionar os joelhos e, finalmente – *finalmente!* –, beijá-la do modo como tinha desejado fazer naquele jardim escuro.

Enquanto abria caminho com a boca até o pescoço de Pauline, ele desceu uma das mãos até o sexo dela e trabalhou os dedos entre as coxas, massageando o

tecido até conseguir acomodar o sexo dela em sua palma. Mesmo através do tecido ele pôde sentir que Pauline estava quente e molhada para ele.

Bom Deus, possuí-la seria tão fácil. Era só soltar alguns botões das calças, levantar a camisola e deslizar diretamente para ela. Eles seriam um só em segundos.

– Nada além do seu prazer – Griff prometeu para eles dois, massageando-a com a base do polegar e apertando a ponta dos dedos através do tecido, molhando-o com a umidade do corpo dela.

– Eu lhe dou minha palavra. Não quero tirar nada de você. Só lhe dar.

Griff pensou que deveria tê-la carregado até o divã ou deitado no tapete, mas foi egoísta. Ele a queria toda para si. Todo o peso dela em seus braços, todo o calor dela em seu corpo. Não queria dividi-la com um sofá ou tapete, nem mesmo com algo tão insignificante quanto uma cadeira.

Enlaçando-a com o braço, ele a prendeu junto a si. Com a outra mão, Griff explorou o sexo dela. Desesperado para desvendar os segredos de Pauline.

Havia poucas coisas que lhe satisfaziam mais na vida do que dar prazer a uma mulher. De certa forma, era como montar um quebra-cabeça. Toda mulher tinha a mesma anatomia, mas as partes cruciais eram de todos os formatos e tamanhos, dispostas de formas diferentes, e reagiam individualmente aos toques e carícias. A mesma técnica que funcionava com uma mulher podia não funcionar com outra. O processo de descoberta era instrutivo e inebriante.

Mas quando ele triunfava – quando encontrava o toque exato para aplicar no lugar certo pelo tempo que a mulher precisava –, ah, a doce emoção do sucesso. Vitória é uma droga que vicia. Ele adorava sentir uma mulher se desfazer em seus braços. Amava sentir o sexo dela amolecer e derreter-se por ele, para depois apertá-lo com mais força do que uma mão. Ele adorava aprender cada expressão e som que anunciava o orgasmo dela. Algumas mulheres suspiravam, outras choravam, riam, ganiam, imploravam, gritavam. Algumas ficavam maliciosamente gratas depois do prazer, outras tornavam-se deliciosamente tímidas.

Griff não sabia como Pauline reagiria ao atingir seu clímax, mas precisava, desesperadamente, descobrir. Bem no fundo, ele esperava transcendência. Algo completamente diferente de tudo que tinha vivenciado até o momento.

Ele segurou a barra da camisola e a puxou para cima.

– Você pode dizer não – ele murmurou.

– Eu não quero.

Graças a Deus. Ele enfiou a mão por baixo do tecido, deslizando um toque paciente e lento pela coxa dela. Quando chegou à abertura, a paciência o abandonou. Precisava estar dentro dela de algum modo. Ele a abriu e enfiou um dedo no calor apertado e molhado.

Ela arfou e apertou as mãos nele. A dor deliciosa das unhas dela o enlouqueceu.

– Está com medo? – ele perguntou, detendo-se. – Quer que eu pare?

– Sim, estou com um pouco de medo. – Ela levantou o rosto para ele e engoliu em seco. – Mas não, não quero que você pare.

Ele a beijou de novo, sincronizando as investidas da língua com as da mão. Entrando devagar e saindo da mesma forma. Quando sentiu que ela estava pronta, Griff colocou mais um dedo. Os músculos íntimos dela se esticaram e contraíram ao redor dos dedos, agarrando-o com força. O pau dele latejava em vão dentro das calças, aprisionado em um doloroso estado de excitação.

Pauline se aninhou perto de Griff, sua barriga pressionando a crista dolorida da ereção dele. Não era, nem de perto, tudo que ele desejava, mas a fricção lhe forneceu um pouco de alívio.

Ela interrompeu o beijo e descansou a cabeça no ombro dele, respirando com dificuldade, de boca aberta. Seus quadris se contorciam contra a mão dele, procurando o movimento e a posição que mais lhe dessem prazer.

Griff começou a sussurrar junto à orelha dela. Ele sabia que ela tinha passado do ponto da coerência, então disse coisas tolas que lhe vinham à mente: como ela era linda ao luar e como sentia orgulho da coragem dela. Como ela o encantou naquela primeira noite. Como adorava o pescoço e os olhos verdes e inteligentes dela. Como ela era recoberta por uma doçura que ele fantasiava passar horas abençoadas lambendo e se deliciando.

– Aqui – ele sussurrou, deslizando o polegar para cima e para baixo na abertura dela. – Eu a provaria aqui. Você deve ser tão doce. E então...

Ele enfiou os dedos até o fundo e, com o polegar, Griff massageou o botão inchado no alto do sexo dela.

– Griff – ela suplicou.

– Isso – ele disse. – Isso mesmo.

Ela começou a respirar de um modo entrecortado, encantador. Como se fosse uma escala ascendente no piano. E então ela gozou com um gemido perfeito, estremecendo.

Um som maravilhoso, aquele gemido. Os músculos íntimos de Pauline se

contraíram deliciosamente ao redor dos dedos dele. Mas de modo geral, o orgasmo dela não foi a experiência épica, transcendente que ele esperava.

O que o deixou sem fôlego foi sua própria reação. Algo completamente novo. O surto de emoção que ele sentiu não foi apenas o triunfo habitual de dar prazer a uma mulher. Uma fonte insuportável de ternura jorrou dentro de seu peito, misturada com carinho e proteção. O impulso de não apenas dar prazer a Pauline, mas acalentá-la, guardá-la. Griff deu vários beijos no alto da cabeça dela, como se pudesse, assim, expulsar o excesso doloroso de emoção.

– O problema não é você – ele murmurou, encostando o nariz no delicioso lóbulo da orelha dela. – Quem quer que ele fosse, era um pateta. Ou um bruto. Ou era só jovem demais para saber o que estava fazendo. Mas o problema não é você. Entende?

Ela ficou agarrada à camisa dele por longos momentos, com a respiração forçada. Enfim, levantou o rosto para Griff.

– Você vai me levar para o quarto?

Ele nunca quis tanto algo como aquilo. Apenas levá-la para o quarto, deixar que seu mundo explodisse e lidar com os destroços mais tarde.

– Eu não espero nada – ela emendou. – Não estou pedindo promessas. Só quero saber como acontece quando isso é bom. E talvez eu passe a vida toda sem ter outra chance de descobrir. Não sou uma lady que precisa preservar a reputação. Ninguém se importa.

Diabos. *Ele* se importava. Griff se *importava*, e não podia mais negar isso. Ele a tinha levado para sua casa, tomando-a sob sua proteção. Lady ou não, queria tratá-la bem.

As mãos dela deslizaram pelo peito dele, depois desceram pelos braços. Pauline deu um beijo delicado no pescoço dele.

– Griff, por favor.

O pau dele latejava, ansioso, em plena concordância. *Ela*, seu coração estúpido sussurrou. *Eu escolho ela.* Mas por baixo disso tudo, corria pelas veias dele um medo gélido, escuro, pesado. O risco era grande demais para os dois. Ele não poderia possuí-la assim, já que Pauline nunca seria sua de verdade. Isso seria perigoso e traria meses de desespero.

– Não posso. – Ele acariciou o cabelo dela. – O problema não é você. Eu a desejo mais do que você pode saber e de maneiras que não consegue nem imaginar. Mas não posso.

Então ele a soltou bruscamente... porque esse era o único modo que o faria

soltá-la.

Capítulo catorze

Pauline desceu tarde para o café da manhã. Ela pensou em pular essa refeição, alegando dor de cabeça ou exaustão, mas não quis levantar questionamentos. Não sabia nem como faria para olhar para a duquesa nessa manhã; a mulher tinha a percepção de um falcão. Pauline teria que tomar cuidado com cada movimento, palavra e olhar para evitar qualquer desconfiança.

Ao se aproximar da sala do café da manhã, ela parou no corredor por um momento para se preparar. Então ouviu vozes vindo da sala, tanto da duquesa quanto de Griff. *Droga.* Ele não deveria estar acordado assim tão cedo. Como Pauline faria para lidar com isso?

Do mesmo modo como ele estava lidando, ela pensou. Depois da interação deles durante o concerto de taças de água, na manhã anterior, ela sabia que Griff não teria nenhuma dificuldade. Ele mal notaria a presença dela, sem dúvida.

Na verdade, esse era, provavelmente, o motivo pelo qual ele tinha aparecido para o café da manhã... Griff devia estar preocupado que ela pudesse revelar, enquanto comia, que tinha se jogado nele, sem nenhum pudor, poucas horas antes. Ele devia estar querendo abafar qualquer especulação.

Apenas finja que nada aconteceu, ela disse para si mesma. *Você não estava a sós com Griff na biblioteca. Ele não a acolheu no abraço mais carinhoso e terno de sua vida. E, principalmente, não levantou suas saias e lhe deu um prazer delicioso enquanto sussurrava palavras mais ternas e excitantes que acariciaram seu ouvido.* A lembrança era tão vívida que Pauline mordeu a mão para controlar suas reações.

Depois que conseguiu firmar sua determinação, Pauline saiu do corredor e entrou na sala do café da manhã. Ela manteve os olhos no chão.

– Perdão por meu atraso, Vossas Graças. Eu dormi de...

O som das pernas da cadeira arranhando o piso a interrompeu, congelando seu sangue.

Ah, não. Ele não tinha feito isso. Ela levantou o rosto, horrorizada. Ele tinha.

O 8º Duque de Halford tinha se levantado no momento em que Pauline entrou na sala. Sem pensar, aparentemente, porque ele não podia ter a intenção de fazer algo assim. Cavalheiros levantavam-se quando damas entravam, eles não se levantavam para criadas.

Nenhum homem jamais tinha se levantado para Pauline. Nenhuma vez, em toda sua vida. Aquela foi a melhor e mais emocionante sensação. Mas no que dizia respeito à vontade de Pauline ser discreta, aquilo foi um desastre completo.

Então Griff piorou a situação, ele inclinou a cabeça em um tipo de reverência.

– Srta. Simms.

– Ora – a duquesa disse, arqueando uma sobrancelha.

Aquelas três letras falaram muito. Sua Graça entendeu tudo. No mínimo, entendeu que *algo* tinha acontecido. Pauline só podia rezar para que os detalhes continuassem sendo apenas um esboço incompreensível na imaginação da duquesa.

– Sente-se, Srta. Simms – Griff disse.

Ela negou com a cabeça.

– Depois de Vossa Graça.

– Vocês dois, permaneçam como estão – a duquesa disse e se levantou da cadeira. – Eu estava mesmo indo para a sala matinal, assim poupo-lhes o trabalho de se levantarem de novo.

– Temos alguma aula esta manhã, Vossa Graça? – Pauline perguntou.

– Não. – A duquesa lançou um olhar estranho para ela. – Hoje é quarta-feira, dia em que fico em casa para receber visitas. Estou esperando muitas damas curiosas esta manhã.

– Vossa Graça quer que eu a acompanhe?

– É melhor deixá-las curiosas, eu suponho. Se quiserem ver você de novo, poderão fazê-lo na festa em Vauxhall Gardens esta noite. Por ora, pode ficar à vontade.

Pauline fez uma mesura quando a duquesa saiu. Assim que a mulher se foi, ela sussurrou para Griff:

– O que pensa que está fazendo, levantando para mim? Não deveria fazer isso. Você viu a cara da duquesa. Como ficou convencida. Ela pensa que alguma coisa mudou entre nós.

– *Tudo* mudou entre nós.

Tudo mudou dentro dela ao ouvir essa declaração. Seus órgãos internos pareciam correr, agitados.

– Quando terminar de comer, pegue suas coisas – ele disse. – Nós vamos sair.

– Nós? Sair? Para onde? – Pauline percebeu que parecia estar latindo como um cachorro, mas as perguntas ferviam em sua cabeça.

– Você e eu. Vamos sair de casa. – Ele fez uma demonstração de caminhada com os dedos. – Temos uma incumbência a cumprir. Você tinha outros planos para esta manhã?

Pauline estava imaginando uma ou duas horas de leitura, depois um belo cochilo.

– Não tenho nenhum plano – ela respondeu.

– Ótimo. Encontre-me no hall de entrada quando estiver pronta.

Pauline ainda não sabia o que a noite passada tinha significado para Griff, ou para ela própria. Mas não podia recusar a oportunidade de passar algum tempo com ele nesta manhã. Ela queria estar com Griff mais do que desejava estar em qualquer outro lugar.

Em seu coração, ela sabia que estava à beira de algo emocionante e traiçoeiro, em que corria sério risco de cair.

Tome cuidado, Pauline. Nada pode resultar disso.

Mas ela decidiu que, só hoje, ignoraria seus alertas internos e dançaria na beira do precipício das desilusões. Tinha plena certeza de que conseguiria se equilibrar nessa borda por algumas horas sem se apaixonar perdidamente por esse homem.

Afinal, era só uma incumbência.

Exceto que não era só uma incumbência.

Ah, não. Era algo muito melhor. E muito pior. Ele a levou a uma livraria. *Aquela* livraria.

Quando a carruagem parou diante da conhecida loja em Bond Street, o coração de Pauline executou as acrobacias mais estranhas dentro do peito. Ele tentou afundar e flutuar ao mesmo tempo.

Palavras cruéis ecoaram em sua memória: *Vou expulsá-la com a vassoura.*

– Por que você me trouxe aqui? – ela perguntou, apoiando-se na mão de Griff, que a estendeu para ajudá-la a descer da carruagem.

– É uma livraria. Se você pretende abrir uma biblioteca circulante, não precisa de livros? As opções não são muitas na frutaria nem no armarinho. – Ele a puxou

pela mão. – Venha, vamos comprar todas as obras obscenas, escandalosas e licenciosas deste lugar.

Ele a puxou na direção da entrada, mas Pauline resistiu. Griff ficou confuso.

– Se você é orgulhosa demais para aceitar um presente – ele disse –, posso descontar das suas mil libras.

– Não é isso.

– O que é, então?

Ela lutava com a própria relutância. A intenção de Griff era boa. Mais do que isso. Ele a levou até ali com o objetivo de fazer com que os sonhos dela se tornassem realidade.

– Não existe outra livraria em Londres? Maior e com mais opções? Esta parece muito pequena.

– A Snidling's é a melhor. Minha família é cliente daqui há gerações. Eles oferecem encadernações sob encomenda da melhor qualidade. Isso é importante para sua biblioteca circulante. Você vai precisar de livros que durem bastante tempo.

Ela sentiu um aperto no coração ao perceber o quanto ele tinha pensado naquilo. Essas eram as compras extravagantes que ela ansiava fazer, não aquela tempestade de tecido rosa na modista, nem as horas gastas examinando bandejas de ouro e joias. E o fato de que ele entendia o que isso significava para *ela*...

– Você estava certa ontem – ele disse, a voz mais branda. – Sobre Hubert e o chapéu. Eu não posso apenas lhe entregar mil libras, lavar as mãos e ir embora. Se este é o seu sonho, preciso garantir que irá se arriscar.

Oh, Griff.

– Não posso entrar aí – ela soltou.

– Mas é claro que pode.

– Não, eu quero dizer que... não sou bem-vinda.

– O que a faz dizer isso? – ele perguntou, sério.

Ela não tinha outra alternativa que não contar a verdade para ele. Enquanto Pauline relatava o acontecido, o rosto de Griff foi ficando impassível, pétreo. Era difícil admitir a humilhação, mas se ela iria recusar a ajuda dele, Griff merecia saber o porquê.

– Agora você sabe por que não posso entrar. Não nessa loja.

Ele não respondeu. Não com palavras. Quando o criado abriu a porta, Griff a fez entrar com a mão firme.

O livreiro veio correndo de trás do balcão para receber o duque com uma

grande reverência.

– Vossa Graça. Que honra.

Griff retirou o chapéu e o colocou sobre o balcão.

– Como posso servi-lo esta manhã, Vossa Graça?

– Esta é a Srta. Simms, amiga de minha mãe. Ela quer adquirir alguns livros para sua biblioteca pessoal. Acredito que você a conheceu no começo dessa semana.

Snidling se virou para Pauline e movimentou a língua como um réptil.

– Hum... receio não me lembrar, Vossa Graça. Por favor, perdoe-me.

– Entendo. Esta é uma loja movimentada.

– Sim, sim. Muita gente entra e sai, como sabe. Não tenho como me lembrar de todos os rostos.

Cobra. Pauline percebeu que ele a reconheceu. O olhar dele ficava se desviando em sua direção, e manchas vermelhas começavam a aparecer em seu rosto.

Ela estava a ponto de desafiar as mentiras do homem. Pauline não tinha medo dele. Não agora, com um duque a seu lado. Dessa vez, ela iria se defender.

Mas a mão de Griff tocou as costas dela, transmitindo uma mensagem clara: *Deixe comigo.*

– Então você não lembra da Srta. Simms? – ele repetiu a pergunta.

– Receio que não, Vossa Graça.

– Deixe-me agitar sua memória – o duque disse, atribuindo à palavra “agitar” um tom de ameaça. A voz dele estava tranquila, aristocrática, superior, dotada de uma qualidade cortante.

Pauline pensou que aquela era a voz mais excitante que já tinha ouvido.

– Você conversou com ela – Griff continuou, inalterado – sobre laranjas, Leadenhall, Rainha de Sabá e expulsar pragas com vassouras.

O gaguejar do homem se tornou um tremor violento – quase tão violento quando a vermelhidão de suas faces.

– Vossa G-G-Graça, eu humildemente peço desculpas. Eu não fazia ideia de que a jovem lady...

– Não é para mim que deve pedir desculpas.

– Claro que não, Vossa Graça. – O homem asqueroso se virou para Pauline, mal olhando-a nos olhos. – Srta. Simms, por favor, aceite minhas sinceras desculpas. Eu não fazia ideia. Eu sinto muitíssimo se você interpretou minhas palavras de modo que possa tê-la ofendido.

– Bem? – O duque se virou para ela. – Você aceita as desculpas dele, Srta. Simms?

Pauline fuzilou o livreiro com os olhos. Aquele era o pior e mais falso pedido de desculpas que tinha visto. Dizer “sinto que tenha se ofendido” não era o mesmo que pedir desculpas pela ofensa. Ela não acreditava que ele estivesse nem um pouco arrependido, e se estivesse sozinha e se sentindo corajosa, teria dito isso para ele.

Mas ela estava com Griff e ele pretendia que aquele fosse um passeio agradável. Parte do conto de fadas dela.

– Acho que sim – ela se contentou em dizer, em voz baixa.

– Muito bem, então. – Griff bateu palmas. – Vamos começar. Vá anotando, Snidling.

O alívio do livreiro foi evidente. Ele correu para trás do balcão e abriu uma página nova em seu livro diário, ao mesmo tempo que molhava a pena na tinta.

Griff começou a ditar, pronunciando títulos e autores com uma excitante voz de tenor.

– Vamos começar com as Sras. Radcliffe e Wollstonecraft. E todos os poetas modernos. Byron e sua turma. *O monge, Moll Flanders; Tom Jones;* uma boa tradução de *L’École des Filles... Fanny Hill.* Duas cópias desta última.

Snidling levantou a cabeça.

– Vossa Graça disse que estes livros são para a biblioteca pessoal desta jovem lady?

– Sim.

– Vossa Graça, se eu puder sugerir...

– Não – Griff o cortou. – Você não pode oferecer sugestões. Vai continuar a anotar os títulos que eu disser.

Pauline sentiu a boca secar. Minha nossa. Se ele arrancasse toda a roupa do corpo e ameaçasse o livreiro com a ponta de uma espada cintilante, com todos os músculos contraídos de raiva... ela não o consideraria mais atraente do que neste momento.

Ele continuou listando títulos e ditando nomes. Tudo aquilo era desconhecido para ela.

– Acredito que isso seja suficiente para o começo – ele disse, depois que a lista preenchia duas páginas completas. – Agora, as encadernações.

Griff se virou para Pauline e acenou para que se aproximasse e examinasse as amostras de couro. Ao se aproximar dele, seu coração entrou em disparada. Na

noite anterior ele tinha deslizado as mãos ásperas e ávidas pelos seios dela, penetrando-a com os dedos imorais. Mas nada – nenhuma das emoções da noite anterior – podia se comparar a esse momento.

Ela se colocou ao lado dele, impulsionada pela força plena e assustadora de sua adoração. Como ele não podia perceber? Como o mundo podia não ter mudado ao redor deles? Ela se sentia atingida por um raio, mas ele continuava falando naquele mesmo tom impassível.

– Você precisa usar encadernação Marrocos, é claro – Griff disse. – É a melhor. Com o título gravado em folha de ouro na capa e na lombada. Você tem alguma cor predileta?

– Cor predileta? – Ela se perdeu no olhar profundo e inquisidor dele. – Eu... eu gosto de marrom.

– Marrom? – Ele bufou. – É muito comum.

– Se você diz... – Pauline passou o dedo apaixonado pela amostra de couro bege que tinha admirado no outro dia. Tão macio quanto parecia, mas nada prático. Ela tentou se concentrar nas amostras de Marrocos que ele tinha sugerido.

– Acho que vermelho é melhor – ela decidiu. – Vermelho para todos eles. – Ela levantou uma amostra de pelica flexível e vermelha. – Vermelho é a melhor cor para livros obscenos, não acha?

– Sem dúvida.

– E as pessoas vão saber, só de olhar, que os livros vieram da minha biblioteca. Vai ser uma boa propaganda.

– Vermelho, então. Com guardas marmorizadas e gravação a ouro. Anote isso, Snidling.

O livreiro anotou nas margens, ávido. Pauline podia ver que ele já estava calculando os lucros escandalosos que teria só com aquele pedido.

– Posso ver a lista? – o duque pediu.

– Mas é claro, Vossa Graça. – Snidling virou o livro diário para que o duque pudesse ler as anotações.

Griff passou o dedo pela lista, aprovando o que lia com movimentos de cabeça. Então segurou a folha e a arrancou do livro.

– Obrigado – ele disse, dobrando o papel ao meio e vincando a dobra. – Isto vai me ser muito útil quando eu fizer o pedido ao seu concorrente.

– Vossa Graça, não entendo. – O livreiro deu um sorriso nervoso.

– Mesmo? Não entende? Então permita-me esclarecer. – Ele se aproximou do

homem até a diferença de alturas entre os dois ficar evidente. – Talvez a Srta. Simms consiga aceitar suas desculpas insinceras e insultuosas, mas eu não.

– M-mas, Vossa Graça...

– Eu lhe desejaria um bom dia, mas não gosto de falsidade. Na verdade, desejo-lhe um dia muito ruim.

Pauline quis aplaudir, dar vivas e beijá-lo na frente de todo mundo. Ou pelo menos ficar lá mais um pouco para saborear o momento. Mas Griff estava ansioso para ir embora e a conduziu até a porta.

– Não se preocupe, vamos encontrar outra loja.

– Não precisamos fazer isso agora.

– Precisamos, sim – ele retrucou. – Mandei a carruagem esperar na esquina. Você se incomoda de ir andando?

– Claro que não.

Ele mal esperou que ela concordasse antes de sair pisando duro a passos largos. As botas dele atingiam a calçada com baques ríspidos, enquanto as luvas que ele carregava na mão fechada eram abanadas comicamente.

– Desculpe – ele disse, e diminuiu o passo quando percebeu a dificuldade de Pauline em acompanhá-lo. – Estou furioso.

– Obrigada por estar furioso. E pelo que acabou de fazer. Foi maravilhoso o modo como você lidou com ele.

Griff olhou para longe e bateu as luvas na coxa.

– Griff, eu vou me esforçar muito pelo resto da semana – ela prometeu. – A começar pela festa em Vauxhall esta noite. Vou ser o melhor e maior fracasso que você possa imaginar.

Ele fez um gesto de pouco caso, dispensando a promessa dela.

– Não, eu falo sério. De verdade. Isso foi... – Não havia outra forma de dizer: – Foi a melhor coisa que já fizeram por mim.

Ele parou e se voltou para ela.

– E isso, Simms, me deixa mais furioso ainda.

A expressão ardente dos olhos dele... acabou com Pauline. Ela conhecia aquele olhar; espelhava o sentimento instantâneo de adoração e ódio que crescia dentro dela sempre que Daniela era magoada. Ela sabia bem como era – a fúria pura e irracional contra um mundo que permitia que essas coisas acontecessem, aliada à frustração que sentia por ser incapaz de evitar que ocorressem de novo.

Griff sentia essa mesma frustração no momento. Por causa *dela*. E ele nem se preocupava em tentar esconder.

Se Pauline ainda possuía alguma esperança de não se apaixonar por aquele homem, ela desapareceu naquele instante. Era só uma questão de tempo. Ela estaria amando Griff antes que a semana terminasse e isso seria magnificamente terrível, maravilhosamente sem esperança.

O coração dela estava parecendo uma moeda com dois lados conflitantes – alegria e pavor –, virando de lado a cada batida.

– Srta. Simms?

Pauline se espantou ao ser interpelada.

– Ora, é você. – Lady Harrowes apareceu na calçada diante deles. – E Vossa Graça. Que surpresa agradável. Nós acabamos de vir da sua casa.

– É mesmo? – Griff respondeu.

– Sim, fomos na esperança de uma visita social, para conhecermos melhor a Srta. Simms. Queríamos tanto saber mais a respeito dela e de sua família. Curiosamente, nossa cópia do guia da aristocracia *Debrett's* foi de pouca ajuda.

Pauline percebeu a insinuação nas palavras de Lady Harrowes: *Você não é uma de nós. Eu sei disso e vou descobrir a verdade.*

– Nós saímos – Griff disse.

– É óbvio – a mulher respondeu.

– Minhas desculpas pela inconveniência – ele disse, frio. – Talvez vocês possam nos fazer a gentileza de nos visitar outro dia.

– Sim, sim. E permita-me manifestar minha profunda preocupação com a saúde da duquesa, e meus votos para a pronta recuperação dela.

– O quê? – a voz dele mudou no mesmo instante.

Lady Harrowes arqueou a sobrancelha.

– Você não sabia? O mordomo nos informou. Sua mãe está gravemente enferma.

Capítulo quinze

Griff não via a hora de chegar em casa. A carruagem estava muito longe, o tráfego, congestionado demais. O tempo se arrastava da maneira mais impertinente.

– Tenho certeza de que ela está bem – Pauline tentou acalmá-lo. – Talvez a duquesa tenha dito que estava doente para não ter que aturar as Horrores.

Ele concordou, na esperança de que ela estivesse certa. Ainda assim, não ficaria tranquilo até confirmar tudo com os próprios olhos.

Quando chegaram à Casa Halford, ele subiu a escada pulando dois degraus de cada vez e atravessou o corredor até a suíte da duquesa correndo. Griff escancarou a porta do quarto e a viu deitada no centro da cama, com os olhos fechados e mãos unidas sobre as cobertas. Imóvel.

O sangue dele congelou. Aquilo não podia ter acontecido. Ainda não. Ele sabia que a mãe estava ficando velha e que, cedo ou tarde, sua saúde iria deteriorar-se. Mas ela continuava tão determinada, tão viva. Não podia fazer isso com ele agora. Ele não estava pronto para ficar sozinho.

– Mãe? – Quando a resposta não veio, um nó se formou na garganta dele. – *Mãe!*

Enfim, os olhos dela se abriram, com uma agitação inocente dos cílios. A voz dela estava fraca.

– Griffin? É você, meu menino querido?

Com todos os diabos. Ele soube, neste instante, que tudo aquilo era um truque. Em toda sua vida, a mãe nunca tinha se referido a ele como “menino querido”. Ele não esqueceria.

A duquesa estava viva, em boa saúde e astuta como sempre. Ele quis esganá-la.

– Aproxime-se. – A mão pálida da duquesa agarrou o ar. – Eu quero ver seu rosto uma última vez.

O talento para atuação da mãe era impressionante. Ela deveria tentar ser atriz.

– Meu único arrependimento... – ela fingiu uma tosse patética – ...é a festa em Vauxhall esta noite.

– Não tem problema. Nós não iremos.

– Não! – o volume da negativa pareceu animá-la um pouco. – Não, você tem que ir. Todos esperam por você.

– Então por que está bancando a doente?

– Não estou bancando. – Ela alisou a coberta com a mão. – Só estou fraca demais para Vauxhall esta noite. As correntes de ar, a névoa junto ao rio, todos aqueles degraus. Só de pensar, sinto um resfriado se aproximando. Vocês dois devem ir sem mim. Não quero estragar a noite.

– Acho difícil de acreditar. Você fez o possível para arruinar nossa tarde.

Mulher diabólica. Será que ela não entendia o pânico pelo qual o fez passar? Isso foi mil vezes pior do que tentar casá-lo, pior até do que drogá-lo e sequestrá-lo. Griff não a perdoaria por isso.

– Você não está doente – ele disse. – Eu ordeno que se levante dessa cama e fique bem.

Ela o encarou com um olhar divertido.

– Griffin, você é um duque e não São Tiago curando os leprosos.

– Diga-me, qual santo é o patrono dos filhos atormentados? – Ele fitou um volume misterioso debaixo da colcha. – O que você está escondendo aí?

– Nada. – As mãos dela cobriram o volume.

– Não é “nada”. Eu posso ver que você está escondendo alguma coisa debaixo da colcha. O que é? – Ele fez menção de puxar as cobertas da cama, mas a mãe as segurou com firmeza.

– Deixe-me em paz.

– Eu quero saber o que você está escondendo.

Eles puxaram para lá e para cá durante vários segundos, até que algo afiado o espetou no punho.

– *Ai*.

Griff tirou a mão. Incrédulo, ele massageou a pequena ferida redonda. Ela iria atacá-lo com alfinetes, agora? Bom Deus. A mãe seria um terror com um sabre.

– Vou reformular minha declaração anterior – ele disse. – Você *está* doente. Gravemente. E quando esta semana terminar, vamos discutir onde você vai morar durante seu declínio. Ouvi dizer que existem asilos encantadores na Irlanda.

Pauline fez um gesto, chamando-o de lado.

– Está tudo bem – a moça sussurrou. – É melhor assim. Se é para eu ser um desastre social, vai ser muito mais fácil sem ela por perto.

Griff não tinha tanta certeza. Ele sabia exatamente o que a mãe estava tramando. Ela queria fazer com que os dois ficassem sozinhos. Assim passariam a noite toda juntos, em um ambiente perdidamente romântico, e então...

– Não é uma boa ideia – ele disse.

– Só vou ficar em Londres esta semana. – Ela o encarou com os olhos suplicantes. – É provável que eu nunca mais volte. Estava ansiosa para conhecer Vauxhall. E, enfim, fazer por merecer meu salário.

Ele suspirou e apontou o dedo para o nariz dela.

– É melhor que seu comportamento seja pavoroso.

Ela levantou a mão, prestando uma continência. Mas o sorriso cativante dela o deixou inseguro. Logo, logo Griff não conseguiria lhe negar nada.

Ao sair do quarto, ele se dirigiu ao mordomo vigilante:

– Higgs, não deixe que minha mãe saia dessa cama. E chame o médico. Não aquele gentil. O outro, que trata os pacientes com sanguessugas.

Depois que o duque saiu do quarto, Pauline se aproximou da cama da duquesa.

– Ora, Vossa Graça. Isso não foi gentil da sua parte. Ele ficou muito preocupado.

Ele tinha ficado mais do que preocupado. Ela testemunhou o rosto dele ficar pálido como papel e as juntas das mãos ficarem brancas de tanto que ele apertou os punhos. Eles não percebiam como eram sortudos por ter um ao outro? Pauline nunca tinha conhecido duas pessoas que se amassem tanto e gastassem tanto tempo e tanta energia tentando negar. Uma coisa era fleuma, outra era pura teimosia.

– Muito bem – ela estalou a língua –, eu admito. Não estou doente de verdade. Estou desesperada. Veja.

A duquesa jogou as cobertas de lado, revelando um cobertor de bebê malfeito, grande o bastante para envolver um bezerro. Talvez não só um bezerro, mas um filhote de elefante. A lã tinha sido trocada duas vezes durante o trabalho. Assim, um terço do cobertor era cor-de-pêssego, outro terço era lavanda, e agora ela

trabalhava com um novelo cor-de-rosa. Meadas de lã branca, verde e azul, ominosas, jaziam por perto.

– Isso é medonho. – Pauline assobiou ao ver o trabalho.

– Eu sei. E está ficando pior a cada minuto. Esta noite é a chance que estávamos esperando. Você vai ver.

– Não, Vossa Graça. Eu vou ser um desastre. Tenho que ser. Elegância, comportamento, talento, dicção... em tudo. Não possuo qualquer qualidade de que uma duquesa precise.

A mulher mais velha fez um gesto de pouco caso.

– Esqueça tudo isso. Existe apenas *uma* qualidade, tão somente única, que transforma uma mulher em duquesa.

– E qual é?

– Casar-se com um duque.

Pauline meneou a cabeça.

– Isso não vai acontecer.

– Garota, eu conheço meu filho. Ele já está se apaixonando por você. Começou logo no primeiro dia, e então, esta manhã...? – Ela bufou. – Um empurrão na direção certa e ele vai estar caindo de amores. E nem tente me dizer que você não está sentindo algo por ele.

Ela suspirou, sem saber como contestar a duquesa. Ele tinha se recusado a levá-la para cama, mas depois do episódio da livraria, ela passou a acreditar que Griff realmente gostava dela. Pelo menos um pouco. E Pauline sabia que estava perigosamente perto de se apaixonar por ele.

Mas por que isso importava? Não significava que ele queria se *casar* com ela, ou que ela poderia se casar com ele.

– Vou deixá-la descansar – Pauline disse e se levantou da borda da cama.

– Só mais uma coisa – a duquesa disse quando Pauline chegou à porta. – Você vai usar as ametistas esta noite. Vou avisar Fleur.

As ametistas? Pauline ficou perplexa.

– Mas, Vossa Graça, eu não poderia...

– Você está pronta para usá-las. E o mais importante, ele está pronto para ver você com elas. – Pauline saía do quarto quando a duquesa disse, às suas costas: – Estou contando com você, garota.

Parecia que gente demais estava contando com ela. As lealdades de Pauline ficavam cada vez mais divididas. O duque a tinha contratado para que ela o salvasse de ter que se casar. A duquesa queria ser resgatada de um enrosco de lã.

Pauline começava a gostar dos dois e sabia que ambos precisavam de algo mais. Mas em algum lugar muito distante, havia a pobre Daniela, recolhendo fielmente seus ovos e contando os dias até sábado. A irmã era quem mais precisava dela.

Pauline parou de repente, no corredor, e lançou um olhar para a pastorinha de porcelana que quase tinha esmigalhado alguns dias atrás.

O que eu estou fazendo aqui? Para aquelas pessoas, a vida no campo servia para compor figuras decorativas, mas Pauline sabia que essa vida era composta de trabalho árduo e incessante. Não importavam as alucinações que a duquesa estivesse sofrendo, o lugar de Pauline jamais seria no mundo aristocrático.

Tudo que ela queria era uma lojinha em Spindle Cove e uma biblioteca circulante de livros obscenos. Não para *fazer o possível*, mas para ter sucesso – por si mesma e pela irmã. Ela não podia começar a sonhar com o conto de fadas errado.

Ela era uma garota trabalhadora e tinha sido contratada com um objetivo. Ser uma catástrofe completa.

– Colin. *Colin*, algo terrível aconteceu.

Colin Sandhurst, Lorde Payne, levantou os olhos da carta que estava escrevendo. Sua esposa estava parada à porta do escritório dele – como sempre, uma visão sedutora, com os cabelos morenos e os lábios carnudos que ele adorava beijar.

Mas os belos olhos estavam tristes por trás dos óculos. No mesmo instante, ele se levantou da escrivaninha.

– Bom Deus, Minerva. O que foi?

– Nós precisamos fazer algo! – ela disse.

– É claro que vamos, querida. – Ele atravessou o escritório para se aproximar dela. – É claro que vamos. Eu posso atravessar aquela janela neste instante, se você pedir. Ou escrever uma carta enérgica para o *The Times*. Mas as ações que tomarmos vão ser mais eficientes se você, primeiro, me explicar o que está acontecendo.

Ele a pegou pelos ombros e a guiou até o divã.

– É aquele seu amigo horrível e devasso – ela disse. – De antes de nos casarmos.

Ele riu.

– Receio que essa descrição se aplica a um número chocante de pessoas. Você vai ter que descrevê-lo melhor, amor.

– O duque. Aquele duque asqueroso e nojento de Winterset Grange.

– Halford?

– Isso, esse mesmo. Ele pegou Pauline Simms. Nossa Pauline, da Touro & Flor, e a está mantendo refém aqui em Londres. – Ela estremeceu. – Deus sabe o que ele fez com a pobrezinha. Talvez a tenha transformado em uma sórdida escrava sexual.

Colin se esforçou para não rir.

– Minerva, eu quero entender a situação, mas você está tornando isso bem difícil. Não quer começar do início e me contar o quê, de fato, aconteceu hoje?

– Eu os vi juntos, estava indo à livraria para... – ela corou um pouco – ...para saber se mais exemplares do meu livro foram vendidos. Não consigo evitar.

– E foram?

– Sim – ela disse, orgulhosa. – Três.

– Excelente, Min. É maravilhoso. – O próprio Colin tinha comprado dois. Ele sabia que ela o esganaria por isso, mas não podia evitar. O mercado para tratados geológicos não era muito forte, mas ela ficava tão encantadora quando satisfeita consigo mesma – e também muito criativa na cama. Os motivos dele eram puramente egoístas.

– Enfim, eu estava me aproximando da livraria quando vi os dois saindo. Claros como o dia. O Nojento Duque de Halford e Pauline Simms.

Colin suspirou. Ele odiava cutucar a ferida, mas aquilo era demais para ele acreditar.

– Você estava de óculos?

– É claro que sim. – Ela lhe deu um olhar ofendido.

– Ainda assim, acredito que você deve ter se enganado.

– Não me enganei. Eu sei que não, Colin. Você não acredita em mim?

– Eu acredito, sem dúvidas, que *você* acredita ter visto os dois. – Ele segurou uma das lindas mãos dela e a acariciou, tentando acalmá-la. – Mas continuo pensando que é muito improvável.

– É verdade que nunca existiram duas pessoas mais diferentes – Minerva concordou. – O duque é depravado e mau, e Pauline é muito bem-intencionada.

– Ora. Os opostos às vezes se atraem, e mulheres de Spindle Cove “sequestradas” por libertinos nem sempre o são contra sua vontade, como o observador desavisado pode suspeitar.

– Acho que isso é verdade... – Ela sorriu.

– Antes que nos lancemos em uma missão de resgate, vamos refletir sobre alguns pontos. Por tudo que sabemos, Pauline não possui meios de viajar para Londres. Depois, eu conheço Halford, e ele nunca chegaria perto de uma livraria. E, finalmente – ele tocou de leve, com afeto, o nariz dela –, você *tem* reclamado que seus óculos precisam de lentes novas. Um engano parece a explicação mais provável.

– Colin...

– Contudo – ele acrescentou –, vou fazer tudo que posso para tranquilizá-la. Vou perguntar nos clubes e ver que fofocas estão circulando sobre Halford.

– Essa é uma boa ideia. E eu vou visitar Susanna e Lorde Rycliff. Se houver algo de errado em Spindle Cove, eles vão saber.

– Ótimo. E se nossas investigações não revelarem nada, vamos fazer uma experiência. Vamos visitar a Casa Halford amanhã.

Ela concordou, com os olhos marejados de lágrimas.

– Min, querida. – Ele acariciou o rosto dela. – Você está tão preocupada assim?

– Não – ela respondeu. – Oh, Colin, estou tão orgulhosa. – Ela apertou a mão dele. – Você está usando o método científico.

Capítulo dezesseis

Griff se manteve ocupado pelo restante do dia. Ele estava com a agenda repleta de compromissos naquela tarde, todos relacionados à administração de suas propriedades.

Mas isso não foi o bastante. Todas as suas reuniões com advogados, capatazes e secretários foram como balas de canhão guardadas em uma caixa – eram pesadas, ocupavam o espaço... mas não deixavam a caixa cheia de verdade. Pensamentos sobre Pauline surgiam para ocupar cada espaço vazio, como um milhão de grãos de areia. Ou talvez fosse mais apropriado dizer cristais de açúcar.

De algum modo, o fim da tarde chegou enquanto ele se rendia às atenções de seu criado pessoal. Griff surgiu uma hora depois, barbeado, vestido e completamente despreparado para a visão que descia pela escadaria.

Bom Deus. Bastou um olhar para ela e Griff soube que tinha acabado. A noite era um fracasso antes mesmo de começar. Ninguém acreditaria que ela era uma trabalhadora comum. Não nessa noite, não com aquela aparência.

Ela envergava um vestido rosa exuberante, com camadas translúcidas de saias que desciam, ondulantes, do corpete tomara-que-caia justo. Luvas até os cotovelos que compunham com o vestido. O cabelo estava encaracolado, fazendo voltas, e preso, mas de um modo que conseguia ser, sem esforço, encantador e elegante. Um feito e tanto. Fleur merecia um aumento de salário.

A postura de Pauline também estava ótima. O pescoço era como uma coluna clara e esguia, e os ombros nus... ah, os ombros pareciam uma escultura feita com o luar. Delicada e serena, misteriosa e feminina. Um colar de ametistas claras mergulhava sensualmente no decote dela, refletindo a luz em mil facetas.

Griff se lembrou de que era um duque e um libertino. Ele tinha visto muitas mulheres lindas em sua vida. Já viu vestidos mais refinados do que aquele e joias mais exuberantes. Racionalmente, ele sabia que Pauline Simms não poderia

eclipsar tudo e todas que vieram antes dela. Mas, de algum modo, ela conseguia esse feito.

Não havia um ponto que ele conseguia destacar, nem qualquer gesto em particular. Era apenas... *Ela. Eu fico com ela.*

– Então? – ela disse.

Afinal, ele encarou aqueles olhos verdes, brilhantes, felinos, inteligentes, encaixados no rosto em forma de coração. Nessa noite estavam ansiosos e vulneráveis.

Bom senhor. Ela não fazia ideia. Pauline o tinha arrebatado ao ponto de fazê-lo babar, mas não fazia nenhuma ideia disso.

Pauline levantou uma sobrancelha. *Ela está esperando sua reação. Reaja. Mas não demais. Só a medida certa. Uma ou duas palavras bem escolhidas.*

– Bã – foi o que ele disse.

Oh, diabos. Aquela sílaba malformada tinha mesmo escapado de sua garganta?

– O que foi? – Pauline arregalou os olhos para ele.

Parecia que sim. Ele limpou a garganta com um pigarro alto, depois procurou um modo de emendar o que disse.

– Bom – ele pronunciou, pigarreando de novo. – Eu disse "bom".

Uma cor encantadora tingiu as faces de Pauline. Ainda assim, ela mordeu o lábio, parecendo insegura.

– Que tipo de "bom"? – ela perguntou. – "Bom" no sentido de "muito ruim", o que ajuda nosso objetivo? Ou "bom" no sentido de "bom de verdade", o que o desagrada?

Griff suspirou por dentro. O que ele iria dizer? "Bom" no sentido de *"Bom Deus, você é a coisa mais linda e radiante que já vi em toda minha vida. Estou sem fala, tremendo como um pateta diante de você"*. Isso esclarece a situação?

– Bom no sentido de "bom" – ele disse. – Não me desagradou.

Ela torceu o canto da boca.

– Então isso é... bom.

Aquela era, oficialmente, a conversa mais estúpida da qual Griff tinha participado, e isso incluía um debate com Del, ambos bêbados, sobre corrida de avestruzes.

– A cor não é pavorosa? – Ela segurou uma prega da saia. – O vendedor de tecidos a chamou de "pétala com orvalho", mas sua mãe disse que o tom era mais de "framboesa congelada". O que você me diz?

– Sou homem, Simms. A menos que estejamos discutindo mamilos de mulheres, não vejo motivo para procurar diferenças de tons.

Ela apertou a boca em uma expressão de reprovação.

– Seja que cor for, fica bem em você. – *Bem demais.* Ele ajeitou suas luvas de noite pretas e pegou o chapéu com Higgs. – Vamos indo.

A carruagem estava pronta e à espera. Ele se voltou para Pauline. Era óbvio que ela precisava de ajuda com aquelas saias volumosas. Sem hesitar, ela aceitou a mão que ele lhe oferecia e a apertou com força, pegando emprestada a força dele. O aperto quente dos dedos recobertos de cetim quase acabou com Griff. Ele próprio estava desequilibrado quando subiu na carruagem e se sentou de frente para ela.

Ele olhou pela janela, precisava recuperar o autocontrole. Ainda estavam saindo de casa, tinham a noite toda pela frente.

Quando chegaram ao local em que deveriam atravessar o rio e desceram da carruagem, o sol já estava se pondo. O ar estava pesado com neblina e sombras. Havia um clima romântico de mistério, apesar das tentativas de Griff dispersá-lo.

– Nós vamos cruzar o rio usando os barcos? – ela perguntou, olhando para o barco com a expressão de medo. Ela apertou o braço dele com mais força.

– É o único modo de se chegar a Vauxhall – ele concordou. – Estão construindo uma ponte, mas ainda não está pronta.

– Eu nunca estive em um barco em toda minha vida.

– Nunca? Mas você vive no litoral.

– Eu sei. É absurdo, não é? Às vezes as ladies vão passear de barco, mas nunca tive motivo para ir junto.

– Não tenha medo. – Ele estendeu a mão. – Aqui.

Ajudá-la a embarcar foi ainda mais perigoso do que ajudá-la a subir na carruagem. Griff entrou primeiro e apoiou as botas entre as tábuas do piso para se equilibrar.

Pauline aceitou a mão dele e deu um passo cauteloso para chegar a um assento perto da proa. Mas nesse momento o barqueiro lançou o barco. Ela cambaleou e Griff teve que ampará-la com os dois braços enquanto ela caía de encontro ao peito dele.

– Oh, saco. – Ela lutou para se endireitar e o barco balançou.

O estômago dele quase virou. Ele teve uma visão – um breve pesadelo acordado – em que ela cambaleava e caía nas águas escuras, e aquelas saias pesadas e volumosas a puxavam para as profundezas.

– Não se mexa – ele disse, apertando mais a mão. – Ainda não.

Ele a manteve perto, com firmeza. Durante longos momentos os dois ficaram absolutamente imóveis, balançando um nos braços do outro enquanto o barco parava de balançar.

– Você está bem? – ele sussurrou.

Ela concordou.

– Seu coração está disparado – ele disse.

– O seu também.

– É verdade. – Ele sorriu.

Quando o barco parou de oscilar, enfim, ele a ajudou a sentar e gesticulou para o barqueiro que os transportava até o outro lado do Tâmisa com movimentos suaves e equilibrados.

– Está vendo? – ele murmurou, mantendo-a perto. – Não há nada que temer. Só imagine que você está viajando através da caixa de ouro, pérolas e cristal do poema que citou. Imagine que está viajando de um mundo para outro. Outra Inglaterra. Outra Londres com sua Torre. Outro Tâmisa, com outras colinas.

Ela relaxou no ombro dele.

– Uma linda noite enluarada.

– Isso mesmo. – E ela começou, de novo, a encantá-lo.

Griff nunca foi do tipo sonhador, nem mesmo quando garoto. Quando ele estava com Pauline, contudo, o mundo era diferente. Ela o forçava a ver as coisas com novos olhos. De repente, a biblioteca dele era a oitava maravilha do mundo, e pinturas de barcos pareciam obscenidades. Um barco os transportava pelo Tâmisa em uma jornada épica, e um beijo... um beijo era tudo.

Bem no fundo, por baixo da atendente de taverna que trabalhava demais e tinha língua afiada, havia uma mulher que ansiava por poesia em sua vida. Nunca tinham dado nada a ela – nem mesmo uma chance. Mas havia uma vivacidade no espírito dela que se alimentava de possibilidades – que Pauline absorvia como o pavio de uma lamparina, brilhando mais forte dessa forma.

E esta noite? Griff inclinou a cabeça para oeste e observou o sol poente. Dali a menos de uma hora o mundo dela explodiria com possibilidades brilhantes. Ele não queria outra coisa que não estar perto dela quando isso acontecesse.

Pauline achou Vauxhall bem impressionante. E isso antes mesmo de entrar no local.

Quando eles desembarcaram no outro lado do rio, o estômago dela precisou de vários momentos para parar de balançar. Eles subiram um grande lance de escada, que subia da margem do rio até um grandioso portão de entrada. Quanto mais eles subiam, mais alta a música ficava.

UAU!, ela pensou. Mas não disse em voz alta. E esse foi o pensamento constante dela enquanto passavam pelo portão e entravam nos jardins.

Uau, uau, uau, uau!

Ela não entendia como a natureza podia ser domesticada àquele ponto. A grama era perfeita em sua retidão. Os arbustos estavam podados em formas exatas. As árvores, plantadas em linhas retas.

Colunatas majestosas seguiam em várias direções, marcando caminhos cobertos. Ao fim de cada corredor, várias pinturas estavam expostas. Daquela distância, Pauline não conseguiu distingui-las. Ela viu o pavilhão branco da orquestra, na forma de uma concha marinha gigantesca, com esculturas e todo tipo de decoração.

De repente, ela se deu conta que estava com a boca aberta há vários minutos, e o duque tinha reparado.

Ele lhe deu um olhar divertido.

– Está escurecendo – ela disse. – Não deveríamos ir para o pavilhão?

– Ainda não – ele disse, segurando o braço dela. Ele a conduziu para fora do caminho principal, para um bosque destacado das colunatas.

– Por quê?

– Vai acontecer uma coisa que eu quero que você veja. E quero estar com você quando acontecer.

Ela ficou na ponta dos pés e esticou o pescoço para olhar em todas as direções.

– O que nós estamos esperando para ver?

– Está começando – ele disse, virando a cabeça dela. – Veja.

Pauline olhou. Ela viu uma esfera brilhar. Uma única bola de luz, pendurada à distância. Ela piscou e apareceram duas, depois dez. E então... milhares.

Um brilho quente se espalhou pelos jardins como uma onda de luz, tocando aqui uma lamparina vermelha, ali uma azul ou verde. Sem fôlego, de tão encantada, ela inclinou a cabeça para trás. As árvores acima deles sustentavam lamparinas em todos os galhos. O brilho corria de uma para outra e não demorou para que o bosque todo ficasse iluminado. O efeito era semelhante a ficar debaixo de um vitral de igreja durante a hora mais ensolarada do dia. Só que era

noite e todas as cores possuíam uma riqueza luminosa. As lamparinas eram como milhares de joias penduradas em todas as árvores e em todos os arcos de pedra.

Pauline não conseguiu encontrar palavras. Ela riu e levou a mão ao rosto.

– Como eles fazem isso? – ela perguntou. – Como acendem todas ao mesmo tempo?

– Há um sistema de estopins – ele explicou. – Só precisam acender uns poucos e a chama corre até todas as lamparinas.

– É mágico – ela disse.

– É... – ele confirmou, a voz suave. – Acho que é mesmo.

Ela se virou para o duque, sentindo-se tonta com a beleza daquilo. Ele não estava olhando para os milhares de globos iluminados e pendurados nas árvores. Ele olhava para ela.

Um arrepio passou pelos ombros nus de Pauline, que cruzou os braços para se aquecer.

– Permita-me – ele disse, colocando as mãos enluvadas sobre os braços dela, para depois massageá-los.

O couro quente e macio deslizou pelos braços nus dela. Foi um gesto encantador, mas não ajudaria em nada para controlar seus arrepios.

Com o olhar, ele acariciou a boca de Pauline.

– Talvez tenha sido um erro vir até aqui.

– Não – ela insistiu, esperando que suas palavras não fossem abafadas pelo martelar enlouquecido de seu coração. – Não, eu prometo que consigo fazer isto.

– Halford! – a voz chegou até eles através do arvoredo. Ela se virou e avistou Lorde Delacre acenando da colunata. – Venham logo. Nós temos um reservado logo ali.

– Essa é a minha deixa – ela disse, dando uma piscada para Griff. – Está na hora de eu fazer por merecer minhas mil libras. Prepare-se para o desastre.

Eles caminharam até o conjunto de colunas e encontraram o reservado de Del. Pauline escapuliu para se misturar com o grupo. Griff a observou rir e fazer piada, beber champanhe e devorar fatia após fatia de presunto fino.

Por sua vez, Griff ficou de lado, bebericando conhaque em sua garrafa de bolso e aceitando, enfim, uma verdade dolorosa: ele precisava encontrar novos amigos.

Martin estava com sua cantora boêmia a reboque e Delacre estava de novo com aquela viúva. Algumas prostitutas bem-vestidas aguardavam por perto, esperando que enchessem seus copos para poderem seguir em frente. Mesmo sem se esforçar, Pauline era a mulher mais refinada do local. Se ela fizesse alguma observação inoportuna sobre a Lei dos Cereais, ninguém se importaria.

Todos os camaradas mais ou menos decentes que faziam parte do círculo de amizades de Griff tinham se afastado nos últimos anos – casando, assumindo seu título, acomodando-se. Griff também teria gostado de se afastar – sem ter que se casar –, mas é mais difícil deixar um círculo quando se é o centro dele.

– Quando você vai abrir Winterset Grange este ano, Halford? – Martin perguntou. Estava com um braço jogado sobre os ombros empoados de sua amante. – A Ruby aqui gosta de uma temporada no campo. Ela vai levar amigas. Amigas muito amistosas.

A loira cheia de ruge lhe deu um sorrisinho tímido.

Nos últimos anos, Griff passou os meses mais frios em Winterset Grange. Essa casa foi a primeira coisa que ele comprou após atingir a maioridade. Mesmo com seis propriedades de família, ele sentiu a necessidade de ter um lugar só seu. Homens comuns tinham apartamentos de solteiro. Mas ele era um duque, então possuía um sítio de solteiro. Ali, durante vários anos após sair da faculdade, Griff e seus colegas de Oxford levaram a tradição de festas no campo a novas alturas – ou baixezas – de libertinagem.

Sempre um anfitrião generoso, Griff era famoso por abrir sua porta para qualquer convidado – principalmente quando se tratava de mulheres bonitas. Os dias eram para se dormir, as noites eram para jogatina, bebedeira e outros vícios carnais.

Winterset Grange tinha se tornado uma tradição tão grande que, quando Griff não abriu a casa no último inverno, circularam boatos de sua falência. Ele não estava quebrado, é claro. Apenas despedaçado.

– Você *vai* abrir o sítio este ano, não vai? – Martin perguntou.

– Não decidi ainda – Griff respondeu. – Talvez não.

– Oh, vamos lá, Halford. Você *tem* que abrir. No inverno passado fui obrigado a ir para casa, em Shropshire. Um tédio sem fim, se quer saber. O velho ficou insistindo para que eu entrasse para a Igreja.

– Segundos filhos e seus problemas – Griff suspirou.

Griff não estava interessado em abrir sua casa para que Martin, Delacre e todos os outros adultos imaturos da Inglaterra pudessem vadiar à vontade em

seus móveis e, bêbados, organizar torneios de bilhar que duravam três dias e três noites seguidos. Aquilo foi divertido quando eles eram jovens, mas agora... ele acreditava que suas paciência e generosidade tinham acabado. Ou foram redirecionadas.

Ele só conseguia enxergar uma razão para abrir essa propriedade – e o nome dela era Pauline.

Assim que a ideia pipocou na cabeça dele, sua mente a agarrou. Ele sabia que Pauline sonhava em abrir uma livraria em Spindle Cove, mas talvez ela sonhasse com isso apenas porque não conseguia conceber algo maior. *Ele* podia dar algo maior para ela.

Pauline se virou para ele, então, como se pudesse sentir essas intenções novas, viscerais. Esgueirando-se em meio à multidão que lotava o reservado, ela chegou ao lado dele.

– Lorde Delacre me convidou para dançar – ela sussurrou. – Não tenho a menor ideia de como se faz. Se eu acertar o momento certo para tropeçar, acho que consigo jogar nós dois dentro da tigela de ponche. Você me dá um bônus de dez libras?

– Vinte. – Ele sorriu, apesar do que sentia.

Griff a observou se afastar de braço dado com Del, a caminho do redemoinho colorido de dançarinos.

Oh, ele não podia se casar com ela. Não podia se casar com ninguém. Mas ele podia cuidar dela, ter certeza de que Pauline nunca mais passasse dificuldade. Com apenas 23 anos, ela tinha trabalhado o bastante para uma vida. Não deveria mais se matar de trabalhar. Pauline merecia ser alimentada com as melhores iguarias, mimada com os lençóis mais macios, atendida por dezenas de criadas e lavada em banheiras profundas de cobre.

Delacre a conduziu na dança. Com aquele vestido rosa-corado, a figura esguia dela era um sonho. Griff desejou que ela estivesse se divertindo, pelo menos um pouco. Em um mundo mais justo, ela teria tido seu próprio baile de debutante, com dezenas de admiradores fazendo fila para pedir sua mão. Mas ele próprio poderia admirá-la o bastante por dezenas de homens. Ele não conseguia tirar os olhos dela.

Os dançarinos fizeram uma volta e Griff viu o rosto dela de relance. Droga. Ele reconheceu aquela expressão. E não gostou.

Antes mesmo que decidisse o que fazer, seus pés entraram em movimento. Ele tinha que chegar até ela, imediatamente.

Algo estava errado.

Capítulo dezessete

– Há quanto tempo você conhece o duque? – Lorde Delacre a conduzia habilmente pela pista de dança. Ele era um dançarino tão elegante que ela não tinha a oportunidade de errar o passo.

– Há uma semana, apenas – Pauline respondeu, sincera. – E você, meu lorde?

– Fomos colegas em Eton. Somos amigos íntimos desde então. – Ele a encarou com um olhar impenetrável. – Nós temos um pacto, sabe.

– Um pacto?

– Sim. Um pacto, jurado com sangue em nossas espadas cruzadas. Para proteger um ao outro de todas as ameaças: traição, deslealdade...

– Morte? – Pauline concluiu.

– Não, pior. Casamento.

Pauline riu. Não pôde evitar.

– Quantos anos vocês tinham quando juraram esse pacto?

– Dezenove. Mas ele nunca expira. É renovado automaticamente.

– Entendo. – Ela se esforçou para parecer pensativa. – Lorde Delacre, se um duque deseja evitar o matrimônio, ele não é capaz de se proteger sozinho?

Ele meneou a cabeça.

– Você é mesmo nova em Londres, não é? Um homem como Halford precisa de um amigo de confiança para cuidar dele o tempo todo. A Sociedade está cheia de caçadoras de fortuna. E no que se trata de caça à fortuna, a dele é tão difícil como a pele do tigre branco; o maior prêmio para a caçadora. Existem mulheres nesta cidade que recorreriam a armadilhas e até dardos envenenados para caçá-lo. – Delacre arqueou uma sobrancelha e deu um olhar divertido para a multidão.

– Nunca se sabe quando elas vão atacar – ele disse voltando-se para ela.

– Então você acha que sou uma dessas mulheres – Pauline concluiu. – Uma caçadora de fortuna como as outras. Meu lorde, eu posso lhe garantir: não tenho segundas intenções com o duque. Não trouxe flechas afiadas nem estilingues na

minha bolsa. Não possuo qualidades que pudessem tentar um homem como Halford a se casar.

Onde ficava a tigela do ponche, mesmo? Pauline não estava com vontade de explicar para Delacre seu acordo com Griff, mas fazer uma demonstração poderia ser suficiente. Com toda certeza, ele não a veria como uma ameaça matrimonial quando estivesse banhado em ponche.

– Imagino que você conheça a reputação de Halford – Delacre disse. – Pode banhá-lo com seus favores o quanto quiser, mas ele não se casará com você.

– O que o faz pensar que eu "banharia com meus favores" qualquer homem?

– Perdão, Srta. Simms – ele disse, sério. – Não pretendia insinuar nada disso.

Mentiroso. Ele pretendia dizer exatamente o que disse. Como se ele pudesse saber, só de olhar para ela – sem ter qualquer conhecimento de suas origens humildes –, que Pauline era *aquele* tipo de garota.

O pior era que ele tinha razão, até certo ponto. Em sua juventude, ela não tinha guardado seus "favores" como devia. Mas Griff sabia e não a fazia se sentir diminuída por causa disso.

Pauline olhou ao redor, desesperada para acabar com aquilo. Ela queria voltar para Griff.

Arrá. Lá estava, uma imensa tigela de prata cheia de ponche, com o formato de uma concha aberta. Assim que eles chegassem do outro lado da pista de dança, ela pediria uma bebida a Lorde Delacre. Eles se aproximariam da tigela... ele se inclinaria para servir...

A essa altura, um bom empurrão resolveria tudo.

– Lorde Delacre, seu amigo não corre nenhum perigo em minhas mãos. – Mentalmente, ela acrescentou, *você, por outro lado...*

– Eu gostaria de acreditar na sua palavra, Srta. Simms. – Os olhos de Delacre se desviaram para um ponto além do ombro dela. – Se o próprio Halford não estivesse prestes a provar que você está errada.

– O quê?

– Agora chega. – Griff apareceu do nada e os deteve no meio da dança. – Eu continuo.

– Ora essa, Halford. – Delacre resistiu. – Deixe-nos terminar a dança. Estamos conversando.

Griff agarrou o amigo pela lapela e o afastou de Pauline, baixando a voz para um rugido.

– Eu disse que ela é minha.

– Está bem. – Delacre levantou as mãos. – Ela é sua.

Com uma pequena reverência – e um olhar desconfiado para Pauline –, Delacre desapareceu.

Conforme Griff a pegava nos braços e entrava na dança, Pauline o encarou, estupefata.

– Por que você nos interrompeu? Eu estava a ponto de provocar um desastre fantástico!

Ele deu de ombros.

– Decidi que não quero vê-la mergulhar na tigela de ponche. Alguém deu duro para fazer esse vestido que está usando. E para preparar o ponche. Para não mencionar a brisa desta noite. Você pode pegar um resfriado.

Pegar um resfriado?

– Você entende – ela sussurrou – que para nosso acordo dar certo, cedo ou tarde você *vai ter* que me deixar cair.

– Bem, não vai ser esta noite, porque hoje vou cuidar de você. Não vou deixá-la cair. – Ele se inclinou para perto dela e sussurrou junto a sua orelha: – Eu vi que você estava chateada, Pauline.

Ela sentiu um aperto no coração. O fato de ele perceber isso, àquela distância – e não perder tempo para ir até ela –, aqueceu o coração dela. Pauline não se importava com o que pudessem dizer sobre o passado ou a reputação dele. Ela sabia que ele era um homem bom.

Ela apertou o ombro dele.

– Está tudo bem. – Ele firmou a mão nas costas dela. – Deixe que eu conduzo.

Ele dançou com ela até a lateral do pavilhão – o lado mais distante do reservado de seus amigos. Em vez de voltar à festa, ele a afastou da orquestra e a conduziu por um caminho mal iluminado. Depois que deixaram a multidão para trás, ele a virou para si.

– O que aconteceu? – Griff perguntou, segurando-a pelos ombros e analisando seu rosto. – Foi algo que Del disse? Eu o mataria facilmente por você.

Pauline abriu um sorriso singelo.

– Não faça isso, por favor. – Embora Delacre a tivesse ofendido, ela sabia que ele estava tentando, a seu modo distorcido, ser um bom amigo para Griff. Ela não queria se colocar entre os dois.

– Alguém a insultou? Você está doente?

– Não. Não é nada disso.

– Está com saudade de casa, então.

– Estou com saudade. – Isso era verdade. – Este lugar me deixou maravilhada. Para todo lugar que me volto, penso “A Daniela ia adorar ver isso”. Então...

– Você ficou triste – ele concluiu, puxando-a para perto.

– Já vai passar. Uma caminhada pode ajudar.

Griff ofereceu o braço a ela, que o aceitou. Juntos, eles se afastaram da orquestra e entraram em um arvoredo escuro. Mais uma vez, ela se viu pensando sobre como ele compreendia tão bem seus sentimentos. Quase como se fossem dele próprio.

– Posso perguntar uma coisa? – ela disse.

– Apenas se não for a respeito da fundição cataclísmica.

Ela sorriu.

– É sobre minha irmã. Você foi maravilhoso com ela. Simplesmente perfeito. Tem alguém como Daniela na sua família?

– Não – ele respondeu. – Não tenho nenhum irmão. Não mais.

Então ele *tinha* perdido alguém. Ela apertou o braço dele.

– Griff. Eu sinto muito. Não fazia ideia.

– Não é como você está pensando. Quero dizer... é, mas não. Minha mãe teve quatro filhos, mas eu fui o único que viveu mais do que uma semana. Não tenho nenhuma lembrança dos meus irmãos e irmã. – Ele afastou um galho do caminho de Pauline e ela passou por baixo. – Daniela é encantadora. Você tem sorte de tê-la como irmã.

– Eu sei. Nem sempre eu tive essa consciência, mas eu sei.

Pauline não era santa, nem Daniela. Como quaisquer irmãs, elas tinham seus momentos de brigas e ressentimento. E teve aquele dia constrangedor, na infância, quando elas foram até o mercado com o pai. Pauline, então com cerca de 8 anos, saiu correndo para fazer novas amigas, tomar emprestada um pouco da alegria da vida de alguém. E quando Daniela encontrou a irmã com seu novo grupo, Pauline ficou envergonhada.

– Essa boba é sua irmã? – um garoto escarneceu.

– Céus, não – ela respondeu. – Nunca a vi em toda minha vida. Mande ela para longe daqui.

Ainda hoje, Pauline podia se lembrar do rosto horrorizado da irmã. A culpa a tinha esmagado como uma pedra de moinho. Ela soube, naquele instante, que tinha negado a pessoa que mais a amava no mundo. E para quê? Para impressionar algumas crianças? Ela saiu correndo atrás de Daniela, implorando

perdão. Elas se abraçaram apertado e choraram... choraram. Era uma lembrança dolorosa que ela não ousava esquecer.

Ela nunca mais deixaria que alguém a constrangesse. E nunca mais trairia a irmã.

– Tenho muita sorte de ter Daniela – Pauline repetiu. – E ninguém entende isso. Ninguém.

– Talvez essas pessoas tenham irmãos de sobra. Nem todos têm essa sorte.

Com isso, ele ficou quieto.

Pauline o fitou, memorizando suas belas feições na escuridão iluminada por lamparinas. Ele era um homem complexo, com um rico legado familiar e responsabilidades que ela nem podia imaginar. Quem era ela – uma atendente de taverna de Sussex – para lhe dizer qualquer coisa? Mas Pauline tinha que tentar. Não havia mais ninguém que pudesse. Ela se virou para ele, colocando a mão em seu antebraço.

– Griff...

– Não. – Ao perceber o tom na voz dela, Griff estreitou os olhos e se afastou, apoiando-se em uma árvore próxima. – Não, Simms. Não comece com isso.

– Não comece com o quê? Eu só disse seu nome.

– Mas eu conheço bem esse tom de voz. Você está querendo embarcar em alguma tentativa inútil de me restaurar, de consertar o que está errado na minha vida... Seja qual for a ideia feminina que você está acalentando, abandone-a agora mesmo, pois só vai conseguir ficar envergonhada.

Céus. O homem tinha uma personalidade tão transparente que era como se ela pudesse olhar para o colete dele e ver o tronco de árvore no qual estava encostado. Se ele achava que algumas palavras grosseiras bastavam para assustá-la, depois do modo como ele a abraçou na noite passada... Depois das palavras doces que sussurrou...

– Você está sendo ridículo – ela disse, calma. – Tão ridículo que eu nem consigo ficar brava com você, então não pense que está me afastando, Griff. Eu sei que você sofre por alguma coisa. Eu sei. Eu senti, no primeiro dia, e...

Ele desviou o olhar.

– Não quero ter esta conversa.

– Ótimo. Pode negar, eu não me importo. Não sei se isso é orgulho masculino ou fleuma aristocrática. Seja qual qualidade for, eu não a possuo. Você pode fingir que não está sofrendo. Eu não consigo fingir que não ligo. – Ela reuniu coragem para continuar. – Não estou pedindo para que confie em mim. Eu

consigo entender por que você não contaria seus problemas para uma garota como eu, mas... talvez você não devesse rejeitar, por completo, a ideia de casamento. Odeio pensar em você sozinho.

– Quem disse que estou sozinho? – Ele bufou. – Não me falta companhia, se eu quiser.

– Sei, sei. Você é um grande devasso e libertino. Pelo menos foi o que eu ouvi dizer. Mas não vi provas disso. Pelo que observei, você é apenas um homem impulsivo e generoso, às vezes decente, que vaga pela casa à noite, sozinho, e mexe com relógios velhos.

De repente, ele estendeu o braço e a puxou para o peito.

– Não se iluda pensando que sou um homem decente.

Com um movimento rápido, ele inverteu as posições deles, pressionando-a com o peito largo contra o tronco da árvore. Ela se debateu um pouco e o tecido leve do vestido prendeu na casaca da árvore.

Pauline não queria que ele percebesse seu tremor.

– Você recusou me possuir ontem à noite – ela disse. – Não pode estar esperando que eu tenha medo disso agora.

– Medo? Não. – Ele se inclinou para frente, até estarem com os rostos quase colados. – Espero que tenha prazer.

Ele tomou a boca de Pauline em um beijo profundo e exigente. Sua língua envolveu a dela, e ele inclinou a cabeça para mergulhar ainda mais fundo. Explorando-a, possuindo-a de forma implacável. E ele não ficou nisso. Sua mão deslizou até o corpete dela, envolvendo seu seio. *Oh, céus.*

Ele apertou o volume aumentado com enchimento, levantando-o e acariciando-o. O polegar dele foi para frente e para trás, procurando o mamilo. O enchimento o frustrou. Ele desistiu, praguejando, e puxou o decote para baixo, tentando fazê-lo descer.

Ela prendeu a respiração. Ele não podia estar querendo fazer isso *ali*... Ou talvez pudesse.

Com um movimento firme e decidido, ele pegou o que tanto queria e levantou, colocando o seio acima do limite do corpete, expondo-o ao ar frio da noite. Estava escuro, mas ela se sentiu como que jogada em uma vitrine, vulnerável e trêmula.

Ele a beijou de novo, explorando sua boca com passadas possessivas da língua. Enquanto isso, acariciava o mamilo com o polegar. As carícias habilidosas destruíram toda determinação e bom senso dela. De algum modo, em

meio às fagulhas deliciosas e aos arrepios de êxtase, um objetivo simples começou a se formar dentro de Pauline: dessa vez ela também queria tocá-lo.

Pauline deslizou as mãos enluvadas por dentro do casaco dele, sentindo os músculos definidos e duros do tronco. Mesmo por cima do casaco, a força daquele corpo era palpável.

Ela puxou a camisa para fora da faixa na cintura e colocou as mãos por baixo. Ele grunhiu, encorajando-a, enquanto ela passava as mãos pelos músculos abdominais e pela leve trilha de pelos no centro. Então ela subiu com as mãos, roçando o mamilo de Griff e parando sobre o coração impetuoso dele.

Bum. Alguma coisa explodiu. Ela sentiu a onda de choque no peito dele e pensou que pudesse ser seu próprio coração. Então, clarões no céu iluminaram o espaço entre eles. Ela riu de si mesma quando entendeu o que acontecia.

– Fogos de artifício.

Claro. Com uma última passada de seus lábios nos dela, ele levantou a cabeça. Ela segurou a respiração, esperando que ele falasse, mas Griff não disse nada, só ficou olhando para ela, do mesmo modo que naquele primeiro dia em Spindle Cove – como se ela fosse a coisa mais maravilhosa, terrível, intrigante e perfeita que ele já tinha contemplado.

Não, não. Aquilo era demais.

Pauline sentiu as batidas do coração dele na palma da mão. Ele conservou o seio pequeno dela na sua. E acima deles, os malditos fogos de artifício explodiam em fragmentos de ouro e prata.

A força daquele momento foi estarrecedora. Sem a proteção de um beijo, ela não podia esconder seus sentimentos. Não havia para onde olhar, a não ser diretamente nos olhos dele.

O pulso dela palpitava incoerente, mas não havia hesitação no ritmo sob sua mão. Nenhuma dúvida. Apenas uma batida forte e insistente de desejo.

Pauline, ela podia imaginar o coração dele dizendo. *Pauline, Pauline, Pauline.*

Aquilo não devia estar certo. Tinha que ser outra coisa.

O mais provável era: *Tonta, tonta, tonta.*

Ali perto, amor era um buraco nefasto que se abria na terra, ficando maior a cada instante. A menos que ela tomasse muito cuidado, com certeza cairia dentro dele.

– Griff – ela sussurrou. – Você precisa de alguém. Todo mundo precisa.

Com um movimento impaciente, ele subiu o corpete dela, cobrindo o seio,

então, se afastou.

– Você não entende disso. – As palavras dele soaram sombrias e irritadas. – Não me diga que eu preciso de alguém. Minha vida toda foi uma coleção interminável de alguéns. Outro "alguém" é exatamente o que eu *não* preciso. O que eu menos quero é ficar em uma sala cheia de mulheres patéticas, sem graça, e escutar, "é seu dever casar, Halford. Escolha *alguém*".

Ela se afastou dele, ferida.

– Oh. Entendo.

Griff praguejou.

– Não foi isso que eu...

– Não, você tem razão. – Ela se afastou com passos pequenos e apressados. – Escolher uma garota sem graça em um salão lotado. Que pesadelo. Nada de bom poderia sair de uma cena como *essa*.

– Pauline, espere.

Ela se virou e correu, deixando-o no bosque sombrio e emergindo em uma clareira onde uma multidão tinha se reunido para assistir aos fogos. Pauline parou, de repente, com dificuldade para respirar. À volta dela, as pessoas riam, aplaudiam e soltavam exclamações de alegria.

Um homem trombou nela, com força. A antiga Pauline teria reagido com uma cotovelada, mas nesse momento ela não teve disposição para tanto. Apenas se virou para encará-lo, levando a mão ao pescoço com o susto. *Oh, Deus. Oh, não.* Ele tinha sumido. Tudo tinha sumido.

Griff saiu do bosque à procura dela. Enfim avistou o vestido de Pauline no outro lado do gramado lotado. O inconfundível borrão rosado, iluminado pelos clarões dourados dos fogos acima. Ele sentiu como se estivesse assistindo ao próprio coração sendo separado de seu corpo.

Então um homem emergiu das sombras, e o coração de Griff baqueou.

– Pauline! – ele gritou.

Ela não o ouviu – ou não se virou, caso tenha ouvido. Apenas parou por um instante, então levantou as saias e partiu em disparada na escuridão da noite. Pauline estava perseguindo alguém.

– Pare! Pare, seu maldito ladrão! – ele a ouviu gritar.

Ladrão? Griff correu atrás dela, mas ainda precisava desviar da multidão, e ela tinha uma vantagem e tanto. Ele ficou espantado com a velocidade que ela

conseguia alcançar usando todas aquelas saias. Pauline estava fazendo o bandido – ou quem quer que fosse – correr bastante entre as colunatas e através dos bosques iluminados.

Enquanto ela corria, deixava xingamentos para trás, como seus próprios fogos de artifício. Qualquer progresso que ela tivesse feito em dicção nesta semana, desapareceram num instante.

– Vagabundo! – ela gritou, passando apressada por um atônito cavalheiro que Griff reconheceu como sendo o embaixador austríaco. – Pare, seu maldito canalha!

Bem, se um espetáculo desastroso era o que ela queria, aí estava. Não foi necessária nenhuma tigela de ponche.

– Vou acabar com você, seu nojento filho de uma prostituta!

Griff fez uma expressão de "Não, você não" na direção do reservado real, como que pedindo desculpas, sem vontade de parar para dar explicações. Ele estaria rindo se não estivesse tão ofegante – e preocupado com Pauline.

Eles chegaram aos limites de Vauxhall e mergulharam no bairro vizinho – uma mistura de fábricas, casas e apartamentos de comerciantes. Nenhuma das ruas era iluminada. Só Deus sabia que perigos se escondiam naqueles becos. Ainda assim, Pauline foi em frente. O que ela estava pensando? O que quer que o bandido tivesse roubado, não valia colocar a vida dela em risco. Ela estava perdendo para o ladrão, mas Griff se aproximava dela.

– Pauline! – ele gritou, buscando fôlego no fundo dos pulmões. – Deixe-o ir!

– Não posso!

Ela dobrou uma esquina, firme na perseguição, e Griff a perdeu de vista por alguns segundos assustadores e intermináveis. Ele aumentou o ritmo, rezando para que ela ainda estivesse inteira e ilesa – para que pudesse segurá-la e fazê-la recuperar o juízo.

Quando Griff se aproximava da mesma esquina, um grito curto e penetrante cortou o ar. *Santo Deus. Por favor.* Ele virou na esquina e lá estava ela – jogada no chão, no meio do caminho.

– Pauline! Pauline, você está ferida?

– Não pare por minha causa! – ela exclamou. – Corra atrás dele.

– Ele já foi. – Griff nem se preocupou em olhar. – Já foi. E mesmo que eu pudesse alcançá-lo, não iria abandonar você aqui.

As pessoas começavam a sair das moradias próximas, observando com interesse o cavalheiro e a dama que estavam parados no meio da rua. Griff

adotou uma postura forte e olhou em todas as direções, alerta, fazendo quaisquer rufiões saberem que era melhor não se arriscarem com ele.

– O que aconteceu? – ele murmurou, agachando-se diante de Pauline. – Ele a machucou? Bateu em você com alguma coisa? – Griff começou a procurar manchas de sangue. – Ele tinha uma pistola ou uma faca?

– Não... – Ela soluçou.

Ele conseguiu respirar de novo. Graças a Deus.

– Nada disso. O problema foi essa droga de sapato. Prendi o salto alto entre duas pedras da rua e torci o tornozelo.

Ela levantou a saia e Griff pôde ver o tornozelo sob a meia, virado em um ângulo assustador.

Primeiro ele soltou o pé dela, depois o sapato. Com dedos cuidadosos, ele explorou o pé que começava a inchar.

– Está doendo muito? Pode ter quebrado.

– Não quebrou. – Ela sacudiu a cabeça. – E a dor não é tão forte. É só que...

– O que foi? – ele perguntou, preocupado. – O que esse vagabundo fez com você?

– Oh, Deus. Você vai me odiar.

– Nunca.

Ela deixou o corpo cair contra o dele, como se toda a disposição para lutar tivesse se esvaído dela.

– Griff, ele levou o colar. As ametistas da sua mãe. Valiam milhares de libras. E agora se foram.

Capítulo dezoito

Era isso, então. Pauline desistiu. Ela se entregou aos cuidados dele, sem saber o que mais poderia fazer. Sempre se considerou uma pessoa resiliente, mas nessa noite ela foi derrotada.

Londres 1, Pauline 0.

Menos que zero. Ainda que levasse em conta as mil libras de pagamento que Griff tinha lhe prometido, ela agora devia milhares de libras para ele! A duquesa nunca a perdoaria. Como ela faria para lhes pagar tamanha dívida?

O duque continuava agachado ao lado dela.

– Passe os braços em volta do meu pescoço – ele disse.

Ela obedeceu, colocando as mãos, desanimada, nos ombros dele.

– Segure-se com firmeza – ele reclamou, praguejando. – Você é filha de um fazendeiro e atendente de taverna. Eu sei que pode fazer melhor do que isso.

Ela fez um esforço consciente para retesar os músculos. Ele tinha razão, ela possuía um corpo forte, o que significava que não era leve como uma pena. Ela precisava ajudar. Devia isso a ele.

Griff a ergueu, soltando um grunhido de esforço, ajeitando os braços até apoiar o peso dela em seu peito musculoso.

– O sapato – ela disse, com a voz fraca.

– Dane-se o sapato.

Ela lhe deu razão. Que diferença fazia um sapato, quando ela tinha acabado de perder um colar que valia milhares de libras?

Griff a carregou até o fim da rua, por um caminho diferente daquele que percorreram durante a perseguição do ladrão. Pauline pensou em mencionar essa discrepância, mas decidiu que ele devia saber aonde estava indo. O rosto dele, quando ela conseguia ver, com ajuda de uma luz fraca projetada por alguma janela, era uma máscara de determinação férrea.

– Eu sinto tanto – ela disse.

Ele meneou a cabeça de modo firme e contido.

– Não sinta.

Griff não falou mais com ela no caminho todo até a Casa Halford. Não falou no barco que os carregou através do Tâmisa, nem na carruagem até Mayfair.

Quando chegaram, ela o ouviu dar ordens aos empregados em voz baixa, mas firme. Foi levada até o Salão Rosa e colocada sobre o maior divã.

– Vou chamar um médico – Griff anunciou.

– Eu realmente não preciso disso... – ela protestou.

Ele saiu da sala e esse foi o fim da discussão.

Quando o médico chegou, Pauline ficou sentada no Salão Rosa enquanto o doutor apalpava seu tornozelo e a examinava. O inchaço parecia já estar melhorando. Nenhum dano sério no tornozelo, pelo menos. Outras partes dela talvez nunca se recuperassem.

Pauline se levantou da cadeira e foi mancando até ele, no meio da sala.

– Bem – ela disse –, afinal, provei que sou uma catástrofe. Devo ter parecido uma megera de boca suja, correndo daquele jeito pelos jardins tão bem cuidados.

Ele pareceu não achar graça no que ela disse.

– Venha, vou ajudá-la a subir a escada.

– A lesão não foi séria. – Ela fez um gesto com a mão dispensando a ajuda. – O médico disse que logo vai melhorar.

Griff insistiu em colocar o braço ao redor da cintura dela, conduzindo-a até a escada. Pauline não soube como recusar. A justaposição da expressão furiosa de Griff com aquela atitude solícita fez tudo parecer pior.

Ela subiu o primeiro degrau com o pé bom.

– Você está bravo comigo.

– Estou bravo – ele confirmou. – Não posso negar. Mas estou me esforçando para não direcionar minha raiva contra você.

Ela coxeou para subir o próximo degrau.

– Eu sinto muito. Vou pagar de algum modo. Começando com as mil libras, é claro. Quanto ao resto... – Ela parou e olhou para ele. – Não sei como fazer. Mas eu juro que vou pagar tudo.

Ele a encarou com uma expressão de total perplexidade.

– Do que você está falando?

– Do colar. Eu vou pagar para vocês de algum jeito. – Ela segurou no corrimão e deu outro passo.

Ele não a acompanhou.

– Isso é absurdo – Griff murmurou.

Abaixando-se, ele passou um braço por baixo das coxas dela e a levantou, carregando-a pelo restante dos degraus. No alto da escadaria, ele não continuou por mais um lance, até o quarto dela, mas virou na direção de sua suíte particular.

Equilibrando o peso de Pauline em um braço, Griff abriu a porta, carregou-a para dentro, e fechou a porta com o pé. Depois de atravessar uma sala de estar, ele a colocou sobre uma cama. A cama *dele.*

Era um leito enorme, com dossel em mogno e cortinas de veludo em todos os lados.

Ela tentou se apoiar nos cotovelos, mas o vestido pesado a atrapalhou. Antes que conseguisse se levantar, ele a prendeu, ajoelhando-se sobre as coxas dela.

Então ele segurou o rosto de Pauline com aquelas mãos fortes, proibindo-a de olhar para qualquer coisa que não seu rosto. Os olhos dele estavam ferozes. O coração dela martelou de encontro ao dele.

– Estou bravo, Pauline. Sinto uma raiva imensa daquele bandido que ousou tocá-la. Estou furioso por você ter se machucado. E estou bravo com você, sim, por ter ido atrás dele. Por ter se colocado em risco. Você sabe que tipo de gente se esconde naqueles becos e vielas?

– Eu não sabia o que mais podia fazer. Ele tinha levado o colar da sua mãe e...

– E daí? Ela tem dezenas!

– Mas aquele era muito valioso. Ela gostava dele. Foi por isso que ela quis que eu o usasse esta noite, porque...

Porque então você poderia me enxergar como uma dama de verdade. Assim você se apaixonaria por mim e desejaria que eu fosse sua noiva. Que piada.

– Você achou que eu daria mais valor a um punhado de joias do que à sua vida? Eu sei que às vezes nos desentendemos, Simms, mas isso é demais. Você pensa tão mal assim de mim?

– Eu... Não. Eu penso muito bem de você.

– Acontece que eu também penso muito bem de você.

Eram palavras gentis, mas ele as pronunciou com malícia.

– Eu posso comprar outro colar para minha mãe amanhã – ele disse. – Um colar melhor. Meia-dúzia de colares, se ela quiser. Joias podem ser substituídas.

– Atendentes de taverna também.

– Não. Não faça esse jogo. – Ele encostou a testa na dela. – Quando ouvi você gritar... foi como se uma espada me atravessasse. Eu quis morrer.

Eu quis morrer. Aquelas palavras confundiram Pauline e causaram dúvida. Ele não podia estar falando sério. Com certeza estava exagerando.

– Pensei que a encontraria ferida ou sangrando, ou... – Ele ficou sem voz. – Ou coisa pior. Não venha me dizer que eu estava preocupado com pedras presas em uma corrente. Eu quero acreditar que você me conhece melhor do que isso.

– Eu conheço.

– E ainda assim pensou que eu ficaria tão bravo com um colar que a mandaria embora?

Ela deu de ombros.

– Você tinha acabado de falar que não me queria, de jeito nenhum.

– Eu não falei nada disso. Você saiu correndo sem me deixar terminar. – Ele deslizou a mão pelo corpo dela. – Eu disse que não precisava de "alguém". Porque você não é apenas "alguém" para mim. Você é admirável, teimosa, linda e corajosa demais para seu próprio bem. – A mão dele se fechou, segurando o tecido do vestido dela. – Você é você. Eu quero *você*. Desde o momento em que entrou apressada pela porta da taverna, é *você* quem eu quero.

Ela levou a mão à boca, tentando conter a emoção.

– Não. – Ele tirou a mão dela da boca. – Não se esconda. Nunca mais fuja de mim.

Ele a beijou, faminto, desesperado, e ela se abriu para aquela invasão sensual, recebendo a língua dele com a sua, ansiando abraçá-lo apertado. E então ele se afastou, com a respiração difícil devido ao esforço.

– Se eu pedisse para você ficar comigo...

– Eu não posso. – Aturdida, ela ficou paralisada nos braços dele. – Você sabe que eu não posso. Tenho que voltar para casa. Para Daniela. Eu prometi e você nos deu sua palavra.

– Eu poderia lhe oferecer uma casa. Uma casa no campo, com tudo que você e sua irmã precisarem.

– Eu nunca poderia ser sustentada como amante. Nem mesmo sua. Eu perderia o respeito por mim e por você.

O olhar dele ficou nublado.

– Não posso me casar com você – Griff disse.

– Eu sei. – A tristeza pesou no coração dela. – Não tem nenhuma maneira disto durar mais do que uma semana.

Ele aninhou o rosto dela na palma da mão e passou o polegar pela bochecha.

– Bem, saiba de uma coisa: esta noite eu vou fazer amor com você.

Uma onda de empolgação a sacudiu. *Sim.*

– Sim, Griff. Por favor.

Ele pegou a barra das saias dela e levantou. Depois, curvou os dedos ao redor da coxa, deslizando para cima e para baixo.

– Mas você está bem? Não está machucada ou com dor debaixo de toda esta seda?

O coração de Pauline se aqueceu com a preocupação dele com seu bem-estar.

– Estou bem, eu juro.

– Eu mesmo vou avaliar isso. – Griff a virou de bruços e começou a soltar os laços e fechos. – Vamos tirar tudo isso. Estou louco para vê-la nua de novo.

De novo?

– Quando foi que você já me viu nua antes?

– Na primeira noite, na biblioteca.

– Mas... eu estava vestindo minha camisola o tempo todo.

– Eu sei. – Ele puxou o vestido para baixo dos quadris, então começou a soltar as anáguas. – Mas o tecido da camisola era deliciosamente fino. Quando você ficou na frente da lamparina, a luz desenhou seu corpo e eu pude ver tudo.

– Tudo?

– Tudo.

Pauline não sabia como reagir a isso. Ela ficou imóvel enquanto ele desamarrava o espartilho e o jogava de lado. Então, colocando-a meio sentada, Griff puxou a *chemise* por sobre a cabeça dela e Pauline se deixou cair na cama, completamente nua, a não ser pelas meias.

Ele se sentou e começou a tirar suas roupas. Colete, gravata, camisa. Ela o observou remover camada após camada de elegância, até chegar ao homem debaixo de tudo aquilo.

– Céus – ela suspirou.

Ele era perfeito. Largo nos ombros, magro na cintura e musculoso em tudo, com alguns pelos escuros no peito. Ele se virou de lado, sentando na beirada da cama para retirar as botas e desabotoar as calças, dando a Pauline bastante tempo para parar e admirar os músculos esculpidos das costas nuas de Griff.

– Pronto – ele disse, jogando de lado a última peça de roupa.

Ele se deitou ao lado dela e, de repente, Pauline ficou envergonhada. Ele era tão perfeito em tudo. A forma ideal de homem. E ela não era a forma ideal de mulher. Nem de longe. Pela primeira vez, ela não se sentiu à altura dele.

O olhar dele passeou pelo corpo dela primeiro, mas as carícias logo se

seguiram. Ele segurou o seio dela e Pauline começou a esperar, tola que era, que ele dissesse que estava gostando do que via. Ela não precisava ouvir que era “linda”, “maravilhosa” ou “perfeita”. Algo como o “bom” tenso que ele tinha dito antes já servia.

Quando o polegar dele encontrou o mamilo teso dela, Griff fez algo muito melhor. Ele soltou um grunhido baixo de satisfação, do fundo da garganta. O som foi tão primitivo e masculino que não deixou dúvida, e despertou tudo de feminino nela. A resposta que veio do cerne de Pauline foi um gemido fraco de alívio.

– Tão excitante quanto eu me lembrava – ele murmurou. – Mais, até. Você não acredita como me deixou duro naquela primeira noite. E em todas as noites desde então.

Ela deixou escapar uma risada constrangida.

– Eu tenho o corpo de um garoto de 14 anos.

– Bobagem. Eu já fui um garoto de 14 anos e posso lhe dizer que eu não tinha peitos assim, tão provocantes. – Ele passou o dedo ao redor da aréola, depois pela curva debaixo do seio.

Ela se contorceu, perdida sob sensações intensas.

– Então você é um desses homens que realmente gosta de mulheres com seios pequenos?

As amigas carnudas dela sempre a consolaram com a promessa de que esses homens existiam, mas Pauline ainda tinha que encontrar um pessoalmente. Ela começou a pensar que eram criaturas míticas, da mesma categoria de fadas e dragões.

– Eu nunca entendi esse modo de pensar. – Enquanto falava, ele beijava os seios dela e acariciava a barriga e as coxas. – Isso me lembra aqueles velhos que vão jantar no clube todas as noites e sempre comem a mesma coisa, sentados à mesma mesa. Como pode ser boa a vida de um homem que não sabe apreciar a diversidade? – Ele tomou um mamilo com a boca, circulando o bico teso com a língua.

Um suspiro de prazer escapou da garganta dela. Além disso, Pauline não sabia como reagir. Ela imaginou que um duque podia ter amplo acesso à “diversidade”, se quisesse. Depois que ela voltasse a Spindle Cove, quem sabe ele não encontraria uma mulher carnuda, de cabelos claros, para comparar.

Como se pudesse sentir a inquietude dela, Griff mudou de atitude.

– Você é uma mulher extremamente atraente e sabe disso, certo? – Diante do

silêncio dela, ele continuou: – Você acreditaria em mim, se pudesse se ver.

– Eu *já* me vi. Esse é o problema.

– Não, não. – Ele meneou a cabeça. – Não em um espelho. Eu sei como os espelhos funcionam. Eles conspiram com as empresas de cosméticos e juntos só dizem mentiras para a mulher. Levam o olhar dela de uma falha imaginária para outra, até que tudo que ela consegue ver é uma constelação de imperfeições. Se você pudesse sair de dentro de si mesma e pegar meus olhos emprestados por apenas um instante... Só veria beleza. – Ele levou a mão ao próprio coração. – Juro pelos sete Duques de Halford que me antecederam.

Vários momentos se passaram antes que ela pudesse falar:

– Bem, eu vi os retratos deles. Admito que sou mais bonita do que eles.

– Graças a Deus por isso. – Ele riu.

Griff acomodou o quadril entre as coxas dela, abrindo-a. A curva dura de sua ereção latejou, quente e urgente, contra o centro dela.

– Deixe acontecer – ele disse, enterrando o rosto no pescoço dela. – Da próxima vez, eu vou devagar. Vou beijá-la toda, tocá-la por horas. Mas não consigo mais ter paciência. Eu preciso... Deus, eu preciso de você. Eu preciso de você.

– Sim. – Ela o beijou, projetando o quadril, convidando-o. Ela também precisava dele. Desesperadamente.

Ele se colocou na entrada dela e a penetrou.

Quando seus corpos se uniram, Pauline gritou, mas não era um grito dor, apesar do início apressado, ela estava pronta para ele há dias, e esperava essa sensação há anos. O tamanho e o calor de Griff eram formidáveis, mas ela acolheu as duas sensações. A plenitude. O prazer escaldante.

Enfim, estava com Griff. Debaixo dele, ao redor dele, abraçando-o, beijando-o, tocando seu cabelo e seus ombros. Então era assim que um homem fazia amor – não um garoto atrapalhado, mas um homem de verdade. Um que sabia não só o que ele próprio queria, mas também o que ela queria. Griff a amou com um ritmo suave, poderoso, aprofundando-se com cada estocada. Quando Pauline pensava que não podia haver mais nada para sentir, ele mostrava que ela estava errada.

Enfim, as duas pelves se encontraram. Ele estava mergulhado por completo dentro dela. Pauline estava estendida ao limite. A tensão queimava como o fogo mais doce.

Ele baixou o corpo até o dela, achatando os seios de Pauline com seu peito. Os

dois corações batiam juntos, harmoniosos, tocando como uma orquestra. Ele começou um movimento lento e contínuo com o quadril. Sua firmeza deslizava para fora e para dentro em um ritmo cuidadoso, provocando espirais de prazer e espalhando êxtase por todo o corpo dela.

Griff a fitou no fundo dos olhos, parecendo perplexo.

– Isto é... isto é bom, Simms. Eu conheço muito sobre o prazer, mas isto é... *bom*.

– Você disse que fazia muito tempo.

– Meses e meses. – Ele concordou. – E você?

– Oh, séculos. Anos.

– Deve ser por esse motivo... – Ele parou no meio do movimento e se inclinou para beijá-la, gemendo contra os lábios dela ao projetar com cuidado o quadril para frente. Pauline agarrou os ombros e as costas dele, querendo que se apressasse e fosse mais fundo, com mais gana. Ela estava certa que ele não era o tipo de homem que fazia amor de modo doce e cuidadoso.

– Griff – ela implorou.

Ele fez uma pausa.

– Não quero machucar você. Estou tentando ser delicado.

Ela o empurrou um pouco, só para conseguir encará-lo.

– Seja você mesmo. Eu quero você.

Algo feroz brilhou nos olhos dele. Griff se ergueu sobre os braços e firmou os joelhos no colchão, penetrando-a com vigor.

– Isso! – Ela arfou, empolgada com a força dele. – De novo. Mais.

E ele lhe deu o que ela pedia. E mais. Ele lhe deu investida após investida de êxtase vibrante, que acabou com ela por completo.

Aquilo era sensualidade crua, primitiva, mas foram as emoções que mais doeram. Ele podia ser provocador e frio com as palavras, mas cada estocada firme era uma confissão do quanto ele a desejava, do desespero com que a queria – com cada músculo de seu corpo, com cada pulsação de seu sangue.

Oh, e a intensidade nos olhos escuros e cativantes virou-a do avesso. Ela estava exposta, vulnerável frente a tanta determinação. Ele não guardaria nada em busca desse prazer, mas lhe daria o mesmo que estava obtendo.

Ela levantou os braços acima da cabeça e apoiou as mãos na cabeceira, empurrando o quadril contra Griff.

– Isso mesmo – ele grunhiu, sem perder o ritmo. – Mexa-se comigo.

Pauline arqueou o corpo acima da cama, indo de encontro às estocadas dele. O

encontro dos corpos era quase doloroso, mas ela estava além desse tipo de preocupação. Parecia não conseguir recebê-lo fundo o bastante, abrir-se o bastante ao redor da curva lisa e dura do membro dele.

Os contrastes eram notáveis, os dois se possuíam como animais em meio aos travesseiros bordados e às nuvens de anáguas jogadas de lado. O desamparo da figura dela, toda aberta debaixo dele, só aumentava a tensão sensual que Pauline sentia. Quando enlaçou os quadris dele com as pernas ainda de meias, deslizando a seda pela coxa nua de Griff, este soltou um rugido feroz e primitivo.

Aquele homem era tão animal e, ao mesmo tempo, elegante... e tão excitante que ela não iria aguentar muito mais.

A cada estocada, o corpo dele massageava o dela bem no lugar certo. Pauline inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos bem apertados, sentindo o prazer crescendo, retesando todo seu corpo. O êxtase estava tão perto.

Veio um grunhido do fundo do peito dele e o som a deixou preocupada. Talvez ele estava perto de terminar, também.

Eles não tinham conversado sobre o que aconteceria no final. A ansiedade foi suficiente para trazê-la de volta.

– Liberte-se – ele disse.

Ela abriu os olhos. Griff a estava encarando, o rosto, uma máscara de determinação. O ritmo dele não hesitou nem por um instante.

– Está tudo bem. Liberte-se.

E foi então que ela se deu conta... ele não iria parar até ela chegar ao clímax. De jeito nenhum. Ele continuaria. Sem parar. Por horas, se ela precisasse. Investindo sua ereção dentro dela uma vez após a outra, tantas vezes quantas fossem necessárias para reduzi-las a um êxtase trêmulo e confuso. Aquele homem não aceitaria outra coisa.

– Eu estou com você – as palavras suspiradas saíram roucas. – Estou com você.

Ele colocou as mãos sobre as dela, prendendo-as à cama, e ela se soltou. Seus braços ficaram moles e seus quadris enlouqueceram sob os dele. Pequenos soluços começaram a escapar dela, conforme cada investida a mandava mais para o alto.

Pauline o encarou o tempo todo, incapaz de desviar os olhos. Aqueles olhos escuros eram seu ponto de apoio.

– Goze. Pelo amor de Deus, goze, Pauline.

Ouvir seu nome saindo dos lábios dele acabou com ela, porque a fez saber que

tudo aquilo era para ela. Todo aquele esforço erótico, heroico, era para ela.

O clímax veio, balançando-a com ondas do prazer mais agudo. E continuou, banhando-a, corpo e alma, com uma alegria violenta, incomparável.

Ele deslizou para trás, ficando ajoelhado, e a puxou pela cintura, levantando o corpo dela com aqueles braços poderosos.

– Griff... – ela sussurrou, esperando não ter que dizer mais nada.

– Eu sei. – O rosto dele se transfigurou de prazer. Com um grunhido e um movimento desesperado dos quadris, ele saiu de dentro dela e gozou em algum lugar naquelas nuvens de lençóis e anáguas.

Depois, ele desabou ao lado dela na cama, suando, com a respiração ofegante. Eles ficaram deitados assim por vários minutos, olhando, mudos, para o dossel da cama e lutando para respirar.

E agora?, ela se perguntou. Talvez, agora que o prazer de Griff estava saciado, ele iria se arrepender. Talvez as emoções que ele imaginava sentir por ela fossem destruídas pela força de seu clímax.

Quanto mais tempo ficassem ali, lado a lado, mas sem se abraçar, mais ansiosa ela se sentiria. Pauline sabia que aquilo não podia durar mais do que uma semana. Mas já teria terminado?

Enfim, com um grunhido suave, ele pôs o braço ao redor dela.

– Venha cá. – Ele a puxou para perto e deu um beijo carinhoso no alto da cabeça dela.

Pauline não conseguiu se segurar e chorou de alívio. Ele apertou o abraço, puxando a cabeça dela para seu peito e protegendo-a com o corpo. Não tentou fazer com que ela parasse de chorar, não a repreendeu pelas lágrimas bobas, apenas deixou que ela extravasasse seus sentimentos e a segurou o tempo todo – como se entendesse que todos os outros homens tinham falhado nesse ponto tão simples e estivesse determinado a acertar. Depois de algum tempo, ela deitou a cabeça no peito dele.

– Eu só estive com um outro homem antes de você. Errol Bright, filho mais velho do dono da loja de Spindle Cove. Ele disse que me amava. Disse um monte de coisas e fez muitas promessas que nunca cumpriu. – Ela franziu a testa, constrangida. – Só estou lhe contando isso porque não quero que você pense que espero algo mais. Não quero promessas de você, Griff. Mas espero que entenda que não faço isso com frequência, nem com qualquer homem. Mesmo que tenha sido só esta vez, significa algo para mim.

A cabeça dela levantou e desceu enquanto ele respirava fundo. A mão de Griff

encontrou a dela e a segurou.

– Pauline? Por favor, acredite quando eu digo, com toda sinceridade, que estou honrado.

Ela soltou a respiração com um suspiro de alívio. Não sabia o que esperava ouvir, mas o que ele disse foi ainda melhor. Havia um ar de novidade nessas palavras: *estou honrado.* De algum modo, ela duvidava que ele já as tivesse dito para alguma mulher. Na cama, pelo menos.

Ela se virou nos braços dele, deslizando um toque possessivo pelo peito de Griff, que gemeu, encorajando-a. Ela adorou a liberdade de poder tocá-lo, explorar seu corpo. Os dedos dela encontraram o corte vermelho, ainda não cicatrizado, no bíceps dele.

– Está doendo?

– Não... pelo menos, não aí.

As palavras soaram profundas como uma confissão. Pauline adorou aquelas sílabas de sinceridade.

– E aqui? – ela perguntou, tocando o pequeno hematoma na face, onde ela o tinha socado no dia anterior.

– Não.

– Algum outro lugar, então. – Ela deixou a mão cair no peito nu dele, bem sobre o coração. – Dói em algum lugar aí dentro.

Ele concordou.

– Muito.

A curiosidade dela era intensa, mas Pauline resistiu ao impulso de lhe pedir mais explicações ou detalhes. Ele já tinha confiado nela um pouco. Talvez confiasse mais com o tempo.

– Será que pode abrandar essa dor? – Ela lhe deu um sorriso brincalhão.

– Acho que não. – Pensativo, ele afastou uma mecha de cabelo do rosto dela. O brilho nos olhos de Griff passou de ferido para malicioso. – Mas eu posso ser persuadido a ficar bem parado enquanto você tenta, até cansar.

Capítulo dezenove

Eles passaram mais uma hora empenhados em cansar um ao outro.

Griff acariciou o cabelo dela, obrigando-se a relaxar e a se entregar ao prazer simples de ser beijado. Os lábios dela tocaram seu peito, seus ombros... o pescoço, a barriga. Pauline foi tão minuciosa quanto carinhosa, cobrindo cada centímetro dele com toques macios de seus lábios. Ela não conseguiu curar as feridas mais profundas e sombrias com seus carinhos, mas fez com que a mente dele se esvaziasse, o que foi muito bom. E quando a língua dela começou a descer abaixo do umbigo, foi demais para ele.

– Eu preciso de você de novo. – Ele a pegou pela cintura e a colocou sobre ele, aprisionando seu pau duro e latejante junto à entrada dela. – Pegue-o com a sua mão e coloque-o para dentro.

Se Pauline sentiu alguma hesitação diante do pedido ousado, não demonstrou. Um rubor rosado surgiu no peito dela enquanto colocava a mão entre eles. Pauline o colocou no lugar enquanto Griff a descia devagar, fazendo o calor dela envolver toda sua extensão. Ela se encaixou nele como uma luva sob medida, prendendo-o apertado enquanto ele a ensinava como cavalgá-lo, subindo e descendo.

Garota inteligente que era, logo pegou o espírito e o ritmo da coisa. Com as mãos espalmadas sobre o peito dele, prendendo-o na cama, contraindo as coxas enquanto ela subia e descia. Aqueles seios empinados, deliciosos, balançavam e oscilavam. Se ele, algum dia, teve uma visão mais erótica, não conseguia se lembrar.

– Simms.

Ela gemeu, perdida de prazer.

– Simms – ele repetiu.

Ela abriu os olhos, as pálpebras pesadas, parecendo sonolenta ao fitá-lo.

– Quanto tempo faz desde a última vez em que você fez amor? – ele perguntou.

– Vinte minutos? – Ela mordeu o lábio.

– Certo. Eu também. Trinta segundos para mais ou para menos.

Rindo, ela deslizou as mãos pelo peito dele.

– Por que você pergunta?

– Porque da primeira vez foi extremamente bom. – Ele a fez subir e descer de novo. – Mas isto... está demais. Ainda melhor. Estou tentando entender... Não pode ser apenas minha longa abstinência, pode?

– Você sempre fala tanto assim quando está fazendo amor?

– Não. – Ele negou com a cabeça. – Isso também é diferente. Tudo é diferente com você.

Mais apertado, mais suave, quente, molhado, gostoso. Não era perfeito nem parecia um sonho, era apenas mais real. E tão bom que ele temia machucar os dois naquela corrida frenética até o fim.

Ele se esforçou para ficar sentado. Não bastava apenas ver, ele queria sentir a maciez e o calor dos seios dela acariciando seu peito nu, amortecendo o tropel enlouquecido de seu coração. Griff queria beijá-la enquanto fazia amor com ela.

Ele a aproximou, fazendo-a passar as pernas ao redor de seus quadris, entrelaçando os pés às costas dele. Com um braço envolvendo a cintura dela, ele a colocou em um ritmo rápido. A outra mão, ele pôs entre os dois, levando o polegar à pérola dela, massageando o montículo com círculos pequenos e tesos, até ela ter uma comoção, estremecendo em seus braços. E ele não parou. Nada de preguiça com ela, nada pela metade. Essa mulher teria o melhor dele. Griff continuou com as mesmas ações, beijando o pescoço dela e murmurando palavras de estímulo junto à orelha, até ela alcançar outro êxtase, mais devastador.

– Oh – ela gemeu depois, segurando no pescoço dele. – Oh, Griff. Oh, céus.

As palavras dela fizeram com que ele se sentisse um deus. Ou, pelo menos, um semideus. Uma divindade pagã, imortal, sexual, dedicada ao prazer.

Ele teria tentando levá-la a um terceiro clímax, mas o aperto quente do sexo dela o deixou à beira do precipício. Ele a levantou, tirando-a de seu pau, e ela estendeu a mão pequena e delicada para segurar a ereção dele.

– Assim – ele disse, demonstrando.

Ela seguiu a orientação.

– Assim?

– Ah. Isso.

A mão dela era delicada, mas firme. O polegar dela massageava com perfeição o sensível lado de baixo do pau dele, e com cada movimento a glande roçava a curva sedosa do abdome dela. Griff jogou a cabeça para trás, rendendo-se, agarrando os lençóis revirados. Em poucos momentos ela o fez arfar, rugir e se derramar sobre os dedos dela em jatos quentes e vigorosos.

Pauline sorriu, parecendo muito satisfeita consigo mesma. Ele também estava satisfeito com ela. Tão satisfeito que não parecia haver espaço para outra emoção em seu coração. Em sua vida. E isso não podia durar. Não podia durar. Deus, ele não sabia como faria para deixá-la ir.

Então, Griff apenas a beijou, envolvendo-a com os braços para aproximá-la. Usando a proximidade para esconder sua fraqueza.

Depois de minutos preguiçosos e lindos de beijos lânguidos, ela suspirou junto aos lábios dele.

– Eu preciso ir.

– Não. – Ele a segurou apertado. – Não, não, não. Ainda não.

– Não posso me arriscar a dormir. Você sabe que preciso ir para o meu quarto. Não podemos ser encontrados juntos. Os criados...

– Os criados são apenas criados. – Ele meneou a cabeça. – Quem se importa com o que eles pensam?

Pauline se afastou e arregalou os olhos para ele, que retribuiu com uma careta.

– Eu lhe imploro, finja que eu não disse isso. Ou, pelo menos, finja que não ouviu.

– Tudo bem. – Saindo do colo dele, ela pegou a *chemise* jogada de lado. Depois de desembaraçar a peça, ela a vestiu pela cabeça e enfiou os braços nas mangas. – Não quero brigar.

– Bem, isso é uma novidade. – Ele coçou a orelha.

– Não quero desperdiçar o que nós temos.

– E o que nós temos?

Ela o encarou.

– Alguns dias – Pauline disse em voz baixa. – E mais algumas noites juntos. Isto é, desde que não sejamos descobertos *esta* noite.

Ele teria gostado de discutir isso, mas no fim, não conseguiu.

– Vou acompanhá-la até seu quarto.

– Não, fique. Descanse. – Ela o manteve na cama com a mão no ombro e um beijo firme na testa. – Não vou me perder nos corredores desta vez.

Ela recolheu o vestido e o espartilho e se encaminhou até a porta lateral – a que se abria para o quarto de vestir.

– Estes quartos são todos interligados? – ela perguntou. – Se eu passar de um para outro, não vou ficar tão exposta no corredor. Vou correr menos risco de ser vista.

Ele concordou, sentindo-se sonolento, de repente. Ela tinha lhe tirado todo o vigor.

– Sim, são interligados.

Ela pegou uma vela da mesinha de cabeceira e foi na direção do quarto de vestir.

Griff se recostou, ouvindo-a sair. Ele ouviu quando ela abriu a porta do quarto de vestir para sua sala de estar pessoal. Dali ela poderia sair para o corredor ou entrar no...

Oh, Cristo.

– Espere! – Ele se jogou da cama, vestindo as calças e cambaleando atrás de Pauline. Enquanto atravessava o quarto de vestir, ele pegou uma camisa limpa de um gancho. – Espere, Pauline, não...

Tarde demais.

– Eu não queria – ela disse, parada no centro da sala. A *sala*.

– Me desculpe. Eu não queria invadir sua... – ela engoliu em seco. – ...sua privacidade.

Ele massageou o próprio pescoço. Não havia como evitar aquilo. Ele teria que encarar a verdade, afinal. Foi tomado pela terrível leveza do inevitável. A sensação de ter acabado de pular em um precipício.

– Você pintou todos eles? – ela perguntou, iluminando-os com a vela. – Eles são... ahn, são lindos.

– Não, eu não os pintei.

– Oh. Ótimo. Quero dizer, não que haja algo de errado em um homem adulto pintando um quarto com arco-íris e pôneis. São arco-íris e pôneis adoráveis.

– Você acha mesmo? – Ele cruzou os braços e encostou na parede.

– Ah, sim. Como não poderia achá-los lindos? Eles... ora, nesta parede estão brincando, não é? Olhe só para eles, brincando e... – ela engoliu em seco – ...e pulando.

Bom Deus. Ela estava completamente desconcertada, tentando encontrar um modo de não o ofender. Sem nenhum motivo em particular, ela tentava proteger os sentimentos dele e não estava conseguindo, mas a tentativa era admirável.

– Eu acho lindo o modo como a crina deste ondula na brisa. Bem majestoso. – Ela inclinou a cabeça para o lado. – São ranúnculos na campina?

Ele não conseguiu mais se segurar... e riu. A sensação de rir naquele quarto foi muito boa. Aquele era um lugar que ele tinha planejado encher de sorrisos e risadas, mas Deus tinha rasgado em pedaços seus planos tão cuidadosos.

– Os pôneis são ridículos – ele admitiu. – O artista que os pintou era especialista em retratos de cavalos de corrida árabes. O patrono dele tinha uma dívida de jogo comigo, então eu contratei os serviços do pintor para este quarto. E ele se deixou levar.

– E o que você faz aqui? – ela perguntou.

– Não muita coisa. Ele nunca foi terminado, como pode ver. – Griff acenou para a parede em branco. – A decoração não foi feita para me agradar, mas sim para agradar ao gosto feminino.

– Ah, entendo. – A expressão dela ficou séria. – Então você planejava trazer uma mulher para sua casa. Para seus aposentos. Uma mulher que gosta de arco-íris e pôneis.

Ele gostou do tom claro de ciúme na voz dela, e poderia ter se divertido com isso um pouco, se a verdade fosse diferente.

– Não uma mulher, Pauline. Uma garotinha. – Um nó se formou na garganta dele e Griff o limpou com um pigarro impaciente. – Minha garotinha.

Pauline o observou com atenção, tentando encontrar algum sinal de brincadeira, mas não encontrou nenhum.

– Você tem uma filha? – ela perguntou.

– Não. Sim.

– Sim ou não?

– Eu... *tinha* uma filha. Ela morreu na infância.

Pauline ficou sem ar. Ela sempre soube que algo o assombrava, mas nunca teria imaginado isso. Ele tinha perdido uma criança? No outro dia, no Hospital dos Abandonados... é claro que a atmosfera o abalou. Não é de admirar que ele queria ir embora. E então, ter aquele bebê colocado em seus braços... Pobre homem. Como aquilo deve tê-lo sufocado. Pauline se sentiu tão insensível por não perceber.

– Oh, Griff. Sinto muito. Muito mesmo.

– Essas coisas acontecem. – Ele deu de ombros.

– Sim, mas não quer dizer que sejam menos tristes.

Ela quis se aproximar dele, mas quando deu um passo em sua direção, ele começou a andar pelo quarto, evasivo.

– De qualquer modo, é por isso que o quarto nunca foi terminado. – Griff caminhava, observando as paredes, e parou junto à janela. – Não cheguei a instalar as grades. Não foi necessário.

– Sua mãe não sabe de nada?

Ele meneou a cabeça.

– Ela estava no interior, nessa época. Eu mantive este quarto trancado desde que... bem, desde que passou a não ter mais utilidade.

– Você precisa contar a verdade para sua mãe. A duquesa notou que algo está acontecendo aqui. Ela pensa que você está sacrificando gatinhos ou realizando fantasias perversas.

Ele riu.

– Não é de admirar que você tenha ficado tão chocada com as pinturas. Não consigo imaginar o que pensou.

– E eu não quero admitir o que pensei. – Ela deu outra olhada no quarto. – Então a mãe da sua garotinha era...

– Minha amante – ele confirmou. – Ex-amante.

Ex-amante. Por mais que tentasse, Pauline não conseguiu expressar sua tristeza com essa parte.

– Você a amava?

– Não, não. Era apenas algo físico. – Ele passou a mão pelo cabelo. – Ela era cantora de ópera e nós... É vergonhoso, eu sei. Mas é muito fácil, para homens na minha posição social, fazerem esse tipo de arranjo. É o costume.

– Você não precisa de desculpas, Griff – ela disse. – Não para mim.

– Se eu tivesse alguma desculpa, seria, em primeiro lugar, para você. Mas não tenho. Nós não éramos próximos. Eu a vi cada vez menos com o passar do tempo e estava a ponto de terminar com ela de uma vez por todas. Foi quando me disse que estava grávida.

– Você ficou feliz?

– Eu fiquei furioso. Sempre tomei tanto cuidado, e ela me garantia que também tomava. – Ele voltou a andar pelo quarto. – Mas aceitei minha responsabilidade. Eu a coloquei em uma casa no interior, perto daqui, onde ela poderia ficar durante a gravidez. Providenciei uma empregada e uma parteira, e

reservei dinheiro para cuidar da criança. Porque é isso que homens da minha posição fazem quando engravidam a amante.

– É o costume – ela completou.

Ele concordou com a cabeça.

– Eu fui visitá-la na casa nova para ver se estava bem instalada e lhe garantir que iria sustentá-la. E quando eu estava para ir embora, ela agarrou minha mão... – Ele olhou para a parede vazia, como se a lembrança distante estivesse pintada ali. – Só isso já foi um choque, porque nós nunca demos as mãos. Mas, de qualquer modo, ela segurou minha mão e a colocou em sua barriga. – Ele estendeu a mão espalmada, demonstrando. – E a criança... *minha* filha... me deu um chute.

Lentamente, ele levou aquela mão ao peito.

– Tão forte. Uma vida tão pequena, uma vida que eu ajudei a criar, declarando-se em termos tão intensos, ainda que silenciosos. Eu juro, aquele chute abriu meu coração. Fez com que eu passasse dias emocionado.

Pauline sorriu para si mesma.

– Depois disso, não consegui ficar longe, eu voltava todo dia. Visitei-a mais do que quando ela estava em Londres, só para pôr minhas mãos na barriga dela. Você sabia que bebês podem soluçar, ainda no útero?

Pauline negou com a cabeça.

– Eu também não. Mas eles podem. Eu ficava encantado com cada movimento. Nem consigo explicar. Pela primeira vez na vida eu estava...

Estava se apaixonando, ela concluiu em pensamento. Porque ele nunca diria isso em voz alta, mas a verdade era evidente. Ele tinha se apaixonado perdidamente pela filha e pela ideia de ser pai. A alegria maluca daquilo estava escrita no rosto dele – e nas paredes divertidas daquele quarto.

– A família dela estava na Áustria. Com a guerra terminada, afinal, ela queria voltar para casa, mas achava que não a aceitariam com uma filha ilegítima. Então me pediu para encontrar uma família para adotar a criança, e eu disse que não.

– Não?

– Eu decidi que eu mesmo criaria minha filha. Na minha casa, com meu nome.

Pauline olhou para ele, admirada. Um duque criando um filho bastardo em sua própria casa, com o nome de sua família... isso seria extraordinário. E esse, com toda certeza, *não* era o costume.

– Foi quando eu desocupei este quarto e trouxe o artista. – Ele parou no centro do quarto e olhou para o teto. – Eu sei que geralmente os berçários ficam em quartos no sótão, mas não gostei dessa ideia. Eu a queria perto de mim.

Griff encarou a única parede em branco do quarto durante vários segundos.

– Eu não tive chance de trazê-la. Ela teve febre na primeira semana. Já faz meses. Eu deveria repintar tudo, mas não encontro disposição para isso.

– E ninguém sabe da sua perda? Nem mesmo seus amigos?

Ele negou com a cabeça.

Ela sentiu um aperto no coração por ele. Era natural que Griff tivesse se recolhido nos últimos meses. Estava de luto. E o pior, sozinho. A duquesa pensava que ele relutava em ter filhos, mas a verdade era o oposto disso. Ele esteve pronto para receber a filha de coração aberto, e então todos os seus sonhos foram desfeitos.

Ela teve vontade de levá-lo para a cama e abraçá-lo durante dias e dias.

– Como você vê – ele disse –, eu não preciso de uma mulher para me ensinar o que é o amor, para me fazer querer ser um homem melhor. Eu já encontrei essa garota. Ela tinha este tamanho – ele afastou uma mão da outra, cerca de trinta centímetros –, pouco cabelo e nenhum dente. Ela me ensinou exatamente o que poderia me dar a verdadeira felicidade nesta vida, e me ensinou também que eu nunca poderei tê-la.

– Mas isso não é verdade. Com o tempo você...

– Não. Eu não posso. Você não entende. Meu pai era filho único. Minha mãe teve três filhos depois de mim. Nenhum sobreviveu mais do que uma semana. Eu era pequeno, mas lembro da casa toda de luto. Foi por isso que demorei até a tentar começar uma família, até surgir a questão do herdeiro – exatamente porque sou o último da linhagem. Todas essas gerações tendo dificuldade para ter filhos não melhoraram minhas chances. Mas então, quando eu senti aquele chute, tão frágil e poderoso... tive esperança de que as coisas pudessem ser diferentes.

Ela foi até o lado dele e tocou seu braço. Griff firmou o maxilar.

– Não posso passar por isso de novo. A linhagem Halford termina comigo.

– Você parece muito decidido.

– E estou. – Ele passou os olhos pelo quarto. – Espero que você não conte a ninguém sobre isso.

Pauline sabia que ele não estava preocupado com “ninguém”. Ele não queria que a mãe soubesse.

– Eu lhe dou minha palavra, não vou contar para ela. Mas acho que você deveria.

– Não – ele disse com firmeza. – Ela não pode saber disso. Nunca. Estou falando sério, Pauline. Esse é o motivo pelo qual...

– O motivo pelo qual você me trouxe aqui. Eu sei. Estou vendo.

Ela entendeu, afinal. Ele não era um libertino devasso, relutante em casar. Estava decidido que não podia casar e não sabia como contar o porquê. A duquesa estava tão desesperada para ter netos que ele não conseguia contar que ela já *teve* uma neta e a perdeu, e agora nunca teria outra. Ele sabia que isso partiria o coração da mãe.

Griff tinha mantido seu luto em segredo, corajosamente determinado a aguentar sozinho toda a tristeza.

– Griff, você não precisa passar por isso sozinho. Se não quer contar para a duquesa, pelo menos converse comigo. Estarei aqui por mais alguns dias.

– Não foi o que eu acabei de fazer? Conversar com você?

Na verdade, não.

Durante toda a conversa, o tom dele foi calmo, assombrosamente prático. Ela sabia que era só uma fachada. Ele não tinha conseguido externar toda sua tristeza. Não era possível fazer isso em um quarto frio e secreto. Ele precisava falar, gritar, chorar, lembrar. Precisava de um amigo.

– Você tem reprimido toda sua tristeza há meses e meses. Pode tentar mantê-la em segredo, mas não fingir que não existe. Até que você decida abrir seu coração, arejá-lo... o sol não poderá entrar. – Ela pegou a mão dele. – Você não quer me contar mais sobre ela? Se puxou mais à sua família ou à da mãe? Ela sorriu para você? Qual era o nome dela?

Ele permaneceu em silêncio.

– Você deve tê-la amado muito.

Ele pigarreou e se afastou.

– É melhor você ir. Os criados logo vão aparecer para acender as lareiras.

Então seria assim... Por mais que eles tivessem se aproximado, por mais que tivessem compartilhado muitas coisas... ainda não era o bastante.

Ela concordou, então se dirigiu à saída do quarto.

– Como quiser.

Capítulo vinte

– Bom Senhor. Este é o pior de todos.

No dia seguinte, na sala matinal, Sua Graça estava muito descontente.

– Deixe-me ver. – Pauline se inclinou para frente, na cadeira listrada de amarelo.

A duquesa levantou as agulhas de tricô. Em uma delas estava pendurada uma coisa disforme sem nenhuma função concebível. Aquilo não parecia nada além de uma ratazana morta.

– É bastante horrendo – Pauline teve que admitir.

– Errado. É completamente horrend*o*. – A duquesa estalou a língua. – *Horrendo*. Precisa voltar aos seus exercícios de dicção, garota. Fizemos grandes progressos, mas você precisa parar de comer o fim das palavras até a noite de amanhã. Afinal, nós não vamos nos curvar perante "Su Altez Real", não é?

– Eu não deveria nem me aproximar do Príncipe Regente.

Só de pensar nisso, Pauline sentia seu estômago revirar. Haveria um baile na Casa Carlton, residência do Príncipe Regente, amanhã. A duquesa encarou o convite como a última e melhor chance de Pauline "acontecer" na Sociedade londrina.

– Mesmo se eu conseguir pronunciar todas as palavras direito, meu lugar não é em um castelo. Vossa Graça, eu gostaria que desistisse da ideia.

– Não vou desistir de nada. É nossa última chance, depois da noite passada.

Quando Pauline apareceu para o café da manhã sem a presença de Griff, a duquesa concluiu que suas esperanças na festa de Vauxhall tinham sido em vão. Embora suas suposições quanto ao que tinha acontecido pudessem estar erradas, ela acertou no resultado final.

– Não diga que eu não lhe avisei – Pauline disse. – Eu já lhe disse e repito, ele não vai casar comigo.

– Talvez não por vontade própria. – A duquesa voltou ao seu lugar e recomeçou a tricotar furiosamente. – Mas ele vai ser obrigado a pedir sua mão

amanhã. Esse foi o acordo. Se eu fizer de você o assunto de Londres, ele prometeu se casar.

Pauline meneou a cabeça.

– Vossa Graça precisa aceitar a realidade. Isso não é possível.

– Mas é. Eu sei que parece improvável, mas esse é o momento de fazermos um esforço para uma conclusão triunfante. Dicção pela manhã. E um professor de dança vem à tarde. Vamos praticar sua mesura e seus cumprimentos, também. Comprei um carrilhão encantador para substituir suas taças de água. E, é claro, encomendamos o mais belo vestido que havia. Não vou me render. – Ela mostrou o tricô horrendo. – Não posso.

Com um suspiro resignado, Pauline abriu a Bíblia.

– Sagrad*a* – ela leu em voz alta. – Abençoad*o.* Todo-poderos*o*.

Com o canto do olho, ela notou uma figura familiar entrando na sala.

– Oh, inferno.

Griff. Tantos impulsos a tomaram. Ela queria voar até ele, abraçá-lo, sacudi-lo, beijá-lo, derrubá-lo no tapete. Não sabia nem como olhar para ele sem revelar tudo. Mas ela não precisava se preocupar, a duquesa ficou muito assustada para reparar na reação de Pauline.

A mulher se colocou de pé num salto. Aquela ratazana cinza horrenda continuava pendurada nas agulhas de tricô, e ela não tinha onde escondê-la.

O duque franziu a testa para a mãe, depois baixou os olhos para o tricô.

– O que diabos é *isso*?

Uma pergunta muito boa – que, Pauline esperava, a duquesa finalmente respondesse com sinceridade.

– Isto? – a duquesa perguntou.

– Sim. Isso.

– Vou lhe dizer exatamente o que é. – Ela levantou o queixo e se virou para Pauline. – É um trabalho manual indesculpavelmente ruim. Muito ruim mesmo, Srta. Simms. Eu esperava mais de você! – Ela jogou o bolo inteiro de lã dentro do fogareiro.

Pauline revirou os olhos e se voltou para a Bíblia.

– Hipócrit*a* – ela pronunciou com dicção perfeita.

Ignorando-a, a duquesa alisou o vestido com as mãos.

– Bem, o que você quer? – ela perguntou ao filho.

– Eu preciso lhe contar uma coisa.

O peito de Pauline se encheu de esperança. Talvez ele tivesse mudado de

ideia, ao entender o benefício de revelar seus segredos dolorosos e aliviar assim o coração. Ela levantou o rosto da Bíblia e deu um olhar encorajador para ele. *Por favor. Você vai se sentir tão mais leve.*

Mas ele nem se virou para ela.

– Eu mandei suas ametistas para o joalheiro consertar – ele disse, calmo, para a mãe. – O fecho quebrou enquanto a Srta. Simms estava usando, noite passada.

Pauline soltou a respiração, frustrada. Lá se ia a esperança de sinceridade.

A duquesa apertou os olhos, que se transformaram em duas fendas de desconfiança.

– Quebrou?

– Sim. – Ele virou um botão no punho do casaco. A calma ducal estava em ótima forma nesta manhã. – Você o terá de volta em alguns dias.

Claro que sim, Pauline pensou. Tão logo o joalheiro tivesse tempo de recriar a peça inteira, nos mínimos detalhes, para que a duquesa não percebesse nenhuma diferença. Todo aquele esforço era absurdo. Por que ele não contava de uma vez que as joias tinham sido roubadas? Pauline se sentiria muito melhor.

– Você tem certeza de que o colar pode ser consertado? – a duquesa perguntou. – Não era melhor eu dar uma olhada?

– Não precisa. É apenas um pequeno conserto no fecho.

– Pecad*o* – Pauline exclamou.

Quando o duque e a duquesa viraram os olhos curiosos para ela, Pauline apontou um dedo para a Bíblia e acrescentou:

– Alelui*a*.

Por que ninguém naquela família conseguia conversar? Durante toda a temporada eles moraram na mesma casa, jantaram na mesma mesa... mantendo todos aqueles segredos. A duquesa estava desesperada para reconfortar alguém. Enquanto isso, seu próprio filho precisava de uma boa dose de conforto. Pauline foi pega no meio disso, tornando-se confidente de todos, mas obrigada, por eles, a jurar segredo. Aquilo era um sofrimento.

Eles eram privilegiados de tantas formas – ricos, poderosos, admirados por seus pares. Mas, principalmente, eles tinham muita sorte apenas por terem um ao outro. A única coisa que atrapalhava era aquela fleuma aristocrática.

– Loro*t*a – ela murmurou.

Griff estalou os dedos para ela.

– Versículo.

– Hein?

– Capítulo e versículo. – Ele esticou o pescoço, olhando por cima do ombro dela. – Eu gostaria de saber onde, exatamente, na carta de São Paulo aos Efésios, ele usa a palavra “lorota”.

Ela se virou na cadeira, escondendo a Bíblia dele.

– Está anotada na margem. – Ele não era o único que sabia desconversar.

– Alguém escreveu na Bíblia da família?! – A duquesa arqueou uma sobrancelha para Griff.

– O quê?! – ele exclamou. – Não fui eu. Você sabe que eu nunca leio isso.

– Humpf. – A duquesa tocou a sineta e, quando a criada apareceu, instruiu-a a trazer todos os empregados até a sala matinal.

Depois que todos estavam alinhados em uma fila perfeita, de Higgs, o mordomo, até Margaret, a copeira, Sua Graça se dirigiu a eles.

– Alguém vandalizou as Sagradas Escrituras. Que o vândalo se apresente.

Ninguém se manifestou, claro. Então Pauline falou:

– Eu inventei isso – ela disse, levantando-se da cadeira. – E tem mais uma coisa que Vossa Graça deveria saber. O duque está escondendo algo de você.

A sala ficou em silêncio absoluto, e o olhar que Griff deu para ela... oh, gelou-a até a medula. Ele a encarou de forma dura, transbordando raiva e ressentimento. *Não ouse,* dizia o olhar.

Ela soube, naquele instante, que se quebrasse sua promessa e revelasse a verdade da filha dele, Griff jamais a perdoaria. Não faria diferença o fato de ele gostar dela, nem o prazer que sentiram na noite passada. Ele a removeria por completo de sua vida, mesmo que a sensação fosse de amputar um braço.

Ela engoliu em seco.

– As ametistas – ela sussurrou. – O duque foi bondoso ao tentar me proteger, mas ele não está contando toda a verdade, Vossa Graça. O fecho não quebrou sozinho, um ladrão arrancou o colar do meu pescoço.

Os criados reunidos soltaram uma exclamação.

– Oh, Srta. Simms – disse a governanta. – Você se machucou?

– Não – ela os tranquilizou, grata pela preocupação que manifestaram. – Não, eu estou bem. Mas minha reputação sofreu um tanto. Eu corri atrás do ladrão, esbravejando palavrões através dos pavilhões de Vauxhall. E o colar foi perdido. – Ela se virou para a duquesa. – Sinto muito, Vossa Graça. Mas me sinto muito melhor contando a verdade. Como é costume dizer, a confissão faz bem para a alma. Enquanto estamos reunidos aqui, talvez haja outros segredos pesando em

nossas almas, questões que precisam ser contempladas pelo ar fresco e luz do sol.

Ela olhou de Griff para a duquesa, e de volta para ele. *Pelo amor de Deus, falem um com o outro.*

– Você está certa – alguém disse. – A Srta. Simms tem razão. Eu fiz algo errado e preciso confessar.

No canto, a cozinheira retorcia o avental. Lágrimas corriam por suas faces enfarinhadas.

– Mês passado, Sua Graça pediu linguado para o jantar. Bem, eu procurei em todo o mercado e ninguém tinha linguado para vender. – Ela escondeu o rosto no avental. – Então, eu lhe servi bacalhau fresco. *Bacalhau*. E temperei bastante, para que ninguém percebesse a diferença. Mas tenho me sentido péssima desde então.

Pauline foi até a mulher que chorava e lhe deu tapinhas nas costas, dizendo:

– Pronto, pronto. Estou certa de que Sua Graça a perdoará.

– Eu deixei uma brasa cair no tapete da sala de estar – soltou uma das criadas. – Fez um furo.

– Mas você não se sente melhor agora, por ter contado a verdade? – Pauline perguntou.

A criada fungou e levantou a cabeça.

– Sim, Srta. Simms. De verdade. É como se um peso tivesse sido tirado de mim.

– Fico tão feliz. Ninguém deveria viver sob o fardo de segredos.

A jovem Margaret falou, ansiosa por participar:

– Eu vi Lawrence na copa, se divertindo com uma criada!

A duquesa endireitou as costas.

– *Lawrence!*

O criado em questão empalideceu. A duquesa se dirigiu, severa, às criadas.

– Qual de vocês fez parte disso? Apresente-se agora.

Três delas deram um passo à frente ao mesmo tempo. Quando viram que não estavam sozinhas, todas se voltaram para Lawrence, dirigindo-lhe olhares assassinos.

Sentindo-se o foco da raiva delas, Lawrence se remexeu.

– Eu... eu... – Ele empinou o queixo. – Higgs usa espartilho!

Se ele queria desviar a atenção de si, deu certo. Pauline pôde ver sobrancelhas arqueadas de surpresa em toda a sala. Pobre Higgs. Suas bochechas ficaram

vermelhas como beterrabas.

– Não é espartilho de *mulher.* Um mordomo precisa ter uma figura respeitável.

Durante um momento longo e constrangedor, ninguém disse nada. Até que...

– Eu não sou francesa.

Isso veio de Fleur.

– O quê?! – a duquesa exclamou. – Impossível.

– Não sou. Eu n-não sou – a camareira da duquesa fez sua confissão em um inglês hesitante e mal pronunciado. Seu sotaque era ainda mais vulgar do que o de Pauline, e ela ainda gaguejava. – Eu sabia que n-nunca c-conseguiria emprego de c-camareira falando deste modo. E-então eu d-disse que era francesa para não ter que conversar. Meu n-nome verdadeiro é F-Flora. Perdão, Vossa Graça. Vou f-fazer minhas malas.

Ela saiu da sala em lágrimas e a duquesa foi atrás dela.

– Fleur... ou, Flora... Quem quer que você seja, espere!

Assim que elas saíram, um silêncio perplexo tomou conta da sala matinal.

Griff juntou as mãos.

– Bem, muito obrigado, Srta. Simms. Esta foi uma manhã esclarecedora.

Pauline levou a mão à cabeça. Oh, Deus.

A campainha tocou, mas ninguém se mexeu.

– Tive uma ideia – Griff disse. – Por que *eu* não atendo a porta?

Higgs chacoalhou a cabeça e entrou em ação.

– Vossa Graça, permita-me.

Griff levantou a mão.

– Não, não. Eu confesso que há muito tempo tinha um desejo profundo, secreto, de atender minha própria porta.

Quando ele saiu da sala, Pauline correu atrás dele.

– Sinto muito. Eu não fazia ideia de que iria acontecer tudo isso. Mas você não vê? Esta casa é cheia de segredos que estão fazendo todos infelizes. E você, mais que ninguém, precisa revelar o que lhe causa tormenta, precisa abrir o coração.

– A única coisa que vou abrir agora é a porta da frente. – Ele andou até a entrada e puxou a maçaneta da porta. Quando viu os visitantes do lado de fora, murmurou: – Maravilha. Era tudo que esta manhã precisava.

Pauline congelou, sem acreditar. Junto à entrada havia não apenas uma, mas duas pessoas conhecidas: Srta. Minerva Highwood, uma lady que ela conheceu em Spindle Cove, e o marido da Srta. Minerva, Colin Sandhurst, o Lorde Payne.

– Eu sabia! – disse Minerva, empurrando o duque de lado para dar um abraço desesperado em Pauline. – Não tema, Pauline. Nós viemos salvá-la.

Tendo aberto a porta, Griff aceitou o dever de fechá-la. Mas se arrependeu em seguida, ao sentir que o casal estava do lado errado.

– Faz muito tempo, Halford. – Payne lhe ofereceu a mão e um sorriso amistoso.

Não tempo suficiente. A ausência poderia ter durado mais uma ou duas semanas.

Lady Payne o encarou, os olhos dela ardiam, violentos, por trás dos óculos.

– Seu trilobita asqueroso!

Encantadora. E Griff ainda se perguntava o que Payne teria visto nessa garota.

– Se eu não tivesse deixado minha bolsa em casa... – ela disse, ameaçadora.

Ele não fazia ideia do que aquilo significava, mas imaginou que não era uma conversa apropriada para se ter no hall de entrada.

Griff os conduziu até o escritório – uma sala que, ele acreditava, não estaria ocupada por uma criada aos prantos. Tocar a sineta para pedir chá pareceu inútil, então serviu conhaque para Payne e ofereceu licor para as mulheres. Mais um episódio das aventuras de autossuficiência daquele dia.

– Pauline, o que aconteceu? – perguntou a agitada esposa de Payne. – O que ele fez com você?

– Minha lady, ele apenas me ofereceu um emprego. Estou trabalhando como dama de companhia da duquesa.

– Oh, mesmo? – a voz de Lady Payne soou carregada de ceticismo. – E onde está a duquesa agora?

– Ela está no andar de cima – Griff disse. – Lidando com uma pequena crise entre os criados desta casa.

– Então – Lady Payne bufou –, os empregados desta casa estão infelizes... – Ela olhou de Pauline para Griff e vice-versa. – E eu devo acreditar que nada de impróprio aconteceu entre vocês.

– Você deve acreditar que não é da sua conta – Griff respondeu. – Por que está tão desconfiada de mim?

– Eu não *desconfio*. Minha repulsa a você é formada por ampla evidência. Eu estive naquele horrendo “palácio dos prazeres” que você mantém. – Ela se virou para Pauline. – Você sabia que ele possui um antro de perversidades no interior?

– Não, minha lady. – Pauline negou com a cabeça. – Eu não teria por que saber disso.

Griff franziu a testa. Por que ela tinha se tornado tão dócil e colaborativa de repente? Aquela não era a mesma Pauline que ele conhecia. Com certeza não era a Pauline que se deitou sobre ele e passou a língua por cada centímetro do seu peito.

– Chama-se Winterset Grange. Eu estive lá, no ano passado – a inquisidora de óculos prosseguiu, falando com Pauline. – Colin e eu passamos a noite lá, em nossa viagem até a Escócia. Oh, foi revoltante. – Ela estremeceu.

– Não tão revoltante a ponto de você recusar minha hospitalidade – Griff disse, encostando-se na escrivaninha e cruzando os braços. – E, se me perdoa por dizer, Lady Payne, não tenho certeza de que você tenha moral o bastante para falar dessa história em particular.

– O que quer dizer?!

– A senhora mesma admitiu que fugiu da sua família com um libertino escandaloso. E, posso acrescentar, mentiu na minha cara quanto à sua identidade. Acontece que eu me lembro de Payne tê-la apresentado como Melissande, um tipo de princesa alpina há muito desaparecida, além de assassina fria, que não falava uma palavra de inglês. Uma princesa exilada e assassina fria. E *você* me chama de depravado?

Ela se endireitou, indignada.

– Você fez insinuações impróprias quanto a mim. E sugeriu que Colin apostasse meus favores em um jogo de cartas. O que me diz sobre isso?

Ele abriu os braços.

– Princesa. Assassina. Fria.

Ela o fuzilou com os olhos.

– Admito que a cena que encontrou na minha propriedade era de depravação. Só estou dizendo que você não era exatamente uma santa na cova do leão. Não é concebível que todos nós tenhamos mudado nesse ano que se passou?

– As pessoas não mudam *tanto* assim – ela disse. – Não no que é essencial.

– Bem, é aí que você está errada – ele respondeu, irritado. – No essencial.

Griff andou até a janela. Aquela conversa o estava deixando bravo e um pouco temeroso. Fazia um ano que ele não se envolvia em nada parecido com o que Lady Payne tinha descrito. Seu coração e sua vida tinham mudado em sua essência. E ninguém testemunhou. Nem mesmo Payne, que um dia Griff pensou ser seu amigo mais íntimo. Nem mesmo sua mãe. A Sociedade ainda o ligava à

devassidão opulenta, e essa suposição mancharia o modo como perceberiam qualquer um ligado a ele, incluindo Pauline.

Então esse era o preço a se pagar por uma juventude desregrada. No outono passado, ele não queria outra coisa a não ser dar uma vida respeitável a sua filha. Talvez fosse melhor que ela não tivesse sobrevivido, para não ter que sentir o peso do fracasso do pai. Ela teria vergonha de ser filha dele.

Griff tomou um grande gole de conhaque, sentindo-o queimar a garganta toda. Payne se aproximou dele e falou em tom de confidência:

– Escute, Halford. Minha mulher pode ser superprotetora, mas não estamos aqui para repreendê-lo pelas escolhas que faz na vida, só estamos preocupados com Pauline. Eu passei muitas noites sombrias na taverna daquela vila. Não é exagero dizer que o sorriso amistoso de Pauline e sua rapidez em encher meu copo salvaram minha vida uma ou duas vezes. Ela é uma garota doce, com boas intenções.

Griff conteve uma imprecação.

– Você não a conhece. Nunca perdeu tempo para saber nada sobre ela.

– Eu sei qual é a situação da família da Srta. Simms. E sei que ela não tem ninguém para cuidar dela.

– Agora tem – Griff disse. As palavras vieram de suas vísceras.

Payne arqueou as sobrancelhas, parecendo entender a situação.

– Oh, tem mesmo?

– Sim.

– E você tem certeza de que é isso que ela quer?

– Ela é uma mulher adulta e inteligente, capaz de tomar suas próprias decisões. Pergunte a ela. – Com um suspiro aborrecido, Griff se distanciou de Payne. – Srta. Simms, se está preocupada com minha história pessoal ou infeliz com os termos do nosso acordo – se gostaria de ir embora desta casa por qualquer razão –, eu posso assinar um cheque neste momento, e poderá ir embora com Lorde e Lady Payne.

O olhar dela foi de Griff até os visitantes e voltou para ele. Como se ela estivesse pensando muito na proposta. Bom Deus. Talvez ela quisesse mesmo ir embora.

– Então? – ele insistiu, um pouco mais rude dessa vez. – Você quer ir?

Capítulo vinte e um

Pauline desejou que tivesse a força para dizer “sim”. Seria a saída mais fácil. Ela e Griff acabariam tendo que se separar, e a separação só seria mais dolorosa. Mas ela não podia ir embora nesta manhã... Porque ela o amava... Ela o *amava*, e ainda não estava pronta para deixá-lo.

– Não, Vossa Graça – ela disse. – Eu quero ficar.

– Muito bem, então. – Ele se virou para Minerva. – Imagino que esteja satisfeita.

Lady Payne não respondeu, apenas se aproximou de Pauline e colocou um papel quadrado na mão da moça.

– Este é nosso cartão de visita. Escrevi nosso endereço no verso, e também o de Lady Rycliff. Se precisar de algo – qualquer coisa –, pode nos procurar. Dia e noite, está me entendendo?

Pauline concordou.

– Vocês dois são muito bons. Sou grata por sua preocupação.

Mesmo que não precisasse deles, era bom saber que se importavam com ela.

Griff acompanhou-os até a porta. Quando voltou, ele estava espumando.

– O que foi isso? – ele perguntou.

– Não sei. Eles parecem ter tido uma ideia errada sobre nós.

– Bem, você não se apressou em corrigi-los. Você mal falou, a não ser por todos os “Vossa Graça isso”, “meu lorde e minha lady aquilo”.

Ele estava bravo com ela?

– O que mais eu deveria dizer? Ele é um lorde e ela é uma lady. E você é um duque.

– Mas em inteligência e personalidade, você é igual a todos os presentes. Por que foi tão apática com eles, quando não é outra coisa que não impertinente comigo?

– É diferente com você... *Tudo* é diferente com você. Mas não pode pôr toda a culpa disso em mim. Você também permaneceu bem distante. Não se apressou a dizer a eles que estamos tendo um *caso* profundamente passional.

Ele acenou para a porta.

– Porque eu sabia como eles receberiam essa notícia.

– Exatamente. Do mesmo modo com que todos receberiam. Como uma impossibilidade, no melhor dos casos. No pior, como algo vergonhoso e sórdido.

Pauline entendia por que ele estava irritado. Ela se sentia do mesmo modo. As pessoas que tinham acabado de visitá-los eram a coisa mais próxima de "amigos em comum" que eles possuíam, e se *eles* não podiam acreditar em um relacionamento entre Griff e ela, então era um caso perdido. Ninguém os aceitaria juntos. Ninguém.

Ela suspirou. Não devia ser uma surpresa. Não importava o que os poemas diziam. Não existia outra Inglaterra, nem outra Londres com sua Torre. Havia apenas o mundo em que eles viviam, intransigente em questões de classe social.

– Existem 33 degraus de diferença entre uma criada e uma duquesa – ela disse em voz baixa. – Você sabia disso? O gráfico ocupa três páginas de *A sabedoria da Sra. Worthington para Jovens.* Eu decorei a coisa toda. Duquesas estão bem no topo, depois da rainha e das princesas, é claro. A ordem decrescente é: duquesas, marquesas, condessas...

Enquanto recitava os títulos, ela os ia contando nos dedos.

– ...então as esposas dos filhos mais velhos dos marqueses, as esposas dos filhos mais jovens de duques. Então vêm as filhas. Filhas de duques, marqueses. Depois, as viscondessas, então as mulheres dos filhos mais velhos dos condes. Filhas dos condes...

– Pauline.

– ...já são dez degraus, e ainda nem cheguei nas baronesas. Ou nas ordens de cavalaria e nas patentes militares. Abaixo dessas, existem...

Ele se aproximou dela e virou seu rosto, obrigando-a a encará-lo.

– Pauline.

– Eu nem estou no gráfico! – Ela arregalou os olhos. – Uma garota como eu, Griff... está tão abaixo de você. Quando estamos juntos, nós podemos nos esquecer. Mas ninguém mais esquecerá.

– *Esquecer*? Você acha que eu esqueço quem você é quando estamos juntos?

Ela se remexeu. Ele tinha que esquecer, pelo menos um pouco. Desde o primeiro encontro deles, Griff tinha lhe dado mais atenção e respeito do que

qualquer nobre daria, intencionalmente, a uma atendente de taverna.

– O importante é que nós *temos* que nos lembrar. Caso contrário, a Sociedade irá nos lembrar.

Ele a encarou por um longo momento.

– Talvez você tenha razão. Devemos nos lembrar.

– Fico feliz que concorde.

Ele atravessou a sala e fechou a porta do escritório com a chave. A lingueta deu um estalo ominoso.

– Limpe a escrivaninha, Simms.

– O quê? Não entendo...

– Não discuta – ele a cortou. – Você é uma atendente de taverna e quer que eu me lembre disso. Eu sou o duque aqui, e mandei você limpar a escrivaninha. É isso o que você faz, não? Limpar mesas?

Era isso o que ele estava fazendo, então? Interpretando papéis? O duque libertino e a atendente inapropriada?

Bem... Depois de pensar por dois segundos, Pauline decidiu que podia fazer esse papel. Pegou o tinteiro e o colocou, com cuidado, em uma mesa de canto, onde não viraria. Então passou o braço por cima do tampo da escrivaninha, jogando ao chão borrador, papéis, cera de lacre e outras coisas.

– Pronto.

– Que impertinência.

– Você gosta disso.

Ele puxou a gravata, soltando-a, enquanto atravessava a sala.

– Você precisa aprender qual é o seu lugar.

– Meu lugar é este, Vossa Graça? – Ela se sentou sobre a escrivaninha, balançando as pernas no ar.

– Por enquanto. – Ele sentou na cadeira diante de Pauline, um pé de cada lado das pernas dela, e a fitou com o olhar sombrio, superior.

O momento se esticou até a tensão sexual se tornar palpável. Pauline ficou completamente imóvel, esperando.

– Levante a saia – ele disse.

Bam! As palavras de Griff foram como uma pistola de corrida, porque o pulso dela disparou.

Depois de chutar um sapato, tirou o outro. Os dois caíram no chão. Ela colocou o pé com meia na coxa dele e puxou lentamente para cima a bainha rendada do vestido, revelando a perna até o joelho.

– Assim?

– Mais alto.

Ela arrastou ainda mais a bainha rendada, fazendo-a subir pela coxa. Sua liga apareceu na borda da anágua – uma impertinente fita cor-de-lavanda.

– Mais.

Pauline deslizou o pé até o púbis dele, cobrindo o volume crescente em suas calças. Com movimentos lentos, ela o fez ficar mais duro, esfregando a sola delicada do pé ao longo da ereção longa e firme. Não demorou para que o ar ficasse carregado com o som da respiração forçada dos dois. A fricção suave no sensível arco do pé era uma surpreendente fonte de prazer. E o modo como ele a encarava... sem sentir vergonha de sua violenta excitação, penetrando-a com o olhar intenso, deixou-a ofegante e molhada sem nem mesmo um beijo.

– Mais alto – ele exigiu, segurando o tornozelo dela com a mão firme. – Até a cintura. Mostre-me tudo.

A ordem sensual na voz dele a empolgou. Ela se contorceu na escrivaninha, para conseguir subir a saia, até o ar frio soprar em sua abertura exposta e excitada.

– Isso mesmo – ele disse, sentando-se mais à frente na cadeira. – Isso.

Ele acariciou a perna dela, passando a mão para cima e para baixo na panturrilha coberta por seda. Com o polegar, apertou o lado interno do joelho, e as coxas dela se abriram, como se ele tivesse encontrado um botão secreto.

Griff a agarrou pelos quadris, arrastando-a para a borda da escrivaninha. Então, seus dedos desenharam as dobras úmidas do sexo dela, deslizando pela carne excitada. Que tortura, doce tortura.

– Me possua – ela pediu.

Ele estalou a língua.

– Eu vou fazer o que eu quero. E eu quero prová-la.

Quando Griff baixou a cabeça, ela recuou, interrompendo a cena que eles interpretavam.

– Griff, espere. Ninguém... – Ela lambeu os lábios, nervosa. – Ninguém nunca fez isso comigo.

Ele levantou a cabeça, revelando um sorriso lento e abertamente malicioso.

– Se você pretendia me fazer parar, disse a coisa errada.

Ele a segurou pelos quadris e a puxou para frente, encostando a boca no centro dela. Como prometido, ele a beijou. *Lá.* Tão chocante. Tão excitante.

Ela estremeceu nos braços dele, mas as mãos de Griff em seu corpo pareciam

de ferro. Ele não iria deixar que ela escapasse daquele abraço erótico. Então Pauline se reclinou, impotente, na superfície de mogno, entregando-se ao beijo inescapável. Ela abriu os braços, cobrindo toda a escrivaninha. Todos os papéis e as correspondências estavam no chão. Naquele instante, ela era o trabalho dele. E ele se dedicava por completo a essa tarefa. Com exclusividade. Magistralmente.

A língua de Griff explorava os lugares mais femininos e íntimos de Pauline, com audácia e dedicação. Ela relaxou as coxas, abrindo-se para o beijo dele, confiando que Griff soubesse o que estava fazendo.

E ele sabia. Oh, ele era bom nisso. Um verdadeiro campeão. Ela não tinha como comparar, mas apostaria todas as suas mil libras nisso. Se houvesse uma ordem de cavalaria concedida por proficiência em dar prazer às mulheres, Griff teria recebido o grau máximo.

Ele lambeu sua abertura para cima e para baixo, saboreando-a como se fosse o prato mais delicioso de um banquete real. Quando ele se dedicou àquele feixe de nervos, inchado, no alto do sexo dela, Pauline não pôde evitar de gemer. Então ele a abriu com os polegares, usando a língua para penetrá-la. Moveu a língua para dentro e para fora, imitando a relação sexual em estocadas curtas.

– Griff. – Ela se contorceu sobre a escrivaninha.

Ele não parou para responder, mas reagiu estendendo a mão até o seio dela, apertando-o e acariciando-o através do tecido.

Pauline agarrou a cabeça de Griff, afastando, impaciente, camadas de anáguas para entrelaçar os dedos nos fios escuros do cabelo dele, que agarrou com força. Ela o manteve próximo, mexendo-se de encontro àquela boca quente, molhada e talentosa.

– Isso – ela ofegou. – Por favor, não pare.

Ele não iria parar. Não mostrou nenhum sinal de cansaço. Cada lambida e estocada a levava mais alto. Pauline começou a choramingar, implorando-lhe sem palavras pelo alívio. Ele movia a cabeça para frente e para trás, acariciando sua pérola.

– Oh. *Oh.*

Um espasmo fez com que ela arqueasse as costas sobre a escrivaninha, lançando-a em um clímax intenso, altaneiro. Griff colocou a mão na boca de Pauline, dando-lhe o que ela precisava; algo para morder e abafar seus gritos e gemidos.

Enfim, os tremores do êxtase diminuíram e ele deixou a mão deslizar até o

seio dela novamente. Por vários momentos, ela fitou o teto, em silêncio, enquanto Griff acariciava seus seios e dava beijos preguiçosos em suas coxas. Não havia nenhuma palavra que ela pudesse pronunciar. Nenhuma.

– Você gostou?

– Sim – ela conseguiu dizer. Não havia palavras além dessa. – Sim, sim, sim.

– Você acredita que eu adoro cada centímetro deste corpo macio e delicioso? Você entende que eu prefiro que me furem o rim com um sabre, a deixar que algo de mau lhe aconteça?

Ela concordou, ofegante.

– Ótimo. – A expressão dele ficou sombria. – Porque agora vou lhe ensinar uma lição.

Ele a puxou e colocou de pé, virou-a, e então a debruçou sobre a escrivaninha, dobrando-a na cintura. Ela ficou sem fôlego quando seus seios tocaram a superfície dura do tampo.

Atrás dela, Griff levantou suas saias com movimentos rápidos, pegando todo o tecido pesado do vestido e das anáguas e levantando-o acima dos quadris de Pauline. As mãos dele agarraram seu traseiro e, com o joelho, ele afastou as coxas dela.

– Isso é o que acontece com atendentes de taverna que se esquecem de que estão na presença de um duque. Recebem um lembrete duro.

Ao ouvir a severidade brincalhona na voz dele, Pauline sentiu a pele da parte de dentro de suas coxas arrepiar. Seus mamilos endureceram contra a superfície fria da madeira encerada.

– Fedelha impertinente.

Ele deu um tapa leve no traseiro dela e Pauline soltou uma exclamação que era parte risada, parte excitação. Não houve dor, apenas uma ardência gostosa e sensual.

– Sirigaita atrevida.

Outro tapa delicioso.

Ela sabia que ele não a machucaria – aquilo era uma fantasia para ele. Se ela podia brincar de ser uma mulher sedutora, ele também podia interpretar um papel. Pauline gostou que ele quisesse brincar. Significava que se sentia à vontade com ela.

Griff se dobrou sobre ela, prendendo-a na escrivaninha com o peso do corpo. Ela sentiu a respiração quente dele em seu pescoço.

– Você é uma garota muito danada.

Enquanto ele sussurrava com a voz áspera, carente, sua mão trabalhava entre as pernas dela, massageando o sexo excitado e sensível de Pauline.

– Você gosta disso – ele disse. – Gosta de imaginar que me deixa louco de desejo, até que eu só consiga pensar com meu pau, me esquecendo de quem sou por completo.

– Eu... – a voz dela falhou quando a ponta do dedo dele roçou a pérola dela.

– Responda-me – ele exigiu e enfiou um dedo dentro dela.

– Sim.

– Sim, o quê? – Ele enfiou o dedo mais fundo.

Pauline gemeu.

– Sim, Vossa Graça.

– Saiba disso – ele disse –, eu não me esqueço do meu lugar. E você também não vai esquecer do seu.

Oh, como ela esperava que o lugar dele fosse bem dentro dela. Ela o queria tanto, que teria dito qualquer coisa que o agradasse. Teria chamado Griff por qualquer nome que ele quisesse.

Ele tirou o dedo de dentro dela quase por completo, e então o enfiou de novo.

– Quem sou eu?

– O duque – ela conseguiu dizer.

– E o que você quer de mim? – Ele retirou o dedo, deixando-a ansiando por mais.

– Eu... – Ela se contorceu na escrivaninha. – Eu quero que você me coma.

Ao usar um linguajar tão rude, ela sentiu o pau dele pulsar em sua coxa. Apesar de todas as correções, sabia que seu jeito de falar o excitava. A linguagem representava quem ela era, afinal. Comum. Plebeia.

– Comporte-se. – Ele deu outro tapa no traseiro dela. – Lembre-se de com quem está falando.

– Por favor, Vossa Graça. – A essa altura, Pauline estava desesperada por ele. Ela fez a voz mais sedutora e passional que conseguiu: – Possua esta sua humilde criada, eu imploro.

– Assim é melhor.

Ele levantou o quadril dela e entrou de uma vez, uma investida suave e profunda. O gemido de satisfação dela ecoou o dele.

Ela já estava molhada e pronta há um tempo. Ele não precisava ir devagar. Então não perdeu tempo para estabelecer um ritmo forte, indo cada vez mais fundo.

Pauline agarrou as bordas do tampo da escrivaninha para não ser lançada ao chão. O calor e o tamanho dele a empolgavam. Ele estava alcançando lugares inexplorados dentro dela, mostrando-lhes novas e sensuais facetas de seu corpo. O prazer a consumia.

– Mais forte – ela arfou. – Mais forte, se for do gosto de Vossa Graça.

– Oh, como é! – ele rugiu.

Ele a levantou pela cintura, fazendo os pés dela saírem do tapete, segurando-a enquanto investia mais forte e mais rápido com os quadris. Pauline mordeu a carne macia de seu antebraço para não gritar. Ela estava nos ares, totalmente à mercê dele, que a cavalgava na posição e no ritmo que desejasse. Ele a usava para seu próprio prazer, e usava muito bem.

Então Griff a baixou, até ela colocar os pés no chão, e se dobrou para frente, pairando sobre ela em cima da escrivaninha. As mãos dele cobriram as dela nas bordas do tampo. Ela sentiu uma gota do suor dele cair em seu ombro exposto.

– Quem sou eu? – A voz dele estava tão perto... tão gutural. Os lugares íntimos dela pulsaram como resposta.

– Um duque.

– Que duque?

– O 8º Duque de Halford... Vossa Graça.

O corpo todo de Pauline latejava, pedindo alívio. O membro rijo dele estava tão longo e duro dentro dela... Por que ele tinha parado? Ela movimentou os quadris, tentando fazê-lo voltar a se mexer.

Ele continuou imóvel, firme.

– Os títulos de cortesia. Recite-os também.

Oh, Deus.

– Eu não me lembro.

– Eu lembro. Nunca esqueço de quem eu sou. Nem mesmo quando estou dentro de você, e tão desesperado para gozar que poderia explodir. – Ele contraiu os quadris de novo. – Entendeu?

O duque recomeçou a se mexer. Dessa vez o ritmo estava lento, mas implacável. Ele a penetrava com tanta força que um soluço seco escapava da garganta dela a cada estocada.

– Griff – ela implorou.

A “lição” dele era ao mesmo tempo excitante e devastadora. Quando os dois estavam juntos, a sós, Pauline queria que Griff se esquecesse dos 33 degraus que

existiam entre eles na escada da Sociedade inglesa. Mas ele não conseguia. Nem ela. A verdade nunca desaparecia.

– Eu sou o Duque de Halford – ele disse, penetrando fundo.

Ela fechou os olhos, tentando não chorar. Era tudo demais – a emoção, o prazer... a desesperança.

– Eu sou o Marquês de Westmore.

Estocada.

– Sou também o Conde de Ridingham. Visconde Newthorpe. Lorde Hartford-on-Trent.

Estocada. Estocada. Estocada.

– E também sou seu escravo, Pauline.

Oh, misericórdia.

Ela soluçou para valer dessa vez. Não conseguiu evitar.

Ele parou, inteiramente enterrado dentro dela. Preenchendo-a, levantando-a, moldando-a a seu prazer. Quando se separassem, ela sofreria para sempre com o vazio causado pela ausência dele.

– Está me ouvindo? – a voz dele estava marcada pelo desejo. – Acredita em mim agora? Podem existir mil degraus entre nós. Eu não dou a mínima. Cada gota do sangue azul deste corpo ferve de desejo por você.

Ele passou um braço por baixo do tronco dela, levantando-a ao mesmo tempo em que se erguia, ficando ereto. As costas dela apoiadas no peito dele. Ele a manteve junto a si com aquele braço forte, poderoso, enquanto a outra mão se esgueirou por baixo das anáguas amontoadas até a ponta dos dedos encontrar a pérola dela. Um estremecimento de êxtase agitou Pauline.

– Olhe para mim – ele grunhiu. – Me beije.

Ela fez o que ele pediu, muito feliz, virando a cabeça e esticando o pescoço para encostar os lábios nos dele. A língua dele tomou sua boca, o pau preenchia seu sexo e os dedos acariciavam bem o lugar que ela precisava. Pauline estava envolta por força e adoração.

Ela não queria gozar. Queria que aquilo nunca acabasse. Aquela era a felicidade mais pura que já tinha conhecido. Mas ele era sensual, habilidoso e tão eficiente. Dentro de instantes todo o corpo dela foi sacudido por ondas de prazer.

As investidas dele ficaram mais rápidas, perderam a elegância. De novo, a força retesada naquelas coxas másculas a ergueram do chão. Ele interrompeu o

beijo e enterrou o rosto no cabelo dela. Murmúrios desarticulados, mundanos, choveram no ouvido de Pauline, fazendo seu pulso bater ainda mais forte.

– Eu não me esqueço de quem você é – ele sussurrou. – E é você quem eu quero. E... quero... demais.

Ele saiu de dentro dela, terminando com mais algumas estocadas entre as coxas da amante. O rugido primitivo dele provocou um arrepio de satisfação nela. Então ele a segurou tão apertado que ficou difícil respirar. Mas Pauline não se importou.

– Bem – ele disse, afinal, com a voz rouca. – Espero ter esclarecido.

– Esclareceu.

Griff desabou na poltrona e a puxou para o colo. Eles ficaram jogados ali, enroscados e suados, preenchendo o silêncio com a respiração ofegante. Ele acariciou, preguiçoso, o cabelo de Pauline. E ela encostou o rosto no peito dele.

– Griff, isso foi...

– Eu sei – ele disse. – Eu sei. Foi mesmo. Não tenho receio de dizer que fiquei muito orgulhoso disso.

– E deve ficar mesmo.

O peito dele subiu e desceu com um suspiro profundo de satisfação.

– Minha vontade é de ir até Piccadilly, para esperar que alguém que esteja passando por ali me pergunte, “Tudo bem?”, apenas para que eu possa responder, “Acabei de ter a melhor relação sexual da minha vida, obrigado por perguntar”.

Ela riu, imaginando o diálogo.

– A melhor da sua vida? – Pauline teve que perguntar. – Sério?

– Pelo menos até hoje à noite. – Ele encostou o rosto no pescoço dela. – Pauline. Cada vez com você é a melhor da minha vida.

E quantas vezes mais eles teriam? Muito poucas. Pouquíssimas.

Dingue-dongue... dingue-dongue...

Como se fosse um sinal de que o tempo deles estava acabando, um relógio próximo badalou. Pauline olhou para a mesa de canto. Ela reconheceu o relógio que ele tinha mexido a semana toda.

– Você conseguiu consertar – ela disse.

Ele pôs o dedo sobre os lábios de Pauline e, quando falou, seu hálito aqueceu a orelha dela.

– Observe.

De uma janelinha na frente do relógio, um casal em miniatura apareceu. Um

soldado e uma lady. Em movimentos hesitantes, mecânicos, eles fizeram reverência um para o outro, rodopiaram em uma valsa curta, então se separaram e voltaram para dentro do relógio.

– Oh, que amor!

– Eu adorava ver isso quando era garoto.

Um toque de melancolia embargou a voz dele. Sem dúvida ele esperava que, um dia, seus filhos também gostariam de ver aquilo. Mas ele acreditava que nunca teria alguém com quem compartilhar o sentimento.

Pelo menos Pauline podia compartilhar com ele agora. Ela passou um braço pelas costas dele, abraçando-o apertado, escutando os últimos badalos do relógio e as batidas firmes do coração dele.

– Estava pensando em doar o relógio para o Hospital dos Abandonados – ele disse. – Achei que as crianças na enfermaria se divertiriam com ele.

– Tenho certeza de que sim.

– Muito bem, então. Pedirei para que minha mãe o leve da próxima em vez que for até lá.

Ela se virou, ainda sentada no colo dele, e olhou para cima.

– Tenho uma ideia melhor.

Capítulo vinte e dois

A ideia pode ter sido de Pauline, mas Griff logo assumiu o controle. Aquela visita à instituição não seria no estilo pretensioso e piegas das Ladies Auxiliadoras. Se ele tinha que visitar um lar de abandonados, iria fazê-lo à sua maneira. Como um duque dissoluto. Com autoridade, extravagância e intenção descaradamente má.

A chegada dele não foi anunciada – tanto melhor; as entradas mais dramáticas não costumam ser. Ele conduziu um desfile de criados através do portão, cada um carregado de pequenos tesouros: doces, laranjas, brinquedos, gorros tricotados com competência e, por sugestão de Pauline, livros infantis.

Quando eles chegaram ao pátio central com esse tesouro, o lugar todo já estava em alvoroço, com crianças vestidas de marrom saindo de todas as salas de aula e de todos os dormitórios.

As responsáveis não gostaram disso. Suas expressões, normalmente azedas, atingiram níveis excessivos de severidade – muitas rugas novas surgiriam nesse dia. Mas elas não podiam fazer nada, a menos que desejassem recusar as milhares de libras que ele doava por ano... Como é bom ser duque.

Depois que todas as crianças estavam reunidas, Griff chamou:

– Onde está Hubert Terrapin?

O menino veio para frente. Era fácil encontrá-lo – o menor da fila.

– Hubert, estou designando você como meu intendente – ele anunciou.

– O que isso quer dizer, Vossa Graça?

– Você dever supervisionar a distribuição de tudo isto. É uma responsabilidade e tanto. Acha que consegue?

O garoto se empertigou todo.

– Sim, Vossa Graça.

– Ótimo. O resto de vocês, façam fila. Os mais novos primeiro.

A fila começou a andar em velocidade dolorosamente lenta. Como crianças de boa índole e menosprezadas costumam ser, Hubert foi muito justo em sua divisão, contando com precisão os doces e pedaços de laranja que distribuía.

– Ele é tão zeloso – Griff sussurrou para Pauline. – Vamos ficar aqui até amanhã.

– É lindo, não? Mas isso não me surpreende. Lutar por pouco faz parte da natureza humana. Mas o que uma pessoa faz com a abundância diz bastante a respeito de seu caráter. – Ela pôs um doce na mão de Griff. – Algo para mastigar.

Ele sorriu para si mesmo quando ela se afastou. Parecia que ela tinha encontrado tempo, nessa semana, para lições ducais de sutileza – ou falta dela. Mas Pauline estava enganada se pensava que essas poucas horas de generosidade espontânea eram algum tipo de exercício de benevolência da parte dele. Quer entregasse para caridade ou perdesse na mesa de carteado, separar-se de dinheiro nunca foi problema para ele.

Separar-se dela, por outro lado... Deus, ele ainda nem conseguia pensar nisso. As horas que restavam até a partida inevitável dela estavam contadas. Ele precisava de algo com que se ocupar ou ficaria louco.

– Hubert – ele disse. – Passe-me algumas dessas laranjas. Vou ajudar você.

Algum tempo depois, Griff parabenizou o garoto pelo trabalho bem executado, saiu do pátio coberto de cascas de laranja e foi procurar Pauline. Enfim, a encontrou na enfermaria.

Que cena acolhedora. O relógio que ele tinha consertado ocupava o centro da cornija da lareira. No tapete, diante do fogo, Pauline estava com três pequeninos, amontoados em seu colo como gatinhos, enquanto uma garota mais velha lia para eles um livro de contos de fada.

A ironia rasgou o peito dele e penetrou em seu coração. A cena diante dele – Pauline, crianças, toda aquela doçura, o final de conto de fadas – era tudo que podia querer da vida. E tudo que ele nunca poderia ter.

Não queria ter se apaixonado por ela. Deus sabia que ele tinha feito seu melhor para evitar. Mas era tarde demais. Ele não podia nem mesmo usar seu truque de jovem – convencer-se de que não sentia aquela emoção, fingir que era coisa sem importância. Talvez seu coração jazesse no fundo de um poço escuro e sem fundo, onde conseguiu ignorá-lo durante anos. Mas ele cavou muito enquanto esperava sua filha. E o coração tinha recebido luz.

Ele sabia o que era amar. Era isto. Que Deus o ajudasse.

Griff permaneceu em silêncio à porta, sem querer interromper. Sem saber o

que dizer, se ousasse se manifestar. Era provável que soltasse uma torrente desesperada de súplicas. *Não me deixe, eu te amo, eu não posso viver sem você.* Ele faria as crianças gritar. Elas teriam pesadelos durante semanas.

Então Griff ficou parado ali, contemplando em silêncio a desolação que seria sua vida.

Até que um som estridente o despertou.

Pauline apertou os pequenos junto de si. Beth tinha chegado à parte mais deliciosamente sanguinolenta da história – a parte com o dragão que arrancava corações impuros com sua garra. Mas bem quando a heroína da história se preparava para encarar seu último teste, eles foram interrompidos pelo choro alto e sofrido de um bebê.

– Oh, é aquele menino novo – Beth exclamou. – Sempre chorando. Espero que mandem logo esse bebê para o interior.

– Pobrezinho – Pauline disse. – Eu não sabia que estávamos tão perto do berçário.

– Fica do outro lado do corredor. – Beth virou a página.

Ela levantou os olhos na direção do corredor em questão.

Oh, não. Griff estava parado à porta, um pouco desalinhado e diabolicamente lindo, como sempre. Mas o rosto dele... Oh, estava da cor de papel. Pauline soube, assim que olhou para o rosto dele, que Griff estava sofrendo.

– Preciso ir, meus queridos. Beth vai terminar a história.

Os pequenos se agitaram e choramingaram, puxando as saias dela.

– Você vai voltar, Srta. Simms?

– Receio que não... Retorno para casa amanhã à noite. Eu tenho uma irmã que está com saudade de mim. E eu estou com saudade dela. – Pauline deu um sorriso cauteloso para Griff. – Talvez Sua Graça possa vir visitar vocês outro dia.

– Eu... – ele começou, e o bebê uivou de novo. Griff se encolheu.

– Eu sei – ela disse para ele e se apressou para pegar sua touca e seu xale. – Vamos agora mesmo.

Eles avançaram a passos largos até o portão da frente. Pauline se esforçava para acompanhar o ritmo dele. Sabia que Griff queria ser mais rápido que as próprias emoções, determinado que estava a não ser alcançado pela crise emocional que aqueles gritos tinham iniciado.

Mas ele não conseguiria ficar à frente de suas emoções para sempre. A tristeza acabaria por alcançá-lo, entretanto, Pauline não queria vê-lo deprimido ali. Não com tanta gente em volta.

Ela se apressou na direção da entrada. Mas então, sem dizer palavra, ele virou e passou por uma porta lateral. Pauline mudou de direção e foi atrás dele, e os dois chegaram à rua. O rosto dele carregava a mesma expressão vazia, sem foco, do outro dia – quando ele vagou pelas ruas de Londres durante toda a noite.

– Griff, espere! – ela chamou. – Você não pode me deixar para trás.

– A carruagem está na frente. O cocheiro pode levar você para casa.

– Mas e você?

Ele gesticulou, a esmo, para as ruas anônimas e movimentadas.

– Preciso caminhar por um tempo. Vai passar se eu puder... – a voz dele falhou.

Ela sentiu um aperto no coração. Talvez ele estivesse conseguindo ser mais rápido do que suas emoções há meses. Mas essa era uma corrida que ele iria perder.

– Só me deixe – ele pediu.

– Não – ela disse quando chegaram ao meio-fio. – Não desta vez. Não vou deixar você sozinho.

Com um gesto ágil, Pauline chamou um carro de aluguel.

– Qual é o nome daquela igreja? – ela perguntou ao condutor. – Aquela do outro lado de Londres?

O condutor, todo vestido de preto, virou seu nariz pontudo para ela.

– Está falando de St. Paul?

– Isso. Nós vamos até lá. – Ela entrou na carruagem, sabendo que Griff teria que a acompanhar. Ele não a deixaria ir sozinha.

– Eu não quero ir para a droga de uma igreja. – Ele se deixou cair no assento à frente dela, dobrando as pernas na cabine apertada e escura.

– Eu também não, na verdade. Eu só queria um destino que fosse bem distante. Eu sei que você precisa de um tempo, mas também precisa estar com alg...

Ela mordeu o lábio. Ele não precisava de *alguém*, Griff precisava dela.

– Não vou deixar você sozinho agora – ela disse. – É isso.

Griff puxou uma garrafa prateada do bolso interno do casaco e começou a girar a tampa, mas seus dedos estavam trêmulos demais para isso. Com uma imprecação, ele jogou a garrafa no canto da cabine.

Pauline se inclinou para pegá-la, desenroscou a tampa e entregou a garrafa para ele.

– Pronto.

– Você precisa me deixar sozinho. – As mãos dele formavam punhos sobre os joelhos. – Não estou no controle de mim mesmo. Eu... eu posso ser agressivo.

– Eu me escondo – ela prometeu. Como se ele fosse capaz de machucá-la.

– Acho que vou chorar.

– Eu já estou chorando. – Ela enxugou os olhos com o dorso da mão.

– Eu... – Ele se curvou, apoiando os cotovelos nos joelhos. – Jesus. Acho que vou vomitar.

– Aqui. – Ela estendeu sua touca para ele. – Use isto.

Griff apenas olhou para a peça.

– Sério. É muito feia. Não fará diferença.

Ele a encarou, ferido e sombrio.

– Não vou conseguir fazer com que você me deixe sozinho?

– Não.

– Droga, Simms. – Ele olhou para o lado e levou o punho fechado à boca, como se tentasse conter uma torrente de emoções. Mas ela percebeu que havia rachaduras na represa.

Pauline deslizou para frente no assento até os joelhos dos dois se tocarem.

– Você está em segurança – ela sussurrou. – Neste espaço, comigo... você está em segurança. Qualquer coisa que acontecer nesta carruagem não vai sair daqui. Eu vou para casa amanhã à noite. Ninguém vai ficar sabendo.

Soltando uma imprecação, e com a urgência do desespero, ele estendeu os braços para ela, enlaçando sua cintura e baixando a cabeça sobre as pernas dela. Com as mãos, ele agarrou as dobras do vestido.

Finalmente, com o rosto enterrado nas saias de Pauline, Griff soltou um som. Um uivo sofrido, cortante, de raiva e angústia. Aquilo vinha das entranhas dele e irrompia por todo o corpo. Ela sentiu a força da emoção extravasando, enviando tremores para todas as articulações dele – e dela. Griff a puxou para mais perto, segurando-a apertado.

Cada pelo do corpo dela pareceu eriçar. A pura violência das emoções dele a aterrorizou. Seu instinto foi de se encolher, mas ela dominou o próprio medo.

Pauline pôs uma das mãos nas costas arfantes e a outra no cabelo dele. Embora desejasse acalmá-lo com palavras doces, resistiu ao impulso. Não adiantava ela lhe dizer que o compreendia ou que tudo ficaria bem. Não era

verdade. Ela não tinha como entender a perda dele – a pura agonia que sacudia o corpo de Griff estava além de sua compreensão –, e tudo *não* ficaria bem. Ele tinha perdido alguém que não podia ser substituído, e fazia tempo demais que guardava aquela tristeza.

– Deus. – A voz saiu abafada pelas saias dela. – Maldição. Maldição.

Ela abraçou os ombros trêmulos dele e deu um beijo no alto de sua cabeça, apertando-o o máximo que conseguiu. Eles ficaram assim enquanto a carruagem sacolejava por ruas e bairros que Pauline nunca tinha visto e que jamais visitaria outra vez.

Pauline nunca sonhou que um pai pudesse amar assim seu filho – a criação dela própria não lhe deu nenhum indício nesse sentido. Mas, nesse dia, Griff lhe mostrou a dimensão desse amor. Se alguém pegasse toda esperança esmagada do coração de um pai em luto e a espalhasse pelas ruas, poderia cobrir toda Londres. Quilômetro após quilômetro após quilômetro.

Algum tempo mais tarde, esvaziado de toda aquela emoção reprimida, ele jazia esparramado no assento dela.

– Fale dela – Pauline pediu. – Conte-me tudo.

– Ela era exatamente deste tamanho. – Ele tocou a ponta do dedo mais longo, depois a dobra do cotovelo. – E o cabelinho parecia feito de fios de cobre.

– Ela deve ter puxado isso de você.

– Meu cabelo é moreno.

– Mas quando sua barba está por fazer dá para ver que é ruiva. – Ela passou a ponta dos dedos pelo rosto dele. – Eu notei isso no primeiro dia. Ela também tinha seus belos olhos castanhos?

– Não sei. Eram daquele cinza-azulado dos recém-nascidos, mas a parteira disse que ficariam mais escuros. – Ele esfregou o rosto com a mão. – Ela quase não abria os olhos quando eu a segurava. Acho que nunca me viu.

– Ela sabia que você estava lá. – Pauline pôs a mão no peito dele. – Ela podia sentir os braços fortes que a seguravam. Ela ouviu sua voz. E sentiu seu cheiro. Você tem o cheiro mais maravilhosamente reconfortante que existe. Acho que eu nunca teria saído de Spindle Cove com você se não fosse seu cheiro tão maravilhoso. Ela deve ter ficado de olhos fechados porque se sentia em segurança.

Ele soltou um suspiro doloroso.

– Eu fiquei tão feliz quando soube que era uma menina.

– Mesmo? Sempre pensei que os pais quisessem filhos homens.

O pai de Pauline queria homens. Quando soube que teria filhas, a decepção foi tanta que nunca se recuperou. Ele até mesmo se recusou a lhes dar outros nomes que não os que tinha escolhido para os garotos. Foi só por graça do velho vigário que ela e Daniela não foram batizadas como Paulo e Daniel.

– Eu queria uma garota – ele disse. – Um filho ilegítimo teria sofrido muito. Ele nunca poderia ser meu herdeiro, e eu me preocupava que ele pudesse se sentir diminuído, não importava o que eu fizesse para ser um bom pai. Mas com uma filha... com uma filha eu estaria à vontade para mimar e brincar. Eu tinha tantos planos. Você não imagina.

Ela mordeu o lábio, arrasada por ele.

– Oh, eu posso imaginar.

– Não era só o quarto dela. Eu tinha planejado aniversários, feriados, passeios. Já tinha contratado babás.

– Você já tinha escolhido a escola dela?

Um leve sorriso torceu a boca dele.

– Eu estava estudando as possibilidades.

– Aposto que sim. – Ela sentiu um alívio no coração ao vê-lo sorrindo. Ainda que só um pouco.

Ele fechou os olhos.

– Ela viveu menos do que uma semana. Já faz quase um ano. Como é possível que eu ainda esteja sofrendo tanto por ela?

– Não posso fazer de conta que compreendo como o amor funciona – ela disse. Pauline passou os dedos pelo cabelo dele, depois fazendo-lhe um carinho na testa. – Há quantos dias eu conheço você? Não mais do que uma semana. E duvido que eu vá passar um único dia sem pensar em você, mesmo que viva até os 90 anos. Eu... – Ela não conseguiu evitar. – Eu te amo.

Ele abriu os olhos.

– Me desculpe... – ela pediu. – É um momento ruim para dizer isso?

– Que momento seria melhor? – Ele se endireitou, ficando sentado ao lado dela.

– Não sei. – Ela entrelaçou os dedos sobre as pernas. – É provável que nunca... Mas não sou boa em esconder esse tipo de coisa, e você merece saber. Eu me apaixonei perdidamente por você esta semana.

Ele passou a mão pelo cabelo.

– Não entendo. Nós tínhamos um acordo, Simms. Como isso foi acontecer?

– Não sei. – Ela suspirou. – Vauxhall, os livros, aqueles primeiros beijos na

sua biblioteca... Quando eu tento entender como isso começou, eu vou voltando no tempo... Não sei como foi, só que eu... – Ela se obrigou a olhar para ele. – Eu só tenho certeza de que nunca vai acabar. Nunca.

– Pauline. – Ele levou as mãos ao rosto dela.

– Seja como for, não me arrependo. Nunca vou me arrepender. Eu sei que temos que nos separar e que vou ficar com o coração em pedaços. Mas mesmo sofrendo, pelo menos eu vou saber que o sentimento está lá. – Ela deu um sorriso sem graça para ele. – E os livros obscenos vão fazer muito mais sentido.

Griff apertou a boca, transformando-a em uma linha solene. Ele inalou lentamente. Então levantou o punho e bateu no teto da carruagem para chamar o condutor.

– É isso. Nós vamos para casa.

– Por que você está triste?

– Não. – Ele lhe deu um olhar que dizia, *Não é óbvio?* – Porque fazer amor em uma carruagem em movimento não é tão bom quanto dizem.

– Oh.

Ele a puxou para o colo e a tomou em um beijo apaixonado.

– Pauline. – A voz dele era um sussurro sensual que soprava nos lábios dela. – Meu coração, meu amor mais querido. Estou farto desta carruagem. Para fazer todas as coisas deliciosas e obscenas que quero fazer com você, preciso de uma cama. E algumas horas.

Capítulo vinte e três

Não havia como negar. Apesar de uma semana de treinamento para duquesa, no fundo Pauline continuava sendo uma garota da fazenda. Mais uma vez, ela acordou antes da alvorada.

Griff jazia enrolado nela, roncando suavemente. A cabeça morena dele descansava sobre o peito de Pauline. Ela desejou poder deixá-lo dormindo a manhã toda. Depois de todo esforço na cama durante a noite passada, ele merecia o descanso. Mas logo estava amanhecendo. Ela podia ouvir os criados em movimento no andar mais baixo da casa.

– Griff – ela sussurrou, passando os dedos pelos fios revoltos do cabelo escuro. – Griff, eu preciso ir. Está quase de manhã.

Ele a abraçou com firmeza.

– Não pode ser de manhã. Eu não permito que seja de manhã.

Ela sorriu.

– Acho que nem mesmo o Duque de Halford pode fazer o tempo parar.

– Ele pode tentar.

Griff a puxou para baixo e estendeu o lençol por cima deles, fazendo uma espécie de tenda. A luz matinal brilhou através do tecido, pintando os corpos nus com um brilho quente, cor de mel.

Pauline parou de se preocupar com o que aconteceria mais tarde, e com o resto da sua vida. Ela estava ali agora. Nos braços dele. O toque de Griff podia fazer com que se esquecesse de tudo.

A não ser com os ruídos das grelhas sendo limpas lá embaixo. Isso era difícil de ignorar.

– A porta está trancada? – ela perguntou.

Ele confirmou com a cabeça, enquanto passava a língua pelo mamilo dela.

– Está.

– Tem certeza?

– Tenho. – A mão dele mergulhou entre as coxas dela.

Ela pôs a mão no peito dele, detendo-o.

– Por favor, veja se está. Vou me sentir mais segura.

Ele a encarou por um instante.

– Muito bem, então. – Griff ficou de cócoras. – Não quero que você se sinta insegura na minha cama.

Com um beijo rápido na testa dela, ele levantou e caminhou até a porta. Pauline deitou de lado, observando-o.

Enquanto ele atravessava o quarto em passadas tranquilas, ela admirou os músculos longos e definidos de suas panturrilhas, o tônus esculpido de seus ombros e costas. E a bunda... Meu Deus. O mundo não via uma bunda desenhada com tanta perfeição desde o sexto dia da Criação. As nádegas dele eram orbes redondas, tesas, de puro músculo. Enquanto caminhava, covinhas hipnotizantes apareciam em cada uma das metades, alternando-se a cada passo. Direita, esquerda, direita...

Ele chegou à porta e virou a maçaneta.

– Trancada – ele confirmou em voz alta. Então se virou – louvado seja – e começou a voltar.

Se era excitante vê-lo de costas, era devastador observá-lo de frente.

– Espere – ela pediu. – Pare aí.

Ele fez o que ela pedia.

– Algo errado?

– É só que... eu menti para você sobre uma coisa.

As sobrancelhas escuras dele se juntaram como nuvens de tempestade.

– O quê?

– Eu não estava tão preocupada com a porta – ela confessou. – Eu só queria ver você andando pelo quarto.

Ele riu, perplexo, e seus músculos abdominais se contraíram de maneira deliciosa.

Ela se reclinou sobre o cotovelo e suspirou, lânguida.

– Você é lindo. Se é que “lindo” é uma palavra adequada para se elogiar um homem.

– Não sei dizer. Não costumo elogiar homens nus. – Ele coçou a orelha, um gesto de constrangimento. – Estou começando a me sentir como se estivesse em exposição no Museu Britânico.

– Você merecia estar em um museu. – Ela meneou a cabeça, pasma. – Como você mantém a forma? Você é um nobre, mas esse corpo faz trabalhadores

braçais passarem vergonha.

Ele passou a mão pela barriga que parecia uma tábua de lavar.

– Eu me mantenho em atividade. É importante para mim. Durante um inverno em Oxford, eu peguei pneumonia. Fiquei doente, de cama, durante meses e quase morri. Foi uma época difícil.

Pauline podia imaginar o quanto. Não só por ele, mas por seus pais. Griff era o único filho remanescente de quatro, e se algo acontecesse com ele...

Griff confirmou suas suspeitas.

– Eu já era uma decepção para eles, mas parecia que o mínimo que eu podia fazer era permanecer vivo, entende? Assim que possível, comecei a dar duro para recuperar minha força. – Ele esticou e flexionou um braço. – Não só força, mas também equilíbrio, reflexos. E tenho tentado me manter em forma desde então. Ultimamente tenho praticado esgrima.

– Todas aquelas estocadas lhe fizeram bem. – Ela sorriu.

– Esgrima não é só dar estocadas. – Ele se aproximou. – Também envolve agilidade da mente e do corpo. Flexibilidade. Concentração. Estratégia.

A sensualidade na voz de Griff fez com que lugares íntimos dela começassem a inchar e latejar. O olhar dela desceu para a ereção faminta dele. Ver a força do desejo dele fazia com que Pauline o desejasse ainda mais. Só para provocá-lo, ela voltou para o meio da cama.

– Por favor, deixe que eu o admire um pouco mais. Pode ser minha última chance.

O colchão afundou quando Griff se juntou a Pauline. Então ele rolou para cima dela e se acomodou entre suas coxas. Devido à breve saída da cama, o corpo dele estava frio. Frio e sólido como mármore.

– Não vai ser sua última vez – ele sussurrou e entrou nela com um movimento longo e poderoso. – Não pode ser a última vez.

Pauline enrolou as pernas nas de Griff, que entrava e saía dela, apoiando-se nas mãos e fitando-a no fundo dos olhos. A intensidade era penetrante. Ela se sentiu tão exposta, tão vulnerável. As mãos dela começaram a tremer quando ele tocou seus braços. Ela desejou que ele não notasse. Parou, mantendo-se imóvel dentro dela. Uma pequena ruga se formou na testa dele.

– O que houve? – ela perguntou.

– Nada – ele respondeu. – Eu não mudaria nada. Você é perfeita.

Ela sentiu o coração apertar dentro do peito. Aquela palavra de novo. E não tinha surgido com ela usando um vestido de seda e ostentando joias, mas bem

ali, onde Pauline jazia nua debaixo dele, completamente iluminada pela luz da manhã. Nada escondido, nada disfarçado. Nada entre os corpos deles, a não ser suor e desejo.

A semana inteira valeu por aquele momento.

Ela deslizou as mãos até as costas dele e arqueou os quadris, puxando-o mais para o fundo.

– Quero que você me possua por completo. Não se contenha. Eu quero ficar dolorida. Quero sentir você durante dias.

Ela não precisou insistir. Ele fez o que Pauline pediu, levantando as pernas dela e passando-as ao redor dos quadris, para que pudesse cavalgá-la bem, com força. Os seios dela dançavam ao ritmo dele. As coxas de Griff batiam nas dela a cada estocada penetrante, profunda.

Pauline arrastou as unhas pelas costas dele, marcando sua pele – para que ele também a sentisse por dias –, enquanto navegava na onda de investidas vigorosas de Griff.

– Eu não quero tirar. – Ele encostou a testa na dela. – Quero estar bem dentro de você quando gozar.

Ela ficou perplexa.

– Griff, não. O risco é grande demais.

– Eu quero o risco. – Ele beijou seus lábios. – Nunca pensei que fosse dizer isso de novo, mas eu quero. Quero você, sempre.

Ele estava falando bobagem. O desejo tinha afetado seu cérebro. Ela precisava ir embora, ele tinha que ficar. Os dois estavam completamente despreparados para lidar com as consequências. Mas uma parte enlouquecida, irracional dela queria o mesmo. A decisão tinha que ser tomada. Não haveria como voltar atrás. Ele não podia excluí-la de sua vida. E como seria maravilhoso, um dia colocar um bebê saudável, balbuciando, nos braços dele. O coração de Pauline derreteu com essa ideia. Ela poderia fazê-lo tão feliz.

Ele parou em cima dela, contraindo todos os músculos. E quando ele recomeçou a se movimentar, ela sentiu uma conhecida mudança no ritmo dele. Griff estava chegando ao clímax.

– Não me impeça. – Ele começou a movimentar os quadris com vigor e rapidez. – Não posso deixar que vá.

– Griff...

– Aceite-me – ele sussurrou, indo fundo. – Aceite tudo. Apenas me ame.

– Sim. – O clímax dela também veio, jogando-a em um lugar além do

raciocínio ou da razão. – *Sim.*

A porta do quarto se abriu com um estrondo. Pauline gritou. Eles se separaram com um salto, e ela se enfiou debaixo das cobertas, ainda estremecendo com as últimas ondas do orgasmo. *Oh, meu Deus. Oh, meu Deus. Oh, meu Deus.*

Griff praguejou e deitou de costas, puxando-a para seu abraço protetor. Seu pênis duro e frustrado latejava de encontro ao quadril dela.

– O que diabos...?

Lorde Delacre estava parado à porta. Ele levantou a mão para cobrir os olhos.

– É pior do que eu pensava. Meus olhos.

– Eu pensei que a porta estava trancada – Pauline sussurrou, segurando os lençóis sobre o peito.

– *Estava* trancada – Griff disse por entre os dentes cerrados.

– Eu a arrombei – Delacre disse. – Isto é urgente, Halford. Você sabia que essa garota com quem tem desfilado por toda a Sociedade é uma maldita garçonete?

Oh, Senhor. O rosto de Pauline queimou com a humilhação.

O braço de Griff caiu da atitude protetora ao redor dos ombros dela. Pauline sentiu a ereção dele murchar. Lentamente, ele se sentou na cama, esfregando o rosto com as duas mãos.

– Como você soube? – ela perguntou.

– Todo mundo sabe – Delacre respondeu. – Eugenia Harrowes desenterrou a verdade e a espalhou pela cidade.

Ela deveria ter imaginado. Aquelas malditas Horríveis.

– Não tenho dúvida de que esta semana foi uma diversão e tanto para você, Srta. Simms. Mas acabou. – Ele deu alguns passos quarto adentro, pegou as calças de Griff no chão e as jogou para ele. – Você escapou por pouco algumas vezes, Halford. E já vi alguns esquemas ousados de caçadoras de fortuna. Mas esta supera todas. Seduzido por uma garçonete na cama dos seus ancestrais.

Calmo e em silêncio, Griff pegou as calças. Ele se virou de lado – para longe de Pauline – e enfiou as pernas nelas, uma de cada vez. Ficou de costas para ela enquanto puxava as calças até a cintura.

Adeus, ela pensou, melancólica. *Adeus, mais bela bunda da Criação.*

Era isso, então. Ela sabia que aquelas eram as últimas horas de felicidade, mas não contava com esse final humilhante.

Pauline quis sumir sob o colchão.

– Pelo menos ninguém espera que você case com essa garota – Delacre continuou. – A fofoca vai fazer dela apenas mais uma de suas aventuras de

libertino. Dê-lhe algum dinheiro e mande-a embora. Mas espero que tenha sido cuidadoso para não deixar um fedelho nela. É provável que ela tenha escondido de você, mas tem imbecilidade na família.

Griff parou no ato de abotoar o fecho de suas calças. Ele olhou para Delacre por um breve instante.

– Del – ele disse com a voz calma e baixa –, vou precisar de uns dez segundos para terminar de abotoar. Esse é o tempo que você tem para fugir.

Delacre sacudiu a cabeça.

– Não vou a lugar nenhum até ter certeza de que...

– *Fuja.* – Griff prendeu o último botão. Ele sacudiu os braços dos lados do corpo, soltando os músculos. A expressão no rosto dele era assassina. – Estou falando sério, Del. É melhor você fugir. Porque tenho a intenção de matá-lo.



Griff percebeu, pela expressão no rosto de Del, que seu "amigo" mais antigo não acreditava nele.

– Vamos lá, Halford. – Ele levantou as mãos. – Você não pode estar falando sério.

Griff recuou o braço direito e enterrou um soco com toda força no estômago de Del.

– Acredita, agora?

Del se dobrou, os olhos arregalados com o susto.

– Jesus – ele disse.

– Isso mesmo, comece a rezar. Você vai precisar. – Ele deu outro soco, dessa vez acertando o queixo de Del.

Percebendo estar em desvantagem, Del cambaleou até o corredor.

– Pare e pense nisso, Griff! – ele gritou. – Nós tínhamos um pacto, lembra? Estou tentando ser seu amigo. Resgatando você de uma armadilha. Salvando-o de um escândalo maior.

– É melhor salvar a si mesmo.

Os dois correram para o salão, onde tinham começado tantos dias juntos. Só que hoje eles não usariam espadas de treino, sem ponta. Griff puxou uma espada curta do suporte na parede e a agitou, aquecendo o braço.

– Tenho que lhe contar uma coisa, Delacre. Todos esses anos em que fomos oponentes do mesmo nível em esgrima? – Ele levantou a lâmina. – Eu sempre me segurei.

Assim que Del se armou, Griff partiu para o ataque, desferindo golpes selvagens, fazendo o oponente recuar até encurralá-lo contra a parede. Griff deixou a lâmina encostar de leve no rosto de Del, até um fio de sangue aparecer.

– Oh, que pena. Isso vai deixar cicatriz.

– Mulheres adoram cicatrizes. Ainda sou muito mais bonito que você – Del debochou. – Acho que garçonetes não são muito exigentes.

– Seu verme. Ela não é uma garçonete, e nunca mais vai voltar a ser.

– Quer dizer que você *sabia*? – Del levantou uma perna e chutou Griff no peito, fazendo-o recuar um passo.

Griff logo se recuperou, mas o breve recuo deu tempo suficiente a Del para que levantasse a espada e se defendesse.

– Espere, espere, espere – Delacre disse, ofegante. – Você está... Deus, você não pode achar que está amando essa garota.

Griff sacudiu a cabeça, mas não para negar. Amor era uma palavra muito pequena para o que ele sentia. Instantes atrás, enquanto ela estava debaixo dele... Griff nunca pensou que se sentiria desse modo outra vez. Pronto para enfrentar qualquer dificuldade só para mantê-la a seu lado. Talvez o impulso não fosse lógico nem sensato, mas era real e sincero. Era escolher a esperança em vez do desespero. Agarrar a única possibilidade brilhante em uma sala cheia de alguéns.

Era ela. Só ela. Ele tinha estado morto por dentro. Ela o trouxe de volta à vida.

– Eu morreria por ela – ele disse. – E mataria por ela. O resto não é da sua conta neste momento.

– Que o diabo me carregue. Você a ama *mesmo.* – Del se abaixou, evitando uma investida furiosa de Griff. – Oh, isso é ainda pior. O que você está esperando que saia disso? Vai torná-la sua amante?

– Tente de novo.

– Bem, eu sei que você não pretende casar com ela. – Delacre riu. – Seria o máximo. Posso ver as manchetes nos jornais de fofocas: “A Duquesa Garçonete”.

Eles travaram as espadas. Griff forçou o braço, empurrando as lâminas cruzadas para frente, até o fio da sua encostar na garganta de Del.

– Acho que os jornais vão trazer uma história diferente amanhã. A respeito do falecido Lorde Delacre.

Ele reuniu toda sua força naquele braço e se preparou para o golpe.

– Griff! Não, Griff!

Capítulo vinte e quatro

Pauline parou de repente, junto à porta, após ter se vestido às pressas com o vestido descartado na noite anterior.

– Não faça isso – ela pediu. – Ele é seu amigo mais antigo. Você não quer machucá-lo.

– Ah, eu quero – Griff disse lentamente. – Eu quero, e muito, machucá-lo.

Era justo. Ela não podia negar que, depois de ouvir suas palavras cruéis, ver Lorde Delacre sofrer lhe dava um tipo especial de prazer. Mas isso tinha que parar ali.

– Griff, por favor. – Com passos cautelosos, ela se aproximou dos dois. – A vida dele não vale um décimo da sua. A duquesa está em algum lugar desta casa. Você não quer que ela veja isso. E se nada disso o demover, pense nos criados. A sujeira pavorosa que vão ter que limpar.

– Está ouvindo isso, Del? A garçonete está pedindo por sua vida. A mulher que você insultou, suplicando para eu poupar sua pele nojenta. Eu acredito que você deve lhe agradecer. – Por dentre os dentes rilhados, ele acrescentou: – Agora!

Nervoso, Delacre pigarreou.

– Obrigado.

– "Obrigado, Srta. Simms" – Griff exigiu. – E faça com que eu acredite em você.

– Obrigado, Srta. Simms. Eu lhe devo minha pele nojenta.

Griff inspirou fundo, então expirou. Depois de um longo momento, ele se afastou e as duas espadas caíram no chão.

Delacre desabou, aliviado. Pauline teve vontade de fazer o mesmo.

– Da próxima vez que você a encontrar – Griff disse, dando um leve chute nas costelas de Delacre –, vai cumprimentá-la com respeito, dirigindo-se a ela através do nome legítimo. Sua Graça, Duquesa de Halford.

Então os joelhos de Pauline fraquejaram.

– O quê?

– O quê? – Delacre repetiu. – Halford, nós tínhamos um pacto.

– Pelo amor de Deus. Esqueça esse pacto idiota. Nós tínhamos 19 anos. Com essa idade, também achávamos boa ideia sair para caçar faisão à meia-noite.

Griff caminhou até Pauline e pegou suas mãos.

– Não posso deixar que você vá embora hoje.

Ela sacudiu a cabeça com vigor.

– Não, não. Griff, não posso ficar. Minha irmã. Eu prometi a ela.

– Eu vou cuidar dela – ele prometeu. – Vou cuidar de vocês duas. Sempre. Deste momento em diante, vocês nunca mais vão precisar trabalhar. Nunca mais vão ter que ficar angustiadas ou com medo. Vou cuidar de tudo.

Oh, Senhor.

– Mas você precisa ficar comigo até o fim. Se for embora hoje, as fofoqueiras vão se achar vitoriosas. – Ele acariciou a mão dela com o polegar. – Nós podemos ter um futuro juntos, mas precisamos começá-lo agora. Nós podemos nos casar hoje.

– *Hoje?* Ficou louco?

– De jeito nenhum. São raros os homens na Inglaterra que podem conseguir uma licença especial em tão pouco tempo. Eu sou um deles. Vamos nos casar hoje, e esta noite você aparecerá em público como a Duquesa de Halford. Ninguém vai ousar tratá-la mal, com base apenas em um boato nos jornais de fofocas. Você é linda, elegante e inteligente, e memorizou todo aquele livro bobo de etiqueta. Vamos mostrar para todos, esta noite. Nós podemos fazer isso.

Ela queria acreditar nele. E muito. Mas como poderia, quando viu a reação do suposto melhor amigo?

– Ela nunca vai ser uma de nós – Delacre disse. – Nem mesmo se você casar com ela. E você sabe disso, Halford. Seja honesto consigo mesmo, e com ela. A fofoca será selvagem. Você vai perder praticamente todas as suas relações sociais. – Ele se levantou com dificuldade. – Não sinto nenhum prazer em dizer isso. Só estou tentando ser seu amigo.

– Você não é meu amigo – Griff vociferou. – Saia daqui. E reze para que esta noite eu não mande meu padrinho visitá-lo com um desafio.

– *Eu* sou seu padrinho – Delacre disse enquanto saía da sala. – Você não tem mais ninguém.

Está vendo?, ela quis exclamar. Já estava acontecendo. Talvez Delacre não

fosse uma grande perda, mas haveria outros. Ela não queria que Griff perdesse *todos* os seus amigos.

Quanto a ela, não havia dúvida. Pauline precisava voltar para casa esta noite. Se ela não voltasse como prometido, Daniela se sentiria traída e abandonada. Então Pauline não conseguiria viver consigo mesma. Ela tinha jurado nunca mais fazer a irmã se sentir dessa forma.

Ela tinha que acabar com isso naquele instante. De forma definitiva.

A duquesa entrou na sala, envergando um vestido discreto de seda cinza, realçado por um colar de safiras e diamantes.

– O que está acontecendo aqui? – ela quis saber, o olhar aguçado percorrendo o ambiente. – Griffin, explique esta bagunça.

– Delacre é um cretino. E eu amo Pauline.

– Bem – a duquesa disse depois de refletir um instante –, eu já sabia sobre essas duas coisas. Nenhuma delas explica o estado em que meu salão se encontra.

Os olhos de Griff nunca deixaram os de Pauline.

– Eu vou me casar com ela.

– Não, Vossa Graça – Pauline retrucou. – Ele não vai.

A duquesa arqueou a sobrancelha.

– Isso significa que o voto decisivo é meu?

– Não – Griff e Pauline disseram em uníssono.

– Veremos – a duquesa não pareceu se convencer.

Pauline puxou Griff de lado.

– Griff – ela sussurrou –, isso não pode acontecer.

– Por que não?

– Quantas vezes eu tenho que dizer o óbvio? Você é um duque e eu sou uma servente.

– Você não vai ser apenas uma atendente de taverna esta noite. Vai ser uma duquesa. Uma mulher linda, elegante, que sabe manter a atitude em qualquer lugar. E eu vou ser o homem mais orgulhoso que existe, por estar ao seu lado.

– Mas que orgulho *eu* vou ter, fingindo ser algo que não sou?

– Não estou pedindo que você finja.

– Claro que está – a voz dela falhou. – Você me disse que eu não era “alguém” para você. Me chamou de perfeita, disse que não mudaria nada em mim.

– Sim, mas...

– Mas o quê? Você não quer ficar diante de toda aristocracia de Londres para

lhes dizer que *me* ama. Uma atendente de taverna com um pai que é um fazendeiro grosseiro e uma irmã com retardo mental. Quer?

Ele não disse nada, o que era resposta bastante.

– Não. Você quer que eu me arrume com um belo vestido e use seu nome como uma capa, fingindo que a garçonete sobre quem todos estão fofocando não existe. Como se sentisse vergonha de mim. – Ela levou a mão ao peito. – Não posso esconder a verdade de quem sou.

– Estou pedindo que você *viva* a verdade de quem é. Toda a verdade – o tom de voz dele estava impaciente. Ele a pegou pelos ombros e a sacudiu de leve. – Você é muito mais que uma simples atendente de taverna, Pauline. Dentro de você existe uma mulher notável, que absorveu poesia e decorou lições de etiqueta, que transformou crueldade em sonhos e planos, porque sabia que estava destinada a coisas melhores. Eu vi essa mulher no primeiro dia, quando nos conhecemos. Eu não sei por que você não quer deixar que o mundo também veja essa mulher.

– *Você* vai me repreender por esconder segredos? Por não viver a verdade? Você, com aquele quarto trancado lá em cima?

A cor sumiu do rosto dele. Griff disparou um olhar para a mãe, então baixou a voz.

– Isso não tem nada a ver com...

– É claro que tem. – Ela recuou um passo. – Você está me pedindo para acreditar que vai me amar abertamente. Que você nunca vai ficar constrangido nem ressentido com as minhas origens, minha família. Como eu posso acreditar nessas promessas se você nem mesmo conta dela para sua mãe?

– Griffin. – A duquesa se aproximou. – De quem ela está falando?

– Ninguém.

Pauline ficou boquiaberta, chocada.

– Você tem coragem de *negá-la*? Então ela nem é um “alguém”, mas um “ninguém”?

Ele lhe deu um olhar penetrante.

– Você me deu sua palavra. Prometeu. Pare com isso agora, Pauline, ou nunca mais vou conseguir confiar em você.

Ela sentiu uma pontada de culpa. Ela *tinha* dado sua palavra, e sabia que estava seguindo por um caminho perigoso. Mas alguém tinha que fazer isso. Ela nunca mais teria outra chance.

– Você não contou para ninguém que ela existia, Griff. Então ela morreu e seu

coração se desfez em milhares de pedaços, mas mesmo assim você não disse nada. Como posso acreditar que você não vai virar as costas para minha irmã e eu? Como posso acreditar que Daniela não vai ser escondida em algum quarto trancado?

– Como você ousa sugerir que eu teria vergonha dela?

– Prove que não, então! Pelo amor de Deus. Amor não deveria ser segredo. Você deu um nome para ela, um nome que não consegue falar.

Os olhos dele chisparam

– Você a amava? – Pauline perguntou.

– Você sabe que sim. É claro que amava.

– Então diga o nome dela – Pauline levantou a voz.

– *Maria* – o grito furioso dele ecoou pelo salão.

Pauline ficou imóvel, absorvendo a expansão silenciosa da fúria dele. Ela sabia que ele nunca iria perdoá-la por isso, mas, pelo menos, talvez assim Griff conseguisse assimilar sua perda.

– O nome dela era Maria – ele disse. – Maria Annabel York. Nasceu em 14 de outubro do ano passado e morreu uma semana depois. Ela viveu apenas seis dias, mas eu a amei mais do que minha própria vida. – Ele virou para o lado e destruiu uma mesinha com um chute selvagem. – Maldição.

– Oh. – A duquesa levou a mão à boca.

Pauline correu até ela, receando que a mulher pudesse desmaiar. Ela a ajudou a sentar na cadeira mais próxima.

– Eu sinto muito. Eu sinto tanto.

Pauline repetiu várias vezes. Pedidos de perdão, manifestações de arrependimento e pêsames. Mas ela sabia que nada disso seria suficiente.

– Eu sinto muito. Mas eu passei a gostar muito de vocês dois, e vejo com muita clareza o quanto se amam. Vocês estão magoando um ao outro. Por favor, vocês podem me odiar para sempre, mas conversem um com o outro.

Griff olhava fixamente pela janela, impassível.

– Vou mandar aprontarem a carruagem. Você pode partir dentro de uma hora.

– Eu não queria que acabasse assim. Tinha esperança de que pudéssemos nos despedir como...

– Como amigos? – Ele bateu um dedo no vidro da janela. – Se você não acredita que eu mudaria tudo, desistiria de tudo, moveria céus e terra para ficar com alguém que eu amo, mesmo que faça apenas uma semana...? Então você

não me conhece de verdade. – Ele a fitou com olhos frios. – Parece que eu estava errado a seu respeito.

Cambaleando de costas, ela fugiu do salão. Então se virou e disparou pelo corredor, em direção ao hall de entrada.

– Pauline – a duquesa chamou às suas costas. – Espere.

Ela só correu mais rápido. O que mais havia para ser dito? Nada mudaria.

Quando chegou à porta da frente, ela a escancarou e saiu em disparada. Lá fora, uma multidão a recebeu com um rugido.

Bom Deus. A praça estava congestionada de carruagens, e pessoas se amontoavam nos degraus da Casa Halford, esticando o pescoço para dar uma olhada. Uma olhada *nela,* ao que parecia. Lorde Delacre não estava exagerando. A notícia tinha se espalhado por toda Londres, e agora a cidade toda aparecia diante da casa do duque.

– Lá está ela! É ela!

– Srta. Simms! – um homem gritou. – É verdade que você é uma garçonete?

– Cinco libras por uma entrevista para o *Tagarela*!

Pauline se encolheu na entrada. Ela não podia voltar para dentro e encarar Griff. Mas aquela multidão estava tão ávida que poderia pulverizá-la. Mesmo que conseguisse escapar dessas pessoas, para onde ela iria? Pauline não tinha dinheiro. Não tinha nada, a não ser a roupa do corpo. Ela nem estava de sapatos.

– Pauline! – uma voz conhecida se elevou acima da balbúrdia. – Pauline! Sou eu, Susanna.

O coração dela deu um salto. Fazendo sombra nos olhos com as duas mãos, ela vasculhou a multidão até ver o aceno amistoso de uma mão enluvada e um halo de cabelo ruivo. Uma amiga.

Enquanto Pauline avançava na direção dela, as pessoas agarravam suas roupas desgrenhadas e se acotovelavam para dar uma olhada nela. Ela foi sovada como massa de pão.

Enfim, ela e Susanna conseguiram se encontrar.

– Oh, Lady Rycliff. Eu não... não sei como... – Emocionada, ela cobriu a boca com a mão.

Susanna a envolveu com um abraço protetor.

– Está tudo bem, querida. Está tudo bem. Você vai para casa comigo.

Capítulo vinte e cinco

Abrigadas na Casa Rycliff, e a salvo das multidões, Lady Rycliff – que agora insistia com Pauline para que esta a chamasse de Susanna – serviu outra xícara de chá.

– Que semana você teve, querida.

Pauline observou o líquido aromático enchendo sua xícara de porcelana. Lady Rycliff servindo chá para *ela*. O mundo estava mesmo de cabeça para baixo.

– Foi uma semana cheia. – E foram necessárias quase duas horas para ela contar a história, desde o momento em que jogou o açúcar estragado para cima até o final amargo.

É claro que ela não contou *tudo*. Ela deixou os detalhes românticos de fora. E Griff merecia ter sua privacidade resguardada com relação a Maria Annabel. Ela nunca contaria sobre isso a qualquer outra pessoa.

– Eu sabia que Halford era um vilão – disse Lady Payne (que insistia com Pauline para que esta a chamasse de Minerva), pegando um biscoito da travessa e dando uma mordida raivosa.

– Você está enganada – replicou Pauline. – Ele é um bom homem. Do melhor tipo.

Ainda assim, ela o magoou. Sempre que Pauline fechava os olhos, enxergava a expressão furiosa e atraiçoada dele. A imagem estava gravada em sua memória, entalhada em culpa. Talvez ela não devesse o ter forçado, mas estava tão preocupada com ele... E tão temerosa. Griff tinha razão. Ela sentia medo por si mesma.

– Ele a pediu em casamento mesmo? – Lady Rycliff perguntou.

Pauline assentiu.

– E você recusou?

Ela concordou com a cabeça novamente.

– Você deve achar que sou uma boba.

– Você não é boba. – Susanna deu um leve aperto na mão dela.

Não. Pauline chegou à conclusão de que não era. Na verdade, ela era uma covarde. Entrou em pânico e o afastou de sua vida.

As sugestões dele eram malucas. Os dois, casarem? Ela, tornando-se uma duquesa? Uma mulher elegante, admirada pela elite de Londres?

Isso nunca aconteceria. A multidão do lado de fora da Casa Halford sabia da verdade. Ela ainda podia senti-la puxando suas roupas, gritando em suas orelhas.

Griff podia afirmar que não ligava para fofoca, mas isso é fácil para um duque dizer. Ele nunca seria objeto de deboche e escárnio. Ele não sabia qual era a sensação de estar na parte mais baixa da cadeia alimentar, que era onde Pauline estaria, se tentasse viver no mundo dele. Sempre. Mesmo que pudesse aguentar uma vida de zombarias e crueldade sutil, não teria coragem de expor Daniela a esse tratamento.

– Você fez bem em rejeitá-lo – Minerva disse. – Mas nós não podemos deixar que acabe desse modo.

Nós? Por que essas ladies se importavam com o que estava acontecendo com ela nesta semana? Pauline já se julgava com sorte bastante por terem lhe oferecido um lugar para se recompor e por a ajudarem a encontrar transporte de volta a Spindle Cove.

– O baile desta noite – Minerva disse, ajustando os óculos. – Você tem que ir.

– Por que eu iria? Duvido que o duque vá.

– Mesmo que ele não vá. Vá por você mesma. Só para deixar que as fofoqueiras e os bisbilhoteiros a vejam, invencível e altiva. Só para provar que você pode.

Para provar que você pode. Mas será que ela podia mesmo?

Pauline sacudiu a cabeça. Em Spindle Cove ela tinha escutado Minerva discursar para as outras ladies sobre os tópicos mais impossíveis – grandes cavernas submarinas e gigantescos lagartos pré-históricos. Essa última sugestão não parecia muito diferente.

– Não posso ir a esse baile – ela respondeu. – Eu nem saberia aonde ir, ou como chegar lá. Não tenho nada para vestir.

– Deixe tudo isso conosco – Minerva disse, pondo a mão no braço de Susanna. – Vamos tomar as providências. Você só precisa de coragem. Nós, ladies de Spindle Cove, somos unidas.

– Eu não sou uma lady, minha lady.

– Ficaríamos do seu lado mesmo que fosse apenas uma atendente de taverna –

Susanna disse. – Mas você sempre foi algo mais.

Pauline se animou um pouco. De fato, ela possuía algo mais dentro de si, e talvez Griff não fosse o único a notar. Era óbvio que não era uma duquesa e não atendia aos padrões de Lady Harrowes e sua turma. Mas Susanna e Minerva também não, assim como nenhuma das ladies que buscavam refúgio em Spindle Cove.

O lugar dela era lá. Seu coração cresceu com a sensação de certeza. Ela sabia qual era seu lugar no mundo. Ela iria ter sua biblioteca acolhedora, aconchegante, com o maravilhoso cheiro de livros, que seria um lar para qualquer garota que precisasse. E com ela estaria sua irmã – a única outra pessoa que a amava integralmente, sem vergonha nem reservas. Isso era algo que nem a quarta maior fortuna da Inglaterra podia comprar.

– Eu quero ir para casa – ela disse. – O quanto antes for possível.

– Vá ao baile primeiro – Minerva pediu.

Pauline meneou a cabeça.

– Eu tenho que estar de volta a Spindle Cove amanhã. Eu prometi para minha irmã.

– Você pode fazer as duas coisas. A carruagem do correio é o modo mais rápido de viajar, e só parte de Londres depois da meia-noite. Não é isso, Susanna?

– Acredito que sim – Lady Rycliff respondeu. – Pauline, se você quiser ficar no baile por uma ou duas horas, ainda poderemos colocá-la na carruagem a tempo.

Pauline hesitou.

– Minha lady? – Uma criada entrou na sala, parecendo constrangida. – Peço perdão, mas tem uma pessoa solicitando a presença da Srta. Simms.

O coração de Pauline palpitou.

– Se for o duque, eu...

A criada pareceu confusa.

– Não vi nenhum duque, madame. É uma mulher. Ela trouxe um monte de pacotes.

Uma jovem entrou na sala de estar carregando uma torre de caixas.

– Srta. Simms, s-sou eu.

– Flora? – Pauline levantou. – O que está fazendo aqui? – Ela ajudou a descarregar os pacotes dos braços da empregada.

Aliviada de sua carga, Flora baixou os olhos.

– Eles me de-despediram.

– *Despediram* você? Ah, não!

– Foi o que eu mereci. Sua Graça me mandou embora sem referências, e não t-tenho como conseguir outro emprego. P-pensei, talvez, que se a arrumasse para o baile desta noite – e todo mundo ficasse tão espantado com sua beleza que isso fosse parar nos jornais –, quem sabe assim alguém me co-contratasse. – Ela agarrou o braço de Pauline. – P-por favor, Srta. Simms. Estaria me f-fazendo um f-favor.

– Flora, eu gostaria de ajudar, mas não sei como. Talvez você pudesse arrumar Lady Rycliff ou Lady Payne.

Flora sacudiu a cabeça.

– T-tem que ser você. Eu quero vê-la f-fazendo isso, Srta. Simms. Você trabalhou tanto, a semana toda. T-todas nós t-trabalhamos. E depois tem isto. – Ela fez um gesto para as caixas. – Foi feito sob medida. Não vai servir em mais ninguém.

Da caixa maior, ela retirou uma nuvem prateada deslumbrante. *Oh, meu Deus.* Parecia que a saia era três quartos do vestido. O corpete era pequeno e justo, com talas para mantê-lo firme e mangas bufantes muito curtas. As saias eram uma nuvem. Uma grande, cintilante e fofa nuvem de tule sobre cetim. Havia milhares de coisinhas brilhantes presas ao tule. O vestido era realmente uma maravilha.

– Oh, Pauline – Susanna exclamou. – Se um homem conseguir olhar para você dentro disso e não cair de joelhos à sua frente... – a voz dela foi sumindo.

– Ele vai ficar pasmo. – Minerva bateu palmas de alegria. – Faça isso. Por todas as moças que se sentiram desprezadas ou ignoradas. Esta é sua chance, Pauline.

Pauline passou a mão pelo lindo tecido prateado, cravejado de pérolas minúsculas e cristaizinhos. Ela *não* precisava provar seu valor para ninguém. Ela *não* precisava de um guarda-roupa suntuoso, nem da riqueza que acompanhava o título de duquesa. Mas precisava usar aquele vestido, só dessa vez. Tinha sido feito para ela. Literalmente.

– Muito bem – ela disse. – Vamos fazer isso.

– Uma pergunta – Susanna interveio. – Vamos contar aos homens sobre isso?

– Não – Minerva declarou, resoluta. – Colin vai querer todos os créditos para ele. Esse vai ser o *nosso* grande sucesso. Vamos mostrar para todo mundo o que as mulheres de Spindle Cove podem fazer.

Pauline não estava tão segura quanto ao “sucesso”. Ela ainda duvidava que pudesse participar de um evento desses.

Mas depois dessa noite, ela poderia voltar para casa com seu orgulho. Ninguém diria que ela não teve coragem de tentar.



– Maldição. – A palavra simplesmente escapou da boca de Pauline quando a carruagem parou diante da grandiosa residência do Príncipe Regente.

– O quê, Pauline?

– As colunas no pórtico. São de mármore – ela disfarçou.

Espantoso. Aquela semana em Londres tinha lhe ensinado as coisas mais estranhas. Que conjunto de ensinamentos mais variado ela levaria para casa.

Contudo, Pauline ainda não tinha aprendido a esconder sua ansiedade. Ajudava o fato de Susanna e Minerva também estarem visivelmente nervosas.

– Também não somos muito boas em bailes – Minerva confessou. – Talvez devêssemos ter lhe contado isso antes.

– Está tudo bem – disse Susanna. – Vamos entrar juntas.

Enquanto seguiam até o hall de entrada, Susanna – a mais alta das três – esticou o pescoço para olhar por cima da multidão.

– Oh, droga – ela disse. – Estão checando os nomes em uma lista.

Aquela notícia não era boa. Pauline sabia que estava nessa lista no começo da semana, mas com a fofoca de hoje, sem dúvida tinha sido removida. Ou talvez tivessem a colocado em outra lista – uma escrita em vermelho, debaixo do título *Não permitir a entrada de nenhum modo.*

– Você pode dar outro nome – Minerva sugeriu. – Que tal usar o meu? Não me importo. Todo mundo vai deduzir que tirei os óculos, para variar, e passei por uma transformação surpreendente.

– Não. – Pauline sorriu. – É gentil da sua parte, mas não posso. Tenho que entrar como eu mesma ou não entrarei.

Quando a multidão se mexeu, ela ficou parada, quieta, e deixou que suas amigas se distanciassem. Se a noite se provasse o desastre que ela imaginava, Pauline não queria que a reputação de Lady Rycliff e Lady Payne fosse atingida por associação. Elas a tinham levado até ali, mas Pauline precisava enfrentar o resto sozinha.

Com certeza devia existir outra entrada para a festa, um corredor menor, de serviço. Ela passou perto de um lugar barulhento e fumegante, que devia ser a

cozinha do palácio. Quando avistou um criado voltando com uma bandeja cheia de copos vazios, ela soube que precisava seguir na direção da qual ele tinha vindo.

Pauline atravessou o corredor e subiu alguns degraus. No alto, ela apurou os ouvidos e escutou conversa e música. Virando-se na direção do barulho, dobrou uma esquina e... Parou de repente, quando quase trombou com um homem vestido com elegância.

– Sinto muito – ela começou a se desculpar. – Eu...

Ah, saco. Casaca bem ajustada. Luvas brancas. Uma linha vermelha descendo pela bochecha esquerda...

– Lorde Delacre.

Griff estava certo, era provável que aquela ferida deixasse cicatriz. Mas não o deixaria desfigurado. Serviria, apenas, como um lembrete indelével. Ótimo.

– Eu sabia que a tinha visto – ele disse.

– Com licença, por favor.

Quando Pauline tentou passar por ele, Delacre agarrou seu braço.

– Não vou deixá-la fazer isso. Conheço Halford desde sempre e sei o que é melhor para ele, mesmo que ele não saiba.

O coração dela deu um salto. Isso queria dizer que Griff estava presente? Ela puxou o braço.

– Solte-me.

Delacre não a assustava, mas ele era um homem, muito maior e mais forte que ela. Além do mais, ele estava em seu ambiente natural. Devia ter centenas de amigos no local. Ela podia contar suas amigas com uma das mãos, e ainda teria dedos sobrando.

Ele a vencia em tamanho, classe social e números. E a menos que desse um jeito de passar por ele, Pauline nunca entraria no salão de festas.

– É dinheiro o que você quer? – Ele soltou o braço dela e tirou uma nota de dinheiro do bolso do casaco. Ela conseguiu ver o valor.

Ele acenou cinco libras para ela.

– Pegue, então. E use a saída de serviço. Este lugar não é para você.

Isto não é para você, garota.

Pauline sentiu as faces queimando. Com aquelas palavras, ele não era mais Lorde Delacre. Ele era todos os livros que foram arrancados de suas mãos. Todas as portas fechadas na sua cara.

Ela queria lutar, jogar alguma coisa nele. Cuspir em seu rosto. Mas aquela

situação exigia um tipo diferente de fleuma. Ela endireitou a coluna, ergueu o queixo e o encarou com um olhar firme e frio.

– Vá para o inferno – Pauline disse a palavra completa, sem comer nenhuma letra.

Enquanto o homem ficava boquiaberto, Pauline passou por ele e se juntou à multidão perto da entrada do salão. Antes que perdesse a coragem, ela furou a fila de convidados. Indelicada, talvez, mas as fofoqueiras já sabiam que ela era uma garçonete – não tinha como a julgarem pior.

Ela deu o nome para o mordomo, que anunciou:

– Srta. Simms, de Sussex.

O salão de festas ficou em silêncio absoluto, a não ser pelo tamborilar do coração dela. Suas mãos tremiam, caídas aos lados de seu corpo.

Respire, ela disse para si mesma. E então: *Vá.*

Ela deixou que aquele cordão transparente, que saía de seu umbigo, a puxasse para frente, guiando-a enquanto descia o breve lance de escada. Enquanto se movia, seu vestido captou a luz de centenas de velas e luminárias, enviando flechas de luz em todas as direções.

Depois que chegou ao fim da escada, ela se refugiou atrás de um grupo de palmeiras e procurou um rosto conhecido na multidão. Onde estavam Minerva e Susanna? Ela sabia que tinha decidido fazer aquilo sozinha, mas já não se sentia tão corajosa. E então... *Griff.*

Ele caminhava na direção dela, vestindo uma casaca preta imaculada e portando um brilho cruel no olhar. Tão decidido, tão lindo.

Oh, as palpitações. Ela sentiu palpitações em todo o corpo. Foram tão fortes que a fizeram falar.

– Não pensei que você viesse – ela murmurou. – Eu esperava que sim, é claro. Queria ver você de novo. Dizer que sinto muito, e que você estava certo. Eu estava com medo. *Continuo* com medo, para dizer a verdade. E não acho que consiga fazer isto. Mas se você...

Ele não a deixou terminar.

– Você não deveria estar aqui.

Ela foi tomada por uma onda de puro terror. Não importava para ela que toda a festa a desprezasse. Mas se até Griff a expulsasse...

Mas ele não a expulsou. Ele pegou a mão dela.

– Você não deveria estar aqui – ele disse, mais delicado dessa vez. – A mulher mais bonita da festa não deve ficar no canto, com as palmeiras. Você precisa sair

daí. Ou então Flora teve todo esse trabalho à toa.

Ela parou, de repente, e o encarou.

– *Você.* Foi você quem enviou Flora. E o vestido. Você não a demitiu.

Um sorrisinho brincou nos lábios dele.

– Você não teria vindo se eu *pedisse*.

De todos os truques... Pauline não conseguia acreditar.

– Pensei que você estivesse furioso comigo.

– Eu *fiquei* furioso com você. Por cerca de... dez minutos. Talvez quinze. Então recuperei o bom senso. – Ele a puxou para frente. – Venha. Nós temos que fazer algo. Preciso apresentar você corretamente para uma pessoa.

Não para o Príncipe Regente, ela pensou.

Pior. Ele a conduziu diretamente para as Harrowes. Todas as três – mãe e duas filhas – ostentavam a mesma expressão de desgosto e se recusaram a sequer olhar para Pauline. O que Griff estava tentando fazer?

– Lady Harrowes. – Ele fez uma reverência. – Que coincidência feliz. Eu sei que você desejava conhecer melhor a Srta. Simms. E aqui está ela.

O rosto empoado de Lady Harrowes mostrou verdadeiro horror.

– Eu acho que não...

– Mas é ideal. Existe lugar ou ocasião melhor? Na verdade... – Ele pegou a caderneta de danças com lápis da mão da filha mais velha de Lady Harrowes. – Deixe-me escrever os detalhes principais. Para que amanhã não haja erros nos jornais de fofocas. A Srta. Simms vem de Spindle Cove, uma vila encantadora em Sussex. O pai dela é um fazendeiro com doze hectares de terra e alguns animais.

Enquanto Pauline assistia, estupefata, ele narrou toda a história para as três. Seu sequestro pela mãe, a chegada a Spindle Cove. O aparecimento de Pauline na Touro & Flor, coberta de açúcar e com a barra do vestido suja de lama. A visita de Griff à casa da família e o acordo que fizeram. Ele não omitiu nenhum detalhe, contando a história com bom humor. De vez em quando, ele anotava um fato importante na caderneta de danças:

Touro & Flor.
Doze hectares.
Mil libras.

– Veja – ele disse –, eu trouxe a Srta. Simms até Londres para frustrar os planos casamenteiros da minha mãe. Ela deveria ser um fracasso ridículo. Uma piada hilariante.

Uma das Srtas. Harrowes começou a rir. A mãe lhe bateu no pulso com o leque fechado.

– Não, não – Griff disse. – Pode rir, por favor. É muito engraçado. Uma garçonete recebendo lições de duquesa. Dá para imaginar? A melhor parte foram as aulas de dicção. Minha mãe estava sempre implicando com a Srta. Simms para que ela não comesse o final das palavras.

– É mesmo? – Lady Harrowes arqueou a sobrancelha. – Imagino que não tenha feito muito progresso.

– Oh, mas ela fez. Mostre-lhes, Srta. Simms.

Pauline sorriu.

– Horren*da*. Cara de por*ca*. Bru*xa*. – Ela olhou para Griff. – Pronto. Como me saí?

– Você foi brilhante. – Ele a fitou com orgulho.

– Vai escrever? – ela perguntou.

– Mas é claro. – Enquanto Griff anotava as alcunhas na caderneta de dança da Srta. Harrowes, continuou falando. – Mas você não ouviu a parte mais engraçada, Lady Harrowes. Sabe, eu pensei que estava fazendo graça com a minha mãe – e toda Londres –, mas acontece que eu acabei virando a piada.

A mulher ficou rígida.

– Por que perdeu o que restava da honra de sua família e o respeito da Sociedade?

– Não. Porque eu me apaixonei perdidamente por esta garçonete e agora não consigo imaginar como ser feliz sem ela. – Ele levantou os olhos da caderneta e deu de ombros. – Foi mal.

Todas as três Harrowes o encaravam boquiabertas, horrorizadas. Pauline desejou ter uma miniatura da expressão delas para guardar em uma gaveta para sempre, de onde pudesse tirar nos dias chuvosos e aborrecidos.

Griff afiou a ponta do lápis com a unha.

– Não vamos deixar de anotar isso. É importante. – Ele falou as palavras devagar, enquanto as escrevia. – Perdidamente... apaixonado.

– Não esqueça o “foi mal” – Pauline disse, olhando por cima do braço dele. – Foi a melhor parte.

– Sim. – Ele ergueu o olhar para ela. – Foi mesmo.

Eles ficaram se encarando, absorvidos no afeto mútuo e no riso silencioso. O momento foi perfeito. *Ele* foi perfeito. Homem provocador, maravilhoso.

– É uma valsa que estão tocando? – Griff perguntou, de repente. Ele olhou para a caderneta toda escrita que segurava, antes de devolvê-la. – É uma pena que sua caderneta esteja cheia, Srta. Harrowes. Acho que vou ter que dançar com a Srta. Simms, então.

Ele a conduziu até o centro da pista de dança e deslizou o braço pelas costas dela, colocando a mão entre as escápulas. Juntos, começaram a valsar.

Quase no mesmo instante, os outros casais começaram a sumir. Um a um, no começo. Depois dois ou três ao mesmo tempo. Quanto mais sozinhos eles ficavam, mais constrangida ela se sentia. Logo aquilo pareceu mágico. Ali estavam eles, dançando sob a total desaprovação da Sociedade. Parecia que a orquestra, o salão de bailes e todo aquele luxo do ambiente tinha sido preparado só para os dois.

– Acredito ter cumprido minha parte do acordo – ela disse. – Não vou ser celebrada por Londres esta noite. Nem em qualquer outra.

– Não vai mesmo.

Com isso, ela pensou que Griff interromperia a dança, mas não. Ele a fez rodopiar uma vez após a outra.

– Acho que já fizemos o bastante – ela sussurrou. – Sou um verdadeiro desastre.

– Ah, sim. Uma catástrofe completa. Um fracasso perfeito e lindo. – Ele se afastou para admirá-la. – E eu não poderia estar mais orgulhoso.

As palavras dele a envolveram como um abraço. Os dois sabiam que ela nunca teria sustentado a pretensão de ter uma criação aristocrática. Famílias como a Harrowes não se deixariam enganar. Em vez disso, ele acolheu Pauline por quem realmente era – de maneira pública e total, o que garantia que a sociedade nunca a aceitaria.

Mas ao deixá-la fracassar, ele a tornou um sucesso. Finalmente, ela teve seu triunfo. A atendente de taverna não tinha conquistado a Sociedade, mas capturou seu duque mais esquivo. Uma caçadora vestindo a pele do raro tigre branco. Só esta noite.

Ele a admirou com um olhar de adoração.

– Radiante. Do mesmo modo que estava naquele primeiro dia.

Ela riu.

– Tenho certeza de que não estou nada parecida com aquele primeiro.

– Está sim. Você brilhava.

– Era o açúcar.

– Não me convenceu. Acho que era você mesma. – A voz dele ficou suave, uma carícia. – Sempre foi você.

Ela sentiu um caroço na garganta e engoliu em seco.

Com o canto do olho, Pauline viu alguns dos guardas do Príncipe Regente confabulando em um canto, com as mãos nos sabres. Se os dois não saíssem logo da pista de dança, talvez fossem expulsos por guardas armados. *Essa* seria uma noite inesquecível.

– Acho que só temos alguns minutos.

– Então vamos deixar que eles contem o tempo – Griff disse. – Aqui estou eu, um duque, valsando com uma atendente de taverna e segurando-a indecentemente perto, para que todos vejam. – Ele estremeceu, para aumentar o efeito. – O que é isso que estou sentindo? Seria o tecido da Sociedade se rasgando?

Pauline torceu a boca, esforçando-se para não rir.

– Deve ser apenas a gota. Ouvi dizer que duques sofrem de gota.

– Bem, ouvi dizer que garçonetes têm gosto de framboesas maduras. – Ele encostou os lábios nos dela.

– Griff! – ela exclamou, boquiaberta.

– Pronto. Agora beijei você, na frente de todos. Chocante. E, veja, vou beijar de novo.

Ele parou de dançar e usou aqueles braços fortes para aproximá-la, tomando sua boca com um beijo apaixonado.

Quando se separaram, ele ostentava um sorriso malicioso.

– O que a Sra. Worthington diria?

Ela não sabia da Sra. Worthington, mas em algum lugar, um relógio começou a badalar. O coração de Pauline falseou. *A carruagem do correio.*

– Eu tenho que ir – ela disse. – Preciso ir, ou não vou chegar à tempo em casa. – Ela se soltou dos braços dele. – Sinto muito. Prometi para minha irmã. Você também prometeu.

Ela se afastou apressada, atravessando a pista de dança, voltando pelas antecâmaras congestionadas, chegando ao vestíbulo e descendo os degraus o mais rápido que seus sapatos permitiam.

– Espere – ele chamou do alto da escada.

– Não – ela gritou por cima do ombro. – Não torne isto mais difícil, Griff.

– Pauline, você não pode ir agora. Não assim.

Ela tentou se apressar, mas os passos dele eram maiores que o dela, e muito. Aqueles malditos sapatos. Quando tropeçou de novo, ela chutou um para longe e jogou o outro por sobre o ombro.

Griff se esquivou do sapato voador e a pegou pelo braço.

– Espere.

– Me deixe ir.

– Não estou tentando detê-la – ele disse.

Ela perdeu toda vontade de resistir e arregalou os olhos para ele.

– Não está?

– Não. – A expressão dele ficou séria. – Você precisa voltar para sua irmã e abrir a biblioteca circulante. É o seu sonho e você fez por merecer. Quanto a mim... também tenho trabalho a fazer. Acho que está na hora de eu me colocar à altura do tal legado Halford.

– Sério?

Ele concordou, solene.

– Para começar, vou cumprir minha palavra. Prometi que a levaria para casa no sábado e é o que vou fazer.

Era isso, Pauline se deu conta. Ele ia mesmo deixá-la ir. Ela voltaria para Spindle Cove e seria uma comerciante, enquanto ele se tornava um duque respeitável. Eles ficariam mais distantes do que nunca. Oh, Deus. Talvez nunca mais se encontrassem.

– Mandei preparar minha carruagem e meus cavalos mais velozes para levar você para casa. Mas primeiro, eu lhe devo algo. – Ele remexeu no bolso.

A ideia de Griff lhe pagando fez o estômago de Pauline revirar.

– Não posso – as palavras escaparam de seus lábios. – Não posso aceitar seu dinheiro.

– Mas nós combinamos.

– Eu sei. Mas isso foi antes, e agora... – Ela estremeceu, pensando em Delacre com a nota de cinco libras. – Isso faria eu me sentir vulgar. Não posso aceitar.

– Bem. Você tem que aceitar pelo menos isto. – Ele tirou uma moeda do bolso e a colocou na mão dela. Ele dobrou os dedos dela ao redor da moeda, respirando com dificuldade. – Para Daniela. Não tenho de menor valor.

Oh, Griff.

– Espero excelentes coisas de você, Pauline. – Ele tocou o rosto dela. – Faça-me um favor e espere o mesmo de mim? Deus sabe que ninguém mais espera.

Enquanto ele retornava para seu brilhante mundo aristocrático, Pauline abriu os dedos e fitou o soberano de ouro em sua palma.

Duques e seus problemas.

Capítulo vinte e seis

Griff observou a mãe atentamente enquanto ela se virava, assimilando as paredes pintadas com arco-íris e pôneis saltitantes.

– Eu queria lhe contar. – Ele sentou em uma banqueta de madeira coberta com uma manta. – Eu só não sabia como. Ela se foi tão rápido, e então...

A voz dele sumiu e a duquesa ergueu a mão; um gesto firme, discreto, que o fez saber que não eram necessárias mais explicações. Ela sabia o que era sofrer em silêncio, mantendo a elegância aristocrática em todo tipo de provação. Griff sabia que aquilo iria magoá-la profundamente – e por isso mesmo não queria lhe contar. Mas ela *era* a duquesa. Se ele conhecia bem a mãe, devia saber que ela manteria a compostura. Suportaria a pressão e nunca cederia. Mas talvez não a conhecesse assim tão bem.

Ela se voltou para ele com lágrimas nos olhos.

– Oh, Griffin. Eu andei tão preocupada com você. Eu sabia que estava sofrendo, e sabia que a causa deveria ser algo terrível. Sua aparência estava péssima.

Griff esfregou o rosto com as duas mãos.

– Não, eu falo sério. Totalmente acabado.

Ele fez um gesto de impotência.

– Desculpe-me.

– Eu esperava que não precisássemos chegar a isto. – Ela suspirou. – Espere aí.

Ela saiu e voltou em menos de um minuto, aproximando-se dele no centro do quarto. Nos braços, a mãe carregava o cachecol mais feio e malformado que ele já tinha visto. Ela o enrolou uma, duas, três vezes no pescoço do filho.

Aquele era o abraço mais quente e apertado que Griff já tinha recebido.

Ele a encarou, perplexo.

– De onde isto veio?

– O tricô? Ou o afeto que representa? Prefiro não falar do tricô. Quanto ao amor... sempre esteve aqui. Mesmo quando não falamos dele.

Griff se levantou e a beijou no rosto.

– Eu sei.

Há muitos anos eles eram a única família que tinham. Griff desconfiava que os dois evitavam admitir o quanto significavam um para o outro pelo simples receio de reconhecerem o quão perto estavam de ficarem completamente sós.

Ela levou uma de suas mãos frias e delicadas ao rosto dele.

– Meu garoto querido. Eu sinto tanto.

– Como você aguentou? – ele perguntou. – Como suportou isso três vezes?

– Não com a mesma coragem que você. E nunca sozinha. – Ela olhou para as paredes pintadas. – A perda foi dura. No meu coração, tenho um quarto parecido com este para cada um deles. Mas mesmo nas horas mais sombrias, eu e seu pai nos reconfortamos um com o outro. E com você.

– Comigo? Deus. Eu nunca me senti bom o bastante para ser filho de vocês. Quanto mais para tomar o lugar de quatro.

– É uma pena que tenha se sentido assim. Olhando para trás, percebo que devíamos ter sido mais carinhosos. Mas receávamos mimá-lo, pois sabíamos que você precisaria se tornar um homem forte. Se fosse como eu queria, teria mantido você, abraçadinho junto ao meu peito, até fazer 16 anos.

– Bem. – Ele torceu o canto da boca. – Acho que estou feliz por ter resistido a esse impulso.

Ela deu um tapinha na bochecha do filho.

– Griffin, sempre que olhava para você eu via um homem generoso, de bom coração. Eu só estava impaciente, esperando que você próprio visse o mesmo.

– Eu quis me tornar melhor por ela. – Ele levantou os olhos para o teto. – Eu não escondi tudo isto por ter vergonha de Maria Annabel. Eu só estava com vergonha de mim mesmo, da minha vida dissoluta. Eu tinha decidido me transformar em um homem melhor. Não queria que olhassem para minha filha como se fosse um dos meus erros.

Erros que ele continuava a cometer, ao que parecia.

– Ela estava certa – Griff disse. – Pauline tinha razão quanto às nossas chances, mas errou quanto ao culpado. Se a Sociedade não a aceita, não é culpa dela, mas minha. Um nobre do tipo sério, aborrecido, poderia se apaixonar por uma plebeia, e talvez a Sociedade lhe desse o benefício da dúvida. Uma chance para ela, ao menos, provar seu valor. Mas com minha história de vida sórdida, as

pessoas sempre vão pensar que ela é apenas o escândalo mais recente do duque devasso. Pauline merece mais do que isso. *Eu* quero mais para ela.

– Não é tarde demais – a mãe dele disse. – Traga-a de volta. Não por apenas uma semana, mas por meses. Você pode assumir seu lugar na Câmara dos Lordes, e nós a apresentaremos à Sociedade com calma, no ano que vem. Você vai ver, as pessoas vão acabar...

– Não. Ela não quer essa vida e eu não a culpo. Eu também não quero, mas agora sei que é meu dever. – Ele suspirou. – Talvez nunca haja um 9º Duque de Halford, mas quero que o 8º seja bem lembrado. Pela minha filha.

– E quanto a Pauline?

Pauline, Pauline, Pauline. Ela tinha saído de sua vida há poucas horas e ele já sentia uma falta enorme dela. Ele passaria a vida tentando se recuperar.

– Eu só quero que os sonhos dela se tornem realidade.

Sua casa sempre foi assim pequena?

Parada na rua, olhando, Pauline hesitava ao entrar na própria casa. Major, o ganso de guarda, veio grasnando na direção dela, alertando os moradores.

– Pauline? – O rosto da mãe apareceu na janela. – Pauline, é você?

Ela enxugou as lágrimas que afloravam em seus olhos.

– Sim, mamãe. Sou eu. Voltei para casa.

Mais tarde, deitadas no mezanino, Pauline e Daniela se abraçaram e choraram. Então as duas escovaram e trançaram o cabelo uma da outra, e depois arrumaram os vestidos de domingo para a manhã seguinte.

Como sempre, o soberano de Griff foi direto para a caixa de esmolas.

Durante a missa, Pauline podia sentir toda a curiosidade de Spindle Cove concentrada nela. Ela sabia que teria que responder a muitas perguntas, mas ainda não estava pronta. E embora tivesse conseguido retardar em vários dias sua ida à loja Tem de Tudo, ainda não se sentia preparada para respondê-las.

Sally Bright pulou nela assim que Pauline entrou pela porta. Embora fosse sua amiga mais antiga e querida, Sally era a pessoa mais curiosa e fofoqueira de Spindle Cove. Pauline sabia que a curiosidade devia estar devorando a amiga com centenas de dentes.

– Você... – Sally levantou e sacudiu uma pilha de jornais – Você tem que me explicar muita coisa. Você foi mesmo a um baile? E fez um duque se apaixonar perdidamente?

– Sally, ainda não quero falar disso. Eu não consigo. Tudo é tão... – ela perdeu a voz.

Sally não a pressionou. Ela saiu correndo de trás do balcão e envolveu Pauline em um abraço apertado.

– Pronto, pronto. Vamos ter anos para falar disso, não vamos?

Pauline assentiu.

– Infelizmente, acho que vamos.

A princípio ela nutria a esperança absurda de que Griff viria atrás dela, talvez aparecendo na fazenda uma bela manhã, com a barba por fazer e cheirando a colônia. Mas conforme os dias foram passando, sua esperança começou a parecer cada vez mais um sonho maluco. Aquele não era o conto de fadas que Griff tinha lhe prometido.

– Tenho uma notícia que vai animar você – Sally disse.

– Oh. O que é?

– A velha é horrível Sra. Whittlecombe mudou-se para Dorset, para morar com o sobrinho.

– Mesmo? É uma boa notícia, eu acho. Para todo mundo, menos para o sobrinho. Pensei que ela nunca fosse abandonar aquela casa caindo aos pedaços.

Sally deu de ombros.

– Bem, ela abandonou. E foi rápida para ir embora. Agora estou com um encalhe de meia dúzia de garrafas daquele “tônico” nojento que ela tomava. Acho que ninguém mais vai querer aquilo. – Ela arqueou as sobrancelhas. – E tem mais uma coisa. Algo para você.

– O que é?

– Venha ver.

Sally a puxou até o depósito. No meio da sala, sobre o chão, havia uma imensa caixa de madeira com o nome de Pauline.

– Um homem trouxe ontem. Entrega especial – Sally explicou. – Não veio com o correio normal. Mas ele me disse que não era para entregar na sua casa. Eu devia esperar a Srta. Simms vir à loja e não podia falar sobre isso com ninguém. É tudo tão misterioso. – Ela pegou no braço de Pauline e o sacudiu, impaciente. – Podemos abrir agora? É pesado como nunca vi. Estou morrendo para saber o que tem dentro. *Morrendo.*

– É claro – Pauline concordou.

Sally deu um gritinho de empolgação. Com a ajuda de um pé de cabra, ela tirou a tampa da caixa e enfiou a mão na camada de palha.

– Oh – ela disse, murcha. – Bem, é uma decepção. Tomara que você não estivesse esperando muita coisa. São só livros. – Ela tirou um volume vermelho de cima e olhou dentro da caixa. – Sim. Só livros, até lá embaixo.

– Deixe-me ver – Pauline pediu, pegando o livro das mãos de Sally.

Ela deslizou a palma pela encadernação de couro vermelho, tirando de cima um pouco de palha para poder ler o título: *Fanny Hill: Memórias de uma mulher de prazer.*

– Quem é essa tal de Sra. Radcliffe? – Sally pegou um punhado de livros da caixa. – Ela escreveu um monte de livros.

– Cuidado com eles, por favor. – Pauline se aproximou dela e começou a examinar os volumes. Radcliffe, Johnson, Wollstonecraft, Fielding. Defoe. Todos os livros da lista que Griff tinha ditado aquele dia, na livraria do Snidling.

Ele tinha se lembrado. E soube que não devia mandá-los para sua casa, por receio que o pai dela os jogasse no fogo. Pauline levou o livro até o nariz e inspirou aquele aroma – seu segundo cheiro favorito – antes de colocá-lo de lado para examinar o restante.

No meio da caixa, Pauline encontrou um volume não encadernado em couro vermelho, mas com a pelica bege mais inviável. *Poemas reunidos de William Blake.*

Lágrimas encheram-lhe os olhos quando ela virou a capa. Dentro, afixado na guarda marmorizada, estava o ex-líbris:

Da biblioteca da Srta. Pauline Simms

– Oh, Griff.

A caixa não estava apenas cheia de livros. Estava repleta de significado. Mensagens complicadas demais para serem explicadas, ou arriscadas demais para enviar em uma carta.

Ele a conhecia, era o que aquela caixa de livros dizia. Ele conhecia os lugares mais profundos e ocultos de sua alma. Ele a respeitava como uma pessoa pensante, com sonhos e desejos.

Ele a amava. De verdade.

E a mensagem mais pungente de todas, que aquela caixa de livros trazia, era clara e inegável:

Adeus.

Capítulo vinte e sete

Alguns meses depois

Se existe algo melhor que o cheiro de livros, é esse cheiro misturado aos aromas de chá forte e biscoitos de especiarias – e tudo isso em uma tarde chuvosa.

Uma comemoração era necessária. A biblioteca circulante Duas Irmãs fazia aniversário de um mês nesse dia.

Todas as mulheres de Spindle Cove tinham comparecido à festa delas. O pequeno estabelecimento estava lotado de jovens debruçadas sobre livros escandalosos e molhavam seus biscoitos em xícaras de chá com leite.

Pauline amava esse lugar, como nunca pensou que pudesse amar algo que poderia dar certo. E como ela trabalhou duro – todos os dias, da alvorada ao crepúsculo. Mas o trabalho era um tipo fatigante de alegria. Spindle Cove estava fervendo com uma nova safra de mulheres de férias, todas ávidas por encontrar novo material de leitura.

Alguns dias uma jovem entrava pela porta parecendo perdida, e então encontrava um velho amigo em uma das prateleiras, encadernado em Marrocos vermelho. Ou talvez fizesse uma nova e empolgante amizade. Então ela saía com um livro na mão e um sorriso no rosto. Esses dias faziam valer a pena todo o trabalho duro.

Pauline nunca trabalhava sozinha. Daniela estava sempre com ela. Ela e a irmã tinham trocado um quarto no mezanino por outro. Moravam em cima da loja, agora. A não ser por visitas à mãe nos domingos, elas mesmas determinavam seus horários, faziam sua comida e limpavam (ou não) a casa quando queriam. Elas esbanjavam muito com velas, queimando-as até tarde da noite enquanto liam poesia uma para a outra.

Esse lugar era realmente um lar.

– Quem é aquele atravessando a praça? – uma mulher perguntou, espiando pela janela. – Nós o conhecemos?

– Acho que sim. – Outra jovem riu.

– Oh, minha nossa – disse Charlotte Highwood. – Ele de novo, não.

Não podia ser. Ele não podia ter vindo. Mas no fim, a curiosidade venceu. Pauline foi até a janela e olhou através da chuva.

Oh, Senhor. Oh, Senhor. Era ele. Mesmo com a chuva, ela reconheceria as feições marcantes e os ombros largos em qualquer lugar. O Duque de Halford estava caminhando diretamente para a biblioteca. *Griff*.

O pulso dela acelerou. Por que ele tinha aparecido, depois que meses se passaram sem nenhuma mensagem? Bem quando ela tinha reunido os pedaços do coração e construído uma casa nova e mais segura.

– Não se preocupe, Srta. Simms – Charlotte disse. – Vou espantá-lo antes que ele a atormente.

Pauline foi para os fundos da loja, tentando se preparar.

Ele abriu a porta, baixando a cabeça ao entrar.

– Esta é a...

– Alto lá. – Charlotte bloqueou a passagem com uma vassoura. – Está procurando alguém?

– Não – ecoou a voz grave dele. – Com toda certeza não estou procurando "alguém". Estou procurando Pauline Simms e ninguém mais.

O coração de Pauline falhou uma batida. Charlotte se manteve firme.

– O preço da entrada é uma poesia. Sem exceções.

Griff olhou por cima dela, vasculhando o estabelecimento lotado até que seus olhos encontraram os de Pauline. Santa Misericórdia. Ele era mais bonito do que ela se lembrava.

– Srta. Simms – ele disse. – Eu posso...

– Sem exceções – Charlotte repetiu. – Uma poesia.

– Não sei nenhuma poesia.

– Crie uma.

– Muito bem, muito bem. – Ele passou a mão pelo cabelo moreno e úmido. – Era uma vez um duque libertino. Ele... ele... não era matutino. E deixou seu amor escapar, mas quer que ela saiba...

Pauline lhe deu as costas, incapaz de continuar olhando para ele.

– Eu não parei de pensar em você desde aquela noite, Pauline – Griff gritou para ela. – Nem por um instante.

– Essa poesia é terrível – disse Charlotte, mantendo o cabo de vassoura à frente dele. – Não tem rima.

– Eu não sei o que pode rimar com “escapar”.

As mulheres murmuraram entre si, debatendo as possibilidades.

– Eu sei – a voz de Charlotte se elevou acima das demais. – Vomitar! “Ele deixou seu amor escapar, mas quer que ela saiba... que pensar em seu rosto o faz vomitar.”

– Não serve – Griff disse. – Isso não é verdade.

– Pelo menos rima – Charlotte resmungou.

– Apanhar – Pauline declarou, exasperada. – Ele merece apanhar.

– Excelente – Griff disse. – Fico com essa. Posso passar agora.

Daniela jogou um biscoito, que acertou a testa do duque.

– Vá embora, duque. Deixe minha irmã em paz.

– Daniela tem razão – Pauline disse. – É melhor você ir embora. Não consigo imaginar o que você quer depois de tantos meses.

– Eu queria ver você, ver o que tem feito. – Ele passou os olhos pela biblioteca. – Isto é genial, Pauline. Eu sabia que você conseguiria.

Era só isso? Griff tinha feito a viagem de Londres até Spindle Cove só para ver o investimento dele, por assim dizer.

– Bem, agora você já me viu – ela disse. – Pode ir.

As outras mulheres presentes concordaram, juntando suas vozes ao coro que pedia a saída de Griff.

– Escutem, se vocês me derem um momento a sós com a Srta. Simms, eu...

– Vá embora! – ela gritou, os nervos em frangalhos. O aroma nefasto da colônia dele começou a chegar até Pauline, e logo ela estaria reduzida a uma poça de emoções no chão recém-pintado. – Você pode ser um duque, mas não pode transformar isso em hábito; aparecer no meu local de trabalho sem aviso para virar minha vida de cabeça para baixo. Eu não aceito isso. Não consigo. Então a menos que tenha vindo até aqui para cair de joelhos, suplicar por perdão e implorar para que eu me case com você, pode ir embora agora mesmo e nunca mais voltar.

Ele não foi embora. Griff apenas ficou parado ali, olhando para ela. Então ele se ajoelhou.

– Oh, não. – Pauline levou as duas mãos ao rosto. – Griff, não.

– Você não pode recusar antes que eu peça. – Ele passou a mão pelo cabelo. – Por que isto tudo está acontecendo de trás para frente? Eu sabia que você ficaria surpresa em me ver, e, sem dúvida, brava por eu ter demorado tanto tempo. Mas

achei que, pelo menos, você me deixaria dizer algumas palavras. Eu até preparei um discurso, sabia? E era bom. Mas agora que você arruinou a surpresa...

Ele enfiou a mão no bolso e pegou uma bolsinha de veludo.

Pauline espiou por entre os dedos trêmulos. A essa altura ela chorava para valer. Impaciente, limpou as lágrimas com as duas mãos, esforçando-se para ver o anel que Griff despejou na própria palma. Uma esmeralda sobre um anel grosso de ouro, cravejado de pequenos diamantes.

Bem, pelo menos ela sabia que ele mesmo tinha escolhido. Era lindo.

Ela se virou para o lado, enterrando o rosto no avental. Griffin Eliot York, 8º Duque de Halford, estava ali, de joelhos, por ela. Havia um anel na mão dele e toda vila assistia. Era demais. Impossível demais para ela aceitar. Alegria demais para entender.

– Eu te amo, Pauline Simms. Amo você desde o dia em que nos conhecemos. Na verdade, desconfio que uma parte do meu coração a amava muito antes disso. Não havia mulher que servisse para mim antes de você, e se me rejeitar, não haverá depois. Eu sei que não sou bom partido, mas...

Ela o interrompeu com uma gargalhada indelicada.

– Não é um bom partido? – Virando-se, ela enxugou os olhos. – Griff, você é um duque.

– Sim, eu percebi. E daí?

– E daí... que nós já chegamos à conclusão de que um duque não pode se casar com uma atendente de taverna. Nem com uma comerciante.

– Você tem razão. Nossas vidas *eram* muito diferentes. Para que nós dois pudéssemos dar certo, algo tinha que mudar. Eu não podia mudar o mundo. E não queria mudar nada em *você*. Parecia evidente, contudo, que já era tempo de eu melhorar.

– Melhorar?

– Você conhece o legado Halford. Eu venho de uma longa linhagem de intelectuais, exploradores, generais. Eles acumularam uma série de realizações e uma fortuna imensa. E eu, finalmente, me dei conta de que existe uma coisa que eu tenho coragem de fazer, mas que nenhum deles faria.

– E o que é?

– Doar tudo.

A biblioteca ficou muito silenciosa.

– Tudo? – Pauline repetiu a última palavra dele.

– Oh, não – Charlotte gemeu. – Agora ele é pior que um duque devasso e

arrogante. É um duque *pobre.*

– Não estou pobre – ele disse. – Vocês não precisam ficar tão aflitas. Um duque não pode abrir mão do título. Existem propriedades vinculadas, fundos. Essa parte é assunto entediante para advogados. Talvez eu deixe de ser o quarto duque mais rico da Inglaterra para cerca de décimo-quarto. Mesmo assim, eu tive liberdade para me livrar de uma boa quantia de dinheiro. E isso foi fácil, depois que me dediquei à tarefa.

Pauline o observava, cautelosa.

– Não entendo. O que você está me contando?

– Descobri meu talento natural. Nasci para dar dinheiro. Mas não aquela bobagem de "esbanjar alguns milhares de libras aqui ou ali". O que estou fazendo é uma doação sistemática da parte dispensável do dinheiro da família. O 8º Duque de Halford vai ser lembrado como o maior doador beneficente da história da Inglaterra. Esse vai ser meu legado.

Ela o encarava, chocada. Mas ele parecia feliz. Totalmente em paz consigo mesmo e com seu lugar no mundo. Ele não estava humilde, de fato. Pauline imaginou que aquela arrogância jovial nunca sumiria – não que ela quisesse isso. Mas ele parecia um homem com objetivo e direção na vida.

E a melhor parte era que ela sabia que Griff não tinha feito nada disso por ela. Ele fez para si mesmo.

– Confesso, contudo, que fiz uma última compra egoísta. – Um sorrisinho matreiro entortou a boca dele. – Uma casa de fazenda caindo aos pedaços. No fim do mundo, em Sussex.

– *Você* comprou a casa Whittlecombe? Foi você?

– Era a única propriedade à venda na paróquia. – Murmurando uma imprecação, ele jogou o peso de um joelho para outro. – Você vai dizer "sim" logo? Este maldito chão é muito duro, e você está muito longe.

Ela se aproximou.

– Não lembro de ter ouvido uma pergunta.

– Eu não sei bem o que perguntar, na verdade. "Quer ser minha esposa?", ou "Seja minha duquesa", ou apenas "Seja minha"... tudo isso soa perigoso. Não quero pôr nomes ou títulos nisso, porque você vai encontrar um motivo para discutir. Nem mesmo me importa que você use a droga do anel. – Ele jogou o saquinho de veludo no chão.

– Eu uso o anel – Charlotte se prontificou.

Pauline deu-lhe um olhar ameaçador. *Não toque nisso.*

Griff estendeu a mão vazia.

– Pauline, estou aqui lhe pedindo, implorando, se for necessário, que você aceite a minha mão. Apenas aceite minha mão, e prometa diante de Deus que nunca irá soltá-la. Eu vou jurar o mesmo. Podemos providenciar para que isso aconteça logo? Em uma igreja? – Depois de um instante, ele acrescentou, em voz baixa: – Por favor?

Ela pôs a mão na dele e Griff curvou os dedos ao redor dos dela, um aperto que foi tão emocionante quanto um abraço, quanto uma promessa forjada em ferro. Ela soube, em seu coração, que os votos na igreja seriam meras formalidades.

Esse foi o momento. A partir de então, o mundo só ficou mais quente.

Griff levou a mão dela até os lábios e a beijou.

– Diga-me que isso quer dizer sim – ele pediu.

– Sim – ela disse. – Sim para todas as perguntas. Para cada uma delas. E vou ficar honrada em usar seu anel.

A não ser Charlotte, que murmurou “droga”, todas deram calorosos vivas.

Horas mais tarde, depois que todos os biscoitos foram comidos e a chaleira esvaziada, depois que Daniela foi dormir no quarto, os dois estavam em lados opostos do balcão da biblioteca, de mãos dadas, trocando olhares carinhosos.

– Acabei de notar uma coisa – Pauline disse. – Eu sempre me sinto mais apaixonada por você quando estamos rodeados de livros.

– Muito bem. Então preciso falar com o arquiteto que está projetando nossa casa nova. Vou dizer para ele instalar estantes de livros do chão ao teto em todas as paredes do nosso quarto.

– Basta que você esteja comigo. – Ela sorriu. – Confesso que tinha perdido a esperança. Eu li no jornal que você estava em sua casa, em Cumberland.

– Eu fui para lá. Com minha mãe. Acertei as coisas com meu administrador, de modo que eu não precise voltar por algum tempo. E também colocamos uma lápide para Maria Annabel no cemitério da família.

– Oh, Griff. Fico feliz que vocês tenham conseguido fazer isso juntos.

– Eu também. – Ele pigarreou e olhou ao redor, para a biblioteca. – Como você conseguiu fazer isso tudo sem dinheiro?

– Eu comecei com os livros que você me enviou, é claro. As mulheres daqui me ajudaram a conseguir mais. E para alugar a loja, peguei um empréstimo com

Errol Bright.

Ciúme queimou nos olhos dele.

– Errol Bright emprestou dinheiro para você?

Ela concordou com a cabeça.

– Um empréstimo de amigo. Só isso. Já paguei metade do que devo para ele.

– Aposto que sim. – Ele beijou a mão dela e a acariciou. – Vou ter que me dividir, sabe. Spindle Cove agora é meu lar, mas tenho outras responsabilidades que precisam de atenção em Londres também. Sou o mantenedor de várias organizações beneficentes. E desconfio que os próximos anos vão nos mostrar quem são nossos verdadeiros amigos. Se formos convidados para um baile ou evento, gostaria de ir e exibir minha bela esposa.

– Eu também gostaria disso.

Ele franziu a testa enquanto observava o espaço entre o segundo e o terceiro dedos dela.

– Não posso lhe prometer filhos, você sabe disso. Não tem nada que eu queira mais do que uma família com você, mas... não posso garantir.

– Eu sei.

– Tudo que posso lhe oferecer com certeza é um marido apaixonado e uma sogra conspiradora. Será que é o bastante?

Ela riu.

– É mais do que o bastante.

– Bem, e não podemos nos esquecer de Daniela. Ela também vai nos acompanhar. Eu sei que mudanças são difíceis para ela, mas pensei bastante nisso. Vamos providenciar para que ela tenha um quarto em cada uma de nossas residências, todos decorados exatamente do mesmo modo. Assim ela sempre vai se sentir em casa. E nós poderemos contratar uma acompanhante para ela, se você quiser. Uma que seja excelente. Você sabe que só contrato os melhores funcionários.

Pauline sentiu a garganta apertar tanto que só conseguiu soltar um:

– Obrigada.

– Não precisa me agradecer. Você sabe que sou filho único. A alegria vai ser minha de ganhar uma irmã, se puder dividi-la comigo.

Não havia nada – *nada* – que ele pudesse ter dito que a emocionasse mais. Griff era o melhor dos homens. Ela nunca deveria ter duvidado dele, nem por um momento. Nunca duvidaria de novo.

– Desconfio que Daniela e minha mãe vão se entender muito bem, como

criminosas – ele disse.

A imagem fez Pauline sorrir em meio às lágrimas.

– Nossa. Imagine quando forem às compras.

– As compras serão o de menos. Imagine o tricô.

Eles riram juntos.

Pauline levou a mão ao rosto dele.

– É demais. Você está sendo perfeito demais. Rápido, diga algo horrível para que eu saiba que isto não é um sonho.

– Muito bem. Eu tenho um problema de pele nojento e uivo feito uma coruja quando chego ao orgasmo.

Ela riu.

– Mas eu sei muito bem que nada disso é verdade.

– Não era verdade meses atrás. Acho melhor você tirar toda minha roupa e verificar se nada mudou.

– Hum. Acho que eu conheço um mezanino sossegado.

Ele se debruçou sobre o balcão e a beijou. Um beijo caloroso, descontraído. Foi, talvez, o melhor beijo de todos. Foi um beijo cotidiano.

– Eu te amo – ele disse.

– Tudo vai mesmo dar certo – ela disse. – Não é?

Ele torceu os lábios e apertou a mão dela.

– De vez em quando tudo vai estar bem. Mas a maior parte do tempo, vai ser maravilhoso.

E foi.

Epílogo

Cinco anos depois

– Vocês já escolheram um nome para ela? – perguntou Victor Bramwell, Lorde Rycliff, reclinado em sua cadeira na Touro & Flor, cruzando os braços sobre o peito.

– Ela? – Colin repetiu. – Como você sabe que o bebê vai ser uma menina?

– Só pode ser garota – Bram disse. – Susanna chama isso de "Efeito Spindle Cove". Nós temos a Victoria. Thorne ganhou a pequena Bryony. Susanna recebeu uma carta de Violet Winterbottom – gêmeas. Todos nós tivemos garotas como primogênitas. – Ele inclinou a cabeça na direção de Griff. – A não ser por Halford, claro.

Griff poderia corrigi-lo, mencionando Mary Annabel, mas o momento não era propício. Ainda assim, tomou um gole de sua bebida pensando nela.

– Eu não apostaria meu dinheiro nisso – Colin disse. – Nada disso está acontecendo de acordo com o esperado ou a lógica. Minerva só deveria dar à luz dentro de um mês. Do contrário não teríamos vindo incomodar Halford com nossa visita.

– Que bom que vocês estão aqui, e não em Londres – Griff disse. – Em Spindle Cove ela vai estar rodeada pelas amigas. E com certeza temos espaço suficiente na casa.

Anos atrás, eles tinham demolido a velha casa da fazenda Whittlecombe, substituindo-a por uma casa grandiosa o bastante para um duque e sua duquesa, mas não opressiva demais para Daniela, nem pomposa demais para o entorno. Ele e Pauline pensavam no lugar como seu chalé de lua de mel, se comparado às casas maiores em Cumberland e Londres. Essa era a residência deles, não habitada pela história de gerações passadas.

Durante a maior parte do ano, era o lar da família.

Mas embora a casa tivesse 24 quartos e fosse construída com o que havia de melhor das técnicas modernas de construção, não era à prova de som, nem

grande o bastante para manter longe três nobres ansiosos enquanto uma mulher sofria durante o trabalho de parto.

Susanna, exausta por auxiliar a parteira *e* responder constantemente aos pedidos de notícias, expulsou os homens de casa, mandando-os ir beber na vila. Ela prometeu informá-los assim que houvesse algo para contar.

Ainda que essa retirada pudesse ser vista como covardia, os três aceitaram a oportunidade de bom grado. Griff pagou rodada após rodada de cerveja na taverna familiar e aconchegante, enquanto as horas se alongavam. Se aquilo se arrastasse até de noite, ele desconfiou que os três precisariam de algo mais forte. Conhaque ou uísque, talvez.

– Você vai ter uma garota – Bram insistiu. – Então escolha logo um nome.

– Minerva quer escolher o nome ela mesma. – Colin esvaziou a caneca. – Ela disse não ter dúvida de que vou chamar a criança de tudo, menos do verdadeiro nome. – Ele suspirou fundo e tamborilou os dedos na mesa. – Quantas horas isso vai demorar? Eu e Minerva já esperamos bastante para começar uma família. Minha paciência está esgotada. Isto é tortura.

– Pense em como sua mulher está se sentindo, meu lorde – disse Becky Willet, servindo-lhes mais uma rodada. Fosbury não tinha perdido o gosto por garçonetes com opinião.

– Ele *está* pensando na mulher – Griff disse, tranquilo. – Por isso é uma tortura.

Se alguém pensasse que Colin estava reclamando demais, deveria ter visto Griff na primeira vez que Pauline entrou em trabalho de parto. Ele foi um verdadeiro cretino, chamando os médicos aos gritos, berrando com as empregadas, andando de um lado para outro nos corredores. Precisou bancar o valente, para que ninguém percebesse o verdadeiro pavor que o devorava por dentro. Se alguma coisa acontecesse com ela...

– Acredite em mim – Bram disse para Colin –, quando tudo acabar, depois que você souber que Minerva está bem, e a parteira colocar *sua filha* vermelha e enrugada nos seus braços... toda essa preocupação estará esquecida.

Griff esperava que fosse assim com seu velho amigo. Foi diferente com ele próprio. Griff não dormiu durante os quinze dias que antecederam o nascimento do filho. Ele ficou de guarda sobre o berço, andava pelos corredores com o pequenino nos braços. Até que Pauline o encontrou na biblioteca certa manhã.

Ele tinha adormecido em uma poltrona, com o pequeno Jonathan acomodado no antebraço. Quando ele acordou, foi com a visão de sua linda esposa, o cabelo

solto e emoldurado por um halo de luz solar. Tão linda que parecia um anjo.

Ela não disse nenhuma palavra, só pegou o bebê, beijou Griff no rosto que ele não barbeava há dias, e sorriu.

Nesse momento, uma sensação de paz tomou conta dele. Pela primeira vez desde que soube que Pauline estava grávida, ele parou de se preocupar, achando que tudo daria errado, e começou a esperar que tudo desse certo.

Isso fazia quase quatro anos, e ele não olhou mais para trás.

Ele tinha certeza de que seus pares considerariam sua vida em Spindle Cove muito estranha. A duquesa mantinha uma biblioteca circulante e era amiga íntima da dona do armazém. Seus filhos vestiam jaquetas mal tricotadas e tortas, e brincavam com os filhos de agricultores e pescadores. Para contrabalançar seu trabalho beneficente na escola local e na paróquia de Santa Úrsula, Griff promovia um jogo de cartas semanal que tinha se tornado legendário.

Talvez essa fosse uma vida pouco convencional para um duque. Mas era, sem dúvida, muito feliz.

– Ora, se não é o jovem Lorde Westmore – a voz de Fosbury trovejou na cozinha. – E Vossa Graça e a pequena Lady Rose com ele.

– Nada de doces, por favor, Sr. Fosbury. – Essa foi a voz de Pauline. – A avó deles já mima demais os dois. Não, Rose. Não pode tocar.

Griff sorriu para si mesmo. Tantos anos desde que sua mulher – sua *duquesa* – trabalhou na taverna e ela ainda entrava pela porta dos fundos.

Mesmo com duas crianças e o cabelo desalinhado, ela ainda o deixava sem fôlego. Todas as vezes.

Colin se levantou em um salto.

– Como ela está?

– Qual “ela”? – Pauline trazia Jonathan pela mão e Rose apoiada no quadril oposto. – Está falando da sua mulher ou da sua filha?

Bram bateu na mesa, triunfante.

– Eu lhe disse que seria uma menina.

– As duas estão bem – Pauline se apressou em dizer. – Com ótima saúde e desfrutando de um merecido descanso.

– Eu... isso é... – Colin empalideceu e se deixou cair novamente na cadeira, pois seus joelhos não aguentaram. – Oh, Deus.

Pauline se aproximou de Griff e inclinou a cabeça na direção de Colin.

– Isso é efeito da bebida ou do choque da paternidade?

– Desconfio que das duas coisas. Dê-lhe um instante, ele vai se recuperar.

Ela soltou a mão de Jonathan e trocou Rose de lado.

– Você fica com eles enquanto vou ver a Sally? Estou esperando um novo pacote de livros para a biblioteca.

– É claro. Mas espero uma recompensa pelo trabalho.

Ela o beijou no rosto e sussurrou, com a voz sensual:

– Mais tarde.

– Vou cobrar a promessa. – Ele pegou Rose nos braços e mexeu no narizinho dela. – Olhe para você, querida, está toda brilhando de açúcar.

Nota da autora

O poema que Pauline cita é “O armário de cristal”, de William Blake.

O Hospital dos Abandonados era uma instituição real em Londres. Embora hoje nós usemos a palavra “hospital” para lugares que tratam de doentes, na época a palavra se referia apenas a um lugar seguro. Era um lar para crianças abandonadas por mães solteiras. Visitar o Hospital dos Abandonados era uma forma de caridade popular para cavalheiros e ladies da época; contudo, essas visitas normalmente se limitavam a observar as crianças no refeitório e, às vezes, dar-lhes doces.

Algumas leitoras podem estar imaginando qual seria a explicação médica por trás de partes da história. Por que todos os irmãos de Griff morreram bebês? Seria algum tipo de doença hereditária? Em caso positivo, ele e Pauline não estariam arriscando uma série de tragédias em seu futuro?

Embora o ambiente histórico não me permita inserir a explicação médica na história, eu a escrevo com a ciência em mente.

O problema com os pais de Griff era a incompatibilidade de Rh. A complicação ocorre em mulheres que têm sangue Rh-negativo, mas que concebem crianças com um parceiro Rh-positivo. O primogênito (Griff, neste caso) pode nascer com a saúde perfeita, mas o corpo da mãe fica “sensibilizado” para futuras gestações e irá tratar o feto Rh-positivo como uma ameaça. Essas gestações podem resultar em abortos, natimortos ou bebês que nascem muito fracos para sobreviver.

Felizmente, a medicina moderna compreende esse problema. Os médicos pedem exames de sangue dos futuros pais para determinar seu Rh e, assim, prevenir a incompatibilidade. Quanto a esta história, as leitoras podem ficar tranquilas de que, como Pauline é Rh-positivo (assim como a grande maioria das mulheres), não existe motivo pelo qual ela e Griff não possam ter tantos filhos saudáveis e felizes quanto quiserem.

Agradecimentos

Como sempre, sou profundamente grata a Tessa Woodward, Helen Breitwieser, Jessie Edwards, Pam Spengler-Jaffee e todos da Avon Books/HarperCollins.

A Courtney, Carey, Leigh, Bren, Laura, Kara, Susan e O Círculo Inominável: todo meu amor e toda minha gratidão. Eu não conseguiria escrever um livro sem sua amizade e seu apoio. Eu seria uma boba só de tentar.

Por último, gratidão infinita ao meu marido amoroso, meus filhos, pais e família, que tornam abençoadamente tão difícil, para mim, criar personagens menos incríveis.

LEIA TAMBÉM

Uma noite para se entregar
Tessa Dare
Tradução de A C Reis

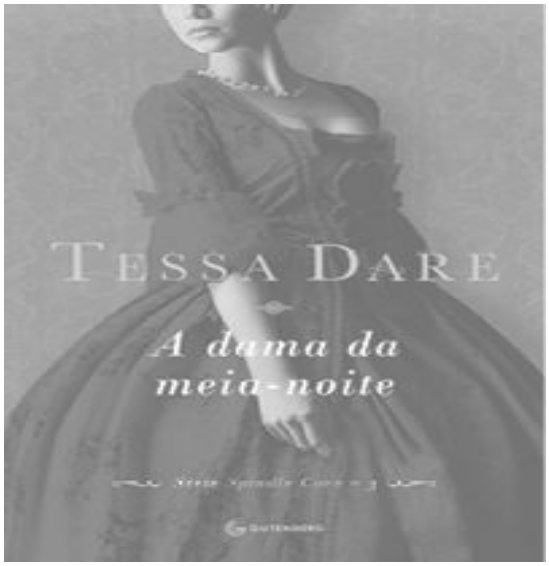


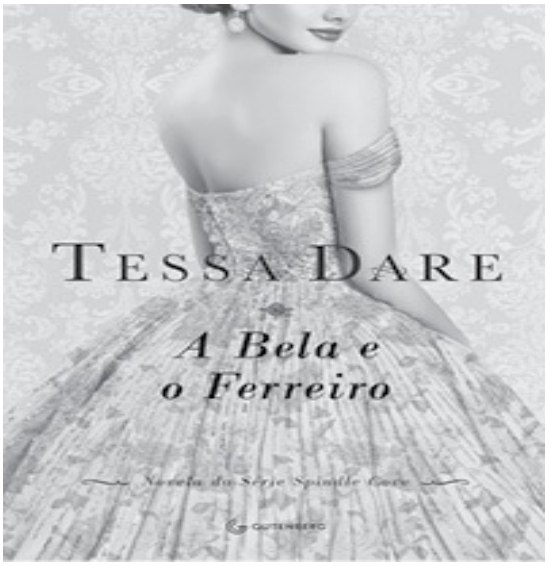
Uma semana para se perder
Tessa Dare
Tradução de A C Reis

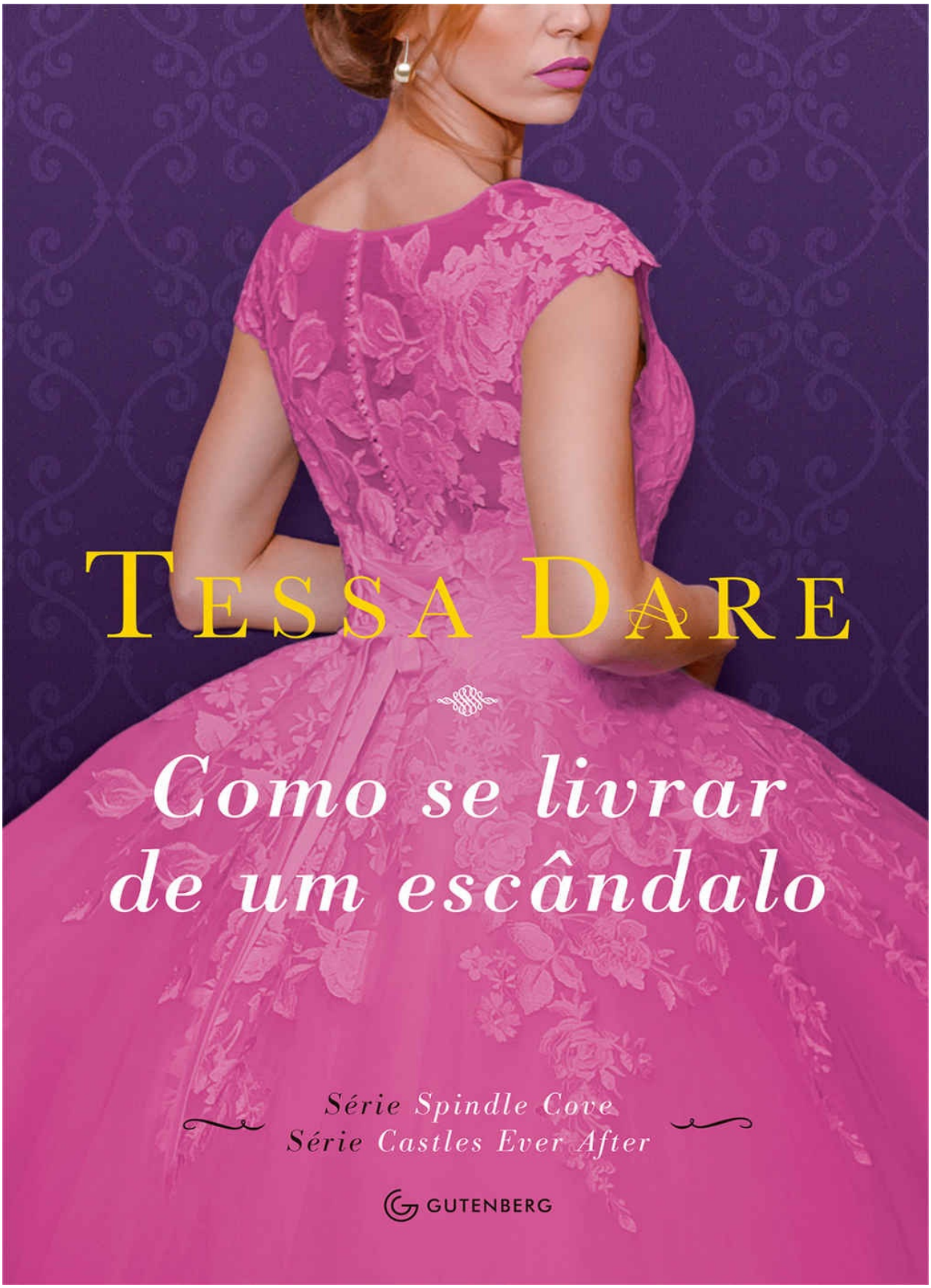


A dama da meia-noite
Tessa Dare
Tradução de A C Reis

A Bela e o Ferreiro
Tessa Dare
Tradução de A C Reis


TESSA DARE
A duma da meia-noite


TESSA DARE
A Bela e o Ferreiro


TESSA DARE
Como se livrar de um escândalo
Série Spindle Cove
Série Castles Ever After
GUTENBERG

Como se livrar de um escândalo

Copyright © 2016 Eve Ortega
Copyright © 2018 Editora Gutenberg

Título original: *Do You Want to Start a Scandal*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Silvia Tocci Masini*

EDITORAS ASSISTENTES *Carol Christo Nilce Xavier*

ASSISTENTE EDITORIAL *Andresa Vidal Vilchenski*

PREPARAÇÃO *Andresa Vidal Vilchenski*

REVISÃO FINAL *Sabrina Inserra*

CAPA *Larissa Carvalho Mazzoni (sobre imagens de Oleksandr Lipko e Aksana Shum / Shutterstock)*

DIAGRAMAÇÃO *Larissa Carvalho Mazzoni*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Dare, Tessa

Como se livrar de um escândalo / Tessa Dare ; tradução A C Reis. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2018. -- (Série Spindle Cove, 5)

Título original: Do You Want to Start a Scandal.

ISBN 978-85-8235-527-5

1. Ficção histórica 2. Romance norte-americanoI. Título. II. Série.

18-14699 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances históricos : Literatura norte-americana 813
Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

www.editoragutenberg.com.br

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310 - 2312 Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte
Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro
Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975

Série Spindle Cove • Livro 5

Série Castles Ever After • livro 4

(CROSSOVER)

TESSA DARE



Como se livrar de um escândalo

TRADUÇÃO: A C Reis

GUTENBERG

Para meus três gatinhos cósmicos – as duas irmãs solteiras e o malandro impenitente que apareceram certa noite para agitar minha existência tranquila. Embora vocês sentem no meu teclado e derrubem café na minha mesa, o carinho e os ronronados mais do que valem a pena.

Capítulo um

Nottinghamshire, Outono de 1819

O cavalheiro de preto virou no corredor e Charlotte Highwood o seguiu. Discretamente, é claro. Ela não podia deixar que ninguém percebesse.

Os ouvidos de Charlotte captaram o clique sutil da maçaneta de uma porta mais adiante, à esquerda. A porta da biblioteca de Sir Vernon Parkhurst, se não lhe falhava a memória.

Ela hesitou em um nicho enquanto debatia em silêncio consigo mesma.

No grande esquema da Sociedade inglesa, Charlotte era uma jovem sem importância alguma. Invadir a intimidade de um marquês – ao qual ela nem tinha sido apresentada – seria o pior tipo de impertinência. Mas preferia isto a outro ano de escândalo e sofrimento.

Uma música distante vinha do salão de baile: os primeiros acordes de uma quadrilha. Se ela pretendia agir, precisava ser neste momento. Antes que ela pensasse melhor e desistisse. Na ponta dos pés, Charlotte seguiu pelo corredor e pôs a mão na maçaneta da porta.

Mães desesperadoras exigiam medidas desesperadas.

Quando ela abriu a porta, o marquês levantou os olhos. Estava sozinho, de pé atrás da escrivaninha da biblioteca. E ele era perfeito.

Por perfeito Charlotte não queria dizer atraente – embora ele o fosse. Maçãs do rosto altas, maxilar definido e um nariz tão reto que o próprio Deus deve tê-lo desenhado com uma régua. Mas todo o resto dele também afirmava perfeição. A postura, a atitude, o cabelo castanho. O ar de comando que emanava dele e dominava todo o ambiente.

Apesar do nervosismo, ela sentiu uma pontada de curiosidade. Nenhum homem podia ser perfeito. Todos tinham falhas. Se as imperfeições não eram aparentes, deviam estar escondidas nas profundezas. Mistérios sempre a intrigaram.

– Não se alarme! – Charlotte disse, fechando a porta atrás de si. – Eu vim para salvá-lo.

– Me salvar. – A voz grave e profunda deslizou por ela como veludo. – De...?

– Oh, de todo tipo de coisa. Inconveniência e humilhação, principalmente. Mas a possibilidade de ossos quebrados não está descartada.

Ele fechou uma gaveta da escrivaninha.

– Nós fomos apresentados?

– Não, meu lorde. – Atrasada, ela se lembrou de fazer uma mesura. – Quer dizer, eu sei quem você é... Piers Brandon, Marquês de Granville.

– Pelo que me lembro, você está certa.

– E eu sou Charlotte Highwood, uma das Highwood que você não tem motivo para conhecer. A menos que leia *O Tagarela*, mas o mais provável é que não leia.

Deus, espero que não.

– Uma das minhas irmãs é a Viscondessa Payne – ela continuou. – Você deve ter ouvido falar dela; Minerva gosta de pedras... Minha mãe é impossível.

Depois de um instante, ele inclinou a cabeça.

– Encantado.

Ela quase riu. Nenhuma outra resposta poderia ter soado menos sincera. “Encantado”, claro. Sem dúvida “chocado” teria sido mais verdadeiro, mas ele era bem-educado demais para tanto.

Num outro exemplo de seus modos refinados, ele gesticulou na direção do divã, convidando-a a sentar.

– Obrigada, mas não. Eu preciso voltar ao baile antes que minha ausência seja notada, e não posso amarrotar meu traje. – Ela alisou as saias do vestido cor-de-rosa com a palma das mãos. – Não quero incomodar. Só vim para dizer uma coisa. – Ela engoliu em seco. – Não estou nem um pouco interessada em me casar com você.

Sem pressa nem qualquer emoção, ele a observou dos pés à cabeça.

– Você parece estar esperando que eu manifeste algum sinal de alívio.

– Bem... sim. É o que faria qualquer cavalheiro em seu lugar. Sabe, minha mãe é notória por suas tentativas de me atirar no caminho de aristocratas. É um fato ridicularizado publicamente. Talvez você já tenha ouvido a expressão “A Debutante Desesperada”?

Oh, Charlotte detestava até mesmo pronunciar essas palavras. Elas a acompanhavam durante toda a Temporada, como uma nuvem carregada e sufocante.

Durante a primeira semana em Londres, na última primavera, Charlotte e sua mãe estavam passeando no Hyde Parque, apreciando a bela tarde quando a mãe avistou o Conde de Astin cavalgando pela Rotten Row. Ansiosa para que o cavalheiro casadouro notasse sua filha, a Sra. Highwood empurrou-a no caminho dele – lançando a desavisada Charlotte no caminho de terra, e fazendo a montaria do conde empinar e pelo menos três carruagens trombarem.

A edição seguinte de *O Tagarela* trouxe uma caricatura mostrando uma jovem com espantosa semelhança a Charlotte derramando os seios e desnudando as pernas enquanto mergulhava no tráfego. A legenda era "A PRAGA PRIMAVERIL DE LONDRES: A DEBUTANTE DESESPERADA".

E foi assim que Charlotte passou a ser considerada uma mulher escandalosa. Pior que escandalosa: quase como uma ameaça à saúde pública. Durante o restante da Temporada, nenhum cavalheiro se arriscou a chegar perto dela.

– Ah – ele fez, parecendo juntar os fatos. – Então você é a razão de Astin estar mancando.

– Foi um acidente! – Ela fez uma careta de constrangimento. – Contudo, por mais que me doa admitir, é bem provável que minha mãe queira empurrar-me para você. Eu só queria lhe dizer para não se preocupar. Ninguém espera que as maquinações dela funcionem. Muito menos eu. Quero dizer, seria absurdo. Você é um marquês. E um marquês rico, importante e atraente.

*Atraente, Charlotte? S*ério? Por que... por que tinha dito isso em voz alta?

– E eu não estou mirando em nada acima de um terceiro filho ovelha-negra – ela disse logo. – Para não falar da diferença de idade. Não imagino que você esteja procurando um casamento com alguém como eu.

Lorde Granville apertou os olhos.

– Não que você seja velho – Charlotte se apressou em dizer. – Nem eu sou assim tão nova. – Ela escondeu o rosto nas mãos por um instante. – Estou sendo péssima nisso, não?

– Horrível.

Charlotte foi até o divã e desabou sobre ele. Imaginou que seria melhor sentar, afinal.

Granville saiu de trás da escrivaninha e sentou no canto do divã, mantendo um pé plantado com firmeza no chão.

Acabe logo com isso, Charlotte disse para si mesma.

– Sou amiga íntima de Delia Parkhurst. Você é conhecido de Sir Vernon. Nós dois vamos ficar nesta casa, como hóspedes, pelos próximos quinze dias. Minha

mãe vai fazer tudo que puder para encorajar um relacionamento entre nós. Isso significa que eu e você precisamos nos evitar. – Ela sorriu, tentando ser engraçada. – É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, de posse de boa fortuna, deva me evitar.

Ele não riu. Nem sorriu.

– A última parte... foi uma piada, meu lorde. É o começo de um romance...

– *Orgulho e Preconceito.* Sim, eu já li.

Claro. Claro que ele tinha lido. Granville passou anos em postos diplomáticos no exterior. Depois da rendição de Napoleão, ele ajudou a negociar o Tratado de Viena. O marquês era vivido e instruído, e provavelmente falava uma dúzia de idiomas.

Charlotte não tinha muitas aptidões – do tipo que a sociedade levava em consideração –, mas possuía boas qualidades. Era uma pessoa agradável, sincera, que sabia rir de si mesma. Conversando, ela sabia deixar os outros à vontade. Esses talentos, ainda que modestos, não lhe serviram no momento. Com a atitude e o penetrante olhar azul dele, falar com o Marquês de Granville era o mesmo que conversar com uma escultura de gelo. Aparentemente, ela não conseguia despertar nenhuma simpatia nele.

Devia existir um homem de carne e osso ali. Ela olhou para ele de soslaio, tentando imaginá-lo em um momento de descontração. Recostado naquela poltrona de couro com os pés apoiados em cima da escrivaninha. Sem paletó nem colete; as mangas desabotoadas e enroladas até os cotovelos. Lendo um jornal, quem sabe, enquanto tomava goles ocasionais de conhaque. Uma barba por fazer adornando aquele maxilar esculpido, e o cabelo castanho, volumoso, desfeito por...

– Srta. Highwood.

Ela se assustou.

– Pois não?

Ele se inclinou na direção dela, baixando a voz.

– Pelo que sei, quadrilhas, embora pareçam intermináveis, uma hora acabam. É melhor você retornar ao salão de baile. A propósito, eu também.

– Sim, você tem razão. Eu vou primeiro. Se possível, espere uns dez minutos antes de voltar. Isso vai me dar tempo de arrumar alguma desculpa para ir embora do baile de uma vez. Quem sabe uma dor de cabeça. Oh, mas nós temos quinze dias à frente. Cafés da manhã são fáceis. Os cavalheiros sempre comem primeiro, e eu nunca levanto antes das dez. Durante o dia, você irá se entreter

com Sir Vernon, e nós, mulheres, sem dúvida teremos cartas a escrever ou caminhadas pelos jardins. Isso resolve nossos dias. O jantar de amanhã, contudo... receio que será sua vez.

– Minha vez?

– De fingir indisposição. Ou ter outros planos. Não posso estar com dor de cabeça todas as noites durante minha estadia, posso?

Granville estendeu a mão para Charlotte, que a aceitou. Quando ele a fez se levantar, manteve-a perto de si.

– Você está certa de que não pretende se casar comigo? Porque parece já estar cuidando da minha agenda. Como uma esposa.

Ela riu, nervosa.

– Nada disso, acredite em mim. Não importa o que minha mãe venha a sugerir, não compartilho das esperanças dela. Nós seríamos uma péssima combinação. Sou jovem demais para você.

– Algo que você já deixou bem claro.

– Você é um exemplo de decoro – ela afirmou.

– E você... está aqui. Sozinha.

– Isso mesmo. Eu sempre sigo o meu coração, e você...

– Mantenho o meu no lugar correto.

Charlotte imaginou que lugar seria esse, provavelmente algum ponto no Ártico, debaixo de gelo.

– A questão, meu lorde, é que não temos nada em comum. Seríamos pouco mais que dois estranhos morando na mesma casa.

– Eu sou um marquês. Possuo cinco casas.

– Você sabe o que eu quero dizer – ela insistiu. – Seríamos um desastre completo.

– Uma existência marcada pelo tédio e pontuada pelo sofrimento.

– Sem dúvida – ela concordou.

– Seríamos forçados a basear todo nosso relacionamento nas atividades sexuais.

– Em... quê?

– Estou falando de atividades na cama, Srta. Highwood. Isso, ao menos, seria tolerável.

Ela sentiu um calor se espalhar do peito ao couro cabeludo.

– Eu... você...

Enquanto ela, desesperada, tentava destravar a língua, o indício sutil de um

sorriso brincou nos lábios dele. Seria possível? Uma trinca no gelo?

– Acredito que esteja me provocando, meu lorde. – Ela sentiu uma onda de alívio.

Ele deu de ombros, admitindo.

– Foi você quem começou.

– Eu, não.

– Você me chamou de velho e desinteressante.

Ela conteve um sorriso.

– Você sabe que não foi o que eu quis dizer.

Oh, céus. Aquilo não era bom. Se ele sabia brincar e aceitava brincadeiras, Charlotte logo o acharia atraente demais.

– Srta. Highwood, não sou homem de ser forçado a nada, muito menos matrimônio. Em todos os meus anos de diplomacia, negociei com reis e generais, déspotas e loucos. O que a faz pensar que eu poderia ser derrotado por uma mãe casamenteira?

Ela suspirou.

– Porque você ainda não conheceu a minha. – Como ela poderia fazê-lo entender a gravidade da situação?

Lorde Granville não podia saber – e provavelmente não se importaria, se soubesse –, mas havia mais em jogo para Charlotte do que escândalo e jornais de fofocas. Ela e Delia Parkhurst pretendiam perder a próxima Temporada de Londres inteira, em troca de uma viagem ao continente. Elas tinham planejado tudo: seis países, quatro meses, duas grandes amigas, uma dama de companhia que seja extremamente tolerante e nenhum pai ou mãe para atrapalhar.

Contudo, antes que pudessem começar a arrumar as malas, precisavam conseguir permissão. Esses dias de outono na casa de Sir Vernon e Lady Parkhurst deveriam servir para que Charlotte provasse aos anfitriões que os boatos a seu respeito não eram verdadeiros. Que ela não era uma caçadora de fortuna descarada, mas uma dama bem-comportada, além de amiga leal, a quem podiam confiar a companhia de sua filha no *Grand Tour.*

Charlotte não podia estragar tudo. Delia contava com sua ajuda. E ela não aguentaria ver seus sonhos arruinados outra vez.

– Por favor, meu lorde. Se você puder concordar em...

– *Silêncio.*

Em um instante a atitude dele se transformou. Ele foi de aristocrático e frio para uma postura alerta, virando a cabeça para a porta. Ela também ouviu.

Passos no corredor. Aproximando-se. Vozes sussurradas, ao lado da porta.

– Oh, não – ela disse, em pânico. – Não podemos ser encontrados juntos.

Ela mal terminou de pronunciar essas palavras e a biblioteca se tornou um redemoinho. Charlotte nem saberia explicar como foi que aconteceu. Ela tinha fugido, em pânico? Ele a tinha pegado nos braços?

Num momento ela estava encarando, horrorizada, a maçaneta sendo virada. No outro, Charlotte estava enfiada no vão da janela, escondida pelas cortinas pesadas de veludo. Apertada junto ao peito do Marquês de Granville. O homem que precisava evitar a qualquer custo.

Oh, Senhor. Ela agarrava as lapelas do paletó dele com as duas mãos. Os braços do marquês estavam ao seu redor, apertados. As mãos estavam espalmadas nas costas dela – uma na cintura, outra entre os ombros. Charlotte encarava a imaculada gravata branca dele.

Apesar da situação constrangedora, Charlotte jurou não se mover nem fazer qualquer som. Se fossem vistos naquela condição, ela nunca iria se recuperar. A mãe dela afundaria suas garras em Lorde Granville e não permitiria que ele escapasse. Isso é, se Charlotte não morresse de vergonha antes.

Contudo, conforme os minutos se arrastavam, parecia cada vez mais improvável que ela e Granville fossem descobertos.

Duas pessoas tinham entrado na sala e não perderam tempo para utilizá-la. Os sons eram sutis, abafados. Risadinhas contidas e tecido farfalhando. Um perfume passou pela cortina em uma onda carregada e pungente.

Charlotte olhou para cima, buscando a reação de Granville na escuridão. Ele olhava em frente, de novo impassível como uma escultura de gelo.

– Você acha que ele notou? – murmurou uma voz masculina.

Como resposta, o sussurro rouco de uma mulher:

– Shhh. Vai logo.

Uma sensação de pavor se formou no peito de Charlotte. O pavor aumentou após vários instantes de sons suaves, perturbadoramente molhados.

Por favor, ela rezou, apertando bem os olhos. *Por favor, não permita que isso seja o que eu desconfio.*

A oração dela não foi atendida. Ruídos sincronizados começaram. Rangidos rítmicos que ela só podia imaginar que se originavam da mesa sendo balançada com violência. E quando ela tinha se preparado para aguentar os ruídos e rangidos... começaram os grunhidos.

O corpo humano é uma coisa tão estranha, ela refletiu. As pessoas têm

pálpebras para fechar quando desejam descansar a vista. Elas podem fechar a boca para evitar sabores desagradáveis. Mas o corpo não possui nenhum mecanismo para bloquear sons.

Orelhas não podem ser fechadas. Não sem o uso das mãos, e ela não se atrevia a movê-las. O nicho da janela era muito apertado. Até o menor movimento poderia balançar as cortinas e entregá-los.

Charlotte não tinha escolha a não ser escutar tudo aquilo. Pior ainda: saber que Lorde Granville também estava escutando. Pois ele também devia estar ouvindo cada rangido da escrivaninha, cada grunhido animalesco.

E, depois de alguns instantes, cada gemido penetrante.

– Ah!

Grunhido.

– Oh!

Grunhido.

– Iiiii!

Minha nossa. Aquela mulher estava manifestando seu prazer ou recitando as vogais numa aula de gramática?

Charlotte sentiu uma risada maldosa subindo por sua garganta. Ela tentou afastá-la ou engoli-la, mas não adiantou. Devia estar sendo provocada pelo nervosismo ou pelo puro constrangimento da situação. Quanto mais tentava se convencer a não rir – lembrando-se de sua reputação, de sua viagem com Delia, de que todo seu futuro dependia de ela não rir –, maior ficava a vontade.

Ela mordeu o lado de dentro da bochecha. Apertou os lábios, desesperada para se controlar. Mas apesar de seus valorosos esforços, seus ombros começaram a sofrer espasmos.

Os amantes aceleraram o ritmo, até que o rangido da mesa virou um som agudo contínuo, parecido com um cachorro ganindo. O homem desconhecido soltou um rosnado gutural:

– *Grrrraaaarr.*

Charlotte perdeu a batalha. A risada irrompeu de seu peito.

Tudo estaria perdido se não fosse pela mão de Lorde Granville, que deslizou até a nuca de Charlotte. Contraindo o braço, ele aproximou o rosto dela de seu peito, abafando a risada em seu colete.

Ele a manteve apertada enquanto os ombros dela convulsionavam e lágrimas escorriam por suas faces, contendo a explosão do mesmo modo que um soldado quando este pula sobre uma granada.

Foi o abraço mais estranho que ela já recebeu na vida, mas também o que ela mais precisava.

E então, graças aos céus, a cena inteira acabou. Os amantes dedicaram alguns minutos a sussurros e beijos de despedida. Quaisquer tecidos que tinham sido afastados foram recolocados em seus lugares. A porta foi aberta, então fechada. Só permaneceu um aroma leve de perfume.

Não havia mais sons, exceto um tamborilar forte e contínuo. O coração de Lorde Granville, ela se deu conta. Parecia que o coração dele, afinal, não estava enterrado no Ártico.

Com uma inspiração profunda e repentina, ele a soltou. Charlotte não sabia muito bem para onde olhar, muito menos o que dizer. Ela enxugou os olhos, depois passou as mãos pela frente do vestido, para garantir que estava tudo no lugar. O cabelo deveria ter sofrido mais que o resto.

Ele pigarreou. E seus olhos se encontraram.

– Posso esperar que você seja inocente o bastante para entender o que acabou de acontecer? – ele perguntou.

Ela arregalou os olhos.

– Existe inocência e existe ignorância. Posso ser inocente, mas não sou ignorante.

– Era o que eu temia.

– Temer é a palavra certa – ela disse, estremecendo. – Isso foi... horroroso. Traumatizante.

– Não precisamos mais falar disso. – Ele ajeitou os punhos.

– Mas vamos pensar sobre o que aconteceu aqui. Seremos assombrados. Está gravado em nossa mente. Daqui a dez anos poderemos estar casados com outras pessoas, levando vidas plenas, satisfatórias. Então, um dia, iremos nos encontrar por acaso em uma loja, no parque, e... – ela estalou os dedos – nossos pensamentos voarão no mesmo instante para este esconderijo entre a cortina e a janela elevada.

– Eu pretendo banir para sempre esse incidente da minha memória. Sugiro que faça o mesmo. – Ele puxou uma dobra da cortina. – Já deve ser seguro sairmos daqui.

Ele foi na frente, dando o primeiro passo para fora do esconderijo. Ela ficou espantada, de novo, com o modo como ele conseguiu esconder os dois tão rapidamente. Os reflexos dele deviam ser espantosos.

Granville encontrou o cordão para amarrar as cortinas e começou a prender

um dos lados.

Charlotte segurou a saia, preparando-se para também descer do nicho.

– Espere um pouco – ele disse. – Vou ajudar você.

Mas ela já tinha começado o movimento, e o que deveria ser um movimento gracioso transformou-se numa queda desajeitada. Ele saltou à frente para impedir a queda dela. Quando Charlotte recuperou o equilíbrio e se aprumou, estava novamente nos braços dele. Naqueles braços fortes e protetores.

– Obrigada – ela disse, sentindo-se emocionada. – De novo.

Ele a fitou e ela percebeu o indício de um sorriso disfarçado e atraente.

– Para uma mulher que não quer nada comigo, você se atira na minha direção com uma frequência alarmante.

Ela se soltou, corando.

– Eu detestaria ver como você trata um homem de que gosta – ele disse.

– Do jeito como andam as coisas, nunca vou ter a chance de gostar de ninguém.

– Não exagere. – Ele pegou o cordão de cortina caído. – Você é jovem, bonita, além de ser inteligente e entusiasmada. Se algumas rédeas emaranhadas na Rotten Row conseguem convencer todos os homens com sangue nas veias a evitar você, receio pelo futuro deste país. A Inglaterra está condenada.

Charlotte amoleceu por dentro.

– Meu lorde, é muita gentileza sua dizer isso.

– Não é gentileza nenhuma. É uma simples observação.

– De qualquer modo, eu... – Ela congelou. – Oh, Deus.

Eles tinham sido descobertos. A porta da biblioteca foi escancarada. Edmund Parkhurst, o garoto de 8 anos que era o herdeiro do título de baronete de seu pai, estava parado no vão da porta, pálido e de olhos arregalados.

– Oh, é você. – Charlotte levou a mão ao peito, aliviada. – Edmund, querido, pensei que você estivesse na cama.

– Eu ouvi barulhos – o garoto disse.

– Não foi nada – Charlotte procurou tranquilizá-lo, aproximando-se do garoto e agachando-se para fitá-lo nos olhos. – Apenas a sua imaginação.

– Eu ouvi barulhos – ele repetiu. – Barulhos ruins.

– Não, não. Nada de ruim aconteceu. Nós só estávamos... jogando um jogo.

– Então por que você chorou? – O garoto inclinou a cabeça na direção de Lorde Granville, que continuava segurando o cordão das cortinas. – E por que esse homem estranho está segurando uma corda?

– Ah, isso? Não é uma corda. E Lorde Granville não é um homem estranho. Ele é convidado do seu pai. Chegou esta tarde.

– Venha, eu vou lhe mostrar. – O marquês deu um passo adiante e mostrou o cordão de veludo trançado – sem dúvida esperando desfazer os temores do garoto. Ele não deve ter imaginado como era improvável que um homem alto e forte pudesse acalmar um garoto assustado que nunca o tinha visto na vida.

O garoto recuou, gritando com toda força:

– Socorro! Socorro! Assassinato!

– Edmund, não. Não há nenhum...

– ASSASSINATO! – ele guinchou, saindo em disparada pelo corredor. – ASSASSINATO!

Ela olhou para Granville.

– Não fique aí parado. Temos que detê-lo.

– Eu poderia derrubá-lo no corredor, mas algo me diz que isso não vai ajudar.

Em menos de um minuto, Sir Vernon, o anfitrião preocupado, juntou-se a eles na biblioteca. Seguido pela pior pessoa possível, a mãe de Charlotte.

– Charlotte – ela ralhou. – Eu a procurei por toda parte. É aqui que você estava?

Sir Vernon acalmou a histeria do filho.

– O que aconteceu, meu garoto?

– Ouvi barulhos. De assassinato. – O garoto estendeu o braço e apontou o dedo. – Foram eles.

– Não houve nenhum assassinato – Charlotte disse.

– O garoto está confuso – Lorde Granville acrescentou.

Sir Vernon pôs a mão no ombro de Edmund.

– Conte-me exatamente o que você ouviu.

– Eu estava lá em cima – o garoto disse. – Começou com um rangido. Assim: nheque, nheque, nheque.

Charlotte foi morrendo aos poucos por dentro enquanto o garoto fazia uma reencenação dos sons apaixonados dos últimos quinze minutos. De cada gemido, suspiro e grunhido. Não restou dúvida a respeito de qual atividade o garoto tinha de fato ouvido. E então todos concluiriam que Charlotte e o marquês estiveram envolvidos nessa atividade. Enquanto grunhiam. E usavam cordas. Em seus piores pesadelos ela não conseguiria ter sonhado com essa cena.

– Então, depois de grunhidos terríveis, ouvi uma mulher gritar. Então desci correndo para ver o que estava acontecendo. – Ele apontou o dedo acusador para

o nicho da janela. – Era lá que eles estavam juntos.

Sir Vernon estava visivelmente constrangido.

– Muito bem – a mãe de Charlotte disse. – Com toda certeza espero que Lorde Granville saiba se explicar.

– Perdão, madame. Mas como podemos saber que não é sua filha quem tem que se explicar? – Sir Vernon olhou para Lorde Granville. – Afinal, boatos estão circulando em Londres.

Charlotte estremeceu.

– Sir Vernon, eu e você precisamos conversar em particular – Lorde Granville disse.

Não, não. Uma conversa em particular a condenaria. Todos precisavam ouvir a verdade, ali mesmo, naquele instante.

– Não é verdade – ela declarou. – Nada disso.

– Está chamando meu filho de mentiroso, Srta. Highwood?

– Não, é só que... – Charlotte apertou a ponte do nariz. – Tudo isto é um mal-entendido. Nada aconteceu. Ninguém foi assassinado nem agredido de modo algum. Não havia corda. Lorde Granville estava amarrando a cortina.

– Para começar, por que a cortina estava solta? – Sir Vernon perguntou.

– Tem alguma coisa no chão, ali – Edmund disse.

Quando ele levantou o objeto para observá-lo, o coração de Charlotte parou. Era uma liga. Uma liga vermelha.

– Não é minha – Charlotte afirmou. – Nunca vi essa liga na minha vida. Eu juro.

– E quanto a isto? – Edmund virou a peça para ela, exibindo um bordado.

A cinta tinha uma letra bordada. A letra C.

Charlotte trocou olhares desesperados com Lorde Granville. *E agora?*

– Não posso acreditar – a mãe dela declarou, em voz alta – que Lorde Granville, dentre todos os cavalheiros, poderia se comportar de maneira tão chocante e desavergonhada com minha filha.

Mãe, não.

– Só posso concluir que ele foi dominado pela paixão! – a mãe continuou, barulhenta. Para Charlotte, ela sussurrou: – Nunca senti tanto orgulho de você.

– Mãe, por favor. Você está fazendo uma cena.

Mas claro que uma cena era exatamente o que sua mãe desejava fazer. Ela iria aproveitar a oportunidade para começar um escândalo, se isso significava garantir um marquês para a filha.

Oh, Senhor. Charlotte bem que tentou avisá-lo, mas seus piores receios tinham se tornado realidade.

– Estou dizendo a verdade, mãe. Nada aconteceu.

– Não importa – a mãe suspirou para ela. – O que importa é que as pessoas vão pensar que algo aconteceu.

Charlotte precisava fazer algo, e rápido.

– Essa liga não é minha! Ainda estou usando as minhas duas. Vejam, eu posso provar. – Ela se curvou para pegar a barra da saia.

A mãe bateu nas mãos dela com o leque fechado.

– Na frente dos cavalheiros? Você não vai fazer nada disso!

Como provar que estava com as duas ligas poderia ser pior do que deixar Sir Vernon acreditar que só estava com uma? Mais uma vez, ela tentou explicar a verdade:

– Lorde Granville e eu estávamos apenas conversando.

– Conversando? – A mãe se abanou com vigor. – Eu gostaria de saber a respeito de quê.

– Assassinato! – Edmund gritou. Ele entoava a palavra como um cântico, batendo o pé para marcar o ritmo: – As-sas-si-na-to, as-sas-si-na-to, as-sas-si-na-to.

– Nada de assassinato! – Charlotte exclamou. – Ou qualquer outra atividade imprópria. Nós estávamos falando de... de...

– De quê? – Sir Vernon insistiu.

Lorde Granville interveio. Ele silenciou Charlotte com um toque no braço. Então pigarreou e ofereceu a resposta absolutamente verdadeira – e devastadora:

– Estávamos falando de casamento.

Capítulo dois

Na manhã seguinte, Piers estava sentado à mesa de sua suíte, encarando uma xícara de café e massageando as têmporas. Sua cabeça latejava.

– Como foi mesmo que isso aconteceu? – No canto do quarto, Ridley escovava o casaco azul de Piers. – Explique de novo.

– Não sei muito bem se consigo explicar. Você não precisa fazer isso, sabia?

Ridley deu de ombros e continuou a escovar o casaco.

– Não me importo. Isto me acalma.

– Como preferir, então.

Para o resto da casa, Ridley era seu criado pessoal. Para Piers, ele era um colega a serviço da Coroa. Um parceiro confiável e seu igual profissionalmente. Como sempre, o objetivo de Ridley na Mansão Parkhurst era ouvir as conversas dos criados enquanto Piers se movimentava em meio à elite. Piers não gostava de pedir a outro agente que executasse tarefas servis.

– Quando a quadrilha começou, fui até a biblioteca – ele disse, tentando relembrar seus passos da noite anterior e compreendê-los. – Eu planejava começar a investigação.

A investigação. A verdadeira razão para aquela temporada no campo. Sir Vernon Parkhurst ainda não sabia, mas ele estava sob consideração para um posto importante. A Coroa precisava de um enviado confiável para resolver uma questão complicada, envolvendo corrupção na Austrália. O processo de verificação de Sir Vernon tinha sido simples... com apenas um problema.

Ao longo dos últimos meses, o homem estava gastando demais. Cem libras aqui, duzentas ali. Ele também desaparecia de Londres durante alguns dias. Nada sério demais, mas o padrão indicava que havia algo errado. Um vício em jogo ou, o mais provável, uma amante. Chantagem não podia ser descartada.

Se Sir Vernon estava disposto a pagar para manter algo em segredo, o trabalho de Piers era descobrir do que se tratava.

– Eu pretendia dar uma busca rápida na escrivaninha dele, para ver se encontrava um livro-caixa ou qualquer correspondência. Então ela me interrompeu. Sem ser apresentada ou sequer bater na porta. Eu a achei... provocadora.

– E bonita.

– Creio que sim. – Não havia motivo para negar. Ridley não era cego. A Srta. Highwood era muito bonita, na verdade, com olhos entusiasmados e um sorriso franco e generoso. Um corpo tentador, também.

– Charmosa também, eu imagino.

– Talvez.

– E ela era um sopro de ar fresco – Ridley continuou, fazendo um floreio com a mão. – Um raio de inocência e luz do sol a aquecer o coração frio e cínico de um espião entorpecido.

Piers emitiu um ruído de pouco caso e tomou um gole de café, encerrando a conversa. O diabo era que Ridley o conhecia bem demais – e, até certo ponto, estava correto.

O marquês tinha passado muito tempo andando por palácios e parlamentos como se fossem cenários de uma peça de teatro interminável. Todas as pessoas que ele encontrou, de reis a cortesãs, interpretavam papéis. A Mansão Parkhurst era apenas mais um cenário – e bem tedioso.

De repente, surgiu em cena aquela mulher – uma jovem bonita num vestido rosa –, que era a pior atriz que ele já tinha visto. Ela se atrapalhava com as falas, derrubava o cenário. Não importava o quanto tentasse, Charlotte Highwood não conseguia ser outra que não ela mesma.

Essa qualidade era rara e revigorante, e Piers era um maldito clichê por se sentir encantado, mas a vida tinha lhe ensinado a apreciar um momento fugaz de prazer quando se deparava com um.

Ele pagaria caro por esse lapso. E ela também.

– Eu deixei que ela se demorasse demais – ele disse. – Fomos descobertos. Era impossível dar alguma explicação que não provocasse mais perguntas.

Perguntas como por que ele estava na biblioteca particular de Sir Vernon. Era melhor deixar seu anfitrião pensar que ele buscava um lugar sossegado para seduzir a jovem do que admitir a verdade.

– Erros não combinam com você, meu lorde – Ridley disse.

Não, não combinavam. Piers esfregou o rosto com as duas mãos. Também não adiantava sofrer com o que havia dado errado. A única coisa a ser feita era seguir

em frente. Encarar seus erros e corrigi-los, se possível. Ou, pelo menos, minimizar os danos.

Em certo momento, durante o fiasco da noite anterior, suas alternativas tornaram-se evidentes. Ele podia negar qualquer atividade indecorosa e escapar da cena do "crime", abandonando sua missão e jogando uma jovem inocente aos dragões. Ou ele podia cumprir seu dever – em mais de um modo.

– Naturalmente, você vai fazer o que é honrado – Ridley disse. – Como sempre.

Piers lançou um olhar irônico para o outro. Os dois sabiam que honra era uma ilusão na profissão dele. Oh, eles perseguiam aquele sentimento grandioso que era o heroísmo patriótico – o motivo de aceitarem o trabalho, afinal. Mas eles pareciam nunca conseguir alcançá-lo. Ao mesmo tempo, eram perseguidos de perto por vergonha e culpa.

O melhor a fazer, Piers tinha aprendido, era não pensar demais. No momento, ele evitava olhar para dentro de si. A pouca honra que ele ainda tinha estava embaralhada com fraude e imoralidade.

A questão com a Srta. Highwood não seria diferente, o que era uma pena para ela. A jovem merecia mais do que Piers pretendia fazer.

Ele apontou para a pasta sobre a mesa. Ela continha informações a respeito de todos os residentes, hóspedes e criados da Mansão Parkhurst – incluindo Charlotte Highwood.

– Você já leu isto – Piers disse. – Faça um resumo para mim.

– Poderia ser pior. – Ridley deu de ombros. – Ela é da aristocracia rural. Várias gerações de fidalgos. Uma propriedade com renda modesta, mas estável. O pai morreu após ter três filhas, sem deixar um herdeiro. A propriedade passou para um primo e as moças ficaram com dotes medíocres. Charlotte é a mais nova. A mais velha, Diana, sofria de asma na juventude, então a família se mudou para o litoral por causa da saúde dela. É aí que a coisa fica interessante.

Piers esvaziou a xícara de café até chegar à borra amarga.

– Como?

– Elas foram para Spindle Cove.

– Spindle Cove. Por que o nome é familiar?

– Antes do casamento, Lady Christian Pierce também passou algum tempo lá.

– Violet? Tem razão. Isso é interessante. – Pelo que Piers lembrava, o casal estava agora vivendo no sul da França.

– Um belo vilarejo, Spindle Cove – Ridley continuou. – Transformado pela

filha de Sir Lewis Finch em santuário para mulheres não convencionais. As jovens seguem uma agenda rigorosa: Segundas-feiras, caminhadas no campo. Terças, banhos de mar. Quartas, jardinagem. Quinta...

– Na verdade, não preciso dos detalhes – Piers disse, impaciente. – Vamos voltar às Highwood. Ela tem boas ligações?

– Aí temos boas e más notícias.

– As más primeiro, por favor.

– A irmã mais velha se casou com o ferreiro de Spindle Cove.

Piers meneou a cabeça.

– Não consigo acreditar que a mãe permitiu. Ela não devia ter escolha.

– A boa: a irmã do meio fugiu para casar com um visconde.

– Sim, Charlotte mencionou isso. Que visconde, mesmo?

Uma batida na porta. Quando Ridley a abriu, o mordomo estava parado no corredor.

– Visconde Payne deseja vê-lo, meu lorde – o homem anunciou.

Ridley fechou a porta e sorriu para Piers.

– Esse visconde.



– Colin, é você mesmo?

– Aí está minha irmãzinha favorita.

Charlotte atravessou apressada a sala de estar e passou os braços ao redor do cunhado, abraçando-o apertado.

– Como foi que você conseguiu chegar tão rápido?

– Sua mãe enviou uma carta expressa. E eu tenho o talento reconhecido de fazer viagens velozes para o norte.

– Estou tão feliz que você esteja aqui.

Colin iria acertar tudo. Ou, para dizer a verdade, ele faria uma bagunça, riria da situação de um modo irresistível, acabando com qualquer escândalo, e então todos se sentariam para almoçar juntos.

Almoço... Charlotte não tinha conseguido comer nada pela manhã e estava ficando faminta.

– Por favor, diga que não está pensando em nenhuma bobagem, como um duelo, por exemplo – ela disse. – Você sabe que eu atiro melhor do que você. Minerva nunca me perdoaria.

– Nós não vamos duelar. Não há necessidade.

– Ah, que ótimo. – Ela suspirou de alívio.

– Granville quer pedir sua mão esta manhã e concordei em permitir.

– Pedir minha mão? Mas isso é absurdo. Nós dois... só estávamos conversando.

– Sozinhos – ele observou.

– Sim, mas foi só quando os outros entraram que nos escondemos.

– No nicho da janela. – Ele a fitou desconfiado. – Quando vocês ouviram um encontro apaixonado.

Charlotte suspirou, frustrada.

– Nós não fizemos nada.

Colin arqueou a sobrancelha, com a expressão cheia de dúvida.

– Eu já aprontei muito na vida. Não vou acreditar que vocês não fizeram nada.

– Não aconteceu nada. Estou lhe dizendo. Não entre nós. Não acredita em mim?

– Eu acredito. Acredito de verdade, querida. Mas a menos que esses amantes misteriosos apareçam para assumir a culpa, ninguém mais irá acreditar. E, para ser honesto, a própria verdade – que você estava sozinha com ele num lugar tão apertado – pode ser suficiente para prejudicá-la. Você não foi muito prudente, Charlotte.

– Desde quando você liga para prudência? Você é um malandro inveterado.

Ele levantou o dedo indicador para discordar.

– Eu *era* um malandro inveterado. Agora sou pai. E vou lhe dizer uma coisa: embora Minerva possa contestar a velha máxima de que libertinos corrigidos se tornam os melhores maridos, ela seria a primeira a concordar que somos os pais mais superprotetores. Eu costumava entrar num salão de festas e ver um jardim de flores, prontas para serem colhidas. Agora eu vejo minha filha. Dezenas dela.

– Isso parece perturbador.

– Nem me fale. – Ele estremeceu. – O que quero dizer, é que conheço muito bem os pensamentos imundos que habitam a mente dos homens.

– Não existe nada imundo na mente de Lorde Granville. Ele possui a mente mais limpa que já encontrei.

Enquanto falava, contudo, ela se questionou. Charlotte lembrou do coração dele batendo forte no nicho da janela, do modo como ele a segurou nos braços. Acima de tudo, da provocação sutil.

Estou falando de atividades na cama, Srta. Highwood. Isso ao menos seria

tolerável.

Calor se espalhou por todo o corpo dela.

– Não estou pronta para me casar – ela disse. – Sim, eu queria a diversão de uma Temporada em Londres, mas não tinha planos de me casar tão cedo.

– Bem, as pessoas dizem algo sobre os grandes planos que fazem homens e ratos. Tenho certeza de que está nas Escrituras.

– É um poema de Robert Burns.

– Sério? – Ele deu de ombros, despreocupado. – Eu raramente leio. E com isso quero dizer nunca. Por outro lado, entendo alguma coisa de amor, e de como ele debocha das intenções das pessoas.

– Não existe amor envolvido nisso! Nós mal nos conhecemos. Ele quer se casar ainda menos do que eu.

– Oh, eu duvido disso.

– Por quê?

Colin inclinou a cabeça. Lorde Granville estava sentado em uma poltrona na outra extremidade da sala comprida e estreita. Charlotte não o tinha visto entrar. Ele estava ali o tempo todo?

– Porque o modo como ele olha para você me faz querer quebrar alguma coisa.

– Colin. Você não é desse tipo.

– Eu sei! Mas acredite, todas essas mudanças me deixaram tão perturbado quanto você.

– O momento também é péssimo.

Colin pôs as mãos nos ombros dela.

– Ouça o que ele tem a dizer, querida. Reflita sobre o que está em jogo. Faça isso por você mesma. Vou apoiar qualquer decisão que tomar. Mas é você quem tem que decidir.

Ela concordou.

Quando se casou com Minerva, Colin se tornou o homem da família. Contudo, ele nunca foi uma figura autoritária. E por mais que Charlotte prezasse sua independência, quase ficou decepcionada com a resposta.

Ela nunca conheceu o pai. Na infância, ansiava por uma presença masculina em sua vida. Um irmão mais velho, um tio... até um primo serviria. Apenas um homem que fosse capaz de entrar na sala, agindo com sabedoria, autoridade e com os interesses dela no coração, e dissesse:

Vá para seu quarto e descanse, Charlotte. Eu cuido de tudo.

– Vá para seu quarto e descanse, Charlotte – Lorde Granville disse, levantando-se e atravessando a sala. – Eu cuido de tudo.

Não, não, não. Esse é o homem errado.

E por que ele a estava chamando pelo primeiro nome? Educado como era, devia saber que esse grau de intimidade era reservado à família. Ou a casais de noivos.

Ela olhou para o carpete.

– Não estamos noivos, meu lorde.

– Acredito que não. Mas isso não vai demorar.

Colin a beijou no rosto.

– Vou deixar vocês dois sozinhos.

– Não – ela sibilou para ele, segurando-lhe a manga do paletó. – Colin, não. Você não pode me deixar aqui.

Mas a tentativa dela foi em vão. O cunhado escapou de suas garras, abandonando-a. Sem qualquer outra alternativa, ela se virou para encarar o marquês. A julgar pelo abatimento em seus olhos, assim como Charlotte, ele não tinha dormido nem um pouco na noite anterior. Contudo, ele encontrou disposição para tomar banho e se barbear, e vestir um paletó matinal azul-escuro, calças brancas e botas brilhantes.

Charlotte nunca confiou em pessoas com aparência tão boa logo pela manhã. Ela prendeu uma mecha de cabelo rebelde atrás da orelha.

– Não é possível que você esteja planejando me pedir em casamento – ela disse.

– É possível e eu vou. Dei minha palavra a sua mãe, a Sir Vernon e agora há pouco também ao seu cunhado.

– Essa situação é intolerável. – Ela meneou a cabeça, sem conseguir acreditar.

Ele não respondeu.

– Sinto muito. – Ela suspirou. – Eu não pretendia parecer tão insensível. Não é como se você fosse o último homem da Terra que eu escolheria para casar. Não sou tão estúpida para afirmar algo do tipo. Eu sempre acho ridículo quando as mulheres dizem algo assim. O último homem, mesmo? Quero dizer, o mundo tem muitos criminosos e cretinos. E mesmo eliminando esses, devem existir milhões que mal se lavam.

– Então você está dizendo que estou acima da média.

– Você está pelo menos na quarta posição superior. E é por isso que merece algo melhor do que se casar com a primeira garota inoportuna que literalmente

se joga em você.

Os lábios dele tremeram em um sorriso sutil.

– O que a faz acreditar que é a primeira?

Oh, céus. Lá estava ele, sendo amável de novo. Era cedo demais para o humor sutil dele. Ela não tinha armado suas defesas.

– Você é marquês e diplomata.

– Mas não sofro de amnésia. Eu sei quem sou.

– Então deve saber disso: você precisa de uma mulher que seja elegante e talentosa. A anfitriã perfeita.

O olhar de Granville parou sobre ela de um modo bastante perturbador.

– Tudo que eu preciso de um casamento, Srta. Highwood, é um herdeiro.

Ela engoliu em seco.

– Eu não preciso casar por dinheiro ou relacionamentos – ele continuou. – Você, contudo, pode se beneficiar dos meus. Da minha parte, necessito de uma noiva jovem e saudável – de preferência que seja inteligente e bem-humorada –, que me dê filhos e garanta a sucessão da minha linhagem. A situação em que nos encontramos, embora inesperada, pode ser vantajosa para ambos.

– Então você está propondo um casamento de conveniência – ela disse. – Uma simples transação. Sua fortuna pelo meu ventre.

– É uma descrição bem grosseira.

– É honesta?

Talvez ele não precisasse mesmo de uma companheira refinada e elegante. Talvez ele satisfizesse sua necessidade de companhia em outros lugares, e tudo que queria fosse uma noiva fértil sem o inconveniente de cortejá-la.

O que era mais razão ainda para pular fora daquela situação.

Granville a levou até um par de poltronas e fez sinal para que se sentasse. Charlotte sentia seu corpo dormente.

– Esse pode não ser o casamento que você tinha imaginado – ele disse –, mas desconfio de que logo perceberá que pode ser um acordo muito satisfatório. Como Lady Granville, você terá uma bela casa. Várias, na verdade.

– Sim – ela disse, a voz rouca. – Acho que me lembro do número cinco.

– Você também terá uma renda, um legado e acesso às altas rodas da Sociedade. Quando os filhos vierem, não terá nenhum trabalho na criação deles. Logo verá que conseguiu tudo que poderia desejar.

– Com uma notável exceção – ela observou.

– Diga qual é e será sua.

Não era óbvio?

– Eu gostaria de me apaixonar.

Ele refletiu antes de falar.

– Imagino que poderemos negociar isso. Depois que me der um herdeiro, claro, e apenas se prometer ser discreta.

Ela estava incrédula.

– Não me entendeu, meu lorde. Gostaria de me apaixonar pelo homem com quem vou me casar. E mais, eu gostaria de ser amada por ele. Você não deseja o mesmo?

– Com toda honestidade, não.

– Não me diga que você é um desses cabeças-duras que se recusa a acreditar no amor.

– Oh, eu acredito que o amor exista. Mas nunca o desejei para mim.

– Por que não?

Ele olhou para o lado, como se estivesse escolhendo as palavras com cuidado.

– O amor tem o hábito de redefinir as prioridades de um homem.

– Eu espero que sim – Charlotte disse, rindo um pouco. – Se for de verdade.

– E é por isso que o amor é um luxo que não me permito ter. Eu tenho deveres e responsabilidades. Um grande número de pessoas depende da clareza do meu raciocínio. Existe um motivo pelo qual os poetas dizem “caindo de amor” e não “subindo”. Não há como controlá-lo, nem como escolher onde se irá cair.

De certa forma, ele tinha razão. Mas mesmo que ela se obrigasse a decepcionar Delia, suportar as fofocas e desistir de tudo que acreditava... Charlotte não conseguia se imaginar em um casamento sem amor...

Amor não enche barriga¸ ela ouviu a mãe dizer. Mas é impossível conversar com uma pilha de moedas. E ela nunca encontraria paixão e carinho em uma casa imensa e vazia. Nem em cinco casas.

Charlote se conhecia bem demais. Um casamento por conveniência não continuaria conveniente para sempre. Ela tentaria fazer com que o marido a amasse, e se não desse certo, ficaria ressentida. Eles terminariam se odiando.

Foi por isso que – não importando o quanto sua mãe conspirasse e planejasse – Charlotte tinha prometido a si mesma apenas seguir o coração.

– Não posso concordar com um casamento de conveniência, meu lorde. Sua dedicação ao dever talvez seja admirável, mas o ditado que diz “deite-se aí e pense na Inglaterra” não serve para mim.

A voz dele ficou grave e ameaçadora.

– Eu não posso lhe prometer tudo que deseja, mas prometo isto: quando eu a levar para a cama, você não vai estar pensando na Inglaterra.

– Oh.

Na noite anterior, quando ele falou em atividades sexuais, a deixou sem fala. Desta vez, ele a deixou sem fôlego. Ela não era a mais bonita das irmãs Highwood – essa honra pertencia a Diana. Apesar de tudo, Charlotte sabia que era bonita pelos padrões ingleses. Já tinha recebido a admiração do sexo oposto – tendo até mesmo sido beijada uma ou duas vezes. Mas ela se deu conta de que esses admiradores eram todos garotos. Lorde Granville era um homem. Por baixo daquele paletó matinal impecavelmente moldado, ele devia ser todo esculpido com músculos tesos. O corpo dele devia ser duro em todos os lugares em que ela era macia. Ele devia ter pelos escuros em lugares interessantes...

– Charlotte.

Ele estremeceu, voltando à realidade.

– Sim?

Bom Senhor. Ela o estava imaginando sem roupas de novo. A sala ficou insuportavelmente quente.

– Isso não é justo – ela disse, lamentando-se por sua reação infantil. – Nós não cometemos nenhum pecado. Por que você não diz a verdade a Sir Vernon? Por que não diz que entrou na biblioteca dele para... – Ela inclinou a cabeça para o lado, intrigada. – O que você estava fazendo na biblioteca, afinal?

– Isso não importa.

– Acho que não. O que importa é que algum outro casal teve um encontro escandaloso naquela mesa e nós não podemos ser punidos por isso.

Ele a fitou.

– Se não nos casarmos, só um de nós vai ser punido. E não serei eu.

– Eu sei.

O mundo parabenizava os homens por suas aventuras sexuais, mas era cruel com as mulheres que ousassem se comportar da mesma forma. Ele sairia daquela situação sem sequelas. Mas ela estaria arruinada. Sem amigos. Sem amor. Sem *Grand Tour*. Desgraçada.

Lorde Granville devia ser um homem muito decente, se estava disposto a fazer isso por ela. Um cavalheiro perfeito.

Ele estendeu a mão e segurou a dela.

– Isto é o que eu vou pedir.

Por favor, não peça. Não agora que minha determinação está tão fraca.

– Um compromisso – ele disse.

Ela o encarou, confusa.

– Com o que estamos nos comprometendo? Ou é você quem está se comprometendo? Estou perdida.

– Nós vamos garantir a sua mãe e Sir Vernon que temos um compromisso. Algo particular, que vamos manter só entre nós até o fim da minha estadia. Anunciar um noivado depois de apenas uma noite só provocaria mais fofocas. Depois de quinze dias, contudo... ninguém irá nos questionar.

Ela riu alto.

– Todos irão nos questionar. Esqueceu da minha reputação? Ninguém nunca irá acreditar que você me pediu em casamento porque quis. Todos acharão que você tem sorte por ter preservado todos os seus membros.

Apesar de suas reservas, Charlotte sabia que esse era o melhor resultado que conseguiria naquela conversa. O “compromisso” que ele sugeria... não era uma solução, mas ao menos lhe dava algum tempo. Ela teria quinze dias para encontrar um modo de escapar daquela situação. E precisava encontrar um modo. Mas a menos que os amantes misteriosos se apresentassem para assumir a culpa, estaria condenada.

Era pouco provável que os amantes misteriosos se apresentassem. Mas isso não significava que não podiam ser descobertos. Eles estavam em uma casa de campo, não em Londres. As possibilidades eram limitadas. Se Charlotte conseguisse descobrir a identidade deles e obrigá-los a confessar... Ela e Lorde Granville estariam livres.

Duas semanas. Deveria ser tempo suficiente. Tinha que ser.

– Muito bem, temos um compromisso. – Ela se levantou e apertou a mão dele com vigor. Mas quando ela se virou para sair, ele continuou segurando sua mão. Charlotte olhou para as mãos ainda apertadas, depois para ele. – Meu lorde?

– Eles estão nos esperando; sua mãe, seu cunhado e Sir Vernon. Não posso deixar que você saia da sala com essa aparência.

Envergonhada, ela levou a mão ao cabelo.

– Que aparência?

Ele a puxou para si.

– De quem não foi beijada.

Capítulo três

Charlotte olhou para ele, em choque. Com certeza ela não tinha acabado de ouvi-lo dizer “não foi beijada”. Mas... o que mais poderia ter sido? Não foi invejada, não foi sujada... Não foi encorajada? Nada mais fazia sentido...

– Você pretende me beijar? – ela perguntou.

– Acredito que foi o que acabei de dizer.

– Aqui. Agora.

– Essa é a ideia – ele concordou.

– Mas... por quê?

Ele pareceu se divertir com a pergunta.

– Pelos motivos mais óbvios.

– Acho que você está se referindo à persuasão. Deve achar que sou muito volúvel. Uma dose de seu elixir de lábios masculinos e estarei curada das minhas dúvidas, é isso?

Ele observou o vazio brevemente, antes de voltar a encará-la.

– Vou beijá-la, Charlotte, porque espero gostar da experiência. E porque espero que você também goste.

A voz baixa e grave dele fez coisas estranhas com ela.

– Você parece muito seguro de si, meu lorde.

– E você, Srta. Highwood, parece estar querendo ganhar tempo.

– Ganhar tempo? De tudo que você poderia dizer. Eu não estou ganhando temp...

Ele levantou uma sobrancelha acusatória.

– Tudo bem. – As desculpas dela acabaram. Charlotte ergueu o queixo, resignada. – Muito bem. Faça seu pior.

O pior beijo era o que ela esperava. Essa era a única razão pela qual permitiria aquilo, ela disse para si mesma. Um enlace frio, isento de paixão, afirmaria a verdade – que não havia nada entre eles. Se os dois não tivessem química para

esquentar um beijo, como o casamento poderia funcionar? Quem sabe ele não desistia da ideia ali mesmo?

Mas deu tudo errado muito antes de os lábios dele tocarem os dela. O simples poder dos braços do marquês ao puxá-la para perto fez um arrepio imaturo e inebriante percorrer todo seu corpo.

Charlotte levantou os olhos para ele, sem querer demonstrar medo. Contudo, esse movimento expôs a pulsação em seu pescoço, fazendo-a se sentir ainda mais vulnerável. Então baixou os olhos para a boca dele. Outro erro. O maxilar que parecia severo de longe, de perto emoldurava uma boca larga e generosa. Que estava tão perto.

E então, enquanto procurava se lembrar de que aquilo deveria ser um enlace sem emoção ou empolgação, Charlotte entrou em pânico e piorou tudo. Ela umedeceu os lábios com a língua. *Charlotte, sua tonta!* Bom, quem sabe ele não notou? Ah, mas ele notou.

Ele conseguia ver tudo. A vontade dela. A curiosidade. Os minúsculos tremores de expectativa que corriam para cima e para baixo na coluna dela. Era como se ela estivesse nua diante dele.

– Feche os olhos – ele disse.

– Você primeiro.

Ela viu aquela curva sutil que era o esboço de um sorriso. Então ele desceu os lábios até tocar os dela.

O beijo... ah, não foi nada parecido com ele. Ou nada parecido com o que ela pensava de Granville. Na aparência, ele era contido e formal. Mas quando os lábios dele encontraram os dela, foram quentes, passionais. Provocadores. E as mãos dele passearam por lugares em que um cavalheiro perfeito não se atreveria.

A mão dele desceu pelas costas dela – não hesitante, mas possessiva. Como se determinada a explorar cada centímetro do que seria dele. O toque do marquês deixou um rastro ondulante de sensações no corpo de Charlotte.

Então essa mão envolveu o traseiro dela e o apertou, levando-a de encontro à força e ao calor dele. Ela exclamou, chocada pela ousadia. Ele deslizou a língua por entre os lábios dela. Gentil, mas insistente. Explorando um pouco mais a cada investida. Convencendo-a a se entregar ao beijo. E ela se entregou.

Que Deus a ajudasse, mas ela se entregou. Charlotte passou os braços ao redor do pescoço dele e retribuiu o beijo. Tentando se comportar como se tivesse a menor noção do que fazia.

Mas seja lá o que ela estivesse fazendo, ele parecia gostar. Um gemido suave

emergiu do fundo do peito dele. Foi uma sensação inebriante saber que ela podia provocar uma reação dessa em um homem. Ela agarrou com força os ombros dele. Algo dentro dela tinha despertado. Uma consciência, um desejo... um vislumbre de uma Charlotte do futuro, alguém que ela ainda não tinha certeza de que estava pronta para ser.

Mais tarde, quando estivesse sozinha, ela precisaria reviver cada segundo desse encontro. Quando foi mesmo que os joelhos dela ficaram bambos? Como ele a fez desejar essas coisas? O mais preocupante de tudo...

Quando foi que ela começou a *desejá-lo*?



O desejo não pegou Piers de surpresa.

Ele a tinha achado atraente à primeira vista, e tentadora poucos minutos depois que a conheceu. Tinha sentido os contornos esguios e femininos do corpo dela pressionado contra o seu no nicho da janela na biblioteca. Todos aqueles exercícios mentais que ele tinha treinado para usar em caso de captura e tortura? Ele utilizou cada um deles atrás daquelas cortinas, só para não ficar excitado.

Neste dia, contudo, foi diferente. Neste dia ele não precisava se segurar. E depois que as comportas foram abertas, um verdadeiro dilúvio de desejo o inundou. Não, o desejo não o surpreendeu. Mas a carência? Isso o sacudiu dos pés à cabeça.

Ela estava correta; a intenção desse beijo era persuadir. Ele precisava convencer Charlotte Highwood a aceitar sua mão – tanto para preservar sua reputação imaculada como para afastar questões quanto ao verdadeiro objetivo dele naquela casa.

Beijá-la era uma questão de dever cívico. Mas ele nunca tinha sentido tanto prazer no trabalho. A musselina do vestido era pura maciez, e sedutoramente frágil. O encontro dos corpos era perfeito; ela parecia pronta em suas mãos. E o gosto dela era tão bom. Ele nunca colocava açúcar no chá, não gostava de calda de chocolate. Mas Charlotte tinha bebido algo doce. Melaço? Mel? Talvez fosse apenas a essência natural dela. O que fosse, ele não conseguia se fartar. Piers estava ávido por ela.

– Charlotte – ele murmurou. Parou por um instante para admirar o rosto dela antes de beijar-lhe a face. Depois o pescoço claro e macio.

E embora não fosse necessário – ou mesmo aconselhável –, ele a puxou para mais perto ainda e renovou o beijo.

Há tanto, tanto tempo Piers não fazia algo apenas porque queria. Mas ele merecia isso, não? Uma mulher doce e atraente em seus braços. Não era justo com ela, mas a vida não era justa. Todo mundo acabava aprendendo essa lição, e Charlotte passaria por essa experiência com um resultado melhor que a maioria – uma marquesa, com fortuna e título ao seu dispor. Se fosse deixada por sua própria conta, ela poderia se dar muito pior – o que era bem provável.

O marquês afastou a sensação de culpa. E mergulhou mais fundo nela. Aquele não era o primeiro beijo de Charlotte. Ele conseguia perceber isso, embora duvidasse de que qualquer um dos jovens que a tivessem beijado soubesse o que estava fazendo. Piers sentiu um tipo de raiva vaga e estúpida deles. E isso o deixou ainda mais decidido a tornar aquele beijo sublime. Longo, lento, doce e apaixonado o suficiente para eliminar os encontros passados da memória dela. Desse dia em diante, quando ela pensasse em beijos, pensaria apenas nele.

Piers sentiu o momento em que ela lembrou do mundo à volta deles. Charlotte ficou rígida em seus braços. *Não, não.* Ele a apertou mais. Ela não iria se livrar dele. Ainda não.

Piers passou a dar beijos leves e provocadores. Roçando de novo seus lábios naquela boca doce e exuberante. E de novo. Só mais uma vez... e então mais uma.

Quando ele se afastou, os lábios dela estavam inchados e avermelhados. A visão o satisfez de um modo profundo, primitivo.

Ela piscou várias vezes, parecendo entorpecida.

– Eu... eu, de repente não tenho tanta certeza de que nosso compromisso seja uma boa ideia.

– Vou falar com sua família e Sir Vernon. Você não precisa se preocupar. Eles irão concordar.

– Meu lorde...

– Piers – ele a corrigiu. – De agora em diante, você deve me chamar de Piers.

– Muito bem, Piers. – Ela observou o rosto dele. – Que tipo de diplomata é você?

Querida, se você soubesse... daria meia-volta e fugiria correndo o mais rápido que seus sapatinhos permitissem.

– Um diplomata com uma especialidade – ele disse, com absoluta sinceridade. – Negociar rendições.



– Um compromisso? – A mãe seguiu Charlotte até o quarto desta. – Você o tinha na palma da mão e se conformou com um compromisso?

– O compromisso foi escolha minha, mãe. – Charlotte desabou na cama.

– Pior ainda. Eu não lhe ensinei nada? Feche o negócio quando tem a chance.

Charlotte cobriu a cabeça com um travesseiro. Ela não queria discutir com a mãe nesse momento. Queria ficar sozinha para poder reviver em sua cabeça cada momento daquele beijo, e organizar todas as sensações que a agitavam por dentro. Então ela poderia dividir suas reações em duas pilhas: emocionais e físicas.

A pilha emocional seria a menor das duas – umas dez vezes menor, sem dúvida. O alvoroço que Piers tinha provocado dentro dela era só uma questão de corpos e desejo. Corações não tinham nada a ver com a história.

No mínimo, era isso que ela esperava. Mas se sentiria muito melhor após confirmar essa esperança.

Ela ouvia os passos de sua mãe, andando de um lado para outro.

– Garota imprudente. Quinze dias. Você sabe que é mais do que duas semanas inteiras?

– Sim, mamãe. Eu sei quantos dias têm duas semanas.

– E se ele mudar de ideia? – ela choramingou. – Você deu a ele a oportunidade de pular fora. Ele pode fazer as malas e fugir no meio da noite.

Charlotte jogou o travesseiro de lado.

– Sua confiança em mim é tão inspiradora, mãe.

– Não temos tempo para essa insolência que você chama de humor. O marquês já esteve noivo antes, sabia? Ele adiou o casamento por oito anos, e então a garota se casou com o irmão dele.

Sim, ela lembrava de ter ouvido fofocas a respeito.

– Esse noivado tinha sido um arranjo da família. Eles eram jovens e mudaram de ideia.

– É melhor você torcer para que ele não mude de ideia de novo. Se ele desistir desse “compromisso”, você estará arruinada. Trata-se da sua vida, Charlotte.

– Oh, eu sei. – Ela sentou na cama. – E é culpa sua que estou correndo perigo.

– Culpa minha?

– Você encorajou o escândalo e forçou Lorde Granville com toda aquela conversa de ele estar dominado pela paixão.

– Eu posso ter encorajado, mas foi você quem começou. Foi você que ficou se agarrando com ele atrás das cortinas. – Ela desabou em uma poltrona e abanou o leque. – Pela primeira vez, uma das minhas filhas me deixou orgulhosa. Sabe, eu estava esperando que você agarrasse um duque nestas férias. Pensei que esta região se chamasse Ducário, mas fui terrivelmente enganada.

– A região se chama Ducário. Isso não significa que funcione como um orquidário. Você imaginava que cultivassem duques em vasos?

A mãe bufou.

– De qualquer modo, depois de um duque, um marquês é o que há de melhor. Você foi muito esperta de agarrá-lo.

– Eu não estava tentando agarrar ninguém!

– Agora que o fisgou, é melhor segurá-lo. Precisa se comportar o melhor possível durante o resto da nossa estadia. Um modelo de etiqueta. Observe sua postura. Nada de gírias nem ironias. Fale menos, sorria mais.

Charlotte revirou os olhos. Mesmo que sorrisse até entortar a boca, ela nunca se transformaria na noiva ideal para Piers.

– Aproveite toda oportunidade de ficar sozinha com ele. Sente-se perto dele nos jantares e na sala de estar. Peça-lhe que vire as páginas da partitura enquanto você toca piano. Não, espere... não toque piano. Isso irá afastá-lo. – Ela bateu na coxa com o leque. – Eu sempre lhe disse para se aplicar mais na prática de música.

– Mãe, pare com isso. Se esse “compromisso” se tornar um noivado – *e eu irei garantir que não se torne* – não vai ter nada a ver com meus dotes ou minhas maneiras, e tudo a ver com o caráter de Lorde Granville. Não foi meu charme que o agarrou. Foi o próprio senso de decência dele que o prendeu a mim.

A mãe bufou, soltando todo o ar dos pulmões.

– Ele é um homem honrado – Charlotte disse.

Ela deixou de acrescentar “um que beija como um devasso impenitente”.

A mãe pareceu refletir sobre isso. Então ela levantou e se preparou para sair.

– Só para garantir, vamos aumentar o decote de todos os seus vestidos. Vou instruir a criada a esse respeito.

– Não. – Charlotte pulou da cama e bloqueou o caminho da mãe. – Mãe, você não pode. Não pode falar disso para ninguém.

– Mas...

– Você não pode dizer nem uma palavra. Nem para os criados nem para Lady Parkhurst. Nem para os vizinhos, nem para suas correspondentes. Nem para as paredes.

– Eu não falo com as paredes – a mãe protestou. – Não muito.

Charlotte conhecia muito bem sua mãe. Se permitisse, a mãe começaria dando indiretas durante o almoço. Faria insinuações no chá. Quando todos se reunissem para o licor após o jantar, ela estaria se vangloriando do casamento iminente e escrevendo cartas para todas as amigas. Não haveria escapatória, então.

– Lorde Granville pediu para que o compromisso fosse mantido em segredo – ela continuou. – Ele é um homem importante e dá valor à discrição. Ele ficaria muito contrariado se fosse alvo de fofocas. – Ela teve uma ideia. – Na verdade... eu não ficaria surpresa se isso tudo fosse algum tipo de teste.

– Um teste?

– Isso mesmo. Para ver se pode confiar em nós. Se falar qualquer coisa para alguém, ele saberá. E então é provável que retire seu pedido.

A mãe ficou boquiaberta e mordeu a mão.

– Oh, Charlotte. Vire essa boca para lá.

Charlotte pôs as mãos nos ombros da mãe.

– Eu sei que você consegue, mãe. Todos os seus anos de incentivo e cuidado, na esperança de que suas filhas casassem bem... resumem-se a isso: você precisa segurar sua língua. Mordê-la. Cortá-la, se necessário. Tudo depende do seu silêncio.

– Sim, mas é só...

Charlotte a interrompeu com o olhar. *Silêncio.* A mãe choramingou, mas ficou de boca fechada.

– Ótimo – disse Charlotte, batendo de leve nos ombros da mãe como incentivo. – Agora vá para seu quarto e descanse. Eu tenho que escrever.

Ela levou a mãe para fora do quarto e trancou a porta atrás dela, deixando, em seguida, o corpo desabar contra a madeira.

Oh, céus. Quem poderia dizer se sua mãe iria conseguir se controlar por duas semanas inteiras? Charlotte precisava identificar os verdadeiros amantes – e logo.

Ela foi até a pequena escrivaninha e mergulhou a pena na tinta. Charlotte não tinha mentido; precisava mesmo escrever.

Uma letra, na verdade. A letra C.

Com um gesto decidido, ela escreveu a letra no papel e se recostou na cadeira

para refletir. Tinha um mistério para resolver, e essa era sua primeira – talvez única – pista.

Capítulo quatro

Piers se inclinou para frente, fechou um olho e alinhou sua tacada.

Sinuca – como tantos outros esportes – era um exercício de geometria e física aplicadas. Se o equipamento fosse padrão e a superfície de jogo lisa, a única variável era a habilidade do jogador.

O sucesso estava todo na concentração. Em estreitar o foco. Amortecer os sentidos, ignorando emoção, eliminando quaisquer fragilidades humanas, até que restassem apenas o corpo do sujeito, o alvo e a intenção.

Com um movimento rápido do braço, ele deu a tacada, enviando a bola branca de encontro à vermelha, fazendo as duas girarem pelo feltro verde em trajetórias perfeitas e previsíveis.

Durante a maior parte da vida, ele tinha lidado com as pessoas dessa forma. Não que desdenhasse delas, nem que tivesse uma noção aumentada de sua própria importância, mas porque a emoção podia facilmente desviar sua tacada. Distanciamento era essencial – e nunca tinha sido um problema.

Até então. Até Charlotte.

Ela deixava Piers com a cabeça e o corpo girando, fora de controle. Não conseguia parar de pensar nela. Na doçura que ele não parava de querer. No encaixe perfeito do corpo dela com o seu. No modo fácil como ela superou as defesas dele e se moldou a sua pele.

Sim, ela era jovem. Mas Piers tinha aprendido a avaliar rapidamente as pessoas, e Charlotte Highwood era mais do que aparentava. Ela possuía o tipo de honestidade que exigia autoconfiança, e uma consciência aguçada de si mesma e dos outros.

Droga, isso era perigoso – mas talvez perigo fosse o que ele estava procurando. Ela tinha feito o sangue dele correr rápido e sua mente permanecer alerta, do mesmo modo que as missões mais perigosas que ele havia aceitado durante a guerra.

Aquele beijo fez com que ele se sentisse vivo.

– Ai.

Algo longo e pontudo o cutucou no traseiro. Depois no flanco.

Edmund Parkhurst estava entre ele e a porta, brandindo um taco de bilhar. O garoto fazia uma careta de escárnio, e espetou a ponta do taco debaixo da última costela de Piers – como uma miniatura de canibal mantendo seu prisioneiro na ponta da lança.

– Eu sei. – A voz do garoto era mais ameaçadora do que a voz de um garoto de 8 anos podia ser. – Eu sei o que você fez na biblioteca.

Maldição. Isso de novo não.

– Edmund, você está enganado. Eu sou amigo do seu pai. Ninguém cometeu nenhuma violência. Já falamos disso.

– Assassinato. – *Cutucão.* – Assassinato. – *Cutucão.* – Assassinato.

Piers jogou seu taco sobre a mesa. Onde estavam os pais dessa criança? Ele não tinha uma babá? Tutores? Brinquedos, passatempos, animais de estimação?

– Eu não sou um assassino – Piers disse, com firmeza dessa vez.

E não era mesmo. Não tecnicamente, desde que se usassem as mesmas acrobacias éticas empregadas na absolvição de soldados e carrascos de seus deveres sangrentos. Nenhum tribunal da Inglaterra o condenaria por assassinato. Ele se sentia menos seguro quanto a escapar do julgamento divino, mas... só a eternidade diria.

– Eu sei o que você fez. E você vai pagar. – O garoto levantou o taco de bilhar e o usou como uma espada.

Piers evitou o golpe colocando-se trás da mesa.

– Edmund, acalme-se.

Ele poderia ter desarmado o garoto com facilidade, mas ficou imaginando a cena que se seguiria se ele machucasse nem que fosse um dedinho de Edmund. O garoto sairia correndo pelos corredores gritando não apenas “ASSASSINATO!”, mas também “AGRESSÃO!” e “TORTURA!”. Era provável que também acrescentasse “SONEGAÇÃO DE IMPOSTOS!”, só para completar.

Edmund o seguiu ao redor da mesa de sinuca, atacando de novo – com mais força dessa vez. Quando Piers se abaixou, o golpe acertou um faisão empalhado que estava pendurado na parede, derrubando a ave de seu poleiro. Piers podia jurar que ouviu a coisa grasnar. A sala foi tomada por uma explosão de penas, que caíram sobre os ombros dos dois como flocos de neve.

As emoções no rosto de Edmund sofreram alterações rápidas – de arrependimento por destruir um dos troféus de seu pai, a receio pelo castigo, a... Fúria pura e total.

O garoto baixou o taco como uma lança, curvou os ombros e avançou sobre Piers a toda velocidade.

– AS-SAS-SI-NO!

Isso, Piers decidiu, já era demais. Ele agarrou o taco com uma mão, mantendo o instrumento e Edmund onde estavam.

– Escute-me, garoto – ele falou com a voz baixa e severa. – Bater um no outro com tacos de sinuca não é modo de cavalheiros resolverem suas diferenças. Seu pai ficaria bastante insatisfeito com seu comportamento. Eu também estou perdendo minha paciência. Pare com isso. Agora mesmo.

Ele e o garoto ficaram se estudando, desconfiados. Piers soltou o taco de sinuca.

– Vá para seu quarto, Edmund.

Houve um silêncio demorado e tenso. Então Edmund deu uma estocada nas partes baixas de Piers e mergulhou debaixo da mesa de sinuca, deixando o marquês ofegante.

– Sua coisinha miserável... – Ele se dobrou e bateu com o punho fechado no feltro verde da mesa de sinuca.

Foi a conta. Edmund Parkhurst iria aprender uma lição.



– Posso apoiar isto? – Charlotte perguntou, a voz tensa. – Acho que estou ficando com cãibras.

Delia não tirou os olhos do cavalete.

– Só mais alguns minutos. Eu preciso terminar de esboçar as dobras da sua toga.

Charlotte tentou ignorar as pontadas nos braços.

– Afinal, que deusa grega carrega uma bandeja de prata?

– Nenhuma delas. Está substituindo uma lira.

Havia poucas pessoas no mundo para quem Charlotte ficaria de pé, na sala matinal, envolta em lençóis, segurando uma pesada bandeja de prata por horas a fio, mas Delia Parkhurst era uma delas.

Depois que *O Tagarela* a transformou em pária social, Charlotte desistiu de preencher seus cartões de dança. Contudo, ficar se lamentando não era do seu feitio. Quando desdenhada pelos cavalheiros, ela procurou novas amigas. E encontrou Delia.

Ela era calorosa, espirituosa e também invisível nos bailes, tendo nascido com um quadril maior do que o das outras mulheres. Elas conspiravam pelos cantos e inventavam jogos como "Localize o dente de madeira" e "Devasso, devasso, duque", e faziam barcos de papel com os cartões de dança sem uso para a "Regata da Tigela de Ponche".

Mas isso foi até elas começarem a usar melhor seu tempo: planejando a fuga.

– No ano que vem estaremos a milhares de quilômetros daqui – Delia disse. – Livres das nossas famílias, e longe de qualquer um que leia os jornais de fofocas de Londres. Vou ter esculturas renascentistas para desenhar e você, templos e catacumbas para explorar. E à noite estaremos rodeadas por *comtes* e *cavaliere.* Sem bandejas de chá de prata.

Charlotte se sentiu culpada. Depois da cena na biblioteca, o plano das duas viajarem para o continente corria sério risco, mas Delia nem sabia. Charlotte morreria se tivesse que decepcionar a amiga.

Delia pôs o lápis de lado.

– Pronto. Encerrei por hoje.

Charlotte baixou a bandeja, desenrolou-se dos lençóis e sacudiu braços e pernas para relaxá-los.

– Vamos abordar o assunto da nossa viagem hoje? – Delia perguntou.

– Ah, não. Ainda não.

Não enquanto seu pai pensar que eu levantei a saia para um marquês na biblioteca dele.

– Por que não?

Charlotte tentou ser vaga.

– Eu ainda não tive tempo suficiente para mostrar aos seus pais que sou confiável. Muito menos para sua irmã. Frances olha para mim como se eu fosse arruinar você jogando-a nas mãos do primeiro libertino.

– Frances é protetora, e presta atenção demais a fofocas. Pelo menos não tenho irmãos mais velhos para se oporem. Só Edmund, e ele pode ser convencido com facilidade.

Eu não teria tanta certeza disso, Charlotte pensou.

– O que está fazendo você hesitar? Lorde Granville?

A pergunta pegou Charlotte de surpresa.

– Como você sabe?

Delia deu de ombros.

– Você saiu do salão de baile assim que ele entrou, e sei como sua mãe pensa. Mas eu não me preocuparia com as armações dela para chamar a atenção do marquês. O homem está tão fora de alcance que parece morar na Lua.

Era o que Charlotte pensava. Até ela não só se ver ao alcance dele, mas envolta em seus braços. A lembrança provocou um arrepio em sua nuca. Ela sentou e pegou a mão de Delia.

– Eu preciso lhe contar uma coisa. Estou preocupada com o modo como você vai receber essa notícia.

– Charlotte, você é minha amiga mais querida. Pode sempre se abrir comigo.

Um nó se formou na garganta de Charlotte. Ela continuaria sendo a amiga mais querida de Delia depois que lhe contasse a verdade?

Um pequeno baque no fim do corredor chamou a atenção delas. Então um grande baque fez com que se levantassem. Ela e Delia saíram apressadas da sala matinal e seguiram os sons de louça estilhaçada até o saguão de entrada, onde um Edmund envergonhado estava ao lado dos restos de um vaso. Acompanhado por ninguém menos que Piers. Cada um deles empunhava um taco de sinuca.

Lady Parkhurst desceu a escadaria, correndo até eles, um pouco ofegante, com a touca de lado – como se tivesse acordado assustada de sua soneca.

– O que está...? – Ela assimilou a cena com uma rápida passada dos olhos. – Edmund, eu devia saber que você...

– Perdoe-me, Lady Parkhurst. – Piers fez uma reverência. – A culpa é minha. Eu estava dando a Edmund uma aula na arte da esgrima.

– Esgrima? Com tacos de sinuca?

– Sim. Receio que nos entusiasmamos demais. Edmund é rápido para aprender. Meu bloqueio derrubou o vaso. – Ele olhou de lado para outra pilha de destroços no canto. – E o cupido.

– E o faisão na sala de sinuca – Edmund interveio. – Foi ele também.

Piers pigarreou.

– Sim. Tudo culpa minha. Espero que consiga perdoar minha falta de jeito.

Charlotte segurou um sorriso. Falta de jeito? Como ela sabia muito bem por causa do encontro na biblioteca, Piers possuía reflexos rápidos como relâmpago e total controle de sua força. Ele só estava assumindo a culpa no lugar do garoto. Do mesmo modo que tinha assumido a culpa por ela.

– É claro que eu irei substituir todos os itens quebrados – ele disse para Lady Parkhurst.

– Oh, por favor, não faça isso – Delia disse. – Eram peças terrivelmente feias.

– Delia – a mãe disse.

– Ora, eram mesmo.

Lady Parkhurst lançou um olhar de repreensão materna para a filha.

– Vou chamar a criada para limpar isso. Por favor, leve seu irmão para cima.

Delia obedeceu, levando Edmund pelos ombros na direção da escadaria. O garoto foi de má vontade, arrastando os pés. Antes de chegar ao alto da escada, ele olhou por sobre o ombro e sussurrou para Piers:

– Isso não acabou. Estou de olho em você.

– O que ele quis dizer? – Charlotte perguntou para Piers.

– Não queira saber.

Charlotte ajoelhou no canto e começou a recolher os pedaços da estátua de cupido. Não estava tão destruída quanto o vaso. Talvez pudesse ser reconstruída.

Piers se juntou a ela, agachando-se para pegar a base de gesso do cupido, que recolocou no pedestal.

– Você não deveria ajudar – ela disse em voz baixa.

– Por que não?

– Porque é um marquês. Marqueses não fazem este tipo de coisa.

– Por que não? Se eu destruo alguma coisa, ajudo a arrumar a bagunça. É assim que deve ser.

Ela pegou uma parte dos pés do cupido e colocou sobre a base.

– Você não acredita nisso. Se acreditasse, Edmund deveria estar recolhendo esta coisa. É óbvio que foi culpa dele.

– Mas não só dele. – Piers acrescentou os tornozelos do cupido. – A prática requer dois participantes.

Charlotte entregou para ele a próxima parte da estátua – um par de joelhos brancos e coxas gorduchas. Quando ele a pegou, as pontas de seus dedos roçaram no dorso da mão dela. Apenas esse contato fugaz, de pele na pele, eletrizou Charlotte.

Ela baixou os olhos, pegando o traseiro redondo do cupido e colocando-o sobre a reconstrução que faziam. Os dedos dela deviam estar tremendo. Não importa o quanto ela tentasse, a peça de gesso não se encaixava no lugar.

– Acho que está faltando um pedaço – ela disse. – Não consigo encaixar este.

– Com licença. – Ele pegou a peça das mãos dela e a inverteu.

– Creio que a posição seja esta.

Oh, Deus. Ela estava segurando o traseiro de cabeça para baixo, tentando forçá-lo no lugar. Enquanto isso, o pênis pequenino do cupido ficou apontado para cima, como o ponteiro de um relógio indicando meia-noite.

Ela baixou a cabeça, envergonhada.

– Eu acredito que a próxima parte esteja aí, atrás do seu joelho.

Afobada, ela pegou a peça, e então a deixou cair de novo ao sentir uma pontada no dedo. Uma gota de sangue surgiu no local.

– Você se machucou – ele disse.

– Não é nada.

Mas ele já tinha pegado sua mão. Depois de uma rápida avaliação, ele levou o dedo machucado até a boca e sugou a dor. A ação foi eficiente, nada maliciosa, mas mesmo assim embaralhou seus pensamentos.

Então ele envolveu a mão dela, apertando o polegar contra a ferida minúscula. Os olhos, contudo, ele nunca desviou do rosto dela. Charlotte sentiu o coração bater como se estivesse decidido a manter o dedo sangrando; como se não quisesse que aquele momento terminasse.

– Sério, meu lorde...

– Piers – ele a corrigiu.

– Piers. – Ela olhou para o corredor em busca de salvação. – A empregada está vindo. Nós estamos juntos no chão, de mãos dadas, rodeados por pedaços de gesso da estátua de um anjo nu. Não é bom que sejamos vistos assim, juntos.

– Pelo contrário, é perfeitamente adequado. Iremos anunciar nosso noivado em menos de duas semanas.

– É o que estou tentando dizer. Não iremos.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Você se esqueceu dos fatos dos últimos dias?

– Não.

Ela não tinha se esquecido da provocação sutil. Muito menos dos braços fortes ao seu redor. E com certeza não tinha se esquecido do beijo escaldante, apaixonado.

Charlotte afastou sua mão da dele.

– O que aconteceu na biblioteca foi culpa minha. Nunca deveria ter seguido você até lá.

– Eu não deveria ter permitido que você ficasse. A prática requer dois participantes.

Charlotte derreteu por dentro. Por ela, Piers tentava fazer o que era certo. E ela se sentia mais grata do que ele podia imaginar. Mas isso só a deixava ainda mais decidida a fazer o que era certo para ele.

– Eu fiz a bagunça, e eu irei arrumá-la. – Ela reuniu coragem para sorrir para ele. – Tenho um plano.

Capítulo cinco

Ela tinha um plano. Piers reparou que aquelas declarações exaltadas dela estavam formando um padrão.

Não fique assustado. Eu vim para salvar você. Eu tenho um plano.

Ela ficava prometendo protegê-lo. Não tinha ocorrido a Charlotte Highwood que ele estava em melhores condições de salvá-la do que o contrário.

Piers não conseguiu decidir se ela era gravemente obtusa ou encantadoramente maluca.

Ele abandonou a tarefa de remontar o cupido e a ajudou a se levantar.

– Você tem um plano.

– Sim. – Depois de uma olhada cautelosa pelo saguão, ela baixou a voz. – Eu vou encontrar os amantes. Os que tiveram, de fato, um encontro naquela noite. Depois que eu apresentar as provas para minha mãe e Sir Vernon, não teremos que casar.

Essa era a grande ideia dela? Havia tantas coisas erradas com aquele plano que Piers nem sabia por onde começar.

Ao ouvir a criada se aproximando, ele acenou para que ela entrasse na sala de música, que estava vazia, onde poderiam conversar em particular.

– Sou muito boa em investigações, sabe. – Ela se afastou da porta aberta. – Quando minha irmã Diana foi acusada de roubar objetos na pensão, eu quase resolvi o mistério.

– Quase.

– Sim, eu descobri a pessoa responsável. Foi só o cúmplice dela que me pegou de surpresa.

O fato de ela ter quase resolvido o mistério da pensão pareceu não impressionar Piers. Ele estava ocupado demais em notar como as janelas amplas e os painéis espelhados daquela sala banhavam Charlotte em luz. O sol dourado pintava seu perfil delicado e iluminava os fios soltos de seu cabelo.

Bom Deus, o que ele estava pensando? Luz dourada e fios soltos de cabelo. Só faltava ele começar a escrever poesia.

Aquilo não era afeto, disse a si mesmo. Não podia ser. Piers cultivava atenção aos detalhes, só isso. Informações delicadas. Segredos de estado. Fios de cabelo soltos. Tudo era racional e fazia sentido.

– É simples – ela disse. – Alguém, ou melhor, dois alguéns tiveram um encontro tórrido na biblioteca. Sabemos que não fomos nós. Só temos que descobrir quem foram e fazer com que confessem.

Ele a encarou com ceticismo.

– Quem quer que tenha tido um encontro tórrido na biblioteca não quer ser encontrado. Muito menos confessar.

– Então teremos que obrigá-los de algum modo. Ou surpreendê-los no ato. – Ela fez um gesto de pouco caso. – Temos quinze dias para resolver isso e estou pondo a carruagem na frente dos cavalos. Primeiro temos que descobrir a identidade deles.

– Isso não é possível.

– É bastante possível.

– Nós estávamos atrás da cortina. Não vimos nada.

– Não, mas temos outros meios de observação. Para começar, nós os ouvimos. Se não a voz, pelo menos os... – Ela fez uma careta. – Ruídos que produzem.

Deus. Estava perto demais do almoço para ele ser lembrado disso.

– Não sei muito bem o que gemidos e guinchos podem nos dizer.

– Bem, no mínimo eles nos dão uma certeza razoável de que os amantes eram um homem e uma mulher. Não dois homens nem duas mulheres.

Ele ficou sem saber o que responder.

– Eu não devo admitir que casais assim existem? – ela perguntou. – Não obstante as partes do cupido, eu falei sério na outra noite. Sou inocente, mas não ignorante.

– Por favor, continue. – Ele fez um gesto convidativo.

Aquela garota era cheia de surpresas. Ele mal podia esperar para o que ela inventaria a seguir.

– Nós sentimos o cheiro do perfume – ela continuou. – Um aroma bem definido. Eu sei que o reconheceria se o sentisse outra vez.

– Considerando que as mulheres não usam perfume durante visitas ocasionais ou na igreja, isso parece improvável.

– Concordo. Mas ainda temos nossa pista mais importante. A liga.

– É uma liga, o que não diz muita coisa.

– Você deve ter pouca experiência com ligas.

– Eu não diria isso, mas admito que não as uso.

Ela sorriu.

– Para começar, era vermelho-escarlate. Não apenas uma cor sensual, mas pouco comum. Feita de seda, o que é caro. Isso indica que os amantes não eram criados. No mínimo, não os dois. Se for uma criada envolvida com um cavalheiro, pode ter sido um presente. A liga também ficou um pouco grande quando a experimentei em mim mesma, isso me diz algo sobre as formas da mulher.

– É mesmo? – Piers disse, distraído.

Ele ficou um momento perdido com a imagem de Charlotte levantando a saia e colocando uma fita vermelha na coxa branca e suave.

– Tudo isso e nem chegamos à melhor parte. A cinta trazia bordada a letra C. – Com outro olhar ao redor, ela tirou um papel do bolso e o desdobrou. – Fiz uma lista com todos os presentes na Mansão Parkhurst nessa noite. Família, convidados, criados.

– Como conseguiu fazer isso? Boa memória?

– Não totalmente. Os criados e a família eu listei sozinha, claro. Quanto aos convidados, logo cedo fui até o escritório de Lady Parkhurst e copiei a lista de convidados. Então procurei mulheres com a inicial C nos nomes ou títulos. Excluindo eu mesma, claro.

Ele inclinou a cabeça para o lado, observando-a.

– Por favor, não me dê esse olhar de desaprovação. Eu sei que foi errado, mas estou tentando ajudar. Nossos futuros estão em jogo.

Não foi um olhar de desaprovação. Piers estava impressionado. Ele sabia que Charlotte era inteligente, mas não esperava que a capacidade de dedução dela fosse tão desenvolvida.

– Depois que diminuirmos nossa lista de suspeitos, identificar a amante deve ser simples. Então, é só uma questão de seguir a mulher para encontrar o homem. Com um pouco de sorte, vou descobrir os nomes dos amantes misteriosos dentro de poucos dias.

– Como você sabe que eram amantes misteriosos?

Ela hesitou.

– O que você está querendo dizer?

– Usar a palavra “amantes” sugere um grau de sentimento. Existe fazer amor,

mas também existe... – Ele pensou nas alternativas antes de escolher o termo vulgar menos chocante. – ...o simples coito.

– Qual a diferença?

Qual, não é mesmo?

– Um homem sem princípios poderia tomar isso como convite para uma demonstração.

– Felizmente, você tem princípios de sobra.

Ela não poderia estar mais errada.

– Basta dizer que o encontro que ouvimos cai na categoria de coito. Faltou certa... *finesse*.

– Talvez falte um pouco de imaginação para você.

Piers meneou a cabeça, achando graça. Não lhe faltava imaginação.

Naquele exato momento ele experimentava uma fantasia vívida em que apertava Charlotte contra a parede espelhada. Observando raios de luz dourarem os cílios e lábios dela. Beijando-a lentamente, fazendo com que ela imergisse em uma névoa de paixão. Então – somente depois que ela estivesse implorando por mais –, levantando a saia dela, ajoelhando-se e provando sua doçura. Demorando-se nisso. Dando-lhe prazer uma vez após outra. E mais outra. Assim, ele lhe diria então, é como se faz amor.

Ele se deu uma sacudida mental. Bastava. Aquela ideia seria guardada para depois do casamento. Acontece que ele tinha um ou dois espelhos – ou centenas – em sua propriedade.

E a propriedade dele era onde Charlotte precisava estar. Depois que Piers tivesse se casado e deitado com ela, e a colocado na casa de campo, conseguiria se concentrar novamente.

– Pode chamá-los do modo que quiser – ela disse. – Eu escolho acreditar que eram amantes. E vou descobrir quem são.

– Você não pode ficar vagando por Nottinghamshire brincando de resolver mistérios. Não é apenas pouco decente, mas também tarde demais. Nós temos um compromisso.

– Nós podemos ter um compromisso, mas não é tarde demais. Não para encontrar os amantes, e não é tarde demais para nós. – Os olhos azuis dela transbordavam sinceridade. – Eu quero me casar por amor. E tenho-lhe em alta estima, de modo que desejo o mesmo para você, que é um homem decente e honrado.

Garota doce e inocente. Ela não tinha ideia. Seus poderes de dedução podiam

ser aguçados, mas Piers nunca poderia permitir que ela deduzisse a verdade a respeito dele. Decente? Honrado? Nem perto. Que tal implacável, querida. Traiçoeiro. Insensível. Desalmado e coisa pior.

– Charlotte, eu...

– Você não quer amor, eu sei. Você pensa que o amor pode, de algum modo, enfraquecê-lo, mas está enganado. Tão enganado. Amar a pessoa certa deixa as pessoas mais fortes. Melhores do que jamais seriam sozinhas. Eu sei. Já vi acontecer. É por isso que vou solucionar este mistério. Nós dois merecemos algo melhor do que um casamento por obrigação baseado em meias verdades.

– Não vamos nos casar baseados em meias verdades – ele disse. – Vamos nos casar baseados no fato de que eu a puxei para um abraço clandestino no nicho da janela. Só isso já é indecoroso o suficiente.

– Mas só na definição mais rigorosa da palavra.

– As definições rigorosas são as que importam.

Ele não gostou da ideia de Charlotte andando pela vizinhança, cheirando o perfume das mulheres e medindo suas coxas. Mas podia haver um benefício nisso: enquanto ela estivesse ocupada interrogando a população local a respeito de suas ligas, não faria perguntas inconvenientes para ele. De qualquer modo, era um plano imprudente – que podia dar errado de várias formas.

– Não posso apoiar esse seu plano – ele afirmou. – Com certeza não irei ajudá-la.

– Nunca esperei ter a sua ajuda. – Ela lhe deu um olhar sedutor por entre os cílios. – Contudo, arrisco dizer que a perda é sua. Acredito que você poderia se beneficiar de um pouco de mistério na sua vida.

Oh, Charlotte. Você não faz ideia.

– Responda-me isso – ele disse –, depois que você não conseguir encontrar...

Charlotte lançou um olhar magoado para ele, que reformulou sua ideia:

– Se você não conseguir encontrar os copuladores misteriosos ao fim da nossa estadia, o que vai acontecer? Pretende me rejeitar e aceitar sua desgraça?

– Não sou idiota – ela respondeu, com o olhar distante.

Não, ele pensou. Ela não tinha nada de idiota. Longe disso, na verdade. Charlotte era inteligente, determinada e – algo que ele estava começando a admirar – perigosamente observadora. Era isso que o deixava preocupado.



Pouco depois do almoço, Charlotte recebeu uma convocação da mãe. Ela adiou atendê-la por uma hora, depois duas. Finalmente, decidiu que era melhor resolver logo aquilo.

A caminho do quarto de sua mãe, contudo, Frances Parkhurst a deteve no corredor.

– Uma palavrinha, Srta. Highwood?

Charlotte não tinha motivo para recusar.

– Quero que saiba que gosto muito da minha irmã – Frances falou em voz baixa.

– Eu também gosto muito de Delia. Ela se tornou minha melhor amiga.

– Verdade? – Frances a fitou com desconfiança. – Porque você parecia estar se tornando uma grande amiga de Lorde Granville mais cedo. Na sala de música.

– Você nos espionou?

– Não precisei espionar. A porta estava aberta.

– Nesse caso, deveria saber que estávamos só conversando.

Nós estávamos mesmo só conversando. Quantas vezes ela tinha pronunciado essa frase nos últimos dias? Charlotte estava ficando cansada, não só de dizê-la, mas de ninguém acreditar nela.

– Ele nunca ficaria com você – Frances disse. – Você só vai conseguir constranger o marquês se continuar correndo atrás dele.

Que audácia! Charlotte fechou a mão em um punho, ao lado do corpo.

Ela acha que está protegendo Delia, Charlotte procurou se lembrar. *Não posso culp*á-la *por isso. Ela só me conhece pelos jornais de fofocas.*

– Não estou correndo atrás de Lorde Granville – Charlotte respondeu.

– Ah, por favor. Você acha que eu não sei como você e sua mãe arrivista pensam? Pois eu lhe digo que sua esperança de um casamento vantajoso é risível. Você não tem virtudes. Sua linhagem não é nada de que se orgulhar. Para completar, você é uma completa descarada. Depois que o resto de Londres ficou sabendo do seu verdadeiro caráter, você resolveu se aproximar da minha irmã.

– Você me parou no corredor só para me insultar? – Charlotte disse com frieza. – Porque, ainda que isso seja encantador, tenho mais o que fazer.

– Eu parei você para lhe dizer o seguinte: não vou permitir que tire vantagem da bondade e do desespero de Delia.

– Desespero? – Então Charlotte ficou brava de verdade. – Delia não está desesperada por nada. A não ser, talvez, por ficar longe de você.

– Ela é vulnerável e confia demais nos outros.

– Ela é uma mulher adulta, perfeitamente capaz de escolher suas amigas. E espero que nunca descubra o quanto você menospreza a inteligência dela.

Frances semicerrou os olhos escuros.

– Pois eu lhe prometo que, se magoar minha irmã, vou arruinar você, e não só em Londres. Todas as boas famílias da Inglaterra vão saber muito bem quem você é.

Com isso, ela fez meia-volta e foi embora, deixando Charlotte furiosa.

Nada precisava ser dito a respeito de Frances Parkhurst além disso: depois de apenas alguns minutos com ela, Charlotte ficou verdadeiramente ansiosa para falar com a própria mãe. Ela bateu na porta.

– Você mandou me chamar, mamãe?

– Mandei. Por favor, sente-se. – Ela indicou a cama.

O tom dela era incomumente delicado. Charlotte ficou atônita, mas não iria reclamar. Ela precisava de um pouco de delicadeza e foi se sentar na cama ao lado da mãe.

– Charlotte, querida. Está na hora de discutirmos o significado do casamento.

– Nós já discutimos o significado do casamento, mamãe. Não me lembro de um dia, desde que completei 13 anos, em que você deixou de enfatizar a importância dessa instituição.

– Então hoje não vai ser diferente. – A mãe arqueou uma sobrancelha grisalha. – Um bom casamento é o objetivo mais importante na vida de uma mulher. A escolha do marido irá ditar sua felicidade.

Charlotte se conteve. Ela não acreditava que conseguir um bom casamento era o objetivo mais importante da vida de toda mulher. Com certeza algumas mulheres podiam se sentir completas sem casar com ninguém. E entre as que se casavam, felicidade era uma joia multifacetada. Casamento podia, de fato, levar alegria para a vida de alguém, mas amizade, aventuras e realizações intelectuais também.

Sua mãe tinha casado com 17 anos e ficado viúva aos 24. Nunca conheceu nada do mundo. Toda a segurança e todo o aconchego de sua casa morreram com seu pai. Com isso, sua mãe ficou ansiosa e perdida. E agora ela era ridicularizada.

Charlotte tinha decidido nunca ser igual. Não importava a pressão de sua mãe pelo casamento, ela não se acomodaria antes de estar pronta, e só obedeceria ao seu coração.

– Marido e mulher precisam ter sintonia – a mãe continuou.

– Mãe, eu já estou convencida disso. É melhor você usar seu fôlego para esfriar o mingau, e depois para reclamar que ficou frio.

– Não estou falando de abstrações, garota. Estou falando de casamento e do que ele significa em sua essência. Uma união, não apenas de corações e mentes, mas de... – A mãe retorceu a boca. – Corpos.

– Oh.

Oh, céus. Então a mãe queria ter *aquele* tipo de conversa. E Charlotte tinha pensado que não poderia haver nada pior que o sermão de Frances.

– Você pode ter observado – a mãe continuou, olhando para qualquer coisa, menos para Charlotte – que no reino animal os indivíduos masculinos e femininos têm órgãos reprodutores diferentes.

Não, não, não. Aquilo não podia estar acontecendo. Charlotte passou os olhos por todo o quarto à procura de uma saída.

– Mamãe, nós não precisamos ter essa conversa.

– É meu dever como sua mãe.

– Sim, mas não precisamos tê-la agora.

– Pode não haver um momento melhor.

– Eu já li livros. Tenho irmãs casadas. Eu já sei sobre relação...

– Charlotte. – A mãe lhe mostrou a mão aberta. – Feche a matraca e vamos terminar logo com isso.

Derrotada, Charlotte dobrou as mãos sobre as pernas e esperou que aquilo terminasse.

– Sabe o... aham... do homem tem um formato diferente da... coisa... da mulher... – Ela agitou a mão. – No leito nupcial, ele vai querer colocar o... negócio dele.... – Mais gesticulação. – ...dentro do seu.

– O aham dele vai entrar na minha coisa.

– Se quiser deixar claro. Sim. E então...

– E então é o dever matrimonial. Só uma pontada. Fique deitada e pense na Inglaterra. Acho que já entendi. Obrigada, mamãe.

Ela tentou levantar da cama para fugir, mas a mãe a puxou de volta.

– Fique quieta.

Charlotte ficou quieta. Deprimida, mas quieta.

– Eu pensei que poderia ser difícil falar disso, então reuni alguns objetos comuns para servirem de ilustração. – Mamãe esticou a mão para uma cesta coberta por um lenço. – Agora, você pode ter notado, alguma vez, ao tomar banho, que existe um tipo de fenda entre as suas pernas.

Charlotte se controlou para não falar. Sério? Ela *podia* ter notado seu próprio corpo em algum momento durante 20 anos de vida? Charlotte imaginou que podia existir, em algum lugar, uma jovem que nunca tivesse se dado conta da própria anatomia abaixo do umbigo. Mas quem quer que fosse aquela pobre alma, Charlotte não conseguiria ser amiga dela.

– É algo parecido com isto. – A mãe tirou um objeto redondo da cesta.

– Isso é um pêssego? – Charlotte perguntou.

– Sim. As partes íntimas da mulher são representadas por este pêssego.

– Por que um pêssego? E não uma orquídea, uma rosa, ou qualquer outra flor?

A mãe ficou estranhamente defensiva.

– O pêssego tem uma abertura. É da cor certa. É... aveludado.

– Mas não é muito preciso, certo? Quero dizer, pode não ser tão poético, mas até um repolho cortado ao meio teria, pelo menos, a...

– Charlotte, por favor. Deixe-me continuar.

Deixar que a mãe continuasse era a última coisa que ela queria na vida. Preferiria, sem dúvida, ser açoitada no pelourinho da vila a terminar aquela conversa. Ela preferiria a morte.

Charlotte se preparou quando a mãe voltou a colocar a mão dentro da cesta.

– Agora, o cavalheiro. É importante que, quando a hora chegar, você não fique assustada. Em estado de repouso, o...

– Aham – Charlotte sugeriu.

– ...o aham do homem não é nada impressionante – a mãe continuou: – Contudo, quando excitado, ele vai parecer com algo assim.

De sob o quadrado de tecido, a mãe retirou um vegetal comprido, curvo e coberto por uma casca roxa e brilhante.

Charlotte ficou boquiaberta, horrorizada. Não. Não podia ser. Mas era.

– Uma *berinjela*?

– Um pepino teria servido melhor, mas estava em falta na cozinha.

– Entendo – ela disse, atordoada.

– Ótimo. – A mãe dispôs os objetos sobre as cobertas. – Agora você pode fazer perguntas.

Perguntas? Ela ainda devia fazer perguntas? Só uma lhe veio à cabeça: *O que diabos eu fiz para merecer isso, e será que é tarde demais para me arrepender?*

Charlotte escondeu o rosto nas mãos. Ela sentia como se estivesse presa em um pesadelo. Ou em uma peça de teatro muito ruim. *O pêssego e a berinjela*, uma tragicomédia em um ato interminável.

Felizmente, fazia anos que ela tinha obtido seus conhecimentos a respeito da relação sexual por meio das amigas, de livros e do próprio bom senso. Porque se ela tivesse que se virar com aquela explicação...

Charlotte tomou uma decisão. Se a mãe iria sujeitá-la àquilo, teria que pagar pelo que estava fazendo. E só havia um modo de Charlotte se vingar daquela farsa que a mãe chamava de lição. Levá-la a sério.

Ela levantou a cabeça e assumiu uma expressão solene, inocente. Estendeu a mão e tocou a berinjela com um dedo.

– Este é o tamanho real?

– Nem todo cavalheiro é desse tamanho. Alguns são menores. Outros podem ser, na verdade, até maiores.

– Mas espero que a maioria não seja roxa assim. – Ela pegou os dois vegetais e empurrou um contra o outro, franzido a testa, confusa. – Como é que a berinjela pode caber dentro do pêssego?

O rosto da mãe se contorceu.

– O pêssego produz um tipo de néctar para facilitar a entrada.

– Um néctar? Que fascinante.

– Se o cavalheiro tiver habilidade com sua berinjela, não vai ser tão doloroso.

– Mas e a habilidade da mulher? A noiva não deveria saber como agradar a berinjela?

A mãe ficou quieta durante um instante.

– Ele pode... quer dizer, alguns cavalheiros podem gostar de ser... hum... acariciados.

– Acariciados. Como é que se acaricia uma berinjela? Do mesmo jeito que se acaricia um gato? – Charlotte pôs o vegetal na palma de uma mão e a acariciou delicadamente com a ponta do dedo. – Ou é mais do jeito que se escova o cabelo? – Ela aumentou o vigor dos movimentos.

A mãe soltou um tipo de exclamação estrangulada.

– Aqui – Charlotte disse, colocando a berinjela na mão da mãe. – Por que você não demonstra?

Ao ver a mãe em pânico, com o rosto vermelho, Charlotte perdeu a batalha contra o riso. Ela se desfez em uma gargalhada. Então pulou para se proteger, para evitar levar uma berinjela na cabeça.

– Charlotte! – A mãe jogou o pêssego nela quando Charlotte chegou à porta. – O que eu vou fazer com você?

– Você nunca mais vai falar de pêssegos e berinjelas comigo.

Capítulo seis

Após conferir seu reflexo no espelho, Piers lavou a lâmina na bacia e limpou o resto de sabão que havia em seu rosto com a tolha.

Se ele pedisse, Ridley viria ajudá-lo a se vestir para o jantar. Afinal, “criado pessoal” era o cargo fictício do outro, e talvez Piers devesse usá-lo mais nessa função – ainda que apenas pelas aparências. Contudo, ele tinha criado o hábito de se barbear em seus primeiros anos de serviço. Não gostava da ideia de alguém segurando uma navalha perto do seu pescoço.

Mesmo agora que ele era um agente tarimbado, continuava preferindo se barbear. Não era que ele não confiasse sua vida a Ridley. Piers não confiava na habilidade do outro barbeá-lo tão bem quanto ele próprio.

Enquanto vestia a camisa e abotoava os punhos, algo chamou sua atenção. Ele hesitou e olhou no espelho. Havia algo do lado de fora da janela. Ou alguém do lado de fora. Provavelmente, apenas um galho de árvore, ele disse a si mesmo. Talvez uma ave canora vespertina ou um morcego adiantado.

Em todo caso, ele teve o cuidado de não revelar nenhum sinal de alerta. Ele apenas manteve o olhar na direção do reflexo enquanto abotoava com calma os punhos. Então ouviu um ruído. Algo raspando.

Ele inspirou fundo. Enquanto puxava o ar, Piers avaliou todas as potenciais armas no quarto. A navalha, que jazia no lavatório, ainda brilhando com a água. O atiçador de lareira daria um porrete formidável. Com um puxão, sua gravata daria um bom garrote. Ele tinha aprendido isso do modo mais difícil, durante uma noite abafada em Roma.

Mas ele não precisava ser tão criativo nessa noite. Não com uma pistola carregada à sua espera na primeira gaveta do lavatório. Não era uma arma criativa, talvez, mas muito eficaz.

O barulho de raspar virou um arranhar, depois um arrastar. O invasor estava abrindo a janela devagar.

Piers manteve seu pulso sob controle, usando seu autocontrole para manter o sangue em suas veias tão frio quanto um regato em fevereiro. Ele abriu a gaveta, afastou uma pilha de lenços dobrados e pegou a pequena pistola de metal.

Então esperou. Caso se virasse cedo demais, afugentaria o potencial agressor, ficando sujeito a uma segunda tentativa. *Paciência. Ainda não.* Uma brisa fria soprou os pelos de sua nuca. *Agora.*

Ele deu meia-volta, engatilhando a pistola enquanto se virava, e apontou a arma para o invasor.

Ela levantou uma mão.

– Não se assuste. Sou eu.

– Charlotte?

Ele baixou a pistola no mesmo instante, desengatilhando o cão.

Uma perna esguia, com meia, passou pela janela aberta... e o resto dela caiu para a frente, pousando no chão com um baque surdo e formando uma pilha de vestido manchado de grama, botas enlameadas e cabelo dourado desgrenhado.

– Que diabos você está fazendo? – Ele estendeu a mão para ela, erguendo-a do chão. – De onde você está vindo?

– Desculpe incomodar – ela disse, o olhar indo do colarinho aberto dele para a bainha da camisa fora da calça.

Vê-la daquele modo, ofegante, corada e sorrindo, elevou a temperatura do sangue dele de gelada para a de lava em erupção.

Piers ficou aliviado. Ficou furioso. E, contra todas as probabilidades, divertiu-se. Ele ficou tudo, menos frio e apático.

– Você precisa ir para o seu quarto.

– Eu adoraria, mas agora não posso. – Ela baixou o olhar. – Essa é uma pistola Finch?

Ela estendeu a mão para a pistola ainda na mão direita dele. Piers deixou que Charlotte a pegasse, e ela a virou nas mãos antes de apontá-la para a janela aberta, fechando um olho ao fazer mira.

Piers tinha que admitir que ela possuía uma ótima postura.

– Como você reconheceu uma pistola Finch?

Ela baixou a arma, virando-a nas mãos para examiná-la.

– A filha de Sir Lewis Finch é uma boa amiga. Passei anos em Spindle Cove.

Spindle Cove. Ele pensou no breve relatório de Ridley sobre o lugar. *Segundas-feiras, caminhadas no campo. Terças, banhos de mar. Quartas, jardinagem. Quinta...*

– Às quintas-feiras vocês praticam tiro – ele disse.

– Então você ouviu falar. – Ela sorriu para ele. – Eu já estive na sala de armas de Sir Lewis e nunca vi exemplar tão belo. É bem leve e fina, não?

– Versão especial – Piers disse. – Só existem algumas dezenas.

– Incrível. – Charlotte devolveu a pistola para ele. – Como você conseguiu esta?

– Acho melhor eu fazer as perguntas. – Piers recolocou a pistola na gaveta, depois se virou para ela. – Explique-se. O que diabos você pensa que está fazendo entrando pela minha janela?

– Certo. Isso. Veja bem, esta tarde, o Sr. Fairchild... ele é o vigário, como deve se lembrar.

– Eu me lembro.

– Ele apareceu para falar com Lady Parkhurst. Algo a respeito da programação da paróquia no feriado. A seleção musical ou algo assim. Parecia que eles demorariam horas falando do assunto, então eu soube que era minha chance.

– Sua chance para quê?

– Para visitar a Srta. Caroline Fairchild. Ela está na minha lista de suspeitas. Lembra do meu plano, na outra manhã?

– Eu lembro, sim. – Ele levou a mão à têmpora.

– Bem, depois que examinei a lista de convidados, fiquei com cinco suspeitas. Tenho que começar a diminuir esse número de algum modo. Se Caroline Fairchild tivesse um romance secreto e soubesse que o pai ficaria ausente por horas, seria o momento perfeito para ela marcar um encontro. Não acha?

Piers não teve como contestar aquele raciocínio. O que era bem irritante.

– Então afirmei que estava com enxaqueca, fui para o meu quarto e disse às criadas que não deveria ser incomodada. Depois tranquei a porta e escapei pela janela.

– Sua janela fica a quase seis metros de altura. Aliás, a minha também.

– Sim, sim, é claro. Mas tem uma saliência que passa por baixo de todas as janelas, e no canto noroeste da mansão tem uma árvore com um galho à distância de um pequeno pulo.

Ele apertou o maxilar e tentou afastar a imagem de Charlotte dando um “pequeno pulo” do segundo andar da casa para o galho de uma árvore.

– Por favor, continue.

– Então eu atravessei o campo e fui andando até a vila. – Ela sentou em um

banco ao pé da cama dele e começou a soltar o cadarço de suas botas, cujas solas forneciam evidências claras de sua caminhada pelas pastagens e por estradinhas lamacentas do interior. – Eu fui até o presbitério e perguntei pela Srta. Fairchild. E ela estava lá. Sozinha.

– Não nos braços de um sedutor.

– Não. Na verdade, ela me pareceu solitária e muito feliz com a visita. Uma garota encantadora, mas fiquei com a impressão de que ela nunca viveu nenhuma aventura. Com certeza não leu bons livros.

Ela tirou as botas e trouxe os pés para baixo das saias, sentando de pernas cruzadas no banco.

Piers decidiu que ele também poderia se sentar e desabou sobre a poltrona.

– Acredito que posso riscar a Srta. Fairchild da minha lista de suspeitas – ela disse.

– O que você pretende fazer quando alguém lhe perguntar como podia estar, ao mesmo tempo, incapacitada por uma enxaqueca em seu quarto e na vila visitando a Srta. Fairchild?

– Ah, ninguém vai perguntar isso. – Ela fez um gesto de pouco caso com a mão. – Os dias se embaralham durante uma temporada no campo. É impossível lembrar se alguém foi colher maçãs na segunda ou na terça. Foi na quarta-feira de manhã que caiu aquela tempestade? A questão vai ser tratada como uma confusão inocente, se um dia for levantada. E provavelmente não vai ser. Você sabe como é.

Piers sabia. Não só ele sabia como também usava esse conhecimento. O hábito de prestar atenção quando ninguém mais ao redor prestava... era uma vantagem e tanto. Mas se Charlotte Highwood costumava prestar atenção, era uma vantagem a menos que ele tinha sobre ela. E isso o preocupava.

– Acontece que eu planejava escalar a árvore e voltar para o meu quarto. Eu tinha deixado a janela aberta. Mas quando voltei, estava fechada.

– Então você veio pela saliência até a minha janela.

– Bem, o que mais eu podia fazer? Entrar pela porta da frente? Confessar que eu tinha mentido sobre estar doente e fugido pela janela?

O que mais, não é mesmo? Piers apoiou os cotovelos nos joelhos e esfregou o rosto com as duas mãos.

– Mais tarde, esta noite – ela continuou –, bem depois que todos na casa estiverem dormindo, vou invadir o gabinete da governanta, pegar o molho de

chaves dela emprestado e voltar para o meu quarto. Ou... – ela ergueu o dedo indicador – ...nós podemos simular um incêndio.

– Você *não* vai incendiar nada.

– Não um incêndio de verdade. Só um alarme falso para tirar todo mundo da cama e me dar a chance de voltar para o meu quarto. – Ela levantou do banco e foi até a cama do marquês, sentando-se na borda desta. – Podemos decidir mais tarde. Eu queria tirar uma soneca enquanto você desce para o jantar. Você poderia esconder um sanduíche no seu bolso e trazê-lo para mim? Estou faminta.

Ela se reclinou, apoiando-se no cotovelo. Na cama dele. Parcialmente vestida. E, de acordo com o "plano" dela, pretendia ficar ali a maior parte da noite. Não. Aquilo não iria funcionar. Piers se levantou e começou a enrolar as mangas até os cotovelos.

– Vou abrir a porta do seu quarto.

– Eu já disse, está trancada por dentro.

– Deixe isso comigo.

Ele abriu um pouquinho a porta do seu quarto e espiou o corredor. Depois de esperar e escutar por alguns instantes, para garantir que ninguém estava vindo, virou-se e sinalizou para que ela o seguisse.

– Você está com um pouco de sabão na barba. – A ponta dos dedos dela roçou um pedaço de pele embaixo do queixo dele. – Pronto.

A suavidade do toque dela permaneceu. Charlotte inclinou a cabeça para o lado e o observou.

– Hum... Acabei de perceber que nunca tinha visto você sem o paletó. Sua constituição física é mais robusta do que era de se imaginar.

Charlotte deslizou a palma da mão do ombro ao cotovelo de Piers, traçando o contorno dos músculos de seu braço. Apesar de saber que não devia, ele contraiu os bíceps. Ela percebeu. Uma onda de puro orgulho masculino fez o sangue dele ser bombeado com mais vigor.

Quem é errado para você agora, querida?

– Vamos andando – ele disse. – Siga-me. E fique perto de mim.



Charlotte fez uma breve prece silenciosa e o seguiu pelo corredor, carregando suas botas em uma das mãos. A outra estava segurando o braço de Piers com

firmeza. O caminho até a porta do quarto dela era relativamente curto, mas pareceu interminável.

O marquês sacudiu a maçaneta com a orelha colada na porta, examinando o trinco.

– Você disse que deixou a chave na fechadura? – ele perguntou.

Ela concordou.

– Não está mais lá.

– Isso é estranho.

De repente, Charlotte percebeu que Piers sabia qual era a porta do quarto dela sem nem mesmo perguntar. Ela imaginou qual o significado disso, mas outras preocupações eram mais urgentes. Como o som de passos distantes vindo do pé da escada de serviço.

– Alguém está vindo – ela sussurrou. – É melhor voltarmos para o seu quarto.

Ele não reagiu.

– Só um instante.

Trabalhando com movimentos ágeis, ele retirou um alfinete de gravata do bolso, mordeu a ponta para produzir uma reentrância, e o inseriu no buraco da fechadura. Usou o alfinete como uma alavanca, testando ângulos diferentes para forçar a fechadura.

Enquanto o observava, segurando o fôlego, Charlotte imaginou se o ouro e o ônix do alfinete de gravata já tinham sido empregados em uma função tão inferior. Para não falar das mãos aristocráticas do Marquês de Granville.

Os sons dos passos na escada de serviço ficaram mais altos. A qualquer momento, uma das criadas iria aparecer no fim do corredor. Charlotte podia ouvir a garota cantarolando uma música.

– *Depressa* – ela sussurrou.

Piers não fez menção de tê-la ouvido. A falta de pressa dele era de enlouquecer. Eles não podiam ser pegos daquele modo. Não havia explicação para como Charlotte tinha passado de se recuperar de uma enxaqueca em seu quarto para estar de pé no corredor, ofegante e desgrenhada, ao lado de sua própria porta trancada. E o pior de tudo, na companhia de Lorde Granville. Ela nunca conseguiria evitar de se casar com ele, se fossem pegos.

Oh, não. Um pensamento horrível lhe ocorreu. Talvez fosse isso mesmo o que ele queria. Talvez não estivesse nem tentando e toda aquela bobagem com o alfinete de gravata fosse apenas uma encenação.

O som dos passos chegou ao patamar da escada. Charlotte avistou uma saia de

serguilha preta surgindo na extremidade do corredor. Ela queria fugir, se esconder. Mas onde? Aquele corredor sofria de uma imperdoável falta de alcovas, vasos de plantas e estátuas de mármore. Estava com o coração na boca.

– Pronto – ele murmurou.

A porta abriu com um estalido suave. Com um movimento fluido, Piers a puxou para dentro do quarto e fechou a porta atrás deles – deixando apenas a exclamação dela do lado de fora.

Ele a colocou contra a porta fechada, prendendo-a com o peso de seu corpo. Os dois permaneceram parados e em silêncio até o cantarolar da criada passar pelo quarto de Charlotte e sumir no corredor.

– Eu falei que precisava de apenas um instante – ele disse.

– Sim. Você falou. E mesmo com tudo isso seu cabelo nem saiu do lugar. O que seu criado põe nele?

– Nada. Não deixo ninguém tocar meu cabelo.

– Ninguém? – Ela inclinou a cabeça, observando o cabelo castanho e espesso dele. – Que pena.

O coração dele continuava batendo forte contra o dela, mas, por sua expressão – ainda que difícil de interpretar –, ele não parecia preocupado. Parecia estar se divertindo.

Será que enquanto se esgueirava por corredores e arrombava fechaduras com seu alfinete de gravata, o contido e correto Marquês de Granville estava se divertindo? Que interessante. Talvez existisse algo na iminência do perigo que o fizesse despertar.

Charlotte sentia, também. Não apenas os vestígios da agitação de terem escapado por pouco, mas também o modo como estavam próximos. Aqueles baços fortes, musculosos, apoiados dos lados do corpo dela prometiam protegê-la. Mas o olhar escuro e intenso dele revelava perigo.

– É melhor você ir. – Ela saiu de entre os braços dele. – Você precisa terminar de se vestir para o jantar.

– Espere. – A mão dele se fechou ao redor do braço dela, mantendo-a no lugar. – Antes vou checar como está seu quarto. Alguém passou por aqui enquanto você estava fora.

– Sério? Como você sabe?

– Além da chave não estar mais na fechadura? – Ele espiou debaixo da cama e dentro do armário. – É óbvio que o quarto foi revistado.

Ela olhou em volta.

– Não foi, não. Está exatamente como eu o deixei.

– Você o deixou *assim*? – Ele pegou um xale no chão, levantando-o pela franja, e preso nele veio um emaranhado de meias e um cadarço perdido.

– Não sou a mais organizada das mulheres – ela disse na defensiva.

Arqueando uma sobrancelha de modo reprovador, ele se virou e foi olhar atrás da porta do armário.

Charlotte, por sua vez, caminhou até a janela.

– Mas alguém esteve mesmo aqui – ela concordou. – A janela não só está fechada, como o trinco foi passado. Que estranho. Imagino que tenha sido a criada.

– A criada? – Ele emergiu do armário, tirando penas amarelas do ombro e parecendo irritado. – Acredite em mim, nenhuma criada esteve neste quarto.

– Não pode ter sido minha mãe. Ela teria feito um escândalo que a casa toda teria ouvido. Mas se não foi uma criada nem minha mãe, quem poderia ter sido?

– Talvez alguém saiba o que você está tramando – ele disse. – E esse alguém pode querer que você pare.

– Um dos amantes misteriosos, você está dizendo?

– Escute, Charlotte. Você não sabe que tipo de segredo pode estar revirando, ou o que os copuladores misteriosos estariam dispostos a fazer para protegê-lo. Está na hora de deixar o que aconteceu no passado.

Deixar no passado? Ela não podia deixar de se importar com isso. Desistir da investigação significava desistir do resto de sua vida.

– Bem, já que estamos dando conselhos um para o outro, meu lorde... acho que você deveria dar uma chance ao amor. Você pode ser bom no assunto.

– Não consigo imaginar o que a faz dizer isso.

Ela deu de ombros.

– Você parece ser bom em tudo. Então, por ser sempre bom em tudo, se preocupa em fracassar no amor. Você sofre dessa insegurança?

Como resposta, ele endireitou o corpo, atingindo sua impressionante estatura máxima, e fuzilou-a com o olhar.

– Não que eu ache que você deveria se sentir inseguro. Mas não consigo deixar de lembrar que, embora você tenha pedido duas mulheres em casamento, as duas foram obrigadas a aceitá-lo. A primeira por um acordo familiar, e eu pela ameaça de escândalo.

Ele foi até a cômoda dela.

– Guarde suas indagações para a filha do vigário. Minha história não tem nada

a ver com isso.

– Talvez não tenha. Mas você é um mistério dos mais intrigantes. Não consigo decifrá-lo. – Ela se aproximou da cama e apoiou o ombro na coluna do dossel. – Você não parece o tipo de homem que tem medo de compromisso. Você se comprometeu comigo pela mais tênue das razões. Por que não mira em uma mulher de que goste e a corteja?

Ignorando a pergunta, ele abriu uma gaveta.

– Está vazia. O que você guardava aqui?

– Nada. Eu não a estou usando.

Ele lançou um olhar significativo para a pilha de roupas no chão.

– Você entende para que serve uma gaveta?

– Nem todo mundo mantém os lenços organizados por dia da semana. – Ela cruzou os braços. – Eu já disse, sou completamente inapropriada para ser sua esposa. Considere tudo isso como mais uma prova de que não combinamos. Sou jovem demais para você, indecorosa demais, péssima dona de casa. Você nem gosta de mim. Sou apenas uma garota impertinente que o emboscou na biblioteca. Você não precisa se conformar com isso.

– Conformar – ele repetiu, fechando a gaveta. – Você acha que, ao me casar com você, eu estaria me conformando?

– Todo mundo vai achar que sim.

– Você – ele disse – é a criatura menos conformista que eu já conheci na vida. Eu não consigo me conformar desde o momento que nos conhecemos.

Charlotte sorriu.

– Vou tomar isso como um elogio.

– Mas não deveria. – Ele avançou na direção dela, diminuindo a distância entre os dois. – Não lhe ocorreu que eu posso ter um motivo muito real, muito urgente para querer me casar com você?

A intensidade do olhar dele não deixou dúvida quanto ao motivo que ele teria.

– Mas você pode ter isso com qualquer mulher – Charlotte disse.

– Eu só quero de você.

Ela engoliu em seco, nervosa de repente.

– É melhor você ir. Logo vão nos chamar para o jantar.

– Sou o convidado de honra nesta casa. – Ele afastou uma mecha de cabelo do rosto dela, e o leve toque causou um arrepio no pescoço de Charlotte. – Eles vão me esperar.

– Se minha mãe souber que você esteve aqui...

– Ficará empolgada.

Verdade.

– Eu posso gritar.

– E garantir que seremos pegos juntos, em circunstâncias mais comprometedoras do que da última vez? Vá em frente.

Ela suspirou. Granville de fato a tinha encurralado. Charlotte só conseguia pensar em um modo de desconcertá-lo – mudando as regras do jogo dele.

Ninguém toca no meu cabelo, ele tinha dito.

Ela estendeu a mão, enfiando os dedos no cabelo espesso dele. Com leveza, de brincadeira – colocando-o para cima. Até que o cabelo ficou arrepiado, em um contraste divertido com o olhar penetrante e a expressão séria do marquês.

Ele não parecia ter ideia de como reagir. Oh, céus. Será que ele não estava familiarizado com demonstração de afeto? Talvez só estivesse sem prática. Há muito tempo ele se restringia a isso. Toda aquela educação era como uma gravata apertada demais, sufocando toda emoção que devia estar se escondendo dentro dele. O fato de que ele não via motivo para esperar um casamento por amor deixou de surpreendê-la. Todos aqueles anos sendo perfeito... ele tinha esquecido da felicidade desorganizada, caótica, que a intimidade humana podia ser. Se é que algum dia ele soube o que era a verdadeira intimidade.

Tolice, Charlotte disse para o próprio coração. *Pare de sofrer. Ele é um marquês rico e poderoso, não um cachorrinho perdido na chuva.*

Ela levou a outra mão ao cabelo dele, sentindo-se ainda mais à vontade. Contendo um sorriso malicioso, ela passou os dedos pelo cabelo dele, criando tufos que se elevavam em ângulos malucos – como o pelo de um urso furioso. Então Charlotte juntou todo o cabelo no centro, dando-lhe a aparência de um moicano.

– Você está se divertindo? – ele perguntou, sarcástico.

– Mais do que você pode imaginar.

O pomo de Adão subiu e desceu na garganta dele. Mas Granville não disse para ela parar.

Charlotte sentiu um pouco pena dele e penteou o cabelo com os dedos, deixando como estava antes. Ele fechou os olhos e expirou com força.

– Isso mesmo – ela sussurrou, brincando com o cabelo curto e macio na nuca dele. – É só um pouco de carinho. Não é preciso sentir vergonha em se render.

Charlotte sabia que estava brincando com o perigo. A cada carícia, ela se aproximava do limite entre provocar uma resposta dele e colocar suas próprias

emoções e virtude em risco. Não faria mal permitir pequenas liberdades a Piers, faria? Demonstrar-lhe um pouco de afeto. Só o bastante para despertá-lo para o que ele poderia ter, se abrisse o coração para a possibilidade de amar.

Em algum momento ela tinha parado de brincar com o cabelo dele. O que não seria um problema, se Charlotte tivesse lembrado de recolher as mãos – o que não fez. Seus dedos permaneceram emaranhados nas mechas castanhas, grossas, desordenadas. As mãos de Piers estavam na cintura dela.

Ela estava segurando-se nele agora. E ele também a segurava.

O olhar do marquês baixou para os lábios dela. E ela soube que ele iria beijá-la. Soube que permitiria.

Parecia inevitável, totalmente previsível – e nunca algo a tinha empolgado tanto.

Respire, ela disse para si mesma. *Respire agora... e fundo. Logo será tarde demais para isso.*



Piers a segurou com firmeza. Por necessidade, não escolha. Ela o tinha desarmado. Todos os disfarces e defesas desmoronavam aos seus pés.

O que ela tinha? Os dedos dela não podiam ser tão diferentes dos de outras mulheres. Ela era bonita, mas não a criatura mais linda que ele já tinha visto. Como ela própria não parava de lembrar, Charlotte era jovem, incontida e impertinente, diferente do que um homem como ele deveria querer. Mas ainda assim ele a queria.

Charlotte o provocava. Mexia em seu cabelo. Ela acreditava que ele merecia isso e mais.

Piers não podia deixar que ela percebesse o efeito que tinha sobre ele. Não podia deixar ninguém perceber. Precisava conquistá-la, possuí-la, e guardá-la em algum lugar onde não pudesse causar tanto caos em seu autocontrole.

Mas seduzi-la não era o que ele mais queria neste momento. Ele queria deitar a cabeça no colo dela e deixar que Charlotte acariciasse seu cabelo a noite toda.

– O que você está fazendo comigo? – ele murmurou.

Ele permitiu que todas as partes dos dois corpos se encontrassem – as proeminências dos ossos dos quadris, a maciez das barrigas, seios contra músculos. O batimento dos corações, a respiração dos dois.

Sentindo o sangue ferver de desejo, ele colou cada centímetro de seu corpo viril, másculo e ardente ao corpo ao dela. Querendo que ela o sentisse, que conhecesse o tamanho, o formato e a força de seu corpo. Que ficasse espantada com o que causava nele, e com o que ele pretendia fazer com ela. Queria fazê-la exclamar, tremer. Que Deus o ajudasse, ele queria deixá-la com um pouco de medo. Porque ele estava completamente abalado.

Piers encostou a testa na dela e firmou as mãos em sua cintura. *Afaste-se*, ele desejou em silêncio. *Você não pode permitir que isso aconteça.* Então os lábios se encontraram, preenchendo o último espaço que havia entre eles. Como se não importasse que seus estilos de vida fossem tão diferentes, desde que concordassem naquilo – essa era a resposta, a razão de tudo.

A boca de Charlotte se suavizou para ele, como um presente sendo desembrulhado. Ele a beijou profundamente, com uma urgência crescente, e ela correspondeu a cada investida. Charlotte firmou a mão no pescoço de Piers, fazendo com que partes do corpo dele tensionassem em resposta.

Ele deslizou uma mão para cima, apalpando o seio dela. Charlotte arfou e interrompeu o beijo, ainda mantendo-o perto. A respiração dela ficou irregular quando ele levantou e apertou aquela maciez. A ponta do mamilo endurecido pressionou a palma da mãe dele.

Piers fechou os olhos bem apertados e buscou compostura dentro de si. Ele tinha que parar. Se não a soltasse naquele instante, não conseguiria largá-la até Charlotte estar nua debaixo dele, no aperto de seus braços.

Afastar-se dela era como ele tinha que agir com quase tudo em sua vida: frio, implacável. Necessário.

– Jantar – ele disse. – Estão me esperando.

Ela concordou. Ele tocou o rosto dela com o dorso de seus dedos. A pele de Charlotte estava macia e corada. Então ele saiu do quarto sem olhar para trás.

Em algum momento ela o veria como de fato era. Aquela máscara de honra que a tinha enganado logo cairia, revelando a escuridão por baixo.

Mas ele não estava pronto. Ainda não. Piers gostava do modo doce, compassivo com que ela o fitava, mesmo sabendo que não merecia. Nunca mereceria.

Eu vim para salvar você, ela tinha dito. Charlotte era uma garota doce e querida. Mas estava uma vida atrasada.

Capítulo sete

– E então – Charlotte disse, indignada –, ela me bateu na cabeça com a berinjela!

– Oh, querida. – Delia riu.

– Não é engraçado.

– É extremamente engraçado – Delia retrucou, sorrindo. – E você sabe disso.

Sim, Charlotte sabia. As circunstâncias podiam tê-la unido a Delia, mas honestidade e humor imoral as tinham tornado amigas.

– Eu só queria ter tido a chance de presenciar essa cena. Eu teria adorado ver sua... – Delia fez uma expressão de cansaço e diminuiu o passo no meio do caminho. Charlotte fez a mesma expressão.

– Vamos descansar um pouco? – Ela se aventurou alguns passos fora da trilha, caminhando até uma pequena clareira ensolarada. – Estou vendo umas amoras ali adiante.

– Bem, não pense em comê-las. – Delia se apoiou em uma árvore. Charlotte colheu as amoras de um galho baixo, reunindo-as na palma da mão.

– Por que não?

– Você sabe o que dizem. Não se pode comer amoras depois do dia de São Miguel Arcanjo. O diabo as estragou.

– Estragou como?

– Ele cospe nelas.

– Cospe nelas? – Charlotte fez uma careta. – Que folclore nojento. Para as crianças holandesas São Nicolau vai de casa em casa colocando doces em seus sapatos. Nós ingleses decidimos que o diabo passa o dia de São Miguel Arcanjo cuspindo nas amoras.

– Isso deve ter um motivo prático por trás. Alguma dona de casa, na Idade Média, teve dor de barriga depois de comer amoras e decidiram que o diabo foi o responsável.

Charlotte não teve tanta certeza.

– É mais provável que algum marido tenha bebido cerveja demais e, no dia seguinte, culpou as amoras por seu mal-estar.

– Acho que não importa quem foi. Só que tiraram a graça das amoras para nós.

– Só se nós deixarmos. – Charlotte pegou uma amora com a outra mão. – Você duvida que eu coma essa aqui?

Delia negou com a cabeça.

– Sério, eu vou comer. Com baba do diabo e tudo mais. – Ela inclinou a cabeça para trás e segurou a amora sobre a boca. – Última chance para me impedir.

– Eu nunca tentaria impedir você – Delia disse. – Tentar impedi-la é o jeito mais certo de encorajá-la.

Verdade. Delia a conhecia bem demais. Charlotte pôs a fruta na boca e a mastigou, pensativa.

– Está meio seca – ela disse, engolindo a que tinha na boca e jogando as outras no chão. – Talvez as donas de casa da Idade Média tivessem razão.

– Nós deveríamos continuar a seguir o caminho.

– Espere. – Charlotte colocou a mão sobre o estômago e se curvou. – Eu... de repente eu me sinto estranha.

– Você está bem? – Delia perguntou.

– Está doendo. Como se alguma coisa estivesse me queimando por dentro. Sinto gosto de enxofre. – Ela levou a mão à garganta e produziu um som de engasgo. – Eu... eu acho que é... baba de Satanás!

Charlotte rodopiou e desabou atrás dos arbustos, inerte. Ela esperava que Delia risse.

– Charlotte, levante-se – ela sussurrou, em vez de rir. – Lorde Granville está vindo.

– Não está não – respondeu Charlotte. Delia só estava tentando se vingar da brincadeira.

– Sim – Delia sibilou. – Ele está sim.

– Não sou tão fácil de enganar. – Charlotte ficou de joelhos e espiou por entre os arbustos. – Ah, não.

Piers se aproximava, devorando a distância entre eles com passadas longas e decididas. Ela se levantou às pressas, tirando a grama que ficou presa nas saias com as mãos.

– O que será que ele quer?

– Seja o que for – Delia murmurou –, parece decidido a conseguir.

Sim. Parecia mesmo.

Céus, ele era tão lindo. Sua beleza não era nenhuma novidade, claro, mas tinha começado a afetá-la de novas maneiras. Charlotte sentia uma possessividade estranha crescer dentro do peito. Como se ele – com todo seu encanto forte e sensual – pertencesse a ela.

A sensação a perturbava, então tentou desesperadamente reprimi-la. Mas sua tentativa foi malsucedida. Ele parou e fez uma reverência para elas.

– Srta. Delia. Srta. Highwood.

Charlotte e Delia fizeram uma mesura como resposta. Tudo era muito decoroso na aparência, mas pensamentos indecorosos fervilhavam dentro dela.

– Está indo para a vila, Lorde Granville? – Delia perguntou.

– Não, eu estava procurando vocês.

O olhar dele, intenso e sensual, parou em Charlotte. Ali, no meio da floresta, ela se sentiu como a Chapeuzinho Vermelho encarando o lobo. Bastava de folclore por um dia.

– Espero que esteja bem esta manhã, Srta. Highwood.

– Eu... – Será que ele conseguia perceber como ela estava agitada por dentro? Seria tão óbvio? – Por que não estaria?

– Além de cair, agora pouco, com as mãos no pescoço? Você estava indisposta noite passada.

– Ah, sim. Isso.

Com a menção à noite anterior, a brisa pareceu desaparecer. O ar ficou pesado e quente.

– Falando nisso, você também saiu do baile cedo, na outra noite – Delia comentou.

– É um padrão preocupante – ele disse. – Você já consultou um médico a respeito desses episódios, Srta. Highwood?

– Não são episódios – Charlotte falou, forçando um sorriso. – E não preciso de um médico.

– Não vou entrar em discussão – ele disse. – Se isso acontecer de novo, fazendo com que você perca outro jantar ou qualquer evento, vou contatar meu médico pessoal. Ele tem uma habilidade admirável com sanguessugas e purgantes.

Delia abafou uma risada.

– É muita bondade sua, Lorde Granville.

Oh, sim. Quanta bondade. Obrigando-a a comparecer a jantares sob ameaça de sanguessugas.

Se Piers acreditava que podia inibir suas investigações, Charlotte provaria que estava enganado. Não era como se ela gostasse de fingir indisposição, mentindo para Delia e seus anfitriões. Ela fazia isso por seu próprio bem, e pelo de Delia também.

– Os cavalheiros não deveriam estar atirando, caçando ou algo assim? – ela perguntou. – Pensei que tivessem vindo ao campo pelo esporte.

– Pescamos um pouco logo cedo, mas agora Sir Vernon está com seu administrador. Eu tenho assuntos para tratar na cidade. Sugeriram que as mulheres gostariam de visitar as lojas.

Charlotte apostaria todo seu dinheiro que a mãe tinha sido a fonte dessa sugestão. A mãe deveria estar amarrando as fitas de sua touca e pegando a bolsa enquanto eles conversavam. Ela inventaria qualquer desculpa para colocar Piers e Charlotte no mesmo lugar.

– Você e Frances devem ir, Delia. Eu vou ficar. Do contrário seríamos muitas, e não queremos que a carruagem de Sua Senhoria fique abarrotada.

– Não se preocupe com isso – ele disse. – Minha carruagem é grande o suficiente para acomodar nosso grupo.

E era mesmo.

Eles saíram da trilha para o pátio. Em frente à Mansão Parkhurst aguardava o maior e mais elegante *barouche-landau* que Charlotte já tinha visto. Uma carruagem preta e brilhante como obsidiana com um brasão dourado na porta. Ela era puxada por quatro cavalos sangue-quente de crinas pretas. Os animais eram tão perfeitamente iguais que pareciam ter sido feitos do mesmo molde.

Frances e Delia embarcaram primeiro, assistidas pelo próprio Lorde Granville. Charlotte se espremeu entre elas no banco voltado para frente. Então foi a vez da mãe.

– Charlotte, você precisa sair daí. Sabe muito bem que eu não posso ficar virada para trás.

– Na verdade, mamãe, não lembro de você já ter me dito isso.

– Interfere na minha digestão. Ande logo, vá para o outro lado.

Ela era tão constrangedora e dolorosamente óbvia. Em vez de causar uma cena ainda maior, Charlotte mudou para o outro banco. O que significava, claro, que Piers se sentaria ao seu lado.

Como era de se esperar, Frances a fuzilou. Pelo menos Delia teve a bondade de lhe dar um sorriso de solidariedade. Era bom ter uma amiga que não acreditava que ela fosse uma garota impudente e audaciosa.

Só que talvez ela *fosse* mesmo imprudente e audaciosa. Com Piers ao seu lado, Charlotte não pôde evitar de lembrar da noite anterior. Da sensação do cabelo dele deslizando entre seus dedos. De como ele apreciou o toque dela e murmurou palavras hipnotizantes, indecentes.

A carruagem passou por uma elevação na estrada e Charlotte foi jogada para cima.

Piers a segurou, mantendo-a do seu lado. As vísceras dela reagiram dando uma cambalhota.

Como entender esse homem? Ele era correto. Passional. Seu comportamento público era o de um *iceberg*, mas ele a beijava como se Charlotte fosse seu oásis pessoal em um deserto imenso e árido.

O que você está fazendo comigo?, ele tinha sussurrado.

Charlotte não fazia ideia.

Mas o que fosse, ele estava fazendo o mesmo com ela.



Na loja de tecidos, a Sra. Highwood logo se aproximou do mostruário de toucas de renda.

– Venha aqui, Charlotte. Diga-me, qual é a mais bonita?

Charlotte fez uma careta. A moda das mulheres casadas usarem horríveis toucas rendadas era um dos principais motivos pelos quais ela não queria se casar jovem.

– Nenhuma.

– Vamos perguntar a Sua Senhoria.

– Mãe, não. – Ela baixou a voz para um sussurro. – Silêncio, lembra?

– Bobagem. Só vamos falar de toucas. – A mãe levantou o braço e acenou, chamando-o do outro lado da loja. – Lorde Granville! Oh, Lorde Granville! Venha nos ajudar. Aqui, junto às toucas.

Piers levantou a cabeça – lentamente, como se ouvisse seu nome ser chamado de uma distante terra da fantasia. Porque, com certeza, ninguém no mundo real teria a inacreditável má educação de gritar com um marquês como se estivesse chamando uma carruagem de aluguel. Ninguém, a não ser sua mãe.

Charlotte quis se esconder atrás das penas de avestruz, mas era inútil. Oh, bem... Se Piers estava pensando mesmo em se casar com ela, precisava saber no que estava se metendo. A verdade crua pareceu estar se revelando para ele conforme se aproximava.

– Lorde Granville – a Sra. Highwood começou –, uma certa jovem que conheço ficou noiva há pouco tempo e está em dúvida quanto ao tipo de touca que deve usar depois de casada. Qual você escolheria?

Piers observou a série de toucas rendadas diante de si.

– Acredito que nenhuma delas me serve.

A Sra. Highwood riu, exagerada demais para parecer sincera.

– Não para você, meu lorde. Qual escolheria para sua noiva?

– Continuo sem ter uma opinião.

A impaciência da Sra. Highwood começou a transparecer.

– Com certeza você deseja que a futura Lady Granville seja admirada.

– Espero que ela seja. Contudo, confiarei a ela a administração das minhas casas, o conforto dos meus convidados e a criação dos meus filhos. Eu não teria a ousadia de escolher suas toucas.

A mãe insistiu:

– Dizem que é papel do marido aconselhar a esposa em todos os assuntos.

– Alguns podem dizer isso – ele respondeu, calmo. – Eu ignoraria essas pessoas. – Com uma leve reverência, ele se afastou.

A Sra. Highwood ficou sozinha com seu leque e sua frustração.

Charlotte, por outro lado, quis aplaudir. *Bem, mamãe. Ainda quer me casar com um marquês?* Piers Brandon não era um cavalheiro que se podia pressionar, persuadir, implorar ou contrariar. Um homem da estatura dele estava totalmente além da capacidade de manipulação de sua mãe. Além da capacidade de Charlotte, também.

Sem dúvida Piers tinha começado a se dar conta da magnitude do abismo entre os dois. Mesmo que ele tivesse estômago para aguentar aquela sogra... Imagine, confiar a Charlotte a administração de cinco casas depois de ter visto o estado do quarto dela. Que insanidade.

Delia segurou a mão de Charlotte.

– Vamos para a outra sala. Eles têm carretéis de fitas.

– Vá na frente. – Charlotte disse. – Logo estarei lá.

Ela foi até a janela e espiou a rua, observando a fileira de lojas. Ela não precisava de renda nem de fitas ou luvas. Precisava de respostas. De pistas.

Qualquer coisa que a levasse até os amantes misteriosos.

O olhar dela parou em uma fachada de loja pequena e sombria com uma placa gravada. Esta proclamava, em uma letra que ela precisou forçar a vista para entender: “Os mais finos perfumes franceses”. Perfumes! *Isso.*

Seu pulso disparou de empolgação. Ela esperou até que ninguém estivesse prestando atenção para sair da loja de tecidos e descer a rua.

A loja de perfumes estava vazia, a não ser pelo vendedor de cabelo ralo, que vestia um paletó marrom do século passado. Ele olhou para ela por cima dos óculos.

– Posso ajudá-la, senhorita?

– Sim, por favor. Estou procurando um novo aroma.

– Excelente. – O vendedor esfregou as mãos e então tirou uma bandeja de trás do balcão. A bandeja estava forrada com pequenos frascos de diferentes cores e formatos.

– Os da frente são na maioria florais – ele disse, indicando os frascos da primeira fileira. – Depois os almiscarados. Quanto mais para trás, mais terrosos os aromas. Amadeirados.

Charlotte não tinha a menor ideia quanto ao perfume que estava procurando. Se o aroma podia ser descrito como floral, terroso ou almiscarado ou algo totalmente diferente. Ela só esperava conseguir reconhecê-lo ao cheirá-lo.

– Eu quero algo exclusivo – ela disse. – Exuberante. Não a água de sempre, com flor de laranjeira ou ramos de lavanda.

– Você veio à loja certa – o homem encarquilhado anunciou, pomposo. – Meu primo traz as últimas novidades de Paris. Tenho aromas impossíveis de achar mesmo em Londres.

Isso pareceu promissor.

– O que você recomenda?

– Se está atrás de algo realmente especial, sugiro que comece por este. – O vendedor destampou um frasco no centro da bandeja e o entregou a ela.

Charlotte segurou o frasco e o agitou delicadamente sob o nariz. Um aroma complexo provocou seus sentidos, misterioso e exótico.

– Passe no pulso, querida. Não dá para sentir o verdadeiro aroma a partir do frasco. – Ele pegou o vidro e acenou para a mão enluvada dela. – Posso?

Ela desabotoou o punho da luva e estendeu o braço. O vendedor passou a tampa do frasco em seu pulso, deixando uma fina camada de perfume em sua pele.

– Agora – ele disse. – Experimente.

Charlotte cheirou o pulso. Uma vez, depois outra. Ele tinha razão, o perfume se abria no calor de sua pele, revelando camadas e nuanças. Era como a diferença entre cheirar um botão e a flor aberta.

– O que tem nele? – ela perguntou.

– É uma combinação rara, senhorita. Flor-de-lis e âmbar-gris, com toques de cedro.

– Âmbar-gris? O que é isso?

Ele pareceu chocado com a ignorância dela.

– Apenas uma das substâncias mais raras e valiosas no mundo dos perfumes. É secretado na barriga das baleias.

– Baleias? – Charlotte olhou para o pulso e franziu o nariz. – Eles abrem a barriga das baleias para fazer isto?

– Não, não. As baleias vomitam a substância, formando um bolo. A coisa fica à deriva no oceano durante anos, curtindo. – Ele fez um gesto ondulante com a mão, indicando a viagem. – Até que vai parar em uma praia, parecendo uma pedra cinzenta. Âmbar-gris. Um tesouro que vale seu peso em ouro.

– Fascinante – ela disse. *Repugnante*, ela pensou. Seu pulso continha vômito de baleia curtido pelo mar. E se ela quisesse passá-lo nos pulsos em casa, teria que pagar – ela conferiu discretamente a etiqueta – uma libra e oito xelins pelo privilégio. Incrível.

– O senhor poderia me mostrar outro? Algo com um toque menos... marinho.

– Eu tenho o que você busca. Este é ideal para uma jovem de bom gosto. – Ele pegou um frasco elegante de vidro azul e esperou que Charlotte lhe estendesse o outro pulso. – Pronto. Veja o que acha deste.

Ela levou o pulso ao nariz, com mais cautela dessa vez. Ao inalar, notas vivas e ensolaradas tranquilizaram sua imaginação.

– Oh, eu gosto deste.

– Eu imaginei que gostaria. Todas as jovens ladies gostam. É fresco e gramíneo, não é? Limão verbena e flores de gardênia. Mas o segredo está no fixador. Um toque de castóreo é o que faz os aromas de verão se fixarem e não sumirem.

– Castóreo. Isso não é de baleias, certo?

– Claro que não. – Ele riu.

Charlotte também riu.

– Ah, que bom. É um alívio.

– É de castores.

Ela parou de rir.

– Com certeza você não disse...

– Castores canadenses. – O homem arregalou os olhos, empolgado. – Eles produzem a substância em uma glândula especial que fica bem debaixo da cauda. – Ele levantou as mãos, como se estivesse se preparando para uma demonstração vívida. – Quando os caçadores evisceram o...

A sineta acima da porta soou, avisando da chegada de novos clientes. Charlotte nunca se sentiu tão grata por uma interrupção. Com um sorriso de desculpas e a bênção entusiasmada de Charlotte, o vendedor se virou para atender uma dupla de senhoras de idade que precisavam repor seu estoque de água de colônia.

Ela aproveitou a oportunidade para cheirar todas as amostras da bandeja. Só Deus sabia que secreções bestiais e glândulas indizíveis estavam representadas ali, mas ela não teve estômago para perguntar.

Passados poucos minutos, ela tinha cheirado toda a bandeja. Sem sorte. Nenhum deles lembrava o perfume característico que ela tinha sentido na biblioteca da Mansão Parkhurst.

– Aí está você. Eu estava à sua procura.

As palavras, faladas em uma voz grave, aveludada e familiar, a assustaram. Ela se virou, quase derrubando toda a bandeja de amostras.

– Lorde Granville. Não o ouvi entrar.

– Eu não a vi se afastar.

– Todos pareciam tão ocupados. Decidi vir até aqui para fazer umas comprinhas.

– Na verdade parece que a senhorita veio xeretar.

Charlotte decidiu mudar de assunto.

– Você não acredita no que usam para fazer estas coisas. – Ela lhe ofereceu os pulsos perfumados. – Aqui, diga-me qual prefere, flor-de-lis e vômito de baleia ou limão verbena e bunda de castor.

O canto da boca dele se retorceu. Ele pegou a mão direita dela, ergueu-a, baixou a cabeça e inspirou fundo. Então repetiu o gesto com o pulso esquerdo. O tempo todo, seu olhar penetrante nunca abandonou o dela. A ação toda foi íntima, sensual, quase indecente, apesar da conversa ao lado entre as senhoras de idade e o vendedor.

– Então? – ela perguntou, sentindo a boca secar de repente.

Ele baixou as mãos dela, mas não as soltou. Seus polegares enluvados aproveitaram o punho aberto das luvas dela, deslizando para cima e para baixo sobre a pele exposta – couro deslizando sobre a carne macia. O pulso de Charlotte acelerou com o toque dele, ecoando em seus ouvidos. Ela ficou toda quente.

Granville se aproximou, encurtando a distância entre eles, e inclinou a cabeça até ficar a poucos centímetros do pescoço dela. Então ele inspirou. Charlotte também respirou fundo.

– Eu acho – ele murmurou –, que prefiro este.

Ela engoliu em seco.

– Não passei nenhum perfume aí.

– Tem certeza? – Ele levou a mão até o cabelo dela, prendendo os cachos cuidadosamente arrumados atrás da orelha e inclinando a cabeça dela para expor a curva do pescoço. Então ele inspirou fundo de novo.

Dessa vez, um som discreto ecoou em sua garganta. Um som masculino e sensual. Um som de satisfação.

Ela quase choramingou como resposta.

– Tecido seco ao sol – ele murmurou –, passado à ferro. Aromatizador de lavanda e pétalas de rosa no armário. Goles de chocolate no café da manhã. Por baixo de tudo isso, pele quente – lavada com sabonete de jasmim. – Ele se endireitou. – Sim, é esse o aroma que prefiro.

Os músculos internos de suas coxas tremularam. Como Piers fazia isso? Sua pele mal tinha tocado a dela. A menos de seis passos de distância, uma dupla de senhoras idosas discutia os preços inflacionados da água de colônia. Apesar disso, Charlotte estava... em chamas. Ela teve medo de que suas roupas se incinerassem. De que se desfizessem em fumaça, deixando-a nua e trêmula. Exposta ao mundo. Nenhum flerte antes a tinha afetado com um centésimo dessa força.

Ele estava fazendo amor com ela, em público. Essa era a sensação. Ilícita, excitante, perigosa. Qualquer coisa, menos decorosa.

– Conseguiu se decidir, senhorita?

Charlotte abriu os olhos de repente. Não se lembrava de os ter fechado.

Quanto tempo ela ficou ali, hipnotizada? Piers tinha se afastado. Estava de costas para ela, enquanto examinava uma fileira de colônias.

Homem traiçoeiro. Charlotte sabia que ele não aprovava sua investigação. Devia estar tentando abalá-la de propósito. Por um minuto, ele conseguiu. Ela

pigarreou e se esforçou para focar nos frascos de amostra.

– Receio que nenhum deles seja o que estou procurando. Eu esperava encontrar um aroma único, se é que podemos chamar assim. Um que poucas mulheres poderiam ter comprado. Você tem certeza de que não tem algo assim?

– Eu recebi uma novidade de Paris. Só recebi dois frascos e já vendi um. – Ele entrou brevemente em uma despensa, de onde saiu com um frasco de vidro escuro, leitoso, com uma tampa dourada.

Antes de cheirar, Charlotte olhou desconfiada para o vidro.

– O que tem nesse?

– Em uma palavra? – O vendedor arqueou a sobrancelha com um ar dramático. – Paixão.

– Mas para sermos mais precisos...? – ela perguntou.

– Papoula, baunilha e âmbar negro.

– Ládano. – Charlotte mordeu o lábio. – Isso é...?

– Uma resina, senhorita. Um produto do arbusto floral *cistus labdanum*.

– Oh – ela exclamou, aliviada. – Isso não parece tão ruim. – Pelo menos essa fragrância não envolvia o traseiro de nenhum animal.

– É um processo muito interessante. – Mais uma vez, o vendedor procurou explicar com as mãos. – Pastores nômades da Terra Santa recolhem a resina penteando a barba e os flancos de cabras após os animais pastarem.

– Você só pode estar brincando – ela murmurou.

Ela fez uma pausa, refletindo sobre o quanto queria cheirar *Eau de Flanco de Cabra*. Mas não havia volta. Aquela podia ser a pista que a levaria até os amantes misteriosos.

Charlotte levou o frasco ao nariz e inspirou. O reconhecimento a acertou como um raio. Ela foi transportada até a biblioteca mais uma vez, para trás das cortinas de veludo. A biblioteca, os sussurros e o tecido farfalhando. Podia ouvir os gritinhos e grunhidos. Sentiu até mesmo os braços de Piers ao seu redor. Protetores e fortes.

– É este – ela disse, afastando as lembranças. – Você lembra quem comprou o outro frasco? Se esta vai ser minha fragrância característica, eu gostaria de saber o nome da outra cliente. Pode ser que frequentemos os mesmos círculos sociais.

– Bem, acho que posso consultar meu... – a voz do vendedor foi sumindo.

Piers tinha se juntado a ela no balcão. Ele fez um sinal discreto com a cabeça. Um que o vendedor pareceu entender no mesmo instante como: *Embrulhe e seja rápido. O preço não importa.*

Piers nem precisava de palavras para conseguir obediência imediata. O tom do vendedor ficou alegre quando ele estendeu a mão para o dinheiro que Piers colocou sobre o balcão.

– Não lembro o nome da outra cliente, senhorita.

– Espere. – Charlotte colocou a mão sobre as moedas. – Você não pode consultar seu livro-caixa?

– Ela pagou em dinheiro, não pôs na conta. O nome dela não vai estar no livro.

Ela suspirou, soltando o dinheiro. Era inútil insistir. Graças ao rápido pagamento de Piers, o vendedor se tornou inútil. Mesmo que ele lembrasse do nome da outra cliente, não o revelaria mais – não quando isso poderia significar a perda de uma venda garantida.

Enquanto os homens concluíam a transação, Charlotte sentiu a esperança se esvaindo. Não podia sair daquela loja sem uma nova informação. Ela não tinha cheirado bunda de castor e vômito de baleia por nada. Isso era inconcebível.

– Você lembra de algo dessa mulher? – ela perguntou. – Era mais velha ou jovem? Alta ou baixa? Estava acompanhada?

– Ora, ora – Piers interveio, recolhendo o pacote e pousando a outra mão nas costas de Charlotte, levando-a para a porta. – Não precisa interrogar o homem, Srta. Highwood.

– Não estou interrogando. Estou apenas fazendo perguntas.

– Essa é a definição de interrogar.

– Você – ela sussurrou – é a definição de um...

– Cabelo moreno – o vendedor anunciou, como se estivesse jogando migalhas para ela. – Ela tinha cabelos pretos, eu acho. Mas não estou certo dos detalhes, não sei mais do que isso.

Cabelo moreno. Já era alguma coisa. Não muito, mas era algo.

– Obrigada. – Ela deu um sorriso para o vendedor. – Obrigada por seu tempo.

– Você vai me agradecer pelo perfume? – Piers perguntou depois que eles saíram da loja.

– Vou agradecer quando parar de me atrapalhar na investigação dos amantes misteriosos.

– Copuladores misteriosos – ele a corrigiu.

– Eu tenho certeza de que o vendedor sabia o nome da cliente. Ele só não quis arriscar perder a venda depois que Vossa Graça e seu dinheiro apareceram. E depois você ficou me censurando por fazer perguntas.

– Eu estava preocupado com a demora.

– Você estava me atrapalhando. Não pense que eu não percebi seu objetivo com essa coisa de cheirar meu pescoço e massagear meus pulsos. Você só queria me desconcentrar.

– É justo – ele respondeu, calmo. – Você me desconcentrou primeiro.

Ela parou na rua e se virou para ele.

– Você podia... só por um instante... parar de ser tão perfeito? Por um minuto ou dois, tente enxergar além da sua devoção à honra e à decência. Talvez assim consiga perceber que estou tentando salvá-lo.

– Você não pode me salvar.

– Sim, eu posso. Salvar nós dois de décadas dessa mesma frustração e desse bate-boca constante. Mesmo você, com seu entendimento limitado do amor, não pode acreditar que esta seria uma combinação ideal de... – Ela olhou ao redor. – Onde está sua carruagem? – Pela vitrine, Charlotte espiou para dentro da loja de tecidos. – Onde estão Delia, Frances e a minha mãe?

– Elas se foram. – Ele a encarou, sério e frio. – Esse é o motivo pelo qual eu fui atrás de você. Houve um incidente.

Capítulo oito

– Um incidente? Como assim, um incidente?

Piers observou o tom corado da raiva sumir do rosto dela. Ele lhe ofereceu o braço e, para variar, Charlotte não discutiu.

– Eu vou explicar tudo – ele prometeu.

Ele a levou através da rua até a praça. Ali, com a voz calma, Piers relatou os eventos da meia hora passada. A Sra. Highwood, pouco depois de perceber que a filha tinha se separado do grupo, sofreu um ataque de tontura na loja de tecidos – um ataque que nenhum conforto oferecido conseguiu aplacar.

– Sua mãe – ele disse – sugeriu ser melhor que as irmãs Parkhurst retornassem com ela imediatamente à mansão, e depois enviassem a carruagem para nos pegar.

Charlotte meneou a cabeça.

– É claro. Claro que ela iria sugerir isso.

– Você não parece muito preocupada com a saúde de sua mãe.

– Porque não existe motivo para eu me preocupar. Se houvesse algum motivo verdadeiro para preocupação, você teria me interrompido na loja e contado logo.

Ela era rápida no entendimento. Piers tinha ficado impressionado com a técnica de interrogatório dela na loja de perfumes. Faltava-lhe sutileza, mas ela possuía instintos aguçados.

Assim que Charlotte lhe revelou seu plano de investigação, ele não foi a favor, mas disse para si mesmo que mal não faria. Então Charlotte irrompeu por sua janela na noite anterior, e isso o fez reconsiderar. Aquilo podia causar algum mal, sim. Na verdade, se ele não tomasse cuidado, alguém podia se machucar seriamente.

Ela fechou a mão em um punho.

– Agora vamos ficar sem acompanhantes por pelo menos mais uma hora. Frances vai salivar com a fofoca. – Ela se afastou dele e sentou em um dos

bancos da praça. – Não podemos parecer um casal. Não pode parecer que você está me cortejando.

Ele sentou ao lado dela.

– Bem, não posso deixá-la sozinha. Não sem companhia em uma cidade estranha.

– Só não fique muito perto de mim. – Ela deslizou até a ponta do banco. – Nem olhe para mim. E, principalmente, não me cheire.

– Eu poderia...

– Não. – Ela tamborilou os dedos no braço do banco. – Ataque de nervos uma ova. Minha mãe não tem vergonha. Pior que isso.

– Parece, para mim, que ela só está ansiosa para garantir seu futuro.

Charlotte meneou a cabeça.

– O lugar dela é em um hospício. Ela tem problemas mentais.

– Não tem, não.

– Estou dizendo, ela é louca. Louca de pedra.

– Não – ele repetiu, de modo mais insistente. – Não é.

– Sou eu quem deveria saber dessas coisas, não você. Ela é minha mãe.

– Sim, mas não é nada parecida com a *minha* mãe, que de fato ficou demente. Então, na verdade, isso é algo que estou qualificado para julgar.

– Oh, Piers. – Ela deslizou de volta ao centro do banco. – Isso é horrível.

– Já passou. Faz muito tempo.

– Não deixa de ser horrível.

– Eu sou um marquês. Para outras pessoas é pior.

Ela o encarou.

– *Continua* sendo horrível. Não importa quem você é ou há quanto tempo aconteceu. Não finja que você é inatingível. Você não teria mencionado se isso não lhe provocasse alguma dor. O que aconteceu?

Ele tentou ser o mais simples possível:

– Ela esteve doente desde que eu consigo me lembrar. Surtos violentos de entusiasmo, seguidos por semanas de melancolia. Depois de sofrer durante anos, ela morreu enquanto dormia.

Charlotte passou o braço pela curva do cotovelo dele e emitiu um lamento baixo.

– A morte dela foi tranquila – ele observou.

Uma morte tranquila, talvez, mas depois de anos de sofrimento. As palavras da mãe assombravam Piers até o presente. *Não posso. Não posso suportar.*

– Deve ter sido um choque terrível.

Piers apertou o maxilar.

– Não para todos. Meu irmão era novo demais para entender e... famílias como a nossa não falam de coisas assim. Não sei muito bem por que estou falando sobre isso agora.

Ele nunca tinha falado sobre aquilo com ninguém.

– Eu sei por quê. Você queria me dar uma lição e conseguiu. Eu estava aqui reclamando sem parar da minha mãe, sem ligar para os seus sentimentos. Como se o maior sofrimento do mundo fosse ter uma mãe que se importa comigo. Você deve me achar insensível. – Ela apertou o braço dele. – Sinto muito.

– Você não tinha como saber.

– Mas agora eu sei e sinto muito. De verdade.

E ela sentia, ele percebeu em sua voz. Charlotte sentia muito pela perda dele e por sua ofensa não intencional. Não de um modo insincero, e também sem excessos melodramáticos, piegas.

Piers se perguntou se ela sabia como era raro o talento de pedir desculpas sinceras e sem reservas. Era uma técnica diplomática que ele mesmo ainda não tinha dominado totalmente.

Charlotte era tão franca a respeito de tudo, e ele tinha sido engando o bastante para durar várias vidas.

Acrescente-se a isso os lábios de pétalas-de-rosa e o cabelo ensolarado... Ele nunca sentiu uma tentação tão pungente.

Sentados ali em silêncio, com os dedos dela acariciando a manga dele, o pouco que restava do autocontrole de Piers foi se desfazendo. Cada carícia despreocupada chegava mais perto do âmago dele. O contato transmitia uma sensação cada vez mais poderosa.

Não havia nada para distraí-lo do ritmo da respiração dela. Do pulso que batia com sutileza contra seu braço. Do calor e do aroma dela.

Ele bateu a ponta da bota no cascalho do chão. Quanto tempo a carruagem ainda demoraria para voltar da mansão? Uma hora, no mínimo, se não duas.

Piers conseguia suportar vários tipos de tortura, mas uma hora daquilo acabaria com sua tolerância.

A qualquer momento perderia a cabeça. Bem ali, naquele banco, ele a tomaria nos braços, puxando-a para perto. Entrelaçaria seus dedos naqueles raios de sol tecidos em forma de cabelo, enrolando-os nas mãos febris – para segurá-la melhor. Para segurá-la com firmeza e não deixá-la escapar.

Bom Deus. O que estava acontecendo com ele? Piers se sentia desmoronando. *Controle-se, homem.* Ele pigarreou.

– Nós deveríamos estar fazendo compras. O que eu posso comprar para você? Uma touca ou alguma quinquilharia?

– Almoço, se possível. Estou faminta.

Charlotte o acompanhou até uma estalagem, onde os dois dividiram uma torta de carne. Cerveja para Piers, limonada para Charlotte. Durante algum tempo, eles mantiveram um acordo tácito de substituir a conversa por comida.

Assim que a fome passou, ela tirou do bolso sua lista de suspeitas. Depois da conversa dolorosa sobre a mãe de Piers, Charlotte imaginou que ele ficaria grato pela mudança de assunto. Contudo, ela estava mais convencida do que nunca de que, apesar das negativas dele, Piers precisava de amor em sua vida.

Ela tinha começado com cinco nomes, depois passou-os por um processo de eliminação. Agora era somente uma questão de combinar uma das possibilidades restantes com o perfil:

- Presente na noite do baile.
- Nome com a inicial C.
- Um corpo roliço.

Após a conversa com o perfumista, ela acrescentou à lista:

- Cabelo moreno.

– Oh, droga! – ela exclamou olhando para o papel.

– Resta mais do que uma?

– Pior. Nenhuma delas se encaixa na descrição. Lady Canby é magra como um corrimão. Cathy não teve a oportunidade de estar presente, e eu já descartei Caroline Fairchild. Cross – esse é o sobrenome da criada – e a Sra. Charlesbridge são as duas que restam, mas nenhuma delas tem cabelo moreno. – Charlotte massageou a ponte do nariz. – Talvez o vendedor de perfumes tenha nos dado uma informação errada.

– O mais provável é que você tenha deixado alguém – ou vários alguéns – de fora da sua lista inicial.

– Pode ser.

Charlotte se sentiu abatida. Mas não derrotada.

– Tenho que pensar um pouco mais. A resposta vai aparecer. – Ela espetou uma torta de limão com o garfo. – Enquanto isso, que tal você me falar sobre o seu cachorro?

– Eu não tenho um cachorro.

– Bem, eu sei que você não tem um aqui. Mas deve ter em algum lugar. Todo cavalheiro tem.

– Um buldogue chamado Ellingworth. Ele veio para mim ainda filhote, quando eu estava na universidade. Durante meus anos no exterior viveu com meu pai e meu irmão. Quando eu finalmente voltei de Viena, ele estava bastante idoso, mas ainda me conhecia. Nós tivemos bons momentos desde então, mas Ellingworth morreu no ano passado.

Havia um algo mais escondido no olhar dele, mas Charlotte preferiu não mexer naquilo.

– Sua vez – ele disse.

– Eu? Nunca tive um cachorro.

– Conte-me sobre sua família, então.

– Não há muito para contar. Você já conheceu minha mãe. – Charlotte atacou a casca da torta. – Não tenho lembrança nenhuma do meu pai. Ele morreu quando eu era pouco mais que um bebê. A propriedade passou para um primo. Minha mãe casou jovem e ficou viúva cedo. Com três filhas para sustentar e garantir o futuro, imagino que a preocupação tenha pesado bastante.

– Por que seus cunhados não intercedem por você? Eles podem, no mínimo, se oferecer para ficar com ela por algum tempo.

– Colin e Aaron? – Ela deu de ombros. – Eu adoro os dois, mas são pais recentes que estão vivendo a felicidade conjugal. Não quero infligir minha mãe a seus casamentos.

– Eles sabem como você tem sido tratada nesta Temporada?

– Está falando da bobagem da “Debutante Desesperada”? – Ela meneou a cabeça. – Acredito que não.

– E você não contou para eles – Piers observou.

– Não quero que se sintam responsáveis.

– Mas eles são responsáveis por você. São seus irmãos por casamento.

– Não é desse tipo de responsabilidade que estou falando. – Ela mordeu o lábio, hesitando. – Não quero que se sintam responsáveis por minha humilhação.

– Ah. Porque os casamentos deles também foram pouco convencionais.

– Minerva é uma mulher peculiar. Intelectual. Era a última mulher que

imaginaria fugindo para se casar com um charmoso libertino. Sempre houve fofoca a respeito da união deles. E Aaron é o melhor dos homens, mas é um ferreiro. Ele sabia que ao se casar com Diana afetaria minhas possibilidades de ter um bom casamento. Por isso pediu minha permissão antes de unir-se à minha irmã.

– Ele pediu sua permissão? Quantos anos você tinha, 15?

– Acredito que 16 anos.

– E permitiu.

– É claro, e com alegria. Sou muito feliz por ele e Diana. E por Colin e Minerva também.

– Mas a felicidade deles dificultou para que você encontrasse a sua.

Ela apoiou um cotovelo na mesa e depois o queixo na mão.

– Pelo contrário. Vê-los casar por amor foi a melhor coisa que já me aconteceu, pois me fez acreditar que eu também posso encontrar o amor. E se a circunstância do casamento deles apresenta um obstáculo para meus possíveis pretendentes... é um favor para mim. Não preciso gastar meu tempo com cavalheiros que desistem com facilidade.

Piers a observava com atenção. Havia algo de novo nos olhos dele, por trás da avaliação fria. Um toque de crueldade.

– O que foi? – ela perguntou.

– Estou tentando decidir se você acredita mesmo nesse discursinho que acabou de fazer, ou se é apenas um pensamento que a conforta quando está escondida atrás de vasos de palmeiras assistindo a mais uma quadrilha.

Ela ficou em choque. Sim, nos seus momentos de fraqueza Charlotte tinha se sentido desamparada na multidão, sofrendo do pior tipo de autopiedade. O que a envergonhava muito.

– Quando você for uma marquesa – ele levou a cerveja aos lábios – terá sua vingança. Vai dar uma lição em todos eles.

Esse devia ser o segredo de Piers. O modo como ele dobrava reis e déspotas à sua vontade. Enxergando dentre deles e usando seus sonhos despedaçados para influenciá-los. A arma mais perigosa do mundo é a que atinge mais perto do coração.

– Você está enganado – ela disse.

– Hum? – Ele baixou o copo.

– Existe uma falha no seu plano, meu lorde. Tornar-me uma marquesa só convenceria a Sociedade de que sou exatamente tudo o que pensam de mim.

Uma mulher ardilosa e descarada, disposta a me humilhar para conquistar um marido rico e influente. A não ser...

– A não ser?

– Que o marquês em questão se apaixone perdida, irreparável e publicamente por mim.

Piers pareceu engasgar com a cerveja. Charlotte arqueou a sobrancelha. Ela também sabia ser impiedosa. Não precisava ser salva por sua família nem por Piers. Depois que ela descobrisse a identidade dos amantes misteriosos, convenceria sua mãe e Sir Vernon de que Piers não tinha responsabilidade nenhuma para com ela. Na Temporada seguinte, ela iria explorar o continente com Delia, e Londres encontraria uma nova fonte de risadas. Quando ela retornasse, tendo aberto seus horizontes e sua mente, estaria livre para se casar com quem quisesse – ou para esperar.

Blam. A mão mais imensa que Charlotte já tinha visto caiu sobre o ombro de Piers, assustando-a.

A mão gigante pertencia a um homem igualmente grande, com ombros largos e cabelo preto e ondulado.

– Piers. Pensei mesmo que era você.

– Rafe – Piers disse, afastando a cadeira e se levantando.

Os dois homens apertaram as mãos calorosamente antes de se virarem para Charlotte e Piers apresentar o outro. Como se ele precisasse de apresentação. Toda a Inglaterra o conhecia por nome e reputação.

– Srta. Charlotte Highwood, permita-me apresentar-lhe Lorde Rafe Brandon. Meu irmão.

– Você esqueceu de “Campeão peso-pesado da Grã-Bretanha” e “Proprietário da Melhor Cervejaria da Inglaterra” – Charlotte brincou. Dirigindo-se para Lorde Rafe, ela disse: – Que prazer inesperado, meu lorde.

Ela estendeu a mão, que o gigante de ombros largos aceitou com uma reverência antes de puxar uma cadeira para se juntar a eles.

Os modos dele eram tranquilos e informais, na mesma medida que Piers era contido e respeitável. Charlotte gostou dele no mesmo instante.

– Espero que seja Champion Pale Ale. – Rafe apontou para o copo de cerveja do irmão.

– Sempre. – Piers pareceu ofendido por ter sua lealdade questionada. – Você está na região para conseguir novos clientes?

– Estou procurando locais para instalar uma cervejaria regional. Clio deseja

expandir os negócios para o norte. – Ele fez um sinal para uma atendente pedindo outra rodada de bebidas.

– Ela está bem, espero.

– Ah, sim. Embora trabalhe mais do que eu gostaria.

Charlotte ficou surpresa com a facilidade com que os dois falavam dela, considerando que Lorde Rafe tinha se casado com a ex-noiva de Piers. Este não parecia guardar nenhuma mágoa.

– Que coincidência encontrar você aqui. – Lorde Rafe se recostou na cadeira. – Não é engraçado como os negócios com frequência nos colocam no mesmo lugar?

– Oh, Lorde Granville não está aqui a negócios – Charlotte disse.

– Então é por prazer. – Lorde Rafe olhou dela para Piers, parecendo achar graça. O rosto de Charlotte esquentou.

– Também não quis sugerir isso. Nós somos hóspedes de Sir Vernon Parkhurst por duas semanas. Lorde Granville foi gentil ao acompanhar as mulheres da casa até a cidade para as compras, mas houve um incidente e tivemos que nos separar em dois grupos para a viagem de volta.

– Um incidente. – Rafe aceitou sua bebida e engoliu meio copo com um só gole. – Eu sei a frequência com que "incidentes" acontecem perto do meu irmão.

– Qualquer que seja essa frequência – Charlotte disse –, os incidentes se duplicam quando minha mãe está por perto. Lorde Granville pode confirmar esse fato.

– A Sra. Highwood acredita que a filha merece a admiração de cavalheiros refinados. – Piers deu de ombros. – Esse é o dever dela.

Charlotte largou o garfo e sorriu.

– Agora fale a verdade. Por que você está ficando do lado da minha mãe?

– Perdoe-me. Eu acreditava estar do seu lado.

Charlotte corou um pouco e desviou o olhar.

– Ora. – Lorde Rafe pigarreou.

– Venha jantar conosco – Piers disse. – Sir Vernon ficaria feliz em conhecê-lo, e ele tem um filho que precisa de um pouco de distração.

Charlotte duvidou que o convite fosse para agradar Sir Vernon ou Edmund. Piers podia ser contido, mas nem ele conseguia disfarçar seu afeto fraterno. Ela ficou contente por saber que ele tinha ao menos esse tanto de amor na vida. Depois de perder os pais, a noiva e até o cachorro, ele precisava disso.

– Receio não ser possível – Rafe disse. – Eu prometi começar a viagem de

volta esta tarde.

Os irmãos conversaram por mais alguns minutos, contando as novidades sobre suas respectivas casas e seus empreendimentos. Piers pediu licença para ir pagar a conta.

Quando ficaram sozinhos, Rafe se voltou para Charlotte e baixou a voz, em tom de confidência.

– Desculpe-me por ir embora com tanta pressa, mas não é só a cervejaria que está se expandindo. Minha mulher também está em processo de crescimento. Para falar de modo delicado.

– Que ótimo. Por favor, dê-lhe meus parabéns.

– Espero que em breve você tenha a oportunidade de fazer isso pessoalmente.

– Ah, duvido que eu tenha esse prazer.

– Eu não. – Ele riu dentro do copo.

Oh, céus. Essa era uma complicação inesperada. Charlotte tinha esperança de encerrar rapidamente o mistério dos amantes e assim cortar as fofocas pela raiz. A última coisa de que ela precisava era o próprio irmão de Piers espalhando histórias de um noivado iminente.

– Por acaso o Piers... – *Droga.* Não posso me dirigir a ele pelo primeiro nome. – Por acaso Lorde Granville lhe disse algo? Com certeza ele não lhe sugeriu nada...

– Além do fato de, por acaso, vocês estarem aqui, almoçando sozinhos em uma estalagem de Nottinghamshire, no mesmo dia em que, por acaso, eu estou passando pela região? Ele devia estar querendo que nós nos conhecêssemos.

– Lorde Rafe, por favor – ela sussurrou, entrando em desespero. – Não entenda mal. Houve...

– Um incidente.

– Sim. Isto foi uma mera coincidência.

– Se você conhece meu irmão, e parece que sim, já sabe uma coisa. – Ele levantou uma sobrancelha. – Com Piers, não existem coincidências.

– Não sei o que está querendo dizer.

– Eu vi o modo como ele olha para você. Pelo amor de Deus, ele a provocou. Piers não provoca ninguém.

Era estranho ele dizer isso, já que Piers estava provocando-a desde a primeira vez em que se viram. E o que ele queria dizer com “não existem coincidências”?

– Ele gosta de você – Lorde Rafe afirmou.

– Não gosta, não.

– Então ele a ama?

– *Não.*

Charlotte não teve tempo de continuar discutindo, pois Piers voltava após ter pagado pelas refeições.

Ele não se sentou, apenas ofereceu ajuda a Charlotte para esta se levantar.

– Srta. Highwood, acredito que nossa carruagem já deve ter voltado para nos buscar.

– A minha diligência também deve estar de partida. – Lorde Rafe deu um tapa no ombro do irmão e olhou de soslaio para Charlotte. – Traga-a para conhecer o castelo quando tiver a oportunidade de nos visitar. Vamos preparar um quarto.

Capítulo nove

Enquanto se despedia do irmão e saía da estalagem com ela, Piers teve esperança de que Charlotte tivesse perdido o interesse em interrogá-lo.

– Vamos lá – ela logo disse. – Qual é o seu grande segredo?

Ele franziu o cenho enquanto encarava o chão, para disfarçar a hesitação em seu passo.

– Segredo? O que a faz acreditar que eu tenho um segredo?

– Nosso encontro com Lorde Rafe.

Ele praguejou em pensamento. Rafe era uma das poucas pessoas que sabiam qual era o verdadeiro papel de Piers no Ministério das Relações Exteriores. Mesmo assim, eles evitavam entrar em detalhes. Se o irmão tivesse revelado alguma coisa...

– Rafe disse algo para você?

– Nada muito específico, se essa é a sua preocupação. Foi o modo como ele me tratou. Como seu eu fosse a sócia mais recente de um clube de pessoas que compreendem o verdadeiro Piers Brandon. Então, qual é o aperto de mãos secreto? O que você não está me contando?

Bom Deus. O que ele tinha feito ao se envolver com essa mulher? Para ela, tudo era um enigma a ser desvendado. Um nó que precisava ser desfeito. Enquanto isso, sempre que estava perto dela, sua própria capacidade de discernimento e análise parecia ir para o inferno. Ele deixava escapar antigos segredos de família. Deixava que ela mexesse no seu cabelo. Ele a escondia atrás de cortinas e a abraçava.

Se ela fosse uma agente inimiga, esse problema teria sido muito mais fácil de resolver. Ele não precisaria casar com ela. Poderia mandar que a prendessem, matassem ou fosse exilada na Córsega. Pensando bem, essa última opção ainda era viável. Se pelo menos Nottinghamshire fosse no litoral.

– Deve ter algo a ver com o tempo que você passou no exterior – ela divagou.

– Eu trabalhei como diplomata no Ministério de Relações Exteriores. Você já sabe disso.

– E fiquei pensando desde então. Eu sabia que tinha algo mais em você. Que tipo de diplomata sabe arrombar fechaduras e beijar como um libertino?

– Este diplomata, ao que parece.

Ela soltou um suspiro teatral.

– Se você não me contar, serei forçada a adivinhar.

Piers só lhe ofereceu o silêncio. O que ela interpretou como um convite. Porque era óbvio que sim.

– Vamos ver. Você tinha um antro de jogatina ilegal na deslumbrante Viena. Metade dos Habsburgos lhe devem suas fortunas.

– Não tenho interesse em cobrar fortunas. Eu tenho a minha.

– Roubos, então.

Ele estremeceu diante da sugestão.

– Tenho ainda menos interesse em pequenos roubos.

– Não seriam pequenos roubos. Seriam importantes, feitos por um bom motivo. Vamos ver... Você salvou obras de arte inestimáveis da casa de aristocratas franceses, salvando-as da destruição certa nas mãos dos revolucionários.

– Errada. De novo.

– Se não arte, então... segredos? Ah, entendi. Você era um espião internacional, realizando missões ousadas e evitando conspirações assassinas usando a carreira de diplomata como disfarce.

– Não seja maluca.

De repente, ela parou no meio da rua.

– Oh, minha nossa. Meu bom Deus. É isso.

– Essa é...

– A verdade. Essa é a verdade. Você era um espião. – Ela levantou muito as sobrancelhas e cobriu a boca com as duas mãos, guinchando por trás delas.

Maldição. Ele a pegou pelo cotovelo, tirando-a do meio da rua e arrastando-a para uma viela escura.

– Estou lhe dizendo que não sou...

– Não se preocupe em mentir para mim. Já aprendi a identificar quando você mente. – Ela levou a mão ao rosto dele. – Sua sobrancelha esquerda fica franzida toda vez.

– Eu – ele disse, forçando-se a ignorar o toque dela – não sou um ex-espião

internacional. Pronto, franzi a sobrancelha?

– Não – Charlotte disse, decepcionada.

– Aí está. – Piers relaxou.

– Então você não é um ex-espião. – Depois de uma breve pausa, ela soltou uma exclamação. – Você é um espião na ativa!

Jesus Cristo. Charlotte deu um soco de leve no ombro dele.

– Ah, que bom, Piers. E o mundo todo acreditando que você era apenas um lorde certinho, empertigado e entediante! Não é de se espantar que seu irmão parecia um gato que engoliu um peixinho dourado. Isso é maravilhoso, Piers.

Maravilhoso. Aquilo não tinha nada de maravilhoso. Era um problema grave. E, muito possivelmente, era o fim da carreira dele. Ele já tinha sido bom nisso, não?

Charlotte tinha uma ideia ingênua, fantasiosa, de que espionagem se tratava de virar bebidas fortes e circular em antros de jogatina. Se ela soubesse a realidade fria e brutal, iria se arrepender de ter descoberto a verdade.

Ele a pegou pelos ombros e a sacudiu de leve.

– Você tem que desistir dessa ideia tola. A verdade é que eu sou um lorde certinho, empertigado e entediante. Não participo de missões arriscadas nem de aventuras emocionantes. E, com toda certeza, não sou um es... cuidado.

Ele empurrou Charlotte para o lado. Um assaltante emergiu das sombras, tentando pegar a alça da bolsa dela com uma mão e brandindo uma faca suja na outra.

Anos de treinamento assumiram o controle. Com a mão esquerda, Piers agarrou o pulso do batedor de carteira, imobilizando a mão com a faca. Então ele desferiu um golpe violento com o cotovelo direito – não forte o bastante para quebrar o braço do bandido, embora este merecesse.

Depois que a faca caiu tilintando nas sombras, Piers desferiu um chute ágil no estômago do outro, jogando-o na sarjeta. Tudo acabou em menos de cinco segundos.

Com o criminoso dobrado no chão e gemendo, Piers endireitou suas luvas.

Charlotte estava de olhos arregalados. Ela olhou para o ladrão, depois para Piers.

– Você dizia...?



Charlotte devia ter imaginado como Piers reagiria quando ela desvendasse o segredo dele. Ou seja, mal. Ele abandonou a conversa e a arrastou, decidido, com bolsa e tudo, até a esquina onde a carruagem os aguardava e a empurrou para dentro.

– Está tudo bem – ela procurou tranquilizá-lo, depois que a carruagem estava em movimento e os dois, sozinhos. – Eu prometo que não vou contar para ninguém.

Ele não olhou para ela.

– Não existe nada para contar.

– Eu não consigo acreditar que não adivinhei antes. Deveria ter desconfiado da pistola Finch especial. Ou do alfinete de gravata que abre fechaduras.

– Qualquer alfinete de gravata pode abrir aquela fechadura.

– Você tem outras ferramentas de espião? – Ela começou a examinar o interior da carruagem. – Espelhos falsos? Portas à prova de bala? Oh, aposto que tem um compartimento escondido debaixo deste assento.

– Toda carruagem tem um compartimento debaixo do assento.

– Códigos secretos na fita do seu chapéu, talvez? Oh, e essa bengala? – Ela estendeu a mão para a bengala que ele guardava atrás do assento. – Um homem no auge da vida não precisa de bengala. Aposto que é uma espada ou um rifle. Basta saber o truque para abri-la. – Charlotte virou o objeto para um lado e para outro, fazendo movimentos de sabre com a bengala.

Piers a tirou dela e colocou-a de lado.

– É só uma bengala. Nada além disso.

– Mas você é um agente da Coroa. Deve ter algum tipo de arma letal e poderosa com você.

– Já que mencionou... – Ele a pegou pela cintura e a puxou para o colo. Então disse, com um sussurro sedutor: – Isso no meu bolso não é uma pistola.

Charlotte riu. Onde ele estava escondendo aquele charme malicioso e perigoso?

Que ironia do destino. Ela não devia ter se envolvido tanto para descobrir o segredo dele. Essa revelação o tornou ainda mais atraente. Agora, Charlotte talvez fosse gostar ainda mais dele. Não apenas em certas ocasiões e raros momentos, mas em intervalos regulares.

Se continuasse por esse caminho, eles logo seriam amigos. Então bastaria um pulinho para o afeto... ou coisa pior. Oh, droga. Por que ela tinha sido tão curiosa? Mas não havia volta, agora.

Ela ainda não o tinha decifrado por completo, mas tinha reunido peças suficientes para entender o seguinte: a verdade a respeito de Piers Brandon era mais ampla e complexa do que ela jamais havia imaginado. Ele não era desesperadoramente perfeito. Ele era perfeitamente arrebatador.

– Você está em uma missão aqui em Nottinghamshire? Por isso estava escondido na biblioteca? – Ela deu um tapa na própria testa. – É claro. Tudo faz sentido, agora. Você não podia desistir da missão. É por isso que insistiu em pedir minha mão em casamento. Ninguém é tão honrado assim, e eu sabia que não podia ser apenas porque você estivesse realmente gostando de mim.

– Escute aqui. – Ele segurou o queixo dela, proibindo-a de desviar o olhar. – Você está redondamente enganada a meu respeito em quase tudo, mas acertou nessa última afirmação. Não estou apenas gostando de você.

– Não?

Ele meneou a cabeça devagar. Com o polegar, traçou o contorno dos lábios dela.

– Gostar nem começa a descrever. Está mais para... uma obsessão. Um encantamento, ou talvez uma maldição. Você parece uma bruxa de cabelos claros que jogou um feitiço em mim, e agora eu não consigo mais me concentrar. Não consigo dormir. Não consigo pensar em nada que não seja ouvir sua risada e abraçá-la, e imaginar como você ficaria nua na minha cama. Consegue entender isso, Charlotte?

Ela concordou, sem fôlego. A sobrancelha esquerda dele não tinha se movido.

Quanto mais ele a encarava, mais excitada ela ficava. Eles tinham passado o dia todo fazendo aquele jogo... a mão dele na cintura dela na estalagem, o hálito dele soprando a orelha dela na loja de perfumes.

– Qual é o seu plano, agente Brandon? – ela sussurrou. – Pretende me beijar longa e intensamente até eu me esquecer de sua identidade?

– Não. – Ele deslizou a mão até a nuca de Charlotte, embaraçando-se no cabelo, com tanta firmeza que ela arfou. – Pretendo beijar você longa e intensamente até se esquecer da sua.

Piers pousou os lábios sobre os dela, e dessa vez não lhe ofereceu beijos pacientes como preliminar, ele tomou posse da boca de Charlotte, buscando a língua dela. Charlotte agarrou no pescoço dele, dando o seu melhor para acompanhar o ritmo dos lábios dele.

Ele se curvou para beijá-la no pescoço, na orelha, na face. Ela adorou a urgência nos beijos dele, o quanto ele parecia querê-la. Parecia até precisar dela.

A excitação martelou o corpo dela, fazendo-a inchar, retesar e ansiar. Era como se, quanto mais ousado ele fosse ao tentar possuí-la, tanto mais independente ela se sentia.

Ele lhe dava poder e ela queria usá-lo. Queria escolher paixão em vez de decoro, conhecimento em vez de inocência.

Ele acariciou os seios dela por cima do tecido do vestido e do casaquinho, deixando-a louca de desejo. Não bastava. Ela precisava de mais. Das mãos dele em sua pele nua. Dos dedos dele apertando-a, beliscando-a. De alguma coisa que aliviasse a tensão que se acumulava em seus mamilos. A necessidade era tão intensa, tão urgente, que fez Charlotte se perguntar como tinha vivido tanto tempo sem o toque dele. A vergonha dela tinha sumido, mas mesmo assim não sabia como pedir o que mais queria.

– Por favor – ela sussurrou, arqueando a coluna para apertar o seio na mão em concha dele, esperando que fosse suficiente. – Por favor.

Por favor me toque. Você sabe do que eu preciso.

Enquanto se beijavam, os dedos dele foram até os botões do casaquinho, soltando um por um. Ao mesmo tempo, a outra mão subiu pela coluna dela, encontrando os fechos das costas do vestido. Ela estava sendo despida dos dois lados ao mesmo tempo. Esse homem tinha muitas habilidades.

O corpo de Charlotte vibrava de alegria, com a expectativa do que viria. Depois que afastou o casaco, Piers deslizou a mão para dentro. Seus dedos encontraram o decote baixo do vestido. Afastando o fichu de tecido leve que ela usava por recato, ele enfiou dois dedos no decote, deslizando-os até o ombro, afastando o corpete solto do tronco e então baixando a manga do vestido, revelando o seio dela.

Ele interrompeu o beijo para admirar o seio nu. Uma pontada de pudor a fez estremecer, mas o sentimento se perdeu em meio às batidas rápidas de seu coração.

Em contato com o ar frio do fim de tarde, o mamilo ficou teso. Ela sentiu como se todo o anseio de seu corpo se concentrasse naquele ponto dolorido.

Por favor. Por favor, por favor.

A primeira passada do polegar dele foi tão leve, tão provocadora, quase como o roçar de uma pena. Ela poderia acreditar que a tinha imaginado. Ele desenhou círculos enlouquecedores ao redor da aréola, inclinando a cabeça para observá-la de um ângulo diferente. Como se ela fosse um mecanismo que ele estava curioso para descobrir como funcionava.

E então – finalmente – ele cobriu o mamilo com o polegar e o pressionou. O choque de prazer ricocheteou dentro dela. Charlotte arfou. Foi melhor; foi pior. Foi maravilhoso.

Ele a beijou de novo, e enquanto sua língua ensinava à dela uma dança nova e sensual, ele fez movimentos circulares e deu leves beliscões no mamilo teso.

Ela se agarrou a Piers, enfiando as unhas na nuca dele. Uma pulsação difusa e latejante começou a agitar entre as coxas dela. Charlotte se remexeu no colo dele, apertando as coxas na tentativa de aliviar a sensação. Nisso, ela se esfregou contra o volume sólido e crescente da ereção dele.

Piers soltou um gemido suave por entre o beijo.

O sabor, o som e a sensação daquela confissão gutural... fez algo maluco com ela. Aquele gemido foi sincero. Primitivo. Intenso. Ela sentiu uma empolgação inegável ao perceber que possuía aquele poder sobre um homem tão poderoso.

Charlotte se acomodou melhor no colo dele, provocando-o com outra passada lenta de seu quadril contra a dureza dele. Ela enfiou as mãos no cabelo de Piers, remexendo as mechas escuras e pesadas com os dedos, descabelando-o. Então mordiscou o lábio inferior dele, dando um puxão provocador, brincalhão. Eles ficaram se encarando, ofegantes.

– Eu não esqueci a sua identidade – ela sussurrou, ainda com as mãos no cabelo dele. – Nem a minha.

Ele engoliu em seco, as mãos apoiadas nos quadris dela.

– Você é Piers Brandon, Marquês de Granville, diplomata e agente secreto à serviço da Coroa. – Ela deslizou a ponta do dedo pela curva do nariz dele. – E eu sou Char...

As palavras dela se perderam em uma exclamação. Com a velocidade e a força de um chicote, ele a virou de costas, colocando-a debaixo dele sobre o assento estofado da carruagem.

– Você será Lady Charlotte Brandon, Marquesa de Granville, mulher de diplomata e mãe do meu herdeiro.

Ela pensou em retomar a discussão, mas então a boca dele se fechou sobre o seio dela e Charlotte perdeu toda a capacidade de falar e raciocinar. Junto foi também qualquer impulso de resistir.

– Você vai ser minha – ele murmurou. – Eu juro, Charlotte, vou tomá-la para mim.

Minha. Minha, minha, minha.

A palavra descreveu círculos intermináveis na cabeça dele. Piers desenhou um

círculo com a língua ao redor da pele tesa e rosada do bico do seio.

Ela se contorceu e gemeu debaixo dele. Todos os argumentos e perguntas foram esquecidos. Piers se deleitou com o som.

Ele queria mostrar para ela quem estava no controle. Os segredos de quem seriam desnudados.

Piers puxou a roupa dela, desesperado para revelar mais do corpo dela para seu toque e sua boca. Enquanto puxava o vestido, ele ouviu o tecido rasgando. Congelou, pensando que o som poderia assustá-la, ou no mínimo fazê-la recobrar a razão. Em vez disso, ela se virou para ajudá-lo. E o ajudou.

Depois que o vestido foi puxado para baixo, revelando a roupa de baixo simples e transparente, Charlotte o recebeu em seus braços, envolvendo os ombros dele e arqueando as costas para lhe oferecer os seios. Os lábios dela tocaram o pescoço nu de Piers.

Quando a gravata dele tinha sido retirada? Bom Deus. Bom Deus.

Ele se orgulhava de seu autocontrole. Do cuidado com que administrava tanto as emoções internas quanto as reações externas. Vidas tinham dependido disso, e Piers nunca baixou a guarda.

Então apareceu a Srta. Charlotte Highwood, anunciando sua entrada na vida dele com a mais absurda das declarações. Eu vim para salvar você.

Impossível. Ela era a pessoa mais perigosa que ele já tinha encontrado. O equilíbrio dele estava em constante alvoroço quando ela estava por perto.

Charlotte tinha decifrado o código secreto de sua sobrancelha esquerda. Se ele não tomasse cuidado, poderia se perder com ela. Dentro dela.

Deus, só de pensar em estar dentro dela... afundando em toda aquela maciez calorosa, disposta...

Essa imagem mental deixou o membro dele duro como mármore italiano, latejando em vão contra o fecho abotoado de sua calça.

Piers se obrigou a diminuir o ritmo, afastando o tecido frágil da roupa de baixo dela e explorando cada centímetro daqueles seios nus e suculentos com os lábios e a língua, de vez em quando acrescentando um roçar de dentes.

Não importava o quanto tomava, ela ainda lhe oferecia mais. E ele não conseguia entender por quê.

Piers a pegou pela cintura e acomodou seus quadris entre as coxas dela, investindo contra a maciez das anáguas amontoadas.

Em breve, prometeu para si mesmo. Não hoje. Ele não iria deflorar Charlotte em uma carruagem em movimento. Não trataria nenhuma mulher assim, muito

menos a mulher com quem ele pretendia se casar. Piers não tinha perdido totalmente o autocontrole.

Além disso, a viagem de volta à Mansão Parkhurst não era demorada o suficiente. Quando ele fosse se deitar com ela pela primeira vez, pretendia passar horas dando-lhe prazer, de todas as formas. Até que ela soluçasse seu nome e implorasse por mais.

– Estamos quase lá.

Ela lhe deu um olhar sonolento, entorpecido.

– Como você sabe?

– O chão debaixo de nós mudou de terra para cascalho.

– Sempre tão atento aos detalhes. – Ela sorriu, com aquele convencimento encantador que ele tinha aprendido a reconhecer, e Piers soube que tinha se revelado. Mais uma vez.

Houve um momento de ternura entre eles e, durante um instante ele experimentou a emoção mais rara e ridícula: esperança.

Seria possível? Ela o tinha visto acabando com um assaltante na cidade. Charlotte sabia que ele havia enganado não só a ela, mas a todos. E mesmo assim ela não fugiu gritando, nem o rejeitou, enojada. Talvez... Talvez pudesse fazê-la feliz.

Não com o dinheiro dos Granville nem com sua condição social, mas apenas sendo o homem que era em seu âmago. Às vezes, quando olhava no fundo daqueles olhos azuis, parecia acreditar que tudo era possível.

Mas ainda havia tanto que Charlotte não sabia, sobre quem ele era e o que tinha feito. Havia escuridão dentro dele, e se ela conseguisse passar por todas as suas defesas e chegar ao centro frio e sem luz do seu ser... Piers duvidava que conseguiria sorrir ao encará-lo.

Além do mais, Charlotte queria ser amada. Não ansiava apenas por ternura nem afeto, mas por um caso de amor público que convencesse até o fofoqueiro mais cético. Isso era algo que Piers não podia lhe oferecer, nem mesmo se quisesse.

Era inútil pensar em conquistar o coração de Charlotte. Piers devia se manter fiel ao plano original: garantir a mão dela e completar sua missão ali, usando qualquer meio necessário.

Ele a beijou na testa uma última vez, depois se endireitou e a ajudou a se sentar.

– Venha. Vou ajudá-la com os botões.

Capítulo dez

Já passava muito da hora de Piers retomar seu trabalho.

Quando Ridley veio, nessa noite, com a desculpa de prepará-lo para dormir, Piers decidiu que eles deviam conversar a respeito da investigação.

– Então – Piers começou, desfazendo o nó da gravata. – O que você descobriu com os criados?

– Nada de útil. – Ridley se esparramou na poltrona. – Eles não têm nada de ruim para falar do homem. E Lady Parkhurst também não. Sir Vernon só fica na residência alguns meses por ano, e, quando está aqui, passa o tempo todo fora, vivendo como um esportista. Paga os salários pontualmente; dá aumentos anuais para todos e mantém um fundo de aposentadoria para os mais dedicados. De acordo com o administrador, ele não interfere demais na rotina dos negócios, mas exige relatórios regularmente e questiona quaisquer discrepâncias.

– Nenhum boato de jogatina? Amantes? Crianças na vizinhança que se pareçam com ele?

– Nada que eu tenha escutado. Se ele tem esse tipo de segredo, esconde muito bem da criadagem.

– Isso não seria normal.

Em geral, os criados sabem tudo o que acontece em uma casa dessas. Eles trazem a correspondência, limpam as lareiras, lavam as roupas. Nada escapa à observação deles.

– Vou continuar de olhos e ouvidos abertos na área de serviço, é claro. Já consegui me inserir no carteado dos criados, que acontece duas vezes por semana, e acho que a governanta se encantou por mim. Há algo mais que gostaria que eu fizesse?

– Não.

Piers não podia reclamar da atenção de Ridley para os detalhes. Era ele próprio quem estava fugindo de seus deveres. Devia estar conquistando a

confiança de Sir Vernon. Era esse tipo de trabalho que a Agência esperava que um homem como Piers fizesse. Não havia muitos aristocratas à serviço da Coroa, e menos ainda conseguiam extrair um convite para um feriado de caça só por manifestar seu interesse durante o conhaque no clube.

Seu título e sua posição social eram essenciais para que ele conquistasse acesso e confiança. Em quase uma década de serviço, nunca tinha comprometido sua reputação imaculada. Então, menos de um dia depois de chegar ali, Piers deu a seu anfitrião motivo para acreditar que ele deflorava virgens em cima de escrivaninhas, e o herdeiro da propriedade estava convencido de que ele era um assassino. E o pior de tudo: Charlotte tinha deduzido a verdade.

– Pensando bem, Ridley, tem algo que eu quero de você. Venha e fique na minha frente.

Ridley obedeceu de imediato.

– Aqui?

– Um pouco mais perto. Não, assim não. De frente para mim. Pronto.

Eles ficaram se encarando.

– Eu vou lhe dizer uma série de mentiras. Quando eu o fizer, observe com atenção minha sobrancelha esquerda. Diga-me caso ela se mova, ainda que uma fração.

Se Ridley ficou espantado com aquele pedido, não demonstrou.

– Pois não, meu lorde.

– O céu – Piers disse, com cuidado – é rosa. Eu comi arenque e torradas no café da manhã. Estou vestindo um colete elegante. – Ele fez uma pausa. – E então? Algum movimento?

– Nenhum.

– Nem um mísero tremor. Tem certeza?

– Nada.

Praguejando, Piers se virou de lado, agitando no ar um bastão imaginário de críquete. Aquilo não podia estar acontecendo com ele. Justo ele, que tinha aperfeiçoado a arte do engano em sua infância. Como era possível que Charlotte Highwood conseguisse decifrá-lo, quando o resto do mundo era incapaz?

– O que há de errado com o colete? – Ridley perguntou, depois de uma pausa.

– Nada. Mas também não tem nada de especial nele.

– Os alfaiates me disseram que é a cor mais usada nesta Temporada. Eles a chamam de “curry”.

Piers deu de ombros. O jovem soltou um suspiro de desânimo.

– Por que demorou tanto para me falar? Eu tenho que bancar o criado pessoal de um marquês, e você me deixa vesti-lo com um colete que não lhe cai bem.

– Chega de falar sobre este colete.

De algum modo, ele precisava recuperar o controle da situação. Pôr a cabeça no lugar. Submeter a sobrancelha ao seu comando. Cumprir a droga do seu dever. Ele não podia se arriscar a perder sua carreira. Piers não saberia mais quem ele era.

No dia seguinte, qualquer que fosse a atividade que Sir Vernon propusesse, Piers encontraria uma desculpa para sair mais cedo. Ele voltaria à mansão sozinho, iria até a biblioteca, abriria a gaveta trancada e conseguiria a informação que tinha ido até ali para obter. Então, tudo entraria nos eixos.

Ele anunciaria seu noivado com Charlotte antes de partir de Nottinghamshire. Seus advogados e a Sra. Highwood sem dúvida precisariam de alguns meses para elaborar os contratos de casamento e organizar os preparativos. Eles se casariam no Natal. Depois, passariam o inverno em Oakhaven, onde providenciariam a chegada de um herdeiro. Quando chegasse a hora de ele voltar para a nova sessão do Parlamento em Londres, Charlotte estaria grávida e ocupada com sua propriedade – onde ela ficaria longe de sua sobrancelha esquerda e seria incapaz de atrapalhar sua concentração.

Pronto. Ele tinha um plano. Bastava executá-lo.

– Houve alguma menção quanto ao esporte de amanhã? – ele perguntou a Ridley. – Pesca? Caça? Tiro?

– Ouvi algo do guarda-caça a respeito de planos para uma verdadeira caça à raposa. Mas duvido que haja alguma atividade nos próximos dois ou três dias. Talvez quatro.

– Diabos. – Piers não podia passar de dois a quatro dias confinado na casa com todos os convidados em seu caminho e Charlotte provocando-o de diversas maneiras, fazendo com que ele cometesse todo tipo de erro desastroso. – Por quê?

Um trovão ecoou à distância. Ridley arqueou a sobrancelha.

– Por isso.

Piers ficou um pouco contrariado.

– Onde você adquiriu essa habilidade irritante de fazer previsões perfeitamente sincronizadas?

– Talvez meu lorde tenha perdido esse dia de treinamento.

– Sim, bem. Pelo menos não tenho péssimo gosto para coletes.

Piers liberou Ridley para ir até os aposentos da criadagem e esperou cerca de uma hora para pegar uma vela e sair discretamente de seu quarto. Se iria chover, ele não poderia vasculhar a casa durante o dia. Só lhe restava as noites, o que não era ideal. Se fosse pego xeretando aposentos privados no escuro, as explicações seriam muito mais difíceis. Mas a estadia dele já estava na metade, e o maldito clima inglês não lhe deixava muita escolha.

Movendo-se com passos silenciosos e suaves, Piers saiu para o corredor e virou na direção da escadaria principal. Tinha feito pouco progresso quando congelou e segurou o castiçal com mais força. Uma figura sombria e imóvel estava amontoada no meio do tapete, cerca de dez passos à frente.

Piers avançou um pouco e levantou a vela para iluminar o local. Ele apertou os olhos e focou na escuridão. Precisou de alguns momentos, mas enfim conseguiu distinguir a figura de... Edmund.

O garoto estava sentado de pernas cruzadas no alto da escadaria com uma colcha jogada sobre os ombros. Segurava uma espada de madeira em uma mão. Gesticulando com a outra, ele apontou um dedo para o próprio olho, depois para Piers.

– Estou de olho em você – Edmund sussurrou com a voz irritantemente aguda. – Eu sei o que você fez.

Certo. Piers passou a mão pelo rosto. Aquilo concluía as buscas pela casa nesta noite. Então pegou um livro no aparador ao lado, levantando-o e mostrando-o para Edmund, como se essa fosse a única razão para ele ter saído de seus aposentos. Em seguida, deu meia-volta e refez o caminho para seu quarto.

Depois de fechar a porta, ele inclinou a vela para ler a lombada do livro que tinha pegado. *A coletânea de sermões do reverendo Calvin Marsters.*Bem, isso deveria fazê-lo dormir.

Ele jogou o livro de lado, irritado por ter sido impedido por uma criança montando guarda, e sentou no banco para tirar as botas. Era melhor ele ir para a cama.

Então, algo na escuridão lá fora chamou sua atenção. Ele se aproximou da janela, apagando a própria vela para enxergar melhor.

Uma luzinha dourada reluzia no jardim abaixo. Correndo para um lado e para o outro. Se fosse um homem fantasioso, pensaria estar vendo uma fada. Mas Piers não tinha essas ilusões.

Alguém se movia no jardim de um modo estranho, sem direção definida, carregando uma lamparina ou vela. Aquilo era estranho. Suspeito. Ele precisava

investigar. Mas com Edmund montando guarda no corredor, não poderia sair por ali. Teria que ser pela janela. Como é que Charlotte tinha dito? Seguir pela saliência até o canto noroeste, e de lá um salto curto até a árvore.

Piers vestiu um casaco preto, então abriu a janela o máximo que conseguiu. Seus ombros teriam que passar por um aperto muito maior do que o enfrentado por Charlotte. Depois de algumas contorções, ele conseguiu sair do quarto, encontrando um apoio firme na saliência da parede.

Com a aproximação da chuva, ventava muito naquela noite. Ele precisava tomar cuidado. De costas para a parede, com os braços estendidos, esgueirou-se pela borda de pedra. Quando sentiu uma janela com a mão, primeiro virou a cabeça para ver se havia algum sinal de alguém se mexendo do lado de dentro e quando teve certeza de que ninguém estava olhando, continuou seu trajeto.

Não demorou para ele estabelecer um ritmo e progredir rapidamente. Teve pouca dificuldade para alcançar o canto noroeste e localizar a árvore. Como Charlotte tinha dito, um galho grosso e folhoso se projetava na direção da casa como um braço estendido.

Ele avaliou a distância e fez um cálculo mental. Mas quando se preparava para saltar, uma rajada de vento o desequilibrou.

Era tarde demais para desistir do salto, teve que ir em frente e torcer para o melhor. O salto teve pouco impulso e foi muito curto. Piers só conseguiu agarrar o galho com a mão, e ficou pendurado um instante, o coração disparado, até ser capaz de segurar a superfície nodosa com a outra.

Usando o peso do corpo como um pêndulo, ele balançou para frente e para trás até passar um pé sobre o galho. Dali se puxou para cima e sentou de frente para a casa. Então se pegou olhando diretamente para a janela da governanta. Sabia que era a janela dela porque a própria governanta estava olhando para ele.

Que maravilha. Que maldita maravilha.

Já era ruim o bastante fazer Sir Vernon acreditar que ele deflorava virgens em cima de escrivaninhas, agora tinha sido pego espiando uma governanta grisalha vestindo apenas camisola. Ele deixaria a Mansão Parkhurst com uma reputação de pura depravação.

Piers paralisou cada músculo de seu corpo e segurou a respiração. A governanta, que semicerrava os olhos, lentamente levou um par de óculos até o rosto.

Antes que os óculos chegassem à ponte do nariz aquilino, Piers se deixou cair. Sua queda foi amortecida por um galho, depois outro, até ele atingir o chão com

um gemido abafado. Ele se apertou junto à base da árvore, na esperança de que a governanta creditasse o que julgava ter visto a uma ilusão de óptica causada pelo vento. Esperava que ela acreditasse, porque o esforço resultou em dor todo seu corpo.

Depois que alguns minutos se passaram e nenhum alarido foi dado, Piers decidiu que estava tudo bem. Ele se levantou, limpando a terra do casaco e das calças, e tentou não pensar nos magníficos hematomas que teria no dia seguinte.

Foi em frente e rodeou a casa, dirigindo-se ao jardim. Devido às paredes altas, ele não conseguia ver a luz trêmula de onde estava. Na verdade, ela só devia ser visível de alguns quartos da mansão além do seu.

Quem levava aquela luz estava em alguma missão noturna? Escondendo ou enterrando algo no jardim?

Piers encontrou o portão de ferro um pouco entreaberto e o empurrou para dentro, fazendo as dobradiças rangerem.

A pequena luz amarela que oscilava na escuridão parou.

– Quem está aí? – perguntou uma voz feminina.

Piers exalou com força.

– Charlotte?

– Piers.

Eles andaram na direção um do outro, até pararem em lados opostos do lampião que ela segurava. Charlotte usava uma camisola e uma capa amarrada de qualquer jeito. Só de olhar para o rosto dela, Piers soube que algo estava muito errado.

– O que você está fazendo aqui a esta hora?

Ela fungou e sua voz não saiu.

– Eu...

– Você estava chorando. – Ele pôs a mão no ombro dela. Charlotte tremeu com seu toque. – Charlotte, o que foi? O que há de errado?

– Sumiu. Desapareceu. Eu procurei em todos os lugares da casa que consegui pensar, então lembrei que estive aqui mais cedo. Mas já faz uma hora que estou procurando, debaixo de todos os bancos e arbustos. Também não está aqui. Perdi.

Ela apertou os lábios e virou a cabeça, como se tentasse controlar o choro. Seu queixo tremeu.

– Venha cá. – Ele tirou o lampião da mão dela e o pendurou na treliça ao lado. Então fez Charlotte se sentar em um banco. – Deixe-me ajudar. É só dizer o que

você está procurando.

– Vai parecer uma bobagem. Você vai rir de mim.

– Nunca.

Ao longo da semana, a garota tinha sido acusada de perder a virtude, atacada por um ladrão e ficado sob a mira de uma pistola – e aceitado tudo com relativo bom humor. Ele nunca a tinha visto assim. O que quer que Charlotte tivesse perdido, devia significar muito para ela.

– É pequeno. – Ela formou uma retângulo com os dedos. – Uma tira de flanela com bainha e um bordado. Eu uso como marcador de página nos meus livros. Eu sei que pode parecer uma bobagem, mas é importante para mim.

Piers sabia muito bem que objetos pequenos e de aparência humilde podiam ser muito importantes.

– Tem certeza de que não está no seu quarto?

Ele detestou soar como se a estivesse censurando, mas considerando o estado em que se encontravam as coisas dela...

Charlotte sacudiu a cabeça.

– Isso não é como as meias ou os xales. Sei que não sou organizada, mas sempre tomo cuidado com isso. Está sempre dentro de um livro ou debaixo do meu travesseiro. Mas essa noite, quando sentei para ler meu romance, não estava lá. Procurei em toda parte. No meu quarto, na sala de estar. Então lembrei que estive aqui, lendo, à tarde.

– Onde você se sentou?

– Ali. – Ela indicou um toco de árvore debaixo de uma cobertura de hera.

– Então deve continuar no jardim. Ou você pode tê-lo perdido no caminho de volta para a casa.

– Oh, Deus. – A mão dela voou até o próprio pescoço. – Se o vento o levou...

– Charlotte, não fique tão nervosa. – Ele pôs um braço ao redor dela e a puxou para o peito, mantendo-a perto. Para acalmar a ela e a si mesmo. O coração lhe doía ao vê-la assim, nervosa. Ele deu um beijo no alto da cabeça dela. – Nós vamos encontrá-lo.

– Mas eu já procurei em todos os lugares.

– Nós vamos encontrá-lo.

– Você não pode prometer isso.

Ele inclinou o queixo dela para que Charlotte o encarasse.

– Eu posso e prometo. Ainda deve estar no jardim ou em algum lugar desta propriedade. Mas se esse objeto é importante para você, vou procurar em toda

Nottinghamshire, em toda Inglaterra – em todo o mundo –, se for necessário. Você vai tê-lo de volta. Acredita em mim?

Ela concordou.

– Eis o que nós vamos fazer – ele começou –; vamos começar no portão e andar em sentido horário, juntos, por todo o jardim. Um de nós vai segurar o lampião enquanto o outro procura. Se não o tivermos encontrado ao voltarmos até o portão, vamos expandir nossa busca. De acordo?

Ele estendeu a mão, que ela apertou.

– De acordo.

Eles procuraram durante horas. Piers tentou parecer confiante e manter um ritmo contínuo para que ela não ficasse nervosa ou ansiosa. Ele nunca tinha se dado conta de quantas plantas, arbustos e trepadeiras havia em um jardim. Juntos eles verificaram cada arbusto e galho em uma seção antes de partir para a próxima.

Se o jardim fosse um relógio, eles chegaram ao número oito quando era cinco da manhã. O céu começou a mudar de preto para cinzento. O pouco de luz a mais facilitou a busca, mas o vento aumentou e algumas gotas de chuva começaram a cair. Piers só esperava que eles pudessem encontrar o objeto antes que começasse a chover para valer.

Ele se virou para um muro coberto por uma espessa camada de hera, afastando ramos e folhas da trepadeira para espiar. Começou na base do muro e foi subindo.

– Acredito que não pode ter ido parar aí em cima – Charlotte disse quando ele esticou os braços para afastar uma folhagem acima da cabeça. – Nenhuma rajada de vento poderia ter soprado para tão alto.

– Vento não é a única força em ação na natureza.

– Não, você tem razão. Também tem a chuva. É melhor nós procurarmos na trilha, ou vai acabar sendo levado e coberto por lama.

– Só um momento.

Piers teve um palpite e ainda não estava pronto para descartá-lo. A paciência recompensa a dedicação.

Finalmente, na esquina em que um muro encontra o outro às nove horas do relógio imaginário, ele afastou alguns galhos e encontrou o que estava procurando. Um ninho de passarinho, escondido na vegetação à altura de seus ombros. Uma carriça esperta tinha construído uma cesta funda com galhos, folhas e outras coisas.

– Encontrou algo? – Charlotte perguntou ao se aproximar.

– Talvez. – Ele colocou a mão dentro do ninho com delicadeza, relutando em perturbar os ovos ou os moradores cheios de penas. Os dedos dele passaram por uma variedade de texturas. Carriças costumam forrar seus ninhos com qualquer material macio que encontram. Penas caídas, musgo...

Isso.

– Arrá. – Ele agarrou o canto da tira de flanela e puxou, mostrando-a para Charlotte. – É isto?

Ela ficou olhando para a tira de tecido por um instante. Então levou a mão à boca e soluçou, inclinando-se à frente para enterrar o rosto no peito dele.

Piers tomou aquilo como um sim. Ele a envolveu com os braços e acariciou suas costas e seu cabelo. A noite de tensão sem dormir a atingiu em cheio. Não era de admirar que ela ficasse emocionada.

Contudo, Piers não conseguiu entender suas próprias emoções. Ele sofreu com ela quando aquela coisa estava sumida, mas não conseguiu compartilhar do alívio. Pelo contrário. Ele sentia como se a mão pequena de Charlotte tivesse entrado em seu peito e apertado seu coração. Ele deveria se sentir exultante por encontrar o tesouro dela. Mas na verdade, Piers se sentiu perdido.

Depois de um instante, ela conseguiu se recompor o bastante para se afastar e enxugar os olhos.

– Não sei como lhe agradecer.

– Talvez você possa me contar o significado do que nós encontramos.

Charlotte alisou o retângulo de flanela marfim.

– Isto está comigo durante a minha vida toda. Começou como uma manta do meu berço. Quando saímos de casa, ele veio conosco. Desde que consigo me lembrar, não me separei dele. Depois que eu fiz... não sei, 7 ou 8 anos, mamãe ameaçou queimar a manta, de tão puída e suja. Eu chorei, ela reclamou. Nós fizemos um acordo. Ela me ajudou a cortar um pedaço e arrematar a borda com fita. E eu o usei para praticar meus primeiros pontos. Está vendo?

Charlotte lhe mostrou umas figuras disformes bordadas na flanela. Uma casa torta, uma rosa Tudor irregular.

– Isso é um cachorro? – ele perguntou.

– Uma vaca, talvez? – Ela lhe deu um olhar magoado. – Eu gostaria de dizer que meu bordado melhorou desde então, mas isso não é verdade.

– O que eu posso dizer? Estou ansioso para ter toalhas e guardanapos bordados com rosas tortas e vacas de três pernas.

Ela sorriu e a curva doce dos lábios dela desfizeram o aperto no peito de Piers.

– Eu já lhe disse que não tenho lembranças do meu pai. – Ela passou o dedo pela flanela, em um ritmo que devia ser um hábito arraigado. – Mas quando seguro isto, pelo menos posso evocar a presença dele. O conforto de saber que estou segura e rodeada de amor. – Ela olhou para Piers. – Faz sentido? Você entende o que eu quero dizer?

– Não tenho certeza – ele respondeu.

Piers não conseguia nem imaginar. Pelo que conseguia se lembrar, sua casa sempre foi um lugar cheio de tensão e medo. Charlotte carregava uma tira de flanela. Ele carregava mentiras, vergonha e um eco assombroso de desespero.

Não posso, ela chorou. *Não posso suportar.*

– Então você vai ter que acreditar em mim – ela disse. – Eu apenas sei que esse sentimento existe, e não apenas no passado. Preciso acreditar que ele também pode existir no meu futuro. Por toda minha vida eu venho tentando voltar para uma casa da qual nem consigo me lembrar.

Gotas de água caíram sobre os ombros dele e nas placas de ardósia da trilha, debaixo de seus pés.

– Está chovendo – ele disse.

Ela pareceu não ligar.

– Você pode ter isso, Piers. Com a pessoa certa. Alguém que você ame. É por isso que venho me esforçando para desfazer essa confusão em que nos metemos. É por isso que não vou desistir de resolvê-la. Não é só por mim. Quanto mais eu conheço você, mais acredito que também merece o amor.

Deus. Ela estava acabando com ele.

– É melhor entrarmos. – Ele esfregou os braços dela para esquentá-la. – As pessoas da casa logo vão acordar.

Ela concordou.

– Vá na frente – Piers disse para ela. – Eu entro em alguns minutos. Sei que você não quer que sejamos vistos juntos. Não assim.

– Mas eu pensei que você não ligasse.

Ele deu de ombros.

– Estou cansado demais para inventar desculpas esta manhã.

– Obrigada mais uma vez – ela disse e o beijou no rosto antes de entrar.

Depois que ela entrou, Piers andou de um lado para outro no jardim, deixando a chuva bater em suas costas enquanto revirava três fatos simples em sua cabeça.

Charlotte queria o amor. Piers queria que ela conseguisse amor. Ele não

poderia lhe oferecer isso.

Um homem honrado e decente encontraria outro modo de resolver a situação. Um caminho que permitisse que Charlotte seguisse seu coração.

Mas havia o quarto fato que invalidava os três anteriores: Piers não era esse tipo de homem.

Capítulo onze

Choveu dois dias sem parar. Na segunda noite, Charlotte estava deitada na cama, ouvindo o barulho da chuva enquanto encarava o papel amarrotado no qual tinha escrito sua lista de suspeitas.

Cathy, a copeira, foi eliminada por falta de oportunidade. Ela estava trabalhando duro no preparo do jantar, e não era provável que usasse perfumes caros. Isso teria chamado atenção.

Lady Canby era magra demais. A liga teria escorregado de sua perna como um aro de barril em um poste de iluminação.

Srta. Caroline Fairchild, a filha do vigário. Altamente improvável, devido a sua falta de imaginação romântica.

Restavam, portanto, apenas duas: Sra. Charlesbridge, esposa do médico, e Cross, a criada da senhora da casa. As duas tinham sido descartadas pelo perfumista. Nenhuma tinha cabelo escuro.

Charlotte suspirou. Havia duas razões possíveis para esse impasse. Ou suas deduções tinham se perdido em algum lugar, ou ela tinha ignorado uma suspeita.

Talvez houvesse outra convidada na festa... Alguém com uma letra C no nome que ela tinha ignorado. Talvez fosse o nome de solteira ou de batismo de alguma das convidadas, e então não apareceria na lista de convidados de Lady Parkhurst.

Podia ser bobagem, mas pelo menos lhe dava outro caminho para investigar. Para seguir essa linha de raciocínio, ela precisava de um livro. O livro que sua mãe tinha lhe pedido para ler, e que Charlotte, teimosa, tinha se recusado até mesmo a folhear.

O livro de nobres, baronetes, cavaleiros e comendadores de Debrett. A lista de todo mundo que era importante na Grã-Bretanha.

Depois que teve a ideia, Charlotte não conseguiu pregar os olhos para dormir. Ela levantou da cama, enrolou-se em um robe e pegou uma vela. Depois saiu discretamente para o corredor.

Ao pé da escada, ela fez uma pausa. A biblioteca ficava à direita, mas ela tinha certeza de ter visto um exemplar desse livro na sala de estar. Era o tipo de livro que algumas famílias gostavam de ter sempre à mão. De que outra forma Frances poderia se manter atualizada em suas fofocas venenosas?

Charlotte virou à esquerda e parou. As portas da sala de estar estavam abertas, e um brilho amarelo tênue de lampião se derramava no corredor. De dentro da sala vinha um ruído discreto de papel e de uma pena escrevendo.

Talvez ela devesse se recolher e deixar a empreitada para resolver pela manhã.

Contudo, até Charlotte – que tinha se mostrado uma infeliz investigadora até então – podia deduzir que só existia uma alma nesta casa que estaria acordada e trabalhando a essa hora. Uma espiada pela fresta da porta confirmou. Claro que só podia ser Piers.

Ele estava sentado à escrivaninha, de costas para ela. E que belas costas, com os ombros fortes definidos por uma camisa branca de linho e a cintura marcada pelo colete abotoado. Suas mangas estavam enroladas até o cotovelo, e uma torre de correspondências abertas se elevava no canto da mesa. Mesmo abrindo apenas um envelope lacrado, sua energia era palpável. Ele bem que podia ser um pedreiro, construindo um império com tijolos de papel e cimento feito de tinta.

Primeiro, ela tinha invadido o quarto dele, entrando pela janela. Depois, ele a surpreendeu no jardim, algumas noites antes. Era a vez dela, de novo.

Charlotte colocou a vela sobre um aparador. Então foi na ponta dos pés, pisando no tapete como se os medalhões bordados fossem uma trilha de pedras sobre lava, segurando a respiração até ficar bem atrás da poltrona de couro onde ele estava. Ela colocou os dedos de leve sobre os olhos dele, como uma venda.

– Adivinha quem é? – ela sussurrou.

Só que soou algo como “Adi...em é?”.

Com um movimento ágil, ele empurrou a poltrona para trás e a agarrou pelos antebraços. Charlotte se viu de cabeça para baixo, puxada por sobre o ombro de Piers. Ela aterrissou no colo dele, com os dois braços presos, sem fôlego. E a cada batida apressada de seu coração, ela sentia uma ponta metálica fria latejando em sua jugular. Ele segurava o abridor de cartas contra sua garganta.

– Charlotte. – Piers jogou a arma improvisada de lado e a soltou. Ela voltou a respirar e ele esfregou o rosto com a mão. – Jesus.

Ela estava tonta, ainda sem fôlego devido à cambalhota forçada. A camisola tinha se enrolado nas pernas e seu cabelo estava uma bagunça. Charlotte riu baixo, como era seu hábito nos momentos de constrangimento.

– Não é engraçado – ele disse.

– Eu sei.

– Eu podia ter machucado você. Eu podia ter...

Matado você. Ela percebeu pela primeira vez o que devia ser óbvio desde que Piers desarmou o assaltante naquela viela. Era bem provável que, devido a sua carreira, ele já tivesse matado alguém.

O pensamento era assustador, mas, pensando bem, isso não o tornava diferente da maioria dos homens de sua geração, graças às guerras intermináveis da Inglaterra em vários continentes. Ela duvidada que ele tivesse gostado da experiência. Poucos homens gostavam.

Piers passou as mãos pelos braços dela, examinando seu corpo em busca de ferimentos. Depois que o pulso dela tinha voltado ao ritmo normal, Charlotte pôde ouvir como o coração dele estava acelerado. Como os ombros e braços de Piers estavam tensos.

– Não estou ferida – ela disse. – Nem assustada. Estou bem.

– Você tem que parar de me surpreender desse modo.

– Mas é o único modo que consigo me aproximar de você.

Ele cheirava a conhaque e a roupa passada, além do aroma almiscarado da própria pele. O colarinho da camisa estava aberto, permitindo que Charlotte visse os músculos do pescoço e os pelos escuros do peito dele.

Ela levantou a mão e deslizou os dedos pela saliência da clavícula de Piers.

– O que você está fazendo acordado tão tarde?

– Só lendo a correspondência.

– Correspondência? – Ela arqueou uma sobrancelha. – E que tipo de correspondência seria? Assuntos diplomáticos? Questões parlamentares? Ou cartas codificadas de espião, escritas com tinta invisível?

Ele abriu uma pasta de couro e espalhou os documentos.

– Veja você mesma.

Charlotte observou os papéis espalhados sobre a escrivaninha. Eram plantas de arquitetura e planos de decoração. Diagramas de um edifício, piso por piso. Interiores pintados em diferentes tons, com amostras de tecido anexadas. Tudo de muito bom gosto e, com certeza, muito caro. Ela examinou os desenhos até encontrar uma vista do exterior: uma fachada grandiosa com colunas gregas e grandes janelas modernas. Só o custo do vidro nessas janelas...

– Esta é Oakhaven? – Apesar do que pensava, Charlotte ficou um pouco deslumbrada com a ideia de ser a dona de um lugar assim.

– Não, não. Essa é a casa da viúva.

– Casa da viúva?

– Fica a cerca de mil e quinhentos metros da casa principal. Perto o bastante para visitar, mas longe o suficiente para não incomodar. Claro que você não esperava que eu deixaria sua mãe morar conosco, não é? Deus, não.

Piers riu. Seria possível que depois de quase uma semana inteira, essa era a primeira vez que ela o ouvira rir? E era uma risada linda. Grave e calorosa. Ele devia usá-la com maior frequência. Charlotte teria que trabalhar nisso.

Ele puxou um papel que estava sob os outros e o colocou por cima.

– Esta é Oakhaven.

Ela observou o desenho, alarmada.

– Minha nossa. É enorme. O que você faz com isso?

– Não muita coisa, ultimamente. É um lugar bastante solitário para apenas uma pessoa.

Enquanto ele remexia os desenhos e diagramas com uma das mãos, usava a outra para acariciar as costas dela. Seus dedos subiam e desciam pela coluna de Charlotte, venerando suas vértebras como se fossem pérolas em um colar.

– Os móveis estão em boas condições, claro, porém é provável que você considere o estilo antiquado. Mas verá potencial para modernização e muitas melhorias, eu espero.

Eu espero.

O coração dela parou nessas duas palavrinhas. Ele esperava, de verdade? Ele desejava mesmo uma vida com ela? Ainda que a companhia de Charlotte fosse apenas um modo de tornar sua grandiosa e importante vida um pouco menos fria e vazia?

Essa concepção a tocou. E então ela o tocou, com mais ousadia dessa vez, afastando a camisa de Piers e ajustando sua posição no colo dele, montando em seus quadris.

O calor escaldante da boca de Piers encontrou o dela, e Charlotte se derreteu, entregando-se à maestria de seu beijo e ao calor de seus braços.

Oh, aquele homem. Ele tinha construído uma fortaleza gelada à sua volta – fosse por desejo, necessidade ou as duas coisas, ela ainda não sabia –, mas dentro dela Piers era qualquer coisa, menos frio.

Ele interrompeu o beijo. Seus olhos estavam iluminados com chamas azuis. Possessivos, desejosos. Piers conseguia excitá-la apenas com o olhar.

– Vá para a cama, Charlotte – ele disse.

Ela estava disposta a lembrá-lo de que mandá-la fazer uma coisa era o modo mais certo de conseguir que ela fizesse o contrário. E, a essa altura, Piers já devia saber disso.

Então ela percebeu. Piers já sabia disso; ele não era bobo. Com certeza entendia que mandá-la ir era o mesmo que desafiá-la a ficar, e, portanto, pretendia provocar exatamente essa reação rebelde.

Piers a queria ali. Com ele. E Charlotte queria o mesmo.

Ela levantou a mão dele, colocando-a sobre seu seio. O polegar dele acariciou seu mamilo por cima do tecido da camisola, provocando ondas de prazer nela.

Inclinando a cabeça, ela o beijou no pescoço. O lado de baixo do queixo estava uma delícia, áspero com a barba por fazer. Ela se mexeu no colo dele, aproximando-se ainda mais.

O volume crescente da excitação do marquês pressionava a coxa dela. Ela o provocou, arrastando o joelho um pouco para cima... depois para baixo.

O movimento foi como fagulha na palha seca. Em um instante, as mãos dele estavam em Charlotte, sobre toda ela, possessivas e ávidas. Agarrando e puxando o tecido da camisola, agarrando seu traseiro e moldando os quadris dela aos seus.

Ele a beijou apaixonadamente, gemendo dentro da boca de Charlotte enquanto guiava os quadris dela para cima e para baixo, embalando-a na crista dura e grossa de sua ereção. A pressão rítmica fez uma sensação de êxtase crescer dentro dela.

– Está bom? – ele perguntou.

Ela concordou, sem fôlego.

– Está.

– Depois que nos casarmos – ele disse, rouco, enfiando a mão por baixo da camisola – vai ser ainda melhor. Vou estar dentro de você. Aqui.

Os dedos dele deslizaram pela curva trêmula da coxa dela, até encontrar seu centro. O toque subiu e desceu pelo sexo dela, até Charlotte pensar que enlouqueceria. Charlotte não sabia como pedir o que realmente precisava, mas o corpo dela sabia. E ele também.

Ela ansiava por ser preenchida.

Afinal, ele enfiou um dedo dentro dela. Charlotte gemeu de alívio, passando os braços ao redor do pescoço dele, segurando-o com firmeza.

– Assim – ele sussurrou no ouvido dela, movendo a mão em um ritmo firme e implacável. – Fundo. E firme. Repetidas vezes.

– Por favor... – Ela gemeu. – Não pare.

– Nunca. Não vou parar até você gozar. – Com o polegar, ele descreveu círculos no alto do sexo dela. – Você conhece isto? Já se tocou aqui?

Charlotte concordou, sem fôlego.

– Inocente, não ignorante – ela disse.

– Ótimo.

A aprovação dele a tornou mais ousada. Ela começou a se mover também, procurando mais daquele prazer incomparável que Piers lhe oferecia. Charlotte conhecia o espasmo de prazer que o corpo da mulher tinha sido criado para sentir, e ela sabia como provocá-lo em si mesma, mas nunca tinha sentido o que sentia nesse momento.

O corpo dela estava em chamas, desperto, carente. Parecia injusto que ele fosse capaz de enlouquecê-la enquanto continuava tão tranquilo, controlado... Implacável.

Ela soltou uma exclamação e mordeu o lábio.

– Isso. Eu preciso sentir você gozando para mim.

Toda rebeldia tinha sumido de dentro dela, levada por uma maré crescente de desejo. Ela cavalgava a mão dele sem qualquer vergonha, subindo até um ápice tão devastador que a fez ter certeza de que gritaria.

Ele capturou sua boca com um beijo, e ela soluçou dentro da carícia, grata, agarrando o pescoço dele enquanto o clímax a dissolvia em uma geleia do umbigo para baixo.

Quando as ondas de prazer passaram, ele a tinha nos braços, acariciando as costas dela enquanto Charlotte recuperava o fôlego e seu pulso voltava ao normal.

Enquanto ela voltava a si, uma leve sensação de constrangimento surgiu das sombras de seu recato. Os dedos dele tinham estado dentro dela, misturados à umidade que seu corpo tinha criado. Charlotte tinha agarrado a camisa dele, e agora ela estava transpirando.

Nada disso era próprio de uma lady. Mas ela não tinha que ser uma lady em momentos como esse. Precisava ser apenas uma mulher.

Charlotte queria ver Piers assim. Reduzido a um homem – simples, primitivo, animal. Ofegante e molhado de suor. Ela queria vê-lo se perder. Queria irromper através das defesas dele como um meteorito em chamas, sem deixar nada para trás que não ruínas fumegantes. Ela o queria mais do que qualquer coisa em sua vida. O coração dela inchou com um repentino e desconcertante surto de afeto.

– Piers?

Ele deve ter percebido a confusão expressa em seu tom de voz.

– Shhh. – Ele acariciou as costas dela no mesmo ritmo calmante, ignorando sua própria excitação não satisfeita. Negando suas necessidades enquanto cuidava das dela. – É natural sentir uma explosão de sentimentos logo depois. As mulheres costumam sentir. Vai passar.

Será que passaria? Ou se aprofundaria, como um buraco que se alarga na terra? Um passo em falso e ela cairia nessa armadilha, apaixonando-se por ele para sempre?

Ela não se sentia mais incrivelmente corajosa ou inteligente. Charlotte se sentia pequena, frágil e muito confusa.

– Imagino que não tenha sido para isto que você saiu do seu quarto. – Ele afastou o cabelo da testa dela.

– Não.

– Precisava de algo?

Ela concordou, esforçando-se para clarear os pensamentos.

– Um livro. Sobre a nobreza. Preciso verificar a letra C de novo.

– Charlotte. – Ele puxou o rosto dela para si. – Você não precisa fazer nada disso.

O significado do olhar dele era bastante claro. Piers tinha acabado de abrir, sobre a escrivaninha, em preto no branco, a prova de que pretendia cuidar generosamente dela e de sua família. Ele tinha lhe dado prazer lancinante e proteção carinhosa. Tinha suspirado aquelas palavras intrigantes: Eu espero. E talvez – só talvez – tivesse dado um pouco de esperança a ela.

Charlotte consegui ouvir com clareza a mãe falando: “Garota tola, o que mais você quer?”. *Amor.*

Amor era o que ela queria. O que Charlotte sempre quis. Mais do que belas casas ou o título de marquesa. Até mesmo mais do que orgasmos avassaladores, por mais deliciosos que fossem.

Será que Charlotte conseguiria amar Piers? Será que ele conseguiria sentir o mesmo por ela? Ele mantinha o coração tão guardado, tão fechado. Se a tivesse cortejado por iniciativa própria, ela poderia ter uma base sobre a qual construir seus sonhos, mas não haveria garantias em um casamento arranjado.

Ela podia ter toda a esperança do mundo, mas antes de entregar sua vida a um homem, Charlotte precisava saber sobre a possibilidade de ter o amor que tanto procurava.

– Eu... – Ela saiu do colo dele, ajeitando a camisola e o robe enquanto cambaleava até a mesinha de canto e apanhava o livro. – Eu só quero ter certeza de que não deixei escapar nada. Boa noite.

Ela apertou o livro contra o peito e saiu apressada do aposento.

Charlotte precisava deste livro. Precisava encontrar os amantes misteriosos. Precisava de certeza, agora mais que nunca.

Capítulo doze

Charlotte estava ficando vesga de tanto ler. O livro de nobres de Debrett possuía quase novecentas páginas, todas impressas em letras minúsculas. Apesar do tempo livre proporcionado por mais um dia chuvoso, restavam-lhe ainda duzentas páginas para vasculhar.

As mulheres estavam reunidas na sala de estar, como fizeram nos dois últimos dias de tempo ruim. Sua mãe mordiscava pedacinhos de biscoito doce e folheava um periódico feminino. Delia desenhava, Frances trabalhava em seu bordado e Lady Parkhurst jogava paciência na mesa de carteado.

Charlotte estava sozinha junto à janela, onde a chuva caía.

– Fico tão feliz que, finalmente, você tenha se interessado por esse livro – a mãe observou.

– É uma novidade? – Frances perguntou. – Eu podia apostar que você já tinha decorado sua cópia. E feito anotações.

Charlotte ignorou a provocação. Frances não conseguiria distraí-la da tarefa principal.

Seria tão mais fácil se o C correspondesse a um sobrenome ou título. Mas podia também corresponder a um primeiro nome, o que tornava necessário vasculhar página por página, e, quando localizava um C, precisava voltar para o nobre com quem essa lady estava associada e verificar o local, para ver se a moça em questão morava em algum lugar próximo.

E é claro que, se a mulher na biblioteca não fosse relacionada a algum nobre, baronete ou cavaleiro, todo aquele trabalho teria sido uma perda de tempo.

Weaver, Lady Catherine... Lincolnshire.

Westwood, Hon. Cora... Devon.

Mas então... Então!

White, Hon. Cornelia... Nottinghamshire.

O nome White lhe pareceu familiar. Charlotte se lembrava de tê-lo visto na lista de convidados de Lady Parkhurst, mas era um nome comum... ela podia

estar imaginando coisas.

– Lady Parkhurst, havia uma Sra. White no baile da semana passada?

– Nellie White? – Lady Parkhurst levantou os olhos das cartas. – Oh, sim.

Nellie. Apelido de Cornelia. Devia ser ela.

Charlotte tentou controlar sua empolgação. Afinal, aquilo podia resultar em nada. Mas os sinais estavam todos ali. A Sra. Cornelia White tinha estado na Mansão Parkhurst. Seu nome possuía a inicial correta. Será que ela tinha cabelo escuro?

– Estou tentando me lembrar dela. Era ela com o... – Charlotte fez um gesto ao redor da cabeça.

– O terrível turbante amarelo? – Lady Parkhurst suspirou. – Ela mesma. Eu tentei convencê-la a tirar aquilo, mas ela não cedeu.

Droga. Mas Charlotte ficou empolgada com o indício de que a mulher gostava de cores vivas.

– Imagino se poderíamos visitá-la – ela disse para Delia.

Delia fez uma careta.

– Por que nós faríamos isso?

– Bem... nós falamos brevemente de livros. Ela mencionou um romance que me pareceu interessante, mas esqueci o título. Eu gostaria de perguntar para ela.

– Ela mora longe, na direção de Yorkshire – Delia disse. – Receio que seja longe demais para um passeio matinal. Talvez você possa escrever para ela.

Ah, sim. Charlotte podia escrever para uma mulher que de fato não conhecia, perguntando de um livro que não existia, e aproveitando para pedir que ela enviasse uma mecha de cabelo com a resposta. Isso seria bem recebido.

– Não precisa escrever. – Lady Parkhurst virou uma carta. – Você pode perguntar a ela durante a caçada.

– Caçada?

– Papai promove uma caçada à raposa todo outono, e convida todos os cavalheiros da região – Delia explicou.

– A caçada vai acontecer depois de amanhã, se o tempo estiver bom – Frances disse. – As mulheres não cavalgam atrás dos cães, é óbvio. Nós vamos até a colina Robin Hood e assistimos ao espetáculo.

– Um espetáculo violento e sanguinolento. – Delia estremeceu. – Odeio caçadas.

– Que tal você levar sua aquarela e pintar a paisagem? – Charlotte sugeriu.

– Eu já pintei a vista daquela colina umas cem vezes, com todas as luzes e em

todas as estações. Prefiro ficar em casa.

Em qualquer outra situação, Charlotte ficaria feliz de permanecer com ela em casa. Mas essa podia ser sua única chance de rever a Sra. White.

– E quanto a você, Srta. Highwood? – Lady Parkhurst perguntou. – Vai ficar em casa também?

Charlotte olhou para Delia, pedindo desculpas.

– Eu... acho que gostaria de ir. Nunca vi uma caçada antes, e adoraria fazer trilha até a colina Robin Hood. Mas não tenho um cavalo.

– Nós podemos lhe emprestar um – Frances disse. – Você prefere um castrado, um garanhão ou uma égua?

Oh, céus. Charlotte podia contar em uma das mãos o número de vezes em que tinha cavalgado. Não era uma atividade para a qual sua família tinha dinheiro em sua juventude. Castrado, garanhão ou égua? Ela nem sabia qual era a diferença prática.

– Oh – ela respondeu –, qualquer cavalo que você ache que me serve.

O sorriso lento e convencido de Frances foi bastante alarmante.



Na manhã da caçada, Charlotte entendeu o porquê. Elas mal tinham saído do estábulo quando o cavalo cinzento manchado que estava debaixo dela começou a relinchar e dançar de lado. Charlotte apertou as mãos enluvadas nas rédeas.

– Espero que Lady não seja demais para você – Frances disse.

– De modo algum – Charlotte respondeu, tentando parecer casual e confiante. – Eu gosto de um cavalo espirituoso.

Infelizmente, o espírito que estava possuindo aquela égua parecia ser o de um demônio mal-humorado e malévolo, alimentado com leite azedo. Charlotte desejou ter pensado em levar maçãs ou cubos de açúcar. Ou água benta.

Frances colocou seu cavalo em um trote ligeiro e Lady foi atrás. Charlotte sentiu os dentes batendo e o cóccix saltar. Ela sussurrou uma imprecação.

Quando chegaram ao lugar do piquenique, no alto da colina, Charlotte apeou graciosamente da sela e deu um tapinha carinhoso no pescoço de Lady.

– Boa garota. Vou guardar um sanduíche para você.

Como resposta, a égua avançou nela, quase arrancando dois de seus dedos. Talvez fosse melhor ela voltar para casa andando. Charlotte deixou a égua

endiabrada e voltou sua atenção para o motivo que a tinha levado até ali: dar uma boa olhada na Sra. White e em seu cabelo.

– Oh, Nellie – Lady Parkhurst a chamou. – Você pode fazer a gentileza de me ajudar com as cestas?

Charlotte observou com atenção quando uma mulher se aproximou para atender ao chamado.

A boa notícia foi que a Sra. White não estava usando o terrível turbante amarelo. Contudo, ela usava uma touca. Uma touca enorme que não só cobria todo o cabelo, mas escondia a maior parte do rosto, e estava amarrado firmemente debaixo do queixo com uma fita azul.

Diabos. Nesse negócio de resolver mistérios, a pessoa encontra obstáculos aborrecedores e irritantes. Frustrada por uma touca, veja só.

O toque distante de cornetas ecoou.

– Oh, vejam! Eles partiram.

Charlotte virou-se para observar, protegendo os olhos com a mão.

Os cães apareceram primeiro. Dezenas deles, correndo do bosque no vale e latindo em uma matilha agitada. Então vieram os homens, cavalgando rapidamente logo atrás. Havia mais de uma dúzia de cavaleiros – fidalgos locais e até alguns dos fazendeiros mais proeminentes foram convidados a participar.

À distância, ela só conseguia identificar alguns. A figura corpulenta de Sir Vernon, com sua jaqueta verde de caça, era distinta à frente do grupo. Então, seguindo a uma distância respeitosa do anfitrião, vinha Piers.

Ele vestia uma jaqueta preta, não diferente das de vários outros cavaleiros, mas Charlotte o reconheceu de imediato. Teria reconhecido a figura dele em qualquer lugar. Piers conduzia a montaria sobre as sebes e cercas com facilidade. Tão firme e suave, movendo-se em sincronia com o castrado baio. Ou seria um garanhão?

Charlotte obrigou-se a tirar os olhos do espetáculo. A Sra. White se afastou das outras mulheres enquanto organizava as cestas de piquenique. Sua touca enorme, desconcertante, oscilou em direção ao outro lado da colina.

– Oh, Sra. White. – Charlotte correu para alcançar a mulher, que diminuiu o passo.

– Sra. White, lembra-se de mim, da outra noite? Sou a Srta. Highwood.

– Oh. – A viúva olhou-a de alto a baixo. – Lembro, é claro.

Charlotte fez uma mesura.

– Não é uma bela manhã para uma caçada?

– Acredito que sim.

A Sra. White pareceu um pouco confusa com a aproximação amistosa de Charlotte. Talvez ela fosse tímida. Ou... talvez estivesse tomada pela culpa por seu encontro tórrido e ilícito na biblioteca de Sir Vernon Parkhurst.

– Eu acho que vou tirar meu chapéu – Charlotte disse, removendo seu chapéu de montaria e fazendo do ato de aproveitar o sol um verdadeiro espetáculo. – Ah, o calor do sol é divino. Você não tem vontade de tirar a touca?

A Sra. White sorriu.

– Eu fico sardenta com muita facilidade.

– Apenas afaste um pouco – Charlotte insistiu. – O sol está uma delícia. Você não vai ganhar sardas em um instante.

A viúva pareceu considerar essa ideia, inclinando o rosto na direção do céu, mas uma nuvem logo entrou na frente do sol.

– Quem sabe mais tarde – a mulher disse.

Charlotte suspirou. Então começou a desejar que soprasse uma rajada forte, que pegasse aquela touca e a jogasse para trás. Até uma brisa forte seria suficiente, se conseguisse revelar uma mecha de cabelo. Não estava pedindo demais.

– Vamos dar uma volta na colina. – Charlotte passou o braço pelo da Sra. White. – Eu ficaria tão agradecida se você me indicasse os marcos locais.

A viúva não parecia muito disposta, mas Charlotte não tinha lhe deixado nenhuma possibilidade educada de recusar.

– Eu gostaria de ter conseguido conversar mais com a senhora na outra noite – Charlotte inventou, depois que estavam fora do alcance da audição das outras. – Percebi de imediato que tínhamos muito em comum.

– Mesmo?

A Sra. White parecia cética, e Charlotte não podia culpá-la. A mulher era pelo menos dez anos mais velha e, ficava cada vez mais evidente, não possuía uma personalidade muito animada. Era difícil imaginar o que elas podiam ter em comum.

Também era difícil imaginar a Sra. White usando liga vermelha, perfume caro e guinchando de prazer carnal sobre uma escrivaninha. Mas tinha que ser ela. As deduções de Charlotte não deixavam outra opção.

– As aparências – Charlotte disse, tentando outra abordagem – podem ser tão enganadoras, não concorda? O coração tem tantos segredos.

– Ali adiante fica Oxton. – A viúva apontou. – E ao norte, todo aquele verde é

a Floresta de Sherwood.

Elas tinham dado uma volta completa na colina. Logo estariam se juntando às outras. Charlotte olhou de soslaio para sua acompanhante, ainda não tinha conseguido ver nenhum fio de cabelo solto na nuca ou na têmpora da outra. Que tipo de produto para cabelo essa mulher usava? Gesso?

Charlotte precisava fazer alguma coisa. Algo radical. Talvez não tivesse outra chance. Então soltou uma exclamação dramática:

– Sra. White, fique parada. Tem uma aranha...

– Uma aranha?

– Uma aranha enorme. Na sua touca. Não se mexa, ou ela pode correr para o seu pescoço. – Charlotte se aproximou e lentamente aproximou as mãos do laço debaixo do queixo da mulher. – Vou só soltar aqui, com muito cuidado, e depois sacudir a touca na grama.

– Não precisa.

– É claro que precisa! Acredite em mim, Sra. White, é uma aranha muito feia. Ela é... peluda. E tem presas.

A Sra. White pôs as mãos sobre as de Charlotte, detendo-a.

– Minha querida, vamos parar com o fingimento.

– Fingimento?

– Não tem aranha nenhuma, eu sei.

– Você sabe? – Charlotte contraiu os ombros.

A Sra. White sorriu.

– Minha querida, você está certa, nós temos algo em comum. Eu também sei o que é ser uma jovem confusa, imaginando se um dia encontrará uma alma que entenda os desejos de seu coração.

– Mesmo?

Charlotte prendeu a respiração. Danem-se a touca e o cabelo, talvez a mulher fosse confessar. Aquilo estava sendo melhor do que ela esperava.

– Há muitas como nós – a Sra. White continuou. – Muitas mais do que você pensa. Não precisa sentir-se sozinha. Não digo que será fácil, mas há sempre modos de seguir seu coração.

– Que modos?

– Você pode seguir meu exemplo e se casar com um homem mais velho. Após me submeter alguns anos às... – ela pigarreou – ...atenções dele, consegui uma vida de segurança e liberdade. Minha querida Emmeline, por outro lado... Bem, a pobrezinha não conseguiu aceitar a ideia de casamento. Ela foi trabalhar. Nós

escolhemos caminhos diferentes, mas, de algum modo, acabamos nos encontrando.

Charlotte franziu a testa, confusa.

– Mas Sra. White...

– Oh, nós não podemos ir juntas a bailes e piqueniques, mas em nossa casa, ninguém nos incomoda. Somos felizes. Você também vai encontrar essa felicidade. – A viúva colocou a ponta do dedo sobre os lábios de Charlotte. – Você é uma jovem linda. Tão bonita e vivaz. Vai chegar o dia em que não precisará recorrer a aranhas imaginárias. Guarde seus beijos para outra pessoa.

Guardar seus beijos? Seus *beijos.*

– Oh, céus. – Ela forçou uma risadinha. – Sra. White, perdoe-me, por favor. Acredito que fui mal compreendida.

– Está tudo bem. Sinto-me lisonjeada, na verdade. E nem em sonho vou contar para alguém.

Com um sorriso genuíno de empatia, Nellie White se virou e voltou para o grupo de mulheres. Bem... Charlotte ficou parada ali, com os olhos arregalados para a paisagem de Nottinghamshire, absorvendo a enormidade de sua tolice.

Ela ainda não sabia a cor do cabelo da Sra. White, mas isso parecia não importar. A viúva não tinha interesse na companhia de homens. Sua investigação tinha chegado a outro beco sem saída. Ela teria se esquecido de alguém na lista de convidados? O perfumista teria mentido sobre o cabelo escuro?

Em algum ponto ela tinha se equivocado em suas deduções. Aquilo era tão indizivelmente frustrante. Tudo estava em risco; sua reputação, o Grand Tour com Delia... todo seu futuro. Ainda assim, Charlotte estava mais decepcionada por ter entendido errado.

Seus talentos não eram impressionantes. Ela não era uma artista como Delia, nem uma estudiosa científica como sua irmã Minerva. Ainda que pudesse soar como tolice para os outros – em especial para Piers –, resolver esse mistério tinha assumido um significado maior para ela. Essa era sua chance de realizar algo. A cada suspeito que riscava da lista, Charlotte se sentia mais perto do momento em que poderia levantar o queixo e dizer: “Eu fiz isso”.

E agora, pelo jeito, ela não tinha feito nada. A não ser desperdiçar um bocado de esforço e tempo, além de prejudicar ainda mais uma amizade preciosa. Sua inteira visita a Nottinghamshire estava resultando em um erro atrás do outro.

Pela primeira vez desde que chegou à Mansão Parkhurst, uma sensação verdadeira de desespero a assaltou. Lágrimas arderam nos cantos de seus olhos.

Em menos de uma semana, todos os erros tolos dela seriam expostos ao mundo. Charlotte só tinha mais alguns dias.

O que estava fazendo ali? Devia voltar e passar a tarde com Delia, antes que a amiga parasse de falar com ela.

Capítulo treze

Depois de um ato dolorosamente audível – que pareceu durar uma hora –, Sir Vernon parou de urinar, abotoou a calça e saiu de trás da árvore, ajeitando o casaco de *tweed.*

– Nada como uma boa cavalgada atrás dos cães de caça para fazer os humores do corpo fluírem, hein, Granville?

Piers terminou a desnecessária inspeção da cilha e da sela de seu cavalo.

– Uma pena que a caçada não tenha resultado em nada.

– Oh, nunca é nada. Não, não. Não é a raposa que buscamos, e sim a perseguição. A emoção. Nós esportistas não conseguimos viver sem isso, conseguimos? A emoção alimenta um apetite e desperta outro. – Ele deu com o cotovelo nas costelas de Piers. – Agora vamos nos voltar para uma vista mais bonita. As mulheres estão nos esperando no alto da colina. Tem uma raposinha lá que você deveria perseguir. Eu soube que a Srta. Highwood veio para o piquenique, apesar de Delia ter ficado em casa. Ela deve estar querendo dividir a refeição com um certo cavalheiro.

Piers pensou em Charlotte esperando com as mulheres na colina. Seu cabelo dourado solto, balançando ao vento, seu rosto corado pelo exercício, os olhos do mesmo tom azul brilhante do céu. Ele pensou em se sentar ao lado dela, aceitando os bocados de queijo e carne de seus dedos, observando-a sorver o suco de framboesas vermelhas e maduras.

Pensou em deitá-la na manta de piquenique para provar aqueles lábios manchados de framboesas. E então repensou todo seu plano.

Ainda que Sir Vernon o visse como um colega para as horas de lazer, Piers tinha uma missão a cumprir. Não podia deixar passar a oportunidade de ter a Mansão Parkhurst para si durante algumas horas. Então ele finalmente poderia abrir aquelas gavetas trancadas na biblioteca.

Pensando em toda a sua carreira, aquela missão era insignificante, mas para Piers, tinha se tornado vital. Ele precisava provar para si mesmo que ainda podia desempenhar seu papel, porque se não conseguisse... Toda a vergonha e a culpa das quais corria nos últimos vinte anos conseguiriam alcançá-lo. Ele morreria por dentro.

– Obrigado – ele disse. – Mas vou voltar para a mansão. Preciso ler algumas correspondências. Se pretendo anunciar o noivado antes do fim da minha visita, os contratos de noivado precisam ser providenciados.

Sir Vernon deu um grande gargalhada.

– Eu nunca soube que se conquista uma mulher por meio de contratos. Você precisa passar algum tempo com a garota, Granville. Nossa raposa pode ter conseguido se enfiar na toca hoje, mas você não pode permitir que a Srta. Highwood faça o mesmo.

Piers começou a responder, mas o outro o interrompeu:

– Ora, ora – ele disse, em tom de confidência. – Você é um homem de realizações tremendas, ninguém discute isso, mas se a Srta. Highwood mudar de ideia quanto ao casamento, nós dois sabemos que não seria novidade. Sua noiva anterior também escapou.

Piers ficou irritado com a insinuação de Sir Vernon. Clio não tinha "escapado". Piers manteve-se longe dela por uma boa razão. A segurança dela dependia de que Piers se mantivesse distante, e quem poderia imaginar que a guerra se arrastaria por tanto tempo? De qualquer modo, o noivado deles tinha sido arranjado entre as famílias, não havia amor. Ele não a culpava por ter buscado a felicidade em Rafe.

Claro que Piers não tinha se apressado para achar uma noiva logo em sua primeira Temporada de volta a Londres. Nem na segunda. Ele tinha estado ocupado. Atarefado demais para cortejar alguém, ou mesmo para um caso eventual. Se quisesse se casar, contudo, poderia ter escolhido quem desejasse.

– A Srta. Highwood – ele disse – não vai escapar.

– Ótimo. Ótimo. Espero que não me entenda mal, Granville. Merecida ou não, a garota Highwood tem uma má reputação. Você agiu como um homem honroso ao oferecer um título para ela. Gostaria apenas de ter certeza de que o senhor terá concluído este acordo de casamento até o final de sua estadia em minha casa. Tenho que pensar nas minhas filhas, e não gostaria que o escândalo respingasse nelas.

Para Piers, essa pareceu uma preocupação estranha, vinda de um homem que,

pelo que tudo indicava, estava enrolado em seu próprio escândalo.

– Dou-lhe minha palavra – Piers disse, tenso. – O noivado vai acontecer.

– Apenas não a negligencie. As mulheres gostam de ser caçadas pelos homens. – Sir Vernon lhe deu um tapa nas costas. – Também é um esporte.

Enquanto se encaminhava de volta à Mansão Parkhurst, Piers viu uma cena arrebatadora. Charlotte vindo, cavalgando, na direção dele. Como ele a tinha imaginado em sua fantasia erótica – o cabelo dourado flutuando atrás dela, a pele clara, os olhos azuis... Fechados?

Observando melhor, ele notou em como ela segurava desesperada na crina da égua... em sua expressão de terror. Ele não tinha mais dúvidas quanto ao motivo.

A égua se encaminhava para o regato, que era quase um rio nessa época do ano, com margens altas e cobertas de musgo dos dois lados.

Era um salto difícil até para um cavaleiro experiente, e nada na aproximação de Charlotte – perigosamente veloz, de olhos fechados, com as juntas dos dedos brancas pelo esforço – sugeria “experiente”. O conjunto sugeria “inexperiente”, “aparvalhado” e “diabolicamente perigoso”.

– Srta. Highwood! – ele gritou, colocando sua própria montaria em um trote ligeiro e, logo que possível, em galope a toda velocidade. Mas não adiantava. Não havia chão suficiente entre ela e o regato. Ele não a alcançaria a tempo. Não era possível. Não havia nada que ele pudesse fazer.

Seu coração ribombou dentro do peito, tamborilando ainda mais alto do que os cascos batendo na lama.

– Charlotte! – Seu grito morreu dentro de sua garganta, ineficaz.

Era raro, para ele, experimentar essa sensação de impotência. Na verdade, ele não conseguia lembrar de se sentir assim desde que era um garoto de 7 anos. E mesmo com essa idade, não gostou da sensação. Ele tinha decidido nunca mais se sentir assim. E lá estava ele, observando Charlotte Highwood correr na direção do desastre, sem poder fazer nada a não ser assistir.

Logo ficou claro que a égua, assim como Charlotte, não queria dar aquele salto. O animal travou as patas e deslizou até parar na margem do regato. Charlotte, contudo, continuou em movimento. O impulso a catapultou por cima da cabeça do cavalo em uma cambalhota de veludo escuro e cabelos dourados. Ela aterrissou de cabeça no regato, jogando água para todos os lados.

Piers fez seu cavalo parar. Ele segurou o fôlego, esperando que ela surgisse na margem. Uma eternidade passava a cada instante. As emoções explodiam dentro dele como granadas enterradas. Raiva, confusão, medo, desespero. Tudo que ele

tinha jurado nunca mais sentir. Sua mente se despedaçou em fragmentos sombrios, todos manchados de sangue.

Ela bateu a cabeça em uma pedra. Ela quebrou o pescoço. Ela se afogou.

Ela morreu. Ela morreu.

Você não pode fazer nada.

Ela morreu.



Alguns momentos antes, Charlotte teria dito que preferiria estar em qualquer outro lugar que não fosse no lombo daquela maldita égua.

Ela estaria mentindo. Estar sobre a maldita égua era melhor – por pouco – do que cortar o ar como uma bala de canhão.

E as duas coisas eram melhores – bem melhores – do que mergulhar de cabeça em um regato gelado.

A água ajudou a amortecer a queda, e ela teve sorte de não bater a cabeça, mas acertou o ombro com força na margem rochosa. E parecia que o traje de montaria verde-esmeralda pelo qual tinha se apaixonado na loja de modista, em Londres, agia como uma esponja, absorvendo toda água de Nottinghamshire.

Em menos de um segundo, ela ficou desorientada e gelada, e também dobrou de tamanho, sentindo-se como uma baleia bêbada.

Enfim, ela conseguiu firmar um pé no chão, apoiando-o em uma pedra, e contrair os músculos da perna o suficiente para se levantar. Ela inspirou, afobada.

Então o musgo a fez escorregar e Charlotte perdeu o equilíbrio outra vez, vendo-se, de novo, com água até as orelhas.

A água corrente a carregou rio abaixo, levando-a de encontro a uma pedra. *Ai.*

Aproveitou a oportunidade para se agarrar à pedra com as duas mãos e respirar. Não estava mais sendo levada, mas também não ia a lugar algum. E a água a gelava mais a cada segundo. Charlotte começou a sentir os dedos formigando, e as pernas, pesadas. Precisava sair dali logo ou acabaria flutuando até o mar.

Firmou os pés, contraiu os braços e deu um salto na direção da margem. Seus dedos arranharam pedras e pedaços de terra com grama. A correnteza agarrou suas saias, embaralhando-as em um nó ao redor de suas pernas. Charlotte bateu

os pés, sem sucesso, lutando para conseguir se içar para fora. Ela enterrou as unhas na margem. *Vamos lá, Charlotte.*

Uma mão grande e enluvada agarrou seu pulso, e o dono da mão a puxou para fora.

Ela emergiu da água lentamente. Não por escolha, mas por necessidade. O veludo verde reluzente tinha se transformado em um tapete sufocante de algas. Seu cabelo estava colado no rosto em bolos nodosos, atrapalhando sua visão.

E fez todo sentido, ainda que trágico, quando ela desabou na margem gramada, afastou o cabelo do rosto e piscou para tirar o excesso de água dos olhos e poder ver que seu salvador era... Piers.

– É claro – ela murmurou, sem fôlego. – Tinha que ser você.

– Você não parece muito feliz com isso.

Charlotte olhou para si mesma. Naquela cena não havia nenhuma sereia atraente ou ninfa das águas. Nenhuma Ofélia apertando as mãos no peito enquanto as águas a tomavam com dignidade poética. Charlotte parecia ter sido amarrada à quilha de um navio, arrastada pelo Tâmisa algumas vezes, depois deixada para as enguias e cracas durante um ou dois anos.

E Piers estava naturalmente maravilhoso. Não um cavaleiro em armadura brilhante, mas o mais perto disso que uma garota moderna poderia encontrar. Ele praticamente brilhava com sua jaqueta preta de montaria, calças de camurça, botas hessianas engraxadas e gravata branca. O cabelo do marquês estava perfeito. Tudo isso a deixou, de repente, irracionalmente envergonhada.

– Você se machucou?

– Estou bem.

Ele lhe ofereceu a mão.

– Deixe-me ajudá-la a se levantar.

– Não preciso de ajuda. Só me deixe em paz.

– Não vou deixá-la em paz. Você foi arremessada de um cavalo e quase se afogou. Está gelada, sozinha, provavelmente ferida, e sua montaria está do outro lado do rio.

– Obrigada, meu lorde, por enumerar com tanta eficiência todas as etapas da minha humilhação.

Ela se colocou de pé e começou a tirar tufos de musgo do traje de montaria.

– Charlotte – ele disse, o tom mais suave, pousando uma mão na cintura dela. – Deixe que eu...

Ela se afastou dele.

– Não posso. Isso é exatamente o que ela queria, não percebe?

– Quem queria o quê?

– Frances. Ela me odeia. Foi ela quem me deu essa égua demoníaca.

Charlotte lançou o braço na direção de Lady. A égua cinzenta manchada pastava trevos, formando um retrato de tranquilidade rústica.

– Bem, ela parece inofensiva agora. Mas estou lhe dizendo, ela é possuída.

– Sim, eu vi – ele disse.

– Eu sei que viu. – Ela tirou uma folha do cabelo.

Charlotte sabia que estava sendo indelicada, mas não conseguia evitar. Tudo tinha dado tão errado. Ela tinha abandonado Delia; descoberto um erro crítico em sua investigação; feito insinuações românticas para uma viúva da região. Ela já não tinha muita esperança de descobrir os amantes misteriosos, e mesmo que conseguisse, não importava por quanto tempo ficasse viajando pelo mundo. Mulheres como Frances nunca a deixariam esquecer da Debutante Desesperada. Elas continuariam a cutucá-la, a sussurrar a seu respeito, mesmo se – não, principalmente se – aparecesse em Londres casada com Piers. Charlotte dizia para si mesma não ligar para fofocas, mas elas eram tão desanimadoras.

– Vamos voltar à casa – ele sugeriu. – Podemos ir os dois no meu cavalo.

– Vou caminhando. – Ela começou a torcer a saia para se livrar do excesso de água. – Dá para imaginar a fúria de Frances se ela imaginar que eu, gritando, me joguei aos seus pés para forçá-lo a vir me ajudar.

– Ninguém me força a fazer nada.

– Ninguém precisa. Você já faz por si só. – Ela soltou um suspiro exasperado. – Piers, eu não tenho nenhum talento especial. Meu dote é pequeno. Minhas ligações sociais estão léguas abaixo das suas. Você nem precisava me tratar como uma lady respeitável. Olhe ao redor, ninguém me trata assim.

– Você – ele disse, pegando-a pelos ombros – vai ser uma lady. Minha lady. Vou tratá-la com o respeito que o título merece. E da mesma forma irão tratá-la a Srta. Frances Parkhurst, as amigas dela, toda a Sociedade, a Corte Real e todo mundo que não quiser me ver extremamente contrariado.

Pela sugestão da violência mal disfarçada na voz dele, Charlotte imaginou se a extrema contrariedade dele envolvia lâminas afiadas ou porretes.

– Por quê? – Ela examinou o rosto dele. – E não me responda aquela bobagem de vontade e desejo. No momento eu devo estar tão irresistível quanto uma pilha de trapos molhados.

Ele passou os olhos pelo corpo dela e arqueou uma sobrancelha.

– Você ficaria surpresa.

Ela lhe deu um chute molhado, fraco, na canela e tentou se soltar.

Piers aplicou mais força nos braços dela.

– Solte-me – ela insistiu, quase gritando.

A resposta dele veio na mesma medida de irritação.

– Não consigo.

Charlotte levantou os olhos para ele, respirando com dificuldade.

– Não consigo soltar você, Charlotte. Não consegui naquela primeira noite, na biblioteca. E com certeza não vou conseguir deixar que você se afaste de mim agora.

As mãos dele emolduraram o rosto dela. Não com carinho, mas com uma força impaciente. Ela não teria conseguido desviar o olhar nem se quisesse.

Piers a encarou com um olhar penetrante.

– Não foi suficiente para você invadir meus pensamentos, foi? Ah, não. Você tinha que dominar todo o meu ser. Às vezes eu acho que você encontrou um jeito de penetrar no meu sangue.

O tom sensual de raiva na voz dele a intrigou e excitou. Os polegares enluvados de Piers pressionavam suas bochechas.

– E agora você tem a ousadia de exigir que eu a deixe ir. É tarde demais para isso, querida. Está feito. – Ele soltou o rosto dela. – E estou farto de discutir o assunto.

Sem dizer outra palavra, ele a levantou – pesada, com as roupas encharcadas e tudo mais – e a colocou no cavalo. Depois, Piers montou atrás dela, passou um braço por sua cintura e colocou o cavalo em movimento em meio ao cenário bucólico. Como se os dois fossem personagens de um conto de fadas maluco.

O Príncipe e a Monstra Aquática.

Capítulo catorze

Charlotte agarrou-se a ele, resignada. Não lhe restava nenhum calor no corpo para resistir, nenhuma astúcia para encontrar um modo de se soltar. Se o orgulhoso, decidido e musculoso Piers Brandon, Marquês de Granville, tinha escolhido ser seu protetor... Muito bem, então. Seria preciso uma mulher mais forte do que Charlotte para recusar.

Ela se soltou contra ele, entregando-se ao romance do momento. Deu-se conta, naquele instante, do esforço que tinha despendido resistindo a essa sensação. Como um nadador que tivesse passado horas se debatendo contra a corrente, e de repente se entrega, fatigado.

Charlotte se deixou levar em todos os sentidos. Ele a segurava com um abraço apertado, possessivo, contra o peito, enquanto se encaminhavam para o bosque. A presença de Piers atrás dela era tão forte, tão quente, tão segura. E o cheiro dele era um sonho. O tipo de sonho que deixa uma mulher ofegante e molhada entre as coxas. Madeira, especiarias, totalmente masculino.

Ela fechou os olhos e encostou o rosto no colete dele, inspirando-o. Piers diminuiu o ritmo do cavalo quando entraram no bosque, levando o animal para uma clareira isolada e ensolarada. Então, eles pararam.

Piers desmontou, então a pegou pela cintura e a ajudou a descer.

– Por que estamos parando?

– Eu quero ver por mim mesmo se você está bem, sem ferimentos. Não vou poder fazer isso depois que chegarmos na mansão.

Ele a colocou sentada em um toco de árvore recém-cortada. Primeiro tirou suas próprias luvas e a jaqueta de montaria, pendurando-as em um galho baixo. Depois, com movimentos ágeis e eficientes, Piers desabotoou a jaqueta de montaria dela, para então puxar as mangas de seus braços. Ela estremeceu um pouco e se abraçou. Sua *chemisette* branca e fina estava grudada em seu tronco por causa da água do rio, tornando-se quase transparente.

Se Piers reparou nesse detalhe, seu olhar não parou ali. Após colocar a jaqueta dela em um pedaço de grama onde os raios de sol alcançavam, ele se ajoelhou diante dela, pegando o pé direito e o colocando sobre sua coxa. Depois de lutar com os nós molhados do cadarço da bota por alguns momentos, ele pegou uma faca de dentro de sua própria bota e cortou as amarras. Então tirou a bota do pé dela e a colocou ao lado do toco de árvore. Em seguida, colocou as mãos por baixo das anáguas dela para soltar a liga e puxar a meia molhada, grudada, de sua perna. A mão dele foi do tornozelo à coxa, sem acariciar nem afagar – apenas fazendo uma avaliação. Ele ficou satisfeito que ela conseguisse mexer todos os dedos do pé, e que este se virasse em todas as direções; depois confirmou que Charlotte não gritava de dor quando ele apertava aqui, ali... ou lá.

Então colocou gentilmente o pé dela na grama, apoiou o pé esquerdo dela na sua coxa direita e recomeçou o mesmo processo.

Observando-o de seu assento no toco de árvore, Charlotte esquentou por dentro. O sol da tarde começava a secar seu cabelo e a reanimá-la. Já não se sentia tão monstruosa.

Quando Piers deslizou a mão do tornozelo até a coxa, ela mordeu o lábio.

– Doeu? – ele perguntou, parecendo preocupado.

– Não. Só me surpreendeu.

Ela olhou para o chão, onde ele tinha colocado a bota ao lado de seu par, e também dobrado as meias com cuidado, em montes iguais. Tudo tão organizado. Tudo tão Piers. O mesmo hábito que a teria irritado uma semana antes, agora a atingia de modo totalmente diferente. Charlotte achou aquilo carinhoso. Doce. Era possível que fosse a melhor coisa que já tivessem feito por ela.

Minha nossa. Pela fonte de ternura que jorrava no coração dela, dava para imaginar que aquelas meias maltratadas fossem, na verdade, cestas de flores, ou cordões de diamantes. Eram apenas montes de lã inútil. Não era nem mesmo seu melhor par. Ainda assim, ao olhar para elas... Charlotte teve vontade de chorar.

O que tinha de errado com ela? Algo não podia estar certo. As possibilidades se abriram em sua cabeça, uma pior do que a outra.

Estava perto de suas regras.

Tinha sofrido um ferimento no crânio.

Tinha herdado o drama da mãe, ou talvez...

Talvez ela estivesse se apaixonando.

Oh, não. Oh, Senhor. Só podia ser isso. Ela estava *apaixonada.*

Por instinto, Charlotte curvou os dedos na borda do toco de árvore. Como se,

caso não se segurasse bem, pudesse escorregar. Ou sair flutuando.

Piers recolocou o pé dela no chão e se inclinou para frente. Ela se agarrou no toco como se sua vida dependesse disso.

Oh Deus oh Deus oh Deus.

Ele estava tão perto. Tão perto e tão atraente.

Bem, ele sempre foi atraente, mas naquele momento... doía olhar para ele. Aquela covinha perfeita no queixo, de algum modo, a capturou e esmagou. Ela sentiu a cabeça girar. Seu coração batia com tanta força que parecia que explodiria.

Ninguém a avisou que seria assim. A sensação de amar deveria ser boa, certo? Não aterrorizante.

Talvez isso não fosse amor, afinal, mas malária.

As mãos dele apertaram a cintura dela.

– Suas costelas parecem estar inteiras.

Mesmo? Era um milagre, considerando como seu coração batia nelas.

Ele tateou a cabeça dela à procura de hematomas e afastou o cabelo de seu rosto.

– Dor de cabeça?

– Não.

– Dificuldade para respirar? – ele perguntou. – Você sente tontura ou vertigem?

– Um pouco – ela respondeu com honestidade.

E quem poderia culpá-la? Tinha caído em um rio. Depois nesse homem; de cabeça, as duas vezes, sem aviso. Era demais.

– Assim que voltarmos para a casa, vou mandar chamar o médico da cid...

Charlotte o beijou.

Ela não conseguiu evitar. Precisava tocá-lo, desesperadamente, e suas mãos não cooperavam. Os dedos estavam tão grudados ao toco de árvore que, a essa altura, podiam ter criado raízes.

Ela colou seus lábios aos dele uma vez, então recuou. Mais uma vez, e de novo. Implorando em silêncio para que ele a beijasse.

Por favor.

Ela teve dúvida por um momento horrível. Não dele. Nunca dele. Apenas de si mesma.

Então ele afastou todas as dúvidas – todas as incertezas frias e solitárias –, tomando sua boca em um beijo apaixonado.

Sim. Sim. Esse era o Piers que ela desejava. Esse que o perigo extraía do diplomata. O homem que era possessivo, impaciente e mais do que um pouco selvagem. Ao qual não se podia resistir.

Eles se beijaram de bocas abertas, com línguas, lábios e dentes. Sem que um quisesse vencer o outro, mas apenas o espaço entre eles.

Beijar não era suficiente. Não dessa vez. Ela queria – não, precisava – mais.

Charlotte precisava tocá-lo, segurá-lo, estar o mais perto dele que duas pessoas podiam estar. Ela colocou as mãos entre eles e abriu os botões teimosos, pudicos, de sua *chemisette*, depois avançou pelos botões igualmente enlouquecedores do colete dele. Esses também lhe resistiram.

Frustrada, ela enfim puxou a camisa dele de dentro da calça, depois enfiou a mão por baixo do tecido. Ele inspirou o hálito dela. O frio dos dedos de Charlotte em seu abdome pareceu chocá-lo e despertá-lo.

Destemida, Charlotte passou as mãos pelos músculos tensos do tronco dele. Acariciando, provocando. Desafiando-o a também tocá-la.

Enquanto percorriam o rosto dela, os olhos azuis travavam um debate interno. O cavalheiro bem-educado dentro dele tentava resistir. Charlotte podia perceber que Piers oscilava no fio da navalha entre dever e desejo.

– Estou com frio – ela sussurrou.

E isso foi o que bastou.



Estou com frio. Essas três palavras simples eram tudo o que Piers precisava ouvir.

Para ela, aquilo era uma súplica. Talvez um convite. Para ele, era um convite para entrar em ação.

Charlotte estava com frio. O sangue dele ardia, em chamas. O resto foi lógica. Ele a despiria, abraçaria, pele com pele. Piers iria aquecê-la de todas as maneiras, com todas as partes do corpo que fossem possíveis.

Não apenas porque ele queria – e, inferno, como ele queria. Mas porque Charlotte era dele, e Piers devia cuidar dela agora e sempre. E ela estava com frio.

Ele entrou em ação, impiedoso, tirando da frente todos os botões que ousaram desobedecer aos dedos gelados dela. A saia e o corselet cederam com facilidade. Ele retirou a *chemisette* molhada do corpo dela, deixando-a apenas com as

roupas de baixo, então levou a mão às costas dela para desamarrar o cordão do espartilho com um puxão decidido.

Ela arfou quando o ar inundou seus pulmões. Esse som o inflamou.

Enquanto puxava o cordão do espartilho pelos ilhoses, contava, mentalmente: *um, dois, três...*

Charlotte apertou o lábio rosado, doce, sob os dentes.

Quatro, cinco...

Ainda não é tarde demais. Desista. Diga-me para parar.

Seis.

Era isso. Aquela lady era dele.

Ele a pegou pelos braços e a puxou para si, beijando-a profundamente, sem qualquer reserva. De um modo que nunca tinha beijado outra mulher, sem guardar nada de si. Nem seu desejo nem seus anseios... Nem seu coração.

Seu coração? Droga. Ele não podia lidar com essa ideia no momento. Não com Charlotte em suas mãos. O cabelo embaraçado dela, sua blusa molhada, seu corpo gelado e trêmulo.

Ele a levantou e ela soltou uma risada surpresa. O som dançou sobre sua pele como uma cascata de fagulhas douradas, queimando-o e provocando-o. Fazendo com que se sentisse vivo.

Piers fez uma cama para ela com sua jaqueta, abrindo-a onde o sol tocava a grama, e ali ela deitou e se reclinou sobre os cotovelos, observando atentamente enquanto ele desabotoava o colete e se preparava para puxar a camisa pela cabeça.

– Espere – ela pediu. – Mais devagar. Eu quero assistir.

Faria tudo o que ela desejava. Segurando a bainha com as mãos cruzadas, ele puxou a peça de roupa aos poucos pela cabeça e depois a deixou cair dos braços.

Piers ficou de joelhos diante dela, com o tronco nu sob o sol do meio-dia.

Ela o encarava, arrebatada.

– Mudei de ideia. Seja rápido!

Foi a vez de Piers rir. Ele tirou as botas e a calça o mais rápido que conseguiu, juntando-se a ela na grama antes que a expressão de curiosidade estampada no rosto de Charlotte se transformasse em nervosismo.

Ela era virgem e ele estava... excessivamente pronto. Duro, latejante, provocado por uma semana de desejo reprimido. Ele queria que fosse bom para ela, mas não sabia se conseguiria.

– Charlotte. – Ele deslizou a mão que estava pousada no seio até o quadril

dela. – Eu quero você. Mais do que qualquer coisa que já quis. Estou dolorido com o desejo de entrar em você. Não quero machucá-la, mas desconfio que vou. Receio que será preciso.

– Meu Deus, não precisa ser tão solene. – Ela acariciou a testa dele. – Eu sei que vai ser um pouco doloroso, mas não tenho medo. Você também não precisa temer a nada.

Medo. Ele queria se livrar da palavra com uma demonstração de masculinidade. Mas não era possível – não de modo convincente. A respiração dele estava vacilante, e sua mão tremeu quando fez uma carícia na coxa dela. Ao contrário de Charlotte, ele não podia culpar o frio pela tremedeira.

Precisava tirar a roupa intima dela. O tecido era tão fino que já tinha começado a secar, mas ele a queria nua. Piers passou a mão por baixo da bainha e puxou para cima, tirando o tecido, que parecia uma névoa translúcida, do corpo dela e revelando-a por completo.

Charlotte não se intimidou com o olhar de Piers. Ele saboreou a visão do corpo dela banhado pela luz do sol. Tão linda que o deixou sem fala. A julgar pelo sorriso tímido que agraciava os lábios, Charlotte percebeu muito bem a admiração de Piers, mesmo sem palavras.

Com as unhas, ela brincou com o mamilo e a penugem no peitoral dele.

Ele deslizou a palma pelas costas lisas e sedosas dela, encostando o rosto na maciez de seus seios.

Aninhados na grama, respirando os aromas verde e laranja-queimado do outono... eles poderiam ter sido comparados aos primeiros homem e mulher da Criação, descobrindo um ao outro no Jardim do Éden. Explorando as partes que os tornavam diferentes. Compartilhando os desejos que os tornavam iguais.

Ele foi descendo os beijos pelo corpo dela, adorando cada centímetro de Charlotte. Ela arqueou as costas e arfou quando ele afastou suas coxas e passou a língua por sua abertura.

– Deixe-me fazer isto por você – ele murmurou entre leves passadas da língua. – Vou tornar melhor. Vou fazer ficar muito, muito bom.

Ele colocou as mãos na cintura dela e esticou os polegares para dentro, abrindo-a totalmente. Depois de explorar cada pétala rosada e secreta do sexo de Charlotte, ele concentrou suas atenções no botão intumescido no alto.

Ela enrolou as mãos no cabelo dele, e tudo que Piers ouvia era a respiração pesada dela. Charlotte começou a se contorcer debaixo dele, mexendo os quadris em busca de mais contato, mais prazer.

Ele a manteve no lugar, nunca interrompendo os estímulos gentis de sua língua. Depois que ela cedeu ao prazer, ele colocou uma das mãos entre as coxas dela e enfiou dois dedos dentro de Charlotte, puxando-os e enfiando-os de volta, enquanto continuava a beijá-la e chupá-la com carinho.

– Piers – ela exclamou.

Ele não parou nem por um instante para responder, apenas continuou seu trabalho com dedicação renovada. Ele sentiu a coxa dela tremendo em seu rosto, o que o encorajou a ir mais fundo com os dedos, e mais rápido. O corpo dela ficou tenso.

Sim. É isso. Renda-se. Liberte-se.

Piers poderia ter passado o dia inteiro beijando-a e lambendo-a, se Charlotte precisasse, mas ela se desmanchou debaixo dele de modo espantoso, arfando e arqueando as costas do chão.

Ele a trouxe de volta à terra com carinhos suaves, até Charlotte normalizar a respiração. Então foi subindo com beijos até a barriga dela, engatinhando até ficar sobre ela. Piers guardou o corpo dela entre seus braços, oferecendo-se como abrigo. Mas o que ela lhe oferecia era muito mais. Conforto. Acolhida. Um lugar macio para descansar seu coração pesado.

As coxas de Charlotte se afastaram, abrindo espaço para as pernas dele. A curva dura e faminta do membro dele estava presa entre os abdomes dos dois, apontando para o umbigo dela.

Ele se levantou, com os braços estendidos, então movimentou os quadris e a cabeça do membro se encaixou bem onde queria estar, abrindo-a.

Charlotte o encarou com olhos tranquilos, sem nenhum receio. Ela confiava tanto nele que aquilo fazia seu peito doer. Ele lutou contra o impulso de possuí-la rápida e furiosamente. De torná-la sua antes que ela pudesse mudar de ideia.

– Se nós fizermos isto – ele disse –, você vai ter que se casar comigo. Compreende?

Ela concordou com a cabeça, mas não bastava. Ele precisava de palavras.

– Depois que nos unirmos, você estará ligada a mim. Irrevogavelmente. Para sempre. Diga que entende isso. Diga que quer isso. Eu preciso ouvir dos seus lábios, Charlotte. Diga que você... – ele ficou sem fôlego. – Diga que aceita ser minha esposa.



Charlotte o encarou, o coração apertado de emoção. Parecia que, afinal, ela tinha ouvido uma proposta verdadeira. Ou o mais perto disso que conseguiria ouvir.

– Sim, Piers, eu me caso com você.

Eu vou me casar com você, e irei amá-lo. E, algum dia, vou fazer você me amar também.

Charlotte estava decidida quanto a uma coisa: não queria ser uma dessas virgens que choramingam e fazem uma cena ao serem defloradas. Ela podia aguentar um pouco de dor. Afinal, os dedos dele já tinham estado dentro dela. Quanto maior poderia ser a outra parte dele?

Muito maior, ela descobriu, quando a cabeça do membro forçou sua entrada. Maior, mais grosso, mais duro, mais quente. Apenas... mais. De todas as formas.

De qualquer maneira, ela estava lidando com a situação de maneira admirável.

Então ele colocou-se para dentro dela.

Oh Deus oh Deus oh Deus.

Ela não pôde evitar. Todas as suas resoluções foram abandonadas. Gritou e ficou tensa, cravando as unhas nos ombros dele como garras.

Ele praguejou.

– Perdão.

Está tudo bem, ela queria dizer para ele. Estou ótima, sério. Continue a abrir caminho. Não precisa se preocupar comigo.

Mas não estava tudo bem, ela não estava ótima e, se ele continuasse a abrir caminho, provavelmente lhe daria um soco involuntário no olho.

– Eu vou mais devagar. Farei como for melhor para você. Não vou me mexer de novo até me dizer que está pronta. Eu prometo.

Charlotte fez que sim com a cabeça. Ela inspirou fundo e soltou o ar, desejando que seu corpo relaxasse.

Quando a dor começou a diminuir, ela diminuiu a força de suas mãos nos ombros dele. Piers entrou um pouco mais, e ainda mais, e – como o milagre dos milagres – ela não teve mais vontade de gritar.

– Está melhor agora? – ele perguntou.

– Está.

Ele se preocupava com o conforto dela. Piers estava se esforçando muito para fazer tudo aquilo ser não só suportável, mas maravilhoso. E isso tornava tudo melhor.

Cada nova investida cuidadosa era mais fácil que a anterior. O corpo dela se

abria e doía, mas de maneira tolerável. Talvez até prazerosa.

Quando estava, enfim, todo acomodado dentro dela, Piers soltou um gemido baixo. O que restava da tensão nos braços e pescoço dela se derreteu.

E então ela fez a coisa mais ridícula possível, seguiu o conselho da mãe e, como o ditado, se recostou e pensou na Inglaterra.

Tudo lhe veio ao mesmo tempo: festas e caçadas à raposa, tiro em perdizes e lutas de boxe. Amantes se encontrando em bibliotecas, carruagens e vales no outono.

Todas aquelas idiossincrasias estranhas, tolas e tão inglesas, com seus costumes e mistérios que formaram suas personalidades e os fizeram ficar juntos.

– O que é tão engraçado? – ele perguntou ao notar o sorriso de Charlotte.

– Tudo.

Ele se curvou para beijá-la.

– Eu adoro isso em você.

Eu adoro isso em você. O coração dela foi atingido por uma pontada agridoce.

Não seja ambiciosa, Charlotte disse para si mesma. Com um pouco de memória estratégica, a edição de uma palavra ou duas, ela poderia se lembrar disso como "*Eu adoro você*" – ou algo bem próximo.

No início, as estocadas eram lentas, delicadas. Então as investidas se tornaram mais firmes, mais urgentes, e doeram, mas era o que ela estava esperando. Charlotte queria observá-lo, ver o rosto de Piers se contorcer de prazer puro e necessidade satisfeita. Mas no último momento, ele retirou o membro pulsante de dentro dela e se virou para o lado, derramando sua semente nas dobras de sua camisa jogada na grama.

Prevenir a concepção era um gesto atencioso, ela disse para si mesma – ainda que isso a deixasse se sentindo vazia e um pouco decepcionada. Mesmo naquele último momento de abandono, ele conseguiu manter o controle.

Depois, ele acariciou o corpo nu de Charlotte exposto ao sol, tocando, explorando e observando tudo que desejava.

– Você parece um garoto com um brinquedo novo – ela disse.

– Não sou um garoto, Charlotte, mas um homem. Um homem a quem foram confiados segredos da Coroa, planos de batalha e tratados internacionais. E agora... fui tomado pela noção de que você é a coisa mais preciosa que já me foi confiada. – Os olhos dele queimaram ao encarar os dela. – Você é minha, agora.

Parte dela queria se rebelar contra o tom possessivo, mas outra parte achou-o

empolgante. De qualquer forma, parecia inútil negar. Ele possuía seu coração. Possuía seu corpo. Ela pertencia a ele.

Quanto antes Charlotte aceitasse isso, tanto antes o verdadeiro desafio começaria... Torná-lo dela.

Capítulo quinze

No sonho, Charlotte estava em um barco, balançando de um lado para outro. Então o mar ficou violento, jogando-a para cá e para lá. Onde estava Piers? Ele podia fazer aquilo parar. Nem as ondas ousariam desobedecê-lo.

– Charlotte. Charlotte.

Os olhos dela tremularam e abriram.

– Piers?

Charlotte olhou para a mão dele apertada em seu braço. Ele não era seu porto seguro na tempestade, era ele quem a sacudia.

– O que foi? – ela perguntou. As palavras saíram arrastadas pelo sono.

Ela sentiu grama fresca nos pés. A caçada. O riacho. A campina. O encontro dos dois.

Charlotte se esforçou para se erguer com os cotovelos, afastando uma mecha de cabelo grudada em seu rosto.

Oh, Deus... ela tinha babado? Será que ele viu?

Quando a visão dela entrou em foco, Charlotte viu que a expressão dele era séria.

Ela despertou de vez e agarrou-se ao ombro dele.

– Algo de errado?

– Não. – Ele meneou a cabeça.

– Então qual é o problema?

– Nenhum. – Ele se virou para puxar a calça.

– Tem certeza? – Ela o abraçou pela cintura e apoiou o queixo no ombro dele. Gotas de suor frio surgiram na fronte dele, e seu coração batia forte. Ela conseguiu sentir ao abraçá-lo. – Piers, o que foi?

– Foi difícil acordar você. Só isso.

Ela encostou a testa nas costas dele.

– Desculpe. Eu durmo como um cadáver. Toda minha família sabe – até as criadas. Mas não pensei em alertar você.

O sol estava baixo e uma sombra cobria a clareira.

– Nossa. – Charlotte sentou e pegou sua roupa intima, vestindo-a pela cabeça e enfiando os braços nas mangas. – A essa altura devem estar perguntando de nós. Imagino que não devem ter deixado de notar que nós dois desaparecemos juntos. – Ela pegou uma das meias e enfiou o pé, então parou, lembrando de algo pior. – Ah, não! A égua demoníaca. Ela deve estar quase na Escócia a esta altura.

– Ela sabe onde recebe água e comida. Já deve ter retornado ao estábulo.

– Espero que você tenha razão, do contrário, não sei como vou explicar...

– Charlotte – Piers a interrompeu. – Se alguma explicação for necessária, eu a darei. – Ele inclinou o rosto dela para si, então o acariciou com ternura. – Eu vou cuidar de tudo de agora em diante. Você compreende isso?

– Eu... sim, acho que compreendo.

Eu vou cuidar de tudo.

Era uma promessa que ela estava esperando ouvir desde que era garota, mas Charlotte não era mais uma menina. Principalmente agora, depois do que tinha acabado de acontecer naquela clareira.

Todas as perguntas que ela tinha abafado uma ou duas horas atrás... retornaram à superfície de sua consciência.

Como aquilo iria funcionar? Não só nesse momento, mas no restante da vida dos dois? Piers tinha jurado cuidar dela, mas permitiria que Charlotte cuidasse dele? Confiaria a ela seus temores e segredos? Ele permitiria que ela se aproximasse de seu coração, guardado com tanto empenho?

Desejo e prazer faziam muito bem, mas não seriam suficientes para sustentar uma vida a dois.

Apenas uma coisa ficou clara para Charlotte quando eles saíram da clareira: daquele momento em diante, não havia como voltar atrás. Não importavam os amantes na biblioteca, agora ela tinha um mistério ainda maior para resolver: Piers.



– Não posso esperar mais. Nós precisamos fazer isso agora. – Delia se aproximou de Charlotte no sofá da sala de estar.

– Fazer o quê? – Charlotte levantou os olhos do livro.

– Pedir para eles – Delia sussurrou. – O continente? O Grand Tour? Nossa fuga de pais sufocantes e da Sociedade Inglesa...? Isso não lhe soa familiar?

– Ah, é claro.

Charlotte sentiu uma pontada de culpa. Ela não pensou em Delia e nos planos que as duas tinham enquanto fazia amor com Piers. Não pensou em nada, apenas sentiu. Sentiu-se magnífica, adorada, impetuosa e apaixonada.

Mas, aparentemente, precisava incluir egoísta e negligente à lista. O tempo todo, Delia contava com ela como amiga.

– Claro que sim – Charlotte repetiu. – Mas não podemos pedir agora.

– Não vai haver momento melhor. Papai está feliz com o cervo que caçou essa tarde, e já tomou pelo menos duas taças de Vinho do Porto. Mamãe está orgulhosa do jantar e precisa planejar o baile de despedida de Lorde Granville. Os dois estão em um estado de espírito generoso. Não vamos ter momento mais propício do que esse.

– Mas...

– Mas o quê?

Mas seu pai acredita que eu sou uma sedutora desavergonhada, caçadora de fortuna. Seu irmão pensa que sou uma assassina, e sua irmã ameaçou arruinar minha vida.

– É sua mãe? – Delia perguntou.

– Sim – Charlotte se apressou em confirmar. – O problema é minha mãe.

Ali estava uma coisa boa que podia dizer de sua mãe: ela servia de desculpa para tudo. No momento, a Sra. Highwood estava com os pés apoiados em uma banqueta enquanto folheava uma revista de senhoras.

– Ela não vai concordar – Charlotte disse. – Não agora.

– Você acha que ela ainda está tentando casá-la com Lorde Granville? – Delia perguntou.

– É provável que sim.

Muito. Com certeza era provável. Definitivamente.

– Mas você deixou claro que não gosta desse homem – Delia murmurou voltada para seu caderno de desenho. – E nos últimos dias ele nem prestou atenção em você.

– Eu sei que não – Charlotte disse, mais desanimada do que gostaria de parecer.

De algum modo, ela e Piers tinham conseguido evitar chamar atenção quando voltaram de seu encontro tórrido na clareira. Todos os outros estavam

descansando ou preparando o jantar, e imaginavam que Charlotte já estivesse em seu quarto. Piers não precisou arrumar nenhuma explicação.

Nesse momento fazia quase dois dias que ele quase não falava com ela. Piers a estava evitando – como ela tinha lhe implorado que fizesse quando os dois se conheceram. Agora, contudo, ela não queria nada além de vê-lo, de falar com ele, de ser abraçada e inspirar o aroma de sua pele. Ou, no mínimo, dar um passeio no jardim à tarde.

Ela não conseguia entender por que Piers, de repente, tinha se tornado tão distante. A menos que... A menos que tudo que ela estava sentindo o tivesse assustado.

– Você ainda quer ir, não? – A voz de Delia soou como a de uma criança insegura. – Não a culpo se tiver mudado de ideia. Eu sei que não sou a melhor companheira de viagem que existe. Eu ando devagar e...

– Nem pense nisso. Não consigo imaginar companheira melhor.

– Ah, que bom. – A amiga pareceu aliviada. – Porque se eu tiver que passar mais uma Temporada sentada nos cantos dos salões de festa...

– Nós vamos ser livres. Juntas. – Charlotte estendeu a mão e apertou a de Delia. – A esta hora, no ano que vem, você vai estar pintando paisagens do Mediterrâneo. Eu prometo.

De algum modo, Charlotte faria com que isso acontecesse.

Ela olhou para Piers do outro lado da sala. Ele podia fazer com que acontecesse. Os dois não precisavam se casar de imediato. Ele podia até mesmo pagar pela viagem, e providenciar para que elas ficassem hospedadas com seus conhecidos diplomatas no estrangeiro. Uma chance de suas filhas socializarem com princesas e arquiduques? Sir Vernon e Lady Parkhurst – e sua mãe – não poderiam negar isso, não importa o quão protetores fossem.

Charlotte ousou acreditar que conseguiria convencer Piers. Ele era um homem que entendia sobre lealdade. Sabia da importância de manter uma promessa.

Mas primeiro ela precisava conversar com ele, e na última meia hora Piers mantinha o nariz enfiado no jornal.

Levante o rosto, ela desejou. *Olhe para mim.*

Em vez disso, ele virou uma página do *Times.* Aquela edição devia estar mesmo muito fascinante.

Delia pôs de lado seu caderno de desenhos.

– Vamos pedir agora. Se recusarem, que seja. Eu só não consigo aguentar mais esse suspense.

Charlotte estendeu a mão.

– Não, espere.

– Legume. – Lady Parkhurst pôs de lado seu *pincenê* e levantou os olhos de sua lista de receitas. – Não consigo decidir que legume devemos servir no jantar do baile.

Aleluia. Salva pelos legumes. À parte todas as aulas de nutrição, Charlotte nunca tinha imaginado que um dia seria salva de uma situação conflitante graças aos legumes.

– Eu estava querendo algo em estilo francês – Lady Parkhurst continuou. – E as plantas da minha estufa produziram lindas berinjelas.

– *Berinjelas*? – Sir Vernon repetiu. – Que diabos é isso?

Charlotte agarrou com força o braço de Delia. Ela não arriscou olhar para a amiga. Se o fizesse, as duas irromperiam em gargalhadas.

– Se você tivesse algum interesse nas minhas plantas, saberia. É a mais nova variedade de legume que veio do continente. É longo e roxo. – Ela fez o formato com as mãos. – Ora, algumas berinjelas devem ter de quinze a vinte centímetros de comprimento.

Charlotte olhava fixamente para o tapete enquanto respirava pela boca. Ao lado dela, Delia começou a chiar baixo.

– Um legume roxo? – Sir Vernon bufou. – O que se faz com isso?

– Bem, essa é a questão, não é mesmo? Eu não tenho receitas. Mas ouvi dizer que os franceses fazem coisas maravilhosas com suas berinjelas.

Piers levantou o rosto do jornal, lançando um olhar preocupado na direção de Charlotte. Era evidente que, afinal, ele estava prestando alguma atenção nela. Devia estar se perguntando se precisava chamar um médico para diagnosticar as convulsões dela.

– Lorde Granville, você passou algum tempo no continente – Lady Parkhurst disse. – Como prepara sua berinjela?

Não deu mais para segurar. Uma gargalhada estridente escapou de Delia, e Charlotte tentou – com pouco sucesso – disfarçar a sua com um acesso de tosse.

A Sra. Highwood fechou sua revista.

– Garotas, o que é tão engraçado?

– Nada, mamãe. Eu só estava mostrando para a Delia uma passagem engraçada no meu livro.

– Que tipo de livro? – Frances perguntou, colocando seu bordado de lado.

Delia se esforçou para ajudar com a evasiva, apontando para o livro.

– Bem, tem uma garota, e ela encontra com... com...

– Um pombo – Charlotte completou.

– Um pombo? – Frances perguntou.

Um pombo?, Delia fez com a boca para a amiga.

Charlotte deu um olhar *eu-sei-mas-entrei-em-pânico* para Delia.

– Não um pombo comum. Um pombo malicioso, sanguinário – Charlotte continuou. – Um bando inteiro deles.

Frances arregalou os olhos.

– Eu nunca ouvi nada tão absurdo.

– Exato! – Delia exclamou. – Dá para entender por que achamos tão hilariante!

Charlotte conseguiu, enfim, conter sua risada. Então ela fez a besteira de olhar para Delia, e as duas recomeçaram a rir.

– Às vezes me pergunto se vocês duas não estão passando tempo demais juntas. – Sir Vernon as observou por cima da taça de vinho. – Não quero que digam que criei uma filha tola.

Depois que todos voltaram a ler ou bordar, Delia sussurrou:

– Acho que este não é o melhor momento de falar do nosso Grand Tour, afinal.

– Não – Charlotte concordou, e embora não tenha falado em voz alta, acrescentou mentalmente: *Obrigada, Senhor*. – Nós podemos ir dormir.

Havia outra confissão resultante dessa noite que ela não apenas guardaria para si mesma como levaria para o túmulo: a aula de “deveres matrimoniais” de sua mãe tinha sido útil, afinal.

Capítulo dezesseis

Naquela tarde, Piers abriu a porta de seu quarto, e mal tinha livrado os braços de seu casaco quando reparou em um pedaço de papel dobrado que tinha sido colocado por baixo da porta.

Ele pendurou o casaco em um gancho com uma mão, desdobrou o papel com a outra e leu a única linha de texto: *Preciso falar com você.*

Não estava assinado, mas ele sabia que só podia ser de Charlotte. E se ela tinha arriscado esse método de comunicação, o assunto devia ser urgente.

O corredor estava vazio, então ele não perdeu tempo. Piers bateu de leve na porta do quarto dela. Sem resposta.

Ele bateu de novo.

– Charlotte.

Nada.

Ele tentou a maçaneta. Trancada.

Piers pegou seu alfinete de gravata e inseriu a ponta afiada na fechadura. Normalmente conseguia controlar impaciência e frustração, mas dessa vez as duas ultrapassaram suas defesas. Seus dedos se atrapalharam com o alfinete e a porcaria caiu tilintando no chão, onde rolou até uma fenda escura entre as tábuas do assoalho. Maldição.

Piers se afastou da porta. Ele não iria se pôr de quatro no chão para procurar o alfinete, nem iria voltar para pegar outro. A essa altura ela já deveria tê-lo ouvido e aberto a porta, a menos que... A menos que algo estivesse errado.

Ele apoiou o peso na perna esquerda e deu um chute violento com a direita, quebrando a fechadura e lançando a porta para dentro. Não era o modo mais discreto de invadir um quarto, mas era bastante eficaz.

Como de costume, o quarto dela parecia ter sido saqueado. Sua mente lógica ponderou que o motivo daquela desordem era o desmazelo de Charlotte, não

uma luta de vida e morte. Mas seu coração não se convenceu tão facilmente. O pulso dele acelerou enquanto Piers vasculhava o quarto.

– Charlotte?

O chão estava atulhado de peças de roupa jogadas. Uma peliça e uma touca pendurados na haste da cama tinham a aparência de um espantalho. Uma mixórdia de escovas, fitas e latas de pó cobria a penteadeira.

Ao se aproximar da janela, ele tropeçou em uma bota e desabou no chão. Por sorte, uma pilha de anáguas e *chemises* amorteceu sua queda. Ele lutou para se levantar, o que exigiu que se desembaraçasse de metros de tecido docemente perfumado.

– Miserável. Filho de uma...

– Piers?

Charlotte estava parada na passagem que levava da suíte ao quarto de vestir. Ela olhou primeiro para a porta quebrada. Depois para a anágua rendada na mão dele. Então, afinal, seu olhar encontrou o de Piers.

– Piers, o que você está fazendo?

Excelente pergunta. Enlouquecendo, talvez. Perdendo o distanciamento frio e os instintos aguçados que desenvolveu ao longo dos anos.

Ele nem pôde apreciar o fato de vê-la usando apenas uma *chemise* fina, semiabotoada, com o cabelo solto caído sobre os ombros em ondas volumosas.

– O que *eu* estou fazendo?! – Ele jogou a anágua de lado. – O que diabos *você* está fazendo? Por que não atendeu a porta?

– Não ouvi você bater. – Ela indicou com a cabeça o quarto de vestir ao lado. – As criadas prepararam um banho para mim.

– Um banho.

– Isso. Um banho. Água, sabão, banheira.

Bem, isso... era uma explicação bastante razoável.

Maldição.

Ele passou as duas mãos pelo cabelo, desalojando assim uma meia perdida. A peça de roupa deslizou até o chão, levando com ela o último fiapo de dignidade dele.

Charlotte tentou segurar o riso apertando os lábios.

– Isso não é engraçado – ele disse, ríspido.

– Não – ela concordou, com seriedade forçada. – Não é mesmo. Para começar, eu nem sei como vou trancar minha porta.

Ele pegou a cadeira da penteadeira, levou-a até a porta e apoiou o encosto

debaixo da maçaneta.

– Assim.

– Por que você estava remexendo minhas roupas íntimas?

– Eu não estava remexendo suas roupas íntimas. Eu fui atacado por elas.

Charlotte deu de ombros.

– Você sabe que organização não é uma das minhas virtudes.

– Uma coisa é desmazelo, e outra é... – Ele gesticulou para o quarto. – ...uma armadilha mortal de tecido.

– Isso é um pouco melodramático, não acha?

– Não.

Charlotte cobriu a boca com a mão e sorriu.

Pelo amor de Deus. Aquilo era engraçado para ela.

Piers tentou se lembrar de que ela não compreendia. Que ele não queria que ela compreendesse. Se ele cuidasse bem de suas responsabilidades, ela – e qualquer outra pessoa sob sua guarda – jamais perceberia o tipo de vigilância empregado para garantir sua segurança.

Se proteção não fosse uma tarefa ingrata, significava que ele não a estava desempenhando corretamente. Ainda assim, ele não conseguiu evitar o sermão:

– Eu gosto das coisas em seus lugares. Dessa forma, estou pronto para reagir. No mesmo instante. No escuro. Em qualquer ocasião. Ainda mais quando você me informa que precisa falar comigo.

– Eu não quis assustar você. Esperava que pudéssemos conversar amanhã. Eu não fazia ideia de que você viria imediatamente.

– Claro que eu viria imediatamente. – Ele a encarou. – Se você disser que precisa de mim, eu nunca vou demorar.

– Mas você tem me ignorado há dias. Desde que nós... – Ela não completou a frase. Não era preciso. – Você mal tem reparado em mim.

– Acredite quando digo que eu tenho reparado em você.

De modo constante, único, doloroso.

Piers não podia evitar. Ela começou a recalibrar os sentidos dele no momento em que entrou pela porta da biblioteca. Sua visão periférica agora estava treinada para lampejos de cabelos dourados; seus ouvidos, treinados para se atentar à risada melódica de Charlotte. Ele se pegava seguindo o aroma do sabonete e do pó de arroz dela, como um cachorro ofegante atrás da mulher do açougueiro.

Possuía anos de treinamento e experiência. Ela os tinha desfeito em uma semana, deixando Piers perdido. Essa distração, essa loucura de desejo e anseio

era tudo que um homem na posição dele precisava evitar.

Pensando bem, os sentidos dele não estavam comprometidos. Afinal, tinham sido meticulosamente afinados para detectar o menor sinal de perigo.

Essa mulher – essa mulher linda, incontrolável e observadora demais – era a personificação do perigo para Piers. Ela poderia arruiná-lo. Destruir tudo o que ele tinha trabalhado para se tornar.

E ela faria tudo isso com um sorriso.



Charlotte não sabia o que pensar do homem parado no meio de seu quarto. Ele se parecia com Piers e falava como Piers, mas escuridão pairava sobre ele. Era como se a sombra de Piers tivesse ganhado vida, separando-se da pessoa de Lorde Granville, e deslizado pelo corredor para visitá-la.

– Posso lhe perguntar uma coisa? – ela começou, e ele abriu os braços, aguardando a pergunta. – Você está reconsiderando nosso compromisso?

Ele hesitou por um instante longo demais para a tranquilidade dela.

– Não.

– Então por que está me ignorando desse jeito?

– Você não quer uma resposta sincera para essa pergunta.

– Quero. Quero a verdade.

Ela precisava saber o que estava se passando na cabeça dele, mesmo que isso ferisse sua autoestima.

Piers começou a atravessar o quarto em passadas lentas e decididas.

– Porque, Charlotte, é simplesmente impossível... Sempre que estamos no mesmo ambiente, não consigo pensar em mais nada além do desejo de tocá-la. Segurá-la. Saboreá-la.

Ele continuou se aproximando. Charlotte começou a recuar.

Ela não ficou intimidada, mas sim excitada além de qualquer medida, desejando a firmeza do corpo do marquês próximo do seu. Mesmo assim, algum instinto a fez recuar alguns passos.

Quando ela viu o brilho selvagem nos olhos dele, seu corpo reagiu vibrando, e ela entendeu por que recuava. Ele queria caçá-la. E ela queria ser perseguida.

– Então eu tenho que ignorá-la, entende? – ele continuou naquele tom baixo e devastador de comando aristocrático. – Se eu continuasse olhando para você, iria

despi-la. Se conversássemos, precisaria ouvi-la suspirar e gemer. Esse não é um comportamento aceitável em uma sala de estar.

Piers a tinha encurralado contra a parede. O que era bom, pois as pernas dela estavam bambas.

– Na verdade, se eu me permitisse chegar perto de você – ele segurou os pulsos dela e os levantou, prendendo seus braços contra a parede –, levantaria suas saias até as orelhas e enterraria meu pau dentro de você antes que os outros desviassem o olhar do chá.

A excitação pulsava pelo corpo dela. Piers a tinha à sua mercê, mas ela não sentia o menor medo.

– E esse comportamento – ele disse, encarando a boca de Charlotte – seria muito rude.

– Bem... – Charlotte umedeceu os lábios, ousando encará-lo. – Eu nunca me preocupei com etiqueta.

A resposta de Piers veio como um relâmpago. Em um átimo ele a pressionou contra a parede usando todo o corpo. Desejo pipocou nas terminações nervosas dela enquanto ele a beijava, fazendo-a vibrar da cabeça aos pés.

Ele a envolveu por completo. Toda ela. Com a língua, explorou a boca de Charlotte. Seu peito esfregou-se no dela, fazendo com que os mamilos endurecessem e latejassem. A excitação dele fez investidas firmes de encontro com a barriga dela.

Piers soltou os braços de Charlotte e deslizou as mãos para baixo, até os quadris dela. Então agarrou o tecido frágil da *chemise* em punhados impacientes, levantando-o até a cintura dela. Em seguida, atacou os botões da própria calça, soltando-os um após o outro.

Charlotte pôs a mão entre os corpos. Ela não tinha sido tão ousada a ponto de tocá-lo ali no outro dia, e pretendia compensar o erro nesse momento. Enfiou a mão dentro do fecho da calça, libertando a ereção dele da prisão do tecido.

Encorajada pela respiração irregular de Piers e pelo manto da escuridão, ela se demorou descobrindo-o. Passando a mão para cima e para baixo pela dureza grossa e quente que enchia sua mão, deslizando o polegar pela cabeça larga e sedosa. Uma gota de umidade se formou debaixo de seu dedo, e ela a espalhou em círculos amplos.

Com uma imprecação, ele agarrou o traseiro nu dela e a levantou do chão.

Assustada, soltou um gritinho de prazer. Suas costas encontraram a parede coberta de seda adamascada. Ela passou as pernas ao redor dos quadris dele. Não

sabia muito bem o que Piers pretendia fazer, mas essa pareceu a coisa certa.

Ele pareceu gostar. A ereção cresceu ainda mais na mão dela, e ele começou a investir contra ela. Devagar. Provocador. *Sim. Oh, sim.*

Ela cambaleou, estupefata com a velocidade da reação de seu corpo. Em uma questão de instantes, ela ficou desesperada por ele. Charlotte enfiou sua mão livre no cabelo dele, puxando a boca para si, para um beijo completo, apaixonado.

Piers movimentava os quadris de modo ritmado, esfregando a cabeça do membro para cima e para baixo na fenda do sexo dela. Abrindo-a com estocadas firmes e insistentes. A pressão suave atiçou os lugares mais sensíveis dela, levando-a a uma escalada rápida e bruta pela montanha do êxtase.

Quando Piers encontrou a evidência quente e úmida da excitação dela, ele gemeu dentro da boca de Charlotte. Ela ansiava por ser preenchida.

Ele interrompeu o beijo, ofegante.

– Agora?

A palavra desceu pela coluna dela.

– Agora.

– Guie-me para dentro de você.

Charlotte inclinou os quadris e posicionou a extensão dura e faminta dele no lugar em que encaixava no corpo dela. Onde ela precisava que estivesse. Então retirou a mão de entre os dois e segurou nos ombros de Piers.

Ele entrou nela com estocadas firmes e cada vez mais fundas.

– Deus – ele gemeu. – Você é tão apertada.

Ela não tinha certeza se isso era bom ou ruim, mas era a verdade inegável. Apesar de sua excitação febril, seu corpo ainda era dolorosamente novo no ato. A união deles foi torturante, enlouquecedora de lenta, e então – quando ela começou a vibrar de necessidade, como se a tensão pudesse despedaçá-la – rápida demais.

Piers ainda não tinha acomodado toda sua extensão dentro dela quando o clímax começou a se formar. Ela não conseguia mais esperar. Charlotte movimentou seus quadris para frente, frenética para recebê-lo por inteiro. Mais fundo, mais forte, mais rápido. *Isso.*

Quando, afinal, a pelve dele encontrou a dela, a primeira sensação doce de fricção empurrou Charlotte no abismo. Ela estremeceu e gritou, agarrando-se no pescoço de Piers enquanto este continuava a se movimentar, levando-a a um pico de prazer após o outro.

Ele a beijou enquanto ela descia flutuando das alturas. Charlotte cruzou os tornozelos às costas dele. Eles se movimentavam juntos num ritmo suave.

Charlotte puxou a gravata amarrotada do pescoço dele, deixando-a cair no chão antes de enfiar as mãos por baixo do colarinho aberto da camisa. Ela passou os dedos pelos músculos firmes e retesados dos ombros dele, e explorou os pelos escuros no peito. Ela beijou-o no pescoço, passou a língua pelo pomo de adão, passou o rosto na barba por fazer no maxilar dele. Adorando o sabor e todas as texturas masculinas de músculo, pelos e suor.

Então ele congelou, prendendo-a na parede, o mais dentro dela que conseguia chegar. O peito dele arquejava.

Charlotte levantou a cabeça, segurando o rosto de Piers entre as mãos para conseguir examinar o olhar dele.

– O que foi?

– Eu não consigo...

Ela movimentou os quadris uma fração, e ele gemeu ao ir ainda mais fundo.

– Eu não... acho que não consigo...

Ela não sabia muito bem como ele completaria a frase, mas sua resposta teria sido a mesma, de qualquer modo:

– Então não tente – ela lhe disse.

O rosto dele ficou tenso nas mãos dela.

Com um movimento rápido dos braços, ele mudou a posição dela. Piers baixou a cabeça, apoiando a testa suada no ombro dela e puxando os quadris de Charlotte da parede. Suas estocadas dobraram de velocidade e intensidade, e sua respiração ficou curta, ofegante.

Não havia mais refinamento, nada remotamente parecido com ternura. Ele não era mais delicado nem paciente, apenas faminto. Dominador. Usando o corpo dela de modo rude e violento, de acordo com suas necessidades, implacável na busca de seu próprio prazer.

E ela adorou. Charlotte estava tão desesperada para ver esse lado dele, bruto e rude. Os tendões do pescoço e dos ombros de Piers estavam esticados, tensos. As coxas dele batiam no traseiro dela. Ele puxou a manga da *chemise*, esticando e rasgando o decote, e seus dentes arranharam o ombro nu dela.

Ele perdeu o ritmo, então acelerou de novo. Suas estocadas ficaram mais rápidas, mais firmes.

Charlotte estaria dolorida no dia seguinte, talvez até com hematomas. E não poderia se sentir mais empolgada com essa ideia.

Com um urro gutural, ele saiu do corpo dela e derramou sua semente na barriga de Charlotte, grudando-a a seu corpo enquanto eles se beijavam, respiravam, beijavam de novo.

– Isso – ele disse, momentos depois – foi copular.

Ela abraçou o pescoço dele e riu um pouco, balançando-o de um lado para outro. Ele tinha prometido fazer essa demonstração e era um homem de palavra.

Charlotte deslizou até seus pés tocarem o chão e pegou a mão dele.

– Venha. Se nos apressarmos, o banho ainda pode estar quente.

Capítulo dezessete

A banheira era apertada para dois. Eles foram obrigados a ficar sentados muito próximos. Piers não tinha do que reclamar. Charlotte se aninhou atrás dele, os seios macios encostados em seu corpo enquanto ela massageava a espuma perfumada no cabelo dele. A sensação era magnífica.

– Acabei de perceber que me esqueci por completo do seu bilhete – ele disse. – Você queria falar comigo.

– Queria. Preciso lhe pedir um favor. – Com a ponta dos dedos ela massageou o couro cabeludo e as têmporas dele, colocando-o em um estado lânguido de felicidade. – Receio que seja um grande favor.

Qualquer coisa. Tudo. Só não pare de me tocar.

– Você se importaria se tivéssemos um noivado longo?

Qualquer coisa menos isso.

– Sim, receio que eu me importaria.

Em parte, porque ele já tinha tido um noivado longo, e não era uma experiência que Piers gostaria de repetir. Então havia a questão de gerarem um herdeiro. Mas, acima de tudo, ele queria estar com Charlotte. Tê-la toda para si, em sua própria casa, o mais breve possível e por muitas semanas logo após o casamento. Não era uma questão de emoção, mas apenas um cálculo de benefícios. Ele preferiria um inverno de noites longas e solitárias passadas em sua escrivaninha? Ou meses de boa fornicação contra a parede seguida de banhos sensuais?

Ficava com a fornicação e os banhos, obrigado.

– Eu não pediria se fosse só para mim – ela disse. – Eu fiz uma promessa para a Delia. Nós queremos fazer um Grand Tour no ano que vem. Foi por isso que vim visitá-la. Nós devíamos convencer os pais dela a concordarem com nossos planos.

Ele passou água no rosto.

– Vocês duas, viajando sozinhas pelo continente? Os pais dela nunca permitiriam. Eu também não permitiria.

– Nós iríamos contratar uma acompanhante, claro.

– Uma velhota inútil com catarata, se conheço você.

– Piers, você sabe que não sou idiota. Eu não me arriscaria. Delia precisa disso. Ela está contando comigo, e acabaria com nós duas se eu a decepcionasse. – Charlotte passou uma esponja pelas costas dele. – Delia possui um talento notável e merece a chance de desenvolvê-lo. Quanto a mim... não tenho nenhum talento natural para arte. Nem para música, poesia ou matemática. Para nada, na verdade. Com certeza não para cuidar de uma casa.

Ele sorriu par si mesmo.

– Eu pensei que solucionar um mistério fosse minha chance de enfim mostrar algum talento. Mas isso também não deu certo. Preciso de uma chance de explorar um pouco do mundo antes de me acomodar. Expandir minha mente e ver novos horizontes. Não quero me tornar uma mulher enfadonha, com cérebro de passarinho, como minha mãe.

Ele suspirou. O que ela estava lhe pedindo era impossível. Mesmo que desejasse, não poderia concordar. Sir Vernon talvez fosse designado para seu posto na Austrália até o fim do ano. Ele não deixaria a filha meio mundo para trás.

– Não posso negar que exista outro motivo – ela continuou. – O tempo faria com que pelo menos parte das fofocas desaparecessem.

– Você vai ser uma marquesa. Por que se importar com o que pessoas insignificantes dizem ou pensam?

– Talvez eu seja fraca, não sei. Esse último ano de sussurros cheios de insinuações afetou minha autoestima. Eu gostaria que os jornais de fofocas soubessem que você não foi obrigado a se casar comigo. – Ela ficou quieta por um instante. – Eu também gostaria de ter certeza sobre a mesma coisa.

Bom Deus. Essa era a mulher que tinha adivinhado segredos que Piers não pretendia divulgar para ninguém. Ela podia ler a sobrancelha esquerda dele como um jornal. Como Charlotte ainda podia ter dúvidas sobre os dois?

Ela passou os braços ao redor da cintura de Piers, apoiando o queixo em seu ombro.

– Você poderia planejar a viagem para que estejamos sempre em segurança. Eu sei que sim. Você consegue estar em uma estalagem de Nottinghamshire na

hora e no dia exatos em que seu irmão vai passar por ali, só para ver como ele está.

Pronto. Outra demonstração. Ela era observadora demais.

– Não sei do que você está falando – ele disse.

– Sabe, sim. Eu não ficaria surpresa se você tivesse planejado suas férias aqui só para que esse almoço acontecesse. Rafe também desconfiou. – Ela deu um beijo no ombro dele. – Eu só tenho irmãs. O motivo de os homens não conseguirem dizer essas coisas, nunca vou compreender. Mas espero que você tenha conhecimento de que seu irmão sabe o quanto você o ama.

Ele sentiu a garganta apertar.

Piers acariciou o pulso dela, deixando que o toque falasse o que ele não conseguia.

Ele não saberia como admitir isso, mas as palavras dela foram um alívio profundo. Sempre amou o irmão, mesmo quando os dois não eram amigos. Mesmo que Rafe fosse um campeão de boxe – e o homem que roubou sua noiva –, Piers sempre quis protegê-lo. Seu irmão mais novo era a única família que lhe restava.

Piers se soltou do abraço dela e, através de um complicado processo de reposicionamento corporal, conseguiu ficar de frente para Charlotte.

Ele a puxou para perto, ajeitando-a de modo que ficasse sentada em seu colo, apoiando as costas em suas pernas dobradas. Deus, ela era linda. Tão cheirosa, a pele tão suave. Os seios dela balançavam no nível da água ensaboada e cada vez mais fria. O vapor tinha enrolado o cabelo dela, criando cachos atraentes. Havia um pouco de espuma no rosto de Charlotte, que ele tirou com o polegar.

– Então, você acredita que eu ainda tenho afeto por meu irmão.

– Ah, sim. Sem qualquer dúvida.

– E mesmo assim continua a duvidar da sinceridade do meu pedido de casamento.

– Bem, isso é diferente. Nós fomos forçados a um compromisso. Mal nos conhecemos. Decoro foi a única razão.

Ele arqueou a sobrancelha.

– Não diria que foi a única razão.

– Eu sei o que você quer dizer. É claro que sempre tivemos atração física, e que você é, sem dúvida, um excelente partido.

– Sim, eu me lembro de estar em uma boa posição.

Charlotte deu um olhar malicioso para ele.

– E parece que me lembro de que nossas atividades na cama seriam toleráveis.

– *Touché*.

– Mas nada disso importa. Você não é obrigado, por sangue ou história, a cuidar de mim.

Ele apoiou o cotovelo na borda da banheira e a encarou, pensativo.

– Tem razão, Charlotte. Não sou obrigado a cuidar de você.



Charlotte começou a se arrepender do rumo da conversa.

A água do banho começava a esfriar. Ela estremeceu e pensou em pegar uma toalha, mas ficou presa no olhar azul dele.

– Você faz ideia da quantidade de influência que eu exerço? – A ponta do dedo dele tamborilou na borda da banheira. – Tem ideia de quanto dinheiro, quantas pessoas tenho à minha disposição?

Ela deu de ombros.

– Eu tenho certa noção.

– Você não sabe de um décimo.

Piers não estava se gabando, apenas esclarecendo os fatos.

Charlotte acreditava nele.

– Quando nós fomos pegos juntos, não foi nenhuma crise. Eu poderia ter lidado com a situação de várias maneiras. Poderia ter encontrado um outro noivo para você. Ou uma dúzia, para que você escolhesse. Eu poderia ter abafado a coisa toda, eliminado qualquer possibilidade de escândalo.

– Você poderia ter me feito parecer uma debutante desesperada e me jogado aos lobos.

– Ou – ele disse, sério –, eu poderia ter caçado o caricaturista do *Tagarela* que lhe deu esse apelido maldoso... e feito com que desaparecesse por completo.

Charlotte começou a rir, então logo percebeu que ele não estava brincando. Não, os olhos dele estavam mortalmente sérios. Piers estava lhe contando algo importante, algo que revelava a essência do homem que ele acreditava ser. Era vital que ela escutasse sem rir nem criticar.

– Mas você não fez nenhuma dessas coisas – ela disse, cautelosa. – Você escolheu a saída honrosa.

– Eu escolhi você. – Ele estendeu a mão para ela, puxando-a para perto e derramando uma onda de água com sabão no chão. – Eu escolhi você porque

quero você.

– Na sua cama.

– Na minha vida.

Ela engoliu em seco.

– Poucas coisas são honradas de verdade no meu trabalho. Você vai ser minha esposa. Você merece saber disso, embora eu reze para que nunca entenda por completo. Basta dizer que passei os últimos dez anos tomando decisões frias. Sem olhar para trás.

A curiosidade dela era intensa, mas Charlotte resistiu ao impulso de perguntar detalhes.

Ela tinha boas amigas que se casaram com oficiais que voltaram da guerra. E, em seu cerne, Piers era isso – um homem que assumiu responsabilidades terríveis em um tempo de guerra. Homens assim não precisavam ouvir perguntas curiosas. Eles precisavam de tempo – às vezes de anos – e banhos quentes, e da proximidade de pele com pele.

E de amigos que escutassem, aceitassem e compreendessem.

Ela examinou o rosto dele. Será que ele estava se abrindo com ela à sua maneira reprimida, autocrática? Era o que ele parecia fazer, se Charlotte estava lendo sua expressão corretamente.

Sim, ela pensou. Essa devia ser a explicação.

Um marquês poderia encontrar diversas mulheres dispostas a aceitar seu nome ou a deitar em sua cama.

Esse marquês, contudo, precisava de uma amiga.

Oh, Piers.

O coração dela inchou de ternura.

– Escute bem. – Ele a envolveu com braços e pernas. Seu coração bateu contra o dela. – Eu escolho você, Charlotte. E não vou olhar para trás.

Ele a beijou com suavidade, deixando que os lábios deslizassem para o canto de sua boca, para o rosto, pescoço. E então mais para baixo, para os seios nus e escorregadios. Embaixo da água, a ereção dele começou a se mexer junto à coxa dela.

Charlotte ajeitou os quadris, apertando a ereção dele junto à sua abertura. O contato repentino extraiu uma exclamação dos dois.

Ele passou a língua pelo mamilo teso dela antes de tomá-lo com a boca. Enquanto Piers chupava seu seio, ela sentiu a pele arrepiar no pescoço e nos braços.

Charlotte se balançou contra a saliência da excitação dele, arrastando o corpo por aquela dureza, massageando aquele feixe de nervos tenso, latejante, no alto de seu sexo. Piers enrolou uma mão no cabelo úmido dela, expondo o pescoço dela para cobri-lo de beijos.

– Você é linda. Tão linda.

Ele a segurou pela cintura e apontou para a entrada dela, franzindo a testa em dúvida.

– Você não está dolorida?

Ela negou com a cabeça.

Ele rilhou os dentes enquanto penetrava nas profundezas dela.

– Tem certeza?

– Tenho.

Era uma mentira inocente. Ela estava dolorida – em carne-viva e vulnerável. Não só entre as pernas, mas também no coração. Se ele a machucasse, tudo bem. Era escolha dela.

Os dois se movimentaram lentamente, tentando não derramar muita água no chão. Ele encostou a testa na dela. Charlotte conseguia senti-lo crescendo dentro de si. Os braços dele a prendiam como garras.

Com um gemido, ele tirou seu membro de dentro dela e colocou a mão de Charlotte entre eles, fazendo-a agarrar sua grossura e fechando sua própria mão sobre a dela. Ele a orientou em uma série rápida de movimentos, bombeando seu prazer no punho dela.

Ele se encostou nela, e Charlotte acariciou suas costas trêmulas.

– Charlotte, querida?

Querida. Mais um fragmento de carinho para a coleção dela. Seu coração bobo palpitou.

– Sim?

– Eu acho que você não sabe reconhecer seus talentos naturais.

Ela sorriu de encontro ao alto da cabeça dela. Talvez ela tivesse mesmo algo único.

– Bem, isso é reconfortante. Eu já tinha desistido de ser uma mulher talentosa, muito menos extraordinária.

– Você é completamente extraordinária.

– Não precisa me adular.

– Estou falando sério. Quantas horas você já passou dando atenção à sua mãe? Ou ouvindo sua irmã falar sobre pedras? Ou ficando em casa com a outra que

estava sempre doente? Pense em todos os anos que você viveu em Spindle Cove, quando podia estar em Londres. A maioria das jovens acharia tudo isso extremamente entediante. Você é extraordinária nisso. Na arte das pessoas.

– Acha mesmo?

– Eu tenho certeza. Porque para lidar com esta pessoa em particular – ele apontou para si mesmo – é necessário ser uma pessoa de muita virtude.

Ela riu.

– Não estou brincando. Eu nunca conheci uma mulher que conseguiu tal proeza.

– Então você tem sorte de eu ter vindo e encontrado você.

O elogio dele a envolveu como água de banho, reconfortante e quente. Muito diferente do tecido brilhante e desconfortável das congratulações.

Não que ela tivesse, de repente, começado a acreditar em si mesma porque Piers tinha declarado seu valor. Mas ele tinha argumentado bem, e ela aprendeu a confiar no poder de observação dele – ainda mais quando concordava com o dela.

Ele não tinha feito com que ela se sentisse extraordinária. Os dois chegaram juntos a essa conclusão, e isso era algo totalmente diferente.

Era isso o que sempre procurou em um companheiro, ela percebeu. E embora não soubesse colocar em palavras, estava disposta a esperar anos e anos para encontrar.

O que significava que ela também teve sorte de encontrá-lo.

Talvez Charlotte até mesmo tivesse a sorte de possuir uma mãe enxerida e alcoviteira.

Não. Não, isso era ir longe demais.

Então uma ideia – espetacular e perfeita – chispou pela cabeça dela como um cometa, e acendeu um fogo em seu peito.

Ela se recostou e olhou para ele.

– Deixe que eu seja sua companheira.

– Eu pensava que já tínhamos concordado com isso.

– Não, não só como sua esposa. Sua parceira em... – ela fez um gesto vago – ... seu trabalho. Nós nos divertiríamos tanto juntos.

Ele esfregou o rosto com a mão, depois puxou o cabelo molhado para trás.

– Não. Sem chance.

– Eu seria uma espiã brilhante. Pense só. Adoro um enigma. Sei ganhar a confiança das pessoas. Conheço armamentos. Sou inteligente e ousada. Eu... eu

sei me esgueirar por janelas.

Ele riu.

– Não é como você está imaginando. Você acharia entediante. Espionagem é, a maior parte do tempo, ler e escrever relatórios, além de ouvir conversas aborrecidas em festas. Noventa por cento de puro tédio.

– Tudo que vale a pena é noventa por cento de tédio. Pense no seu irmão lutador. Eu aposto que ele passa por semanas, meses de preparação para apenas uma hora no ringue. Ou minha irmã geóloga. Ela vasculha montanhas de terra para encontrar uma porcaria de fóssil. Até Delia faz dezenas de esboços antes de começar a pintar. – Ela fez uma pausa. – Nada antes me interessou tanto. Mas poderia ser isso. Meu verdadeiro talento. Minha paixão.

Ele só meneou a cabeça.

– Você não vê como seríamos parceiros perfeitos? Vamos completar as deficiências um do outro. – Ela segurou as mãos dele e as apertou. – Mande-me para o continente com Delia. Enquanto ela desenha, eu posso praticar idiomas. Etiqueta. Eu... eu até mesmo vou aprender a pendurar as coisas em cabides.

– Charlotte... seria perigoso demais.

– Pendurar coisas em cabides?

– Trabalhar comigo.

– Mas você acabou de me dizer que é tudo papelada e festas entediantes.

– E é. Exceto nas vezes em que não é. – Ele levantou, saiu da banheira e pegou uma toalha.

Ela aproveitou o momento para admirar o corpo firme e másculo dele, brilhando como bronze sob a luz trêmula das velas. Os músculos definidos dos ombros e das costas. Os pelos escuros nos antebraços e nas pernas. Os órgãos masculinos, descansando, saciados, em seu ninho de sombras. Ele sacudiu o cabelo, espalhando gotículas pelo quarto, então passou a toalha no rosto e secou as orelhas. O ritual inteiro era íntimo e comum. E muito cativante.

Ele era só um homem, afinal. Um homem forte, poderoso e complicado, mas, ainda assim, humano. Feito de pele, ossos, músculo e coração.

Havia amor em algum lugar dele, bem engarrafado, apenas esperando ser servido, como um vinho raro. Podia demorar meses ou mesmo anos, mas Charlotte estava decidida a vasculhar até os porões mais escuros e profundos da alma daquele homem – e tirar a rolha.

Ele pendurou a toalha no ombro e ofereceu uma mão a ela.

– Cuidado. O chão está escorregadio.

Depois que ela saiu, ele estendeu outra toalha e a enrolou em Charlotte, prendendo bem as pontas ao redor dela. Ele a tratava como um bebê saindo do banho.

– Você não acredita que eu possa fazer isso – ela disse.

– Eu não falei isso.

Não precisa falar.

Ela ficou magoada pela falta de confiança dele, mas não podia culpá-lo por duvidar. Charlotte não tinha nenhuma experiência no assunto. Qual era seu talento? O hábito de rir nos momentos inoportunos e alguns mistérios não resolvidos?

– Por favor – ela disse, olhando para ele através dos cílios molhados. – Só me dê uma chance de provar que consigo. Não tome nenhuma decisão esta noite.

Ele expirou com força.

– Tarde demais. Eu já tomei uma decisão.

– Oh? – Ela estremeceu. – E qual é?

– Esta.

Ele a levantou do chão, jogando-a sobre o ombro como um fardo de trigo recém-colhido, e a carregou até a cama.

Capítulo dezoito

Charlotte acordou sozinha na cama, com a luz do sol entrando pelas janelas. Devia ser, no mínimo, metade da manhã.

Ela não se lembrava de ter vestido a camisola, muito menos de se enfiar debaixo das cobertas. Mas ela sempre dormia como uma pedra. Piers não deve ter desejado perturbá-la.

Piers... Piers, Piers, Piers.

Depois que se orientou, ela caiu de novo no travesseiro e levou as duas mãos ao coração.

A noite anterior não tinha sido um mero momento de fraqueza em uma clareira, mas uma revelação. Ela tinha descoberto novas facetas de Piers e de si mesma. Todo um novo mundo de possibilidades tinha se aberto.

Isso era real.

Ela estava *amando.* E tinha um amante. Um bom amante.

Todo corpo dela doía. Entre as pernas estava mais sensível, mas outros pontos também estavam sensíveis. Os mamilos dela latejavam por terem sido chupados. A parte interna de suas coxas estava um pouco irritada pela barba por fazer dele.

Pequenos ecos de prazer pulsavam entre suas pernas.

Ela apertou uma coxa contra a outra.

– Charlotte – ela disse em voz alta. – O que sua mãe iria dizer?

Deitada e imóvel, um grande sorriso se espalhou de um canto a outro do rosto. Sem conseguir se conter, ela rolou de bruços e escondeu seu gritinho de alegria no travesseiro, enquanto batia os pés no colchão.

Então parou de repente quando a porta foi aberta, ficando imóvel e fingindo dormir. Bem na hora... ou assim Charlotte esperava. Devia parecer que ela estava tendo um ataque.

– Perdão, Srta. Highwood. Sua bandeja de café da manhã.

Charlotte murmurou um agradecimento sonolento e abriu o olho o suficiente para ver a criada saindo do quarto.

Então ela jogou a roupa de cama para o lado e pegou seu robe.

O cheiro de torrada com manteiga e chocolate quente era tão irresistível quanto os beijos de certo homem. Ela estava faminta.

Piers devia ter mandado lhe servirem no quarto. Charlotte normalmente tomava café da manhã no térreo, com as mulheres Parkhurst. Mas ele deve ter imaginado que ela estaria exausta e faminta nessa manhã.

Tanto cuidado. Tanta atenção aos detalhes.

Quando enfiou o braço na manga do robe, ela notou um ramo verde e violeta deitado no canto da bandeja. Uma flor? Parecia que o marquês era um romântico, afinal.

Sorrindo para si mesma, ela pegou a flor roxa na bandeja e a rolou entre os dedos, observando-a. A princípio ela pensou que fosse uma das áster-italianas que pipocavam em todas as partes nessa época do ano. Mas não era uma áster comum. Algum tipo de íris ou orquídea? Bem, Charlotte não era jardineira.

Ela a colocou de lado dando de ombros.

O que quer que fosse, era linda, um gesto atencioso. Mas o caminho mais garantido para seu coração passava pelo estômago, e a pilha de torradas perfeitamente marrons naquele prato era o mesmo que ouro.

Ela amarrou a faixa do robe, preparando-se para sentar e comer. Mas seus dedos se atrapalharam com o nó. Que estranho. A mão direita parecia não estar funcionando direito. Um formigamento se espalhou dos dedos até o punho.

Charlotte sacudiu a mão, imaginando que tivesse dormido sobre o braço.

Mas sacudir não ajudou. Em vez de diminuir, a sensação de formigamento aumentou, espalhando-se do punho até o cotovelo.

O mais estranho era que ela não sentia os dedos.

Seu coração começou a bater descompassado. Uma série de batidas rápidas, depois nenhuma. Então o galope vinha de novo.

Que estranho. Parecia que ela tinha herdado as palpitações da mãe, afinal.

Ela pensou que devia se deitar. Mas quando se virou para a cama, sua visão escureceu e ficou borrada nas extremidades. Como se a vida fosse, de repente, uma ilustração de jornal.

Aquilo era mais que uma palpitação. Algo estava errado.

Piers saberia o que estava errado.

– Piers. – A palavra ficou presa em seus lábios secos. Ela tentou de novo. – Piers?

Não foi alto o suficiente. Diabos.

Os joelhos dela fraquejaram. Charlotte agarrou a cadeira com a mão esquerda e se segurou nela. Seu braço direito era apenas peso morto pendurado em seu ombro.

Ela precisava sair do quarto. Charlotte sabia que iria desmaiar e que não podia estar sozinha quando acontecesse.

O coração trovejava em suas orelhas enquanto ela cambaleava na direção da porta do quarto. Ela observou sua mão esquerda lutar com a maçaneta quebrada, como se pertencesse a outra pessoa.

Charlotte, concentre-se.

Afinal, seus dedos obedeceram, fechando-se em volta da maçaneta e puxando a porta um palmo para dentro... dois no máximo.

Apenas o bastante para Charlotte passar e desmaiar no corredor.

Blam.



Convidado por Sir Vernon, Piers acomodou-se na biblioteca para tomar chá e comer um lanche leve.

– Obrigado por sua companhia, Sir Vernon. Esta manhã tem sido muito instrutiva.

Eles tinham terminado uma visita à fazenda sob o pretexto de discutirem métodos de irrigação. Pelo que Piers podia ver, nada parecia errado. Nenhum sinal de que o homem estava economizando ou vendendo bens, nem fazendo compras extravagantes. De modo geral, a propriedade Parkhurst parecia estar com uma saúde financeira admiravelmente boa – sendo quase tão próspera quanto à de Piers.

Em mais de uma semana, Sir Vernon não tinha sugerido cartas nem dados, nem qualquer aposta maior do que “o pior jogador paga a cidra no pub”. Um vício em jogo parecia improvável.

Então aonde o dinheiro estava indo?

Para uma amante antiga ou um filho bastardo. Não havia alternativas plausíveis restantes.

Mas ele precisava ter acesso à correspondência particular e às contas do homem para confirmar a verdade. Com todas aquelas distrações, contudo, ele não teve outra oportunidade de investigar.

Seja honesto consigo mesmo, Piers. A verdade era que ele poderia ter encontrado oportunidades para investigar. Em vez disso, vinha criando oportunidades para ficar com Charlotte. E então ele possuiu Charlotte.

– Você não concorda?

Piers levantou a sobrancelha e a xícara de chá em um gesto diplomático, não comprometedor, que ele esperava ser entendido como... qualquer resposta que devesse ter dado, se estivesse prestando atenção.

Ele pensava em Charlotte no momento em que a deixou, dormindo na cama dela com os primeiros raios da alvorada tocando o horizonte. Roncando de leve, de um modo encantadoramente despreocupado.

Era de admirar que ele não conseguisse se concentrar nessa manhã?

Cada instante que se arrastava era um momento em que ele desejava estar com ela. Abraçando-a, ou dentro dela, empurrando-a na direção do prazer, de seus doces gritos de desejo. Conversando e rindo com ela depois.

– Aham. – O mordomo apareceu à porta. – Perdoe a interrupção, sir. Lady Parkhurst precisa da sua atenção em um assunto.

– É mesmo? – Sir Vernon deu de ombros. – Você me dá licença, Granville? É provável que seja alguma questão relativa à administração da casa ou a cardápios, mas precisamos manter as mulheres felizes.

– Sem dúvida.

Essa era a oportunidade que Piers estava esperando.

Ele poderia vasculhar a escrivaninha do homem, terminar a missão que estava ali para realizar. Então poderia anunciar seu noivado com Charlotte e ir embora.

Assim que ficou sozinho, foi até a escrivaninha.

Blam. O barulho o fez parar.

Provavelmente não era nada. Um criado derrubando algo no andar de cima, só podia ser.

Ainda assim, enquanto fechava uma gaveta e remexia silenciosamente na segunda, sua mente não deixou aquilo de lado.

Ele não gostou do silêncio que se seguiu ao baque.

Se um objeto era derrubado, precisava ser pego. A menos que Charlotte fosse quem derrubou o objeto, e nesse caso o objeto derrubado poderia permanecer no chão por um ano ou mais.

E assim a cabeça dele voltou para Charlotte.

Ele sorriu para si mesmo, e antes que percebesse o que fazia, seu olhar tinha ido parar no nicho da janela.

Aquilo era inútil. Ele não conseguia tirá-la da cabeça. Não conseguia ficar tranquilo com o silêncio. E se não conseguia se concentrar no que estava fazendo, era melhor esperar por outra oportunidade. Distraído poderia cometer algum erro.

Ele fechou a gaveta e saiu da biblioteca, virando na direção da escada.

O que ele encontrou no corredor o deixou lívido. Ali estava a origem do baque.

Charlotte.

Ele correu até ela.

– Charlotte. – Ele sacudiu o braço dela. – Charlotte. Você está bem?

Sem resposta. Nenhuma reação. Ela estava imóvel.

Quando Piers a virou e levantou, a cabeça dela caiu para trás. Seus lábios estavam azulados.

Uma sensação de náusea cresceu em seu estômago.

– Não. – Ele a sacudiu, sem resultado. – Não, não, não.

Isso não podia estar acontecendo. Não dessa vez. Ela não seria tirada dele.

Ele abriu a pálpebra dela para conferir o olhar, então aproximou o rosto dos lábios pálidos.

Pelo menos Charlotte estava respirando. Quando colocou a mão no pescoço dela, viu que o coração estava batendo... em ritmo acelerado.

Talvez não fosse tarde demais.

Charlotte, Charlotte. Quem fez isso com você?

– Ridley! – ele gritou, repentinamente rouco. – A Srta. Highwood está doente.

Ridley abaixou-se ao lado dele.

– Quer ajuda para colocá-la na cama?

– Não toque nela. Ninguém mais toca nela.

Ele seria o único a carregá-la, a segurá-la. A pegá-la nos braços e recolocá-la na cama. A tirar o cabelo de suas faces rubras, febris.

– Encontre Sir Vernon – Piers disse, mal disfarçando o nervosismo em sua voz. – Diga-lhe para mandar buscar o médico.

Ridley concordou.

– Agora mesmo, meu lorde.

Piers tirou a gravata do pescoço e a molhou no lavatório. Então voltou à cama e passou o tecido úmido no rosto e no pescoço dela.

Charlotte se mexeu e o coração dele se animou com esperança.

– Fique comigo, Charlotte.

Ele quase podia ouvi-la provocando-o: *Eu não gosto que me digam o que fazer.*

Acorde, então. Acorde e diga-me isso.

Se ele precisasse irritá-la de volta à vida, ele o faria.

– Charlotte, fique comigo. Está ouvindo? Você não pode me deixar. Eu a proíbo.

Enquanto a abraçava, ele contou cada uma das respirações preciosas e curtas dela. Quando teve coragem de desviar o olhar, passou-o pelo quarto. A bandeja de café da manhã estava sobre a mesa. Parecia intocada, com o bule de chocolate ainda fumegante e o prato decorado com... Um ramo sinistro de planta.

Ele reconheceu de imediato. Mata-cão. Uma das variedades mais mortais das ranunculáceas. Nem precisava ser ingerida. O mero contato com a pele podia ser fatal.

Charlotte não tinha simplesmente adoecido. Ela tinha sido envenenada.

– Qual mão? – ele perguntou. – Charlotte, você precisa acordar. Diga-me com qual das mãos você pegou a flor.

Os cílios tremeram e ela olhou na direção do braço direito.

Piers virou a palma dela para cima. Cristo. A pele ainda estava arranhada de segurar as rédeas na cavalgada alucinante do outro dia. Uma porta aberta para o veneno entrar.

Ele pegou o jarro no lavatório e lentamente despejou a água restante sobre o antebraço direito, deixando o líquido escorrer pela palma até os dedos e cair no chão.

– Ridley! – ele gritou.

O outro apareceu na porta, ofegante depois de subir e descer a escada correndo.

– Já foram buscar o médico.

– Não podemos esperar tanto. É mata-cão. Pegue a navalha e a bacia no meu lavatório. Preciso sangrá-la para extrair o veneno.

– Sim, meu lorde.

Piers amarrou sua gravata no alto do braço direito dela, apertando-a com firmeza para servir de torniquete. Ela soltou um gemido fraco de dor quando ele apertou o nó. Piers ignorou o som. Desse ponto em diante não havia lugar para emoção nem espaço para dúvida.

Seu primeiro objetivo era garantir que Charlotte sobrevivesse.

O segundo era descobrir quem tinha feito isso, e fazê-lo pagar.

Capítulo dezenove

Ela passou o que pareceram dias recuperando e perdendo a consciência.

Não importava quando ela acordava, em plena luz do dia ou na escuridão da noite, sua mãe estava ao seu lado, sempre. Colocando um pano molhado em sua testa ou alimentando-a com colheres de caldo de carne.

Quando Charlotte se sentiu bem o bastante para sentar, a mãe a ajudou a se lavar e a vestir uma *chemise* limpa. Depois, a Sra. Highwood ficou atrás dela, na cama, para escovar e trançar seu cabelo.

– Obrigada, mamãe. Você não precisa fazer tudo isso por mim. Eu posso chamar uma criada.

– Bobagem – ela disse. – Continuo sendo sua mãe, ainda que você tenha crescido. E mães nunca perdem a prática.

– Tenho uma vaga lembrança de ficar doente quando pequena. Eu devia ter 2 anos. Talvez 3...?

– Três. Você teve escarlatina. Minerva também.

– Mesmo? Não me lembro de ter tido febre. Só me recordo de ficar irritada por ser proibida de sair de casa durante muito tempo, e de você me dando limão e mel com um lenço torcido. Mas imagino que você tenha ficado preocupada.

A mãe bufou.

– Meus nervos nunca mais foram os mesmos. Imagine só. Eu tinha ficado viúva há pouco tempo. Nós fomos tiradas de casa quando o primo do seu pai herdou a propriedade e me reservou uma renda miserável. Eu estava sozinha pela primeira vez na vida, com três filhas pequenas para criar, e duas de vocês estavam queimando de febre.

– E a Diana?

– Eu tive que mandá-la ficar com a esposa do vigário. Não a vimos durante um mês. – Ela fez uma pausa. – Ou foram dois meses? Lembro que ela ainda estava fora no meu aniversário de 25 anos.

– Deus. – Charlotte sabia que a mãe tinha ficado viúva ainda jovem, mas nunca tinha parado para pensar o que isso significa em termos tão práticos.

A mãe puxou seu cabelo.

– Não blasfeme.

– Desculpe. Não consigo imaginar como você conseguiu lidar com tudo isso.

– Da mesma forma que toda mulher consegue, Charlotte. Nós não temos o poder nem a força física dos homens. Temos que buscar nas reservas que existem dentro de nós mesmas.

Ela dividiu o cabelo de Charlotte em mechas e começou a fazer uma trança apertada.

– Depois que vocês três estavam bem de saúde e debaixo do mesmo teto, jurei que nunca mais passariam por dificuldades. Vocês teriam bons casamentos, com homens que pudessem lhes oferecer segurança de verdade. Eu nunca quis que vocês passassem noites em claro, preocupando-se com a conta do açougue.

Charlotte se sentiu mesquinha por já ter reclamado dos esquemas casamenteiros de sua mãe. Esses esquemas eram, sem dúvida, ridículos e constrangedores... Mas as dificuldades da vida acabam moldando as pessoas, assim como as pedras e o vento podem torcer as raízes de uma árvore em crescimento.

Além do mais, ela tinha sorte de ter mãe. Muitas crianças cresciam sem uma. Piers, por exemplo, sofreu por causa disso – isolado do mundo, um estranho às suas próprias emoções. Pelo menos Charlotte sempre soube o que era ser amada.

Ela enfiou a mão debaixo do travesseiro e encontrou sua tira de flanela bordada, sentindo sua maciez entre os dedos.

– Por que você não se casou de novo?

– Eu pensei nisso – a mãe respondeu. – E recebi propostas. Mas durante muitos anos não consegui aceitar essa ideia. Depois, era tarde demais. Eu perdi minha juventude.

– Você deve ter amado muito nosso pai.

A mãe não respondeu. Ela amarrou a trança com um laço e deu a volta na cama para se sentar ao lado da filha. Os olhos azuis da Sra. Highwood ficaram úmidos ao fitarem o rosto de Charlotte.

– Oh, filha... – Ela suspirou.

Um nó se formou na garganta de Charlotte.

– Sim, mamãe?

– Você parece um cadáver. Pelo amor de Deus, ponha um pouco de cor nesse

rosto. – Ela agarrou as maçãs do rosto de Charlotte com polegares e indicadores e apertou com força.

– Mamãe! – Charlotte tentou se soltar dos beliscões. – Ai!

– Oh, fique quieta. Quando Lorde Granville olhar para você, não queremos que veja um monstro desmazelado. Ele pode até querer terminar o noivado.

A menção a Piers produziu um aperto em seu coração. Ela aguentaria mil beliscões se isso significasse vê-lo e ser abraçada de novo por ele.

– Lorde Granville não vai terminar o noivado. – Charlotte tinha lhe dado amplas oportunidades, e ele não aceitou.

Eu escolho você, Charlotte. E não vou olhar para trás.

– Você acha que ele não vai terminar, mas não banque a convencida. Você é uma jovem animada e toleravelmente inteligente, mas sua aparência é sua melhor arma.

Charlotte recostou-se nos travesseiros. Era inútil argumentar.

– Mamãe, eu amo você – ela disse em voz alta, acima de tudo, para guardar as palavras. – Ainda que seja absurdamente constrangedora, e me deixe completamente maluca.

– E eu amo você. Apesar de ser ingrata e cabeça-dura, e não ter nenhum respeito pelos meus nervos. Imagino que queira que Delia venha ler para você.

– Não. Agora não. Eu quero ver Piers.

– Lorde Granville não está aqui.

Charlotte voltou a se sentar.

– Não está aqui? Para onde ele foi? E, se o marquês não está na mansão, por que a senhora torturou minhas bochechas?

A mãe deu de ombros.

– Ele precisava cuidar de algo. Homens importantes são assim, Charlotte. Eu sei que ele não é um duque, mas você precisa se acostumar com a ideia de que seu futuro marido é um homem requisitado.

Charlotte fez uma prece silenciosa, pedindo paciência.

– Por acaso a senhora sabe quando meu requisitado futuro marido vai voltar?

– Eu o ouvi dizendo para Sir Vernon que esperava retornar esta noite, mas que pode ser bem tarde. Melhor assim. Amanhã você vai estar bem o bastante para levantar da cama.

Ela não podia esperar até o dia seguinte. Charlotte precisava ver Piers. Ela se lembrava dos braços dele à sua volta no corredor, e da preocupação no rosto dele enquanto procurava a causa do colapso dela.

Charlotte levou a mão ao curativo da incisão em seu braço. Na última vez em que Piers a tinha visto, ela estava fraca e inconsciente. Essa não era a impressão que ela esperava criar quando jurou convencê-lo de que poderia ser uma parceira competente. Ela tinha implorado por uma chance de mostrar seu valor, e então não conseguiu passar do café da manhã. A essa altura ela teria sorte se ele confiasse nela para servir uma xícara de chá.



Piers galopava pela estrada esburacada de terra como se o diabo estivesse bafejando em seu pescoço.

Em momentos assim ele invejava o irmão. Boxe parecia a carreira ideal para alguém espantar seus demônios pessoais. Quando Rafe queria bater em algo – ou alguém – não precisava de desculpas.

Piers não dispunha desse luxo. A violência em sua linha de trabalho era esporádica, na melhor das hipóteses.

Nessa noite, o melhor que ele podia fazer, enquanto virava na trilha da propriedade, era forçar seu cavalo em um galope, na esperança de que o vento frio aplacasse um pouco de sua fúria.

Ele estava bravo com Sir Vernon e o hospício que parecia estar administrando. Furioso com quem tinha envenenado Charlotte. Mas, acima de tudo, estava lívido consigo mesmo.

Ele desmontou do cavalo e entregou as rédeas para um cavalariço antes de adentrar a Mansão Parkhurst. Não procurou seu anfitrião nem fez qualquer esforço para ser educado, apenas subiu a escada correndo.

Piers ficou tentado a ir até o fim do corredor para ver Charlotte, mas resistiu ao impulso. Ele tinha falhado em protegê-la de ser envenenada. O mínimo que podia fazer era deixá-la descansar.

Depois que conversou com Ridley e se certificou de que a recuperação dela prosseguia, Piers se recolheu em seu quarto e trancou a porta. Tirou o colete e as botas, e após soltar o nó da gravata, a jogou de lado e puxou de dentro da calça a bainha da camisa, tirando-a pela cabeça. Então ele foi até o lavatório e encheu a bacia, limpando-se e jogando água no rosto.

– Você vai deixar isto no chão?

Ele levantou a cabeça e se virou.

Charlotte estava encostada na parede ao lado da porta trancada, segurando a gravata em uma das mãos. Um sorriso maroto curvava seus lábios. Ela parecia a linda assistente de um mágico, preparada para receber aplausos entusiasmados.

Voilà!

Ele enxugou o rosto com uma toalha e a encarou, incrédulo.

– Como foi que você...

Das costas, ela tirou a mão que segurava um alfinete de cabelo.

– Eu andei praticando. Você tinha razão, não é muito difícil depois que se pega o jeito.

– Você deveria estar descansando.

– Faz dois dias que eu só descanso. Estou bem. – Ela deixou a gravata escorregar até o chão e se aproximou dele, passando as mãos em seu peito nu. – Na verdade, estou ficando melhor a cada instante.

Ele fechou os olhos, tentando se proteger da tentação do corpo dela envolto em um robe de seda, com aquela trança grossa de cabelo dourado caída à frente do seio.

Mas a tentativa falhou. Com os olhos fechados, a intimidade do momento só cresceu. Ele se viu estendendo as mãos para ela, perdido no prazer do toque macio de Charlotte. Os dedos dela vagaram por sua pele nua, delineando o contorno de suas clavículas e acompanhando a trilha de pelos que divida seu peito.

E então, quando ele não conseguiria viver nem mais um instante sem eles, os lábios dela tocaram os seus.

Deus, o que essa mulher fazia com ele? Os pulmões de Piers ficavam sem ar. Seu coração ribombava como louco.

Droga, seus joelhos quase cederam.

Pernas bambas eram uma invenção de romances baratos. Não devia acontecer na vida real, mas lá estava ele, fraco de desejo.

As mãos dele encontraram a cintura dela. Ou talvez a cintura dela tenha encontrado suas mãos. Não importava. Ela não iria escapar. Ele agarrou o tecido sedoso, escorregadio, e a puxou para perto enquanto aprofundava o beijo.

Como seria fácil carregá-la para a cama e perder-se na doçura dela.

Charlotte estava frágil, mas ele saberia ser delicado. Talvez. De algum modo.

Então ela passou os braços ao redor do pescoço dele, e Piers sentiu algo arranhá-lo. O curativo que protegia o antebraço dela.

Isso o fez recobrar o bom senso. Abriu os olhos, de repente, e tirou as mãos

dela de seu pescoço.

Piers não podia permitir que isso acontecesse. Não de novo. Ele não podia deixar que desejo e emoção afetassem seu raciocínio. Não quando a segurança dela dependia de que os instintos dele continuassem aguçados.

– Quem trouxe a bandeja do café da manhã para o seu quarto? – ele perguntou.

Ela arregalou os olhos, parecendo desorientada com a mudança repentina de assunto.

– O quê?

– A bandeja do café da manhã com o mata-cão. – Ele a levou até uma cadeira para que ela se sentasse, depois sentou em uma banqueta à frente dela. Piers apoiou os cotovelos nos joelhos dela e entrelaçou os dedos. – Quem a trouxe para o seu quarto?

– Uma criada.

– Qual criada?

Ela meneou a cabeça.

– Não sei. Eu mal a vi. Ela era ruiva.

– Nenhuma das criadas é ruiva.

– Talvez eu tenha me enganado, então.

Piers duvidava disso. Lembranças não eram perfeitas. Tinham falhas. Mas cabelo ruivo não é o tipo de detalhe que a imaginação de alguém usa para preencher as falhas.

– Por que você não os interroga? – ela disse.

– Nós já interrogamos. Todos os empregados negam saber de qualquer coisa a respeito.

– Bem, é natural que neguem. Devem estar com medo de serem demitidos. Lady Parkhurst cultiva plantas incomuns. Estou certa de que foi apenas um erro.

– Ninguém põe mata-cão em uma bandeja de café da manhã por erro.

Ela abriu um sorriso.

– Talvez não no seu tipo de trabalho, mas este não é o cenário de uma intriga internacional. São férias no campo.

– Não seja ingênua – ele disse, a voz um pouco mais mordaz do que pretendia. – Você tem feito perguntas para resolver seu pequeno mistério. Talvez tenha chegado perto demais de um segredo que alguém faria qualquer coisa para preservar.

– Piers, você precisa parar de ver conspirações onde elas não existem. –

Charlotte tocou a testa dele, como se tentasse alisar as rugas de preocupação. – Esse é só outro exemplo das diferenças entre nós. Eu sou otimista; você sempre pensa o pior. Eu deixo tudo aberto e espalhado; você guarda tudo muito bem-organizado. Eu vejo o copo meio cheio; você o vê com veneno.

– Você seria igual, se tivesse o mesmo tipo de trabalho que eu. E é por isso que nunca vou permitir que faça o mesmo trabalho.

– Você disse que iria pensar.

Ele *tinha* pensado.

Apesar de seu bom senso recomendar o contrário, ele tinha considerado a ideia de colocá-la no serviço. Claro que ela não iria se esgueirar em parapeitos de janelas nem contrabandear documentos. Mas Charlotte era observadora e sabia ganhar a confiança dos outros. Ele podia enxergar os dois voltando para casa ao fim de um baile ou jantar, compartilhando suas observações, conversas e fofocas que tivessem ouvido. Para então fazerem amor apaixonadamente. Mas quando a viu desmaiada no corredor, todos os planos dele mudaram. Tudo mudou.

– Eu consigo, Piers. Já tenho a disposição para isso. Quando eu voltar da viagem vou estar mais refinada, mais experiente. Uma parceira competente para você, e capaz de me defender.

– Eu vou defendê-la. E você não vai viajar para lugar nenhum.

Ela lhe lançou um olhar magoado.

– Você prometeu me dar uma chance de provar que sou capaz.

– Isso foi antes de você quase morrer nos meus braços. Quando eu a encontrei no chão...

Ele soltou o palavrão mais violento que jamais tinha soltado na presença de uma mulher.

– Eu sei. – Ela se adiantou até a borda da cadeira, fechando as mãos sobre os dedos trêmulos dele e apertando-os. – Eu sei que você ficou assustado.

Não, ela não sabia.

Ela não fazia ideia de como aquela cena o abalou, e nunca faria. Esse segredo – o peso esmagador da vergonha – seria apenas dele. Ele o suportava há décadas, e continuaria a suportá-lo no futuro.

– Eu preciso dizer algo. – Ela apertou as mãos dele, embora seu olhar baixasse para o chão. – Estou querendo lhe dizer há algum tempo. Não que vá ser uma surpresa. Você é inteligente o bastante para ter percebido, a esta altura. Quero dizer... a clareira... você já deve ter chegado à essa conclusão.

Ele a observava, perplexo.

– Receio que seja algo que você não ficará feliz em escutar. Você vai querer discutir, mas não vai adiantar nada. Não é o único que sabe tomar decisões irreversíveis, e também sabe que sou muito obstinada para alguém tentar me dissuadir.

Bom Deus. Ela queria deixá-lo. Ele tinha sido um fanfarrão estúpido na outra noite, gabando-se de todas as alternativas de que dispunha para ter resolvido a situação deles. Agora ela iria desafiá-lo, pedir para ser liberada do compromisso.

E o que era pior – ele sabia qual deveria ser sua resposta. Teria que ser decente o bastante para deixá-la ir. Mas de jeito nenhum Piers faria isso agora.

– Uamucê – ela disparou.

Ele arregalou os olhos.

– O quê?

Que diabos era Uamucê? Um vilarejo? Uma pessoa? Uma propriedade? Algum lugar para onde ela queria viajar?

– Nossa! – ela exclamou, depois de alguns instantes em silêncio. – Eu sabia que você era contra a ideia, mas esperava um pouco mais de reação.

– Charlotte, você vai ter que me explicar. Estou completamente perdido. Onde... ou o quê... é Uamucê?

Ela olhou para o teto e suspirou.

– Não disse “Uamucê”, seu bobo. Eu disse “eu amo você”.

Capítulo vinte

Charlotte foi ficando cada vez mais ansiosa enquanto esperava pela reação de Piers.

Durante momentos longos e insuportáveis, ele só a encarou.

Talvez ela precisasse repetir o que tinha dito.

Ela deslizou até a borda do assento e se inclinou para frente até seus joelhos tocarem os dele.

– Piers – ela sussurrou –, eu disse que eu, Charlotte... com todo este órgão que bate em meu peito, que as pessoas normalmente chamam de coração... amo você. Profundamente. Isso faz mais sentido?

– Não. – Ele sacudiu a cabeça, entorpecido. – Na verdade, não.

Deus, aquilo iria ser pior do que ela tinha imaginado. Charlotte sabia que ele não tinha intimidade com emoções – pelo menos não quando se tratava de uma ligação romântica. Mas decerto ele compreendia o conceito.

Pensando bem, talvez ele compreendesse muito bem... A expressão dele era um pouco além do que apenas confusa. Ele parecia relutante. Desafiador. Hostil.

– Você não pode dizer isso, Charlotte.

– Por que não? Você acha que é cedo demais?

– Daqui a cem anos seria cedo demais. Existem muitas coisas que você não sabe. Coisas que nunca vai saber.

– Você não acha... – Ela fez uma pausa, reunindo coragem para fazer a pergunta. – Com certeza você não acha que o envenenamento foi culpa sua.

– É claro que foi minha culpa. Eu deveria ter sido mais cuidadoso. Isso não teria acontecido se eu...

– Não, não – Charlotte disse. – Não estou falando de mim. Pelo menos não só de mim. Mas da sua mãe, também.

Ele semicerrou os olhos, defensivo.

– O que a minha mãe tem a ver com esta conversa?

– Tudo, eu acho. Como não poderia influenciar sua reação? Você me encontrou caída no corredor, o que deve ter provocado lembranças dolorosas em você. Foi láudano que a levou, ou outra coisa?

– Quem lhe contou isso?

– Você contou – ela o encarou.

– Não. – Ele soltou as mãos dela e recuou. – Eu contei que ela morreu depois de uma longa doença. Nunca falei nada sobre como aconteceu.

– Não diretamente, mas faz sentido. Todo mundo sabe que mulheres com variações violentas de humor são tratadas com esse tipo de remédio. Nada consegue abalar você, mas começou a suar frio quando eu demorei para acordar de uma soneca. Quando fui envenenada, você levantou todas as muralhas de novo.

– Muralhas? Que muralhas?

– As muralhas ao redor do seu coração, Piers. Você perdeu tudo quando era criança. Ao ficar adulto, empenhou-se em uma profissão perigosa, às vezes violenta. É difícil até imaginar como isso tudo pode afetar um homem. Como pode deixá-lo insensível. Relutante a permitir que qualquer pessoa se aproxime.

– Você está sendo absurda. – Ele se levantou e se afastou alguns passos. – Pulgas têm mais dificuldade para pular de um cachorro para outro do que sua mente pula de uma conclusão para outra.

– Oh, não. Nem pense que você pode se fechar para mim, agora. – Ela foi atrás dele, colocando-se à sua frente para bloquear o caminho. – Eu sei o quanto demorou para você deixar alguém se aproximar tanto. Pelo amor de Deus, faz mais de um ano desde que Ellingworth morreu, e você ainda não foi em busca de um cachorro novo.

Ele desviou o olhar e soltou um suspiro baixo, irritado.

– Eu sei o que você quer. Eu disse para você, desde o início, que não era o homem que lhe daria tudo o que almeja.

– Então somos iguais. Porque Deus sabe que existem mulheres mais bem preparadas para amar você. Mas parece que eu sou a mulher que o ama. – Ela tocou o peito dele. – Você mesmo me disse que é tarde demais. Eu estou na sua cabeça, em seu ser, no seu sangue. Não vai conseguir me manter longe de seu coração.

– Você precisa entender uma coisa: minha vida não tem espaço para incerteza, nem margem para erro. Eu tenho que conseguir pensar com clareza, ou pessoas

se machucam. Você pode se machucar. – A mão dele se fechou sobre o curativo no pulso dela. – Diabos, isso já aconteceu.

– E se eu lhe dissesse que sei quais são os riscos e estou disposta a enfrentá-los?

– Não mudaria nada. Essas muralhas, como você disse... Já fazem parte de mim, e são resistentes como ferro. – Ele levou a mão ao rosto dela, passando o polegar no lábio inferior. – Mesmo que eu quisesse, não saberia como destruí-las.

– Eu sei – ela disse em voz baixa. – Eu sei. – Charlotte passou os braços ao redor do pescoço dele. – É por isso que você precisa de mim. Eu vou acabar com elas.

Ele começou a responder. Mas ela não queria ouvir.

Charlotte puxou-o pelo pescoço, trazendo-o para si, e capturou a boca dele com a dela.

A princípio ele resistiu, mas ela não lhe deu chance. Talvez não fosse justo usar desejo contra ele, mas essa era a única arma de que ela dispunha. Essa era uma batalha para conquistar o coração dele. Charlotte usaria qualquer vantagem disponível.

Primeiro, ela beijou a boca dele delicadamente, tranquilizando aqueles lábios austeros. Depois, deslizou sua língua para dentro da boca de Piers, explorando suas profundezas.

Tomar a iniciativa era uma nova experiência. Ela gostou. Gostou muito, na verdade.

Com um suspiro de abandono, ela passou as mãos pelas costas dele, depois alcançou, impetuosa, os ombros e o peito nu.

– Você é perfeito. Tão lindo em tudo. – Ela beijou o peito dele, bem à esquerda do esterno. – Lindo por dentro, também...

Ele grunhiu para alertá-la.

– Charlotte...

– Sim? – ela disse, com a voz meiga e inocente. Ela recuou um passo e olhou para ele, deixando o robe de cetim deslizar até o chão. – Você dizia...?

Pelo modo faminto como o olhar dele passeou pela nudez de seu corpo, Charlotte soube que tinha vencido. Ele se renderia.

Ela recuou um passo, depois outro. Piers andou na direção dela como se fosse puxado por fios invisíveis que se estendiam dos mamilos dela até seus olhos.

Quando a parte de trás das coxas dela encostaram no colchão, ela se deitou na

cama. Com o olhar ainda grudado nos seios nus dela, Piers a seguiu, subindo de quatro pelo corpo dela.

– Não assim. Não desta vez. – Ela passou uma perna pela cintura dele e o virou, deitando-o de costas e ficando por cima. – Esta vez é minha.

Enquanto Charlotte se inclinava para beijar seu pescoço não barbeado, Piers murmurou uma imprecação. Ela deslizou a língua pela clavícula dele, e foi descendo pelo meio do peito, mordiscando os mamilos.

Então, ela montou sobre as coxas dele. Levantou os seios com as mãos, juntando-os para o deleite de Piers. Ela circulou os bicos com a ponta dos dedos, provocando-os até ficarem duros e salientes.

Ele soltou um som gutural.

– Você vai me matar.

Ela apenas sorriu.

Charlotte colocou a ponta de um dedo sobre os lábios dele, então o arrastou pelo queixo, pelo pescoço, chegando ao peito. Desceu mais e mais... até encontrar o volume que armava a calça dele, envolvendo-o com a mão.

Ela levou as mãos aos botões do fecho, e, dessa vez, seus dedos não vacilaram.

Piers prendeu a respiração quando ela colocou a mão dentro de sua calça, libertando a ereção inchada da prisão de camurça. Ela massageou a extensão dura para cima e para baixo, depois desceu para acariciar o saco macio e vulnerável.

Segurando-o, ela baixou a cabeça e passou a língua na ponta do membro. Os quadris dele sacudiram e Piers murmurou algo em um idioma que ela não reconheceu.

Quando Charlotte levantou a cabeça, ele a encarava. Mantendo o contato dos olhos, ela baixou a cabeça e o lambeu de novo, dessa vez enrolando a cabeça com a língua.

– Cristo.

A blasfêmia não a deteve nem por um instante. Ao contrário, ela sentiu um surto de poder quase divino.

Charlotte endireitou as costas. Piers estendeu as mãos para tocá-la, mas ela as pegou, entrelaçando seus dedos aos dele. Então ela empurrou os braços dele até a cama, prendendo-os no colchão. Quando ela se inclinou para frente, para segurá-lo com seu peso, o cabelo se soltou da trança e caiu sobre os dois.

Ela se movimentou um pouco, sentindo a dureza dele escorregar

deliciosamente em seus lugares mais sensíveis. Então Charlotte foi sentando-se nele, um pouquinho de cada vez, recebendo-o todo.

Estabelecendo um ritmo lento e suave, ela movimentou os quadris, recebendo todo o volume dele uma vez após a outra. Ela manteve os braços dele presos à cama e o encarou no fundo dos olhos.

– É tão gostoso ter você dentro de mim – ela sussurrou. – Tão grande e duro.

Ela adorava quando ele dizia coisas carnais. Talvez ouvir Charlotte falando-as também o excitasse.

E pareceu que ela tinha imaginado corretamente. Ele começou a arquear as costas, indo ao encontro dela em cada movimento. Estimulando-a a ir mais depressa. Enquanto eles se moviam juntos, o cabelo solto de Charlotte roçava seus próprios mamilos e as bochechas dele.

– Não vou aguentar por muito tempo – Piers disse, rilhando os dentes. – Goze.

Ela sorriu para ele.

– Você primeiro.

Charlotte soltou os braços dele, apoiando seu peso nos cotovelos e enfiando os dedos no cabelo de Piers. As mãos dele foram até os quadris dela, procurando a pele de Charlotte desesperadas. Ele orientou os movimentos dela, fazendo-a cavalgá-lo mais rápido, mais forte. Piers franziu o cenho com o esforço, e também mostrou os dentes.

O tempo todo, os olhares dos dois ficaram travados. Ele a penetrava mais fundo com os olhos azuis do que com o pau. Vasculhando-a, implorando.

– Eu te amo – ela arfou, sentindo-o crescer ainda mais dentro dela. – Amo, amo, am...

Ele a beijou. Piers podia calar suas palavras, mas não sua emoção. Nenhuma força na Terra poderia conter a onda que crescia no coração dela, nem o êxtase que se formava em seu centro.

Finalmente, ele se rendeu. Com um grito gutural, bárbaro, ele foi fundo, segurando os quadris dela no lugar. Ela sentiu uma série de espasmos frenéticos quando ele liberou seu prazer.

O êxtase dele provocou o dela. Charlotte fechou os olhos. Não conseguiu evitar. A alegria, o desejo, o alívio, o amor... Tudo isso entrou em redemoinho e colidiu dentro dela. Luz brilhou por trás de suas pálpebras. Ela viu estrelas.

Quando sua respiração acalmou, ela olhou de novo para ele – e ficou enternecida por encontrá-lo olhando para ela. Ela afastou o cabelo úmido da testa dele.

– Isso... – ela deu um beijo nos lábios dele – ... foi fazer amor.

Ele fechou os olhos.

– Charlotte...

Ela o silenciou.

– Está tudo bem. Eu sei que é novo para você, e provavelmente um pouco assustador. É bem novo e assustador para mim, também. Mas eu amo você, e é importante que saiba disso. Porque não importa o quanto tente controlar suas próprias emoções, não vai conseguir controlar as minhas. Eu sei o que existe dentro de você, por trás de todas essas muralhas. Vou continuar quebrando-as, pedacinho por pedacinho, até chegar lá. Mesmo que demore anos. Décadas. Eu sei que o esforço vai valer a pena. – Ela deitou sobre o peito dele, escondendo o rosto na curva do pescoço. – Nunca vou desistir de você.

Ele passou os braços ao redor dela, apertando-a tanto que ela mal conseguia respirar. Mesmo assim, Charlotte se sentiu segura naquele abraço. O coração dele batia junto à orelha dela, firme e forte, colocando-a em um transe.

Algum dia, Charlotte disse para si mesma, ela precisava aprender a fazer amor sem cair no sono logo depois.

Esse dia não seria hoje.



– Charlotte, acorde.

Ela abriu os olhos de uma vez e sentou ereta na cama. As últimas duas vezes em que ele tentou acordá-la foram um desastre. Ela não iria fazer com que Piers ficasse preocupado de novo.

– Tem fumaça aqui – ele disse. – Precisamos nos apressar.

Assim que ele a tirou da cama, passos ecoaram no corredor. Alguém estava correndo pela casa, parando apenas por tempo suficiente para bater em cada porta.

– Fogo! Fogo!

Enquanto Piers verificava o corredor para ter certeza de que era seguro sair, ela colocou o robe e o amarrou na cintura.

Eles saíram do quarto e encontraram a casa em polvorosa. Pessoas de camisola passavam apressadas por eles nas duas direções. Charlotte não viu chamas. Contudo, uma nuvem de fumaça acre tomava o corredor à direita, bloqueando o caminho para a escadaria principal.

– Por aqui – ele disse, pegando-a pelo punho e encaminhando-se à esquerda. – A escada de serviço. Vá na frente e seja rápida. Eu vou logo atrás com a sua mãe.

Ah, não. Mamãe.

Ela olhou para a fumaça preta que fluía. O quarto da mãe ficava daquele lado do corredor. Quase em frente ao de Charlotte.

Charlotte então pensou na idade da mãe, sua visão já não tão eficaz e seus nervos incontroláveis. Ela nunca conseguiria escapar sem ajuda.

Ela puxou o braço que Piers segurava e foi para a direita.

– Não. – Ele a segurou. – Desça a escada.

– Não posso. Não sem ela.

– Vá agora. Eu a carrego, se for necessário, mas não posso carregar vocês duas. Você vai acabar me distraindo.

– Mas...

Quem vai carregar você, se não aguentar?

Antes que Charlotte conseguisse reagir, Piers desapareceu no corredor fumacento. Ela ficou parada, olhando sem reação para ele por um momento. Então a nuvem de fumaça começou a envolvê-la, fazendo seus olhos arderem.

O instinto de sobrevivência de seu corpo a puxou em uma direção. Seu coração a puxou em outra.

– Charlotte?

Ela se virou na direção da voz. Delia estava parada à porta do quarto dela, tossindo. Charlotte correu para o lado da amiga, passando um braço por baixo de seu ombro.

– Apoie-se em mim. Nós vamos pela escada de serviço.

Juntas, elas se apressaram na direção da escada estreita e escura, e desceram tateando pelos degraus. Um deles estava torto e Delia tropeçou, mas Charlotte a segurou. Assim que chegaram ao pé da escada, foram cambaleando por um corredor estreito, conseguindo se manter no máximo dois passos à frente da fumaça, que as perseguia como um demônio malévolo.

Quando enfim saíram para a noite, respiraram o ar fresco e frio como água no deserto, então correram para se juntar ao grupo de familiares e criados no jardim dos fundos.

– Delia! – Lady Parkhurst correu para abraçar a filha, tirando-a do lado de Charlotte e correndo para o banco onde Frances estava sentada, trêmula.

Sir Vernon segurava uma tocha e gritava ordens para criados e cavalariços,

organizando uma brigada de baldes para levar água da bomba até a fonte do incêndio. Até o jovem Edmund foi colocado na ativa para trazer baldes de couro dos estábulos.

Charlotte olhou para a casa. Estava tão escura, e os criados entrando e saindo dificultavam ainda mais a visão. A cada momento sua espera se arrastava, e seu coração subia mais pela garganta.

As duas pessoas mais importantes de seu mundo estavam no meio daquele inferno de calor e fumaça.

Se ela os perdesse...

A tensão era insuportável. Ela não conseguiu mais ficar ali, parada, e correu de volta à entrada de serviço, abrindo caminho em meio aos criados. Caso sua mãe e Piers estivessem em perigo, iria ajudá-los – ou morreria tentando.

Assim que ela chegou à entrada, sua mãe emergiu em meio à revoada de rendas brancas de sua camisola, com a touca de lado.

Charlotte correu até ela e passou os braços ao redor do pescoço da mãe, emocionada de alívio.

– Mamãe. Graças a Deus. Onde está Piers? – ela perguntou assim que tirou a mãe de perto da casa.

– Ele voltou para ajudar os homens a apagar as chamas.

Claro que sim. Sempre o herói.

Oh, Senhor. Charlotte levou as mãos à boca, segurando um soluço.

– Venha. – A mãe pôs o braço em volta dos ombros de Charlotte. Sua voz estava calma. – Sente-se comigo.

– Não posso. Eu tenho que ir ajudar o Piers.

– Ele é forte e capaz. O melhor que você pode fazer para ajudar é ficar fora de perigo. E, enquanto isso, nós vamos rezar.

Rezar? Os pensamentos de Charlotte não conseguiam ser organizados para nada a não ser para os pedidos mais desesperados e desarticulados. Algo parecido com isto: *Por favor, por favor, por favor, por favor.*

Depois de alguns minutos, ela notou que o ritmo dos homens que carregavam os baldes tinha diminuído. Um deles saiu da casa e conversou com Sir Vernon, que então foi se juntar ao grupo.

Charlotte levantou do banco. A Sra. Highwood levantou com ela, segurando sua mão.

– O fogo foi apagado – ele anunciou, fazendo um gesto com as mãos, pedindo tranquilidade. – Os homens estão um pouco chamuscados, mas ninguém ficou

ferido gravemente.

A ladainha interna de Charlotte mudou no mesmo instante.

Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada.

– As chamas foram restritas a um quarto, felizmente. A ala inteira vai precisar ser bem arejada, para que o cheiro de fumaça saia, mas não houve outros prejuízos.

– O que provocou o incêndio? – Charlotte perguntou.

– Eu gostaria de lhe fazer essa mesma pergunta, Srta. Highwood. O incêndio foi no seu quarto.

– Como?

– Pelo que parece, as chamas começaram no chão, em uma pilha de roupas perto da lareira. Então se espalhou pelo tapete até as cortinas e ao dossel da cama.

Ah, não. Ele estava querendo dizer que tudo aquilo era culpa de Charlotte?

Lady Parkhurst se virou para ela.

– Você derrubou uma vela, Charlotte? Esqueceu de proteger o fogo?

– Eu... não, acredito que não.

Por outro lado, ela tinha revirado muitas roupas enquanto procurava seu robe mais sedutor. Talvez uma meia ou camisola tivesse caído perto demais da lareira.

Sir Vernon franziu a testa.

– Você deve ter alguma noção do que aconteceu. Com certeza notou as chamas, ou não estaria aqui.

– Deixe-a em paz – Delia disse. – Ela sofreu um choque. É óbvio que Charlotte teve sorte de escapar com vida.

– Não foi sorte. – Os olhos de Frances chisparam os de Charlotte. – E ela não sabe explicar como o fogo começou, papai, porque não estava no quarto, mas nos aposentos de Lorde Granville.

Todos a encararam nesse momento. Charlotte não sabia para onde olhar. Ela puxou o robe ao redor do corpo, segurando-o bem junto ao pescoço. Pela primeira vez desde que escapou da casa, um arrepio a fez estremecer.

Delia, boa amiga que era, correu em sua defesa.

– Você deve estar enganada, Frances. A casa toda estava um alvoroço.

– Eu vi os dois deixando o quarto dele... juntos – Frances disse. – Não estou enganada, estou Srta. Highwood?

Charlotte engoliu em seco. Não adiantava negar.

– Não.

O silêncio que se seguiu foi doloroso.

– Charlotte? – Delia a encarou, magoada. – Eu pensei que nós tínhamos planos. Você disse que não queria nada com ele.

– Nós temos planos. Isso não mudou.

– Mas então por que você...

– Assassinato! – Edmund gritou. – Assassinato! Ele está tentando matá-la há semanas. Eu ouvi. *Ah, ah, ah.* Então *grrr...*

Lady Parkhurst pôs a mão sobre a boca do filho.

– Ass-ss – ele insistiu, apesar da boca coberta.

– Eu tentei avisar você – Frances disse para a irmã. – Fofoca tem sempre um fundo de verdade. Você leu sobre ela no *Tagarela*, mas não quis acreditar. Agora sabe a verdade. Charlotte estava usando você.

Charlotte se virou para Delia.

– Não é verdade, não acredite nela. Nós somos amigas. Melhores amigas.

– Amigas são honestas umas com as outras. Você mentiu para mim.

– Eu não queria mentir. Tudo começou com um mal-entendido. Eu estava tentando consertar tudo, e então...

– Eu fui tão burra. – Delia olhou para longe. – Eu deveria ter percebido. A ida às compras. Suas ausências misteriosas. Fui ao seu quarto na noite em que disse estar com enxaqueca, mas você não estava lá. Também deve ter fingido aquele caso bobo de envenenamento. Assim como as amoras e o cuspe de Satanás.

– Não, Delia, por favor. Eu sei como isso soa errado, mas me dê uma chance de explicar.

Não adiantava. Delia estava na defensiva. Talvez, algum dia, ela se dispusesse a ouvi-la e perdoá-la, mas não seria nesta noite.

– Não se preocupe, Delia – Frances disse com afetação. – A Sociedade irá puni-la. Acredito que nós já sabemos que nome o *Tagarela* vai dar para ela, agora. É bem fácil, já que rima com Charlotte.

– Bisbilhote? – Lady Parkhurst sugeriu.

– Não, outro.

Sir Vernon interveio:

– Ela quer dizer “amigalhote”.

– Amigalhote? – a Sra. Highwood repetiu. – O que isso quer dizer?

– É um termo utilizado para amigos que inspiram pouca confiança.

Frances suspirou.

– Sério, papai? Ninguém vai chamá-la de amigalhote.

– Bem, então o que você está sugerindo? – Lady Parkhurst perguntou. – Marmota, imagino. Mas isso não rima.

Charlotte não conseguiu aguentar mais aquela maluquice e disse:

– Cocote!

A palavra fez toda conversa cessar.

– É o que Frances está querendo dizer. Que vão me chamar de Charlotte Cocote.

Uma mão grande pousou nas costas dela. Seu dono anunciou com a voz grave, dominante:

– Todos irão chamá-la de Sua Senhoria, Marquesa de Granville. Minha esposa.

Piers! Charlotte deu meia-volta. Lá estava ele, ainda sem camisa. O tronco sujo de fuligem, e cinzas cobriam seu cabelo. Ele cheirava como uma fogueira.

Aos olhos dela, ele nunca esteve tão perfeito.

Naquele momento, Charlotte não se importou com nada que pensassem dela. Não se importou que Frances a chamasse de todo tipo de nome vulgar.

Ela passou os braços pela cintura dele e o abraçou, segurando a respiração para poder ouvir as batidas reconfortantes do coração de Piers.

– Eu tive tanto medo – ela sussurrou.

Ele deslizou a mão pela coluna dela para cima e para baixo, acalmando-a com um murmúrio.

– Acabou, querida. Está tudo bem agora.

Frances não se abalou.

– Com certeza não pretende mesmo se casar com ela, meu lorde. Não se deixe enganar para preservar a virtude de uma mulher que não tem nenhuma. Ela e a mãe são duas alcoviteiras infelizes...

– Perdoe-me, Srta. Parkhurst – a mãe de Charlotte interveio. – Eu posso ser alcoviteira, mas Charlotte? Jamais. Não importa o quanto eu a tenha encorajado, essa garota teimosa nunca cooperou.

Sir Vernon olhou com severidade para a filha mais velha.

– Frances, procure se acalmar.

– Acalmar? Você não consegue ver o que está acontecendo? – Frances gesticulou para Charlotte. – Ela armou uma emboscada para Lorde Granville desde o começo. E agora que ele está prestes a partir, ela ficou desesperada. Aposto que causou o incêndio de propósito. Então foi até o quarto de Lorde

Granville na esperança de provocar um escândalo quando o alarme fosse dado. Estou lhe dizendo, papai, ela poderia ter queimado toda a nossa casa.

– Basta! – Piers ordenou. – Devo lembrá-la, Srta. Parkhurst, que é da minha futura esposa que está falando. Não vou aceitar que a acuse de trapaças ou de não ter moral, muito menos que a calunie com a acusação de incendiária. Nosso noivado foi acordado muito antes desta noite. A licença de casamento foi pedida, os contratos foram assinados e o anúncio vai aparecer na edição de amanhã do *Times.*

– Você já publicou um anúncio de noivado? – Charlotte olhou para ele. – Sem falar comigo?

Piers nem olhou para ela.

– Ela vai embora comigo e nós nos casaremos na minha propriedade.

Charlotte não conseguia entender como aquilo tinha acontecido. Ele deve ter ficado bastante ocupado enquanto ela dormia.

– Bem – Lady Parkhurst disse, em um esforço óbvio para descontrair a voz. – Que coincidência feliz. Vamos mesmo oferecer um baile amanhã. Podemos aproveitar para comemorar essa notícia alegre.

Delia olhou para Charlotte, os olhos transbordando mágoa.

– Perdoem-me se eu não comparecer. Desejo muita felicidade ao casal.

Ela se virou e andou em direção à casa.

Charlotte deixou os braços de Piers para correr atrás da amiga.

– Espere! Delia, espere. Por favor, deixe-me explicar. As coisas que Frances disse... não são verdade, eu juro. Eu não queria outra coisa a não ser viajar pela Europa com você. Eu... eu sinto muito.

– Eu também – Delia disse. – Eu vou embora agora. Não venha atrás de mim.

– Mas...

– Não, Charlotte. Não é justo. Eu sou muito fácil de alcançar. Pelo menos me permita a dignidade de uma saída dramática. Você me deve isso.

Charlotte quis argumentar, mas sabia que não adiantaria. Então concordou, relutante. E ficou observando sua melhor amiga se afastar.

Capítulo vinte e um

Pela manhã, Charlotte subiu até seu quarto para pegar tudo que pudesse ser salvo. Ela ficou no meio do aposento, olhando ao redor para a fuligem e as cinzas, e soltou um suspiro baixo e pesaroso.

Poderia ter sido pior, disse para si mesma.

Graças à reação rápida dos homens, as chamas tinham se restringido à pilha de roupas na frente da lareira e à tapeçaria do dossel no pé da cama. Contudo, a fuligem e a fumaça nunca sairiam de seus vestidos e xales.

– Vou comprar tudo novo para você.

Ela se virou e viu que Piers, em silêncio, tinha se juntado a ela.

– Nós podemos ir a algumas lojas hoje – ele completou.

– Algumas das minhas roupas estão na lavanderia da mansão. E meu melhor vestido foi levado para passar. Não fiquei sem nada.

Charlotte colocou a valise sobre a cômoda chamuscada e a abriu. Ela vasculhou as gavetas à procura de tudo que pudesse ser aproveitado.

– De qualquer modo, imagino que você esteja chateada.

– Por que eu estaria chateada? – Ela examinou uma pulseira coberta de fuligem. – Não é como se eu tivesse ficado entre a vida e a morte enquanto dormia, ou minha amiga tivesse parado de falar comigo e eu quase tivesse incendiado uma casa. – Ela viu uma peliça queimada e encharcada no chão. – Por mais que eu não queira admitir, você tinha razão. Acho que eu criei mesmo uma armadilha mortal. Acredito que agora aprendi minha lição.

– Nós vamos anunciar nosso noivado esta noite, depois iremos embora imediatamente. Já providenciei tudo.

– Sim, eu lembro. Uma licença, um anúncio e tudo mais. – Ela o encarou. – O que você quis dizer com contratos assinados? Eu não assinei nenhum contrato.

– Sua mãe assinou.

– Minha mãe?

– Você ainda não tem 21 anos. Ela continua sendo sua guardiã.

Ela deixou a pulseira cair.

– Não acredito que você fez isso. Eu ainda preciso aparecer na igreja e recitar meus votos ou você já cuidou disso também?

Ele deu um passo na direção dela.

– Charlotte, você precisa compreender.

– Estou tentando. Talvez você possa me explicar como pretende me confiar suas casas e seus filhos, mas não confia em mim para assinar meu próprio contrato de casamento.

Ele abriu os braços e gesticulou para a destruição em volta.

– Olhe só para isso. Vou tirar você desta casa de loucos e levá-la para a minha casa. Onde eu sei que você vai estar em segurança.

– Você é tão impressionável quanto Edmund. – Ela meneou a cabeça. – O incêndio foi minha culpa. A flor venenosa foi um acidente. Delia fechou minha janela naquela noite. Ninguém está tentando me *assassinar*.

– Talvez sim, talvez não. Considerando que para ter certeza disso teríamos que correr o risco de você morrer, não estou interessado em arriscar. – Os olhos dele chisparam. – Não quero encontrar seu corpo sem vida no corredor.

Charlotte estremeceu, arrependida. Ela devia ser mais compreensiva, menos grosseira. Não era como se ele tivesse planejado dessa forma. Se não fosse pelo incêndio, eles não teriam sido pegos juntos. Piers não teria feito um anúncio dramático no jardim.

Mais uma vez, ela não tinha ninguém para culpar além de si mesma.

– Desculpe-me – ela disse. – Eu sei que suas intenções são boas e não quero discutir. O importante é que todos estamos em segurança e não houve prejuízos irreparáveis. – Ela só desejava poder dizer o mesmo quanto à sua amiga e à sua reputação. – Tudo neste quarto pode ser substituído.

Tudo exceto...

– Ah, não. Minha flanelinha. – Ela correu para a cabeceira da cama e empurrou para o lado as tapeçarias queimadas e molhadas do dossel, e começou a revirar travesseiros e cobertas. – Deveria estar aqui em algum lugar. Eu a deixo debaixo do meu travesseiro à noite.

Mas não estava lá. Charlotte procurou em meio à roupa de cama, mas não conseguiu encontrar.

– Onde poderia estar? Se os travesseiros não foram tocados pelo fogo, como pode ter queimado?

Piers se aproximou dela e pôs as mãos em seus braços.

– Não se preocupe. Você está exausta e emocionada. Desça para descansar que eu procuro.

– Não vou descansar. Não vou conseguir descansar até encontrar minha flanelinha.

Ela foi até o baú e começou a revirá-lo. Teria colocado o objeto em algum outro lugar? Quando essa busca não deu em nada, Charlotte correu até o armário e começou a vasculhar os bolsos de suas capas e casacos. Nada.

A exaustão e o medo que tinha passado na noite anterior começaram a se fazer sentir. Ela sentiu o peso do desespero caindo sobre seus ombros.

Não iria chorar, Charlotte disse para si mesma. Considerando o que tinha acontecido na noite anterior, ela, sua mãe, os Parkhurst, Piers e todos os outros tiveram sorte de escapar ilesos.

– Está aqui.

Charlotte se virou. Piers estava na lareira, retirando sua flanelinha de dentro da caixa de ferro forjado em que eram guardadas as peças para acender o fogo.

– Você é um anjo. – Charlotte correu para pegar a flanela, passando os dedos pela maciez familiar, reconfortante. Ela a levou até o nariz. Não cheirava a fumaça. – Como é que foi parar dentro dessa caixa, afinal?

– Isso importa?

– Acho que não. – Ela apertou o tecido junto ao peito. – Estou feliz que não tenha queimado. Mas é muito estranho. Eu sei que não a coloquei ali, mas é o lugar mais seguro em que poderia estar. Como se alguém soubesse que...

A voz dela foi sumindo. Um nó se formou na garganta dela.

Só havia uma pessoa que possuía tanto a capacidade de começar um incêndio no quarto de Charlotte quanto o conhecimento para colocar em segurança o objeto mais valioso dela.

Charlotte olhou para Piers.

– Você começou o incêndio. Você fez isso.



Piers não tentou negar. Ela precisava saber a verdade.

– Você veio até aqui enquanto eu dormia na sua cama – ela disse, arregalando os olhos enquanto observava o quarto. – Você amontoou minhas coisas no chão e colocou fogo nelas.

– Eu tive cuidado de conter o fogo. Foi mais brasa, poucas chamas. Nunca teria se espalhado além deste quarto.

– Por que você faria algo assim?

– Você é uma mulher inteligente. Não precisa que eu lhe diga.

Ela ficou encarando Piers.

– Você queria que fôssemos descobertos. Sabia que eu queria um noivado longo e decidiu me forçar.

O silêncio dele serviu de confissão.

– Canalha. – Ela apontou para a janela. – Eu fiquei aterrorizada naquele jardim, na noite passada. Sem saber se eu o veria com vida outra vez. Pedindo a Deus por você.

– Então você perdeu seu tempo. No futuro, faria melhor em guardar suas orações para outra pessoa.

– Por que você faria algo assim? Por que mentir para mim?

– Ora, Charlotte. Eu venho mentindo para você desde a noite em que nos conhecemos.

– Se está falando da sua carreira...

– É muito mais do que isso. – Ele caminhou até o lado oposto do quarto, abrindo espaço entre os dois. – Os fornicadores misteriosos, para começar. Era Parkhurst aquela noite na biblioteca.

– Lady Parkhurst? – Ela franziu a testa. – Mas... mas eu tinha pistas. Ela não se encaixa.

– Não Lady Parkhurst. Sir Vernon. Ele era o fornicador. Ainda não tenho certeza quanto à fornicadora.

– Sir Vernon? Mas não parece ser ele... Tão recatado, e sua única paixão são os esportes. Ele não parece o tipo de homem que joga a amante na escrivaninha e... rosna em cima dela.

– Ele é o motivo pelo qual estou aqui. O homem está perdendo dinheiro. Saindo misteriosamente de Londres. Uma amante ou um filho bastardo são as explicações mais prováveis, mas eu precisava excluir a chantagem.

– Então você sabia disso desde o início. Antes mesmo de se oferecer para casar comigo.

– Sim, eu desconfiava.

– Sir Vernon também sabia. O tempo todo. E nos deixou levar a culpa pela indiscrição dele.

– É assim com segredos. As pessoas fazem de tudo para esconder a verdade.

Eu nunca deveria ter permitido que você tentasse investigar. Mas não imaginava que você...

– Seria boa nisso?

– Eu subestimei você. – Ele deu de ombros. – Admito.

– Não consigo acreditar. – Ela se virou. – Eu me esgueirei por janelas, montei cavalos possuídos, arriscando tudo para consertar minha reputação aos olhos de Sir Vernon, para poder viajar pela Europa com Delia. E agora você vem me dizer que Sir Vernon era o culpado, e eu fiz tudo isso por nada? – A voz dela estava carregada de raiva. – Isso não era um jogo para mim, Piers.

– Também não era um jogo para mim. Investigar as indiscrições de Sir Vernon era meu dever para com a Coroa. Este Sir vai ser indicado para um posto no exterior.

– Em que lugar do exterior?

– Austrália.

Ela levou a mão à testa.

– Austrália?

– Se um homem na posição dele fosse chantageado, os interesses da Inglaterra correriam risco. Vidas estariam em jogo.

– E assim você decidiu sacrificar a minha.

– Você está sendo dramática demais, Charlotte.

– Não muito. A noite passada me custou uma amizade e o pouco de respeito que eu tinha reconquistado. Você me traiu. Não acredito que pôde fazer algo assim.

– Não acredita? Como acha que um diplomata convence um déspota a entregar territórios? Como ele força um exército invasor a recuar?

Ela baixou o olhar para o tapete chamuscado.

– Sem lhe deixar nenhuma alternativa.

– Acertou de primeira – ele disse. – Eu fiz o que era necessário para proteger você.

– Ah, por favor. Você está protegendo a si mesmo. Não pode me dizer que tudo que fizemos... – ela gesticulou para a parede, a cama, a banheira – ...você fez por dever. Foi real demais para você, intenso demais. Cheguei perto demais do seu coração. Eu disse que o amava, e isso o matou de medo.

– Você não me ama, pois não me conhece. Se acha que isso tudo chega perto do pior que eu já fiz, está muito enganada. Você tem contado para si mesma uma historinha bonita. Convenceu a si mesma de que no fundo eu sou um homem

honrado. Eu venho tentando avisá-la: se for capaz de enxergar dentro de mim, só encontrará escuridão.

– Recuso-me a acreditar nisso. Sei que existe amor dentro de você.

– Eu invadi propriedades e roubei. – Ele andou na direção dela. – Negociei segredos e promovi trocas que causaram a morte de inocentes. Derramei sangue com minhas próprias mãos e deixei homens feridos morrerem sozinhos.

– A Inglaterra estava em guerra – ela disse. – Homens bons fazem coisas espantosas.

Pelo amor de Deus. Piers esfregou o rosto.

– Não foi na guerra, Charlotte. É quem eu sou. Eu engano todas as pessoas na minha vida desde que tinha 7 anos de idade.

– Bem, isso não quer dizer nada. Quem não conta mentiras com 7 anos?

– Não esse tipo de mentira. Eu escondi a verdade a respeito da morte da minha mãe. De todo mundo. Durante décadas.

Ela franziu a testa.

– Então não foi láudano demais?

– Ah, foi sim, láudano demais. E não foi um acidente. Ela tirou a própria vida.

– Mas... você era uma criança. Como poderia saber disso?

– Porque eu estava lá. Eu a encontrei na cama, pouco antes de ela dar o último suspiro. Eu ouvi as derradeiras palavras dela.

– Piers... – Charlotte deu um passo na direção dele.

Ele a deteve com o braço estendido. Aquilo não era um pedido de piedade, mas o contrário.

– Eu não podia deixar ninguém saber que foi suicídio. Principalmente, não meu pai. Eu era criança, mas entendia isso. Ele teria encarado o fato como uma mancha no legado da família. – Piers parou e olhou ao longe. – Então escondi a verdade. A garrafa tinha escorregado da mão dela e se espatifado no chão. Eu recolhi todos os cacos de vidro e enxuguei o chão. Carreguei tudo até o lago, fiz um pacote com uma pedra e o joguei na água para que afundasse.

Ele ainda podia ver as plantas amontoadas na borda da água, senti-las agarrando suas botas enquanto entrava no lago. Ele ouvia o canto dos pássaros. E a rã que pulou à sua frente quando jogou o pacote para o fundo das águas esverdeadas.

– Eu não contei nada disso para ninguém – ele disse. – Pretendia fingir surpresa quando ela fosse descoberta. Pensei que seria uma questão de horas. Não pensava era que meu pai pudesse demorar tanto para me dar a notícia.

– Demorar quanto?

Ele inspirou fundo.

– Meses.

– Ah, não.

– Imagino que ele acreditasse que o choque seria muito grande. Rafe era novo demais para compreender. Ele disse que ela tinha ido a um retiro médico para se tratar. A cada uma ou duas semanas me contava que ela tinha escrito uma carta. Mamãe dizia que sentia saudade dos filhos, mas que o tratamento não estava adiantando. Finalmente, ele me disse que ela tinha perecido. Eu a encontrei morrendo em maio. Só fui levado até o túmulo dela no inverno. À essa altura, eu estava escondendo minha tristeza há tanto tempo... que não teria conseguido mostrá-la nem se tentasse.

Não foi só a tristeza que ele escondeu. Foi a vergonha de ter mentido para o pai, de ter negado à mãe o luto a que ela tinha direito. A vergonha de não ter conseguido fazê-la ficar.

Uma mãe devia viver para seus filhos, não? Mas Piers não tinha dado à mãe razão suficiente para continuar.

Não posso. Não posso suportar.

Ele se distanciou das lembranças dolorosas.

– É suficiente dizer que a mentira se tornou fácil para mim desde então.

Ela o encarou com aqueles olhos azul-claros.

– Sinto muito pelo que aconteceu, Piers. Fico feliz que tenha me contado a verdade. Espero que você consiga conversar mais a respeito. Comigo, com Rafe ou com outra pessoa. Mas não vejo como isso possa desculpar o que você fez na noite passada.

– Não estou pedindo desculpas nem oferecendo qualquer explicação. Não desejo perdão. Eu fiz o que precisava ser feito.

– O que precisava ser feito? – Ela arregalou os olhos, incrédula. – Você fez aquele discurso sobre ser um homem poderoso com todas as opções ao seu dispor, e eu devo acreditar que você não teve nenhuma outra ideia além de tocar fogo nas minhas roupas de baixo no meio da noite?

Ele gesticulou para o chão queimado.

– Essas roupas tiveram o que mereciam. Elas me atacaram primeiro.

– Bom Deus. – Ela recuou um passo. – Não consigo decidir se você se tornou um completo pateta ou se está se esforçando para ser detestável.

– Diga-me você. – Ele apontou o dedo para o lado esquerdo do rosto. – Pensei

que o oráculo da sobrancelha revelasse tudo.

– Sim, bem. É difícil observar sua sobrancelha quando você está com a cabeça tão enfiada no próprio traseiro!

Ele apertou o maxilar.

– Já está feito. Não há como desfazer. Vamos partir esta noite e nos casaremos em breve. Não há escolha.

– Oh, mas eu tenho uma escolha. Mesmo que as consequências tenham mudado, eu sempre tenho uma escolha. Se minhas alternativas são ruína perante a Sociedade ou um casamento sem amor, escolho a ruína. Pelo menos isso me dá a chance de encontrar a felicidade em outro lugar.

Ele espalmou as mãos.

– Não sei o que você quer que eu diga.

– Eu quero que você me diga, em termos simples, o que vou ganhar se me casar com você. Está me oferecendo amor e companheirismo? Ou uma prisão fria e decorada com elegância?

Ele suspirou fundo.

– Charlotte...

– Não me venha com esse suspiro exasperado. Você sabe que isso é importante para mim. Eu quero ouvir, da sua boca, que nosso casamento será feito de respeito mútuo, risadas e afeto. Você me faz acreditar nisso, aqui e agora, ou vou embora desta casa, sozinha. Ou deixarei que *você* vá embora sozinho. Não vamos juntos, é o que quero dizer.

Aparentemente, ele não era o único que sabia ser um negociador implacável.

– Estou esperando. – Ela cruzou os braços.

– Deixei claro desde o início que não posso lhe oferecer o que deseja.

– *Amor,* Piers. É disso que estamos falando. Eu sei que você não está acostumado, mas não consegue nem mesmo se obrigar a dizer a palavra?

– Palavras – ele bufou. – Palavras não têm nenhum significado.

– Argh! – Ela fez um movimento com as mãos como se estrangulasse o ar. – O objetivo das palavras é significar algo! Existem livros inteiros dedicados a somente listar palavras e seus significados. São chamados dicionários; talvez você já tenha visto um.

Ele lhe deu um olhar frio.

– Pode ser só uma palavra – ela disse, acalmando-se. – Mas ouvi-la teria um significado enorme para mim.

– Eu não aceito ultimatos. De ninguém. E não posso me dar ao luxo de

distrações. Não faço uma declaração assim desde criança.

– Talvez você só precise de prática.

– E talvez *você* precise amadurecer.

As palavras saíram afiadas, destinadas a machucar, e Piers percebeu de imediato que atingiram o alvo.

– Não aceito, então – ela disse em voz baixa. – Já perdi minha amiga. Não tenho como recuperar minha reputação. Graças a Frances, a fofoca chegará a Londres mais rápido do que nós. Eu serei chamada de todo nome infame que existir, quer rime com Charlotte ou não.

– Ninguém se atreverá. – Pelo menos isso ele podia prometer para ela. – Não se quiserem evitar o cano da minha pistola ou a ponta da minha espada.

– Homens podem duelar à vontade. Isso se trata de rivalidade entre mulheres, Piers. Você não pode me proteger disso. A língua de uma mulher pode ser afiada como um florete. Na minha frente, as mulheres irão me ignorar. Pelas costas, vão me cortar em pedaços. – Ela levou a mão ao peito. – Eu seria capaz de aguentar tudo, se soubesse que você me amava. Se tivéssemos uma vida que fosse além de festas e procriação. Mas sem isso...

– Charlotte... – Ele sentiu o coração apertar.

– Não posso – ela disse. – Não posso suportar.

Ela saiu apressada do quarto. E em sua mente vieram todas as doces palavras dela na noite anterior... Jurando derrubar as defesas dele. Trabalhar anos, décadas, se fosse necessário, para conquistar seu coração. Porque, para ela, ele valia a pena.

Nunca vou desistir de você.

Mesmo assim, ela desistiu. E só demorou uma noite. Bastou ver como Piers realmente era, e do que era capaz, que as promessas ingênuas dela se desfizeram em fumaça. Como ele sabia que aconteceria.

Porque Charlotte, afinal, tinha enxergado a verdade. Se ela conseguisse derrubar as muralhas, encontraria dentro dele pouca coisa além de um espaço vazio e escuro. Não valia a pena. De modo nenhum.

Capítulo vinte e dois

Charlotte passou o dia em uma espécie de transe, incapaz de dormir ou ingerir qualquer coisa além de uns goles de chá.

Quando as criadas chegaram ao seu novo quarto, ela deixou que a vestissem com roupas de baixo recém-lavadas, apertassem com o espartilho e a colocassem num vestido azul de seda. Ela ficou sentada, absolutamente imóvel, enquanto arrumavam seu cabelo em uma pilha de cachos no alto da cabeça, presa com uma fita prateada.

Ela encarou o espelho. *Oh, Charlotte. Você foi tão tola.*

Desde o início ela insistiu que o casamento deles desafiava a lógica. Ninguém podia deixar de notar a imensa distância que havia entre eles em classe social, educação e experiência, para não falar das personalidades tão diferentes.

Mas, em algum momento, a união deles começou a fazer sentido – para Charlotte, pelo menos –, não importava quão implausível pudesse parecer para o mundo. Ela o desestabilizava; Piers lhe proporcionava equilíbrio. Juntos eles podiam ser mais do que eram sozinhos.

Ela tinha ousado esperar que ele sentisse o mesmo. Que também a amasse. Mesmo que dizer isso não fosse algo fácil para ele, se Piers mostrasse disposição em apoiar os sonhos dela, para esperá-la, para tratá-la como igual, provaria que era verdade.

Mas em vez de apoiá-la, ele a tinha jogado aos lobos.

Charlotte não sabia o que fazer. Delia não queria falar com ela. E embora sua mãe a tivesse apoiado na noite anterior, não podia pedir o conselho dela agora. Charlotte sabia qual seria a resposta: “É claro que você vai se casar com ele. É um marquês! Você não se importa com os meus nervos?”.

Assim que a criada terminou de prender uma gargantilha com um camafeu no pescoço dela, alguém bateu de leve na porta.

– Charlotte? – Uma fresta foi aberta. – Somos nós.

Ela conhecia aquela voz. O coração dela deu um pulo e a porta correu para abrir.

Suas irmãs estavam ali, amarrotadas e empoeiradas da viagem.

Para Charlotte elas pareciam anjos.

– Oh, isso é maravilhoso! Fico muito feliz por vocês terem vindo!

Ela abraçou a irmã mais velha, então se virou para Minerva e a apertou.

– É claro que estamos aqui. – Minerva ajeitou os óculos. – Colin foi convidado para uma festa. Ele nunca deixa de comparecer.

Colin foi convidado? Deve ter sido obra de Piers. Ele tinha pedido aos Parkhurst que convidassem sua família. Para que estivessem presentes quando o noivado fosse anunciado. Muita consideração, a dele.

– Nós decidimos fazer uma viagem de família. – Diana olhou para Minerva. – Pensamos que você pudesse precisar de nós.

– E preciso. Preciso desesperadamente de vocês. – Charlotte as puxou para dentro do quarto. Elas se sentaram na cama. – Parece que eu vou ficar noiva de um marquês rico, atraente e insensível.

Diana sorriu.

– O que ele tem de errado, mesmo?

– Além de ser tudo que mamãe sempre quis, claro – Minerva acrescentou.

Charlotte fungou.

– Eu nem sei por onde começar.

Minerva pegou um biscoito na bandeja de chá que Charlotte nem tinha tocado.

– Experimente pelo começo.

Então ela começou. E contou tudo para elas. Ou melhor, quase tudo. Não disse nada a respeito do trabalho secreto de Piers, claro, e foi propositalmente vaga a respeito dos episódios que envolviam a remoção de peças de roupas. As irmãs riram quando ela contou os episódios do quarto trancado e de Lady, a Égua Demoníaca.

Quatro biscoitos e um lenço molhado de lágrimas depois, Charlotte chegou ao fim.

– E então ele me disse que eu precisava crescer.

– Ele não fez isso! – Diana disse. A exclamação de choque e consternação da irmã deram alguma satisfação a Charlotte.

– Ele é tão fechado, tão teimoso. O homem parece não saber nada de amor.

Minerva sorriu.

– Ao contrário de... você?

As irmãs mais velhas trocaram um olhar. Do tipo “ah-que-fofa”.

Charlotte ficou brava.

– Eu sei que deve parecer ridículo. Ele é um nobre viajado e instruído, e eu sou jovem e inexperiente. Mas quando se trata de emoção, estou léguas à frente.

– Homens podem aprender sobre essas coisas – Minerva disse. – Mesmo os mais malcomportados, como Colin.

– E perdoe-me por dizer – Diana acrescentou –, mas você também pode ter que aprender algo. Eu tive que aprender. – Ela apertou a mão de Charlotte. – Você o ama?

– Amo. – Ela suspirou. – Mas eu já disse isso para ele, e mesmo assim Piers me traiu, criando uma situação que me obrigasse a casar.

– Bem, aí está o problema! – Minerva exclamou. – Você disse que o amava. Isso não significa que ele acreditou. O mais provável é que, de um modo desesperado, míope, incendiário, ele estivesse testando você. Seria tipicamente masculino.

– Talvez.

Se aquilo foi um teste, Charlotte foi reprovada. Ele tinha revelado seu segredo mais profundo, mais vergonhoso, e ela o recebeu com indiferença. Apesar de todas as promessas de ter paciência, de derrubar as muralhas... ela tinha desistido.

– Eu sei que ele gosta de mim. Quando Piers consegue deixar de ser ele mesmo, é tão carinhoso e passional. Mas talvez eu seja mesmo nova demais. Talvez isso tudo seja mesmo rápido demais. Se nos casarmos agora, será pelas razões erradas.

– Eu gostaria de conhecer alguém que tenha se casado pelas razões certas – Minerva disse. – Eu praticamente raptei Colin, e ele só se entregou quando já estávamos quase na Escócia.

– E existe um motivo para meus gêmeos terem nascido menos de oito meses depois que me casei com Aaron – Diana disse. – Às vezes o amor se desenvolve aos poucos. Mas não é raro que a vida apresse as coisas.

Charlotte deu um sorriso tímido, e o nó que apertava seu coração afrouxou. As irmãs dela eram o melhor remédio.

Ainda assim, ela retorceu o lenço nas mãos.

– Acho que estou com medo.

– Do quê, querida?

– De me transformar na mamãe.

Lá estava, a verdade, afinal.

– Não sou uma cientista como você, Minerva. Nem paciente como você,

Diana. Se eu me casar sem amor, com pouca experiência do mundo e sem nada para ocupar meu tempo... O que vai evitar que eu me torne uma mulher cômica com um problema nos nervos?

Minerva se virou para Diana e elas trocaram outro daqueles olhares.

– Será que devemos contar para ela?

– Acho que devemos – Diana respondeu.

– Contar o quê?

– Você vai se transformar na mamãe – Minerva disse. – É inevitável. Depois que os filhos vierem, você nem mesmo terá escolha.

– É verdade. – Diana suspirou. – Todas as coisas que jurei não fazer, nunca dizer... – Ela escondeu o rosto nas mãos. – Outro dia, eu disse ao Aaron para tomar cuidado com os meus nervos.

Minerva levantou da cama e foi até sua bolsa de viagem.

– Sabe o que é ainda pior? – Ela enfiou a mão na bolsa e retirou a prova. – Eu comecei a carregar um leque.

– Oh, céus. – Charlotte riu.

Diana sorriu para a irmã.

– A verdade é que só agora compreendemos. Mamãe nos ama, e, à sua própria maneira equivocada, procurou nos garantir o melhor futuro que ela podia imaginar.

– Eu sei – Charlotte disse. – E nós também não facilitamos para ela.

– Pelo menos nós não vamos ter uma ideia tão estreita do que poderá ser o futuro das nossas filhas – Minerva disse, voltando a sentar na cama. – Colin e eu já começamos a reservar dinheiro para Ada ir para a universidade.

– Universidade? Mas não existem faculdades que aceitem mulheres.

– Ainda não. Mas temos tempo para mudar isso, não? Se for o caso, podemos até mesmo construir nossa própria universidade.

– E se Ada não quiser estudar?

– Não seja ridícula. – Minerva a encarou por cima dos óculos. – É claro que ela vai querer estudar.

Charlotte viu uma imagem de Minerva invadindo a Universidade de Oxford e exigindo uma faculdade para mulheres – com Ada vários passos atrás, encolhendo-se de vergonha.

Talvez cada geração de mulheres Highwood estivesse destinada a ser um constrangimento para suas filhas. Charlotte pensou que se acontecesse com ela, pelo menos não estaria sozinha.

– Se você não quiser se casar com o marquês, não precisa – Minerva procurou tranquilizar a irmã. – Você sempre será bem-vinda em nossa casa. Depois que a situação se normalizar e a fofoca for esquecida, você pode começar de novo, ir atrás do futuro que deseja para si mesma.

– Escândalo é como fogo – Diana acrescentou –, só queima enquanto você fornece o combustível.

– Amor também não precisa de combustível?

Será que Piers e ela conseguiriam manter esse fogo ardendo pela vida toda? Depois do ocorrido na noite anterior, e da discussão pela manhã, Charlotte não estava tão certa. Ela não era forte o bastante para ser a única a carregar o combustível. Ele teria que contribuir um pouco, também.

Mas ele tinha se recusado nessa manhã.

Diana deu um tapa de leve em seu joelho.

– Eu e Minerva precisamos nos lavar e nos vestir para a festa. Vamos deixar você sozinha para pensar.



Sir Vernon convidou Piers para encontrá-lo na biblioteca antes da festa, para um drinque. Piers aceitou, naturalmente. A ironia era irresistível. Eles voltariam à cena do crime.

– Todo aquele constrangimento no jardim ontem à noite foi muito ruim. Mas tudo deu certo no final, não é, Granville?

Ele entregou uma taça de conhaque para Piers antes de se sentar atrás da infame escrivaninha barulhenta.

– Não precisa se preocupar com qualquer escândalo – ele disse. – Minhas filhas entendem que é do interesse delas não denegrir a virtude de uma amiga próxima.

A audácia daquele homem.

Piers assumia a responsabilidade por magoar Charlotte. Mas nunca a teria magoado se Sir Vernon Parkhurst fosse o homem honesto e justo que fingia ser.

Ele tinha cometido adultério em cima daquela escrivaninha. Ele teve semanas para confessar sua indiscrição, mas até aquele momento estava permitindo que a amiga de sua filha pagasse o preço. O que causou um prejuízo, claro, inclusive para Delia.

Piers virou um gole escaldante do conhaque. Ele tinha sido enviado até ali para conseguir respostas. E estava cansado de perguntas indiretas.

Esqueça investigações e discrição. Ele iria encará-lo de frente.

– Sir Vernon, há quanto tempo é casado?

O homem franziu a testa, refletindo.

– Iremos completar 23 anos em agosto, eu creio. – Ele contou nos dedos. – Não, 24 anos. – Sir Vernon riu. – Se minha mulher perguntar, eu respondi corretamente da primeira vez. Sem hesitação.

– É claro.

– Não sou muito bom com números, mas lembro de tudo da noite em que nos conhecemos. Era um baile à fantasia. Ela foi fantasiada de gata. Com cauda presa na saia, orelhinhas pretas e pontudas. O corpete peludo. – Ele levantou uma sobrancelha e se recostou na cadeira, colocando as botas sobre a escrivaninha. – Eu sou um caçador, Granville. Um esportista por completo. Soube naquele momento que Helena poderia ser difícil de ser caçada, mas que no fim seria minha.

Que história encantadora.

Piers se endireitou na cadeira.

– Nós somos amigos, não?

– Com toda certeza, espero que sim – Sir Vernon respondeu.

– Então espero que me permita uma pergunta pessoal. A resposta será mantida em total sigilo, é claro.

Sir Vernon levantou a taça de conhaque convidando-o a perguntar.

– Como você mesmo disse, é um esportista. Em 23 anos, nunca avistou uma presa diferente? Não se sentiu tentado a caçar?

O sorriso do anfitrião sumiu. Ele firmou os pés no chão e colocou o conhaque sobre a escrivaninha.

– Eu sei do que se trata isso, Granville. O que está perguntando na verdade.

– Ótimo. – Assim tudo ficava mais fácil.

– Nós somos homens e compreendemos um ao outro.

– Sim, acredito que sim.

– Então vamos ao cerne da questão. – Sir Vernon o encarou com seriedade. – Você está com dúvidas.

Pasmo, Piers não encontrou palavras.

– Eu... você...

– Não precisa ter vergonha, Granville. Não precisa inventar desculpas para

mim. Eu senti o mesmo às vésperas das minhas núpcias. Passei uma noite sem dormir convencido de que estava cometendo um erro. Pela manhã, pensei que vomitaria nos paramentos do vigário. – Ele tamborilou os dedos no bloco de papel sobre a mesa. – Mas vou lhe dizer a verdade, com toda sinceridade. Assim que vi minha Helena entrando pelo corredor da igreja, todas as minhas dúvidas desapareceram.

– Desapareceram?

– Sumiram. – Os olhos do homem brilharam solenes, firmes. – Nunca olhei para outra mulher depois daquele dia. Bem, serei honesto. Sou homem, olhei. Mas nunca fiquei inquieto, nunca me senti tentado a caçar. Nunca pensei nisso.

Piers encarou o anfitrião.

A maioria das pessoas eram péssimas mentirosas. Fazia tempo que ele sabia distinguir verdades de mentiras, a menos que o mentiroso em questão fosse muito, muito bom.

E ele queria ir para o inferno se não acreditou, até o último fio de cabelo, que Sir Vernon Parkhurst estava dizendo a verdade. O homem era apaixonado pela esposa. O que significava que Piers poderia ter entendido tudo errado.

Não fazia sentido. O dinheiro faltante. As estranhas idas a casas pobres e estalagens do interior. O que podia estar atrás disso tudo, se não uma amante ou um filho ilegítimo?

Aparentemente, algum outro agente teria que descobrir, porque Piers estava perdido.

Sir Vernon levantou de sua cadeira e rodeou a escrivaninha para dar um tapa caloroso nas costas de Piers.

– Você vai ficar bem, Granville. Um pouco de dúvida por parte do noivo é natural. Mas não se deixe enganar. Sua preocupação não é se ela será suficiente para você, mas sim se você será suficiente para ela.

Piers pegou a taça e virou o restante do conhaque com um gole.

– Sabe, você nunca vai ser suficiente – Sir Vernon continuou, rindo. – Por alguma razão incompreensível, as mulheres insistem em nos amar mesmo assim. Às vezes penso que elas gostam ainda mais de nós por causa disso.

Com outro tapa forte nas costas de Piers, Sir Vernon saiu da biblioteca – deixando o marquês sozinho, com um copo vazio, um redemoinho de pensamentos na cabeça e o coração cheio de arrependimento.

Ele olhou para o nicho da janela. Lembrou de como manteve Charlotte junto ao peito enquanto ela ria até chorar contra a camisa dele. Lembrou de vê-la sorrir

enquanto conversava com Rafe, seu irmão. Ele lembrou de como foi fazer amor com ela em uma clareira ensolarada.

Piers pensou em Uamucê, e em como estava “em uma boa posição”.

Era provável que hoje ele tivesse mergulhado no fundo dessa classificação, ficando só um pouco acima dos cretinos que não tomam banho.

Quem Piers queria enganar? Estava abaixo desses também.

Maldição. Ele foi tão idiota. Mais que idiota. Estava com uma mulher linda, doce e nua em sua cama, jurando amá-lo para sempre. E no minuto em que ela adormeceu, decidiu ir brincar com fósforos. Na tentativa mais estúpida de provar que ela estava errada.

Agora – graças a Sir Vernon Parkhurst, vejam só – estava claro para Piers que ele não tinha sido apenas um idiota, mas uma canalha também.

Claro que Charlotte estava errada.

Toda mulher estava errada. Elas tinham que estar, ou a humanidade teria acabado muito tempo atrás. Se elas pudessem ouvir os pensamentos mais ordinários na cabeça de um homem, a escuridão que se escondia no peito dele... nunca permitiriam que chegassem perto delas.

E era provável que fosse igual para as mulheres. Sem dúvida Charlotte possuía defeitos ou alguma insegurança que a fazia preferir engolir pregos a deixar Piers ver quais eram. Mas nada disso faria qualquer diferença na maneira como ele se sentia. Ele não a amava por ser perfeita. Ele a amava por ser Charlotte.

Santo Deus.

Ele a amava.

Ele a *amava.*

Claro que sim. Ela o compreendia. Voltava para ele, não importava quantas vezes Piers a afastava. Ela tinha encontrado um caminho até o coração dele, e se Charlotte o deixasse agora, Piers ficaria mais oco do que nunca.

Naturalmente ele só se deu conta disso depois que colocou fogo no quarto dela. E a humilhou na frente de várias pessoas. E fez com que a melhor amiga de Charlotte a rejeitasse. Foi uma pena também ter destruído os sonhos dela.

Diabos. Piers apoiou as mãos espalmadas na escrivaninha e afastou sua cadeira, colocando-se de pé. Era um homem de ação. Não iria ficar sentado ali, sem fazer nada.

Ele tinha afundado, merecidamente, ao nível do lodo no fundo do lago. De algum modo precisava abrir caminho e nadar de volta à superfície. Implorar o

perdão de Charlotte, confessar seus verdadeiros sentimentos.

Não, não. Ele estava invertendo a ordem.

Primeiro, precisava admitir que possuía sentimentos. Então confessar quais eram. Convencê-la de que tornaria todos os sonhos dela realidade, implorar para que aceitasse ser sua mulher... Flores não iriam mal. Tudo isso em...

Ele consultou o relógio. Cinco horas. Mais ou menos. A tarefa não era desprezível, e o que estava em jogo não podia ser mais importante. Mesmo que ele conseguisse providenciar o cenário para um pedido de desculpas grandioso, não havia garantia de que Charlotte o aceitaria. Ele corria o perigo de perdê-la para sempre.

Piers puxou os punhos da camisa, endireitando-os. Bem, ele era um dos melhores agentes da Coroa, não?

Perigo era sua vida.

Capítulo vinte e três

Para Charlotte, a cena era familiar demais.

A orquestra aqueceu os instrumentos, a quadrilha começou... e ela viu que era, mais uma vez, invisível. Delia estava sentada no canto oposto do salão de festas, recusando-se a olhar na direção dela.

Pelo menos nesta noite ela tinha a família ao seu redor. Sua mãe conversava – ou, o que era mais provável, vangloriava-se – com Lady Parkhurst e as amigas desta. Mas Diana e Aaron, Minerva e Colin... todos faziam companhia a Charlotte.

– Vocês não precisam ficar comigo – Charlotte disse. – Vão dançar.

– Não sou muito de dançar – Aaron afirmou.

– Nem eu – Minerva disse.

Charlotte se virou para Colin, que raramente encontrava uma dança ou uma parceira de que não gostasse.

– Vou guardar minhas forças para a valsa – ele disse. – Estou ficando um velho grisalho, sabe. Com um pouco de artrite, talvez.

Os lábios dela se curvaram em um sorriso agridoce. Eles estavam evidentemente tentando consolá-la. E Charlotte os amou ainda mais por isso.

Diana se aproximou de Charlotte e pegou em seu braço, apertando-o em um gesto de apoio.

– A que horas o noivado vai ser anunciado?

– Lady Parkhurst nos pediu para esperarmos até o fim da ceia da meia-noite. Todos vão estar reunidos no mesmo lugar. Sir Vernon vai fazer um brinde.

Minerva inclinou a cabeça.

– Você decidiu o que vai...

– Não – Charlotte disse. – Ainda não.

Ela estava esperando para ver Piers, desesperada para falar com ele. Mas até aquele momento ele não tinha aparecido no salão. Dessa vez, ela não iria atrás

dele.

– Se ele não se apresentar, Dawes e eu iremos desafiá-lo – Colin disse, apertando o maxilar. – Não vamos, Aaron?

Aaron cruzou os grandes braços de ferreiro à frente do peito.

– Com certeza.

– Vocês não devem fazer isso – Charlotte os aconselhou. – Lorde Granville é bom com a pistola. E o irmão dele seria o padrinho.

Colin refletiu sobre isso.

– Esse irmão é o campeão peso-pesado de boxe, por acaso?

– Ele mesmo.

– Só queria confirmar que ele não tinha, você sabe, algum outro irmão, menor, menos violento. – Colin tomou um gole de seu drinque. – Ainda assim vamos desafiá-lo, é claro.

– Com certeza – Aaron confirmou, parecendo um pouco menos certo do que estava um instante atrás.

– Nós nos garantimos. Dawes aqui é forte, e eu já estive em algumas brigas. Nós éramos os melhores milicianos de Spindle Cove, não é verdade? Bem, éramos os melhores sem contar o Bram. Ou o Thorne.

– Susanna – Minerva acrescentou. – Acredito que Susanna também era melhor do que vocês.

Colin torceu o canto da boca.

– Sim, não podemos negar isso. Mas também não somos molengas.

– Com certeza estão em uma das posições mais altas – Charlotte afirmou.

Ela sentiu um aperto no coração. Onde Piers poderia estar? Ela passou os olhos pelo salão, inclinando-se para os dois lados para espiar os casais que dançavam. A passagem de um homem alto com cabelo escuro fez com que ela desse dois passos para a esquerda.

Não era Piers. Mas algo mais chamou a atenção de Charlotte. Um toque de perfume pairando atrás dela. *O* perfume.

Papoula, baunilha e ládano. O aroma a transportou de volta ao nicho da janela na biblioteca, onde ela riu nos braços de Piers enquanto a escrivaninha rangia e os amantes grunhiam.

Ela se virou, tentando parecer indiferente ao procurar a origem do perfume. O caminho dela estava bloqueado por dois cavalheiros, que, cordiais, abriram caminho para ela – mas de modo enlouquecedoramente lento – fazendo com que ela perdesse segundos preciosos. Charlotte seguiu, abrindo caminho pela borda

do salão, inspirando fundo com o máximo de frequência que podia sem levantar questões quanto ao estado de sua saúde.

Então o salto de seu sapato deslizou em algo, e seu pé quase escorregou. Ela se virou para o chão. Um pedaço de papel dobrado jazia nas sobras onde a parede revestida de seda adamascada encontrava o piso de tacos.

Charlotte se agachou com discrição para pegá-lo. Assim que pegou o papel, ela sentiu o cheiro. Não era uma pessoa perfumada que ela tinha detectado, mas um bilhete perfumado.

Sentiu o coração batendo alto nos ouvidos e escondeu o bilhete na mão enluvada. Ela não arriscaria abri-lo ali.

Sem parar para dar qualquer explicação, saiu do salão de festas e se dirigiu ao seu quarto no andar de cima. Trancando a porta atrás de si, ela acendeu uma luminária antes de desdobrar o papel com dedos trêmulos.

O bilhete continha um poema simples, de quatro versos, escrito com uma letra floreada. Ela o segurou perto da luz para ler.

Onde o amor sincero arde, o desejo é chama pura;
É o reflexo da nossa terrena moldura,
Tira seu sentido da parte mais nobre da criação,
E traduz, apenas, a linguagem do coração.

– S. T. Coleridge

Um poema muito bonito, mas totalmente inútil. Sem saudação, sem assinatura. O coração dela murchou com a decepção. Ela virou o papel para o

outro lado, observando-o de perto. Nada ali, também.

Então ela voltou ao poema. Decidiu ler em voz alta, bem devagar. Talvez ele tivesse algum tipo de mensagem oculta.

– Onde o amor sincero arde, o desejo é chama pura – ela leu alto. – É o reflexo da nossa terrena...

Charlotte parou e piscou. Agora ela estava vendo coisas. Podia jurar ter visto palavras dançando entre as linhas do poema.

Segurou o papel perto da luminária, bem sobre a chama. Enquanto observava, uma palavra se materializou em um espaço em branco do papel, escurecendo até ficar sépia, uma letra após a outra.

f–r–i–a

Fria.

Tinta invisível!

Havia uma mensagem escondida entre os versos do poema.

Empolgada, Charlotte remexeu na confusão de escovas de cabelo e fitas sobre sua penteadeira até encontrar a pinça de cachear. Ela a utilizou para segurar o papel sobre a chama, fazendo o calor chegar a todos os cantos, como se estivesse tostando uma fatia de pão. O aborrecimento da ação levou sua paciência ao limite, mas ela não podia arriscar que o papel pegasse fogo.

Quando finalmente aqueceu todas as partes do papel, alisou o bilhete sobre a superfície plana da mesa. A mensagem invisível apareceu:

vão se encontrar na terça-feira
para ana estudos e tricô
uma girafa a meia bordada
nessa noite fria

Girafa?

Girafa e noite fria.

Era uma mensagem misteriosa. Para que escrever essas palavras sem sentido, tolas, em tinta invisível, e ainda perfumar o bilhete?

Quem quer que fossem esses amantes misteriosos, Charlotte ficou aborrecida com os dois. Vão se encontrar na terça-feira, pois bem.

Ela esfregou os olhos e leu de novo. Então passou o papel pelo fogo mais uma vez. Nada de novo apareceu.

Talvez fosse algum tipo de código? Tentou ler de trás para frente, ler cada segunda palavra, cada terceira ou quarta letra... nenhum desses métodos resultou em uma mensagem compreensível.

Charlotte estava a ponto de amassar o bilhete e jogá-lo no fogo, revoltada, quando notou um pequeno risco sépia onde não deveria estar. Ela o tinha descartado antes como uma gota perdida de tinta invisível, mas agora notou que estava centralizada perfeitamente sob uma palavra do poema: “moldura”.

Ela deslizou a ponta do dedo pelas outras linhas procurando sinais pequenos, não vistos. E encontrou mais um risco, bem debaixo da palavra “coração”.

Moldura e coração.

Coração e moldura.

Seguindo um palpite, Charlotte pegou outro pedaço de papel, cortou-o do tamanho exato do bilhete, então dobrou-o ao meio e fez um corte com um canivete, removendo um pedaço do centro em formato de coração. Então ela colocou a moldura improvisada sobre o bilhete, deslizando-a até parecer centralizada.

A moldura em forma de coração bloqueava quase toda a mensagem escrita com tinta invisível. As partes visíveis informavam:

encontrar
na estu
fa à meia
noite

– Oh, Senhor. – Ela levantou da cadeira, pulando para trás sem acreditar. – Eu... eu consegui. É isso. “Encontrar na estufa à meia-noite”. – Riu em voz alta. – Eu, Charlotte Highwood, decodifiquei uma mensagem secreta, e fiz isso sozinha. Aceite, Agente Brandon.

Agora ela tinha vontade de dançar. Mas não havia tempo. Alguém esperava que um amante clandestino aparecesse na estufa à meia-noite, e Charlotte tinha ficado trabalhando nisso por muito tempo. A hora devia estar chegando.

Ela consultou o relógio na cornija da lareira.

Ah, não. Já passavam cinco minutos!

Charlotte desceu a escada correndo.

Ela se aproximou com cuidado da porta da estufa e a abriu silenciosamente, deslizando para dentro. O ar estava denso com as fragrâncias de milhares de flores. Os painéis de vidro estavam embaçados.

Uma luz fraca, trêmula, vinha de um canto distante do jardim fechado.

Uma trilha de pétalas de rosas no chão levava para dentro da estufa, depois desaparecia em uma curva cerca de três metros à frente. Perfume, poesia, pétalas de rosas...? Aquele ou aquela amante, quem quer que fosse, era romântico de verdade.

Importava mesmo quem estava no fim desta trilha? Era tarde demais para recuperar a reputação, e a verdade não mudaria seu dilema com Piers. Mas significaria muito para Charlotte recuperar sua amizade com Delia. Descobrir os amantes também ajudaria muito sua autoestima. Pelos padrões da Sociedade, ela não tinha talentos. Essa era a chance de provar que todos estavam errados.

De qualquer modo, tinha chegado até ali. O mistério a assombraria para sempre se não desse aqueles últimos passos.

Então Charlotte segurou a respiração enquanto seguia a trilha de pétalas vermelhas e aveludadas. Quando virou a esquina, seu coração ribombou dentro do peito.

A névoa perfumada da estufa se abriu para revelar uma figura alta, morena.

Lá, esperando na alcova folhosa e iluminada por velas estava...

– Piers?

Ele fez uma reverência elegante.

– Boa noite, Charlotte.

– O que você está fazendo aqui? Você também encontrou um bilhete? – Ela olhou ao redor. – Onde eles estão agora? Você os viu?

– Quem eu poderia ter visto aqui?

– Os amantes misteriosos! Ou fornicadores, ou quem quer que sejam. Eu encontrei um bilhete perfumado, codificado, no salão de festas. Demorei um século para decifrá-lo, até ser quase tarde demais, então corri para...

Enquanto falava, ela foi notando os detalhes da cena. O castiçal de metal com a vela. A garrafa de champanhe gelando no balde de prata. A cesta de piquenique.

O sorriso matreiro no rosto de Piers.

– Foi você. – Ela deu um tapa na própria testa. – Você deixou o bilhete. Para mim.

– As pétalas de rosa foram ideia de Ridley. – Ele pegou a garrafa de champanhe e espocou a rolha. – Gostou do seu trabalho investigativo?

– Você me enganou.

– Não enganei, não. Você está aqui, certo? Isso significa que não foi enganada. – Ele entregou uma taça da bebida para Charlotte e indicou com o queixo o papel na mão dela. – Para essa mensagem, adaptei o mesmo método que o General Benedict Arnold empregou para enviar informações durante a rebelião dos colonos americanos. Você a decifrou. Muito bem. – Piers ergueu a taça a ela, então bebeu o champanhe.

Sim. Ela tinha decifrado, não é mesmo?

Charlotte tomou um merecido gole.

– Viu? Eu disse que poderia ser uma espiã.

– Talvez. Mas você precisa trabalhar duro para ser bem-sucedida. Arnold foi pego, sabia? – Piers pegou um sanduíche que já estava meio comido na cesta e gesticulou com ele. – Eu trouxe comida. Temos tortas de limão.

Ela olhou para a cesta de sanduíches e doces.

– Você me enganou e começou o piquenique sem mim. Não sei qual é a pior ofensa.

– Eu não sabia quanto tempo você ia demorar para resolver o enigma.

Ela tirou o sanduíche mordido da mão dele.

– Isso resolve. Estou brava com você por duvidar de mim. – Ela deu uma mordida grande no lanche.

– Da próxima vez, vou tornar o desafio mais difícil.

Próxima vez?

Apesar da provocação, a satisfação era evidente no olhar dele. Piers estava satisfeito consigo mesmo e com Charlotte.

Mais do que isso, ele estava se divertindo. E ela também.

Charlotte imaginou os dois, um ajudando o outro, em uma misteriosa caça ao tesouro noturna pela mansão dele, com as luzes apagadas e uma cena romântica aguardando no final.

Será que eles podiam ter uma vida assim? Baseada em diversão, sedução e uma pitada de mistério? Esse pensamento aqueceu o coração dela. Mas tudo dependia de ele também sentir o mesmo.

– Eu amo você, Charlotte.

Ela quase engasgou com o pedaço de sanduíche.

– Agora? – ela protestou através de um bocado de pão e pepino fatiado. Então engoliu. – Você me diz isso agora. Não podia esperar até eu terminar meu sanduíche?

– Não. Eu planejei esperar, mas não consegui.

– Bem, espero que você pretenda dizer pelo menos mais uma vez.

– É claro que pretendo, querida.

Querida. Ela adorava quando ele a chamava assim. Com a voz aristocrática e grave dele, o adjetivo parecia composto de partes iguais de afeto e sofisticação, com um toque de perigo ao redor.

Após colocar de lado sua taça, Piers encurtou a distância entre os dois com passadas lentas e determinadas. Oh, como ele estava magnífico nesta noite. A barba bem-feita, vestindo uma casaca preta com gravata e colete brancos. Perfeito.

Ele colocou as mãos nos braços dela, acariciando-a com delicadeza.

– Você está incomparavelmente linda esta noite. Eu já disse isso?

Ela negou com a cabeça, mais empolgada do que imaginava possível.

– Eu gostaria de poder dizer, com honestidade, que me adular não vai lhe ajudar em nada.

– Não vai me ajudar, eu sei. Devo-lhe mais do que elogios. Você merece um pedido sério de desculpas.

Bem. Ela não iria contestar isso.

– Depois que você foi envenenada, eu disse para mim mesmo que deveria assumir o controle de tudo para protegê-la. Mas você tinha razão. A única pessoa que estava protegendo era eu mesmo. A ideia de perder você acabou comigo. Não havia outro pensamento na minha cabeça que não guardá-la, torná-la irremediavelmente minha. Não importava que infâmia fosse necessária.

– Como você pôde acreditar que eu o deixaria? Depois de tudo que compartilhamos? Eu disse que o amava, Piers.

– Como eu posso explicar? – Ele fez uma pausa. – Pensei que não era o bastante. Pensei que eu não era suficiente.

O quê? Aquele homem lindo, forte e leal, preocupado que não fosse suficiente? Charlotte teve vontade de rir do absurdo, mas em vez disso, uma lágrima perversa ardeu no canto do seu olho. Ela piscou para afugentá-la.

– Como você pôde pensar uma coisa dessas?

– Experiências de vida. As mães se encantam com os filhos, é o que dizem. A

minha não encontrou encanto suficiente para continuar comigo. Meu primeiro noivado terminou quando minha noiva cansou de me esperar. – Ele deu de ombros. – Não tive muito sucesso convencendo as mulheres de que eu valho uma vida inteira.

Ela passou os braços pelo pescoço dele.

– Você é mais do que suficiente para mim.

– Não estou pedindo para ouvir banalidades. É difícil me entender, e mais difícil ainda me amar.

– Mas a esta altura você já deve entender como a minha cabeça funciona. Isso tudo só o torna mais tentador. Eu adoro saber que você é muito mais do que aparenta na superfície. E que, embora seja brilhante, em parte é também sombrio e convoluto. Você é um enigma que vai demorar séculos para eu resolver, mas sabe como sou teimosa. Não sou de desistir.

Ele passou os braços ao redor da cintura de Charlotte e encostou a testa na dela.

– Prometa.

– Eu prometo. – Ela fechou os olhos. – Desculpe se eu lhe dei motivo para duvidar. Nunca mais farei isso.

– Eu também nunca lhe darei motivo.

Ela levantou a cabeça.

– Sabe, você não chegou a dizer de novo.

Piers lhe deu um beijo lento e doce, com sabor de champanhe.

– Uamucê.

Ela grunhiu um protesto divertido.

– Estou brincando. Só brincando. – Ele a encarou no fundo dos olhos. – Eu amo você, Charlotte. De algum modo você entrou no meu coração, causou uma explosão e o deixou em ruínas. Não sei se consegui remontar o suficiente para amá-la como você merece. Mas juro que, enquanto eu viver, não vou parar de tentar.

– Muito melhor assim, obrigada. – Ela se embalou nos braços dele, olhando para aquele homem que pertencia a ela. – Nós vamos levar uma vida e tanto, aventurando-nos pela Europa, roubando segredos...

Ele meneou a cabeça.

– Essa é a única coisa que não posso lhe dar. Eu posso mandar você e Delia viajarem pelo continente. Vou esperar o tempo que for preciso. Mas o meu trabalho exige, no mínimo, a aparência de indiferença com minha esposa. Do

contrário, é muito perigoso. Qualquer um que quisesse me atingir saberia que o caminho mais curto seria através de você.

– Compreendo – ela disse, tentando disfarçar a decepção. – Não vou reclamar se você parecer distante ou frio quando estivermos em público. Eu... eu vou agir como se estivesse trabalhando disfarçada.

– Não, querida. Não posso arriscar. É por isso que vou me demitir imediatamente.

Capítulo vinte e quatro

– Demitir? – Charlotte ficou consternada. Ela se soltou dos braços dele, deixando-o desolado.

– Isso – ele disse. – É necessário. O quanto antes.

– Mas você não pode renunciar. A Coroa precisa de você, e você precisa do seu trabalho. Já o vi em momentos de ação. É quando você ganha vida.

– Eu fico vivo quando estou com você. – Ele tocou o rosto dela.

– Mas o desafio, o perigo. Eu sei que você gosta.

– Oh, eu não vou desistir de nada disso. – Ele sorriu. – Amor é, de longe, a coisa mais perigosa que já senti. Casar com você vai ser como pular de um penhasco. Sinto-me tão seguro na minha capacidade de merecer você quanto na minha capacidade de voar.

– Eu acho que você pode fazer qualquer coisa, inclusive voar.

– A verdade é que... – ele começou – ... desde que você entrou na minha vida, minhas habilidades têm me falseado. Continuar no meu posto seria irresponsável. Meus instintos estão entorpecidos. Deixei passar claros sinais de perigo. Não estou mais perto de cumprir minha missão hoje do que no dia em que cheguei, e perdi completamente meu talento de enganar. – Ele observou o lindo rosto dela. – Por que parece que não consigo esconder nada de você?

– Porque você não quer esconder.

Ele franziu o cenho. O que ela disse não fazia sentido.

Charlotte já tinha destruído a compostura e as defesas dele. Talvez agora estivesse danificando seu cérebro também.

– Você não quer mentir para mim – ela insistiu. – Acho que você estava morrendo de vontade de contar seus segredos para alguém. Por algum motivo, escolheu contar para mim.

Ele olhou para o vidro embaçado por um instante, pensando nisso.

Será que ela estava certa?

Talvez, alguma parte profunda, visceral, dele tivesse reconhecido de imediato a afinidade que eles tinham. Talvez Piers tivesse intuído que poderia se abrir com ela. Que se uma fenda nas muralhas ao redor do coração dele liberasse uma inundação de culpa ou melancolia... Charlotte seria leve demais para afundar, teimosa demais para se afogar.

Se fosse verdade seria tão irônico.

Ele tinha passado os últimos quinze dias quase em pânico, aterrorizado por estar perdendo seus instintos. Talvez tivesse se preocupado à toa, e seus instintos estivessem funcionando melhor do que nunca. Talvez em sua melhor forma.

– Mas eu ainda não tenho a menor ideia do que está incomodando Sir Vernon – ele disse. – Eu tinha tanta certeza de que ele estava tendo um caso, e que a amante dele tentou afugentar você com o incidente do mata-cão. Mas essa tarde me convenci de que o homem só tem olhos para a esposa.

– E nenhuma das mulheres na minha lista bate com as pistas, que nem eram consistentes. Ela tem cabelo ruivo ou moreno? Quem trouxe o café da manhã foi a empregada ou a lady que compra perfumes caros? – Ela franziu o rosto, concentrada. – É como se não pudesse ser a mesma pessoa.

Piers ficou imóvel. Alguma coisa pipocou em sua mente. Uma teoria. Depois uma lembrança. No intervalo de uma batida de coração, a conjectura se tornou conclusão.

– Charlotte. – Ele a pegou pelos ombros e a beijou com entusiasmo. – Você é brilhante!

– Como assim? Eu só disse que não poderia ser a mesma...

Ele a observava quando a mesma conclusão apareceu nos olhos dela.

– Não – ela disse. – Você não acha que...

– Tem que ser. Tudo se encaixa, não? O dinheiro, as viagens, as pistas que não batem... a razão pela qual ele não disse a verdade.

– Encaixa mesmo. – Ela bateu no peito dele. – Eu disse para você que eram amantes, não fornicadores misteriosos. Admita, eu estava certa.

– Muito bem, você estava certa.

Ela sorriu.

– Eu nunca vou deixar que você esqueça isso.

Piers não iria querer que fosse diferente. Ela precisava continuar sempre a ser a otimista, em oposição ao cinismo dele, a risada contra o silêncio, o caos na ordem dele, o calor em sua frieza. Os corações se encontrariam em algum lugar no meio desses extremos.

– Nós devemos dizer para eles que sabemos? – ela perguntou.

– De que serviria isso? – Ele olhou para a porta. – Nós vamos anunciar nosso noivado a qualquer momento. Isso é... se é que vamos. Não quero me precipitar, caso você...

– Deus do céu. – Ela pôs a mão na dele e o puxou na direção da porta. – É claro que sim. Não vamos começar com isso de novo.

Piers ficou bastante feliz de deixar essa questão para trás – e para sempre.

Eles saíram da estufa e correram de mãos dadas pelo corredor, na direção da sala de jantar. Piers assumiu a liderança, ziguezagueando pelas portas e escolhendo o caminho.

Estavam passando pelo vestíbulo da casa quando o tornozelo dele pegou em algo. Um cordão fino esticado de um lado a outro do aposento.

Ele teve a presença de espírito de soltar a mão de Charlotte no mesmo instante, para não a levar consigo. Piers caiu de ombro, com a esperança de transformar a queda infeliz em um movimento elegante de cambalhota e recuperação. Mas no momento em que atingiu o chão de tacos, foi coberto por algo que caiu de cima.

Uma rede. Pesada, feita de corda.

– Arrá! Agora eu peguei você.

Piers grunhiu baixo. Ele conhecia aquela voz.

Edmund.

Maldição. Aquele era um novo recorde negativo. Ele tinha sido capturado por um garoto de 8 anos.

Piers tentou virar o corpo para poder se livrar da rede.

– Muito bem, Edmund. Vamos conversar como cavalhe... *ai.*

Edmund cruzou os braços e se jogou de traseiro na barriga de Piers, prendendo-o.

– Seu garoto horrível. – Charlotte agarrou o braço de Edmund. – Saia de cima dele.

– Não o machuque demais – Piers disse. – Pode ser que o Ministério das Relações Exteriores ofereça um cargo a ele dentro de 10 anos.

– AS-SAS-SI-NO! AS-SAS-SI-NO! AS-SAS-SI-NO!

Delia chegou correndo.

– Edmund! O que você está fazendo? Solte Lorde Granville agora mesmo.

– Só depois que o magistrado chegar. Ele tem que ser denunciado por assassinato.

Os convidados começaram a vir da sala de jantar, atraídos pelo alarido. Os criados também. Que maravilha.

– Isso nem sequer é possível, Edmund – Charlotte disse. – Para que haja um assassinato, é preciso haver uma vítima. Ninguém morreu.

– Bem, então foi uma tentativa de homicídio – Edmund respondeu, obstinado. – Ele tentou estrangular a Srta. Highwood com uma corda. Na primeira noite, na biblioteca.

Um burburinho começou entre os presentes.

– Edmund, não seja ridículo – Delia disse. – Você deve ter se enganado.

– Não me enganei, não. Eu ouvi tudo.

– Delia, por favor, escute – Charlotte sussurrou. – Eu tentei contar para você. Na noite do baile, houve um mal-entendido.

– Primeiro – Edmund começou, satisfeito por ter uma plateia fascinada –, ouvi um rangido. Nhec-nhec-nhec. Depois... – Ele fez uma pausa, para efeito dramático. – Gritos.

O silêncio no vestíbulo era unânime. A multidão aguardava ansiosa cada palavra sórdida do menino.

– E finalmente – Edmund disse –, veio um barulho que parecia o próprio Satanás grunhindo. Assim: *Grrraaaa...*

– *Grrrraaagh.*

– Assim mesmo! – Edmundo pulou na barriga de Piers. – Estão vendo? Foi ele.

– Edmund, não foi Lorde Granville agora – Delia disse. – O barulho veio do armário.

– Armário?

Todos os presentes olharam para o armário. Uma série de sons perturbadoramente familiares emanava de trás da porta.

Bam. Bam. Bam.

Piers tentou enxergar o lado positivo. A julgar pelo ritmo frenético, pelo menos desta vez os amantes estavam a meio caminho andado.

Bam.

– Ah!

Bam.

– Humpf.

Bam-bam-bam-bam.

E enfim:

– *Grrraaaagh.*

Depois que os ruídos fizeram o favor de parar, Edmund se pôs de pé, deixando Piers livre para sair do emaranhado de cordas.

Com os punhos à frente, o garoto correu na direção do armário.

Piers o pegou pelas costas do casaco.

– Você não quer fazer isso.

– Solte-me! – ele disse, socando o ar.

– Srta. Delia – Piers disse em voz baixa –, por favor, leve seu irmão para o quarto. Agora.

– Isso – Charlotte concordou, pegando a mão livre de Delia. – Na verdade, vamos todos entrar. E logo.

– Mas o assassino! – Edmund exclamou.

Tarde demais. A porta do armário foi aberta e de dentro saiu um casal de amantes ofegantes, com o rosto corado, os cabelos desgrenhados e as roupas amarrotadas.

Charlotte tentou cobrir a visão de Edmund, mas ele desviou o rosto. Seus olhos infantis ficaram do tamanho de pires no rosto arredondado.

– Pai? – ele perguntou com a voz contida. – O qu... que você estava fazendo com a mamãe?



Minutos depois, Charlotte estava sentada na sala vazia, olhando para as mãos entrelaçadas enquanto ela e Piers esperavam que Sir Vernon e Lady Parkhurst se arrumassem.

– Eu acabei de me dar conta de algo – ela disse para Piers. – Nós nunca, jamais, poderemos contar para nossos filhos sobre como nos conhecemos.

– Vou inventar alguma história convincente – ele respondeu. – Tenho experiência nisso.

– Imagino que sim. – Charlotte olhou para o teto. – Pelo menos agora Delia acredita que eu não a traí. Ela vai voltar a falar comigo.

Ela esperava dar boas risadas com a amiga a respeito disso tudo. De preferência, acompanhadas de generosas taças de xerez. Havia tanto para contar.

– Pobrezinha – Charlotte disse. – Delia deve estar lá em cima conversando com Edmund sobre pêssegos e berinjelas.

Piers inclinou a cabeça.

– Que história é essa com berinjelas, afinal?

Antes que Charlotte pudesse explicar, Sir Vernon e Lady Parkhurst entraram na sala, fechando a porta atrás de si.

Piers levantou do sofá, esperando que Lady Parkhurst se acomodasse em uma poltrona antes de voltar a se sentar. Sempre um cavalheiro, mesmo em uma ocasião tão bizarra quanto essa.

– Nós nos conhecemos em um baile à fantasia – Lady Parkhurst disse. – Imagino que foi quando começou.

– Eu sou um esportista – Sir Vernon acrescentou, sociável como sempre. – Não posso evitar. Eu vivo por uma caçada, uma boa perseguição.

– E eu adoro ser caçada.

– Faz o sangue correr mais rápido.

– Então nós... – Lady Parkhurst fechou os olhos – ... interpretamos papéis. Ao longo dos anos, foram ficando mais complexos. Vernon me dá uma bolsa cheia de dinheiro que eu uso para criar uma nova identidade. Nome novo, vestidos novos. Perucas, joias e até criados. Eu escrevo uma carta para ele, na voz da personagem, contando onde e quando me encontrar, e então...

– Então vocês desfrutam da companhia um do outro – Piers concluiu.

Obrigada, Charlotte respondeu em silêncio. Ela não queria saber dos detalhes.

– Às vezes é cavalheiro e meretriz – Lady Parkhurst continuou. – Ou viajantes parados em uma estalagem. Amantes tendo um caso secreto...

– Mordomo e camareira – Charlotte sugeriu.

– Isso também.

– Então foi você quem levou a bandeja de café da manhã ao meu quarto, naquele dia – Charlotte disse. – Você estava usando uniforme de criada e peruca.

– Sim – Lady Parkhurst confessou. – E sinto muito pelo mata-cão, querida. Foi um acidente. Não foi culpa minha. – Ela deu um olhar torto para o marido. – O “mordomo” fez a besteira. Ele confundiu a flor com uma íris.

– O que eu entendo de flores? Era roxa e bonita.

– A flor poderia tê-la matado, Vernon.

– Mas não matou, certo? – Sir Vernon apontou para Charlotte. – Olhe só para ela. Está muito bem agora.

Charlotte apertou a mão de Piers. Ela sentiu que ele se esforçava para não dizer algo rude.

– É verdade – Charlotte confirmou. – Estou plenamente recuperada. E sempre imaginei que fosse um erro inocente.

– Por que você não me contou a verdade na primeira noite? – Piers perguntou para Sir Vernon.

– Eu teria feito com prazer, Granville. Mas em particular, longe dos ouvidos de Edmund. Entretanto, você foi tão rápido em se oferecer para ficar com a garota que eu não tive chance. Pensei que talvez houvesse algo entre vocês. Afinal, estavam escondidos juntos atrás das cortinas.

Charlotte e Piers se entreolharam.

– É verdade, estávamos mesmo.

– E você não estava enganado, Sir Vernon. – Piers fitou Charlotte. – Havia algo entre nós desde o início.

Lady Parkhurst soltou um suspiro de alívio.

– Fico feliz que tudo tenha dado certo. Podemos contar com seu perdão?

– Podem, é claro. – Charlotte levantou e foi até Lady Parkhurst, beijando-a no rosto. – Você pode contar até com minha gratidão.

E Charlotte admitiu, para si mesma, sua admiração. Era encorajador ver um casal tão evidentemente apaixonado – e cheio de desejo – depois de tantos anos de casamento. Ela achava bonito que eles ainda encontrassem modos de surpreender um ao outro, o que lhe dava esperança para seu casamento com Piers. Quer eles casassem no dia seguinte ou dali a anos, ficarem juntos não significava que eles precisavam se acomodar.

Quanto ao choque de Edmund... Bem, há coisas piores para uma criança do que ter que encarar o fato de que seus pais se amam.

– Todo mundo retornou à sala de jantar. Devem ter perdido a fome, mas de um modo ou de outro, a ceia já teria acabado a essa altura. – Lady Parkhurst alisou o cabelo e as saias. – Considerando os eventos desta noite, talvez seja melhor pularmos o brinde de Vernon e irmos diretamente para o anúncio, não?

Piers levantou.

– Acredito que seja melhor.

Eles seguiram os anfitriões pelo corredor, mas Piers parou à entrada da sala de jantar.

– Entendo que existam duas formas de fazer isto – ele disse.

– Sim?

– Eu poderia fazer um anúncio formal da nossa intenção de nos casarmos, beijar o ar acima da sua mão e tirá-la para dançar o próximo minueto.

– Hum. Bem nobre. Qual a segunda?

Ele arqueou a sobrancelha com ar malicioso.

– Envolve uma declaração de amor passional, arrebatadora. Um beijo de tirar o fôlego. Múltiplas valsas em que eu a seguro indecorosamente perto. A contrariedade de seus cunhados, um possível desmaio por parte de sua mãe... e fofoca suficiente para ocupar as três próximas edições do *Tagarela*.

Charlotte fingiu refletir a respeito.

– Qual vai ser, meu amor? – Ele lhe ofereceu o braço. – Vamos fazer um remendo na sua péssima reputação? Ou você quer começar um escândalo?

Eles entrelaçaram os braços.

– Com você? Eu escolho o escândalo sempre.

Epílogo

Três meses depois

Eles saíram um de cima do outro, desabando sobre os travesseiros e lençóis, ofegantes e molhados de suor.

No momento, estavam saciados – mas só por um momento.

Três meses de abstinência não podiam ser compensados de uma vez.

Charlotte deitou a cabeça no peito nu do marido. Ele passou o braço musculoso ao redor dela, puxando-a para perto. Uma carícia suave no braço dela fez com que ondas de calor reconfortassem seu corpo lânguido.

Não havia outro lugar no mundo em que ela preferiria estar.

Ele olhou para o lustre.

– Como é que minha luva foi parar lá?

– Não faço ideia.

Ela observou o quarto. Havia roupas jogadas por toda parte. A camisa e o colete dele tinham sido arremessados sobre a penteadeira. As meias dela pendiam nas hastes da cama. Montes de anáguas jaziam no chão, enroscadas em calças cinza. O vestido de casamento de seda, com renda delicada e pequenas pérolas, tinha sido reduzido a uma pilha no tapete.

– Prometo que vou fazer um esforço para ser mais ordeira – ela disse. – Mas só depois que passarmos a lua de mel bagunçando todos os quartos da sua casa.

– Primeiro, querida, a casa é *nossa*. Segundo, sinto-me obrigado a avisá-la que Oakhaven tem 46 aposentos.

– Eu aceito o desafio se você aceitar.

Ele se virou para encará-la e passou um olhar lento, cheio de desejo, pelo corpo da esposa.

– Não duvide. O trabalho é duro, mas estou disposto.

Ela riu. Os dois tinham se visto com frequência nos meses antes do casamento, que aconteceu no Natal. Eles precisaram escolher flores e cardápios,

e atender as vontades extravagantes da mãe de Charlotte. Até conseguiram ir a alguns bailes e duas vezes à ópera. Contudo, nunca estiveram sem acompanhante. A não ser por um beijo roubado aqui e ali, todo o contato físico foi reduzido a mãos dadas e olhares apaixonados.

Como ela sentia falta disso – não só do prazer carnal que Piers lhe dava, mas apenas de ficar abraçada e conversar com ele na cama.

– Quem sabe nós possamos usar o banheiro da próxima vez. – Ele sentou na borda da cama e se abaixou para dar um beijo doce nos lábios dela. – Mas primeiro precisamos nos alimentar.

Quando Piers levantou da cama, Charlotte desabou de costas no colchão. Quarenta e seis quartos. Senhor. Só o tamanho do quarto em que estavam já era palaciano.

Em breve ela teria que se reconciliar com aquela mansão e com a ideia intimidadora de ser sua dona.

Contudo, nessa noite ela precisava apenas dar atenção a Piers. Seu marido. Seu amigo. Seu querido amor.

Seu fornicador habilidoso, quando preciso.

Ela o observou com um olhar possessivo, desavergonhado, enquanto Piers se afastava – adorando o modo como os músculos do traseiro e das coxas dele se contraíam e alongavam. E observou com atenção ainda mais descarada quando ele voltou, trazendo uma bandeja de prata com champanhe e petiscos.

Um suspiro escapou dela. Charlotte era mesmo uma mulher de sorte.

E, de repente, uma mulher faminta.

Ela sentou com os pés debaixo das coxas e os dois fizeram um tipo de piquenique no meio da cama. Sanduíches, bolo com cobertura e biscoitos com groselha, uma variedade de queijos e frutas. Como a cozinheira dele conseguia damascos maduros e doces em dezembro? Incrível!

– Eu quase me esqueci. – Ele disse, colocando de lado um pãozinho recheado de manteiga e presunto finíssimo. – Tenho presentes para você.

Charlotte terminou sua taça de champanhe.

– Presentes de casamento?

– De casamento, de Natal. O que você preferir.

– Fiquei interessada.

Ele se esticou para abrir a gaveta de uma mesa lateral e remexeu nela.

– Bem, primeiro, este é o presente esperado. – Com um ar descuidado, entediado, ele tirou um reluzente cordão de ouro com joias da gaveta e o

estendeu para ela.

Charlotte quase teve medo de tocar na joia. Quase. Os dedos dela tremeram um pouco enquanto pegava o colar e o colocava sob a luz. Um grupo de safiras magníficas, todas maiores que suas unhas, pendiam de uma corrente cravejada de diamantes.

– Minha nossa... Piers.

Ela o colocou sobre o peito, e Piers a ajudou a prender às costas. Charlotte esticou o pescoço para ver o reflexo no espelho do outro lado do quarto. Mesmo à distância, o colar brilhava e reluzia como uma noite estrelada.

– Não sei o que dizer. É lindo.

– Fica mais lindo quando está em você. Mas, como eu disse, esse é o presente esperado.

– Eu, com certeza, não estava esperando.

– Tem mais alguns presentes, menos tradicionais.

Relutante, Charlotte arrastou o olhar de seu próprio reflexo.

– Mais?

– Está vendo a cômoda? – Ele apontou com a cabeça para um móvel castanho imenso, com flores em marchetaria, ocupando um canto inteiro do quarto.

– É difícil não ver.

– Tem catorze gavetas escondidas. E nenhuma dica. Desconfio que você vai demorar anos para encontrar.

– Rá. E eu desconfio que você só quer me fazer aprender a utilidade de gavetas.

– Quem sabe. Agora, o último. E melhor, espero. Feche os olhos e estenda as mãos.

Ela obedeceu, endireitando-se e abrindo as mãos à frente.

– Pode abrir.

Charlotte abriu os olhos e viu uma peça de bronze pendendo de um cordão de veludo.

– Uma chave? Do quê?

– De uma passagem secreta, localizada em algum lugar desta casa.

Ela soltou uma exclamação de alegria.

– Esta casa tem uma passagem secreta?

– Agora tem. Ela leva a uma sala secreta. Eu contratei uma equipe de arquitetos e construtores para fazê-la. Nem eu sei onde ela fica, então não pense que conseguirá tirar a resposta de mim.

Piers a conhecia tão bem.

E ele tinha razão, esse era o melhor presente.

Ela pegou a chave.

– Este é o presente mais perfeito que eu já ganhei. Obrigada. E este é o momento em que confesso que só tenho um presente para você, e não é nem de perto tão maravilhoso.

– Charlotte. – Ele estendeu a mão para ela, encostando-a no rosto dela. – Poucas horas atrás, você jurou ser minha mulher diante de Deus. Eu amo você de um modo tão absoluto; você já preencheu cada canto escondido do meu coração, e cada gaveta secreta e escura do meu ser. Não precisa se preocupar com presentes. Eu me considero presenteado pelo resto da minha vida.

Oh, esse homem. Como ela pôde ter pensado que ele era frio, e não romântico?

Ela sorriu e piscou para se livrar de uma lágrima boba.

– Muito bem, então. Talvez meu presente seja adequado, afinal.

Ela pulou da cama, remexeu na bagagem que os criados tinham deixado no quarto e encontrou a caixa que procurava, voltando apressada com seu presentinho.

– Aqui. – Antes que perdesse a coragem, ela o colocou nas mãos dele. – É só um retrato. De mim.

Excelente, Charlotte. Como se ele não pudesse ver o que era por si só.

– Delia pintou antes de ir embora com a família – Charlotte explicou.

– Ela retratou você muito bem.

– Acha mesmo?

Como resposta, ele colocou o retrato de lado e tomou a boca de Charlotte em um beijo apaixonado.

– Eu adorei – ele sussurrou contra os lábios dela. – Adoro você.

Piers inclinou a cabeça para beijar o pescoço e a orelha dela, envolvendo um seio com a mão e passando o polegar com delicadeza no mamilo.

– Delia escreveu que está pintando uma paisagem agora. – Charlotte prendeu a respiração quando a mão dele mergulhou entre suas coxas. – Uma vista de colinas ondulantes e bosques. Ela disse que o interior da Toscana é tão inspirador quanto os afrescos.

– Fico feliz em saber.

Ela enfiou a mão no cabelo dele enquanto Piers a deitava de costas.

– Eu já agradeci por você usar sua influência para mudar o compromisso de

Sir Vernon?

– Hum-hum – ele murmurou, passando a língua pelo mamilo.

– E por prometer que iremos visitar os Parkhurst no próximo verão, parando em Paris e Viena no caminho?

– Só uma dúzia de vezes.

– É que significa tanto para... Oh!

Ele sugou o mamilo de Charlotte, provocando o bico sensível com a língua e os dentes. Quando ele o soltou, ela tinha perdido o fio da meada por completo.

Em um átimo, Piers se colocou sobre ela, afastando-lhe as coxas e passando suas pernas por cima dos ombros dele. Então a agarrou pelos quadris e a puxou na direção do rosto, abrindo os lugares mais íntimos de Charlotte para um beijo.

O movimento foi brusco, impositivo. Qualquer coisa, menos decoroso. E o modo como ele usou a língua foi diabólico.

– Piers. – Depois que ela se contorceu e exclamou por vários momentos, Charlotte puxou-o pelo cabelo, até seus olhares se encontrarem. – Você não se demitiu mesmo, demitiu?

– A verdade?

– Sempre.

Piers lhe deu um sorriso lento e malicioso.

– Espiões nunca se demitem de fato, querida. Eles só ficam adormecidos.

Com isso, ele a cobriu até a cintura e desapareceu debaixo da colcha.

Na manhã seguinte, Charlotte dormia como uma pedra.

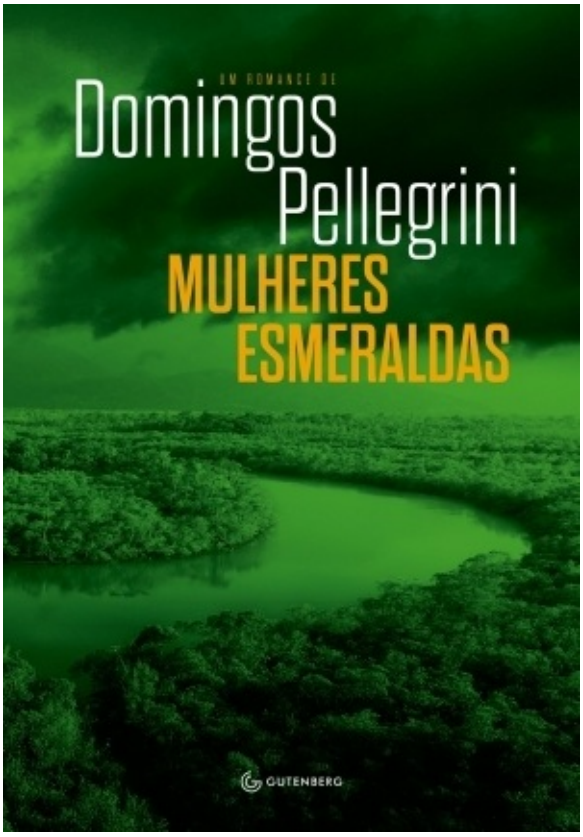
Agradecimentos

Como Charlotte Highwood, eu sempre fui fascinada por mistérios.

Então agradeço à minha mãe, por ter me dado todos os seus livros antigos da investigadora Nancy Drew. Agradeço às minhas amigas e família – próxima e distante –, pelo apoio e compreensão com minhas divagações. E muita gratidão ao meu marido, que concorda que nosso amor é um mistério que não precisa ser resolvido. E apenas deixa ser.

Outro mistério persistente na minha vida é como minha editora, Tessa Woodward, continua a me aguentar... Mas sou grata a ela por isso. Sou grata também a todos que integram o time de craques da Avon Books. E todo meu apreço ao meu agente, Steve Axelrod, e a Lori e Elsie, que sempre têm todas as respostas.

Finalmente, minha gratidão (e minhas desculpas) a Jane Austen e Stephen King, por criarem duas linhas icônicas da ficção, as quais eu distorci, sem qualquer pudor, para meus próprios fins, já que não era uma noite especialmente escura nem tempestuosa.


UM ROMANCE DE
Domingos
Pellegrini
MULHERES
ESMERALDAS
GUTENBERG

Mulheres Esmeraldas

Pellegrini, Domingos
9788582355183
208 páginas

Compre agora e leia

MULHERES ESMERALDAS conta a história de um repórter da Playboy retornando do exílio que, em 1984, quer fazer um ensaio fotográfico para a revista numa mina explorada por mulheres na Amazônia. Domingos foi repórter da Playboy nessa época, cobriu Serra Pelada e ouviu falar dessa mina. As jovens do lugar aceitam a proteção do delegado do município de Alta Mata em troca de uma parcela do ouro que produzem. O que ele não sabe é que, lideradas por uma ex-enfermeira americana, elas buscam também um veio de esmeraldas. Quando o repórter bate por lá, as mineradoras, que sempre evitaram todo contato com gente de fora, recebem-no muito bem, mas a ideia é usá-lo como cobertura para a fuga delas com um grande carregamento da preciosa pedra verde. Um thriller emocionante, com uma fuga espetacular e assustadora pelo Brasil afora, MULHERES ESMERALDAS é também um delicado romance. Marianne, a ex-enfermeira, é filha de um major americano recrutado por Daniel Ludwig, que quando

morre deixa para a filha um mapa para a mina de esmeraldas. O cenário é a Amazônia do início da década de 80, São Paulo e Rio de Janeiro, e o pano de fundo é a transmissão televisiva das Diretas e a cobertura da agonia de Tancredo Neves. Um livro realmente extraordinário que vai impressionar o mundo literário.

Compre agora e leia


RICHARD TEMPLAR
AS NOVAS REGRAS do AMOR
PARA RELACIONAMENTOS MAIS
FELIZES
GUTENBERG

As novas regras do Amor

Templar, Richard
9788582355169
288 páginas

Compre agora e leia

O Amor é o sentimento mais bonito e recompensador que podemos sentir, talvez por isso ele seja o que nos mais faz sofrer, pois sabemos o que estamos perdendo quando um amor não dá certo. Quantas relações acabam mesmo quando ainda existe amor? E, se existe amor, por que elas acabam? Relações amorosas e duradouras... é só isso que precisamos para construir uma vida plena e feliz. E algumas pessoas parecem ter esse dom. Elas encontram um parceiro com quem são felizes e sabem lidar como ninguém com os tempos de adversidade para manter o frescor do relacionamento. Elas constroem amizades que resistem aos testes do tempo. São o alicerce de uma família unida. Elas fazem tudo parecer tão fácil. Existe algo que essas pessoas sabem que nós não sabemos? A resposta é um sonoro SIM. Elas conhecem As Regras do Amor. Amor é mais simples do que parece, mas, ao contrário do que pensamos, ele não é incondicional. Assim como a Amizade, o Amor também tem códigos e regras que

devem ser respeitados para que ele possa florescer e crescer. Dividir a vida com outras pessoas nem sempre é fácil e, por incrível que pareça, muitas pessoas não sabem amar... nem sabem ser amadas. Você sabe?

Compre agora e leia


MAIS DE 1 MILHÃO DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO
ANGELA MARSONS
GRITOS NO SILÊNCIO
GUTENBERG

Gritos no silêncio

Marsons, Angela
9788582355237
320 páginas

Compre agora e leia

Os segredos mais obscuros não podem ficar enterrados para sempre… Na escuridão da noite, cinco figuras se revezam para cavar uma sepultura, um pequeno buraco em que enterram os restos de uma vida inocente. Ninguém diz nada, e um pacto de sangue os une… Anos mais tarde, Teresa Wyatt é brutalmente assassinada na banheira da sua casa, e, depois disso, mais mortes violentas começam a acontecer. Todas as vítimas têm algo em comum, e a detetive que encabeça o caso, Kim Stone, logo percebe que a chave para deter o assassino que está semeando o pânico na cidade é resolver um crime do passado. Só o que ela sabe é que alguém esconde um segredo e está disposto a fazer qualquer coisa para que nada seja revelado.

Compre agora e leia


GUTENBERG
ROMANCE
UM BANQUETE PARA HITLER
A MORTE ESTÁ SERVIDA
V. S. ALEXANDER

Um banquete para Hitler

Alexander, V. S.

9788582355220

304 páginas

Compre agora e leia

"Eu, Magda Ritter, conheci Hitler. Eu era uma das quinze mulheres que provavam sua comida, pois o Fürher era obcecado com a possibilidade de ser envenenado pelos Aliados ou por traidores dentro de seu círculo pessoal. Ninguém, exceto meu marido, sabe o que eu fiz. Nunca falei sobre isso. Eu não podia falar… Mas os segredos que guardei por tantos anos precisam ser revelados. Às vezes, a verdade me oprime e me apavora. É como uma queda sem fim em um poço fundo e escuro. Mas, ao escrever minha história, descobri muito sobre mim mesma e sobre a humanidade. E também sobre a crueldade dos homens que fazem leis para se adequarem aos seus próprios interesses. Eu conheci Hitler… E minha história precisa ser contada." Unindo a história e a ficção, Um banquete para Hitler mostra os extremos de privilégio e opressão sob a ditadura do Führer, expondo os dilemas morais da guerra em uma história emocionante, cheia de atos de extraordinária coragem em busca de segurança,

liberdade e, finalmente, vingança.

Compre agora e leia


GUTENBERG
ONDE
a
LUZ
CAI
No crepúsculo da Revolução Francesa
ROMANCE
DA AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES
ALLISON PATAKI
e OWEN PATAKI

Onde a luz cai

Pataki, Allison
9788582355152
368 páginas

Compre agora e leia

Três anos após a queda da Bastilha, Paris fervilha com os ideais da Revolução Francesa iniciada em 1789. A Monarquia foi deposta, a aristocracia, desmantelada, e ergue-se uma nova nação do povo e para o povo. Inspirado pelo senso de dever patriótico, Jean-Luc, um advogado jovem e idealista, muda-se para a capital com o filho e a esposa, Marie. André, filho de um antigo nobre, foge de seu passado privilegiado para lutar no exército republicano francês junto do irmão. Sophie, uma bela e jovem viúva aristocrática, sobrinha de um poderoso e vingativo general, embarca em sua própria luta pela independência. Mas a promessa de esperança começa a ser ameaçada pelo medo quando a busca incessante por justiça se converte em fanatismo e gera instabilidade, transformando compatriotas em inimigos e alimentando a sede de sangue nas ruas. Na luta para impedir que o caos desfaça todo o progresso da Revolução, as vidas de Jean-Luc, André e Sophie se entrelaçam, e eles são forçados a questionar os sacrifícios

feitos em nome da nova República. Com participação de figuras lendárias como Robespierre, Luís XVI e Thomas-Alexandre Dumas, Onde a luz cai é um romance admirável, que se desenrola das ruas e salas de audiências de Paris até a épica marcha de Napoleão pelas areias do Egito. Com detalhes vívidos, os Pataki capturam corações e mentes dos cidadãos da França, lutando pela verdade acima de tudo e pela crença em uma causa maior.

Compre agora e leia